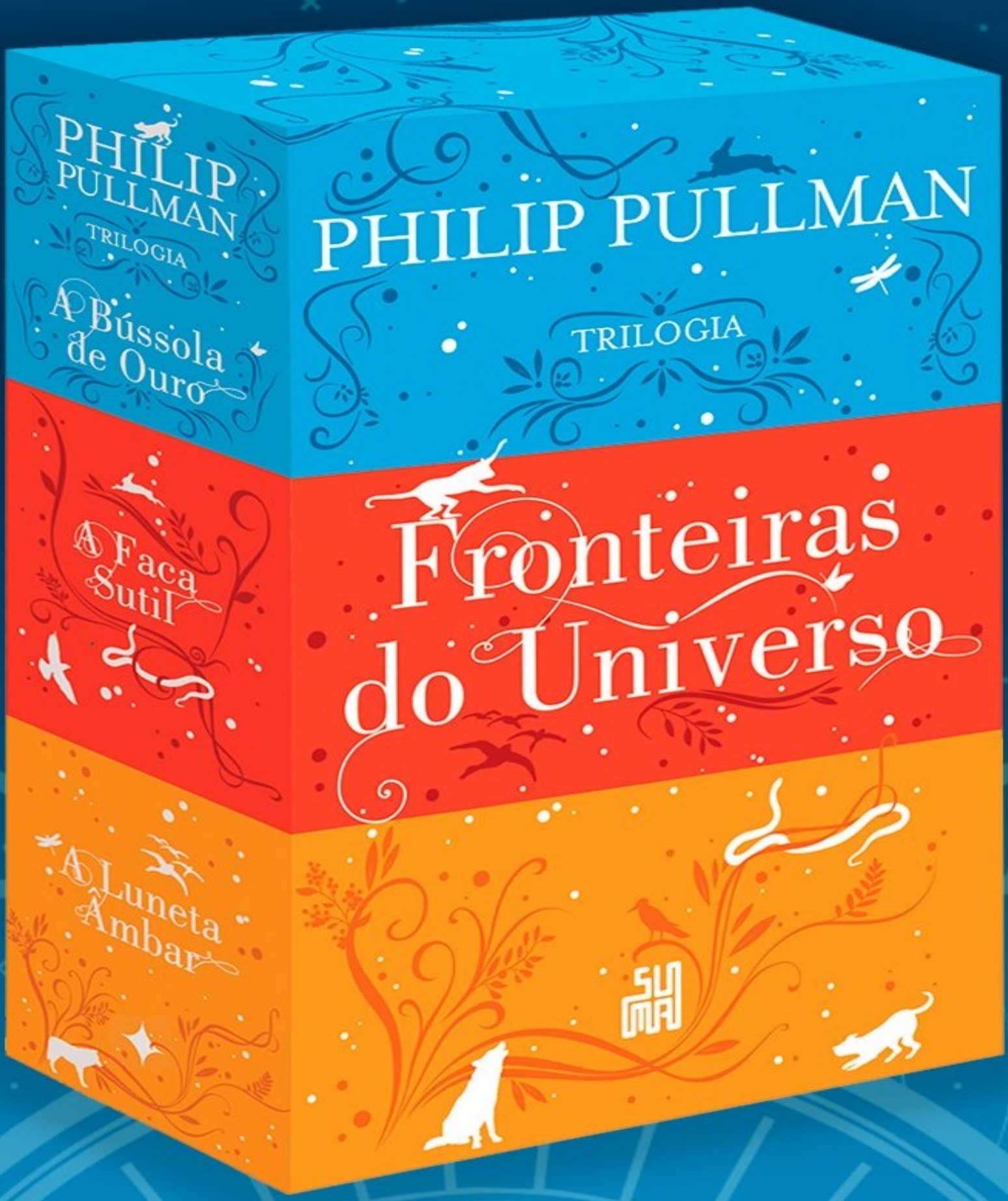
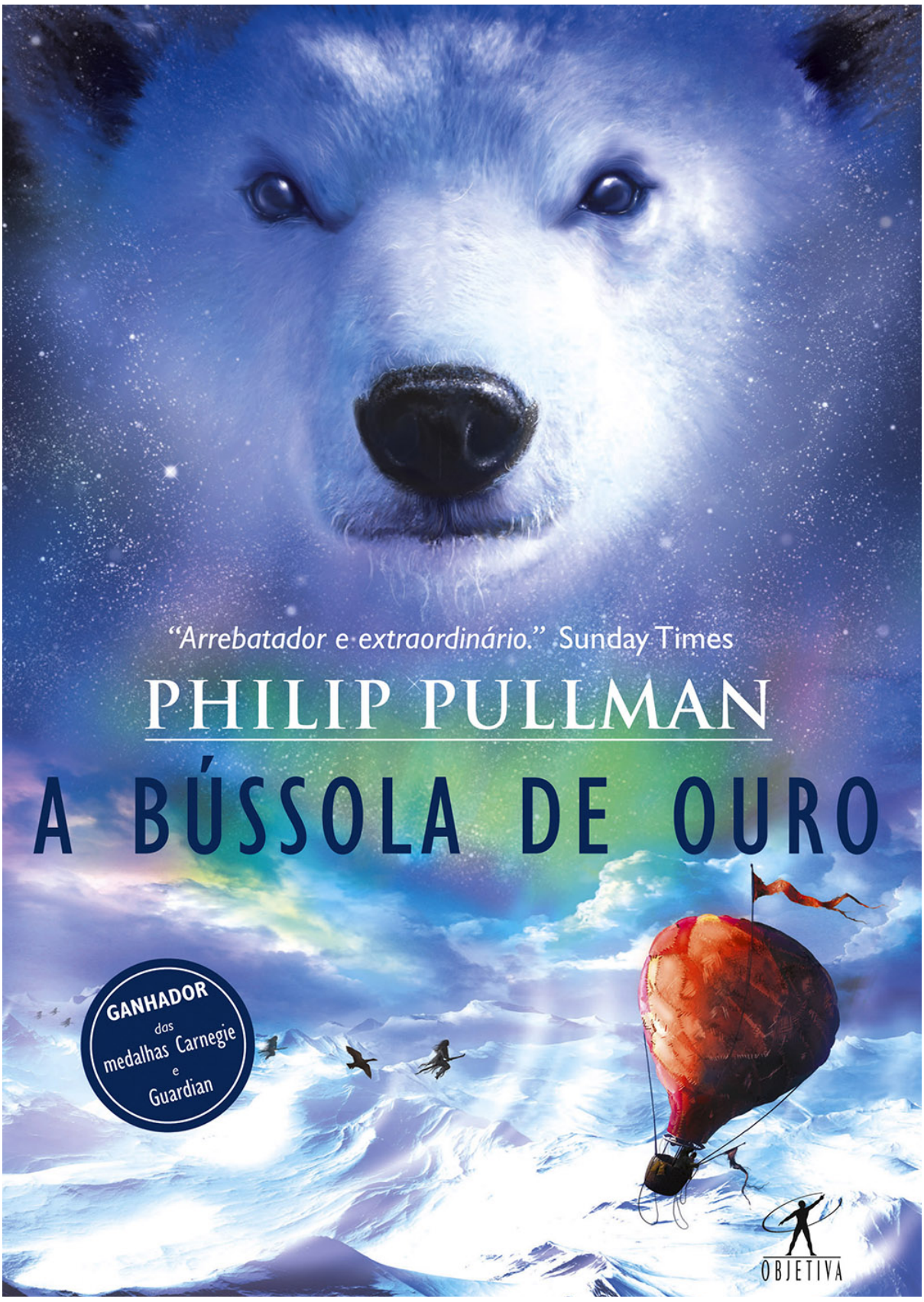

PHILIP PULLMAN
TRILOGIA
A Bússola de Ouro
PHILIP PULLMAN
TRILOGIA
A Faca Sutil
Fronteiras do Universo
A Luneta Âmbar
SUMA


"Arrebatador e extraordinário." Sunday Times
PHILIP PULLMAN
A BÚSSOLA DE OURO
GANHADOR
das
medalhas Carnegie
e
Guardian
OBJETIVA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



PHILIP PULLMAN

A BÚSSOLA DE OURO

Tradução
Eliana Sabino



© 1995, Philip Pullman

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de qualquer tipo de reprodução completa ou parcial, à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Northern Lights

Capa
ô de casa sobre ilustração de Dominic Harman/Arena

Copidesque
Ana Kronemberger

Revisão
Rita Godoy
Izabel Cristina Aleixo
Umberto Figueiredo Pinto
Raquel Corrêa

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P983b
Pullman, Philip,
A bússola de ouro [recurso eletrônico] / Philip Pullman ; tradução Eliana Sabino. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.
recurso digital (Fronteiras do universo ; 1)

Tradução de: Northern lights
Formato: ePub
Requisitos do sistema:
Modo de acesso:
259p. ISBN 978-85-390-0197-2 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Sabino, Eliana Valadares. II. Título. III. Série.

10-5729. CDD: 823
CDU: 821.111-3

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Epígrafe
Primeira Parte
- 1
  - A GARRAFA DE TOKAY
- 2
  - A IDEIA DO NORTE
- 3
  - A JORDAN DE LYRA
- 4
  - O ALETIÔMETRO
- 5
  - A FESTA
- 6
  - AS TARRAFAS
- 7
  - JOHN FAA
- 8
  - FRUSTRAÇÃO
- 9
  - OS ESPIÕES

Segunda Parte
- 10
  - O CÔNSUL E O URSO
- 11
  - A ARMADURA
- 12
  - O MENINO PERDIDO
- 13
  - ESGRIMA
- 14
  - AS LUZES DE BOLVANGAR
- 15
  - OS DIMONS NAS CAIXAS DE VIDRO
- 16
  - A GUILHOTINA PRATEADA
- 17
  - AS FEITICEIRAS

Terceira Parte
18
GELO E NEBLINA
19
O CATIVEIRO
20
À OUTRANCE
21
AS BOAS-VINDAS DE LORDE ASRIEL
22
A TRAIÇÃO
23
A PONTE PARA AS ESTRELAS

Para dentro desse abismo agreste,
Ventre da natureza e talvez tumba,
Nem de mar, nem praia, ar ou fogo
Mas de todos esses misturados em suas causas
prenhes
Confusamente, e em constante luta
A não ser que o poderoso criador lhes
ordene
Seus materiais obscuros para criar mais
mundos,
Para dentro desse abismo agreste o
demônio cauteloso
Postou-se à beira do inferno e olhou por
algum tempo,
Refletindo sobre a sua viagem...

John Milton: "Paraíso perdido"*, Livro II*

Primeira Parte

OXFORD

1

A Garrafa de Tokay



LYRA e seu dimon atravessaram o Salão, já bastante escuro, tomando cuidado para seguirem junto à parede, fora de vista da Cozinha. As três mesas grandes ao longo do Salão já estavam arrumadas e os bancos compridos estavam afastados, esperando os comensais. No alto, ao longo das paredes, os retratos de antigos Reitores estavam na penumbra. Lyra chegou ao tablado e se voltou para olhar a porta aberta da Cozinha; não vendo ninguém, subiu para junto da mesa principal.

Ali os talheres eram de ouro, não de prata, e os 14 lugares não eram num banco de carvalho, mas em cadeiras de mogno com almofadas de veludo.

Lyra parou junto à cadeira do Reitor e deu um peteleco de leve na taça maior; o som percorreu todo o Salão.

— Você está de brincadeira. Comporte-se! — cochichou o dimon.

O nome do dimon era Pantalaimon, e, no momento, ele tinha a forma de uma mariposa marrom, para não se destacar na penumbra do Salão.

— Lá na cozinha estão fazendo muito barulho — Lyra cochichou de volta. — E o Administrador só aparece depois do primeiro sino. Deixe de ser ranzinza.

Em todo caso, ela colocou a palma da mão sobre o cristal que vibrava; Pantalaimon esvoaçou à frente dela, atravessando o tablado, e entrou pela porta entreaberta da Sala Privativa, no outro extremo. Logo depois tornou a aparecer.

— Está vazia — sussurrou. — Mas temos que ser rápidos.

Quase agachada, escondida pela mesa, Lyra foi até a porta e entrou na Sala Privativa, onde tornou a ficar de pé e olhou em volta. A única luz vinha da lareira; a pilha de lenha em brasa desabou enquanto ela estava olhando, fazendo subir uma coluna de faíscas pela chaminé. Ela havia passado a maior parte da vida na Faculdade, mas nunca tinha visto a Sala Privativa; só os Catedráticos e seus

convidados podiam entrar ali, e nunca uma mulher. Nem as criadas entravam para limpar; esse trabalho só quem fazia era o Mordomo.

Pantalaimon acomodou-se no ombro dela.

— Está satisfeita agora? Podemos ir? — cochichou.

— Não seja medroso! Ainda quero dar uma espiada!

Era uma sala ampla, com uma mesa oval de jacarandá envernizada e sobre ela várias garrafas e taças de cristal, além de uma tabaqueira de prata com um pequeno porta-cachimbo. Num aparador vizinho, havia uma panelinha e uma cesta com botões de papoula.

— Eles vivem bem, hein, Pan? — ela comentou baixinho.

Foi sentar-se numa das poltronas de couro verde, tão funda que ela ficou quase deitada, mas se endireitou e encolheu as pernas. Depois se pôs a examinar os retratos nas paredes: mais Catedráticos, com certeza; barbados e melancólicos, eles lançavam olhares de solene desaprovação de dentro de suas molduras.

— O que você acha que eles conversam aqui? — a garota perguntou, ou começou a perguntar, pois antes de terminar a frase ela ouviu vozes do lado de fora.

— Para trás da poltrona! Depressa! — sussurrou Pantalaimon.

Como um raio, Lyra pulou da poltrona e se escondeu atrás dela. Não era o melhor esconderijo: ela havia escolhido logo a poltrona que ficava bem no meio da sala, e se não ficasse quietinha...

A porta se abriu e a iluminação da sala mudou: um dos recém-chegados trazia uma lamparina, que colocou sobre o aparador. Lyra via as pernas dele, as calças verde-escuras e os sapatos pretos bem engraxados: um criado.

Então uma voz grossa perguntou:

— Lorde Asriel já chegou?

Era o Reitor. Lyra prendeu a respiração ao ver o dimon do criado (um cão, como os dimons de todos os criados) entrar trotando e se sentar em silêncio aos pés dele, e então os pés do Reitor ficaram visíveis também, metidos nos sapatos velhos que ele sempre usava.

— Não, Reitor — disse o Mordomo. — Também não temos notícia das Docas Aéreas.

— Imagino que ele vá chegar com fome. Leve-o direto para o Salão, sim?

— Sim senhor, Reitor.

— E já separou um pouco do Tokay especial?

— Já, sim, Reitor. O 1898, como o senhor mandou. Lorde Asriel aprecia muito essa safra, se não me falha a memória.

— Ótimo. Agora vá, por favor.

— Vai precisar da lamparina, Reitor?

— Sim, pode deixar aí. Durante o jantar, venha ajeitar o pavio, está bem?

O Mordomo fez uma reverência leve e se virou para sair, e seu dimon o seguiu obedientemente. De seu precário esconderijo, Lyra ficou observando enquanto o Reitor ia até um grande armário de carvalho num canto da sala, tirava a sua beca de um cabide e a vestia com dificuldade — o Reitor tinha sido um homem muito forte, mas agora estava com bem mais de 70 anos e seus movimentos eram rígidos e lentos. Seu dimon era uma fêmea de corvo, e assim que ele terminou de vestir a túnica o dimon saltou de cima do armário e foi se acomodar no seu lugar de costume: o ombro direito dele.

Lyra sentia a aflição de Pantalaimon, embora ele não emitisse um único som. Ela própria estava achando delicioso aquele friozinho na barriga...

Lorde Asriel, o visitante mencionado pelo Reitor, era tio dela, um homem que ela admirava e temia muito. Diziam que ele estava envolvido em altas políticas, explorações secretas, guerras distantes, e ela nunca sabia quando ele ia aparecer. Ele era muito bravo; se a apanhasse ali, ela seria severamente castigada, mas conseguiria aguentar.

Mas o que ela viu em seguida mudou completamente as coisas.

O Reitor tirou do bolso um papel dobrado e o colocou sobre a mesa. Tirou a rolha de uma garrafa que continha um vinho dourado, desdobrou o papel e deixou cair lá dentro um jorro fino de pó branco; depois amassou bem o papel e o jogou no fogo da lareira. Tirou um lápis do bolso e mexeu o vinho até dissolver todo o pó, e depois recolocou a rolha.

Seu dimon soltou um grasnido curto; o Reitor respondeu com um murmúrio, olhou em volta com os olhos semicerrados e severos e saiu pela porta por onde tinha entrado.

Lyra cochichou:

— Viu isso, Pan?

— Claro que vi! Agora saia depressa, antes que o Administrador chegue!

Nem terminou a frase e eles ouviram um sino tocando uma badalada na outra ponta do Salão.

— É o sino do Administrador! — Lyra exclamou. — Pensei que a gente ia ter mais tempo...

Pantalaimon esvoaçou até a porta do Salão e voltou rapidamente.

— O Administrador já está lá — avisou. — E você não vai poder sair pela outra porta...

A outra porta, aquela por onde o Reitor tinha entrado e saído, dava para o movimentado corredor entre a Biblioteca e a Sala de Estar dos Catedráticos. Àquela hora do dia, o corredor estaria cheio de homens indo vestir suas becas para o jantar, ou correndo para deixar papéis ou pastas na Sala de Estar antes de ir para o Salão; sabendo disso, Lyra tinha planejado sair por onde entrara, contando com mais alguns minutos antes do sino do Administrador.

Se ela não tivesse visto o Reitor colocar aquele pó no vinho, poderia até ter desafiado a cólera do Administrador ou tentado passar despercebida no corredor movimentado. Mas estava confusa, e isso fez com que hesitasse.

Então ouviu passos pesados sobre o tablado: era o Administrador vindo verificar se a Sala Privativa estava pronta, com as papoulas e o vinho que os Catedráticos beberiam depois do jantar. Lyra correu para o armário de carvalho, abriu a porta e se escondeu lá dentro, puxando a porta bem no momento em que o Administrador entrou. Ela não se preocupou com Pantalaimon: a sala era toda de cores escuras, e ele podia muito bem entrar debaixo de uma poltrona.

Ela escutou a respiração forte do Administrador e, pela fresta da porta, viu quando ele ajeitou os cachimbos no seu lugar junto à tabaqueira, lançando um olhar de relance para as garrafas de bebida e as taças. Depois ajeitou os cabelos sobre as orelhas com ambas as mãos e disse algo ao seu dimon. O Administrador era um criado, então seu dimon era uma cadela, mas como era um criado de alta categoria, seu cão também era superior — um setter vermelho. O dimon parecia suspeitar de alguma coisa e ficou olhando em volta como se sentisse uma presença intrusa, mas não foi até o armário, para grande alívio de Lyra. Ela temia muito o Administrador, que já havia batido nela duas vezes.

Lyra ouviu um sussurro bem fraquinho; obviamente Pantalaimon tinha se enfiado no armário junto com ela.

— Agora vamos ter que ficar aqui. Por que você *nunca* escuta o que eu digo?

Lyra só respondeu depois que o Administrador saiu. Cabia a ele supervisionar os que serviam a mesa principal; ela ouviu os Catedráticos entrando no Salão, o murmúrio de vozes, o arrastar de pés.

— Ainda bem que não escutei — ela cochichou em resposta. — Senão não teríamos visto o Reitor colocar veneno no vinho. Pan, era o Tokay que ele tinha pedido ao Mordomo! Vão assassinar Lorde Asriel!

— Você não sabe se aquilo é veneno.

— Claro que é! Você não se lembra? Ele esperou o Mordomo sair da sala; se fosse inocente, não se importaria que o Mordomo visse. E eu *sei* que está acontecendo alguma coisa. Alguma coisa política. Os criados só falam sobre isso. Pan, nós podíamos impedir um assassinato!

— Nunca ouvi tamanha bobagem — cortou ele. — Como você acha que vai conseguir ficar quatro horas imóvel neste armário apertado? Deixe que eu vá vigiar o corredor; quando estiver vazio, eu aviso.

Ele voou do ombro dela, e ela viu a sombra minúscula aparecer na fresta de luz.

— Não adianta, Pan, vou ficar aqui — declarou. — Há outra beca ou sei lá o quê aqui dentro; vou colocar isto no chão do armário e me acomodar. *Tenho* que ver o que eles fazem!

Até então ela estava agachada; ficou em pé com cuidado, tateando à procura dos cabides para não fazer barulho, e descobriu que o armário era maior do que pensara. Havia várias becas acadêmicas e capuzes, alguns com a borda de pele, a maioria com forro de seda.

— Será que são todos do Reitor? — ela sussurrou. — Quando ele recebe diplomas honorários de outros lugares, talvez eles lhe deem becas que ele guarda aqui para usar... Pan, você acha mesmo que aquilo no vinho não é veneno?

— Não; assim como você, eu acho que é veneno. E acho que isso não é da nossa conta. E acho que interferir seria a mais idiota de todas as coisas idiotas que você já fez na sua vida. Não temos nada a ver com isso.

— Não seja idiota! — Lyra exclamou. — Não posso ficar aqui sentada vendo ele ser envenenado!

— Então vamos para outro lugar.

— Você é um covarde, Pan.

— Claro que sou. Posso perguntar o que você pretende fazer? Vai dar um salto e arrancar a taça dos dedos trêmulos dele? Qual é o seu plano?

— Não tenho plano nenhum, e você sabe muito bem — ela respondeu em voz baixa. — Mas agora que vi o que o Reitor fez, não tenho escolha. Pensei que você conhecesse a existência da consciência. Sabendo o que vai acontecer, como é que eu posso ir me sentar na Biblioteca ou em qualquer outro lugar e ficar de braços cruzados? *Isso* eu não pretendo fazer, juro!

— Era isso que você queria o tempo todo — ele disse depois de um momento. — Queria se esconder aqui e assistir a tudo. Por que eu não percebi antes?

— Está certo, eu quero mesmo — ela confessou. — Todo mundo sabe que eles vêm fazer uma coisa secreta. Têm um ritual, ou alguma coisa assim. E eu só queria saber o que é.

— Não é da nossa conta! Se eles querem ter seus segredinhos, você devia apenas se sentir superior e deixar pra lá. Se esconder, espiar, tudo isso é coisa de criança boba.

— Sabia que você ia dizer isso. Agora pare de resmungar.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo, Lyra desconfortável no chão duro do armário e Pantalaimon pousado num cabide, com ar contrariado, mexendo suas antenas temporárias. Lyra

sentia vários pensamentos brigando dentro da sua cabeça e queria muito poder se abrir com o seu dimon, mas era também orgulhosa e achou melhor tentar clarear os pensamentos sem a ajuda dele.

O que predominava era a aflição, e não por si própria — de tanto passar por situações difíceis, já estava acostumada. Dessa vez, estava aflita por causa de Lorde Asriel e pelo que aquilo tudo queria dizer. Ele não costumava visitar a Faculdade, e o fato de estarem numa época de alta tensão política significava que ele não estava vindo simplesmente para comer, beber e fumar com alguns velhos amigos. Ela sabia que tanto Lorde Asriel quanto o Reitor eram membros do Conselho do Gabinete, que era o órgão especial de assessoria ao Primeiro-ministro, de modo que a visita podia ter alguma coisa a ver com isso; mas as reuniões do Conselho do Gabinete eram feitas no Palácio, não na Sala Privativa da Faculdade Jordan.

Além disso, havia um boato que estava provocando cochichos entre os criados da Faculdade: diziam que os tártaros tinham invadido Moscóvia e estavam avançando rumo ao Norte para São Petersburgo, de onde poderiam dominar o Mar Báltico e acabar conquistando todo o Oeste da Europa. E Lorde Asriel estivera no Extremo Norte: na última vez em que ela o vira, ele estava preparando uma expedição para a Lapônia...

— Pan... — ela cochichou.

— Que é?

— Você também acha que vai haver guerra?

— Ainda não. Lorde Asriel não estaria jantando aqui se a guerra fosse explodir na semana que vem.

— Também acho. Mas depois...

— Psiu. Vem vindo alguém.

Ela se endireitou e olhou pela fresta da porta. Era o Mordomo, entrando para aparar o pavio da lamparina, como o Reitor mandara. A Sala de Estar e a Biblioteca eram iluminadas por luz anbárica, mas, na Sala Privativa, os Catedráticos preferiam as lâmpadas de nafta, mais antigas e mais suaves. Isso não mudaria enquanto o Reitor estivesse vivo.

O Mordomo aparou o pavio e colocou outra tora de lenha na lareira, depois escutou cautelosamente junto à porta antes de surrupiar um punhado de folhas da tabaqueira.

Mal tinha recolocado a tampa quando a maçaneta da outra porta girou e ele deu um pulo, sobressaltado. Lyra tentou não rir. O Mordomo enfiou às pressas as folhas de fumo no bolso e se virou para o recém-chegado.

— Lorde Asriel! — exclamou.

Um arrepio de surpresa gelou as costas de Lyra. Ela não conseguia vê-lo e tentou dominar a vontade de mudar de posição para isso.

— Boa noite, Wren — disse Lorde Asriel, com aquela voz áspera que Lyra sempre escutara com uma mistura de prazer e apreensão. — Cheguei atrasado para o jantar. Vou esperar aqui.

O Mordomo parecia constrangido; só se entrava na Sala Privativa a convite do Reitor, e Lorde Asriel sabia disso. Mas o Mordomo viu também o olhar de Lorde Asriel fixo em seu bolso estufado e resolveu não dizer nada.

— Devo avisar ao Reitor que o senhor chegou?

— Não seria mau. Pode me trazer um café.

— Muito bem, senhor.

O Mordomo saiu apressado, seu dimon trotando obedientemente atrás. O tio de Lyra foi até a lareira e estendeu os braços por cima da cabeça, se espreguiçando e bocejando como um leão. Estava usando roupas de viagem. Como sempre acontecia quando tornava a vê-lo, Lyra se lembrou de quanto ele a assustava. Agora estava fora de questão sair sem ser percebida: ela teria que esperar e torcer.

O dimon de Lorde Asriel, uma pantera branca, se postou logo atrás dele.

— Vai mostrar as projeções aqui? — ele perguntou em voz baixa.

— Vou. Vai ser menos confuso do que irmos para o Auditório. Vão querer ver os espécimes também; daqui a pouco vou mandar chamar o Porteiro. São tempos difíceis, Stelmaria.

— Você devia descansar.

Ele se esticou numa das poltronas, de modo que Lyra não podia ver seu rosto.

— Devia, sim. E também mudar de roupa; com certeza, existe algum regulamento que permite que eles me multem em uma dúzia de garrafas por entrar aqui sem estar vestido adequadamente. Eu precisava dormir uns três dias. Mas o caso é que...

Houve uma batida na porta e o Mordomo entrou, trazendo um bule de café e uma xícara numa bandeja de prata.

— Obrigado, Wren — disse Lorde Asriel. — Aquilo ali na mesa é Tokay?

— O Reitor mandou separar este especialmente para o senhor — informou o Mordomo. — Restam só três dúzias de garrafas do 98.

— Não há bem que sempre dure. Deixe a bandeja aqui ao meu lado. Ah, peça ao Porteiro para mandar as duas caixas que deixei na Portaria.

— Para cá, senhor?

— Sim, para cá, ora. E vou precisar de uma tela e uma lanterna de projeção, também aqui, também agora.

O Mordomo mal conseguia segurar o queixo de surpresa, mas conseguiu engolir a pergunta ou o protesto.

— Wren, você está esquecendo o seu lugar — disse Lorde Asriel. — Não me questione; apenas faça o que eu mando.

— Muito bem, senhor — replicou o Mordomo. — Se posso dar uma sugestão, senhor, talvez seja melhor avisar o Sr. Cawson do que o senhor está planejando, senhor, senão ele ficará um tanto surpreso, se é que me entende.

— Está bem. Avise a ele, então.

O Sr. Cawson era o Administrador. Havia uma rivalidade antiga e permanente entre ele e o Mordomo; o Administrador tinha mais autoridade, porém o Mordomo tinha mais oportunidades de se fazer notar pelos Catedráticos, e aproveitava cada uma delas. Ele ia adorar a oportunidade de mostrar ao Administrador que sabia mais do que ele sobre o que acontecia na Sala Privativa.

Fez uma reverência e saiu. Lyra observou o tio se servir de uma xícara de café, bebê-la de uma vez e servir outra, que passou a beber mais devagar. Ela estava perplexa: caixas de espécimes? Uma lanterna de projeção? Que teria ele de tão urgente e importante para mostrar aos Catedráticos?

Então Lorde Asriel se levantou e virou de costas para o fogo. Ela o viu de corpo inteiro, e se maravilhou com o contraste que ele formava com o Mordomo gorducho e com os Catedráticos curvados e lânguidos: Lorde Asriel era um homem alto, de ombros largos, fisionomia sombria e feroz, olhos que pareciam cintilar com um humor selvagem. Tinha o rosto de uma pessoa a quem se

obedecia ou combatia — nunca poderia ser tratada como inferior ou digna de compaixão. Todos os seus movimentos eram largos e possuíam um equilíbrio perfeito, como os de um animal selvagem; dentro de um aposento como aquele, ele parecia uma fera presa numa jaula pequena demais.

No momento, sua expressão era distante e preocupada. O dimon se aproximou e encostou a cabeça na cintura dele, e ele baixou os olhos para a pantera com um olhar enigmático, antes de lhe dar as costas e ir até a mesa. Lyra de repente sentiu o estômago dar um nó, pois Lorde Asriel havia tirado a tampa da garrafa de Tokay e estava enchendo uma taça.

— Não!

O grito abafado saiu antes que ela pudesse contê-lo. Lorde Asriel ouviu e se virou imediatamente.

— Quem está aí?

Ela não conseguiu se controlar: saltou para fora do armário e correu para arrancar a taça das mãos dele. O vinho voou, molhando a borda da mesa e o tapete, e a taça caiu e se despedaçou. Ele agarrou a menina pelo pulso, torcendo-o com força.

— Lyra! Que diabos está fazendo aqui?

— Me solte e eu lhe digo!

— Primeiro vou lhe quebrar o braço. Como ousa entrar aqui?

— Acabei de salvar a sua vida!

Por um segundo os dois ficaram imóveis, ela se retorcendo de dor e fazendo uma careta para reprimir os gemidos, ele inclinado sobre ela, com a testa franzida, como um trovão anunciando tempestade.

— O que você disse? — ele perguntou, em voz mais baixa.

— O vinho está envenenado — ela resmungou, quase sem abrir a boca. — Vi o Reitor colocar um pó branco dentro dele.

Lorde Asriel a soltou e ela caiu no chão; nervoso, Pantalaimon esvoaçou para o ombro dela. O tio a encarou com uma raiva controlada e ela não ousou sustentar seu olhar.

— Entrei só para ver como era esta sala — ela contou. — Sei que não devia ter feito isso. Ia sair antes que alguém entrasse, mas o Reitor apareceu e fiquei encurralada. O armário era o único esconderijo. E vi quando ele colocou o pó no vinho. Se eu não tivesse...

Bateram na porta.

— Deve ser o Porteiro — disse Lorde Asriel. — Volte para o armário. Se eu ouvir o menor barulho, vou fazer você ter vontade de morrer.

Ela correu para se esconder, e mal fechara a porta do armário quando Lorde Asriel falou em voz alta:

— Pode entrar!

Como ele tinha dito, era o Porteiro.

— Coloco aqui, senhor?

Lyra viu o velho parado à porta com ar indeciso, e atrás dele a ponta de um grande caixote de madeira.

— Isso mesmo, Shuter. Traga as duas para dentro e coloque no chão perto da mesa.

Lyra se acalmou um pouquinho e se permitiu sentir a dor no ombro e no pulso. Ela teria chorado de dor se fosse outro tipo de menina; mas só o que fez foi cerrar os dentes e movimentar de leve o braço até sentir que ficava mais leve.

Então ouviu o ruído de vidro se quebrando e o borbulhar de um líquido que se derramava.

— Maldição! Shuter, seu velho desastrado! Veja o que você fez!

Lyra conseguia ver pouco, mas o suficiente. O tio dera um jeito de derrubar a garrafa de Tokay, fazendo parecer que tinha sido o Porteiro. O velho pousou com cuidado o caixote no chão e começou a se desculpar.

— Sinto muito, mesmo, senhor. A mesa estava mais perto do que eu pensava...

— Arrume alguma coisa para limpar esta sujeira. Vá depressa, antes que o tapete fique encharcado!

O Porteiro e seu jovem ajudante saíram apressados. Lorde Asriel se aproximou do armário e falou num cochicho:

— Já que está aí, pode fazer alguma coisa útil. Vigie atentamente o Reitor. Se me contar alguma coisa interessante a respeito dele, vou impedir que você tenha ainda mais problemas do que os que já vai ter. Entendeu?

— Sim, tio.

— Se fizer um barulho sequer aí dentro, não vou ajudar você. Fica por sua conta.

Ele se afastou, e estava novamente parado de costas para a lareira quando o Porteiro voltou com uma vassoura e uma pá para os cacos de vidro, além de um pano e uma tigela.

— Só me resta pedir desculpas mais uma vez, senhor; juro que não sei o que me...

— Limpe isso aí e pronto.

Enquanto o Porteiro enxugava o vinho do tapete, o Mordomo bateu e entrou com o criado de Lorde Asriel — um homem chamado Thorold. Os dois carregavam um caixote pesado, de madeira envernizada e alças de bronze. Viram o que o Porteiro estava fazendo e pararam, perplexos.

— Era o Tokay, sim — disse Lorde Asriel. — Uma pena. A lanterna está aí? Coloque-a perto do armário, Thorold, por favor. A tela vai ficar do outro lado.

Lyra percebeu que pela fresta da porta conseguiria ver a tela e o que fosse projetado nela, e pensou se o tio tinha feito de propósito. Protegida pelo barulho que o criado fazia ao desenrolar o linho rígido e montar a tela e sua armação, ela cochichou:

— Está vendo? Não valeu a pena?

— Pode ser que sim... — disse Pantalaimon em tom severo, com sua vozinha de mariposa — ... e pode ser que não — completou.

Lorde Asriel ficou parado perto da lareira bebericando o resto do café e observando com ar sério enquanto Thorold abria a caixa da lanterna de projeção e desencapava a lente antes de verificar o tanque de óleo.

— Há bastante óleo, senhor — disse. — Quer que eu mande chamar um técnico para fazer a projeção?

— Não, eu mesmo farei isso. Obrigado, Thorold. Eles já terminaram o jantar, Wren?

— Creio que estão quase terminando, senhor — respondeu o Mordomo. — Se entendi direito o que o Sr. Cawson disse, o Reitor e seus convidados vão se apressar quando souberem que o senhor está aqui. Posso levar a bandeja do café?

— Pode levar.

— Muito bem, senhor.

Com uma reverência leve, o Mordomo pegou a bandeja e saiu, e Thorold foi com ele. Assim que a porta se fechou, Lorde Asriel olhou diretamente para o armário no outro lado da sala, e Lyra

sentiu a força daquele olhar quase como se ele tivesse uma forma física, como se fosse uma flecha ou uma lança. Então ele desviou os olhos e falou baixinho com seu dimon.

A pantera veio se sentar calmamente ao lado dele, alerta, elegante e perigosa, os olhos verdes examinando o aposento antes de se voltarem, como os olhos negros dele, para a porta que dava para o Salão, no momento em que a maçaneta girou. Lyra não conseguia ver a porta, mas escutou uma respiração profunda quando o primeiro homem entrou.

— Estou de volta, Reitor — disse Lorde Asriel. — Por favor, traga os seus convidados; tenho algo muito interessante para mostrar.

2

A Ideia do Norte



— LORDE Asriel! — o Reitor exclamou em tom alto, e avançou para lhe apertar a mão.

De seu esconderijo, Lyra observava os olhos do Reitor, e de fato, por um segundo, eles foram até a mesa onde o Tokay estivera. Lorde Asriel falou:

— Reitor, cheguei tarde demais, não quis atrapalhar seu jantar, então me acomodei aqui. Olá, Vice-reitor. Está com ótima aparência. Me perdoem os trajes, acabei de chegar. Sim, Reitor, o Tokay se foi. Acho que o senhor está pisando em cima dele. O Porteiro o derrubou, mas a culpa foi minha. Olá, Capelão. Li seu último artigo com grande interesse...

Ele se afastou com o Capelão, deixando a Lyra uma visão perfeita do rosto do Reitor. Este estava impassível, mas o dimon em seu ombro arrepiava as penas e se movia sem parar de um pé para o outro. Lorde Asriel já estava dominando o ambiente, e, embora tivesse o cuidado de ser educado com o Reitor no território do próprio Reitor, era óbvio onde estava o poder.

Os Catedráticos saudaram o visitante e se espalharam pela sala, alguns indo se sentar em volta da mesa, outros procurando as poltronas, e logo o zumbido das conversas enchia o ar. Lyra percebia que eles estavam muito intrigados com a caixa de madeira, a tela e a lanterna de projeção. Conhecia muito bem os Catedráticos: o Bibliotecário, o Vice-reitor, o Inquiridor e o resto. Durante toda a vida, ela convivera com esses homens; eles a ensinavam, a castigavam, a consolavam, lhe davam presentinhos, proibiam que chegasse perto das frutas no Pomar; eram o que ela tinha de família. Ela podia até gostar deles como se fossem mesmo a sua família, se soubesse o que era uma família, embora nesse caso fosse mais provável que ela sentisse isso pelos criados da Faculdade; os Catedráticos tinham coisas mais importantes a fazer do que se importar com uma garota meio selvagem, meio civilizada, que o acaso colocara entre eles.

O Reitor acendeu o pavio sob a panelinha de prata e aqueceu um pouco de manteiga antes de abrir com uma faca meia dúzia de botões de papoula e jogar lá dentro. Depois de um jantar, sempre se servia papoula; ela clareava a mente e estimulava a língua, favorecendo a riqueza da conversa. A tradição era o próprio Reitor refogá-las.

Sob o chiado da manteiga no calor e o zumbido das conversas, Lyra se mexeu, procurando uma posição mais confortável. Com enorme cuidado, ela tirou do cabide uma das becas — uma túnica de pele que ia até o chão — e a estendeu no chão do armário.

— Você devia ter escolhido uma velha e áspera — sussurrou Pantalaimon. — Se ficar confortável demais, vai pegar no sono.

— Se isso acontecer, você tem obrigação de me acordar — ela respondeu.

Sentou-se e ficou ouvindo a conversa. Uma conversa bastante chata, por sinal; quase toda sobre política, e ainda por cima política de Londres, nenhum assunto excitante como os tártaros. O cheiro agradável de papoula fritando na manteiga e de folha de tabaco penetrava agradavelmente pela fresta da porta do armário, e mais de uma vez Lyra percebeu que estava quase cochilando. Finalmente, ouviu que alguém dava tapinhas na mesa. As vozes silenciaram, e então o Reitor falou.

— Cavalheiros, tenho certeza de que falo por todos ao dar as boas-vindas a Lorde Asriel. As visitas dele são raras, mas imensamente preciosas, e sei que esta noite ele tem algo muito interessante para nos mostrar. Como todos sabemos, estamos numa época de grande tensão política; Lorde Asriel tem que estar amanhã cedo em White Hall, e há um trem esperando com a caldeira cheia de vapor para levá-lo a Londres assim que tivermos terminado esta conversa; portanto, devemos utilizar o tempo com sabedoria. Imagino que quando ele terminar de falar haverá algumas perguntas; por favor, que sejam breves e relevantes. Lorde Asriel, gostaria de começar?

— Obrigado, Reitor — disse Lorde Asriel. — Para começar, tenho alguns fotogramas para lhes mostrar. Vice-reitor, acho que vai enxergar melhor daqui. Talvez o Reitor queira se sentar ali perto do armário.

Lyra admirou a habilidade de seu tio. O velho Vice-reitor era quase cego, de modo que era uma questão de cortesia arranjar para ele um lugar perto da tela, e isso fez com que o Reitor acabasse sentado ao lado do Bibliotecário, a menos de um metro do armário onde Lyra estava. Ela ouviu o Reitor murmurar enquanto se acomodava na poltrona:

— Esse demônio! Ele sabia do vinho, tenho certeza.

O Bibliotecário cochichou de volta:

— Ele vai pedir dinheiro. Se forçar uma votação...

— Se ele fizer isso, temos que nos opor, com toda a eloquência que pudermos.

A lanterna começou a chiar enquanto Lorde Asriel a bombeava com força. Lyra mudou ligeiramente de posição para poder enxergar a tela, onde agora brilhava um círculo branco. Lorde Asriel pediu:

— Alguém pode diminuir a luz da lamparina?

Um dos Catedráticos se levantou para fazer isso, e a sala escureceu. Lorde Asriel começou:

— Como alguns de vocês já sabem, há 12 meses parti para o Norte numa visita diplomática ao Rei da Lapônia. Pelo menos foi o que eu fingi que ia fazer. Minha verdadeira intenção era chegar ainda mais ao norte, até o gelo, para tentar descobrir o que aconteceu com a expedição Grumman. Uma das últimas mensagens de Grumman para a Academia em Berlim falava de um certo fenômeno natural que só é visto nas terras do Norte. Eu estava decidido a investigar isso, e também a descobrir

o que pudesse sobre Grumman. Mas a primeira figura que vou lhes mostrar não se refere a nenhuma dessas coisas.

Ele colocou o primeiro slide na armação e deslizou-o para trás da lente. Um fotograma circular em preto e branco bem definido apareceu na tela. Tinha sido tirado à noite, sob a lua cheia, e mostrava um casebre de madeira a meia distância, as paredes escuras contra a neve que o rodeava e cobria o telhado. Ao lado do casebre, havia uma série de instrumentos filosóficos que aos olhos de Lyra eram como alguma coisa do Parque Ambárico na estrada para Yarnton: antenas, fios, isoladores de porcelana, tudo brilhando ao luar e coberto de gelo espesso. Um homem envolto em peles, o rosto mal visível pela abertura do capuz, aparecia em primeiro plano, com a mão erguida como numa saudação. Ao lado dele, havia uma figura menor. A lua banhava tudo na mesma claridade pálida.

— Este fotograma foi feito com uma emulsão padrão, de nitrato de prata — Lorde Asriel informou. — Quero que vejam outro, tirado no mesmo local apenas um minuto depois, com uma nova emulsão, de preparo especial.

Ele retirou o primeiro slide e colocou outro no lugar. Esse era bem mais escuro; era como se o luar tivesse sido bloqueado por um filtro. O horizonte ainda estava visível, com a sombra escura do casebre e o telhado coberto de neve clara se destacando, mas não era possível identificar qualquer detalhe dos instrumentos. Mas o homem havia mudado inteiramente: estava banhado em luz, e uma fonte de partículas cintilantes parecia jorrar da sua mão erguida.

— Essa luz está subindo ou descendo? — perguntou o Capelão.

— Está descendo — respondeu Lorde Asriel. — Mas não é luz. É Pó.

Alguma coisa no modo como ele disse isso fez Lyra imaginar "Pó" com letra maiúscula, como se não fosse uma poeira comum. A reação dos Catedráticos confirmou sua sensação, porque as palavras de Lorde Asriel provocaram um silêncio súbito e coletivo, seguido por exclamações de incredulidade.

— Mas como...

— É claro que...

— Não se pode...

— Cavalheiros! — era a voz do Capelão. — Vamos deixar Lorde Asriel explicar.

— É Pó — repetiu Lorde Asriel. — É registrado como luz porque as partículas de poeira afetam essa emulsão como os fótons afetam a emulsão de nitrato de prata. Foi em parte para testar isso que a minha expedição ao Norte foi montada. Como podem perceber, a figura do homem está perfeitamente visível. Agora quero que observem a figura à esquerda dele.

Indicou a sombra desfocada da figura menor.

— Pensei que era o dimon dele — disse o Inquiridor.

— Não. O dimon estava enrolado no pescoço dele em forma de serpente. A figura que os senhores não conseguem ver muito bem é uma criança.

— Uma criança seccionada? — perguntou alguém; a maneira como essa pessoa se interrompeu mostrava que ela sabia que aquilo era uma coisa que não devia ter sido dita.

Houve um silêncio intenso. Então Lorde Asriel disse calmamente:

— Uma criança completa. O que, dada a natureza do Pó, é exatamente o xis da questão, não é?

Durante vários segundos ninguém falou. Então se ouviu a voz do Capelão.

— Ah — fez ele, como um homem sedento que, tendo acabado de beber à vontade, baixa o copo para poder soltar a respiração que estava prendendo enquanto bebia. — E os rios de Pó...

— Caem do céu e o banham no que parece ser luz. Podem examinar este fotograma com todo cuidado. Vou deixá-lo com vocês. Estou mostrando agora para demonstrar o efeito dessa nova emulsão. Mas gostaria de lhes mostrar outro.

Ele mudou o slide. O fotograma seguinte também tinha sido tirado à noite, mas dessa vez sem lua. Mostrava um grupo de tendas em primeiro plano, cujo contorno se podia ver contra o horizonte baixo, e do lado delas um monte de caixotes e um trenó. Mas a parte mais interessante da figura era o céu. Jorros e véus de luz pendiam como cortinas, dando voltas e se entrelaçando em ganchos invisíveis com centenas de quilômetros de altura ou deslizando de lado no sopro de um vento inimaginável.

— Que é aquilo? — perguntou o Vice-reitor.

— É um retrato da Aurora Boreal.

— É um lindo fotograma — disse o Catedrático de Palmeriano. — Dos melhores que já vi.

— Perdoe minha ignorância — interpôs a voz trêmula do velho Diretor do Coral. — Mas se eu algum dia já soube o que é a Aurora Boreal, esqueci. É o que chamam de Luzes do Norte?

— É. Ela tem muitos nomes. É composta de tempestades de partículas carregadas e raios solares de força intensa e extraordinária. São invisíveis, mas provocam esta irradiação luminosa quando interagem com a atmosfera. Se houvesse tempo, eu teria mandado pintar este slide para lhes mostrar as cores; verde e rosa claros, na maior parte, com um toque de escarlate ao longo da borda inferior daquela formação que parece uma cortina. Isto foi tirado com emulsão comum. Agora quero que vejam uma imagem tirada com a emulsão especial.

Ele retirou o slide. Lyra ouviu o Reitor dizer baixinho:

— Se ele forçar uma votação, podemos tentar invocar a cláusula de residência. Ele ficou fora da Faculdade durante trinta das últimas 52 semanas.

— Ele já tem o apoio do Capelão... — murmurou em resposta o Bibliotecário.

Lorde Asriel colocou um novo slide atrás da lente. A cena era a mesma: como acontecera com o outro par de fotos, muitas coisas visíveis à luz comum eram muito mais escuras neste, assim como as cortinas de luz no céu.

Mas, no centro da Aurora, bem acima da paisagem sombria, Lyra podia ver alguma coisa sólida. Pressionou o rosto na fresta para ver melhor e notou que os Catedráticos perto da tela também se inclinavam para a frente. Seu assombro cresceu ao ver ali no céu o contorno inconfundível de uma cidade: torres, domos, muralhas... prédios e ruas, suspensos no ar! Ela quase se engasgou de susto.

O Catedrático de Cassington comentou:

— Aquilo ali parece... uma cidade!

— Exatamente — confirmou Lorde Asriel.

— Uma cidade em outro mundo, sem dúvida — o Decano falou, em tom de desprezo.

Lorde Asriel o ignorou. Havia um tremor de excitação entre alguns Catedráticos, como se, tendo escrito tratados sobre a existência do unicórnio sem jamais terem visto um, lhes fosse apresentado um exemplar vivo, recém-capturado.

— É aquele negócio do Barnard-Stokes? — quis saber o Catedrático de Palmeriano. — É, sim, não é?

— É isto que eu quero descobrir — disse Lorde Asriel.

Ele se posicionou ao lado da tela iluminada. Lyra via seus olhos escuros observando os Catedráticos, que contemplavam o slide da Aurora; ela via também, ao lado dele, o brilho verde dos

olhos de seu dimon. Todas as cabeças veneráveis estavam eretas, os óculos brilhando; apenas o Reitor e o Bibliotecário estavam recostados em suas poltronas, com as cabeças muito juntas.

O Capelão estava dizendo:

— O senhor diz que estava procurando notícias da expedição Grumman, Lorde Asriel. O Dr. Grumman também estava investigando este fenômeno?

— Acredito que sim, e acredito também que conseguiu bastante informação sobre isso. Mas ele não vai poder nos contar, porque está morto.

— Não! — exclamou o Capelão.

— Infelizmente sim, e eu tenho a prova aqui comigo.

Uma onda de nervosa apreensão percorreu a Sala Privativa enquanto, sob ordens de Lorde Asriel, dois ou três Catedráticos mais jovens carregaram a caixa de madeira para a frente da sala. Lorde Asriel retirou o último slide, mas deixou a lanterna acesa e, no brilho teatral do círculo de luz, inclinou-se para abrir a caixa com um pé de cabra. Lyra ouviu o rangido de pregos saindo de madeira úmida. O Reitor ficou de pé para poder ver, tapando a visão de Lyra. O tio dela tornou a falar:

— Se vocês se lembram, a expedição de Grumman desapareceu há 18 meses. A Academia Alemã o mandou avançar para o norte até chegar ao polo magnético, e ali fazer várias observações astronômicas. Foi durante essa viagem que ele observou o curioso fenômeno que acabamos de ver. Logo depois, ele desapareceu; se supõe que tenha sofrido um acidente, e seu corpo esteja todo esse tempo caído numa fenda qualquer. Na verdade, não houve acidente algum.

— O que você tem aí? — perguntou o Decano. — É um recipiente a vácuo?

Lorde Asriel não respondeu logo. Lyra ouviu o estalido de presilhas de metal e um assobio de ar penetrando num receptáculo, e depois houve silêncio. Mas o silêncio não durou muito; depois de um instante, Lyra ouviu uma explosão de exclamações confusas: gritos de horror, protestos veementes, vozes alteadas de raiva e medo.

— Mas o que...

— ... não é *humano*...

— ... aquilo foi...

— Mas o que foi que *aconteceu* com aquilo?

A voz do Reitor calou todas as outras:

— Lorde Asriel, em nome de Deus, o que o senhor tem aí?

— Esta é a cabeça de Stanislaus Grumman — a voz de Lorde Asriel disse.

Acima do ruído de vozes, Lyra ouviu alguém ir tropeçando até a porta e sair, soltando gemidos incoerentes. Ela queria poder ver o que eles estavam vendo. Lorde Asriel continuou:

— Encontrei o corpo dele conservado no gelo perto de Svalbard. Os assassinos fizeram isto na cabeça dele. Reparem no padrão de escalpelo característico. Acho que o senhor deve estar familiarizado com isto, Vice-reitor.

A voz do ancião era firme ao responder:

— Já vi os tártaros fazerem isso. É uma técnica encontrada entre os aborígines da Sibéria e do Tungusk. De lá, naturalmente, essa prática se espalhou para as terras dos escraelingues, embora eu acredite que ela agora esteja proibida na Nova Dinamarca. Posso examinar de perto, Lorde Asriel?

Depois de um silêncio breve, ele tornou a falar.

— Minha visão não é muito nítida, e o gelo está sujo, mas me parece que há um buraco no alto do crânio. Estou certo?

— Está, sim.

— Uma trepanação?

— Exatamente.

Isso provocou um murmúrio de excitação. O Reitor saiu da frente, e Lyra tornou a enxergar a cena. O velho Vice-reitor, no círculo de luz do lampião, segurava um pesado bloco de gelo bem perto dos olhos, e Lyra conseguiu ver o objeto dentro dele: uma bola sanguinolenta quase irreconhecível como uma cabeça humana. Pantalaimon esvoaçou em volta de Lyra, e sua aflição a perturbou.

— Quieto, escute — ela sussurrou.

— O Dr. Grumman já foi Catedrático nesta Faculdade — disse o Decano em tom veemente.

— Cair nas mãos dos tártaros...

— Mas tão ao norte?

— Eles devem ter penetrado mais do que se imaginava!

— Será que ouvi o senhor dizer que o encontrou perto de Svalbard? — perguntou o Decano.

— Isso mesmo.

— Então está querendo dizer que os *panserbjornes* têm algo a ver com isto?

Lyra não reconheceu aquela palavra, mas obviamente os Catedráticos sim.

— Impossível — disse o Catedrático de Cassington com firmeza. — Eles nunca se comportariam assim.

— Então não conhece Iofur Raknison — retrucou o Catedrático de Palmeriano, que tinha feito ele próprio várias expedições às regiões árticas. — Não me surpreenderia que ele tivesse começado a escalpelar as pessoas à moda dos tártaros.

Lyra tornou a olhar para o tio, que observava os Catedráticos com um brilho de satisfação maldosa, sem nada dizer.

— Quem é Iofur Raknison? — alguém perguntou.

— O rei de Svalbard — esclareceu o Catedrático de Palmeriano. — Sim, é isso mesmo, um dos *panserbjornes*. Ele é uma espécie de impostor; chegou ao trono através de trapaças, pelo que sei; mas é uma figura poderosa, nem um pouco tolo, apesar de suas afetações ridículas: construir um palácio de mármore importado, criar o que ele chama de uma universidade...

— Para quem? Para os *ursos*? — comentou outra pessoa, e todos riram.

Mas o Catedrático de Palmeriano prosseguiu:

— Eu lhes digo que Iofur Raknison seria capaz de fazer isso a Grumman. Ao mesmo tempo, com bajulação, é possível fazer com que ele se comporte de maneira bem diferente, se for preciso.

— E o senhor sabe fazer isso bem, não é, Trelawney? — comentou o Decano com zombaria.

— Claro que sei. Quer saber o que ele deseja acima de tudo? Até mais do que um diploma honorário? Ele quer um dimon! Se alguém descobrir um meio de lhe dar um dimon, ele fará qualquer favor.

Os Catedráticos riram com vontade.

Lyra acompanhava isso tudo sem compreender: o que o Catedrático de Palmeriano tinha dito não fazia sentido. Além disso, ela estava impaciente para ouvir mais sobre o escalpelamento, e as Luzes do Norte, e aquele Pó misterioso. Mas ficou decepcionada, pois Lorde Asriel havia terminado de mostrar suas relíquias e suas fotos, e a conversa logo se transformou num debate acadêmico sobre a conveniência ou não de lhe dar dinheiro para equipar uma outra expedição. Os argumentos eram disparados de um lado para outro, e Lyra sentiu os olhos pesarem. Logo estava dormindo a sono

solto, com Pantalaimon enrolado em seu pescoço, na sua forma de dormir favorita: como um arminho.

Ela despertou com um susto quando alguém a sacudiu pelo ombro.

— Quieta! — ordenou o tio. A porta do armário estava aberta, e ele estava agachado na frente da luz. — Foram todos embora, mas ainda há alguns criados por aí. Vá para o seu quarto agora, e trate de não falar a ninguém sobre isso.

— Eles votaram para lhe dar o dinheiro? — ela perguntou com voz sonolenta.

— Sim.

— O que é Pó? — ela continuou, se esforçando para ficar de pé depois de passar tanto tempo num lugar tão pequeno.

— Não lhe interessa.

— Interessa, sim — ela retrucou. — Se queria que eu fosse uma espiã no armário, devia me contar sobre o que eu estou espionando. Posso ver a cabeça do homem?

A alva pelagem de arminho de Pantalaimon se arrepiou; ela sentiu cócegas no pescoço. Lorde Asriel soltou uma risada curta.

— Não seja mórbida — disse, e começou a guardar os slides e a caixa de espécimes. — Vigiou o Reitor?

— Sim, e ele procurou o vinho antes de qualquer outra coisa.

— Ótimo. Por enquanto eu o derrotei. Agora faça o que mandei, vá para a cama.

— Mas para onde o *senhor* vai?

— De volta para o Norte. Viajo em dez minutos.

— Posso ir junto?

Ele interrompeu o que estava fazendo e a olhou como se fosse a primeira vez. Seu dimon também voltou para ela os enormes olhos verdes de pantera, e, sob os olhares concentrados de ambos, Lyra enrubesceu. Mas ficou firme.

— Seu lugar é aqui — disse o tio finalmente.

— Mas por quê? Por que meu lugar é aqui? Por que não posso ir para o Norte com o senhor? Quero ver as Luzes do Norte, os ursos, os icebergs e tudo mais. Quero conhecer o Pó. E aquela cidade no ar. É um outro mundo?

— Você não vem, garota. Tire isso da cabeça; estamos numa época perigosa demais. Faça o que estou mandando e vá para a cama; se se comportar, trago uma presa de morsa entalhada pelos esquimós para você. Não discuta mais, ou vou ficar muito zangado.

E o dimon dele rosnou com tal ferocidade que Lyra de repente tomou consciência de como seria sentir aqueles dentes na garganta.

Lyra apertou os lábios e olhou de cara feia para o tio. Ele estava retirando o ar do recipiente a vácuo e não percebeu; era como se já a tivesse esquecido. Sem uma palavra, mas com os lábios apertados e o olhar furioso, a garota e seu dimon saíram e foram para a cama.

O Reitor e o Bibliotecário eram velhos amigos e aliados, e tinham o costume, depois de um episódio difícil, de beber uma taça de brantwijn e consolar um ao outro. Assim, depois que se despediram de Lorde Asriel, eles foram até os aposentos do Reitor e se acomodaram na sala de conversas dele; com as cortinas fechadas e o fogo na lareira reforçado, seus dimons nos lugares de

costume, sobre o joelho ou o ombro, eles se prepararam para conversar a respeito do que acabara de ocorrer.

— Acredita mesmo que ele sabia do vinho? — perguntou o Bibliotecário.

— Claro que sabia! Não imagino como, mas ele sabia, e derrubou a garrafa. Claro que foi.

— Perdão, Reitor, mas não consigo deixar de me sentir aliviado. Não estava gostando da ideia de...

— De envenená-lo?

— Sim. De assassinato.

— Acho que ninguém gosta disso, Charles. Mas as consequências de não se fazer nada poderiam ser piores. Bom, alguma Providência interveio, e não aconteceu. Só lamento ter perturbado você com essa informação.

— Não, não — protestou o Bibliotecário. — Mas eu queria que o senhor tivesse me contado mais.

O Reitor ficou em silêncio por um instante, antes de dizer:

— É, talvez eu devesse, mesmo. O aletiômetro avisa que as consequências serão desastrosas se Lorde Asriel continuar com sua pesquisa. Além do mais, a criança será envolvida, e quero mantê-la a salvo enquanto for possível.

— As atividades de Lorde Asriel têm alguma coisa a ver com essa nova iniciativa do Tribunal Consistorial de Disciplina? Aquele tal de... como é mesmo o nome?... Conselho de Oblação?

— Lorde Asriel... não, não. Pelo contrário. E também, o Conselho de Oblação não está totalmente subordinado ao Tribunal Consistorial. É uma iniciativa semiprivada; está sendo dirigida por alguém que não gosta de Lorde Asriel. Entre os dois, Charles, eu tremo.

O Bibliotecário ficou calado. Desde que o Papa João Calvino havia transferido a sede do Papado para Genebra e criado o Tribunal Consistorial de Disciplina, o poder da Igreja sobre todos os aspectos da vida tinha sido absoluto. O próprio Papado fora abolido após a morte de Calvino, e em seu lugar crescera um emaranhado de tribunais, colegiados e conselhos, conhecidos coletivamente como Magisterium. Esses órgãos nem sempre eram unidos; às vezes crescia entre eles uma amarga rivalidade. Durante grande parte do século anterior, o mais poderoso deles tinha sido o Colegiado dos Bispos, porém, nos anos mais recentes, o Tribunal Consistorial de Disciplina tinha se tornado o mais atuante e o mais temido de todos os órgãos da Igreja.

Mas era sempre possível que entidades independentes crescessem sob a proteção de outra facção do Magisterium, e o Conselho de Oblação mencionado pelo Bibliotecário era uma dessas. O Bibliotecário não sabia muita coisa sobre ele, mas as coisas que ouvira lhe despertavam desagrado e temor, de modo que ele compreendia perfeitamente a aflição do Reitor.

— O Catedrático de Palmeriano citou um nome — disse, depois de um instante. — Barnard-Stokes? Que negócio é esse de Barnard-Stokes?

— Ah, não é da nossa esfera, Charles. Pelo que entendi, a Santa Igreja ensina que existem dois mundos: o mundo de tudo que podemos ver, ouvir e tocar, e outro mundo, o mundo espiritual do céu e do inferno. Barnard e Stokes eram dois teólogos... como posso dizer?... dois teólogos renegados, que defendiam a ideia da existência de vários outros mundos como este aqui, nem céu nem inferno, mas materiais e pecaminosos. Estão aqui, bem próximos, mas invisíveis e inatingíveis. Naturalmente, a Santa Igreja desaprovou essa heresia abominável, e Barnard e Stokes foram silenciados. Mas, infelizmente para o Magisterium, parece haver sólidas provas matemáticas a favor dessa teoria dos

outros mundos. Eu próprio nunca as estudei, mas o Catedrático de Cassington me disse que são muito sólidas.

— E agora Lorde Asriel tirou uma foto de um desses outros mundos — completou o Bibliotecário. — E nós lhe demos financiamento para ir procurá-los. Entendo.

— Isso mesmo. O Conselho de Oblação e seus poderosos protetores irão pensar que a Faculdade Jordan é um antro de apoio à heresia. E entre o Tribunal Consistorial e o Conselho de Oblação, Charles, tenho que manter o equilíbrio; enquanto isso, a criança está crescendo. Sei que não a esqueceram; mais cedo ou mais tarde, ela seria envolvida, mas será arrastada agora, com ou sem a minha vontade de protegê-la.

— Mas, pelo amor de Deus, como é que o senhor sabe disso? Foi o aletiômetro de novo?

— Foi, sim. Lyra tem um papel importante nessa história. A ironia é que ela tem que fazer tudo sem saber o que está fazendo. Mas pode ser ajudada, e se meu plano com o Tokay tivesse dado certo, ela ficaria em segurança por mais algum tempo. Eu gostaria de lhe poupar uma viagem para o Norte. Acima de tudo, eu queria poder explicar a ela...

— Ela não ia prestar atenção — contrapôs o Bibliotecário. — Conheço muito bem o jeito dela. Se alguém tentar lhe dizer qualquer coisa séria, ela mal escuta por cinco minutos e aí começa a se distrair. E não adianta lhe fazer perguntas depois, porque ela terá esquecido tudo.

— E se eu conversasse com ela sobre o Pó? Não acha que ela iria prestar atenção?

O Bibliotecário fez um ruído indicando até que ponto achava isso improvável.

— Por que ela iria prestar atenção? — perguntou. — Por que um enigma teológico distante interessaria a uma criança saudável e irresponsável?

— Por causa do que ela terá que viver. Inclusive uma grande traição...

— Quem é que vai traí-la?

— Não, não, essa é que é a coisa mais triste: ela é quem vai trair, e a experiência será terrível. É claro que ela não pode saber disso, mas não há nenhuma razão para ela não saber sobre o problema do Pó. E você pode estar enganado, Charles; ela pode muito bem se interessar, se lhe for explicado de maneira simples. E pode ser que isso a ajude depois. Certamente ajudaria a diminuir a minha ansiedade.

— Este é o dever dos velhos: ter ansiedade por causa dos jovens — comentou o Bibliotecário. — E o dever dos jovens é fazer pouco caso da ansiedade dos velhos.

Depois de algum tempo, os dois se despediram, pois era tarde e eles eram velhos e ansiosos.

3

A Jordan de Lyra



A Faculdade Jordan era a mais grandiosa e mais rica faculdade de Oxford. Era provavelmente a maior, também, embora ninguém tivesse certeza disso. Os prédios, agrupados ao redor de três quadriláteros irregulares, datavam de todas as épocas, do início da Idade Média até meados do século XVIII. Sua arquitetura não tinha sido planejada; a faculdade crescera aos poucos, com o passado e o presente se misturando a cada esquina, e o efeito final era de uma imponência confusa e decadente. Sempre havia uma parte querendo desabar, e, durante cinco gerações, a mesma família — os Parslow — trabalhava para a Faculdade em tempo integral, como pedreiros e especialistas em andaimes. O Sr. Parslow atual estava ensinando a profissão ao filho; os dois, com mais três empregados, subiam como formigas diligentes pelos andaimes que estavam montados no canto da Biblioteca, ou ficavam sobre o telhado da Capela, e puxavam para cima novos blocos de pedra, rolos de chumbo brilhante, ou vigas de madeira.

A Faculdade era dona de fazendas e propriedades por toda a Inglaterra. As pessoas diziam que era possível caminhar de Oxford a Bristol, numa direção, ou de Oxford a Londres, em outra, e nunca sair das terras da Jordan. Em toda parte do reino, havia olarias e tanques de tintura, florestas e oficinas de naves atômicas que pagavam aluguel à Jordan, e todo primeiro dia de cada trimestre o Tesoureiro e seus funcionários somavam tudo, anunciavam o total ao Conselho e encomendavam um par de cisnes para o Banquete. Parte do dinheiro ia para novos investimentos — o Conselho acabara de aprovar a compra de um prédio de salas das conversas em Manchester —, e o que sobrava era usado para pagar os modestos salários dos Catedráticos e dos criados (e dos Parslow, e de mais de uma dúzia de famílias de artesãos e comerciantes que serviam à Faculdade), para manter a adega bem provida de vinhos, para comprar livros e anbarógrafos para a imensa Biblioteca — que ocupava um

lado inteiro do Quadrilátero Melrose e se estendia, como a toca de uma toupeira, por vários andares no subsolo — e também para comprar o equipamento filosófico mais moderno para a Capela.

Era importante manter a Capela equipada com o que havia de mais moderno, porque a Faculdade Jordan não tinha concorrentes, na Europa ou na Nova França, como centro de teologia experimental. Lyra sabia disso, pelo menos. Tinha orgulho do destaque de sua Faculdade e gostava de se gabar disso com os vários moleques com quem brincava junto ao Canal ou nos Barreiros; e olhava para os eruditos e professores visitantes com desprezo e piedade, porque eles não pertenciam à Jordan, e sendo assim deviam saber menos, coitados, do que o mais humilde Professor-assistente da Jordan.

O que era essa teologia experimental, Lyra sabia tão pouco quanto os moleques da rua. Imaginava que era algo relacionado à magia, aos movimentos das estrelas e dos planetas, a minúsculas partículas de matéria — mas tudo isso era apenas palpite, na verdade. Com certeza, as estrelas tinham dimons, como os humanos, e na teologia experimental se conversava com eles. Lyra imaginava o Capelão falando solenemente, escutando os comentários dos dimons das estrelas e depois concordando com ar sábio, ou sacudindo a cabeça com tristeza. Mas o que se passava entre eles ela não conseguia imaginar.

E nem estava muito interessada. De certo modo, Lyra tinha alma de moleque; o que ela mais gostava de fazer era subir nos telhados da Faculdade com Roger, o ajudante de cozinha que era seu amigo, para cuspir caroços de ameixa na cabeça dos Catedráticos que passavam lá embaixo, ou piar como corujas do lado de fora da janela de uma sala de aula, ou apostar corrida nas ruas estreitas, roubar maçãs no mercado, brigar. Assim como ela não fazia ideia das disputas políticas que se escondiam sob a aparência de normalidade no dia a dia da Faculdade, também os Catedráticos, por sua vez, não conseguiriam enxergar o caldo fervilhante de alianças, inimizades, guerras e acordos que era a vida de uma criança em Oxford. Crianças brincando juntas: que cena agradável! Existe alguma coisa mais inocente e encantadora que isso?

Na verdade, Lyra e seus amiguinhos estavam envolvidos numa guerra mortal, naturalmente. Primeiro, as crianças de uma faculdade — serviçais jovens, os filhos de criados, e Lyra — declaravam guerra às de outra. Mas essa inimizade era esquecida quando as crianças da cidade atacavam uma criança de faculdade; então todas as crianças das faculdades se juntavam e lutavam contra as crianças da cidade. A rivalidade entre esses dois grupos tinha centenas de anos e era bastante profunda e apreciada.

Mas até isso era esquecido quando outros inimigos ameaçavam. Um inimigo era eterno: os filhos dos oleiros, que viviam perto dos Barreiros e eram desprezados tanto pelas crianças das faculdades como pelas da cidade. No ano anterior, Lyra e algumas crianças da cidade tinham feito uma trégua provisória e atacaram os Barreiros, atirando grandes pedaços de argila sobre os filhos dos fabricantes de tijolos e derrubando o ensopado castelo de barro que eles haviam construído; depois rolaram cada um deles na substância pegajosa de onde eles tiravam o sustento, até que todos — vencidos e vencedores — ficaram parecendo um bando de bonecos animados.

O outro inimigo regular tinha sua época: as famílias de gípcios, que moravam em barcos de canal, iam e vinham com as feiras de primavera e outono, e estavam sempre dispostos a brigar. Havia uma família em particular, que voltava regularmente para seu atracadouro na parte da cidade conhecida como Jericó, com quem Lyra vinha lutando desde a primeira vez que teve força para jogar uma pedra. Na última vez que essa família esteve em Oxford, ela, Roger e alguns dos outros

ajudantes de cozinha da Jordan e da Faculdade St. Michael's prepararam uma emboscada, jogando lama na barcaça pintada de cores brilhantes, até que a família inteira desembarcou para expulsá-los. Nesse momento, o esquadrão de reserva, sob as ordens de Lyra, invadiu o barco e o afastou da margem, deixando que a embarcação flutuasse canal abaixo, atrapalhando os barcos que passavam, enquanto os incursores de Lyra revistavam a barcaça de uma ponta a outra, procurando a rolha. Lyra acreditava firmemente nessa rolha e assegurou à sua tropa que se a puxassem o barco afundaria no mesmo instante; não a encontraram, e tiveram que abandonar o barco quando os gípcios os alcançaram; acabaram fugindo, pingando água e em meio a gritos de triunfo, pelas ruas estreitas de Jericó.

Aquele era o mundo e o prazer de Lyra. Na maior parte do tempo, ela era uma selvagenzinha ambiciosa e sem educação, mas sempre tivera uma sensação de que aquele não era o seu mundo inteiro, que uma parte dela pertencia à solenidade e aos rituais da Faculdade Jordan; e que, em algum lugar de sua vida, havia uma ligação com o elevado mundo da política representado por Lorde Asriel. Essa intuição apenas fazia com que ela se achasse superior e mandasse nos outros moleques; nunca passara pela sua cabeça tentar descobrir alguma coisa sobre isso.

Ela passara a infância, então, mais parecendo um gato selvagem. As coisas só mudavam um pouco quando Lorde Asriel aparecia na Faculdade. Ter um tio rico e poderoso era muito bom para se vangloriar, mas o preço disso era ter que ser agarrada pelo Catedrático mais ágil e levada à Governanta para ser lavada e metida num vestido limpo, sendo em seguida acompanhada (com várias ameaças) à Sala de Estar dos Decanos para tomar chá com Lorde Asriel. Alguns Catedráticos mais velhos também eram convidados. Lyra, rebelde, jogava-se numa cadeira até o Reitor lhe ordenar severamente que se sentasse direito, e ela então fazia uma cara tão zangada que até o Capelão achava graça.

Essas visitas formais e constrangedoras nunca variavam; depois do chá, o Reitor e o punhado de Catedráticos convidados deixavam Lyra e o tio sozinhos, e ele a chamava para ficar de pé à sua frente e contar o que aprendera desde a última visita dele. Ela então murmurava tudo que conseguia lembrar sobre geometria, ou árabe, ou história ou anbarologia, e ele, recostado, pernas cruzadas, a observava enigmaticamente até ela ficar sem palavras.

No ano anterior, antes da expedição ao Norte, ele tinha perguntado também:

— E como você passa o tempo quando não está estudando com afinco?

E ela respondeu:

— Eu brinco, só isso. Por aí pela Faculdade. Só... brincadeira.

Ele então pediu:

— Me deixe ver suas mãos, garota.

Ela estendeu as mãos para serem examinadas, e ele as virou, para ver as unhas. Seu dimon estava deitado como uma Esfinge no tapete, sacudindo a cauda de vez em quando e encarando Lyra sem piscar.

— Sujas — declarou Lorde Asriel, empurrando as mãos dela. — Aqui neste lugar não lhe fazem tomar banho?

— Sim, mas as unhas do Capelão estão sempre sujas. Até mais que as minhas.

— Ele é um homem culto. Qual é a sua desculpa?

— Devo ter sujado depois que lavei.

— Onde é que você brinca, para se sujar tanto assim?

Ela o encarou desconfiada. Tinha a impressão de que subir no telhado era proibido, embora ninguém tivesse lhe dito isso com todas as letras.

— Em algumas salas velhas — respondeu afinal.

— E onde mais?

— Nos Barreiros, às vezes.

— E?

— Em Jericó e Port Meadow.

— Mais algum outro lugar?

— Não.

— Está mentindo. Ontem mesmo vi você no telhado.

Ela mordeu o lábio e ficou calada. Ele a observava ironicamente.

— Quer dizer que brinca no telhado também? — continuou. — Costuma entrar na Biblioteca?

— Não. Mas encontrei uma gralha no telhado da Biblioteca.

— Foi mesmo? E a pegou?

— Ela estava com uma pata machucada. Eu ia matar e assar ela, mas Roger disse que tínhamos que cuidar dela. Então lhe demos sobras de comida e um pouco de vinho, e ela melhorou e voou para longe.

— Quem é Roger?

— Meu amigo. O ajudante de cozinha.

— Entendo. Então você andou pelo telhado inteiro...

— Não o telhado inteiro. Não dá para chegar no Prédio Sheldon porque é preciso dar um pulo da Torre do Peregrino, por cima de um espaço. Há uma claraboia que se abre ao telhado, mas não consigo alcançar.

— Você andou pelo telhado inteiro, menos o Prédio Sheldon; e lá embaixo?

— Embaixo?

— Para baixo do chão a Faculdade é tão grande quanto para cima. Estou surpreso de ver que você ainda não descobriu isso. Bem, já estou de partida. Você parece bastante saudável. Tome aqui.

Tirou do bolso um punhado de moedas, de onde separou e entregou a ela cinco dólares de ouro.

— Não lhe ensinaram a agradecer? — perguntou.

— Muito obrigada — ela murmurou.

— Você obedece ao Reitor?

— Ah, sim.

— E respeita os Professores?

— Sim.

O dimon de Lorde Asriel riu baixinho. Era o primeiro som que ele fazia, e Lyra enrubesceu.

— Então vá brincar — disse Lorde Asriel.

Lyra se virou e disparou para a porta, aliviada, se lembrando de parar e dizer até logo.

Assim tinha sido a vida de Lyra antes do dia em que ela resolveu se esconder na Sala Privativa e pela primeira vez ouviu falar no Pó.

E, naturalmente, o Bibliotecário estava enganado ao dizer ao Reitor que ela não prestaria atenção; ela teria ouvido com muita atenção quem quer que pudesse lhe falar do Pó. Nos meses seguintes, iria ouvir muita coisa sobre o assunto, e finalmente iria saber mais sobre o Pó do que

qualquer outra pessoa no mundo; mas, enquanto isso, havia toda aquela fascinante vida da Jordan acontecendo bem à sua volta.

De qualquer maneira, havia outra coisa para se pensar. Nas últimas semanas, um boato vinha se espalhando pelas ruas — um boato que fazia algumas pessoas rirem e outras silenciarem, assim como algumas pessoas riem de fantasmas e outras têm medo deles: sem que qualquer pessoa pudesse imaginar o motivo, crianças estavam começando a desaparecer.

Acontecia assim: ao longo da margem oriental da grande rodovia que é o rio Ísis, repleto de barcaças de tijolos, asfalto ou milho navegando devagar, até abaixo de Henley e Maidenhead chegando em Teddington, onde a maré do Oceano Germano alcança, e ainda bem mais abaixo até Mortlake, passando pela casa do grande mago Dr. Dee, por Falkeshall, onde os parques-jardins ostentam seus chafarizes e suas bandeirolas durante o dia, e seus lampiões nas árvores e seus fogos de artifício à noite; e passando pelo Palácio de White Hall, onde o Rei comanda semanalmente o Conselho de Estado; pela Torre Shot, pingando seu infindável chuvisco de chumbo derretido em barris de água escura; e ainda mais abaixo, até onde o rio, agora largo e imundo, faz uma grande curva para o sul.

Ali fica o bairro de Limehouse, e lá está a criança que vai desaparecer.

É um menino chamado Tony Makarios. A mãe pensa que ele tem 9 anos, mas ela tem memória fraca, destruída pela bebida; ele pode ter 8, ou 10. Seu sobrenome é grego, mas, assim como a idade, pode ser apenas um palpite da mãe dele, porque ele parece mais chinês que grego, e pelo lado da mãe ele tem sangue irlandês, escraelingue e lascar. Tony não é muito inteligente, mas tem uma espécie de ternura desajeitada que às vezes o leva a dar um abraço meio bruto na mãe e plantar um beijo pegajoso em seu rosto. A pobre mulher geralmente está tonta demais para tomar uma iniciativa dessas, mas corresponde com carinho, quando percebe o que está acontecendo.

No momento, Tony está vagando pelo mercado na rua Pie. Está com fome; é de noitinha e ele não vai encontrar comida em casa. Tem no bolso um xelim que um soldado lhe deu para levar um recado à sua garota favorita, mas Tony não vai desperdiçar seu dinheiro com comida, quando se pode conseguir tanta coisa de graça.

De modo que ele fica vagando pelo mercado com seu pequeno dimon — uma pardoca — no ombro observando tudo, por entre as barracas de roupas usadas e as de papéis da sorte, os vendedores de fruta e o vendedor de peixe frito; e quando uma barraqueira e seu dimon estão ambos olhando para o outro lado, a pardoca dá o sinal, e as mãos de Tony vão à frente e voltam para dentro da camisa larga com uma maçã ou um punhado de castanhas, e finalmente com um pastelão quentinho.

A barraqueira o vê e dá um grito, e seu dimon-gato salta, mas a pardoca de Tony está voando, e o próprio Tony já está quase na esquina. Palavrões e pragas o acompanham, mas não até muito longe; ele para de correr junto à escada do Oratório de Santa Catarina, onde se senta e pega seu troféu quente e amassado, deixando um rastro de molho na camisa.

E ele está sendo observado; uma dama usando um casaco longo de pele de raposa amarela e vermelha, uma linda jovem, cujos cabelos castanhos brilham delicadamente dentro da sombra de seu capuz forrado de pele, está parada à porta do Oratório, alguns degraus acima do garoto. Talvez o ofício esteja terminando, pois pela porta atrás dela jorra luz, lá dentro um órgão está tocando, e a dama está segurando um livro de orações enfeitado com pedras preciosas.

Tony nada percebe. Feliz, com o rosto enterrado no pastelão, os dedos dos pés curvados para dentro e as solas descalças juntas, ele mastiga e engole enquanto seu dimon se transforma numa ratinha e alisa os bigodes.

O dimon da jovem dama está se destacando do casaco de pele de raposa. Ele tem a forma de um macaco, mas não um macaco comum: tem os pelos compridos e sedosos, de um tom dourado forte e lustroso. Com movimentos sinuosos, ele desce lentamente a escadaria na direção de Tony e se senta no degrau acima do garoto.

Então a ratinha percebe alguma coisa e se transforma outra vez em pardoca, virando a cabecinha de lado e saltando um ou dois passos pela pedra.

O macaco observa a pardoca; a pardoca observa o macaco.

O macaco estende a mão devagar. Tem a mão pequena e preta, as unhas são garras perfeitas, os movimentos são suaves e convidativos. A pardoca não consegue resistir; se aproxima com mais alguns saltos e então esvoaça para a mão do macaco.

O macaco a ergue e a estuda de perto antes de se levantar e voltar para junto do seu ser humano, levando consigo o dimonpardoca. A dama abaixa a cabeça perfumada para lhe sussurrar alguma coisa. E então Tony se vira; não consegue evitar.

— Rateira! — chama, de boca cheia, com certo susto.

— Olá! — diz a linda dama. — Qual é o seu nome?

— Tony.

— Onde é que você mora, Tony?

— Na alameda Clarice.

— Este pastelão é de quê?

— De carne.

— Gosta de chocolatl?

— Gosto!

— Por acaso tenho mais chocolatl do que poderia beber. Quer vir me ajudar a acabar com ele?

Tony já está perdido — desde o momento em que seu dimon insensato saltou para a mão do macaco. Ele acompanha a jovem e o macaco dourado ao longo da rua Dinamarca, passando pelo Cais do Algoz e descendo a Escadaria do Rei George, até uma portinhola verde na parede de um armazém de teto alto. Ela bate, a porta é aberta; eles entram, a porta se fecha. Tony nunca mais sairá — pelo menos por aquela entrada; e nunca mais vai ver a mãe; e ela, pobre bêbada, vai pensar que o filho fugiu, e, quando pensar nele, vai achar que a culpa foi sua e vai se desmanchar em lágrimas.

O pequeno Tony Makarios não foi a única criança raptada pela mulher com o macaco dourado. No porão do depósito, ele encontrou uma dúzia de outras, meninos e meninas, nenhuma delas com mais de 12 anos — apesar de que, tendo todas elas uma infância parecida, ninguém tinha certeza da própria idade. O que Tony não percebeu, naturalmente, era o que todas tinham em comum: nenhuma criança naquele porão quentinho tinha chegado à adolescência.

A gentil dama acomodou-o num banco ao longo da parede e lhe mandou, por uma criada silenciosa, uma caneca de chocolatl tirado da panela sobre o fogão de ferro. Tony comeu o resto do pastelão e bebeu o líquido quente e doce sem prestar muita atenção ao que estava em volta, e ninguém prestou muita atenção nele: era pequenino demais para ser uma ameaça e apático demais para desempenhar satisfatoriamente o papel de vítima.

Foi outro menino quem fez a pergunta óbvia.

— Ei, dona! Por que trouxe a gente para cá?

Era um moleque de ar durão, com um bigode de chocolatl e uma ratazana preta e magricela como dimon. A dama estava parada perto da porta, conversando com um homem corpulento com jeito de capitão de navio; quando se virou para responder, ela tinha uma aparência tão angelical à luz sibilante da lamparina a nafta que todas as crianças se calaram.

— Queremos a sua ajuda — ela disse. — Vocês não se importam em nos ajudar, não é?

Ninguém conseguia dizer uma palavra. Tímidos de repente, se limitavam a ficar olhando para ela. Nunca tinham visto uma mulher assim; ela era tão graciosa, simpática e boazinha que eles sentiam que não mereciam tamanha sorte, e fariam com prazer tudo que ela pedisse, apenas para ficar mais um pouco com ela.

Ela revelou que iam fazer uma viagem; as crianças seriam bem alimentadas e vestidas, e aquelas que quisessem poderiam mandar um recado para a família dizendo que estavam em segurança. Logo o Capitão Magnusson as levaria para o seu navio, e quando a maré estivesse favorável, iam sair velejando até o mar e depois rumar para o Norte.

Logo as poucas crianças que queriam mandar um recado para o lar que tivessem estavam sentadas em volta da linda dama, que escrevia o que elas lhe ditavam e deixava que desenhassem um X desajeitado no final, dobrava a folha, a colocava dentro de um envelope perfumado e escrevia nele o endereço que lhe davam. Tony teria gostado de mandar alguma coisa para a mãe, mas sabia que ela não ia conseguir ler. Deu um puxão na pele da manga do casaco da dama e cochichou que queria que ela dissesse à sua mãe aonde ele estava indo e tudo mais; ela inclinou a cabeça graciosa para bem perto do corpinho malcheiroso do menino, acariciou sua cabeça e prometeu passar adiante o recado.

Então as crianças se amontoaram para se despedir. O macaco dourado acariciou os dimons de todas, e todas elas tocaram na pele de raposa para dar sorte, ou como se estivessem recebendo alguma força ou esperança ou bondade vinda da mulher, e ela se despediu de todas e as levou até uma lancha a vapor parada no cais, deixando-as aos cuidados do valente capitão. O céu já estava escuro, o rio era uma massa de luzinhas saltitantes. A dama ficou parada no cais acenando até não conseguir mais ver os rostos das crianças.

Então voltou para dentro do depósito, com o macaco dourado aninhado em seu seio, e jogou a pequena pilha de cartas na fornalha antes de sair por onde tinha entrado.

Era muito fácil atrair as crianças dos bairros miseráveis, mas finalmente as pessoas começaram a perceber, e a polícia teve que entrar em ação, embora com alguma resistência. Por algum tempo, não houve mais enfeitiçamentos. Mas o boato tinha nascido e, aos poucos, foi mudando, crescendo e se espalhando, e quando, passado algum tempo, algumas crianças desapareceram em Norwich, e depois em Sheffield, e depois em Manchester, as pessoas nesses lugares que sabiam dos desaparecimentos em outras cidades acrescentavam novos fatos à história, que ia ganhando força.

E assim cresceu a lenda de um misterioso grupo de feiticeiros que roubavam crianças. Alguns diziam que o chefe era uma linda mulher, outros falavam num homem alto, de olhos vermelhos, e uma terceira versão falava num rapaz que ria e cantava para suas vítimas, que o seguiam como carneirinhos.

Quanto ao local para onde levavam as crianças perdidas, não havia duas versões iguais. Alguns diziam que era para o Inferno, debaixo da terra, para a Terra Encantada. Outros afirmavam: para uma

fazenda onde as crianças eram confinadas e engordadas para serem servidas à mesa. Outros diziam que elas eram vendidas como escravas para tártaros ricos...

Mas uma coisa em que todos concordavam era o nome desses raptores invisíveis. Tinham que ter um nome, ou então não poderiam ser mencionados, e falar sobre eles — especialmente para quem estava são e a salvo em casa, ou na Faculdade Jordan — era delicioso. E o nome com que eles aparentemente foram batizados, sem que ninguém soubesse por quê, foi Gobblers.

— Não fique fora até tarde, senão os Gobblers vão pegar você!

— Minha prima em Northampton conhece uma mulher cujo filho foi roubado pelos Gobblers...

— Os Gobblers estiveram em Stratford. Dizem que eles estão vindo para o sul!

E inevitavelmente:

— Vamos brincar de crianças e Gobblers!

Foi o que Lyra disse a Roger, o ajudante de cozinha da Faculdade Jordan. Ele a teria seguido até o fim do mundo.

— Como é que se brinca disso?

— Você se esconde e eu o encontro e o abro ao meio, como fazem os Gobblers.

— Você não sabe o que eles fazem. Pode ser que não façam nada disso.

— Você está com medo deles. Estou vendo! — disse ela.

— Não tô. Aliás, nem acredito neles.

— Eu acredito — ela retrucou com firmeza. — Mas nem eu tenho medo. Faço o que meu tio fez na última vez que veio a Jordan. Eu vi. Ele estava na Sala Privativa e havia um convidado que não foi educado, e tio Asriel só fez olhar firme para ele, e o homem caiu morto na hora, espumando pela boca.

— Duvido. Nunca falaram sobre isso na cozinha. Além do mais, você não pode entrar na Sala Privativa.

— Claro que não falaram. Eles não iam contar esse tipo de coisa aos criados. E eu estive na Sala Privativa, sim. De qualquer modo, ele está sempre fazendo isso. Fez com uns tártaros que o pegaram uma vez. Amarraram o meu tio e iam cortar as tripas dele, mas, quando o primeiro chegou com a faca, meu tio olhou bem para ele, e ele caiu morto, então veio outro, e meu tio fez a mesma coisa com ele, e no final só sobrou um. Tio Asriel disse que ia deixar o homem vivo se ele o desamarrasse, e foi o que ele fez, e então meu tio matou ele mesmo assim, para lhe dar uma lição.

Roger duvidava dessa história ainda mais do que dos Gobblers, mas era boa demais para ser desperdiçada, de modo que os dois se revezaram sendo Lorde Asriel e os tártaros que iam morrer; em vez de espuma, os dois usaram bicarbonato adocicado.

Mas isso foi uma distração. Lyra ainda queria brincar de Gobblers e convenceu Roger a descer para as adegas, onde eles entraram com o chaveiro de reserva do Mordomo. Juntos atravessaram as grandes câmaras onde o Tokay e o Canary da Faculdade, o Burgundy e o brantwijn descansavam sob as teias de aranha de muitos anos. Os antigos arcos de pedra se erguiam acima deles, apoiados em colunas grossas como dez árvores juntas; o chão era de pedras irregulares, e por toda parte havia garrafas arrumadas em prateleiras e barris. Era fantástico. Esquecendo-se dos Gobblers, as duas crianças foram de uma ponta à outra, cautelosamente, segurando uma vela com dedos trêmulos, tentando enxergar em cada canto escuro, com uma única pergunta cada vez mais forte na mente de Lyra: qual era o gosto do vinho?

Havia um modo fácil de saber. Lyra — apesar de Roger ser totalmente contra — escolheu a garrafa mais velha, retorcida e verde que conseguiu encontrar, e, não tendo nada com que pudesse tirar a rolha, quebrou a garrafa no gargalo. Encolhidos no canto mais escondido, os dois bebericaram o líquido púrpura, curiosos para ver quando ficariam bêbados e como saberiam que estavam. Lyra não gostou muito do sabor, mas tinha que admitir que tinha algo de solene e de complexo. O mais engraçado era observar os dois dimons, que pareciam ficar cada vez mais tontos: caíam, davam risadinhas sem motivo e mudavam de forma imitando monstros, cada um tentando ficar mais feio que o outro.

Finalmente, e quase ao mesmo tempo, as crianças descobriram como era ficar bêbado.

— Eles *gostam* disso? — ofegou Roger, depois de vomitar muito.

— Gostam, sim — disse Lyra, nas mesmas condições. — E eu também — acrescentou teimosamente.

A única coisa que Lyra aprendeu nesse episódio foi que brincar de Gobblers levava a lugares interessantes. Lembrou-se das palavras do tio na última conversa que tiveram e começou a explorar o porão, pois o que havia acima do solo era apenas uma pequena fração do todo; como um enorme fungo cujas raízes se estendem por muitos quilômetros, a Jordan, ao se ver brigando por espaço com a Faculdade St. Michael's de um lado, a Faculdade Gabriel do outro e a Biblioteca da Universidade atrás, começara, ainda na Idade Média, a se espalhar por baixo da terra. Túneis, poços, câmaras, porões, escadarias — tudo isso tinha escavado tanto a terra abaixo da Jordan e por centenas de metros ao redor dela que havia quase tanto ar debaixo da terra quanto acima dela; a Faculdade Jordan ficava sobre uma espécie de espuma de pedra.

Tendo provado o gostinho de explorar o subsolo, Lyra abandonou seu território de costume, os Alpes irregulares que eram os telhados da Faculdade, e mergulhou com Roger neste mundo subterrâneo. Brincar de Gobblers virou caçar Gobblers, pois o que seria mais provável do que haver tais criaturas escondidas no subsolo, à espreita?

De modo que certo dia ela e Roger desceram para a cripta sob o Oratório. Era ali que as gerações de Reitores vinham sendo enterradas, cada um em seu caixão de carvalho forrado de chumbo. Os caixões ficavam dentro de nichos ao longo das paredes de pedra. Uma placa de pedra abaixo de cada um dava os nomes deles:

Simon Le Clerc, Reitor 1765-1789 Cerebaton
Requiescant in pace

— Que quer dizer isso? — Roger perguntou.

— A primeira linha é o nome dele, e a segunda é romano. E as datas no meio da linha são o tempo que ele foi Reitor. E o outro nome deve ser o dimon dele.

Saíram caminhando ao longo da cripta silenciosa, lendo mais inscrições:

Francis Lyall, Reitor 1748-1765 Zohariel
Requiescant in pace

Ignatius Cole, Reitor 1745-1748 Musca
Requiescant in pace

Lyra achou interessante constatar que, em cada caixão, havia uma placa de bronze com uma imagem diferente: num era um basilisco; no outro, uma mulher loura; no outro, uma serpente; no outro, um macaco. Percebeu que eram imagens dos dimons dos mortos. Quando as pessoas chegavam à idade adulta, seus dimons perdiam o poder de se transformar e ficavam com uma forma única e permanente.

— Esses caixões têm esqueletos dentro! — Roger sussurrou.

— Carne em putrefação — Lyra sussurrou de volta. — E vermes e lombrigas se retorcendo nos buracos dos olhos deles...

— Deve ter fantasmas por aqui... — disse Roger, com um arrepio de prazer.

Depois da primeira cripta, eles encontraram um corredor cujas paredes eram cobertas de prateleiras de pedra. Cada prateleira era dividida em quadrados, e em cada quadrado descansava uma caveira.

O dimon de Roger, com o rabo entre as pernas, estremeceu junto ao corpo dele e soltou um uivo breve e fraco.

— Quieto! — mandou Roger.

Lyra não podia ver Pantalaimon, mas sabia que, em sua forma de mariposa, ele estava descansando em seu ombro e com certeza tremendo também.

Estendendo a mão, ela pegou a caveira mais próxima e a tirou do lugar.

— O que está fazendo? Não é para tocar nelas! — Roger protestou.

Sem lhe dar atenção, ela ficou girando a caveira nas mãos. De repente alguma coisa saiu pelo buraco na base do crânio, passou entre os dedos dela e caiu no chão ruidosamente. Com o susto, ela quase deixou cair a caveira.

— É uma moeda! — Roger exclamou, tateando no chão. — Pode ser um tesouro!

Ele ergueu o objeto à luz da vela e ambos o contemplaram de olhos arregalados. Não era uma moeda, e sim um pequeno disco de bronze com um entalhe grosseiro representando um gato.

— Como os dos caixões — disse Lyra. — É o dimon dele. Só pode ser.

— É melhor botar de volta — Roger, inquieto, aconselhou.

Lyra girou a caveira e deixou o disco cair de volta em seu lugar imemorial antes de recolocá-la na prateleira. Os dois descobriram então que cada um dos crânios tinha sua moeda-dimon representando o companheiro da vida do dono ainda perto dele na morte.

— O que você acha que estes eram quando estavam vivos? — Lyra perguntou. — Provavelmente Catedráticos, imagino. Só os Reitores ganham caixões. Com certeza, foram tantos Catedráticos durante todos esses séculos que não haveria lugar para enterrar todos, de modo que eles cortam a cabeça e guardam. É mesmo a parte mais importante deles...

Não encontraram Gobblers, mas as catacumbas sob o Oratório mantiveram Lyra e Roger ocupados durante muitos dias. Certa vez, ela inventou de fazer uma brincadeira com alguns dos Catedráticos mortos, trocando os discos dentro dos crânios, dando a eles dimons errados; Pantalaimon ficou tão nervoso com isso que se transformou num morcego e começou a voar para cima e para baixo soltando gritos agudos e batendo as asas no rosto dela, mas ela não deu atenção; a brincadeira era boa demais. Porém ela pagou por isso mais tarde. Na cama, em seu quartinho

apertado no topo da Escadaria Doze, ela foi visitada por uma assombração e acordou gritando por causa das três figuras de túnica paradas ao lado da cama apontando os dedos ossudos antes de jogar para trás os capuzes e mostrar os tocos sangrentos onde deveriam estar as cabeças. Só quando Pantalaimon se transformou num leão e rugiu foi que eles recuaram, fundindo-se à matéria da parede até que só restaram de fora os braços, depois as mãos secas, cinzentas-amarelas, depois os dedos convulsivos, depois nada. De manhã, a primeira coisa que ela fez foi correr para as catacumbas e devolver as moedas-dimons aos seus verdadeiros donos, sussurrando "Perdão! Perdão!" às caveiras.

As catacumbas eram muito maiores do que a adega, mas também tinham um limite. Depois que Lyra e Roger exploraram cada canto delas e se certificaram de que não havia Gobblers por lá, voltaram a atenção para outra coisa — mas não antes de terem sido vistos saindo da cripta pelo Intercessor, que os chamou ao Oratório.

O Intercessor era um ancião gorducho conhecido como Padre Heyst. Sua função era dirigir todos os ofícios da Faculdade, pregar, orar e ouvir confissões. Tinha se interessado pelo bem-estar espiritual de Lyra quando ela era menorzinha, mas foi desencorajado pela indiferença e pelos falsos arrependimentos dela. Finalmente chegara à conclusão de que espiritualmente ela não era promissora.

Ouvindo o chamado dele, Lyra e Roger se viraram com relutância e foram, arrastando os pés, para dentro do Oratório escuro, cheirando a mofo. Aqui e ali tremulavam chamas de velas diante das imagens dos santos; um ruído fraco e distante vinha do mezanino do órgão, onde alguns consertos estavam sendo feitos; um criado polia o púlpito de bronze. Padre Heyst, na porta da sacristia, fez um aceno.

— Onde estiveram? — perguntou. — Já vi vocês saindo de lá mais de uma vez. O que estão tramando?

Seu tom não era de acusação; ele parecia genuinamente interessado. Empoleirado em seu ombro, o dimon do padre estendeu para eles a língua de lagarto. Lyra respondeu:

— Queríamos ver a cripta.

— Por que motivo?

— Os... os caixões. Queríamos ver todos os caixões — ela disse.

— Mas por quê?

Ela deu de ombros — sua resposta de costume quando se sentia pressionada.

— E você? — ele continuou, olhando para Roger. O dimon do rapaz começou a balançar a cauda de terrier, para aplacá-lo. — Qual é o seu nome?

— Roger, Padre.

— Se é um criado, onde trabalha?

— Na cozinha, Padre.

— Não devia estar lá agora?

— Sim, Padre.

— Então vá.

Roger se virou e saiu correndo. Lyra arrastou o pé de um lado para o outro no chão.

— Quanto a você, Lyra, fico contente em ver que está se interessando pelas coisas do Oratório. É uma menina de sorte, por ter tanta História à sua volta.

— Hum — murmurou ela.

— Mas me espanta a sua escolha de companheiros. Você se sente sozinha?

— Não — ela disse.

— Sente... sente falta da companhia de outras crianças?

— Não.

— Não estou falando de Roger, o ajudante de cozinha. Estou falando de crianças como você. Crianças de berço nobre. Gostaria de ter alguns companheiros desse tipo?

— Não.

— Outras meninas, talvez...

— Não.

— Sabe, nenhum de nós quer que você perca todos os prazeres e divertimentos comuns da infância. Às vezes penso que sua vida aqui deve ser solitária, no meio dos velhos Catedráticos. Sente isso?

— Não.

Ele juntou os polegares sobre os outros dedos entrelaçados, incapaz de pensar em outra coisa para perguntar àquela criança obstinada.

— Se estiver com algum problema, sabe que pode me contar — disse finalmente. — Espero que sempre se lembre disso.

— Sim.

— Tem feito suas orações?

— Sim.

— Muito bem. Agora vá.

Com um suspiro de alívio mal disfarçado, ela se virou e saiu.

Não tendo conseguido encontrar Gobblers debaixo da terra, Lyra voltou para as ruas. Era onde se sentia em casa.

Então, quando ela tinha quase perdido o interesse neles, os Gobblers apareceram em Oxford.

A primeira notícia que ela teve foi quando sumiu um menino de uma família gípcia que ela conhecia.

Foi na época da Feira de Cavalos, e a bacia do canal estava apinhada de barcos e barcaças, com mercadores e viajantes, e os ancoradouros ao longo do cais em Jericó cintilavam com os arreios brilhantes e ressoavam com o ruído de ferraduras e os gritos dos negociantes. Lyra sempre gostara da Feira de Cavalos; além da chance de um passeio clandestino em algum cavalo mal vigiado, havia inúmeras oportunidades para provocar uma batalha.

E esse ano ela tinha um ótimo plano; inspirada pela captura do barco no ano anterior, dessa vez ela pretendia navegar um pouco mais antes de ser expulsa. Se ela e os amigos das cozinhas das faculdades pudessem chegar até Abingdon, poderiam fazer uma grande bagunça no dique...

Mas nesse ano não haveria guerra. Enquanto percorria a borda do estaleiro de Port Meadow ao sol da manhã com dois moleques, passando um para o outro um cigarro roubado e soprando a fumaça com bastante ostentação, ela escutou um grito numa voz conhecida.

— Bem, o que foi que você *fez* com ele, seu bunda-mole?

Era uma voz poderosa, voz de mulher — mas uma mulher com pulmões de couro e cobre. Lyra na mesma hora tentou ver de onde ela vinha, pois tinha reconhecido a voz de Mãe Costa, que, em duas ocasiões, tinha deixado Lyra quase desmaiada com uns pescoções, mas em três lhe dera pão de mel quente, e cuja família era famosa pelo luxo e pela imponência de seu barco. Eram príncipes entre

os gípcios, e Lyra admirava muito Mãe Costa, mas pretendia passar ainda algum tempo cautelosa, pois era deles o barco que ela havia roubado.

Um dos moleques companheiros de Lyra pegou automaticamente uma pedra no chão quando ouviu a gritaria, mas Lyra ordenou:

— Pode ir soltando. Ela está nervosa. Pode quebrar você ao meio como um graveto.

Na verdade, Mãe Costa parecia mais ansiosa do que zangada. O homem com quem falava, um mercador de cavalos, dava de ombros e espalmava as mãos.

— Bom, eu não sei — dizia ele. — Ele estava aqui e no minuto seguinte tinha sumido. Não cheguei a ver para onde ele foi...

— Ele estava ajudando você! Estava segurando seus malditos cavalos!

— Bom, ele devia ter ficado aqui, não é? Sair correndo no meio do trabalho...

O homem não chegou a terminar a frase, pois Mãe Costa lhe pregou um tremendo tabefe na lateral da cabeça, acompanhado de tantos xingamentos e safanões que ele berrou e se virou para fugir. Os outros mercadores de cavalos zombaram, e um potro assustadiço empinou, sobressaltado.

— O que está acontecendo? — Lyra perguntou a um menino gípcio que a tudo assistia, boquiaberto. — Por que ela está com tanta raiva?

— É o filho dela — explicou o menino. — Billy. Com certeza, ela acha que os Gobblers pegaram o garoto. E pode ser verdade, mesmo. Eu não vejo o Billy desde...

— Os Gobblers? Então eles chegaram a Oxford?

O menino gípcio se virou para o outro lado para gritar para os amigos, que estavam observando Mãe Costa:

— Ela não sabe de nada! Nem sabe que os Gobblers tão aqui!

Meia dúzia de moleques olharam para ela com expressão de desprezo, e Lyra jogou fora o cigarro, reconhecendo a deixa para uma boa briga. No mesmo instante, os dimons de todos se prepararam para a guerra: cada criança era acompanhada por dentes, ou garras, ou pelos eriçados, e Pantalaimon, desprezando a imaginação limitada daqueles dimons gípcios, se transformou num dragão do tamanho de um cão veadeiro.

Mas antes que a batalha começasse, Mãe Costa se intrometeu, empurrando dois gípcios e confrontando Lyra como se fosse uma lutadora profissional.

— Você sabe dele? — ela interpelou Lyra. — Viu o Billy?

— Não. Acabamos de chegar. Não vejo o Billy há meses.

O dimon de Mãe Costa fazia círculos no ar acima da cabeça dela — um falcão de olhos amarelos e ferozes que olhavam para todos os lados sem piscar. Lyra ficou com medo; ninguém se preocupava quando uma criança sumia por algumas horas, principalmente uma gípcia: no mundinho dos barcos gípcios, todas as crianças eram preciosas e intensamente amadas, e cada mãe sabia que, se seu filho estivesse longe de sua vista, não estaria longe da vista de outra mãe, que o protegeria instintivamente.

No entanto, ali estava Mãe Costa, rainha entre os gípcios, aterrorizada pela ausência de uma criança. O que estava acontecendo?

Mãe Costa olhou sem ver o grupinho de crianças, saiu tropeçando por entre a multidão, indo na direção do ancoradouro, sempre gritando pelo filho. No mesmo instante, as crianças esqueceram a briga, diante daquele sofrimento.

— Esses Gobblers são o quê, afinal? — perguntou Simon Parslow, amiguinho de Lyra.

O primeiro menino gípcio respondeu:

— *Você* sabe. Eles estão roubando crianças por toda parte. São piratas...

— Eles não são piratas — corrigiu outro gípcio. — São canorbais. É por isso que o nome deles é Gobblers, papões.

— Eles *comem* crianças? — perguntou outro amigo de Lyra, Hugh Lovat, ajudante de cozinha na St. Michael's.

— Ninguém sabe — disse o primeiro menino. — Levam a criança e ninguém mais tem notícia dela.

— Isso nós todos sabemos — disse Lyra. — Há meses estamos brincando de crianças e Gobblers, antes de vocês, aposto. Mas duvido que alguém já tenha visto um Gobbler.

— Já viram — disse um garoto.

— Quem? — Lyra insistiu. — Você já viu? Como é que sabe que não é só uma pessoa?

— Charlie viu eles em Banbury — disse uma menina gípcia. — Eles ficaram falando com uma mulher enquanto outro homem tirou o filho dela do jardim.

— É, eu vi eles fazerem isso! — confirmou Charlie, um menino gípcio.

— Como é que eles eram? — Lyra quis saber.

— Bom, eu não vi direito — Charlie confessou. — Mas vi o caminhão deles — acrescentou. — Eles chegam num caminhão branco. Colocam o menino no caminhão e saem disparados.

— Mas por que chamam eles de Gobblers? — Lyra insistiu.

— Porque eles papam as crianças — disse o primeiro garoto gípcio. — Nos contaram lá em Northampton. Eles estiveram por lá e tudo mais. Tinha uma garota em Northampton, levaram o irmão dela e ela disse que os homens que levaram ele disseram que iam comer ele. Todo mundo sabe disso. Eles papam as crianças todinhas.

Uma menina gípcia começou a chorar alto.

— É a prima de Billy — Charlie informou.

Lyra perguntou:

— Quem viu o Billy por último?

— Eu! — uma dúzia de vozes exclamou.

— Eu vi o Billy segurando aquele pangaré do Johnny Fiorelli.

— Eu vi ele perto do vendedor de maçã caramelada.

— Eu vi ele se balançando no guindaste...

Depois que conseguiu entender tudo aquilo, Lyra ficou sabendo que Billy tinha sido visto não mais de duas horas antes.

— Então, nas últimas duas horas, os Gobblers estiveram por aqui...

Todos olharam em volta, estremecendo, apesar do sol quente, do porto apinhado, do cheiro familiar de alcatrão, cavalos e folha-de-fumo. O problema era que, já que ninguém sabia como eram esses Gobblers, qualquer pessoa podia ser um Gobbler, como Lyra declarou ao bando de crianças perplexas, todas elas — as das faculdades e as gípcias — já agora sob o seu domínio.

— Eles têm que *parecer* pessoas comuns, senão seriam logo descobertos — ela explicou. — Se só aparecessem à noite, podiam ter qualquer aparência. Mas, se aparecem à luz do dia, têm que parecer gente normal. Então qualquer pessoa aqui pode ser um Gobbler...

— Não pode, não — disse um gípcio em tom hesitante. — Conheço elas todas.

— Está certo, não *estas* aqui, mas qualquer outra — disse Lyra. — Vamos procurar os Gobblers! E o caminhão branco também!

Aquilo provocou um estouro de boiada. Outros logo se juntaram aos primeiros, e, em pouco tempo, havia umas trinta ou mais crianças gípcias correndo de uma ponta à outra dos ancoradouros, entrando e saindo dos estábulos, subindo pelos guindastes e gruas no estaleiro, saltando por cima da cerca para dentro do pasto, 15 crianças ao mesmo tempo agarradas à corda que se usava para atravessar o rio de águas verdes, e correndo a toda pelas ruas estreitas de Jericó, por entre as casinhas de tijolos, e entrando no grande oratório de St. Barnabas, o Químico, com sua torre quadrada. Metade delas não sabia o que estavam procurando e achava que se tratava apenas de uma brincadeira, porém as mais próximas a Lyra sentiam medo e aflição de verdade cada vez que avistavam uma figura solitária num beco ou na meia-luz do Oratório: seria um Gobbler?

Mas, naturalmente, não era. Finalmente, sem sucesso e com a sombra do desaparecimento verdadeiro de Billy pesando sobre todo mundo, o entusiasmo foi diminuindo. Quando Lyra e os dois jovens das faculdades saíam de Jericó perto da hora do jantar, viram os gípcios reunidos no ancoradouro vizinho àquele em que o barco dos Costa estava atracado. Algumas mulheres choravam bem alto, e os homens, furiosos, formavam grupinhos; todos os seus dimons estavam agitados, voando nervosos ou rosnando para as sombras.

— Aposto que os Gobblers não teriam coragem de vir aqui — Lyra disse a Simon Parslow quando os dois atravessavam a soleira do grande saguão da Jordan.

— Não... — ele concordou sem muita firmeza. — Mas sei que sumiu uma garota do Mercado.

— Quem?

Lyra conhecia a maioria das crianças do Mercado, mas não sabia que alguma tinha desaparecido.

— Jessie Reynolds, da selaria. Ontem ela saiu só para buscar um pedaço de peixe para a janta do pai, mas na hora de fechar ainda não tinha aparecido. E ninguém viu ela. Procuraram no Mercado inteiro e em toda parte.

— Ninguém me contou isso! — disse Lyra indignada. Achava uma falha imperdoável de seus súditos não a manterem sempre informada de tudo.

— Bom, foi ontem que aconteceu. Ela pode já ter aparecido.

— Vou perguntar — disse Lyra, se virando para tornar a sair.

Mas ainda não tinha passado pelo portão quando o Porteiro a chamou.

— Venha cá, Lyra! Você não pode sair esta noite. Ordens do Reitor.

— Por que não?

— Já disse, ordens do Reitor. Ele disse que se você voltasse, para não sair de novo.

— Então me pegue — ela o desafiou, e saiu correndo.

Atravessou em disparada a rua estreita e entrou no beco onde as camionetes descarregavam mercadoria para o Mercado Coberto. Como era hora de fechar, havia poucas camionetes por ali, mas um grupinho de jovens fumava e conversava perto da porta central, em frente ao alto muro de pedra da Faculdade St. Michael's. Lyra conhecia um deles, um rapaz de 16 anos, que ela admirava porque ele conseguia cuspir mais longe que qualquer outra pessoa que ela ouvira falar; foi até lá e ficou esperando humildemente que ele a percebesse.

— Ei, o que você quer? — ele finalmente perguntou.

— A Jessie Reynolds sumiu?

— Foi. Por quê?

— Porque um menino gípcio também sumiu hoje, e tudo mais.

— Estão sempre sumindo, esses gípcios. Depois de toda Feira de Cavalos eles somem.

— Os cavalos também — comentou um dos amigos dele.

— Mas é diferente — Lyra protestou. — Era um garotinho. Ficamos procurando ele a tarde toda, e as outras crianças disseram que os Gobblers pegaram ele.

— Os quê?

— Os Gobblers — ela repetiu. — Nunca ouviu falar dos Gobblers?

Aquilo era novidade também para os outros rapazes, e, tirando alguns comentários grosseiros, eles escutaram com atenção o que ela lhes contou.

— Gobblers... — repetiu o conhecido de Lyra, cujo nome era Dick. — Que coisa idiota. Esses gípcios vivem com essas ideias idiotas.

— Disseram que os Gobblers apareceram em Banbury há poucas semanas e levaram cinco crianças — Lyra insistiu. — Com certeza, vieram para Oxford agora para pegar as nossas. Devem ter sido eles que pegaram a Jessie.

— Sumiu um menino lá para as bandas de Cowley — contou um dos rapazes. — Agora me lembro. Minha tia, ela veio aqui ontem, porque vende peixe e batata frita de uma camionete, e ouviu contar isso... Um menino pequeno... Mas não sei dessa história de Gobblers. Não existem Gobblers. É só uma história.

— Existem sim! — contestou Lyra. — Os gípcios já viram eles. Acham que eles comem as crianças que eles pegam e...

Ela parou a frase no meio, porque de repente tinha se lembrado de uma coisa. Durante aquela noite estranha que ela passara escondida na Sala Privativa, Lorde Asriel tinha mostrado um slide de um homem com jorros de luz entrando nele; e ao lado do homem havia uma figura pequena com menos luz em volta; e Lorde Asriel tinha dito que era uma criança; e alguém perguntara se era uma criança seccionada, e o tio tinha dito que não, que essa era a questão. Lyra sabia que "seccionada" queria dizer cortada.

E então uma coisa lhe atingiu o coração: onde estava Roger?

Ela não o via desde a manhã...

De repente ficou com medo. Pantalaimon, como um leão em miniatura, saltou para os seus braços e rosnou. Ela se despediu dos rapazes junto ao portão e caminhou em silêncio de volta para a rua Turl, depois correu o mais que podia até a Faculdade Jordan, entrando pela porta um segundo antes do dimon, agora em forma de leopardo.

O Porteiro estava zangado.

— Tive que ligar para o Reitor e contar tudo — declarou. — Ele não gostou. Eu não queria estar no seu lugar, mocinha, por dinheiro nenhum.

— Onde está o Roger? — ela quis saber.

— Não vi. Ele também vai ver só. Ah, quando o Sr. Cawston o pegar...

Lyra correu para a Cozinha entrando no meio daquela agitação barulhenta e fumegante.

— Onde está o Roger? — berrou.

— Some daqui, Lyra! Estamos ocupados!

— Mas onde é que ele está? Você *deve* saber! — Lyra gritou para o Chefe da Cozinha, que lhe deu um tapa na orelha e a expulsou de lá.

Bernie, o Confeiteiro, tentou acalmá-la, mas não conseguiu.

— Eles pegaram o Roger! Aqueles Gobblers malditos, alguém devia pegar e matar eles! Eu odeio eles! Vocês não se importam com o Roger...

— Lyra, todos nós nos importamos com o Roger...

— Não, porque senão paravam o trabalho e iam procurar por ele nesse instante! Odeio vocês!

— Pode haver um monte de motivos para o Roger ter sumido. Seja sensata. Temos o jantar para preparar e servir em menos de uma hora; o Reitor tem convidados na Residência e ele também vai jantar lá, o que significa que o Chefe vai ter que mandar a comida para lá bem depressa, para não esfriar; com uma coisa e outra, Lyra, a vida tem que continuar. Tenho certeza de que o Roger vai aparecer...

Lyra saiu correndo da Cozinha, derrubando uma pilha de tampas de prata e ignorando o rugido de raiva que isso provocou. Correndo, desceu os degraus e atravessou o Quadrilátero, passou entre a Capela e a Torre Palmer e entrou no Quadrilátero Yaxley, onde ficavam os prédios mais antigos da Faculdade.

Pantalaimon corria de um lado para o outro na frente dela na forma de um leopardo em miniatura e disparou escada acima até o último andar, onde ficava o quarto de Lyra. A menina abriu a porta de sopetão, arrastou a cadeira cambaleante para perto da janela, abriu a janela e passou para o lado de fora. Logo abaixo da janela havia uma calha de pedra forrada de chumbo com uns 30 centímetros de largura, para recolher a água da chuva; de pé dentro dela, Lyra virou e subiu pelas telhas rústicas até chegar à cumeeira do telhado. Ali ela abriu a boca e gritou. Pantalaimon, que sempre se transformava em pássaro quando estava no telhado, voava em círculos ao redor dela, acompanhando-a com seu grasnado agudo de gralha.

O céu do final de tarde se tingia de cores — pêssego, damasco, creme, delicadas nuvens de sorvete num largo céu alaranjado. As torres e os campanários de Oxford estavam em volta deles, na mesma altura; os bosques verdes de Château-Vert e White Ham se mostravam a cada lado — um a leste, outro a oeste. Em algum lugar, havia gralhas grasnando e sinos tocando, e dos Currais dos Bois as batidas ritmadas de um motor a gás anunciavam a decolagem diária do zepelim do Correio Real para Londres. Lyra ficou olhando enquanto ele subia acima do campanário da Capela de St. Michael's, a princípio do tamanho da ponta do dedo mindinho dela quando ela estendia o braço, depois ficando cada vez menor, até virar um pontinho no céu perolado.

Ela se virou e baixou o olhar para o Quadrilátero mergulhado em sombras, onde os Catedráticos, vestindo suas becas pretas, já começavam a chegar, sozinhos ou aos pares, para a Despensa, seus dimons caminhando ou voejando ao lado deles, ou então calmamente empoleirados em seus ombros. Estavam acendendo as luzes no Salão; ela via os vitrais da janela começando a brilhar um a um à medida que um criado percorria as mesas, acendendo as lamparinas. O sino do Administrador começou a tocar, anunciando a meia hora antes do jantar.

Aquele era o mundo dela. Ela queria que ele permanecesse a mesma coisa para sempre, mas ele estava mudando ao seu redor, pois alguém lá fora estava roubando crianças. Ela se sentou na cumeeira do telhado, o queixo apoiado nas mãos.

— É melhor irmos salvar o Roger, Pantalaimon — declarou.

Ele respondeu da chaminé, com sua voz de gralha:

— Vai ser perigoso.

— Claro! Eu sei disso.

— Não esqueça o que eles disseram na Sala Privativa.

— O que foi?

— Alguma coisa sobre uma criança lá no Ártico. Aquela que não estava atraindo o Pó.

— Disseram que era uma criança completa... E daí?

— Pode ser isso que vão fazer com o Roger, os gípcios e as outras crianças.

— Como é?

— Bom, o que *completa* quer dizer?

— Sei lá. Com certeza, cortam elas no meio. Acho que elas viram escravas. Isso seria mais útil. Com certeza, eles têm minas por lá. Minas de urânio para as naves atômicas. Aposto que é isso. Se mandassem adultos para o fundo das minas, eles morreriam, então usam crianças porque elas são mais baratas. Foi isso que fizeram com ele.

— Eu acho...

Mas a opinião de Pantalaimon teve que esperar, porque uma voz que vinha de baixo começou a gritar:

— Lyra! Lyra! Desça daí neste instante!

Alguém batia na janela. Lyra reconheceu a voz e a impaciência: era a Sra. Lonsdale, a Governanta. Impossível se esconder dela!

Com o rosto tenso, Lyra escorregou pelo telhado até a calha e tornou a entrar pela janela. A Sra. Lonsdale estava enchendo de água uma pequena bacia descascada, com o acompanhamento de gemidos e batidas que o sistema hidráulico produzia.

— Quantas vezes já lhe disseram para não ir ao telhado... Veja o seu estado! Veja esta saia: está imunda! Tire a roupa imediatamente e se lave enquanto eu procuro alguma coisa decente que não esteja rasgada. Não sei por que você não consegue ficar limpa e arrumada...

Lyra estava aborrecida demais até para perguntar por que tinha que se lavar e se vestir, e nenhum adulto fornecia uma razão por iniciativa própria. Ela puxou o vestido pela cabeça e o deixou cair sobre a cama estreita, e começou a se lavar com má vontade enquanto Pantalaimon, agora um canário, saltava cada vez mais para perto do dimon da Sra. Lonsdale, um impassível cão de caça, tentando em vão implicar com ele.

— Veja o estado deste guarda-roupa! Faz semanas que você não pendura um vestido! Veja como este está amassado...

Veja isso, veja aquilo... Lyra não queria ver. Ela fechou os olhos enquanto esfregava o rosto com a toalha fina.

— Vai ter que usar este assim mesmo. Não dá tempo de passar. Deus me perdoe, menina, veja os seus joelhos, veja o estado deles...

— Não quero ver nada — Lyra resmungou.

A Sra. Lonsdale lhe deu um tapa na perna.

— Lave — ordenou com ferocidade. — Tire toda essa sujeira.

— Por quê? — Lyra finalmente perguntou. — Eu nunca lavo os joelhos. Ninguém vai olhar para os meus joelhos. Por que tenho que fazer isso tudo? A senhora também não liga para o Roger, igual ao Cozinheiro Chefe. Eu sou a única que...

Outro tapa, na outra perna.

— Chega dessa bobagem. Sou uma Parslow, como a mãe do Roger. Ele é meu primo em segundo grau. Aposto que não sabia disso, porque aposto que você nunca perguntou, Srta. Lyra.

Aposto que isso nunca lhe passou pela cabeça. Não me acuse de não me importar com o menino. Deus sabe que eu me importo até mesmo com você, que me dá poucos motivos para isso e nenhuma gratidão.

Ela pegou a flanela e esfregou os joelhos de Lyra com tanta força que deixou a pele rosada e ardendo, mas limpa.

— O motivo disso é que você vai jantar com o Reitor e os convidados dele. Peço a Deus que você se comporte. Fale somente quando falarem com você, seja discreta e educada, sorria e nunca diga "Sei lá" quando lhe perguntarem alguma coisa.

Ela enfiou o melhor vestido de Lyra no corpo magro da menina, ajeitou-o, pescou na confusão de uma gaveta uma fita vermelha e escovou os cabelos dela com uma escova de cerdas duras.

— Se tivessem me avisado antes, eu podia ter lavado direito os seus cabelos. Bom, é uma pena. Tomara que não olhem muito de perto... Pronto. Agora fique direito. Onde estão aqueles sapatos bons, de verniz?

Cinco minutos mais tarde, Lyra estava batendo na porta da Residência do Reitor, a casa imponente e um pouco triste que se abria para o Quadrilátero Yaxley e cujos fundos davam para o Jardim da Biblioteca. Pantalaimon, que por educação se transformara num arminho, se esfregou na perna dela. A porta foi aberta por Cousins, criado do Reitor e velho inimigo de Lyra; mas ambos sabiam que aquilo era uma trégua.

— A Sra. Lonsdale disse para eu vir — Lyra explicou.

— Sim — fez Cousins, chegando para o lado. — O Reitor está na Sala de Estar.

Ele a levou para o aposento amplo que dava para o Jardim da Biblioteca. Os últimos raios de sol entravam ali através do vazio entre a Biblioteca e a Torre Palmer, e iluminavam os quadros pesados e a prataria severa que o Reitor colecionava. Iluminavam também os convidados, e Lyra entendeu por que não iam jantar no Salão: três deles eram mulheres.

— Ah, Lyra! Que bom que pôde vir! — exclamou o Reitor. — Cousins, arranje uma coisa que ela possa beber. Dama Hannah, acho que não conhece Lyra... A sobrinha de Lorde Asriel, a senhora sabe.

Dama Hannah Relf, Diretora de uma das faculdades femininas, era uma senhora de cabelos grisalhos cujo dimon era um sagui. Lyra a cumprimentou com toda educação e depois foi apresentada aos outros convidados, que eram, como Dama Hannah, estudiosos de outras Faculdades e bastante desinteressantes. Então o Reitor chegou ao último.

— Sra. Coulter, esta é a nossa Lyra. Lyra, venha cumprimentar a Sra. Coulter.

— Olá, Lyra — disse a Sra. Coulter.

Era linda e jovem. Os cabelos negros e lisos emolduravam o rosto dela, e seu dimon era um macaco dourado.

4

O Aletiômetro



— Espero que seu lugar no jantar seja ao meu lado — disse a Sra. Coulter, abrindo espaço para Lyra no sofá. — Não estou acostumada com o luxo da Residência de um Reitor. Vai ter que me mostrar quais garfos e facas devo usar.

— A senhora é uma Catedrática? — Lyra perguntou.

Ela considerava as mulheres Catedráticas com o desprezo próprio a uma pessoa da Jordan: elas *existiam*, mas, coitadas, não podiam ser levadas mais a sério que animais vestidos de gente representando uma peça. A Sra. Coulter, por outro lado, não se parecia com qualquer Catedrática que Lyra já tivesse visto e certamente não com as duas senhoras idosas e sérias que eram as outras convidadas. Lyra havia feito essa pergunta esperando uma resposta negativa, pois a Sra. Coulter tinha um ar elegante que encantou a garota; Lyra mal conseguia tirar os olhos dela.

— Na verdade, não — respondeu a Sra. Coulter. — Pertenço à faculdade da Dama Hannah, porém a maior parte do meu trabalho é feita fora de Oxford... Me fale de você, Lyra. Sempre morou na Faculdade Jordan?

Cinco minutos depois, Lyra tinha contado a ela tudo da sua vida meio selvagem: seus caminhos favoritos pelos telhados, a batalha dos Barreiros, a ocasião em que ela e Roger tinham capturado e assado uma gralha, sua intenção de capturar um barco dos gípcios e ir velejando até Abingdon etc. Contou até (depois de olhar em volta, e baixando a voz) sobre a brincadeira dela e de Roger com as caveiras na cripta.

— E os fantasmas apareceram no meu quarto, sabe, sem cabeça! Não conseguiam falar, só faziam uns barulhos de gorgolejo, mas eu sabia muito bem o que eles queriam. Então no dia seguinte fui até lá embaixo e coloquei as moedas de volta. Senão eles podiam até me matar.

— Quer dizer que você não tem medo do perigo? — disse a Sra. Coulter em tom de admiração.

A essa altura já estavam jantando; como a Sra. Coulter esperava, estavam sentadas juntas. Lyra ignorou completamente seu outro vizinho — o Bibliotecário — e passou a refeição inteira conversando com a Sra. Coulter.

Quando as senhoras se retiraram para o café, Dama Hannah disse:

— Diga-me, Lyra, vão mandá-la para a escola?

— Sei l... Eu não sei — ela corrigiu a tempo. — Provavelmente não — acrescentou, para não errar. — Eu não ia querer dar esse trabalho a eles — continuou, em tom de santinha. — E essa despesa. Certamente é melhor que eu continue morando na Jordan, sendo educada pelos Catedráticos daqui quando eles têm um tempinho livre. Como já estão aqui, certamente vai ser de graça.

— E seu tio, Lorde Asriel, tem algum plano para você? — perguntou a outra senhora, que era uma Catedrática na outra faculdade feminina.

— Acho que sim — disse Lyra. — Mas não uma escola. Ele vai me levar para o Norte na próxima viagem.

— Eu me lembro, foi o que ele me contou — disse a Sra. Coulter.

Lyra pestanejou. As duas Catedráticas se sentaram ligeiramente mais eretas, embora seus dimons, por boa educação ou por preguiça, se limitassem a olhar de relance um para o outro.

— Nós nos encontramos no Régio Instituto do Polo Ártico — continuou a Sra. Coulter. — Aliás, é em parte por causa desse encontro que estou aqui hoje.

— A senhora também é exploradora? — Lyra perguntou.

— De certo modo, sim. Estive várias vezes no Norte. No ano passado, fiquei três meses na Groenlândia fazendo observações da Aurora Boreal.

Foi o que bastou; daí em diante, para Lyra nada — e ninguém — mais existia. Ela contemplava a Sra. Coulter com respeitoso deslumbramento e escutava atenta e encantada as descrições da construção de iglus, das caçadas de focas, das negociações com as feiticeiras da Lapônia. As duas Catedráticas não tinham coisas tão interessantes para contar e ficaram sentadas em silêncio até a chegada dos homens.

Mais tarde, quando os convidados se preparavam para partir, o Reitor disse:

— Fique mais um pouco, Lyra; eu gostaria de conversar um minutinho com você. Vá para a minha sala das conversas, sente-se e espere por mim lá.

Intrigada, cansada e excitada, Lyra obedeceu. O criado Cousins a levou à sala das conversas e deixou a porta aberta propositalmente para poder vigiar do saguão — onde ajudava os convidados com os casacos — o que ela estaria fazendo. Lyra procurou a Sra. Coulter com o olhar, mas não a viu, e então o Reitor entrou no escritório e fechou a porta.

Sentou-se pesadamente na poltrona junto à lareira. Seu dimon esvoaçou para as costas da cadeira e se empoleirou perto da cabeça do Reitor, fixando em Lyra os velhos olhos semicerrados. A lamparina sibilava baixinho. O Reitor disse:

— Bem, Lyra, você andou conversando com a Sra. Coulter; gostou de ouvir o que ela disse?

— Gostei!

— É uma dama notável.

— É maravilhosa. É a pessoa mais maravilhosa que já conheci.

O Reitor suspirou. Com seu terno e gravata pretos, ele se parecia com o seu dimon, e de repente ocorreu a Lyra que um dia não muito distante ele seria enterrado na cripta sob o Oratório, e

um artista iria gravar o dimon dele na placa de bronze para o caixão, e o nome do dimon estaria ao lado do dele.

— Eu já devia ter arranjado tempo para ter uma conversa com você, Lyra — ele começou, depois de um instante. — Estava pretendendo mesmo fazer isso, mas parece que já passou mais tempo do que eu imaginava. Você sempre esteve segura aqui na Jordan, minha cara. Acho que tem sido feliz. Não foi fácil para você nos obedecer, mas gostamos muito de você, e você nunca foi uma criança má. Há muita bondade e ternura na sua natureza, e muita determinação. Você vai precisar de tudo isso. No mundo lá fora, estão acontecendo coisas das quais eu gostaria de proteger você, prendendo-a aqui na Jordan, porém isso não é mais possível.

Ela o encarou sem falar. Então ela ia embora?

— Você sabia que um dia teria que ir para a escola — o Reitor continuou. — Nós aqui lhe ensinamos algumas coisas, mas não muito bem, nem de maneira organizada. Nosso conhecimento é de outro tipo. Você precisa aprender coisas que homens idosos não têm condições de lhe ensinar, principalmente na sua idade. Você certamente sabia disso. Não é filha de criados, não poderíamos entregar você para ser adotada por uma família da cidade. Eles poderiam cuidar de você em certas coisas, mas as suas necessidades são diferentes. O que estou querendo dizer, Lyra, é que esta parte da sua vida dentro da Faculdade Jordan está chegando ao fim.

— Não, não! — ela protestou. — Não quero sair da Jordan! Gosto daqui. Quero ficar aqui para sempre!

— Quando a gente é jovem, pensa que as coisas duram para sempre. Infelizmente, elas não duram. Lyra, não falta muito tempo, no máximo poucos anos, para você se tornar uma moça, não mais uma criança. Uma senhorita. Pode acreditar, aí você vai achar a Faculdade Jordan um lugar muito difícil para se morar.

— Mas é o meu lar!

— Tem sido o seu lar. Mas agora você precisa de outra coisa.

— Escola, não. Eu não vou para a escola.

— Você precisa de companhia feminina. De orientação feminina.

A expressão "orientação feminina" fez Lyra pensar nas Catedráticas, e ela fez uma careta involuntária. Ser exilada da imponência da Jordan, do esplendor e fama de seu ensino, para uma faculdade num prédio de tijolos parecendo uma pensão no subúrbio de Oxford, com Catedráticas desmazeladas que cheiravam a repolho e naftalina, como aquelas duas!

O Reitor percebeu a expressão dela e viu piscarem em vermelho os olhos de gambá de Pantalaimon. Perguntou:

— E se por acaso fosse a Sra. Coulter?

No mesmo instante, o pelo de Pantalaimon mudou de marrom-escuro para puro branco. Lyra arregalou os olhos.

— De verdade?

— Ela é conhecida de Lorde Asriel. O seu tio, naturalmente, está muito preocupado com o seu bem-estar, e quando a Sra. Coulter ouviu falar de você, no mesmo instante se ofereceu para ajudar. Aliás, ela é viúva. O marido morreu num acidente muito triste há alguns anos; então, se lembre disso antes de perguntar alguma coisa.

Lyra assentiu ansiosamente e perguntou:

— E ela vai mesmo... tomar conta de mim?

— Você gostaria?

— Sim!

Lyra mal conseguia ficar sentada. O Reitor sorriu. Isso acontecia tão raramente que ele tinha perdido a prática, e quem estivesse prestando atenção (coisa que Lyra não estava em condições de fazer) pensaria que se tratava de uma careta de desagrado.

— Bem, então é melhor convidá-la para vir conversar sobre isso — disse.

Ele saiu da sala das conversas e quando voltou, um minuto depois, com a Sra. Coulter, Lyra estava de pé, excitada demais para ficar sentada. A Sra. Coulter sorriu, e seu dimon mostrou os dentes brancos numa expressão travessa e satisfeita. Ao passar por Lyra a caminho de uma poltrona, a Sra. Coulter tocou de leve seus cabelos e Lyra sentiu uma onda de carinho cobri-la, e enrubesceu.

Depois que o Reitor serviu brantwijn à Sra. Coulter, ela disse:

— Bem, Lyra, quer dizer que vou ter uma assistente?

— Sim — disse Lyra simplesmente. Teria dito "sim" a qualquer coisa.

— Preciso de ajuda em muita coisa.

— Posso trabalhar!

— E talvez tenhamos que viajar.

— Não me importo. Vou a qualquer lugar.

— Mas pode ser perigoso. Podemos ter que ir para o Norte.

Lyra ficou sem fala. Finalmente conseguiu perguntar:

— Logo?

A Sra. Coulter riu e disse:

— Talvez. Mas sabe que vai ter que trabalhar muito. Vai ter que aprender matemática, navegação, geografia celeste.

— A *senhora* vai me ensinar?

— Vou. E você vai ter que me ajudar tomando notas, arrumando meus papéis, fazendo vários cálculos básicos e coisas assim. E como vamos visitar algumas pessoas importantes, temos que arrumar roupas bonitas para você. Há muito que aprender, Lyra.

— Não me importo. Quero aprender tudo.

— Tenho certeza de que vai conseguir. Quando voltar à Jordan, será uma viajante célebre. Agora, vamos partir muito cedo amanhã de manhã, pelo zepelim da madrugada, então é melhor você ir dormir. Vejo você no café da manhã. Boa noite!

— Boa noite — retribuiu Lyra. Depois, se lembrou do pouco de bons modos que conhecia, se virou da porta e disse: — Boa noite, Reitor.

Ele assentiu.

— Durma bem.

— E obrigada — acrescentou Lyra, dirigindo-se à Sra. Coulter.

Ela finalmente conseguiu dormir, embora Pantalaimon não tivesse sossegado até ela ralhar com ele, e ele então se transformou em porco-espinho de pura má-criação. Ainda estava escuro quando alguém a sacudiu.

— Lyra... psiu... Não se assuste... acorde, garota!

Era a Sra. Lonsdale. Estava segurando uma vela; ela se inclinou e falou baixinho, segurando Lyra com a mão livre.

— Escute. O Reitor quer falar com você antes de você se encontrar com a Sra. Coulter no café da manhã. Se levante depressa e corra até a Residência. Entre no jardim e bata na porta-janela da sala das conversas. Entendeu?

Completamente acordada e fervendo de curiosidade, Lyra assentiu e enfiou os pés nos sapatos que a Sra. Lonsdale colocou no chão para ela.

— Não precisa se lavar agora. Pode fazer isso depois. Vá direto e volte direto. Vou começar a arrumar sua bagagem e separar alguma coisa para você usar. Vamos, vá logo.

O Quadrilátero escuro ainda estava cheio do ar frio da noite. No céu as últimas estrelas ainda estavam visíveis, mas a luz que vinha do leste gradualmente ocupava o céu acima do Salão. Lyra correu para o Jardim da Biblioteca e ficou por um momento parada na imensa quietude, olhando as pontinhas de pedra da Capela, a cúpula verde-perolada do Prédio Sheldon, o lampião pintado de branco da Biblioteca. Agora que ia deixar aquele lugar, estava se perguntando se sentiria muita saudade.

Alguma coisa se moveu na porta-janela da sala das conversas e um brilho de luz cintilou por um instante. Ela se lembrou do que tinha que fazer e bateu na porta de vidro, que se abriu de imediato.

— Muito bem. Entre depressa. Não temos muito tempo — disse o Reitor, fechando a cortina sobre a janela assim que ela entrou. Ele estava inteiramente vestido de preto, como de costume.

— Quer dizer que eu não vou, afinal? — Lyra perguntou.

— Vai, sim. Não posso impedir — disse o Reitor, sem que Lyra percebesse na ocasião que aquilo era algo estranho de se dizer. — Lyra, quero lhe dar uma coisa, mas você vai ter que prometer que não vai contar a ninguém. Você jura?

— Juro — disse Lyra.

Ele foi até a escrivaninha e tirou de uma gaveta um pacotinho embrulhado em veludo preto. Quando ele abriu o pano, Lyra viu uma coisa como um relógio de pulso grande, ou um relógio de parede pequeno: um disco espesso de ouro e cristal. Podia ser uma bússola ou algo assim.

— O que é isso? — ela perguntou.

— É um aletiômetro. Só existem seis no mundo, Lyra, e novamente eu aviso: guarde segredo. Seria melhor se a Sra. Coulter não soubesse. O seu tio...

— Mas o que isso faz?

— Diz a verdade. Mas como ele funciona, você vai ter que descobrir sozinha. Agora vá, está clareando. Corra de volta ao seu quarto antes que alguém a veja.

Ele dobrou o veludo sobre o instrumento e o colocou nas mãos dela. Era surpreendentemente pesado. Então ele colocou as mãos de cada lado da cabeça da menina e a segurou de leve por um instante.

Ela tentou erguer os olhos para ele e perguntou:

— O que o senhor ia dizer do meu tio Asriel?

— O seu tio deu isso de presente à Faculdade Jordan há alguns anos. Ele podia...

Antes que ele pudesse terminar a frase, ouviram uma batida leve na porta. Ela sentiu as mãos dele estremecerem.

— Vá depressa, agora, criança — ele disse baixinho. — Os poderes deste mundo são muito grandes. Homens e mulheres são movidos por ondas muito mais violentas do que você pode imaginar, que nos arrastam a todos na correnteza. Vá em paz, Lyra. Seja discreta.

— Obrigada, Reitor — ela disse em tom formal.

Apertando o pacote de encontro ao peito, ela saiu da sala das conversas pela porta para o jardim, olhando de relance para trás e vendo o dimon do mestre observando-a do peitoril da janela. O céu já estava mais claro; havia um cheiro novo no ar.

— Que é isso aí? — perguntou a Sra. Lonsdale, fechando a pequena e maltratada mala.

— O Reitor me deu. Será que vai caber na mala?

— Tarde demais. Não vou tornar a abrir. Seja o que for, vai ter que ir no bolso do seu casaco. Vá depressa para a Despensa; não faça os outros esperarem...

Só depois de se despedir dos poucos criados que estavam acordados e da Sra. Lonsdale foi que ela se lembrou de Roger, e então se sentiu culpada por não ter pensado nele uma só vez depois que conhecera a Sra. Coulter. Como as coisas tinham acontecido depressa!

E agora ela estava a caminho de Londres; sentada junto à janela num zepelim, com as pequenas e afiadas garras das patas traseiras de arminho de Pantalaimon enfiadas em sua coxa, enquanto as patas dianteiras do seu dimon se apoiavam na vidraça através da qual ele espiava. Ao lado de Lyra, a Sra. Coulter trabalhava em alguns papéis, mas logo os guardou e começou a conversar. Que conversa interessante! Lyra ficou deslumbrada; dessa vez a conversa não era sobre o Norte, mas sobre Londres, os restaurantes e salões de baile, as festas nas Embaixadas e nos Ministérios, as fofocas entre White Hall e Westminster. Para Lyra a conversa era quase mais fascinante do que a paisagem mutante vista da aeronave. O que a Sra. Coulter estava dizendo parecia ser acompanhado de um perfume de "adultez", alguma coisa ao mesmo tempo perturbadora e atraente: era o cheiro da elegância.

A aterrissagem em Falkeshall Gardens, a viagem de barco atravessando o rio marrom, o quarteirão de mansões imponentes no Embankment, onde um encarregado corpulento (uma espécie de porteiro condecorado) saudou a Sra. Coulter e piscou para Lyra, que o estudou com expressão impassível.

E depois o apartamento...

Lyra só fazia abrir a boca.

Em sua curta vida, ela já havia visto muita beleza, mas era uma beleza jordaniana, uma beleza oxfordiana — imponente, pétrea, masculina. Na Faculdade Jordan, muita coisa era grandiosa, mas nada era mimoso; no apartamento da Sra. Coulter tudo era mimoso. Ele era cheio de luz, pois as janelas largas eram viradas para o sul e as paredes eram cobertas por um delicado papel listrado em branco e dourado. Quadros encantadores em molduras douradas, um espelho antigo, arandelas interessantes servindo de base para luminárias anbáricas com cúpulas de babados; e babados nas almofadas, também, e sanefas estampadas de flores escondendo o trilho das cortinas, e um macio tapete verde estampado de folhas; e aos olhos inocentes de Lyra parecia que cada superfície estava coberta de lindas caixinhas, pastoras e arlequins de porcelana.

A Sra. Coulter sorriu da admiração da menina.

— É, Lyra, há tanta coisa para lhe mostrar! Tire o casaco e vou lhe mostrar o banheiro. Você pode se lavar, depois vamos almoçar e fazer compras...

O banheiro era outra maravilha. Lyra estava acostumada a se lavar com um duro sabonete amarelo numa bacia trincada, onde a água que pingava das torneiras nunca ficava mais do que morna,

e muitas vezes com pedacinhos de ferrugem; mas ali a água era quente, o sabão era cor-de-rosa e as toalhas eram felpudas e macias como nuvens. E em volta do espelho fumê havia pequenas luzes cor-de-rosa, de modo que quando Lyra se olhou no espelho ela viu uma figura suavemente iluminada, bem diferente da Lyra que ela conhecia.

Pantalaimon, que procurava imitar a forma do dimon da Sra. Coulter, estava agachado na beirada da bacia, fazendo caretas para ela. Ela o empurrou para dentro da água com sabão e de repente se lembrou do aletiômetro no bolso do casaco. Tinha deixado o casaco numa cadeira na sala. Tinha prometido ao Reitor guardar segredo da Sra. Coulter...

Ah, aquilo *era* confuso. A Sra. Coulter era tão boa e sábia, ao passo que Lyra tinha visto o Reitor tentando envenenar tio Asriel. A qual dos dois ela devia mais obediência?

Enxugou-se às pressas e correu de volta para a sala, onde seu casaco ainda estava intocado, naturalmente.

— Pronta? Acho que podemos ir almoçar no Régio Instituto do Polo Ártico. Sou uma das poucas mulheres membros, então é melhor usar os privilégios que tenho.

Uma caminhada de vinte minutos as levou a um imponente prédio com fachada em pedra, onde elas se sentaram num amplo salão de refeições com toalhas brancas como neve e talheres de prata brilhante sobre as mesas, e comeram fígado de vitela e bacon.

— O fígado de vitela não faz mal, nem o de foca, mas se você ficar sem comida no Ártico, não deve comer fígado de urso. Ele é cheio de um veneno que mata em poucos minutos.

Enquanto comiam, a Sra. Coulter comentava sobre algumas pessoas nas outras mesas.

— Está vendo aquele senhor idoso, de gravata vermelha? É o Coronel Carborn. Ele fez o primeiro voo de balão sobre o Polo Norte. E o homem alto perto da janela, aquele que acaba de se levantar, é o Dr. Flecha Partida.

— Ele é scraelingue?

— É, sim. Foi ele quem mapeou as correntes oceânicas do Grande Oceano Ártico...

Lyra olhava todos aqueles grandes homens com curiosidade e respeito. Eram estudiosos, sem dúvida, mas eram exploradores também. O Dr. Flecha Partida sabia sobre o fígado dos ursos; ela duvidava que o Bibliotecário da Jordan soubesse.

Depois do almoço, a Sra. Coulter lhe mostrou algumas das preciosas relíquias do Ártico na Biblioteca do Instituto: o arpão que matara a grande baleia Grimssdur, a pedra com a inscrição numa linguagem desconhecida encontrada na mão do explorador Lorde Rukh, morto por congelamento na solidão da sua barraca, um acendedor de fogo usado pelo Capitão Hudson em sua famosa viagem à Terra de Van Tieren. Ela contou a história de cada relíquia, e Lyra sentiu o coração disparar de admiração por aqueles grandes heróis corajosos e distantes.

Depois foram às compras. Tudo naquele dia extraordinário era uma experiência nova para Lyra, mas fazer compras foi a mais estonteante. Entrar num prédio enorme cheio de roupas lindas, onde as pessoas deixam a gente experimentar, onde a gente se olha nos espelhos... E as roupas eram tão *bonitinhas*... As roupas de Lyra tinham vindo através da Sra. Lonsdale, e muitas delas eram usadas e bastante remendadas. Ela raramente teve alguma coisa nova, e quando tinha, era uma roupa escolhida pela durabilidade, não pela aparência; e ela mesma nunca escolhera nada. E agora, com a Sra. Coulter sugerindo isto, elogiando aquilo e pagando tudo, e mais ainda...

Quando terminaram, Lyra estava corada e tinha os olhos brilhantes de cansaço. A Sra. Coulter pediu que a maior parte das roupas fosse embalada e entregue em sua casa, mas levou uma ou duas

coisas consigo quando ela e Lyra caminharam de volta para o apartamento.

Depois, um banho com espuma espessa e perfumada. A Sra. Coulter entrou no banheiro para lavar os cabelos de Lyra, e ela não esfregava e arranhava como a Sra. Lonsdale. Ela era delicada. Pantalaimon observava com intensa curiosidade até que a Sra. Coulter olhou para ele, que entendeu o que ela queria dizer e se virou de costas, desviando timidamente o olhar daqueles mistérios femininos, como o macaco dourado estava fazendo. Antes disso ele nunca tinha precisado desviar os olhos de Lyra.

Então, depois do banho, um leite quente com ervas, uma camisola nova de flanela com estampado de flores e bainha recortada, e chinelos de lã de carneiro tingida de azul-claro; após isso, cama.

Tão macia, aquela cama! Tão delicada, a luz anbárica na mesa de cabeceira! E o quarto tão aconchegante, com os pequenos armários e a penteadeira e a cômoda onde seriam guardadas suas roupas novas, e um tapete de uma parede à outra, e lindas cortinas cobertas de estrelas, luas e planetas! Lyra, tensa, estava cansada demais para dormir, encantada demais para questionar qualquer coisa.

Depois que a Sra. Coulter lhe desejou uma boa noite e saiu do quarto, Pantalaimon quis chamar sua atenção e puxou seu cabelo. Ela o empurrou de leve, mas ele sussurrou:

— Onde está o negócio?

Ela soube logo o que ele queria dizer. O casaco velho e humilde estava pendurado no armário; segundos depois ela estava de volta na cama, sentada de pernas cruzadas à luz da luminária, com Pantalaimon observando atentamente enquanto ela desdobrava o veludo preto e contemplava aquilo que o Reitor lhe dera.

— Como foi que ele chamou? — ela cochichou.

— Aletiômetro.

Não adiantava perguntar o que isso significava. O objeto pesava nas mãos dela, a face de cristal brilhando, o corpo de ouro muito benfeito. Era muito parecido com um relógio, ou uma bússola, pois havia ponteiros apontando para lugares em volta do mostrador, mas em vez de horas ou pontos cardeais havia várias figuras pequeninas, todas pintadas com precisão extraordinária, como se fosse em marfim, com o mais fino e delicado pincel de visom. Ela girou o mostrador nas mãos para observar todas elas. Havia uma âncora; uma ampulheta encimada por uma caveira; um camaleão, um touro, uma colmeia... Ao todo eram 36 desenhos, e ela nem imaginava o que significavam.

— Há um botão, olhe — Pantalaimon mostrou. — Veja se consegue dar corda nele.

Na verdade, havia três pequenos pinos giratórios facetados, e cada um movimentava um dos três ponteiros menores, que se moviam em volta do mostrador com uma série de pequenos estalidos. Podiam ser apontados para qualquer uma das figuras; e uma vez entrando em posição, apontando exatamente para o centro de cada uma, eles não podiam ser movidos.

O quarto ponteiro era mais comprido e fino, e parecia ser feito de metal menos brilhante do que os outros três. Lyra não conseguiu controlar o movimento dele; ele ia para onde queria, como a agulha de uma bússola, mas não parava.

— O final “metro” significa “medida” — Pantalaimon declarou. — Como termômetro. O Capelão nos ensinou isso.

— É, mas essa é a parte fácil — ela respondeu num cochicho. — Para que será que *serve*?

Nenhum dos dois conseguiu adivinhar. Lyra passou muito tempo movendo os ponteiros para apontar para um ou outro símbolo (anjo, elmo, golfinho; globo, bandolim, bússolas; vela, raio, cavalo) e observando o ponteiro grande se mover sem uma lógica aparente e sem parar; embora não tenha entendido coisa alguma, ela ficou intrigada e deliciada com a complexidade e o detalhamento. Pantalaimon se transformou num camundongo para poder chegar mais perto e descansou as patas minúsculas na borda, os olhinhos redondos negros de curiosidade enquanto ele observava os movimentos do ponteiro.

— O que você acha que o Reitor quis dizer sobre o tio Asriel? — ela perguntou.

— Talvez a gente tenha que manter isto em segurança e depois entregar a ele.

— Mas o Reitor ia envenenar tio Asriel! Talvez seja o contrário. Talvez ele fosse dizer: não entregue ao seu tio.

— Não — contradisse Pantalaimon. — É *dela* que temos que manter isto escondido...

Ouviram-se batidas leves na porta. A Sra. Coulter disse:

— Lyra, se eu fosse você, apagava a luz. Você está cansada, e teremos muito trabalho amanhã.

Lyra tinha enfiado depressa o aletiômetro debaixo das cobertas.

— Está certo, Sra. Coulter — disse.

— Então, boa noite.

— Boa noite.

Ela se acomodou e apagou a luz. Antes de adormecer, enfiou o aletiômetro debaixo do travesseiro, por medida de segurança.

5

A Festa



NOS dias que se seguiram, Lyra foi a toda parte com a Sra. Coulter, quase como se ela própria fosse um dimon. A Sra. Coulter conhecia muita gente, e as duas frequentavam vários tipos de lugar. De manhã podia haver uma reunião de geógrafos no Régio Instituto do Polo Ártico, a que Lyra assistia; depois a Sra. Coulter podia almoçar com um político ou um religioso num restaurante elegante, onde todos eram muito simpáticos com Lyra e lhe ofereciam pratos especiais, e ela aprendia a comer aspargos e o sabor de tripas de carneiro. À tarde talvez fossem às compras, pois a Sra. Coulter estava preparando sua expedição — era preciso comprar peles, lonas e botas à prova d'água, assim como sacos de dormir, facas e instrumentos de desenho que deliciaram Lyra. Depois disso talvez fossem tomar chá com algumas damas tão bem vestidas quanto a Sra. Coulter, embora não tão belas ou talentosas: eram mulheres tão diferentes das Catedráticas, ou das mães de família dos barcos gípcios, ou das criadas das faculdades, que quase pareciam ser de um sexo diferente, com perigosos poderes e qualidades tais como elegância, charme e graça. Lyra se vestia com capricho para essas ocasiões, e as damas a paparicavam, incluindo-a em suas conversas leves e agradáveis, que eram sempre sobre pessoas: um artista, um político, dois amantes.

E quando chegava a noite, a Sra. Coulter talvez levasse Lyra ao teatro, onde também haveria muitas pessoas elegantes com quem conversar e por quem ser admirada, pois parecia que a Sra. Coulter conhecia todas as pessoas importantes de Londres.

Nos intervalos de tantas atividades, a Sra. Coulter ensinava a Lyra os rudimentos de geografia e matemática. A cultura da menina tinha grandes lacunas, como um mapa-múndi roído por ratos, pois na Jordan ela aprendia sem muita ordem: mandavam um Professor-assistente para lhe ensinar certas matérias e ela comparecia às aulas com alguma resistência durante uma semana, mais ou menos, até que "se esquecia" de aparecer, para grande alívio do Professor. Ou então um Catedrático se esquecia

do que deveria ensinar a ela e lhe aplicava um curso intensivo sobre o que estivesse pesquisando na época, qualquer coisa que fosse; assim, não é de admirar que seu conhecimento se assemelhasse a uma colcha de retalhos. Ela conhecia alguma coisa sobre átomos e partículas elementares, cargas anbaromagnéticas, as quatro forças fundamentais e mais um ou outro item da teologia experimental, mas nada sobre o sistema solar. Na verdade, quando a Sra. Coulter percebeu isso e lhe explicou que a Terra e os outros cinco planetas giravam ao redor do Sol, Lyra riu da piada.

No entanto, estava ansiosa para mostrar que sabia algumas coisas, e quando a Sra. Coulter estava lhe falando dos elétrons, ela afirmou, com ar sábio:

— É, são partículas com carga negativa. Um pouco parecidos com o Pó, mas o Pó não tem carga.

Assim que ela disse isso, o dimon da Sra. Coulter ergueu a cabeça para olhar para ela, e todos os pelos dourados se eriçaram, como se eles próprios fossem carregados. A Sra. Coulter pousou a mão no dorso do dimon.

— Pó? — ecoou, em tom de pergunta.

— Sim. Do espaço, a senhora sabe. Aquele Pó.

— O que você sabe sobre isso, Lyra?

— Ah, que ele vem do espaço e acende as pessoas; se a gente tiver uma câmera especial, dá para ver. Mas as crianças, não. Ele não afeta as crianças.

— Onde foi que aprendeu isso?

A essa altura, Lyra percebeu que havia uma forte tensão no ar, porque Pantalaimon tinha se esgueirado como um arminho para o colo dela e tremia violentamente.

— Uma pessoa lá na Jordan — disse a menina em tom vago. — Não me lembro quem. Acho que foi um dos Catedráticos.

— Foi durante uma aula?

— É, pode ter sido, ou então pode ter sido dito de passagem. É, acho que foi isso. Aquele Professor, acho que ele era da Nova Dinamarca, estava conversando com o Capelão sobre o Pó e eu estava passando e achei interessante. Então tive que parar e escutar. Foi isso.

— Entendo — disse a Sra. Coulter.

— Está correto o que ele me disse? Eu entendi errado?

— Bem, não sei. Tenho certeza de que você sabe muito mais que eu. Vamos voltar para os elétrons...

Mais tarde Pantalaimon disse:

— Lembra quando o dimon dela se arrepiou todo? Bom, eu estava atrás dele, e ela agarrou a pele dele com tanta força que os nós dos dedos dela ficaram brancos. Não dava para você ver. Demorou muito até ele voltar ao normal. Pensei que ia pular em cima de você.

Aquilo era estranho, sem dúvida, mas nenhum dos dois tinha ideia do porquê.

E, finalmente, havia outro tipo de aulas, dadas com tanta sutileza que não pareciam aulas: como lavar os cabelos, como escolher as cores que a favoreciam, como dizer não de maneira tão encantadora que não causasse ofensa, como passar batom, pó, perfume. É verdade que a Sra. Coulter não ensinou estas últimas artes diretamente, mas sabia que Lyra estava observando enquanto ela se maquilava, e tomava cuidado para que Lyra visse onde ela guardava os cosméticos e para lhe deixar um tempo livre para explorar e experimentar aquelas novidades.

O tempo passou, e o outono começou a virar inverno. De vez em quando Lyra pensava na Faculdade Jordan, que lhe parecia pequena e sossegada em comparação com a vida agitada que ela levava agora. De vez em quando, pensava em Roger, também, e ficava inquieta, mas havia sempre uma ópera, ou um vestido novo, ou uma visita ao Régio Instituto do Polo Ártico, e ela tornava a se esquecer dele.

Quando já havia cerca de seis semanas que Lyra morava lá, a Sra. Coulter resolveu dar uma festa. Lyra tinha a impressão de que havia uma coisa a ser comemorada, embora a Sra. Coulter não dissesse o que era. Ela encomendou flores, debateu drinques e canapés com a firma do bufê, passou horas com Lyra decidindo quem convidar.

— Temos que chamar o Arcebispo. Não posso deixá-lo de fora, embora ele seja um velho odiento e esnobe. O Lorde Boreal está na cidade; ele é divertido. E a Princesa Postnikova. Acha que seria correto convidar Erik Andersson? Não sei se já está na hora de admiti-lo...

Erik Andersson era o mais recente dançarino da moda. Lyra não tinha ideia do que significava "admitir", mas mesmo assim gostava de dar sua opinião. Anotou todos os nomes que a Sra. Coulter sugeriu, com muitos erros de ortografia, depois os rabiscava quando a Sra. Coulter mudava de ideia.

Quando Lyra foi para a cama, Pantalaimon cochichou:

— Ela nunca irá para o Norte! Vai nos prender aqui para sempre. Quando é que vamos fugir?

— Vai, sim — Lyra cochichou de volta. — É que você não gosta dela. Bem, azar o seu; eu gosto. E por que ela ia nos ensinar navegação se não quisesse mesmo nos levar para o Norte?

— Para que você não fique impaciente, só por isso. Não acredito que você vai querer ficar nessa festa toda simpática e bonitinha. Ela está fazendo de você um bichinho de estimação.

Lyra virou para o outro lado e fechou os olhos. Mas o que Pantalaimon tinha dito era verdade: ela vinha se sentindo presa e oprimida por aquela vida de boas maneiras, por mais luxuosa que fosse. A garota daria qualquer coisa por um dia com seus amigos moleques de Oxford, com uma batalha nos Barreiros e uma corrida ao longo do canal. A única coisa que lhe fazia ser educada e atenciosa com a Sra. Coulter era a tentadora esperança de ir para o Norte — talvez encontrassem Lorde Asriel, talvez ele e a Sra. Coulter se apaixonassem, se casassem e adotassem Lyra, e salvassem Roger dos Gobblers.

Na tarde da festa, a Sra. Coulter levou Lyra a um cabeleireiro da moda, onde seus rebeldes cachos louros foram amaciados e penteados, e suas unhas foram lixadas e pintadas; aplicaram-lhe até um pouco de maquilagem nos olhos e nos lábios, para ensinar como fazer isso. Depois elas foram buscar o vestido que a Sra. Coulter tinha mandado fazer para Lyra, e compraram sapatos de verniz; então chegou a hora de voltar para o apartamento, verificar as flores e se vestir.

Lyra saiu do quarto radiante com a sensação da sua própria formosura.

— A bolsa a tiracolo, não, querida — disse a Sra. Coulter.

Lyra tinha o hábito de levar sempre com ela uma bolsinha a tiracolo de couro branco, para ter o aletiômetro sempre perto. A Sra. Coulter, ajeitando um buquê de rosas que tinha sido mal colocado dentro de um vaso, viu que Lyra não se movia e olhou fixamente para a porta.

— Ah, por favor, Sra. Coulter, eu adoro esta bolsa!

— Não dentro de casa, Lyra. É absurdo usar uma bolsa a tiracolo em sua própria casa. Vá guardar isso imediatamente e venha me ajudar a verificar essas taças...

Não foi apenas o tom irritado como também as palavras "dentro de casa" que fizeram Lyra resistir com teimosia. Pantalaimon voou para o chão e imediatamente virou um gambá, arqueando as

costas contra as meias soquetes brancas que ela usava. Assim encorajada, Lyra disse:

— Mas ela não vai atrapalhar. E é a única coisa que eu gosto mesmo de usar. Acho que ela realmente combina com...

Ela não terminou a frase, pois o dimon da Sra. Coulter saltou do sofá como um raio dourado e prendeu Pantalaimon no tapete antes que ele pudesse se mover. Lyra soltou uma exclamação de susto, depois de medo e dor, enquanto Pantalaimon se contorcia, guinchando e rosnando, sem conseguir se soltar das garras do macaco dourado. Poucos segundos depois, o macaco o havia dominado: tinha uma das patas negras em volta da garganta de Pantalaimon e as duas patas traseiras prendendo as pernas do gambá; com a outra pata dianteira o macaco agarrou uma das orelhas de Pantalaimon e começou a puxá-la como se quisesse arrancá-la. Não parecia fazer aquilo com raiva, mas com uma força fria que era horrível de ver e ainda pior de sentir.

Lyra soluçava de terror.

— Não! Por favor! Pare de nos machucar!

A Sra. Coulter ergueu os olhos das flores.

— Então faça o que eu mando — disse.

— Eu prometo!

O macaco dourado largou Pantalaimon, como se de repente se sentisse entediado. Pantalaimon voou para Lyra, que o pegou no colo para acariciá-lo e beijá-lo.

— Agora, Lyra — disse a Sra. Coulter.

Lyra foi para seu quarto e bateu a porta, mas não demorou nem um instante e a porta estava aberta novamente e a Sra. Coulter estava parada a menos de um metro.

— Lyra, se você se comportar desta maneira grosseira e vulgar, vamos brigar, e eu vou vencer. Largue esta bolsa imediatamente. Desmanche esta careta desagradável. Nunca mais bata uma porta, na minha presença ou longe dela. Agora, os primeiros convidados vão chegar em poucos minutos, e vão achar você simpática, encantadora, inocente, educada, de comportamento impecável. Este é o meu desejo, está me entendendo, Lyra?

— Sim, Sra. Coulter.

— Então me dê um beijo.

Ela se inclinou e ofereceu a face; Lyra teve que ficar na ponta dos pés para beijá-la. Notou a maciez da pele e o cheiro leve e curioso da carne da Sra. Coulter: perfumado, mas um pouco metálico. Ela se afastou e colocou a bolsa sobre a penteadeira, antes de seguir a Sra. Coulter de volta à sala.

— O que está achando das flores, querida? — a Sra. Coulter perguntou como se nada tivesse acontecido. — Escolher rosas é garantia de não errar, mas o exagero pode ficar feio... Será que o pessoal do bufê trouxe gelo suficiente? Por favor, vá verificar. Bebida quente é *horrível*...

Lyra achou muito fácil fingir estar alegre e ser simpática, embora o tempo todo estivesse consciente da aversão de Pantalaimon e do ódio dele pelo macaco dourado. Em poucos minutos, soou a campainha da porta, e logo a sala estava repleta de senhoras vestidas com elegância e cavalheiros atraentes ou distintos. Lyra andava entre eles oferecendo canapés ou sorrindo com doçura e dando respostas bonitinhas quando falavam com ela. Ela se sentia um bichinho de estimação universal; e no instante em que pensou isso, Pantalaimon estendeu suas asas de pintassilgo e piou bem alto.

Ela sentiu a satisfação dele ao ter acertado, e ficou um pouco mais retraída.

— E onde estuda, querida? — perguntou uma dama idosa, examinando Lyra através de um pincenê.

— Não vou para a escola — respondeu Lyra.

— É mesmo? Pensei que sua mãe teria matriculado você na antiga escola dela. Um lugar *bastante* satisfatório...

Lyra ficou perplexa, até entender o engano da velha senhora.

— Ah, ela não é minha mãe! Eu sou só a assistente dela. Sou a secretária — disse, em tom importante.

— Entendo. E quem *são* seus pais?

Mais uma vez Lyra precisou de um tempo para entender o que ela queria dizer, antes de responder:

— Um conde e uma condessa. Morreram num acidente aeronáutico no Norte.

— Que conde?

— O Conde Belacqua. Ele era irmão de Lorde Asriel.

O dimon da dama, uma espécie de papagaio vermelho, mudou de um pé para o outro, como se estivesse irritado. A velha senhora estava começando a mostrar forte curiosidade, de modo que Lyra sorriu com doçura e seguiu em frente.

Estava passando por um grupo de homens e uma mulher jovem perto do sofá grande quando ouviu a palavra "Pó". A essa altura, ela já conhecia suficientemente a sociedade para perceber quando homens e mulheres estavam paquerando, e observava o processo com fascínio, embora ficasse mais fascinada pela menção do Pó, e ficou por ali para escutar. Os homens pareciam ser Catedráticos; pelo modo como a moça os interrogava, Lyra concluiu que ela era estudante.

— Quem descobriu foi um moscovita, um homem chamado Rusakov — dizia um homem de meia-idade, enquanto a moça o contemplava com admiração. — Se já souber dessas coisas, me avise. Bom, elas costumam ser chamadas de Partículas de Rusakov, por causa dele. Partículas elementares que não interagem com outras de maneira alguma. Muito difíceis de serem detectadas. Mas o extraordinário é que parece que elas são atraídas pelos seres humanos.

— É mesmo? — disse a jovem, arregalando os olhos.

— Ainda mais extraordinário: por alguns seres humanos mais do que por outros — prosseguiu ele. — Os adultos as atraem, mas não as crianças. Pelo menos não muito, e mesmo assim só depois da adolescência. Aliás, foi exatamente por isso... — Ele baixou a voz e chegou mais perto da moça, colocando a mão no ombro dela. — Foi exatamente por isso que o Conselho de Oblação foi criado. Aliás, como a nossa boa anfitriã poderia lhe contar.

— É mesmo? Ela está envolvida com o Conselho de Oblação?

— Minha cara, ela é o próprio Conselho de Oblação. O projeto é inteiramente dela...

O homem ia contar mais alguma coisa quando reparou em Lyra. Ela o encarou sem receio, e talvez ele tivesse bebido um pouco demais, ou talvez estivesse ansioso para impressionar a moça, pois disse:

— Esta senhorita sabe tudo sobre isso, aposto. Você está a salvo do Conselho de Oblação, não está, minha cara?

— Ah, sim — disse Lyra. — Aqui estou a salvo de todo mundo. Onde eu morava, em Oxford, havia todo tipo de coisas perigosas. Havia os gípcios, eles roubam crianças e vendem como escravas

para os turcos. E em Port Meadow, na lua cheia, há um lobisomem que sai do velho convento em Godstow. Uma vez eu escutei o uivo dele. E também os Gobblers...

— É disso que estou falando — interrompeu o homem. — É assim que chamam o Conselho de Oblação, não é?

Lyra sentiu Pantalaimon estremecer de repente, mas ele estava muito bem comportado. Os dimons dos dois adultos, uma gata e uma borboleta, pareciam não ter notado.

— Gobblers? — repetiu a moça. — Que nome estranho! Por que chamam de Gobblers?

Lyra estava prestes a contar a ela uma das histórias de arrepiar os cabelos que ela havia inventado para assustar os garotos de Oxford, mas o homem já estava falando.

— Deve ter sido por causa da lenda de um bicho devorador que come crianças. Ninguém sabe direito, nem o próprio Conselho de Oblação. Conselho Geral de Oblação... Uma ideia bem antiga, aliás. Na Idade Média, os pais davam os filhos para a Igreja, para serem monges ou freiras. E as coitadas das crianças eram conhecidas como oblatos. Significa um sacrifício, uma oferta, algo assim. De modo que essa ideia foi aproveitada quando estavam pesquisando esse negócio do Pó... como nossa amiguinha provavelmente sabe. Por que não vai conversar com Lorde Boreal? — acrescentou, falando diretamente com Lyra. — Tenho certeza de que ele gostaria de conhecer a protegida da Sra. Coulter... É aquele ali, o homem de cabelos grisalhos e um dimon-serpente.

Lyra sabia que ele queria se livrar dela para conversar mais tranquilamente com a jovem. Mas a moça, ao que parecia, ainda estava interessada em Lyra e se afastou do homem para conversar com ela.

— Espere um instante... qual é o seu nome?

— Lyra.

— Eu sou Adèle Starminster. Sou jornalista. Podemos conversar um pouco?

Achando muito natural que as pessoas quisessem conversar com ela, Lyra disse simplesmente:

— Sim.

O dimon-borboleta se ergueu no ar, voejando para a esquerda e a direita, e baixou um pouco para cochichar alguma coisa, e Adèle Starminster disse:

— Vamos até o banco da janela.

Era o lugar favorito de Lyra; dali podia ver o rio, e àquela hora da noite as luzes da margem oposta brilhavam acima de seus reflexos na água escura da maré alta. Uma fila de balsas subia o rio, puxada por um rebocador. Adèle Starminster se sentou e deslizou pela almofada para deixar lugar para Lyra.

— O Professor Docker disse que você tem uma certa ligação com a Sra. Coulter.

— É verdade.

— Que ligação é? Você não é filha dela, ou algo assim? Acho que eu deveria conhecer...

— Não! Claro que não. Sou a secretária dela — Lyra esclareceu.

— Secretária dela? Você é um pouco novinha para isso, não é? Pensei que fosse uma parenta, ou coisa assim. Como ela é?

— É muito inteligente — disse Lyra. Antes dessa noite, ela teria dito muito mais, porém as coisas estavam mudando.

— Sim, mas pessoalmente — insistiu Adèle Starminster. — Quero dizer, ela é amigável, ou impaciente, ou o quê? Você mora aqui com ela? Como ela é na vida particular?

— É muito boazinha — disse Lyra, inabalável.

— Que tipo de coisas você faz? Como é o seu trabalho?

— Faço cálculos, coisas assim. Para navegação, por exemplo.

— Ah, entendo... E de onde você vem? Como é mesmo o seu nome?

— Lyra. Venho de Oxford.

— Por que a Sra. Coulter escolheu você para...

De repente ela emudeceu, porque a Sra. Coulter em pessoa tinha aparecido ao lado dela. Pelo modo como Adèle Starminster olhou para ela, e pela agitação da borboleta esvoaçando em volta da cabeça da jornalista, Lyra entendeu que a jovem não fora convidada para a festa.

— Não sei o seu nome, mas vou descobrir dentro de cinco minutos, e então você nunca mais vai trabalhar como jornalista — disse a Sra. Coulter em voz baixa. — Agora se levante com muita calma, sem fazer cena, e vá embora. Devo acrescentar que quem quer que tenha trazido você aqui vai sofrer também.

A Sra. Coulter parecia estar carregada de alguma espécie de força anbárica. Chegava a ter um cheiro diferente: um cheiro quente, como metal aquecido, saía de seu corpo. Lyra sentira um pouco dele mais cedo, mas agora ela o via dirigido a outra pessoa, e a pobre Adèle Starminster não teve forças para resistir. Seu dimon caiu em seu ombro e bateu duas vezes as lindas asas antes de desmaiar, e a própria mulher parecia incapaz de ficar em pé. Com passos tortos e as costas ligeiramente curvadas, ela passou pelos convidados que conversavam ruidosamente e saiu pela porta da sala. Com uma das mãos agarrada ao ombro, ela amparava o dimon desfalecido.

— Bem? — a Sra. Coulter disse para Lyra.

— Não contei nada de importante — Lyra falou.

— O que ela estava perguntando?

— Só o que eu faço e quem eu sou, coisas assim.

Enquanto falava, Lyra percebeu que a Sra. Coulter estava sozinha, sem seu dimon. Como podia ser isso? Mas, no momento seguinte, o macaco dourado apareceu ao lado dela e, inclinando-se, ela pegou a mão dele e num gesto gracioso o puxou para seu ombro. No mesmo instante, ela pareceu tranquila novamente.

— Se encontrar qualquer pessoa que obviamente não foi convidada, querida, por favor me procure e me avise, está bem?

O cheiro quente de metal estava desaparecendo. Talvez Lyra tivesse apenas imaginado aquilo. Ela sentia novamente o perfume da Sra. Coulter, e as rosas, e a fumaça da cigarrilha, e o perfume das outras mulheres. A Sra. Coulter deu a Lyra um sorriso que parecia dizer “Você e eu compreendemos essas coisas, não é?”, e se afastou para conversar com os convidados.

Pantalaimon cochichou no ouvido de Lyra:

— Enquanto ela estava aqui, o dimon dela estava saindo do nosso quarto. Andou espionando por lá. Ele sabe do aletiômetro!

Lyra sentiu que isso provavelmente era verdade, mas nada podia fazer a respeito. O que aquele Catedrático estava dizendo sobre os Gobblers? Olhou em volta à procura dele, mas, no mesmo instante em que o avistou, o porteiro (usando nessa noite um traje de criado) e outro homem tocaram no ombro do Professor e falaram com ele em voz baixa; ele empalideceu e os seguiu para fora da sala. Aquilo não levou mais que dois segundos, e foi feito de forma tão discreta que quase ninguém percebeu. Mas deixou Lyra aflita e se sentindo exposta.

Ela ficou andando pelas duas amplas salas onde a festa estava acontecendo, mal ouvindo as conversas à sua volta, meio interessada no sabor dos coquetéis que não tinha permissão de experimentar, e cada vez mais preocupada. Não havia percebido que alguém a estava observando até que o porteiro surgiu ao seu lado e se inclinou para dizer:

— Srta. Lyra, o cavalheiro perto da lareira gostaria de conversar com você. Se você não sabe, ele é o Lorde Boreal.

Lyra olhou para o outro lado da sala. O homem grisalho de aparência poderosa olhava diretamente para ela; quando os olhares se encontraram, ele assentiu e a chamou com um gesto.

De má vontade, mas agora bastante interessada, ela atravessou a sala.

— Boa noite, filha — disse ele. Sua voz era suave e cheia de autoridade. A cabeça escamosa e os olhos cor de esmeralda do seu dimon-serpente cintilavam à luz da luminária de cristal na parede vizinha.

— Boa noite — respondeu Lyra.

— Como vai meu velho amigo, o Reitor da Jordan?

— Muito bem, obrigada.

— Imagino que todos tenham ficado tristes quando você partiu.

— Ficaram, sim.

— E a Sra. Coulter está mantendo você ocupada? O que ela está lhe ensinando?

Por estar se sentindo revoltada e inquieta, Lyra não respondeu a esta pergunta paternalista com a verdade, ou com um dos costumeiros produtos da sua imaginação, mas disse:

— Estou aprendendo tudo sobre as Partículas Rusakov e sobre o Conselho de Oblação.

Ele imediatamente pareceu se concentrar, como se pode concentrar o facho de uma lanterna anbárica. Toda a atenção dele jorrava sobre ela com força.

— E se você me contar o que sabe? — disse ele.

— Estão fazendo experiências no Norte — Lyra contou. Agora estava se sentindo ousada. — Como o Dr. Grumman.

— Continue.

— Eles têm uma espécie de fotograma especial onde se pode ver o Pó, e quando a gente vê um homem, parece que a luz toda está indo para ele, e nenhuma para uma criança. Pelo menos, não muita.

— A Sra. Coulter lhe mostrou um fotograma assim?

Lyra hesitou, pois isso não era mentir, e sim outra coisa, em que ela não tinha prática.

— Não — respondeu depois de um instante. — Eu vi na Faculdade Jordan.

— Quem foi que lhe mostrou?

— Ele não estava mostrando para *mim* — Lyra admitiu. — Eu estava passando e vi. E então meu amigo Roger foi levado pelo Conselho de Oblação. Mas...

— Quem lhe mostrou o fotograma?

— O meu tio Asriel.

— Quando?

— Na última vez que ele esteve na Faculdade Jordan.

— Entendo. E que mais você andou aprendendo? Será que ouvi você mencionar o Conselho de Oblação?

— Foi, sim. Mas não ouvi isso dele, ouvi aqui.

O que era a pura verdade, ela pensou.

Ele a estudava com os olhos apertados. Ela devolveu o olhar com toda a inocência que possuía. Finalmente ele assentiu.

— Então a Sra. Coulter deve ter resolvido que você está pronta para ajudá-la nesse trabalho. Interessante. Você já tomou parte?

— Não — disse Lyra.

Ela pensava: de que ele está falando? Pantalaimon, com esperteza, tinha a sua forma mais inexpressiva, uma mariposa, e não poderia delatar os sentimentos dela; e ela estava certa de que conseguiria manter a expressão inocente.

— E ela lhe contou o que acontece com as crianças?

— Não, isso ela não me contou. Eu só sei que tem a ver com o Pó, e elas são uma espécie de sacrifício.

Também isso não era exatamente uma mentira, ela pensou; afinal, não tinha dito que a Sra. Coulter lhe contara isso.

— "Sacrifício" é uma palavra meio forte. O que é feito é para o bem delas, assim como para o nosso. E é claro que todas acompanham a Sra. Coulter por vontade própria. É por isso que ela é tão preciosa. Elas têm que querer fazer parte, e que criança poderia resistir a ela? E se ela vai usar você também para trazê-las, melhor ainda. Estou muito contente.

Ele deu um sorriso como o da Sra. Coulter: como se ambos compartilhassem um segredo. Ela sorriu de volta educadamente, e ele se virou para conversar com outra pessoa.

Ela e Pantalaimon podiam sentir o horror um do outro. Ela queria ficar sozinha e conversar com ele; tinha vontade de ir embora; queria voltar para a Faculdade Jordan e para seu quartinho humilde na Escadaria Doze; queria encontrar Lorde Asriel...

E como em resposta a esse desejo, ela ouviu o nome dele ser mencionado, e com o pretexto de se servir de um canapé numa bandeja sobre a mesa, se aproximou do grupo que conversava ali perto. Um homem com a púrpura de bispo estava dizendo:

— ... Não, eu não acho que Lorde Asriel vai nos incomodar por bastante tempo.

— E onde mesmo ele está preso?

— Na fortaleza de Svalbard, me disseram. Vigiado pelos *panserbjornes*, sabem, os ursos de armadura. Criaturas formidáveis! Ele não vai conseguir escapar nem em mil anos. O fato é que eu realmente acho que o caminho está bem aberto...

— As últimas experiências confirmaram o que eu sempre acreditei: que o Pó é uma emanação do próprio princípio das trevas e...

— Será que estou detectando a heresia zoroastriana?

— O que *costumava* ser uma heresia...

— E se pudéssemos isolar o princípio das trevas...

— Você disse Svalbard?

— Ursos de armadura...

— O Conselho de Oblação...

— As crianças não sofrem, tenho certeza disso...

— Lorde Asriel prisioneiro...

Lyra tinha ouvido o suficiente. Ela se virou, e silenciosa como a mariposa Pantalaimon, foi para o seu quarto e fechou a porta, abafando o barulho da festa.

— E então? — cochichou, e Pantalaimon se tornou um pintassilgo no ombro dela.

— Vamos fugir? — ele cochichou em resposta.

— Claro. Se formos agora, com toda essa gente, ela pode demorar a perceber.

— Mas *ele* vai perceber.

Pantalaimon estava falando do dimon da Sra. Coulter. Quando Lyra pensava naquela figura dourada e esguia, ela sentia náuseas de medo.

— Desta vez vou lutar com ele — afirmou Pantalaimon corajosamente. — Eu posso mudar, e ele não pode; vou mudar tão depressa que ele não vai conseguir me segurar. Desta vez eu vou vencer, você vai ver.

Lyra concordou distraidamente. Que roupa deveria vestir? Como poderia sair sem ser vista?

— Você vai ter que ir espiar — cochichou. — Assim que o caminho estiver livre nós teremos que correr. Seja mariposa — acrescentou. — Não esqueça, quando ninguém estiver olhando...

Ela abriu uma fresta da porta, e ele saiu, um pontinho escuro contra a luz quente e rósea do corredor.

Enquanto isso, ela vestia as roupas mais quentes que possuía e enfiava mais algumas numa das bolsas de seda carbonífera comprada na loja elegante que elas haviam visitado naquela mesma tarde. A Sra. Coulter tinha lhe dado dinheiro como se, em vez de moedas, fossem bombons, e embora Lyra tivesse gastado muito, ainda sobraram vários soberanos, que ela colocou no bolso do seu casaco de pele de lobo.

Finalmente ela guardou o aletiômetro dentro do pedaço de veludo preto. Teria aquele macaco abominável encontrado o aparelho? Certamente que sim; com certeza tinha contado à Sra. Coulter; ah, se o tivesse escondido melhor...

Foi na ponta dos pés até a porta. Por sorte seu quarto dava para o final do corredor mais perto da entrada, e a maioria dos convidados estava nas duas salas mais distantes. Havia o som de vozes conversando em voz bem alta, risos, o ruído abafado de uma descarga sanitária, o tilintar de copos; e então uma vozinha de mariposa disse em seu ouvido:

— Agora! Depressa!

Ela se esgueirou pela porta e saiu para a entrada, e em menos de três segundos estava abrindo a porta da frente do apartamento. Um instante depois já passara por ela, fechando-a atrás de si, e com Pantalaimon novamente como pintassilgo, ela correu para as escadas e fugiu dali.

6

As Tarrafas



ELA caminhou depressa, se afastando do rio, porque a calçada ao longo da margem era larga e bem iluminada. Havia uma confusão de ruelas entre aquele lugar e o Régio Instituto do Polo Ártico, que era o único lugar que Lyra tinha certeza de conseguir localizar, e foi nesse labirinto escuro que ela penetrou.

Se ao menos conhecesse Londres tão bem quanto conhecia Oxford! Então saberia as ruas a serem evitadas, ou onde conseguiria comida, ou, melhor que tudo, em que porta bater para conseguir abrigo. Naquela noite fria, os becos escuros à sua volta estavam repletos de movimento e segredos, e ela não sabia nada sobre isso.

Pantalaimon virou um gato-do-mato, passando a examinar a escuridão com seus olhos que enxergavam no escuro. A todo momento, ele parava, ficava arrepiado, e ela desviava da ruela em que estava prestes a entrar. A noite estava cheia de ruídos; gargalhadas de bêbados, duas vozes estridentes se elevando numa canção, estalidos e rangidos vindos de alguma máquina mal lubrificada num porão qualquer. Lyra caminhava cuidadosamente por isso tudo, mantendo-se nas sombras e nos becos estreitos, seus sentidos aumentados e misturados com os de Pantalaimon.

De vez em quando, ela precisava atravessar uma rua mais larga, bem iluminada, onde os bondes zumbiam e faiscavam sob seus fios anbáricos. Havia regras para atravessar as ruas londrinas, mas ela não dava atenção a isso, e quando alguém gritava, ela fugia.

Era ótimo estar livre outra vez! Ela sabia que Pantalaimon, caminhando com seus passinhos de gato-do-mato a seu lado, sentia a mesma alegria por estar ao ar livre, mesmo sendo o poluído ar londrino, carregado de fumaça e fuligem, e repleto de barulho. Eles logo teriam que refletir sobre o significado do que tinham ouvido no apartamento da Sra. Coulter, mas ainda não era o momento. E em algum momento teriam que encontrar um lugar para dormir.

Numa esquina onde havia uma grande loja de departamentos, com vitrines cujo brilho se espelhava na calçada molhada, havia também uma banca de café: uma barraquinha sobre rodas com um balcão sob a janela de madeira que se abria para cima e ficava como um toldo. Lá dentro brilhava uma luz amarela, e o cheiro do café se espalhava pelo ar. O proprietário, de jaleco branco, estava debruçado sobre o balcão, conversando com dois ou três fregueses.

Aquilo era tentador; Lyra estava andando havia uma hora, e a noite estava fria e úmida. Com Pantalaimon transformado em pardal, ela foi até o balcão e levantou a mão para chamar a atenção do proprietário.

— Um café e um sanduíche de presunto — pediu.

— Está na rua até tarde, minha cara — disse um cavalheiro de cartola e cachecol de seda.

— É — disse ela, virando de costas para observar o movimentado cruzamento.

Num teatro ali perto, o espetáculo terminara e grupos de pessoas ocupavam a calçada iluminada, chamando os táxis aos gritos, vestindo os sobretudos. Na outra direção ficava a entrada de uma Estação de Trem Ctônico, com muita gente subindo e descendo a escada.

— Pronto, meu bem — disse o dono da barraca. — São dois xelins.

— Deixe que eu pago — ofereceu o homem de cartola.

Lyra pensou: por que não? Consigo correr mais depressa que ele, e mais tarde posso precisar de todo o meu dinheiro. O homem de cartola jogou uma moeda no balcão e sorriu para ela. Seu dimon era uma lêmure; agarrada à lapela dele, ela encarava Lyra de olhos arregalados.

Lyra mordeu o sanduíche, com os olhos voltados para o movimento da rua. Não tinha ideia de onde estava, porque nunca havia visto um mapa de Londres e sequer sabia o tamanho da cidade e se teria que caminhar muito para chegar ao campo.

— Qual é o seu nome? — o homem perguntou.

— Alice.

— Que lindo nome. Me deixe colocar uma gotinha disso no seu café... Para esquentar...

Ele estava tirando a tampa de um frasco de prata.

— Não gosto — protestou ela. — Gosto só de café.

— Aposto que nunca tomou conhaque assim antes.

— Tomei, sim. Vomitei tudo. Tomei uma garrafa inteira, ou quase.

— Como quiser — disse o homem, colocando o conhaque em seu próprio café. — Aonde está indo, assim sozinha?

— Vou me encontrar com meu pai.

— E quem é ele?

— É um assassino.

— Ele é o quê?

— Já disse, um assassino. É a profissão dele. Está fazendo um trabalho esta noite. Estou trazendo roupas limpas para ele, porque em geral ele fica coberto de sangue no final de um trabalho.

— Ah, você está brincando.

— Não estou, não.

A lêmure soltou um miado baixo e passou para trás da cabeça do homem, de onde ficou espiando Lyra. Sem se perturbar, a menina bebeu o café e comeu o resto do sanduíche.

— Boa noite — disse finalmente. — Estou vendo papai chegando. Ele parece meio zangado.

O homem de cartola olhou em volta, e Lyra partiu na direção da multidão em frente ao teatro. Por mais que tivesse vontade de conhecer o Trem Ctônico (que a Sra. Coulter tinha dito que não era para pessoas de sua classe social), ela estava com medo de ficar presa debaixo da terra; melhor ficar ao ar livre, onde poderia correr se precisasse.

Prosseguiu em sua caminhada pelas ruas cada vez mais escuras e desertas. Estava garoando, mas, mesmo se não houvesse nuvens no céu da cidade, as luzes não iam deixar ver as estrelas. Pantalaimon achava que estavam indo para o norte, mas quem poderia ter certeza?

Ruas e mais ruas, de casinhas de tijolos idênticas, com quintais onde só cabia uma lata de lixo; grandes e sombrias fábricas atrás de cercas de arame, com uma única luz anbárica no alto de um muro e um vigia noturno cochilando junto ao seu braseiro; de vez em quando um oratório desolado, que só se diferenciava de um armazém pelo crucifixo na fachada. Ela experimentou a porta de um deles, e ouviu um gemido vindo de um banco a um metro dela, na escuridão. Percebeu que a entrada do oratório estava repleta de vultos adormecidos, e fugiu.

— Onde é que vamos dormir, Pantalaimon? — ela perguntou, enquanto desciam uma rua de lojas fechadas.

— Numa soleira qualquer.

— Mas não quero que me vejam, e elas são tão abertas...

— Há um canal ali embaixo...

Ele estava olhando para uma rua lateral à esquerda. Realmente, uma mancha de brilho escuro denunciava água, e quando os dois foram cautelosamente até lá, encontraram um porto na margem de um canal onde cerca de uma dúzia de balsas estavam amarradas aos ancoradouros, algumas altas na água, outras mais afundadas sob o peso da carga, perto dos guindastes que mais pareciam forcas. Uma luz fraca brilhava na janela de uma cabana de madeira, e um fio de fumaça subia da chaminé de metal; fora isso, as únicas luzes ficavam no alto — na parede de um armazém ou na cabine de um guindaste —, deixando as partes mais baixas na escuridão. Nos ancoradouros, havia pilhas de barris com álcool de carvão, pilhas de grandes troncos redondos, rolos de cabos cobertos de borracha.

Lyra foi na ponta dos pés até a cabana e olhou pela janela. Um velho estava lendo com dificuldade um jornal de história em quadrinhos e fumando um cachimbo, com seu dimon-spaniel dormindo enrodilhado sobre a mesa. Enquanto Lyra espiava, o homem se levantou e foi buscar no fogão de ferro uma chaleira escurecida, e colocou um pouco de água numa caneca rachada, antes de tornar a se acomodar com o jornal.

— Será que devemos pedir para ele nos deixar entrar, Pan? — ela sussurrou.

Mas ele estava ocupado, se transformando em morcego, depois em coruja, depois novamente em gato-do-mato; ela olhou em volta, sentindo o pânico dele, e então os viu ao mesmo tempo que ele: dois homens correndo para ela, um de cada lado, o mais próximo segurando uma tarrafa.

Pantalaimon soltou um grito agudo e se transformando em leopardo pulou sobre a raposa de aparência feroz que era o dimon do homem mais próximo, jogando-a para trás, de modo que a raposa caiu sobre as pernas do homem. O homem xingou e se desviou para o lado, e Lyra passou correndo por ele, na direção da área aberta do ancoradouro; o que não podia era ficar encurralada num canto.

Pantalaimon, agora uma águia, mergulhou sobre ela e gritou:

— À esquerda! À esquerda!

Ela se desviou para aquele lado e viu um espaço aberto entre os barris de álcool de carvão e o final de um barracão de chapas de ferro, e disparou para lá.

Mas aquelas tarrafas!

Ela ouviu um assobio no ar, e alguma coisa caiu sobre ela como um chicote, picando dolorosamente no rosto, e cordões imundos de piche ficaram enrolados por sua cabeça, seus braços, suas mãos, prendendo-a; ela caiu no chão, rosnando e lutando em vão.

— Pan! Pan!

Mas o dimon-raposa atacou o Pantalaimon-gato, e Lyra sentiu a dor em sua própria carne, e soltou um grito forte e soluçado quando ele caiu. Um homem começou a enrolar a rede em volta das pernas dela, da garganta, do corpo, da cabeça, rolando-a de um lado para outro no chão. Ela estava indefesa, exatamente como uma mosca sendo enrolada pelo fio da aranha. O coitado do Pan estava se arrastando em sua direção, com o dimon-raposa lhe atacando as costas, e não tinha forças sequer para mudar de forma; e o outro homem estava deitado numa poça, com uma flecha atravessada no pescoço...

O mundo inteiro ficou imóvel quando o homem que a enrolava na rede também viu.

Pantalaimon se levantou até ficar sentado e pestanejou, e então houve um ruído baixo e seco, e o homem da tarrafa caiu, engasgado e ofegante, bem por cima de Lyra, que gritou de horror: havia sangue jorrando de dentro dele!

Passos apressados, e alguém arrastou o homem para longe e se inclinou sobre ele; então outras mãos colocaram Lyra em pé, uma faca cortou e puxou, e os fios da tarrafa caíram um por um, e ela se soltou, cuspindo, e correu para se ajoelhar junto a Pantalaimon.

Nessa posição, ela virou a cabeça para olhar os recém-chegados. Três homens morenos, um deles armado com um arco, os outros com facas; quando a viu, o arqueiro levou um susto.

— Não é a Lyra?

A voz era familiar, mas ela não a reconheceu até que ele avançou um passo, e uma luz próxima mostrou seu rosto e o dimon-falcão no ombro dele. Então ela o reconheceu: um gípcio! Um gípcio de Oxford!

— Sou Tony Costa — ele explicou. — Lembra? Você brincava com meu irmãozinho Billy nos barcos em Jericó, antes de os Gobblers pegarem ele.

— Ah, meu Deus, Pan, estamos salvos! — ela soluçou.

Mas então um pensamento lhe veio à cabeça: tinha sido dos Costa o barco que ela roubara; e se ele se lembrasse?

— É melhor vir com a gente — ele disse. — Está sozinha?

— Estou. Eu fugi...

— Tá bem, não fale agora. Fique quieta. Jaxer, leve os corpos para um lugar escuro. Kerim, fique de olho.

Lyra se levantou, Pantalaimon-gato-do-mato no colo. Ele tentava girar o corpo para ver alguma coisa; ela seguiu o olhar dele, compreendendo e de repente curiosa também: o que tinha acontecido aos dimons dos mortos? Eles estavam esmaecendo, essa era a resposta; se apagando e se dispersando no ar como átomos de fumaça, embora se esforçassem para ficar agarrados aos homens. Pantalaimon desviou o olhar, e Lyra correu às cegas atrás de Tony Costa.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou.

— Quieta, garota. Já temos problemas suficientes. Vamos conversar no barco.

Ele a levou por uma pontezinha de madeira para o coração do porto. Os outros dois homens os acompanhavam silenciosamente. Tony seguiu ao longo da beira do cais e saiu para um píer de

madeira; passou para um barco estreito e abriu a porta da cabine.

— Entre depressa — instruiu.

Lyra obedeceu, apalpando a bolsa (que não soltara nem uma vez, mesmo presa na rede) para ter certeza de que o aletiômetro ainda estava lá. Na cabine comprida e estreita, à luz de uma lamparina presa num gancho, ela viu uma mulher forte e corpulenta, de cabelos grisalhos, sentada a uma mesa com um jornal. Lyra reconheceu a mãe de Billy.

— Quem é esta? — a mulher quis saber. — Ora, será a Lyra?

— Isso mesmo. Mamãe, temos que sair daqui. Matamos dois homens lá no porto. Pensamos que eram Gobblers, mas acho que eram mercadores turcos. Tinham agarrado a Lyra. Vamos deixar a conversa para depois, quando estivermos em movimento.

— Venha cá, criança — chamou Mamãe Costa.

Lyra obedeceu, meio feliz, meio apreensiva, pois Mãe Costa tinha mãos como porretes, e agora ela tinha certeza: fora mesmo o barco deles que ela capturara com Roger e outros amigos das faculdades. Mas a mulher colocou as mãos de cada lado do rosto de Lyra, e seu dimon — um enorme cachorro cinzento que parecia um lobo — se inclinou para lamber delicadamente a cabeça de gato-do-mato de Pantalaimon. Então Mãe Costa rodeou Lyra com seus braços enormes e a apertou contra os seios.

— Não sei o que você tá fazendo aqui, mas parece cansadinha. Pode usar a cama do Billy, depois que eu lhe der alguma coisa quente para beber. Sente aqui, criança.

Parecia que o ato de pirataria tinha sido perdoado, ou pelo menos esquecido. Lyra deslizou pela almofada do banco atrás de uma mesa de tampo de pinho enquanto o ronco baixo do motor a gasolina sacudia o barco.

— Aonde vamos? — Lyra perguntou.

Mãe Costa estava colocando uma panela de leite sobre o fogão de ferro e cutucando por entre a grade para avivar o fogo.

— Para longe daqui. Não fale agora. Vamos conversar de manhã.

E não disse mais nada; entregou uma xícara de leite quente a Lyra e subiu para o convés quando o barco se pôs em movimento, trocando cochichos com os homens de vez em quando. Lyra bebeu o leite devagar e ergueu uma ponta da cortina para observar os ancoradouros escuros que passavam pela janela. Minutos depois estava dormindo profundamente.

Despertou numa cama estreita, com o reconfortante ronco do motor soando lá embaixo. Ela se sentou, bateu com a cabeça, soltou um palavrão, tateou em volta e se levantou com mais cuidado. Uma luz cinzenta permitia ver três outras camas, todas vazias e bem arrumadas, uma abaixo da dela e as outras duas do outro lado da minúscula cabine. Ela percebeu que estava usando apenas suas roupas de baixo, e viu o vestido e o casaco de pele de lobo dobrados na ponta da cama, junto com a bolsa. O aletiômetro ainda estava lá.

Vestiu-se depressa e saiu pela porta no fundo do compartimento, indo para a cozinha do barco, onde estava mais quente por causa do fogão. Não havia ninguém ali. Pelas janelas, ela viu um lençol de neblina espessa, com formas escuras que poderiam ser prédios ou árvores.

Antes que pudesse subir para o convés, a porta de saída se abriu, e Mãe Costa desceu, enrolada num velho casaco de lã escocesa, sobre o qual a umidade tinha formado milhares de pequenas pérolas.

— Dormiu bem? — perguntou, pegando uma frigideira. — Agora vá se sentar fora do meu caminho e eu vou lhe fazer um café da manhã. Não fique aí de pé; isso aqui é muito apertado.

— Onde estamos? — Lyra perguntou.

— No Canal Grand Junction. Você fique escondida, criança. Não quero ver você lá fora. Temos problemas.

Ela colocou duas fatias de bacon e um ovo na frigideira.

— Que tipo de problemas?

— Nada que a gente não consiga resolver, se você ficar escondida.

E não quis dizer mais nada até Lyra ter acabado de comer. Em certo momento, o barco diminuiu a velocidade e alguma coisa bateu na lateral dele, e ela ouviu vozes masculinas irritadas; então uma piada de alguém fez com que rissem, as vozes se afastaram e o barco retomou seu caminho.

Dali a pouco Tony Costa desceu para a cabine. Como a mãe, ele tinha pérolas de umidade na roupa e sacudiu a touca de lã sobre o fogão para fazer as gotas saltarem sobre a chapa quente.

— O que vamos dizer a ela, Mãe?

— Perguntar primeiro, contar depois.

Ele serviu café numa xícara de lata e se sentou. Era um homem forte e sério, e à luz do dia Lyra viu em seu rosto uma expressão de tristeza.

— Certo — ele concordou. — Agora você vai nos contar o que fazia em Londres, Lyra. Pensávamos que tinha sido levada pelos Gobblers.

— Eu estava morando com uma dama, certo, então...

Com dificuldade Lyra juntou e arrumou sua história, como se estivesse preparando um baralho para uma partida. Contou tudo a eles, menos sobre o aletiômetro.

— E então ontem à noite na tal festa eu descobri o que eles faziam mesmo. A Sra. Coulter faz parte dos Gobblers, e ia me usar para ajudar a pegar mais crianças. E o jeito de fazer isso é...

Mãe Costa saiu da cabine e foi para o convés. Tony esperou até que ela fechasse a porta e disse:

— Sabemos o que eles fazem. Pelo menos uma parte. Sabemos que elas não voltam. As crianças são levadas para o Norte, bem longe, e eles fazem experiências com elas. No princípio, a gente achava que testavam doenças e remédios, mas não há motivo para começar isso de repente, há dois ou três anos. Então ficamos achando que eram os tártaros, talvez algum acordo secreto que estivessem fazendo lá pela Sibéria; porque os tártaros querem ir para o Norte tanto quanto o resto, por causa do álcool de carvão e das minas de fogo, e os boatos de guerra começaram antes dos Gobblers. E achamos que os Gobblers estivessem usando as crianças para subornar os chefes tártaros, porque os tártaros comem crianças, não é? Assam e comem.

— Essa não!

— Comem, sim. Têm muitas outras coisas para contar. Você já ouviu falar nos Nälkäinens?

— Não, nunca. Nem pela Sra. Coulter. Quem são eles?

— Um tipo de fantasma que existe lá em cima naquelas florestas. São do tamanho de uma criança, mas não têm cabeça. De noite se guiam pelo tato, e se a pessoa está dormindo na floresta eles pegam e não soltam por nada neste mundo. Essa palavra, nälkäinen, vem do Norte. E os chupadores de ar também são perigosos. Ficam deslizando pelo ar. Às vezes a gente encontra um monte deles boiando, ou presos nos galhos. Assim que eles tocam na pessoa, ela perde toda a força. A gente não consegue ver esses fantasmas, só uma espécie de ondulação no ar. E os sem-ar...

— Quem são eles?

— São guerreiros semimortos. Estar vivo é uma coisa, estar morto é outra, mas estar meio-morto é pior que tudo. Eles não conseguem morrer e não podem mais viver. Ficam vagando para sempre. São chamados de sem-ar por causa do que fazem a eles.

— O quê? — perguntou Lyra de olhos arregalados.

— Os tártaros do norte abrem as costelas deles e tiram os pulmões. Fazer isso é uma arte; os guerreiros não morrem, mas seus pulmões só trabalham quando seus dimons os bombeiam manualmente, de modo que o resultado é que estão sempre no meio do caminho entre respirar e não respirar, entre a vida e a morte. Estão meio-mortos, entende? E os dimons deles têm que bombear dia e noite, para não morrerem junto com os guerreiros. Dizem que às vezes na floresta a gente encontra um pelotão inteiro de sem-ar. E existem também os *panserbjornes*, já ouviu falar? Significa ursos de armadura. São uma espécie de ursos polares, só que...

— É, já ouvi falar deles! Ontem à noite um dos homens disse que o meu tio, o Lorde Asriel, está preso numa fortaleza vigiado pelos ursos de armadura.

— É mesmo? E o que seu tio estava fazendo por lá?

— Explorando. Mas pelo jeito que o homem estava falando, acho que meu tio não está do lado dos Gobblers. Acho que estavam felizes por ele estar preso.

— Bom, ele não vai conseguir fugir se os ursos de armadura estiverem vigiando. São como mercenários, sabe o que isso quer dizer? Vendem sua força para quem pagar. Têm mãos como os homens, e há muito tempo aprenderam o segredo de trabalhar o ferro, principalmente o ferro meteórico, e fazem grandes folhas e chapas para se cobrirem. Há séculos eles atacam os escraelingues. São assassinos ferozes, absolutamente impiedosos. Mas respeitam a palavra dada. Quem faz um acordo com um *panserbjorne* pode confiar.

Lyra pensou nesses horrores com temor.

— Mamãe não gosta de ouvir falar no Norte — Tony acrescentou depois de alguns minutos. — Por causa do que pode ter acontecido com o Billy. Sabemos que eles levaram o Billy para o Norte, entende?

— Como sabem disso?

— Pegamos um dos Gobblers e o obrigamos a falar. Foi assim que soubemos um pouco do que eles fazem. Aqueles dois ontem à noite não eram Gobblers; eram desajeitados demais. Se fossem Gobblers, a gente ia pegar eles vivos. Sabe, nós, o povo gípcio, nós fomos os mais atingidos por esses Gobblers, e estamos nos juntando para resolver o que vamos fazer. Era o que a gente estava fazendo naquele porto essa noite, abastecendo, porque vamos fazer uma grande reunião nos Pântanos, o que a gente chama de Encontro. E o que eu acho é que vamos mandar um grupo de resgate, depois que ouvirmos o que os outros gípcios sabem, depois que juntarmos nossos conhecimentos. É o que eu faria, se fosse o John Faa.

— Quem é John Faa?

— O rei dos gípcios.

— E vocês vão mesmo salvar as crianças? E quanto ao Roger?

— Quem é Roger?

— O ajudante de cozinha da Faculdade Jordan. Ele foi levado no mesmo dia que o Billy, na véspera de eu vir embora com a Sra. Coulter. Aposto que se eu fosse presa ele ia me salvar. Se vocês vão salvar o Billy, eu quero ir também e salvar o Roger.

“E o tio Asriel também”, ela pensou, mas não falou sobre isso.

7

John Faa



AGORA que tinha uma missão pela frente, Lyra se sentia muito melhor. Ajudar a Sra. Coulter tinha sido muito bom, mas Pantalaimon tinha razão: ela não estava trabalhando de verdade, era apenas um bichinho de estimação. No barco gípcio, havia trabalho de verdade a fazer, e a Mãe Costa fazia com que ela trabalhasse: Lyra limpava e varria, descascava batatas e fazia chá, lubrificava os rolamentos do eixo da hélice, mantinha limpa a grade protetora da hélice, lavava pratos, abria comportas, amarrava o barco nos trapiches, e em poucos dias estava tão à vontade nessa vida nova como se tivesse nascido gípcia.

O que ela não percebia era que os Costa estavam o tempo todo alertas, observando se as pessoas nas margens demonstravam sinais de interesse em Lyra. Embora não tivesse consciência disso, ela era importante, e a Sra. Coulter e o Conselho de Oblação certamente estariam procurando por ela em toda parte. Realmente, Tony ouviu, nas fofocas dos bares ao longo do caminho, que a polícia estava revistando casas, fazendas, canteiros de obras e fábricas sem qualquer explicação, embora houvesse um boato de que estavam procurando uma menina sumida. E isso era estranho, considerando que tantas crianças tinham sumido sem terem sido procuradas. Tanto os gípcios quanto as pessoas de terra estavam ficando cada vez mais nervosos e agitados.

E havia outra razão para o interesse dos Costa em Lyra, mas ela só saberia disso alguns dias depois.

Assim, mantinham a menina na cabine sempre que passavam pela casa de um guardador de comporta ou por um porto de canal, ou onde quer que pudesse haver gente. Uma vez passaram por uma cidade onde a polícia estava revistando todos os barcos que vinham pelo canal, prendendo o trânsito em ambas as direções. Mas os Costa sabiam como enfrentar esse tipo de coisa: havia um

compartimento secreto debaixo da cama de Mãe Costa, onde Lyra ficou apertada durante duas horas, enquanto a polícia percorria o barco de uma ponta a outra, inutilmente.

— Mas por que os dimons deles não me encontraram? — ela perguntou depois.

Mamãe mostrou o forro do esconderijo: cedro, que tinha um efeito sonífero nos dimons; e era verdade, pois Pantalaimon tinha passado o tempo todo dormindo tranquilamente junto à cabeça de Lyra.

Lentamente, com muitas paradas e muitos desvios, o barco dos Costa se aproximava dos Pântanos, aquela vasta extensão nunca inteiramente desbravada, com céus imensos e pântanos infindáveis, na Anglia oriental. A borda do terreno se misturava aos riachos e lagoas de maré do mar raso, e o outro lado do mar se confundia com a Holanda; e partes dos Pântanos tinham sido drenadas e fechadas com diques pelos holandeses, alguns dos quais haviam se estabelecido lá, de modo que a língua nos Pântanos tinha muita influência holandesa. Mas algumas áreas não foram drenadas, plantadas ou desbravadas, e nas regiões centrais — as mais selvagens, onde enguias deslizavam e pássaros aquáticos se juntavam, onde sinistros fogos-fátuos tremeluziam e criaturas atraíam os viajantes descuidados para a morte nos pântanos — o povo gípcio sempre encontrara segurança para se reunir.

E agora, através de mil canais, regatos e cursos d'água serpenteantes, barcos gípcios seguiam para o Byanplats, a única área de terreno ligeiramente mais alto em meio às centenas de quilômetros quadrados de pântanos e atoleiros. Havia lá uma espécie de auditório num pavilhão antigo, feito de madeira, com algumas moradias permanentes em volta, cais e píeres e um Mercado de Enguias. Quando um Encontro era marcado, quando havia uma convocação de gípcios, tantos barcos enchiam os cursos d'água que uma pessoa podia caminhar mais de um quilômetro em qualquer direção passando de um barco a outro — era o que se dizia. Os gípcios mandavam nos Pântanos; ninguém mais ousava entrar lá, e, como os gípcios mantinham a paz e comerciavam com honestidade, as autoridades terrestres faziam vista grossa ao contrabando incessante e às disputas ocasionais. Se o cadáver de um gípcio aparecia numa praia levado pela maré, ou vinha numa rede de pesca, bem, era só um gípcio.

Lyra escutava fascinada as histórias dos habitantes dos Pântanos, do grande cão-fantasma Concha Negra, dos fogos-fátuos subindo das bolhas de óleo de feiticeira, e mesmo antes de chegarem aos Pântanos ela já começava a se sentir uma gípcia. Logo voltou a ter o sotaque de Oxford, e agora estava pegando o sotaque gípcio, inclusive com algumas palavras em pântano-holandês. Mãe Costa teve que lhe recordar algumas coisas:

— Você não é gípcia, Lyra. Com alguma prática poderia passar por gípcia, mas não é só a língua gípcia; dentro de nós há coisas muito fortes. Nós somos totalmente um povo da água, e você não é, você é do fogo. O que mais parece com você é o fogo-fátuo, é o lugar que você tem no esquema gípcio; você tem óleo de feiticeira na alma. Enganadora é o que você é, criança.

Lyra ficou magoada.

— Nunca enganei ninguém! A senhora pergunte...

Não havia a quem perguntar, naturalmente, e Mãe Costa riu, mas com bondade.

— Não está vendo que estou lhe fazendo um elogio, sua bobinha?

Ouvindo isso, Lyra se acalmou, embora não tivesse entendido.

Chegaram ao Byanplats à tardinha, e o sol estava prestes a se pôr num céu manchado de vermelho. A ilha baixa e o Zaal estavam acocorados de encontro à luz, como o amontoado de

construções em volta; fios de fumaça subiam no ar parado, e dos numerosos barcos apinhados em volta deles vinham cheiros de peixe fritando, de folha de fumo, de gim.

Atracaram perto do Zaal, num lugar que Tony disse ter sido usado por várias gerações da sua família. Logo Mãe Costa pôs a frigideira para funcionar, com duas gordas enguias sibilando e espirrando gordura, e ferveu água para preparar o purê de batata em pó. Tony e Kerim passaram óleo nos cabelos, colocaram suas melhores jaquetas de couro e lenços azuis no pescoço, encheram os dedos de anéis de prata e foram cumprimentar alguns velhos amigos nos barcos vizinhos e beber alguma coisa no bar mais próximo. Voltaram com novidades importantes.

— Chegamos bem na hora. O Encontro vai ser esta noite mesma. E estão dizendo na cidade, imaginem só, estão dizendo que a criança desaparecida está num barco gípcio e que vai aparecer esta noite no Encontro!

Ele riu alto e despenteou os cabelos de Lyra. Desde que tinham entrado nos Pântanos, ele vinha ficando cada vez mais bem-humorado, como se a expressão feroz que seu rosto mostrava fosse apenas um disfarce. E Lyra sentiu a excitação crescer em seu peito enquanto comia às pressas e lavava a louça antes de pentear os cabelos, enfiando o aletiômetro dentro do bolso do casaco de pele de lobo e saltando para terra com todas as outras famílias que subiam a ladeira para o Zaal.

Ela achava que Tony estava brincando. Logo descobriu que ele não estava, ou então ela se parecia menos com uma gípcia do que havia imaginado, pois muita gente ficou olhando para ela, e as crianças apontavam; quando chegaram aos grandes portões do Zaal, estavam caminhando isolados no meio de uma multidão de pessoas que se afastaram deles para poderem observar e para lhes dar espaço.

Então Lyra começou a ficar nervosa de verdade. Não saiu de perto de Mãe Costa, e para tranquilizá-la Pantalaimon tomou sua forma de pantera, a maior que conseguia tomar. Mãe Costa subiu os degraus como se nada no mundo pudesse obrigá-la a parar ou a andar mais depressa, e Tony e Kerim caminhavam orgulhosamente, como príncipes, um de cada lado.

O auditório estava iluminado por lamparinas de nafta, que permitiam que se visse bem os rostos e os corpos das pessoas, mas deixavam as imensas traves do telhado ocultas na escuridão. Aqueles que estavam entrando tinham que se esforçar para encontrar lugar no chão, pois os bancos já estavam lotados; mas as famílias se apertavam para abrir espaço, as crianças iam para o colo e os dimons se enrodilhavam debaixo dos bancos ou se empoleiravam fora do caminho, nas rústicas paredes de madeira.

Na frente do Zaal, havia um tablado com oito cadeiras de madeira entalhada. Enquanto Lyra e os Costa encontravam lugar de pé ao longo da parede do auditório, oito homens surgiram das sombras atrás do tablado e pararam diante das cadeiras. Uma onda de excitação percorreu a plateia enquanto as pessoas pediam silêncio ou tentavam se sentar nas extremidades dos bancos próximos. Finalmente tudo ficou em silêncio e sete dos homens no tablado se sentaram.

O único que ficou de pé tinha mais de 70 anos, mas era alto e forte, com pescoço musculoso. Usava paletó de lonita e camisa quadriculada, como muitos gípcios; não havia nada nele que o distinguisse, além do ar de poder e autoridade. Lyra reconheceu esse ar: tio Asriel o tinha, e também o Reitor da Jordan. O dimon desse homem era uma gralha muito parecida com o corvo-fêmea do Reitor.

— Este é John Faa, o chefe dos gípcios do Oriente — Tony cochichou.

John Faa começou a falar devagar, em voz profunda.

— Gípcios! Bem-vindos ao Encontro. Viemos escutar e viemos decidir. Todos vocês sabem a razão: há muitas famílias aqui que perderam um filho. Algumas perderam dois. Alguém está levando essas crianças. É verdade que os da terra também estão perdendo crianças. Nesse ponto nossa situação não é muito diferente.

Fez uma pausa e continuou:

— Ora, andam falando de uma criança e de uma recompensa. Eis a verdade, para acabar com as fofocas: o nome da criança é Lyra Belacqua, e ela está sendo procurada pela polícia terrestre. Há uma recompensa de mil soberanos para quem entregar a garota. Ela é uma criança dos terrestres, está sob os nossos cuidados e assim vai continuar. Qualquer pessoa que se sentir tentada por esses mil soberanos é melhor que vá encontrar um lugar para se esconder que não seja nem na terra, nem na água. Não vamos entregar a criança.

Lyra sentiu que estava ficando vermelha desde a raiz dos cabelos até a sola do pé; Pantalaimon virou uma mariposa marrom para se esconder. Todos os olhos estavam voltados para eles, e ela só conseguiu olhar para Mãe Costa em busca de segurança.

Mas John Faa estava falando novamente:

— Por mais que a gente converse, não vai mudar nada. Se quisermos mudar as coisas, vamos ter que agir. Eis mais um fato para vocês: os Gobblers, esses ladrões de crianças, estão levando seus prisioneiros para uma cidade no extremo Norte, bem lá dentro da terra das trevas. Não sei o que fazem com elas lá. Algumas pessoas dizem que matam, outras dizem outra coisa. Não sabemos. O que sabemos é que eles fazem isso com a ajuda da polícia terrestre e dos padres. Todos os poderes em terra estão ajudando. Não esqueçam disso: eles sabem o que está acontecendo e ajudam sempre que podem.

Depois de outra pausa, ele continuou:

— Então o que estou propondo não é fácil. Preciso da autorização de vocês. Estou propondo que a gente mande um bando de guerreiros para o Norte para libertar as crianças e trazer todas de volta vivas. Estou propondo que a gente use o nosso ouro e toda a esperteza e a coragem que conseguirmos juntar. Sim, Raymond van Gerrit?

Um homem na plateia havia levantado a mão, e John Faa se sentou para deixá-lo falar.

— Com licença, Lorde Faa. Lá tem crianças terrestres também, além das gípcias. Está dizendo que a gente vai salvar essas também?

John Faa ficou de pé para responder.

— Raymond, você está dizendo que a gente devia passar por todo tipo de perigo para chegar a um grupinho de crianças assustadas e então dizer para algumas delas que elas vão voltar para casa e dizer para as outras que elas têm que ficar? Não, você é bondoso demais para isso. Bem, temos a aprovação de todos, meus amigos?

A pergunta pegou todo mundo de surpresa, pois houve um instante de hesitação; mas então um rugido encheu o salão, e as pessoas começaram a bater palmas de braços estendidos, sacudir o punho fechado, levantar a voz num clamor excitado. As traves do Zaal estremeceram, e de seus poleiros lá em cima na escuridão um bando de pássaros que dormiam despertaram apavorados e bateram asas, provocando uma pequena precipitação de poeira.

John Faa deixou o clamor prosseguir por um minuto, depois ergueu a mão pedindo silêncio.

— Vai levar algum tempo para organizar isso tudo. Quero que os chefes das famílias façam uma coleta e reúnam homens. Tornaremos a nos reunir daqui a três dias. Enquanto isso, vou

conversar com a criança e com Farder Coram, e fazer um plano para apresentar a vocês. Boa noite para todos.

Sua presença forte, simples e imponente teve o poder de acalmar a multidão. As pessoas começaram a sair pelos grandes portões para o frio da noite, voltando para seus barcos ou indo encher os bares do pequeno povoado. Lyra perguntou a Mãe Costa:

— Quem são os outros homens no tablado?

— Os chefes das seis famílias, e o outro homem é Farder Coram.

Era fácil entender o que ela queria dizer com "o outro homem", porque ele era o mais idoso ali. Caminhava com uma bengala e durante todo o tempo que estivera sentado atrás de John Faa ele tremera como se tivesse febre.

— Venha, é melhor levar você para cumprimentar John Faa. Você deve chamá-lo de Lorde Faa. Não sei o que ele vai perguntar, mas trate de dizer a verdade.

Pantalaimon era um pardal agora, cheio de curiosidade, empoleirado no ombro de Lyra, as garras cravadas no casaco de pele de lobo, enquanto ela acompanhava Tony através da multidão até o tablado.

Foi ele que a suspendeu e colocou em cima do tablado. Sentindo que todos que ainda estavam no salão olhavam para ela, e consciente daqueles mil soberanos que de repente ela passara a valer, Lyra ficou vermelha e hesitou. Pantalaimon saltou para o colo dela e se transformou num gato-do-mato, sibilando baixinho enquanto olhava em volta com expressão vigilante.

Lyra sentiu um empurrão e caminhou na direção de John Faa. Ele era sério, enorme, sem expressão no rosto, era mais como uma coluna de pedra do que um homem, mas se abaixou e estendeu a mão para ela apertar. Quando ela colocou a mão na dele, sua mãozinha quase desapareceu.

— Seja bem-vinda, Lyra — disse ele.

De perto ela sentia a voz dele ressoar como a própria terra. Teria ficado amedrontada se não fosse por Pantalaimon, e pelo fato de que a expressão pétrea de John Faa tinha se amenizado um pouco. Ele estava sendo delicado com ela.

— Obrigada, Lorde Faa — ela respondeu.

— Agora venha à sala das conversas e vamos ter uma conversa — disse John Faa. — Estão alimentando você direito, os Costa?

— Ah, estão, sim. Comemos enguias no jantar.

— As verdadeiras enguias dos Pântanos, eu imagino.

A sala das conversas era um lugar confortável, com uma grande lareira acesa, prateleiras carregadas de prata e porcelana e uma mesa pesada escurecida pelos anos, tendo em volta 12 cadeiras.

Os outros homens no tablado não estavam ali, mas o ancião trêmulo estava. John Faa o ajudou a se sentar.

— Agora você se sente aqui à minha direita — John Faa disse a Lyra.

Ele se sentou à cabeceira, e Lyra ficou bem em frente a Farder Coram. Sentia um pouco de medo do rosto encaveirado e do tremor contínuo dele. O dimon dele era uma linda gata com as cores do outono, enorme, que atravessou a mesa com andar elegante, de cauda erguida, e examinou Pantalaimon, encostando o focinho no dele antes de se acomodar no colo de Farder Coram, entrecerrar os olhos e começar a ronronar baixinho.

Uma mulher que Lyra não tinha notado saiu das sombras com uma bandeja cheia de copos que deixou junto a John Faa, fez uma leve reverência e saiu. John Faa serviu pequenos cálices de aguardente de cereais de um frasco de pedra para si mesmo e para Farder Coram, e vinho para Lyra.

— Quer dizer, Lyra, que você fugiu — disse John Faa.

— Foi.

— E quem era a dama de quem você fugiu?

— O nome dela é Sra. Coulter. E eu achava que ela era boa, mas descobri que ela é dos Gobblers. Ouvi alguém dizendo o que os Gobblers eram, eles eram chamados de Conselho Geral de Oblação, e ela estava encarregada de tudo, era tudo ideia dela. E todos eles estavam planejando uma coisa, sei lá o que era, só sei que iam me fazer ajudar a pegar as crianças para ela. Mas eles não sabiam...

— O que eles não sabiam?

— Bom, primeiro, não sabiam que eu conhecia umas crianças que eles roubaram. Meu amigo Roger, que era ajudante de cozinha na Jordan, e Billy Costa, e uma menina do Mercado Coberto em Oxford. E outra coisa... o meu tio, sabe, o Lorde Asriel, eu ouvi quando falaram das viagens dele para o Norte, e não acho que ele tenha alguma coisa a ver com os Gobblers. Porque eu espionei o Reitor e os Catedráticos da Jordan, sabe, me escondi na Sala Privativa onde ninguém pode entrar além deles, e ouvi quando ele contou a todos sobre a expedição para o Norte, e o Pó que ele viu, e ele trouxe de volta a cabeça de Stanislaus Grumman, os tártaros tinham feito um buraco nela. E agora os Gobblers prenderam ele em algum lugar. Os ursos de armadura estão vigiando ele. E eu quero ir salvar ele.

Ali sentada, pequenina contra o encosto alto da cadeira entalhada, ela parecia feroz e decidida. Os dois anciãos não conseguiram reprimir um sorriso, mas, enquanto o sorriso de Farder Coram era uma expressão hesitante, rica e complicada que tremulou pelo seu rosto como um raio de sol perseguindo sombras num dia ventoso de final de inverno, o sorriso de John Faa era lento, cálido, simples e bondoso.

— É melhor você nos contar o que ouviu seu tio dizer naquela noite — pediu John Faa. — Não deixe nada de fora, está ouvindo? Conte tudo para nós.

Lyra assim fez, mais lentamente do que tinha contado aos Costa, porém com mais franqueza; tinha medo de John Faa, e o que mais temia nele era a bondade. Quando ela terminou, Farder Coram falou pela primeira vez. Tinha a voz rica e musical, com tantos tons quantas eram as cores do pelo de seu dimon.

— Esse Pó, eles alguma vez usaram outro nome para ele, Lyra?

— Não, só Pó. A Sra. Coulter me contou o que era, partículas elementares, foi o que ela falou.

— E eles acham que fazendo alguma coisa com crianças eles vão conseguir descobrir mais sobre isso?

— É. Mas não sei o que é. Meu tio... Esqueci de contar uma coisa. Quando ele estava mostrando os fotogramas, ele tinha um outro. Era a Orora...

— Era o quê? — interrompeu John Faa.

— A Aurora Boreal — disse Farder Coram. — Não é isso, Lyra?

— É isso aí. E nas luzes da tal Orora dava pra ver que tinha uma cidade. Cheia de torres e igrejas e cúpulas e tal. Era um pouco como Oxford, pelo menos eu achei. E o tio Asriel, ele estava

mais interessado nisso, eu acho, mas o Reitor e os outros Catedráticos estavam mais interessados no Pó, como a Sra. Coulter e o Lorde Boreal e eles.

— Entendo — disse Farder Coram. — Isso é muito interessante.

— Agora, Lyra, eu vou lhe contar uma coisa — disse John Faa. — Farder Coram, ele é um sábio. Um vidente. Ele vem acompanhando tudo que está acontecendo com o Pó e os Gobblers e Lorde Asriel e tudo, e vem acompanhando *você*. Toda vez que os Costa iam para Oxford, ou meia dúzia de outras famílias também, eles traziam algumas notícias. Sobre você, menina. Sabia disso?

Lyra sacudiu a cabeça. Estava começando a ficar assustada. Pantalaimon estava rosnando baixo demais para alguém ouvir, mas ela sentia o rosnado dele nas pontas dos dedos enfiados nos pelos dele.

— Ah, sim, tudo que você fazia vinha parar aqui nos ouvidos de Farder Coram.

Lyra não conseguiu se controlar:

— Nós não *estragamos* nada! Juro! Foi só um pouquinho de lama! E não fomos muito longe...

— De que está falando, menina? — perguntou John Faa.

Farder Coram riu. Quando ria, seu tremor cessava e seu rosto ficava jovem e brilhante.

Mas Lyra não estava rindo. Com lábios trêmulos ela disse:

— E mesmo que a gente tivesse encontrado a rolha, não íamos tirar ela! Era só uma brincadeira. Não íamos afundar o barco, nunca!

Então John Faa começou a rir também. Deu um tapa tão forte na mesa que os copos tilintaram, e seus ombros enormes estremeceram, e ele teve que enxugar as lágrimas dos olhos. Lyra nunca vira uma coisa como aquela, nunca ouvira uma gargalhada assim; era como uma montanha gargalhando.

— É, sim — ele disse, quando conseguiu falar. — Nós ouvimos essa história também, garotinha! Eu soube que depois disso os Costa não vão a lugar nenhum sem que escutem piadinhas. É melhor deixar um vigia no seu barco, Tony, dizem. Temos garotas ferozes por aqui! Ora, esse caso se espalhou por toda parte nos Pântanos, filha. Mas não vamos castigar você por isso. Não, não! Fique tranquila.

Ele olhou para Farder Coram, e os dois tornaram a rir, mas de um jeito menos exagerado. E Lyra se sentiu bem e segura.

Finalmente John Faa sacudiu a cabeça e ficou de novo sério.

— Eu estava dizendo, Lyra, que conhecemos você desde pequena. Desde bebê. Você devia saber o que nós sabemos. Não posso imaginar o que eles lhe contaram na Faculdade Jordan sobre de onde você veio, mas eles não conhecem toda a verdade. Alguma vez lhe contaram quem eram os seus pais?

Agora Lyra estava inteiramente atordoada.

— Contaram, sim — respondeu. — Disseram que eu era... disseram que eles... disseram que Lorde Asriel me levou para lá quando meu pai e minha mãe morreram num acidente de aeronave. Foi o que me disseram.

— Ah, foi? Bem, menina, vou lhe contar uma história, mas uma história real. Sei que é real porque uma gípcia me contou, e todos eles dizem a verdade a John Faa e a Farder Coram. Então é a verdade sobre você, Lyra. Seu pai não morreu num acidente de aeronave, porque seu pai é o Lorde Asriel.

Lyra estava pasma. John Faa continuou:

— Foi assim que aconteceu: quando era rapaz, Lorde Asriel saiu explorando todo o Norte e voltou com uma grande fortuna. E era um homem temperamental, que se zangava facilmente, um homem apaixonado.

"E sua mãe, ela também era apaixonada. Não tão bem-nascida quanto ele, mas uma mulher inteligente. Estudiosa, e aqueles que a viam diziam que era muito bonita. Ela e seu pai se apaixonaram assim que se conheceram.

"Mas acontece que sua mãe já era casada. Era casada com um político. Ele era do partido do Rei, um de seus homens de confiança. Um político em ascensão.

"Ora, quando sua mãe descobriu que estava grávida, teve medo de contar ao marido que a criança não era dele. E quando você nasceu, não era nada parecida com o marido dela, e sim com o seu pai verdadeiro, e ela achou melhor esconder você e dizer que o bebê havia morrido.

"Então levaram você para Oxfordshire, onde o seu pai tinha propriedades, e a entregaram para uma mulher gípcia criar. Mas alguém contou tudo ao marido da sua mãe, e ele veio voando e invadiu a cabana onde a gípcia estivera, só que ela havia fugido para a casa grande; e o marido enganado foi atrás, com intenções assassinas.

"Seu pai estava caçando, mas ficou sabendo e voltou o mais rápido que pôde, chegando a tempo de encontrar o marido da sua mãe ao pé da grande escada; mais um minuto e ele teria forçado a porta do armário onde a gípcia estava escondida com você, mas Lorde Asriel o desafiou e eles duelaram ali mesmo, e Lorde Asriel o matou.

"A mulher gípcia ouviu e viu tudo, Lyra, e foi assim que soubemos.

"A consequência foi um enorme processo judicial. Seu pai não é o tipo de homem de esconder ou negar a verdade, e isso criou um problema para os juízes. Ele tinha matado, sim, derramara sangue, mas estava defendendo seu lar e sua filha de um invasor. Por outro lado, a lei permite que um homem vingue a violação do seu casamento, e os advogados do morto alegaram que era isso que ele estava fazendo.

"O processo se arrastou durante semanas, com horas de discussão. No fim, os juízes puniram Lorde Asriel confiscando todas as propriedades e as terras dele, deixando-o pobre; e ele tinha sido mais rico que um rei.

"Quanto à sua mãe, ela não quis saber de nada, nem de você. Deu as costas a tudo isso. A gípcia me disse que muitas vezes ela teve medo pensando em como a sua mãe ia tratar você, porque era uma mulher orgulhosa e cheia de desprezo. Agora chega de falar dela.

"E além disso havia você. Se as coisas tivessem sido diferentes, Lyra, você poderia ter crescido como gípcia, porque a gípcia implorou ao tribunal que deixassem você com ela; mas nós, gípcios, somos pouco considerados pela lei. O tribunal decidiu que você seria colocada num Convento, e assim você foi para as Irmãs da Obediência em Watlington. Você não se lembra.

"Mas Lorde Asriel não permitiu isso. Ele odiava abades, monges e freiras, e sendo um homem impulsivo, ele um dia apareceu e levou você embora de lá. Não para cuidar ele mesmo, nem para dar aos gípcios; levou você para a Faculdade Jordan e desafiou a lei a tirar você de lá.

"Bem, a lei deixou as coisas por isso mesmo. Lorde Asriel voltou para as suas explorações, e você cresceu na Faculdade Jordan. A única coisa que ele, seu pai, disse, a única condição que impôs, foi que sua mãe não podia visitar você. Se alguma vez tentasse, teria que ser impedida, e ele teria que ser informado, porque toda a raiva que havia em sua natureza tinha se voltado contra ela. O Reitor prometeu fazer isso. E o tempo passou.

“Então começou toda essa aflição por causa do Pó. E no país inteiro, no mundo inteiro, sábios e sábias começaram também a se preocupar. Para nós, gípcios, isso não tinha a menor importância, até que começaram a levar nossas crianças. Foi quando começamos a nos interessar. E temos ligações em lugares que você nem imaginaria, inclusive na Faculdade Jordan. Você não sabia, mas havia uma pessoa tomando conta de você e nos contando tudo desde que você foi para lá. Porque temos interesse em você, e aquela mulher que a criou, ela nunca deixou de se preocupar com você.”

— Quem é que tomava conta de mim? — Lyra quis saber.

Ela estava se sentindo imensamente importante e estranhava que os seus atos pudessem preocupar pessoas tão afastadas dela.

— Era um criado da cozinha. Bernie Johansen, o confeiteiro. Ele é meio gípcio. Você não sabia disso, aposto.

Bernie era um homem bondoso, solitário, uma das raras pessoas que têm o dimon do mesmo sexo. Foi com Bernie que ela havia gritado em desespero quando Roger tinha sido levado. E Bernie contava tudo aos gípcios! Ela ficou impressionada. John Faa continuou:

— Bem, nós ouvimos dizer que você ia sair da Faculdade Jordan, e que nessa mesma ocasião Lorde Asriel estava preso e não poderia impedir. E nos lembramos do que ele dissera ao Reitor para jamais fazer, e nos lembramos que o homem com quem sua mãe tinha se casado, o tal político que Lorde Asriel matou, se chamava Edward Coulter.

— A Sra. Coulter... — disse Lyra, sem querer acreditar. — Ela não é a minha mãe, é?

— É, sim. E se o seu pai estivesse livre, ela jamais teria a ousadia de desafiá-lo, e você ainda estaria na Jordan sem saber de nada. Mas o que o Reitor pretendia, deixando você ir embora, é um mistério que não consigo explicar. Ele estava encarregado de tomar conta de você. Só posso imaginar que ela tenha algum poder sobre ele.

Lyra entendeu de repente o curioso comportamento do Reitor na manhã da sua partida.

— Mas ele não queria... — ela começou, tentando se lembrar exatamente. — Ele... ele mandou me chamar de manhã bem cedo, e eu não podia contar à Sra. Coulter... era como se ele quisesse me proteger da Sra. Coulter...

Ela se interrompeu e olhou atentamente para os dois homens; então resolveu contar toda a verdade sobre a Sala Privativa.

— Sabem, tem outra coisa. Naquela noite que me escondi na Sala Privativa, vi o Reitor tentar envenenar Lorde Asriel. Vi quando ele colocou um pozinho no vinho, e eu contei ao meu tio e ele derrubou a garrafa da mesa e derramou o vinho. Quer dizer que eu salvei a vida dele. Nunca entendi por que o Reitor queria envenenar Lorde Asriel, que sempre foi tão bom. Então, na manhã em que fui embora, ele me chamou cedinho à sala das conversas, eu tive que ir escondido para que ninguém ficasse sabendo, e ele disse... — Lyra se concentrou para tentar recordar exatamente o que o Reitor tinha dito, mas não adiantou. Ela sacudiu a cabeça. — A única coisa que consegui entender foi que ele me deu uma coisa que eu tinha que esconder dela, da Sra. Coulter. Acho que não tem problema contar para vocês...

Lyra enfiou a mão no bolso do casaco de pele de lobo e tirou o embrulho de veludo. Ela o colocou sobre a mesa e sentiu sobre ele, como um holofote, a curiosidade simples e sólida de John Faa e a inteligência cintilante de Farder Coram.

Quando ela desembrulhou o aletiômetro, foi Farder Coram quem falou primeiro:

— Nunca pensei que ia tornar a ver um desses. É um leitor de símbolos. Ele lhe contou alguma coisa sobre isso, filha?

— Não. Só disse que eu ia ter que descobrir sozinha como fazer isso funcionar. E chamou de aletiômetro.

— Que quer dizer isso? — John Faa perguntou, se voltando para o companheiro.

— Acho que vem do grego *alétheia*, que quer dizer "verdade". É um medidor de verdade. E você descobriu como é que se usa? — perguntou à menina.

— Não. Consigo fazer os três ponteiros menores apontarem para figuras diferentes, mas não consigo controlar o ponteiro grande. Ele se mexe para toda parte. A não ser às vezes, é, sim, às vezes, quando estou bem concentrada, consigo fazer o ponteiro grande ir para um lado ou outro só pensando.

— O que ele faz, Farder Coram? E como é que se lê? — John Faa perguntou.

Farder Coram segurou delicadamente o instrumento na direção do olhar forte de John Faa e disse:

— Todas essas figuras ao redor da borda são símbolos, e cada um deles tem vários significados. A âncora, por exemplo: o primeiro significado dela é esperança, porque a esperança nos prende como uma âncora, de modo que a gente não cede. O segundo significado é firmeza. O terceiro significado é impedimento, ou prevenção. O quarto é o mar. E assim por diante, com dez, 12, talvez uma série infinita de significados.

— E você conhece todos?

— Conheço alguns, mas para ler tudo eu precisaria do livro. Já vi o livro e sei onde ele está, mas não está comigo.

— Depois falaremos sobre isso; continue a explicar como se lê — pediu John Faa.

— Existem esses três ponteiros que podemos controlar, e são usados para fazermos uma pergunta. Apontando para três símbolos, se pode fazer qualquer pergunta, porque cada uma tem muitos níveis. Depois de feita a pergunta, o ponteiro grande gira e aponta para outros símbolos, que darão a resposta.

— Mas como ele sabe em qual nível a gente está pensando quando faz a pergunta? — John Faa quis saber.

— Ah, ele sozinho não sabe. Só funciona se quem pergunta pensar nesses níveis. Primeiro é preciso conhecer todos os significados, e deve haver mais de mil. Depois tem que conseguir manter os níveis na mente sem perder a paciência, e ficar observando os movimentos do ponteiro grande. Quando ele tiver dado uma volta completa, a pessoa saberá qual é a resposta. Sei como isso funciona porque já vi um sábio em Uppsala mexendo com um desses, e foi a única vez que vi. Sabe que eles são raríssimos?

— O Reitor me disse que só seis foram fabricados — Lyra contou.

— Sejam quantos forem, são pouquíssimos.

— E você guardou segredo da Sra. Coulter, como o Reitor pediu? — John Faa perguntou.

— Guardei, sim. Mas o dimon dela, sabem, ele costumava entrar no meu quarto. E ele descobriu, eu tenho certeza.

— Entendo. Bem, Lyra, não sei se algum dia vamos chegar a compreender tudo, mas tenho um palpite, nada mais que isso: Lorde Asriel encarregou o Reitor de tomar conta de você e não deixar sua mãe chegar perto. E foi o que ele fez, por mais de dez anos. Então os amigos da Sra. Coulter na

Igreja ajudaram sua mãe a criar esse tal de Conselho de Oblação, ainda não sabemos com que intenção, e ela ficou tão poderosa quanto Lorde Asriel. Seus pais, os dois poderosos, os dois ambiciosos, e o Reitor da Jordan mantendo você no meio entre eles.

"Bom, o Reitor tem mil coisas para cuidar; sua primeira preocupação é a faculdade e o aprendizado lá, de modo que se surgir uma ameaça, ele tem que agir contra ela. E a Igreja, ultimamente, Lyra, tem ficado mais autoritária. Criaram conselhos disso e daquilo; estão falando em reviver o Ofício da Inquisição, Deus me livre. E o Reitor tem que pisar com cuidado entre todos esses poderes. Tem que manter a Faculdade Jordan nas graças da Igreja, senão ela não vai sobreviver.

"Outra preocupação do Reitor é você, minha filha. Bernie Johansen sempre foi muito claro sobre isso: o Reitor da Jordan e os outros Catedráticos amam você como se fosse filha. Fariam qualquer coisa para que você fique em segurança, não só porque prometeram a Lorde Asriel, mas por sua causa também. Então, se o Reitor entregou você à Sra. Coulter depois de prometer a Lorde Asriel que não faria isso, ele deve ter achado que você estaria mais segura com ela do que na Faculdade Jordan, apesar das aparências. E quando ele resolveu envenenar Lorde Asriel, deve ter achado que as coisas que Lorde Asriel estava fazendo iam colocar todos eles em perigo, e talvez todos nós também; talvez o mundo inteiro. Considero o Reitor um homem que tem que fazer escolhas terríveis; seja qual for a sua escolha, isso vai causar dano; mas, talvez, se ele fizer a coisa certa, o dano será um pouco menor do que se ele escolher de maneira errada. Deus me livre de ter que fazer esse tipo de escolha.

"E quando as coisas chegaram ao ponto de ter que deixar você partir, ele lhe deu o leitor de símbolos e pediu que você o guardasse. Fico me perguntando o que ele pretendia que você fizesse com o instrumento; como você não sabe fazer a coisa funcionar, não entendo o que ele estava querendo."

— Ele disse que tio Asriel deu o aletiômetro de presente à Faculdade Jordan há muitos anos — Lyra contou. — Ia dizer mais alguma coisa, mas bateram na porta, e ele teve que parar. O que eu achei foi que ele podia querer que eu escondesse o aletiômetro de Lorde Asriel também.

— Ou o contrário — opinou John Faa.

— Como assim, John? — quis saber Farder Coram.

— Ele podia estar pretendendo pedir a Lyra para devolver isto a Lorde Asriel, como uma espécie de compensação por tentar envenená-lo. Pode ter achado que o perigo que Lorde Asriel representava tinha passado. Ou que Lorde Asriel conseguiria tirar algum proveito deste instrumento e desistir da sua intenção. Se Lorde Asriel está preso agora, isso poderia ajudar a libertá-lo. Bem, Lyra, é melhor você guardar em segurança este leitor de símbolos. Se conseguiu até agora, não me preocupo. Mas pode chegar a hora de precisarmos consultá-lo, e então vamos pedir que nos empreste.

Ele embrulhou o instrumento no veludo e deslizou-o por cima da mesa. Lyra queria fazer todo tipo de perguntas, mas de repente ficou tímida diante daquele homenzarrão de olhos tão vivos e bondosos no rosto cheio de rugas.

Mas uma coisa ela precisava perguntar.

— Quem foi a mulher gípcia que me amamentou?

— Ora, foi a mãe de Billy Costa, é claro. Ela não iria contar a você porque eu não permiti, mas sabe qual é o assunto desta nossa conversa. Aliás, é melhor você voltar para ela agora. Tem muita coisa em que pensar, filha. Daqui a três dias vamos ter outro encontro e discutir o que se há de fazer. Comporte-se. Boa noite, Lyra.

— Boa noite, Lorde Faa. Boa noite, Farder Coram — ela disse educadamente, apertando o aletiômetro contra o peito com uma das mãos e pegando Pantalaimon com a outra.

Ambos os anciãos sorriram para ela com bondade. Do lado de fora da sala, Mãe Costa estava à espera e, como se nada tivesse acontecido desde que Lyra nascera, a gípcia a levantou em seus braços enormes e a beijou antes de levá-la para a cama.

8

FRUSTRAÇÃO



LYRA tinha que digerir aquela nova história da sua vida, e para isso precisava de tempo. Ver Lorde Asriel como seu pai era uma coisa, mas aceitar a Sra. Coulter como sua mãe não era assim tão fácil. Alguns meses antes, ela teria gostado, sabia disso também, e ficava confusa.

Mas, sendo Lyra, não se preocupou muito tempo com isso, pois havia a cidade do Pântano para explorar e muitas crianças gípcias para impressionar. Antes de passado o prazo de três dias, ela era especialista — pelo menos se considerava — em manejar a vara que impulsionava os barcos e tinha reunido um bando de crianças contando histórias de seu pai poderoso que fora preso injustamente.

— E então uma noite o Embaixador da Turquia foi convidado para jantar na Jordan. E ele tinha ordens do próprio Sultão para matar o meu pai, certo, e tinha no dedo um anel com uma pedra oca cheia de veneno. E quando chegou o vinho, ele esticou o braço por cima da taça do meu pai e deixou o veneno cair dentro dela. Fez isso tão depressa que ninguém viu, mas...

— Que tipo de veneno? — quis saber uma menina de rosto magro.

— Veneno de uma serpente turca muito especial, que eles atraem tocando flauta e depois jogam em cima uma esponja encharcada de mel; a serpente morde e não consegue desprender os dentes, eles então tiram o veneno dela. De qualquer maneira, meu pai tinha visto o que o turco fez e disse: "Senhores, quero fazer um brinde pela amizade entre a Faculdade Jordan e a Faculdade de Izmir" (que era a faculdade do Embaixador turco). "E para mostrar nossa boa vontade de sermos amigos, vamos trocar de taças, cada um bebendo o vinho do outro." O Embaixador ficou enrascado, porque não podia recusar sem cometer uma ofensa mortal, e não podia beber porque sabia que o vinho estava envenenado. Ele ficou pálido e desmaiou ali mesmo. Quando voltou a si, eles estavam ainda todos sentados, esperando e olhando para ele. E então ele tinha que beber o veneno ou então confessar tudo.

— Então que foi que ele fez?

— Ele bebeu. Levou cinco minutos inteiros para morrer, e sofreu o tempo todo.

— Você viu isso tudo acontecer?

— Não, porque meninas não têm permissão para se sentar na Mesa Principal. Mas vi o corpo dele, depois. A pele estava toda enrugada, como uma maçã velha, e os olhos tinham saltado. Tiveram que enfiar eles para dentro...

E assim por diante.

Enquanto isso, na periferia da região dos Pântanos, policiais batiam nas portas, revistavam porões e latrinas, inspecionavam documentos e interrogavam todos que dissessem ter visto uma menininha loura. Em Oxford, a busca foi ainda mais severa: vasculharam a Faculdade Jordan desde o mais empoeirado quarto de entulhos até o porão mais escuro, e fizeram o mesmo com Gabriel e St. Michael's, até que os reitores de todas as faculdades fizeram um protesto coletivo invocando seus direitos. A única ideia que Lyra tinha de que a procuravam era o incessante zumbido dos motores a gás das aeronaves cruzando o céu. Elas não eram visíveis porque as nuvens estavam baixas, e pelo regulamento as aeronaves tinham que manter uma certa altura acima da região do Pântano, mas quem sabia que instrumentos de espionagem elas poderiam estar carregando? Era melhor ir se esconder quando ouvia os motores, ou usar uma capa de chuva para cobrir seus cabelos louros.

E ela interrogou Mãe Costa sobre cada detalhe da história do seu nascimento. Teceu esses detalhes formando uma tapeçaria mental mais clara do que as histórias que tinha inventado, e revivia vezes sem conta a fuga do casebre, o esconderijo no armário, o desafio, o choque de espadas...

— Espadas? Meu Deus, garota, você está sonhando? — perguntou Mãe Costa. — O Sr. Coulter tinha uma pistola, e Lorde Asriel a tirou da mão dele e o derrubou com um único soco. Depois houve dois tiros. Não sei como você não se lembra; devia lembrar, embora fosse pequena. O primeiro tiro foi de Edward Coulter, que conseguiu pegar a arma e disparou, e o segundo foi de Lorde Asriel, que tornou a arrancar a arma do outro e atirou bem no meio dos olhos dele, espalhando os miolos. Então, com a maior calma, ele disse: "Pode sair, Sra. Costa, e traga o bebê", porque você estava berrando tanto, você e esse dimon; ele pegou você, brincou com você e carregou você nos ombros de um lado para o outro, com ótimo humor, com o morto estendido ali, e me pediu para trazer vinho e para limpar o chão.

No final da quarta repetição, Lyra estava firmemente convencida de que se lembrava de tudo, e até mesmo ofereceu detalhes da cor do casaco do Sr. Coulter e dos mantos e das peles penduradas no armário. Mãe Costa riu.

E sempre que estava sozinha Lyra pegava o aletiômetro e ficava olhando para ele como se fosse o retrato de um namorado. Então cada imagem tinha vários significados? Por que ela não conseguiria entender todos eles? Afinal, não era filha de Lorde Asriel?

Lembrando-se do que Farder Coram tinha dito, ela tentou focalizar a mente em três símbolos escolhidos ao acaso e moveu os ponteiros para cada um deles. Descobriu que, se segurasse o aletiômetro de uma certa maneira na palma das mãos e olhasse para ele de um jeito especial, meio preguiçoso (como ela chamava), o ponteiro maior começava a se movimentar. Em vez de passear pelo mostrador, ele ia de uma figura para outra. De vez em quando, parava em três delas, às vezes em duas, às vezes em cinco ou mais, e embora ela nada compreendesse, aquilo lhe dava uma calma agradável e profunda, diferente de tudo que ela conhecia. Pantalaimon ficava debruçado sobre o mostrador, às vezes em forma de gato, às vezes de rato, acompanhando o ponteiro grande com a

cabeça; e, uma ou duas vezes, os dois compartilharam um vislumbre de significado que parecia como um raio de sol que tivesse atravessado as nuvens para iluminar uma majestosa silhueta de grandes montes a distância — alguma coisa muito além e jamais suspeitada. E Lyra sentia, nessas ocasiões, o mesmo arrepio que sentira durante toda a sua vida ao ouvir a palavra *Norte*.

Assim se passaram os três dias, com muitas idas e vindas entre a grande quantidade de barcos e o Zaal. E então chegou a noite da segunda reunião do Encontro. O Salão estava mais cheio do que antes, se isso fosse possível. Lyra e os Costa chegaram a tempo de se sentar na frente, e assim que as luzes trêmulas mostraram que o Salão estava repleto, John Faa e Farder Coram apareceram na plataforma e se sentaram atrás da mesa. John Faa não precisou pedir silêncio; apenas colocou as mãos enormes sobre a mesa e olhou para a plateia, e o burburinho cessou.

Ele então falou:

— Bom, vocês fizeram o que eu pedi, e melhor do que eu esperava. Agora vou chamar os chefes das seis famílias para subirem aqui, entregar seu ouro e oferecer suas possibilidades. Nicholas Rokeby, você vem primeiro.

Um homenzarrão de barbas pretas subiu para a plataforma e colocou sobre a mesa uma pesada sacola de couro.

— Este é o nosso ouro, e nós oferecemos 38 homens.

— Obrigado, Nicholas — disse John Faa.

Farder Coram estava tomando notas. O primeiro homem ficou parado nos fundos da plataforma enquanto John Faa chamava o seguinte, e o seguinte; e cada um deles subia, colocava uma sacola na mesa e anunciava o número de homens que tinha para oferecer. Os Costa faziam parte da família Stefanski, e naturalmente Tony tinha sido um dos primeiros a se oferecer como voluntário. Lyra percebeu o dimon-falcão dele se mexendo de uma pata para outra e estendendo as asas enquanto o ouro dos Stefanski e 23 homens eram oferecidos a John Faa.

Depois que os chefes das seis famílias tinham sido chamados, Farder Coram mostrou suas anotações a John Faa, que ficou de pé e falou para que todos ouvissem.

— Amigos, conseguimos 170 homens. Agradeço a todos com muito orgulho. Quanto ao ouro, não duvido, pelo peso, que todos vocês rasparam seus cofres, e meus agradecimentos são também por isso. O que vamos fazer é o seguinte: vamos arrendar um navio e velejar para o Norte, encontrar as crianças e libertar todas elas. Pelo que sabemos, pode haver luta. Não será a primeira nem a última vez que lutamos, mas nunca tivemos que lutar com pessoas que roubam crianças, e vamos precisar ter uma esperteza fora do comum. Mas não vamos voltar sem as nossas crianças. Sim, Dirk Vries?

Um homem se levantou e perguntou:

— Lorde Faa, o senhor sabe por que levaram nossos filhos?

— Ouvimos dizer que é um assunto teológico. Estão fazendo uma experiência, mas não sabemos qual. Para dizer a verdade a vocês, nem sequer sabemos se o que estão fazendo com elas é bom ou ruim. Mas, seja como for, eles não têm o direito de aparecer de noite e roubar criancinhas de suas casas. Sim, Raymond van Gerrit?

O homem que tinha falado na primeira reunião se levantou e disse:

— Essa criança, Lorde Faa, essa que o senhor disse que estava sendo procurada, essa que está agora sentada na primeira fila. Ouvi dizer que as casas de todas as pessoas na beira dos Pântanos estão sendo revistadas e reviradas de cabeça para baixo por causa dela. Ouvi dizer que hoje mesmo estão votando no Parlamento para acabar com nossos privilégios tradicionais por causa desta criança.

Sim, amigos — ele continuou, acima dos cochichos que surgiram —, eles vão passar uma lei acabando com o nosso direito de liberdade de movimentos dentro e fora dos Pântanos. Agora, Lorde Faa, o que queremos saber é o seguinte: quem é esta criança que pode fazer isso conosco? Ela não é gípcia, pelo que ouvi dizer. Como é que uma menina terrestre pode colocar todos nós em perigo?

Lyra ergueu os olhos para John Faa. Seu coração batia com tanta força que ela mal conseguiu ouvir as primeiras palavras da resposta dele.

— Ora, fale claramente, Raymond, não seja tímido — ele disse. — Quer que a gente entregue a criança para os perseguidores dela, é isso?

O homem ficou em silêncio, de cara feia.

— Bom, pode ser que sim, pode ser que não — John Faa continuou. — Mas se algum homem ou alguma mulher precisa de uma razão para fazer o bem, que pense nisso: essa menininha é nada menos que a filha de Lorde Asriel. Para os que esqueceram, foi Lorde Asriel quem intercedeu com os turcos pela vida de Sam Broekman. Foi Lorde Asriel quem permitiu aos barcos gípcios passagem livre nos canais dentro das suas propriedades. Foi Lorde Asriel quem derrotou a Lei dos Cursos d'Água no Parlamento, para grande benefício nosso. E foi Lorde Asriel quem lutou noite e dia nas enchentes de 53 e mergulhou de cabeça na água duas vezes para salvar o jovem Ruud e Nellie Koopman. Se esqueceram disso? Que vergonha, que vergonha. E agora esse mesmo Lorde Asriel está preso nas regiões mais frias, distantes e escuras, na fortaleza de Svalbard. Preciso dizer a vocês o tipo de criaturas que estão vigiando ele lá? E esta é a filhinha dele que nós estamos cuidando, e Raymond van Gerrit ia entregar ela para as autoridades em troca de um pouco de paz. É verdade, Raymond? Fique de pé e responda, homem!

Mas Raymond van Gerrit estava afundado no assento e não se levantou. Um sussurro baixo de desaprovação percorreu o grande Salão, e Lyra sentiu a vergonha que ele devia estar sentindo, assim como uma onda de orgulho por seu corajoso pai.

John Faa olhou para os outros homens na plataforma.

— Nicholas Rokeby, você vai ficar encarregado de encontrar um navio e vai ser o comandante dele quando partirmos. Adam Stefanski, quero que se encarregue das armas e munições, e comande a batalha. Roger van Poppel, você cuida de todos os outros suprimentos, da comida até as roupas para frio. Simon Hartmann, você vai ser o tesoureiro e vai prestar contas a todos nós do emprego do nosso ouro. Benjamin de Ruyter, quero que se encarregue da espionagem; há muita coisa que precisamos saber, e vou colocar você responsável por isso, e vai fazer seus relatórios a Farder Coram. Michael Canzona, você vai ficar responsável por coordenar o trabalho dos quatro primeiros, e vai fazer os relatórios para mim, e se eu morrer, você ficará no meu lugar. Bem, já fiz as disposições de acordo com o nosso costume, e se qualquer homem ou mulher discordar, pode dizer isso com toda liberdade.

Depois de um momento, uma mulher se levantou.

— Lorde Faa, não vai levar mulheres nessa expedição para tomar conta das crianças depois que as encontrar?

— Não, Nell. Vamos ter pouco espaço. As crianças que libertarmos vão estar melhores conosco do que lá onde estão agora.

— Mas se descobrir que não vai poder soltar as crianças sem algumas mulheres disfarçadas de guardas, de criadas ou de sei lá o quê?

— Bom, eu não tinha pensado nisso — John Faa confessou. — Prometo que vamos pensar nisso com muito cuidado quando formos para a sala das conversas.

Ela se sentou, e um homem ficou de pé.

— Lorde Faa, ouvi o senhor dizer que Lorde Asriel está no cativeiro. Faz parte do nosso plano libertar Lorde Asriel? Porque, caso faça, e se ele estiver em poder daqueles ursos como eu acho que o senhor disse, vamos precisar de mais do que 170 homens. E por mais que Lorde Asriel seja nosso amigo, não sei se temos o dever de fazer isso.

— Adriaan Braks, você não está enganado. O que eu tinha em mente era ficarmos de olhos e ouvidos abertos e vermos o que podemos descobrir enquanto estivermos no Norte. Pode ser que a gente possa fazer alguma coisa para ajudá-lo, e pode ser que não, mas pode confiar em mim: não vamos usar o que vocês nos deram, homens ou ouro, para qualquer coisa além de encontrarmos e trazermos para casa as nossas crianças.

Outra mulher se levantou.

— Lorde Faa, não sabemos o que esses Gobblers podem estar fazendo com os nossos filhos. Todos nós ouvimos boatos e histórias horríveis. Falam em crianças sem cabeça, ou crianças cortadas ao meio e depois costuradas, e outras coisas horríveis demais para dizer. Fico muito triste de ter que falar disso, mas todos nós escutamos esse tipo de coisa e quero que tudo seja esclarecido. Agora, caso o senhor encontre esse tipo de coisa, Lorde Faa, espero que sua vingança seja total. Espero que não vá deixar essas ideias de piedade e bondade impedirem que sua mão ataque com toda força, dando um golpe poderoso no coração dessa maldade infernal. Tenho certeza de que todas as mães que tiveram um filho levado pelos Gobblers concordam comigo.

Houve um ruidoso murmúrio de concordância, e ela se sentou. Em todo o Zaal as pessoas faziam gestos de concordância. John Faa esperou que se fizesse silêncio, então disse:

— Nada vai segurar minha mão, Margaret, se não for uma questão de estratégia. Se eu não atacar no Norte, vai ser para poder atacar com mais força no Sul. Atacar cedo demais é tão ruim quanto atacar o lugar errado. É claro que há um sentimento muito forte no que você diz. Mas, se seguirem esse sentimento, amigos, estarão fazendo aquilo que eu sempre aconselhei a não fazer: estarão colocando a satisfação dos seus sentimentos acima do trabalho que têm a fazer. Nosso trabalho agora é primeiro o salvamento, depois o castigo. Não é agradar a ninguém. Nossos sentimentos não têm importância. Se salvarmos as crianças e não pudermos castigar os Gobblers, fizemos a coisa mais importante. Mas se pretendemos castigar os Gobblers primeiro e assim perdermos a chance de salvar as crianças, vai ser um fracasso.

John Faa ficou um instante em silêncio.

— Mas de uma coisa você pode ter certeza, Margaret — prosseguiu. — Quando chegar a hora de castigar, vamos lhes dar um golpe tamanho que eles vão se acovardar. Vamos tirar a força deles. Vamos deixar todos eles arruinados e liquidados, partidos em mil pedaços e espalhados aos quatro ventos. O meu próprio martelo está sedento de sangue, amigos. Ele não sente o gosto de sangue desde que eu matei o campeão tártaro nas estepes do Casaquistão; ele está sonhando, pendurado lá no meu barco; mas está sentindo cheiro de sangue no vento que vem do Norte. Ontem à noite, ele falou comigo e contou sua sede, e eu disse: logo, logo. Margaret, você pode se preocupar com mil coisas, mas não se preocupe com que o coração de John Faa esteja mole demais para lutar quando chegar a hora. E quem vai dizer quando a hora chegar vai ser o raciocínio, não os sentimentos. Alguém mais quer dizer alguma coisa?

Ninguém quis, e John Faa pegou a sineta de encerramento e a tocou com força, balançando-a num grande arco, produzindo sons que enchiam o salão e subiam até as vigas.

John Faa e os outros homens na plataforma foram para a sala de conversas. Lyra ficou um pouquinho decepcionada: não iam querer que ela fosse com eles lá dentro? Mas Tony riu.

— Eles têm que fazer planos — explicou. — Você já fez sua parte, Lyra. Agora é por conta de John Faa e do conselho.

— Mas ainda não fiz nada! — Lyra protestou, enquanto seguia os outros relutantemente para fora do Salão, descendo a rua calçada de pedras na direção do ancoradouro. — Só o que fiz foi fugir da Sra. Coulter! Este foi só o começo. Quero ir para o Norte!

— Vamos fazer o seguinte: eu lhe trago um dente de morsa, está bem? — disse Tony.

Lyra fechou a cara. Quanto a Pantalaimon, ele estava ocupado fazendo caretas para o dimon de Tony, que, desdenhoso, fechou os olhos castanhos. Lyra chegou ao ancoradouro e ficou com seus novos amigos, sacudindo lamparinas penduradas em fios sobre a água escura para atrair os peixes de olhos esbugalhados que vinham nadando devagar, correndo o risco de serem espetados pelas crianças, coisa que nunca acontecia.

Mas os pensamentos dela estavam com John Faa e a conferência na sala das conversas, e não demorou muito antes que ela subisse outra vez a rua até o Zaal. Havia luz na janela da sala. A janela era alta demais para que Lyra enxergasse o outro lado, mas ela conseguiu ouvir o som de vozes lá dentro.

Então foi até a porta e bateu com firmeza cinco vezes. As vozes se calaram, uma cadeira foi arrastada e a porta se abriu, derramando uma cálida luz de nafta sobre o degrau úmido.

— Sim? — disse o homem que abriu a porta.

Atrás dele, Lyra viu os outros homens em volta da mesa, com sacolas de ouro, papéis e canetas, cálices e um frasco de gim.

— Quero ir para o Norte — Lyra falou para que todos ouvissem. — Quero ir ajudar a salvar as crianças. Era o que eu pretendia fazer quando fugi da Sra. Coulter. E até antes, eu pretendia salvar meu amigo Roger, o ajudante de cozinha da Jordan que foi raptado. Quero ir e ajudar. Sei fazer navegação e posso fazer as leituras anbaromagnéticas da Aurora, e sei quais as partes comestíveis de um urso, e todo tipo de coisas úteis. Vocês vão se arrepender se chegarem lá e descobrirem que iam precisar de mim e me deixaram para trás. E como aquela mulher disse, podem precisar de mulher para fazer um papel, e, ora, podem precisar de crianças também. Vocês não sabem. Portanto, deviam me levar, Lorde Faa, desculpe interromper sua conversa.

Ela já estava dentro da sala com todos os homens e seus dimons olhando para ela, alguns achando divertido e outros com irritação, mas ela só tinha olhos para John Faa. Pantalaimon estava no colo dela, e seus olhos verdes de gato-do-mato soltavam faíscas. John Faa disse:

— Lyra, não podemos colocar você em perigo, então trate de não se iludir, minha filha. Fique aqui, ajude a Mãe Costa e fique em segurança. É o que você tem que fazer.

— Mas estou aprendendo a ler o aletiômetro, também. Está ficando mais claro a cada dia! Vocês vão precisar disso, vão sim!

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Sei que seu coração estava decidido a ir para o Norte, mas acho que nem a Sra. Coulter ia levar você. Se quer ver o Norte, vai ter que esperar todos esses problemas terminarem. Agora vá.

Pantalaimon sibilou baixinho, mas o dimon de John Faa voou das costas da cadeira dele e avançou para os dois com suas asas negras, sem ameaçar, mas como um lembrete de boas maneiras.

Lyra girou nos calcanhares, e a ave, que planava sobre sua cabeça, voltou para junto de John Faa. A porta se fechou atrás da menina com um estalo final.

— Nós *vamos*, sim! — ela disse a Pantalaimon. — Eles que tentem nos impedir. Nós *vamos*!

9

Os Espiões



DURANTE os dias seguintes, Lyra inventou uma dúzia de planos e descartou todos eles com impaciência, pois no fundo todos consistiam em ir como clandestina, e como alguém poderia se esconder num barco pequeno? Naturalmente a viagem em si seria feita num navio de verdade, e ela conhecia histórias suficientes para imaginar que num navio havia muitos esconderijos: nos barcos salva-vidas, nos porões, ou até nos escaleres, fosse lá o que fosse isso; mas primeiro ela teria que chegar até o navio, e o percurso dos Pântanos até o navio seria feito à moda gípcia.

E mesmo que ela conseguisse chegar sozinha ao litoral, podia acabar escondida no navio errado. E seria mesmo uma gracinha conseguir se esconder num navio e acordar a caminho do Alto Brasil...

Enquanto isso, à volta dela o trabalho tentador de preparar a expedição continuava noite e dia. Ela ficou por perto de Adam Stefanski, observando enquanto ele escolhia os voluntários para a força de guerra. Encheu Roger van Poppel de sugestões sobre os suprimentos que seriam necessários: ele tinha se lembrado dos óculos de neve? E por acaso conhecia o melhor lugar para encontrar mapas da Região Ártica?

O homem que ela mais queria ajudar era Benjamin de Ruyter, o espião. Mas ele tinha partido na madrugada seguinte ao segundo Encontro, e naturalmente ninguém sabia informar para onde ele tinha ido ou quando voltaria. Assim, Lyra grudou em Farder Coram.

— Acho que seria melhor aceitar minha ajuda, Farder Coram, porque eu provavelmente sei mais coisas sobre os Gobblers do que qualquer outra pessoa, pois eu quase fui um deles. Provavelmente o senhor vai precisar de mim para ajudar a decifrar as mensagens do Sr. De Ruyter.

Ele ficava com pena da menina corajosa e desesperada e não a mandava embora; em vez disso conversava com ela e escutava as lembranças dela de Oxford e da Sra. Coulter, e ficava observando

enquanto ela lia o aletiômetro.

— Onde está o tal livro que tem todos os símbolos? — ela lhe perguntou um dia.

— Em Heidelberg — ele informou.

— E só existe esse?

— Pode haver outros, mas esse é o único que eu já vi.

— Aposto que tem um na Biblioteca Bodley's em Oxford.

Ela mal conseguia tirar os olhos do dimon de Farder Coram, que era o mais bonito que ela já vira. Quando Pantalaimon era gato, ele era magro, maltratado e bravo, mas Sophonax, que era o nome dele, tinha olhos dourados e era indescritivelmente elegante, duas vezes maior do que um gato de verdade e com uma pelagem maravilhosa. Quando a luz do sol o tocava, iluminava mais tons de castanho-marrom-bege-areia-dourado do que Lyra conseguiria distinguir. Sua vontade de tocar naquela pele, esfregar o rosto nela, era enorme, mas naturalmente nunca fez isso, pois a maior grosseria imaginável era tocar no dimon de outra pessoa. Os dimons podiam tocar uns nos outros, naturalmente, ou brigar; mas a proibição contra o contato gente-dimon era tão séria que nem mesmo na batalha um guerreiro tocava no dimon do inimigo. Era terminantemente proibido. Lyra não se lembrava de ter ouvido isso de alguém, mas sabia instintivamente, como sabia que náusea era ruim, e o conforto era bom. Assim, embora admirasse a pelagem de Sophonax e até mesmo especulasse como ele seria, nunca fez a menor menção de tocá-lo, e nunca faria.

Sophonax era tão esguio e cheio de saúde quanto Farder Coram era velho e fraco. Talvez por doença, ou por ter sofrido um grande golpe, o fato era que ele não conseguia caminhar sem se apoiar em duas bengalas, e tremia constantemente, como uma folha ao vento. Mas tinha a mente clara, rápida e poderosa, e depressa conquistou Lyra com seu conhecimento das coisas e a firmeza com que a instruía.

— O que significa esta ampulheta, Farder Coram? — ela perguntou, debruçada sobre o aletiômetro, numa manhã ensolarada no barco dele. — Ela está sempre voltando para lá.

— Costuma haver uma pista, se você olhar com atenção. Que é essa coisinha em cima dela?

Ela franziu os olhos para olhar.

— É uma caveira!

— Então o que você acha que isso significa?

— A morte... Isso é a morte?

— Isso mesmo. Então nos significados da ampulheta está a morte. Aliás, depois da passagem do tempo, que é o primeiro, vem a morte em segundo lugar.

— Sabe uma coisa que eu percebi, Farder Coram? O ponteiro para em cima dela na segunda volta! Na primeira volta, ele só estremece, e na segunda ele para. Isso quer dizer que é o segundo significado?

— Provavelmente. O que você está perguntando, Lyra?

— Eu estou pensando... — Ela parou, surpresa ao descobrir que estava mesmo fazendo uma pergunta sem perceber. — Eu só juntei três figuras porque... Eu estava pensando no Sr. De Ruyter, entende... e juntei a serpente, o cadinho e a colmeia, para perguntar como ele está indo com a sua espionagem, e...

— Por que escolheu esses três símbolos?

— Porque eu achei que a serpente era esperta, como um espião tem que ser, e o cadinho podia significar conhecimento, uma coisa que é destilada, e a colmeia era o trabalho, porque as abelhas

estão sempre trabalhando; então, do trabalho e da esperteza vem o conhecimento, entende, que é a missão do espião; apontei para os três e pensei na pergunta, e o ponteiro parou na morte... Acha que isto está mesmo funcionando, Farder Coram?

— Está funcionando, sim, Lyra. O que não sabemos é se estamos lendo direito. Essa é uma arte muito sutil. Será que...

Antes que ele pudesse terminar a frase, bateram na porta, e um jovem gípcio entrou.

— Com licença, Farder Coram, Jacob Huismans acabou de voltar, e ele está muito ferido.

— Ele estava com Benjamin de Ruyter — disse Farder Coram. — Que foi que aconteceu?

— Ele não quer falar — disse o rapaz. — É melhor vir logo, Farder Coram, porque ele não vai durar muito, está sangrando por dentro.

Farder Coram e Lyra trocaram um olhar assustado e perplexo, mas só por um segundo; Farder Coram saiu caminhando, apoiado em suas bengalas, com a maior velocidade possível, seu dimon andando na frente. Lyra foi também, saltando de impaciência.

O rapaz os guiou até um barco atracado, onde uma mulher com um avental de flanela vermelha abriu a porta para eles. Vendo o olhar desconfiado que ela lançou a Lyra, Farder Coram disse:

— É importante que a menina escute o que Jacob tem a dizer, senhora.

Então a mulher os deixou entrar e ficou para trás, com seu dimon-esquilo empoleirado no cais de madeira. Numa cama, sob uma colcha de retalhos, estava deitado um homem com o rosto branco coberto de suor e os olhos embaçados.

— Já mandei vir o médico, Farder Coram — disse a mulher com voz trêmula. — Por favor não deixe ele ficar agitado. Está sofrendo muito de dor. Ele chegou no barco de Peter Hawker há poucos minutos.

— Onde está Peter?

— Está atracando. Foi ele que disse que eu tinha que chamar o senhor.

— Está certo. Agora, Jacob, está me ouvindo?

Jacob girou os olhos para olhar para Farder Coram sentado na cama oposta, a meio metro dele.

— Olá, Farder Coram — murmurou.

Lyra olhou para o dimon dele. Era uma fuinha, deitada imóvel junto à cabeça dele, enrodilhada mas não adormecida, pois tinha os olhos abertos e embaçados como os dele.

— Que foi que aconteceu? — Farder Coram perguntou.

— Benjamin está morto — foi a resposta. — Está morto, e Gerard foi preso.

Tinha a voz rouca e a respiração difícil. Quando parou de falar, seu dimon se desenrodilhou dolorosamente e lambeu a face dele; retirando forças desse gesto, ele continuou:

— Estávamos entrando às escondidas no Ministério da Teologia, porque Benjamin tinha ouvido, de um dos Gobblers que aprisionamos, que o quartel-general era lá e que era de lá que saíam todas as ordens...

Ele tornou a silenciar.

— Vocês capturaram Gobblers? — perguntou Farder Coram.

Jacob assentiu e olhou para seu dimon. Era incomum os dimons falarem com outros humanos além dos seus, mas às vezes acontecia, e nessa ocasião ele falou:

— Pegamos três Gobblers em Clerkenwell e os obrigamos a nos contarem para quem estavam trabalhando e de onde vinham as ordens, coisas assim. Eles não sabiam para onde estavam levando as crianças, a não ser que era para o Norte, para a Lapônia...

Ela teve que parar, ofegante, o pequeno peito arfando, e descansar um pouco, antes de conseguir continuar.

— E então os Gobblers nos falaram do Ministério da Teologia e de Lorde Boreal. Benjamin disse que ele e Gerard Hook deviam entrar às escondidas no Ministério, e Frans Broekman e Tom Mendham deviam ir descobrir mais sobre Lorde Boreal.

— Eles conseguiram?

— Não sabemos. Eles não voltaram. Farder Coram, parecia que tudo que fazíamos eles ficavam sabendo antes, e pelo que sabemos, Frans e Tom foram engolidos vivos assim que chegaram perto de Lorde Boreal.

— Vamos voltar a Benjamin — disse Farder Coram, percebendo a respiração de Jacob se tornar cada vez mais ofegante e vendo seus olhos se fecharem de dor.

O dimon de Jacob soltou um pequeno miado de preocupação e amor, e a mulher chegou um pouco mais perto, com as mãos junto à boca; mas não falou, e o dimon continuou em voz fraca:

— Benjamin, Gerard e nós fomos para o Ministério em White Hall e descobrimos uma portinha lateral que não estava muito vigiada. Ficamos de guarda do lado de fora enquanto eles abriam a fechadura e entravam. Não havia se passado um minuto quando ouvimos um grito de medo e o dimon de Benjamin veio voando, fez um gesto nos chamando e tornou a entrar. Cada um pegou sua faca e saímos correndo atrás dela; só que o lugar estava escuro, cheio de formas e sons que nos confundiam com seus movimentos horríveis; tentamos lutar, mas houve uma confusão mais em cima, e um grito, e Benjamin com seu dimon caíram de uma escadaria alta, o dimon tentando segurá-lo em vão, pois eles se esborracharam no chão de pedra e morreram na hora. Não conseguíamos saber de Gerard, mas ouvimos a voz dele soltando um urro lá em cima, e ficamos aterrorizados e confusos demais para fazer alguma coisa, e então uma flecha nos atingiu no ombro e penetrou profundamente...

A voz do dimon estava mais fraca, e do homem ferido veio o som de um gemido. Farder Coram se inclinou e com delicadeza puxou a colcha, e ali, saindo do ombro do ferido, havia a ponta cheia de plumas de uma flecha, numa massa de sangue coagulado. O resto da flecha estava tão enterrado no peito do pobre homem que só aqueles 10 centímetros ficavam fora da pele. Lyra sentiu uma vertigem.

Houve um ruído de passos e vozes lá fora, no ancoradouro. Farder Coram se endireitou.

— Chegou o médico, Jacob. Vamos sair agora. Quando você estiver se sentindo melhor, conversaremos com mais calma.

A caminho da porta, ele colocou a mão sobre o ombro da mulher. No ancoradouro, Lyra ficou perto dele, porque já havia um ajuntamento de pessoas cochichando e apontando. Farder Coram deu ordem a Peter Hawker para ir imediatamente chamar John Faa, depois disse:

— Lyra, assim que soubermos se Jacob vai viver ou morrer precisamos ter outra conversa sobre aquele aletiômetro. Vá fazer alguma outra coisa, minha filha; nós mandaremos chamá-la.

Lyra foi se sentar sozinha na margem cheia de vegetação, e começou a jogar lama dentro da água. Sabia de uma coisa: não estava feliz ou orgulhosa por conseguir ler o aletiômetro — estava com medo. Fosse qual fosse o poder que fazia aquele ponteiro andar e parar, ele sabia coisas, como um ser inteligente.

— Acho que é um espírito — disse ela, e por um instante ficou tentada a jogar o pequeno instrumento no meio do pântano.

— Eu veria o espírito, se houvesse um aí dentro — disse Pantalaimon. — Como o fantasma velho em Godstow. Eu vi, e você não.

— Existe mais de um tipo de espírito — disse Lyra em tom de reprovação. — Você não consegue ver todos. De qualquer maneira, e aqueles Catedráticos mortos sem cabeça? Eu vi, lembra?

— Aquilo foi só uma assombração.

— Não foi, não. Eram espíritos, mesmo, e você sabe disso. Mas seja qual for o espírito que está movendo esse maldito ponteiro, não é daquele tipo de espírito.

— Pode não ser um espírito — teimou Pantalaimon.

— Que mais poderia ser?

— Poderia ser... Poderiam ser partículas elementares.

Ela soltou uma risadinha de desprezo.

— Poderiam, sim — ele insistiu. — Você se lembra daquela ventoinha movida a luz que eles têm na Gabriel? Então?

Na Faculdade Gabriel, havia um objeto muito sagrado que ficava guardado no altar principal do Oratório, coberto (agora Lyra lembrava disso) com um pano de veludo preto, como o que embrulhava o aletiômetro. Ela o tinha visto quando acompanhou o Bibliotecário da Jordan num culto religioso. No auge da cerimônia, o Intercessor levantou o pano e revelou na penumbra um domo de vidro; dentro dele havia alguma coisa distante demais para ser vista, até que ele puxou um cordão preso a uma persiana lá em cima, deixando um raio de sol cair exatamente sobre o domo. Então ficou claro o que era: uma coisinha como uma ventoinha, com quatro pás pretas de um lado e brancas do outro, que começaram a girar quando a luz bateu nela. O Intercessor disse então que aquilo ilustrava uma lição moral, pois o negror da ignorância fugia da luz, enquanto a alvura da sabedoria era atraída por ela. Lyra acreditou naquilo; de qualquer forma, fosse qual fosse o significado, as pequenas pás giratórias eram lindas; o movimento era impulsionado pela força dos fótons, disse o Bibliotecário enquanto voltavam a pé para a Jordan.

Então talvez Pantalaimon tivesse razão. Se as partículas elementares conseguiam fazer girar uma ventoinha, sem dúvida podiam mover um ponteiro com muito mais facilidade; mas isso ainda a preocupava.

— Lyra! Lyra!

Era Tony Costa, acenando para ela do ancoradouro.

— Venha até aqui — ele chamou. — Você tem que ir falar com John Faa no Zaal. Depressa, garota, é urgente!

Ela encontrou John Faa com Farder Coram e os outros chefes, parecendo preocupados. John Faa falou:

— Lyra, minha filha, Farder Coram me contou sobre a sua leitura daquele instrumento. E lamento dizer que o coitado do Jacob acaba de morrer. Acho que vamos ter que levar você conosco afinal, contra a minha vontade. Estou muito preocupado com isso, mas parece que não temos alternativa. Assim que Jacob for enterrado, segundo a tradição, nós vamos partir. Entenda, Lyra: você vai também, mas não é uma ocasião de alegria. Há problemas e perigos esperando por todos nós. Farder Coram vai cuidar de você. Não crie problemas ou riscos para ele, senão vai sentir a força da minha cólera. Agora vá explicar para Mãe Costa e fique preparada para partir.

As duas semanas seguintes foram as mais atarefadas da vida de Lyra. Atarefadas, mas não rápidas, pois havia tediosos períodos de espera, de se esconder em armários apertados e úmidos, de contemplar a paisagem triste e chuvosa de outono passando pela janela, de se esconder outra vez, de dormir perto do escapamento do motor e acordar com uma terrível dor de cabeça e — pior de tudo — nem uma vez ter permissão para sair para o ar fresco, correr pela margem, subir ao convés, abrir as comportas ou agarrar uma corda jogada da margem.

Mas naturalmente ela devia ficar escondida. Tony Costa contou para ela o boato nas tavernas à beira d'água: que, por todo o reino, estavam caçando uma menininha loura, com uma grande recompensa pela sua descoberta e severos castigos para quem a escondesse. Havia também uns boatos estranhos: as pessoas diziam que ela era a única criança que conseguira escapar dos Gobblers e que possuía segredos terríveis. Outro boato dizia que ela não era uma criança humana, e sim um par de espíritos em forma de criança e dimon, enviados a este mundo pelos poderes infernais para causar grande mal; outro ainda dizia que não se tratava de uma criança, mas de um humano adulto, encolhida por magia e trabalhando para os tártaros, para vir espionar o bom povo inglês e preparar o caminho para uma invasão tártara.

Lyra escutava estas histórias a princípio achando graça, mais tarde com desânimo. Todas aquelas pessoas com medo e raiva dela! E estava louca para sair daquela cabine estreita e apertada. Queria já estar no Norte, na neve sob a cintilante Aurora Boreal. E às vezes desejava estar de volta à Faculdade Jordan, pulando pelos telhados com Roger e ouvindo o sino do Administrador bater a meia hora para o jantar, e os ruídos de louça, de fritura e de gritos na cozinha... Então desejava ardentemente que nada tivesse mudado, que nada jamais mudasse, que ela pudesse ser para sempre a Lyra da Faculdade Jordan.

A única coisa que lhe tirava o tédio e a irritação era o aletiômetro. Ela o lia todos os dias, às vezes com Farder Coram e às vezes sozinha, e descobriu que era cada vez mais fácil entrar no estado de calma em que os significados dos símbolos se esclareciam, e aquelas altas montanhas tocadas pelo sol emergiam em sua visão.

Ela se esforçou para explicar como era a Farder Coram.

— É quase como conversar com alguém, só que a gente não consegue ouvir as outras pessoas e fica se sentindo meio burra porque as outras são mais inteligentes que a gente, só que elas nunca ficam zangadas nem nada... E elas sabem tanta coisa, Farder Coram! Quase como se soubessem tudo! A Sra. Coulter era inteligente, sabia muita coisa, mas isto aqui é um tipo de conhecimento diferente... É como compreender, eu acho...

Ele fazia perguntas específicas, e ela procurava as respostas.

— O que a Sra. Coulter está fazendo agora? — ele perguntava; as mãos de Lyra se moviam no mesmo instante, e ele pedia: — Me explique o que está fazendo.

— Bem, a Madona é a Sra. Coulter, e penso *minha mãe* quando coloco o ponteiro ali; e a formiga é atarefada — essa é fácil, é o primeiro significado; e a ampulheta tem *passagem do tempo* entre seus significados, e no meio da lista está *agora*, e eu fixo o pensamento nisso.

— E como sabe o que são esses significados?

— É como se eu visse. Ou melhor, sentisse, como descer uma escada à noite, a gente baixa o pé e acha outro degrau. Bom, eu baixo o pensamento e acho outro significado, e eu sinto qual é. Então junto tudo. Existe um truque, como focar os olhos.

— Faça isso então, e veja o que ele diz.

Lyra obedeceu. O ponteiro grande começou a girar no mesmo instante, parou, continuou, tornou a parar, numa série precisa de movimentos e pausas. Era uma sensação de tamanha graciosidade e tamanho poder que Lyra, compartilhando dele, se sentiu como um filhote de passarinho aprendendo a voar. Farder Coram, observando do outro lado da mesa, anotou os lugares onde o ponteiro parava e observava a menininha segurando os cabelos longe do rosto e mordiscando de leve o lábio inferior, os olhos a princípio seguindo o ponteiro, mas depois, quando este regularizava seu movimento, olhando para outras partes do mostrador. Mas não ao acaso. Farder Coram era jogador de xadrez, e sabia como os jogadores ficavam durante uma partida. Um bom jogador parecia ver linhas de força e influência sobre o tabuleiro, seguia as linhas importantes e ignorava as fracas; e os olhos de Lyra se moviam do mesmo modo, segundo algum campo magnético semelhante que ela conseguia enxergar, e ele, não.

O ponteiro parou no raio, no bebê, na serpente, no elefante e numa criatura cujo nome Lyra não sabia: uma espécie de lagarto de olhos grandes e um rabo enrolado em volta do galho onde ele estava empoleirado. Enquanto Lyra observava, o ponteiro repetiu várias vezes esta sequência.

— Qual é o significado deste lagarto? — perguntou Farder Coram, interrompendo a concentração dela.

— Não entendo... Vejo o que ele está dizendo, mas acho que estou lendo errado. O raio eu acho que é raiva, e a criança... acho que sou eu... Eu estava conseguindo um significado para o lagarto, Farder Coram, mas o senhor falou comigo e eu o perdi. Está vendo, ele está indo para qualquer lugar.

— É, estou vendo. Sinto muito, Lyra. Está cansada? Quer parar?

— Não quero, não.

Mas seu rosto estava vermelho e os olhos brilhantes. Tinha todos os sinais de uma superexcitação, intensificada pelo longo confinamento naquela cabine abafada.

Ele olhou pela janela. Estava quase escuro, e eles viajavam ao longo do último trecho de rio antes de chegar ao litoral. Sob um céu encoberto dava para perceber a amplidão marrom de um estuário até um grupo distante de tanques de álcool de carvão, enferrujados e trespassados por canos, junto a uma refinaria onde uma mancha espessa de fumaça subia com relutância indo se juntar às nuvens.

— Onde é que nós estamos? — Lyra perguntou. — Posso ir lá fora só um pouquinho, Farder Coram?

— Aqui é a água do Colby — ele disse. — Onde o rio Cole deságua. Quando chegarmos à cidade, vamos atracar junto ao Mercado de Defumados e vamos a pé até o porto. Estaremos lá dentro de uma ou duas horas...

Mas estava ficando escuro, e na desolação do rio nada se movia além do barco deles e uma distante balsa de carvão indo para a refinaria; e Lyra estava tão vermelha e cansada, e tinha ficado tanto tempo fechada, que Farder Coram continuou:

— Bem, acho que não tem problema alguns minutinhos ao ar livre. Não posso chamar de ar fresco, pois ele só é fresco quando sopra do mar; mas você pode se sentar lá em cima e apreciar a paisagem até chegarmos mais perto.

Lyra deu um salto, e Pantalaimon no mesmo instante se transformou numa gaivota, ansioso por estender as asas a céu aberto. Mas estava frio lá fora e, embora estivesse bem agasalhada, logo Lyra estava tremendo. Pantalaimon, por outro lado, girava no ar com grasnidos de felicidade, dando rasantes em volta do barco. Lyra adorou isso, se sentindo como ele enquanto ele voava e ficou

insistindo mentalmente para que ele fosse desafiar o dimon-biguá do velho piloto para uma corrida. Mas o dimon ignorou Pantalaimon e só se ajeitou sonolento na roda do timão, perto do seu humano.

Naquela amplidão árida e marrom não havia vida, e apenas o ruído constante do motor e o som abafado da água no casco rompiam o silêncio. Nuvens pesadas cobriam o céu sem oferecer chuva; o ar estava cheio de fumaça. Só a elegância do voo de Pantalaimon possuía alguma vida e alegria.

Enquanto ele saía de um rasante com as asas brancas contra o cinzento, alguma coisa o atingiu. Ele caiu de lado, cheio de choque e dor, e Lyra gritou, sentindo também. Outra coisa escura veio se juntar à primeira; não se moviam como pássaros, mas como besouros voadores, pesados e diretos, com um zumbido forte.

Enquanto Pantalaimon caía, tentando mudar de direção para alcançar o barco e os braços desesperados de Lyra, as coisas pretas não paravam de atacá-lo. Lyra estava enlouquecendo com o medo de Pantalaimon e o seu próprio, mas então alguma coisa passou por ela e se elevou.

Era o dimon do piloto do barco; com toda a sua aparência desajeitada e pesada, seu voo era poderoso e ágil. Ela virava a cabeça para os lados — houve uma agitação de asas escuras, um estremecimento branco e uma coisinha preta caiu sobre o teto da cabine enquanto Pantalaimon pousava na mão estendida dela.

Antes que ela pudesse acariciá-lo, ele mudou para sua forma de gato-do-mato e saltou sobre a criatura, impedindo que ela chegasse à borda do telhado para onde ela estava tentando fugir. Pantalaimon segurou-a firmemente com as garras e ergueu os olhos para o céu que escurecia, onde as asas escuras do biguá faziam círculos enquanto ela procurava a outra criatura.

Então o biguá voltou voando e grasnou alguma coisa para o piloto, que disse:

— Fugiu. Não deixe essa outra escapar. Tome aqui.

Ele derramou o resto do líquido da caneca de lata e a jogou para Lyra, que no mesmo instante prendeu o animal que zumbia e roncava como uma maquininha.

— Segure firme — pediu Farder Coram atrás dela, e em seguida se ajoelhou e enfiou um pedaço de papelão sob a caneca.

— Que é isso, Farder Coram? — ela perguntou, trêmula.

— Vamos lá para baixo dar uma olhada. Leve com cuidado, Lyra. Segure com força.

Ao passar, ela olhou para o dimon do piloto; queria agradecer, mas ele havia fechado os olhos. Então Lyra agradeceu ao piloto.

— Você devia ter ficado lá embaixo — foi tudo que ele disse.

Ela levou a caneca para a cabine, onde Farder Coram tinha encontrado um copo de cerveja. Ele segurou a caneca de cabeça para baixo sobre o copo e então retirou o cartão, de modo que a criatura caiu dentro do copo. Ele segurou o copo de modo que ambos pudessem ver claramente a coisinha furiosa.

Tinha o tamanho do polegar de Lyra e era verde-escura, não preta. As asas estavam levantadas, como uma joaninha prestes a voar, e batiam tão furiosamente que eram apenas um borrão. As seis pernas tentavam escalar a superfície de vidro.

— Que é isso? — ela perguntou.

Pantalaimon, ainda um gato-do-mato, estava agachado sobre a mesa, os olhos verdes seguindo os círculos da criatura dentro do copo. Farder Coram disse:

— Se a gente abrir isso aí, não vai encontrar vida. Não é animal nem inseto. Já vi uma dessas antes, e nunca pensei que fosse ver outra aqui tão ao norte. São africanas. Têm um mecanismo

dentro, e preso na mola um espírito mau com um feitiço atravessando o coração.

— Mas quem foi que mandou isso?

— Você não precisa ler os símbolos, Lyra; pode adivinhar tão bem quanto eu.

— A Sra. Coulter?

— Claro. Ela não explorou só o Norte; estão acontecendo muitas coisas estranhas lá pelas lonjuras do Sul. Foi em Marrocos que vi pela última vez uma dessas coisas. O perigo delas é mortal; enquanto o espírito estiver dentro, ela nunca para, e quando a gente liberta o espírito, ele está tão furioso que mata a primeira coisa que encontra.

— Mas o que ela estava procurando?

— Estava espionando. Fui um idiota em deixar você ir lá em cima. E devia ter deixado você decifrar os símbolos, em vez de interromper.

— Agora estou entendendo! — Lyra exclamou de repente. — Significa "ar", aquele lagarto! Eu vi isso, mas não conseguia ver onde se encaixava, então tentei entender e perdi o pensamento.

— Ah, agora também estou vendo — disse Farder Coram. — Não é um lagarto, é por isso; é um camaleão. E significa ar porque eles não comem nem bebem, vivem de ar.

— E o elefante...

— A África — ele completou. — Ah!

Eles se entreolharam. A cada revelação do poder do aletiômetro, eles ficavam mais impressionados.

— Ele estava nos falando dessas coisas o tempo todo — disse Lyra. — Devíamos ter escutado. Mas o que podemos fazer com esta aí, Farder Coram? Podemos matar, ou coisa assim?

— Acho que não podemos fazer nada. Vamos ter que prender isso aí numa caixa e nunca mais soltar. O que mais me preocupa é o outro, o que fugiu. Ele agora deve estar voando de volta para a Sra. Coulter, com a notícia de que encontrou você. Droga, Lyra, sou um idiota.

Ele remexeu num armário e encontrou uma lata de guardar folhas de fumo com cerca de 10 centímetros de diâmetro. Ela tinha sido usada para guardar parafusos, mas ele a esvaziou e limpou o interior com um pano antes de inverter o copo sobre ela com o cartão ainda no lugar.

Depois de um momento de perigo, quando uma perna da criatura escapou e afastou a tampa com força surpreendente, eles conseguiram prendê-la na lata e enroscar a tampa com força.

— Assim que chegarmos ao navio, vou colocar uma solda em volta, como segurança — disse Farder Coram.

— Mas a corda não vai acabar?

— Se fosse um mecanismo comum, sim. Mas, como eu disse, este aqui fica sempre esticado pelo espírito preso no meio. Quanto mais ele luta, mais a corda é dada, e maior é a força. Agora vamos guardar esse sujeito...

Ele enrolou a lata num pedaço de flanela para abafar o zumbido incessante e a escondeu debaixo da cama.

Já estava escuro, e Lyra contemplava pela janela as luzes de Colby cada vez mais próximas. O ar pesado se transformava em neblina, e quando atracaram ao lado do Mercado de Defumados, tudo em volta estava desfocado. A escuridão transformada em véus cinza-prateados cobria as guias e os depósitos, as barraquinhas de madeira e o prédio de granito com muitas chaminés, que davam nome ao mercado, onde dia e noite havia peixes sendo defumados pela perfumada fumaça do carvalho. As

chaminés contribuíam para o ar abafado, e o cheiro agradável de peixe defumado — arenque, cavala e hadoque — parecia sair das pedras do chão.

Lyra, enrolada numa capa de chuva e com um enorme capuz escondendo os cabelos chamativos, caminhava entre Farder Coram e o piloto. Todos os três dimons estavam alertas, vigiando as esquinas à frente, vigiando atrás, tentando escutar as mais leves passadas.

Mas eles eram as únicas figuras à vista. Os cidadãos de Colby estavam todos dentro de casa, provavelmente bebericando aguardente de cereais junto a uma lareira quentinha. Não encontraram ninguém até chegarem ao porto, e o primeiro homem que viram foi Tony Costa, vigiando os portões.

— Graças a Deus vocês chegaram — disse ele baixinho, os deixando passar. — Acabamos de saber que Jack Verhoeven levou um tiro e o barco dele foi afundado, e ninguém sabia onde vocês estavam. John Faa já está no navio, louco para partir.

Lyra achou o navio imenso. Tinha no centro a casa do leme e a chaminé, o castelo da proa bem alto e um guindaste acima de uma grande abertura coberta por uma lona; luz amarela brilhando nas escotilhas e na ponte, e luz branca no topo do mastro; e três ou quatro homens no convés, trabalhando apressadamente em coisas que ela não conseguia ver direito.

Ela subiu depressa a rampa de madeira, passando à frente de Farder Coram, e olhou em volta com excitação. Pantalaimon se transformou num macaco e imediatamente começou a subir pelo guindaste, mas ela o chamou de volta; John Faa conversava baixinho com Nicholas Rokeby, o gípcio encarregado do navio. John Faa não fazia nada às pressas. Lyra estava esperando que ele a cumprimentasse, mas ele terminou o que dizia sobre a maré e a pilotagem antes de se virar para os recém-chegados.

— Boa noite, amigos. O coitado do Jack Verhoeven está morto, talvez vocês já saibam. E os homens dele foram capturados.

— Nós também temos más notícias — disse Farder Coram, e relatou o encontro com os espíritos voadores.

John Faa sacudiu a cabeça, mas não os repreendeu.

— Onde está a criatura agora? — perguntou.

Farder Coram pegou a lata e a colocou sobre a mesa. De dentro vinha um zumbido tão furioso que a própria lata se movia lentamente sobre o tampo de madeira.

— Já ouvi falar desses demônios mecânicos, mas nunca tinha visto — disse John Faa. — Não há jeito de domesticá-lo ou acabar com a corda, isso eu sei. Também não adianta colocar um peso de chumbo e jogar no fundo do mar, porque um dia a lata iria enferrujar, o demônio iria sair e ir atrás da garota onde quer que ela estivesse. Não, vamos ter que guardar e vigiar.

Sendo Lyra a única mulher a bordo (pois John Faa, depois de muito meditar, tinha resolvido não levar mulheres), ela ficou com uma cabine só para ela. Não muito grande, naturalmente; na verdade, era pouco mais que um armário com uma cama e uma escotilha. Ela guardou suas coisas na gaveta sob a cama e subiu correndo, excitada, para se debruçar sobre a amurada e contemplar a Inglaterra desaparecendo lá atrás, descobrindo então que a maior parte da Inglaterra tinha desaparecido na neblina antes que ela subisse.

Mas o ruído da água, o movimento no ar, as luzes do navio brilhando corajosamente na escuridão, o ronco do motor, o cheiro de sal, de peixe e de álcool de carvão já a fizeram se sentir mais animada. Não demorou que outra sensação se somasse àquelas, quando o navio começou a balançar nas ondulações do Oceano Germânico. Quando alguém chamou Lyra para jantar, ela

descobriu que tinha menos fome do que imaginara, e depois de algum tempo achou que seria uma boa ideia ir se deitar — por causa de Pantalaimon, porque a pobre criatura estava se sentindo pouco à vontade.

E assim começou a viagem dela para o Norte.

Segunda Parte

BOLVANGAR

10

O Cônsul e o Urso



JOHN Faa e os outros chefes tinham decidido que iriam para Trollesund, o principal porto da Lapônia. As feiticeiras tinham um consulado nessa cidade, e John Faa sabia que, sem a ajuda delas — ou pelo menos sua neutralidade amigável —, seria impossível salvar as crianças sequestradas.

No dia seguinte, quando o enjoo de Lyra tinha diminuído um pouco, ele explicou sua ideia a ela e a Farder Coram. O sol brilhava, e as ondas verdes quebravam de encontro à proa formando esteiras de espuma. No convés, com a brisa soprando e o mar inteiro brilhando com luz e movimento, ela sentia pouco enjoo; e agora que Pantalaimon tinha descoberto o prazer de ser uma gaivota e depois um pássaro oceânico roçando os picos das ondas, Lyra se distraiu com a alegria dele e conseguiu não ficar entregue aos sofrimentos de um marinheiro de primeira viagem.

John Faa, Farder Coram e mais dois ou três homens estavam sentados na popa, sob o sol, conversando sobre o próximo passo.

— Bom, Farder Coram conhece essas feiticeiras da Lapônia — disse John Faa. — E se não me engano há uma dívida de gratidão.

— É isso mesmo, John — confirmou Farder Coram. — Foi há quarenta anos, mas para uma feiticeira isso não é nada; algumas vivem isso multiplicado várias vezes.

— Que foi que aconteceu para que elas ficassem em dívida com você, Farder Coram? — perguntou Adam Stefanski, o homem encarregado da tropa de combate.

— Salvei a vida de uma feiticeira — Farder Coram explicou. — Ela caiu do céu, perseguida por um enorme pássaro vermelho, nunca vi outro igual. Ela caiu ferida no pântano, e eu saí procurando. Estava quase afogada, e eu a coloquei dentro do barco e dei um tiro no pássaro. Ele caiu

num atoleiro, infelizmente, pois era do tamanho de uma galinha pequena e vermelho como uma labareda.

— Ah... — murmuraram os outros, presos à narrativa de Farder Coram.

— Bom, quando coloquei a moça no barco, tive o maior choque da minha vida, porque ela não tinha dimon.

Foi como se ele tivesse dito "não tinha cabeça"; essa ideia era repugnante. Os homens estremeceram, seus dimons se eriçaram, ou se sacudiram, ou piaram roucamente, e os homens os acalmaram. Pantalaimon foi para o colo de Lyra, os corações de ambos batendo juntos.

— Pelo menos era o que parecia — continuou Farder Coram. — Como tinha caído do céu, eu já suspeitava que era uma feiticeira. Parecia mesmo uma mulher jovem, mais magra que algumas e mais bonita que a maioria, mas não ver o dimon me causou um grande choque.

— Então as feiticeiras não têm dimon? — quis saber outro homem, Michael Canzona.

— Os dimons delas são invisíveis, eu acho — disse Adam Stefanski. — Ele estava lá o tempo todo, e Farder Coram não viu.

— Não, você está enganado, Adam — explicou Farder Coram. — Ele não estava lá, não. As feiticeiras têm o poder de se separar de seus dimons a uma distância muito maior do que nós. Se for preciso, elas podem mandar seus dimons viajar para terras distantes, ou até as nuvens, ou até o fundo do mar. E essa feiticeira que eu encontrei não tinha descansado nem uma hora quando o dimon dela chegou voando, porque ele sentiu o medo e os machucados dela, é claro. E eu acredito, embora ela nunca tenha admitido, que o grande pássaro vermelho que eu matei era o dimon de outra feiticeira. Poxa, fiquei tremendo quando pensei nisso. Se eu soubesse, não teria atirado; teria feito qualquer outra coisa, no mar ou em terra; mas eu atirei. De qualquer maneira, eu salvei a vida dela, e ela me deu uma lembrança disso e disse para eu lhe pedir ajuda se algum dia precisasse. E uma vez ela me mandou ajuda quando os escraelingues me acertaram uma flecha envenenada. Nós tínhamos outras ligações, também... Não nos vemos há muitos anos, mas ela vai se lembrar.

— E essa feiticeira mora em Trollesund?

— Não, não. Elas moram nas florestas e na tundra, não em um porto marítimo, entre homens e mulheres. O negócio delas é com a natureza. Mas elas têm lá um consulado, e eu vou mandar um recado para ela, sem dúvida.

Lyra estava louca para saber mais sobre as feiticeiras, mas a conversa mudou para a questão de combustível e suprimentos, e afinal ela ficou impaciente para conhecer o resto do navio. Saiu vagando pelo convés na direção da proa, e logo fez amizade com um Marinheiro Qualificado — amizade que começou com ela atirando nele, uma por uma, as sementes que guardara da maçã que tinha comido no café da manhã.

Ele era um homem corpulento e tranquilo, e depois que lhe disse um palavrão e ouviu outro dela em resposta, eles se tornaram grandes amigos. O nome dele era Jerry. Sob a orientação dele, ela descobriu que ter alguma coisa para fazer impedia o enjoo, e que até um trabalho como lavar o convés podia ser prazeroso, se fosse feito como um marinheiro fazia. Ela ficou entusiasmada com essa ideia, e depois disso passou a dobrar as cobertas da sua cama à moda dos marinheiros, a guardar seus pertences no armário à moda dos marinheiros e usar o termo "estivar" em vez de "arrumar" para esse processo.

Depois de dois dias no mar, Lyra estava convencida de que aquela era a vida que ela queria. Tinha toda liberdade no navio, desde a casa de máquinas até a ponte, e logo já sabia o nome de toda a

tripulação. O Capitão Rokeby deixou que ela tocasse o apito a vapor para sinalizar para uma fragata das Holandas; o cozinheiro aceitou a ajuda dela para misturar o pudim de pêssego; e só uma bronca de John Faa impediu que ela subisse ao topo do mastro para contemplar da gávea o horizonte.

O navio ia para o Norte, e cada dia o frio era mais intenso. Procuraram, nos depósitos, lonas que pudessem ser cortadas para ela, e Jerry lhe ensinou a costurar, uma arte que ela aprendeu de boa vontade, embora na Jordan a tivesse desprezado, fugindo às aulas da Sra. Lonsdale. Juntos fizeram para o aletiômetro uma sacola à prova d'água que ela podia prender em volta da cintura, caso caísse na água, segundo ela. Com o instrumento em segurança, ela usando a capa e o capuz de lona, Lyra se agarrava à amurada, enquanto a espuma gelada se derramava por cima da proa e molhava o convés. Às vezes, ela sentia enjoo, principalmente quando o vento crescia e o navio mergulhava pesadamente por uma crista das ondas verde-acinzentadas, e então foi a vez de Pantalaimon distraí-la roçando as ondas como uma ave marinha, porque ela conseguia sentir a euforia de liberdade dele ao sabor do vento e da água e esquecer o enjoo. De vez em quando, ele tentava até mesmo ser um peixe, e certa vez se juntou a um cardume de golfinhos, para grande surpresa e prazer deles. Lyra ficou, tremendo de frio, no castelo de proa, e riu de prazer enquanto seu amado Pantalaimon, esguio e poderoso, saltava da água com meia dúzia de outras figuras cinzentas e rápidas. Era prazer, mas não um prazer simples, pois nele havia também dor e medo: e se ele gostasse mais de ser golfinho do que gostava dela?

Seu amigo, o Marinheiro Qualificado, estava por perto e enquanto ajeitava a tampa de lona sobre a abertura da proa ele parou para observar o dimon da menina nadando e saltando com os golfinhos. Seu próprio dimon, uma gaivota, estava empoleirado no guincho, com a cabeça enfiada sob a asa. Ele sabia o que Lyra estava sentindo.

— Eu me lembro a primeira vez que vim para o mar, eu era bem novinho e a minha Belisária ainda não tomara apenas uma forma, e ela adorava ser toninha, que é uma baleia pequena. Eu tinha medo que ela ficasse assim para sempre. No meu primeiro navio, tinha um velho marinheiro que nunca podia ir a terra, porque o dimon dele tinha ficado sendo um golfinho, e ele nunca podia sair do mar. Era um marinheiro muito bacana, o melhor navegador que já se viu; podia ter feito fortuna com a pesca, mas não gostava. Nunca foi feliz até morrer e poder ser enterrado no mar.

— Por que os dimons têm que ficar com uma forma só? — Lyra perguntou. — Quero que Pantalaimon possa mudar sempre. Ele também quer.

— Ah, eles sempre ficam com uma só, e sempre ficarão. Faz parte de crescer. Vai chegar um tempo em que você vai ficar cansada de tantas mudanças dele, e vai querer que ele tenha uma forma fixa.

— Nunca vou querer isso!

— Ah, vai, sim. Vai querer crescer como todas as outras meninas. De qualquer maneira, a forma única tem suas vantagens.

— Quais?

— Saber que tipo de pessoa você é. A velha Belisária, por exemplo; ela é uma gaivota, o que significa que eu sou uma espécie de gaivota, também. Não sou grandioso, esplêndido, nem bonito, mas sou durão e consigo sobreviver em qualquer lugar, e sempre arranjo comida e boa companhia. Vale a pena saber disso. E quando o seu dimon se estabelecer numa forma, você vai saber que tipo de pessoa é.

— Mas e se o meu dimon se estabelecer numa forma que eu não goste?

— Bom, você vai se decepcionar, não é? Tem muita gente que gostaria de ter um dimon-leão e acaba com um poodle. E até aprenderem a se contentar com o que são, reclamam muito. Acho isso um desperdício de energia.

Mas Lyra tinha a impressão de que nunca cresceria.

Certa manhã, havia no ar um cheiro diferente, e o navio se movia de modo estranho, balançando de um lado para o outro, em vez de mergulhar a proa e tornar a erguê-la. Lyra acordou e em menos de um minuto estava no convés, olhando avidamente para a terra: uma visão muito estranha, depois de toda aquela água, pois embora só tivessem ficado alguns dias navegando, para Lyra era como se tivessem passado meses no oceano. Bem à frente do navio ela via uma montanha de encostas verdes e o pico coberto de neve, e no sopé uma cidadezinha e um porto: casas de madeira com telhados pontudos, a torre fina de uma igreja, caixotes no porto e nuvens de gaivotas voando em círculo e gritando. O cheiro era de peixe, mas junto com ele vinham também cheiros de terra firme: resina de pinheiro, barro, e alguma coisa animal e almiscarada, e mais alguma coisa, que era fria, informe e livre: podia ser neve. Era o cheiro do Norte.

Em volta do navio, brincavam focas, mostrando seus rostos de palhaço acima da água antes de mergulharem de novo ruidosamente. O vento que levantava espuma das cristas brancas das ondas era monstruosamente frio, e procurava toda abertura que houvesse no casaco de Lyra, e logo as mãos dela doíam e o rosto estava dormente. Pantalaimon, em sua forma de arminho, aquecia o pescoço dela, mas o tempo estava frio demais para que ficassem do lado de fora por muito tempo sem um trabalho a fazer, mesmo que fosse observar as focas, e Lyra desceu para tomar seu mingau do café da manhã e olhar pela escotilha do refeitório.

Dentro do porto, o mar estava calmo, e enquanto o barco avançava ao longo do gigantesco quebra-mar, Lyra começou a se sentir tonta por causa da falta de movimento. Ela e Pantalaimon observavam atentamente enquanto o navio se movia de modo lento e majestoso em direção ao atracadouro. Durante a hora seguinte, o ruído do motor diminuiu para um ronco baixo, vozes gritavam ordens ou perguntas, cordas eram jogadas, passarelas baixadas, portas abertas.

— Vamos, Lyra — chamou Farder Coram. — Já arrumou sua bagagem?

A bagagem de Lyra, por assim dizer, já estava arrumada desde que ela acordara de manhã e avistara terra firme. Tudo que precisava fazer agora era correr até a cabine e pegar a sacola de compras.

A primeira coisa que ela e Farder Coram fizeram em terra firme foi visitar a casa do Cônsul das Feiticeiras. Não demoraram a encontrar; a cidadezinha rodeava o porto, sendo o oratório e a casa do Governador as únicas construções um pouco maiores. O Cônsul das Feiticeiras morava numa casa de madeira pintada de verde com vista para o mar, e quando eles tocaram a campainha, o som ressoou pela rua silenciosa.

Um criado os levou para uma saleta e lhes trouxe café. Depois, o próprio Cônsul veio recebê-los. Era um homem gordo, de rosto alegre, usando um sóbrio terno preto. Seu nome era Martin Lanselius. Seu dimon era uma serpente pequena da mesma cor verde intensa e brilhante dos olhos dele, que eram a única coisa de feiticeiro na aparência dele; mas Lyra não tinha certeza de como seria uma feiticeira.

— Em que posso ajudá-lo, Farder Coram? — ele perguntou.

— De duas maneiras, Dr. Lanselius. Primeiro, estou ansioso para entrar em contato com uma feiticeira que conheci há alguns anos, na região dos Pântanos na Anglia Oriental. O nome dela é Serafina Pekkala.

O Dr. Lanselius tomou nota com uma lapiseira de prata.

— Há quanto tempo foi o seu encontro com ela? — quis saber.

— Deve ter uns quarenta anos. Mas acho que ela se lembra.

— E em que mais posso ajudá-lo?

— Estou representando um grupo de famílias gípcias que perderam seus filhos. Temos razões para acreditar que existe uma organização sequestrando essas crianças, as nossas e as terrestres, e que essas crianças são trazidas para o Norte com algum objetivo desconhecido. Gostaria de saber se o senhor ou o seu povo ouviu alguma coisa sobre isso.

O Dr. Lanselius ficou bebericando calmamente seu café.

— Não é impossível que notícias de tal atividade possam ter chegado por esses lados — disse. — O senhor sabe que as relações entre o meu povo e os nortelandenses são inteiramente cordiais. Seria difícil encontrar uma razão para eu ir contra eles.

Farder Coram assentiu como se compreendesse muito bem.

— Naturalmente — respondeu. — E não me seria necessário lhe perguntar, se eu poderia conseguir a informação de qualquer outra maneira. Foi por isso que primeiro perguntei pela minha amiga.

Agora foi o Dr. Lanselius quem assentiu como se compreendesse muito bem. Lyra observava esse jogo com admiração e respeito. Havia muita coisa acontecendo por trás das palavras, e ela viu que o Cônsul das Feiticeiras estava chegando a uma decisão.

— Muito bem — ele disse. — Naturalmente, isso é verdade, e o senhor fique sabendo que seu nome não nos é desconhecido, Farder Coram. Serafina Pekkala é a rainha de um clã de feiticeiros na região do Lago Enara. Quanto à sua outra pergunta, naturalmente fica entendido que essa informação não chegou ao senhor por mim.

— Naturalmente.

— Bem, aqui mesmo nesta cidade existe uma filial de uma organização chamada Companhia de Exploração Progresso do Norte, que finge estar procurando minério, mas que na realidade é controlada por uma coisa chamada Conselho Geral Londrino de Oblação. Por acaso sei que essa organização importa crianças. Isto não é conhecido na cidade; o governo da Noruega não tem conhecimento oficial do fato. As crianças não ficam muito tempo aqui. São levadas para o interior.

— Sabe para onde, Dr. Lanselius?

— Não. Eu lhe contaria, se soubesse.

— E sabe o que acontece a elas lá?

Pela primeira vez o Dr. Lanselius olhou de relance para Lyra. Ela o encarou de volta, impassível. O pequeno dimon-serpente verde ergueu a cabeça do colarinho do Cônsul e cochichou algo em seu ouvido, deixando ver a língua pequena e rápida. O Cônsul declarou:

— Já ouvi a expressão “o Processo Maystadt” em relação a este assunto. Acho que é um nome usado para evitar o uso do nome real. Também já ouvi a palavra “intercisão”, mas não sei a que se refere.

— E no momento há crianças na cidade? — Farder Coram perguntou.

Ele estava acariciando o pelo de seu dimon, sentado alerta em seu colo. Lyra percebeu que ele havia parado de ronronar.

— Acho que não — disse o Dr. Lanselius. — Um grupo de umas dez chegou na semana passada e foi embora anteontem.

— Ah, há tão pouco tempo assim? Então isso nos dá alguma esperança. Como foi que viajaram, Dr. Lanselius?

— De trenó.

— E o senhor não tem ideia de para onde foram?

— Muito pouca. Não é um assunto que nos interesse.

— Naturalmente. O senhor respondeu todas as minhas perguntas de boa vontade, e agora só tenho mais uma. Se o senhor fosse eu, que pergunta faria ao Cônsul dos Feiticeiros?

Pela primeira vez o Dr. Lanselius sorriu.

— Eu perguntaria onde poderia obter os serviços de um urso de armadura — disse.

Lyra se endireitou na cadeira e sentiu o coração de Pantalaimon dar um salto em suas mãos.

— Pensei que os ursos de armadura estivessem a serviço do Conselho de Oblação — disse Farder Coram, surpreso. — Quero dizer, da Companhia de Progresso do Norte, ou seja lá qual for o nome que estão usando.

— Pelo menos um deles não está. Vai encontrá-lo no entreposto de trenós no final da rua Langlokur. No momento, ele ganha a vida lá, mas tem um gênio tão forte, e tão forte é o medo que ele causa nos cachorros, que seu emprego talvez não dure muito.

— Então ele é um renegado?

— Parece que sim. O nome dele é Iorek Byrnison. Você me perguntou o que eu perguntaria, e eu lhe disse. Agora eis o que eu faria: eu agarraria a chance de empregar um urso de armadura, mesmo que fosse uma oportunidade muito mais remota do que esta.

Lyra mal conseguia ficar sentada. Farder Coram, no entanto, conhecia o ritual de entrevistas como esta, e pegou outro pedaço de pão de mel. Enquanto ele comia, o Dr. Lanselius se virou para Lyra.

— Fiquei sabendo que você possui um aletiômetro — disse, para grande surpresa dela; como poderia saber disso?

— Sim — ela respondeu. Então, impulsionada por um cutucão de Pantalaimon, ofereceu: — Gostaria de dar uma olhada nele?

— Gostaria muito.

Ela puxou de dentro da roupa a sacola de lona e entregou ao cônsul o embrulho de veludo. Ele desembrulhou o instrumento e o ergueu com grande cuidado, contemplando o mostrador como um sábio diante de um manuscrito raro.

— Que maravilha! — exclamou. — Já vi outro exemplar, mas não era tão bonito quanto este. E você possui o livro de instruções?

— Não — Lyra começou.

Antes, porém, que ela pudesse dizer mais alguma coisa, Farder Coram interveio:

— Não, é uma grande pena que embora Lyra possua o aletiômetro não haja meio de consultá-lo. É um mistério igual às manchas de tinta que os hindus usam para ler o futuro. E o livro de instruções mais próximo, pelo que sei, é o da Abadia de St. Johann em Heidelberg.

Lyra entendeu por que ele dizia isso: não queria que o Dr. Lanselius soubesse do poder dela. Mas ela via também uma coisa que Farder Coram não conseguia ver: a agitação do dimon do Dr. Lanselius. Ela logo percebeu que não adiantava fingir. Portanto, disse:

— Na verdade, eu *consigo* ler o aletiômetro.

Ela se dirigiu tanto ao Dr. Lanselius quanto a Farder Coram, mas quem reagiu foi o Cônsul.

— É muito sábio da sua parte — disse. — Onde foi que obteve este exemplar?

— O Reitor da Faculdade Jordan em Oxford me deu. Dr. Lanselius, o senhor sabe quem foi que construiu estas coisas?

— Dizem que tiveram origem em Praga. O inventor do primeiro aletiômetro estava aparentemente tentando descobrir um modo de medir a influência dos planetas, de acordo com os princípios da astrologia. Ele pretendia criar um mecanismo que reagisse à percepção de Marte ou Vênus, assim como a bússola reage à percepção do Norte. Nisso ele fracassou, mas o mecanismo que criou está obviamente reagindo a algo, mesmo que ninguém saiba exatamente a quê.

— E onde ele conseguiu estes símbolos?

— Ah, foi no século XVII. Havia símbolos e emblemas por toda parte. Os prédios e os quadros podiam ser lidos como livros. Tudo simbolizava outra coisa; se a pessoa tivesse o dicionário certo, poderia ler até a Natureza. Não era estranho que os filósofos usassem a simbologia da sua época para interpretar um conhecimento vindo de uma origem misteriosa. Mas, vocês sabem, durante mais de dois séculos eles não foram corretamente usados.

Devolveu o instrumento a Lyra e acrescentou:

— Posso lhe fazer uma pergunta? Sem o livro dos símbolos, como é que você lê?

— Eu faço minha cabeça ficar vazia e então é como olhar para dentro d'água. A gente deixa os olhos encontrarem o nível certo, porque é o único que fica em foco. Mais ou menos isso — ela falou.

— Será que posso vê-la fazer isso? — ele pediu.

Lyra olhou para Farder Coram, com vontade de concordar, porém esperando a aprovação dele. O ancião assentiu.

— O que vou perguntar? — Lyra quis saber.

— Quais são as intenções dos tártaros em relação a Kamchatka?

Esta não era difícil. Lyra girou um ponteiro até o camelo, que significava Ásia, que significa os tártaros; outro, para a cornucópia, significando Kamchatka, onde ficavam as minas de ouro; e o terceiro para a formiga, que significava atividade, que significava propósito e intenção. Então ficou imóvel, deixando a mente reunir os três níveis de significado, esperando tranquilamente a resposta, que veio quase no mesmo instante. O ponteiro comprido estremeceu sobre o golfinho, o elmo, o bebê e a âncora, dançando entre eles e até o cadinho num desenho complicado que os olhos de Lyra acompanharam sem hesitação, mas que era incompreensível para os dois homens.

Depois que ele completou várias vezes o movimento, Lyra ergueu os olhos. Pestanejou duas vezes, como se saísse de um transe.

— Eles vão fingir que atacam lá, mas não vão atacar, porque é longe demais, e eles iam ficar muito espalhados — disse.

— Pode me dizer como leu isto?

— O golfinho, um dos significados mais profundos dele é brincar, fazer brincadeiras — ela explicou. — Sei que é esse significado porque ele parou no símbolo um certo número de vezes e ficou claro nesse nível e em nenhum outro. O bebê significa... significa dificuldade... O ataque seria

muito difícil para eles, e a âncora diz por quê: porque eles iam ficar esticados como a corda da âncora. É assim que eu vejo, entende?

O Dr. Lanselius assentiu.

— Notável — comentou. — Fico-lhe muito grato. Não vou esquecer.

Então olhou estranhamente para Farder Coram e depois para Lyra.

— Posso lhe pedir mais uma demonstração? — perguntou. — No quintal atrás desta casa você vai encontrar vários galhos de pinheiro-nubígeno pendurados na parede. Um deles foi usado por Serafina Pekkala; você pode me dizer qual?

— Claro! — disse Lyra, sempre pronta para fazer bonito.

Pegou o aletiômetro e saiu depressa. Estava ansiosa para ver o tal pinheiro-nubígeno que as feiticeiras usavam para voar. Enquanto ela estava ausente, o Cônsul perguntou:

— Sabe quem é esta criança?

— É a filha de Lorde Asriel — respondeu Farder Coram. — E a mãe é a Sra. Coulter, do Conselho de Oblação.

— E além disto?

O velho gípcio sacudiu a cabeça.

— Não, eu não sei mais. Mas é uma criatura estranha e inocente, e eu não quero que nenhum mal lhe aconteça. Como ela consegue ler aquele instrumento eu não sei, mas acredito no que ela diz. Por que pergunta, Dr. Lanselius? O que o senhor sabe sobre ela?

— Há séculos as feiticeiras falam dessa criança — disse o Cônsul. — Por viverem tão próximas do lugar onde o véu entre os mundos é fino, de vez em quando elas escutam sussurros imortais, as vozes daqueles seres que passam de um mundo a outro. E eles falaram de uma criança como esta, que tem um grande destino que não poderá ser cumprido neste mundo, mas num lugar muito além dele. Sem esta criança, morreremos todos, é o que dizem as feiticeiras. Mas ela tem que cumprir esse destino sem saber o que está fazendo, porque somente na inocência dela nós podemos ser salvos. Está entendendo, Farder Coram?

— Não — disse Farder Coram. — Não posso dizer que estou.

— O que significa que ela deve ser livre para cometer erros. Devemos esperar que ela não cometa, mas não podemos guiá-la. Estou feliz por ter visto esta criança antes de morrer.

— Mas como foi que o senhor a reconheceu? E o que quis dizer quando falou em seres que passam de um mundo a outro? Não consigo compreender o que o senhor diz, Dr. Lanselius, por mais que o considere um homem honesto...

Mas antes que o Cônsul pudesse responder, a porta se abriu e Lyra entrou, triunfante, trazendo um raminho de pinheiro.

— É este aqui! — exclamou. — Testei todos eles, e tenho certeza de que é este.

O Cônsul examinou o ramo com atenção e assentiu.

— Correto — disse. — Bem, Lyra, isto é notável. Você tem sorte de ter um instrumento como este, e eu lhe desejo sorte com ele. Gostaria de lhe dar uma coisa...

Pegou o galho e partiu um raminho para ela.

— Ela voou com isto? — Lyra quis saber, impressionada.

— Voou, sim. Não posso lhe dar todo, porque preciso dele para entrar em contato com ela, mas isto é suficiente. Cuide bem dele.

— Vou cuidar. Muito obrigada.

Ela enfiou o raminho dentro da bolsa, ao lado do aletiômetro. Farder Coram tocou no ramo de pinheiro como se fosse um amuleto, e Lyra viu no rosto dele uma expressão que nunca tinha visto antes: quase nostálgica. O Cônsul foi com eles até a porta, onde apertou a mão de Farder Coram, e a de Lyra também.

— Espero que sejam bem-sucedidos — disse.

Ficou parado na soleira, no frio penetrante, observando enquanto eles seguiam pela pequena rua.

— Ele já sabia da resposta sobre os tártaros — Lyra contou a Farder Coram. — O aletiômetro me contou, mas eu não disse. Foi o cadinho.

— Imagino que estava testando você, filha. Mas fez bem em ser gentil, já que não temos certeza do que ele já sabe. E aquela dica do urso foi muito útil. De outra maneira, não ficaríamos sabendo.

Conseguiram encontrar o entreposto, que era formado por dois armazéns de concreto numa área de terrenos baldios onde o capim fino crescia entre pedras cinzentas e poças de lama gelada. Na sala das conversas, um homem carrancudo informou que eles poderiam falar com o urso no final do expediente, às seis horas, mas teriam que chegar na hora, porque em geral ele ia diretamente para o quintal atrás do Bar de Einarsson, onde lhe davam bebida.

Então Farder Coram levou Lyra para a melhor loja de roupas da cidade e comprou para ela algumas peças próprias para o frio. Compraram um casacão feito de pele de rena, porque os pelos da rena são ocos e isolam muito bem; e o capuz era feito de pele de carcaju, porque esse pelo expulsa o gelo que se forma quando a pessoa respira. Compraram roupas de baixo e forros de bota de pele de filhote de rena, e luvas de seda para usar debaixo das grossas luvas de pele. As botas e essas luvas eram feitas da pele da perna da rena, que é muito resistente, e as solas das botas eram feitas com a pele da foca barbada, que é tão grossa quanto o couro do leão-marinho, porém mais leve. Finalmente, compraram uma capa semitransparente que a envolvia completamente, feita de intestino de foca.

Vestindo tudo isso, com um cachecol de seda em volta do pescoço, uma touca de lã tapando as orelhas e o grande capuz puxado para a frente, ela sentia até calor; mas eles iam para lugares ainda muito mais frios.

John Faa, que tinha ficado supervisionando o descarregamento do navio, estava ansioso para saber o que o Cônsul das Feiticeiras dissera, e ficou ainda mais curioso quando soube do urso.

— Vamos lá hoje mesmo — decidiu. — Já falou alguma vez com uma criatura dessas, Farder Coram?

— Já, sim; e já lutei contra uma, também, embora não sozinho, graças a Deus. Temos que nos preparar para lidar com ele, John. Ele vai pedir muito, tenho certeza, e deve ser mal-humorado e difícil de tratar; mas precisamos dele.

— Ah, precisamos, sim. E a sua feiticeira?

— Bem, ela está muito longe, e agora é rainha de um clã — contou Farder Coram. — Eu esperava que pudesse mandar um recado para ela, mas a resposta ia demorar demais.

— Ah, sim. Agora vou contar o que foi que eu descobri, amigo.

Pois John Faa estava impaciente para lhe contar uma coisa. Ele havia conhecido no porto um explorador, um homem da Nova Dinamarca chamado Lee Scoresby, do país do Texas, e esse homem tinha um balão! A expedição que ele pretendia acompanhar fracassara por falta de fundos antes de sair de Amsterdã, então ele estava livre.

— Pense no que podemos fazer com a ajuda de um aeróstata, Farder Coram! — disse John Faa, esfregando as mãos. — Contratei o sujeito para ir conosco. Parece que estamos tendo sorte neste lugar.

— Ainda mais sorte teríamos se tivéssemos uma ideia de aonde estamos indo — disse Farder Coram.

Mas nada conseguia diminuir o prazer de John Faa por estar novamente em campanha.

Depois que escureceu e que toda a carga tinha sido retirada do navio e estava esperando no cais, Farder Coram e Lyra seguiram ao longo da praia procurando o Bar de Einarsson. Encontraram facilmente: um tosco barracão de concreto com um cartaz de néon vermelho piscando irregularmente acima da porta e o som de vozes altas passando através das janelas embaçadas de condensação.

Um beco de solo acidentado ao lado do bar levava a um portão de ferro que dava para os fundos do prédio, onde havia um barracão. A luz fraca que saía pela janela dos fundos do bar mostrava uma figura grande e pálida agachada, devorando uma posta de carne que segurava com ambas as mãos. Lyra teve um vislumbre de um focinho sujo de sangue, olhos pequenos e maus, e uma imensidão de pelos amarelados e sujos. A figura soltava sons ao mastigar e engolir, rosnados e ofegos.

Farder Coram parou junto ao portão e chamou:

— Iorek Byrnison!

O urso parou de comer. Pelo que eles podiam ver, o urso estava olhando diretamente para eles, mas era impossível decifrar sua expressão.

— Iorek Byrnison! — tornou a chamar Farder Coram. — Posso falar com você?

Lyra tinha o coração disparado, porque alguma coisa na presença do urso lhe dava uma sensação quase de frio, de uma força perigosa e brutal, mas uma força controlada pela inteligência; e não uma inteligência humana, nada parecido com isto, porque naturalmente os ursos não tinham dimons. Aquela estranha figura mastigando carne não se parecia com o que ela havia imaginado, e ela sentiu admiração e piedade profundas pela criatura solitária.

Ele deixou a perna de rena cair na lama e foi andando de quatro até o portão. Ali ficou de pé, com seus mais de 3 metros de altura, como se quisesse mostrar seu poder e deixar claro que aquele portão seria inútil para contê-lo.

— Bom, quem são vocês?

Sua voz era tão grossa que parecia sacudir a terra. O fedor que vinha do seu corpo era quase insuportável.

— Sou Farder Coram, do povo gípcio da Anglia Oriental. E esta menininha é Lyra Belacqua.

— O que vocês querem?

— Queremos lhe oferecer um emprego, Iorek Byrnison.

— Já tenho emprego.

O urso ficou de quatro novamente. Sua voz era tão grossa e sem entonação que era difícil detectar nela alguma expressão, fosse de ironia ou de raiva.

— O que você faz no entreposto de trenós? — Farder Coram quis saber.

— Conserto máquinas e artigos de ferro. Levanto coisas pesadas.

— Que tipo de trabalho é esse para um *panserbjorne*?

— Trabalho pago.

Atrás do urso, uma fresta foi aberta, e um homem colocou no chão um grande jarro de barro antes de erguer os olhos para eles.

— Quem está aí?

— São desconhecidos — disse o urso.

Parecia que o dono do bar ia perguntar mais alguma coisa, mas o urso se lançou na direção dele, e o homem, assustado, fechou a porta. O urso passou uma garra pelo cabo do jarro e bebeu. Lyra sentiu o cheiro forte de álcool.

Depois de beber vários goles, o urso largou o jarro e voltou a morder a carne, aparentemente esquecido de Farder Coram e Lyra; mas de repente ele tornou a falar.

— Que trabalho vocês estão oferecendo?

— Combate, com certeza — disse Farder Coram. — Estamos viajando para o Norte até encontrarmos o lugar para onde levaram algumas crianças roubadas. Quando encontrarmos o lugar, vamos ter que lutar para libertar as crianças; e então vamos trazer todas de volta.

— E como vão pagar?

— Não sei o que lhe oferecer, Iorek Byrnison. Se quiser ouro, nós temos.

— Não serve.

— O que lhe pagam no entreposto de trenós?

— Comida e bebida.

O urso ficou calado; deixou cair o osso esfrangalhado e tornou a levar o jarro à boca, engolindo a forte bebida como se fosse água. Farder Coram falou então:

— Desculpe perguntar, Iorek Byrnison, mas você podia viver com orgulho e liberdade no gelo, caçando focas e leões-marinhos, ou podia ir para a guerra e ganhar muitos prêmios; o que prende você a Trollesund e ao Bar de Einarsson?

Lyra sentiu o corpo inteiro se arrepiar. Achava que uma pergunta como aquela, sendo quase um insulto, iria enraivecer a enorme criatura, e ficou impressionada com a coragem de Farder Coram em perguntar. Iorek Byrnison largou o jarro e chegou perto do portão para estudar o rosto do ancião. Farder Coram não se abalou.

— Sei quem é o pessoal que vocês estão procurando, os mutiladores de crianças — disse o urso. — Saíram da cidade anteontem, indo para o Norte com mais crianças. Ninguém vai lhes falar sobre eles; fingem não ver, porque os mutiladores de crianças trazem dinheiro e negócios para a cidade. Eu não gosto deles, então vou responder com educação. Fico aqui e bebo porque os homens daqui tiraram a minha armadura, e sem ela eu posso matar focas, mas não posso ir para a guerra. Eu sou um urso de armadura: a guerra é o mar onde eu nado e o ar que eu respiro. Os homens desta cidade me deram bebida, me fizeram beber até dormir, e então tiraram a minha armadura. Se eu soubesse onde ela está, iria derrubar a cidade até pegar de volta. Se querem o meu serviço, o preço é este: devolver minha armadura. Se fizerem isto, eu vou ajudar na sua luta até morrer ou até vocês vencerem. O preço é a minha armadura; quando eu tiver de volta a minha armadura, nunca mais vou precisar da bebida.

11

A ARMADURA



QUANDO voltaram para o navio, Farder Coram, John Faa e os outros chefes passaram muito tempo em conferência no salão de refeições, e Lyra foi mandada para a sua cabine para consultar o aletiômetro. Cinco minutos depois ela sabia exatamente onde estava a armadura do urso e por que o resgate seria difícil.

Ficou sem saber se ia ao refeitório contar para John Faa e para os outros, mas resolveu que se quisessem saber eles lhe perguntariam. Talvez até já soubessem.

Ficou deitada na cama pensando naquele urso poderoso e selvagem e no modo como ele engolia aquela bebida forte, e na solidão dele naquele barracão sujo. Como era diferente ser gente, com seu dimon sempre por perto para conversar! No silêncio do navio parado, sem os contínuos estalidos de metal e madeira ou o ronco do motor ou o barulho da água no casco, Lyra foi adormecendo, com Pantalaimon em cima do travesseiro dormindo também.

Ela estava sonhando com seu pai aprisionado quando de repente, sem qualquer razão, despertou. Não tinha ideia das horas. Havia na cabine uma luz fraca que ela imaginou ser da lua, e ela viu, no canto da cabine, as suas roupas novas. E no mesmo instante teve vontade de experimentá-las.

Depois de vesti-las, ela quis sair para o convés, e um minuto depois estava no topo da escada, abrindo a porta.

Viu imediatamente que alguma coisa estranha estava acontecendo no céu. Pensou que fossem nuvens se movendo e estremecendo sob uma agitação nervosa, mas Pantalaimon cochichou:

— A Aurora Boreal!

O êxtase dela foi tão grande que ela precisou se agarrar à amurada para não cair.

A luz enchia todo o céu ao Norte; sua imensidão mal podia ser concebida. Como se estivessem presas no próprio céu, grandes cortinas de delicada luz pendiam e estremeciam. Com seus tons de

verde-claro e rosa, transparentes como a renda mais fina, e tendo como bainha uma faixa de um púrpura profundo e gritante como as chamas do Inferno, elas balançavam e cintilavam com mais graça do que a mais graciosa dançarina. Lyra chegou a pensar que as escutava: um sussurro intenso e distante. No meio daquela delicadeza evanescente, ela experimentou uma emoção tão profunda como a que havia sentido quando estava perto do urso. Aquilo a comovia, era muito lindo, quase sagrado; ela sentiu lágrimas nos olhos, e as lágrimas dividiram ainda mais a luz em arco-íris prismáticos. Não demorou para que ela se encontrasse no mesmo tipo de transe de quando consultava o aletiômetro. Pensou calmamente: talvez a mesma força que move o ponteiro do aletiômetro crie também a Aurora Boreal. Podia ser até o próprio Pó. Ela pensou isto sem perceber que tinha pensado, e logo esqueceu; só foi se lembrar muito tempo depois.

Enquanto Lyra observava, a imagem de uma cidade se formou atrás dos véus e dos jatos de translúcida luz: torres e domos, templos e colunatas, amplas praças e parques iluminados pelo sol. Olhar para aquilo lhe dava uma sensação de vertigem, como se não estivesse olhando para cima e sim para baixo, através de um abismo tão largo que nada poderia atravessá-lo — aquela cidade ficava a um universo inteiro de distância.

Mas alguma coisa se movia através do abismo, e, ao tentar focalizar a visão no momento, ela ficou tonta, porque a coisinha que se movia não fazia parte da Aurora Boreal ou do outro universo atrás da Aurora; era no céu, acima dos telhados da cidade. Quando conseguiu distinguir claramente, ela havia saído inteiramente do transe e a cidade celeste tinha desaparecido.

A coisa voadora se aproximou e rodeou o navio com as asas estendidas. Depois desceu e pousou com rápidos movimentos das asas poderosas, parando no convés a poucos metros de Lyra.

À luz da Aurora, ela viu um pássaro enorme, um lindo ganso cinzento com a cabeça coroada por um clarão de puro branco. Mas não era um pássaro: era um dimon, embora não houvesse pessoa alguma à vista. Isso deixou Lyra morrendo de medo. O pássaro perguntou:

— Onde está Farder Coram?

E de repente Lyra compreendeu quem devia ser: o dimon de Serafina Pekkala, a rainha do clã, a feiticeira amiga de Farder Coram. Gaguejou em resposta:

— Eu... Ele está... Vou chamar.

Lyra desceu a escada aos tropeços; abriu a porta da cabine que Farder Coram ocupava e falou para a escuridão:

— Farder Coram! O dimon da feiticeira apareceu! Está esperando no convés. Voou até aqui sozinho, eu vi quando ele vinha pelo céu...

O ancião pediu:

— Peça para ele esperar no convés de ré, minha filha.

O ganso avançou majestosamente para a popa do navio, onde olhou em volta, ao mesmo tempo elegante e selvagem, causando uma mistura de terror e fascinação em Lyra, que tinha a sensação de estar falando com um fantasma.

Então Farder Coram apareceu, enrolado em suas roupas de frio, seguido de perto por John Faa. Os dois velhos fizeram uma reverência respeitosa, e seus dimons também cumprimentaram o visitante.

— Saudações — disse Farder Coram. — Estou feliz e orgulhoso por vê-lo de novo, Kaisa. Agora, gostaria de entrar, ou prefere ficar aqui ao ar livre?

— Eu prefiro ficar ao ar livre, obrigado, Farder Coram. Vai conseguir ficar aquecido aqui por algum tempo?

Os feiticeiros e seus dimons não sentiam frio, mas sabiam que os outros humanos sentiam.

Farder Coram assegurou que estavam todos bem agasalhados e perguntou:

— Como vai Serafina Pekkala?

— Ela manda lembranças, Farder Coram, está muito bem e forte. Quem são estas duas pessoas?

Farder Coram apresentou os dois. O dimon-ganso olhou atentamente para Lyra.

— Já ouvi falar desta criança — declarou. — As feiticeiras conversam sobre ela. Então vieram guerrear?

— Guerrear, não, Kaisa. Viemos libertar as crianças que nos roubaram. E espero que as feiticeiras nos ajudem.

— Nem todas irão ajudar. Alguns clãs estão trabalhando com os caçadores do Pó.

— É assim que vocês chamam o Conselho de Oblação?

— Não sei o que pode ser esse Conselho. Eles são caçadores do Pó. Vieram para a nossa região há dez anos com instrumentos filosóficos. Pagaram-nos para permitir que construíssem estações em nossas terras e nos trataram com cortesia.

— Que Pó é esse?

— Ele vem do céu. Alguns dizem que sempre existiu; outros, que está caindo agora. O certo é que quando as pessoas tomam consciência dele, ficam apavoradas, e não descansam até descobrirem o que é. Mas nada disso interessa às feiticeiras.

— E onde estão agora esses caçadores do Pó?

— Quatro dias a nordeste daqui, num lugar chamado Bolvangar. Nosso clã nunca fez acordo com eles, e por causa da nossa antiga dívida com você, Farder Coram, vim mostrar como encontrar esses caçadores do Pó.

Farder Coram sorriu, e John Faa bateu palmas com satisfação.

— Muitíssimo obrigado, senhor — disse ao ganso. — Mas nos diga uma coisa: sabe algo mais sobre esses caçadores do Pó? O que eles fazem nessa tal de Bolvangar?

— Construíram edifícios de metal e concreto, e algumas câmaras subterrâneas. Queimam álcool de carvão, que trazem com muita despesa. Não sabemos o que fazem, mas nesse lugar, e por muitos quilômetros em volta, o ar está cheio de ódio e de medo; as feiticeiras conseguem ver estas coisas onde os humanos não conseguem. Os animais também ficam de longe. Nenhum pássaro voa lá; os lemingues e as raposas fugiram. Daí o nome Bolvangar: as campinas do mal. Eles não chamam assim: chamam de Estação Experimental. Mas para todo mundo é Bolvangar.

— E como se defendem?

— Eles têm uma companhia de tártaros do Norte armados com rifles. São bons soldados, mas não têm prática, porque ninguém jamais atacou o posto. Além disso, à volta do terreno, há uma cerca de arame com energia anbárica. Pode haver outras defesas que não conhecemos, pois, como eu expliquei, isso não nos interessa.

Lyra estava louca para fazer uma pergunta; o dimon-ganso sentiu isso e olhou para ela como se lhe desse permissão para perguntar.

— Por que as feiticeiras falam de mim? — ela quis saber.

— Por causa do seu pai e do conhecimento que ele tem dos outros mundos — respondeu o dimon.

Aquilo surpreendeu os três. Lyra olhou para Farder Coram, que lhe retribuiu o olhar com um leve espanto, e para John Faa, cuja expressão era preocupada.

— Outros mundos? — repetiu. — Perdão, senhor, mas que mundos seriam esses? Está falando das estrelas?

— Claro que não.

— Talvez o mundo dos espíritos? — arriscou Farder Coram.

— Também não.

— É a cidade nas luzes, não é? — disse Lyra.

O ganso virou para ela a sua majestosa cabeça. Tinha olhos negros rodeados por uma linha fina de puro azul-celeste, e seu olhar era intenso.

— Sim — respondeu. — Há milhares de anos as feiticeiras sabem dos outros mundos. Eles às vezes podem ser vistos nas Luzes do Norte. Não fazem parte deste universo; até mesmo as estrelas mais distantes fazem parte deste universo, mas as luzes nos mostram outro universo, inteiramente diferente. Não é mais distante, e sim misturado a este. Aqui, neste convés, existem milhões de outros universos que não sabem uns dos outros...

Ele ergueu as asas e estendeu-as, antes de tornar a dobrá-las.

— Acabei de esbarrar em outros 10 milhões de mundos, e eles nem sabem. Estamos tão próximos quanto de nós mesmos, mas não podemos tocar, ver ou ouvir esses outros mundos, a não ser nas Luzes do Norte.

— E por que lá? — quis saber Farder Coram.

— Porque as partículas carregadas na Aurora Boreal têm a propriedade de afinar a matéria deste mundo, de modo que por um momento conseguimos ver através dele. As feiticeiras sempre souberam disso, mas raramente falamos sobre o assunto.

— Meu pai acredita nisso — Lyra afirmou. — Eu sei, porque ouvi ele falando e mostrando figuras sobre a Aurora Boreal.

— Isso tem alguma coisa a ver com o Pó? — perguntou John Faa.

— Quem sabe? — fez o dimon-ganso. — Só posso lhes dizer que os caçadores do Pó têm medo dele como se fosse um veneno mortal. Foi por isso que aprisionaram Lorde Asriel.

— Mas por quê? — Lyra perguntou.

— Eles acham que ele pretende usar o Pó de alguma forma para fazer uma ponte entre este mundo e o mundo do outro lado da Aurora.

Lyra sentia a cabeça muito leve. Ouviu Farder Coram perguntar:

— E ele pretende mesmo?

— Pretende, sim — respondeu o dimon-ganso. — Eles não acreditam que ele consiga, acham que ele é louco por acreditar em outros mundos. Mas é verdade, esta é a intenção dele. E ele é uma figura tão forte que eles ficaram com medo que ele fosse atrapalhar os planos deles, então fizeram um pacto com os ursos de armadura para capturá-lo e mantê-lo prisioneiro na fortaleza de Svalbard. Alguns dizem que como parte do trato eles ajudaram o novo urso-rei a chegar ao trono.

Lyra perguntou:

— As feiticeiras desejam que ele faça essa ponte? Estão a favor dele, ou contra ele?

— Esta é uma pergunta com uma resposta complicada demais. Em primeiro lugar, as feiticeiras não são unidas; há diferenças de opinião entre nós. Em segundo lugar, a ponte de Lorde Asriel terá influência numa guerra que existe no momento entre algumas feiticeiras e várias outras forças, algumas no mundo dos espíritos. A posse dessa ponte, se ela algum dia existisse, daria uma vantagem enorme a quem a possuísse. Em terceiro lugar, o clã de Serafina Pekkala, o meu clã, ainda não faz parte de qualquer aliança, embora esteja sofrendo grande pressão para se declarar de um lado ou do outro. Sabem, são questões de alta política, difíceis de responder.

— E os ursos, de que lado eles estão? — Lyra perguntou.

— Do lado de quem lhes pagar. Não têm o menor interesse nesses assuntos; não têm dimons; não se preocupam com os problemas humanos. Pelo menos é como eles costumavam ser, mas ouvimos dizer que o novo rei está disposto a mudar os velhos hábitos... De qualquer maneira, os caçadores do Pó pagaram a eles para aprisionar Lorde Asriel, e eles vão fazer isso até a última gota de sangue do corpo do último urso vivo.

— Mas não de todos! — protestou Lyra. — Existe um que não está em Svalbard. É um urso renegado, e ele vai com a gente.

O ganso dirigiu a Lyra outro de seus olhares penetrantes. Desta vez ela sentiu a fria surpresa dele. Farder Coram se remexeu desconfortavelmente e disse:

— Na verdade, Lyra, acho que ele não vai. Ouvimos dizer que ele está cumprindo pena de trabalhos forçados; não está livre, como pensamos. Até ser liberado, ele não poderá ir conosco, com ou sem armadura, que, aliás, ele não vai conseguir de volta.

— Mas ele disse que foi enganado! Fizeram ele ficar bêbado e roubaram a armadura dele!

— Nós ouvimos uma história diferente — John Faa contestou. — Ouvimos dizer que ele é um malandro perigoso, isso sim.

Lyra ficou tão indignada que mal conseguiu falar:

— Se o aletiômetro diz alguma coisa, eu sei que é verdade. Eu perguntei, e ele disse que o urso estava dizendo a verdade, que ele foi mesmo enganado e são eles que estão mentindo, não ele. Eu acredito nele, Lorde Faa! Farder Coram, você também viu o urso e acredita nele, não é?

— Eu pensei que acreditasse, filha. Mas não tenho tanta certeza quanto você.

— Mas do que eles têm medo? Estão achando que ele vai sair matando as pessoas assim que estiver de armadura? Ele podia matar um monte delas agora!

— E matou — disse John Faa. — Bom, não um monte, mas algumas. Quando tiraram sua armadura, ele saiu em busca dela; arrombou a delegacia e o banco e nem sei mais o quê, e pelo menos dois homens morreram. Só não foi morto a tiros por causa da sua habilidade fantástica com metais; queriam usá-lo como operário.

— Como escravo! — protestou Lyra com veemência. — Não tinham esse direito!

— Seja como for, podiam ter matado o urso por causa dos homens que ele liquidou, e não mataram. Ele foi condenado a trabalhos forçados pelo interesse da cidade até pagar os estragos e a indenização pelos assassinatos.

Farder Coram interveio:

— John, não sei o que você acha, mas acredito que nunca vão lhe devolver a tal armadura. Quanto mais tempo ele ficar preso, mais zangado vai estar quando tiver a armadura de volta.

— Mas se nós lhe devolvermos a armadura, ele vai com a gente e nunca mais vai incomodar a cidade — disse Lyra. — Eu prometo, Lorde Faa.

— E como é que vamos fazer isso?

— Eu sei onde ela está!

Houve um silêncio, durante o qual todos os três tomaram consciência do dimon da feiticeira olhando fixamente para Lyra. Os três se voltaram para ele, inclusive seus próprios dimons, que até então tinham tido a extrema delicadeza de manter os olhos afastados de tão singular criatura ali presente sem seu corpo.

— Você não vai ficar surpresa em saber que o aletiômetro é a outra razão de as feiticeiras estarem interessadas em você, Lyra. Nosso cônsul nos contou sobre sua visita hoje de manhã. Acredito que foi o Dr. Lanselius quem lhe falou do urso.

— Foi, sim — disse John Faa. — Lyra e Farder Coram foram falar com ele. Acho que o que Lyra diz é verdade, mas se nós agirmos contra a lei dessa gente, só vamos conseguir entrar em conflito com eles, e o que devíamos estar fazendo é ir para essa tal de Bolvangar, com ou sem urso.

— Ah, mas você não viu esse urso, John — protestou Farder Coram. — E eu acredito em Lyra. Podíamos nos responsabilizar por ele, talvez. Ele pode fazer uma grande diferença.

— O que o senhor acha? — John Faa perguntou ao dimon da feiticeira.

— Tivemos pouco contato com os ursos. Os desejos deles são tão estranhos para nós quanto os nossos para eles. Se esse urso é um renegado, pode ser menos confiável do que dizem que os ursos são. Vocês vão ter que resolver sozinhos.

— Está certo — disse John Faa em tom firme. — Mas agora, senhor, pode nos dizer como chegar a Bolvangar?

O dimon-ganso começou a explicar. Falou em vales e montes, na linha de árvores e na tundra, nas estrelas. Lyra escutou durante algum tempo e depois se recostou na cadeira, com Pantalaimon enrolado em seu pescoço, e pensou na grandiosa visão que o dimon-ganso trouxera consigo. Uma ponte entre dois mundos... Aquilo era muito mais esplêndido do que ela poderia esperar! E somente seu maravilhoso pai poderia ter concebido tudo isso. Assim que tivessem resgatado as crianças, ela iria a Svalbard com o urso para levar o aletiômetro a Lorde Asriel, usaria o instrumento para ajudar a libertá-lo; e os dois juntos construiriam a ponte e seriam os primeiros a atravessar...

Em algum momento durante a noite, John Faa deve ter carregado Lyra para a cama dela, porque era onde ela estava ao acordar. O sol fraco estava em sua posição mais alta, apenas o espaço de uma mão acima do horizonte, de modo que devia ser quase meio-dia; breve, quando se aproximassem mais do Norte, não haveria sol algum.

Ela se vestiu depressa e correu para o convés, onde nada de especial estava acontecendo. Todos os suprimentos tinham sido descarregados, trenós e juntas de cães haviam sido alugados e aguardavam a partida; tudo estava pronto, e nada se movia. A maioria dos gípcios estava sentada em volta de compridas mesas de madeira numa taverna cheia de fumaça defronte ao mar, comendo rosquinhas e bebendo café forte e doce sob os estalidos de algumas antiquadas lâmpadas anbáricas.

— Onde está Lorde Faa? — ela perguntou, se sentando com Tony Costa e os amigos dele. — E Farder Coram? Eles foram pegar a armadura do urso?

— Eles estão conversando com o Alcaide. É assim que eles chamam o governador. Você viu esse tal urso, Lyra?

— Vi, sim!

Ela começou a explicar tudo sobre o urso. Enquanto ela falava, mais alguém puxou uma cadeira e se juntou ao grupo.

— Quer dizer que você falou com o velho Iorek? — perguntou.

Lyra olhou com surpresa para o recém-chegado. Era um homem alto e magro, com um bigode preto fino e olhos azuis apertados, e uma eterna expressão de distanciamento, de cinismo e de estar achando graça nas coisas. Ela ficou instantaneamente impressionada com ele, mas sem saber se gostava dele ou não. O dimon dele era uma lebre humilde, magra e com a mesma aparência valente que ele tinha.

O homem estendeu a mão, que ela apertou com cautela.

— Lee Scoresby — ele se apresentou.

— O aeróstata! — ela exclamou. — Onde está o seu balão? Posso subir nele?

— No momento, ele está embalado, senhorita. Você deve ser a famosa Lyra. O que achou de Iorek Byrnison?

— Conhece ele?

— Lutei ao lado dele na campanha da Tunguska. Droga, conheço Iorek há anos. Os ursos são criaturas difíceis, mas aquele é um problema, sem dúvida. Será que algum dos cavalheiros está disposto a um jogo de azar?

Um baralho surgiu do nada na mão dele. Ele o manejou com destreza.

— Bom, já ouvi falar da habilidade que seu povo tem com as cartas — Lee Scoresby declarou enquanto cortava e embaralhava as cartas com uma das mãos e com a outra pescava um charuto no bolso da camisa. — Então achei que não iam negar a um pobre viajante texano a chance de jogar contra a sua habilidade e ousadia no campo de batalha de papelão. O que dizem, cavalheiros?

Os gípcios tinham orgulho de sua habilidade com as cartas, e vários homens se interessaram e aproximaram as cadeiras. Enquanto resolviam com Lee Scoresby que tipo de jogo seria e quanto apostariam, o dimon dele mexia as orelhas para Pantalaimon, que compreendeu e saltou para o lado dele como um esquilo.

Ele estava falando também para Lyra, naturalmente, e ela o escutou dizer baixinho:

— Vá direto ao urso e fale direto com ele. Assim que souberem o que está acontecendo vão levar a armadura dele para outro lugar.

Lyra se levantou, foi levando sua rosquinha, e ninguém percebeu; Lee Scoresby já estava distribuindo as cartas e todos olhavam com desconfiança para as mãos dele.

Na luz fraca daquela tarde interminável, ela chegou ao entreposto de trenós. Era uma coisa que ela sabia que tinha que fazer, mas estava inquieta, e com medo também.

Do lado de fora do maior dos barracões de concreto, o grande urso estava trabalhando, e Lyra ficou olhando junto ao portão aberto. Iorek Byrnison estava desmontando um trator movido a gás que tinha dado uma trombada; a cobertura de metal do motor estava retorcida e rasgada, e um eixo se curvava para cima. O urso levantou o metal como se fosse papelão, virando-o nas mãos enormes, como se estivesse testando o peso, antes de colocar uma pata traseira num canto e depois esticar toda a folha de metal de tal modo que as amassaduras desapareceram e a forma original foi restaurada. Encostando a placa desamassada à parede, ele levantou o trator com uma das patas e o virou de lado, antes de se inclinar para examinar o eixo empenado.

Neste momento, avistou Lyra. Ela sentiu uma onda gelada de medo, por ele ser tão poderoso e desconhecido. Ela o contemplava através da cerca de tela a uns 30 metros de distância, e sabia com

certeza que ele conseguiria cobrir essa distância em um ou dois saltos e rebentar a cerca como se fosse uma teia de aranha. Ela teve vontade de fugir. Mas Pantalaimon disse:

— Pare! Deixe que eu vou falar com ele.

Ele tomou a forma de uma gaivota e sem esperar resposta dela voou por cima da cerca para o solo gelado do outro lado. Havia um portãozinho aberto, e Lyra poderia ter ido atrás dele, mas ficou para trás. Pantalaimon olhou para ela e virou um texugo.

Ela sabia o que ele estava fazendo. Os dimons não podiam se afastar mais de alguns metros de seus humanos, e se ela ficasse junto à cerca e ele continuasse um pássaro, ele não conseguiria chegar perto do urso; portanto, ele ia ter que fazer força.

Ela se sentiu infeliz e irritada. As patas do texugo se enfiaram na terra, e ele avançou. Era um sentimento muito estranho e doloroso quando o dimon de uma pessoa forçava a ligação entre os dois; em parte, uma dor física no fundo do peito; em parte, uma tristeza e um amor intensos. E ela sabia que o mesmo acontecia com ele. Todos testavam isso quando eram crianças: ir ficando cada vez mais longe para ver quanto aguentavam e depois voltando a se aproximar com intenso alívio.

Ele forçou um pouco mais.

— Não, Pan!

Mas ele não parou. O urso observava, imóvel. A dor no coração de Lyra ficava cada vez mais insuportável, e um soluço lhe subiu à garganta.

— Pan...

Ela então atravessou o portão e correu para ele pela lama gelada; ele se transformou num gato-do-mato e saltou para o colo dela; os dois ficaram fortemente abraçados, ambos soltando trêmulos suspiros de infelicidade.

— Pensei que você *ia* mesmo...

— Não...

— *Incrível* como doeu...

Então ela enxugou as lágrimas com raiva e fungou com força; ele se aninhou nos braços dela, e ela tomou consciência de que preferia morrer a deixar que os dois se separassem e enfrentar aquela tristeza outra vez; ela enlouqueceria de sofrimento e terror. Mesmo quando ela morresse, eles continuariam juntos, como os Catedráticos na cripta da Jordan.

Então a menina e seu dimon olharam para o urso solitário. Ele não tinha um dimon; estava sozinho, sempre estaria sozinho. Ela sentiu uma onda de tamanha piedade por ele que quase estendeu a mão para tocar no pelo dele, e apenas o senso de cortesia para com aqueles olhos frios e ferozes a impediu.

— Iorek Byrnison — ela chamou.

— Sim?

— Lorde Faa e Farder Coram foram tentar pegar sua armadura.

Ele não se moveu nem falou. Estava claro o que pensava das chances dos dois homens.

— Mas eu sei onde ela está — continuou o menina. — Se eu lhe contar, talvez você mesmo possa ir pegar, não sei.

— Como é que você sabe onde ela está?

— Eu tenho um leitor de símbolos. Acho que eu devia lhe contar, Iorek Byrnison, já que foram eles que enganaram você. Não acho isso direito. Eles não deviam ter agido assim. Lorde Faa vai

discutir com o Alcaide, mas provavelmente não vão querer devolver sua armadura; assim, se eu lhe contar, você vem com a gente e ajuda a libertar as crianças de Bolvangar?

— Vou.

— Eu... — Ela não queria ser intrometida, mas não conseguia controlar sua curiosidade. — Por que você simplesmente não faz uma armadura com todo este metal, Iorek Byrnison?

— Porque não adianta. Veja. — Ele levantou a capa do motor com uma das mãos e com as garras da outra mão rasgou o metal como se fosse papel. — Minha armadura é feita de ferro-celeste especialmente para mim. A armadura de um urso é a alma dele, assim como o seu dimon é a sua alma. Você poderia se livrar do seu dimon e colocar no lugar um boneco cheio de serragem? É a mesma coisa. Agora, onde está minha armadura?

— Escute, você vai ter que prometer não se vingar. Eles erraram quando tiraram sua armadura, mas você vai ter que aguentar.

— Está bem. Sem vingança. Mas se eles tentarem me impedir de pegar minha armadura, vão morrer.

— Está escondida no porão da casa do padre. Ele acha que tem um espírito dentro dela e anda tentando expulsar esse espírito. Mas ela está lá.

Ele se ergueu nas patas traseiras e se virou em direção ao oeste, de modo que os últimos raios do sol tingiram seu focinho de um amarelo esbranquiçado e brilhante no meio da penumbra. Ela sentia a força emanar da enorme criatura como ondas de calor.

— Tenho que trabalhar até o pôr do sol — ele declarou. — Hoje de manhã, dei a minha palavra ao dono daqui. Ainda estou devendo alguns minutos de trabalho.

— Aqui onde eu estou o sol já se pôs — ela afirmou, pois o sol tinha desaparecido atrás do promontório a sudoeste.

Ele ficou de quatro.

— É verdade — disse, com o rosto agora na sombra, como o dela. — Qual é o seu nome, filha?

— Lyra Belacqua.

— Então tenho uma dívida com você, Lyra Belacqua — ele afirmou.

Começou a caminhar, atravessando o solo congelado com tanta rapidez que Lyra mal conseguiu acompanhá-lo, mesmo correndo. Mas ela correu, e Pantalaimon voou como uma gaivota para ver aonde o urso ia e gritar instruções para ela.

Iorek Byrnison saiu correndo do entreposto e desceu a ruela estreita, virando na rua principal da cidade; passou em frente ao jardim da residência do Alcaide — onde uma bandeira pendia no ar imóvel e um sentinela marchava rigidamente de um lado para outro — e desceu a colina, passando pelo final da rua onde o Cônsul das Feiticeiras morava. A essa altura o sentinela percebera o que estava acontecendo e tentava decidir o que fazer, mas Iorek Byrnison já havia virado uma esquina perto do porto.

As pessoas paravam para olhar ou saíam do caminho dele. O sentinela deu dois tiros para o alto e saiu correndo morro abaixo atrás do urso, estragando a cena ao escorregar na ladeira cheia de gelo, só recuperando o equilíbrio depois de se agarrar a uma grade. Lyra não vinha muito atrás; quando passou pela casa do Alcaide, ela viu várias figuras saindo para o pátio para ver o que estava acontecendo, e imaginou ter visto Farder Coram entre elas; mas passou depressa, correndo rua abaixo na direção da esquina por onde o sentinela nesse momento desaparecia, seguindo o urso.

A casa do padre era mais velha do que a maioria, e feita de tijolos, um material de alto preço. Três degraus levavam à porta da rua, que agora pendia de lado, e de dentro da casa vinham gritos e o barulho de madeira despedaçada. O sentinela hesitou do lado de fora, o rifle de prontidão; mas ao ver que as pessoas começavam a se juntar na calçada e a observar das janelas, o homem decidiu que tinha que agir e deu um tiro para o alto antes de entrar correndo.

No momento seguinte, a casa inteira pareceu estremecer. Em três janelas, as vidraças estilhaçaram e uma telha deslizou do telhado, e então uma criada saiu correndo da casa, aterrorizada, o galo que era o seu dimon atrás dela, batendo as asas.

Soou outro disparo dentro da casa, e todos ouviram um rugido feroz que fez a criada gritar. Então o próprio padre saiu como se tivesse sido arremessado de um canhão, com seu dimon-pelicano de penas arrepiadas e expressão de orgulho ferido. Lyra escutou ordens gritadas e se virou ao ver um pelotão de policiais armados surgir correndo da esquina, alguns com pistolas e outros com rifles, e logo atrás vinha John Faa e a figura gorducha e nervosa do Alcaide.

O som de algo que se partia fez com que todos olhassem para a casa. Uma janela ao nível do solo, obviamente dando para um porão, foi arrancada ruidosamente. O sentinela que tinha seguido Iorek Byrnison para dentro da casa saiu lá de dentro em disparada e parou de frente para a janela do porão com o rifle em posição de tiro; e então a janela foi aberta com violência e por ela surgiu Iorek Byrnison, o urso de armadura.

Sem ela, ele inspirava respeito; com ela, inspirava terror. A armadura era vermelho-ferrugem e toscamente montada: grandes folhas e placas de metal descolorido e cheio de marcas, que rangiam e raspavam umas nas outras ao se chocarem. O elmo era pontudo como o focinho do dono, com fendas no lugar dos olhos, e deixava as mandíbulas de fora para que ele usasse os dentes.

O sentinela disparou vários tiros, e os policiais também apontaram as armas, mas Iorek Byrnison simplesmente jogou longe as balas com uma sacudidela, como se fossem gotas de chuva; lançou-se para a frente em meio ao rangido do metal e derrubou o sentinela antes que ele pudesse fugir. O dimon do sentinela, uma cadela husky, quis agarrar a garganta do urso, mas este lhe deu a atenção que daria a uma mosca; puxando o sentinela para si com uma das patas, ele se inclinou e enfiou a cabeça do homem entre os dentes. Lyra sabia exatamente o que ia acontecer a seguir: ele ia esmagar a cabeça do sentinela como um ovo e haveria uma luta sangrenta, mais mortes, mais atraso; e eles nunca se livrariam, com ou sem o urso.

Sem pensar, ela foi em direção ao urso e colocou a mão no único local onde a armadura deixava alcançar a pele — o buraco que aparecia entre o elmo e a grande placa dos ombros quando ele baixava a cabeça —, onde ela podia ver a pelagem branco-amarelada entre as bordas enferrujadas. A menina enfiou os dedos lá dentro, e Pantalaimon no mesmo instante voou para o local e virou um gato-do-mato, agachado, pronto para defendê-la; mas Iorek Byrnison ficou imóvel, e os soldados não atiraram.

Num cochicho veemente, ela lhe disse:

— Iorek! Escute! Você tem uma dívida comigo, certo? Pois agora pode pagar. Faça o que eu peço: não lute com esses homens. Vamos embora daqui. Nós *precisamos* de você, Iorek, você não pode ficar. Venha andando comigo até o porto e não olhe para trás. Farder Coram e Lorde Faa estão ali, deixe a conversa para eles, eles vão se sair bem. Largue este homem e venha comigo...

O urso abriu a boca lentamente. A cabeça do sentinela, sangrenta, molhada e pálida como a morte, bateu no chão quando ele desmaiou, e seu dimon começou a cuidar dele e a acalmá-lo

enquanto o urso recuava para o lado de Lyra.

Ninguém mais se movia. Ficaram todos observando o urso dar as costas à sua vítima a pedido da menininha com o dimon-gato, e em seguida abriram caminho para dar passagem a Iorek Byrnison, que com passos pesados atravessou a multidão ao lado de Lyra em direção ao porto.

Toda a atenção de Lyra estava concentrada no urso; portanto, ela não viu a confusão atrás deles, o medo e a raiva que cresceram assim que eles se foram. Ela caminhava ao lado do urso, e Pantalaimon ia à frente dos dois, como se abrisse caminho.

Quando chegaram ao porto, Iorek Byrnison baixou a cabeça, desabotoou o elmo com uma garra e o deixou cair sonoramente no solo congelado. Os gípcios saíram do café, sentindo que alguma coisa estava acontecendo, e à luz das lâmpadas anbáricas do convés do navio assistiram a Iorek Byrnison despir o resto da armadura e deixá-la amontoada na beira do cais. Sem uma palavra, ele foi até a água, mergulhou nela sem provocar uma só ondulação e desapareceu.

— O que aconteceu? — perguntou Tony Costa ao ouvir as vozes indignadas dos moradores e da polícia descendo para o porto.

Lyra contou-lhe, como pôde.

— Mas para onde ele foi? — quis saber o rapaz. — Pois ele não acabou de largar a armadura aí no chão? Eles vão pegar ela de volta assim que chegarem aqui!

Lyra também tinha medo de que isso acontecesse, pois um policial já vinha virando a esquina, depois outro, depois o Alcaide e o padre, e uns vinte ou trinta espectadores, com John Faa e Farder Coram tentando alcançá-los.

Mas eles pararam quando viram o grupo no cais, pois tinha surgido mais alguém: sentado sobre a armadura do urso, com um tornozelo apoiado no joelho, via-se a figura comprida de Lee Scoresby, tendo na mão a pistola mais comprida que Lyra já havia visto, apontando, de maneira casual, para a ampla barriga do Alcaide.

— Parece que vocês não cuidaram direito da armadura do meu amigo — disse, em tom de bate-papo. — E não me surpreenderia de encontrar traças nela. Agora fiquem paradinhos aí, bem calminhos, e que ninguém se mova até o urso voltar com um lubrificante qualquer. Ou melhor, acho que vocês todos podem ir para casa ler jornal. A escolha é de vocês.

— Ali está ele! — exclamou Tony, apontando para uma rampa na ponta do cais.

Ali Iorek Byrnison emergia da água arrastando uma coisa escura atrás de si. Uma vez em cima do cais, ele se sacudiu, soltando água em todas as direções, até seus pelos estarem secos. Então se inclinou para tornar a pegar com os dentes o objeto negro e o arrastou até onde estava a armadura. Era uma foca morta.

— Iorek! — disse o aeróstata, pondo-se de pé preguiçosamente e mantendo a pistola fixa no Alcaide. — Oi!

O urso ergueu os olhos e soltou um rosnado curto, antes de rasgar com a garra uma abertura na foca. Lyra observou, fascinada, enquanto ele esticava a pele do animal morto e arrancava tiras de gordura, que começou a passar em toda a armadura, colocando mais quantidade nos lugares onde as placas se sobrepunham em movimento.

— Você está com esta gente? — ele perguntou a Lee Scoresby.

— Claro. Acho que nós dois somos empregados deles, Iorek.

— Onde está o seu balão? — Lyra perguntou ao texano.

— Embalado em dois trenós — ele informou. — Aí vem o patrão.

John Faa e Farder Coram, juntamente com o Alcaide, desceram o cais com quatro policiais armados.

— Urso! — disse o Alcaide em voz alta e áspera. — Desta vez você tem permissão para partir em companhia dessas pessoas. Mas fique sabendo que se aparecer de novo dentro dos limites da cidade será tratado sem piedade.

Iorek Byrnison não lhe deu a menor atenção, e continuou esfregando gordura de foca em toda a armadura; o cuidado e a atenção que ele dedicava a essa tarefa lembraram a Lyra sua própria devoção a Pantalaimon. Exatamente como o urso tinha dito: a armadura era a alma dele. O Alcaide e os policiais se retiraram, e aos poucos os espectadores começaram a ir embora, apesar de alguns terem ficado para assistir.

John Faa levou as mãos à boca e chamou:

— Gípcios!

Estavam todos prontos para partir e ansiosos para seguir caminho desde que tinham desembarcado; os trenós estavam preparados, os cães a postos.

John Faa anunciou:

— Hora da partida, amigos. Estamos todos reunidos e o caminho nos espera. Sr. Scoresby, já arrumou suas coisas?

— Estou pronto para partir, Lorde Faa.

— E você, Iorek Byrnison?

— Assim que vestir minha armadura — respondeu o urso.

Ele havia terminado de lubrificar a armadura. Sem querer desperdiçar a carne da foca, ergueu a carcaça nos dentes e a jogou sobre o trenó maior de Lee Scoresby antes de vestir a armadura. Era impressionante ver a leveza com que ele a manejava: em certos locais, as folhas de metal tinham quase 3 centímetros de espessura, mas ele as jogava em cima de si mesmo como se fossem panos de seda. Levou menos de um minuto, e desta vez não se ouviu um só rangido do ferro.

Assim, em menos de meia hora, a expedição seguia para o norte. Sob um céu pontilhado de milhões de estrelas e uma lua exuberante, os trenós avançavam aos solavancos, fazendo ruído por sobre os buracos e as pedras até chegarem à neve limpa na periferia da cidade. Então o som mudou, ficando mais regular, e os cães começaram a aumentar a velocidade.

Lyra, no trenó de Farder Coram, tão agasalhada que só tinha os olhos de fora, cochichou a Pantalaimon:

— Está vendo Iorek?

— Ele vem caminhando ao lado do trenó de Lee Scoresby — respondeu o dimon, olhando para trás em sua forma de arminho enquanto se agarrava ao capuz de pelo de carcaju que ela usava.

À frente deles, acima das montanhas ao norte, os arcos e volteios pálidos das Luzes do Norte começaram a brilhar e tremeluzir. Lyra as via através dos olhos semicerrados, e teve uma sensação sonolenta de perfeita felicidade, de estar viajando para o norte sob a Aurora Boreal. Pantalaimon lutava contra a sonolência dela, mas em vão; ele então virou um ratinho e se enroscou dentro do capuz dela. Podia contar a ela quando despertassem, e provavelmente era um animal, ou um sonho, ou um tipo qualquer de espírito local inofensivo; mas alguma coisa estava seguindo a fila de trenós, saltando com leveza de galho em galho pelos pinheiros, e aquilo trazia até ele a preocupante lembrança de um macaco.

12

O Menino Perdido



VIAJARAM durante várias horas e então pararam para comer. Enquanto os homens acendiam as fogueiras e derretiam neve para beber, com Iorek Byrnison observando Lee Scoresby assar carne de foca, John Faa conversava com Lyra.

— Lyra, você consegue enxergar o instrumento para poder ler? — perguntou.

A lua já havia se posto muito tempo antes. A luz da Aurora Boreal era mais forte do que o luar, porém inconstante. Mas Lyra tinha boa visão; enfiando a mão dentro de suas peles, ela retirou a sacola de veludo negro.

— Consigo, sim — disse. — Mas de qualquer maneira já sei o lugar da maioria dos símbolos. O que vou perguntar, Lorde Faa?

— Quero saber mais sobre como estão defendendo esse lugar, Bolvangar — ele pediu.

Sem sequer precisar pensar, ela viu que seus dedos moviam os ponteiros apontando para o elmo, o grifo e o cadinho, e sentiu a mente escolher os significados corretos como um complicado diagrama em três dimensões. No mesmo instante, o ponteiro grande começou a dançar, como uma abelha dançando sua mensagem para a colmeia. Ela observava calmamente, contente em não saber a princípio, mas ciente de que um significado estava a caminho, e então as coisas começaram a ficar claras. Ela deixou que os movimentos se repetissem até ter plena certeza.

— É exatamente como disse o dimon da feiticeira, Lorde Faa. Há um pelotão de tártaros vigiando a Estação, e eles colocaram cercas em volta dela toda. Não esperam ser atacados, é o que diz o leitor de símbolos. Mas, Lorde Faa...

— Que é, minha filha?

— Ele está dizendo mais uma coisa. No próximo vale, há uma vila perto de um lago onde as pessoas estão sendo perturbadas por um fantasma.

John Faa sacudiu a cabeça com impaciência e disse:

— Isso não tem importância agora. Deve haver todo tipo de espíritos nessas florestas. Fale outra vez sobre os tártaros. Quantos são, por exemplo? Como é que estão armados?

Lyra perguntou obedientemente e anunciou a resposta:

— São sessenta homens com rifles, e eles têm algumas armas maiores, uma espécie de canhão. Têm lançadores de fogo, também. E... todos os dimons deles são lobos, é o que está dizendo.

Isto causou um impacto entre os gípcios mais velhos, aqueles que já haviam participado de combates.

— Os regimentos de Sibirsk têm dimons-lobos — disse um.

John Faa acrescentou:

— Nunca vi mais ferozes. Vamos ter que lutar como tigres. E consultar o urso; aquele ali é um guerreiro esperto.

Lyra estava impaciente e disse:

— Mas, Lorde Faa, esse fantasma... Acho que é o fantasma de uma das crianças!

— Bom, mesmo que seja, Lyra, não sei o que se pode fazer sobre isso. Lançadores de chamas, sessenta rifles... Sr. Scoresby, venha aqui um instante, por favor.

Enquanto o aeróstata se aproximava do trenó, Lyra saiu de fininho e foi falar com o urso.

— Iorek, você já viajou por aqui?

— Uma vez — ele respondeu.

— Tem uma aldeia aqui perto, não é?

— Do outro lado da serra — ele disse, erguendo os olhos para o topo por entre as poucas árvores.

— É longe?

— Para você ou para mim?

— Para mim.

— Longe demais. Para mim, nem um pouco.

— Quanto tempo você levaria, então?

— Eu poderia ir e voltar três vezes antes do próximo nascer da lua.

— Porque, Iorek, escute, eu tenho um leitor de símbolos que me diz as coisas, entende, e ele me disse que tem uma coisa importante que eu tenho que fazer naquela aldeia, e Lorde Faa não quer me deixar ir. Ele quer viajar depressa, e sei que isso é importante também. Mas se eu não for até lá e descobrir o que é, podemos nunca ficar sabendo o que os Gobblers estão fazendo.

O urso ficou em silêncio. Estava sentado como um humano, as enormes patas juntas no colo, os olhos escuros fixos nos dela. Sabia que ela queria alguma coisa. Pantalaimon falou:

— Pode nos levar lá e alcançar os trenós depois?

— Eu poderia. Mas dei a minha palavra a Lorde Faa que ia obedecer a ele e a ninguém mais.

— E se eu tivesse a permissão dele? — Lyra perguntou.

— Então sim.

Ela voltou correndo pela neve.

— Lorde Faa! Se Iorek Byrnison me levar até a aldeia no outro lado podemos descobrir o que está havendo lá e depois alcançar os trenós. Ele conhece o caminho. Eu não ia pedir, mas é como o que aconteceu antes, Farder Coram, o senhor se lembra daquele camaleão. Na hora eu não entendi, mas era verdade, nós descobrimos logo depois. E tenho a mesma sensação agora. Não consigo

entender direito o que o leitor de símbolos está dizendo, mas sei que é importante. E Iorek Byrnison conhece o caminho, ele disse que podia ir e voltar três vezes até a próxima lua, e eu estaria em segurança com ele, não é? Mas ele só vai se tiver permissão de Lorde Faa.

Houve um silêncio. Farder Coram suspirou. John Faa estava muito preocupado, os lábios apertados. Antes, porém, que ele dissesse alguma coisa, o aeróstata interveio:

— Lorde Faa, se Iorek Byrnison levar a garotinha, ela vai estar tão segura quanto se estivesse aqui conosco. Todos os ursos são honestos, mas conheço Iorek há anos e nada neste mundo vai fazer com que ele quebre a palavra dada. Se ordenar que ele tome conta dela, ele vai fazer isto, não se preocupe. Quanto à velocidade, ele consegue galopar horas seguidas sem se cansar.

— Mas por que não podiam ir alguns homens? — John Faa perguntou.

— Bom, eles iam ter que caminhar, porque não se pode atravessar aquela serra de trenó — Lyra respondeu. — Iorek Byrnison pode ir mais rápido do que qualquer homem neste tipo de terreno, e sou bastante leve, então ele não vai se cansar. E prometo, Lorde Faa, prometo não demorar mais do que o necessário, nem dar qualquer informação sobre nós, nem correr qualquer risco.

— Tem certeza de que precisa fazer isso? Esse leitor de símbolos não está bancando o bobo com você?

— Ele nunca brinca, Lorde Faa, e acho que não ia conseguir bancar o bobo.

John Faa esfregou o queixo.

— Bem, se tudo der certo, teremos mais alguma informação. Iorek Byrnison! — chamou. — Está disposto a fazer o que esta menina está pedindo?

— Faço o que o senhor pedir, Lorde Faa. Se me disser para levar a garota, eu levo.

— Muito bem. Leve a garota aonde ela deseja ir e faça o que ela pedir. Lyra, agora estou dando as *suas* ordens, está entendendo?

— Sim, Lorde Faa.

— Você vai procurar seja o que for, e quando tiver encontrado, volte imediatamente. Iorek Byrnison, vamos estar viajando, de modo que vai ter que nos alcançar.

O urso assentiu com a enorme cabeça.

— Algum soldado na aldeia? — ele perguntou a Lyra — Vou precisar da minha armadura? Vamos mais depressa sem ela.

— Não, eu tenho certeza, Iorek. Obrigada, Lorde Faa, prometo fazer o que o senhor mandou.

Tony Costa deu à menina um pedaço de carne-seca para mascar, e com Pantalaimon como ratinho dentro do seu capuz, Lyra subiu para as costas amplas do urso, agarrando seus pelos com suas luvas de lã e prendendo os joelhos na cintura fina e musculosa dele. A pelagem dele era maravilhosamente espessa, e a sensação de grande poder que ela experimentou era avassaladora. Como se ela nada pesasse, o urso saiu a galope na direção da serra e das árvores baixas.

Levou algum tempo para que ela se acostumasse com o movimento, mas então perdeu todo o medo e sentia um grande entusiasmo. Estava cavalgando um urso! A Aurora Boreal ocupava o céu acima deles em arcos e arabescos dourados, e à volta dela, o impiedoso frio do Polo Ártico e o silêncio imenso do Norte.

As patas de Iorek Byrnison mal faziam ruído na neve. As árvores eram magras e pouco crescidas, pois ficavam na borda da tundra, mas havia galhos secos e moitas espinhentas no caminho. O urso passava por elas como se fossem teias de aranha.

Subiram a serra baixa entre erupções de rocha negra, e logo já não podiam ver os viajantes. Lyra queria conversar com o urso, e se ele fosse humano ela já estaria amiga dele; mas ele era tão estranho, selvagem e frio que ela sentia timidez, talvez pela primeira vez na vida. Assim, enquanto ele seguia a galope, as pernas poderosas e incansáveis, ela ficou em silêncio. Talvez ele preferisse assim, ela pensou; ela devia parecer um filhote bagunceiro, mal saído do ninho, aos olhos do urso de armadura.

Raras vezes ela pensara em si própria e achava a experiência interessante, porém desconfortável; aliás, bem parecido com cavalgar o urso. Iorek Byrnison galopava depressa, movendo ambas as pernas de um lado do corpo ao mesmo tempo e se balançando de um lado para outro num ritmo forte e regular. Ela descobriu que não bastava apenas ficar agarrada a ele; precisava acompanhar seus movimentos.

Estavam com cerca de uma hora de viagem e Lyra sentiu que estava dura e dolorida, mas profundamente feliz, quando Iorek Byrnison diminuiu a velocidade e parou.

— Olhe para cima — ele disse.

Lyra ergueu os olhos e teve que enxugá-los com o pulso, pois sentia tanto frio que tinha lágrimas nos olhos. Quando conseguiu enxergar, ficou boquiaberta com a visão do céu. A Aurora Boreal desbotara para um brilho pálido e trêmulo, mas as estrelas brilhavam como diamantes, e através do grande domo pontilhado de diamantes, centenas e centenas de minúsculas figuras negras voavam do leste e do sul em direção ao norte.

— São pássaros? — ela perguntou.

— São feiticeiras — disse o urso.

— Feiticeiras? O que estão fazendo?

— Reunindo-se para a guerra, talvez. Nunca vi tantas ao mesmo tempo.

— Conhece alguma feiticeira, Iorek?

— Já servi a algumas delas. E lutei contra algumas, também. Isto vai deixar Lorde Faa assustado. Se elas estão indo ajudar os seus inimigos, vocês todos deviam ficar com medo.

— Lorde Faa não vai ficar com medo. Você não está com medo, está?

— Ainda não. Quando estiver, vou controlar meu medo. Mas é melhor contarmos a Lorde Faa sobre as feiticeiras, porque os homens podem não ter visto.

Ele seguiu mais devagar, e ela ficou observando o céu até seus olhos se encherem novamente de lágrimas de frio, mas não viu terminar o fluxo de feiticeiras que voavam para o norte. Finalmente Iorek Byrnison parou e disse:

— Esta é a aldeia.

À frente deles, havia uma ladeira íngreme e acidentada, e lá embaixo um punhado de construções de madeira ao lado de uma vastidão de neve muito plana, que Lyra imaginou ser o lago congelado. Um cais de madeira mostrou que ela estava certa. Os dois estavam a menos de cinco minutos do lugar.

— O que você quer fazer? — o urso perguntou.

Lyra escorregou das costas dele e teve dificuldade em ficar de pé. Seu rosto estava rígido de frio e as pernas tremiam, mas ela se agarrou ao pelo dele e bateu os pés no chão até se sentir mais forte.

— Tem uma criança, ou um fantasma, ou uma coisa qualquer nesta aldeia, ou talvez perto dela, não sei direito. Quero descobrir onde está e levar essa coisa para Lorde Faa e para os outros, se eu

conseguir. Pensei que era um fantasma, mas o leitor de símbolos podia estar me dizendo alguma coisa que não consegui entender.

— Se ele está ao relento, vai ter que encontrar um abrigo qualquer — disse o urso.

— Acho que não está morto... — disse Lyra.

Mas não tinha a menor certeza. O aletiômetro havia indicado alguma coisa estranha e antinatural, o que era alarmante; mas quem era ela? A filha de Lorde Asriel. E quem estava sob seu comando? Um urso poderoso. Como ela podia demonstrar medo?

— Vamos procurar — ordenou.

Tornou a montar nas costas dele, e o urso desceu encosta abaixo, caminhando sem pressa. Os cães da aldeia farejaram, ouviram ou sentiram a chegada deles e começaram a uivar apavorantemente; e as renas nos currais pareciam nervosas, os chifres batendo uns nos outros como gravetos secos. No ar imóvel, ouvia-se de longe cada movimento.

Quando chegaram à primeira casa, Lyra olhou para a direita e para a esquerda, tentando enxergar na escuridão, pois a Aurora Boreal estava se dissipando, e a lua ainda demoraria a nascer. Aqui e ali uma luz tremulava sob um telhado coberto de neve; Lyra julgou ter visto rostos pálidos atrás da vidraça de algumas janelas, e ficou imaginando a surpresa deles ao verem uma criança montada num grande urso branco.

No centro da pequena aldeia, havia um espaço aberto junto ao ancoradouro onde os botes tinham sido deixados, parecendo protuberâncias na neve. O barulho dos cachorros era ensurdecedor; no instante em que Lyra achou que aquilo ia acordar alguém, uma porta se abriu e um homem saiu segurando uma espingarda. Seu dimon-carcaju saltou para a pilha de lenha ao lado da porta, espalhando neve.

Lyra desceu imediatamente e ficou parada entre ele e Iorek Byrnison, lembrando-se de que ela havia dito ao urso que não haveria necessidade da armadura.

O homem falou em palavras que ela não conseguiu entender. Iorek Byrnison respondeu na mesma língua, e o homem soltou um gemido de medo.

— Ele acha que somos demônios. O que eu digo? — quis saber o urso.

— Diga que não somos demônios, mas temos amigos que são. E estamos procurando... só uma criança. Uma criança estranha. Diga isto a ele.

Assim que o urso disse isto, o homem apontou para a direita, indicando um lugar distante, e falou rapidamente. Iorek Byrnison traduziu:

— Ele quer saber se viemos para levar a criança embora. Estão com medo dela. Tentaram fazer que ela fosse, mas ela sempre volta.

— Diga que vamos levar a criança com a gente, mas que eles foram muito maus em tratá-la assim. Onde está ela, afinal?

O homem explicou, gesticulando animadamente. Lyra teve medo de que ele disparasse a arma por acidente, mas assim que acabou de falar ele correu de volta para casa e fechou a porta. Lyra via rostos em todas as janelas.

— Onde está a criança? — perguntou.

— Na peixaria — disse o urso, seguindo na direção do ancoradouro.

Lyra foi atrás. Estava horrivelmente nervosa. O urso estava indo na direção de um barracão estreito de madeira, erguendo a cabeça para farejar, e quando chegou à porta, ele estacou e disse:

— Aí dentro.

O coração de Lyra batia tão depressa que ela mal conseguia respirar. Levantou a mão para bater na porta e então, achando ridículo esse gesto, respirou fundo para chamar, mas percebeu que não sabia o que ia dizer. Ah, estava tão escuro! Devia ter levado uma lamparina...

Não havia escolha, e de qualquer maneira ela não queria que o urso visse seu medo. Ele falara em controlar o medo: era isso que ela teria que fazer. Ergueu a tira de couro de rena que segurava a porta e empurrou com força. A porta se abriu com barulho. Lyra teve que afastar com os pés a neve empilhada na frente antes de conseguir abrir inteiramente a porta, e Pantalaimon não estava ajudando nada, correndo de um lado para outro em sua forma de arminho, uma sombra branca sobre o solo branco, emitindo ruídos de medo.

— Pan, pelo amor de Deus! Vire morcego e vá *olhar* para mim...

Mas ele não quis, e também não quis falar. Ela nunca o vira assim, a não ser na ocasião em que ela e Roger tinham trocado de lugar as moedas dos dimons na cripta da Jordan. Agora ele estava ainda mais amedrontado que ela. Quanto a Iorek Byrnison, o urso estava deitado na neve ali perto, observando em silêncio.

— Saia daí! — Lyra ordenou, o mais alto que ousou. — Saia!

Não houve resposta. Ela abriu um pouco mais a porta, e Pantalaimon saltou para os seus braços em forma de gato, cutucando-a e dizendo:

— Vá embora! Não fique aqui! Ah, Lyra, vá agora! Vamos embora!

Tentando segurar Pantalaimon, ela viu que Iorek Byrnison estava se levantando e, ao olhar na mesma direção que ele, viu uma figura correndo pelo caminho que vinha da aldeia, carregando uma lamparina. Quando a figura se aproximou, ergueu a lamparina para mostrar o rosto: um ancião de rosto largo e enrugado e os olhos perdidos no meio de mil rugas. Seu dimon era uma raposa do Ártico.

Ele falou, e Iorek Byrnison traduziu:

— Ele diz que não é a única criança desse tipo. Já viu outras na floresta. Às vezes elas morrem logo, às vezes não morrem. Essa aí é durona, ele acha. Mas seria melhor para ela se morresse.

— Pergunte se ele pode me emprestar a lamparina — disse Lyra.

O urso falou e o homem entregou a lamparina de imediato, assentindo vigorosamente. Ela entendeu que ele tinha vindo trazer a lamparina para ela, e agradeceu. Ele assentiu outra vez e recuou para longe dela, do barracão e do urso.

Lyra pensou de repente: e se for o Roger? E rezou com todas as forças para que não fosse. Pantalaimon estava agarrado a ela, novamente um arminho, as pequenas garras enfiadas no casaco dela.

Lyra ergueu a lamparina e deu um passo para dentro do barracão, e então viu o que o Conselho de Oblação estava fazendo e qual a natureza do sacrifício que as crianças estavam tendo que fazer.

O menininho estava encolhido de encontro à grade de secagem com suas filas e filas de peixes pendurados, duros como tábuas. Ele apertava ao peito um pedaço de peixe seco como Lyra apertava Pantalaimon: com ambas as mãos, contra o coração; mas era tudo que ele tinha: um pedaço de peixe seco; porque ele não tinha um dimon. Os Gobblers tinham separado o dimon dele.

Isso era *intercisão*, e aquela era uma criança seccionada!

13

ESGRIMA



O primeiro impulso dela foi de sair correndo ou então vomitar. Um ser humano sem dimon era como uma pessoa sem rosto, ou com as costelas à mostra e o coração arrancado: uma coisa antinatural e estranha, que pertencia ao mundo dos pesadelos noturnos, não ao mundo desperto e racional.

Então Lyra se agarrou a Pantalaimon; sentia a cabeça girar e tinha ânsias de vômito; apesar do frio intenso da noite, um suor doentio umedeceu sua carne com uma coisa ainda mais fria.

— Rateira! — disse o menino. — Você viu a minha Rateira?

Lyra sabia exatamente o que ele queria dizer.

— Não — respondeu, em voz tão fraca e assustada quanto ela se sentia. — Qual é o seu nome?

— Tony Makarios — ele disse. — Onde está a Rateira?

— Não sei... — ela começou, mas teve que engolir em seco para controlar a náusea. — Os Gobblers...

Mas não conseguiu continuar. Teve que sair do barracão e ir se sentar na neve sozinha, só que naturalmente ela não estava sozinha, nunca estaria sozinha, pois Pantalaimon estava sempre ali. Ah, ser afastada dele como aquele menininho tinha sido afastado da sua Rateira! A pior coisa no mundo! Ela soluçava, e Pantalaimon também gemia, e em ambos havia uma imensa piedade e tristeza por aquele meio-menino.

Então ela se levantou.

— Venha — chamou, em voz trêmula. — Tony, saia daí. Vamos levar você para um lugar seguro.

Houve um movimento dentro da peixaria, e ele apareceu à porta, ainda agarrado ao peixe seco. Estava usando roupas quentes, um casacão com capuz bem acolchoado e botas de pele, mas que

aparentavam ser de segunda mão e não cabiam nele muito bem. Do lado de fora, sob a luz que vinha dos rastros desbotados da Aurora Boreal e do chão coberto de neve, ele parecia ainda mais perdido e digno de pena do que a princípio, quando estava acocorado dentro da peixaria, à luz da lamparina.

O aldeão que trouxera a lamparina tinha recuado alguns metros, e gritou alguma coisa. Iorek Byrnison traduziu:

— Ele está dizendo que você tem que pagar pelo peixe.

Lyra teve vontade de mandar o urso acabar com ele, mas disse apenas:

— Vamos livrar a aldeia da criança. Eles podem muito bem dar um peixe como pagamento.

O urso falou. O homem resmungou, mas não discutiu. Lyra colocou a lanterna na neve e pegou a mão do meio-menino para guiá-lo até o urso. Ele a acompanhou, sem mostrar surpresa ou medo diante do grande animal branco, e quando Lyra o ajudou a subir nas costas de Iorek, ele disse apenas:

— Não sei onde está a minha Rateira.

— Não, nem nós, Tony — ela respondeu. — Mas nós vamos... Vamos castigar os Gobblers. Vamos fazer isso, eu prometo. Iorek, será que você consegue me carregar também?

— A minha armadura pesa muito mais do que duas crianças.

Ela então subiu para o lado de Tony e ensinou a ele como se segurar nos pelos longos do urso, e Pantalaimon ficou dentro do capuz dela, aquecido, próximo e cheio de pena. Lyra sabia que a vontade de Pantalaimon era estender o braço e acariciar o pequeno meio-menino, lambê-lo e aquecê-lo como o dimon dele teria feito; mas o grande tabu impedia isso, naturalmente.

Atravessaram a aldeia em direção à serra, e os rostos dos aldeões mostravam horror e uma espécie de alívio temeroso ao ver aquela criatura horrivelmente mutilada ser levada embora por uma menininha e um grande urso branco.

No coração de Lyra, a repugnância lutava com a compaixão, e a compaixão venceu. Ela rodeou com os braços o corpinho magro e ossudo, para que ele não caísse. A viagem de volta à caravana foi mais fria, mais difícil e mais escura, porém pareceu passar mais depressa, apesar de tudo isso. Iorek Byrnison era incansável, e os movimentos que Lyra tinha que fazer para se equilibrar se tornaram automáticos, de modo que ela não corria perigo de cair. O corpo frio em seus braços era tão leve que de certo modo era fácil de segurar, mas por outro lado ele estava inerte, rígido, sem se mover de acordo com os movimentos do urso, portanto, de certo modo, ele era difícil de segurar.

De vez em quando, o meio-menino falava.

— Que foi que você disse? — Lyra perguntou.

— Eu disse que ela vai saber onde eu estou.

— É, vai saber, sim, vai encontrar você, e nós vamos encontrar ela. Segure com força, Tony. Não estamos longe...

O urso galopava. Lyra não tinha ideia de como estava cansada até alcançarem os gípcios. Os trenós haviam parado para o descanso dos cães, e de repente estavam todos ali, Farder Coram, Lorde Faa, Lee Scoresby, todos vindo ajudar, mas recuando em silêncio ao verem a outra figura com Lyra. Ela estava tão rígida que não conseguia sequer soltar os braços que rodeavam o corpo dele, e John Faa teve que ajudá-la.

— Meu Deus, o que é isso? — espantou-se ele. — Lyra, minha filha, o que foi que você encontrou?

— O nome dele é Tony — ela murmurou através dos lábios congelados. — E levaram o dimon dele. É isso que os Gobblers fazem.

Os homens, temerosos, ficavam a distância; mas o urso, para espanto de Lyra, lhes deu uma bronca.

— Que vergonha! Pensem no que esta criança fez! Vocês podem não ter mais coragem que ela, mas deviam ter vergonha de mostrar que têm menos!

— Tem razão, Iorek Byrnison — disse John Faa, se virando em seguida para dar ordens. — Aticem a fogueira e esquentem sopa para a criança. Para as duas crianças. Farder Coram, seu abrigo está montado?

— Está, sim, John. Traga Lyra, vamos aquecê-la.

— E o menino também — disse outra voz. — Ele pode comer e se aquecer, mesmo não...

Lyra estava tentando contar a John Faa sobre as feiticeiras, mas estavam todos muito ocupados, e ela cansada demais. Depois de momentos confusos, com vultos andando apressados de um lado para outro, ela sentiu Pantalaimon mordiscar de leve sua orelha, e acordou com o rosto do urso a poucos centímetros do seu.

— As feiticeiras — disse Pantalaimon. — Eu chamei Iorek.

— Ah, é mesmo — ela resmungou. — Iorek, obrigada por me levar e me trazer. Posso não me lembrar de contar a Lorde Faa sobre as feiticeiras, então seria melhor você fazer isso.

Ela ouviu o urso concordar e então adormeceu de vez.

Quando acordou, o dia estava claro — o que, naquela região, significava um céu pálido a sudoeste e o ar cheio de neblina cinzenta através da qual os gípcios se moviam como fantasmas corpulentos, preparando os trenós e atrelando os cães.

Lyra via isso tudo de dentro do abrigo do trenó de Farder Coram, onde ela estava deitada sob uma pilha de peles. Pantalaimon acordou antes dela e experimentava a forma de uma raposa do Ártico antes de reverter à sua forma favorita de arminho.

Iorek Byrnison estava dormindo na neve ali perto, a cabeça apoiada nas patas; mas Farder Coram estava de pé e atarefado, e assim que viu Pantalaimon ele veio mancando acordar Lyra.

Ela o viu chegar e se sentou.

— Farder Coram, sei o que era que eu não conseguia entender! O aletiômetro ficava dizendo *pássaro* e *não*, e isso não fazia sentido, porque significava “nenhum dimon” e eu não sabia como isso podia ser... Que foi?

— Lyra, eu sinto muito ter que contar isso a você depois de tudo que você fez, mas o menino morreu há uma hora. Ele não conseguia se acomodar, não conseguia ficar num lugar; não parava de perguntar pelo dimon, onde ele estava, se ele ia demorar; e ficava apertando aquele pedaço de peixe velho como se... Ah, não consigo falar sobre isso, filha; mas ele finalmente fechou os olhos e ficou imóvel, e foi a primeira vez que pareceu estar em paz, pois ficou igual a qualquer outra pessoa morta, com o dimon seguindo o curso natural. Tentaram abrir uma cova para ele, mas o chão está duro como ferro. Então John Faa ordenou que fizessem uma grande fogueira e vão cremar o corpo dele, para que ele não seja devorado pelos comedores de carniça. Minha filha, você fez uma coisa boa e corajosa, e estou orgulhoso de você. Agora que sabemos da maldade terrível de que aquela gente é capaz, vemos nosso dever com mais clareza. O que você deve fazer é comer e descansar, porque adormeceu cedo demais para se alimentar ontem à noite, e nesta temperatura é preciso comer para não enfraquecer...

Ele estava arrumando coisas, ajeitando as peles, apertando as cordas do trenó, desembaralhando as rédeas.

— Farder Coram, onde está o menino? Já foi cremado?

— Não, Lyra, está lá atrás.

— Quero ir lá ver.

Ele não poderia recusar, pois ela vira coisa pior do que um cadáver, e isto poderia acalmá-la. Então, com Pantalaimon como uma lebre branca saltitando delicadamente a seu lado, ela seguiu ao longo da fila de trenós até o local onde alguns homens empilhavam lenha.

O corpo do menino estava ao lado da trilha, coberto por um pano xadrez. Ela se ajoelhou e levantou o pano com a mão enluvada. Um dos homens parecia querer impedir, mas os outros sacudiram a cabeça.

Pantalaimon se aproximou enquanto Lyra contemplava o pobre rostinho abatido. Ela descalçou uma das luvas e tocou nos olhos dele. Estavam frios como mármore, e Farder Coram tinha razão: o coitado do Tony Makarios não era diferente de qualquer outro humano cujo dimon tivesse partido na morte. Ah, se tirassem Pantalaimon dela! Ela o pegou no colo e o abraçou como se quisesse guardá-lo dentro do coração. E tudo que o pequeno Tony tinha era seu pobre pedaço de peixe...

Onde estava o peixe?

Ela puxou a coberta: o peixe não estava lá.

No mesmo instante ela estava de pé, os olhos brilhando de fúria, interpelando os homens:

— Onde está o peixe dele?

Eles pararam de trabalhar, confusos, sem saber o que ela queria; mas alguns dos dimons deles sabiam e se entreolharam. Um dos homens esboçou um sorriso.

— Não *ouse* achar graça! Vou arrancar os pulmões de quem rir dele! Era tudo que ele tinha, só um pedaço velho de peixe seco, era tudo que ele tinha no lugar do seu dimon para amar e cuidar! Quem tirou o peixe dele? Onde é que ele foi parar?

Pantalaimon era um leopardo branco, como o dimon de Lorde Asriel, mas ela nem reparou nisso; tudo que via era o certo e o errado.

— Calma, Lyra — disse um homem. — Calma, criança!

— Quem foi que pegou? — ela tornou a perguntar.

O gípcio recuou um passo diante daquela fúria.

— Eu não sabia — disse outro, em tom de arrependimento. — Pensei que era o que ele andava comendo. Tirei da mão dele porque achei mais respeitoso. Só isso, Lyra.

— Então onde está?

O homem explicou, constrangido:

— Sem saber que ele precisava do peixe, eu dei para os meus cachorros. Peço que me perdoe.

— Não sou eu quem tem que perdoar, é ele — ela respondeu, e voltou a se ajoelhar ao lado da criança morta.

Então teve uma ideia, e procurou entre suas peles. O ar frio a atravessou quando ela abriu o casacão, mas em poucos segundos achou o que procurava e tirou uma moeda de ouro da bolsa antes de tornar a se agasalhar.

— Preciso da sua faca — disse ao homem que tinha tirado o peixe; depois se virou para Pantalaimon: — Como era o nome dele?

Pantalaimon compreendeu, naturalmente, e disse:

— Rateira.

Ela segurou a moeda com força na mão esquerda enluvada, e segurando a faca como um lápis gravou no metal o nome do dimon perdido.

— Espero que isto sirva, se eu fizer como um Catedrático da Jordan — ela cochichou para o menino morto.

Forçou os dentes dele a se abrirem o suficiente para ela enfiar a moeda. Foi difícil, mas ela conseguiu, e conseguiu também fechar novamente a boca. Então devolveu a faca ao homem e na penumbra da manhã saiu para ir procurar Farder Coram.

Ele deu a ela uma caneca de sopa saída do fogo, que ela bebericou com prazer.

— O que vamos fazer com as feiticeiras, Farder Coram? — ela quis saber. — Será que a sua feiticeira estava com eles?

— A minha feiticeira? Realmente não tenho ideia, Lyra. Elas podem estar indo a qualquer lugar. A vida das feiticeiras é cheia de vários tipos de preocupações, coisas invisíveis para nós, doenças misteriosas que as atacam e a nós não, motivos de guerra além da nossa compreensão, alegrias e tristezas ligadas à florescência de pequenas plantinhas na tundra... Mas eu gostaria de ter visto esse voo, Lyra. Gostaria de poder ver uma coisa como essa. Agora beba a sopa toda. Quer mais? Temos um pão assando, também. Coma bastante, filha, porque logo partiremos.

O alimento fortaleceu Lyra, e o gelo em sua alma começou a derreter. Com os outros, ela foi ver o pequeno meio-menino ser colocado em sua pira fúnebre, e inclinou a cabeça e fechou os olhos durante as orações feitas por John Faa; e então os homens aspergiram álcool de carvão e acenderam o fogo, que num instante se alastrou.

Uma vez certos de que o cadáver tinha sido todo consumido, os viajantes recomeçaram a jornada. Foi uma viagem fantasmagórica: logo começou a nevar, e num instante o mundo estava reduzido às sombras cinzentas dos cães, aos solavancos e estalidos dos trenós, ao frio cortante e a um mar agitado de grandes flocos pouco mais escuros do que o céu e pouco mais claros do que o solo.

Mesmo assim, os cães continuaram a correr, caudas no ar, soltando vapor pela boca. Avançavam para o norte, enquanto o pálido meio-dia chegava e passava, e o crepúsculo tornava a abraçar o mundo. Pararam para comer, beber e descansar numa fenda entre os montes, e para verificar a direção, e enquanto John Faa conversava com Lee Scoresby sobre a melhor maneira de utilizar o balão, Lyra pensou na mosca-espiã e foi perguntar a Farder Coram o que havia acontecido com a lata de folhas de fumar onde ele aprisionara o inseto.

— Está bem guardada — ele contou. — Está no fundo daquela valise, mas não dá para abrir; lá no navio eu soldei a tampa, como falei que ia fazer. Não sei o que vamos fazer com ela, para dizer a verdade; talvez jogar no fundo de uma mina de fogo, talvez isso resolvesse. Mas não precisa se preocupar, Lyra. Enquanto eu estiver com ela, você está segura.

Na primeira oportunidade, ela enfiou o braço dentro da lona congelada da valise e tirou a latinha. Antes mesmo de encostar nela, ela sentiu o zumbido.

Enquanto Farder Coram conversava com os outros chefes, ela levou a lata a Iorek Byrnison e explicou sua ideia. Aquilo lhe ocorrera quando ela se lembrou da facilidade com que ele rasgara o metal da cobertura do motor.

Ele escutou, e então pegou a tampa de uma lata de biscoitos e com facilidade a enrolou formando um cilindro pequeno e chato. Lyra ficou impressionada com a habilidade das mãos dele: ao contrário da maioria dos ursos, ele e os outros da sua espécie tinham garras-polegares opositivas, com as quais podiam segurar com firmeza as coisas; além disso, ele possuía um sentido inato da

força e flexibilidade dos metais, o que significava que bastava erguer um pedaço de metal, flexioná-lo desta ou daquela maneira, e então raspar nele um círculo com a garra para marcar o lugar de dobrar. Foi o que fez, dobrando as laterais até formar uma caixinha redonda e uma tampa que lhe servisse. A pedido de Lyra, ele fez duas dessas: uma do mesmo tamanho da lata de folhas de fumar e outra onde coubesse a lata e uma boa quantidade de pelos e musgo bem comprimidos para abafar o zumbido. Fechada, a caixa tinha o mesmo tamanho e formato do aletiômetro.

Depois de tudo pronto, ela se sentou ao lado de Iorek Byrnison enquanto o urso mastigava um pernil de rena congelado e duro como madeira.

— Iorek, é ruim não ter dimon? Você não se sente solitário? — ela quis saber.

— Solitário? — ele repetiu. — Não sei. Eles me dizem que está frio: não sei o que é frio, porque não sinto frio. Do mesmo modo, não sei o que é solidão. Os ursos foram feitos para ficarem sozinhos.

— E os ursos de Svalbard? Eles são milhares, não são? Foi o que ouvi dizer.

Ele não respondeu, e partiu a carne ao meio com um som como um tronco rachando.

— Perdão, Iorek — ela disse. — Não quis ofender. É que fico curiosa. Sabe, fico ainda mais curiosa sobre os ursos de Svalbard por causa do meu pai.

— Quem é o seu pai?

— Lorde Asriel. E ele está preso em Svalbard, entende? Acho que os Gobblers traíram ele e pagaram aos ursos para que ele fique preso lá.

— Não sei. Não sou um urso de Svalbard.

— Pensei que era...

— Não. Já fui um urso de Svalbard, mas agora não sou. Fui expulso como castigo porque matei outro urso. Então tiraram o meu cargo, a minha fortuna e a minha armadura, e me mandaram viver na fronteira do mundo humano e lutar quando alguém me contratasse para isso, ou trabalhar em coisas brutais e afogar as lembranças no álcool.

— Por que matou o outro urso?

— De raiva. Entre os ursos existem maneiras de afastar a raiva de um pelo outro, mas eu estava fora de meu próprio controle. Então matei ele e fui castigado com justiça.

— E você era rico e importante — disse Lyra, impressionada. — Exatamente como o meu pai, Iorek! Foi exatamente o que aconteceu com ele depois que eu nasci; ele também matou alguém e então tiraram toda a fortuna dele. Foi muito antes de virar prisioneiro em Svalbard. Não sei nada de Svalbard, a não ser que fica no Extremo Norte... É tudo coberto de gelo? Pode-se chegar lá atravessando o mar congelado?

— Não partindo deste litoral. O mar às vezes congela ao sul, às vezes não. Você ia precisar de um barco.

— Ou um balão, talvez.

— É, um balão, mas então você ia precisar do vento certo.

Ele mordeu o pernil de rena, e uma ideia louca entrou na cabeça de Lyra quando ela se lembrou de todas aquelas feiticeiras no céu noturno, mas não falou nada sobre o assunto. Em vez disso, fez perguntas a Iorek Byrnison sobre Svalbard e escutou atentamente enquanto ele lhe falava das geleiras que deslizavam devagar; das rochas e icebergs onde os leões-marinhos de presas brilhantes se reuniam em grupos de cem ou mais; dos mares repletos de focas, dos narvais batendo as compridas presas brancas acima da água gelada; da enorme costa escura e cercada de ferro, os penhascos com

quase 500 metros de altura onde os imundos avantesmas-dos-penhascos voejavam e se empoleiravam; das minas de carvão e minas de fogo onde os ursos-ferreiros martelavam grandes folhas de ferro e com elas fabricavam armaduras...

— Se eles tomaram a sua armadura, Iorek, onde foi que arranjou esta?

— Eu mesmo fiz em Nova Zembla, com ferro-celeste. Até fazer isso eu estava incompleto.

— Quer dizer que os ursos conseguem fazer sua própria alma... — disse ela. Havia muita coisa a aprender no mundo. — Quem é o rei de Svalbard? Os ursos têm rei?

— O nome dele é Iofur Raknison.

Aquele nome disparou um alarme na mente de Lyra; ela já havia ouvido aquele nome, mas onde? E não tinha sido pela voz de um urso, nem de um gípcio. A voz que pronunciara esse nome era de um Catedrático — precisa, pedante e indolentemente arrogante, uma voz bem típica da Faculdade Jordan. Ela tentou se lembrar. Ah, conhecia tão bem aquela voz!

E então lembrou: a Sala Privativa, os Catedráticos ouvindo Lorde Asriel. Tinha sido o Catedrático de Palmeriano quem falara alguma coisa sobre Iofur Raknison. Ele tinha usado a palavra *panserbjorne*, que Lyra não conhecia, e na ocasião ela não sabia que Iofur Raknison era um urso: mas o que havia sido dito? O rei de Svalbard era vaidoso e podia ser adulado. Havia mais alguma coisa; se ao menos ela conseguisse recordar... Mas muita coisa acontecera desde então.

— Se seu pai é prisioneiro dos ursos de Svalbard, ele não vai conseguir escapar — Iorek Byrnison declarou. — Não há madeira para fazer um barco. Por outro lado, se ele é um fidalgo, será bem tratado. Vão lhe dar uma casa para morar, um criado, comida e combustível.

— Os ursos podem ser derrotados, Iorek?

— Não.

— Ou talvez enganados?

Ele parou de mastigar e olhou diretamente para ela. Então disse:

— Você nunca vai derrotar os ursos de armadura. Já viu a minha armadura; agora veja as minhas armas.

Largou a carne e estendeu as patas, com a palma para cima, para que ela visse. Cada palma era coberta de pele calejada com mais de 3 centímetros de espessura, e cada garra era pelo menos tão comprida quanto a mão de Lyra, e afiada como faca. Ele deixou que ela as apalpasse.

— Um golpe pode esmagar o crânio de uma foca — ele disse. — Ou quebrar a coluna de um homem, ou arrancar um membro. E posso morder. Se você não tivesse me impedido, em Trollesund, eu teria esmagado a cabeça daquele homem como um ovo. Já falei da força, agora vou falar da esperteza; não se consegue enganar um urso. Quer uma prova? Pegue um graveto e vamos esgrimir.

Ansiosa para experimentar, ela quebrou o galho de uma moita coberta de neve, tirou todas as folhas e o empunhou como se fosse uma espada. Iorek Byrnison ficou sentado nas patas traseiras, à espera. Quando estava pronta, ela o atacou, mas não quis golpeá-lo porque ele parecia muito pacífico. Então ficou brandindo a arma, avançando pelos lados, sem pretender encostar nele, e ele não se mexeu. Ela fez isso várias vezes, e nem uma vez ele se moveu um centímetro.

Finalmente ela resolveu golpeá-lo diretamente, sem força, mas apenas tocando a ponta do galho no estômago dele; no mesmo instante, ele estendeu a pata e afastou o galho para o lado.

Surpresa, ela tentou novamente, com o mesmo resultado. Ele se movimentava com muito mais rapidez e segurança do que ela. Ela tentou acertá-lo de verdade, movimentando o pedaço de pau como a arma de um espadachim, e nem uma vez tocou no corpo dele. Ele parecia saber antes dela o

que ela pretendia fazer, e quando ela mirava a cabeça dele, a enorme pata desviava o galho. Quando ela fazia uma finta, ele não se movia.

Ela ficou com raiva e partiu para um ataque furioso, golpe após golpe, e nem uma vez conseguiu enganar aquelas patas; elas estavam em toda parte, no momento exato de aparar, no lugar exato de bloquear.

Finalmente ela ficou com medo e parou. Estava suando dentro das peles, sem fôlego, exausta, e o urso continuava sentado tranquilamente. Mesmo se ela tivesse uma espada de verdade com a ponta aguçada, ele estaria ileso.

— Aposto que você consegue aparar uma bala de espingarda — ela disse, jogando longe o galho. — Como é que *consegue*?

— Não sendo um humano — ele respondeu. — É por isso que você nunca conseguiria enganar um urso. Enxergamos truques e mentiras como enxergamos pernas e braços. Conseguimos ver de um modo que os humanos esqueceram. Mas você sabe disso; afinal, consegue entender o leitor de símbolos.

— Não é a mesma coisa, é?

Ela estava mais nervosa com o urso agora do que quando ele estava furioso.

— É, sim — ele confirmou. — Pelo que sei, os adultos não conseguem fazer isso. Aquilo que eu sou para os lutadores humanos você é para os adultos com o leitor de símbolos.

— É, pode ser — disse ela, confusa e de má vontade. — Isso quer dizer que quando eu crescer vou esquecer?

— Quem sabe? Nunca tinha visto um leitor de símbolos, nem alguém que conseguisse ler um. Talvez você seja diferente dos outros.

Ele ficou de quatro novamente e voltou a comer sua carne. Lyra tinha desabotoado o agasalho de peles, mas agora o frio era muito, e ela teve que fechar outra vez.

No geral, fora um episódio inquietante. Ela estava com vontade de consultar o aletiômetro ali mesmo, mas o frio era insuportável, e além disso estavam chamando por ela porque era hora de seguir viagem. Ela pegou as latas que Iorek Byrnison tinha feito, colocou a que estava vazia dentro da valise de Farder Coram e colocou a que continha a mosca-espiã junto com o aletiômetro na sacola que levava na cintura. Ficou contente quando se puseram em marcha.

Os chefes haviam concordado com Lee Scoresby que quando chegassem à parada seguinte iriam inflar o balão e ele iria espionar do ar. Naturalmente Lyra estava doida para voar com ele e, obviamente, isso foi proibido; mas ela estava viajando no trenó dele e o encheu de perguntas.

— Sr. Scoresby, como voaria até Svalbard?

— Você ia precisar de um dirigível com um motor a gás, alguma coisa como um zepelim, ou então um bom vento sul. Mas eu não teria coragem, droga. Você já viu aquele lugar? O buraco mais feio, triste, ruim, esquecido que pode existir.

— Eu só estava pensando, se Iorek Byrnison quisesse voltar...

— Iria ser morto. Iorek é um degredado; assim que colocasse os pés lá iria ser feito em pedaços.

— Como é que o senhor infla o balão, Sr. Scoresby?

— De dois modos. Posso fazer hidrogênio derramando ácido sulfúrico em raspas de ferro. A gente recolhe o gás que ele solta e aos poucos enche o balão. A outra maneira é encontrar um

exaustor de gás do solo perto de uma mina de fogo. Há muito gás no subsolo daqui, e também óleo pétreo. Posso extrair gás do óleo pétreo, se precisar, e também do carvão. Não é difícil fazer gás. Porém a maneira mais rápida é usar gás do solo. Um bom exaustor consegue encher o balão em uma hora.

— Quantas pessoas o senhor pode carregar?

— Seis, se for preciso.

— Poderia carregar Iorek Byrnison de armadura?

— Já fiz isso. Uma vez, eu o salvei dos tártaros, quando ele estava cercado, e eles queriam que ele morresse de fome. Foi na campanha do Tunguska; voei até lá e tirei Iorek. Parece fácil, droga, mas tive que adivinhar o peso do garotão. E então tive que contar com achar gás do solo debaixo da fortaleza de gelo que ele tinha feito. Mas lá de cima eu conseguia ver o tipo de solo que era, e calculei que podíamos cavar. Sabe, para descer eu tenho que soltar gás do balão, e só posso subir de novo com mais gás. De qualquer maneira, nós conseguimos, com a armadura e tudo.

— Sr. Scoresby, sabe que os tártaros fazem buracos na cabeça das pessoas?

— Ah, claro. Fazem isso há milhares de anos. Na guerra de Tunguska, capturamos cinco tártaros vivos, e três deles tinham um buraco na cabeça. Um deles tinha dois.

— Fazem isso *uns nos outros*?

— Isso mesmo. Primeiro cortam um semicírculo de pele no couro cabeludo, para que possam levantar a pele e expor o osso. Então cortam e retiram do crânio um pequeno círculo de osso, com muito cuidado para não atingir o cérebro, e então tornam a costurar o couro cabeludo por cima.

— Pensei que fizessem isso nos inimigos!

— Claro que não. É um grande privilégio. Fazem isso para que os Deuses possam falar com eles.

— Já ouviu falar num explorador chamado Stanislaus Grumman?

— Grumman? Claro. Conheci um homem da equipe dele quando atravessei o rio Yenisei de balão há dois anos. Ele ia morar com as tribos tártaras por lá. Aliás, acho que ele também tinha o tal buraco na cabeça. Fazia parte de uma cerimônia de iniciação, mas o sujeito me disse que não entendia nada daquilo.

— Então... Se ele era como um tártaro honorário, eles não iam matá-lo?

— Matá-lo? Então ele está morto?

— Está, sim. Eu vi a cabeça dele — disse Lyra com orgulho. — Foi meu pai quem encontrou. Vi quando ele mostrou a cabeça para os Catedráticos na Faculdade Jordan em Oxford. Estava escalpelada e tudo.

— E quem foi que escalpelou?

— Bom, os tártaros, foi o que os Catedráticos pensaram... Mas talvez não tenha sido.

— Pode não ter sido a cabeça de Grumman — disse Lee Scoresby. — Seu pai pode ter enganado os Catedráticos.

— É, acho que sim — disse Lyra pensativamente. — Ele *estava* pedindo dinheiro a eles.

— E quando viram a cabeça eles deram o dinheiro?

— Foi.

— Belo truque. As pessoas ficam chocadas quando veem esse tipo de coisa. Não fazem questão de olhar de perto.

— Especialmente Catedráticos — Lyra acrescentou.

— Bom, você deve saber melhor que eu. Mas se era mesmo a cabeça do Grumman, aposto que não foram os tártaros que escalpelaram. Eles escalpelam os inimigos, não os seus, e ele era um tártaro por adoção.

Enquanto seguiam viagem, Lyra ficou remoendo essas coisas. Havia fortes correntes cheias de significado fluindo ao seu redor: os Gobblers e sua crueldade, o medo que tinham do Pó, a cidade na Aurora Boreal, o pai dela em Svalbard, a mãe... onde estaria sua mãe? O aletiômetro, as feiticeiras voando para o norte. E o pobre coitado do Tony Makarios; e a mosca-espiã movida a corda; e a esperteza extraordinária de Iorek Byrnison...

Ela adormeceu. E cada hora os levava mais para perto de Bolvangar.

14

As Luzes de Bolvangar



O fato de os gípcios não terem notícias da Sra. Coulter preocupava Farder Coram e John Faa muito mais do que deixavam Lyra perceber; mas não imaginavam que ela também estivesse preocupada. Lyra tinha medo da Sra. Coulter e pensava nela com frequência. E embora Lorde Asriel agora fosse "papai", a Sra. Coulter nunca foi "mamãe". O motivo disso era o dimon da Sra. Coulter, o macaco dourado, que tinha despertado uma profunda aversão em Pantalaimon e que, como Lyra suspeitava, havia se intrometido nos segredos dela, particularmente no segredo do aletiômetro.

E certamente estariam atrás dela; era tolice pensar o contrário. A mosca-espiã provava isso.

Mas, quando um inimigo realmente atacou, não foi a Sra. Coulter. Os gípcios tinham planejado parar para os cachorros descansarem, consertar dois trenós e preparar todas as armas para o ataque a Bolvangar. John Faa esperava que Lee Scoresby conseguisse encontrar algum gás de solo para encher o balão menor (pois ele possuía dois, aparentemente) e subir para espionar o terreno. Mas o aeróstata entendia das condições meteorológicas como um marinheiro e avisou que ia haver neblina; e assim que eles pararam, a névoa espessa desceu. Lee Scoresby sabia que nada veria do céu, então se limitou a verificar o equipamento, embora estivesse tudo meticulosamente em ordem. Então, sem qualquer aviso, uma rajada de flechas caiu da escuridão.

Três gípcios caíram na mesma hora e morreram tão silenciosamente que ninguém ouviu nem um suspiro; só quando eles caíram por cima das rédeas ou ficaram imóveis inesperadamente foi que os homens mais próximos perceberam o que estava acontecendo, e então já era tarde demais, porque mais flechas caíam sobre eles. Alguns homens olharam para cima, atordoados com o ruído irregular e rápido de batidas que vinha da fila de trenós, produzido pelas flechas acertando madeira ou lona congelada.

O primeiro a reagir foi John Faa, que, no centro da fila, gritava ordens. Mãos frias e pernas rígidas se movimentaram para obedecer enquanto mais flechas despencavam como chuva — uma chuva mortal.

Lyra estava em terreno aberto, e as flechas passavam por cima da sua cabeça. Pantalaimon ouviu antes que ela, virou um leopardo e a derrubou, tornando-a um alvo menor. Limpando a neve dos olhos, ela rolou para tentar ver o que estava acontecendo, pois a semiescuridão parecia transbordar de barulho e confusão. Ela escutou um rugido poderoso e os ruídos da armadura de Iorek Byrnison quando ele saltou por cima dos trenós e mergulhou na neblina, e isto foi seguido por berros, rosnados, ruídos de coisas rasgadas e esmagadas, gritos de terror e rugidos de fúria animal, enquanto o urso os dizimava.

Mas quem eram *eles*? Lyra ainda não tinha avistado o inimigo. Os gípcios corriam para defender os trenós, mas isso (como até Lyra podia ver) fazia deles alvos mais fáceis; e era difícil disparar suas espingardas usando luvas grossas; ela ouvira apenas quatro ou cinco tiros contra uma tempestade incessante de flechas. E a cada minuto tombavam mais homens.

Ela pensou, angustiada: ah, John Faa, você não previu isso, e eu não o ajudei!

Mas ela não teve mais que um segundo para pensar isso, pois Pantalaimon soltou um rosnado poderoso e alguma coisa — outro dimon — o derrubou, tirando o fôlego de Lyra; e então mãos a agarraram, a levantaram, abafaram seus gritos com luvas fedorentas, a jogaram pelo ar de um lado para o outro e depois a deixaram cair com força na neve, de modo que ela estava ao mesmo tempo tonta, sem fôlego e machucada. Seus braços foram puxados para trás até seus ombros estalarem e alguém amarrou seus pulsos, depois colocaram um capuz cobrindo toda a sua cabeça para abafar seus gritos, pois ela gritou muito, e com força:

— Iorek! Iorek Byrnison! Socorro!

Mas será que ele podia ouvir? Ela não sabia; foi jogada de um lado para outro e finalmente caiu sobre uma superfície dura que então começou a se sacudir como um trenó. Os sons que chegavam até ela eram ferozes e confusos. Lyra julgou ter ouvido o rugido de Iorek Byrnison, mas muito longe; ela estava sendo levada aos solavancos por um terreno acidentado, os braços presos, a boca tapada, soluçando de raiva e medo. E vozes estranhas falavam ao seu redor.

— Pantalaimon! — ela sussurrou.

— Estou aqui, psiu, vou ajudar você a respirar. Fique parada...

As patinhas de rato de Pantalaimon puxaram o capuz até que ela ficou com a boca livre e pôde respirar o ar gelado.

— Quem são eles? — ela sussurrou.

— Parecem tártaros. Acho que feriram John Faa.

— Não...

— Vi quando ele caiu. Mas ele devia estar preparado para este tipo de ataque. Nós sabemos disso.

— Mas devíamos ter ajudado! Devíamos ter consultado o aletiômetro!

— Psiu. Finja que está desmaiada.

Ouviram o estalar de um chicote e o uivo de cães de corrida. Pelo modo como ela estava sendo jogada de um lado para outro, Lyra sabia que estavam indo muito depressa; e mesmo se esforçando para ouvir os sons do combate, tudo que conseguiu distinguir foi uma desesperada saraivada de disparos abafados pela distância.

— Vão nos levar para os Gobblers — ela cochichou.

Ambos pensaram na palavra *intercisão*. Um medo terrível tomou conta de Lyra, e Pantalaimon se chegou mais para perto dela.

— Eu vou lutar — ele disse.

— Eu também. Vou *matar* todos eles.

— Iorek também vai *matar* todos eles quando descobrir. Vai esmagar um por um.

— Será que estamos muito longe de Bolvangar?

Ele não sabia, mas ambos calculavam que fosse menos de um dia de viagem.

Depois de viajarem durante tanto tempo que Lyra chegou a ficar cheia de cãibras no corpo, a velocidade diminuiu um pouco, e alguém puxou com brutalidade o capuz.

Ela deparou com um rosto asiático largo sob um capuz de carcaju iluminado por uma lamparina trêmula. Ele tinha olhos negros que mostraram uma centelha de satisfação, especialmente quando Pantalaimon deslizou para fora do casaco de Lyra e mostrou os dentes brancos de arminho com um rosnado. O dimon do homem, um carcaju grande e pesado, rosnou de volta, mas Pantalaimon não se intimidou.

O homem colocou Lyra sentada, apoiando-a na lateral do trenó. Ela caiu de costas, pois tinha as mãos ainda amarradas por trás, então ele amarrou os pés dela e soltou as mãos.

Através da neve que caía e da neblina espessa, ela percebeu que o homem era muito forte, assim como o que dirigia o trenó; ambos se sentiam muito à vontade naquela terra, ao contrário dos gípcios.

O homem falou, mas naturalmente ela não entendeu. Ele tentou outra língua, com o mesmo resultado. Então tentou falar inglês.

— Seu nome?

Pantalaimon se arrepiou todo, e ela entendeu de imediato o que ele queria dizer. Então aquela gente não sabia quem ela era! Ela não tinha sido sequestrada por causa da sua ligação com a Sra. Coulter; então talvez não estivessem trabalhando para os Gobblers.

— Lizzie Brooks — respondeu.

— Lissie Broogs — ele repetiu. — Nós levamos você para lugar bom. Gentes boas.

— Quem são vocês?

— Samoiedes. Caçadores.

— Para onde vai me levar?

— Lugar bom. Gentes boas. Você tem *panserbjorne*?

— Para me proteger.

— Não adianta! Ra, ra, urso não adianta! Pegamos você assim mesmo!

Ele riu com vontade; Lyra se controlou e nada respondeu.

— Quem é aquela gente? — o homem perguntou em seguida, apontando para trás.

— Mercadores.

— Mercadores... De quê?

— Peles, bebida, folhas de fumar.

— Vendem folhas de fumar, compram peles?

— É.

Ele disse alguma coisa ao companheiro, que deu uma resposta curta. Durante todo o tempo, o trenó ia em alta velocidade, e Lyra se ajeitou para tentar ver para onde iam; mas estava nevando forte,

o céu estava escuro, e finalmente ela sentiu frio demais e se deitou. Ela e Pantalaimon sentiam os pensamentos um do outro, e tentaram ficar calmos, mas a ideia de John Faa morto... E o que teria acontecido a Farder Coram? Iorek conseguiria matar os outros samoiedes? E alguém conseguiria descobrir o paradeiro dela?

Pela primeira vez, ela começou a sentir uma certa pena de si mesma.

Depois de muito tempo, o homem a sacudiu pelo ombro e entregou a ela um pedaço de carne-seca de rena para mascar. Era fedorenta e dura, mas ela estava com fome e aquilo era comida. Depois de comer tudo, ela se sentiu um pouco melhor. Enfiou a mão lentamente dentro do casaco até ter certeza de que o aletiômetro ainda estava ali, e então retirou cuidadosamente a lata com a mosca-espiã e a enfiou dentro da bota de peles. Pantalaimon entrou na bota em forma de um rato e empurrou a lata bem para o fundo, prendendo-a sob a perneira de couro de rena.

Depois disso, ela fechou os olhos. Estava exausta de medo, e logo caiu num sono inquieto.

Acordou quando o movimento do trenó mudou, ficando mais suave de repente. Quando ela abriu os olhos, viu luzes passando acima, tão brilhantes que ela teve que puxar mais o capuz sobre a cabeça antes de olhar outra vez. Estava se sentindo muito mal, com frio e cãibras, mas conseguiu se ajeitar o suficiente para ver que o trenó passava entre duas filas de postes altos, cada um com uma brilhante lâmpada anbárica. Enquanto ela observava as redondezas, o trenó passou por um portão de metal no final da avenida de luzes, entrando num grande espaço aberto que parecia uma praça deserta ou uma arena para algum tipo de esporte. Era perfeitamente lisa, regular e branca, com cerca de 100 metros de extensão, rodeada por uma cerca alta de metal.

O trenó parou no extremo oposto dessa arena. Estavam diante de uma construção baixa ou uma série de construções baixas sob uma grossa camada de neve. Era difícil dizer, pois ela teve a impressão de que havia túneis ligando as diversas partes das construções — túneis cobertos de neve. De um lado, um grosso mastro de metal tinha uma aparência familiar, embora ela não conseguisse se lembrar do que era.

Antes que ela pudesse ver mais coisas, o homem no trenó cortou a corda que a prendia e a jogou na neve com brutalidade, enquanto o que dirigia gritava com os cães para que ficassem parados. Uma porta se abriu no prédio a poucos metros de distância e uma luz anbárica apareceu, movendo-se para procurá-los, como um holofote.

O raptor de Lyra a empurrou para a frente sem soltá-la, como se estivesse exibindo um troféu, e disse alguma coisa. A figura, que usava um casaco acolchoado feito de seda carbonífera, respondeu na mesma língua, e Lyra viu seu rosto. Não era um samoiede, nem um tártaro: parecia um Catedrático da Jordan. Ele olhou para ela e particularmente para Pantalaimon.

O samoiede tornou a falar, e o homem de Bolvangar perguntou a Lyra:

— Você fala inglês?

— Sim — ela respondeu.

— O seu dimon sempre tem esta forma?

Que pergunta mais inesperada! Lyra não soube o que responder. Mas Pantalaimon respondeu por si mesmo, virando um falcão e atacando o dimon do homem, uma grande marmota que tentou atingir Pantalaimon com um movimento rápido e cuspiu enquanto ele voava em volta dela.

— Entendo — disse o homem em tom satisfeito, enquanto Pantalaimon voltava para o ombro de Lyra.

Os samoiedes pareciam esperar alguma coisa; o homem de Bolvangar assentiu e tirou uma luva para enfiar a mão no bolso, de onde tirou um saco fechado por um cordão. Colocou uma dúzia de pesadas moedas na mão do caçador.

Os dois homens contaram o dinheiro antes de guardá-lo com cuidado, cada um ficando com a metade. Sem olhar para trás, eles entraram no trenó, e o que dirigia estalou o chicote e gritou para os cães; o trenó atravessou a praça ampla e entrou na avenida de luzes, aumentando a velocidade até desaparecer na escuridão.

O homem tornou a abrir a porta.

— Entre depressa — disse. — Lá dentro está quentinho e confortável. Não fique aí fora no frio. Como é o seu nome?

A voz era de um inglês, sem qualquer sotaque que Lyra pudesse identificar. Ele parecia o tipo de pessoa que ela havia conhecido na casa da Sra. Coulter: culto, educado e importante.

— Lizzie Brooks — ela disse.

— Entre, Lizzie. Vamos cuidar de você, não se preocupe.

Ele estava sentindo mais frio do que ela, mesmo estando ao ar livre por menos tempo, e estava impaciente para entrar. Ela resolveu bancar a boba, relutando, arrastando os pés ao entrar na casa.

Havia duas portas e um grande espaço entre elas, de modo que o ar quente não escapasse. Depois que eles entraram pela segunda porta Lyra sentiu um calor insuportável e teve que abrir o casaco e jogar o capuz para trás.

Estavam num espaço de uns 3 metros quadrados com corredores à direita e à esquerda; na frente dela, havia uma espécie de balcão de recepção como o de um hospital. Tudo estava brilhantemente iluminado, com superfícies brancas e aço inoxidável. Havia no ar o cheiro de comida — toicinho e café — e sob ele um leve cheiro de hospital; das paredes vinha um murmúrio baixo, quase baixo demais para ser ouvido — o tipo de ruído com que a pessoa tem que se acostumar para não enlouquecer.

Pantalaimon, agora um pintassilgo, cochichou no ouvido dela:

— Seja lerda e burra. Muito burra.

Alguns adultos a observavam: o homem que a trouxera, outro usando um jaleco branco, uma mulher de uniforme de enfermeira.

— Inglesa — dizia o primeiro homem. — Mercadores, aparentemente.

— Os caçadores de sempre? A história de sempre?

— A mesma tribo, pelo que eu pude perceber. Enfermeira Clara, podia levar a pequena... hum... e cuidar dela?

— Claro, Doutor. Venha comigo, querida — disse a enfermeira.

Lyra a acompanhou obedientemente.

Seguiram por um corredor curto com portas à direita e uma cantina à esquerda, de onde vinham o ruído de talheres e vozes e cheiro de comida. Lyra calculou que a enfermeira tinha mais ou menos a idade da Sra. Coulter e um ar de neutralidade, eficiência e sensatez; ela teria capacidade de dar pontos num ferimento ou trocar um curativo, mas nunca de contar uma história. Lyra teve um momento de angústia quando percebeu que o dimon da enfermeira era um cachorrinho branco, e não conseguiu entender por que ficou angustiada com isso.

— Qual é o seu nome, querida? — perguntou a enfermeira, abrindo uma porta pesada.

— Lizzie.

— Só Lizzie?

— Lizzie Brooks.

— E quantos anos você tem?

— Onze.

Lyra tinha ouvido dizer que ela era pequena para sua idade; isso não tinha afetado a ideia que tinha da sua própria importância, mas ela percebeu que agora podia usar isso para fazer de Lizzie uma pessoa tímida, nervosa e insignificante.

Estava esperando que lhe perguntassem de onde vinha e como tinha chegado, e preparava suas respostas; mas não era só imaginação que faltava à enfermeira, mas também curiosidade; pelo interesse que a Enfermeira Clara parecia demonstrar, Bolvangar podia estar situada nos subúrbios de Londres, com crianças aparecendo a todo momento. O dimon da enfermeira trotava junto a seus pés com o mesmo jeito eficiente e neutro.

No quarto onde entraram, havia um sofá, uma mesa, duas cadeiras e um arquivo, um armário de vidro com remédios e curativos, e uma pia. Assim que entraram a enfermeira tirou o casacão de Lyra e o deixou cair no chão.

— Tire o resto da roupa, querida — disse. — Vamos dar uma olhada para ver se você está bem, sem resfriado ou queimaduras de frio, e depois vamos arranjar roupas limpas. Vamos lhe dar um banho de chuveiro, também — acrescentou, pois Lyra não tomava banho nem mudava de roupa havia alguns dias, e no ambiente aquecido este fato ficava cada vez mais evidente.

Pantalaimon quis reclamar, mas Lyra fez um gesto para que ele ficasse calado. Ele se acomodou no sofá enquanto Lyra tirava as roupas, peça por peça, sentindo raiva e vergonha, mas ainda com suficiente presença de espírito para se fingir de boba e obediente.

— E a sua bolsa de dinheiro também, Lizzie — disse a enfermeira.

Ela própria desamarrou com seus dedos fortes o cinto com a sacola e foi colocá-lo na pilha de roupas de Lyra, mas parou ao palpar o aletiômetro.

— Que é isso? — perguntou, desabotoando a bolsa de lona.

— É um brinquedo — disse Lyra. — É meu.

— Está bem, nós não vamos tirar o seu brinquedo, minha querida — disse a Enfermeira Clara, abrindo o embrulho de veludo negro. — Que bonitinho, parece uma bússola! Agora, para o chuveiro — continuou, largando o aletiômetro e abrindo uma cortina de seda carbonífera num canto do aposento.

Com relutância, Lyra entrou debaixo da água morna e se ensaboou, enquanto Pantalaimon se empoleirava na vara da cortina. Ambos sabiam que ele não podia se mostrar muito esperto, pois os dimons das pessoas lerdas eram lerdos também. Depois que ela se enxugou, a enfermeira verificou sua temperatura e examinou seus olhos, ouvidos e garganta, depois mediu sua estatura e a pesou numa balança, antes de fazer anotações. Depois deu a Lyra pijama e um roupão. Eram roupas limpas e de boa qualidade, como o casaco de Tony Makarios, mas também nelas havia um ar de roupa de segunda mão. Lyra sentiu medo.

— Isso não é meu — disse.

— Não, minha querida. As suas roupas precisam de uma boa lavagem.

— Vou ter as minhas roupas de volta?

— Imagino que sim. Claro que sim.

— Que lugar é este?

— O nome é Estação Experimental.

Aquilo não era uma resposta. Como Lyra, ela teria dito isso e pedido mais informações, mas sabia que Lizzie Brooks não agiria assim. Então, concordou com a cabeça e ficou quieta.

Depois de vestida, falou, em tom de queixa:

— Eu queria o meu brinquedo.

— Pode pegar, querida — disse a enfermeira. — Mas será que não prefere um belo ursinho? Ou uma linda boneca?

Ela abriu uma gaveta cheia de brinquedos que pareciam coisas mortas. Lyra se obrigou a levantar e fingir estar pensando antes de escolher uma boneca de trapos de olhos grandes e sem expressão. Nunca tinha tido uma boneca, mas sabia o que fazer: abraçou distraidamente o brinquedo.

— E a minha bolsa de dinheiro? Gosto de guardar o meu brinquedo lá dentro.

— Pode pegar, minha querida — disse a Enfermeira Clara, que estava preenchendo um formulário cor-de-rosa.

Lyra levantou a camisa do pijama e prendeu o cinto com a sacola em volta da cintura.

— E o meu casaco, e as minhas botas? — ela insistiu. — E as minhas luvas e as minhas coisas?

— Vamos mandar limpar para você — disse a enfermeira automaticamente.

Então um telefone tocou, e enquanto a enfermeira atendia, Lyra se abaixou depressa para pegar a lata onde estava a mosca-espiã e a guardou na sacola com o aletiômetro.

— Vamos, Lizzie — chamou a enfermeira, desligando o telefone. — Vamos arranjar alguma coisa para você comer. Imagino que esteja com fome.

Ela seguiu a Enfermeira Clara até a cantina, onde havia uma dúzia de mesas brancas cobertas de migalhas e de círculos molhados e pegajosos feitos por copos sujos. Pratos e talheres sujos estavam empilhados num carrinho de aço. Não havia janelas, e para dar ilusão de luz e espaço uma das paredes era coberta por um gigantesco fotograma mostrando uma praia tropical, com um céu azul brilhante, areias brancas e coqueiros.

O homem que levara Lyra para dentro da casa estava pegando uma bandeja.

— Pode comer à vontade.

Não havia utilidade em passar fome, e Lyra então comeu com satisfação o picadinho com purê de batatas. Havia pêssegos em calda e, além disso, sorvete. Enquanto ela comia, o homem e a enfermeira conversavam em voz baixa em uma outra mesa; quando ela terminou, a enfermeira lhe ofereceu um copo de leite quente e levou a bandeja.

O homem veio se sentar em frente a ela. O dimon dele, a marmota, não era meio vazio e alheio como o dimon da enfermeira. Ele se acomodou polidamente no ombro do homem e ficou prestando atenção.

— Bem, Lizzie, você comeu o bastante?

— Comi, sim, obrigada.

— Quero que me diga de onde veio. Sabe me responder?

— De Londres — ela disse.

— O que está fazendo tão longe?

— Com meu pai — ela resmungou. Mantinha os olhos baixos, evitando o olhar da marmota e tentando parecer à beira das lágrimas.

— Com o seu pai? Entendo. E o que seu pai veio fazer nesta parte do mundo?

— Comércio. Viemos com uma carga de folhas de fumar da Nova Dinamarca e estávamos comprando peles.

— E o seu pai estava sozinho?

— Não. Com meus tios e tudo, e outros homens — ela disse, sem saber o que o caçador samoiede tinha revelado.

— Por que foi que ele trouxe você numa viagem como essa, Lizzie?

— Porque há dois anos ele trouxe o meu irmão e disse que depois ia me trazer e nunca trazia, e eu fiquei pedindo muito e ele trouxe.

— E quantos anos você tem?

— Onze.

— Bom, bom. Lizzie, você é uma garota de sorte. Aqueles caçadores que encontraram você vieram para o melhor lugar possível.

— Eles não me encontraram. Foi um ataque. Eram muitos, eles tinham flechas...

— Acho que não foi assim. Acho que você deve ter se afastado do seu pai e se perdeu. Aqueles caçadores encontraram você perdida e trouxeram para cá. Foi isso que aconteceu, Lizzie.

— Eu vi o ataque — ela insistiu. — Estavam jogando flechas... Eu quero o meu pai — disse, levantando a voz e sentindo que começava a chorar.

— Bem, você está em segurança aqui até ele chegar — disse o médico.

— Mas eu vi eles atirando flechas!

— Ah, você pensa que viu. Isso acontece muitas vezes no frio intenso, Lizzie. Você adormece, tem pesadelos e não consegue saber o que é verdade e o que não é. Não se preocupe, não houve ataque. O seu pai está seguro e deve estar procurando você, e logo chegará aqui, pois é o único lugar em muitas centenas de quilômetros. Que surpresa boa ele vai ter quando encontrar você em segurança! Agora a Enfermeira Clara vai levar você para o dormitório, onde vai encontrar outras crianças, meninas e meninos que se perderam na neve como você. Pode ir. Amanhã cedo vamos ter outra conversa.

Lyra se levantou, agarrada à boneca, e Pantalaimon saltou para o ombro dela enquanto a enfermeira abria a porta.

Mais corredores. Lyra a essa altura *estava* muito cansada, com tanto sono que não parava de bocejar e mal conseguia levantar os pés nos chinelos de lã que lhe deram. Pantalaimon estava exausto, e teve que se transformar em um rato e ficar dentro do bolso do roupão dela. Lyra teve um vislumbre de uma fila de camas, rostos de crianças, um travesseiro — então adormeceu.

Alguém a sacudia. A primeira coisa que ela fez foi tatear na cintura para ter certeza de que as duas latas ainda estavam lá em segurança; então tentou abrir os olhos, mas isso era extremamente difícil, pois ela sentia um sono como nunca havia sentido.

— Acorde! Acorde!

Eram cochichos de mais de uma voz. Com um esforço enorme, como se estivesse empurrando uma rocha enorme ladeira acima, Lyra se forçou a acordar.

Na luz fraca de uma lâmpada anbárica de baixa potência que havia acima da porta, ela viu três meninas ao seu redor. Não era fácil enxergar, pois seus olhos custavam a entrar em foco, mas elas pareciam ter a idade dela, e estavam falando inglês.

— Ela acordou.

— Deram pílulas de dormir para ela. Deve ter sido...

— Como é o seu nome?

— Lizzie — ela balbuciou.

— Vai chegar um novo carregamento de crianças? — uma das meninas quis saber.

— Não sei. Só eu.

— Então onde pegaram você?

Lyra lutou para se sentar. Não se lembrava de ter tomado remédio para dormir, mas podia muito bem ter sido no leite quente. Sentia a cabeça cheia e uma dorzinha latejando atrás dos olhos.

— Que lugar é este?

— É no meio de nada. Eles não contam.

— Geralmente trazem mais de um de cada vez...

— O que eles fazem? — Lyra conseguiu perguntar, organizando os pensamentos enquanto Pantalaimon despertava ao seu lado.

— Não sabemos — disse a menina que mais falava. Era alta e ruiva, com movimentos rápidos e nervosos, e um forte sotaque londrino. — Eles medem a gente, fazem testes e...

— Eles medem o Pó — disse outra garota, simpática, gorducha e morena.

— *Você* não sabe — disse a primeira.

— É isso, sim — disse a terceira, uma menina de ar tímido que ninava seu dimon-coelho. — Eu ouvi eles falando.

— Eles levam uma por uma, é só o que a gente sabe. Ninguém volta mais — disse a ruiva.

— Aquele garoto, ele acha...

— Não conte isso a ela! — fez a ruiva. — Ainda não.

— Tem garotos aqui também? — Lyra perguntou.

— Tem, sim. Muitos. Uns trinta, eu acho.

— Tem mais. Uns quarenta — corrigiu a gordinha.

— Mas eles não param de levar a gente — disse a ruiva. — Geralmente começam trazendo uma turma, aí ficam sendo muitos, e um por um vão desaparecendo.

— São os Gobblers — disse a gordinha. — Você conhece os Gobblers. Todos nós tínhamos medo deles até nos pegarem...

Lyra ia despertando aos poucos. Os dimons das outras garotas, com exceção do coelho, estavam por perto, escutando junto à porta, e ninguém falava mais alto que um cochicho. Lyra perguntou o nome delas; a ruiva era Annie, a morena gordinha era Bella, a magra era Martha. Não sabiam o nome dos meninos, pois os dois sexos eram mantidos separados. Não eram maltratados.

— Aqui é legal — disse Bella. — Não tem muita coisa para fazer, a não ser quando eles nos fazem testes e nos mandam fazer exercícios e então nos medem, medem a nossa temperatura. É só muito chato.

— A não ser quando a Sra. Coulter vem — disse Annie.

Lyra teve que se controlar para não soltar uma exclamação, e Pantalaimon sacudiu as asas com tanta força que as outras garotas perceberam.

— Ele está nervoso — disse Lyra, acalmando-o. — Devem ter dado remédio para a gente dormir, porque estamos tontos. Quem é a Sra. Coulter?

— É a mulher que pegou todos nós, ou quase todos — disse Martha. — As outras crianças falam dela. Quando ela vem, a gente sabe que alguém vai desaparecer.

— Ela gosta de assistir quando levam a criança, gosta de ver o que eles fazem com a gente. Esse garoto, o Simon, ele acha que eles matam a gente e a Sra. Coulter fica olhando.

— Eles nos *matam*? — Lyra repetiu, estremecendo.

— Deve ser. Porque ninguém volta.

— Estão sempre mexendo com os dimons, também — disse Bella. — Pesando, medindo e tudo...

— Eles *tocam* nos dimons de vocês?

— Não! Que horror! Eles botam uma balança, e o nosso dimon tem que subir em cima dela e mudar de forma, e eles tomam notas e tiram retratos. E colocam a gente num armário e medem o Pó, o tempo todo, nunca param de medir o Pó.

— Que Pó? — Lyra perguntou.

— A gente não sabe — disse Annie. — É um negócio qualquer que vem do espaço. Não é pó de verdade. Se a gente não tem Pó nenhum, então está tudo bem. Mas todo mundo tem Pó no final.

— Sabe o que eu ouvi o Simon dizer? — falou Bella. — Ele disse que os tártaros fazem um buraco no crânio para o Pó entrar.

— É, *ele* com certeza sabe de tudo — disse Annie em tom debochado. — Acho que vou perguntar à Sra. Coulter quando ela vier.

— Você não tem coragem! — disse Martha com admiração.

— Tenho, sim.

— Quando é que ela vem? — Lyra perguntou.

— Depois de amanhã — disse Annie.

Uma onda gelada de terror dominou Lyra, e Pantalaimon se aproximou mais dela. Ela só tinha um único dia para encontrar Roger e descobrir tudo que pudesse sobre aquele lugar, e então fugir, ou ser resgatada; e se todos os gípcios tivessem sido mortos, quem ia ajudar as crianças a sobreviver naquela imensidão gelada?

As outras meninas continuaram conversando, mas Lyra e Pantalaimon se cobriram e tentaram se aquecer, sabendo que, por muitos quilômetros em volta da sua cama, havia apenas o medo.

15

Os Dimons nas Caixas de Vidro



NÃO era do temperamento de Lyra ficar parada remoendo os problemas; ela era uma criança impulsiva e prática, e além disso não tinha muita imaginação. Ninguém que tivesse imaginação pensaria seriamente que era possível percorrer toda aquela distância e salvar seu amigo Roger; ou, se pensasse, uma criança com imaginação pensaria logo em várias razões por que aquilo seria impossível. Para ser uma mentirosa experiente não é preciso ter grande imaginação. Muitos mentirosos não têm imaginação; é isso que faz com que suas mentiras sejam convincentes.

Assim, agora que estava nas mãos do Conselho de Oblação, Lyra não se permitiu ficar doente de preocupação pelo que teria acontecido aos gípcios. Eram todos bons lutadores, e mesmo Pantalaimon tendo dito que viu John Faa ser atingido, ele podia ter se enganado; se não estivesse enganado, John Faa podia não estar seriamente ferido. Ela ter caído nas mãos dos samoiedes tinha sido uma falta de sorte, mas os gípcios logo viriam libertá-la; se eles não conseguissem, nada impediria Iorek Byrnison de tirá-la de lá; e então eles voariam para Svalbard no balão de Lee Scoresby e libertariam Lorde Asriel.

Para ela era tudo simples.

Assim, na manhã seguinte, quando acordou no dormitório, ela estava curiosa e pronta para enfrentar o que o dia lhe trouxesse. E ansiosa para ver Roger — principalmente ansiosa para vê-lo antes que ele a visse.

Não precisou esperar muito. As crianças de todos os dormitórios eram acordadas às 7h30 pelas enfermeiras que tomavam conta delas; se vestiam e iam se juntar às outras na cantina, para o café da manhã.

E lá estava Roger.

Ele estava sentado com outros cinco garotos numa mesa perto da porta. A fila para pegar a comida passava bem perto dele. Lyra, então, deu um jeito de deixar cair um guardanapo e se abaixou para apanhá-lo, de modo que Pantalaimon pudesse falar com Salcília, o dimon de Roger.

Ela estava na forma de um pintassilgo e bateu as asas com tanta agitação que Pantalaimon teve que virar um gato e saltar sobre ela, prendendo-a no chão para poder cochichar no ouvido dela. Por sorte essas pequenas confusões entre os dimons das crianças eram comuns, e ninguém prestou atenção, mas Roger empalideceu; Lyra nunca tinha visto uma pessoa ficar tão branca. Ele ergueu os olhos para ela, que lhe deu um olhar neutro e distante; a cor voltou ao rosto dele, e ele se encheu de esperança, excitação e alegria; foi Pantalaimon quem, sacudindo Salcília com firmeza, conseguiu impedir que Roger desse um grito e um pulo para abraçar sua melhor amiga, sua companheira de aventuras, Srta. Lyra.

Lyra desviou os olhos, agindo com o maior desprezo que pôde fingir, fazendo cara de impaciência para as suas novas amigas verem. As quatro garotas pegaram suas bandejas com flocos de milho e torradas e se sentaram juntas, numa confraria instantânea, excluindo todas as outras pessoas para poderem fofocar sobre elas.

Não se consegue manter num só lugar um grupo grande de crianças se elas não tiverem alguma coisa para fazer, e de certo modo Bolvangar era como uma escola, com atividades programadas, tais como ginástica e "arte". Meninos e meninas não se misturavam, a não ser no recreio e na hora das refeições, então foi só no meio da manhã, depois de uma hora e meia de costura sob a supervisão de uma das enfermeiras, que Lyra teve chance de conversar com Roger. Mas tinha que parecer natural, essa era a dificuldade. Todas as crianças tinham mais ou menos a mesma idade, e era a idade em que meninos conversam com meninos e meninas com meninas, todos eles fazendo a maior questão de ignorar o sexo oposto.

Ela teve outra chance na cantina, quando as crianças foram lanchar. Lyra enviou Pantalaimon como mosca para conversar com Salcília na parede ao lado da sua mesa enquanto ela e Roger ficavam em grupos separados. É difícil conversar enquanto a atenção do seu dimon está em outro lugar, então Lyra fingia estar revoltada e melancólica enquanto bebericava o leite com as outras meninas. Metade da sua atenção estava na conversa de zumbidos entre os dois dimons, e ela não prestava muita atenção às companheiras de mesa, mas, em dado momento, ouviu uma menina de cabelos louros e brilhantes dizer um nome que lhe deu um sobressalto.

Era o nome de Tony Makarios. Quando sua atenção se voltou para isso, Pantalaimon teve que diminuir a conversa com o dimon de Roger, e ambas as crianças ficaram escutando o que a menina estava dizendo.

— Não, eu sei por que levaram ele — dizia a garota, enquanto as outras chegavam mais perto para ouvir. — Foi porque o dimon dele não mudava. Eles achavam que ele era mais velho do que parecia, ou coisa assim, e ele não era mesmo um garoto novo. Mas, na verdade, o dimon quase nunca mudava porque o Tony quase nunca pensava. Eu o vi mudar. O nome dele era Rateira...

— Por que eles estão tão interessados em dimons? — Lyra perguntou.

— Ninguém sabe — disse a loura.

— Eu sei — disse um rapaz que estava escutando. — O que eles fazem é matar o seu dimon para ver se você morre.

— Bom, então por que eles fazem isso com várias crianças? — alguém contestou. — Só precisavam fazer uma vez, não é?

— Eu *sei* o que eles fazem — disse a primeira menina.

Ela agora era o centro das atenções de todos. Porém, como as crianças não queriam que algum adulto soubesse do que estavam falando, elas tinham que fingir indiferença e distração enquanto ouviam com curiosidade apaixonada.

— Como é que sabe? — alguém perguntou.

— Porque eu estava com ele quando vieram buscá-lo. A gente estava na rouparia — ela explicou.

Estava vermelha como um pimentão. Se estava esperando que fizessem gracinhas e ficassem implicando, ficou aliviada, pois todas as crianças estavam preocupadas e nenhuma sequer sorriu. Ela continuou:

— A gente estava bem quieto, e então a enfermeira entrou, aquela da voz açucarada. E ela disse: "Vem, Tony, sei que você está aí, não vamos machucar você..." E então ele perguntou: "O que vai acontecer?" E ela disse: "A gente vai botar você para dormir e fazer uma pequena operação, e então você vai acordar muito bem." Mas Tony não acreditou. Ele falou...

— Os buracos! — alguém exclamou, interrompendo. — Fazem um buraco na cabeça da gente, como os tártaros! *Aposto*!

— Cala a boca! Que mais que a enfermeira disse? — outra criança perguntou.

A essa altura, havia mais de uma dúzia de crianças em volta da mesa de Lyra, seus dimons igualmente curiosos, todos tensos, de olhos arregalados. A loura continuou:

— Tony queria saber o que iam fazer com a Rateira, entendem? E a enfermeira disse: "Bom, ela vai dormir também, na hora em que você dormir." E Tony disse: "Vocês vão matar ela, não vão? Sei que vão. Todos nós sabemos que é isso que acontece." E a enfermeira disse: "Claro que não. É só uma pequena operação. Um cortezinho. Não vai nem doer, mas a gente vai fazer você dormir só por segurança."

A cantina inteira estava em silêncio. A enfermeira de plantão tinha saído por um instante, e a portinhola para a cozinha estava fechada, de modo que ninguém podia ouvir de lá.

— Que tipo de corte? — perguntou um menino com a voz assustada. — Ela disse que tipo de corte era?

— Ela disse que era uma coisa para fazer ele ficar mais adulto. Disse que todo mundo tinha que passar por aquilo, e que esse era o motivo dos dimons dos adultos não mudarem como os nossos fazem. Então eles levam um corte que faz eles terem a mesma forma para sempre, e é assim que as pessoas ficam adultas.

— Mas...

— Quer dizer...

— Então todos os adultos levam esse corte?

— E os...

De repente, todas as vozes se calaram como se elas próprias tivessem sido cortadas, e todos os olhos se viraram na direção da porta. A Enfermeira Clara estava ali, com ar tranquilo e normal, e ao lado dela estava um homem de jaleco branco que Lyra ainda não tinha visto.

— Bridget McGinn — ele chamou.

A lourinha se levantou, estremecendo. Seu dimon-esquilo estava agarrado ao seu peito.

— Sim? — ela falou, com uma voz que mal se ouvia.

— Termine o seu leite e venha com a Enfermeira Clara — ele instruiu. — O resto de vocês pode ir para as suas aulas.

Obedientemente, as crianças colocavam sua louça no carrinho de aço inoxidável e saíam em silêncio. Ninguém olhou para Bridget McGinn a não ser Lyra, que viu o rosto da outra branco de medo.

O resto da manhã foi ocupado com exercícios de ginástica. Na Estação, havia uma sala de ginástica, pois era impossível ficar fazendo ginástica ao ar livre durante a longa noite polar, e os grupos de crianças se revezavam sob a supervisão de uma enfermeira. As crianças tinham que formar times e jogar bola; Lyra, que nunca em sua vida havia brincado assim, no princípio não sabia o que fazer. Mas era rápida e atlética, e uma líder natural, e logo estava se divertindo. Os gritos das crianças, a torcida dos dimons, tudo isso enchia o pequeno ginásio e logo afastava os pensamentos de temor — o que, naturalmente, era exatamente o propósito dos exercícios.

Na hora do almoço, quando as crianças estavam novamente na cantina, Lyra sentiu Pantalaimon dar um pio de reconhecimento e quando se virou viu que era Billy Costa parado bem atrás dela.

— O Roger me disse que você estava aqui — ele cochichou.

— Seu irmão está vindo aí, mais John Faa e um bando de gípcios — ela disse. — Vieram buscar você.

Ele quase soltou uma exclamação de alegria, mas disfarçou provocando um acesso de tosse.

— E você tem que me chamar de Lizzie, *nunca* de Lyra — ela continuou. — E tem que me contar tudo que sabe, certo?

Os dois se sentaram juntos, com Roger por perto. Era mais fácil fazer isso na hora do almoço, com a cantina cheia; as crianças passavam mais tempo indo e vindo por entre as mesas e havia sempre um grupo junto à portinhola. Sob o barulho de talheres, Billy e Roger contaram a ela tudo que sabiam. Billy tinha ouvido uma enfermeira dizer que as crianças que faziam a operação costumavam ser levadas para locais mais ao sul, o que podia explicar como Tony Makarios acabou perdido. Mas Roger tinha uma coisa ainda mais interessante para contar.

— Achei um esconderijo — disse.

— Onde?

— Está vendo aquele retrato? — Ele mostrou o grande painel da praia tropical. — Olhe para o canto de cima à direita, está vendo aquela placa no teto?

O teto era feito de grandes placas retangulares presas numa armação de tiras de metal, e o canto da placa acima do painel fotográfico estava levemente erguido.

— Eu vi aquilo e achei que as outras placas podiam ser soltas também; experimentei, e são mesmo. É só levantar. Eu e um garoto experimentamos uma noite no dormitório, antes de levarem ele. Tem um espaço lá em cima, e a gente pode rastejar lá dentro...

— Até onde dá para rastejar?

— Sei lá. Só avançamos um pouco. Imaginamos que quando chegasse a hora poderíamos nos esconder lá em cima, mas com certeza iriam nos encontrar.

Lyra não encarava aquilo como um esconderijo, mas como uma passagem. Era a melhor coisa que ela havia ouvido desde que chegara! Mas antes que pudessem conversar mais, um médico bateu com uma colher na mesa para pedir silêncio, depois começou a falar:

— Escutem, crianças! Prestem bastante atenção. De vez em quando, nós fazemos um treinamento contra incêndio. É muito importante que todos consigam se vestir e sair do prédio sem pânico. Esta tarde vamos fazer um treinamento. Quando o sino tocar, vocês têm que parar o que estiverem fazendo e obedecer ao que o adulto mais próximo mandar. Guardem bem o caminho para o local para onde serão levados. É o lugar aonde deverão ir se houver um incêndio de verdade.

"Bem, é uma ideia", pensou Lyra.

Durante o início da tarde, Lyra e outras quatro garotas foram testadas em busca de Pó. Os médicos não disseram que era isso que estavam fazendo, mas era fácil adivinhar. Elas foram levadas uma a uma para um laboratório, e naturalmente isso as deixou com muito medo. Lyra pensou: que crueldade morrer sem poder atacá-los! Mas ao que parecia eles não iam fazer a tal operação por enquanto.

— Queremos fazer umas medições — o médico explicou.

Era difícil diferenciar aquelas pessoas: todos os homens se pareciam, com seus jalecos brancos, suas pranchetas e seus lápis, e as mulheres também se pareciam, pois os uniformes e aquele estranho ar de neutralidade e apatia faziam com que todas parecessem irmãs.

— Já fui medida ontem — Lyra disse.

— Ah, mas hoje são outras medidas. Fique sobre aquela placa de metal. Ah, primeiro tire os sapatos. Segure o seu dimon, se quiser. Olhe para a frente, isso mesmo, para aquela luzinha verde. Boa menina...

Uma luz piscou. O médico virou o rosto dela para um lado e para outro, e a cada vez alguma coisa estalava e uma luz piscava.

— Ótimo. Agora venha até esta máquina e coloque a mão dentro do tubo. Prometo que não vai doer. Estique os dedos. Assim.

— O que o senhor está medindo? — ela perguntou. — É Pó?

— Quem foi que lhe falou de Pó?

— Uma das meninas, não sei o nome dela. Ela disse que a gente estava cheia de Pó. Eu não estou, pelo menos eu acho que não. Tomei banho ontem.

— Ah, é outro tipo de pó. Não dá para ver a olho nu. É uma poeira especial. Agora feche a mão. Isso mesmo. Ótimo. Agora vá tateando dentro do tubo até encontrar uma espécie de argola. Achou? Segure a argola. Agora pode botar sua outra mão aqui, em cima deste globo de cobre. Ótimo. Vai sentir uma cosquinha leve, nada para se preocupar, é só uma leve corrente anbárica...

Pantalaimon, na forma de um gato-do-mato, muito tenso e cauteloso, se movia em volta dos aparelhos com olhares cheios de suspeita, voltando sempre para se esfregar em Lyra.

A essa altura, ela estava segura de que não iriam fazer a operação nela imediatamente, e também de que seu disfarce como Lizzie Brooks estava a salvo, então arriscou uma pergunta.

— Por que vocês tiram os dimons das pessoas?

— Como assim? Quem lhe falou sobre isso?

— Uma garota, não sei o nome dela. Ela disse que vocês tiram os dimons das pessoas.

— Bobagem...

Mas ele estava nervoso. Ela continuou:

— Porque vocês levam as crianças uma por uma, e elas nunca voltam. E algumas acham que vocês simplesmente matam elas, e outras pessoas acham outras coisas, e essa garota me disse que vocês tiram os...

— Não é verdade. Quando levamos as crianças, é porque chegou a hora de irem para outro lugar. Elas estão crescendo. Acho que sua amiga está com medo sem necessidade. Nada disso! Nem pense nisso. Quem é a sua amiga?

— Eu só cheguei ontem, não sei o nome de ninguém.

— Como é que ela é?

— Esqueci. Acho que tinha cabelos castanhos... bem claros, eu acho... Não sei.

O médico foi falar em voz baixa com a enfermeira. Enquanto os dois conversavam, Lyra observava os dimons deles. O da enfermeira era um lindo pássaro, calmo e desinteressado como o cão da Enfermeira Clara, e o do médico era uma mariposa grande e pesada. Nenhum dos dois se movia. Estavam acordados, pois os olhos do pássaro estavam abertos e as antenas da mariposa se moviam de vez em quando, mas não estavam vivazes como seria de se esperar. Talvez não estivessem mesmo ansiosos ou curiosos.

Finalmente o médico voltou e prosseguiu com o exame, pesando Lyra e Pantalaimon separadamente, examinando-a atrás de uma tela especial, contando os batimentos do coração, colocando-a sob um pequeno bocal que sibilava e soltava um cheiro de ar fresco.

No meio de um dos testes, um sino começou a tocar sem parar.

— O alarme de incêndio — disse o médico, suspirando. — Muito bem, Lizzie, acompanhe a Enfermeira Betty.

— Mas os agasalhos dela estão no prédio do dormitório, doutor. Ela não pode sair assim. Acha que devíamos ir lá primeiro?

Contrariado pela interrupção do exame, ele respondeu com irritação:

— Acho que o treinamento é para que surja exatamente esse tipo de detalhe. Que atrapalhação!

Lyra mais que depressa interveio:

— Ontem quando eu cheguei a Enfermeira Clara botou as minhas roupas num armário naquele primeiro quarto onde ela me examinou. O do lado. Eu podia usar as minhas roupas.

— Boa ideia! Vamos, então — aprovou a enfermeira.

Com secreta excitação, Lyra se apressou a seguir a enfermeira e recuperou seus agasalhos de pele, as perneiras e as botas, e se vestiu depressa, enquanto a enfermeira colocava sua roupa de seda carbonífera.

Então saíram apressadas. Na grande praça em frente ao principal grupo de construções havia umas cem pessoas, entre adultos e crianças: algumas ansiosas, outras irritadas, muitas apenas confusas.

— Está vendo? Vale a pena fazer isso para ver o caos que seria se o incêndio fosse de verdade — dizia um adulto.

Alguém estava soprando um apito e balançando os braços, mas ninguém prestava atenção. Lyra avistou Roger e fez um gesto para que ele se aproximasse; Roger puxou Billy Costa pelo braço e logo os três estavam juntos naquela confusão de crianças correndo.

— Ninguém vai notar se a gente der uma olhada por aí — Lyra sugeriu. — Vão levar anos para contar todo mundo, e podemos dizer que seguimos alguém e nos perdemos.

Esperaram até que a maioria dos adultos estivesse olhando para outro lado, e então Lyra pegou um pouco de neve, fez uma bola e a jogou no meio da multidão; num instante todas as crianças estavam fazendo isso, e o ar estava cheio de bolas de neve voando. Gritos e risadas abafaram

completamente os gritos dos adultos que tentavam restabelecer a ordem, e num instante as três crianças dobraram a esquina de uma das construções, ficando fora da vista dos outros.

Havia tanta neve que eles não conseguiam se mover depressa, mas isso parecia não ter importância, pois ninguém os seguiu. Lyra e os dois meninos escalaram o telhado curvo de um dos túneis e se encontraram numa estranha paisagem lunar de protuberâncias e reentrâncias, tudo coberto de branco sob o céu negro e iluminado pelos reflexos das luzes em volta da praça.

— O que estamos procurando? — Billy quis saber.

— Sei lá. Estamos só olhando — Lyra respondeu, guiando-os até um prédio baixo e quadrado, um pouco separado dos outros, com uma fraca luz anbárica no canto.

Eles ainda podiam ouvir a confusão do treinamento, mas os sons pareciam distantes. Era evidente que as crianças estavam aproveitando ao máximo sua liberdade, e Lyra esperava que elas continuassem assim por algum tempo. Ela rodeou a construção quadrada, procurando uma janela. O teto estava apenas a pouco mais de 2 metros do chão e, ao contrário dos outros, não era ligado ao resto da Estação por um túnel.

Não havia janela, e sim uma porta. Um cartaz acima dela dizia, em letras vermelhas: EXPRESSAMENTE PROIBIDA A ENTRADA.

Lyra estendeu a mão para tentar abrir a porta, mas antes que pudesse girar a maçaneta Roger exclamou:

— Veja! Um pássaro! Ou...

A exclamação terminou em tom de dúvida, porque a criatura que descia do céu negro não era um pássaro; era alguém que Lyra já conhecia.

— O dimon da feiticeira!

O ganso bateu as enormes asas, erguendo uma chuva de neve quando pousou.

— Saudações, Lyra — disse. — Segui você até aqui, embora você não tenha me visto. Fiquei esperando que você aparecesse aqui fora. O que está acontecendo?

Ela lhe contou e perguntou:

— Onde estão os gípcios? John Faa está bem? Eles conseguiram afastar os samoiedes?

— A maioria deles está a salvo. John Faa está ferido, mas não gravemente. Os homens que a levaram eram caçadores que costumam atacar caravanas, e aos pares eles conseguem viajar mais depressa do que com um grupo grande. Os gípcios ainda estão a um dia de viagem daqui.

Os dois meninos observavam temerosos o dimon-ganso e a naturalidade com que Lyra se dirigia a ele, pois é claro que nunca tinham visto um dimon sem seu humano, e pouco sabiam sobre feiticeiras. Lyra lhes disse:

— Escutem, é melhor vocês irem vigiar, certo? Billy, você vai por aquele lado, e Roger, vigie por onde viemos. Não temos muito tempo.

Eles correram para fazer o que ela pediu, e então Lyra se virou outra vez para a porta.

— Por que está tentando entrar aí? — perguntou o dimon-ganso.

— Por causa do que eles fazem aí dentro. Eles cortam... — ela baixou a voz — ... cortam fora os dimons das pessoas. Das crianças. E acho que talvez isso seja feito aí dentro. Pelo menos tem *alguma coisa* aí dentro, e eu ia olhar. Mas está trancado...

— Eu posso abrir — disse o ganso.

Ele bateu as asas uma ou duas vezes, jogando neve na porta; e Lyra escutou alguma coisa girar na fechadura.

— Entre com cuidado — disse o dimon.

Lyra abriu a porta com esforço por causa da neve e se esgueirou para dentro. O dimon-ganso entrou com ela. Pantalaimon estava agitado e temeroso, mas não queria que o dimon da feiticeira visse seu medo, então voou para o peito de Lyra e se escondeu dentro do casaco dela.

Assim que os olhos de Lyra se acostumaram ao escuro, ela viu o motivo daquela agitação.

Numa série de caixas de vidro em prateleiras nas paredes, estavam todos os dimons das crianças seccionadas: formas fantasmagóricas de gatos, pássaros, ratos e outras criaturas, todos perplexos, assustados e pálidos como fumaça.

O dimon da feiticeira soltou uma exclamação de raiva, e Lyra apertou Pantalaimon contra si, dizendo:

— Não olhe! Não olhe!

— Onde estão as crianças desses dimons? — o ganso perguntou, tremendo de raiva.

Lyra contou seu encontro com o pequeno Tony Makarios e olhou por cima do ombro para os pobres dimons encarcerados, que apertavam os focinhos pálidos contra o vidro. Lyra escutava gritos abafados de dor e sofrimento. Na luz fraca de uma lâmpada anbárica de baixo poder, ela viu em frente a cada caixa um nome num cartão, e havia uma caixa vazia com o nome de *Tony Makarios*. Havia outras quatro ou cinco caixas vazias com nomes.

— Quero soltar esses pobrezinhos! — disse com fúria. — Vou quebrar o vidro e soltar todos eles...

E olhou em volta procurando alguma coisa para quebrar o vidro, mas não encontrou.

— Espere — disse o dimon-ganso.

Ele era o dimon de uma feiticeira e muito mais velho que ela, e mais forte. Ela foi obrigada a obedecer.

— Temos que fazer de um jeito que eles pensem que alguém se esqueceu de trancar o lugar e fechar as caixas — ele explicou. — Acha que seu disfarce vai durar muito tempo se encontrarem vidro quebrado e pegadas na neve? Você tem que ficar em segurança até a chegada dos gípcios. Agora faça exatamente o que eu digo: pegue um punhado de neve e, quando eu mandar, sopre um pouquinho em cima de cada caixa.

Ela correu para fora. Roger e Billy ainda estavam montando guarda, e ainda dava para ouvir o barulho de gritos e risadas na arena, pois tinha se passado pouco mais de um minuto. Ela encheu as duas mãos de neve solta e voltou para dentro para fazer o que o dimon-ganso havia mandado. Enquanto ela soprava um pouco de neve sobre cada caixa, o ganso dava um estalinho com a garganta e a tranca de cada caixa se abria.

Depois de destrancar todas, ela abriu a frente da primeira e a figura pálida de uma andorinha se lançou para fora, mas caiu no chão, sem conseguir voar. O ganso se inclinou e a colocou de pé carinhosamente, com o bico, e a andorinha virou uma ratazana cambaleante e confusa. Pantalaimon saltou para o chão para consolá-la.

Lyra trabalhou depressa, e em poucos minutos todos os dimons estavam livres. Alguns tentavam falar, e rodeavam os pés dela e até tentavam bicar suas perneiras, embora o tabu os impedisse. Ela sabia a razão: os pobrezinhos sentiam falta do calor sólido e pesado do corpo dos seus humanos; como Pantalaimon teria feito, eles ansiavam por se achegarem a um coração pulsando.

— Agora depressa, Lyra, você tem que voltar correndo e se misturar às outras crianças — disse o ganso. — Seja corajosa, filha. Os gípcios estão vindo o mais depressa possível. Tenho que ajudar

esses coitados a encontrarem seus humanos... — Ele se aproximou dela e disse baixinho: — Mas nunca tornarão a ser unos. Estão separados para sempre. É a coisa mais cruel que já vi... Pode deixar suas pegadas, eu vou cobri-las. Agora corra...

— Ah, por favor, antes de ir... As feiticeiras... Elas voam mesmo, não é? Eu não estava sonhando quando vi feiticeiras voando?

— Elas voam, minha filha. Por quê?

— Elas poderiam puxar um balão?

— Claro que sim, por quê?

— Serafina Pekkala vem também?

— Não tenho tempo para explicar a política das nações das feiticeiras. Existem grandes poderes envolvidos, e Serafina Pekkala deve cuidar dos interesses do seu clã. Mas pode ser que isso que está acontecendo aqui seja parte de tudo que está acontecendo em toda parte. Lyra, precisa voltar para lá. Corra, corra!

Ela correu, e Roger, que observava de olhos arregalados os dimons pálidos que saíam da construção, foi até ela através da neve.

— Eles são... É como a cripta da Jordan... São dimons!

— Sim, fale baixo. Não conte a Billy. Não conte a ninguém. Vamos voltar.

Atrás deles, o ganso batia as asas com força, jogando neve sobre as pegadas das crianças; os dimons perto dele se amontoavam com gemidos de sofrimento e saudade. Depois de cobrir as pegadas, o ganso reuniu o grupo de dimons pálidos. Ele falou alguma coisa, e um por um eles mudaram de forma, embora isso lhes custasse um grande esforço, até serem todos pássaros; e como filhotinhos eles seguiram o dimon da feiticeira, voejando, caindo e correndo pela neve atrás dele, e finalmente, com grande dificuldade, levantando voo. Subiram numa fila irregular, pálida e fantasmagórica contra o céu escuro, aos poucos ganhando altura, embora alguns voassem sem direção, enquanto outros perdiam altura; mas o grande ganso cinzento tomou conta de todos e os colocou no rumo certo, e finalmente sumiram todos na escuridão.

Roger puxava o braço de Lyra.

— Depressa, eles estão quase prontos — ele disse.

Saíram correndo aos tropeços pela neve ao encontro de Billy, que acenava da esquina do prédio principal. As crianças tinham se cansado, ou então os adultos haviam conseguido colocar ordem na bagunça, porque havia uma fila começando na porta principal, com muitos empurrões e discussões. Lyra e os outros dois se misturaram às outras crianças, mas não antes de Lyra dizer:

— Espalhem entre as crianças que é para elas se prepararem para fugir. Precisam saber onde estão as roupas de frio, ficar prontas para pegar as roupas e correr assim que dermos o sinal. E isso tem que ser um segredo mortal, entenderam?

Billy assentiu, e Roger perguntou:

— Qual será o sinal?

— O alarme de incêndio — disse Lyra. — Quando chegar a hora, eu vou fazer ele disparar.

Esperaram a contagem. Se alguém do Conselho de Oblação tivesse alguma coisa a ver com uma escola, teria preparado melhor o treinamento: como não estavam divididas em grupos, eles tinham que procurar o nome de cada criança na lista completa, que evidentemente não estava em ordem alfabética; e nenhum dos adultos estava acostumado a controlar crianças. Então houve muita confusão, embora todas permanecessem em fila.

Lyra observava tudo. Aquelas pessoas não sabiam trabalhar; eram descuidadas em certas coisas; ficavam reclamando do treinamento, não sabiam onde deviam ficar as roupas de frio, não conseguiam fazer as crianças formarem uma fila decente; e essa falta de cuidado poderia ser vantajosa para ela.

Estava tudo quase terminado quando houve outra interrupção, que do ponto de vista de Lyra foi a pior possível.

Ela ouviu o som ao mesmo tempo que os outros. Todos começaram a olhar para o céu escuro em busca do zepelim, cujo motor a gás pulsava no ar imóvel.

A única sorte foi que ele vinha da direção oposta ao caminho do ganso. Mas era o único consolo; logo a nave estava visível, e um murmúrio de nervosismo percorreu a multidão. O corpo roliço, leve e prateado deslizou acima da avenida de luzes, e suas próprias luzes clareavam o solo.

O piloto diminuiu a velocidade e iniciou o complicado processo de ajustar a altura. Lyra percebeu a função do mastro: amarrar a aeronave. Enquanto os adultos levavam as crianças para dentro, com todas olhando para cima e apontando, a equipe de terra subia a escada do mastro, se preparando para receber os cabos de atracação. Os motores roncavam e a neve subia do solo, e os rostos dos passageiros apareciam nas janelas da cabine.

Lyra olhou e o que viu não lhe deixou dúvidas. Pantalaimon se agarrou a ela, virou um gato-do-mato e sibilou de ódio, porque, olhando pela janela com curiosidade, estava o lindo rosto da Sra. Coulter, tendo no colo o seu dimon dourado.

16

A Guilhotina Prateada



LYRA imediatamente enfiou a cabeça dentro do abrigo de seu capuz de pele de carcaju e entrou pelas portas duplas com as outras crianças. Teria tempo suficiente para se preocupar com o que ia dizer quando as duas se encontrassem cara a cara; tinha outro problema a resolver primeiro: onde esconder as roupas de modo que pudesse pegá-las sem precisar pedir permissão.

Mas por sorte havia tal desordem no prédio, com os adultos tentando apressar a entrada das crianças para darem lugar aos passageiros do zepelim, que ninguém estava vigiando muito bem. Lyra tirou o casaco, as perneiras e as botas e fez deles a menor trouxa que conseguiu, antes de atravessar os corredores cheios de gente e ir para o seu dormitório.

Rapidamente puxou a mesa de cabeceira para o canto, subiu em cima dela e empurrou uma placa do teto. A placa estava solta, como Roger tinha dito, e lá em cima ela enfiou as botas e as perneiras. Em seguida tirou o aletiômetro da sacola e o enfiou no bolso mais escondido do casaco, antes de guardar também o casaco no esconderijo do teto.

Depois saltou para o chão, empurrou a mesinha para o lugar e cochichou com Pantalaimon:

— Temos que fingir que somos idiotas até ela nos ver, e então dizemos que fomos raptados. E nada sobre os gípcios, e especialmente sobre Iorek Byrnison.

Pois Lyra agora percebia algo que não tinha percebido antes: que todo o medo em sua natureza era atraído para a Sra. Coulter como o ponteiro de uma bússola é atraído pelo Polo. Podia suportar todas as outras coisas que tinha visto, até mesmo a terrível crueldade da intercisão; era suficientemente forte para isto. Mas a ideia daquele rosto delicado e da voz gentil, a imagem do macaco dourado e brincalhão eram suficientes para fazer seu estômago congelar e deixá-la pálida e nauseada.

Mas os gípcios estavam chegando — precisava pensar nisso, pensar em Iorek Byrnison; e não se denunciar.

Voltou para a cantina, de onde vinha muito barulho.

As crianças faziam fila para ganhar leite quente, algumas ainda usando os casacos de seda carbonífera. As conversas eram sobre o zepelim e sua passageira.

— Era *ela*. Com o dimon-macaco.

— Foi ela quem pegou você também?

— Ela disse que ia escrever para os meus pais e aposto que não escreveu...

— Ela nunca nos contou que as crianças morriam. Nunca falou sobre isso.

— Aquele macaco, ele é o *pior*. Pegou a minha Karossa e quase matou. Eu fiquei fraco...

Todos tinham tanto medo quanto Lyra. Ela encontrou Annie e as outras e ficou perto delas.

— Escutem, vocês conseguem guardar um segredo?

— Sim!

As três olharam para ela com grande expectativa.

— Existe um plano de fuga. Algumas pessoas vêm nos libertar, vão chegar amanhã à noite. Talvez antes. Nós temos que ficar prontos e, assim que ouvirmos o sinal, pegarmos nossas roupas de frio e corrermos para fora. Nada de esperar. Vamos ter que correr. Mas se não pegarem os agasalhos e as botas, vocês vão morrer de frio.

— Qual vai ser o sinal? — Annie quis saber.

— O alarme de incêndio vai tocar, como tocou hoje. Está tudo planejado. Todas as crianças vão ficar sabendo, mas nenhum dos adultos pode saber. Especialmente *ela*.

Todos tinham os olhos brilhantes de esperança e entusiasmo. E a mensagem estava se espalhando por toda a cantina: Lyra sentia que a atmosfera havia mudado. Ao ar livre, as crianças estavam alegres, cheias de energia e ansiosas para brincar; então, depois que viram a Sra. Coulter, elas se encheram de um grande medo, quase além do que podiam controlar; mas agora havia uma coragem e um propósito. Lyra se maravilhou com o poder da esperança.

Ficou vigiando a porta aberta, mas com cautela, pronta para baixar a cabeça; ouviram vozes de adultos que se aproximavam, e então a Sra. Coulter em pessoa apareceu por um instante, olhou para dentro da cantina e sorriu para as crianças felizes, com seus copos de leite quente e seus biscoitos, tão quentinhas e bem nutridas. Quase instantaneamente um arrepio percorreu a cantina, e todas as crianças ficaram caladas e imóveis, olhando para ela.

A Sra. Coulter sorriu e seguiu em frente sem uma palavra. Aos poucos, a conversa recomeçou na cantina. Lyra perguntou:

— Onde é que eles ficam?

— Provavelmente na sala de reuniões — disse Annie. — Uma vez nos levaram lá — acrescentou, referindo-se a ela e seu dimon. — Eram uns vinte adultos e um deles estava dando uma palestra. Eu tive que ficar parada lá e fazer o que ele mandava, como ver a distância que o Kyrillion podia ficar de mim, e então ele me hipnotizou e fez outras coisas... É uma sala enorme, com muitas cadeiras e mesas e uma pequena plataforma. Fica atrás da recepção. Ei, aposto que eles vão fingir que o treinamento de incêndio deu certo. Aposto que *eles têm* medo dela, igual a nós...

Pelo resto do dia Lyra ficou perto das outras meninas, observando, falando pouco, agindo discretamente. Houve ginástica, depois costura, depois o jantar, o recreio no salão — um aposento grande e tristonho, com tabuleiros de jogos, alguns livros velhos e uma mesa de pingue-pongue. Em

certo momento, Lyra e os outros perceberam que estava acontecendo alguma emergência, porque os adultos andavam apressados de um lugar para outro ou ficavam parados em grupinhos, conversando com ansiedade. Lyra adivinhou que eles tinham descoberto a fuga dos dimons e tentavam entender como aquilo havia acontecido.

Mas não viu a Sra. Coulter, o que foi um alívio. Quando chegou a hora de dormir, ela já sabia que teria que contar tudo às outras.

— Escute, eles costumam vir ver se estamos mesmo dormindo?

— Uma vez só — disse Bella. — Mas só passam o facho da lanterna, não verificam todas as camas.

— Ótimo. Porque vou dar uma olhada por aí. Há um caminho pelo teto que um garoto me ensinou...

Ela explicou e antes mesmo de terminar foi interrompida por Annie:

— Vou com você!

— É melhor não, porque é melhor que só uma menina fique sumida. Todas podem dizer que estavam dormindo e não me viram sair.

— Mas se eu fosse com você...

— Seria mais fácil sermos apanhadas — Lyra completou.

Os dimons das duas se entreolhavam: Pantalaimon como gato-do-mato e Kyrillion como raposa. Ambos tremiam de leve. Pantalaimon sibilou quase inaudivelmente e mostrou os dentes, e Kyrillion se virou para o outro lado e começou a lamber os próprios pelos despreocupadamente.

— Está certo — se conformou Annie.

Era comum que discussões entre as crianças fossem resolvidas assim, por seus dimons, um deles se curvando à vontade do outro. Os humanos aceitavam o desfecho sem ressentimento, de modo que Lyra sabia que Annie ia fazer o que ela pedisse.

Todas emprestaram peças de roupa para fazer volume sob as cobertas de Lyra como se ela estivesse deitada e prometeram dizer que nada sabiam sobre aquilo tudo. Então Lyra escutou para ter certeza de que ninguém vinha, subiu na mesinha de cabeceira, levantou a placa e se impulsionou para cima.

— Não digam nada! — sussurrou para os três rostos que a observavam.

Então recolocou com cuidado a placa no lugar e olhou em volta.

Estava agachada sobre uma estreita canaleta de metal presa numa grade de metal. As placas do teto eram ligeiramente translúcidas, de modo que passava alguma luz de baixo, e Lyra viu que aquele espaço baixo onde estava — cerca de meio metro de altura — se estendia para todos os lados. Havia canos e tubos de metal por todo lado, e seria fácil perder a direção, mas se ela permanecesse em cima das canaletas e evitasse colocar peso em cima das placas, e contanto que não fizesse barulho, conseguiria atravessar a Estação de uma ponta à outra.

— Igualzinho lá na Jordan, Pantalaimon — ela sussurrou. — A gente espionando a Sala Privativa.

— Se você não tivesse feito aquilo, nada disso teria acontecido — ele cochichou de volta.

— Então tenho que consertar o que fiz, não é?

Ela marcou as direções, calculando aproximadamente onde ficaria a sala de reuniões, e então partiu. Era uma viagem muito difícil; ela precisava engatinhar, pois não caberia ali de outra maneira, e de vez em quando tinha que se espremer sob um tubo de metal grande e quadrado, ou então passar

por cima de canos de aquecimento. As canaletas de metal pelas quais ela engatinhava seguiam o topo das paredes internas, pelo que ela podia perceber, e enquanto permanecesse nelas, sentia uma reconfortante solidez; mas elas eram estreitas e tinham bordas pontudas, tanto que ela cortou os nós dos dedos das mãos e um joelho, e em pouco tempo estava toda doída, com cãibras e muito empoeirada.

Porém, sabia mais ou menos onde estava e conseguia ver o volume escuro dos seus agasalhos sobre o teto do dormitório, como um marco para guiá-la de volta. Passou por alguns aposentos vazios, onde as placas não estavam iluminadas por baixo; de vez em quando, ouvia vozes e parava para escutar, mas eram apenas as cozinheiras na cozinha ou as enfermeiras reunidas naquilo que Lyra concluiu ser sua sala de descanso. Elas nada diziam de interessante, então Lyra seguiu em frente.

Finalmente chegou à área onde deveria estar a sala de reuniões, segundo seus cálculos; de fato, havia uma área sem canalização, onde tubos do ar-condicionado e da calefação desciam por um canto e onde todas as placas num espaço amplo e retangular estavam iluminadas. Ela colou o ouvido numa placa e ouviu um murmúrio de vozes adultas masculinas; percebeu que tinha encontrado o lugar que procurava.

Com muito cuidado, ela avançou centímetro a centímetro até ficar o mais perto possível das pessoas. Então se deitou sobre a canaleta de metal e inclinou a cabeça de lado para escutar melhor.

Ouviu sons ocasionais de talheres e de louça: eles estavam jantando enquanto conversavam. Parecia haver quatro vozes, inclusive a da Sra. Coulter. As outras eram masculinas. Pareciam estar discutindo a fuga dos dimons.

— Mas quem está encarregado de supervisionar aquela seção? — perguntou a voz suave e musical da Sra. Coulter.

— Um estudante de pesquisa chamado McKay — disse um dos homens. — Mas existem mecanismos automáticos para impedir esse tipo de coisa...

— Que não funcionaram — interrompeu ela.

— Com todo respeito, eles funcionam, sim, Sra. Coulter. McKay afirma que trancou todas as caixas quando saiu de lá às 11 horas de hoje. A porta externa é claro que não teria sequer sido aberta, pois ele entrou e saiu pela porta interna, como fazia normalmente. É preciso digitar um código no aparelho que controla as fechaduras, e isso fica registrado na memória do aparelho. Se isso não for feito, o alarme toca.

— Mas o alarme não tocou — ela contestou.

— Tocou, sim. Infelizmente ele tocou quando todos estavam do lado de fora tomando parte no treinamento de incêndio.

— Mas quando vocês tornaram a entrar...

— Infelizmente os dois alarmes estão no mesmo circuito; é uma falha de infraestrutura que terá de ser corrigida. Quando o alarme de incêndio foi desligado depois do treinamento, o alarme do laboratório também foi. Mesmo assim o fato teria sido percebido, por causa das verificações normais que são feitas depois de qualquer quebra da rotina; mas a essa altura, Sra. Coulter, a senhora chegou de forma inesperada, e como deve se lembrar, pediu especificamente para ver a equipe do laboratório logo, na sua sala. Consequentemente, passou-se algum tempo até alguém voltar ao laboratório.

— Entendo — disse a Sra. Coulter em tom frio. — Nesse caso, os dimons devem ter sido libertados durante o treinamento. E isso amplia a lista de suspeitos para todos os adultos da Estação. Já pensou nisso?

— A senhora já pensou que isso pode ter sido feito por uma criança? — falou outra voz.

Ela ficou em silêncio, e o homem continuou:

— Cada adulto tinha uma tarefa a cumprir. Cada uma precisava de atenção total, e todas elas foram cumpridas. Não há possibilidade de que alguém da equipe pudesse ter aberto a porta. Nenhuma possibilidade. Então, ou alguém entrou de fora com a intenção de fazer isso, ou uma das crianças conseguiu entrar, abrir a porta e as caixas e voltar para a frente do prédio principal.

— E o que os senhores estão fazendo para descobrir? — ela perguntou. — Aliás, não quero saber. Por favor compreenda, Dr. Cooper, não estou criticando por maldade. Temos que ser extraordinariamente cautelosos. Foi uma falha muito grave colocar os dois alarmes no mesmo circuito. Isso tem que ser corrigido imediatamente. Com certeza, o oficial tártaro encarregado da guarda poderia ajudar na investigação. Menciono isso como mera possibilidade. Aliás, onde estavam os tártaros durante o treinamento? Imagino que já tenha pensado nisso.

— Já pensei, sim — disse o homem em tom cansado. — O corpo de guarda estava inteiramente ocupado patrulhando. Todos os homens. Eles mantêm registro de tudo, meticulosamente.

— Tenho certeza de que vocês estão fazendo o possível — disse ela. — Bem, é isso. Uma pena. Mas vamos mudar de assunto. Quero saber sobre o novo seccionador.

Lyra sentiu um arrepio de medo. Aquilo só podia significar uma coisa.

— Ah, houve um grande progresso — disse o médico, aliviado ao ver que a conversa tomava outro rumo. — Com o primeiro modelo, nós não conseguíamos anular inteiramente o risco da morte do paciente por choque, mas isso foi muito aperfeiçoado.

— Os escraelingues faziam isso muito melhor à mão — disse o homem que ainda não tinha falado.

— Séculos de prática — disse o outro homem.

— Mas, durante algum tempo, a única opção era simplesmente *usar a força* — disse o principal interlocutor. — Por mais que isso perturbasse os operadores adultos. Todos se lembram que tivemos que dispensar um bom número deles por problemas de ansiedade causada pela tensão. Mas o primeiro grande progresso foi o uso da anestesia combinado com o bisturi anbárico de Maystadt. Conseguimos reduzir a menos de 5% o risco de morte por choque operatório.

— E o novo instrumento? — a Sra. Coulter quis saber.

Lyra estava tremendo. O sangue pulsava em seus ouvidos, e Pantalaimon apertava seu corpo de arminho de encontro a ela, enquanto sussurrava:

— Psiu, Lyra, eles não vão fazer isso, nós não vamos deixar...

— Sim, foi uma curiosa descoberta do próprio Lorde Asriel que nos deu a pista para esse novo método. Ele descobriu que uma liga de manganês e titânio tinha a propriedade de isolar o corpo e o dimon. Aliás, o que anda acontecendo com Lorde Asriel?

— Talvez você não tenha ficado sabendo, mas Lorde Asriel está sob sentença de morte pendente. Uma das condições do exílio dele em Svalbard era desistir totalmente da sua obra filosófica. Infelizmente ele conseguiu obter livros e material, e levou suas pesquisas heréticas até o ponto em que é potencialmente perigoso deixá-lo vivo. De qualquer maneira, parece que o Tribunal Consistorial de Disciplina começou a debater a questão da sentença de morte, e a probabilidade é de que ele seja executado. Mas quanto ao seu instrumento novo, doutor, como é que ele funciona?

— Ah, sim... Sentença de morte? Meu Deus! Ah, sim, me desculpe, o novo instrumento. Estamos pesquisando o que acontece quando a intercisão é feita com o paciente consciente, e é claro

que isso não podia ser feito pelo processo de Maystadt. Então desenvolvemos uma espécie de guilhotina, pode-se dizer. A lâmina é feita com uma liga de manganês e titânio, e a criança é colocada num compartimento, como uma cabine, de tela feita da mesma liga, com o dimon num compartimento igual, ligado ao primeiro. A lâmina cai entre eles, cortando o elo entre os dois. Então se tornam entidades separadas.

— Eu gostaria de assistir — ela declarou. — E espero que seja logo. Mas agora estou cansada, acho que vou para a cama. Quero ver todas as crianças amanhã. Vamos descobrir quem foi que abriu aquela porta.

Houve o som de cadeiras empurradas, cumprimentos e uma porta sendo fechada. Então Lyra ouviu os outros tornarem a se sentar e continuarem a conversa, mas em tom mais baixo.

— O que Lorde Asriel está planejando?

— Acho que ele tem uma ideia inteiramente nova da natureza do Pó. O caso é esse. É profundamente herética, entendem, e o Tribunal Consistorial de Disciplina não pode permitir outra interpretação além da autorizada. Além disso, ele quer fazer experiências...

— Experiências? Com o Pó?

— Psiu, fale mais baixo...

— Acha que ela vai fazer um relatório negativo?

— Não, não. Acho que você lidou muito bem com ela.

— A *atitude* dela me preocupa...

— Não é uma atitude filosófica?

— Exatamente. É interesse *pessoal*. Não gosto de usar esta palavra, mas é quase sinistro.

— Você está exagerando.

— Mas você se lembra das primeiras experiências, quando ela estava tão ansiosa para ver as separações...

Lyra não conseguiu se controlar: um gemido escapou de seus lábios e ao mesmo tempo ela estremeceu, e seu pé esbarrou numa trave.

— Que foi isso?

— Foi no teto!

— Depressa!

O som de cadeiras afastadas, pés correndo, uma mesa empurrada pelo chão. Lyra tentou se arrastar para longe dali, mas havia pouco espaço, e ela não conseguiu se mover mais que alguns metros quando a placa ao seu lado foi erguida de repente, e ela deparou com o rosto assustado de um homem. Estava tão perto que ela via todos os pelos do bigode dele. Ele ficou tão espantado quanto ela, porém tinha mais liberdade de movimentos e conseguiu enfiar a mão pelo buraco e agarrar o braço dela.

— Uma criança!

— Não deixe que fuja...

Lyra enfiou os dentes na mão grande e sardenta do homem. Ele gritou, mas não soltou o braço dela, mesmo quando os dentes lhe rasgaram a pele. Pantalaimon rosnava e cuspia, mas isso não adiantava, o homem era muito mais forte que ela; puxou-a até que ela teve que soltar a trave à qual se agarrava com o outro braço, e metade do seu corpo caiu pelo buraco.

Ela ainda não tinha emitido um único som. Enroscou as pernas na borda aguçada de metal e lutou de cabeça para baixo, arranhando, mordendo, socando e cuspindo com enorme fúria. Os

homens ofegavam e resmungavam de dor ou cansaço, mas não paravam de puxá-la para baixo.

E de repente ela perdeu as forças.

Era como se uma estranha mão tivesse penetrado onde nenhuma mão tinha o direito de ir e arrancado dela algo profundo e precioso.

Ela se sentiu fraca, tonta, enjoada e frouxa com o choque.

Um dos homens estava *segurando* Pantalaimon.

Ele tinha agarrado o dimon de Lyra com suas mãos humanas, e o coitado do Pan tremia, quase louco de horror e agonia. Em forma de gato-do-mato, seu pelo ora ficava opaco de fraqueza, ora brilhava anbaricamente de terror... Ele se curvava para a sua Lyra, que estendia ambas as mãos em sua direção.

Os dois ficaram imóveis. Estavam presos.

Ela *sentia* aquelas mãos... Aquilo não era *correto*... Era *proibido* tocar... Era *errado*...

— Ela estava sozinha?

Um homem estudava o espaço acima do teto.

— Parece que sim...

— Quem é ela?

— A garota nova.

— Aquela que os caçadores samoiedes...

— É.

— Será que foi *ela*... os dimons...

— Pode muito bem ter sido. Mas não sozinha.

— Será que devíamos contar...

— Acho que isso ia nos deixar mal, não é?

— Concordo. É melhor ela não ficar sabendo.

— Mas o que vamos fazer?

— Ela não pode voltar para junto das outras crianças.

— Impossível!

— Só podemos *fazer* uma coisa, eu acho.

— Agora?

— Tem que ser. Não podemos deixar para amanhã. Amanhã ela vai querer assistir.

— Podíamos fazer nós mesmos. Não há necessidade de envolver outras pessoas.

O homem que parecia ser o chefe, aquele que não estava segurando Lyra nem Pantalaimon, batia nos dentes com a unha. Seus olhos nunca estavam parados; iam de um lado para o outro rapidamente. Finalmente ele assentiu com um gesto de cabeça.

— Agora. Façam agora. Senão ela vai falar. O choque vai impedir pelo menos isso. Ela não vai se lembrar de quem é, o que viu, o que ouviu... Vamos.

Lyra não conseguia falar; mal conseguia respirar. Teve que permitir que a carregassem através da Estação pelos corredores brancos e desertos, passando por aposentos onde lâmpadas anbáricas zumbiam, pelos dormitórios onde as crianças dormiam com seus dimons ao lado, compartilhando seus sonhos; a cada segundo do caminho, ela só enxergava Pantalaimon e ele se debruçava para ela, olhos nos olhos.

Então uma porta foi aberta através de uma grande roda; houve um sibilo de ar, e eles entraram numa câmara bastante iluminada, com azulejos brancos brilhando e aço inoxidável. O medo que ela

sentia era quase uma dor física — aliás, *se tornou* mesmo uma dor física quando empurraram Lyra e Pantalaimon na direção de uma grande gaiola de tela prateada, acima da qual uma grande lâmina prateada estava prestes a separá-los para todo o sempre.

Ela finalmente conseguiu gritar. O som repercutiu ruidosamente nas superfícies azulejadas, mas a porta pesada tinha se fechado com um sibilo; ela podia gritar para sempre, mas nenhum som escaparia dali.

Mas Pantalaimon, em resposta, havia se desvencilhado daquelas mãos odiosas — ele era leão, era águia: atacou aqueles homens selvagemente com as garras, batendo as grandes asas, depois virou lobo, urso, gato-do-mato, rosnando, arranhando, uma sucessão de transformações rápidas demais para o olho, e o tempo todo saltando, esvoaçando, evitando as mãos desajeitadas que agarravam o vazio.

Mas eles também tinham seus dimons. Não eram dois contra três, eram dois contra seis. Um texugo, uma coruja e um babuíno se juntaram aos esforços para dominar Pantalaimon, enquanto Lyra gritava:

— Por quê? Por que logo *vocês* estão fazendo isso? Vocês têm que nos ajudar. Não deviam estar ajudando a eles!

Ela chutava e mordia com mais raiva, até que o homem que a segurava deu um grito e a soltou por um momento — e ela se viu livre, e Pantalaimon pulou para ela como um raio. Ela o apertou contra o peito, e ele enfiou as garras de gato-do-mato na carne dela, e a dor era agradável.

— Nunca! Nunca! Nunca! — ela gritou, e se encostou à parede para defendê-lo até a morte de ambos.

Mas eles caíram sobre ela novamente, três homens grandes e brutais, e ela era apenas uma criança apavorada; eles lhe arrancaram Pantalaimon, a jogaram num lado da gaiola de tela e levaram o dimon, ainda lutando, para o outro lado. Havia uma barreira de tela entre eles, mas ele ainda fazia parte dela, ainda estavam unidos. Por mais um segundo, ele ainda era a alma dela.

Então, acima dos grunhidos dos homens e do próprio choro, Lyra ouviu um som de zumbido e viu um dos homens (com o nariz sangrando) mexendo nos botões de um painel. Os outros dois ergueram os olhos, e ela seguiu o olhar deles. A grande lâmina prateada ia suspendendo lentamente, refletindo o brilho da luz. O último instante de vida completa ia ser o pior de todos.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou uma voz leve e musical.

A voz dela. Tudo ficou imóvel.

— O que vocês estão fazendo? E quem é esta criança...

Ela não completou a pergunta, pois nesse instante reconheceu Lyra. Através das lágrimas, Lyra a viu se desequilibrar e se apoiar numa cadeira; o tão lindo e impassível rosto ficou, por um instante, contorcido e aterrorizado.

— Lyra! — ela conseguiu dizer.

No mesmo instante, o macaco dourado se afastou dela num salto e arrancou Pantalaimon de dentro da gaiola de tela, ao mesmo tempo em que Lyra caía para fora da outra gaiola. Pantalaimon se soltou das patas solícitas do macaco e foi se aninhar nos braços de Lyra.

— Nunca, nunca — ela sussurrou.

Ele se apertou bem contra ela, e os dois assim ficaram, como náufragos estremecendo numa costa desolada. Ela mal ouviu a Sra. Coulter falando com os homens e sequer conseguiu interpretar o

tom da voz da mulher. Então todos saíram daquele lugar pavoroso, a Sra. Coulter amparando Lyra pelo corredor, entraram por outra porta, um quarto de dormir, luz suave, perfume no ar.

A Sra. Coulter a colocou delicadamente sobre a cama. O braço de Lyra apertava tanto Pantalaimon que ela tremia com o esforço. Uma carinhosa mão lhe acariciou a testa.

— Minha querida criança — disse a voz doce. — Como foi que você veio parar aqui?

17

As Feiticeiras



LYRA gemia e tremia incontrolavelmente, como se tivesse sido retirada de uma água tão fria que quase congelara seu coração. Pantalaimon simplesmente encontrara um lugarzinho junto à pele nua dentro das roupas de Lyra, acalmando a menina com o seu amor, mas durante todo o tempo ele estava consciente da Sra. Coulter, ocupada em preparar uma bebida ou algo assim, e principalmente do macaco dourado, cujos dedinhos tinham percorrido o corpo de Lyra quando só Pantalaimon poderia ter percebido e tinham sentido a sacola de lona pendurada na cintura dela.

— Sente-se um pouco, querida, e beba isto — disse a Sra. Coulter.

Seu braço carinhoso rodeou os ombros de Lyra e a levantou. Lyra ia resistir, mas relaxou imediatamente, quando Pantalaimon lhe transmitiu um pensamento: "Só ficaremos em segurança se soubermos fingir." Ela abriu os olhos e percebeu que eles estavam cheios de lágrimas, e para sua própria surpresa e vergonha começou a chorar incontrolavelmente.

A Sra. Coulter, com frases de consolo, colocou a bebida nas mãos do macaco enquanto enxugava os olhos de Lyra com um lencinho perfumado.

— Chore à vontade, querida — disse, com sua voz suave.

Lyra então resolveu parar assim que conseguisse. Ela fez o que pôde para conter as lágrimas, apertou os lábios e engoliu os soluços que ainda lhe sacudiam o peito.

Pantalaimon fazia o mesmo: enganá-los, enganá-los. Ele se tornou um rato e foi de mansinho farejar timidamente a bebida na mão do macaco. Não havia nada de estranho: um chá de camomila, só isso. Ele voltou para o ombro de Lyra e sussurrou:

— Beba.

Ela se sentou e pegou a xícara quente com as duas mãos, bebericando e soprando para esfriar o chá. Mantinha os olhos baixos. Tinha que representar melhor do que jamais fizera na vida.

— Lyra, querida — murmurou a Sra. Coulter lhe acariciando os cabelos. — Pensei que tínhamos perdido você para sempre! Que foi que aconteceu? Você se perdeu? Alguém tirou você do apartamento?

— Foi — Lyra sussurrou.

— Quem fez isso, querida?

— Um homem e uma mulher.

— Convidados da festa?

— Acho que sim. Disseram que a senhora precisava de uma coisa que estava no andar térreo, e eu fui buscar. Eles me agarraram e me levaram num carro. Mas quando pararam, eu fugi depressa e me escondi, e eles não me acharam. Mas eu não sabia onde estava...

Outro soluço a interrompeu, agora mais fraco, e ela podia fingir que ele tinha sido provocado pela história que estava contando.

— E fiquei perdida, tentando encontrar o caminho de volta, mas então os Gobblers me pegaram... E me puseram numa camionete com outras crianças e me levaram para um lugar, uma casa muito grande, não sei onde era.

A cada segundo que se passava, a cada frase inventada, ela se sentia um pouco mais forte. E agora que estava fazendo algo difícil e habitual e nunca muito previsível, que era mentir, ela tornou a sentir uma espécie de segurança, o mesmo senso de complexidade e controle que o aletiômetro lhe dava. Tinha que tomar cuidado para não dizer alguma coisa obviamente impossível; devia ser vaga em certas partes e inventar detalhes aceitáveis em outras; em suma, tinha que ser uma artista.

— Quanto tempo você ficou na casa? — quis saber a Sra. Coulter.

A viagem de Lyra pelos canais e o tempo que ela passara com os gípcios tinham levado semanas; ela precisava justificar esse tempo. Então inventou uma viagem com os Gobblers para Trollesund, e depois uma fuga, cuja invenção lhe deu a oportunidade de mencionar muitos detalhes de suas observações da cidade; e algum tempo trabalhando como criada no Bar de Einarsson, e então algum tempo trabalhando para uma família de fazendeiros no interior, depois presa pelos samoiedes e levada para Bolvangar.

— E eles iam... iam cortar...

— Psiu, querida. Vou descobrir o que está acontecendo.

— Mas por que iam fazer isso? Nunca fiz nada errado! Todas as crianças têm medo do que acontece lá, e ninguém sabe o que é. Mas é horrível. É a pior coisa... Por que estão fazendo isso, Sra. Coulter? Por que são tão cruéis?

— Pronto, pronto... Você está em segurança, minha querida. Nunca farão isso com você. Agora que a encontrei, nunca mais estará em perigo. Ninguém vai lhe fazer mal, querida Lyra; ninguém jamais vai magoá-la...

— Mas fazem isso com outras crianças! Por quê?

— Ah, meu amor...

— É o Pó, não é?

— Eles lhe disseram isso? Os médicos disseram isso?

— As crianças sabem. Todas falam sobre isso, mas ninguém sabe direito! E quase fizeram aquilo comigo... A senhora tem que me dizer! A senhora agora não pode mais esconder!

— Lyra... Lyra, querida, são coisas complicadas, o Pó e o resto. Não é assunto para uma criança se preocupar. Mas os médicos fazem isso pelo bem da própria criança, meu amor. O Pó é uma coisa

ruim, uma coisa errada, uma coisa má e perversa. Os adultos e seus dimons estão infectados de Pó tão profundamente que para eles é tarde demais. Mas uma simples operação numa criança faz com que fiquem a salvo. O Pó não vai mais se prender a elas. Elas ficam seguras e felizes e...

Lyra pensou no pequeno Tony Makarios; inclinou-se para a frente e parecia que ia vomitar. A Sra. Coulter a soltou.

— Você está bem, minha querida? Vá ao banheiro...

Lyra engoliu em seco e esfregou os olhos.

— Não precisam fazer isso com a gente — disse. — Podiam nos deixar em paz. Aposto que Lorde Asriel não deixaria eles fazerem isso, se soubesse o que está acontecendo. Se ele tem o Pó e a senhora também, e o Reitor da Jordan e todos os adultos também, deve estar certo. Quando eu sair, vou contar isso a todas as crianças do mundo. De qualquer maneira, se é uma coisa tão boa, por que a senhora impediu que fizessem comigo? Se fosse uma coisa boa, a senhora devia ter deixado. Devia ficar feliz.

A Sra. Coulter sacudiu a cabeça e sorriu um sorriso triste e sábio.

— Querida, certas coisas boas doem um pouco, e naturalmente outras pessoas ficam perturbadas se *você fica*... Mas não significa que levem seu dimon para longe de você. Meu Deus, muitos adultos aqui fizeram essa operação. As enfermeiras parecem bastante felizes, não parecem?

Lyra pestanejou; de repente entendia a estranha apatia e falta de curiosidade das enfermeiras, o modo como seus pequenos dimons pareciam sonâmbulos.

Ela pensou: não diga nada. E ficou de boca fechada.

— Minha querida, ninguém sonharia em fazer uma cirurgia numa criança sem realizar testes antes. E ninguém, nem em mil anos, conseguiria afastar uma criança e seu dimon! Tudo que acontece é um pequeno corte, e então fica tudo bem. Para sempre! Entende, quando a pessoa é criança, o dimon dela é um amigo e companheiro maravilhoso, mas na idade que chamamos de puberdade, a idade que você logo terá, querida, os dimons trazem todo tipo de pensamentos e sentimentos perturbadores, e é isso que deixa o Pó entrar. Uma pequena operação antes disso faz com que a criança nunca se perturbe. E o dimon continua com ela, só que... desligado. Como um... como um maravilhoso bichinho de estimação, por exemplo. O melhor bichinho de estimação do mundo! Você não gostaria disso?

Ah, que hipócrita perversa, quantas mentiras deslavadas ela dizia! E mesmo se Lyra não soubesse que eram mentiras (Tony Makarios, os dimons nas caixas de vidro...), ela teria odiado aquela ideia: sua alma querida, o caro companheiro do seu coração, cortado dela e reduzido a um bichinho de estimação? Lyra quase fervia de ódio, e em seus braços Pantalaimon se transformou num gato-do-mato, a mais feia e perversa de todas as suas formas, e rosnou.

Mas nada disseram. Lyra segurou Pantalaimon com força e deixou a Sra. Coulter acariciar seus cabelos.

— Beba seu chá — disse a Sra. Coulter em tom carinhoso. — Vou mandar preparar uma cama para você aqui. Não é preciso voltar para o dormitório com as outras garotas, agora que tenho de volta minha pequena secretária. A minha favorita! A melhor secretária do mundo. Reviramos Londres inteira atrás de você, sabia, minha querida? E a polícia procurou em todas as cidades. Ah, senti tanta saudade! Nem sei dizer como estou feliz por ter encontrado você!

Durante todo esse tempo, o macaco dourado não parara quieto, num minuto empoleirado na mesa balançando o rabo, no outro minuto agarrado à Sra. Coulter, falando baixinho em seu ouvido,

no minuto seguinte andando de um lado para outro com a cauda ereta. Ele estava mostrando a impaciência que a Sra. Coulter sentia e que finalmente ela não conseguiu mais controlar.

— Lyra, minha querida — disse. — Acho que o Reitor da Jordan lhe deu uma coisa antes de você ir embora. Estou certa? Ele lhe deu um aletiômetro. O problema é que o instrumento não era dele, ele apenas tomava conta. É uma coisa valiosa demais para ficar por aí. Só existem dois ou três no mundo inteiro, sabia? Acho que o Reitor lhe deu o aletiômetro na esperança de que ele caísse nas mãos de Lorde Asriel. Ele lhe disse para não me contar, não foi?

Lyra torceu a boca.

— É, estou vendo que sim. Bom, não tem importância, querida, porque você *não me contou*, certo? Então não quebrou sua promessa. Mas escute, querida, é uma coisa que devia ser guardada com cuidado. É tão rara e delicada que infelizmente não podemos deixar que corra riscos.

— Por que Lorde Asriel não pode ter essa coisa? — Lyra perguntou.

— Por causa do que ele está fazendo. Você sabe que ele foi exilado porque pretende fazer uma coisa errada e perigosa. Ele precisa do aletiômetro para terminar seu plano, mas pode acreditar, minha querida, a última coisa que alguém devia fazer é dar o aletiômetro a ele. Infelizmente o Reitor da Jordan estava enganado. Mas agora que você sabe, não seria melhor me dar para guardar? Você ficaria livre de ter que carregar isso por aí e da preocupação de tomar conta dele. E você deve ter ficado mesmo curiosa, querendo saber para que servia uma coisa boba e velha como essa...

Lyra se perguntou como foi que tinha um dia achado aquela mulher fascinante e inteligente.

— Então, se você está com ele agora, querida, é melhor me dar para eu tomar conta. Está pendurado na sua cintura, não está? É, foi inteligente guardar assim...

Ela levantou a saia de Lyra e começou a desamarrar o cinto de lona. Lyra ficou tensa. O macaco dourado estava agachado no pé da cama, tremendo de ansiedade, as mãozinhas pretas junto à boca. A Sra. Coulter puxou o cinto da cintura de Lyra e desabotoou a sacola. Tinha a respiração ofegante. Ela tirou o embrulho de veludo negro e desdobrou o pano, encontrando a lata que Iorek Byrnison tinha feito.

Pantalaimon era novamente um gato pronto para saltar. Lyra puxou as pernas, afastando-as da Sra. Coulter, e apoiou os pés no chão, para que ela também pudesse correr quando chegasse a hora.

— Que é isso? — perguntou a Sra. Coulter, como se achasse graça. — Que lata engraçada! Você colocou ele aí dentro para ficar seguro, minha querida? Todo esse musgo... Você foi cuidadosa, não foi? Outra lata, dentro da primeira! E soldada! Quem fez isso, minha querida?

Ela estava preocupada demais em abrir a lata para esperar a resposta. Tirou da bolsa um canivete com várias ferramentas, abriu uma lâmina e enfiou sob a tampa.

No mesmo instante, um zumbido furioso encheu o quarto.

Lyra e Pantalaimon ficaram imóveis. A Sra. Coulter, admirada e curiosa, puxou a tampa, e o macaco dourado se debruçou para ver de perto.

Então, como uma centelha, a forma negra da mosca-espiã saiu da lata e colidiu com força com o focinho do macaco.

O animal gritou e se jogou para trás; naturalmente, a Sra. Coulter também estava sentindo a dor e o medo do macaco e gritou junto com ele, e então o pequeno demônio mecânico se voltou para ela e partiu em direção ao seu rosto.

Lyra não hesitou; quando Pantalaimon saltou para a porta, ela foi atrás, abriu-a e correu como nunca tinha corrido na vida.

— O alarme de incêndio! — Pantalaimon grunhiu, correndo na frente dela.

Ela viu um alarme na parede e quebrou o vidro com um soco desesperado. E tornou a sair correndo na direção dos dormitórios, acionando todos os alarmes que encontrava, e então os corredores começaram a se encher de pessoas olhando em volta à procura do incêndio.

A essa altura, ela estava perto da cozinha; Pantalaimon lhe mandou um pensamento e ela entrou correndo. Momentos depois, tinha aberto todos os bicos de gás e jogado um fósforo aceso no bico mais próximo. Depois pegou um saco de farinha e o jogou com força de encontro à beirada da mesa, explodindo o saco e enchendo o ar de branco, pois ouvira dizer que a farinha no ar explode perto do fogo.

Depois, saiu correndo para seu próprio dormitório. Os corredores agora estavam cheios, com crianças correndo para todos os lados, muito excitadas, pois a história do plano de *fuga* havia se espalhado. As mais velhas estavam indo para os depósitos onde as roupas ficavam guardadas, levando com elas as mais novas. Os adultos tentavam controlar tudo, e nenhum deles sabia o que estava acontecendo. Por toda parte havia pessoas gritando, empurrando, chorando.

Lyra e Pantalaimon atravessaram tudo aquilo, seguindo sempre na direção do dormitório; assim que chegaram lá ouviram uma explosão surda que sacudiu o prédio.

As outras meninas tinham fugido, o lugar estava deserto. Lyra arrastou a mesa de cabeceira para o canto, subiu nela, puxou suas roupas do teto, procurou o aletiômetro, estava bem seguro. Vestiu-se depressa, puxando o capuz para encobrir o rosto, e então Pantalaimon, uma andorinha junto à porta, avisou:

— Agora!

Ela correu para fora. Por sorte algumas crianças que já haviam encontrado agasalhos estavam correndo pelo corredor na direção da entrada principal, e ela se juntou ao grupo, suando, o coração disparado, sabendo que tinha que fugir ou então morreria.

Porém, o caminho estava bloqueado; o incêndio na cozinha se espalhara, e a explosão — por causa do gás ou da farinha — tinha derrubado parte do telhado. As pessoas subiam por cima das vigas retorcidas para chegar ao frio cortante do ar livre. O cheiro de gás era forte. Então houve outra explosão, mais forte que a primeira. O impacto derrubou muita gente, e gritos de medo e dor encheram o ar.

Lyra lutou para se levantar, com Pantalaimon gritando “Por aqui! Por aqui!”, e com esforço subiu pelos destroços. O ar estava gelado, e ela esperava que as crianças tivessem conseguido encontrar suas roupas; seria o cúmulo conseguir fugir da Estação para morrer de frio!

Agora as chamas estavam altas. Quando ela chegou ao telhado sob o céu noturno, viu as labaredas lambendo as bordas de um grande buraco na lateral do prédio. Havia uma multidão de crianças e adultos junto à entrada principal, mas dessa vez os adultos estavam mais agitados e as crianças estavam mais assustadas — muito mais assustadas.

— Roger! Roger! — Lyra gritou, e Pantalaimon, com a visão aguçada de uma coruja, avisou que já o tinha visto.

No momento seguinte, eles se encontraram.

— Diga a todos que venham comigo! — Lyra gritou no ouvido dele.

— Eles não vão... Estão apavorados...

— Conte o que eles fazem com as crianças que desaparecem! Cortam os dimons delas com uma faca enorme. Conte o que você viu esta tarde, os dimons que nós soltamos! Diga que isso vai

acontecer com elas também se não fugirem!

Roger estava horrorizado, mas conseguiu se controlar e correu para o grupo de crianças mais próximo. Lyra fez o mesmo, e logo as crianças se agarravam aos seus dimons.

— Venham comigo! — Lyra gritou. — Está vindo ajuda! Temos que sair daqui! Vamos, corram!

As crianças ouviram e obedeceram, correndo pela praça na direção da avenida de luzes.

Atrás delas, os adultos gritavam, e houve um estrondo quando outra parte do prédio desabou. As centelhas subiram no ar, e as chamas incharam com o som como o de roupa rasgada. Porém, acima de todo esse ruído, se ouviu outro som, terrivelmente próximo e violento. Lyra nunca o tinha ouvido antes, mas soube imediatamente do que se tratava: era o uivo dos dimons-lobas dos guardas tártaros. Ela sentiu uma onda de fraqueza da cabeça aos pés, e muitas crianças ficaram como que pregadas no chão, apavoradas, pois correndo surgiu o primeiro dos guardas tártaros, rifle empunhado e a sombra enorme e cinzenta do seu dimon logo atrás.

Então surgiu outro, e mais outro. Estavam todos de armadura, os olhos invisíveis por trás das fendas dos elmos. Os únicos olhos à vista eram os orifícios redondos e negros da ponta do cano dos rifles e os olhos amarelos e brilhantes dos dimons-lobas acima das bocarras cheias de saliva.

Lyra hesitou. Não tinha imaginado como aquelas lobas eram apavorantes. E agora que conhecia a tranquilidade com que as pessoas de Bolvangar desobedeciam ao grande tabu, ela se apavorou com a ideia daqueles dentes...

Os tártaros fizeram uma barreira na frente da entrada da avenida de luzes, com seus dimons ao lado, disciplinados e treinados como eles. Logo haveria uma segunda barreira, pois vinham mais guardas, e mais ainda atrás desses. Lyra pensou, desesperada: crianças não podem lutar contra soldados. Não era como as batalhas nos Barreiros de Oxford, quando ela arremessava bolas de lama nos filhos dos oleiros.

Ou talvez fosse! Ela se lembrava de ter jogado um punhado de lama no rosto largo de um menino da olaria que a atacava; ele havia parado para tirar a lama dos olhos e então os aliados dela o atacaram.

Na ocasião, ela estava no meio do barro; agora estava no meio da neve.

Exatamente como tinha feito naquela tarde, mas agora com grande ansiedade, ela fez uma bola de neve e jogou a primeira no soldado mais próximo.

— Joguem nos olhos! — ela gritou, e jogou outra bola de neve.

Outras crianças a imitaram, e então o dimon de alguém teve a ideia de voar ao lado das bolas e garantir que elas fossem diretamente para dentro das fendas dos elmos. Logo todos faziam isso, e em poucos momentos os tártaros estavam cambaleantes, praguejando e tentando tirar a neve pela fenda estreita em frente aos olhos.

— Vamos! — Lyra gritou, e saiu em disparada pelo portão para a avenida de luzes.

Todas as crianças foram atrás dela, evitando as lobas e correndo o quanto podiam pela avenida em direção à escuridão que as esperava.

Um oficial gritou uma ordem, e todos os rifles foram destravados ao mesmo tempo; houve outro grito e um silêncio tenso, tudo que se ouvia eram os passos e a respiração ofegante das crianças em fuga.

Os soldados estavam fazendo pontaria. Não iam errar.

Mas antes que o primeiro tiro fosse disparado, um grito de um dos tártaros quebrou o silêncio e exclamações de surpresa começaram a ser ouvidas aqui e ali.

Lyra parou e, quando se virou, viu um homem caído na neve, com uma flecha de ponta de penas cinzentas enfiada nas costas. Ele se contorcia e tossia, cuspindo sangue, e os outros soldados olhavam em volta procurando quem havia atirado a flecha, mas o arqueiro não estava à vista.

Então uma flecha veio voando do céu e atingiu outro homem na nuca. Ele caiu. O oficial gritou, e todos olharam para o céu escuro.

— Feiticeiras! — disse Pantalaimon.

E eram mesmo: figuras elegantes voando lá em cima, o ar zunindo por entre folhas dos galhos de pinheiro-nubígeno em que elas voavam. Enquanto Lyra observava, uma das figuras deu um rasante e soltou uma flecha; outro homem caiu.

Então todos os tártaros levantaram os rifles e atiraram para o alto, para nada — sombras, nuvens —, enquanto mais flechas choviam sobre eles.

Mas o oficial comandante, vendo que as crianças fugiam, mandou um destacamento atrás delas. Algumas crianças gritaram, depois outras, e finalmente todas pararam, apavoradas pela figura monstruosa que saíra da escuridão e vinha sobre elas.

— Iorek Byrnison! — Lyra gritou, o peito quase explodindo de alegria.

O urso de armadura parecia não ter consciência de outra coisa além do seu alvo de ataque; passou por Lyra como um raio e caiu sobre os tártaros, espalhando soldados, dimons e rifles para todos os lados. Então parou e girou, com força e flexibilidade, e desfechou dois socos, um para cada lado, nos guardas mais próximos.

Um dimon-loba pulou sobre ele; Iorek rasgou sua carne em pleno ar, e o dimon caiu sobre a neve com o sangue espirrando como se fosse fogo e ficou se contorcendo e uivando até desaparecer. Seu humano morreu imediatamente.

O oficial tártaro, ao enfrentar esse ataque duplo, não hesitou, gritou uma longa ordem, e o corpo de guarda se dividiu em dois: um para o contra-ataque às feiticeiras e o grupo maior para dominar o urso. Os soldados foram incrivelmente corajosos; se ajoelharam em grupos de quatro e dispararam seus rifles como se estivessem fazendo um treinamento, e não se moveram nem mesmo quando viram Iorek vindo em sua direção. No momento seguinte, estavam mortos.

Iorek atacou outra vez, enquanto as balas voavam à sua volta como moscas, sem lhe fazer mal. Lyra levava as crianças para a escuridão que havia depois da avenida de luzes. Elas deviam se afastar, pois, por mais perigosos que fossem os tártaros, muito mais perigosos eram os adultos de Bolvangar.

Então ela gritou, gesticulou e empurrou para que as crianças avançassem. Enquanto as luzes ficavam para trás, lançando sombras compridas na neve, Lyra sentia o coração se alegrar no frio e na pureza da escura noite do Ártico, assim como Pantalaimon, que agora era uma lebre feliz em poder correr pela neve.

— Aonde é que nós vamos? — alguém perguntou.

— Lá na frente só tem neve! — disse outro.

— Está vindo um grupo de resgate — Lyra lhes contou. — São uns cinquenta gípcios. Aposto que alguns são parentes de vocês. Todas as famílias gípcias que perderam uma criança mandaram alguém.

— Eu não sou gípcio — disse um menino.

— Não faz diferença. Vão levar você também.

— Para onde? — alguém perguntou em tom agressivo.

— Para casa — Lyra respondeu. — Foi para isso que eu vim, para salvar vocês, e trouxe os gípcios até aqui para levarem vocês para casa. Só temos que andar mais um pouquinho. O urso estava com eles, então não devem estar longe.

— Viram aquele urso? — falou um menino. — Quando ele rasgou aquele dimon, o homem morreu como se tivessem arrancado o coração dele.

— Eu nunca soube que os dimons podem ser mortos — disse outra criança.

Agora todos estavam falando; a agitação e o alívio destravaram a língua de todos. Não tinha importância que conversassem, contanto que continuassem andando.

— É verdade que eles fazem aquilo lá dentro? — perguntou uma menina.

— É, sim — Lyra confirmou. — Nunca pensei que um dia ia ver uma pessoa sem um dimon. Mas no caminho daqui encontramos um menino sozinho, sem dimon. Ele não parava de perguntar por ele, onde ele estava, se ele ia conseguir achá-lo. O nome dele era Tony Makarios.

— Eu conheço! — disse alguém.

— É, levaram ele há uma semana...

— Bom, cortaram e tiraram o dimon dele — Lyra revelou, sabendo que isso os afetaria. — E ele morreu logo depois. E todos os dimons que eles cortam eles guardam em caixas de vidro numa casinha lá atrás.

— É verdade, e Lyra soltou eles durante o treinamento de incêndio — disse Roger.

— É, eu vi! — disse Billy Costa. — Primeiro eu não sabia o que eram, mas vi quando foram embora voando com aquele ganso.

— Mas por que fazem isso? — um menino quis saber. — Por que tiram os dimons das pessoas? Isso é tortura! Por que fazem isso?

— Por causa do Pó? — sugeriu alguém.

Mas o garoto riu com zombaria.

— O Pó! — ecoou. — Isso não existe! Eles inventaram! Eu não acredito nesse Pó.

— Ei, vejam o que está acontecendo com o zepelim! — avisou alguém.

Todos olharam para trás. Além das luzes, onde o combate ainda prosseguia, o enorme corpo da aeronave não estava mais flutuando serenamente, preso ao mastro; a extremidade oposta estava afundando e atrás dela se erguia um globo que parecia ser...

— O balão de Lee Scoresby! — Lyra exclamou, batendo palmas.

As outras crianças estavam muito admiradas. Lyra as levou para a frente, pensando como o aeróstata tinha conseguido trazer seu balão tão longe. Era óbvio o que ele estava fazendo, e era uma ótima ideia: encher seu balão com o gás do balão deles, para poder fugir ao mesmo tempo em que impedia a perseguição!

Algumas das crianças estavam tremendo e gemendo de frio, e seus dimons também choravam.

— Vamos, não parem de andar, senão vão congelar — Lyra disse.

Pantalaimon, irritado com o queixume dos dimons, se transformou num lobinho e rosnou para o dimon-esquilo que estava deitado no ombro de sua humana gemendo baixinho.

— Entre dentro do casaco dela! Fique maior e aqueça ela! — ordenou. O dimon da menina, assustado, obedeceu imediatamente.

O problema era que seda carbonífera não era quente como pelos de verdade, por mais que fosse acolchoada. Algumas crianças pareciam novelos ambulantes, de tão cheias de roupas, mas eram

roupas feitas em fábricas e laboratórios cuja preocupação não era o frio intenso, e elas não esquentavam o suficiente. Os agasalhos de peles que Lyra usava tinham aparência suja e cheiravam mal, mas conservavam o calor.

— Se não encontrarmos logo os gípcios, eles não vão durar muito — ela cochichou a Pantalaimon.

— Então não deixe ninguém parar. Se alguém se deitar, está perdido. Sabe o que Farder Coram disse...

Farder Coram tinha contado muitas histórias de suas viagens ao Norte. Também a Sra. Coulter — supondo que as histórias dela fossem verdadeiras. Mas ambos foram muito claros num ponto: era preciso continuar em movimento.

— Falta muito? — perguntou um menininho.

— Ela só está fazendo a gente andar até aqui para nos matar — disse uma menina.

— Prefiro aqui do que lá — disse outra criança.

— Eu não! Na Estação é quentinho, tem comida, bebida e tudo.

— Mas está pegando fogo!

— O que vamos fazer aqui fora? Aposto que vamos morrer de fome...

A cabeça de Lyra estava cheia de perguntas sinistras esvoaçando como as feiticeiras, ligeiras e inatingíveis, e em algum lugar, logo além de onde ela conseguia alcançar, havia uma euforia e uma emoção que ela não compreendia.

Mas que lhe deu uma onda de energia, e ela puxou uma menina de dentro de um trecho de neve solta e empurrou um menino que havia parado, gritando para todos:

— Não parem! Sigam as pegadas do urso! Ele veio com os gípcios, então o rastro dele vai nos levar até onde eles estão! Continuem andando!

A neve começava a cair em grandes flocos; logo iria encobrir inteiramente as pegadas de Iorek Byrnison. Agora que as luzes de Bolvangar estavam fora de vista e o incêndio produzia apenas um leve brilho no céu, a única luz vinha do reflexo fraco do chão coberto de neve. Nuvens espessas escondiam o céu, então não havia lua nem Aurora Boreal; mas com atenção as crianças conseguiam distinguir as pegadas fundas de Iorek Byrnison na neve. Lyra encorajava, intimidava, batia, carregava, xingava, levantava e arrastava crianças conforme fosse necessário, e Pantalaimon, pelo estado do dimon de cada criança, ensinava o que era preciso fazer em cada caso.

Ela repetia consigo mesma, sem parar: vou conseguir salvar as crianças; vim até aqui para isso e vou conseguir, droga!

Roger seguia o exemplo dela, e Billy Costa, que enxergava melhor que a maioria, guiava o grupo. Logo a nevasca era tão forte que eles tinham que se agarrar uns aos outros para não se perderem, e Lyra pensou: talvez, se todos nos deitarmos bem juntos... se fizermos buracos na neve...

Ela começava a ouvir coisas: o ronco de um motor, não o ruído pesado de um zepelim mas um som mais alto, como o zumbido de um marimbondo. O ruído ia e vinha.

E uivos, uivos de... seriam cães? Cães de trenó? Este som também vinha de muito longe, abafado por milhões de flocos de neve e levado por pequenas rajadas de vento. Podiam ser os cães dos trenós dos gípcios ou os espíritos selvagens que viviam na tundra, ou até mesmo os dimons libertados chorando por suas crianças perdidas.

Ela estava vendo coisas... Não existiam luzes na neve? Deviam ser fantasmas também... a não ser que tivessem andado em círculo e estivessem de volta a Bolvangar.

Mas eram fachos amarelados de pequenas lamparinas, e não o brilho branco de luzes anbáricas. E estavam se movimentando, e os uivos estavam mais próximos; sem saber se estava acordada ou dormindo, Lyra viu que estava rodeada de figuras conhecidas, e homens usando agasalhos de peles estavam amparando-a: os braços poderosos de John Faa a tiraram do chão, e Farder Coram estava rindo de felicidade; e através da neve que caía ela via gípcios colocando as crianças nos trenós, cobrindo-as com mantas de peles, dando a elas carne de foca para mascar. E Tony Costa estava ali, abraçando Billy várias vezes. E Roger...

— Roger vem conosco — ela disse a Farder Coram. — Era ele que eu sempre quis salvar. Vamos voltar para a Jordan no final. Mas que barulho...

Era outra vez o tal ruído de motor, como uma mosca-espiã enlouquecida e dez mil vezes maior.

De repente, houve um golpe que a jogou longe, e Pantalaimon não pôde defendê-la, porque o macaco dourado...

A Sra. Coulter...

O macaco dourado lutava com Pantalaimon, mordia e arranhava, e Pantalaimon mudava de forma tão depressa que era difícil acompanhar, e não parava de atacar: ferroava, arranhava, mordia. Enquanto isto, a Sra. Coulter, cujo rosto emoldurado pelas peles era uma máscara de sentimentos intensos, arrastava Lyra para um trenó motorizado, e Lyra lutava tanto quanto o seu dimon. A neve que caía era tão intensa que elas pareciam estar isoladas, e os faróis anbáricos do trenó mostravam apenas os flocos caindo pesadamente.

— Socorro! — Lyra gritou para os gípcios que nada conseguiam enxergar. — Me ajudem! Farder Coram! Lorde Faa! Ah, Deus, socorro!

A Sra. Coulter bradou uma ordem na língua dos tártaros do Norte. E eles surgiram, um pelotão armado de rifles, os dimons-lobas rosnando ao lado deles. O chefe viu a Sra. Coulter lutando e levantou Lyra com uma das mãos como se ela fosse uma boneca, jogando-a dentro do trenó onde ela caiu, fraca e tonta.

Um rifle disparou, depois outro: os gípcios tinham percebido o que estava acontecendo. Mas é perigoso atirar num alvo que não se pode ver; os tártaros, agora formando um grupo em volta do trenó, podiam atirar à vontade, mas os gípcios não ousavam, por medo de atingir Lyra.

Ah, que amargura ela sentia! E que cansaço!

Ainda tonta, com a cabeça zunindo, ela se ergueu e viu Pantalaimon ainda lutando desesperadamente com o macaco, seus dentes de carcaju fincados nos braços dourados, sem mudar de forma, apenas resistindo. E quem era aquele?

Não era Roger?

Sim, Roger, atacando a Sra. Coulter com punhos e pés, batendo a cabeça contra a dela, até ser derrubado por um tártaro como se fosse uma mosca. Era tudo fantasmagórico: branco, preto, um clarão verde, sombras, luzes disparadas...

De repente, um vulto negro tapou os flocos que caíam: Iorek Byrnison, com o ruído de ferro roçando em ferro. No momento seguinte, as grandes mandíbulas e as garras afiadas se puseram em ação...

Então alguma coisa poderosa *a levantou*, e ela puxou Roger com ela, arrancando-o das mãos da Sra. Coulter, os dimons das duas crianças em forma de pássaros voejando assustados enquanto um pássaro maior voava em torno deles, e então Lyra viu, no ar a seu lado, uma feiticeira, uma daquelas figuras negras e elegantes que ela vira no céu, mas agora bem perto; e havia um arco nas mãos nuas

da feiticeira, que estendeu os braços pálidos e nus (naquele frio!) para retesar o arco e enviar uma flecha para dentro da fenda dos olhos do elmo de um tártaro a um metro de distância...

A flecha entrou pela fenda e saiu do outro lado, e o dimon-loba do soldado desapareceu em pleno salto, antes de seu humano atingir o chão.

Lyra e Roger foram então erguidos no ar, se agarrando, com dedos cada vez mais fracos, a um galho de pinheiro-nubígeno, onde a jovem feiticeira estava sentada, tensa e graciosamente equilibrada; ela então se inclinou para a esquerda, de onde alguma coisa enorme surgia, e então o solo.

Eles caíram na neve junto à cesta do balão de Lee Scoresby.

— Pule para dentro e traga o seu amigo — falou o texano. — Viu aquele urso?

Lyra viu três feiticeiras segurando uma corda passada em volta de uma pedra, prendendo o balão à terra.

— Entra aí! — ela gritou para Roger, apressando-se a subir pela borda da cesta e cair do lado de dentro.

Logo em seguida Roger caiu por cima dela, e então um poderoso som entre um rugido e um rosnado sacudiu o próprio chão.

— Vamos, Iorek! Embarque, velho amigo! — gritou Lee Scoresby. E o urso entrou na cesta, produzindo um terrível ruído de madeira forçada.

Neste momento, o aeróstata baixou o braço como sinal, e as feiticeiras soltaram a corda.

O balão se ergueu imediatamente, subindo no ar cheio de neve numa velocidade que Lyra mal podia acreditar. Depois de um instante, o solo desapareceu na neblina, e eles subiram cada vez mais rápido; ela achava que foguete nenhum teria conseguido subir tão depressa. Estava deitada, agarrada a Roger, no chão da cesta, empurrada pela aceleração.

Lee Scoresby gracejava, ria e soltava berros selvagens de alegria; Iorek Byrnison retirava calmamente sua armadura, enfiando uma garra nas emendas para abri-las e arrumando as peças numa pilha. O ruído do ar que passava através de folhas de pinheiro-nubígeno denunciava que as feiticeiras lhes faziam companhia.

Aos poucos, Lyra recuperou o fôlego, o equilíbrio e o ritmo do coração. Ela se sentou e olhou em volta.

A cesta era muito maior do que ela imaginara. Ao longo da borda, havia fileiras de instrumentos filosóficos e pilhas de mantas de peles, garrafas de ar e uma variedade de outras coisas pequenas demais ou complicadas demais para se distinguirem no meio da névoa espessa que eles estavam atravessando na subida.

— Isto é nuvem? — ela quis saber.

— É. Enrole o seu amigo numas mantas antes que ele vire um boneco de gelo. Está frio aqui, e vai ficar ainda mais frio.

— Como foi que nos achou?

— As feiticeiras. Há uma feiticeira que quer conversar com você. Quando passarmos das nuvens, vamos ver nossa direção e então podemos sentar para bater um papo.

— Iorek, obrigada por ter vindo! — disse Lyra ao urso.

O urso grunhiu e se acomodou para lamber o sangue dos pelos. Seu peso fazia a cestinha ficar inclinada para um lado, mas isso não tinha a menor importância. Roger estava arisco, mas Iorek Byrnison não lhe deu mais atenção do que daria a um floco de neve. Lyra se contentou em ficar de pé

agarrada à borda da cesta (que lhe batia embaixo do queixo), observando a nuvem com olhos arregalados.

Poucos segundos depois, o balão ultrapassou a nuvem e, ainda subindo rapidamente, ganhou os céus.

Que visão!

Diretamente acima deles, o balão enorme; acima e à frente deles flamejava a Aurora Boreal, com mais brilho e grandiosidade do que ela jamais tinha visto. A Aurora estava em toda a volta, ou quase, e eles praticamente faziam parte dela. Grandes riscos incandescentes estremeciam e se repartiam como asas de anjos; cascatas de gloriosa luminosidade desciam de penhascos invisíveis para formar lagos turbilhonantes ou tombar como enormes cascatas.

Lyra ficou maravilhada; então olhou para baixo, e o que viu era ainda mais maravilhoso.

Até onde a vista alcançava, até o próprio horizonte em todas as direções, tudo era um ondulado mar de brancura. Picos suaves e abismos vaporosos se erguiam ou se abriam aqui e ali, mas no todo aquilo parecia uma massa de gelo sólida.

E dessa imensa brancura ela viu surgirem, sozinhas, aos pares ou em grupos maiores, pequenas sombras negras, aquelas figuras de tamanha elegância — as feiticeiras em seus galhos de pinheiro-nubígeno.

Voavam velozes, sem esforço, para cima e na direção do balão, se inclinando para os lados para direcionar o voo. E uma delas, a arqueira que tinha salvado Lyra da Sra. Coulter, veio voar perto da cesta, e Lyra pôde vê-la com clareza pela primeira vez.

Era jovem — mais jovem que a Sra. Coulter — e clara, de olhos verdes e brilhantes; usava, como todas as feiticeiras, faixas de seda negra, mas sem casaco, capuz ou luvas. Parecia não sentir frio. Levava na testa uma coroa simples de pequenas flores vermelhas. Ela cavalgava seu galho de pinheiro-nubígeno como se fosse um garanhão e parecia estar contendo-o a um metro de Lyra.

— Lyra?

— Sim! E você é Serafina Pekkala?

— Sou.

Lyra entendeu por que Farder Coram a amava e por que aquilo estava lhe despedaçando o coração, embora até um momento antes ela não soubesse essas coisas. Ele estava ficando velho; era um velho enfraquecido, e ela ficaria jovem durante muitas gerações.

— Está com o leitor de símbolos? — perguntou a feiticeira em voz tão parecida com o canto selvagem da própria Aurora Boreal que Lyra mal conseguia entender o sentido por causa da doçura do som.

— Estou, sim. Está no meu bolso, bem seguro.

Um forte rufar de asas anunciou a chegada do dimon-ganso cinzento, que logo estava deslizando ao lado dela. Ele disse alguma coisa e então se afastou para planar num círculo largo em volta do balão — que ainda não tinha parado de subir.

— Os gípcios destruíram Bolvangar — contou Serafina Pekkala. — Mataram 22 guardas e nove membros da equipe, e incendiaram tudo que ainda sobrava de pé. Vão arrasar completamente o lugar.

— E a Sra. Coulter?

— Nenhum sinal dela.

— E as crianças? Recuperaram todas as crianças em segurança?

— Todas. Todas estão a salvo.

Ela soltou um grito estridente, e outras feiticeiras voaram na direção do balão.

— Sr. Scoresby, a corda, por favor — ela pediu.

— Madame, fico muito agradecido. Ainda estamos subindo. Acho que ainda vamos subir por algum tempo. Quantas vão precisar puxar para nos levar para o norte?

— Somos fortes — foi a única resposta dela.

Lee Scoresby estava prendendo uma corda forte ao anel de ferro coberto de couro que segurava as cordas que prendiam o balão, e de onde a própria cestinha estava suspensa. Depois de prendê-la com segurança, ele jogou a outra ponta para fora e imediatamente seis feiticeiras voaram até ela, agarraram a corda e começaram a puxar, dirigindo seus galhos de pinheiro-nubígeno no rumo da Estrela Polar.

Quando o balão começou a se mover naquela direção, Pantalaimon veio se empoleirar na borda da cesta como uma andorinha. O dimon de Roger chegou perto para olhar, mas logo voltou para baixo, pois Roger estava dormindo profundamente, assim como Iorek Byrnison. Só Lee Scoresby estava acordado, mascando calmamente um charuto fino e observando seus instrumentos.

— Então, Lyra, sabe por que está indo em busca de Lorde Asriel? — perguntou Serafina Pekkala.

Lyra ficou atônita.

— Para levar o aletiômetro para ele, é claro! — respondeu.

Nunca tinha pensado naquilo, era óbvio. Então recordou seu primeiro motivo, tão antigo que ela quase se esquecera dele.

— Ou... Para ajudá-lo a fugir. É isso. Vamos ajudá-lo a sair de lá.

Mas enquanto falava, achava isso absurdo. Fugir de Svalbard! Impossível!

— Pelo menos tentar — disse, corajosamente. — Por quê?

— Acho que preciso lhe contar umas coisas — disse Serafina Pekkala.

— Sobre o Pó? — foi a primeira coisa que Lyra quis saber.

— Sim, entre outras coisas. Mas agora você está cansada e vai ser uma viagem longa. Conversamos quando você acordar.

Lyra bocejou. Foi um bocejo de cair o queixo e explodir os pulmões, durando quase um minuto, ou pelo menos pareceu, e por mais que Lyra tentasse, não conseguiu resistir ao ataque do sono. Serafina Pekkala estendeu a mão por cima da borda da cesta e tocou nos olhos dela; Lyra caiu no fundo da cesta enquanto Pantalaimon voava em direção a ela e, na forma de arminho, se acomodou em seu lugar de dormir: junto ao pescoço dela.

A feiticeira cavalgava seu galho numa velocidade regular ao lado da cestinha, e assim viajaram para o norte, em direção a Svalbard.

Terceira Parte

SVALBARD

18

Gelo e Neblina



LEE Scoresby arrumou algumas mantas sobre Lyra. Ela ficou encolhida junto a Roger, e os dois dormiram enquanto o balão viajava rumo ao Polo. De vez em quando, o aeróstata conferia seus instrumentos, mascava o charuto que ele não podia acender com o hidrogênio tão perto e se encolhia mais dentro de suas peles.

— Esta garotinha é bem importante, não é? — perguntou, depois de vários minutos.

— Mais do que ela saberá — respondeu Serafina Pekkala.

— Quer dizer que vamos ter muita perseguição armada? Entenda, estou falando como um homem prático, que tem que ganhar a vida. Não posso me dar ao luxo de ser preso ou morto sem alguma espécie de compensação combinada antecipadamente. Não estou tentando denegrir essa expedição, pode acreditar, madame. Mas John Faa e os gípcios me pagaram uma quantia suficiente para cobrir meu tempo, minhas habilidades e o desgaste do balão, e é só. Não incluía seguro contra atos de guerra. E pode ficar sabendo, madame, que quando desembarcarmos Iorek Byrnison em Svalbard, isso vai ser uma declaração de guerra.

Ele cuspiu com delicadeza um pedacinho do charuto para fora da cestinha.

— Então eu gostaria de saber o que esperar em matéria de tumultos e confusões — concluiu.

— Pode haver luta — admitiu Serafina Pekkala. — Mas o senhor já lutou antes.

— Claro, quando me pagam. Mas o caso é que pensei que isso era um contrato normal de transporte, e foi assim que cobrei. Agora, depois daquela confusão lá embaixo, estou pensando até onde vai a minha obrigação de fornecer transporte. Se sou obrigado a arriscar minha vida e meu equipamento numa guerra entre os ursos, por exemplo. Ou se essa garotinha tem em Svalbard inimigos tão mal-humorados quanto os lá de Bolvangar. Menciono isso apenas como um assunto trivial numa conversa.

A feiticeira respondeu:

— Sr. Scoresby, gostaria de poder responder a sua pergunta. Só posso dizer que todos nós, humanos, feiticeiras e ursos, já estamos numa guerra, embora nem todos saibamos disso. Encontrando perigo em Svalbard ou saindo de lá sem um arranhão, o senhor está recrutado, é um soldado.

— Bom, acho isso meio precipitado. Acho que a pessoa devia ter direito de escolher se quer brigar ou não.

— Nisso não temos mais escolha do que em nascer ou não nascer.

— Ah, mas gosto de escolher — ele insistiu. — Gosto de escolher os trabalhos que faço, os lugares a que vou, a comida que como e as pessoas com quem me sento para conversar. Não gostaria de poder escolher de vez em quando?

Serafina Pekkala pensou um pouco, depois disse:

— Talvez a palavra "escolher" tenha significados diferentes para nós dois, Sr. Scoresby. As feiticeiras nada possuem, então não estamos interessadas em preservar valores ou ter lucro, e quanto a escolher entre uma coisa e outra, quando se vive por muitas centenas de anos, se aprende que toda oportunidade voltará. Nós temos necessidades diferentes. O senhor precisa consertar seu balão e mantê-lo em boas condições, e isso toma tempo e trabalho, eu entendo; mas se nós queremos voar, tudo que precisamos fazer é cortar um galho de pinheiro-nubígeno; qualquer um serve, e ainda restam muitos. Não sentimos frio, então não precisamos de roupas quentes. Não temos moeda de troca a não ser a ajuda mútua; se uma feiticeira precisa de alguma coisa, outra feiticeira lhe dará. Se há uma guerra, não pensamos no custo como um dos fatores para decidir se é correto lutar nela, nem temos qualquer conceito de honra, como os ursos, por exemplo. Para um urso um insulto é uma coisa mortal; para nós é só... inconcebível. Como é que se pode insultar uma feiticeira? E que importância teria se alguém fizesse isso?

— Bom, até aí eu vou. Se alguém me ataca fisicamente, eu revido, mas se alguém me xinga, não ligo a mínima. Mas, madame, está entendendo o meu dilema, eu espero. Sou um simples aeróstata e gostaria de terminar minha vida com conforto. Comprar uma fazendinha, algumas cabeças de gado, uns cavalos... Nada de grandioso, a senhora está percebendo. Nada de palácio, escravos ou montes de ouro. Só o vento da noite nas árvores e um charuto, e um copo de bourbon. O problema é que isso custa dinheiro. Então faço meus voos em troca de dinheiro, e depois de cada trabalho eu mando algum ouro para o Banco Wells Fargo, e, quando tiver o suficiente, madame, vou vender este balão e comprar uma passagem num vapor para Port Galveston, e nunca mais saio do chão.

— Há outra diferença entre nós, Sr. Scoresby. Uma feiticeira prefere desistir de respirar do que desistir de voar. Voar é sermos inteiramente nós mesmas.

— Estou entendendo, madame, e tenho inveja da senhora, mas não tenho as suas fontes de satisfação. Para mim, voar é só um trabalho, e eu sou só um técnico. Podia muito bem estar regulando válvulas num motor a gás ou montando circuitos anbáricos. Mas escolhi isso, entende? Foi uma escolha minha. E é por isso que acho meio chata essa ideia de uma guerra da qual ninguém tinha me falado.

— A briga de Iorek Byrnison com o rei também faz parte de tudo isso — disse a feiticeira. — Esta menina está destinada a ter um papel nisso.

— A senhora fala de destino como se fosse uma coisa fixa, e eu não sei se gosto disso mais do que gosto de uma guerra em que me alistaram sem eu saber. Onde é que está meu livre-arbítrio, quer

me dizer? — ele argumentou. — E esta criança parece que tem mais livre-arbítrio do que qualquer pessoa que já conheci. Está querendo me dizer que ela é uma espécie de brinquedo de corda fazendo um papel que ela própria não pode mudar?

— Todos nós somos sujeitos aos fados, mas todos temos que fingir que não somos, para não morrermos de desespero — disse a feiticeira. — Existe uma profecia curiosa sobre esta menina: ela está destinada a provocar o fim do destino. Mas tem que fazer isso sem saber o que está fazendo, como se fosse por sua própria natureza e não por força do seu destino. Se souber o que tem que fazer, tudo fracassará; a morte vai varrer todos os mundos e será o triunfo do desespero, para sempre. Os universos vão se tornar apenas máquinas interligadas, cegas e vazias de pensamentos, de sentimentos, de vida...

Os dois olharam para Lyra, cujo rosto adormecido (o pouco que conseguiam enxergar dentro do capuz) mostrava uma expressão obstinada.

— Acho que parte dela sabe disso — comentou o aeróstata. — De qualquer maneira, ela parece preparada. E o garoto? Sabe que ela veio até aqui para salvar o garoto daqueles bandidos? Eram amiguinhos em Oxford ou coisa assim. Sabia disso?

— Sabia. Lyra está carregando uma coisa de imenso valor, e parece que os fados estão usando a menina como mensageira para ela levar esse objeto ao pai. Então ela veio até aqui para encontrar o amigo, sem saber que ele foi trazido para o Norte pelos fados para que ela pudesse vir atrás e trazer uma coisa para seu pai.

— É assim que a senhora vê as coisas, é?

Pela primeira vez, a feiticeira parecia insegura.

— É o que parece... mas não podemos ler a escuridão, Sr. Scoresby. É mais que possível que eu esteja errada.

— E que foi que botou a *senhora* nisso, se é que posso perguntar?

— O que quer que eles estivessem fazendo em Bolvangar, nossos corações nos diziam que era errado. Lyra é inimiga deles, então somos amigos dela. Não conseguimos enxergar mais que isso. E também a amizade do meu clã pelo povo gípcio, desde que Farder Coram salvou minha vida. Estamos fazendo isso a pedido deles. E eles têm laços de obrigação para com Lorde Asriel.

— Entendo. Então vão rebocar o balão até Svalbard por amizade aos gípcios; essa amizade vai fazer vocês nos levarem de volta? Ou vou ter que esperar um vento bom e enquanto isso depender da indulgência dos ursos? Mais uma vez, madame, quero dizer que estou perguntando só para passar o tempo.

— Se pudermos ajudar o senhor a voltar para Trollesund, Sr. Scoresby, faremos isso. Mas não sabemos o que vamos encontrar em Svalbard. O novo rei dos ursos fez muitas mudanças; os velhos hábitos caíram em desgraça; pode ser uma aterrissagem difícil. E não sei como Lyra vai conseguir chegar ao pai. Nem sei o que Iorek Byrnison pretende fazer, só sei que o destino dele está ligado ao dela.

— Também não sei, madame. Acho que ele se ligou à garotinha como uma espécie de protetor. Ela ajudou a pegar de volta a armadura dele, entende? Quem é que sabe o que os ursos sentem? Mas se um urso algum dia amou um ser humano, ele ama essa menina. Quanto a pousar em Svalbard, isso nunca foi fácil. Mas se eu puder contar com vocês para um puxãozinho na direção certa, vou me sentir mais tranquilo; e se puder retribuir de algum modo, é só dizer. Mas, só por curiosidade, pode me dizer de que lado eu estou nesta guerra invisível?

— Nós dois estamos do lado de Lyra.

— Ah, quanto a isso não há dúvida.

A viagem prosseguia. As nuvens impediam que se soubesse a velocidade em que iam. Normalmente o balão ficava imóvel em relação ao vento, se movendo na velocidade com que o ar se movia; mas agora, puxado pelas feiticeiras, o balão se movia através do ar, e não com ele, e resistia ao movimento, pois sua forma redonda não tinha a aerodinâmica de um zepelim. Como resultado, a cestinha balançava de um lado para outro, muito mais do que num voo normal.

Lee Scoresby não estava preocupado com seu conforto, e sim com seus instrumentos, e passou algum tempo se certificando de que eles estavam bem presos. Segundo o altímetro, estavam a quase 10 mil pés de altura. A temperatura era de 20 graus negativos. Ele já pegara mais frio que isso, mas não muito, e não queria sentir mais frio agora; então, desenrolou a lona que usava como barraca de emergência e a estendeu diante das crianças adormecidas para desviar o vento, antes de se deitar com as costas apoiadas nas costas de seu velho companheiro de batalha, Iorek Byrnison, e adormecer.

Quando Lyra acordou, a lua estava alta no céu, e tudo em volta coberto de prata, desde a superfície das nuvens lá embaixo até os pingentes de gelo nas cordas do balão.

Roger dormia, assim como Lee Scoresby e o urso. Ao lado da cesta, porém, a feiticeira-rainha voava serenamente.

— Quanto tempo falta para Svalbard? — Lyra perguntou.

— Se não encontrarmos vento, estaremos acima de Svalbard daqui a umas 12 horas.

— Onde é que vamos pousar?

— Depende das condições do tempo. Vamos tentar evitar os rochedos. Lá vivem criaturas que atacam qualquer coisa que se move. Se pudermos, vamos deixar vocês no interior, longe do palácio de Iofur Raknison.

— O que vai acontecer quando eu encontrar Lorde Asriel? Ele vai querer voltar para Oxford? Também não sei se devo contar a ele que eu sei que ele é o meu pai. Ele pode querer fingir que ainda é meu tio. Nem conheço ele direito.

— Ele não vai querer voltar para Oxford, Lyra. Parece que há uma coisa a ser feita em outro mundo, e Lorde Asriel é o único que consegue atravessar o abismo entre esse mundo e o nosso. Mas ele precisa da ajuda de uma coisa.

— O aletiômetro! — Lyra exclamou. — Quando o Reitor da Jordan me deu o aletiômetro, achei que ele queria dizer alguma coisa sobre Lorde Asriel, mas não teve chance. Eu sabia que ele não queria envenenar Lorde Asriel *de verdade*. Ele vai ler o aletiômetro para ver como fazer a ponte? Aposto que eu podia ajudar. Com certeza, agora consigo ler os símbolos tão bem quanto qualquer pessoa.

— Não sei — disse Serafina Pekkala. — Não sabemos como ele vai fazer isso, e qual será a tarefa dele. Há poderes que falam conosco e poderes acima deles; e há segredos até para os mais elevados.

— O aletiômetro me diria! Eu podia ler agora...

Mas estava frio demais; ela não conseguiria segurá-lo. Enrolou-se nas peles e puxou bem o capuz contra o vento frio, deixando apenas uma fenda para enxergar. Bem à frente e um pouco abaixo deles, a corda comprida presa ao anel do balão era puxada por seis ou sete feiticeiras sentadas em seus galhos de pinheiro-nubígeno. As estrelas tinham o brilho frio dos diamantes.

— Não está com frio, Serafina Pekkala?

— Nós sentimos frio, mas não ligamos para ele, porque não podemos ficar doentes. E se nos agasalharmos contra o frio não sentiremos outras coisas, como a sensação do brilho das estrelas, ou a música da Aurora Boreal, ou, melhor que tudo, a sensação sedosa do luar em nossa pele. Vale a pena sentir frio.

— Eu conseguiria ter essas sensações?

— Não. Você morreria se tirasse os agasalhos. Fique bem agasalhada.

— Quanto tempo vivem as feiticeiras, Serafina Pekkala? Farder Coram diz que são centenas de anos. Mas você não parece velha.

— Tenho mais de 300 anos. Nossa feiticeira-mãe mais idosa tem quase mil anos. Um dia Yambe-Akka virá buscá-la. Um dia ela virá me buscar também. É a deusa dos mortos. Ela vem sorrindo, com muita bondade, e a gente fica sabendo que está na hora de morrer.

— Existem feiticeiros também, ou só feiticeiras?

— Existem homens que nos servem, como o Cônsul em Trollesund. E existem homens que tomamos como amantes ou maridos. Você é muito novinha, Lyra, jovem demais para entender, mas vou lhe dizer assim mesmo e mais tarde você vai compreender: os homens passam diante de nossos olhos como borboletas, criaturas que só duram uma estação. Nós os amamos; eles são corajosos, orgulhosos, belos, inteligentes; e morrem quase de repente. Eles morrem tão depressa que nosso coração fica constantemente cheio de dor. Damos à luz os filhos deles, que serão feiticeiras se forem mulheres, e humanos, se forem homens; e então, num piscar de olhos, eles já partiram, caíram, morreram, se perderam. Nossos filhos também. Quando um menino está crescendo, ele acha que é imortal. A mãe dele sabe que ele não é. Cada vez fica mais doloroso, até que finalmente a gente fica com o coração partido. Talvez seja nesse momento que Yambe-Akka vem nos buscar. Ela é mais antiga que a tundra. Talvez para ela a vida de uma feiticeira seja tão curta quanto a dos homens é para nós.

— A senhora amava Farder Coram?

— Sim. Ele sabe disso?

— Não sei, mas sei que ele ama a senhora.

— Quando ele me salvou, era jovem, forte, cheio de orgulho e beleza. Eu me apaixonei imediatamente. Eu teria mudado minha natureza, teria renunciado à sensação das estrelas e à música da Aurora; nunca mais teria voado. Eu teria renunciado a tudo num instante, sem hesitar, para ser uma esposa gípcia e morar num barco, cozinhar para ele, compartilhar seu leito e ter seus filhos. Mas não se pode mudar o que a gente é, só o que a gente faz. Eu sou uma feiticeira; ele é humano. Fiquei com ele tempo suficiente para ter um filho dele...

— Ele nunca me disse isso! É uma menina? Uma feiticeira?

— Não. Um menino, e ele morreu na grande epidemia de quarenta anos atrás, a doença que veio do Oriente. Pobre criança, ela entrou e saiu desta vida como uma faísca. E isso dilacerou meu coração, como sempre acontece. E o de Coram também. E então veio o chamado para que eu voltasse para o meu próprio povo, porque Yambe-Akka tinha levado minha mãe, portanto, eu era a rainha do clã. Então parti, como era meu dever.

— Nunca mais viu Farder Coram?

— Nunca mais. Ouvi falar das façanhas dele; soube que foi ferido pelos escraelingues com uma flecha envenenada e mandei ervas e encantos para ajudar na cura, mas não estava suficientemente

forte para ir visitá-lo. Soube que depois disso ele ficou muito enfraquecido, e sua sabedoria cresceu, ele leu e estudou muito. Fiquei muito orgulhosa dele, mas me mantive afastada, pois era uma época de perigos para o meu clã, com ameaças de guerra entre as feiticeiras, e além disso achei que ele iria me esquecer e arranjar uma esposa humana...

— Ele nunca faria isso — Lyra retrucou. — A senhora devia ir até ele. Ele ainda ama a senhora, eu sei disso.

— Mas ele ficaria envergonhado pela sua idade, e eu não quero que ele se sinta assim.

— Talvez seja verdade. Mas devia pelo menos mandar um recado. É o que eu acho.

Serafina Pekkala ficou um longo tempo sem dizer coisa alguma. Pantalaimon se transformou numa andorinha e voou até o galho dela por um segundo, reconhecendo que talvez eles tivessem sido insolentes. Lyra perguntou então:

— Por que as pessoas têm dimons, Serafina Pekkala?

— Todo mundo pergunta isso, e ninguém sabe a resposta. Desde que os seres humanos existem, os dimons existem também. É o que nos torna diferentes dos animais.

— É! Somos mesmo diferentes deles... Como os ursos. Eles são estranhos, não são? Parecem uma pessoa, e de repente fazem uma coisa tão estranha ou tão selvagem que a gente acha que nunca vai conseguir entender um urso... Mas sabe o que Iorek me disse? Ele disse que a armadura dele era para ele o que um dimon é para uma pessoa. Ele disse que é a alma dele. Mas nisso também somos diferentes, porque ele mesmo *fez* a sua armadura. Tiraram a primeira armadura dele quando ele foi para o exílio, ele encontrou um pouco de ferro-celeste e fez uma nova. É como fazer uma alma nova. Nós não podemos fazer nossos dimons. Então as pessoas em Trollesund fizeram ele ficar bêbado e roubaram a armadura, eu descobri onde estava, e ele pegou de volta... Mas eu queria saber por que ele está voltando para Svalbard. Vão atacar ele. Podem até matar... Eu adoro o Iorek. Gosto tanto dele que queria que ele não tivesse vindo.

— Ele lhe contou quem é?

— Só me contou o nome. E isso foi o Cônsul em Trollesund quem nos contou.

— Ele é nobre. É um príncipe. Aliás, ele seria agora o rei dos ursos se não tivesse cometido um grande crime.

— Ele me disse que o rei se chama Iofur Raknison.

— Iofur Raknison se tornou rei quando Iorek Byrnison foi exilado. É claro que Iofur também é um príncipe, senão não poderia governar. Mas ele tem a esperteza dos humanos; faz alianças e tratados. Ele não vive como os ursos em fortalezas de gelo, e sim num palácio recém-construído; fala em trocar embaixadores com nações humanas e explorar as minas de fogo com ajuda de engenheiros humanos... Ele é muito habilidoso e sutil. Dizem alguns que ele levou Iorek ao ato que o condenou ao exílio, e outros dizem que, mesmo que isso não seja verdade, ele encoraja que pensem que é, pois isso aumenta sua reputação de esperteza e sutileza.

— Afinal, que *foi* que Iorek fez? Sabe, uma das razões de amar Iorek é o meu pai, pelo fato de ele estar sendo punido por alguma coisa que ele fez. Acho que os dois são parecidos. Iorek me contou que matou outro urso, mas nunca disse como foi.

— A luta foi por uma ursa. O macho que Iorek matou não queria mostrar os sinais de rendição, mesmo estando claro que Iorek era o mais forte. Apesar de todo o seu orgulho, os ursos nunca deixam de reconhecer a superioridade de outro urso e se render a ela, mas, por um motivo qualquer, esse urso não fez isso. Tem gente que diz que Iofur Raknison influenciou a mente dele, ou então lhe

deu ervas embriagantes para comer. De qualquer maneira, o urso jovem insistiu, e Iorek Byrnison permitiu que seu temperamento o dominasse. O caso não foi difícil de julgar, pois ele podia ferir, mas não matar.

— Quer dizer que se não fosse isso ele seria o rei... — disse Lyra. — Eu ouvi o Catedrático de Palmeriano na Jordan falar alguma coisa sobre Iofur Raknison, porque ele tinha estado no Norte e conhecido ele. Ele falou... Eu queria tanto me lembrar... Acho que ele tomou o poder por meio de um truque, ou coisa assim... Mas, sabe, Iorek me disse uma vez que não se consegue enganar um urso e me mostrou que eu não conseguia enganar ele. Parece que os dois foram enganados, ele e o outro urso. Talvez só os ursos consigam enganar outro urso, talvez as pessoas não consigam. A não ser... Aquela gente em Trollesund, aquelas pessoas enganaram ele, não foi? Quando deixaram ele bêbado e roubaram a armadura?

— Quando os ursos agem como gente, talvez possam ser enganados — disse Serafina Pekkala. — Quando agem como ursos, talvez não possam. Normalmente um urso não beberia álcool; Iorek Byrnison bebeu para esquecer a vergonha do exílio, e foi só isso que permitiu que as pessoas em Trollesund o enganassem.

— É, sim — Lyra concordou. Achava que era isso mesmo. Admirava Iorek quase ilimitadamente e ficou feliz com a confirmação da nobreza dele. — A senhora foi muito inteligente. Eu jamais saberia disso se a senhora não tivesse me contado. Acho que deve ser mais inteligente do que a Sra. Coulter.

A viagem continuava. Lyra mascou um pouco de carne de foca que encontrou no bolso. Depois de algum tempo, perguntou:

— Serafina Pekkala, o que é o Pó? Porque acho que toda essa confusão é por causa do Pó, só que ninguém me diz o que é isso.

— Eu não sei — afirmou Serafina Pekkala. — As feiticeiras nunca se preocuparam com o Pó. Só posso lhe dizer que onde há padres, há medo do Pó. A Sra. Coulter não é um padre, naturalmente, mas é uma poderosa agente do Magisterium e foi ela quem criou o Conselho de Oblação e convenceu a Igreja a financiar Bolvangar, por causa do interesse dela no Pó. Não conseguimos entender os sentimentos dela. Mas há muitas coisas que nunca conseguimos entender. Vemos os tártaros fazendo buracos no crânio e ficamos curiosas, achamos estranho. Então esse Pó deve ser uma coisa estranha. Ficamos curiosas, mas não nos preocupamos nem cortamos coisas para descobrir o que é. Deixamos isso para a Igreja.

— A Igreja? — ecoou Lyra.

Uma coisa tinha lhe voltado: a lembrança de conversar com Pantalaimon, nos Pântanos, sobre o que podia estar movendo o ponteiro do aletiômetro, e eles tinham pensado na ventoinha no altar principal da Faculdade Gabriel, e em como as partículas elementares empurravam as pequenas hélices. O Intercessor tinha sido bem claro sobre a ligação entre as partículas elementares e a religião.

— Pode ser... Afinal, a maioria das coisas da Igreja é mantida em segredo — disse. — Mas a maioria das coisas da Igreja é velha, e o Pó não é velho, pelo que sei. Será que Lorde Asriel vai poder me contar...?

Tornou a bocejar.

— Acho melhor me deitar, senão vou congelar — disse a Serafina Pekkala. — Senti bastante frio lá no chão, mas nunca tanto frio assim. Acho que com um pouco mais eu morreria.

— Então deite e se enrole nas mantas.

— É, vou fazer isso. Se eu tivesse que morrer, ia preferir morrer aqui em cima do que lá embaixo. Quando nos botaram debaixo daquela coisa de cortar, achei que estava na hora... Nós dois achamos... Ah, aquilo foi muito cruel. Mas agora vamos dormir. Nos chame quando chegarmos — pediu.

E se deitou na pilha de mantas, desajeitada e dolorida em todas as partes do corpo com a intensidade profunda do frio, o mais perto que pôde do adormecido Roger.

E assim os quatro viajantes seguiram caminho, dormindo no balão encrustrado de gelo, rumo às rochas e geleiras, as minas de fogo e as fortalezas de gelo de Svalbard.

Serafina Pekkala chamou o aeróstata, que acordou de imediato, dormente de frio, mas sabendo, pelo movimento da cesta, que alguma coisa estava errada: ela balançava intensamente, sacudida pelos ventos fortes que açoitavam o balão, e as feiticeiras que puxavam a corda mal conseguiam controlá-lo. Se soltassem a corda, o balão seria arrastado, e a julgar pela bússola ele seria levado na direção de Nova Zembla, a quase 150 quilômetros por hora.

— Onde é que nós estamos? — ele gritou.

Lyra ouviu a pergunta. Estava semidesperta, com um pouco de medo por causa do movimento, e com tanto frio que seu corpo inteiro estava dormente.

Não conseguiu entender a resposta da feiticeira, mas pela fenda no capuz ela viu, à luz de uma lanterna anbárica, Lee Scoresby se agarrar a um cabo e puxar uma corda que subia e entrava dentro do próprio balão. Ele deu um puxão forte e levantou o olhar para a escuridão, antes de enrolar a corda numa ranhura do anel de suspensão.

— Estou tirando um pouco do gás — ele gritou para Serafina Pekkala. — Vamos descer. Estamos alto demais!

A feiticeira gritou alguma coisa em resposta, mas Lyra novamente não conseguiu entender. Roger também estava despertando; os estalos da cesta eram suficientes para acordar qualquer um — isso sem falar nos solavancos. Os dimons de Roger e Pantalaimon estavam agarrados um ao outro em forma de sagui, e Lyra se concentrou em ficar deitada, imóvel, controlando o medo.

— Tudo bem — disse Roger, parecendo muito mais animado que ela. — Assim que a gente descer vamos fazer uma fogueira para nos aquecer. Tenho uns fósforos no bolso. Roubei da cozinha em Bolvangar.

O balão estava mesmo descendo, pois um segundo depois eles foram envolvidos por uma nuvem espessa e congelante; de repente tudo ficou escuro. Era como a névoa mais forte que Lyra já havia visto. Depois de um instante, ouviram outro grito de Serafina Pekkala, e o aeróstata desenrolou a corda e a soltou. A corda subiu rapidamente, e mesmo com todo o barulho da cesta e do vento Lyra ouviu, ou sentiu, um forte som vindo de algum lugar acima dela.

Lee Scoresby a viu arregalar os olhos.

— É a válvula do gás — ele gritou. — Funciona com uma mola e prende o gás lá dentro. Quando eu puxo para baixo, o gás escapa por cima, e a gente desce.

— Já estamos...

Ela não terminou, pois uma coisa horrível aconteceu: uma criatura com metade do tamanho de um homem e com asas de couro e garras recurvas estava rastejando pela lateral da cestinha na direção de Lee Scoresby. A coisa tinha a cabeça chata, olhos esbugalhados e uma enorme boca de sapo, de onde saíam lufadas de um fedor insuportável. Lyra não teve tempo sequer de gritar antes que

Iorek Byrnison levantasse a pata e jogasse longe a coisa, que caiu para fora da cesta e desapareceu com um guincho.

— Avantesma-dos-penhascos — resmungou Iorek Byrnison sucintamente.

No momento seguinte, Serafina Pekkala apareceu e, agarrada à lateral da cesta, falou em tom urgente:

— Os avantesmas-dos-penhascos estão nos atacando. Vamos pousar o balão, e então vamos ter que nos defender. Eles estão...

Mas Lyra não ouviu o resto do que foi dito, porque houve um som de coisa rasgada e tudo virou de lado. Então um golpe terrível arremessou os três humanos contra a lateral do balão onde a armadura de Iorek Byrnison estava empilhada. Iorek estendeu a pata para segurá-los, por causa dos solavancos da cesta. Serafina Pekkala desaparecera. O barulho era assustador: acima de qualquer outro som, vinham os guinchos dos avantesmas-dos-penhascos, e Lyra os via passar e sentia seu cheiro terrível.

Então ocorreu outro solavanco, tão repentino que jogou todos no chão outra vez, e a cesta começou a cair com uma velocidade apavorante, girando todo o tempo. Parecia que tinham se soltado do balão e estavam em queda livre; então aconteceu outra série de solavancos e batidas, a cesta sendo jogada rapidamente de um lado para outro como se estivesse rebatendo entre paredes de pedra.

A última coisa que Lyra viu foi Lee Scoresby atirando com sua pistola de cano longo diretamente na cara de um avantesma-dos-penhascos; ela então fechou os olhos com força e se agarrou ao pelo de Iorek Byrnison com muito medo. Uivos, guinchos, o açoite e o assobio do vento, os estalos da cesta parecendo um animal torturado, tudo isso enchia o ar com um terrível barulho.

Então aconteceu o maior solavanco de todos, que a jogou para fora da cesta. Todo o ar de seus pulmões foi expulso quando ela aterrissou tão embolada que não sabia onde era em cima e onde era embaixo; e seu rosto, dentro do capuz bem puxado, estava cheio de pó: cristais secos e frios...

Era neve; ela havia caído numa faixa de neve solta. Estava tão atordoada que mal conseguia pensar. Ficou imóvel por alguns segundos antes de cuspir a neve da boca num gesto sem energia, e então, com a mesma falta de energia, soprou até formar um pequeno espaço para respirar.

Nada parecia estar doendo muito; ela se sentia apenas sem fôlego. Cautelosamente tentou mexer mãos, pés, braços, pernas, e erguer a cabeça.

Conseguia enxergar muito pouco, pois seu capuz ainda estava cheio de neve. Com esforço, como se cada uma de suas mãos pesasse uma tonelada, ela limpou a neve e olhou para fora. Viu um mundo cinzento — cinzentos claros, cinzentos escuros e pretos —, onde lufadas de névoa vagavam como fantasmas.

Os únicos sons eram os guinchos distantes dos avantesmas-dos-penhascos bem acima, e o estrondo de ondas batendo em rochedos a certa distância.

— Iorek! — ela gritou com voz fraca e trêmula, e tentou novamente, mas ninguém respondeu. — Roger! — chamou, com o mesmo resultado.

Parecia que estava sozinha no mundo, mas isso naturalmente ela nunca estava, e Pantalaimon veio surgindo de dentro do agasalho dela como um rato para lhe fazer companhia.

— Verifiquei o aletiômetro, e ele está inteiro — ela disse.

— Estamos perdidos, Pan! — ela exclamou. — Viu aqueles avantesmas-dos-penhascos? E o Sr. Scoresby atirando neles? Deus nos ajude se eles descerem aqui...

— É melhor tentarmos encontrar a cesta, talvez — disse ele.

— É melhor não gritarmos — ela acrescentou. — Fiz isso há pouco, mas é melhor não, para eles não ouvirem. Queria saber onde estamos.

— Podemos não gostar de saber — ele observou. — Podemos estar no fundo de um abismo sem caminho para cima, e com os avantesmas-dos-penhascos lá no alto para nos caçarem quando a névoa dissipar.

Ela tateou em volta, depois de descansar por vários minutos mais, e descobriu que aterrissara numa fenda entre dois rochedos cobertos de gelo. A névoa congelante encobria tudo; de um lado havia o barulho das ondas a uns 50 metros, julgando pelo som, e de cima ainda vinham os guinchos dos avantesmas-dos-penhascos, embora parecessem estar diminuindo um pouco. Ela não enxergava mais do que 2 ou 3 metros, e até mesmo os olhos de coruja de Pantalaimon eram inúteis.

Com dificuldade, escorregando e deslizando pelas pedras ásperas, ela se afastou das ondas e subiu um pouco a praia, encontrando apenas rochas e neve, e nenhum sinal do balão ou de algum de seus ocupantes.

— *Não podem* ter desaparecido todos — ela sussurrou.

Pantalaimon, em forma de gato, andava um pouco à frente dela e encontrou quatro sacos de areia rebentados, o conteúdo espalhado e já congelando.

— Lastro — Lyra informou. — Ele deve ter jogado fora para poder subir novamente...

Ela engoliu em seco para limpar o nó na garganta, ou o medo em seu peito, ou ambos.

— Ah, meu Deus, estou apavorada — confessou. — Espero que todos estejam bem.

Pantalaimon então veio para os braços dela e em forma de rato se esgueirou para dentro do seu capuz, onde ficaria escondido. Ela ouviu um ruído, alguma coisa arranhando a pedra, e se virou para ver o que era.

— Ior...!

Mas não chegou a dizer a palavra inteira, pois não se tratava de Iorek Byrnison. Era um urso desconhecido, usando uma armadura polida e coberta de orvalho congelado, com uma pluma no elmo.

Ele ficou imóvel a uns 2 metros de distância, e ela pensou que estava realmente perdida.

O urso abriu a boca e rugiu. Dos rochedos veio um eco que fez aumentar o ruído dos guinchos no céu. Outro urso surgiu da névoa, e mais outro. Lyra ficou imóvel, apertando seus pequenos punhos humanos.

Os ursos não se moveram até o primeiro deles falar:

— Seu nome?

— Lyra.

— De onde você vem?

— Do céu.

— Num balão?

— Sim.

— Venha conosco. Você é nossa prisioneira. Agora mexa-se. Depressa.

Exausta e apavorada, Lyra começou a caminhar, aos tropeções, pelas pedras ásperas e escorregadias, seguindo o urso e se perguntando se a sua esperteza conseguiria livrá-la daquela situação.

19

O Cativeiro

Os ursos levaram Lyra por uma trilha que subia até o topo do penhasco, onde a neblina era ainda mais espessa do que na praia. Os guinchos dos avantesmas-dos-penhascos e o barulho das ondas ficavam mais fracos à medida que ela subia, e finalmente o único som era o incessante piar dos pássaros marítimos. Subiram em silêncio, vencendo rochedos e geleiras, e embora Lyra não deixasse de examinar, de olhos arregalados, a neblina cinza que os envolvia, e forçasse os ouvidos tentando escutar o ruído da chegada de seus amigos, ela parecia ser o único ser humano em Svalbard, e Iorek poderia muito bem estar morto.

O urso-sargento não falou com ela até atingirem terreno plano. Ali mandou que todos parassem. Pelo som das ondas, Lyra calculou que tinham chegado ao topo do penhasco e não ousou sair correndo para não cair no precipício.

— Olhe para cima — disse o urso, no momento em que uma brisa afastava a pesada cortina de névoa.

De qualquer maneira, a luz do dia era pouca, mas Lyra olhou assim mesmo, e se viu diante de uma enorme construção de pedra. Era tão alta quanto a parte mais alta da Faculdade Jordan, porém muito mais compacta, e toda entalhada com cenas de batalhas mostrando os ursos vitoriosos e os escraelingues se rendendo, tártaros acorrentados trabalhando como escravos nas minas de fogo, zepelins chegando de todas as partes do mundo trazendo presentes e tributos ao rei dos ursos, Iofur Raknison.

Pelo menos foi o que o urso-sargento disse que os entalhes representavam; ela própria não conseguia ver essas coisas, pois cada protuberância e reentrância da fachada ornamentada estava ocupada por mergulhões e gaivotas rapineiras que piavam, gritavam e voejavam constantemente em círculos, e cujas fezes tinham coberto todo o prédio com espessas manchas de um branco sujo.

Os ursos pareciam não ver a sujeira; obrigaram Lyra a atravessar o enorme arco, pisando no chão congelado, imundo com as fezes dos pássaros. Havia um pátio, escadarias e vários portões, e em cada um deles havia ursos de armadura que exigiam a senha para lhes dar passagem. Suas armaduras eram claras e brilhantes, e todos usavam plumas nos elmos. Lyra não conseguia deixar de comparar cada urso que via com Iorek Byrnison, e ele sempre se saía melhor; era mais forte, mais gracioso, e sua armadura era um instrumento de batalha de verdade, com cor de ferrugem, manchas de sangue e marcas de luta, e não uma armadura de enfeite, elegante e polida como a maioria das que ela estava vendo agora.

À medida que penetravam no prédio, a temperatura aumentava, e outra coisa também aumentava: o cheiro no palácio de Iofur era insuportável — gordura de foca rançosa, sangue, dejetos de todo tipo. Lyra tirou o capuz para sentir menos calor, mas não conseguiu deixar de torcer o nariz; esperava que os ursos não entendessem as expressões do rosto humano. A cada poucos metros, havia alças de ferro prendendo lamparinas a gordura de peixe, e naquela luz fraca nem sempre era fácil enxergar onde ela estava pisando.

Finalmente pararam diante de uma pesada porta de ferro. Um urso-guarda puxou a enorme tranca, e o sargento de repente virou a cabeça, empurrando Lyra pelas costas, e ela foi jogada através da porta. Antes que ela conseguisse ficar de pé, ouviu a porta sendo trancada atrás de si.

A escuridão era total, mas Pantalaimon virou um vaga-lume e lançou um brilho minúsculo em volta deles. Estavam numa cela estreita com paredes úmidas, e a mobília era apenas um banco de pedra; no canto mais distante, havia uma pilha de trapos que ela imaginou ser a cama. Isso era tudo que ela conseguia ver.

Lyra se sentou, com Pantalaimon no ombro, e tateou nas roupas em busca do aletiômetro.

— Ele tem levado muita pancada, Pan. Espero que ainda funcione — cochichou.

Pantalaimon voou para o pulso dela e ficou ali brilhando enquanto Lyra preparava a mente. Uma parte dos seus pensamentos achava incrível que ela pudesse estar em terrível perigo e mesmo assim mergulhar na calma necessária para ler o aletiômetro; mas aquilo agora fazia parte dela de tal maneira que as perguntas mais complicadas se destacavam com seus símbolos com a mesma naturalidade com que seus músculos moviam seus braços; mal precisava pensar neles.

Ela moveu os ponteiros e pensou:

"Onde está Iorek?"

A resposta foi imediata:

"A um dia de distância, levado pelo balão depois da queda; mas está vindo depressa."

"E Roger?"

"Com Iorek."

"O que Iorek Byrnison vai fazer?"

"Ele pretende forçar a entrada do palácio e libertar você, apesar de todas as dificuldades."

Ela guardou o aletiômetro, ainda mais ansiosa do que antes.

— Eles não vão permitir, não é mesmo? São muitos. Eu queria ser uma feiticeira, Pan, aí você poderia ir até ele, levar e trazer recados, e a gente poderia fazer um bom plano...

Então ela levou o maior susto de sua vida, quando uma voz masculina perguntou, a poucos passos dela:

— Quem é você?

Ela deu um salto e um grito de medo. Pantalaimon imediatamente virou morcego, guinchando, e voou em volta da cabeça dela enquanto ela recuava até a parede.

— Hein? Quem está aí? — insistiu o homem. — Fale! Fale!

— Vire vaga-lume de novo, Pan. Mas não chegue perto demais — ela pediu, com voz trêmula.

O pontinho de luz dançou pelo ar e voejou em volta da cabeça do homem. Afinal, não era uma pilha de trapos: era um homem de barba grisalha acorrentado à parede, com olhos que cintilavam à luz de Pantalaimon e cabelos sujos que lhe chegavam aos ombros. Seu dimon, uma serpente de aparência exausta, estava deitado no colo dele e ocasionalmente lançava a língua para Pantalaimon.

— Qual é o seu nome? — ela perguntou.

— Jotham Santelia — ele respondeu. — Sou Professor *Regius* de Cosmologia na Universidade de Glouscester. Quem é você?

— Lyra Belacqua. Por que está preso?

— Maldade e inveja... De onde você vem? Hein?

— Da Faculdade Jordan.

— O quê? De Oxford?

— É.

— Aquele safado do Trelawney ainda está lá? Hein?

— O Catedrático de Palmeriano? Está sim — ela disse.

— Está mesmo? Hein? Deviam ter forçado a demissão dele há muito tempo. Plagiador desleal! Moleque!

Lyra emitiu um som neutro.

— Ele já publicou seu trabalho sobre os fótons de raio gama? — perguntou o Professor, erguendo o rosto para Lyra.

Ela recuou.

— Não sei — disse. Então, por puro hábito, começou a inventar. — Não, agora me lembro. Ele disse que ainda precisava verificar certos cálculos. E... disse que ia escrever sobre o Pó também. É isso.

— Safado! Ladrão! Traidor! Vigarista! — bradou o velho.

Ele tremia com tanta violência que Lyra achou que ele ia ter um ataque. Seu dimon deslizou lentamente do colo do Professor, que dava murros nas pernas, cuspindo uma chuva de saliva.

— É, eu sempre achei que ele era ladrão. E vigarista, e tudo mais — disse Lyra.

Se era improvável que surgisse em sua cela uma garotinha que conhecia o próprio homem que era a sua obsessão, o Professor *Regius* não percebeu. Ele *estava* mesmo louco — o que não era de estranhar, coitado; mas podia ter alguma informação útil para Lyra.

Ela se sentou ao lado dele cautelosamente, não suficientemente perto para que ele a tocasse, mas o bastante para que a minúscula luz de Pantalaimon o iluminasse claramente.

— Uma coisa que o Professor Trelawney dizia para se gabar era que conhecia muito bem o rei dos ursos...

— Para se gabar? Hein? Ele é mesmo um metido! Um fanfarrão! E um preguiçoso! Nem uma única linha de pesquisa ele fez! Foi tudo pirateado de homens melhores que ele!

— É, tem razão — disse Lyra em tom veemente. — E quando ele *faz* alguma pesquisa, faz tudo errado.

— Sim! Sim! Perfeitamente! Não tem talento nem imaginação, é uma fraude do princípio ao fim!

— Por exemplo, aposto que o senhor sabe mais que ele sobre os ursos — disse Lyra.

— Ursos! Rá! Eu poderia escrever um tratado sobre eles! Foi por isso que me prenderam, sabia?

— Por quê?

— Porque sei demais sobre eles, e eles não ousam me matar. Não têm coragem, por mais que tenham vontade. Eu sei, entende? Tenho amigos. Sim, amigos poderosos!

— É, e aposto que o senhor é um professor maravilhoso, tendo tanto conhecimento e com tanta experiência de ensinar...

Mesmo nas profundezas da loucura dele, ainda brilhava uma centelha de bom senso, então ele olhou para a menina com atenção, quase como se suspeitasse de sarcasmo por parte dela. Mas ela havia passado a vida inteira lidando com professores idosos e desconfiados e retribuiu o olhar dele com um olhar de admiração que o convenceu e acalmou.

— Professor... — disse ele. — Ensinar... É, eu poderia ensinar. Se eu tivesse um bom aluno, acenderia uma fogueira na mente dele!

— Porque o seu conhecimento não deveria simplesmente desaparecer — Lyra continuou, em tom encorajador. — Devia ser passado adiante, para que as pessoas se lembrem do senhor.

— É, sim — concordou ele, com seriedade. — Você é muito esperta, garota. Qual é o seu nome?

— Lyra — ela tornou a dizer. — Pode me ensinar sobre os ursos?

— Os ursos... — ele ecoou, em tom de dúvida.

— Eu realmente gostaria de aprender sobre cosmologia, o Pó e tudo mais, mas não sou suficientemente inteligente para isso. E podíamos começar com os ursos e progredir até o Pó, quem sabe?

Ele assentiu outra vez.

— É, acho que tem razão. Existe uma correspondência entre o microcosmo e o macrocosmo! As estrelas estão vivas, menina. Sabia disso? Tudo lá em cima é vivo, e existem grandes propósitos lá fora! O universo está cheio de *intenções*, entende? Tudo acontece com um propósito. O seu é me recordar isto. Muito bom, muito bom; no meu desespero eu tinha esquecido. Ótimo! Excelente, minha menina!

— Então: já viu o Rei Iofur Raknison?

— Ah, se vi! Vim para cá a convite dele, sabia? Ele ia me nomear Vice-chanceler. Seria um tapa de luva no Régio Instituto do Polo Ártico, hein? Hein? E naquele safado do Trelawney! Ah!

— Que foi que aconteceu?

— Fui traído por homens indignos. Entre eles Trelawney, é claro. Ele estava aqui, sabia? Em Svalbard. Espalhou mentiras e calúnias sobre a minha capacidade. Calúnias! Invenções! Quem foi que descobriu a prova definitiva da hipótese de Barnard-Stokes, hein? Hein? Sim, o velho Santelia. Trelawney não conseguiu aceitar isso. Mentiu do princípio ao fim. Iofur Raknison mandou me jogar aqui. Um dia vou sair, você vai ver. Vou ser Vice-chanceler, ora se vou. E Trelawney vai me procurar, implorando piedade! Quero ver o Régio Instituto do Polo Ártico recusar meus textos! Ah! Vou denunciar todos eles!

— Acho que Iorek Byrnison vai acreditar no senhor, quando ele voltar... — disse Lyra.

— Iorek Byrnison? Não adianta esperar por isso. Aquele lá nunca vai voltar.

— Ele está vindo.

— Então vai ser morto. Ele não é urso, entende? É um renegado. Como eu. Um degredado, entende? Sem direito a qualquer privilégio de um urso.

— Se Iorek Byrnison voltasse e desafiasse Iofur Raknison para uma luta...

— Ah, não iam permitir isso — disse o Professor em tom decidido. — Iofur nunca irá se rebaixar reconhecendo o direito de Iorek Byrnison de lutar com ele. Iorek não tem *mesmo* esse direito; ele pode ser uma foca, ou um leão-marinho, mas não um urso. Seria morto com lançadores de fogo antes de chegar perto. Não há esperança. Não existe piedade.

— Ah... — suspirou Lyra, com o desespero pesando no peito. — E os outros prisioneiros dos ursos, sabe onde ficam?

— Outros prisioneiros?

— Assim como... Lorde Asriel.

De repente o Professor mudou inteiramente; ficou encolhido contra a parede e sacudiu a cabeça com nervosismo.

— Psiu! Fale baixo! Podem ouvir!

— Por que não podemos falar do Lorde Asriel?

— Proibido! Muito perigoso! Iofur Raknison não permite que o nome dele seja mencionado!

— Por quê? — Lyra perguntou, chegando mais perto e cochichando também, para não assustá-lo.

— Manter Lorde Asriel prisioneiro é uma tarefa especial dada a Iofur pelo Conselho de Oblação — cochichou de volta o velho. — A Sra. Coulter em pessoa veio visitar Iofur e lhe ofereceu todo tipo de recompensas para ele manter Lorde Asriel fora do caminho. Sei disso porque na época, entende, eu ainda tinha a confiança de Iofur. Conheci a Sra. Coulter! É verdade. Tivemos uma longa conversa. Iofur estava encantado com ela. Não parava de falar nela. Faria qualquer coisa por ela. Se ela quer que Lorde Asriel fique preso a mil quilômetros de distância, assim será. Qualquer coisa pela Sra. Coulter, qualquer coisa. Ele vai dar o nome dela à capital do seu país, sabia disso?

— Então ele não deixa ninguém visitar Lorde Asriel?

— Não! Nunca! Mas ele também tem medo de Lorde Asriel, entende? Iofur está jogando uma partida difícil: está mantendo Lorde Asriel em confinamento para agradar à Sra. Coulter, mas deixa Lorde Asriel ter todo o equipamento que quiser, para agradá-lo. Este jogo não pode durar muito. É um equilíbrio instável. Agradar aos dois lados. Hein? A estrutura dessa situação vai desmontar logo, logo. Sei disso de fonte segura.

— É mesmo? — fez Lyra, distraída, pensando furiosamente sobre o que ele acabara de dizer.

— É, sim. A língua do meu dimon sente o sabor da probabilidade, entende?

— É, a minha também. Quando é que nos alimentam, Professor?

— Nos alimentam?

— Devem colocar comida, senão morreríamos de fome. E o chão está cheio de ossos. Imagino que sejam de foca, não são?

— Foca... Não sei. Pode ser.

Lyra se levantou e tateou até a porta. Não havia maçaneta, naturalmente, nem fechadura, e não havia uma só fresta por onde passasse a luz. Ela encostou o ouvido, mas nada escutou. Depois ouviu o ruído das correntes do ancião quando ele se virou para o outro lado e dormiu.

Ela tateou de volta ao banco. Pantalaimon, cansado de emitir luz, virara um morcego, o que para ele era ótimo; ficou voejando, guinchando baixinho, enquanto Lyra, sentada, roía as unhas.

De repente, sem o menor aviso, ela recordou o que tinha ouvido o Catedrático de Palmeriano dizer na Sala Privativa tanto tempo antes. Alguma coisa vinha cutucando sua mente desde que Iorek Byrnison mencionara pela primeira vez o nome de Iofur, e agora ela se lembrava: o Professor Trelawney tinha dito que aquilo que Iofur Raknison queria mais que tudo era um dimon.

É claro que na hora ela não havia entendido o que ele queria dizer; ele tinha falado em *panserbjornes* em vez de usar a palavra inglesa, então ela não sabia que estavam falando de ursos e não podia imaginar que Iofur Raknison não era um homem. E um homem naturalmente teria seu dimon, então aquilo não fazia sentido.

Mas agora era óbvio. Somando tudo que ela havia ouvido sobre o urso-rei, o resultado era: o poderoso Iofur Raknison desejava mais que tudo ser um humano e ter seu próprio dimon.

E ao pensar isso ela imaginou um plano: um modo de fazer o que Iofur Raknison normalmente jamais teria feito; um modo de conduzir Iorek Byrnison ao trono a que tinha direito; um modo, em suma, de chegar ao lugar onde tinham aprisionado Lorde Asriel e entregar a ele o aletiômetro.

Essa ideia esvoaçou e brilhou delicadamente, como uma bolha de sabão, e ela temia encará-la de frente, para não destruí-la. Mas estava familiarizada com todo tipo de ideias, e a deixou rebrilhar, olhando para outro lado e pensando em outra coisa.

Estava quase dormindo quando os ferrolhos foram corridos ruidosamente e a porta foi aberta. A luz jorrou para dentro, e ela ficou de pé no mesmo instante, com Pantalaimon escondido rapidamente no bolso.

Assim que o urso-guarda baixou a cabeça para levantar a posta de carne de foca e jogá-la para dentro, ela estava ao lado dele, dizendo.

— Me leve a Iofur Raknison. Vai ter problemas se não fizer isso. É urgente.

Ele deixou a carne cair da boca e ergueu os olhos. Não era fácil ler a expressão de um urso, mas ele parecia zangado.

— É sobre Iorek Byrnison — ela falou depressa. — Sei de uma coisa sobre ele, e o rei precisa saber.

— Diga o que é e eu mando avisar — disse o urso.

— Isso não seria certo. Ninguém pode saber antes do rei — ela disse. — Sinto muito, não quero ser grosseira, mas você sabe, a lei diz que o rei tem que ficar sabendo primeiro.

Talvez ele fosse burro; de qualquer maneira, fez uma pausa e depois jogou a carne dentro da cela antes de dizer:

— Está bem. Vem comigo.

Levou-a para o ar livre, o que a agradou muito. A névoa se dissipara e estrelas brilhavam acima do pátio cercado de muros altos. O guarda falou alguma coisa com outro urso, que veio falar com ela.

— Não pode falar com Iofur Raknison quando bem entender — disse. — Vai ter que esperar até ele querer falar com você.

— Mas o que eu tenho para dizer a ele é urgente — ela argumentou. — É sobre Iorek Byrnison. Tenho certeza de que Sua Majestade ia querer saber, mas ao mesmo tempo não posso contar a outra pessoa, entende? Não seria apropriado. Ele ia ficar furioso se soubesse que nós não agimos de acordo com a etiqueta.

Aquilo tudo parecia fazer sentido, ou então deixou o urso suficientemente confuso para obrigá-lo a raciocinar. Lyra tinha certeza de que sua interpretação estava correta: Iofur Raknison havia feito tantas mudanças que nenhum dos ursos sabia como proceder, e ela poderia explorar essa insegurança para chegar a ele.

Assim, o urso foi consultar o urso acima dele, e não demorou para que Lyra fosse novamente levada para dentro do Palácio, mas dessa vez para os aposentos reais. Aquela parte era tão suja quanto a outra, e o ar era até mais irrespirável do que o da cela, porque todos os fedores naturais estavam misturados a uma camada pesada de perfume adocicado. Mandaram que ela esperasse no corredor, depois na antessala, depois junto a uma porta enorme, enquanto ursos discutiam, debatiam e iam apressados de um lado para outro. E ela teve tempo para olhar em volta e contemplar a ridícula decoração: as paredes eram cobertas de trabalhos em gesso dourado, algumas partes já descascando ou se desmanchando por causa da umidade, e os tapetes floridos estavam imundos.

Finalmente a porta enorme foi aberta por dentro. Um clarão de luz de meia dúzia de candelabros, um tapete roxo e mais perfume adocicado pairando no ar; e as caras de uma dezena de ursos, todos olhando para ela, nenhum deles de armadura, mas todos com o mesmo tipo de enfeites: colar dourado, cocar de plumas roxas, uma faixa carmim na cintura. Curiosamente, havia também pássaros no aposento: andorinhas-do-mar e gaivotas rapineiras se empoleiravam na moldura de gesso das paredes e mergulhavam para bicar os pedaços de peixe que caíam do ninho dos outros pássaros nos candelabros.

E num tablado no extremo oposto do aposento, ela viu um trono enorme. Era feito de granito, para ser forte e maciço, mas, como todas as coisas no palácio de Iofur, ele era decorado com arabescos e festões dourados que pareciam purpurina numa montanha.

Sentado no trono estava o maior urso que ela já vira. Iofur Raknison era mais alto e mais corpulento até que Iorek, e sua cara tinha muito mais movimento e era mais expressiva, com uma espécie de humanidade que ela nunca tinha visto em Iorek. Quando Iofur olhou para ela, era como se ela visse um homem olhando de dentro dos olhos dele, o tipo de homem que ela conhecera na casa da Sra. Coulter — um político hábil, acostumado ao poder. Ele usava uma pesada corrente de ouro em volta do pescoço e nela um penduricalho chamativo, e suas garras — com uns bons 20 centímetros cada uma — eram folheadas a ouro. O efeito era de enorme força, energia e esperteza; ele era suficientemente corpulento para carregar aquelas joias de tamanho absurdo; nele, elas não pareciam ridículas, e sim bárbaras e magníficas.

Ela ficou em dúvida. De repente, sua ideia parecia tola demais.

Mas se adiantou, pois era obrigada a isso, e então viu que Iofur segurava algo no colo, como um ser humano seguraria um gato — ou o seu dimon.

Era uma grande boneca estufada, um manequim com rosto humano parado e morto. Estava vestida como a Sra. Coulter gostava de se vestir, e se parecia um pouco com ela. Iofur estava fingindo que tinha um dimon! Então Lyra viu que estava salva.

Ela se aproximou do trono e fez uma profunda reverência, com Pantalaimon quieto e imóvel em seu bolso.

— Nossas saudações, grande Rei — ela disse em voz baixa. — Quer dizer, minhas saudações, não as dele.

— Não as de quem? — Iofur perguntou.

Tinha a voz mais fina do que ela imaginara, mas cheia de sutilezas e tons expressivos. Enquanto falava, ele balançava a mão diante da boca para espantar as moscas que se juntavam ali.

— De Iorek Byrnison, Majestade. Tenho uma coisa muito importante e secreta para lhe contar, e acho que, na verdade, devia fazer isso em particular.

— É alguma coisa sobre Iorek Byrnison?

Ela se aproximou, pisando cuidadosamente no chão coberto de sujeira de pássaros, e afastou as moscas que zumbiam junto ao seu rosto.

— Alguma coisa sobre dimons — disse, para que apenas ele ouvisse.

A cara dele mudou de expressão. Ela não conseguiu decifrar a nova expressão, mas não havia dúvida de que ele estava imensamente interessado. De repente, ele se inclinou para a frente, fazendo com que ela saltasse de lado, e rugiu uma ordem para os outros ursos. Todos eles fizeram uma reverência e recuaram em direção à porta. Os pássaros, que tinham se alvoroçado com o rugido, piavam e voavam baixo antes de se acomodarem novamente em seus ninhos.

Quando só ficaram Iofur Raknison e Lyra na sala do trono, ele olhou ansiosamente para ela.

— Então? Diga quem é você. Que história é essa de dimons?

— Eu *sou* um dimon, Majestade — ela disse.

Ele ficou imóvel.

— De quem? — quis saber.

— De Iorek Byrnison.

Foi a coisa mais perigosa que ela já falara na vida. Via claramente que só o espanto dele o impedia de matá-la ali mesmo. Então não perdeu tempo.

— Por favor, Majestade, me deixe contar tudo primeiro, antes de me matar. Vim até aqui correndo perigo, como o senhor bem sabe, e nada do que eu tenho a dizer pode prejudicar o senhor. Aliás, eu quero é ajudar, e foi por isso que vim. Iorek Byrnison foi o primeiro urso a conseguir um dimon, mas devia ter sido o senhor. Eu prefiro muito mais ser seu dimon do que dele, por isso eu vim.

— Como? — ele perguntou ofegante. — Como é que um urso consegue um dimon? E por que ele? E como é que você consegue ficar tão longe dele?

As moscas caíam da boca do urso como minúsculas palavras.

— Isso é fácil. Eu posso me afastar dele porque sou como os dimons das feiticeiras. Sabe que eles podem se afastar centenas de quilômetros de suas donas? Pois é a mesma coisa. E ele me conseguiu em Bolvangar. O senhor já deve ter ouvido falar em Bolvangar, porque a Sra. Coulter deve ter-lhe falado disso, mas ela provavelmente não lhe contou tudo que eles faziam lá.

— Cortavam...

— Sim, a intercisão; isso é uma parte. Mas eles faziam muitas outras coisas lá, como por exemplo implantes de dimons. E experiências com animais. Quando Iorek Byrnison soube disso, se ofereceu como voluntário para uma experiência, para ver se conseguiam fazer um dimon para ele. Eles conseguiram, e o dimon sou eu. Meu nome é Lyra. Os dimons dos humanos têm forma de animais, então o dimon de um urso tem forma humana. E eu sou o dimon dele. Posso ler a mente dele e saber exatamente o que ele está fazendo, onde está e...

— Onde é que ele está?

— Em Svalbard. Está vindo para cá o mais rápido possível.

— Por quê? O que ele quer? Deve estar louco! Vão acabar com ele.

— Ele quer a mim, está vindo me buscar. Mas não quero ser dimon dele, Iofur Raknison, quero ser sua. Porque, depois que eles viram como um urso fica poderoso com dimon, o pessoal em Bolvangar resolveu não repetir a experiência. Iorek Byrnison é o único urso a ter dimon. Com a minha ajuda, ele poderia levantar todos os ursos contra o senhor. É para isso que ele vem a Svalbard.

O urso-rei rugiu de ódio. O rugido foi tão alto que os lustres de cristal tilintaram, todos os pássaros no grande salão piaram e os ouvidos de Lyra zumbiram.

Mas ela conseguiu se sair bem.

— É por isso que gosto mais do senhor — disse a Iofur Raknison. — Porque o senhor é entusiasmado, forte e inteligente também. Eu tinha que abandonar Iorek Byrnison e vir lhe contar, porque não quero que ele governe os ursos. Tem que ser o senhor. E existe um modo de me tirar dele e me fazer seu dimon, mas o senhor não sabe disso e, se não for avisado, pode fazer com ele o que costuma fazer com ursos renegados; quer dizer, não lutar com ele, mas matar com lançadores de fogo ou coisa assim. E se fizesse isso, eu ia apagar como uma luz e morreria com ele.

— Mas você... Como é que...

— Eu *posso* realmente me tornar seu dimon, mas só se o senhor derrotar Iorek Byrnison numa luta dos dois. Então a força dele vai passar para o senhor, e a minha mente vai fluir para dentro da sua, e seremos como uma pessoa, pensando os pensamentos um do outro; e o senhor vai poder me mandar a qualquer lugar para espionar, ou me deixar ficar aqui ao seu lado, como preferir. E eu ia ajudar a chefiar os ursos para conquistar Bolvangar, se o senhor quiser, e obrigar que eles façam mais dimons para os seus ursos favoritos; ou, se preferir ser o único urso com dimon, poderíamos destruir Bolvangar para sempre. Nós dois juntos, Iofur Raknison, poderíamos fazer qualquer coisa!

Durante todo o tempo, ela segurava Pantalaimon no bolso com a mão trêmula, e ele estava o mais imóvel possível na menor forma de rato que conseguia assumir.

Iofur Raknison andava de um lado para outro com ar de explosiva excitação.

— Uma luta entre nós dois? — dizia. — Eu tenho que lutar com Iorek Byrnison? Impossível! Ele é um renegado! Como pode ser isso? Como é que posso lutar com ele? É a única maneira?

— É a única maneira — Lyra ecoou.

Ela queria que não fosse, porque Iofur Raknison parecia maior e mais feroz a cada minuto. Por maior que fosse o seu afeto por Iorek e por mais forte que fosse sua confiança nele, ela não conseguia acreditar que ele pudesse derrotar este gigante entre gigantes. Mas era a única esperança que eles tinham; ser destruído a distância por lançadores de fogo não era uma esperança.

Iofur Raknison se virou de repente.

— Então prove! Prove que você é um dimon!

— Está bem — disse ela. — Posso fazer isso, é fácil. Posso descobrir alguma coisa que o senhor sabe e ninguém mais; qualquer coisa que só um dimon conseguiria descobrir.

— Então me diga qual foi a primeira criatura que matei.

— Para isso vou ter que ficar sozinha. Quando eu for seu dimon, o senhor vai poder ver como é que faço isso, mas até lá tem que ser segredo.

— Vá para a sala atrás desta aqui e volte quando souber a resposta.

Lyra abriu a porta e entrou num aposento iluminado por uma tocha e contendo apenas um armário de mogno com enfeites de prata sujos. Ela tirou o aletiômetro e perguntou:

"Onde está Iorek agora?"

"A quatro horas de distância, e correndo mais ainda."

"Como é que posso dizer a ele o que eu fiz?"

"Tem que ter confiança nele."

Ela pensou ansiosamente no cansaço que ele certamente teria. Mas então refletiu que não estava fazendo aquilo que o aletiômetro acabava de lhe dizer: confiar nele.

Deixou de lado este pensamento e fez a pergunta que Iofur Raknison queria. Qual era a primeira criatura que ele havia matado?

Veio a resposta: o próprio pai dele.

Ela fez outras perguntas e descobriu que quando jovem, em sua primeira expedição de caça, Iofur estava sozinho no gelo quando encontrou um urso solitário. Os dois discutiram e lutaram, e Iofur matou o outro. Mais tarde, quando soube que se tratava de seu próprio pai (pois os ursos eram criados pela mãe e raramente viam o pai), ele escondeu a verdade, portanto ninguém sabia disso além do próprio Iofur Raknison.

Ela guardou o aletiômetro, pensando em como lhe dizer isto.

— Como se fosse um elogio! — sussurrou Pantalaimon. — É só o que ele quer.

Então Lyra abriu a porta e encontrou Iofur Raknison esperando, com expressão de triunfo, esperteza, apreensão e cobiça.

— E aí?

Ela se ajoelhou diante dele e encostou a cabeça na pata dianteira esquerda dele, pois todos os ursos eram canhotos.

— Peço o seu perdão, Iofur Raknison! Não sabia que era tão forte e grandioso!

— Que é isso? Responda a minha pergunta!

— A primeira criatura que o senhor matou foi o seu próprio pai. Acho que o senhor é um novo deus, Iofur Raknison. Só pode ser. Só um deus teria poder para fazer isso.

— Você sabe! Consegue ver!

— Sim, porque eu *sou* um dimon.

— Me diga mais uma coisa. Que foi que Lady Coulter me prometeu quando esteve aqui?

Mais uma vez Lyra foi para a outra sala e consultou o aletiômetro antes de voltar com uma resposta.

— Ela lhe prometeu que ia fazer o Magisterium em Gênova concordar que o senhor fosse batizado como cristão, mesmo não tendo dimon. Bem, infelizmente ela não fez isso, Iofur Raknison, e para ser sincera acho que eles nunca concordarão se o senhor não tiver um dimon; acho que ela sabia disso e não lhe contou a verdade. Mas, de qualquer maneira, quando o senhor me tiver como dimon, *poderá* ser batizado se quiser, pois ninguém poderá ser contra. O senhor poderá exigir isso, e eles não vão poder recusar.

— Sim... É verdade. Ela disse isso mesmo. É tudo verdade. E ela me enganou? Eu confiei nela, e ela me enganou?

— Foi, sim. Mas ela não tem mais importância. Com sua licença, Iofur Raknison, espero que não fique zangado por eu dizer isso, mas Iorek Byrnison está a quatro horas daqui, e talvez fosse melhor o senhor dar ordens aos guardas para que não ataquem ele. Se pretende lutar com ele, ele vai ter que chegar até o Palácio.

— É...

— E quando ele chegar, talvez seja melhor eu fingir que ainda pertenço a ele e que me perdi. Ele não vai descobrir. Eu vou fingir. O senhor vai contar aos outros ursos que eu sou dimon de Iorek

e que vou pertencer ao senhor quando o senhor lutar com ele e vencer?

— Não sei... O que devo fazer?

— Acho melhor não contar. Quando estivermos unidos, o senhor e eu, poderemos pensar no que é melhor, e então chegar a uma decisão. Agora o que o senhor precisa fazer é explicar a todos os outros ursos por que vai lutar com Iorek como se ele fosse um urso comum, mesmo sendo um renegado. Porque eles não vão entender e temos que inventar um motivo para isso. De qualquer maneira, eles vão obedecer, mas se tiverem um motivo, vão admirar o senhor ainda mais.

— É. O que devemos dizer a eles?

— Diga... Diga a eles que para tornar seu reino inteiramente seguro, o senhor mesmo chamou Iorek Byrnison de volta para lutar com ele, e o vencedor vai governar os ursos para sempre. Entenda: se disser que a ideia da vinda dele foi *sua*, eles vão ficar mesmo impressionados. Vão pensar que o senhor consegue chamar Iorek de longe. Vão pensar que o senhor consegue fazer qualquer coisa.

— É...

O grande urso estava domado; Lyra sentia o poder que tinha sobre ele quase como uma embriaguez, e se Pantalaimon não tivesse mordiscado sua mão para lembrar o perigo que todos corriam, ela poderia facilmente ter passado dos limites.

Mas voltou a ter bom senso e recuou um passo para observar e esperar enquanto os ursos, sob as ordens agitadas de Iofur, preparavam o campo de combate para Iorek Byrnison; e enquanto isso Iorek, sem saber de coisa alguma, se aproximava depressa daquilo que — ela gostaria de poder contar a ele — era um combate de vida ou morte.

20

À OUTRANCE



LUTAS entre ursos eram comuns em ocasiões de grandes rituais. Mas era raro um urso matar outro, e, quando isso acontecia, em geral era por acidente, ou quando um urso interpretava mal os sinais de outro, como foi o caso de Iorek Byrnison. Casos de assassinato, como aconteceu com Iofur, que matou o próprio pai, eram ainda mais raros.

Mas ocasionalmente surgiam circunstâncias em que a única maneira de resolver uma disputa era por meio de um combate mortal. E para isso havia todo um cerimonial.

Assim que Iofur anunciou que Iorek Byrnison estava a caminho e haveria um confronto, o campo de combate foi varrido e alisado, e fabricantes de armaduras vieram das minas de fogo para verificar a armadura de Iofur. Cada pino foi examinado, cada elo foi testado, e as placas foram polidas com a areia mais fina. A mesma atenção foi dada às garras de Iofur; a folha de ouro foi raspada e cada garra — com quase 20 centímetros — foi afiada e afilada até se tornar uma arma mortal. Lyra observava tudo com uma crescente sensação de náusea na boca do estômago, pois Iorek Byrnison não receberia todos esses cuidados. Ele vinha marchando sobre o gelo há cerca de 24 horas, sem alimento ou descanso; podia estar ferido por causa da queda do balão. E ela havia preparado essa luta para ele sem que ele soubesse! Em certo momento, depois que Iofur Raknison testou o potencial das suas garras num leão-marinho recém-abatido lhe cortando a pele como se fosse papel, e a força de seus murros no crânio do animal (com dois murros, ele o rachou como se fosse um ovo), Lyra teve que inventar uma desculpa e pedir licença a Iofur para ir chorar de medo.

Até Pantalaimon, que normalmente conseguia alegrar a menina, pouco tinha a dizer de otimista. Tudo que ela podia fazer era consultar o aletiômetro, que lhe disse que Iorek estava a uma hora de lá e repetiu que ela devia confiar nele; ela também (e isso foi mais difícil de decifrar) ganhou uma repreensão por fazer duas vezes a mesma pergunta.

A essa altura, a notícia tinha se espalhado, e o campo de combate já estava tomado pelos ursos. Os ursos de posição mais elevada ocupavam os melhores lugares, e havia um local especial para as ursas — inclusive as esposas de Iofur, naturalmente. Lyra tinha uma curiosidade enorme a respeito das ursas, pois sabia muito pouco sobre elas, mas não era hora de ficar por ali fazendo perguntas. Em vez disso, ela ficou perto de Iofur Raknison e observou os cortesãos em volta dele exibindo sua posição acima dos ursos comuns; ela tentou adivinhar o significado das variadas plumas, medalhas e condecorações que todos pareciam usar.

Lyra percebeu que alguns dos mais graduados levavam pequenos bonecos, como a boneca de trapos de Iofur, talvez para agradá-lo imitando um hábito que ele iniciara. A menina ficou satisfeita quando percebeu que, ao verem que Iofur não estava usando o seu boneco, eles ficaram sem saber o que fazer com os deles. Deveriam jogar fora? Os bonecos já não eram bem-vistos? Como deveriam agir?

Pois ela começava a perceber que aquele era o estado de espírito reinante na corte: eles não tinham certeza daquilo que eram. Não eram como Iorek Byrnison, puros, seguros e absolutos; havia um constante manto de insegurança envolvendo todos eles, enquanto observavam uns aos outros e observavam Iofur.

E observavam Lyra, também, com evidente curiosidade. Ela permanecia discretamente ao lado de Iofur, sem dizer nada, baixando os olhos sempre que um urso olhava para ela.

A essa altura, a névoa se dissipara e o ar estava claro; e, por um capricho da sorte, o breve intervalo de claridade por volta do meio-dia coincidiu com a hora em que Lyra achava que Iorek ia chegar. Tremendo, parada num montinho de neve na borda do campo de combate, ela ergueu os olhos para a leve claridade no céu e desejou com todo o coração avistar uma esquadrilha de vultos negros e elegantes descendo para levá-la, ou ver a cidade escondida da Aurora Boreal, onde ela poderia andar em segurança pelas largas avenidas à luz do sol, ou ainda os braços generosos de Mãe Costa, sentir o cheiro amigo de carne e comida que envolviam Lyra na presença dela...

Quando Lyra deu por si, estava chorando, vertendo lágrimas que congelavam quase de imediato e que ela arrancava do rosto dolorosamente. Estava com muito medo. Os ursos, que não choravam, não conseguiam entender o que estava acontecendo com ela; achavam que era um processo humano qualquer, sem significado. E naturalmente Pantalaimon não podia consolar Lyra como costumava fazer, embora ela mantivesse a mão no bolso segurando com firmeza o pequeno ratinho; ele, por sua vez, acariciava os dedos dela com o focinho.

Perto dela, os ferreiros estavam fazendo os ajustes finais na armadura de Iofur Raknison. Coberto de aço polido, as placas lisas enfeitadas com fios de ouro, ele parecia uma grande torre de metal brilhante; o elmo cobria a parte superior da cabeça numa cintilante carapuça cinza-prateada, com fendas na altura dos olhos, e a parte inferior do corpo era protegida por um saiote de malha de metal bem ajustado. Foi quando viu isso que Lyra tomou consciência de que tinha traído Iorek Byrnison, pois Iorek não possuía nenhuma dessas coisas: a armadura dele só protegia as costas e os lados. Ela olhou para Iofur Raknison, tão dinâmico e poderoso, e sentiu uma dor profunda, como uma mistura de culpa e de medo. Disse então:

— Com licença, Majestade. O senhor se lembra do que eu lhe disse antes...

Sua voz trêmula soava fina e fraca. Iofur Raknison virou a cabeça poderosa, tirando sua atenção do alvo que três ursos estavam segurando na sua frente para que ele o rasgasse com suas garras mortais.

— Que é? Que é?

— O senhor se lembra que eu disse que era melhor eu ir falar com Iorek Byrnison primeiro, e fingir que...

Mas antes que ela conseguisse terminar a frase, os ursos na torre de vigia deram um sinal. Todos os outros, sabendo de que se tratava aquilo, também começaram a rugir com triunfante agitação.

Tinham avistado Iorek.

— Por favor? — disse Lyra em desespero. — Eu consigo enganar ele, o senhor vai ver.

— Certo, certo. Vá. E *encoraje* ele!

Iofur Raknison mal conseguia falar de tanta raiva e excitação.

Lyra se afastou dele e atravessou o campo de combate vazio e deserto, deixando suas pequenas pegadas na neve; e os ursos do outro lado abriram caminho para que ela passasse. À medida que os corpanzis se afastavam, o horizonte se abria, escuro na palidez da luz do dia. Onde estava Iorek Byrnison? Ela não conseguia enxergar; mas a torre de vigia era alta, e eles conseguiam ver coisas que ela ainda não podia ver. Tudo que ela podia fazer era avançar caminhando pela neve.

Ele viu Lyra antes que ela o visse; com um ruído forte de metal e uma chuva de neve, Iorek Byrnison estava ao seu lado.

— Ah, Iorek! Eu fiz uma coisa horrível! Meu amigo, você vai ter que lutar com Iofur Raknison, e não está preparado! Está cansado e faminto, e a sua armadura...

— Que coisa horrível você fez?

— Contei a ele que você estava chegando, porque li isso no leitor de símbolos, e ele está desesperado para ser como uma pessoa e ter um dimon, desesperado. Então enganei ele, dizendo que sou seu dimon e que ia abandonar você para ser dele, mas para isso acontecer ele teria que lutar com você. Senão, meu querido Iorek, eles nunca iriam deixar você lutar, iam botar fogo em você antes de você chegar perto...

— Você enganou Iofur Raknison?

— Foi. Fiz ele concordar em lutar em vez de matar você como um renegado, e o vencedor vai ser rei dos ursos. Tive que fazer isso, porque...

— Lyra Belacqua? Não, você é Lyra da Língua Mágica — ele declarou. — Tudo que eu quero é lutar com ele. Vamos lá, pequeno dimon.

Ela contemplou Iorek Byrnison em sua armadura marcada pelo tempo, alto e feroz, e sentiu que o coração ia explodir de orgulho.

Caminharam lado a lado em direção ao palácio de Iofur, onde o campo de combate ocupava toda a base da muralha. Os ursos estavam em posição nos parapeitos, rostos pálidos enchiam todas as janelas, e os corpos pesados formavam uma densa parede branca, marcada de pontinhos pretos de olhos e focinhos. Os mais próximos se afastaram para um lado, formando duas filas, entre as quais Iorek Byrnison e seu dimon passaram. Os olhos de todos os ursos estavam fixos neles.

Iorek parou na borda do campo de combate; na borda oposta estava Iofur Raknison. O rei desceu do monte de neve e os dois se encararam a poucos metros de distância.

Lyra estava tão perto de Iorek que conseguia sentir um tremor dentro dele, como um grande dínamo gerando poderosa energia anbárica. Ela tocou de leve no pescoço dele, na borda do elmo, e disse:

— Boa luta, meu querido Iorek. Você é o verdadeiro rei, e ele não é. Ele não é nada.

Então ela recuou.

— Ursos! — rugiu Iorek Byrnison. Das muralhas do palácio veio um eco, espantando os pássaros de seus ninhos. — Eis os termos deste combate: se Iofur Raknison me matar, ele será rei para sempre, livre de desafio ou disputa. Se eu matar Iofur Raknison, serei o seu rei. Minha primeira ordem a todos vocês será derrubar este palácio, esta casa perfumada de falsidade e purpurina, e jogar o ouro e o mármore no mar. O metal do urso é o ferro. Não é ouro. Iofur Raknison poluiu Svalbard. Eu vim para purificá-la. Iofur Raknison, eu desafio você!

Então Iofur se aproximou alguns passos, como se mal conseguisse se controlar.

— Ursos! — rugiu por sua vez. — Iorek Byrnison voltou a meu convite. Eu o atraí para cá. Sou eu quem tem que ditar os termos do combate, que são: se eu matar Iorek Byrnison, a carne dele será retalhada e servida aos avantesmas-dos-penhascos. A cabeça vai ficar exposta em cima do meu palácio. Ele será esquecido. Será crime grave falar o nome dele...

Ele prosseguiu, e depois cada um dos dois tornou a falar. Era uma fórmula, um ritual fielmente obedecido. Lyra olhava para os dois, tão diferentes: Iofur tão brilhante e poderoso, imenso em sua força e saúde, em sua armadura esplêndida, orgulhoso e fidalgo; e Iorek, menor — embora ela nunca tivesse imaginado que ele um dia ia parecer pequeno — e mal equipado, a armadura amassada e enferrujada. Mas a armadura dele era a sua alma; ele a tinha fabricado, e ela lhe servia perfeitamente. Armadura e urso eram uma coisa só. Iofur não estava contente com a sua armadura; ele queria também outra alma. Estava inquieto, enquanto Iorek estava imóvel.

E ela estava consciente de que todos os outros ursos também faziam essa comparação. Mas Iorek e Iofur eram mais do que apenas dois ursos: eram dois tipos de vida, dois futuros, dois destinos. Iofur tinha começado a levar os ursos numa direção, e Iorek iria levá-los em outra, e no mesmo instante em que um futuro morria, outro começaria a existir.

Enquanto o ritual do combate caminhava rumo à segunda fase, os dois começaram a dar passos inquietos na neve, se aproximando aos poucos, balançando a cabeça. Entre os espectadores não havia o menor movimento, mas todos os olhos seguiam os dois.

Finalmente os combatentes ficaram imóveis e silenciosos, se observando de frente através da largura do campo de combate.

Então, com um rugido e uma chuva de neve, ambos os ursos avançaram no mesmo momento. Como duas grandes massas de pedra, equilibradas em picos vizinhos e soltas por um terremoto, que rolam as encostas ganhando velocidade, saltando acima de abismos e reduzindo árvores a gravetos até colidirem uma com a outra com tanta força que ambas são esmigalhadas, se transformando em pó e lascas de pedra — foi assim o encontro dos dois ursos. O estrondo ressoou no ar e voltou como eco. Mas eles não foram destruídos como aconteceria com a pedra; ambos caíram de lado, e o primeiro a se levantar foi Iorek. Ele girou e agarrou Iofur, cuja armadura havia ficado danificada e que não conseguia levantar a cabeça com facilidade. Iorek foi direto ao ponto vulnerável no pescoço do outro, passou as garras pela pele branca e então as fincou debaixo da borda do elmo de Iofur e o puxou para a frente.

Sentindo o perigo, Iofur rosnou e se sacudiu como Lyra tinha visto Iorek se sacudir na beira d'água, enviando lençóis de água para o alto; Iorek caiu longe, e com um horrível guinchar de metal retorcido, Iofur ficou ereto, esticando o aço das placas das costas apenas com sua força bruta. Então, como uma avalanche, ele se jogou sobre Iorek, que ainda tentava se levantar.

Lyra ficou sem ar só de ver a força da queda. Certamente o chão estremeceu sob ela. Como Iorek poderia sobreviver a isso? Ele estava lutando para girar o corpo e conseguir fincar os pés no chão, mas estava com os pés para cima e Iofur tinha enfiado os dentes em algum lugar perto da garganta dele. Pingos de sangue quente voavam pelo ar: um deles caiu no casaco de Lyra, e ela segurou o pano apertado na mão como um sinal de amor.

Então Iorek enfiou as patas traseiras nos elos do saiote de Iofur e puxou, rasgando-o; a frente inteira caiu, e Iofur se jogou para um lado para examinar o estrago, permitindo que Iorek ficasse de pé.

Por um instante os dois ursos ficaram afastados, recuperando o fôlego. Iofur agora tinha a malha de aço para atrapalhar, pois em vez de proteção ela se transformara num obstáculo; ainda estava presa a ele, e era arrastada pelo chão pendurada entre as pernas. No entanto, Iorek estava em pior situação: sangrava muito pela ferida no pescoço e ofegava intensamente.

Mas saltou sobre Iofur antes que o rei conseguisse se desvencilhar do saiote de malha de aço e o derrubou numa cambalhota, atacando em seguida a parte nua do pescoço onde a borda do elmo estava empenada. Iofur o jogou longe, e então os dois colidiram outra vez, fazendo voar esguichos de neve em todas as direções e às vezes ficava difícil acompanhar os lances da batalha.

Lyra assistia, mal ousando respirar e apertando as mãos com tanta força que chegavam a doer. Ela pensou ter visto Iofur abrindo um buraco na barriga de Iorek, mas isso não devia ser verdade, porque logo em seguida, depois de outra explosão de neve, os dois ursos estavam de pé nas patas traseiras como dois boxeadores, e Iorek tentava arranhar o rosto de Iofur com suas garras poderosas, enquanto Iofur atacava de volta com a mesma selvageria.

Lyra estremecia a cada golpe. Como se um gigante estivesse girando um martelo, e esse martelo tivesse cinco pinos de aço...

Ferro batia em ferro, dente batia em dente, respirações ofegavam, pés trovejavam na neve revolta e suja de sangue, formando uma espécie de lama vermelha.

A essa altura, a armadura de Iofur estava em estado lastimável, as placas rasgadas e empenadas, as incrustações de ouro arrancadas ou cobertas de sangue, e o capacete fora arrancado. A armadura de Iorek estava em melhores condições, apesar de sua feiura: amassada, mas intacta, suportando os murros possantes do urso-rei e desviando aquelas garras brutais.

Por outro lado, Iofur era maior e mais forte que Iorek, que estava cansado, faminto e tinha perdido mais sangue. Ele estava ferido na barriga, em ambos os braços e no pescoço, enquanto Iofur sangrava somente na mandíbula. Lyra daria tudo para ajudar seu querido amigo, mas nada podia fazer.

E as coisas agora estavam ruins para Iorek. Ele estava mancando; cada vez que colocava a pata dianteira esquerda no chão, dava para ver que ela não aguentava o peso dele. Nunca a usava para atacar, e os golpes de sua mão direita também eram bem fracos, comparados aos murros poderosos que ele dera poucos minutos antes.

Iofur havia percebido isso e começou a provocar Iorek, chamando-o de mão-quebrada, filhote desmamado, enferrujado, candidato a morto e outras coisas, enquanto o atacava por todos os lados com socos que Iorek não conseguia evitar. Iorek teve que recuar, um passo de cada vez, e se agachar sob a chuva de murros do sarcástico urso-rei.

Lyra chorava. O seu querido, o seu amigo corajoso, o seu defensor destemido estava prestes a morrer, e ela não ia lhe fazer a traição de não assistir, pois, se ele olhasse para ela, tinha que ver olhos

brilhantes de amor e confiança, não um rosto escondido covardemente ou costas voltadas para ele por medo.

Então, ela ficou assistindo, mas as lágrimas não deixavam que ela enxergasse o que estava realmente acontecendo; talvez fosse mesmo algo impossível de ver. Iofur certamente não enxergava.

Porque Iorek estava recuando apenas para encontrar solo firme e seco e uma rocha sobre a qual se apoiar, e o inútil braço esquerdo estava, na verdade, forte e em condição de lutar. Não se pode enganar um urso; mas, como Lyra lhe mostrara, Iofur não queria ser um urso, queria ser um homem, e Iorek estava conseguindo enganá-lo.

Finalmente ele encontrou o que procurava: uma pedra firmemente ancorada na terra. Iorek se encostou nela, tensionando as pernas e esperando a oportunidade.

Que chegou quando Iofur se ergueu na frente dele, urrando sua vitória e virando a cabeça, provocantemente, para o lado esquerdo de Iorek, aparentemente o lado mais fraco.

Foi então que Iorek atacou. Como uma onda que vem aumentando sua força através de milhares de quilômetros de oceano e que causa pouca agitação em águas profundas, mas que, quando chega ao raso, se eleva no ar aterrorizando as pessoas, antes de cair sobre a terra com força irresistível — assim Iorek Byrnison se ergueu contra Iofur, explodindo para o alto em cima dos pés plantados na rocha seca e dilacerando com um feroz movimento da mão esquerda o queixo desprotegido de Iofur Raknison.

Foi um golpe terrível, que arrancou a parte inferior da mandíbula, que voou pelo ar espalhando respingos de sangue pela neve a muitos metros de distância.

A língua vermelha de Iofur ficou pendurada sobre a garganta exposta. O urso-rei, de repente, perdera os dentes, a voz, a luta. Iorek não precisava de mais nada; avançando, enfiou os dentes na garganta de Iofur e se sacudiu de um lado para outro, erguendo do solo o corpo enorme e batendo com ele no chão como se Iofur fosse uma foca na beira d'água.

Então fez força para cima, e a vida de Iofur Raknison se evaporou entre seus dentes.

Havia ainda um ritual a ser cumprido. Iorek abriu o peito desprotegido do rei morto, arrancando a pele para expor as costelas estreitas, brancas e vermelhas, como o esqueleto de um barco virado; enfiou a mão entre as costelas, arrancou o coração de Iofur — vermelho, soltando vapor — e o comeu ali mesmo, na frente dos súditos de Iofur.

Houve então aclamações, alvoroço, pandemônio, os ursos avançando em massa para homenagear o matador de Iofur. A voz de Iorek Byrnison soou acima do clamor:

— Ursos! Quem é o seu rei?

E o brado retornou num rugido, como se fosse todos os seixos do mundo, açoitados pelas ondas de uma tempestade no mar.

— Iorek Byrnison!

Os ursos sabiam o que tinham a fazer; cada enfeite, medalha e faixa foi jogado fora e pisoteado com desprezo, para logo ser esquecido. Agora eram ursos de Iorek, ursos de verdade, não semi-humanos inseguros, conscientes apenas de uma torturante inferioridade. Correram para o Palácio e começaram a atirar grandes blocos de mármore do alto das torres, soltando as pedras das ameias com suas mãos poderosas e as arremessando por cima dos rochedos para o ancoradouro centenas de metros abaixo.

Iorek ignorou tudo isso e soltou as placas da armadura para cuidar dos ferimentos; antes, porém, que começasse, Lyra estava a seu lado, batendo com os pés na neve vermelha e gritando para

os ursos pararem de destruir o Palácio, pois havia prisioneiros lá dentro. Eles não ouviram, mas Iorek sim, e quando ele rugiu, eles pararam no mesmo instante.

— Prisioneiros humanos? — ele quis saber.

— É, sim, que Iofur Raknison botou nas masmorras. Eles têm que sair e se abrigar em algum lugar, senão vão morrer nas ruínas do Palácio...

Iorek deu ordens rápidas e alguns ursos correram para dentro do Palácio para soltar os prisioneiros. Lyra se virou para Iorek.

— Deixe que eu cuido de você, quero ter certeza de que não está muito ferido, meu querido Iorek, ah, eu queria ter uns curativos ou coisa assim! Este corte na barriga está horrível...

Um urso colocou no chão, aos pés de Iorek, um bocado de uma massa verde rígida, congelada.

— Musgo-de-sangue — Iorek explicou. — Enfie isto dentro das feridas, Lyra. Cubra com a pele e então segure um pouco de neve em cima até a massa congelar.

Ele não deixou que os ursos cuidassem dele, apesar da ansiedade deles; as mãos de Lyra eram hábeis, e ela estava desesperada para ajudar. Assim, a garotinha se inclinou sobre o grande urso-rei, enfiando o musgo-de-sangue, puxando a pele por cima e congelando o ferimento até parar de sangrar. Quando terminou, tinha as luvas empapadas de sangue de Iorek, mas os ferimentos estavam tratados.

E, a essa altura, os prisioneiros tinham saído, num grupo de cerca de uma dúzia de homens tremendo e piscando muito. Lyra achou que não havia motivo para falar com o Professor, pois ele estava louco; ela gostaria de saber quem eram os outros homens, mas havia muitas coisas urgentes a fazer. E não queria distrair Iorek, que dava ordens breves que enviavam ursos correndo para todos os lados, mas ela estava preocupada com Roger, Lee Scoresby e as feiticeiras, estava com fome e cansada... Achou que a melhor coisa a fazer naquele momento era ficar fora do caminho.

Assim, encontrou um canto sossegado do campo de combate, se enroscou em Pantalaimon como filhote de lobo para aquecê-la e empilhou neve em cima de si como um urso faria; e adormeceu.

Alguma coisa cutucava seu pé, e uma voz de urso desconhecida disse:

— Lyra da Língua Mágica, o rei quer falar com você.

Ela acordou quase congelada e não conseguiu abrir os olhos, pois as pálpebras tinham endurecido de frio; mas Pantalaimon derreteu o gelo dos cílios com pequenas lambidas, e ela logo conseguiu ver à luz da lua o jovem urso que havia falado. Tentou ficar de pé, mais caiu por duas vezes. O urso ofereceu:

— Suba em mim.

E se agachou para que ela alcançasse as costas largas; pendurada, quase caindo, ela conseguiu ficar montada enquanto ele a levava para um vale profundo onde muitos ursos estavam reunidos.

E entre eles havia uma figurinha que correu para ela e cujo dimon deu um salto para saudar Pantalaimon.

— Roger! — ela gritou.

— Iorek Byrnison me fez ficar aqui fora na neve enquanto vinha buscar você. Nós caímos do balão, Lyra! Depois que você caiu, nós fomos carregados por muitos e muitos quilômetros, e então o Sr. Scoresby esvaziou mais um pouco o balão e nós batemos numa montanha e caímos por uma ladeira como nunca se viu. Não sei onde o Sr. Scoresby foi parar, nem as feiticeiras. Só eu e Iorek Byrnison. Ele veio direto para cá, procurando você. E aqui me falaram do combate...

Lyra olhou em volta. Sob a direção de um urso mais velho, os prisioneiros humanos estavam construindo um abrigo de madeira e retalhos de lona. Pareciam felizes por ter um trabalho a fazer. Um deles batia numa pederneira para acender o fogo.

— Temos comida — disse o jovem urso que havia despertado Lyra.

Uma foca recém-abatida estava sobre a neve. O urso a abriu com uma garra e mostrou a Lyra onde encontrar os rins. Ela comeu um deles, cru: era quente, macio e mais delicioso do que se poderia imaginar.

— Coma a gordura também — disse o urso, arrancando um pedaço para ela. Tinha sabor de creme temperado com avelãs.

Roger não estava muito animado, mas seguiu o exemplo dela. Os dois comeram gulosamente e, em poucos minutos, Lyra estava inteiramente acordada e começando a sentir calor. Limpando a boca, ela olhou em volta, mas Iorek Byrnison não estava à vista.

— Iorek Byrnison está conversando com seus conselheiros — informou o jovem urso. — Quer falar com você depois que você tiver se alimentado. Venha comigo.

Ele os levou por cima de uma elevação na neve até um lugar onde os ursos estavam começando a construir uma parede de blocos de gelo. Iorek estava sentado no centro de um grupo de ursos mais velhos e se levantou para recebê-la.

— Lyra da Língua Mágica, venha ouvir o que estão me dizendo — chamou.

Não explicou a presença dela aos outros ursos, ou talvez eles já soubessem sobre ela; mas lhe ofereceram um lugar e trataram Lyra com imensa cortesia, como se ela fosse uma rainha. Ela sentiu um orgulho enorme de se sentar ao lado de seu amigo Iorek Byrnison, sob a Aurora Boreal que cintilava graciosamente no céu polar, e participar da conversa dos ursos.

O que acontecia era que o domínio de Iofur Raknison sobre eles tinha sido como um feitiço; alguns culpavam a influência da Sra. Coulter, que visitara Iofur e lhe dera muitos presentes, antes até do exílio de Iorek, embora este não soubesse disso. Um dos ursos contou:

— Ela deu a Iofur Raknison uma droga para dar a Hjalmur Hjalmurson para que ele ficasse louco.

Lyra calculou que Hjalmur Hjalmurson era o urso que Iorek tinha matado e por causa disso sido exilado. Então a Sra. Coulter estava por trás daquilo também! E havia mais:

— Existem leis humanas proibindo certas coisas que ela planejava fazer, mas as leis humanas não vigoram em Svalbard. Ela queria montar aqui outra estação como Bolvangar, só que pior, e Iofur ia permitir isso, contra todos os costumes dos ursos; pois já tivemos humanos nos visitando, ou prisioneiros, mas nunca morando ou trabalhando aqui. Aos poucos, ela ia aumentar seu poder sobre Iofur Raknison e o dele sobre nós, até virarmos escravos dela, fazendo tudo que ela ordenasse, e nosso único dever ia ser tomar conta da abominação que ela ia criar...

Quem falava era um urso velho. Seu nome era Soren Eisarson, e ele era um conselheiro que tinha sofrido muito sob as ordens de Iofur Raknison.

— O que ela está fazendo agora, Lyra? — Iorek Byrnison perguntou. — Quando souber da morte de Iofur, quais serão os planos dela?

Lyra pegou o aletiômetro. Estava escuro demais para enxergar, e Iorek pediu que trouxessem luz.

— Que foi que aconteceu com o Sr. Scoresby e as feiticeiras? — Lyra perguntou, enquanto esperavam.

— As feiticeiras foram atacadas por feiticeiras de outro clã. Não sei se eram aliadas dos mutiladores de crianças, mas estavam patrulhando nossos céus em grande número e atacaram durante a tempestade. Não vi o que aconteceu a Serafina Pekkala. Quanto a Lee Scoresby, o balão tornou a subir depois que eu caí com o menino, e ele foi dentro. Mas o seu leitor de símbolos vai lhe contar o destino deles.

Um urso chegou puxando um trenó no qual havia um tabuleiro cheio de carvão em brasa, e jogou um galho resinoso dentro dele. O galho pegou fogo no mesmo instante, e nesta luz Lyra girou os ponteiros do aletiômetro e perguntou sobre Lee Scoresby.

Pela resposta, ele ainda estava no ar, levado pelos ventos em direção a Nova Zembla, escapara dos avantesmas-dos-penhascos e tinha lutado contra as feiticeiras do outro clã.

Lyra contou a Iorek, que balançou a cabeça, satisfeito.

— Se está no ar, está em segurança — disse. — E quanto à Sra. Coulter?

A resposta foi complicada, com o ponteiro indo de um símbolo a outro numa sequência que deixou Lyra pensando durante muito tempo. Os ursos estavam curiosos, mas reprimidos pelo respeito por Iorek Byrnison e o dele por Lyra, enquanto ela os esquecia e mergulhava no transe aletiométrico.

A mensagem dos símbolos era desalentadora.

— Está dizendo que ela... Ela soube que estávamos voando para cá e conseguiu um zepelim de transporte armado com metralhadoras, acho que é isso, e está voando para Svalbard agora mesmo. Ela ainda não sabe que Iofur Raknison foi derrotado, é claro, mas logo saberá, porque... Ah, sim, porque algumas feiticeiras vão ficar sabendo pelos avantesmas-dos-penhascos e vão contar a ela. Acho que há espiões no ar por toda parte, Iorek. Ela vinha para... para fingir ajudar Iofur Raknison, mas, na verdade, ia tomar o poder dele com um exército de tártaros que está vindo por mar, e eles chegarão em poucos dias.

"E assim que puder ela vai até onde Lorde Asriel está preso e vai mandar matar ele. Porque... Agora está ficando claro: uma coisa que eu nunca tinha entendido, Iorek! É por isso que ela quer matar Lorde Asriel: porque ela sabe o que ele vai fazer e tem medo, quer fazer ela mesma e obter o controle antes dele... Deve ser sobre a cidade no céu, só pode ser! Ela está tentando chegar lá primeiro! E agora ele está dizendo outra coisa..."

Ela se inclinou sobre o instrumento, muito concentrada enquanto o ponteiro ia de um lado para outro. Ele se movia quase depressa demais para a vista: Roger, olhando por cima do ombro dela, nem conseguia ver o ponteiro parar, e só percebia um diálogo rápido entre os dedos de Lyra movendo os ponteiros menores e o ponteiro grande respondendo, uma linguagem tão extraordinária quanto a própria Aurora Boreal.

Finalmente ela descansou o instrumento no colo e, piscando e suspirando, saiu da profunda concentração.

— Sim, entendo o que ele está dizendo — afirmou. — Ela está de novo atrás de mim. Quer alguma coisa que eu tenho, porque Lorde Asriel também quer. Precisam disso para esse... Para essa experiência, seja lá o que for...

Ela parou e respirou profundamente. Alguma coisa a incomodava, e ela não sabia o que era. Tinha certeza de que *aquela coisa* tão importante era o próprio aletiômetro, porque, afinal de contas, a Sra. Coulter *tentara* ficar com ele, e que mais poderia ser? Mas não era isso, pois o aletiômetro tinha outra maneira de se referir a si mesmo.

— Imagino que seja o aletiômetro — disse, em tom de tristeza. — Foi o que eu pensei o tempo todo. Tenho que entregar ele a Lorde Asriel antes que ela apareça. Se *ela* pegar o aletiômetro, todos nós morreremos.

Ao dizer isso, ela se sentiu tão cansada, tão exausta e triste que morrer teria sido um alívio. Mas o exemplo de Iorek Byrnison impedia que ela admitisse isso. Guardou o aletiômetro e se sentou de costas retas.

— A que distância ela está? — Iorek perguntou.

— A poucas horas. Acho que é melhor levar o aletiômetro para Lorde Asriel o mais depressa possível.

— Vou com você — decidiu Iorek.

Ela não discutiu. Enquanto Iorek dava ordens e organizava um grupo armado para ir com eles na parte final da viagem para o norte, Lyra ficou imóvel, poupando sua energia; sentia que durante a última leitura alguma coisa se perdera nela. Fechou os olhos e dormiu; mais tarde eles a acordaram, e partiram.

21

As Boas-Vindas de Lorde Asriel



LYRA cavalgava um urso jovem e forte, e Roger viajava montado em outro, enquanto Iorek caminhava incansavelmente à frente; atrás deles ia um grupo armado com um lançador de fogo, defendendo a retaguarda.

O caminho era longo e difícil: o interior de Svalbard, montanhoso, com picos irregulares e desfiladeiros profundos cortados por ravinas e vales de paredes íngremes; e o frio, intenso. Lyra recordou os trenós velozes e macios dos gípcios a caminho de Bolvangar; como aquela viagem parecia agora rápida e confortável! O ar aqui era o mais penetrante e frio que ela já conhecera; ou podia ser que o urso que ela montava não fosse tão ágil quanto Iorek Byrnison; ou talvez ela estivesse cansada até a alma. De qualquer maneira, foi uma viagem desesperadamente difícil.

Ela pouco sabia sobre para onde estavam indo, ou a que distância ficava; tudo que sabia era o que o urso ancião Soren Eisarson lhe contara enquanto preparavam o lançador de fogo. Ele participara das negociações sobre as condições do encarceramento de Lorde Asriel e se lembrava muito bem.

Ele disse que, no início, os ursos de Svalbard consideravam Lorde Asriel igual a qualquer dos outros políticos, reis ou baderneiros que tinham sido exilados para aquela ilha distante. Os prisioneiros eram importantes, senão teriam sido mortos por seu próprio povo; podiam ser valiosos para os ursos um dia, se seus destinos políticos mudassem e eles voltassem a governar suas terras; portanto, podia valer a pena não tratá-los com crueldade ou desrespeito.

Então Lorde Asriel tinha achado as condições em Svalbard nem melhores, nem piores do que as de centenas de outros exilados antes dele. Mas certas coisas faziam seus carcereiros terem mais medo dele do que dos outros prisioneiros; havia um ar de mistério e de perigo espiritual que envolvia

qualquer coisa relacionada ao Pó; eles tinham visto o pânico evidente daqueles que haviam levado Lorde Asriel até lá; e havia as comunicações particulares entre a Sra. Coulter e Iofur Raknison.

Além disso, os ursos nunca tinham visto alguém com a natureza orgulhosa e autoritária de Lorde Asriel. Ele dominava até mesmo Iofur Raknison, discutindo com firmeza e eloquência, e convenceu o urso-rei a permitir que ele próprio escolhesse o lugar onde ia morar.

O primeiro que lhe deram era baixo demais; ele disse que precisava de um lugar no alto, acima da fumaça e da poluição das minas de fogo e dos ferreiros. Deu aos ursos um projeto para o alojamento que desejava e lhes disse onde devia ser construído; ele os subornou com ouro e bajulou e intimidou Iofur Raknison; de boa vontade, achando graça, os ursos começaram a trabalhar. Em pouco tempo, uma casa foi construída numa ponta de terra virada para o norte: uma construção ampla e sólida, com lareiras que queimavam grandes blocos de carvão retirados da terra e carregados por ursos, e com grandes janelas de vidro de verdade. Ali ele vivia, um prisioneiro agindo como um rei.

E então se dedicou a reunir o material para um laboratório.

Com furiosa concentração, mandou buscar livros, instrumentos, agentes químicos, todo tipo de ferramentas e aparelhos. E de um jeito ou de outro, recebeu tudo que pedira — uma parte abertamente, outra contrabandeada pelos visitantes que ele insistia ter direito de receber. Por terra, mar e ar, Lorde Asriel reuniu seu material, e aos seis meses de prisão já possuía todo o equipamento que queria.

E então começou a trabalhar, pensando, planejando e calculando, esperando a única coisa que precisava para completar o trabalho que tanto assustava o Conselho de Oblação. E essa coisa estava cada vez mais próxima.

A primeira visão que Lyra teve da prisão de seu pai veio quando Iorek Byrnison fez todos pararem no sopé de um rochedo para que as crianças esticassem as pernas, que estavam ficando perigosamente frias e rígidas.

— Olhe lá para cima — ele disse.

Uma ladeira coberta de rochas e gelo de uma antiga avalanche, onde uma trilha tinha sido trabalhosamente aberta, levava ao topo de um penhasco destacado em silhueta contra o céu. Não havia Aurora, mas as estrelas brilhavam. O penhasco era negro e hostil, mas no topo havia um prédio espaçoso, de onde jorrava luz em todas as direções — não o brilho enfumaçado e inconstante das lamparinas a gordura de peixe, nem a luz branca e chocante dos holofotes anbáricos, e sim a luz cálida da nafta.

As janelas de onde a luz emergia também mostravam o formidável poder de Lorde Asriel. O vidro era um material caro, que em grandes extensões ajudava a manter o calor nessas regiões inóspitas; assim, esse material evidenciava dinheiro e influência, muito mais do que o palácio vulgar de Iofur Raknison.

Montaram nos ursos pela última vez, e Iorek os guiou encosta acima até a casa. Havia um pátio coberto de neve, rodeado por um muro baixo; quando Iorek empurrou o portão, eles ouviram uma campainha tocar em algum lugar dentro da casa.

Lyra desceu do urso. Mal conseguia ficar de pé. Ajudou Roger a desmontar também e, um apoiando o outro, os dois se dirigiram para a porta, atravessando a neve que chegava até seus quadris.

Ah, como lá dentro devia estar quentinho! Ah, como ia ser bom descansar em paz!

Ela estendeu a mão para a corda da sineta, mas a porta se abriu antes que pudesse pegá-la. Havia um pequeno vestíbulo mal iluminado, que servia para manter o ar quente dentro de casa, e parado sob a lamparina estava uma pessoa que ela reconheceu: Thorold, o criado de Lorde Asriel, com seu dimon-pinscher Anfang.

Com um gesto cansado, Lyra empurrou o capuz para trás.

— Quem... — Thorold começou, mas logo a reconheceu, e continuou: — Não é Lyra? A pequena Lyra? Estou sonhando?

Ele estendeu a mão para trás para abrir a porta interna.

Um salão com um fogo de carvão ardendo numa plataforma de pedra, a cálida luz de nafta brilhando nos tapetes, nas poltronas de couro, na madeira encerada... Lyra não via isso desde que deixara a Faculdade Jordan, e sentiu a garganta apertada.

A pantera branca, dimon de Lorde Asriel, rosnou.

Ali estava o pai de Lyra, seu rosto moreno e forte, a princípio intenso, triunfante e ansioso. E então a cor desapareceu; ele arregalou os olhos, horrorizado, ao reconhecer a filha.

— Não! Não!

Cambaleou para trás e se agarrou à prateleira sobre a lareira. Lyra não conseguia se mover.

— Saia! — Lorde Asriel gritou. — Dê meia-volta e saia, vá embora! *Não mandei buscá-la*!

Ela não conseguia falar. Por duas vezes abriu a boca e então conseguiu dizer:

— Não, não, eu vim porque...

Ele parecia apavorado; não parava de sacudir a cabeça e ergueu as mãos como se esse gesto pudesse fazê-la desaparecer. Ela não conseguia acreditar naquilo.

Deu um passo à frente para tranquilizá-lo, e Roger veio ficar ao seu lado, ansioso. Os seus dimons saíram voejando, e um momento depois Lorde Asriel passou a mão pela testa e se controlou um pouco. A cor começou a voltar ao seu rosto enquanto ele contemplava as duas crianças.

— Lyra — disse. — É *mesmo* Lyra?

— Sou, sim, tio Asriel — ela respondeu, achando que aquele não era o momento para falar de seu verdadeiro parentesco. — Vim lhe trazer o aletiômetro, da parte do Reitor da Jordan.

— Ah, sim, naturalmente — disse ele. — Quem é este aí?

— É Roger Parslow — ela explicou. — É ajudante de cozinha na Faculdade Jordan. Mas...

— Como foi que chegou aqui?

— Eu estava contando, Iorek Byrnison está lá fora, ele nos trouxe aqui. Veio comigo desde Trollesund, e nós enganamos Iofur...

— Quem é Iorek Byrnison?

— Um urso de armadura. Ele nos trouxe aqui.

— Thorold! — ele chamou. — Prepare um banho para esses dois e alguma comida. Depois eles vão precisar dormir. As roupas deles estão imundas; arranje alguma coisa para eles usarem. Faça isso agora, enquanto eu converso com esse urso.

Lyra sentiu a cabeça rodar. Talvez fosse o calor, talvez alívio. Ela observou o criado fazer uma reverência e sair do salão, e Lorde Asriel sair para o vestíbulo e fechar a porta atrás de si, e então ela se deixou cair na poltrona mais próxima.

Parecia que, no instante seguinte, Thorold estava falando com ela.

— Venha comigo, senhorita.

Ela se obrigou a levantar e foi com Roger para um banheiro aquecido, onde toalhas macias estavam penduradas num varal aquecido e uma banheira de água quente soltava vapor à luz de nafta.

— Vá você primeiro — disse Lyra. — Vou me sentar lá fora para conversarmos.

Então Roger, fazendo careta por causa da água quente, entrou na banheira e tomou banho. Eles tinham nadado sem roupa muitas vezes, brincando no Ísis ou no Cherwell com outras crianças, mas agora era diferente.

— Estou com medo do seu tio — disse Roger através da porta aberta. — Quer dizer, do seu pai.

— É melhor continuar chamando ele de meu tio. Eu também tenho medo dele, às vezes.

— Quando a gente entrou, ele não me viu. Só viu você. E ficou apavorado, até me ver. Então se acalmou de repente.

— Ele ficou chocado, só isso — disse Lyra. — Qualquer pessoa ficaria, vendo alguém que não esperava ver. A última vez que ele me viu foi depois daquele caso da Sala Privativa. Deve ter sido mesmo um choque.

— Não, foi mais que isso — Roger insistiu. — Ele estava olhando para mim como um lobo ou coisa assim.

— Você está imaginando coisas.

— Não estou. Tenho mais medo dele do que tinha da Sra. Coulter, a verdade é esta.

Enquanto ele jogava água em cima do corpo, Lyra pegou o aletiômetro.

— Quer que eu pergunte ao leitor de símbolos sobre isso? — perguntou.

— Bom, sei lá. Algumas coisas eu prefiro não saber. Parece que tudo que ouvi depois que os Gobblers chegaram em Oxford, tudo foi ruim. Tudo no futuro depois de cinco minutos tem sido ruim. Como agora, este banho está gostoso, e no futuro daqui a cinco minutos vai ter uma toalha quentinha. E enquanto eu me enxugo, vou pensar numa comida gostosa cinco minutos depois, mas só vou até aí. Depois de comer, talvez dentro de cinco minutos eu possa estar dormindo numa cama confortável. Mas depois disso, não sei, Lyra. Nós vimos coisas horríveis, não foi? E ainda vem mais, com certeza. Então acho melhor não saber o que está no futuro. Prefiro o presente.

— Está certo. Às vezes sinto isso também — disse ela em tom cansado.

Assim, embora ficasse com o aletiômetro na mão por mais algum tempo, era apenas como um amuleto; não mexeu nos ponteiros e não percebeu que o ponteiro grande se mexia. Pantalaimon observava em silêncio.

Depois que ambos tomaram banho e comeram pão com queijo, bebendo vinho com água quente, o criado Thorold disse:

— O menino deve ir para a cama. Vou mostrar o caminho. Srta. Lyra, Lorde Asriel pede que vá ao encontro dele na Biblioteca.

Lyra encontrou Lorde Asriel num aposento com janelas largas que davam para o mar congelado bem abaixo deles. Havia um fogo de carvão numa ampla lareira e uma lamparina a nafta com a chama bem baixa, de modo que havia poucos obstáculos entre os ocupantes da sala e a paisagem escura e estrelada lá fora. Lorde Asriel, reclinado numa grande poltrona a um lado da lareira, indicou que ela ocupasse a outra poltrona, de frente para ele.

— Seu amigo Iorek Byrnison está descansando lá fora — informou. — Ele prefere o frio.

— Ele lhe contou a luta com Iofur Raknison?

— Não com detalhes. Mas entendi que agora ele é o rei de Svalbard. Isso é verdade?

— Claro que é. Iorek nunca mente.

— Parece que ele se nomeou seu guardião...

— Não. John Faa disse a ele para tomar conta de mim, e ele está obedecendo. Está seguindo as ordens de John Faa.

— Como é que John Faa entrou nessa história?

— Eu lhe conto se o senhor me contar uma coisa — ela propôs. — O senhor é meu pai, não é?

— Sou. E daí?

— Daí que devia ter me contado antes. Não devia esconder esse tipo de coisa das pessoas, porque elas se sentem idiotas quando descobrem, e isso é crueldade. Que diferença faria se eu soubesse que era sua filha? O senhor podia ter me contado há muitos anos. Podia ter me contado e pedido para eu guardar segredo, e eu guardaria, pois mesmo sendo muito criança, eu teria feito isso se o senhor me pedisse. Eu teria tanto orgulho que nada arrancaria isso de mim, se o senhor me pedisse para guardar segredo. Mas o senhor não. Contou a outras pessoas, mas não a mim.

— Quem lhe contou?

— John Faa.

— Ele falou da sua mãe?

— Falou, sim.

— Então não resta muita coisa para eu contar. Acho que não quero ser interrogado e condenado por uma garota insolente. Quero saber o que você viu e fez na sua viagem para cá.

— Eu lhe trouxe o maldito aletiômetro, não trouxe? — Lyra explodiu. Estava quase chorando. — Cuidei dele desde que saí da Jordan, escondi bem escondido e me preocupei, passando por tudo que nos aconteceu. E aprendi como é que se usa e carreguei ele por todo o maldito caminho, quando podia simplesmente entregar ele e ficar em segurança, e o senhor nem diz obrigado, nem mostra qualquer sinal de estar feliz em me ver. Não sei por que resolvi fazer isso. Mas fiz, não desisti, mesmo no palácio fedorento de Iofur Raknison, com todos aqueles ursos me cercando, eu não desisti, sozinha, e enganei ele, fazendo ele lutar com Iorek para que eu pudesse vir até aqui por sua causa... E quando o *senhor* me viu, quase desmaiou, como se eu fosse alguma coisa horrível que o senhor nunca mais queria ver. O senhor não é humano, Lorde Asriel. Não é meu *pai*. Meu *pai* não me trataria assim. Os pais amam as filhas, não amam? O senhor não me ama, e eu não amo o senhor, e pronto. Eu amo Farder Coram, amo Iorek Byrnison. Amo um urso de armadura mais do que amo o meu pai. E aposto que Iorek Byrnison me ama mais que o senhor.

— Você mesma me disse que ele está só obedecendo ordens de John Faa. Se vai ficar sentimental, não vou perder meu tempo conversando com você.

— Então pegue o seu maldito aletiômetro, e eu vou voltar com Iorek.

— Para onde?

— Para o Palácio. Ele pode lutar contra a Sra. Coulter e o Conselho de Oblação quando eles aparecerem. Se ele perder, eu também vou morrer, mas não me importo. Se ele vencer, vamos mandar buscar Lee Scoresby, e eu vou embarcar no balão dele e...

— Quem é Lee Scoresby?

— Um aeróstata. Ele nos trouxe aqui e então caímos. Pronto, aqui está o aletiômetro. Está em perfeito estado.

Ele não fez menção de pegar o instrumento, então ela o colocou na grade de bronze que rodeava a frente da lareira.

— Bom, acho que é minha obrigação dizer que a Sra. Coulter está a caminho de Svalbard e assim que souber o que aconteceu a Iofur Raknison ela virá para cá. Num zepelim, com muitos soldados, e vão matar nós todos por ordem do Magisterium.

— Não vão nos alcançar — ele disse calmamente.

Estava tão calmo e relaxado que parte da raiva dela se desfez.

— O senhor não tem como saber — ela disse, meio em dúvida.

— Mas sei.

— Então tem outro aletiômetro?

— Não preciso de um aletiômetro para isso. Agora quero saber da sua viagem para cá, Lyra. Comece do princípio. Quero saber tudo.

Ela contou. Começou na noite em que se escondeu na Sala Privativa, depois falou no sequestro de Roger pelos Gobblers e o tempo que passou com a Sra. Coulter, e tudo que tinha acontecido.

Era uma longa história, e quando terminou, ela disse:

— Só tem uma coisa que eu quero saber, e acho que tenho esse direito, como tinha o direito de saber quem eu sou de verdade. E como não me contou aquilo, vai me contar isso como compensação. Pronto: o que é Pó? E por que todo mundo tem tanto medo dele?

Ele a encarou como se quisesse adivinhar se ela compreenderia o que ele ia dizer. Lyra pensou: ele nunca havia olhado seriamente para ela; até então tinha sido sempre como um adulto observando as gracinhas de uma criança. Mas parece que ele achou que ela estava pronta.

— Pó é o que faz o aletiômetro funcionar — disse.

— Ah... Achei que fosse mesmo! Que mais? Como foi que descobriram isso?

— De certo modo, a Igreja sempre soube. Durante séculos, eles vêm fazendo sermões sobre Pó, só que não usam este nome. Mas, há alguns anos, um moscovita chamado Boris Mikhailovitch Rusakov descobriu um novo tipo de partícula elementar. Você já ouviu falar em elétrons, fótons, neutrinos e o resto? Receberam o nome de partículas elementares porque não podem ser divididas: não há nada dentro delas além delas mesmas. Bem, esse novo tipo de partícula era realmente elementar, mas era muito difícil de ser medido porque não reagia de modo normal. A coisa mais difícil para Rusakov foi entender por que a nova partícula parecia se juntar onde havia seres humanos, como se fosse atraída por nós. E especialmente por adultos. Pelas crianças também, mas não tanto, até seus dimons fixarem sua forma. Durante os anos de puberdade, elas começam a atrair Pó com mais força, e ele pousa nelas como pousa nos adultos.

"Ora, todas as descobertas desse tipo, por terem influência nas doutrinas da Igreja, têm que ser anunciadas pelo Magisterium em Gênova. E essa descoberta de Rusakov era tão improvável e estranha que o Inspetor do Tribunal Consistorial de Disciplina suspeitou que Rusakov estivesse possuído pelo diabo. Fizeram um exorcismo no laboratório e interrogaram Rusakov segundo as regras da Inquisição, mas afinal tiveram que aceitar o fato de que ele não estava mentindo ou tentando enganá-los: o Pó realmente existia.

"Assim surgiu o problema de decidir o que era isso. E devido à natureza da Igreja só poderiam ter escolhido uma coisa: o Magisterium decidiu que o Pó era a evidência física do pecado original. Sabe o que é pecado original?"

Ela torceu os lábios. Era como estar de volta à Jordan, sendo sabatinada sobre alguma coisa que mal tinham lhe ensinado.

— Mais ou menos — respondeu.

— Não sabe, não. Vá até a prateleira atrás da escrivaninha e me traga a Bíblia.

Lyra obedeceu e entregou ao pai o grande livro de capa preta.

— Você se lembra da história de Adão e Eva?

— Claro. Ela não devia comer o fruto, mas foi tentada pela serpente e comeu.

— Que foi que aconteceu então?

— Hum... Eles foram expulsos. Deus expulsou os dois do paraíso.

— Deus tinha dito para eles não comerem o fruto, senão eles iam morrer. Eles estavam nus no paraíso, eram como crianças, seus dimons tinham a forma que desejassem ter. Mas ouça o que aconteceu.

Ele procurou o Capítulo Terceiro do Gênesis e leu:

"E a mulher disse à serpente: 'Nós comemos do fruto das árvores que estão no paraíso.

'*Mas do fruto da árvore que está no meio do paraíso Deus mandou que não o comêssemos, e nem o tocássemos, para que não suceda que morramos*.'

"*Porém a serpente disse à mulher: 'Vós de nenhum modo morrereis*.

'*Pois Deus sabe que, em qualquer dia que comerdes dele, os vossos olhos se abrirão, e vossos dimons assumirão suas formas verdadeiras, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal*.'

"*Viu, pois, a mulher que (o fruto da) árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e uma árvore desejável para revelar a forma verdadeira do dimon de alguém; e tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu*.

"*E os olhos de ambos se abriram; e eles viram a forma verdadeira de seus dimons*, *e falaram com eles*.

"Mas quando o homem e a mulher conheceram seus próprios dimons, viram que uma grande transformação neles se efetuara, pois até aquele momento parecia que eles eram como todas as criaturas da terra e do céu, e não havia diferença entre eles.

"*E eles enxergaram a diferença, e conheceram o bem e o mal; e envergonharam-se. E coseram folhas de figueira para cobrir sua nudez*..."

Ele fechou o livro.

— E foi assim que o pecado chegou ao mundo — disse. — O pecado, a vergonha e a morte. Ele surgiu no momento em que os dimons de Adão e Eva se tornaram imutáveis.

— Mas... — Lyra lutou para encontrar as palavras que queria. — Mas isso não é *verdade*, é? Não é como química ou engenharia, não é esse tipo de verdade, é? Adão e Eva nunca *existiram*, não é? O Catedrático de Cassington me disse que era só uma espécie de conto de fadas.

— A Cátedra de Cassington tradicionalmente é dada a um livre-pensador; a função dele é desafiar a fé dos Catedráticos. Naturalmente ele tinha que dizer isso. Mas pense em Adão e Eva como um número imaginário, como a raiz quadrada de menos um: a gente nunca vê uma prova concreta de que ele existe, mas quando incluímos esse número nas nossas equações, podemos calcular todo tipo de coisa que seria impossível imaginar sem ele. De qualquer maneira, essa história é o que a Igreja vem ensinando há milhares de anos. E quando Rusakov descobriu o Pó, finalmente havia uma prova física de que alguma coisa acontecia quando a inocência se transformava em experiência. Aliás, a Bíblia nos deu também o nome "Pó"; no princípio deram o nome de Partículas

de Rusakov, mas logo alguém observou um curioso versículo no final do Capítulo Terceiro do Gênesis, quando Deus amaldiçoa Adão por ter comido o fruto.

Ele tornou a abrir a Bíblia e mostrou a Lyra. Ela leu:

> *"Comerás o pão com o suor do teu rosto até que voltes à terra, de que foste tomado: porque tu és pó, e em pó te hás de tornar..."*

Lorde Asriel continuou:

— Os estudiosos da Igreja sempre ficaram confusos com a tradução desse versículo. Alguns dizem que não deveria ser "ao pó retornarás", mas sim "serás sujeito ao pó", e outros dizem que o versículo inteiro é uma espécie de trocadilho com as palavras "terra" e "pó", e que ele significa na verdade que Deus está admitindo que sua própria natureza é parcialmente pecaminosa. Não há um consenso; não se consegue chegar a uma conclusão, porque esse texto foi modificado. Mas a palavra servia bem demais, e é por isso que as partículas ficaram conhecidas como Pó.

— E quanto aos Gobblers? — Lyra quis saber.

— O Conselho Geral de Oblação... A quadrilha da sua mãe. Foi muita esperteza dela identificar a oportunidade de formar sua própria base de poder, mas ela é uma mulher esperta, como você já deve ter percebido. É vantajoso para o Magisterium permitir que floresça todo tipo de diferentes organizações. Podem jogar umas contra as outras; se uma der certo, podem fingir que a apoiaram o tempo todo, e se ela fracassar, eles podem fingir que era uma organização clandestina que nunca foi autorizada.

"Sabe, sua mãe sempre desejou o poder. No princípio, tentou conseguir poder pela maneira normal, por meio do casamento, mas isso não funcionou, como você deve ter ouvido contar. Então ela teve que recorrer à Igreja. Naturalmente ela não podia seguir o caminho que um homem seguiria, ser padre e subir na hierarquia da Igreja, então teve que fazer uma coisa alternativa: teve que criar sua própria ordem, seus próprios canais de influência, e trabalhar com isso. Foi uma boa jogada se especializar no Pó. Todo mundo tinha medo dele, ninguém sabia o que fazer; e quando ela se ofereceu para dirigir uma investigação, o Magisterium ficou tão aliviado que eles a apoiaram com dinheiro e recursos de todo tipo."

— Mas eles estavam *cortando*... — Lyra não conseguiu dizer o resto; as palavras ficaram bloqueadas em sua garganta. — O senhor sabe o que estavam fazendo! Por que a Igreja deixou que fizessem uma coisa como essa?

— Havia um precedente. Já ocorrera uma coisa parecida. Sabe o que significa a palavra *castração*? Significa remover os órgãos sexuais de um menino para que ele nunca desenvolva as características de um homem. Um castrado tem a voz fina pelo resto da vida, e é por isso que a Igreja permitia isso: era útil nos coros da Igreja. Alguns *castrati* se tornaram grandes cantores, artistas maravilhosos. Muitos se tornaram apenas meio-homens, balofos e temperamentais. Alguns morreram por causa da operação. Mas a Igreja não se importou com a ideia de um pequeno *corte*, entende? Havia um precedente. E agora seria muito mais *higiênico* do que os métodos antigos, quando não existia anestesia nem curativos esterilizados. Agora a operação seria muito mais suave.

— Não é, não! — Lyra exclamou com ferocidade. — Não é não!

— Não. Claro que não. É por isso que tiveram que se esconder no Extremo Norte, na distância e na escuridão. E por isso a Igreja ficou tão contente em ter alguém como a sua mãe tomando conta.

Quem iria imaginar tais coisas de uma mulher tão encantadora, tão bem relacionada, tão simpática e educada? Mas por se tratar de uma operação obscura e clandestina, ela era alguém que o Magisterium poderia negar conhecer, se fosse necessário.

— Mas de quem foi a ideia de fazer esse *corte*?

— Foi dela. Ela adivinhou que as duas coisas que acontecem na adolescência poderiam estar ligadas: a mudança no dimon e o fato de que o Pó começa a pousar. Talvez, se o dimon fosse separado do corpo, pudéssemos não ser sujeitos ao Pó, ao pecado original. A questão era se seria possível separar o dimon do corpo sem matar a pessoa. Mas ela viajou por muitos lugares e viu muitas coisas. Viajou pela África, por exemplo. Os africanos conseguem criar um escravo chamado *zumbi*. Ele não tem vontade própria; trabalha dia e noite sem fugir e sem reclamar. Parece um cadáver...

— É uma pessoa sem seu dimon!

— Exatamente. Assim, ela descobriu que *era* possível separar os dois.

— E... Tony Costa me contou sobre os fantasmas horríveis que existem nas florestas do Norte. Imagino que devem ser o mesmo tipo de coisa.

— Isso mesmo. De qualquer maneira, o Conselho Geral de Oblação cresceu por causa de ideias como esta e da obsessão da Igreja com o pecado original.

O dimon de Lorde Asriel vibrou as orelhas, e ele pousou a mão na bela cabeça do animal.

— Outra coisa acontecia quando faziam o corte, porém eles não perceberam — ele continuou. — A energia que liga o corpo ao dimon é imensamente poderosa; quando o corte é feito, toda essa energia se dissipa numa fração de segundo. Eles não perceberam, pois confundiram com choque, ou trauma, ou raiva, e treinaram para não sentir aquilo. Então deixaram de ver o que essa energia podia fazer e nunca pensaram em aproveitá-la...

Lyra não conseguia ficar quieta; levantou-se, caminhou até a janela e ficou contemplando a escuridão. Eles eram cruéis demais! Por mais que fosse importante descobrir sobre o pecado original, era crueldade demais o que tinham feito a Tony Makarios e todos os outros. Nada justificava isso.

— E o que o *senhor* estava fazendo? — ela perguntou. — Também cortou alguém?

— Estou interessado em coisa completamente diferente. Acho que o Conselho de Oblação não avança o suficiente; eu quero ir à própria fonte do Pó.

— À fonte? De onde ele vem, então?

— Do outro universo que conseguimos ver através da Aurora Boreal.

Lyra se virou outra vez para a sala. Seu pai estava recostado na poltrona, relaxado e poderoso, os olhos tão ferozes quanto os de seu dimon. Ela não o amava, não conseguia confiar nele, mas não podia deixar de admirá-lo, admirar o luxo extravagante que ele reunira naquela imensidão desolada, admirar o poder da ambição dele.

— O que é esse outro universo? — perguntou.

— Um dos incontáveis bilhões de mundos paralelos. As feiticeiras sabem sobre eles há séculos, mas os primeiros teólogos a provarem matematicamente a existência deles foram excomungados, há uns setenta anos ou mais. No entanto, é verdade; não há como negar.

"Mas ninguém pensava que um dia seria possível atravessar de um universo para outro. Isso violaria leis fundamentais, nós achávamos. Bem, estávamos errados. Aprendemos a enxergar o mundo lá em cima; ora, se a luz consegue atravessar, nós também conseguimos. E tivemos que *aprender* a enxergar esse outro mundo, Lyra, assim como você aprendeu a usar o aletiômetro.

“Ora, esse mundo e todos os outros universos surgiram como resultado da possibilidade. Veja o exemplo de jogar uma moeda para o alto: pode dar cara ou coroa, e antes que ela caia não sabemos como vai cair. Se der cara, isso significa que a possibilidade de dar coroa está destruída, mas até aquele momento as duas possibilidades eram iguais.

“Mas em outro mundo ela cai coroa. E quando isso acontece, os dois mundos se separam. Estou usando o exemplo de uma moeda para tornar a coisa mais simples. Na verdade, essas destruições de possibilidade acontecem do mesmo modo no nível das partículas elementares: em dado momento, várias coisas são possíveis; no momento seguinte, apenas uma acontece e o resto não existe. Porém surgiram outros mundos, onde elas *acontecem*.

“E eu pretendo ir a esse mundo por trás da Aurora Boreal, porque acho que é de lá que vem o Pó do nosso universo. Você viu aqueles slides que mostrei aos Catedráticos na Sala Privativa; viu o Pó jorrando neste mundo, vindo da Aurora Boreal. Você mesma viu aquela cidade. Se a luz pode atravessar a barreira entre os universos, se o Pó pode, se nós conseguimos ver aquela cidade, então podemos construir uma ponte e atravessar. É preciso uma descarga de energia fenomenal, mas tenho como fazer isso. Em algum lugar está a origem de todo o Pó, toda morte, pecado, miséria, destruição no mundo! Os seres humanos não conseguem ver qualquer coisa sem querer destruí-la, Lyra. *Este* é que é o pecado original. E eu vou acabar com ele. A morte vai morrer.”

— Foi por isso que prenderam o senhor aqui?

— É. Estão apavorados. E com razão.

Ele ficou de pé, imitado pelo seu próprio dimon — orgulhoso, lindo e letal. Lyra ficou imóvel. Tinha medo do pai, admirava-o profundamente e achava que ele estava inteiramente louco, mas quem era ela para julgar?

— Vá para a cama — ele ordenou. — Thorold vai lhe mostrar onde dormir.

Ele se virou para sair.

— O senhor está esquecendo o aletiômetro — ela avisou.

— Ah, é. Na verdade, não preciso mais dele. De qualquer maneira, não ia ser útil sem os livros. Sabe, acho que o Reitor da Jordan estava dando o aletiômetro para você. Ele pediu mesmo que você o trouxesse para mim?

— Sim, ora! — ela exclamou.

Mas parou para pensar e concluiu que, na verdade, o Reitor não tinha lhe pedido para fazer isso; ela imaginava que era o que ele pretendia.

— Não — corrigiu. — Não sei. Pensei que...

— Bem, eu não o quero. Ele é seu, Lyra.

— Mas...

— Boa noite, garota.

Sem palavras, admirada demais com isso para exprimir uma sequer das dezenas de perguntas que lhe enchiam a mente, ela pegou o aletiômetro e o embrulhou no veludo preto. Então sentou perto do fogo e ficou vendo Lorde Asriel se afastar.

22

A Traição



ELA despertou com um homem sacudindo seu braço. Então Pantalaimon acordou com um pulo e rosnou, e ela reconheceu Thorold. Ele segurava uma lamparina a nafta na mão trêmula.

— Senhorita, senhorita, levante depressa! Não sei o que fazer. Ele não deixou ordens. Acho que ele enlouqueceu.

— O quê? O que está havendo?

— Lorde Asriel, senhorita. Ele esteve quase delirando desde que a senhorita foi dormir. Nunca vi meu amo tão descontrolado. Arrumou muitos instrumentos e várias baterias num trenó, atrelou os cachorros e partiu. Mas levou o menino, senhorita!

— Roger? Ele levou o Roger?

— Ele me disse para acordar e vestir o menino, e nem pensei em perguntar nada, nunca fiz isso. O menino ficou perguntando pela senhorita, mas Lorde Asriel queria ele sozinho. Lembra quando a senhorita chegou? Quando ele viu quem era, não queria acreditar, e ficou mandando a senhorita ir embora?

A cabeça de Lyra estava tão cheia de pensamentos e temores que ela mal conseguia pensar.

— Sei! Sei! — afirmou.

— Era porque ele precisava de uma criança para terminar a experiência, senhorita! E Lorde Asriel tem um jeitinho todo especial de conseguir o que quer; é só pedir e...

Agora a cabeça de Lyra estava cheia de trovões, como se ela estivesse tentando evitar que certa informação chegasse ao seu consciente.

Tinha saído da cama e ia vestir suas roupas quando caiu no chão de repente. Um agudo grito de desespero a envolveu. O grito saíra dela, mas era maior do que ela; era como se o desespero é que estivesse gritando. Pois ela havia se lembrado das palavras dele: a energia que une o corpo ao dimon

é imensamente poderosa; e para servir de ponte entre os dois mundos era preciso *uma descarga de energia fenomenal...*

Ela acabava de perceber o que fizera.

Tinha lutado para chegar até ali para levar algo a Lorde Asriel, pensando saber o que ele queria; e não era o aletiômetro. Tudo que ele queria era uma criança.

E ela tinha levado Roger para ele!

Por isso ele tinha gritado quando viu Lyra: "Não mandei buscá-la!"; ele mandara buscar uma criança, e o destino lhe trouxera sua própria filha — era o que ele havia pensado, até ver Roger.

Ah, que angústia terrível! Ela pensava que estava *salvando* Roger e o tempo todo estava trabalhando para trair o amigo... Lyra estremecia, aos soluços. Aquilo não podia ser verdade!

Thorold tentou acalmá-la, mas não sabia o motivo para tanto sofrimento, e tudo que podia fazer era ficar dando uns tapinhas nervosos no ombro dela.

— Iorek... — ela soluçou, afastando o criado. — Onde está Iorek Byrnison? O urso? Ainda está lá fora?

O velho deu de ombros, sem saber responder.

— Me ajude! — ela pediu, tremendo de fraqueza e medo. — Traga meus agasalhos. Tenho que ir. *Agora! Rápido!*

Ele pousou a lamparina e fez o que ela pedia. Quando dava ordens naquele tom imperioso, ela ficava muito parecida com o pai, embora tivesse o rosto molhado de lágrimas e os lábios trêmulos. Enquanto Pantalaimon andava de um lado para outro sacudindo a cauda com força, a pelagem quase faiscando, Thorold correu para trazer as peles dela, rígidas e fedorentas, e ajudar Lyra a se agasalhar. Assim que todos os botões estavam fechados, ela correu para a porta, e sentiu o frio atingir sua garganta como uma espada e congelar as lágrimas em seu rosto.

— Iorek! — ela se pôs a gritar. — Iorek Byrnison! Venha, preciso de você!

Houve uma erupção de neve, um ruído de metal, e o urso apareceu a seu lado; estivera dormindo tranquilamente sob a neve que caía. Na luz da lamparina que Thorold segurava junto à janela, Lyra viu a cabeça comprida e sem rosto, as frestas escuras dos olhos, o brilho de pelos brancos sob o metal preto-avermelhado, e teve vontade de abraçá-lo, procurando consolo no elmo de ferro, na pele de pontas de gelo.

— Que foi? — ele perguntou.

— Temos que alcançar Lorde Asriel. Ele levou o Roger e vai... não consigo nem pensar nisso... Ah, Iorek, eu lhe imploro, temos que ir depressa, meu querido!

— Então vamos — ele retrucou.

Lyra saltou para as costas do urso. Não havia necessidade de perguntar o caminho; o rastro do trenó levava para a planície, e Iorek partiu no encalço dele. Seu movimento fazia agora parte de Lyra, de modo que se equilibrar havia se tornado uma coisa automática para ela. Ele corria mais depressa do que nunca pelo espesso manto de neve sobre o solo rochoso, e as placas da sua armadura roçavam umas nas outras num ritmo regular.

Atrás deles, os outros ursos vinham mais devagar, puxando o lançador de fogo. O caminho estava claro, pois a lua estava alta, e sua luz, derramando-se sobre o mundo nevado, era tão clara como tinha sido no balão: um mundo de prata brilhante e negrume total. O rastro do trenó de Lorde Asriel ia direto para uma serra de picos pontiagudos, formas aguçadas e estranhas que sobressaíam num céu tão negro quanto o veludo que embrulhava o aletiômetro. Não havia sinal do trenó — ou

havia um levíssimo movimento na encosta do pico mais alto? Lyra tentou enxergar, forçando os olhos, e Pantalaimon voou o mais alto que pôde para espiar com sua visão clara de coruja.

— É Lorde Asriel, sim, ele está chicoteando furiosamente os cães, e tem uma criança com ele...

Lyra sentiu Iorek Byrnison diminuir a velocidade; alguma coisa tinha chamado sua atenção. Ele erguia a cabeça, virando-a para a esquerda e para a direita.

— Que é? — ela quis saber.

Ele não disse. Estava escutando com atenção, mas ela nada conseguia ouvir. Mas então ouviu alguma coisa: um ruído misterioso e muito distante de coisa roçando e estalando. Era um som que ela já ouvira: o som da Aurora Boreal. Um véu de brilho tinha caído do nada e pendia cintilante no céu austral. Todos aqueles bilhões e trilhões de partículas carregadas invisíveis, e possivelmente também — ela pensou — de Pó, formavam uma radiância descendo da atmosfera superior. Nessa noite, a Aurora Boreal ia ser bem mais brilhante e extraordinária do que qualquer outra que Lyra já vira, como se soubesse do drama que se desenrolava lá embaixo e quisesse iluminá-lo com os mais impressionantes efeitos especiais.

Mas nenhum dos ursos estava olhando para cima: tinham a atenção voltada para a terra. Então não havia sido a Aurora que atraíra a atenção de Iorek! O urso agora estava imóvel, e Lyra escorregou das costas dele, sabendo que ele precisava de liberdade de movimentos para poder se orientar. Alguma coisa o preocupava.

Lyra olhou em volta e para trás, para a vastidão plana que levava à casa de Lorde Asriel, olhou para as montanhas que tinham atravessado mais cedo, e nada viu. A Aurora Boreal ficou mais intensa; os primeiros véus tremularam e deslizaram para um lado, e cortinas irregulares se dobraram e se desdobraram acima deles, aumentando em tamanho e brilho a cada minuto; espirais e arabescos se retorciam de um horizonte a outro, e tocavam o próprio zênite com arcos de luz. Ela escutava com mais clareza do que nunca o portentoso canto sibilado de vastas forças inalcançáveis.

— As feiticeiras! — exclamou uma voz de urso.

Lyra se virou, com alegria e alívio, mas um focinho pesado a empurrou pelas costas e a jogou no chão; sem fôlego para se levantar, a menina ficou caída, ofegante e trêmula, pois no lugar onde ela estivera de pé havia agora a pena verde de uma flecha; a ponta e o cabo estavam enterrados na neve.

"Impossível!", ela pensou, mas era verdade, pois outra flecha bateu ruidosamente na armadura de Iorek, que estava de pé acima dela.

Não eram as feiticeiras de Serafina Pekkala; eram de outro clã. Ficaram voando em círculos, mais de uma dúzia delas, dando rasantes para atirar uma flecha e tornando a subir depressa, e Lyra xingou muito, dizendo todos os palavrões que sabia.

Iorek Byrnison deu ordens rápidas. Era evidente que os ursos tinham prática em lutar contra feiticeiras, pois no mesmo instante eles se colocaram em posição defensiva, e as feiticeiras passaram ao ataque. Elas só conseguiam acertar no alvo se atirassem de perto, e para não desperdiçar flechas elas mergulhavam, atiravam a flecha e no mesmo instante subiam. Mas quando chegavam ao ponto mais baixo do mergulho, tendo as mãos ocupadas com o arco e a flecha, elas ficavam vulneráveis, e os ursos saltavam para o alto com as garras estendidas e puxavam as feiticeiras para o chão. Várias foram derrubadas assim, e logo liquidadas.

Lyra ficou abaixada junto a uma rocha, observando. Algumas feiticeiras atiraram nela, mas erraram o alvo; e então Lyra, olhando para cima, viu que a maior parte do grupo se destacava e ia embora.

Se ela ficou aliviada com isso, o alívio não durou mais que uns instantes: da direção que as feiticeiras tinham tomado vinham muitas outras, e com elas no céu havia um grupo de luzes brilhantes; e vindo do outro lado da planície de Svalbard, sob a radiância da Aurora Boreal, ela ouviu um som que abominava: o pulsar de um motor a gás. O zepelim estava chegando, trazendo a bordo a Sra. Coulter e sua tropa.

Iorek rosnou uma ordem e os ursos tomaram outra formação. Lyra ficou observando enquanto eles preparavam o lançador de fogo. A linha de frente da esquadrilha de feiticeiras também viu isso e a saraivada de flechas recomeçou, mas os ursos confiavam em suas armaduras e trabalharam depressa para montar o aparelho: um braço comprido que se estendia para o alto em ângulo e uma cuia com um metro de diâmetro; e um grande tanque de ferro coberto de fumaça e vapor.

Enquanto ela observava, surgiu uma labareda brilhante, e uma equipe de ursos bem treinados se pôs em ação. Dois deles baixaram o braço do lançador de fogo, outro jogou pás de fogo dentro da cuia e veio a ordem de disparo; o enxofre flamejante foi lançado para o céu escuro.

As feiticeiras estavam tão juntas no céu acima deles que três delas caíram no primeiro tiro, mas logo ficou claro que o verdadeiro alvo era o zepelim. O piloto nunca tinha visto um lançador de fogo, ou então subestimava o poder da arma, pois continuou voando diretamente para os ursos, sem subir ou se desviar.

Então eles entenderam que o zepelim também tinha uma arma poderosa: uma metralhadora montada no nariz da gôndola. Lyra viu centelhas voando da armadura de alguns ursos, e os viu se enrodilharem para se proteger, antes de ouvir o ruído das balas. Ela gritou com medo.

— Eles estão seguros — disse Iorek Byrnison. — Essas balas de brinquedo não conseguem furar uma armadura.

O lançador de fogo funcionou de novo: dessa vez uma massa de enxofre em chamas foi jogada para o alto e atingiu a gôndola, explodindo numa cascata de brasas. O zepelim fez uma curva para a esquerda e se afastou num grande arco antes de voltar para o grupo de ursos que trabalhavam depressa junto ao lançador de fogo. Enquanto o zepelim se aproximava, o braço da arma descia; a metralhadora cuspiu balas, e dois ursos caíram, arrancando um rugido baixo de Iorek Byrnison; quando a aeronave estava quase acima deles, um urso gritou uma ordem, e o braço do aparelho foi erguido.

Dessa vez, o enxofre foi lançado contra o balão de gás do zepelim. A estrutura rígida segurava uma cobertura de seda impermeabilizada que continha o hidrogênio, e, embora ela fosse suficientemente forte para resistir a pequenos golpes, o peso de toda aquela carga de mineral em chamas foi demais: a seda se rasgou de um lado a outro e o enxofre e o hidrogênio se encontraram, numa catástrofe de chamas.

No mesmo instante, a seda ficou transparente; todo o esqueleto do zepelim ficou visível, escuro contra o inferno vermelho e amarelo, e flutuou no ar pelo que parecia ser um tempo impossivelmente longo antes de cair devagar, quase com relutância. Pequenas figuras, escuras contra a neve e o fogo, saíram dele cambaleando ou correndo, e as feiticeiras desceram para ajudar a afastá-las das chamas. Em menos de um minuto, o zepelim tinha se tornado uma massa de metais retorcidos, fumaça e algumas chamas esparsas.

Mas os soldados a bordo, e os outros também (embora Lyra estivesse longe demais para identificar a Sra. Coulter, sabia que ela estava lá), não perderam tempo; com a ajuda das feiticeiras, eles arrastaram e armaram a metralhadora e continuaram o combate em terra firme.

— Vamos — disse Iorek. — Eles vão aguentar muito tempo.

Ele rugiu, e um grupo de ursos se destacou e atacou o flanco direito dos tártaros. Lyra sentia a vontade que ele tinha de estar lá também, mas os nervos dela gritavam para que partissem, e sua mente estava cheia de imagens de Roger e Lorde Asriel; e Iorek Byrnison sabia, pois deu as costas à luta e começou a subir a montanha, deixando seus ursos combatendo os tártaros.

Enquanto subiam, Lyra forçava os olhos para enxergar à frente, mas nem mesmo o olhar de coruja de Pantalaimon conseguia identificar qualquer movimento no flanco da montanha que eles estavam subindo. Mas as marcas do trenó de Lorde Asriel estavam claras, e Iorek as seguia rapidamente, saltando através da neve, fazendo-a subir atrás de si. O que acontecia atrás deles era exatamente isto: algo que havia ficado para trás. Lyra sentia que estava deixando o mundo para trás, de tão distante e decidida que estava, de tão alto que estavam subindo, de tão estranha e misteriosa era a luz que os banhava.

— Iorek, você vai encontrar Lee Scoresby?

— Vivo ou morto, vou encontrar.

— E se vir Serafina Pekkala...

— Eu conto a ela o que você fez.

— Obrigada, Iorek — ela disse.

Por algum tempo, ficaram em silêncio. Lyra entrou numa espécie de transe que não era dormir nem estar acordada, quase um estado de sonho consciente no qual ela sonhava que estava sendo carregada por ursos para uma cidade nas estrelas.

Ia contar isso a Iorek Byrnison quando ele parou.

— Os rastros continuam em frente, mas eu não posso — disse ele.

Lyra saltou para o chão e parou ao lado dele. Estavam de pé na beira de um abismo. Era difícil dizer se se tratava de uma fenda no gelo ou uma fissura na rocha, mas isso não fazia diferença. O que importava era que o precipício mergulhava na escuridão.

E o rastro do trenó de Lorde Asriel chegava até a borda... e ia em frente, por uma ponte de neve compactada.

Era evidente que a ponte tinha sentido o peso do trenó, pois havia nela uma rachadura junto à outra borda do abismo, e a superfície da ponte perto da rachadura tinha cedido quase meio metro. Poderia suportar o peso de uma criança, mas nunca o de um urso de armadura.

E o rastro de Lorde Asriel atravessava a ponte e subia a montanha do outro lado. Se Lyra continuasse, teria que ir sozinha. Ela falou para Iorek Byrnison:

— Tenho que atravessar. Obrigada por tudo que fez por mim. Não sei o que vai acontecer quando eu alcançar Lorde Asriel. Podemos morrer todos, mesmo que eu não chegue até lá. Mas se eu voltar, virei fazer uma visita para agradecer mais uma vez, Rei Iorek Byrnison.

Ela colocou a mão na cabeça dele, e ele assentiu delicadamente.

— Adeus, Lyra da Língua Mágica — disse.

Com o coração apertado e dolorido, ela colocou um pé na ponte. A neve estalou sob seu peso, e Pantalaimon voou para pousar na outra extremidade da ponte e encorajá-la a prosseguir. Ela deu um passo após outro, perguntando-se a cada passo se não seria melhor correr até o outro lado e dar um pulo para a margem ou ir devagar como estava fazendo, pisando de leve. Na metade do percurso, ela ouviu outro estalido da neve; perto de seus pés, um pedaço de gelo despencou no abismo, e a ponte cedeu mais alguns centímetros.

Ela ficou imóvel. Pantalaimon, em forma de leopardo, estava agachado, pronto para saltar e agarrá-la.

A ponte aguentou. Ela deu outro passo, mais outro, e então sentiu que alguma coisa cedia sob seus pés e saltou para a borda com toda a força que tinha. Aterrissou de barriga na neve e no mesmo instante a ponte inteira caía no abismo.

Pantalaimon tinha as garras cravadas nas peles do agasalho da menina.

Depois de um minuto, ela abriu os olhos e rastejou para longe da borda. Já não havia caminho de volta. Ela ficou de pé e levantou a mão para o urso que a observava. Iorek Byrnison ficou de pé nas patas traseiras para se despedir, e então desceu a montanha correndo, para ir ajudar seus guerreiros na batalha contra a Sra. Coulter e os soldados do zepelim.

Lyra estava sozinha.

23

A Ponte para as Estrelas



QUANDO o urso desapareceu de vista, Lyra sentiu que uma grande fraqueza a dominava, e às cegas tateou em busca de Pantalaimon.

— Ah, meu querido Pan, não posso continuar! Estou tão apavorada, tão cansada, viajei tanto, estou morrendo de medo! Queria que outra pessoa estivesse no meu lugar, eu juro!

O dimon se encostou ao pescoço dela, morno e reconfortante.

— Não sei o que fazer — Lyra soluçou. — É demais para nós, Pan, nós não vamos conseguir...

Ela se agarrou a ele, ninando-o e deixando os soluços ecoarem pela neve.

Pensava: mesmo se a... a Sra. Coulter chegasse primeiro, isso não ia salvar Roger. Ela levaria o menino para Bolvangar ou coisa pior, e me mataria por vingança...

— Por que eles *fazem* essas coisas, Pan? Será que todos eles odeiam tanto assim as crianças? Por quê?

Mas Pantalaimon não sabia responder; tudo que podia fazer era ficar bem grudado nela. Aos poucos, enquanto a tempestade de medo se acalmava, ela recuperou a confiança em si. Afinal, ela era Lyra! Podia estar com frio e com medo, mas era Lyra!

— Eu queria... — começou a dizer, mas parou; querer não levava a nada.

Com um último suspiro trêmulo, ela estava pronta para seguir em frente.

A essa altura, a lua morrera, e o céu ao sul estava profundamente escuro, embora milhões de estrelas ali brilhassem como diamantes no veludo. A Aurora Boreal, porém, brilhava cem vezes mais que elas. Lyra nunca a tinha visto tão brilhante e espetacular; a cada movimento, novos milagres de luz dançavam pelo céu. E por trás da inconstante cortina de luz, aquele outro mundo, a cidade iluminada pelo sol, aparecia, clara e sólida.

Quanto mais Lyra e Pantalaimon subiam, mais a terra árida se estendia abaixo deles. Ao norte estava o mar congelado, com rachaduras onde duas placas de gelo tinham colidido, mas, tirando isso, era plano e infinito, chegando até o próprio Polo e indo além dele, sem características, sem vida, sem cor, nu como Lyra jamais poderia ter imaginado. Para o leste e para o oeste, havia mais montanhas de picos altos e pontudos, as escarpas cobertas de neve e cortadas pelo vento em lâminas aguçadas como espadas. Para o sul, estava o caminho por onde tinham vindo, e Lyra olhou para trás com emoção, esperando ver seu querido amigo Iorek Byrnison e sua tropa; mas nada se movia na planície. Ela nem sequer podia ter certeza de estar enxergando os restos do zepelim ou a neve manchada de vermelho em volta dos cadáveres dos guerreiros.

Pantalaimon levantou voo e voltou para o pulso dela em forma de coruja.

— Estão logo atrás do pico! — disse. — Lorde Asriel preparou todos os seus instrumentos, e Roger não consegue fugir...

Enquanto ele falava, a Aurora Boreal piscou e perdeu intensidade, como uma lâmpada anbárica no fim do tempo de uso, e então *desapareceu* de vez. No escuro, porém, Lyra sentia a presença do Pó, pois o ar parecia cheio de más intenções, como formas de pensamentos ainda por nascer.

Na escuridão que a envolvia, ela ouviu uma voz infantil:

— Lyra! Lyra!

— Estou indo! — ela gritou de volta, e cambaleou para cima, caindo, levantando, lutando, já no final de suas forças, mas avançando sem parar através da neve que brilhava fantasmagoricamente.

— Lyra! Lyra!

— Estou quase chegando — ela ofegou. — Quase chegando, Roger!

Pantalaimon, em sua aflição, mudava de forma rapidamente: leão, arminho, águia, gato-do-mato, salamandra, coruja, leopardo, todas as formas que ele já havia tomado, um caleidoscópio de formas em meio ao Pó...

— *Lyra*!

Ela chegou ao topo e viu o que estava acontecendo.

A uns 50 metros de distância, Lorde Asriel estava torcendo juntos dois fios que levavam ao trenó tombado de lado, sobre o qual havia uma fila de baterias, vidros e peças de aparelhagem, já cobertos de cristais de gelo. Ele vestia peles grossas e tinha o rosto iluminado pela chama de uma lamparina de nafta. Deitado como a Esfinge ao lado dele estava seu dimon, movimentando a cauda preguiçosamente sobre a neve, a linda pelagem brilhando.

Em sua boca estava o dimon de Roger.

A pequena criatura lutava, arranhava, mordia, passando de pássaro a cachorro, depois gato, rato, outra vez pássaro, incessantemente chamando por Roger, a poucos metros de distância, também lutando, tentando dominar o pânico e a dor e gritando de sofrimento e de frio. Ele chamava o nome de seu dimon e chamava Lyra; ele correu e agarrou o braço de Lorde Asriel mas este o jogou longe. Ele tornou a tentar, chorando e implorando, mas Lorde Asriel o jogou no chão outra vez.

Estavam na beira de um abismo; atrás deles havia apenas trevas infinitas. Estavam mais de 300 metros acima do mar congelado.

Lyra enxergou tudo isso à luz das estrelas; mas então, enquanto Lorde Asriel ligava os fios de seus equipamentos, a Aurora Boreal surgiu outra vez, como a centelha de poder mortal que brinca entre dois terminais, só que nesse caso um deles tinha mais de mil quilômetros de altura e 30 mil de

comprimento. A Aurora Boreal mergulhava e crescia, ondulando, cintilando, uma gloriosa catarata de luz.

E era *controlada* por ele...

Ou então ele estava recebendo energia dela, pois havia um fio que saía de um imenso carretel no trenó e subia diretamente para o céu. Da escuridão surgiu um corvo, que Lyra identificou como o dimon de uma feiticeira. Havia uma feiticeira ajudando Lorde Asriel, e ela levara o fio para as alturas.

E a Aurora brilhava outra vez.

Ele estava quase pronto. Chamou Roger e o menino obedeceu, sacudindo a cabeça, implorando, chorando, mas sem nada poder fazer.

— Não! Fuja, correndo! — Lyra gritou, se lançando encosta abaixo.

Pantalaimon saltou sobre a pantera branca e arrancou o dimon de Roger dos dentes dela. O dimon-pantera saltou sobre ele, e Pantalaimon soltou o outro dimon; ambos, mudando de forma sem parar, voltaram e começaram a lutar com o enorme animal.

Stelmaria tentava atingi-los com suas garras afiadas, e seu rugido encobriu até mesmo os gritos de Lyra. As duas crianças também lutavam contra ele ou contra as formas no ar, aquelas más intenções que desciam pelos jorros de Pó...

E lá no alto a Aurora Boreal oscilava, e seu brilho iluminava ora um prédio, ora um lago, ora uma fila de palmeiras, tudo tão perto que dava a impressão de que se podia passar caminhando de um mundo ao outro.

Lyra deu um pulo e agarrou a mão de Roger, puxando-o com força. Os dois se desvencilharam de Lorde Asriel e correram de mãos dadas, mas Roger caiu e começou a se contorcer, pois a pantera tornara a capturar seu dimon; Lyra conhecia aquela dor e tentou parar...

Mas não conseguiram parar.

O rochedo estava deslizando debaixo deles.

Uma plataforma de neve, deslizando inexoravelmente para o abismo...

Para o mar congelado, centenas de metros abaixo deles...

— LYRA!

Coração pulsando, batendo angustiado junto com o de Roger... Mãos que a agarravam com força...

O corpo dele subitamente cambaleou sobre ela; e lá no alto, a maior maravilha. No momento em que ele caiu morto, o domo celeste, cravejado de estrelas, profundo, foi perfurado como se por uma lança.

Um jato de luz, um jato de pura energia liberada como uma flecha lançada por um arco imenso, disparou para cima. As cortinas de luz e cor que eram a Aurora Boreal se rasgaram com um som forte que chegou às extremidades do universo; havia terra seca no céu...

A luz do sol!

A luz do sol brilhando na pelagem de um macaco dourado...

Pois a descida da prateleira de neve havia cessado; talvez uma protuberância na encosta tivesse interrompido a queda. Lyra avistou, na neve remexida do topo da montanha, o macaco dourado surgir do ar ao lado da pantera e viu os dois dimons se eriçarem, fortes e atentos. O macaco tinha a cauda ereta, e a pantera balançava a dela de um lado para outro. Então o macaco estendeu a pata hesitantemente, a pantera baixou a cabeça em gracioso reconhecimento, os dois se tocaram...

E quando Lyra desviou o olhar deles, viu a própria Sra. Coulter presa nos braços de Lorde Asriel. A luz brincava em volta deles como raios e centelhas de intensa energia anbárica. Lyra, impotente, só podia imaginar o que tinha acontecido: a Sra. Coulter havia conseguido atravessar o abismo e chegar até ali...

Seu pai e sua mãe, juntos!

E num abraço apaixonado: uma coisa inimaginável.

Ela arregalou os olhos. O corpo de Roger estava morto em seus braços, imóvel, quieto, descansando. Ela ouviu os pais conversando. A mãe disse:

— Eles nunca vão permitir...

— Permitir? — o pai repetiu. — Nós já passamos da fase de *pedir permissão* como se fôssemos crianças. Eu tornei possível que qualquer um atravesse, se quiser.

— Eles vão proibir! Vão fechar a passagem e excomungar quem tentar!

— Vai ter gente demais querendo passar. Eles não vão conseguir impedir. Isso vai significar o fim da Igreja, Marisa, o fim do Magisterium, o fim de todos esses séculos de trevas! Olhe para aquela luz lá no alto: é o sol de outro mundo! Sinta o calor dele na sua pele, agora!

— Eles são mais poderosos que tudo, Asriel. Você não conhece...

— Eu não conheço? Ninguém no mundo conhece mais do que eu o poder da Igreja! Mas ela não é suficientemente poderosa para isso. De qualquer maneira, o Pó vai mudar tudo. Agora é impossível impedir.

— Era isso que você queria? Sufocar todos nós, matar todos nós com pecado e trevas?

— Eu queria me libertar, Marisa! E consegui. Olhe, veja as palmeiras balançando na praia! Está sentindo o vento? É o vento de um outro mundo! Sinta nos cabelos, no rosto...

Lorde Asriel afastou o capuz do rosto da Sra. Coulter e virou a cabeça dela para o céu, deslizando os dedos pelos cabelos dela. Lyra observava sem ousar mover um só músculo.

A mulher se agarrou a Lorde Asriel como se estivesse tonta e sacudiu a cabeça, aflita.

— Não, não... Eles estão vindo, Asriel. Sabem para onde eu vinha...

— Então venha comigo para fora deste mundo!

— Não tenho coragem...

— Você? Logo você, não tem *coragem*? Até sua filha viria. Sua filha teria coragem para qualquer coisa, envergonhando a mãe dela.

— Então vá com ela, e boa viagem. Ela é mais sua do que minha, Asriel.

— Não. Foi você quem a levou; tentou moldá-la. Naquela época, você a queria.

— Ela era rude demais, teimosa demais. Deixei passar tempo demais... Mas onde é que ela está? Segui as pegadas dela até aqui...

— Ainda quer ficar com ela? Duas vezes tentou prendê-la e duas vezes ela fugiu. Se eu fosse ela, ia sair correndo para não lhe dar uma terceira oportunidade.

As mãos dele, ainda segurando a cabeça dela, de repente ficaram tensas e a puxaram para ele num beijo apaixonado. Para Lyra aquilo parecia mais crueldade do que amor. Olhando para os dimons dos dois, viu uma cena estranha: a pantera tensa, agachada, com as garras sobre a carne do macaco dourado, e o macaco relaxado, feliz, cambaleando na neve.

A Sra. Coulter escapou do beijo e disse:

— Não, Asriel, meu lugar é neste mundo, não no outro...

— Venha comigo! — ele disse, em tom urgente e autoritário. — Venha trabalhar comigo!

— Você e eu não podemos trabalhar juntos.

— Não? Você e eu podemos desmontar o universo e tornar a montar, Marisa! Podemos encontrar a fonte do Pó e destruí-la para sempre! E você gostaria de fazer parte dessa grande obra, não minta. Pode mentir sobre todo o resto: sobre o Conselho de Oblação, sobre os seus amantes... Sim, eu sei de Boreal, e não me importo. Pode mentir sobre a Igreja, pode até mentir sobre a menina, mas não minta sobre o que realmente deseja...

E suas bocas novamente se uniram com um desejo avassalador. Seus dimons brincavam violentamente; a pantera se deitou de costas, e o macaco passou as garras na pele macia do pescoço dela, e ela ronronou de prazer.

— Se eu não for, você vai tentar me destruir — disse a Sra. Coulter, se desvencilhando.

— Por que eu iria querer destruir você? — perguntou ele, rindo, com a luz do outro mundo brilhando em volta da cabeça. — Se vier comigo, se trabalhar comigo, vou me preocupar com você; se ficar aqui, perderei todo o interesse. Não pense que vou me lembrar de você por um segundo que seja. Agora: ou fique, para fazer suas maldades neste mundo, ou venha comigo.

A Sra. Coulter hesitou; fechou os olhos e oscilou, como se fosse desmaiar; mas recuperou o equilíbrio e abriu os olhos, que mostravam uma tristeza bela e infinita.

— Não — disse. — Não vou.

Os dois dimons estavam novamente separados. Lorde Asriel baixou a mão e mergulhou os dedos fortes nos pelos da pantera; então se afastou sem dizer mais nada. O macaco dourado saltou para os braços da Sra. Coulter soltando pequenos gemidos de tristeza e estendendo os braços para a pantera que se afastava; o rosto da Sra. Coulter era uma máscara de lágrimas. Lyra as via brilhar: eram reais.

Então a mãe dela, chorando ainda, se afastou montanha abaixo, desaparecendo de vista. Lyra a observou friamente, depois ergueu os olhos para o céu. Nunca tinha visto tamanha maravilha.

A cidade ali flutuando, tão vazia e silenciosa, parecia recém-construída, à espera de ser ocupada, ou adormecida, à espera de ser despertada. O sol daquele mundo brilhava neste mundo, tornando douradas as mãos de Lyra, derretendo o gelo no capuz de pele de lobo que Roger estava usando, tornando transparentes as faces pálidas do menino, brilhando em seus olhos abertos e cegos.

Ela estava dilacerada de infelicidade. E de raiva, também. Poderia ter matado o pai; se pudesse arrancar o coração dele, teria feito isso, por causa do que ele fizera a Roger. E a ela: ele tinha mentido.

Ela ainda estava abraçada ao corpo de Roger. Pantalaimon dizia alguma coisa, mas ela estava com o cérebro em tumulto e não escutou até que ele enfiou suas garras de gato-do-mato na mão dela. Ela pestanejou.

— Que foi? — perguntou.

— O Pó! — ele disse.

— O que você está dizendo?

— O Pó. Ele vai encontrar e destruir a fonte do Pó, não é?

— Foi o que ele disse.

— E o Conselho de Oblação, a Igreja, Bolvangar, a Sra. Coulter e o resto, todos querem a mesma coisa, não é?

— É... Ou que ele pare de afetar as pessoas... Por quê?

— Porque se *eles* acham que o Pó é ruim, ele deve ser bom.

Ela não respondeu; uma onda de ansiedade crescia em seu peito. Pantalaimon continuou:

— Nós ouvimos todos falarem sobre o Pó, e eles têm muito medo dele, e sabe de uma coisa? Nós acabamos *acreditando* neles, mesmo vendo que tudo que faziam era errado, perverso e cruel... Pensamos que o Pó devia ser ruim, porque eles eram adultos e diziam isso. Mas e se não for? E se ele for...

Ela o interrompeu:

— É! E se na verdade ele for *bom*...

Lyra olhou para Pantalaimon e viu seus olhos verdes de gato-do-mato cintilarem. Sentiu uma vertigem, como se o mundo inteiro estivesse oscilando sob seus pés.

Se o Pó era uma coisa *boa*... Se fosse algo a ser procurado e valorizado...

— Nós também podemos procurar o Pó! — ela exclamou.

Era o que ele queria ouvir.

— Podemos encontrar antes dele e...

A grandiosidade daquela missão os silenciou. Lyra ergueu os olhos para o céu em chamas. Tinha consciência de como eram pequenos, ela e seu dimon, comparados com a majestade e a vastidão do universo; e de como sabiam pouco, em comparação com os profundos mistérios acima deles.

— Nós *podemos*, sim — Pantalaimon insistiu. — Chegamos até aqui, não foi? *Podemos* conseguir.

— Mas estávamos errados, Pan. Fizemos tudo errado com relação ao Roger. Achávamos que o estávamos ajudando... — Ela soluçou e beijou o rosto imóvel de Roger desajeitadamente, diversas vezes. — Entendemos tudo errado.

— Na próxima vez, checaremos tudo e formularemos todas as perguntas que pudermos imaginar. Faremos melhor da próxima vez.

— Nós estaremos sozinhos. Iorek Byrnison não vai estar lá para nos ajudar. Nem Farder Coram, nem Serafina Pekkala, ou Lee Scoresby, ninguém.

— Então só nós. Não importa. De qualquer maneira, não estamos sozinhos como...

Ela sabia que ele estava querendo dizer: "*Como Tony Makarios, como aqueles pobres dimons perdidos em Bolvangar; ainda somos um ser único; nós dois somos um só*."

— E temos o aletiômetro — ela completou. — É, acho que temos que fazer isso, Pan. Vamos subir lá e procurar o Pó, e quando encontrarmos, vamos saber o que fazer.

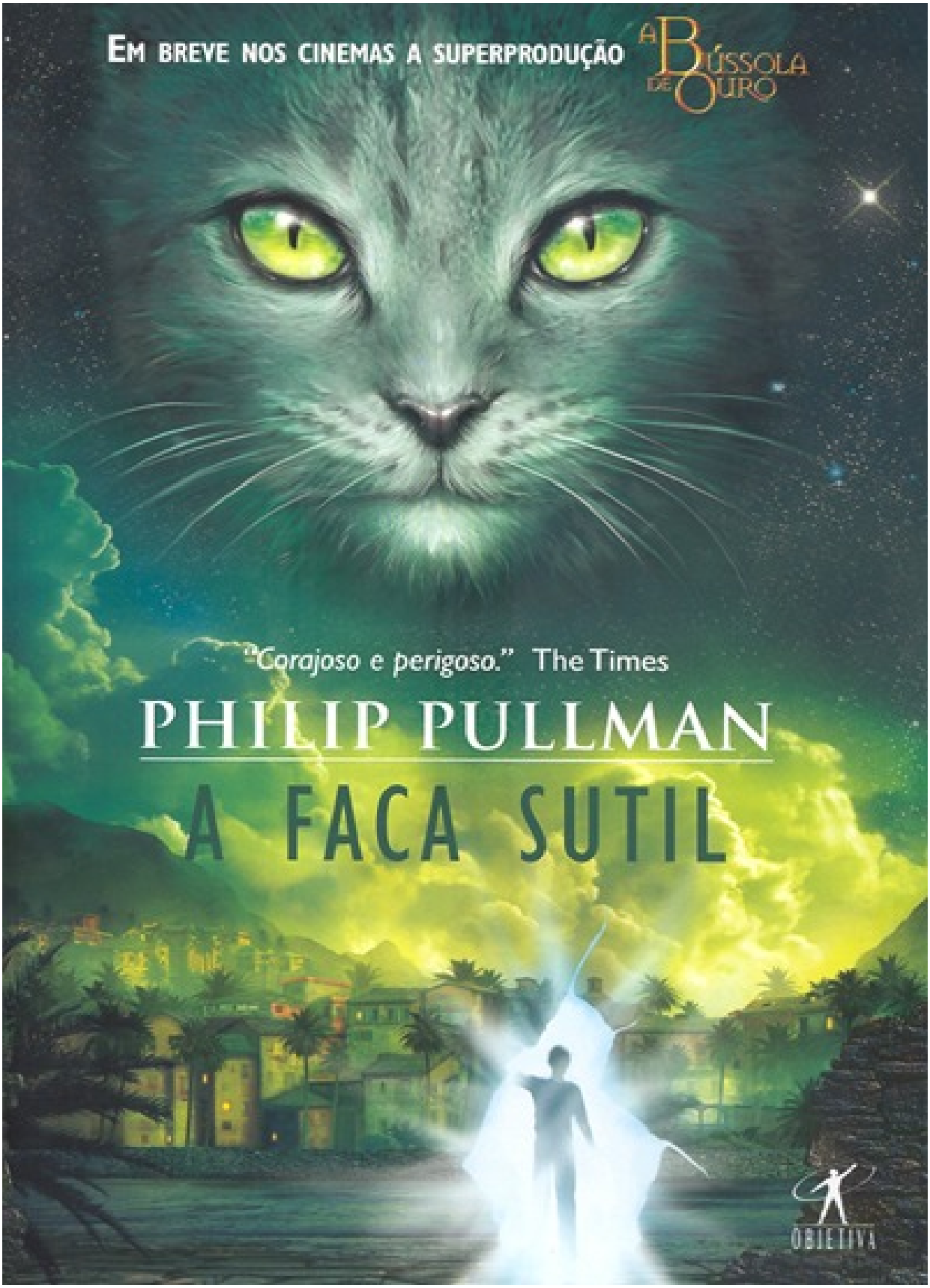
O corpo de Roger pendia imóvel nos braços dela. Ela o colocou no chão carinhosamente.

— E faremos — finalizou.

Ela se virou para o lado em que brilhava o sol. Atrás deles, ficavam a dor, a morte e o medo; à frente deles, a incerteza, o perigo e mistérios inimagináveis. Mas eles não estavam sozinhos.

Assim, Lyra e seu dimon deram as costas ao mundo em que nasceram, e caminharam para o céu.

Final do Livro Um


EM BREVE NOS CINEMAS A SUPERPRODUÇÃO
A BÚSSOLA DE OURO
"Corajoso e perigoso." The Times
PHILIP PULLMAN
A FACA SUTIL
OBJETIVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O mundo dos daemons e das aventuras assombrosas está de volta. Dessa vez, tudo começa quando o jovem Will mata um homem. Com apenas 12 anos, Will está sozinho e precisa fugir. Decidido, ele só tem uma coisa em mente - descobrir toda a verdade que encobre o desaparecimento de seu pai.

Num passe de mágica, Will atravessa uma janela no ar e penetra em outro mundo onde conhece Lyra - uma garota estranha e selvagem. Lyra também tem uma missão e juntos eles vão fazer de tudo para cumprir seus objetivos.

Só que Cittàgazze, o mundo onde Will e Lyra se encontram, é

assustador.

Espectros letais, devoradores de almas, percorrem as ruas, enquanto o rufar de asas de anjos distantes ecoa no céu. É aí, escondida na torre dos anjos, que se encontra a Faca Sutil - um poderoso talismã, capaz de cortar o nada e abrir brechas para outros mundos. Seres de todo o universo são capazes de qualquer coisa para conseguir essa arma.

Qualquer coisa... Até mesmo matar.

Ansiosamente esperado pelos leitores de A Bússola Dourada, este é o segundo volume da trilogia Fronteiras do Universo.

Se você gosta de aventuras aterrorizantes... Se você suporta emoções fortes... Se você está disposto a enfrentar um mundo terrivelmente perigoso, respire fundo e acompanhe Lyra e Will. Os espectros de Cittàgazze aguardam você.

Ansiosamente...

Philip Pullman é considerado um dos mais importantes escritores para jovens da atualidade.

Os dois primeiros livros da trilogia Fronteiras do Universo, grande sucesso de público e crítica, foram traduzidos para 18 línguas, e já são um clássico da literatura.

A Bússola Dourada recebeu a medalha *Carnegie*, o Prêmio de Ficção do *Guardian* e foi eleito o livro do ano na Grã-Bretanha em 1997. A Faca Sutil foi escolido como livro do ano no Reino Unido em 1997.

FRONTEIRAS DO UNIVERSO II

A FACA SUTIL

"Mais do que cumprir a promessa de A Bússola Dourada, este segundo volume da trilogia Fronteiras do Universo começa com um ritmo de acelerar o coração e em momento algum diminui esta velocidade (...) a grandiosa e exuberante narração da história com certeza irá fascinar leitores de todas as idades."

Publishers Weekly

"Em cada época, apenas uma vez surge um autor tão estraordinário, que é capaz de mexer com o imaginário de todas as gerações que vêm depois dele. Lewis Carrol, E. Nesbit, C. S. Lewis e Tolkien fazem parte deste elenco. Philip Pullman, com essa fantástica trilogia, vem juntar-se a esse grupo." *The New Statesman*

"A Faca Sutil é pura fantasia neste final do milênio - fantasia no sentido mais ambicioso e sério. Uma rara história contada por um grande mestre da criatividade."

Times Educational Supplement

"Anjos, bruxas e magia ficam lado a lado com a física, religião e filosofia nesta aventura de tirar o fôlego."

The Guardian

"Pullman deveria ser acorrentado ao seu teclado para terminar logo o volume três."

New Stateman & Society

Aguarde o próximo livro da série.

A faca sutil é a segunda parte de uma história em três volumes que teve início com A bússola dourada. Este volume movimenta-se entre três universos: o universo de A bússola dourada, que é semelhante ao nosso, porém com várias diferenças; o universo que conhecemos; e um terceiro universo, que apresenta ainda outras diferenças em relação ao nosso. **Sumário**

1. A Gata e os Carpinos 9

2. Entre as Bruxas 40

3. Um Mundo Infantil 69

4. A Trepanação 88

5. Papel de Carta Via Aérea 121

6. Os Voadores Luminosos 136

7. O Rolls Royce 168

8. A Torre dos Anjos 193

9. O Roubo 220

10. O Xamã 238

11. O Belvedere 255

12.A Linguagem da Tela 271

13. AESahaettr 290

14. A Ravina do Álamo 316

15.Musgo-Sangüíneo 348

1 - A GATA E OS CARPINOS

Will puxou a mãe pela mão, dizendo:

- Vamos, vamos...

Mas a mãe relutava, ainda estava com medo.

À luz do entardecer, Will perscrutou os dois lados da ruela estreita - um quarteirão pequeno, cada casa atrás de seu jardinzinho minúsculo e sua cercaviva, com o sol a refletir-se nas janelas de um lado, deixando o outro lado na sombra. Não tinham muito tempo; a essa hora, as pessoas certamente estariam à mesa, mas logo haveria outras crianças por ali, para prestar atenção, perceber, comentar. Era perigoso esperar mas, como sempre, a única coisa que ele podia fazer era tentar convencê-la.

- Mãe, vamos entrar e ver a Sra. Cooper - disse ele. - Olhe, é logo ali.

- A Sra. Cooper? - ela repetiu, em tom de dúvida.

Mas ele já estava tocando a sineta. Para isso teve que deixar a mala no chão, pois a outra mão ainda segurava a da mãe. Com 12 anos de idade, ele poderia até ficar envergonhado de ser visto segurando a mão da mamãe, mas sabia o que aconteceria se não fizesse isso.

A porta abriu-se e surgiu a figura idosa e encurvada da professora de piano, exalando cheiro de lavanda, como ele se lembrava.

- Quem é? É William? - perguntou a anciã. - Não vejo você há mais de um ano. Que é que você quer, meu filho?

- Quero entrar, por favor. Eu e a minha mãe - ele disse em tom firme. A Sra. Cooper olhou para a mulher de cabelos despenteados e um meio-sorriso aturdido, e para o menino com um brilho forte e infeliz nos olhos, lábios contraídos, queixo saliente. E percebeu então que a Sra. Parry, a mãe de Will, distraidamente colocara maquilagem num dos olhos, mas não no outro. E Will não tinha visto isso? Alguma coisa estava errada.

- Bem... - fez ela, pondo-se de lado para dar-lhes passagem no corredor estreito.

William olhou para os dois lados da rua antes de fechar a porta; a Sra. Cooper percebeu a força com que a Sra. Parry agarrava-se à mão do filho, e o carinho com que ele a levou para dentro da sala de estar onde ficava o piano (naturalmente, era o único aposento que ele conhecia) e ela percebeu também que as roupas da Sra. Parry tinham um leve odor de mofo, como se tivessem ficado tempo demais na máquina de lavar antes de serem postas a secar; e que os dois se pareciam muito, sentados no sofá, o sol vespertino caindo em cheio no rosto deles: as maçãs salientes, os olhos largos, as sobrancelhas retas e negras.

- Que foi, William? - perguntou a anciã. - Qual é o problema?

- Mamãe precisa de um lugar para ficar alguns dias - ele explicou. - No momento está muito difícil cuidar dela em casa. Não que ela esteja doente, está só meio confusa, e fica um pouco preocupada.

Não é difícil tomar conta dela. Ela só precisa de alguém que a trate com carinho, e acho que a senhora poderia fazer isso facilmente, com certeza.

A mulher olhava para o filho parecendo não entender, e a Sra. Cooper viu um arranhão no rosto dela. Will não tirara os olhos da Sra. Cooper, e sua expressão era de desespero.

- Ela não vai lhe dar despesa - ele prosseguiu. - Eu trouxe alguns pacotes de comida, acho que será suficiente. É para a senhora, também. Ela não vai se importar em dividir.

- Mas... Não sei se devo... Ela não precisa de um médico?

- Não! Ela não está doente.

- Mas deve haver alguém que possa... Quer dizer, não há um vizinho, ou alguém da família...

- Nós não temos família. Somos só nós dois. E os vizinhos são ocupados demais.

- E o serviço social? Não estou querendo enxotar você, filho, mas...

- Não, não. Ela só precisa de um pouco de cuidado. Não vou mais poder fazer isso, mas só por pouco tempo, não vou demorar. Tenho que... Tenho algumas coisas a fazer. Mas logo estarei de volta, e vou levar mamãe de novo para casa, prometo. A senhora não vai precisar cuidar dela por muito tempo.

A mãe olhava para o filho com tanta confiança, e ele voltou-se e sorriu para ela com tanto amor, transmitindo-lhe tanta segurança, que a Sra. Cooper não conseguiu negar.

- Bem, com certeza não será ruim, por um dia ou dois. - Voltou-se para a Sra. Parry: - Minha cara, pode ficar no quarto da minha filha, ela está na Austrália e não vai precisar dele.

- Obrigado - disse Will, pondo-se de pé como se estivesse com pressa de partir.

- Mas onde você estará? - perguntou a Sra. Cooper.

- Vou ficar com um amigo - ele disse. - Vou telefonar sempre que puder. Tenho o seu número. Vai dar tudo certo.

A mãe olhava para ele, confusa, Will inclinou-se para ela e beijou-a desajeitadamente.

- Não se preocupe - disse. - A Sra. Cooper vai cuidar da senhora melhor que eu, acredite. E amanhã eu telefono e falo com a senhora. Os dois se abraçaram com força, e então Will beijou-a novamente e com ternura retirou os braços dela de seu pescoço, antes de se encaminhar para a porta da rua. A Sra. Cooper notava que ele estava perturbado, pois tinha os olhos brilhantes, mas ele virou-se, lembrando-se das boas maneiras, e estendeu a mão.

- Adeus, e muito obrigado - disse.

- William, eu queria que você me contasse qual é o problema... - ela pediu.

- É um pouco complicado, mas ela não vai dar trabalho, eu prometo. Não fora isso que ela perguntara, e ambos sabiam mas, de um modo ou de outro, Will estava cuidando dos seus assuntos, fossem eles quais fossem. A anciã nunca tinha visto uma criança tão determinada. Ele virou-se, já pensando na casa vazia.

O beco onde Will e a mãe moravam era uma curva de estrada num loteamento moderno, com uma dúzia de casas idênticas, das quais a deles era, de longe, a mais modesta.

O jardim da frente era apenas um gramado cheio de ervas; no início do ano, a mãe tinha plantado algumas flores, mas elas secaram e morreram por falta de água. Quando Will dobrou a esquina, a gata Moxie saiu de seu local favorito, sob a única hortênsia que ainda

vivia, e espreguiçou-se antes de cumprimentá-lo com um miado baixo e esfregar a cabeça contra a perna dele. Ele pegou-a no colo e cochichou:

- Eles voltaram, Moxie? Você viu algum deles?

A casa estava silenciosa. Aproveitando os resquícios de luz do dia, o morador da casa em frente estava lavando o carro, mas não prestou atenção em Will, e o garoto não olhou para ele. Quanto menos as pessoas o percebessem, melhor.

Segurando Moxie junto ao peito, Will destrancou a porta e entrou rapidamente. Então ficou escutando com atenção, antes de soltar o animal. Não havia ruído algum, a casa estava vazia.

Abriu uma lata de comida para a gata e deixou-a comendo na cozinha. Quanto tempo até o homem voltar? Will não sabia, de modo que era melhor agir depressa. Subiu a escada e começou a busca.

Estava procurando um escrínio de couro verde, puído pelo tempo. Havia uma quantidade surpreendente de locais para esconder uma coisa daquele tamanho, mesmo numa casa moderna comum - não é preciso haver painéis secretos e porões enormes para dificultar a busca de alguma coisa. Will procurou primeiro no quarto da mãe, constrangido ao revistar as gavetas onde ela guardava as roupas íntimas, e depois vasculhou sistematicamente o resto dos quartos no andar de cima, inclusive o seu próprio. Moxie veio ver o que ele estava fazendo, sentou-se a um canto e pôs-se a lamber-se, fazendo-lhe companhia.

Mas ele não teve sucesso.

Quando escureceu, Will sentiu fome. Preparou uma porção de ervilhas com torradas e sentou-se à mesa da cozinha, estudando a melhor ordem para revistar os aposentos do andar térreo.

Estava terminando de comer quando o telefone tocou.

Ele ficou imóvel, o coração disparado. Contou: 26 toques até parar. Colocou o prato na pia e recomeçou a busca.

Quatro horas depois, ainda não tinha encontrado o escrínio de couro verde. Era uma e meia da manhã, e ele estava exausto. Deixou-se cair na cama vestido e adormeceu de imediato, teve sonhos tumultuados e cheios de gente, o rosto infeliz e assustado da mãe sempre presente, mas fora do seu alcance.

E quase no mesmo instante, ao que parecia (embora tivesse dormido quase três horas), ele despertou tomando consciência de duas coisas ao mesmo tempo.

A primeira: sabia onde o escrínio estava escondido. A segunda: sabia que os homens estavam lá embaixo, abrindo a porta da cozinha. Ergueu Moxie para fora do seu caminho e com delicadeza silenciou seu protesto sonolento. Depois sentou-se na cama e calçou os sapatos, forçando cada nervo para ouvir os ruídos do térreo - ruídos bastante abafados: uma cadeira erguida e recolocada no chão, um cochicho breve, o ranger de uma tábua do assoalho.

Movendo-se com menos ruído do que eles, o menino saiu do quarto e foi pé ante pé até o quarto de guardados no alto da escada. A escuridão não era total e, à luz cinzenta e fantasmagórica de antes do amanhecer, ele avistou a velha máquina de costura de pedal. Tinha revistado o quarto algumas horas antes, mas esquecera-se do compartimento na lateral da máquina, onde ficavam guardadas agulhas e carretilhas.

Tateou cuidadosamente, sem deixar de escutar. Os homens moviamse no andar térreo, e Will via, pela fresta da porta, uma luz fraca que poderia ser uma lanterna.

Então encontrou o fecho do compartimento e abriu-o com um estalido; lá dentro, como ele sabia, estava o escrínio de couro.

E agora, que poderia fazer?

No momento, nada. Agachou-se na penumbra, o coração disparado, escutando atentamente.

Os dois homens estavam no corredor de entrada. Ele ouviu um deles dizer baixinho:

- Vamos, estou ouvindo o leiteiro entrar na outra rua.

- Mas o negócio não está aqui, vamos ter que procurar lá em cima disse a outra voz.

- Então vá logo. Não perca tempo.

Will retesou-se ao ouvir o estalido baixo do degrau superior. O homem procurava não fazer ruído, mas não pôde evitar o estalido porque não sabia dele. Então houve uma pausa. Will viu por baixo da porta o facho muito estreito da lanterna varrer o chão do lado de fora.

Então a porta começou a mover-se. Will esperou até o homem estar emoldurado pela porta aberta, e então saltou da escuridão e jogou-se contra o estômago do intruso.

Mas nenhum dos dois viu a gata.

Quando o homem chegara ao último degrau, Moxie saíra silenciosamente do quarto e ficara parada, com a cauda erguida, logo atrás das pernas dele, pronta para esfregar-se nelas.

O homem poderia ter dado cabo de Will, pois era grande, forte e treinado, mas a gata estava no seu caminho e ele tropeçou no animal quando tentou retroceder e com um grito abafado caiu de costas escada abaixo, batendo a cabeça brutalmente contra a mesa do saguão.

Will escutou um estalo horrível mas não parou para pensar nisso: desceu a escada num salto, passando por cima do corpo que se contorcia, agarrou a sacola de compras que estava sobre a mesa e

saiu pela porta da frente, fugindo antes que o outro homem pudesse fazer algo mais do que surgir à porta da sala de estar.

Mesmo com medo e pressa Will ficou pensando por que o outro homem não gritara ou saíra atrás dele. Mas logo estariam à sua procura com seus carros e seus telefones celulares. A única coisa a fazer era correr. Viu o leiteiro entrar no beco, os faróis de seu carro elétrico pálidos ao brilho da aurora que já enchia o céu. Will pulou o muro para o jardim vizinho, desceu o corredor ao lado da casa, pulou o muro oposto, cruzou um gramado molhado de orvalho, atravessou a cerca-viva e entrou no emaranhado de árvores e moitas que ficava entre o loteamento e a rua principal; lá, rastejou para debaixo de uma touceira e ficou deitado, ofegante e trêmulo. Era cedo demais para ir para a rua: melhor esperar até mais tarde, quando começasse o movimento matinal.

Não conseguia tirar do pensamento o estalo produzido pela cabeça do homem batendo na mesa, e o modo como o pescoço dele estava torcido, tão estranho, e os horrendos espasmos das pernas. O homem estava morto. Ele o tinha matado.

Não conseguia tirar isso da cabeça, mas precisava. Havia muita coisa em que pensar. Sua mãe: ela estaria realmente segura onde estava? A Sra. Cooper não iria contar, iria? Mesmo se Will não voltasse como tinha prometido? Porque poderia não voltar, agora que tinha matado alguém. E Moxie. Quem daria comida a ela? Moxie ficaria preocupada com ele e a mãe? Tentaria ir atrás dele?

Estava ficando mais claro a cada minuto. Já havia luz suficiente para ele verificar as coisas na sacola de compras: a bolsa da mãe, a última carta do advogado, o mapa do Sul da Inglaterra, barras de chocolate, pasta de dente, meias e calças.

E o escrínio de couro verde.

Estava tudo ali. Na realidade, estava tudo saindo conforme planejado. A não ser uma coisa: ele tinha matado uma pessoa.

Will tinha sete anos de idade quando percebeu que sua mãe era diferente e que ele tinha que tomar conta dela. Estavam num supermercado, e faziam uma brincadeira: só podiam colocar alguma coisa no carrinho quando ninguém estivesse olhando. A função de Will era olhar em volta e cochichar

"Agora!", e ela então pegava depressa uma lata ou um pacote na prateleira e colocava no carro. Com a mercadoria dentro do carrinho, eles estavam seguros, porque ficavam invisíveis.

Era uma boa brincadeira, e durou um bom tempo, pois era uma manhã

de sábado e o mercado estava cheio, mas eles eram bons nisso e juntos trabalhavam bem. Confiavam um no outro. Will amava muito a mãe e sempre lhe dizia isso, e ela dizia a mesma coisa a ele.

De modo que quando chegaram à caixa registradora Will estava excitado e feliz porque quase tinham vencido. E quando a mãe não conseguiu encontrar a bolsa, isso também fazia parte da brincadeira, mesmo quando ela disse que os inimigos a tinham roubado, mas a essa altura Will estava ficando cansado, e faminto também, e a mãe já não estava tão feliz - ela estava realmente assustada, e os dois ficaram dando voltas no mercado, recolocando todas as mercadorias nas prateleiras, mas dessa vez tiveram que ter ainda mais cuidado, porque os inimigos estavam no rastro dela através dos números do cartão de crédito, que eles conheciam, pois estavam com a bolsa dela... E Will ficava cada vez mais amedrontado. Percebia a esperteza da mãe ao fazer do perigo real uma brincadeira, para que ele não ficasse assustado, e via também que, agora que sabia a verdade, precisava fingir não estar com medo, para que ela ficasse tranqüila.

De modo que o menininho fingiu que ainda era uma brincadeira, para que ela não tivesse que se preocupar com o medo dele, e os dois foram para casa sem as compras, mas a salvo dos inimigos; e então Will encontrou a bolsa na mesa do corredor de entrada. Na segunda-feira foram ao banco e fecharam a conta dela, e abriram

uma nova em outro lugar, só para terem certeza. E assim o perigo passou.

Mas ao longo dos meses seguintes Will percebeu, lentamente e a contragosto, que aqueles inimigos de sua mãe não estavam no mundo lá fora, mas dentro da mente dela. Isso não os tornava menos reais, nem menos assustadores ou perigosos, significava apenas que ele teria que protegê-la ainda mais.

E desde o instante, no supermercado, em que ele percebeu que devia fingir para não preocupá-la, parte da sua mente estava sempre alerta à

ansiedade dela. Will amava tanto a mãe, que morreria para protegê-la. Quanto ao seu pai, ele desaparecera muito antes de Will ter capacidade para lembrar-se dele. Will tinha a respeito do pai uma curiosidade apaixonada, e costumava encher a mãe de perguntas que na maioria ela não sabia responder.

- Ele era rico?

- Para onde ele foi?

- Por que ele foi?

- Ele está morto?

- Ele vai voltar?

- Como ele era?

Essa última era a única pergunta a que ela sabia responder. John Parry tinha sido um homem bonito, um oficial da Marinha Real corajoso e inteligente, que deixou a carreira militar para tornar-se explorador e guiar expedições a regiões remotas do mundo. Will adorou saber disso: nenhum pai poderia ser mais empolgante do que um explorador. Daí em diante, em todas as suas brincadeiras ele tinha um companheiro invisível: ele e o pai estavam juntos

abrindo uma picada na mata, ou no convés de sua escuna protegendo os olhos com a mão para observar o mar revolto, ou erguendo uma lanterna para decifrar inscrições misteriosas numa caverna infestada de morcegos... Eram os melhores amigos, salvaram a vida um do outro inúmeras vezes, riam e conversavam junto à fogueira até tarde da noite. Mas ao ficar mais velho Will começou a questionar. Por que não havia retratos de seu pai nessa ou naquela parte do mundo, com homens de barba de gelo em trenós no Ártico ou estudando ruínas cobertas pelo mato na selva?

Nada sobrevivera dos troféus e das curiosidades que ele certamente tinha trazido para casa? Não havia um só livro que falasse dele?

A mãe não sabia. Mas uma coisa que ela costumava dizer ficou guardada para sempre na mente dele:

- Um dia você vai seguir os passos do seu pai. Você também vai ser um grande homem. Vai levar o manto dele.

E embora Will não soubesse o que isso significava, entendia o sentido, e sentia-se cheio de orgulho e propósito: todas as suas brincadeiras iam se tornar realidade. O pai estava vivo, perdido em algum lugar, e ele ia salvá-lo e levar o manto dele...

Valia a pena viver uma vida difícil, quando se tinha um propósito grandioso como esse.

De modo que ele guardou em segredo o problema da mãe.

Havia ocasiões em que ela ficava mais calma e mais lúcida, e ele tratava de aprender com ela como fazer compras, cozinhar e manter a casa limpa, para poder fazer essas coisas nos períodos em que ela estava confusa e assustada. E aprendeu também a esconder-se, passar despercebido na escola; não atrair a atenção dos vizinhos, mesmo quando a mãe se encontrava num tal estado de medo e loucura que mal conseguia falar. O que o próprio Will temia mais do que tudo era que as autoridades descobrissem sobre ela e a levassem embora, e o colocassem num lar adotivo entre pessoas

desconhecidas. Qualquer dificuldade era melhor que isso.

Porque havia ocasiões em que as trevas abandonavam a mente da Sra. Parry e ela ficava outra vez feliz, ria dos próprios temores e o abençoava por cuidar dela tão bem e era tão cheia de amor e carinho que ele não podia imaginar uma companhia melhor, e nada mais desejava senão viver só com ela para sempre.

Mas então apareceram aqueles homens.

Não eram da polícia, não eram do serviço social e não eram criminosos - pelo menos pelo que Will podia julgar.

Não lhe disseram o que queriam, apesar dos esforços dele para afastá-los, só falariam com a mãe dele. E nessa ocasião o estado dela era de fragilidade.

Mas o garoto escutou atrás da porta e ouviu-os perguntar pelo pai dele, e sentiu a respiração acelerar-se.

Os homens queriam saber aonde John Parry tinha ido, e se tinha mandado alguma coisa para ela, e quando ela tivera notícias dele pela última vez, e se ele fizera algum contato com qualquer embaixada estrangeira. Will percebeu que a mãe ficava cada vez mais perturbada, e finalmente ele irrompeu na sala e mandou-os embora.

Will parecia tão feroz que nenhum dos dois homens riu, embora ele fosse tão jovem. Podiam simplesmente tê-lo derrubado, ou prendido seu corpo no chão com uma das mãos, mas ele era destemido e sua raiva era ardente e mortal.

Eles foram embora. Naturalmente esse episódio fortaleceu a convicção de Will: seu pai estava com problemas, e só ele poderia ajudar. Suas brincadeiras já não eram infantis, e ele não brincava tão às claras. A fantasia estava virando realidade, e ele teria que se mostrar à altura. Não muito depois, os homens voltaram, insistindo que a mãe de Will tinha algo a revelar. Vieram quando Will estava

na escola, e um deles ficou conversando com ela no andar térreo enquanto o outro revistava os quartos de dormir. Ela não percebeu o que estavam fazendo. Mas Will voltou para casa mais cedo e os encontrou lá, e mais uma vez brigou com eles, e mais uma vez eles partiram.

Pareciam saber que ele não procuraria a polícia, por medo de perder a mãe para as autoridades, e ficaram cada vez mais insistentes. Finalmente arrombaram a porta e entraram na casa quando Will tinha saído para buscar a mãe no parque: ela estava pior agora, e acreditava que tinha que tocar em cada tábua de cada banco junto ao laguinho. Will resolveu ajudá-la, para acabar logo com aquilo. Quando chegavam perto de casa, avistaram a traseira do carro dos homens saindo do beco, e ao entrar ele viu que tinham revistado a casa toda, remexendo na maioria das gavetas e dos armários. Sabia o que eles estavam procurando. O escrínio de couro verde era o objeto mais precioso que sua mãe possuía e ele jamais sonharia em abri-lo, nem sequer sabia onde ela o guardava, mas sabia que ele continha cartas, e sabia que ela as lia às vezes, e chorava, e era então que ela falava sobre o pai dele. De modo que Will imaginava que era isso que os homens procuravam, e concluiu que tinha que fazer alguma coisa.

Decidiu que primeiro encontraria um lugar seguro para a mãe ficar. Pensou e tornou a pensar, mas não tinha amigos a quem pedir, e os vizinhos já

suspeitavam; a única pessoa que ele achava digna de confiança era a Sra. Cooper. Uma vez que a mãe estivesse em segurança lá, ele iria encontrar o escrínio de couro verde, ver o que ele continha, e depois iria para Oxford, onde encontraria resposta para algumas das suas perguntas.

Mas os homens voltaram cedo demais.

E agora ele tinha matado um deles.

De modo que a polícia também estaria atrás dele.

Ora, Will sabia como passar despercebido. Teria que passar mais despercebido do que jamais passara em toda a sua vida, e continuar assim pelo tempo que fosse possível, até encontrar o pai ou até que eles o encontrassem. E se o encontrassem antes, ele não se importaria em matar quantos fosse necessário.

No final desse mesmo dia, já perto da meia-noite, Will estava saindo a pé da cidade de Oxford, a 65 quilômetros de distância da sua casa. Estava exausto, tinha viajado de carona, de ônibus (dois) e a pé, e eram seis da tarde quando chegara a Oxford, tarde demais para fazer o que ele precisava fazer, então comeu no Burger King e foi refugiar-se num cinema (embora não tivesse conseguido prestar a menor atenção ao filme), e agora estava caminhando por uma rua infindável, atravessando os subúrbios na direção norte. Até então ninguém o tinha notado. Mas ele sabia que era melhor encontrar logo um lugar para dormir, pois quanto mais tarde ficasse, mais conspícuo ele se tornaria. O problema era que não havia onde se esconder nos jardins das casas confortáveis ao longo dessa rua, e ainda não havia sinal do campo aberto.

Chegou a um trevo largo, um grande entroncamento onde a rua que ele percorria rumo ao norte cruzava com a via de acesso a Oxford, esta na direção leste-oeste. A essa hora da noite havia pouco tráfego, e a rua onde ele se encontrava era tranqüila, com casas confortáveis, cercadas de arbustos e separadas da calçada, nos dois lados da rua, por um extenso gramado. Plantadas ao longo do gramado, quase na beira da calçada, havia duas fileiras de carpinos, árvores de aparência estranha, de copas muito densas e perfeitamente simétricas, mais parecidas com desenhos infantis do que com árvores de verdade, a luz dos postes da rua dava-lhes uma aparência artificial, como um cenário montado. Will estava entorpecido de cansaço, e poderia ter seguido para o norte ou se deitado no gramado para dormir sob uma daquelas árvores, mas enquanto estava parado, tentando clarear a mente, ele viu um gato.

Era uma fêmea, como Moxie, surgiu de um jardim na calçada onde Will estava. Will colocou a sacola no chão e estendeu a mão, e a

gata aproximouse e esfregou a cabeça nos dedos dele, exatamente como Moxie fazia. Naturalmente todos os gatos faziam isso, mas mesmo assim Will sentiu uma vontade tão grande de voltar para casa que seus olhos encheram-se de lágrimas.

Finalmente a gata deu-lhe as costas, era noite, e havia um território para patrulhar, ratos para caçar. Ela atravessou a rua e o gramado até chegar aos carpinos, e ali estacou.

Will, ainda a observá-la, viu que o animal se comportava de maneira curiosa.

A gata estendeu uma pata para tatear alguma coisa no ar à sua frente, algo invisível para Will. Depois saltou para trás, as costas arqueadas e os pêlos eriçados, a cauda rígida no ar.

Will conhecia o comportamento felino, observou com mais atenção enquanto a gata tornava a se aproximar do local - um trecho de gramado entre as árvores e os arbustos de uma cerca de jardim - e mais uma vez tateou no ar.

Novamente saltou para trás, mas dessa vez com muito menos sobressalto. Depois de mais alguns segundos farejando, tateando e fremindo os bigodes, a curiosidade venceu o medo.

A gata avançou alguns passos e desapareceu.

Will pestanejou. Então ficou imóvel, grudado ao tronco da árvore mais próxima, enquanto um caminhão virava a esquina e seus faróis deslizavam sobre ele. Depois que o caminhão passou, ele atravessou a rua, olhos postos no local onde a gata estivera. Não era fácil, pois nada havia para marcar o lugar, mas quando chegou lá e olhou em volta com atenção ele viu. Pelo menos de alguns ângulos. Era como se alguém tivesse cortado um pedaço do ar a uns dois metros da calçada, um pedaço que formava um quadrado grosseiro com menos de um metro de lado. Para quem estivesse vendo pelo lado, ele ficava quase invisível, e por trás era totalmente invisível, só podia ser visto pelo lado mais perto da calçada, e

mesmo assim com dificuldade, pois tudo que se podia ver através dele era exatamente o mesmo tipo de coisa que havia na frente dele deste lado: um trecho de gramado iluminado por um poste de rua.

Mas Will sabia, sem sombra de dúvida, que aquele gramado do outro lado ficava em outro mundo.

Não sabia por que, mas sabia, como sabia que o fogo queimava e que a bondade era boa: estava olhando para alguma coisa inteiramente alienígena. E apenas por esse motivo ele se inclinou e olhou mais para dentro. O que viu fez sua cabeça girar e o coração bater com mais força, mas ele não hesitou: jogou para dentro a sacola e passou ele mesmo através do buraco no tecido deste mundo, para dentro de outro mundo.

Encontrou-se sob uma fileira de árvores. Mas não eram carpinos: eram palmeiras altas, que, como as árvores em Oxford, cresciam numa fileira ao longo do gramado. Mas a rua ali era uma avenida larga, tendo num dos lados uma fileira de cafés e lojinhas, portas abertas, tudo muito iluminado, e tudo inteiramente silencioso e deserto sob um céu pesado de estrelas. A noite quente trazia o perfume de flores e o cheiro salgado do mar. Will olhou em volta cuidadosamente. Atrás dele a lua cheia brilhava sobre uma paisagem distante de grandes montes verdes, e nas encostas dos morros havia casas com ricos jardins e um parque aberto, com pequenos bosques e o brilho alvo de um templo clássico.

Logo atrás dele ficava o recorte no ar, tão difícil de distinguir deste lado quanto do outro, mas definitivamente real. Ele se inclinou para olhar através dele e viu a rua em Oxford, no seu próprio mundo. Virou-se com um estremecimento: fosse o que fosse esse outro mundo, tinha que ser melhor do que aquele que ele acabava de deixar. Com um início de vertigem, uma sensação de estar sonhando e estar acordado ao mesmo tempo, ele se endireitou e olhou em volta à procura da gata, a sua guia. Ela não estava à vista. Sem dúvida já estava explorando aquelas ruelas e os jardins atrás dos cafés de luzes tão convidativas. Will pegou sua velha sacola de

compras e atravessou lentamente a rua naquela direção, movendo-se com cuidado para o caso de tudo desaparecer.

O ar daquele lugar tinha algo de mediterrâneo, ou talvez de caribenho. Will nunca estivera fora da Inglaterra, de modo que não podia compará-lo com qualquer coisa que conhecesse, mas era o tipo de lugar para onde as pessoas iam tarde da noite para comer e beber, dançar e ouvir música. No entanto, ali não havia vivalma, e o silêncio era imenso.

Na primeira esquina havia um café com mesinhas verdes na calçada, um balcão com tampo de zinco e uma máquina de café expresso. Havia copos cheios pela metade, em algumas das mesas; numa delas, um cigarro queimara até o filtro, um prato de risoto estava ao lado de uma cestinha de pães velhos, duros como papelão.

Ele pegou uma garrafa de refrigerante na geladeira atrás do bar e pensou por um instante antes de deixar uma moeda de uma libra na caixa registradora. Assim que a fechou, tornou a abri-la, imaginando que o dinheiro ali guardado pudesse mostrar-lhe que lugar era aquele. O dinheiro se chamava corona, mas além disso ele nada mais conseguiu descobrir. Guardou de volta o dinheiro e abriu a garrafa com o abridor preso ao balcão antes de sair do café e descer a rua que se afastava da avenida. Pequenas quitandas e padarias ficavam entre joalherias e floristas, e portas com cortinas de contas levavam a casas particulares onde sacadas de ferro trabalhado, cobertas de flores, abriam-se acima da calçada estreita, e onde o silêncio enclausurado parecia ainda mais profundo.

As ruas eram em declive, e logo terminavam numa avenida larga, onde outras palmeiras erguiam-se no ar, aparte inferior das folhas brilhando à luz dos postes.

Do outro lado da avenida estava o mar.

Will encontrou-se diante de um porto fechado à esquerda por um molhe de pedra e à direita por um promontório onde, entre árvores e

arbustos em flor, um prédio grande, com colunas de pedra, larga escadaria e balcões ornamentados, estava iluminado por holofotes. No porto, um ou dois botes a remo estavam ancorados, e para além do molhe o brilho das estrelas refletia-se no mar parado.

A essa altura o cansaço de Will desaparecera: ele estava inteiramente acordado e possuído pelo pasmo. De vez em quando, enquanto caminhava pelas ruas estreitas, ele estendia a mão para tocar numa parede, numa porta, nas flores de uma jardineira sob uma janela, e tudo era sólido e convincente, agora ele queria tocar em toda a paisagem à sua frente, porque ela era ampla demais para ser apreendida somente através dos olhos. Ficou ali parado, respirando profundamente, quase que com medo.

Constatou que ainda estava segurando a garrafa trazida do café, e provou o líquido, que tinha sabor daquilo que realmente era: soda limonada gelada - e muito bem-vinda, porque a noite estava quente. Virou para a direita e seguiu pela avenida à beira-mar, passando por hotéis com toldos acima das entradas brilhantemente iluminadas, ladeadas de buganvílias floridas. O prédio entre as árvores, com sua fachada enfeitada, iluminada por holofotes, poderia ser um cassino, ou até mesmo um teatro lírico. No jardim que o circundava, por entre as espirradeiras floridas de cujos ramos pendiam lâmpadas, havia alamedas que levavam a várias direções. Mas nem um som de vida se ouvia: nenhum pássaro noturno, nenhum inseto, nada além do ruído dos passos do próprio Will. O único som que ele ouvia, abafado e regular, vinha das marolas que quebravam mansamente na praia, além das palmeiras que orlavam o jardim.

Will encaminhou-se para lá. A maré estava a meio, e alguns pedalinhos tinham sido puxados para acima do alcance da água e formavam uma fileira na areia branca e macia. A cada poucos segundos, uma onda minúscula dobrava-se na areia antes de deslizar de volta, harmoniosamente, sob a ondulação seguinte. A uns 50 metros mar adentro, uma plataforma de mergulho flutuava na água calma. Will sentou-se na lateral de um dos pedalinhos e arrancou os sapatos - seus tênis baratos, que já estavam se

desmanchando e apertavam seus pés em brasa. Deixou as meias junto aos sapatos e enfiou os dedos dos pés na areia. Segundos depois, tinha arrancado o resto das roupas e entrava no mar.

A água estava deliciosa, entre fresca e morna. Ele nadou até a plataforma de mergulho, alçou-se para sentar-se nas tábuas alisadas pelo tempo e voltou o olhar para a cidade.

A sua direita, o porto limitado pelo seu molhe. Atrás dele, distante cerca de dois quilômetros, ficava um farol listrado de vermelho e branco. Atrás do farol viam-se vagamente penedos distantes, e mais além deles, aquelas grandiosas montanhas que ele avistara assim que atravessou o buraco no ar.

Mais próximas ficavam as árvores luminosas dos jardins do cassino, as ruas da cidade, e a avenida ao longo da praia, com seus hotéis, cafés e lojas acolhedoramente iluminados - tudo silencioso, tudo deserto. E tudo seguro. Ninguém poderia segui-lo até ali; o homem que revistara a casa jamais saberia; a polícia nunca o encontraria. Ele tinha um mundo inteiro onde se esconder.

Pela primeira vez desde que saíra correndo pela porta de sua casa, naquela manhã, Will começou a se sentir a salvo.

Estava novamente com sede, e com fome também, pois, afinal de contas, alimentara-se pela última vez em outro mundo.

Deslizou de volta para a água e nadou devagar para a praia, onde vestiu a cueca e recolheu o resto das roupas e a sacola de compras. Deixou cair a garrafa vazia na primeira lixeira que encontrou e saiu caminhando descalço pela avenida na direção do porto.

Quando seu corpo secou um pouco ele vestiu o jeans e procurou um lugar onde arranjar comida. Os hotéis eram chiques demais; Will olhou para dentro do primeiro que apareceu, mas era tudo tão grandioso que ele se sentiu desconfortável, portanto continuou ao longo da praia até encontrar um pequeno café que parecia ser o lugar certo. Não saberia dizer por quê; era um lugar muito parecido

com uma dúzia de outros, mesas e cadeiras na calçada ao ar livre e uma sacada no primeiro andar carregada de flores, mas lhe pareceu acolhedor.

Havia um balcão de bar com fotografias de lutadores de boxe na parede e um pôster autografado de um homem de sorriso largo tocando acordeom. Havia uma cozinha, e ao lado dela uma porta que se abria para uma escada estreita atapetada por um estampado floral de cores vivas. Ele subiu sem ruído até o pequeno patamar do segundo andar e abriu a primeira porta que encontrou. Era uma sala de visitas; lá dentro estava quente e abafado, e Will abriu a porta de vidro da sacada, para deixar entrar o ar vespertino. A sala em si era acanhada, com móveis grandes demais para ela, e modesta, mas era limpa e confortável-ali moravam pessoas hospitaleiras. Havia uma pequena estante de livros, uma revista sobre a mesa, algumas fotos emolduradas.

Will saiu e olhou os outros aposentos: um banheiro pequeno, um quarto com cama de casal. Alguma coisa fez sua pele arrepiar-se antes de abrir a última porta. Seu coração disparou. Ele não tinha certeza de ter ouvido um som vindo de dentro, mas alguma coisa lhe dizia que aquele quarto não estava vazio. Pensou na estranheza desse dia, que tinha começado com alguém do lado de fora de um quarto escuro, ele esperando lá dentro, e agora as posições eram Inversas.

Enquanto ele pensava nisso a porta escancarou-se de chofre e alguma coisa arremessou-se sobre ele como um animal feroz.

Mas sua memória lhe dera o aviso, e ele não estava suficientemente perto para ser derrubado. E reagiu com truculência: joelhos, cabeça, punhos e a força dos seus braços contra aquela coisa, aquele homem, aquela mulher... Uma garota mais ou menos da idade dele, feroz, a rosnar, roupas sujas e esfarrapadas, membros despidos e magros. No mesmo momento ela percebeu o que ele era, e desvencilhou-se do peito nu dele para ir agachar-se no canto do patamar escuro, como um gato encurralado. E havia mesmo um gato ao lado dela, para espanto de Will: um enorme gato selvagem

cuja altura chegava aos joelhos dele, pêlo eriçado, dentes à mostra, cauda ereta. Ela colocou a mão no dorso do animal e lambeu os lábios secos, vigiando cada movimento de Will.

O garoto levantou-se devagar.

- Quem é você? - perguntou.

- Lyra da Língua Mágica - disse ela.

- Você mora aqui?

- Não! - fez ela com veemência.

- Então o que é este lugar? Esta cidade?

- Não sei.

- De onde você veio?

- Do meu mundo. Eles estão grudados. Onde está o seu daemon?

Os olhos dele se arregalaram. Então ele viu uma coisa extraordinária acontecer com o gato: ele saltou para os braços dela e ali se transformou num arminho castanho com garganta e barriga creme, que olhava para ele com raiva, feroz como a própria garota. Mas então ocorreu outra mudança, porque ele percebeu que ambos, a garota e o arminho, tinham um medo profundo dele, como se ele fosse um fantasma.

- Não tenho daemon - ele respondeu. - Não sei o que isso quer dizer. Então: -Ah, esse aí é o seu daemon?

Ela se ergueu devagar. O arminho enrodilhou-se no pescoço dela, e seus olhos escuros não deixaram o rosto de Will.

- Mas você está vivo! -ela exclamou, sem acreditar.

- Você não... você não foi...

- Meu nome é Will Parry - ele disse. - Não sei o que você quer dizer com essa história de daemons. No meu mundo, demônio significa... significa diabo, alguma coisa ruim.

- No seu mundo? Quer dizer que este aqui não é o seu mundo?

- Não. Acabei de descobrir uma... uma maneira de entrar aqui. Como o seu mundo, eu acho. Eles devem estar grudados.

Ela relaxou um pouco, mas continuava a vigiá-lo atentamente, e ele permaneceu calmo e quieto, como se ela fosse um gato desconhecido com quem estivesse fazendo amizade.

- Já viu mais alguém nesta cidade? - ele continuou.

- Não.

- Há quanto tempo está aqui?

- Sei lá. Alguns dias. Não consigo me lembrar.

- Então por que veio para cá?

- Estou procurando Pó - ela explicou.

- Procurando pó? Qual pó, pó de ouro? Que tipo de pó?

Ela entrecerrou os olhos e não respondeu. Ele se virou para descer a escada.

- Estou com fome -declarou. - Tem comida na cozinha?

- Sei lá... - disse ela, e seguiu-o à distância.

Na cozinha Will encontrou os ingredientes para um ensopado de frango com cebola e pimentão, mas naquele calor as coisas estavam cheirando mal. Ele jogou tudo na lata de lixo.

- Você não comeu? - perguntou, abrindo a geladeira.

Lyra veio olhar.

- Não sabia que isto estava aí - disse. - Uh, que frio!

O daemon dela tinha se transformado novamente, tornando-se uma enorme borboleta multicor que esvoaçou para dentro da geladeira por um instante e logo saiu, indo acomodar-se no ombro dela. A borboleta erguia e baixava lentamente as asas. Will sentiu que não devia ficar olhando, embora sua cabeça girasse com a estranheza daquilo.

- Nunca tinha visto uma geladeira? - quis saber.

Encontrou uma lata de refrigerante e entregou-a a ela antes de tirar uma caixa de ovos. Ela apertou a lata entre as mãos comprazer.

- Pode beber - ele disse.

Ela ficou olhando para a lata, de testa franzida, sem saber como se abria aquilo. Ele abriu a lata para ela e o líquido espumou para fora. Ela lambeu-o com suspeita, e então arregalou os olhos.

- Isto é bom? - perguntou, a voz meio esperançosa, meio temerosa.

- É. Obviamente eles têm Coca-Cola neste mundo. Escute, vou beber um pouco para mostrar que não é veneno.

Abriu outra lata. Ao vê-lo beber, ela seguiu o exemplo. Era evidente que estava com sede: bebeu tão depressa que as bolhas subiram-lhe até o nariz. Ela espirrou e arrotou ruidosamente, e fez uma careta quando ele olhou para ela.

- Vou fazer uma omelete - ele disse. - Quer um pouco?

- Não sei o que é uma omelete.

- Bem, fique olhando e saberá. Temos também uma lata de salsichas, se preferir.

- Não sei o que é isso.

Ele lhe mostrou a lata. Ela procurou a lingüeta de abrir, como a da lata de refrigerante.

- Não. É preciso usar um abridor de lata-ele explicou.

- Não existe abridor de lata no seu mundo?

- No meu mundo os criados cozinham - ela disse em tom de desprezo.

- Procure naquela gaveta ali.

Ela remexeu por entre os talheres de cozinha enquanto ele quebrava seis ovos numa tigela e batia-os com um garfo.

- É isto aí - disse, observando-a. - Com o cabo vermelho. Pode me trazer?

Ele perfurou a lata e mostrou-lhe como abri-la.

- Agora pegue aquela panelinha no gancho e despeje isto dentro dela. Ela cheirou as salsichas e mais uma vez seus olhos assumiram uma expressão de prazer e suspeita. Virou a lata na panela e lambeu um dedo, observando Will colocar sal e pimenta nos ovos e cortar um pedaço de manteiga de um pacote na geladeira, jogando-o numa frigideira de ferro. Ele foi até o bar para procurar fósforos, e ao voltar encontrou-a enfiando o dedo sujo na tigela com os ovos batidos, para depois lambê-lo gulosamente. Seu daemon, novamente um gato, estava prestes a enfiar a pata também, mas recuou quando Will se aproximou.

- Ainda não está pronto - disse, retirando a tigela. - Quando foi que fez uma refeição pela última vez?

- Na casa do meu pai em Svalbard - ela disse. – Faz dias e mais dias e mais dias. Não sei. Encontrei pão e umas coisas aqui e comi. Ele acendeu o gás, derreteu a manteiga, derramou os ovos e

espalhou-os na frigideira. Os olhos dela acompanhavam tudo gulosamente, vendo-o puxar para o centro a parte já cozida e inclinar a frigideira para que aparte crua escorresse, preenchendo o espaço vazio. Observava Will, também: o rosto dele, as mãos ocupadas, os ombros nus e os pés descalços. Quando a omelete ficou pronta, ele dobrou-a e cortou-a em dois com a espátula.

- Procure uns pratos - ele disse.

Lyra obedeceu. Parecia disposta a aceitar ordens se as achasse sensatas, de modo que ele mandou que ela fosse preparar uma mesa na calçada em frente ao café. Ele mesmo levou a comida e talheres que achou numa gaveta, e os dois se sentaram, um pouco constrangidos. Ela comeu sua parte em menos de um minuto, e depois ficou a se mexer com impaciência, balançando a cadeira para frente e para trás e arrancando pedacinhos de plástico do assento, enquanto ele acabava de comer. O daemon transformou-se de novo, tornando-se um pintassilgo, bicando migalhas invisíveis sobre a mesa.

Will comia devagar .Dera a ela a maior parte das salsichas, mas mesmo assim demorou muito mais que ela. O porto diante deles, as luzes ao longo da avenida deserta, as estrelas no céu escuro, tudo isso estava suspenso no silêncio imenso, como se nada mais existisse. E durante todo o tempo ele esteve intensamente cônscio da garota. Ela era pequena e leve, mas rija, e tinha lutado como um tigre; o soco dele lhe causara uma equimose no rosto, que ela simplesmente ignorava. Sua expressão era uma mistura de criancice - quando provou o refrigerante - e uma desconfiança triste e profunda. Os olhos eram azuis e os cabelos seriam de um louro escuro quando fossem lavados - pois ela estava imunda e cheirava como se não se banhasse havia dias.

- Laura? Lara? - fez Will.

- Lyra.

- Lyra... da Língua Mágica?

- É.

- Onde é o seu mundo? Como você chegou aqui?

Ela deu de ombros.

- Andando. Estava tudo enevoado. Eu não sabia onde estava indo. Quer dizer, sabia que estava saindo do meu mundo. Mas não conseguia ver este aqui, até a neblina clarear. Então me encontrei aqui.

- Que foi que falou sobre pó?

- Pó, isso mesmo. Vou descobrir. Mas este mundo parece estar deserto. Não encontrei ninguém para perguntar. Já estou aqui há... sei lá, três dias, talvez quatro. E não vi ninguém aqui.

- Mas por que quer descobrir pó?

- É um Pó especial - ela disse em tom seco. - Não é pó comum, obviamente.

O daemon tornou a mudar. Fez isso num piscar de olhos, e de pintassilgo transformou-se em um rato, um enorme rato negro de olhos vermelhos. Will encarou-o com olhos arregalados e assustados, e a garota viu seu olhar.

- Você também tem um daemon-disse em tom firme.

- Dentro de você.

Ele não soube o que dizer.

- Tem, sim - ela continuou. Senão não seria humano. Você seria... um morto-vivo. Já vimos um garoto com o daemon cortado. Você não é assim. Mesmo que não saiba que tem um daemon, você tem. No princípio ficamos com medo quando vimos você. Como se fosse uma assombração ou coisa assim. Mas então vimos que você não era isso.

- Nós quem?

- Eu e Pantalaimon. Nós. O daemon de uma pessoa não é uma coisa separada dela. É ela. U ma parte dela. Um faz parte do outro. No seu mundo não existe ninguém como nós? São todos como você, com os daemons escondidos?

Will contemplou aquele par - a menina magricela, de olhos claros, e seu daemon-rato, agora acomodado em seus

braços e sentiu-se

profundamente solitário.

- Estou cansado. Vou para a cama - disse. - Você vai ficar nesta cidade?

- Sei lá. Tenho que saber mais sobre o que estou procurando. Deve haver alguns catedráticos neste mundo. Tem que haver alguém que saiba sobre isso.

- Talvez não neste mundo. Mas eu vim de uma cidade chamada Oxford. Lá está cheio de catedráticos, se é o que você quer.

- Oxford? - ela exclamou. - É de onde eu vim!

- Então no seu mundo também existe uma Oxford? Você não veio do meu mundo.

- Não mesmo - disse ela. - São mundos diferentes. Mas no meu mundo existe uma Oxford também. Nós dois estamos falando inglês, não estamos? É

óbvio que outras coisas são iguais. Como foi que você passou? Existe uma ponte, ou o quê?

- Só uma espécie de janela no ar.

- Me mostre - fez ela.

Era uma ordem, não um pedido. Ele sacudiu a cabeça.

- Agora não. Quero dormir. De qualquer maneira, estamos no meio da noite.

- Então me mostre de manhã.

- Está bem, vou mostrar. Mas tenho minhas próprias coisas a fazer. Você vai ter que encontrar sozinha os seus catedráticos.

- Fácil - ela afirmou. - Conheço tudo sobre catedráticos. Ele juntou os pratos e se levantou.

- Eu cozinhei, de modo que você pode lavar os pratos.

Ela olhou para ele incrédula.

- Lavar os pratos? - zombou. - Existem milhões de pratos limpos por aí!

Além disso, não sou uma criada. Não vou lavar os pratos.

- Então não vou lhe mostrar a passagem.

- Eu encontro sozinha.

- Não encontra, não. Ela está escondida. Você nunca vai encontrar. Escute. Eu não sei quanto tempo podemos ficar neste lugar. Temos que comer, portanto vamos comer o que houver aqui, mas depois vamos arrumar tudo e manter o lugar limpo, porque temos a obrigação de fazer isso. Temos que tratar direito este lugar. Agora vou para a cama. Vou ficar no outro quarto. Vejo você

de manhã.

Ele entrou, limpou os dentes com o dedo e um pouco do dentifrício que trazia na sacola, caiu na cama de casal e adormeceu num instante. Lyra esperou até ter certeza de que ele estava dormindo e então levou os pratos para a cozinha, colocando-os sob a água da

torneira, e esfregou-os com força com um pano até parecerem limpos. Fez o mesmo com garfos e facas, mas esse método não funcionou com a frigideira, de modo que ela tentou com uma barra de sabão amarelo, e foi arrancando a sujeira até a frigideira ficar tão limpa quanto ela achava possível. Então secou tudo com outro pano e arrumou direitinho no secador de louça.

Como ainda estava com sede e queria experimentar abrir outra lata, ela fez isso e levou o refrigerante para cima. Escutou do lado de fora da porta de Will e, nada ouvindo, foi pé ante pé até o outro quarto e tirou o aletômetro de sob o travesseiro.

Não precisava estar perto de Will para perguntar sobre ele, mas queria vê-lo; moveu a maçaneta do quarto dele com o mínimo de ruído, e entrou. Havia uma luz na praia lá fora que brilhava diretamente dentro do quarto, e sob o brilho refletido do teto ela olhou para o rapaz adormecido. Ele tinha a testa franzida e o rosto brilhante de suor. Era forte e parrudo, não como um homem adulto, naturalmente, porque não era muito mais velho que ela, mas um dia seria muito forte. Como seria mais fácil se o daemon dele estivesse visível! Ela se perguntou que forma ele teria, e se já estava fixo. Fosse qual fosse a forma, ele mostraria uma natureza selvagem, cortês e infeliz. Foi pé ante pé até a janela. A luz do poste da rua, ela moveu cuidadosamente os ponteiros do instrumento e relaxou a mente na forma de uma pergunta. O ponteiro começou a girar em torno do mostrador numa série de pausas e arranques quase rápidos demais para os olhos. Ela tinha perguntado: O que ele é, amigo ou inimigo?

A bússola respondeu: Ele é um assassino.

Ao ver a resposta, ela relaxou imediatamente. Ele conseguia encontrar comida e poderia mostrar-lhe como chegar a Oxford - talentos que eram úteis -, mas podia ser ao mesmo tempo covarde ou indigno de confiança. Um assassino era um bom companheiro. Ela se sentiu tão segura ao lado dele quanto com Iorek Byrnison, o urso de armadura.

Puxou a persiana da janela para que o sol matinal não caísse sobre o rosto dele e saiu do quarto pé ante pé.

2 - ENTRE AS BRUXAS

A bruxa Serafina Pekkala, que tinha resgatado

Lyra e as outras crianças da estação experimental de Bolvangar e voado com ela para a ilha de Svalbard, estava profundamente preocupada. Nas perturbações atmosféricas que se seguiram à fuga de Lorde Asriel do exílio em Svalbard, ela e suas companheiras foram lançadas à grande distância da ilha, percorrendo muitos quilômetros por cima do mar congelado. Algumas delas conseguiram permanecer junto ao balão danificado de Lee Scoresby, o aeronauta texano, mas Serafina foi lançada para o alto, para dentro da neblina que logo veio escoando pelo buraco que a experiência de Lorde Asriel rasgara no céu.

Ao encontrar-se novamente capaz de controlar seu vôo, o seu primeiro pensamento foi para Lyra, pois Serafina não sabia coisa alguma da luta entre o falso urso-rei e o verdadeiro, Iorek Byrnison, nem do que acontecera a Lyra depois disso.

Então pôs-se a procurá-la, voando em seu galho de pinheiro-nubígeno pelo ar nevoento e tingido de dourado, acompanhada por seu daemon Kaisa, o ganso cinzento. Voltaram um pouco para o sul, na direção de Svalbard, viajando durante várias horas sob um céu turbulento, com luzes e sombras estranhas. Serafina Pekkala sabia, pela sensação perturbadora da luz em sua pele, que aquilo vinha de outro mundo.

Depois de algum tempo Kaisa disse:

- Veja, é o daemon de uma bruxa, extraviado...

Serafina Pekkala olhou através das nuvens de neblina e viu uma andorinha-do-mar voando em círculos nos abismos de luz brumosa, aos gritos; então fez uma curva e voou naquela direção.

Vendo isso, a andorinha-do-mar ganhou altura, assustada, mas Serafina Pekkala sinalisou amizade e ela desceu para perto deles. Serafina Pekkala perguntou:

- De que clã você é?

- Taymyr - disse ela. - Minha bruxa foi capturada. Nossos companheiros foram afastados! Estou perdida...

- Quem capturou a sua bruxa?

- A mulher do daemon-macaco de Bolvangar... Ajude-me! Ajude-nos!

Estou com tanto medo!

- O seu clã era aliado dos cortadores de crianças?

- Sim, até descobrirmos o que eles estavam fazendo... Depois da luta em Bolvangar eles nos expulsaram, mas a minha bruxa ficou prisioneira... Ela está num navio... Que é que eu posso fazer? Ela está me chamando e não consigo encontrá-la! Ah, ajude, ajude-me!

- Silêncio - pediu Kaisa, o daemon-ganso. – Escutem lá embaixo. Desceram mais, escutando com ouvidos aguçados, e Serafina Pekkala logo distinguiu o ruído, que a névoa abafava, de um motor a gás.

- Não conseguiriam dirigir um barco numa névoa como esta - disse Kaisa. - Que é que estão fazendo?

- É um motor menor do que o de um barco – disse Serafina Pekkala. Enquanto ela falava, veio um novo som de outra direção: um urro bestial, baixo e fremente, como alguma imensa criatura marítima clamando das profundezas. O rugido durou vários segundos, depois parou abruptamente.

- A sirene de neblina do navio - identificou Serafina Pekkala. Voando baixo, em círculos acima da água, eles tentaram ouvir de novo o

som do motor. De súbito o encontraram, pois a neblina parecia ter trechos de densidades diferentes, e a bruxa subiu como um dardo, bem a tempo de esconder-se de uma lancha que vinha se aproximando devagar através do envoltório de ar úmido. Sua esteira era baixa e oleosa, como se a água relutasse em subir.

Ficaram voando em círculos, o daemon-andorinha-do-mar bem perto, como uma criança agarrada à mãe, e observaram o timoneiro ajustar ligeiramente o curso enquanto a sirene de neblina tornava a se fazer ouvir. Havia uma luz na proa, mas só iluminava a neblina alguns metros à frente. Serafina Pekkala perguntou ao daemon desgarrado:

- Você disse que algumas bruxas ainda estão ajudando esta gente?

- Acho que sim... Algumas bruxas revoltadas de Volgorsk... A não ser que elas tenham fugido também - disse ele.

- Que é que você vai fazer? Vai procurar a minha bruxa?

- Vou. Mas por enquanto fique aqui com Kaisa.

Serafina Pekkala voou na direção da lancha, deixando os daemons lá

no alto, fora de vista, e pousou logo atrás do timoneiro. A daemon-gaivota dele grasnou, e o homem virou-se para olhar.

- Demorou, hein? - disse ele. - Vá lá para a frente e nos guie para encostarmos a bombordo.

Ela decolou imediatamente. Tinha funcionado: eles ainda tinham algumas bruxas a ajudá-los, e o homem pensou que ela fosse uma delas. O

bombordo ficava à esquerda, ela se lembrava, e sua luz era vermelha. Ela procurou na neblina até encontrar a luz baça do bombordo do navio a menos de cem metros. Voltou correndo e

pairou acima da lancha, gritando instruções ao timoneiro, que diminuiu a velocidade e atracou junto à escada que descia do convés do navio até logo acima da água. O timoneiro gritou e um marinheiro jogou uma corda, enquanto outro descia depressa pela escada para prender acorda na embarcação.

Serafina Pekkala voou para a amurada do navio e abrigou-se nas sombras junto aos botes salva-vidas. Não via outra bruxa, mas elas provavelmente estariam patrulhando os céus, Kaisa saberia o que fazer. Abaixo, um passageiro deixava a lancha e subia pela escada. Afigura estava envolta em peles, encapuzada, anônima, mas assim que ela chegou ao convés, um macaco-dourado subiu agilmente para a amurada e olhou em volta com olhar feroz, os olhos azuis irradiando malevolência. Serafina sentiu-se sem fôlego: afigura era a Sra. Coulter.

Um homem de traje escuro correu para o convés para recebê-la, e olhou em volta como se esperasse mais alguém.

- Lorde Boreal... - começou a dizer.

- Ele seguiu para outro local. Já começaram a tortura?

- Sim, Sra. Coulter - foi a resposta. - Mas...

- Mas eu mandei que esperassem! - ela interrompeu.

- Agora vão me desobedecer? Talvez este navio esteja precisando de mais disciplina.

Ela empurrou o capuz para trás. Serafina Pekkala viu claramente o rosto dela à luz amarelada: orgulhosa, passional e, para a bruxa, bem jovem.

- Onde estão as outras bruxas? - quis saber.

O homem do navio explicou:

- Partiram todas, senhora. Voltaram voando para casa.

- Mas uma bruxa nos guiou para atracarmos - disse a Sra. Coulter. Para onde ela foi?

Serafina encolheu-se, obviamente o marinheiro da lancha não tinha conhecimento do novo estado de coisas. O clérigo olhou em volta, confuso, mas a Sra. Coulter estava impaciente demais, e depois de um olhar apressado acima e ao longo do convés ela sacudiu a cabeça e, com seu daemon, cruzou a porta aberta que criava um nimbo amarelado no ar. O homem seguiu-a. Serafina Pekkala olhou em volta de si para determinar a sua posição. Estava escondida atrás de um canal de ventilação na área estreita de convés entre a amurada e a super estrutura central do navio; e nesse nível, de frente para a proa e abaixo da ponte e da chaminé, havia um salão com janelas – não escotilhas - dando para três lados. Era onde as pessoas tinham entrado. A luz jorrava das janelas sobre a amurada perolada pela neblina, permitindo entrever vagamente o mastro de proa e a escotilha do porão coberta por uma lona. Tudo estava encharcado e começando a congelar. Ninguém conseguiria enxergar Serafina Pekkala onde ela estava, mas se ela quisesse ver mais coisas teria que deixar seu esconderijo.

Isso era ruim. Com seu ramo de pinheiro-nubígeno ela podia fugir, e com sua faca e seu arco podia lutar. Escondeu o ramo atrás do tubo de ventilação e esgueirou-se pelo convés até chegar à primeira janela. O vidro estava embaçado e era impossível ver através dele, e Serafina tampouco conseguia ouvir vozes. Tornou a voltar para as sombras.

Havia uma única coisa a fazer; ela relutava, pois era algo desesperadamente arriscado e a deixaria exausta; mas parecia que não havia escolha. Era um tipo de magia que ela podia fazer para tornar-se invisível. Naturalmente, a verdadeira invisibilidade era impossível: tratava-se de magia mental, um tipo de discrição sustentada com intensidade que podia fazer a pessoa ficar, não invisível, mas simplesmente despercebida. Mantendo o grau de intensidade correto, ela poderia atravessar uma sala cheia de gente, ou andar ao lado de um caminhante solitário, sem ser vista.

De modo que agora ela preparou a mente e levou toda a sua concentração para o trabalho de alterar o modo como se postava para desviar completamente a atenção. Precisou de alguns minutos até adquirir confiança. Fez um teste saindo do esconderijo no caminho de um marinheiro que vinha pelo convés com uma sacola de ferramentas; ele deu um passo de lado para evitá-la, sem olhar para ela um instante sequer.

Ela estava preparada. Foi até a porta do salão profusamente iluminado e abriu-a, encontrando o aposento deserto.

Deixou a porta externa apenas encostada, para que pudesse fugir por ela se fosse preciso, e viu uma porta no outro extremo abrindo-se para uma escada que descia para as entranhas do navio. Ela desceu e se encontrou num corredor estreito, iluminado por lâmpadas ambáricas, com canos à mostra pintados de branco, que seguia ao longo do comprimento do casco, com portas nos dois lados. Ela avançou sem ruído, escutando, até que ouviu vozes.

Parecia que havia uma reunião.

Abriu a porta e entrou.

Havia cerca de uma dúzia de pessoas sentadas em volta de uma grande mesa. U ma ou duas ergueram os olhos por um instante, fitaram-na distraidamente e esqueceram-na no mesmo instante. Ela ficou quieta perto da porta, observando.

A reunião era presidida por um ancião em trajes de cardeal, e os outros pareciam clérigos, à exceção da Sra. Coulter, que era a única mulher presente. A Sra. Coulter colocara suas peles sobre as costas da cadeira e tinha as faces rubras pelo calor do interior do navio.

Serafina Pekkala olhou em volta com cuidado e viu mais uma pessoa: um homem de rosto magro, com um daemon-sapo, sentado a uma mesa num canto coberta de livros com encadernação de couro e folhas soltas de papel amarelado.

A princípio ela pensou que se tratasse de um secretário, até ver o que ele estava fazendo: tinha os olhos fixos num instrumento dourado, como um relógio grande ou uma bússola, e a cada instante anotava o que via. Depois abria um dos livros, percorria trabalhosamente o índice e procurava um trecho, antes de escrever também isso e voltar para o instrumento. Serafina tornou a prestar atenção na discussão ao ouvir a palavra

"bruxa".

- Ela sabe alguma coisa sobre a criança - disse um dos clérigos. - Já

confessou que sabe. Todas as bruxas sabem alguma coisa sobre ela.

- Não sei o que a Sra. Coulter sabe - disse o Cardeal.

- Será que há alguma coisa que ela deveria ter nos contado antes?

- Vai ter que falar mais claro - disse a Sra. Coulter em tom gelado. Esquece-se de que sou uma mulher, Eminência, portanto não tão sutil quanto um príncipe da Igreja. Qual é essa verdade que eu deveria saber sobre a criança?

A expressão do Cardeal era muito significativa, mas ele nada disse. Houve uma pausa, e então outro clérigo disse, em tom quase de desculpas:

-Parece que existe uma profecia. Diz respeito à criança, entende, Sra. Coulter? Todos os sinais se cumpriram. As circunstâncias do nascimento dela, para começar. Os gípcios também sabem alguma coisa sobre ela, falam dela em termos de óleo-de-bruxa e fogo-fátuo, sobrenatural, entende? Daí ela ter conseguido levar os homens gípcios para Bolvangar. E além disso houve a façanha extraordinária de depor o urso-rei Iofur Raknison. Não é uma criança comum. Frei Pavel talvez possa nos contar mais...

Ele olhou de relance para o homem de rosto magro que lia o aletômetro; ele pestanejou, esfregou os olhos e olhou para a Sra. Coulter.

- A senhora deve estar sabendo que este é o único aletômetro que sobrou, além daquele que está com a criança -disse. - Todos os outros foram adquiridos e destruídos por ordem do *Magisterium*. Fiquei sabendo por este instrumento que a criança ganhou o dela do Reitor da Universidade Jordan, e que aprendeu sozinha a decifrá-lo, e que consegue usá-lo sem os livros. Se fosse possível duvidar do aletômetro eu o faria, pois acho simplesmente inconcebível alguém usar o instrumento sem os livros. São décadas de estudo diligente para uma pessoa alcançar algum tipo de compreensão; ela começou a ler o instrumento poucos dias depois de ganhá-lo, e agora tem um domínio quase completo. Não se compara a nenhum sábio humano que eu possa lembrar.

- Onde ela está agora, Frei Pavel? - perguntou o Cardeal.

- No outro mundo - disse Frei Pavel. - É tarde demais.

- A bruxa sabe! - bradou outro homem, cujo daemon-almiscareiro mastigava incessantemente um lápis. - Está tudo no lugar, exceto o depoimento da bruxa! Digo que devemos torturá-la outra vez!

- Que profecia é essa? - perguntou a Sra. Coulter, que estava ficando cada vez mais furiosa. - Como ousam esconder isso de mim?

Era visível o poder que ela exercia sobre eles. O olhar raivoso do macaco dourado percorreu a mesa e ninguém o encarou. Só o Cardeal não se perturbou. Seu daemon, uma arara, ergueu uma pata e coçou a cabeça.

- A bruxa insinuou uma coisa extraordinária - disse o Cardeal. - Não ouso crer no que acho que significa. Se for verdade, isso nos traz a mais terrível responsabilidade já tomada por homens e mulheres.

Mas torno a perguntar, Sra. Coulter, o que é que a senhora sabe sobre a criança e o pai dela?

A Sra. Coulter tinha o rosto pálido de fúria.

- Como ousa me interrogar? - cuspiu. - E como ousa esconder de mim o que descobriu com a bruxa? E, finalmente, como ousa imaginar que estou escondendo alguma coisa? Pensa que estou do lado dela? Ou acha talvez que estou do lado do pai dela? Talvez pense que eu deveria ser torturada como a bruxa. Bem, estamos todos sob o seu comando, Eminência. Basta estalar os dedos e pode mandar me matar. Mas mesmo procurando em cada pedacinho da minha carne não iria encontrar uma resposta, porque nada sei dessa profecia, nada mesmo. E exijo que me conte o que o senhor sabe. A minha filha, a minha própria filha, concebida em pecado e nascida em desonra, mas ainda assim minha filha, e o senhor esconde de mim aquilo que tenho todo o direito de saber.

- Por favor! - fez outro clérigo, nervoso. - Por favor, Sra. Coulter... A bruxa ainda não falou; ela nos dirá mais coisas. O próprio Cardeal Sturrock disse que ela só insinuou.

- E se ela não revelar? - retorquiu a Sra. Coulter. - E então? Nós adivinhamos, é isso? Nós nos intimidamos, desistimos e tentamos adivinhar?

Frei Pavel respondeu:

- Não, porque é esta a pergunta que estou preparando para fazer ao aletômetro. Havemos de encontrar a resposta, seja pela bruxa, seja pelos livros de símbolos.

- E quanto tempo isso vai levar?

Ele franziu a testa com uma expressão de cansaço e disse:

- Um tempo considerável. É uma pergunta imensamente complexa.

- Mas a bruxa poderia nos dizer imediatamente – disse a Sra. Coulter. E pôs-se de pé. Como se a temessem, quase todos os homens a imitaram. Apenas o Cardeal e Frei Pavel continuaram sentados. Serafina Pekkala recuou, fazendo uma força imensa para manter-se invisível. O macaco dourado rangia os dentes, e seu pêlo brilhante estava todo arrepiado. A Sra. Coulter colocou-o em seu ombro.

- Então vamos perguntar a ela - comandou.

Virou-se e saiu para o corredor. Os homens seguiram-na apressados, empurrando-se, e passaram por Serafina Pekkala, que só teve tempo de dar um passo rápido para o lado, a mente num torvelinho. O último a sair foi o Cardeal.

Serafina demorou alguns segundos para acalmar-se, pois sua agitação estava começando a deixá-la visível. Ela então seguiu os clérigos pelo corredor até um aposento menor, nu, branco e quente, onde todos estavam agrupados em torno de uma figura terrível: uma bruxa firmemente amarrada a uma cadeira de aço, com agonia espelhando-se no rosto cinzento e as pernas retorcidas e quebradas.

A Sra. Coulter postou-se junto a ela. Serafina ficou perto da porta, sabendo que não conseguiria ficar invisível por muito tempo mais; aquilo era demasiado difícil.

- Fale-nos da garota, bruxa - disse a Sra. Coulter.

- Não!

- Você vai sofrer.

- Já sofri o suficiente.

- Ah, ainda virá mais sofrimento. Temos mil anos de experiência, nessa nossa Igreja. Podemos prolongar seu sofrimento

infinitamente. Fale-nos da garota - disse a Sra. Coulter, estendendo a mão para quebrar um dedo da bruxa.

O dedo partiu-se facilmente, com um estalido. A bruxa gritou, e por um segundo Serafina Pekkala ficou visível a todos, e um ou dois clérigos olharam para ela, confusos e assustados, mas ela tornou a recuperar o controle e eles voltaram aprestar atenção na tortura.

A Sra. Coulter estava dizendo:

- Se não responder, vou quebrar outro dedo seu, depois outro. Que é

que sabe sobre a criança? Diga!

- Está bem! Por favor, por favor, chega!

- Então responda.

Houve outro estalido e dessa vez a bruxa irrompeu em soluços. Serafina Pekkala mal conseguia conter-se. Então vieram as palavras, num grito:

- Não, não! Chega, eu lhe imploro! A criança que viria... As bruxas sabiam quem ela era antes de vocês... Descobrimos o nome dela...

- Sabemos o nome dela. Que nome é este que você está dizendo?

- O nome verdadeiro dela! O nome do destino dela!

- Qual é esse nome? Fale! - ordenou a Sra. Coulter.

- Não... não...

- E como? Vocês descobriram como?

- Havia um teste... Se ela conseguisse pegar um determinado galho de pinheiro-nubígeno entre muitos outros, ela seria a criança que

viria, e aconteceu na casa do nosso Cônsul em Trollesund, quando a criança chegou com os gípcios... A criança com o urso...

A voz dela falhou.

A Sra. Coulter soltou uma pequena exclamação de impaciência, e ouviu-se outro estalido alto, e um gemido.

- Mas qual era a profecia a respeito dessa criança? - continuou a Sra. Coulter, a voz agora metálica e fremente de ânsia. - E que nome é esse que vai esclarecer o destino dela? Serafina Pekkala aproximou-se do grupo de homens que rodeavam a bruxa, e nenhum deles sentiu a presença dela junto a seus cotovelos. Ela precisava dar um fim ao sofrimento daquela bruxa, e logo, mas o esforço de manter-se invisível era enorme. Ela tremia ao tirar a faca da cintura. A bruxa soluçava:

- Ela é aquela que veio antes, e desde então vocês a odiaram e temeram! Bem, agora ela voltou, e vocês não conseguiram encontrá-la... Ela esteve lá em Svalbard, estava com Lorde Asriel, e vocês a perderam. Ela escapou, e será...

Antes, porém, que ela pudesse terminar, houve uma interrupção. Através da porta aberta uma andorinha-do-mar entrou voando, enlouquecida de terror, e pôs-se abater as asas ao cair com força no chão; ergueu-se com esforço e voou para o peito da bruxa torturada, apertando-se contra ela, acariciando-a, piando, guinchando, e a bruxa gritou:

- Yambe-Akka! Venha a mim, venha a mim!

Ninguém entendeu, além de Serafina Pekkala. Yambe-Akka era a deusa que aparecia para uma bruxa quando ela estava prestes a morrer. E Serafina estava preparada. Tornou-se visível e deu um passo para a frente sorrindo alegremente, porqueYambe-Akka era alegre e feliz, e sua visita era um presente de alegria. A bruxa avistou-a e ergueu para ela o rosto manchado de lágrimas, e Serafina inclinou-se para beijá-lo enquanto enfiava suavemente sua

faca no coração da bruxa. O daemon-andorinha-do-mar ergueu os olhos baços e desapareceu.

E agora Serafina Pekkala teria que abrir caminho lutando. Os homens ainda estavam chocados, incrédulos, mas a Sra. Coulter recuperou o sanguefrio quase de imediato.

- Agarrem-na! Não a deixem fugir! - gritou.

Mas Serafina já estava junto à porta, com uma flecha preparada em seu arco. Ergueu o arco e soltou a flecha em menos de um segundo, e o Cardeal caiu no chão em espasmos.

Ela chegou ao corredor, virou-se, fez pontaria, disparou outra flecha; outro homem caiu, enquanto o ruído alto de um sino enchia o navio. Ela subiu a escada e saiu para o convés. Dois marinheiros barraramlhe a passagem e ela disse:

- Lá embaixo! A prisioneira está solta! Ajudem!

Isso foi suficiente para deixá-los confusos, e eles estacaram, indecisos, dando-lhe tempo para passar por eles e pegar o pinheiro-nubígeno escondido atrás do tubo de ventilação.

- Atirem nela! -fez a voz da Sra. Coulter.

No mesmo instante três rifles dispararam. As balas bateram no metal e ricochetearam para dentro da neblina, e Serafina saltou sobre o galho e fê-lo subir como uma de suas flechas. Segundos depois ela estava no céu, em segurança no meio da neblina, e então um grande ganso surgiu do meio dos bancos de névoa cinzenta e chegou ao seu lado.

- Para onde? - perguntou.

- Para longe, Kaisa, para longe - ela disse. – Quero tirar o fedor dessa gente do meu nariz.

Na realidade ela não sabia aonde ir ou o que fazer em seguida. Mas uma coisa ela sabia com certeza: havia uma flecha em sua aljava que encontraria o alvo na garganta da Sra. Coulter .

Viraram para o sul, distanciando-se daquela neblina com seu perturbador brilho de outro mundo, e enquanto voavam uma pergunta começou a formular-se com mais clareza na mente de Serafina: o que era que Lorde Asriel estava fazendo?

Porque todos os acontecimentos que tinham revirado o mundo tinham sua origem nas misteriosas atividades de Lorde Asriel.

O problema era que as costumeiras fontes de conhecimento da bruxa eram naturais. Ela conseguia seguir qualquer animal, pegar qualquer peixe, encontrar as cerejas mais raras e conseguia ler os sinais nas entranhas da marta-do-pinheiro, ou decifrar a sabedoria nas escamas de uma perca, ou interpretar os avisos no pólen do açafrão; mas todos esses eram filhos da natureza e lhe revelavam suas verdades naturais. Para conseguir saber sobre Lorde Asriel ela teria que ir a outro lugar.

No porto de Trollesund, o cônsul das bruxas, Dr. Lanselius, mantinha contato com o mundo de homens e mulheres, e Serafina Pekkala voou rapidamente para lá através da neblina, para ver o que ele poderia lhe contar. Antes de ir à casa dele, ela voou em círculos sobre o porto, onde restos de névoa deslizavam fantasmagoricamente sobre a água gelada, e observou um rebocador guiar para o porto um grande navio com bandeira africana. Havia muitos outros navios ancorados do lado de fora do porto - ela nunca vira tantos navios juntos.

Quando o curto dia findava, ela aterrissou no jardim dos fundos da casa do cônsul. Bateu na vidraça e o próprio Dr. Lanselius abriu a porta com um dedo nos lábios.

- Serafina Pekkala, saudações-disse. - Entre depressa, e seja bemvinda. Mas é melhor não ficar muito tempo. Ofereceu-lhe uma

cadeira junto à lareira, olhou de relance através das cortinas de uma janela que dava para a rua e perguntou:

- Toma um pouco de vinho?

Enquanto bebericava o Tokay dourado, ela contou o que tinha visto e ouvido a bordo do navio.

- Acha que eles compreenderam o que ela falou sobre a criança? - ele perguntou.

- Não completamente, eu acho. Mas sabem que ela é importante. Quanto àquela mulher, tenho medo dela, Dr. Lanselius. Vou matá-la, eu acho, mas mesmo assim tenho medo dela.

- Eu também - fez ele.

E Serafina escutou o que ele lhe contou dos boatos que tinham varrido a cidade. No meio da confusão de boatos alguns fatos começaram a emergir com clareza.

- Dizem que o *Magisterium* está reunindo o maior exército já visto, e esta é a vanguarda. E há boatos desagradáveis sobre alguns dos soldados, Serafina Pekkala. Ouvi contar de Bolvangar, e o que estavam fazendo lá, cortando os daemons das crianças, a maior maldade que já ouvi. Bem, parece que existe um regimento de guerreiros que foram tratados da mesma maneira. Conhece a palavra "zumbi"? Eles nada temem porque não têm mente. Há

alguns aqui na cidade agora. As autoridades os mantêm escondidos, mas os boatos correm, e os habitantes estão apavorados.

- E as bruxas dos outros clãs, que notícias há delas? - perguntou Serafina Pekkala.

- A maioria voltou para suas casas. Todas as bruxas estão esperando, Serafina Pekkala, com medo no coração, o que

acontecerá em seguida.

- E o que ouviu sobre a Igreja?

- Estão inteiramente confusos. Eles não sabem o que Lorde Asriel pretende fazer.

- Nem eu - disse ela. - E não consigo nem imaginar o que seja. O que é que o senhor pensa que ele está pretendendo, Dr. Lanselius?

Ele esfregou delicadamente a cabeça da sua daemon-serpente com o polegar.

- Ele é um Catedrático - disse, depois de um momento. - Mas a cátedra não é a sua maior paixão. Tampouco ser estadista é a sua paixão. Conheci-o uma vez, e achei que ele tinha uma natureza ardente e poderosa, mas não despótica.

Não acredito que ele queira governar... Não sei, Serafina Pekkala. Imagino que o criado dele poderia lhe dizer. É um homem chamado Thorold, e foi aprisionado com Lorde Asriel na casa em Svalbard. Pode valer a pena uma visita até lá para ver se ele pode lhe dizer alguma coisa; mas naturalmente ele pode ter ido para o outro mundo com seu amo.

- Obrigada. É uma boa idéia... Vou fazer isso. E agora.

Ela despediu-se do cônsul e saiu voando através da escuridão crescente para encontrar-se com Kaisa nas nuvens.

A viagem de Serafina para o Norte foi dificultada pela confusão no mundo à sua volta. Todos os povos do Ártico estavam em pânico, assim como os animais, não apenas por causa da neblina e das variações magnéticas, mas também pelos estranhos estalidos no gelo e movimentos do solo. Era como se a própria Terra estivesse despertando lentamente de um longo sonho de estar congelada.

Nessa confusão -em que súbitos raios de misterioso brilho vazavam através de rasgões nas torres de neblina e então desapareciam com a mesma rapidez, em que rebanhos do boi-almiscarado típico do Ártico eram tomados pelo impulso de galopar para o sul e então virar repentinamente para o oeste ou novamente para o norte, em que rígidas formações de gansos desintegravam-se num tumulto de grasnidos quando os campos magnéticos que orientavam seu vôo oscilavam e partiam-se em todas as direções -Serafina Pekkala voava para o norte, para a casa no promontório nas terras desertas de Svalbard.

Ali ela encontrou Thorold, o criado de Lorde Asriel, lutando contra um grupo de avantesmas-dos-penhascos. Ela percebeu o movimento antes de se aproximar o suficiente para ver o que estava acontecendo: asas como de couro e um malévolo grasnar ressoando no pátio coberto de neve, e uma figura solitária, envolta em peles, disparando um rifle no meio da confusão, tendo a seu lado um esquálido daemon-cão rosnando e tentando morder cada vez que uma daquelas coisas nojentas voava suficientemente baixo. Serafina não conhecia o homem, mas um avantesma-dos-penhascos era sempre um inimigo. Ela fez um círculo alto e disparou uma dúzia de flechas no grupo em tumulto. Com guinchos e muita algazarra o bando -desorganizado demais para ser considerado uma tropa -virou-se, viu o novo adversário e fugiu em confusão. No minuto seguinte os céus estavam novamente desertos, e os guinchos assustados ecoavam nas montanhas distantes até desaparecerem no silêncio.

Serafina pousou no pátio e saltou sobre a neve pisoteada e manchada de sangue. O homem empurrou o capuz para trás, ainda segurando o rifle cautelosamente, porque às vezes uma bruxa era inimiga, e ela viu um homem idoso, de rosto comprido, cabelos grisalhos e olhar firme.

- Sou amiga de Lyra - ela disse. - Espero que possamos conversar. Veja, baixei meu arco.

- Onde está a criança? - ele perguntou.

- Em outro mundo. Estou preocupada com a segurança dela. E preciso saber o que Lorde Asriel está fazendo.

Ele baixou o rifle.

- Então entre - convidou. - Veja, baixei meu rifle.

Depois da troca de formalidades, eles entraram na casa. Kaisa deslizava pelos céus, vigiando, enquanto Thorold fazia café e Serafina lhe contava o seu envolvimento com Lyra.

- Ela sempre foi uma criança com força de vontade - ele disse, quando estavam sentados à mesa de carvalho à luz de um lampião de nafta. - Eu a via todo ano, quando Lorde Asriel visitava a universidade dele. Eu gostava dela, sabe, não conseguia evitar. Mas o lugar dela no esquema geral das coisas eu não sei.

- O que Lorde Asriel estava planejando fazer?

- Não acha que ele me contou, acha, Serafina Pekkala? Sou só o criado dele. Lavo as roupas dele, preparo suas refeições, cuido da casa. Posso ter ficado sabendo de uma ou duas coisinhas durante os anos que passei com Lorde Asriel, mas só acidentalmente. Ele não confiava em mim mais do que confiava no seu pote de sabão de barba.

- Então me conte essas uma ou duas coisinhas que soube acidentalmente - ela insistiu.

Thorold era um homem velho, mas saudável e vigoroso, e sentia-se lisonjeado com a atenção dessa bruxa jovem e bela, como qualquer homem ficaria. Mas era também esperto, e sabia que a atenção não era realmente para ele, mas para o que ele sabia; e era honesto, de modo que não adiou indevidamente aquilo que tinha a dizer.

- Não sei exatamente o que ele está fazendo, porque os detalhes filosóficos estão além do meu alcance. Mas posso lhe dizer o que é que move Lorde Asriel, embora ele não saiba que eu sei. Percebi

isso em uma centena de pequenos sinais. Corrija-me se eu estiver enganado, mas as bruxas têm deuses diferentes dos nossos, não é verdade?

- Sim, é verdade.

- Mas sabe alguma coisa sobre o nosso Deus? O Deus da Igreja, aquele que chamam de Autoridade?

- Conheço, sim.

- Bem, Lorde Asriel nunca se sentiu à vontade, por assim dizer, com as doutrinas da Igreja. Já vi um ar de desagrado no rosto dele quando falam de sacramentos, penitência, redenção e coisas assim. Entre o nosso povo, desafiar a Igreja significa a morte, mas no peito de Lorde Asriel vem crescendo uma revolta desde que comecei a trabalhar para ele, é isso que eu sei.

- Uma revolta contra a Igreja?

- Em parte, sim. Houve uma época em que ele pensou em usar a força, mas desistiu disso.

- Por quê? A Igreja era forte demais?

- Não, isso não deteria o meu amo -disse o velho criado. -Olhe, isso pode lhe parecer estranho, Serafina Pekkala, mas conheço aquele homem melhor do que qualquer esposa, melhor do que uma mãe poderia conhecer. Ele tem sido meu amo e meu objeto de estudo há 40 anos. Não consigo acompanhá-lo nas alturas do seu pensamento assim como não consigo voar, mas posso ver aonde ele está indo, mesmo que não possa segui-lo. Não. Acredito que ele desistiu de uma revolta contra a Igreja não porque a Igreja fosse forte demais, mas porque ela é fraca demais para valer a pena lutar.

- Então... o que é que ele está fazendo?

- Acho que está iniciando uma guerra mais elevada. Acho que está

pretendendo uma revolta contra o poder mais alto de todos. Ele foi procurar a morada da própria Autoridade, e vai destruí-la. É o que eu penso. Meu coração estremece quando digo isso, senhora. Mal ouso pensar sobre isso. Mas não consigo imaginar outra coisa que faça sentido para o que ele está fazendo. Serafina ficou quieta por um momento, absorvendo o que Thorold lhe contara. Antes que ela dissesse alguma coisa, ele continuou:

- É claro que qualquer pessoa disposta a uma façanha grandiosa como essa seria alvo da ira da Igreja. Nem é preciso dizer. Seria a mais gigantesca das blasfêmias, é o que diriam. Ele seria levado a um Tribunal Consistorial e condenado à morte num piscar de olhos. Nunca falei sobre isso antes, e não tornarei a falar; até com a senhora eu teria medo de falar, se a senhora não fosse uma bruxa, fora do alcance do poder da Igreja; nenhuma outra coisa faz sentido, e isso faz. Ele vai encontrar e matar a própria Autoridade!

- Isso é possível? - Serafina quis saber.

- A vida de Lorde Asriel sempre foi cheia de coisas que eram impossíveis. Eu não gostaria de dizer que existe alguma coisa que ele não conseguiria fazer, porém, diante disto tudo, Serafina Pekkala, eu diria que sim, ele está louco. Se os anjos não conseguiram, como um homem pode ousar pensar nisso?

- Anjos? Quem são?

- Seres de puro espírito, diz a Igreja. A Igreja ensina que alguns anjos se rebelaram antes da criação do mundo, e foram expulsos do paraíso para o inferno. Eles fracassaram, entende? Não conseguiram o que queriam. E tinham o poder dos anjos. Lorde Asriel é apenas um homem, com poderes humanos, nada mais que isso. Mas a sua ambição é ilimitada. Ele ousa fazer o que homens e mulheres sequer ousam pensar. E veja o que ele já fez: rasgou o céu, abriu caminho para outro mundo. Quem mais já fez isso? Quem mais poderia pensar nisso? De modo que uma parte de mim, Serafina Pekkala, diz que ele é louco, mau, perturbado. Mas outra parte pensa: ele é Lorde Asriel, não é como os outros homens.

Quem sabe... Se isso algum dia fosse possível, seria feito por ele e por ninguém mais.

- E o que você vai fazer, Thorold?

- Vou ficar esperando aqui. Vou cuidar desta casa até ele voltar e me dar outra ordem, ou até eu morrer. E agora vou lhe fazer a mesma pergunta, senhora.

- Vou me certificar de que a criança está segura – ela revelou. - Pode ser que eu tenha que passar por esta região outra vez, Thorold. Fico feliz em saber que você ainda estará por aqui. - Não vou arredar pé daqui -ele assegurou.

Ela recusou a comida que ele ofereceu e despediu-se.

Dentro de um minuto ela reuniu-se ao seu daemon-ganso, e o daemon manteve silêncio ao lado dela enquanto voavam num curso sinuoso acima das montanhas enevoadas. Ela estava profundamente perturbada, e não havia necessidade de explicar isso: cada folha de erva, cada poça gelada, cada mosquitinho de sua terra natal vibrava em seus nervos chamando-a de volta. Ela temia por eles, mas temia por si própria também, pois estava tendo que mudar; eram problemas humanos que ela estava investigando, aquilo era um assunto humano, o deus de Lorde Asriel não era o dela. Será que estava se tornando humana? Será que estava perdendo sua condição de bruxa? Se estava, não poderia fazer isso sozinha.

- Vamos para casa - disse. - Precisamos conversar com as nossas irmãs, Kaisa. Esses acontecimentos são grandes demais para nós. E ambos atravessaram velozmente as nuvens de neblina em direção ao lago Enara e ao seu lar. Nas cavernas das florestas ao lado do lago, encontraram as outras do seu clã, e Lee Scoresby também. O aeronauta tinha lutado para manter sua embarcação flutuando depois da queda de Svalbard, e as bruxas o guiaram para aterra delas, onde ele havia começado a consertar o estrago na cesta e no balão de gás.

- Senhora, fico muito feliz em vê-la - saudou ele. - Alguma notícia da menininha?

- Nenhuma, Sr. Scoresby. Gostaria de juntar-se a nós no Conselho esta noite, para nos ajudar a debater o que fazer?

O texano pestanejou surpreso, pois jamais se soubera que um homem tivesse participado de um conselho de bruxas.

- Será uma grande honra - respondeu. - Pode ser que eu tenha uma ou duas sugestões.

Durante todo o dia chegaram bruxas, como flocos de neve negra nas asas de uma tempestade, enchendo os céus com o fremir da sua seda e o cicio do ar através das agulhas de seus galhos de pinheiro-nubígeno. Os homens que caçavam nas florestas gotejantes ou pescavam entre os pedaços de gelo a se derreter ouviram através da neblina o sussurro espalhado pelo céu, e se o céu estivesse claro eles ergueriam os olhos para ver as bruxas voando como farrapos de escuridão na correnteza de uma maré secreta.

À noite os pinheiros em volta do lago estavam iluminados por uma centena de fogueiras, e a maior fogueira de todas estava montada na frente da caverna de reuniões. Ali, depois que se alimentaram, as bruxas se reuniram. Serafina Pekkala sentava-se no centro, com uma coroa de pequenas flores vermelhas aninhada em seus cabelos louros. À sua esquerda, sentava-se Lee Scoresby e, à sua direita, uma visitante: a Rainha das bruxas de Latvia, cujo nome era Ruta Skadi.

Ela chegara apenas uma hora antes, para surpresa de Serafina. Serafina achava que a Sra. Coulter era bonita, para uma vida-curta, mas Ruta Skadi era tão linda quanto a Sra. Coulter, com uma dimensão extra - o mistério, o sobrenatural. Ela fizera transações com espíritos, e isso era visível. Era viva e apaixonada, com grandes olhos negros; dizia-se que o próprio Lorde Asriel tinha sido seu amante. Usava pesados brincos de ouro e, nos cabelos negros

e cacheados, uma coroa ornamentada com um anel de presas de tigres-da-neve. Kaisa, daemon de Serafina, tinha ouvido do daemon de Ruta Skadi que ela própria matara os tigres para castigar a tribo tártara que os adorava, porque os homens dessa tribo tinham deixado de honrá-la quando ela visitou o território deles. Sem seus deuses-tigres, a tribo decaiu, por medo e melancolia, e implorou a ela que lhes permitisse adorá-la em lugar dos tigres, mas foram recusados com desprezo; ela lhes perguntou: que benefício poderia trazer a ela a adoração deles? Afinal de contas, isso não tinha ajudado os tigres. Assim era Ruta Skadi: linda, orgulhosa e impiedosa.

Serafina não tinha certeza do motivo da vinda dela, mas deu-lhe boa acolhida, e a etiqueta exigia que ela se sentasse à direita de Serafina. Quando estavam todas reunidas, Serafina começou a falar:

- Irmãs! Vocês sabem por que nos reunimos: precisamos decidir o que fazer a respeito desses novos acontecimentos. O universo está partido, e Lorde Asriel abriu o caminho deste mundo para outro. Devemos nos preocupar com isso, ou viver nossa vida como fizemos até agora, cuidando dos nossos próprios assuntos? Além disso há a questão da menina Lyra Belacqua, chamada Lyra da Língua Mágica pelo Rei Iorek Byrnison. Ela escolheu o galho de pinheiro-nubígeno correto, na casa do Dr. Lanselius: é a criança que sempre esperamos, e agora ela desapareceu. Temos dois convidados, que irão nos oferecer suas idéias. Primeiro ouviremos a Rainha Ruta Skadi. Ruta Skadi ficou de pé. Seus braços brancos brilhavam à luz do fogo, os olhos cintilavam com tanta intensidade que até a bruxa mais distante distinguia as expressões em seu rosto vívido.

- Irmãs! - ela começou. - Vou lhes dizer o que está acontecendo, e contra quem devemos lutar. Pois há uma guerra iminente. Não sei quem vai ficar do nosso lado, mas sei contra quem devemos lutar. É o Magisterium, a Igreja: durante toda a sua História, que para nós não é muito tempo, mas para os vidas-curtas significa muitas e

muitas gerações, ela tentou reprimir e controlar todos os impulsos naturais. Quando não consegue controlá-los, ela os corta. Algumas de vocês têm conhecimento do que fizeram em Bolvangar. Aquilo foi horrível, mas não é o único lugar, nem a única prática deles. Irmãs, vocês só conhecem o norte; eu viajei pelas terras do sul. Lá existem Igrejas, acreditem, que cortam crianças também, não de igual maneira, mas de uma forma igualmente horrível: cortam fora os órgãos sexuais, sim, de meninas e meninos, para que não possam sentir prazer. É isso que a Igreja faz, e toda a Igreja é igual: quer controlar, destruir, obliterar cada sensação agradável. Se vier uma guerra e a Igreja estiver de um lado, nós temos que estar do outro lado, por mais estranhos que sejam os aliados com quem tivermos que nos envolver.

- O que proponho é que os nossos clãs se unam e sigam para o norte para explorar este novo mundo e ver o que podemos descobrir lá. Se não se consegue encontrar a criança no nosso mundo, é porque ela já terá ido atrás de Lorde Asriel. E Lorde Asriel é a chave de tudo, acreditem. Ele já foi meu amante, e eu de boa vontade uniria minhas forças às dele, porque ele odeia a Igreja e tudo que ela faz. É isso o que tenho a dizer.

Ruta Skadi falou apaixonadamente, e Serafina admirou seu poder e sua beleza. Quando a rainha latviana se sentou, Serafina voltou-se para Lee Scoresby.

- O Sr. Scoresby é amigo da criança, portanto amigo nosso também disse. -Gostaria de nos oferecer suas idéias, senhor?

O texano ficou de pé, magro como um chicote e muito cortês. Parecia não ter consciência da estranheza da ocasião, mas tinha. Seu daemon-lebre Hester estava agachado ao lado dele, orelhas estiradas para trás, coladas nas costas, os olhos dourados entrecerrados.

- Senhora, primeiro tenho que agradecer a todas vocês pela bondade com que me trataram, e pela ajuda que deram a um aeronauta castigado pelos ventos que sopraram de outro mundo.

Não vou abusar muito da sua paciência. Quando eu estava indo para o norte, para Bolvangar, com os gípcios, a menina Lyra me falou de uma coisa que tinha acontecido na universidade onde ela morava em Oxford: Lorde Asriel mostrou aos outros Catedráticos a cabeça cortada de um homem chamado Stanislaus Grumman, e com isso convenceuos a lhe dar algum dinheiro para voltar para o Norte e investigar o que tinha acontecido.

Ele continuou:

- Ora, a criança tinha tanta certeza do que tinha visto, que eu não quis questioná-la demais. Mas o que ela disse me trouxe à memória alguma coisa, porém não conseguia lembrar exatamente o que era. Sabia que era sobre esse tal Dr. Grumman. E só na viagem de Svalbard para cá eu me lembrei o que era. Foi um velho caçador de Tungusk quem me contou. Parece que Grumman conhecia o paradeiro de um objeto que dá proteção a quem quer que o carregue. Não quero fazer pouco da magia que vocês, bruxas, dominam, mas essa coisa, fosse o que fosse, tinha um tipo de poder que ultrapassa qualquer coisa de que eu já tenha ouvido falar. E fiquei pensando que poderia adiar a minha volta para o Texas e procurar o Dr. Grumman, pois estou preocupado com aquela menina. Acho que ele não está morto, entendem? Acho que Lorde Asriel estava enganando aqueles Catedráticos.

Fez uma pausa antes de prosseguir.

- De modo que vou procurar por ele em Nova Zembla, que é o último lugar onde ouvi falar dele vivo. Não consigo ver o futuro, mas consigo ver muito bem o presente. E estou com vocês nessa guerra, se é que as minhas balas valem alguma coisa. Mas é esta a tarefa que vou empreender, senhora oncluiu ele, virando-se mais uma vez para Serafina Pekkala: -Vou procurar Stanislaus Grumman, descobrir o que ele sabe e, se conseguir encontrar o tal objeto, vou levá-lo para Lyra.

Serafina perguntou:

- O senhor já foi casado, Sr. Scoresby? Tem filhos?

- Não, senhora, não tenho filhos, embora gostasse de ser pai. Mas entendo a sua pergunta, e a senhora tem razão: aquela garotinha teve má

sorte com os pais verdadeiros, e talvez eu possa compensar. Alguém tem que fazer isso, e eu estou disposto a fazê-lo.

- Obrigada, Sr. Scoresby - ela disse.

Serafina Pekkala retirou a coroa e desprendeu dela uma das pequenas flores vermelhas, que permaneciam frescas, como se fossem recém-colhidas, enquanto ela as usasse.

- Leve isto com você - disse. - E sempre que precisar da minha ajuda, segure-a e me chame; vou escutar, não importa onde o senhor esteja.

- Ora, obrigado, senhora - disse ele, surpreso. Pegou a florzinha e guardou-a com cuidado no bolso da camisa.

- E vamos chamar um vento para ajudá-lo achegar a Nova Zembla disse-lhe Serafina Pekkala. - Agora, irmãs, quem gostaria de falar?

Iniciou-se o conselho propriamente dito. As bruxas eram democratas até certo ponto; todas as bruxas, até mesmo as mais jovens, tinham o direito de falar, mas só a rainha tinha o direito de decidir. O debate durou a noite toda, com muitas vozes veementes a favor da guerra declarada imediatamente, e outras pedindo cautela - e algumas poucas, as mais sábias, sugerindo que se enviasse uma missão a todos os outros clãs para chamá-los a unir-se pela primeira vez.

Ruta Skadi concordava com isso, e Serafina mandou imediatamente as mensageiras. Quanto ao que ela própria deveria fazer, Serafina escolheu vinte das suas melhores guerreiras e ordenou que se preparassem para voar para o norte com ela, para aquele mundo novo que Lorde Asriel tinha aberto, para procurar Lyra.

- E você, Rainha Ruta Skadi? - Serafina perguntou finalmente. - Quais são os seus planos?

- Vou procurar Lorde Asriel, e ouvir dos lábios dele o que ele está

fazendo. E parece que ele também foi para o norte. Posso fazer a primeira parte da viagem com você, irmã?

- Pode, e será bem-vinda - disse Serafina, feliz em ter a companhia dela.

Assim ficou decidido.

Logo depois que o conselho terminou, porém, uma bruxa idosa procurou Serafina Pekkala e disse:

- É melhor conversar com Juta Kamainen, Rainha. Ela é cabeça-dura, mas pode ter alguma coisa importante a dizer.

A jovem bruxa Juta Kamainen -isto é, jovem pelos padrões das bruxas, pois tinha pouco mais de cem anos de idade - mostrava-se embaraçada e de má vontade, e seu daemon-tordo estava agitado, voando do ombro para a mão dela e em círculos acima de sua cabeça antes de voltar a pousar por um breve instante em seu ombro. As bochechas da bruxa eram gorduchas e vermelhas: ela possuía uma natureza viva e passional. Serafina não a conhecia muito bem.

- Rainha, conheço o humano Stanislaus Grumman - disse a jovem bruxa, incapaz de permanecer em silêncio sob o olhar de Serafina. - Já o amei. Mas agora o odeio com tanto fervor, que se o encontrar vou matá-lo. Não ia contar, mas a minha irmã me obrigou.

Olhou com raiva para a bruxa idosa, que retribuiu com um olhar de compaixão: conhecia o amor .

- Bem, se ele ainda estiver vivo, vai ter que ficar vivo até o Sr. Scoresby o encontrar - declarou Serafina. - É melhor vir conosco

para o novo mundo, assim não haverá perigo de você matá-lo antes. Esqueça, Juta Kamainen. O amor nos faz sofrer. Mas a nossa missão é maior do que a vingança. Lembre-se disso.

- Sim, Rainha - fez a jovem bruxa com humildade.

E Serafina Pekkala, suas 21 companheiras e a Rainha Ruta Skadi da LatVia prepararam-se para voar para o novo mundo, onde bruxa alguma jamais estivera.

3 - UM MUNDO INFANTIL

Lyra acordou cedo. Tinha tido um sonho horrível: alguém lhe dera a caixa térmica que ela vIra o pai, Lorde Asriel, mostrar ao Reitor e aos Catedráticos da Universidade Jordan.

Quando aquilo aconteceu na vida real, Lyra estava escondida no armário, e vira Lorde Asriel abrir a caixa e mostrar aos Catedráticos a cabeça cortada de Stanislaus Grumman, o explorador desaparecido; mas no sonho Lyra tinha que abrir ela mesma a caixa, e não queria fazer isso. Na verdade, estava apavorada. Mas tinha que abrir, querendo ou não, e sentia as mãos fracas de terror ao soltar o fecho da tampa e ouvir o ar entrando no vácuo da caixa térmica. Então retirou a tampa, quase engasgada de terror, mas sabendo que era preciso, tinha que fazer isso. E dentro não havia coisa alguma. A cabeça sumira. Não havia o que temer.

Mas mesmo assim ela despertou chorando e transpirando no quartinho de frente para o porto, com o luar entrando pela janela, e ficou deitada na cama de outra pessoa, agarrada ao travesseiro de outra pessoa, com Pantalaimon na forma de um arminho acariciando-a com o focinho e murmurando que se acalmasse. Ah, ela estava com tanto medo! E como era estranho que ela ficasse tão apavorada no sonho - logo ela, que na vida real tivera tanta vontade de ver a cabeça de Stanislaus Grumman, chegando a pedir a Lorde Asriel para abrir de novo a caixa para ela olhar .

Quando amanheceu, ela perguntou ao aletômetro o que o sonho significava, mas ele respondeu apenas: Foi um sonho a respeito de uma cabeça.

Ela pensou em acordar o garoto desconhecido, mas ele dormia tão profundamente, que ela desistiu. Em vez disso, desceu para a cozinha e tentou fazer uma omelete; 20 minutos depois ela se sentou a uma mesa na calçada e comeu com grande orgulho a mixórdia escura e crocante, enquanto Pantalaimon, agora um pardal, bicava os pedacinhos de casca de ovo. Ela ouviu um ruído atrás de si e lá estava Will, com os olhos pesados de sono.

- Sei fazer omelete - ela anunciou. - Posso fazer para você, se quiser. Ele olhou para o prato dela.

- Não, obrigado. Vou comer flocos de milho. Achei na geladeira um pouco de leite que ainda está bom. Eles não devem ter ido embora há muito tempo, o pessoal que mora aqui.

Ela o observou colocar flocos de milho numa tigela e

derramar leite em cima -mais uma coisa que ela nunca tinha visto. Ele levou a tigela para a rua e perguntou:

- Se você não é deste mundo, onde é o seu mundo? Como chegou até

aqui?

- Atravessando uma ponte. Meu pai fez essa ponte e... eu atravessei atrás dele. Mas ele foi para outro lugar, não sei onde. Não me importo. Mas, enquanto eu estava atravessando, havia tanta neblina que me perdi, eu acho. Fiquei andando no meio da neblina durante dias, comendo só cerejas e coisas que eu encontrava. Então um dia a neblina sumiu e a gente estava no alto daquele rochedo lá atrás...

Fez um gesto para trás de si. Will olhou ao longo da praia, para além do farol, e verificou que a costa se erguia numa grande fileira

de rochedos que desapareciam na neblina à distância.

- E vimos a cidade aqui, e descemos, mas não tinha ninguém aqui. Pelo menos tinha coisas para comer e cama para dormir. Não sabíamos o que íamos fazer depois.

- Tem certeza de que isto aqui não é outra parte do seu mundo?

-Claro. Este não é o meu mundo, disto eu tenho certeza.

Willlembrava-se da sua certeza absoluta, quando viu o trecho de gramado através da janela no ar, de que aquilo não ficava no seu mundo, e então fez um gesto de assentimento.

- Então existem pelo menos três mundos ligados - disse.

- Existem milhões e milhões - disse Lyra. – Aquele outro daemon me contou. Era o daemon de uma bruxa.

Ninguém consegue calcular quantos mundos existem, todos no mesmo espaço, mas ninguém conseguia ir de um para outro antes do meu pai fazer essa ponte.

- E a janela que eu encontrei?

- Isso eu não sei. Talvez os mundos estejam começando a entrar uns nos outros.

- E por que você está procurando pó?

Ela o encarou friamente.

- Pode ser que um dia eu lhe conte - declarou.

- Está bem. Mas como é que vai procurar esse pó?

- Vou encontrar um Catedrático que saiba sobre ele.

- Como assim? Qualquer Catedrático?

- Não. Um teólogo experimental-ela esclareceu. - Lá na minha Oxford, eram eles que sabiam dessas coisas. É lógico que deve ser o mesmo na sua Oxford. Vou primeiro à Universidade Jordan, porque a Jordan tinha os melhores teólogos.

- Nunca ouvi falar em teologia experimental – ele duvidou.

- Eles sabem tudo sobre partículas elementares e forças fundamentais

-ela explicou. -E ambaromagnetismo, coisas assim. Naves atômicas.

- Magnetismo o quê?

- Ambaromagnetismo. Vem de ambárico. Essas luzes - disse, apontando para os postes ornamentais. - Elas são ambáricas.

- Nós chamamos de elétricas.

- Elétricas... Parece *electrum*. É um tipo de pedra, uma jóia, feita de resina de árvore. Às vezes tem um inseto dentro delas.

- Ah, você está falando de âmbar - disse ele.

Ambos falaram ao mesmo tempo:

- Ambárico!

E ambos viram a expressão no rosto do outro. Durante muito tempo Will lembrou-se desse momento.

- Bom, eletromagnetismo - disse ele, desviando os olhos. - Parece o que a gente chama de física, essa sua teologia experimental. Você vai precisar de cientistas, não de teólogos.

- Ah, vou conseguir encontrar - disse ela em tom cauteloso. Estavam sentados ao ar livre naquela manhã sem nuvens, e qualquer um dos dois poderia ter falado a seguir, porque ambos estavam cheios de perguntas; mas nesse momento ouviram uma

voz que vinha de mais longe ao longo da calçada da praia, da direção dos jardins do cassino. Ambos olharam para lá, espantados. Era uma voz infantil, mas não havia ninguém à vista.

Will perguntou baixinho a Lyra:

- Há quanto tempo mesmo você está aqui?

- Três, quatro dias, perdi a conta. Nunca vi ninguém. Não tem ninguém Aqui. Procurei em quase toda parte.

Mas havia. Duas crianças, uma delas uma garota da idade de Lyra e a outra um menino mais jovem, saíram de uma das ruas que levavam ao porto. Carregavam cestas, e ambos tinham cabelos ruivos. Estavam a menos de 100

metros quando avistaram Will e Lyra à mesa do pequeno restaurante. Pantalaimon mudou de pintassilgo para camundongo e subiu correndo pelo braço de Lyra para o bolso da camisa dela.

Ele reparou que aquelas novas crianças eram como Will: nenhuma das duas tinha um daemon visível.

As duas crianças aproximaram-se e ocuparam uma mesa próxima.

- Vocês são de Ci'gazze? - a menina perguntou.

Will sacudiu a cabeça.

- De Sant'Elia?

- Não. Somos de outro lugar - Lyra respondeu.

A menina assentiu; era uma resposta razoável.

- O que é que está acontecendo? - Will perguntou. - Onde estão os adultos?

A menina franziu a testa.

- Os Espectros não vieram à sua cidade? - quis saber.

- Não - disse Will. - Acabamos de chegar. Não sabemos nada sobre Espectros. Qual é o nome desta cidade?

- Ci'gazze - a menina informou, cheia de suspeita. - Quer dizer, Cittàgazze.

- Cittàgazze... - Lyra repetiu. - Ci'gazze. Por que os adultos tiveram que ir embora?

- Por causa dos Espectros - a menina explicou com enorme sarcasmo.

- Qual é o seu nome?

- Lyra. E ele é Will. Qual é o seu?

- Angélica. O meu irmão é Paolo.

- De onde vocês vieram?

- Dos morros. Houve uma grande tempestade e muita neblina, e todo mundo ficou assustado, de modo que corremos para o alto dos morros. Então, quando a neblina clareou, os adultos viram pelos telescópios que a cidade estava cheia de Espectros, de modo que eles não podiam voltar. Mas as crianças, a gente não tem medo de Espectros, ora. Mais crianças estão vindo aí. Vão chegar mais tarde, mas nós fomos os primeiros.

- Nós e o Tullio - disse o pequeno Paolo com orgulho.

- Quem é Tullio?

Angélica ficou zangada: Paolo não devia ter mencionado o outro irmão. Agora já não era segredo.

- O nosso irmão mais velho - explicou. - Ele não está conosco. Está

escondido até conseguir... Está escondido, só isso.

- Ele vai pegar... - Paolo começou, mas Angélica deu-lhe um tapa com força e ele calou a boca, apertando os lábios trêmulos.

- Que foi que você disse sobre a cidade? - quis saber Will. - Que está

cheia de Espectros?

- É, Ci'gazze, Sant'Elia, todas as cidades, os Espectros vão aonde as pessoas estão. De onde você vem?

- De Winchester - Will informou.

- Nunca ouvi falar. Lá não tem Espectros?

- Não. Também não estou vendo nenhum aqui.

- Claro que não! - ela exclamou. - Você não é adulto! Quando a gente fica adulto, vê Espectros.

- Eu não tenho medo de Espectros - disse o garotinho, erguendo o queixo sujo. - Mato todos eles.

- Os adultos não vão mais voltar? - Lyra perguntou.

- Vão, daqui a alguns dias - disse Angélica. – Quando os Espectros forem para outro lugar. Nós gostamos quando os Espectros vêm para cá, porque podemos correr pela cidade, fazer tudo que queremos.

- Mas o que os adultos acham que os Espectros vão fazer com eles? Will perguntou.

- Bom, quando um Espectro agarra um adulto, a coisa é feia de se ver. Eles comem a vida dele ali, na hora. Não quero ser adulta, eu juro. No princípio eles sabem o que está acontecendo e ficam com

medo, e gritam e gritam, tentam olhar para outro lado e fingir que não está acontecendo, mas está. É

tarde demais. E ninguém chega perto deles, eles ficam sozinhos. Então ficam pálidos e param de se mexer. Ainda estão vivos, mas é como se tivessem sido comidos por dentro. A gente olha nos olhos deles e vê o fundo da cabeça. Não tem nada lá dentro.

A menina virou-se para o irmão e limpou o nariz dele na manga da camisa.

- Eu e Paolo vamos procurar sorvete - informou. - uerem vir também?

- Não - disse Will. - Temos uma coisa a fazer.

- Então até logo - disse ela.

- Morte aos Espectros! - Paolo completou.

- Até logo - fez Lyra.

Assim que Angélica e o menininho desapareceram, Pantalaimon surgiu do bolso de Lyra, olhos brilhantes, os pêlos da cabecinha de camundongo eriçados. Disse a Will:

- Eles não sabem da janela que você encontrou.

Era a primeira vez que Will o ouvia falar, e isso quase o deixou mais espantado do que tudo que ele vira até então. Lyra riu do seu espanto.

- Mas... ele falou... Todos os daemons falam? – quis saber.

- Claro que sim! - disse Lyra. - Achou que ele era só um bichinho de estimação?

Will passou a mão pelos cabelos e pestanejou. Depois sacudiu a cabeça e voltou-se para Pantalaimon:

- Não, você tem razão, eu acho. Eles não sabem da janela.

- Então é melhor termos cuidado com isso - Pantalaimon continuou. Durou um instante a estranheza de conversar com um camundongo, e logo passou a ser tão normal quanto falar ao telefone, porque na verdade ele estava falando com Lyra. Mas o camundongo era um ser independente; tinha alguma coisa de Lyra em sua expressão, mas alguma outra coisa também. Era difícil raciocinar, com tantas coisas esquisitas acontecendo ao mesmo tempo. Will tentou organizar os pensamentos.

- Primeiro você tem que arrumar algumas roupas, Lyra, antes de entrar na minha Oxford -afirmou.

- Por quê? - ela perguntou, rebelde.

- Porque no meu mundo você não pode ir falar com as pessoas vestida assim, elas não iam deixar você chegar perto. Tem que parecer que faz parte delas. Tem que andar camuflada. Eu sei, entende? Faço isso há anos. É

melhor você me escutar, senão vai ser apanhada, e se descobrirem de onde você veio, a Janela, e tudo... Ora, este mundo é um bom esconderijo. Sabe, eu... Preciso me esconder de certas pessoas. Este é o melhor esconderijo que eu poderia sonhar, e não quero que seja descoberto. Portanto, não quero que você estrague tudo com sua aparência de quem não faz parte de lá. Tenho minhas coisas a fazer em Oxford, e se me descobrirem por sua causa eu mato você.

Ela engoliu em seco. O aletômetro nunca mentia: aquele garoto era um assassino - e, se tinha matado antes, podia matá-la também. Ela assentiu com ar sério.

- Está bem - disse, e era verdade.

Pantalaimon tinha virado um lêmure e o encarava com um olhar desconcertante. Will encarou-o de volta, e o daemon virou camundongo outra vez, entrando para o bolso dela.

- Ótimo - ele disse. - Agora, enquanto estivermos aqui, vamos fingir para as outras crianças que viemos de algum lugar do mundo delas. É bom não haver adultos. Podemos ficar à vontade, ninguém vai perceber. Mas no meu mundo você vai ter que me obedecer. E a primeira coisa é tomar um banho. Você vai precisar parecer limpa, senão vai ser notada. Temos que estar camuflados em toda parte. Temos que parecer que fazemos parte dali, com tanta naturalidade que as pessoas nem nos percebam. Então, para começar, vá lavar os cabelos. Eu vi um xampu no banheiro. Depois vamos procurar algumas roupas.

- Não sei fazer isso - ela admitiu. - Nunca lavei meus cabelos. A governanta fazia isso na Jordan, e depois de lá eu nunca mais precisei.

- Bom, vai ter que dar um jeito - ele insistiu. – Tome logo um banho completo. No meu mundo as pessoas são limpas.

- Hum... -fez Lyra, e foi para o segundo andar. O olhar de um camundongo feroz fixou-se nele por cima do ombro dela, mas ele retribuiu o olhar com frieza.

Parte dele queria passear nessa manhã ensolarada, explorar a cidade, mas outra parte tremia de ansiedade pela mãe, e mais outra parte estava ainda dopada pelo choque da morte que ele provocara. E acima de tudo havia a missão que ele tinha que cumprir. Mas era bom manter-se ocupado, de modo que enquanto esperava por Lyra ele limpou a cozinha, lavou o chão e esvaziou a lata de lixo no recipiente que encontrou no beco nos fundos. Depois pegou dentro da sacola o escrínio de couro verde e contemplou-o com anseio. Assim que tivesse mostrado a Lyra como atravessar a janela para dentro da Oxford dele, ia voltar e examinar o seu conteúdo; mas até então ele o enfiou sob o colchão da cama onde havia dormido. Neste mundo ele estava em segurança.

Quando Lyra desceu, limpa e molhada, os dois saíram em busca de roupas para ela. Encontraram uma loja de departamentos, modesta como tudo mais, com roupas que aos olhos de Will pareciam um

pouco fora de moda, mas acharam para Lyra uma saia escocesa e uma blusa verde sem mangas, com um bolso para Pantalaimon. Ela recusou-se a usar jeans: recusou-se até a acreditar quando Will lhe disse que a maioria das garotas usava.

- São calças! -protestou. -Eu sou mulher. Não seja burro. Ele deu de ombros; a saia escocesa era discreta, isso era o principal. Antes de partirem, Will deixou algumas moedas na caixa atrás do balcão.

- O que é que você está fazendo? - ela quis saber.

- Pagando. Você tem que pagar pelas coisas. No seu mundo não se paga pelas coisas?

- Não neste aqui! Aposto que aquelas outras crianças não estão pagando por nada!

- Elas podem não pagar, mas eu pago.

- Se começar a se comportar como adulto, os Espectros vão lhe pegar

-ela avisou, embora ainda não soubesse se podia brincar com ele ou se devia continuar tendo medo dele.

À luz do dia Will via como eram antigos os prédios no centro da cidade, e o estado de ruína a que alguns deles tinham chegado.

A rua estava cheia de buracos não consertados; havia janelas quebradas, rebocos caindo. No entanto, já houvera nesse lugar beleza e esplendor: através de arcos entalhados viam-se pátios espaçosos, cheios de plantas, e havia grandes construções que pareciam palácios, embora as escadarias estivessem rachadas, e as molduras das portas, soltas das paredes. Parecia que, em vez de derrubar um prédio e construir um novo, os cidadãos de Ci'gazze preferiam remendá-lo indefinidamente. A certa altura chegaram a uma torre solitária numa pracinha. Era a construção mais antiga que tinham visto: uma torre simples, de quatro andares, com amei as no

topo. Alguma coisa na sua imobilidade à luz forte do sol era intrigante, e tanto Will quanto Lyra sentiram-se atraídos para a meia-porta aberta no topo da escadaria larga; mas não falaram sobre isso, e com certa relutância seguiram seu caminho.

Quando chegaram à alameda larga, com as palmeiras, ele mandou-a procurar um pequeno café de esquina, com mesas de metal pintadas de verde na calçada. Ela encontrou-o num minuto. Parecia menor e mais pobre à luz do dia, mas era o mesmo lugar, com o balcão de tampo de zinco, a máquina de café expresso, o prato de risoto pela metade, agora começando a cheirar mal no ar quente.

- É aqui? - Lyra perguntou.

- Não. Fica no meio da rua. Veja se não há outras crianças por perto... Mas estavam sozinhos. Will levou-a para o canteiro central sob as palmeiras e olhou em volta para se orientar.

- Acho que era por aqui - disse. - Quando atravessei, via muito mal aquele morro alto atrás da casa branca lá em cima, e olhando para este lado eu vi o café, e...

- Como é essa coisa? Não estou vendo nada.

- Você não vai confundir. Não parece nada que você já tenha visto. Ele caminhava de um lado para outro. A janela teria desaparecido?

Teria fechado? Ele não conseguia encontrá-la. E de repente encontrou-a. Estivera observando a borda do canteiro enquanto caminhava; assim como na noite anterior, no lado de Oxford, ela só podia ser vista de um lado, quando se passava para trás dela, ela ficava invisível. E o sol no gramado do outro lado era exatamente como o sol no gramado deste lado, a não ser por alguma coisa indizivelmente diferente.

- Achei! - exclamou, quando teve certeza.

- Ah! Estou vendo!

Ela estava alvoroçada. Parecia tão atônita quanto ele ao escutar Pantalaimon falar. O daemon, incapaz de continuar dentro do bolso, tinha saído como uma vespa, e voou zumbindo até o buraco algumas vezes, recuando sempre, enquanto ela enrolava entre os dedos os cabelos ainda molhados.

- Fique de lado - ele instruiu. - Se ficar na frente dele, as pessoas vão ver só um par de pernas, e isso ia causar sensação. Não quero que ninguém perceba.

- Que barulho é este?

- Trânsito. Vamos sair no trevo de Oxford. Deve estar muito movimentado. Abaixe-se e dê uma olhada por este lado. Na verdade, não é

uma hora boa para a gente atravessar, muitas pessoas passando. Mas vai ser difícil encontrar um lugar para ir se atravessarmos no meio da noite. Pelo menos, depois de atravessarmos poderemos nos misturar com facilidade. Você

passa primeiro. Mergulhe depressa e depois se afaste da janela. Desde que saíram do café, ela vinha carregando uma pequena mochila azul e, antes de agachar-se e olhar para o outro lado, ela tirou a mochila das costas e segurou-a nos braços.

- Ah! - exclamou. - Este aí é o seu mundo? Não está parecendo ser Oxford. Tem certeza que estava em Oxford?

- Claro que tenho. Quando atravessar, vai ver uma rua bem na sua frente. Vá para a esquerda, e depois, um pouco à frente, pegue a rua que vai para a direita. Ela leva ao centro da cidade. Não deixe de marcar bem esta janela e não se esqueça de onde ela está, certo? É a única maneira de voltar.

- Certo, não me esquecerei.

Com a mochila nos braços, ela mergulhou no ar através das janela e desapareceu. Will agachou-se para ver aonde ela ia. E lá estava ela, parada no gramado na Oxford dele, com Pan ainda como vespa no ombro dela, e ninguém, pelo que ele podia dizer, a tinha visto surgir do nada. A poucos passos, carros e caminhões voavam, e nesse cruzamento movimentado nenhum motorista teria tempo de olhar para o lado e reparar num pequeno trecho de ar esquisito, mesmo se conseguisse vê-lo, e o trânsito escondia a janela de qualquer pessoa que olhasse da outra calçada.

Houve o guinchar de freios, um grito, uma batida. Ele jogou-se no chão para olhar.

Lyra estava caída na grama. Um carro tinha freado tão subitamente, que foi atingido pelo furgão que vinha atrás, sendo empurrado alguns metros para a frente, e lá estava Lyra, imóvel...

Will lançou-se atrás dela. Ninguém o viu surgir; todos os olhos estavam no carro, no pára-choque amassado, no motorista do furgão - que saltava do veículo - e na menina.

- Não consegui impedir... Ela entrou correndo na frente... - disse a mulher de meia-idade que estava ao volante do carro. - E você estava perto demais - acrescentou, voltando-se para o motorista do furgão.

- Depois a gente vê isso - ele retrucou. - Como está a menina?

O motorista do furgão estava falando com Will, de joelhos ao lado de Lyra. Will ergueu os olhos e olhou em volta, mas não havia outro jeito, ele era responsável por ela. No chão, Lyra mexia a cabeça, pestanejando. Will viu Pantalaimon em forma de vespa arrastando-se por um talo de grama ao lado dela.

- Você está bem? - ele perguntou. - Mexa os braços e as pernas.

- Uma estupidez! - dizia a mulher dentro do carro. - Correu na minha frente. Nem olhou. Que é que eu podia fazer?

- Você está bem, querida? - perguntou o motorista do furgão.

- Estou - balbuciou Lyra.

- Tudo no lugar?

- Mexa os pés e as mãos - Will insistiu.

Ela obedeceu. Não havia fratura.

- Ela está bem - Will assegurou. - Vou tomar conta dela. Ela está

ótima.

- Você conhece esta menina? - quis saber o motorista do furgão.

- É minha irmã - disse Will. - Está tudo bem.

Moramos logo ali, dobrando a esquina. Vou levar ela para casa. Lyra agora estava sentada, e, como era evidente que ela não estava

gravemente ferida, a mulher voltou sua atenção para o carro. O resto do trânsito passava ao largo dos dois veículos parados, e ao passarem olhavam para a cena com curiosidade, como sempre acontece. Will ajudou Lyra a se levantar; quanto mais depressa saíssem dali, melhor. A mulher e o motorista do furgão tinham chegado à conclusão de que o problema deveria ser resolvido pelas respectivas companhias de seguros, e estavam trocando endereços quando a mulher viu Will afastando-se, ajudando Lyra, que mancava.

- Esperem! - gritou. - Vocês vão ser testemunhas. Preciso do seu nome e endereço.

- Sou Mark Ransom - disse Will, virando-se. - Minha irmã se chama Lisa. Moramos na Travessa Bourne 26.

- Código postal?

- Nunca me lembro - ele disse. - Escute, quero levar minha irmã para casa.

- Entrem aqui, vou lhes dar uma carona - ofereceu o motorista do furgão.

- Não é preciso, é mais rápido a pé.

Lyra não estava mancando muito. Afastou-se caminhando com Will ao longo do gramado sob os carpinos; os dois viraram na primeira esquina que encontraram.

Sentaram-se num muro baixo de praça.

- Está machucada? - Will perguntou.

- Minha perna bateu. E quando eu caí, a minha cabeça tremeu - ela respondeu.

Mas estava mais preocupada com o que havia dentro da mochila. Tateou lá dentro e pegou um embrulhinho pesado, envolvido em

veludo negro, que ela desdobrou. Will arregalou os olhos ao ver o aletômetro: os minúsculos símbolos pintados em volta do mostrador, os ponteiros dourados, o ponteiro maior em movimento, a pesada opulência do envoltório de metal-tudo isso deixou-o sem fôlego.

- Que é isso? -quis saber.

- É o meu aletômetro. É um contador de verdade. Um leitor de símbolos. Espero que não esteja quebrado...

Mas o artefato estava intacto. Mesmo nas mãos trêmulas de Lyra o ponteiro maior girava regularmente. Ela guardou o aletômetro e disse:

- Nunca vi tantas carroças e coisas... Nunca pensei que andassem tão depressa...

- A sua Oxford não tem carros e furgões?

- Não tantos assim. E não como esses. Eu não estou acostumada. Mas já estou bem.

- Bom, de agora em diante tome cuidado. Se for parar debaixo de um ônibus, ou se se perder ou coisa assim, vão perceber que você não é deste mundo e vão começar a procurar a passagem...

Ele estava muito mais zangado do que precisava. Finalmente declarou:

- Está certo. Escute: se fingir que é minha irmã, isso vai ser um bom disfarce para mim, pois o menino que eles estão procurando é filho único. E se eu estiver com você, posso lhe ensinar a atravessar a rua sem ser atropelada.

- Está bem - ela concordou com humildade.

- E dinheiro. Aposto que você não tem... Ora, como poderia ter dinheiro? Como vai se movimentar, comer e tudo mais?

- Eu tenho dinheiro - ela contestou, e pescou algumas moedas de ouro na bolsa.

Will estudou-as com expressão incrédula.

- É ouro? É, sim, não é? Bom, isto ia fazer todo mundo ficar curioso, se ia. Você não está segura. Vou lhe dar algum dinheiro. Guarde estas moedas bem escondidas. E lembre-se: você é a minha irmã e o seu nome é Lisa Ransom.

- Lizzie. Uma vez fingi que meu nome era Lizzie. Posso me lembrar disso.

- Está bem, Lizzie. E eu sou Mark. Não esqueça.

- Está certo - ela concordou.

A perna ia ficar muito dolorida; estava vermelha e inchada onde o carro tinha batido, e uma grande mancha escura já estava se formando. Com a equimose no rosto, onde ele a golpeara na véspera, ela parecia maltratada, e isso também preocupava o garoto: e se um policial ficasse curioso?

Tentou tirar isso da cabeça e os dois partiram, atravessando a rua no sinal e lançando um último olhar à janela sob os carpinos. Não conseguiam vêla. Ela estava invisível, e o trânsito retomara seu fluxo. Em Summertown, depois de dez minutos de caminhada pela Rua Banbury, Will parou na frente de um banco.

- O que é que você vai fazer?

- Vou tirar algum dinheiro. É melhor não fazer isso muitas vezes, mas eles só vão registrar o saque no final do expediente, eu imagino. Colocou o cartão bancário da mãe na caixa automática e digitou a senha. Pelo jeito estava tudo certo, portanto ele retirou 100 libras, que a máquina entregou sem um senão.

Lyra observava, boquiaberta. Ele deu a ela uma nota de 20 libras.

- Para usar depois - disse. - Compre uma coisa qualquer para trocar o dinheiro. Vamos procurar um ônibus para a cidade.

No ônibus, Lyra deixou que ele cuidasse das coisas e ficou sentada, muito quieta, observando as casas e os jardins da cidade que era dela e não era. Ela se sentia como se estivesse dentro do sonho de outra pessoa. Saltaram no centro da cidade, junto a uma antiga igreja de pedra, que ela conhecia, na frente de uma grande loja de departamentos que ela não conhecia.

- Está tudo mudado! - disse. - Como... Ali não é o Mercado de Milho? E

esta aqui é a Broad. Ali, o Balliol. E a Biblioteca Bodley's, ali embaixo. Mas onde está a Jordan?

Ela agora tremia com força. Podia ser uma reação retardada por causa do acidente, ou um choque atual por encontrar um prédio inteiramente diferente no lugar da Universidade Jordan, que era o seu lar.

- Não está certo - disse. Falava baixinho, porque Will lhe ordenara que parasse de apontar e comentar em voz tão alta as coisas que estavam erradas.

- É uma outra Oxford.

- Bom, a gente sabia disso.

Ele não estava preparado para o espanto e a confusão de Lyra. Não tinha como saber até que ponto a infância dela havia transcorrido em correrias por ruas quase idênticas a essas, e o orgulho que ela sentia por pertencer à

Universidade Jordan, cujos Catedráticos eram os mais inteligentes, cujos cofres eram os mais ricos, cuja beleza era a mais esplêndida; e tudo isso agora simplesmente não estava ali, e ela não era mais a

Lyra da Jordan; era uma menininha perdida num mundo estranho, que não fazia parte de nenhum lugar.

- Bem, se não está aí... - disse em voz trêmula.

Ia apenas demorar um pouco mais do que ela havia pensado - só isso. **4 - A TREPANAÇÃO**

Assim que Lyra seguiu seu caminho, Will procurou um telefone público e discou o número que constava na carta do advogado que ele tinha na mão.

- Alô? Quero falar com o Sr. Perkins.

- Quem está falando, por favor?

- É a respeito do Sr. John Parry. Sou o filho dele.

- Um momento, por favor...

Passou-se um minuto e uma voz masculina disse:

- Alô? Sou Alan Perkins. Quem está falando?

- William Parry. Desculpe-me incomodar. É sobre o meu pai, John Parry. De três em três meses o senhor manda dinheiro do meu pai para a conta bancária da minha mãe.

- Sim...

- Bem, quero saber onde meu pai está, por favor. Ele está vivo ou morto?

- Quantos anos você tem, William?

- Doze. Quero saber sobre o meu pai.

- Sim... A sua mãe, ela... A sua mãe sabe deste telefonema?

Will pensou cuidadosamente.

- Não - disse afinal. - Mas ela não está muito bem de saúde. Não pode me contar muita coisa, e eu quero saber.

- Certo, entendo. Onde é que você está? Em casa?

- Não. Estou... Estou em Oxford.

- Sozinho?

- É.

- E a sua mãe não está bem, foi o que você disse?

- Isso mesmo.

- Ela está no hospital, ou coisa assim?

- Algo parecido. Escute, o senhor pode me contar ou não?

- Bem, posso lhe contar alguma coisa, mas não muita, e não neste momento, e eu prefiro não fazer isso por telefone. Tenho um cliente daqui a cinco minutos... Você poderia vir ao meu escritório às duas e meia?

- Não - fez Will. Seria arriscado demais: o advogado poderia estar sabendo que ele estava sendo procurado pela polícia. Pensou depressa e prosseguiu: -Tenho que pegar um ônibus para Nottingham. Mas o que eu quero saber o senhor pode me contar pelo telefone, não pode? Só quero saber se o meu pai está vivo, e, se estiver, onde é que ele está. O senhor pode me contar isso, não pode?

- Não é tão simples assim. Não posso fornecer informações pessoais sobre um cliente sem ter certeza de que o cliente deseja isso. E de qualquer maneira preciso de uma prova de quem você é.

- Está certo, eu compreendo, mas pode me dizer só se ele está vivo?

- Bem... Isso não seria confidencial, mas infelizmente não posso lhe informar, porque também não sei.

- Hein?

- O dinheiro vem de um legado de família. Ele deixou instruções para que o pagamento seja feito até que ele me dê outra ordem. Desde esse dia não tive mais notícias dele. O que isso quer dizer é que... Bem, acho que ele desapareceu. É por isso que não posso responder à sua pergunta.

- Desapareceu? Sumiu?

- Essa informação é de domínio público. Escute, por que não vem ao meu escritório e...

- Não posso. Vou para Nottingham.

- Bem, então me escreva ou peça à sua mãe para me escrever, e vou informar o que eu puder. Mas tem que entender que não posso fazer isso pelo telefone.

- É, entendo. Está bem. Mas pode me dizer onde foi que ele sumiu?

- Como já lhe disse, isso é de domínio público. Na época muitos jornais publicaram. Você sabe que ele era um explorador?

- Mamãe me contou algumas coisas...

- Bem, ele estava trabalhando como guia para uma expedição que desapareceu. Há uns 10 anos.

- Onde?

- No extremo norte. No Alasca, eu acho. Você pode procurar na biblioteca pública. Por que você não...

Mas nesse ponto acabou o dinheiro que Will colocara no telefone público, e ele não tinha mais trocado. O sinal de discar zumbia em seu ouvido. Ele baixou o fone e olhou em volta. O que queria acima de tudo era falar com a mãe. Teve que fazer força para não discar o número da Sra. Cooper, porque se ouvisse a voz da mãe seria muito difícil não voltar para perto dela, e isso colocaria os dois em perigo. Mas podia mandar-lhe um cartão-postal. Escolheu uma foto da cidade e escreveu: "Mamãe querida, estou bem e logo estarei de volta. Espero que esteja tudo certo. Eu te amo. Will." Então endereçou-o e comprou um selo, e segurou o cartão junto ao peito por um instante antes de deixá-lo cair na caixa de coleta.

Era o meio da manhã e ele estava na principal rua de comércio, onde os ônibus abriam caminho por entre a massa de pedestres. Ele começou a perceber como estava exposto; era um dia de semana, e uma criança da sua idade deveria estar na escola. Aonde poderia ir?

Não demorou a se esconder. Will conseguia desaparecer com facilidade, pois era bom nisso; tinha até orgulho da sua habilidade. O modo como fazia isso foi parecido com o modo como Serafina Pekkala ficou invisível no navio: ele se fazia intensamente discreto. Tornava-se parte da paisagem. Agora, conhecendo o tipo de mundo em que vivia, ele entrou numa papelaria e comprou uma caneta esferográfica, um bloco de notas e uma prancheta. Muitas vezes as escolas enviavam grupos de alunos para fazer pesquisas de compras, ou algo assim, e, se desse a impressão de estar envolvido num projeto desse tipo, não causaria estranheza. E assim ele vagou, fingindo tomar notas, olhos atentos à procura da biblioteca pública.

Lyra, enquanto isso, estava procurando um lugar sossegado para consultar o aletômetro. Na sua Oxford haveria uma dúzia de lugares a menos de cinco minutos a pé, mas essa Oxford era tão desconcertante, tão diferente, com trechos de pungente familiaridade vizinhos a trechos inteiramente disparatados.

Por que tinham pintado aquelas linhas amarelas na rua? Que eram aqueles círculos brancos pontilhando as calçadas? (No seu mundo nunca se ouvira falar de goma de mascar). Que poderiam ser aquelas luzes vermelhas e verdes em cada esquina? Era tudo muito mais difícil de decifrar do que o aletômetro.

Mas ali estavam os portões da Universidade St. John's, que ela e Roger uma vez saltaram depois que escureceu para plantar fogos de artifício nos canteiros de flores; e aquela pedra no muro, na esquina da Rua Catte -lá

estavam as iniciais SP que Simon Parslow tinha feito, as próprias! Ela tinha visto Simon fazer aquilo! Alguém neste mundo, com as mesmas iniciais, parou ali e fez exatamente a mesma coisa. Talvez houvesse um Simon Parslow neste mundo. Talvez houvesse uma Lyra!

Aquela Oxford diferia da dela também em outra coisa: a enorme quantidade de pessoas enchendo todas as calçadas, entrando e saindo de todos os prédios; havia gente de todo tipo - mulheres vestidas como homens, africanos, até mesmo um grupo de tártaros pacificamente seguindo seu líder, todos bem vestidos, levando caixinhas pretas penduradas no pescoço. Ela os contemplou a princípio com medo, porque eles não tinham daemons, e no mundo dela seriam considerados avantesmas, ou coisa pior. Mas o mais estranho era que pareciam inteiramente vivos.

Aquelas criaturas demonstravam vivacidade, exatamente como se fossem humanos, e Lyra teve que admitir que provavelmente eram mesmo humanos, e que seus daemons estavam dentro deles, como o de Will. Depois de vagar por uma hora observando aquela falsa Oxford, ela sentiu fome e comprou uma barra de chocolate com sua nota de 20 libras. O

vendedor olhou para ela com estranheza, mas vinha das índias e com certeza não entendia o sotaque dela, embora ela tivesse pronunciado com clareza. Com o troco ela comprou uma maçã no Mercado Coberto, que era muito mais parecido com a Oxford de

verdade, e se encaminhou para o parque. Ali se encontrou diante de um prédio grandioso, um prédio do tipo Oxford de verdade, mas que não existia no mundo dela, embora não fosse parecer deslocado lá. Ela sentou-se na grama do lado de fora para comer, e ficou contemplando o prédio com olhar de aprovação.

Descobriu que era um museu. As portas estavam abertas, e lá dentro ela encontrou animais empalhados, esqueletos de fósseis e caixas de minerais, exatamente como o Museu Geológico Real que ela visitara com a Sra. Coulter na sua Londres.

Atrás do grande saguão de ferro e vidro, ficava a entrada para outra parte do museu, e como ali parecia quase deserto, ela entrou e olhou em volta. O aletômetro ainda era a coisa mais urgente em sua mente, mas naquele segundo salão ela se viu rodeada de coisas que conhecia bem: trajes árticos iguaizinhos ao dela, trenós, objetos entalhados em presas de leões-marinhos, arpões para a caça às focas, uma mistura de mil e um troféus, relíquias, objetos -mágicos, ferramentas e armas, não apenas do Artico - ela percebeu mas de todas as partes daquele mundo. Ora, que coisa estranha! As peles de caribu eram exatamente iguais às delas, mas tinham atado as tiras do trenó de modo inteiramente errado! Mas ali estava um fotograma mostrando alguns caçadores samoiedes, a imagem exata dos que tinham raptado Lyra para vendê-la para Bolvangar. Veja só! São os mesmos homens! E aquela corda tinha se esgarçado exatamente no mesmo lugar, que ela conhecia intimamente, tendo passado várias horas de sofrimento amarrada naquele mesmo trenó... O que eram esses mistérios? Haveria, afinal, um único mundo, que passava o tempo sonhando com outros mundos?

E então ela encontrou uma coisa que lhe lembrou novamente o aletômetro. Numa antiga estante de vidro com moldura de madeira pintada de preto havia alguns crânios humanos, e alguns tinham buracos; alguns na frente, outros do lado, outros no topo. O do centro tinha dois. Uma caligrafia ornamentada, num cartão, informava que aquele processo se chamava

"trepanação". O cartão afirmava também que todos os orifícios tinham sido feitos durante a vida das pessoas porque o tecido cicatrizara em volta da borda. Um deles, no entanto, era diferente: o orifício tinha sido feito por uma flecha de ponta de bronze que ainda estava lá dentro, e a borda era aguçada e irregular, de modo que era óbvio que aquele era outro caso. Era exatamente o que os tártaros do Norte faziam. E o que Stanislaus Grumman tinha feito a si mesmo, segundo os Catedráticos da Jordan que o conheceram. Lyra olhou em volta, não viu ninguém e então pegou o aletômetro. Focalizou a mente no crânio central e perguntou: a que tipo de pessoa esse crânio pertenceu, e por que ela mandou fazer esses buracos?

Enquanto estava concentrada, à luz empoeirada que se filtrava pelo telhado de vidro e passava pelas galerias superiores, ela não percebeu que estava sendo observada.

Um homem corpulento, de 60 e poucos anos, usando um terno de linho muito bem cortado e segurando um chapéu panamá, estava parado na galeria superior, junto ao parapeito de grade de ferro, olhando para ela. Seus cabelos grisalhos estavam penteados para trás, desnudando a testa lisa, bronzeada, com pouquíssimas rugas. Ele tinha os olhos grandes, escuros e profundos, cílios longos, e a cada minuto sua língua pontuda, de ponta escura, assomava no canto da boca e dardejava umidamente sobre os lábios. O lenço no bolso do paletó, branco como neve, era perfumado com algum perfume forte, como aquelas plantas de estufa tão ricas que se pode sentir o cheiro da sua degenerescência exalado pelas raízes. Ele

estava

observando

Lyra

havia

alguns minutos.

Tinha

acompanhado da galeria superior o percurso da menina no andar abaixo e, quando ela parou junto à estante de crânios, ele ficou a observá-la atentamente, estudando todos os detalhes: os cabelos despenteados, a equimose no rosto, as roupas novas, o pescoço nu curvado sobre o aletômetro, as pernas nuas.

Ele tirou o lenço do bolso e enxugou a testa, depois se dirigiu para a escada.

Lyra, absorta, estava aprendendo coisas estranhas. Aqueles crânios eram inimaginavelmente velhos; os cartões na estante diziam simplesmente

"Idade do Bronze", mas o aletômetro, que nunca mentia, disse que o homem a quem aquele crânio pertencera tinha vivido 33.254 anos antes, e que tinha sido um feiticeiro, e que o orifício tinha sido feito para que os deuses entrassem em sua cabeça. E então o aletômetro, na maneira casual com que às vezes respondia a uma pergunta que Lyra não tinha formulado, acrescentou que havia muito mais Pó em volta dos crânios trepanados do que daquele com a flecha.

O que aquilo poderia significar? Lyra saiu da tranqüilidade forçada que compartilhava com o aletômetro e voltou para o momento presente, onde constatou que já não estava sozinha: contemplando a estante seguinte estava um homem idoso de terno claro e cheiro bom. Ele lembrava-lhe alguém que ela não conseguiu identificar.

Ele percebeu que ela o observava e ergueu os olhos com um sorriso.

- Você está olhando para os crânios trepanados? Que coisas estranhas as pessoas fazem a si mesmas!

- Hum -fez ela, sem expressão.

- Sabe que as pessoas ainda fazem isso?

- É?

- Os hippies, sabe, gente assim. Aliás, você é jovem demais para se lembrar dos hippies. Dizem que é mais eficaz do que usar drogas. Lyra tinha guardado o aletômetro na mochila, e estava pensando em como sair dali; ainda não tinha feito a pergunta principal, e agora aquele velho estava puxando assunto com ela. Ele parecia bonzinho, e certamente cheirava bem. Ele chegou mais perto. Sua mão roçou a dela quando ele se inclinou para a estante.

- Não dá para acreditar, não é mesmo? Nada de anestesia, nem desinfetante. Provavelmente feito com ferramentas de pedra. Eles devem ter sido durões, não concorda? Acho que nunca vi você por aqui antes. Venho sempre aqui. Qual é o seu nome?

- Lizzie - ela respondeu, muito naturalmente.

- Lizzie. Oi, Lizzie, eu sou Charles. Você estuda em Oxford?

Ela não sabia como responder.

- Não - disse finalmente.

- Está de visita? Bom, escolheu um lugar maravilhoso para visitar. Em que tipo de coisa você está especialmente interessada?

Aquele homem deixava-a mais confusa do que qualquer outra pessoa que ela tivesse conhecido durante muito tempo.

Por um lado ele era bonzinho e simpático, muito limpo e bem vestido, mas por outro lado Pantalaimon, dentro do bolso dela, estava pedindo sua atenção e implorando que ela tomasse cuidado, porque ele também estava quase recordando alguma coisa; e ela sentia, vindo de algum lugar, não um cheiro, mas a idéia de um cheiro, e era cheiro de esterco, de putrefação. Isso lhe lembrou o

palácio de Iofur Raknison, onde o ar era perfumado mas o chão era coberto de imundície.

- Em que estou interessada? Ah, em tudo, na verdade.

Acabei de ficar interessada nesses crânios; não sei como alguém ia querer fazer isso. É horrível.

-Não, eu também não ia gostar, mas juro a você que isso acontece mesmo. Eu poderia levar você para conhecer alguém que fez - ele ofereceu, com ar tão simpático e prestativo que ela quase ficou tentada a aceitar. Mas nesse instante ele dardejou a ponta escura da língua pelos lábios com a rapidez de uma serpente, e ela sacudiu a cabeça.

- Preciso ir - disse. - Obrigada pelo oferecimento, mas não vou poder. E tenho que ir agora porque vou me encontrar com uma pessoa. A minha amiga - acrescentou.

- Com quem estou morando.

- Ah, claro - ele respondeu em tom bondoso. - Bem, foi um prazer conversar com você. Até logo, Lizzie.

- Até - fez ela.

- Ah! Só para garantir, eis meu nome e endereço – ele disse, estendendo-lhe um cartãozinho. - Para o caso de você querer saber mais sobre coisas como esta.

- Obrigada - ela respondeu inexpressivamente.

Guardou o cartão no bolso traseiro da mochila, antes de sair, e sentiu que ele a observava durante todo o percurso até a porta. Uma vez fora do museu, ela entrou no parque, que conhecia como um campo de críquete e outros jogos, e encontrou um lugar sossegado sob algumas árvores, onde tentou novamente o aletômetro.

Dessa vez perguntou onde poderia achar um Catedrático que soubesse do Pó. A resposta que recebeu foi simples: mandava que ela fosse a um certo aposento no prédio alto e quadrado atrás dela. Na verdade, a resposta foi tão direta e veio tão abruptamente que Lyra teve certeza de que o aletômetro tinha mais alguma coisa a dizer; ela agora estava começando a sentir que ele tinha diferentes estados de espírito, como uma pessoa, e a distinguir quando ele queria lhe contar mais alguma coisa. E ele queria mesmo. O que disse foi: Você tem que se preocupar com o garoto. A sua tarefa é ajudá-lo a encontrar o pai.

Concentre-se nisto.

Ela pestanejou. Estava realmente atônita. Will surgira do nada para ajudá-la; certamente isso era óbvio. A idéia de que ela havia ido até ali para ajudá-lo deixou-a sem fôlego.

Mas o aletômetro ainda não terminara. O ponteiro estremeceu, e ela leu: Não minta para a pessoa que você vai procurar.

Ela embrulhou o aletômetro no veludo e escondeu-o dentro da mochila. Depois ficou de pé e olhou em volta à procura do prédio onde o seu Catedrático seria encontrado, e encaminhou-se para lá sentindo-se insegura, mas decidida.

Will encontrou a biblioteca com facilidade. A bibliotecária estava perfeitamente preparada para acreditar que ele estava pesquisando para um dever de geografia e ajudou-o a encontrar os exemplares do índice do Times para o ano do nascimento dele, que foi quando o pai tinha desaparecido. Will sentou-se para procurar. Sem dúvida havia várias referências a John Parry em relação a uma expedição arqueológica.

Cada mês ficava num rolo de microfilme separado, ele colocou um por um no projetor, localizou os artigos e leu-os com grande atenção. O primeiro deles contava a partida de uma expedição para o Norte do Alasca. A expedição era patrocinada pelo Instituto de Arqueologia da Universidade de Oxford, e ia estudar uma região

onde esperavam encontrar evidências de habitação humana em outras eras. John Parry, um explorador profissional que tinha pertencido à Marinha Real, guiava a expedição.

O segundo artigo era de seis semanas mais tarde. Relatava concisamente que a expedição tinha chegado à Estação de pesquisa NorteAmericana em Noatak, no Alasca. O terceiro datava de dois meses depois do segundo. Dizia que os sinais enviados pela Estação de Pesquisa não estavam recebendo resposta e que se presumia que John Parry e os companheiros estavam mortos. Depois disso houve uma curta série de reportagens descrevendo as expedições que tinham partido em vão à procura deles, os vôos de busca acima do Mar Bhering, a reação do Instituto de Arqueologia, entrevistas com parentes.

Seu coração bateu forte, porque havia um retrato da sua própria mãe. Segurando um bebê: ele.

O repórter tinha escrito um artigo padrão - a esposa chorosa esperando angustiada notícias do marido - que Will achou decepcionantemente carente de fatos reais. Havia um breve parágrafo dizendo que John Parry fizera uma carreira de sucesso na Marinha Real e tinha partido para especializar-se em organizar expedições geográficas e científicas - e isso era tudo. No índice não havia outra menção, e Will sentia-se confuso ao levantar-se do leitor de microfilmes. Devia haver mais informações em algum outro lugar; mas aonde ele poderia ir? E se levasse tempo demais nessa busca, acabaria sendo descoberto...

Devolveu os rolos de microfilme e perguntou à bibliotecária:

- Sabe o endereço do Instituto de Arqueologia, por favor?

- Posso descobrir... De que escola você é?

- St. Peter's - Will respondeu.

- Isto não fica em Oxford, fica?

- Não, é em Hampshire. A minha classe está fazendo uma espécie de pesquisa de campo. Uma espécie de desenvolvimento dos instrumentos de pesquisa ambiental...

- Ah, entendo. O que você queria mesmo... Arqueologia... Pronto, aqui está.

Will copiou o endereço e o telefone; como era seguro admitir que não conhecia Oxford, ele perguntou onde encontrar esse lugar. Não era longe. Ele agradeceu à funcionária e partiu.

Dentro do prédio, Lyra encontrou uma grande escrivaninha ao pé de uma escadaria, e atrás dela um porteiro.

- Aonde você vai? - ele quis saber.

Era como estar em casa de novo. Ela sentiu que Pan, dentro do seu bolso, estava se divertindo.

-Tenho um recado para uma pessoa no segundo andar -ela disse.

- Para quem?

- O Dr. Lister.

- O Dr. Lister fica no terceiro andar. Se tem alguma coisa para ele, pode deixar aqui, que eu aviso a ele.

- Ah, mas é uma coisa de que ele precisa agora mesmo. Acabou de mandar buscar .Não é um objeto, na verdade, é uma coisa que preciso contar a ele.

Ele a estudou atentamente, mas não era páreo para a docilidade humilde que Lyra conseguia afetar quando queria, e finalmente assentiu e voltou ao seu jornal.

O aletômetro não contava a Lyra o nome das pessoas, é claro. Ela lera o nome do Dr. Lister num escaninho na parede atrás do porteiro, pois é mais fácil conseguir entrar quando a gente finge que

conhece alguém. De certo modo Lyra conhecia o mundo de Will melhor que ele.

No segundo andar ela encontrou um corredor comprido onde havia uma porta aberta que dava para um auditório deserto, e outra dando para um aposento menor, onde dois Catedráticos discutiam algo junto a um quadronegro. Essa sala e as paredes daquele corredor eram vazias e sem adornos, de um modo que Lyra associava à pobreza, não à erudição e ao esplendor de Oxford; no entanto, as paredes de tijolos eram bem pintadas, e as portas eram de madeira pesada e os corrimões de aço polido, de modo que eram caros. Essa era apenas mais uma coisa estranha daquele mundo.

Ela logo encontrou a porta mencionada pelo aletômetro.

O cartaz preso a ela dizia: "Unidade de Pesquisa de Matéria Escura", e sob ela alguém rabiscara Descanse em Paz. Outra mão acrescentara a lápis:

"Diretor: Lázaro".

Lyra não entendeu nada daquilo. Bateu à porta e uma voz feminina respondeu:

- Entre!

Era uma sala pequena, atulhada de pilhas instáveis de livros e papéis, e os quadros-negros nas paredes estavam cobertos de algarismos e equações. Preso nas costas da porta aberta Lyra entrevia outro aposento, onde havia uma complicada máquina ambárica desligada.

Lyra, por seu lado, ficou um pouco surpresa ao constatar que o Catedrático que procurava era mulher, mas o aletômetro não tinha mencionado um homem, e aquele era um mundo estranho, afinal. A mulher estava sentada diante de um mecanismo que mostrava números e formas numa pequena tela de vidro diante da qual todas as letras do alfabeto estavam dispostas em bloquinhos numa

bandeja de marfim. A Catedrática tocou num deles e a tela escureceu.

- Quem é você? - perguntou.

Lyra fechou a porta atrás de si. Pensando no que o aletômetro lhe dissera, ela tentou não fazer o que normalmente faria, e falou a verdade.

- Lyra da Língua Mágica - respondeu. - Qual é o seu nome?

A mulher pestanejou. Tinha seus 30 e tantos anos, Lyra imaginava, talvez um pouco mais velha que a Sra. Coulter, com cabelos negros curtos e faces vermelhas. Usava um jaleco branco aberto sobre uma camisa verde e aquelas calças de lona azul que tanta gente usava neste mundo. Diante da pergunta de Lyra, a mulher passou a mão pelos cabelos e disse:

- Bem, você é a segunda coisa inesperada que me acontece hoje. Sou a Doutora Mary Malone. O que é que você quer?

- Quero que me fale do Pó - disse Lyra, depois de olhar em volta para ver se estavam sozinhas. - Sei que a senhora sabe sobre ele. Posso provar. A senhora tem que nos contar.

- Pó? De que é que você está falando?

- Pode ser que a senhora não chame assim. São partículas elementares. No meu mundo os Catedráticos chamam de Partículas de Rusakov, mas normalmente chamam de Pó. Elas não aparecem facilmente, mas vêm do espaço e se fixam nas pessoas. Não tanto nas crianças. Mais nos adultos. E uma coisa que só descobri hoje: eu estava no museu no fim desta rua e havia uns crânios com buracos, como os tártaros fazem, e havia muito mais Pó em volta deles do que em volta de um que não tinha o mesmo tipo de buraco. Quando foi a Idade do Bronze?

A mulher encarava-a de olhos arregalados.

- A Idade do Bronze? Meu Deus, não sei. Talvez há uns 5 mil anos disse.

- Ah, bom, então eles erraram quando escreveram aquilo. Aquele crânio com os dois buracos tem 33 mil anos de idade.

Ela então silenciou, porque a Dra. Malone parecia prestes a desmaiar. A cor das faces tinha desaparecido completamente, ela levou uma das mãos ao peito enquanto com a outra agarrava-se ao braço da poltrona, e tinha o queixo caído.

Lyra, firme e sem saber o que pensar, ficou esperando que ela se recuperasse.

- Quem é você? - a mulher perguntou finalmente.

- Lyra da Língua...

- Não, de onde você vem? O que você é? Como é que sabe dessas coisas?

Lyra suspirou de cansaço, tinha se esquecido de como os Catedráticos são complicados. Era difícil contar-lhes a verdade quando eles entenderiam muito mais facilmente uma mentira.

- Eu venho de outro mundo - começou a garota. - E nesse mundo existe uma Oxford como esta aqui, só que diferente, e foi de lá que eu vim. E...

- Espere, espere, espere. Você vem de onde?

- De outro lugar - disse Lyra, com mais cuidado. - Não sou daqui.

- Ah, de outro lugar - repetiu a mulher. – Estou entendendo. Quer dizer, acho que estou.

- E tenho que descobrir o que é esse Pó – Lyra explicou. - Porque as pessoas da Igreja no meu mundo, sabe, elas têm medo do Pó

porque acham que é o pecado original. Então é muito importante. E o meu pai... Não! –

exclamou com veemência, chegando a bater o pé no chão. - Não era isso que eu ia dizer. Estou fazendo tudo errado!

A Dra. Malone olhou para a expressão de desespero da menina, os punhos cerrados, os machucados na face e na perna, e disse:

- Meu Deus, menina, acalme-se e...

Parou de falar e esfregou os olhos, que estavam vermelhos de cansaço.

- Mas por que estou escutando tudo isso? Acho que estou ficando doida. O caso é que este é o único lugar no mundo onde você conseguiria a resposta que deseja, e estão prestes a fechar isto aqui... O que você está

mencionando, o seu Pó, parece uma coisa que estamos estudando já há algum tempo, e o que você diz sobre os crânios no museu me deu um susto, porque... Ah, não, é demais. Estou cansada demais. Quero escutar o que você tem a dizer, acredite, mas não agora, por favor. Eu já lhe contei que vão fechar isso aqui? Tenho uma semana para montar uma proposta para o comitê de financiamento, mas não temos a menor esperança...

Ela bocejou longamente.

- Qual foi a outra coisa inesperada que aconteceu hoje? - Lyra perguntou.

- Ah, sim, uma pessoa que eu esperava que nos apoiasse retirou seu apoio. Afinal, talvez isso não fosse tão inesperado assim. Ela tornou a bocejar.

- Vou fazer um café - disse. - Senão vou dormir em pé. Quer também?

Encheu de água uma chaleira elétrica e, enquanto ela colocava café

solúvel em duas xícaras, Lyra estudava o desenho chinês nas costas da porta.

- O que é aquilo? - quis saber.

- É chinês. Os símbolos do I Ching. Sabe o que é isso? Vocês têm I Ching no seu mundo?

Lyra olhou para ela de olhos apertados, sem saber se a outra estava sendo sarcástica. Respondeu:

- Algumas coisas são iguais e outras são diferentes, só isso. Não sei tudo sobre o meu mundo. Talvez eles tenham essa coisa Ching lá também.

- Desculpe - disse a Dra. Malone. - É, pode ser que tenham.

- O que é matéria escura? - Lyra perguntou. - É o que diz no cartaz, não é?

A Dra. Malone tornou a se sentar e com o pé puxou outra cadeira para Lyra.

- Matéria escura é o que a minha equipe de pesquisa está procurando. Ninguém sabe o que é. Existem mais coisas no universo do que nós podemos ver, o caso é esse. Vemos as estrelas e as galáxias e as coisas que brilham, mas para que tudo isso fique coeso e não se espalhe, precisa haver mais outra coisa. Para fazer a gravidade funcionar, entende? Mas ninguém consegue descobrir essa coisa. De modo que existem muitos projetos de pesquisa tentando descobrir do que se trata, e o nosso é um deles. Lyra prestava a maior atenção. Finalmente a mulher estava falando sério.

- E o que a senhora pensa que é? -perguntou.

- Bem, o que nós pensamos... - começou a Dra. Malone, mas a água ferveu e ela se levantou para fazer o café.

Continuou:

- Achamos que é alguma espécie de partícula elementar. Algo completamente diferente de qualquer coisa que foi descoberta até agora. Mas é muito difícil de detectar. Onde é que você estuda? Está estudando física?

Lyra sentiu Pantalaimon mordiscar-lhe a mão, advertindo-a para não ficar zangada. Tudo bem que o aletômetro lhe mandasse falar a verdade, mas ela sabia o que aconteceria se contasse a verdade inteira. Tinha que pisar com cuidado e evitar as mentiras diretas.

- Sim, sei um pouquinho. Mas não sobre a matéria escura.

- Bem, estamos tentando detectar essa coisa quase imperceptível no meio do ruído de todas as outras partículas em colisão. Normalmente colocam detectores a centenas de metros abaixo do solo, mas o que nós fizemos foi criar um campo eletromagnético em volta do detector para filtrar as coisas que não queremos e deixar passar as que queremos. Então amplificamos o sinal e o passamos pelo computador.

Ela estendeu uma xícara de café. Não havia leite nem açúcar, mas ela encontrou alguns biscoitos de gengibre numa gaveta, e Lyra comeu um com avidez. A Dra. Malone continuou:

- E encontramos uma partícula que combina. Achamos que combina. Mas é tão estranho... Porque estou lhe contando isso? Não devia. Não está

publicado. Não tem referências, não está sequer escrito. Estou meio doida, hoje. Bem... - continuou, e bocejou durante tanto tempo que Lyra pensou que ela não iria mais parar. -As nossas partículas são figurinhas esquisitas, sem dúvida. Nós as chamamos de partículas de sombra. Sombras. Sabe o que quase me derrubou da cadeira? Quando você mencionou os crânios no museu. Porque um membro da nossa equipe, entende, é arqueólogo amador. E ele um dia descobriu uma coisa em que não conseguimos acreditar. Mas não

podíamos ignorar, porque combinava com a coisa mais louca de todas a respeito dessas Sombras. Sabe o que é? Elas têm consciência. Isso mesmo. As Sombras são partículas de consciência. Já ouviu alguma coisa tão idiota?

Não é de estranhar que não queiram renovar o nosso financiamento. Ela bebericou seu café. Lyra bebia cada palavra como se fosse uma florzinha sedenta.

- Sim, elas sabem que estamos aqui -continuou a Dra. Malone. -Elas respondem. E aí vem a parte louca: você só as enxerga se quiser. Se colocar a mente em certo estado. Tem que estar confiante e relaxada ao mesmo tempo. Tem que ser capaz de... Onde está aquela citação?

Ela remexeu nos papéis sobre a escrivaninha e encontrou um pedaço de papel no qual alguém escrevera com tinta verde. Ela leu:

-"... capaz de passar por incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer gesto impaciente de procurar o fato e a razão..." Tem que estar nesse estado de espírito. Aliás, isso é do poeta Keats. Encontrei outro dia. A pessoa fica no estado de espírito correto e então olha para a Caverna...

- Caverna? -estranhou Lyra.

- Ah, desculpe, o computador. Nós o chamamos de Caverna. Sombras nas paredes da Caverna, entende, de Platão. Coisa do nosso arqueólogo, também. É um intelectual. Mas ele foi a Genebra para candidatar-se a um emprego, e acho que não voltará... Onde é que eu estava? Certo, a Caverna, isso mesmo. U ma vez ligada ao computador, se a pessoa pensar, as Sombras reagem. Não há a menor dúvida quanto a isso. As Sombras acorrem para o seu pensamento como pássaros...

- E os crânios?

- Já vou chegar a eles. Oliver Payne, o meu colega, um dia estava passando tempo testando coisas com a Caverna. E foi muito estranho. Não fazia sentido, do jeito que um físico esperaria. Ele pegou um pedaço de marfim, um pedaço qualquer, e ele não reagiu, não havia Sombras nele; mas uma peça de jogo de xadrez feita de marfim reagiu. Um pedaço de pau não reagiu, mas uma régua de madeira reagiu. E uma estatueta de madeira entalhada tinha mais... Estou falando de partículas elementares, ora bolas!

Como pedacinhos minúsculos de quase nada. Elas sabiam o que eram aqueles objetos. Qualquer coisa associada à manufatura humana e ao pensamento humano era rodeada de Sombras... E então Oliver, o Dr. Payne, conseguiu alguns crânios de fósseis com um amigo no museu e testou-os para ver até

onde no passado o efeito alcançava. Encontrou um limite em uns 30 a 40 mil anos atrás. Antes disso não havia Sombras; depois disso, muitas. E foi mais ou menos então, parece, que surgiram os primeiros seres humanos modernos. Os nossos ancestrais remotos, entende, gente não muito diferente de nós, na verdade...

- É Pó - Lyra afirmou com veemência. - É isso o que é.

- Mas eu não posso dizer esse tipo de coisa num pedido de financiamento, se quiser ser levada a sério. Não faz sentido. Não pode existir. É impossível, e se não for impossível é irrelevante, e se não for qualquer dessas coisas, então é embaraçoso.

- Quero ver a Caverna - disse Lyra.

Ela ficou de pé.

A Dra. Malone passava as mãos pelos cabelos e pestanejava com força para clarear os olhos cansados.

- Bem, não vejo por que não - disse. - Amanhã pode ser que a gente não tenha mais um computador. Venha comigo.

Ela levou Lyra para a outra sala. Era maior, e estava repleta de equipamento eletrônico.

- Ali - disse, apontando para uma tela que brilhava em cinza. - É ali que fica o detector, atrás de todos esses fios. Para ver as Sombras você tem que estar ligada a alguns eletrodos. Como os que a gente usa para medir as ondas cerebrais.

- Quero experimentar - Lyra pediu.

- Você não vai conseguir enxergar. De qualquer maneira, estou cansada. É complicado demais.

- Por favor! Sei o que estou fazendo!

- Ah, sabe? Eu gostaria de saber. Não, pelo amor de Deus! É uma experiência difícil e cara. Você não pode aparecer assim e se intrometer, como se isto fosse um joguinho eletrônico... Aliás, de onde é que você vem? Não deveria estar na escola? Como foi que chegou até aqui?

Lyra estava tremendo. Diga a verdade, pensou.

- Fui guiada por isto aqui - disse, pegando o aletômetro.

- Que coisa é esta? Uma bússola?

Lyra deixou que ela o pegasse. A Dra. Malone arregalou os olhos ao sentir o peso dele.

- Meu Deus, é feito de ouro. Mas onde...

- Acho que ele faz o que a sua Caverna faz. É o que eu quero descobrir. Se eu descobrir a resposta a uma pergunta, alguma coisa que a senhora saiba a resposta e eu não saiba, então posso experimentar a sua Caverna? - continuou, desesperada.

- Como é? Agora vamos ler a sorte? Que coisa é esta?

- Por favor! Faça-me uma pergunta, só isso!

A Dra. Malone deu de ombros.

- Ora, está bem. Diga-me... Diga-me o que eu fazia antes. Ansiosa, Lyra pegou o aletômetro e girou os ponteiros. Sentia a mente procurar as figuras certas antes mesmo que os ponteiros estivessem apontando para elas, e sentia o ponteiro maior estremecendo, pronto para reagir. Quando ele começou a girar em volta do mostrador, Lyra seguiu-o com os olhos, observando, calculando, acompanhando as longas cadeias de significado até o nível onde estava a verdade.

Então pestanejou, suspirou e saiu do transe temporário.

- A senhora era freira - disse. - Eu nunca teria adivinhado. As freiras costumam ficar para sempre no convento. Mas a senhora parou de acreditar nas coisas da Igreja e eles deixaram que fosse embora. Não é como no meu mundo, nem um pouco.

A Dra. Malone deixou-se cair na única cadeira, os olhos fixos em Lyra. A menina disse:

- Isto é verdade, não é?

- É, sim. E você descobriu nesse...

- No meu aletômetro. Ele funciona pelo Pó, eu acho. Vim até aqui para saber mais sobre o Pó, e ele me disse para vir procurar a senhora. Então acho que a sua matéria escura deve ser a mesma coisa. Agora posso experimentar a sua Caverna?

A Dra. Malone sacudiu a cabeça, mas não para recusar o pedido apenas por espanto. Estendeu as mãos espalmadas.

- Muito bem. Acho que estou sonhando. Sendo assim, não faz mal irmos até o fim.

Ela girou a cadeira e apertou vários botões, provocando um zumbido elétrico e o ruído do ventilador do computador e ouvindo esse som, Lyra soltou uma exclamação de espanto: o som naquela sala era o mesmo que ela ouvira naquela horrível sala brilhante em Bolvangar, onde a guilhotina de prata quase a separara de seu Pantalaimon. Sentiu-o estremecer em seu bolso e acariciouo para acalmá-lo. Mas a Dra. Malone não percebeu, estava entretida demais ajustando botões e apertando as letras em outra daquelas bandejas de marfim. À medida que ela fazia isso, a tela mudava de cor e algumas letras e números apareceram.

- Agora você se senta - disse, cedendo a cadeira a Lyra. Depois abriu um vidro e explicou: -Preciso colocar um gel na sua pele para ajudar o contato elétrico. Sai facilmente com água. Agora fique imóvel.

A Dra. Malone pegou seis fios, cada um deles terminando numa ponta achatada, e prendeu-os a vários lugares na cabeça de Lyra. A menina estava decidida a ficar imóvel, mas tinha a respiração acelerada e seu coração batia com força.

- Pronto, você está ligada - disse a Dra. Malone. - A sala está cheia de Sombras. Aliás, o universo está cheio de Sombras. Mas esta é a única maneira de poder vê-las: quando a gente esvazia a mente e olha para a tela. Lá vai. Lyra olhou. A tela estava escura e vazia. Ela via seu próprio reflexo, mas só. A título de experiência, ela fingiu que estava lendo o aletômetro, e imaginou-se perguntando: O que é que esta mulher sabe sobre o Pó? Que perguntas ela está fazendo? Moveu mentalmente os ponteiros do aletômetro em volta do mostrador, e a tela começou a piscar. Atônita, ela perdeu a concentração e a tela escureceu. Não percebeu que a Dra. Malone se endireitava, curiosa, ela chegou para a frente e começou de novo a se concentrar.

Dessa vez a resposta veio instantaneamente. Um jorro de luzes dançantes, parecendo a cortina tremeluzente da aurora boreal, atravessou a tela. Elas formavam desenhos que se mantinham por alguns segundos, antes de se desmancharem e se juntarem em

formas diferentes, ou cores diferentes, faziam arcos e volteios, espalhavam-se, irrompiam em chuveiros de luz que de repente mudavam de direção como um bando de pássaros mudando de rumo no céu. E Lyra sentia a mesma sensação de estar à beira da compreensão que se lembrava de ter sentido quando estava começando a ler o aletômetro. Fez outra pergunta: Isto é o Pó? A mesma coisa que está fazendo estes desenhos move o ponteiro do aletômetro? A resposta veio em mais arcos de luz. Ela imaginou que isso queria dizer sim. Então outra idéia lhe ocorreu, e ela virou-se para falar com a Dra. Malone, esta estava boquiaberta, a mão na cabeça.

- O que... - começou.

A tela escureceu. A Dra. Malone pestanejou.

- O que foi? - Lyra completou a pergunta.

- Ah, você conseguiu a maior amostra que já vi, só isso - disse a Dra. Malone. - O que é que você estava fazendo? Em que estava pensando?

- Estava pensando que a senhora podia conseguir fazer isto ficar mais claro - disse Lyra.

- Mais claro! Nunca foi tão claro quanto agora!

- Mas o que significa? A senhora consegue ler?

- Bem, não se lê como se lê uma carta, não funciona assim. O que está acontecendo é que as Sombras estão reagindo à atenção que você dedica a elas. Isso por si só já é bastante revolucionário: é à nossa consciência que elas reagem, entende?

- Não, o que eu quero dizer é o seguinte: essas cores e formas aí

dentro, elas poderiam fazer outras coisas, essas Sombras. Poderiam fazer a forma que a senhora quisesse. Poderiam formar

figuras, se a senhora quisesse. Olhe.

Ela se virou e tornou a focalizar a mente, mas dessa vez fingiu que a tela era o aletômetro, com todos os 36 símbolos dispostos ao longo da borda. Conhecia-os tão bem que agora seus dedos automaticamente moviam-se no colo como se ela movimentasse os ponteiros imaginários para apontar para a vela (para compreensão), o alfa e ômega (para linguagem) e a formiga (para trabalho), e fez a pergunta: O que aquelas pessoas precisavam fazer para compreender a linguagem das Sombras?

A tela reagiu com a mesma rapidez do pensamento, e da confusão de linhas e clarões formou-se uma série de figuras com perfeita nitidez: bússola, alfa e ômega outra vez, raio, anjo.

Cada figura surgia um número diferente de vezes, e depois vieram outras três: camelo, jardim, lua.

Lyra via claramente o significado delas, e saiu do transe para explicar. Dessa vez, quando se voltou, viu que a Dra. Malone estava recostada na cadeira, pálida, agarrando a borda da mesa.

- Ele está falando a minha linguagem, entende, a linguagem das figuras. Como o aletômetro. Mas o que ele diz é que poderia usar a linguagem comum também, palavras, se a senhora o preparasse para isso. Podia fazer com que ele pusesse palavras na tela. Mas ia precisar de muito raciocínio com os números, isso era a bússola, entende, e o raio significa energia ambárica, quer dizer, energia elétrica, mais disso. E o anjo, é sobre as mensagens. Há

coisas que ele quer dizer. Mas quando foi para o segundo pedaço... Era a Ásia, quase o Extremo Oriente, mas não tanto. Sei lá que país seria. A China, talvez... É um modo que eles têm lá de falar com o Pó, quer dizer, com as Sombras, a mesma coisa que a senhora tem aqui e eu tenho com... Eu tenho com figuras, só que eles usam pauzinhos. Acho que ele estava falando daquela figura na porta, mas não entendi direito. No princípio, quando vi aquilo, achei que

era importante, mas não sabia por quê. Então deve haver muitas maneiras de falar com as Sombras.

A Dra. Malone estava sem fôlego.

- O I Ching-disse. - Ele é chinês, sim. Uma espécie de adivinhação. E

eles usam pauzinhos. Aquele cartaz só está ali para enfeitar -disse, como se quisesse assegurar a Lyra que ela na verdade não acreditava em I Ching. Você está me dizendo que quando as pessoas consultam o I Ching elas estão entrando em contato com as partículas de Sombra? Com a matéria escura?

- É - Lyra respondeu. - Existem muitas maneiras, como eu já disse. Eu não sabia disso. Pensei que só havia uma.

- Aquelas figuras na tela... - começou a Dra. Malone.

Lyra sentiu um lampejo de pensamento no fundo da mente, e voltou-se para a tela. Mal tinha começado a formular uma pergunta quando mais figuras apareceram, passando tão depressa que a Dra. Malone mal conseguia acompanhá-las; mas Lyra sabia o que elas estavam dizendo, e virou-se para ela.

- Diz que a senhora também é importante – revelou à cientista. - Diz que a senhora tem uma coisa importante para fazer. Sei lá o que é, mas ele não diria se não fosse verdade. Então a senhora provavelmente deveria fazer ele usar palavras, para poder entender o que ele diz.

A Dra. Malone ficou em silêncio por um instante, depois perguntou:

- Muito bem. De onde você veio?

Lyra fez uma careta. Sabia que a Dra. Malone, que até agora tinha agido influenciada pela exaustão e pelo desespero, normalmente jamais teria mostrado o seu trabalho para uma criança

desconhecida que apareceu do nada, e estava começando a se arrepender. Mas Lyra tinha que dizer a verdade.

- Venho de outro mundo - disse. - É verdade. Atravessei para este aqui. Eu estava... tive que fugir, porque pessoas no meu mundo estavam me caçando, para me matar .E o aletômetro vem... do mesmo lugar. Foi o Mestre da Universidade Jordan quem me deu. Na minha Oxford existe uma Universidade Jordan, mas aqui não. Eu procurei. E aprendi a ler o aletômetro sozinha. Consigo fazer a minha mente ficar vazia, e então simplesmente vejo o que elas significam. Conforme a senhora falou sobre... dúvidas e mistérios e tudo. Então, quando olhei para a Caverna, fiz a mesma coisa, e funciona do mesmo jeito, então o meu Pó e as suas Sombras são a mesma coisa, também. Então...

Agora a Dra. Malone estava inteiramente desperta. Lyra pegou o aletômetro e embrulhou-o no veludo, como uma mãe agasalhando o filho, antes de guardá-lo na mochila.

- Quer dizer, a senhora pode fazer esta tela falar com palavras, se quiser. Então poderia falar com as Sombras como eu falo com o aletômetro. Mas o que eu quero saber é: por que as pessoas no meu mundo odeiam ele?

O Pó, quer dizer, as Sombras. Matéria escura. Querem destruir ele. Acham que é mau. Então o que é isso, as Sombras? É bom ou ruim?

A Dra. Malone esfregou o rosto, deixando as faces ainda mais vermelhas.

- É tudo tão constrangedor... - disse. - Sabe como é embaraçoso falar em Bem e Mal num laboratório científico? Tem idéia disso? Uma das razões de me tornar cientista foi para não ter que pensar nesse tipo de coisa.

- Mas a senhora tem que pensar nisso - disse Lyra em tom severo. Não pode estudar as Sombras, o Pó, seja lá o que for, sem pensar

nesse tipo de coisa, o Bem, o Mal, coisas assim. E ele disse que a senhora tem que fazer isso, lembre-se. Não pode recusar. Quando é que vão fechar isto aqui?

- O comitê de financiamento vai decidir no final da semana... Por que.

- Porque então a senhora tem esta noite - disse Lyra. - Poderia ajeitar esta máquina para colocar palavras na tela em vez de figuras, como eu fiz. Ia ser fácil fazer isso. Então a senhora poderia mostrar para eles e eles teriam que lhe dar o dinheiro para continuar. E a senhora poderia descobrir tudo sobre o Pó, as Sombras, e me contar. Sabe, o aletômetro não me diz tudo que preciso saber - continuou, com certo desdém, como uma duquesa descrevendo uma criada insatisfatória. - Mas a senhora poderia descobrir para mim. Ou então eu provavelmente conseguiria com esse tal Ching, com os pauzinhos. Mas é mais fácil trabalhar com figuras. Pelo menos, eu acho. Vou tirar isto agora - acrescentou, retirando os eletrodos da cabeça.

A Dra. Malone deu-lhe um lenço de papel para limpar o gel, e guardou os fios.

- Então já vai embora? – perguntou. - Bem, você me proporcionou momentos estranhos, sem dúvida.

- Vai fazer ele usar palavras? - Lyra perguntou, pegando a mochila.

- Acho que é tão inútil quanto completar o pedido de verba - suspirou a Dra. Malone. - Não, escute, quero que volte aqui amanhã. Você vai poder?

Mais ou menos a esta hora? Quero que você demonstre para outra pessoa. Lyra franziu a testa. Seria uma armadilha?

- Bom, está certo - concordou. - Mas não se esqueça que eu preciso saber umas coisas.

- Sim, é claro. Você virá?

- Sim. Se digo que venho, venho mesmo. Acho que posso ajudar a senhora.

E partiu. O porteiro ergueu os olhos e logo voltou ao seu jornal.

- A escavação de Nuniatak? - disse o arqueólogo, girando a cadeira. Você é a segunda pessoa em um mês que quer saber sobre isso.

- Quem foi a outra? - Will perguntou, imediatamente em guarda.

- Acho que ele era jornalista, não tenho certeza.

- Por que ele queria saber sobre isso?

- Tinha ligação com um dos homens que desapareceram naquela viagem. Foi no auge da Guerra Fria que a expedição desapareceu. Guerra nas Estrelas. Você provavelmente é jovem demais para se lembrar. Os americanos e os russos estavam construindo enormes instalações de radar em todo o Ártico... Mas, afinal, em que posso ajudar?

- Bem, na verdade estou só tentando saber coisas sobre aquela expedição -disse Will, tentando ficar calmo. – É para um trabalho da escola sobre o homem pré-histórico. Li sobre essa expedição que desapareceu, e fiquei curioso.

- Bem, você não é o único. Na época houve grande repercussão. Eu pesquisei para o jornalista. Tratava-se de uma investigação preliminar, não exatamente escavações. Não se pode escavar até saber se vale a pena, de modo que aquele grupo foi examinar alguns sítios para fazer um relatório. Era uma meia dúzia de sujeitos. As vezes, nesse tipo de expedição, juntam-se pessoas de outros campos, sabe, geólogos ou coisa assim, para rachar o custo. Eles estudam as coisas deles, e nós, as nossas. Nesse caso havia um físico no grupo. Acho que ele estava estudando partículas

atmosféricas. A aurora boreal, entende, as luzes do Norte. Parece que ele tinha balões com radio transmissores.

O homem fez uma pausa, depois continuou:

-E havia outro homem com eles. Um ex-militar da Marinha Real, uma espécie de explorador profissional. Iam entrar num território bastante selvagem, e os ursos polares são sempre um perigo no Ártico. Os arqueólogos podem lidar com algumas coisas, mas não somos treinados para atirar, e é muito útil ter alguém que saiba atirar, montar um acampamento, que entenda de navegação e de todo tipo de necessidades de sobrevivência. Mas todos sumiram. Ficaram em contato pelo rádio com uma estação de pesquisa local, mas um dia não responderam ao sinal e nunca mais houve notícias deles. Tinha havido uma tempestade de neve, mas isso era comum. A expedição de busca encontrou o último acampamento deles mais ou menos intacto, embora os ursos tivessem devorado o estoque de comida, mas não havia qualquer sinal de gente. Infelizmente é tudo que tenho para lhe contar.

- Sim... - fez Will. - Muito obrigado. - Fez menção de sair, mas parou à

porta. - Hum... Aquele jornalista, o senhor disse que ele estava interessado num dos homens. Qual deles era?

- O explorador. Um homem chamado Parry.

- Como era ele? Quer dizer, o jornalista?

- Por que você quer saber?

- Porque... - Will não conseguiu pensar numa razão plausível. Não deveria ter perguntado. - Perguntei à toa. Só curiosidade.

- Pelo que me lembro, era um homem grande e louro. De cabelos muito claros.

- Certo, obrigado - repetiu Will, e voltou-se para sair.

O homem observou-o partir sem nada dizer, a testa franzida. Will viu-o estender a mão para o telefone e saiu depressa do prédio. Will percebeu que estava tremendo. O jornalista era um dos homens que tinham ido à sua casa: um homem alto, de cabelos tão louros que parecia não ter sobrancelhas ou cílios.

Não era aquele que Will tinha derrubado na escada: era o que tinha aparecido à porta da sala enquanto Will descia correndo e saltava por cima do cadáver.

Mas não era jornalista.

Havia um grande museu ali perto. Will entrou, segurando a prancheta como se estivesse fazendo um trabalho escolar, e sentou-se numa galeria cheia de quadros. Tremia muito e sentia náuseas, oprimido pelo conhecimento de ter matado alguém, de ser um assassino. Até agora tinha mantido o controle, mas estava ficando difícil. Ele tinha tirado a vida de um ser humano. Ficou meia hora sentado ali, e foi a meia hora mais difícil da sua vida. As pessoas entravam e saíam, contemplavam os quadros, falando em voz baixa, ignorando-o, um funcionário do museu ficou parado à porta durante alguns minutos, mãos atrás das costas, e depois afastou-se devagar e Will, às voltas com o horror daquilo que tinha feito, não movia um músculo. Gradualmente foi ficando mais calmo. Afinal, tinha agido para defender a mãe. Eles a estavam assustando; nas condições dela, eles a estavam perseguindo. Ele tinha o direito de defender o seu lar. O pai iria querer que ele agisse assim. Tinha feito aquilo porque era a coisa certa a fazer. Fez para impedir que roubassem o escrínio de couro verde. Fez para que pudesse encontrar o pai; e não tinha o direito de fazer isso? Todas as suas brincadeiras infantis lhe voltavam agora: ele e o pai, um salvando o outro de avalanches ou combatendo piratas. Bom, agora era de verdade. "Vou achar você", prometeu em pensamento. "É só me ajudar, e eu vou achar você, e vamos tomar conta da mamãe, e tudo vai ficar bem..."

Afinal, ele agora tinha um lugar onde se esconder, um lugar tão seguro que ninguém jamais o encontraria lá. E os papéis dentro do escrínio (que ele ainda não tivera tempo de ler) também estavam em segurança debaixo do colchão em Citàgazze.

Finalmente percebeu que todas as pessoas tomavam a mesma direção. Estavam saindo, pois o funcionário avisava que o museu fecharia dali a 10 minutos. Will reuniu forças e partiu. Conseguiu encontrar a rua onde ficava o escritório do advogado e pensou em ir vê-lo, apesar do que tinha dito antes. O homem parecia amigável...

Mas ao decidir atravessar a rua e entrar, ele estacou de repente. O homem alto de sobrancelhas claras estava saindo de um carro. Will virou-se imediatamente e ficou olhando de modo casual para a vitrine de uma joalheria. Viu o reflexo do homem olhar em volta, ajeitar o nó da gravata e entrar no escritório do advogado. Assim que ele entrou, Will afastouse, o coração novamente disparado: nenhum lugar era seguro. Tomou a direção da biblioteca da universidade para esperar por Lyra. **5 - PAPEL DE CARTA VIA AÉREA**

- Will! - Lyra chamou.

Ela falou em tom baixo, mas mesmo assim ele levou um susto: a menina estava sentada no banco ao lado dele, e ele nem percebera!

- De onde você surgiu?

- Encontrei o meu Catedrático! Na verdade, é uma Catedrática. Ela se chama Dra. Malone. E tem uma máquina que consegue enxergar o Pó e ela vai fazer a máquina falar...

- Nem vi você chegar!

- Porque não estava prestando atenção - ela explicou. - Devia estar pensando em outra coisa. Ainda bem que eu vi você. Escute, é fácil enganar as pessoas. Veja...

Dois policiais em patrulha vinham na direção deles: um homem e uma mulher, com as camisas brancas da farda de verão, com seus rádios, seus cassetetes e seus olhos cheios de suspeitas. Antes que chegassem perto, Lyra estava de pé falando com eles.

- Por favor, pode me dizer onde fica o museu? - pediu.

- Meu irmão e eu ficamos de encontrar nossos pais lá, e nos perdemos.

O policial olhou para Will, e o menino, controlando a raiva, deu de ombros como se dissesse: ela tem razão, nós nos perdemos, não foi uma tolice? O homem sorriu. A mulher perguntou:

- Qual museu? O Ashmoleano?

- Esse mesmo - disse Lyra, e fingiu escutar cuidadosamente as instruções que a mulher lhe dava.

Willlevantou-se e agradeceu, e afastou-se com Lyra. Não olharam para trás, mas os policiais já tinham perdido o interesse neles.

- Viu só? Se estavam procurando você, eu atrapalhei - disse Lyra. Porque eles não estão procurando alguém com uma irmã. É melhor eu ficar com você de agora em diante - continuou, em tom de reprimenda, depois de virarem a esquina. - Não está seguro sozinho.

Ele não respondeu. Seu coração batia forte, de raiva.

Seguiram em frente, na direção de um prédio redondo com um grande domo de chumbo, situado numa praça rodeada de prédios universitários cor de mel, uma igreja e árvores de grandes copas acima de altos muros. O sol da tarde realçava os tons mais quentes, e o ar estava repleto disso tudo, quase da cor de vinho dourado. Todas as folhas estavam imóveis, e naquela pracinha até mesmo o ruído do trânsito era abafado. Ela finalmente tomou consciência do estado de espírito de Will e perguntou:

- Qual é o problema?

- Se falar com as pessoas, você atrai a atenção delas - disse ele, em voz trêmula. -Devia ter ficado quieta, parada, e eles não iam prestar atenção. Fiz isso a minha vida inteira. Sei fazer isso. Do seu jeito, você só consegue... se fazer visível. Não devia fazer isso. Não devia brincar com isso. Você não está sendo séria.

- Você acha? - fez ela, e sua raiva explodiu. - Acha que não sei mentir? Sou a melhor mentirosa que já existiu. Mas não minto para você, e nunca mentirei, eu juro. Você está em perigo, e se eu não tivesse feito aquilo naquela hora você teria sido preso. Não viu que estavam olhando para você?

Estavam, sim. Você não é cuidadoso. Se quer a minha opinião, é você que não é sério.

- Se eu não sou sério, que é que estava fazendo, esperando você, quando podia estar a quilômetros de distância? Ou escondido, em segurança, naquela cidade? Tenho as minhas coisas para resolver, mas estou plantado aqui para poder ajudar você. Não me diga que não sou sério.

- Você tinha que atravessar - ela retrucou, furiosa. Ninguém podia falar com ela assim, era uma aristocrata. Era Lyra. -Você precisava, senão não ia descobrir nada sobre o seu pai. Você fez isso por sua causa, não por mim. Estavam discutindo apaixonadamente, mas em voz baixa, por causa do silêncio da praça e das pessoas que passavam.

Quando ela disse isso, porém, Will estacou. Teve que se encostar no muro atrás de si. Tinha o rosto pálido.

- O que é que você sabe do meu pai? – perguntou baixinho. Ela respondeu no mesmo tom:

- Não sei nada de nada. Tudo que sei é que você está procurando por ele. Foi só isso que eu perguntei.

- Perguntou? A quem?

- Ao aletômetro, é claro.

Ele levou um instante para se lembrar. E então pareceu tão zangado e desconfiado que ela pegou o aletômetro na mochila e disse:

- Está bem, vou lhe mostrar.

Sentou-se no muro de pedra em volta ao gramado no meio da praça, inclinou a cabeça sobre seu instrumento dourado e pôs-se a girar os ponteiros, movendo os dedos quase depressa demais para a vista, e fez uma pausa de alguns segundos enquanto o ponteiro mais fino girava no mostrador, parando aqui e ali, ela então tornou a mover os ponteiros com a mesma rapidez para uma nova posição. Will olhou em volta cautelosamente, mas não havia ninguém perto para ver; um grupo de turistas olhava para o domo no alto do prédio, um sorveteiro empurrava seu carrinho ao longo da calçada, mas ninguém prestava atenção neles.

Lyra pestanejou e suspirou, como se despertasse.

- A sua mãe está doente, mas está em segurança – disse em voz baixa. - Uma mulher está tomando conta dela. E você pegou umas cartas e fugiu. E um homem, acho que era um ladrão, você matou ele. E está

procurando o seu pai, e...

- Está bem, cale a boca - disse Will. - Chega. Você não tem o direito de revistar a minha vida desse jeito. Nunca mais faça isso. Isso é espionagem.

- Eu sei a hora de parar de perguntar - ela retrucou. - Sabe, o aletômetro é quase como uma pessoa. Eu sei mais ou menos quando ele vai ficar zangado ou quando não quer que eu saiba de alguma coisa. Eu sinto. Mas quando você surgiu do nada ontem, eu tinha que perguntar quem você era, para saber se eu estava segura.

Tinha que fazer isso. E ele disse... -Ela baixou mais ainda a voz. - Ele disse que você era um assassino, e eu pensei: que bom, isto é ótimo, posso confiar nele. Mas não perguntei mais nada até agora, e se você não quiser que eu pergunte, prometo que não vou fazer isso, O

aletômetro não é um aparelho de bisbilhotice. Se eu simplesmente espionasse os outros, ele pararia de funcionar. Sei disso tão bem quanto conheço a minha Oxford.

- Você poderia ter perguntado a mim, em vez de perguntar a essa coisa. Ele disse se o meu pai está vivo ou morto?

- Não, porque eu não perguntei.

Estavam ambos sentados. Will, exausto, descansou a cabeça nas mãos.

- Bem, acho que vamos ter que confiar um no outro - disse finalmente.

- Tudo bem. Eu confio em você.

Will assentiu desanimado. Estava muito cansado, e não havia a menor possibilidade de dormir naquele mundo. Lyra não costumava ser tão perceptiva, mas alguma coisa no jeito dele a fez pensar: ele está com medo, mas está dominando o medo, como Iorek Byrnison disse que temos que fazer; como eu fiz na peixaria junto ao lago congelado.

- Will, não vou contar seu segredo a ninguém. Prometo - ela acrescentou.

- Ótimo.

- Uma vez eu fiz isso. Traí uma pessoa. E foi a pior coisa que já fiz. Na verdade, pensei que estava salvando a vida dele, só que estava levando ele direto para o lugar mais perigoso que poderia existir.

Fiquei com ódio de mim mesma por isso, por ter sido tão idiota. De modo que vou tentar com todas as minhas forças não ser descuidada, nem me distrair e denunciar você sem querer.

Ele não respondeu; esfregou os olhos e pestanejou várias vezes, para tentar manter-se acordado.

- Não podemos atravessar a janela tão cedo - disse. - Foi imprudência termos atravessado durante o dia. Não podemos arriscar que alguém veja. E

agora temos que esperar horas...

- Estou faminta - Lyra declarou.

- Já sei! -exclamou ele então. - Podemos ir ao cinema!

- Ao quê?

- Vou lhe mostrar. Lá poderemos comer alguma coisa, também. Havia um cinema perto do centro da cidade, a 10 minutos de distância. Will pagou a entrada de ambos e comprou cachorros-quentes, pipocas e CocaCola. Os dois se acomodaram na platéia bem na hora em que o filme ia começar.

Lyra ficou maravilhada. Já tinha visto fotogramas projetados, mas nada no mundo dela a tinha preparado para o cinema. Ela engoliu o cachorro-quente e as pipocas, bebeu de uma vez a Coca-Cola e ficou a exclamar e rir de prazer diante das personagens na tela. Felizmente a platéia era ruidosa, cheia de crianças, e a empolgação dela não chamou atenção. Will logo fechou os olhos e adormeceu.

Acordou ao ouvir o ruído das pessoas saindo, e pestanejou por causa da luz acesa. Seu relógio mostrava 20h15. Lyra saiu do cinema com relutância.

- Foi a melhor coisa que já vi em toda a minha vida - disse ela. - Sei lá

por que nunca inventaram isso no meu mundo. Lá algumas coisas são melhores do que aqui, mas isto é melhor do que qualquer coisa que a gente tenha lá.

Will sequer conseguia lembrar o nome do filme. Do lado de fora ainda estava claro, e as ruas estavam movimentadas.

- Quer ver outro?

- Claro!

Então foram ao cinema seguinte, a poucas centenas de metros virando a esquina, e fizeram a mesma coisa. Lyra acomodou-se com os pés sobre o assento, abraçada ao joelho, e Will deixou a mente vagar. Quando saíram, dessa vez, eram quase 23h, muito melhor.

Lyra estava com fome novamente, então compraram hambúrgueres numa carrocinha e comeram enquanto caminhavam - outra novidade para ela.

- Nós sempre nos sentamos para comer. Nunca vi alguém comer andando - ela contou. - Este lugar aqui é diferente em muitas coisas. O trânsito, por exemplo. Não gosto. Gostei do cinema e de hambúrguer. Gostei muito. E

aquela Catedrática, a Dra. Malone, ela vai fazer aquela máquina usar palavras. Sei que vai. Amanhã vou voltar lá e ver como ela está indo. Aposto que posso ajudar. Eu poderia provavelmente fazer os Catedráticos lhe darem o dinheiro que ela quer, também. Sabe como o meu pai fez isso? O Lorde Asriel? Ele os enganou...

Enquanto seguiam pela Rua Banbury, ela contou sobre a noite em que se escondeu no armário e viu Lorde Asriel mostrar aos Catedráticos da Jordan a cabeça decepada de Stanislaus Grumman na caixa térmica. Como Will era um ótimo ouvinte, Lyra foi em frente e contou-lhe o resto da sua história, desde a fuga do apartamento da Sra. Coulter até o momento horrível em que ela percebeu que tinha levado Roger para a morte nos penhascos gelados de

Svalbard. Will escutou sem fazer comentários, mas prestando atenção, solidário. A narrativa da viagem num balão, de bruxas e ursos de armadura, de um braço vingativo da Igreja, tudo parecia combinar com seu próprio sonho fantástico de uma linda cidade à beira-mar, deserta, silenciosa e segura: não podia ser verdade, simplesmente.

Mas finalmente chegaram ao trevo e aos carpinos. Havia pouco trânsito: um carro a cada minuto, não mais que isso.

E lá estava a janela no ar. Will sorriu: ia dar tudo certo.

- Espere até não vir carro - instruiu. - Vou atravessar agora. E no instante seguinte ele estava no gramado sob as palmeiras, e logo em seguida Lyra veio atrás.

Sentiam-se como se estivessem em casa. A noite cálida, o cheiro de flores e do mar, o silêncio - tudo isso os engolfava como um banho de água calmante.

Lyra espreguiçou-se e bocejou, e Will sentiu-se livre de um grande peso. Passara o dia inteiro carregando esse peso, e não tinha percebido o esforço que vinha fazendo; mas agora sentia-se leve, livre e em paz. E então Lyra agarrou-lhe o braço com força. No mesmo segundo ele ouviu o motivo desse gesto. Em algum lugar, numa das ruelas atrás do café, alguma coisa berrava.

Will partiu de imediato naquela direção e Lyra seguiu-o por um beco escuro, escondido do luar. Depois de várias curvas e voltas, eles surgiram na praça diante da torre de pedra que tinham visto pela manhã. Cerca de 20 crianças faziam um semicírculo na base da torre, e algumas seguravam pedaços de pau, outras jogavam pedras no que quer que estava encurralado contra a parede da torre. A princípio Lyra achou que era outra criança, mas de dentro do semicírculo vinha um ganido horrível que não era humano. E as crianças também gritavam de medo e de ódio. Will correu até lá e puxou uma delas pelo ombro. Era um menino mais ou menos da sua idade, usando uma camiseta listrada. Quando ele se virou, Lyra

viu as estranhas bordas brancas em volta das pupilas dele; então as outras crianças perceberam o que estava acontecendo e pararam para olhar. Angélica e seu irmãozinho também estavam lá, com pedras nas mãos, e os olhos de todas as crianças brilhavam ferozmente ao luar. Ficaram todos em silêncio. Só o ganido continuava, e então Will e Lyra viram o que era: uma gata encolhida contra a parede da torre, a orelha rasgada e a cauda torcida. Era a gata que Will tinha visto na Avenida Sunderland, aquela que se parecia com Moxie, aquela que o levara à janela. Assim que ele a viu, jogou para o lado o menino que estava segurando pelo ombro. O garoto caiu no chão, mas levantou-se em seguida, furioso; mas os outros o contiveram.

Will já estava ajoelhado junto à gata.

E logo ela estava em seus braços. Quando ela saltou para o peito dele, ele a segurou junto ao corpo e ergueu-se para enfrentar as crianças; por um segundo Lyra teve a idéia louca de que o daemon dele tinha finalmente aparecido.

- Por que estão machucando esta gata? - ele perguntou.

Ninguém soube responder. Todos tremiam diante da raiva de Will, ofegantes, segurando seus paus e pedras, e não conseguiam falar . Mas então a voz de Angélica soou com clareza:

- Você não é daqui! Não é de Ci'gazze! Não sabia dos Espectros, não sabe dos gatos também. Não é como nós!

O menino de camiseta listrada que Will tinha derrubado estava cheio de vontade de lutar, e se não fosse pelo gato nos braços de Will ele o teria atacado com punhos, dentes e pés, e Will adoraria entrar nessa briga: havia uma corrente elétrica de ódio entre os dois que apenas a violência conseguiria dissipar. Mas o menino tinha medo da gata.

- De onde você veio? - ele perguntou em tom de desprezo.

- Não importa de onde nós viemos. Se estão com medo desta gata, eu vou levar ela para longe de vocês. Se ela para vocês é sinal de azar, para nós será de sorte. Agora saiam da frente.

Por um instante Will pensou que o ódio deles seria maior do que o medo, e estava prestes a colocar a gata no chão e lutar, mas então ouviu-se um rosnado baixo e forte vindo de trás das crianças, elas se viraram e viram Lyra de pé com a mão no ombro de um enorme leopardo pintado, cujos dentes brilhavam quando ele rosnava. Até mesmo Will, que reconheceu Pantalaimon, ficou assustado por um segundo. O efeito nas crianças foi drástico: elas fugiram imediatamente. Segundos depois a praça estava deserta. Mas antes de se afastar de lá, Lyra olhou para o alto da torre.

Um rosnado de Pantalaimon a fez fazer isso, e por um segundo ela viu alguém lá bem no alto, olhando por cima das ameias, e não era uma criança, mas um rapaz de cabelos cacheados.

Meia hora depois, estavam no apartamento em cima do café. Will tinha encontrado uma lata de leite condensado, que a gata bebeu com ar faminto, pondo-se depois a lamber suas feridas. Pantalaimon tinha se tornado um gato, por curiosidade, e a princípio a gata tinha se arrepiado, cheia de suspeitas, mas logo percebeu que, fosse o que fosse Pantalaimon, não era um gato de verdade nem uma ameaça, e passou a ignorá-lo.

Lyra observou com fascinação Will cuidar da gata. Os únicos animais que ela vira de perto em seu mundo (além dos ursos de armadura) eram animais de trabalho: os gatos serviam para manter a Jordan livre dos ratos, não para animais de estimação.

- Acho que a cauda dela está quebrada - disse Will. - Não sei o que fazer. Talvez se cure sozinha. Vou colocar um pouco de mel na orelha dela. Li em algum lugar que é anti-séptico...

Foi uma operação melada, mas pelo menos aquilo ia manter a gata ocupada lambendo o mel, e a ferida ia ficando cada vez mais limpa.

- Tem certeza que foi esta que você viu? – Lyra perguntou.

- Ah, tenho, sim. E, além disso, se todos aqui têm tanto medo, não deve haver gatos neste mundo. Ela com certeza não conseguiu encontrar o caminho de volta.

- Pareciam loucos - Lyra comentou. - Iam matar a coitadinha. Nunca VI crianças agindo assim.

- Eu já - disse Will.

Mas sua expressão era sombria: era evidente que ele não queria falar sobre aquilo, e ela achou melhor não perguntar. Sabia que não devia perguntar sequer ao aletômetro. Estava muito cansada, de modo que logo foi para a cama e adormeceu.

Pouco mais tarde, quando a gata enrodilhou-se para dormir, Will pegou uma xícara de café e o escrínio de couro verde, e foi sentar-se na sacada. Havia luz suficiente entrando pela janela e ele queria ler os papéis. Não havia muitos. Como ele pensava, eram cartas, escritas em papel de via aérea com tinta preta. Aquelas letras tinham sido feitas pela mão do homem que ele tanto queria encontrar; passou os dedos sobre elas muitas vezes e apertou-as contra o rosto, tentando chegar mais perto da essência do seu pai. Então pôs-se a ler.

Fairbanks, Alasca

Quarta-feira, 19 de junho de 1985

Minha querida; a costumeira mistura de eficiência e caos - todas as provisões já chegaram, mas o físico, um idiota genial chamado Nelson, não tomou nenhuma providência para levar seus malditos balões para o alto das montanhas - temos que ficar ociosos enquanto ele procura um transporte. Mas isso serviu para me dar a oportunidade de conversar com um velhote que conheci na expedição passada, um minerador de ouro chamado Jake Petersen

- segui o rastro dele até um bar modesto e sob o som de uma partida de beisebol na TV eu lhe perguntei sobre a anomalia.

Ele não queria conversar ali. Me levou ao seu apartamento. Com a ajuda de uma garrafa de Jack Daniels, ele falou durante muito tempo. Ele mesmo não tinha visto, mas tinha conhecido um esquimó que viu, e o cara disse a ele que era uma porta para o mundo dos espíritos, que eles sabem disso há

séculos e que faz parte da iniciação de um xamã esquimó atravessar e trazer de volta um troféu qualquer, mas muitos não voltaram. De qualquer maneira, o velho Jake tinha um mapa da região e marcou nele o lugar onde o companheiro disse que a coisa ficava. (Só para garantir: é 69°02'11"N, 157°12'19"0, num contraforte da Serra Lookout, a uns dois ou três quilômetros ao norte do Rio Colville.) Então passamos a conversar sobre outras lendas do Ártico - o navio norueguês que está vagando sem tripulação há 60 anos, coisas assim. Os arqueólogos são uma turma legal, estão ansiosos para começar o trabalho, contendo a impaciência com Nelson e seus balões. Nenhum deles jamais ouviu falar na anomalia, e pode acreditar que vou deixar que isso continue assim. Muito amor e carinho para vocês dois.

Johnny.

Umiat, Alasca

Sábado, 22 de junho de 1985

Minha querida: e eu que chamei o homem de idiota genial - o físico Nelson não é nada disso, e se não estou enganado ele também está procurando a anomalia. O atraso em Fairbanks foi planejado por ele, dá para acreditar?

Sabendo que o resto da equipe não iria querer esperar por qualquer coisa abaixo de um argumento irrespondível como o transporte, ele pessoalmente mandou cancelar os veículos que tinham sido alugados. Descobri isso por acidente, e ia perguntar que diabos ele

estava planejando, mas ouvi quando ele falava com alguém pelo rádio descrevendo a anomalia, só que ele não sabia a localização. Mais tarde paguei-lhe uma bebida, banquei o soldado meio tapado, o veterano no Ártico, tipo existem mais coisas entre o céu e a terra do que podemos explicar, coisas desse tipo, fingi brincar com ele a respeito das limitações da ciência (aposto que você não consegue explicar o Abominável Homem das Neves etc.). Fiquei só observando. Então falei da anomalia - uma lenda esquimó de uma porta para o mundo dos espíritos, invisível, em algum lugar perto da Serra Lookout, dá para acreditar, é para onde estamos indo, imagine só. E você sabe que ele teve um choque? Sabia exatamente do que eu estava falando. Fingi que não percebi e passei a falar em bruxaria, contei a história do leopardo do Zaire - espero que ele tenha me tomado por um milico supersticioso. Mas estou certo, Elaine, que ele também está procurando a mesma coisa. A questão é: devo contar a ele ou não? Tenho que descobrir qual é o jogo dele. Todo o meu amor e carinho para vocês dois.

Johnny.

Collvile Bar, Alasca

24 de junho de 1985

Querida: não terei oportunidade de enviar outra carta durante algum tempo - esta é a última cidade antes de subirmos para as montanhas, a Serra Brooks. Os arqueólogos estão doidos para chegar lá em cima. Um sujeito está

convencido de que vai encontrar provas de habitação humana de período muito anterior ao que se imagina - perguntei de quanto tempo atrás e por que ele estava convencido disso, ele falou de uns entalhes em marfim de narval que ele encontrou numa escavação; pelo carbono 14, eles tinham uma idade inacreditável, muito superior ao que se imaginava antes - uma anomalia, na verdade. Não seria estranho se esses entalhes tivessem vindo de outro mundo através da minha anomalia. Por falar nisso, o físico Nelson agora é o meu maior amigo, brinca comigo, insinua que sabe que eu

sei que ele sabe etc. Eu finjo ser o Major Parry, um sujeito confiável durante uma crise, mas não muito dotado de miolos, ora - mas sei que ele está procurando. Para começar, embora ele seja um acadêmico de verdade, sua verba vem do Ministério da Defesa, conheço os códigos financeiros que eles usam. Além disso, os seus balões meteorológicos não são nada disso - espiei dentro do caixote: tem um traje anti-radiação, se é

que conheço essas coisas. Muito esquisito, minha querida. Vou manter o meu plano: levar os arqueólogos para o destino deles e tirar alguns dias para ir sozinho procurar a anomalia. Se eu esbarrar com Nelson vagando pela Serra Lookout, vou agir segundo as circunstâncias.

Mais tarde - um lance de sorte. Encontrei o esquimó amigo de Jake Petersen, Matt Kigalik. Jake tinha me dito onde encontrá-lo, mas não ousei ter esperança de que ele estivesse lá. Ele me contou que os soviéticos também andaram procurando a anomalia - no início do ano ele encontrou um homem no alto da serra e observou-o por alguns dias sem ser visto, porque adivinhou o que o outro estava fazendo, e tinha razão, e o homem era russo, um espião, ele só me contou isso. Tive a impressão que ele liquidou com o sujeito. Mas ele me descreveu a coisa. É como um buraco no ar, uma espécie de janela. A gente olha por ela e vê o outro mundo. Mas não é fácil de encontrar, porque aquela parte do outro mundo é parecida com a nossa - pedras, musgo, etc. Fica na margem norte de um regato, uns 50 passos a oeste de uma pedra alta que tem a forma de um urso de pé, e a posição que Jake me forneceu não está correta - é mais 12"N

do que 11.

Torça por mim, minha querida. Vou levar para você um troféu do mundo dos espíritos. Te amo eternamente. Um beijo no garoto. Johnny.

Os ouvidos de Will zumbiam.

Seu pai estava descrevendo exatamente o que ele próprio tinha descoberto sob os carpinos. Ele também tinha encontrado uma janela - tinha até usado o mesmo nome para ela!

Então devia estar no caminho certo. E era isso que os homens haviam procurado... Então era perigoso, também.

Will tinha um ano de idade quando aquela carta foi escrita. Seis anos depois disso, acontecera aquela manhã no supermercado, quando ele ficou sabendo que a mãe corria um perigo terrível e ele tinha que protegê-la, e então, nos meses seguintes, aos poucos ele percebeu que o perigo estava na mente dela, e por isso tinha que protegê-la mais ainda.

E então, de maneira brutal, a revelação de que afinal nem todo o perigo estava na mente dela. Havia mesmo alguém atrás dela. Depois, essas cartas, essa informação.

Mas ele não tinha idéia do que isso significava. Sentia-se profundamente feliz por compartilhar com o pai uma coisa tão importante; por John Parry e seu filho Will terem, separadamente, descoberto aquela coisa extraordinária. Quando se encontrassem, poderiam conversar sobre isso, e o pai teria orgulho por Will ter seguido seus passos.

A noite estava quieta, e o mar, parado. Ele guardou as cartas e adormeceu.

6 - OS VOADORES LUMINOSOS

- Grumman? - repetiu o barbudo mercador de peles. - Da Academia de Berlim? Um insensato! Eu o conheci há cinco anos, lá no extremo norte dos Urais. Pensei que tivesse morrido.

Sentado no bar, enfumaçado e recendendo a nafta, do Samirsky Hotel, Sam Cansino, um velho conhecido e texano como Lee Scoresby, bebeu de um só gole a vodca estupidamente gelada. Depois empurrou o prato de peixe em conserva e pão preto na

direção de Lee, que comeu um bocado e assentiu para que Sam lhe contasse mais coisas.

- Ele pisou numa armadilha montada por aquele idiota do Yakovlev e cortou a perna até o osso - continuou o mercador. - Em vez de usar remédio normal, ele cismou de passar um negócio que os ursos usam, chamado musgo-sangüíneo, musgo-de-sangue, uma espécie de líquen, não é um musgo de verdade, de qualquer maneira, ele ficava deitado no trenó, alternando rugidos de dor com instruções para os homens que trabalhavam para ele. Estavam fazendo medições das estrelas, e tinham que fazer direito, senão ele dava uma grande bronca, e, pode acreditar, a língua dele era igual a arame farpado. Um homem magro, duro, forte, curioso, queria saber tudo. Sabia que ele havia sido iniciado como tártaro?

- Não diga! - fez Lee Scoresby.

Enquanto falava, vertia mais vodca no copo de Sam. Seu daemon Hester estava deitado no balcão junto ao seu cotovelo, os olhos semicerrados como de costume, as orelhas estendidas ao longo das costas. Lee havia chegado naquela tarde, trazido a Nova Zembla pelo vento que as bruxas tinham chamado, e depois de guardar o equipamento ele se dirigiu diretamente para o Samirsky Hotel, perto do posto de embalagem de pescado. Aquele era um lugar onde os andarilhos do Ártico paravam para trocar notícias, procurar trabalho ou deixar recados, e Lee Scoresby no passado tinha ficado muitos dias por lá, esperando um contrato ou um passageiro ou um vento bom, de modo que nada havia de estranho em seu comportamento atual.

E com as grandes mudanças que eles intuíam estarem acontecendo no mundo à sua volta, era natural que as pessoas se reunissem e conversassem. A cada dia que passava, surgiam mais notícias: o rio Yenisei estava degelado - e nessa época do ano! - parte do oceano tinha esvaziado, expondo estranhas formações regulares de pedra em seu leito; um polvo de 30

metros de comprimento tinha arrancado três pescadores de um barco e despedaçado todos os três...

E a névoa continuava a chegar do norte, densa e fria, ocasionalmente encharcada da luz mais estranha que se poderia imaginar, na qual se podia ver vagamente formas enormes, e ouvir vozes misteriosas.

De maneira geral, era um tempo ruim para trabalhar, por isso o bar do Samirsky Hotel estava repleto.

- Você disse Grumman? - quis saber a pessoa sentada ao lado dele junto ao balcão do bar, um homem de idade, usando trajes de caçador de foca, cujo daemon-lêmure espiava solenemente de dentro do bolso do seu casaco. Ele era mesmo tártaro. Eu estava lá quando ele entrou para aquela tribo. Vi quando furaram o crânio dele. Ele ganhou outro nome, também. Um nome tártaro. Daqui a pouco me lembro qual era.

- Ora, quem diria! - fez Lee Scoresby. - Deixe-me pagar-lhe uma bebida, amigo. Estou procurando notícias desse homem. Para qual tribo ele entrou?

- Os pakhtars de Yenisei. No sopé da Serra Semyonov. Perto da confluência do Yenisei com o rio... Esqueci o nome. Um rio que desce dos morros. Existe uma pedra do tamanho de uma casa no local de pouso.

- Ah, certo, agora me lembro - disse Lee. - Já voei por cima dela. E

Grumman teve o crânio perfurado? É mesmo? E por quê?

- Ele era um xamã - disse o velho caçador de focas. - Acho que, antes da adoção, a tribo reconheceu que ele era um xamã. Foi uma cerimônia e tanto, aquela perfuração. O ritual dura dois dias e uma noite. Usam uma broca de arco, como se faz para acender fogo.

- Ah, isso explica o modo como a equipe dele obedecia. - Sam Cansino comentou. - Era a turma de velhacos mais braba que já vi, mas corriam para cumprir as ordens dele como meninos amedrontados. Pensei que eram os palavrões dele que tinham esse efeito. Se eles pensavam que ele era um xamã, faz até mais sentido. Mas, sabe, a curiosidade daquele sujeito era forte como os dentes de um lobo, ele simplesmente não desistia. Me fez contar tudo que eu sabia sobre o terreno das vizinhanças, e os hábitos dos lobos e das raposas. Estava sentindo bastante dor por causa da maldita armadilha de Yakovlev, a perna aberta, e ele anotando os efeitos daquele musgo-sangüíneo, musgo-de-sangue, medindo a temperatura, vendo a cicatriz se formar, anotando tudinho... Um homem estranho. Havia uma bruxa que queria ser amante dele, mas ele recusou.

- É mesmo? - fez Lee, pensando na beleza de Serafina Pekkala.

- Ele não devia ter feito isso - disse o caçador de focas.

- Se uma bruxa nos oferece seu amor, temos que aceitar. Se não, a culpa é nossa se coisas ruins nos acontecerem. É como ter que escolher entre uma bênção e uma maldição. A única coisa que não podemos fazer é deixar de escolher uma das duas.

- Ele podia ter seus motivos - disse Lee.

- Se ele tinha algum juízo, o motivo tinha que ser muito bom.

- Ele era cabeça-dura - disse Sam Cansino.

- Talvez por fidelidade a outra mulher - Lee sugeriu. - Ouvi contar outra coisa sobre ele, que ele conhecia o paradeiro de um objeto mágico, não sei o que poderia ser, que protegia qualquer pessoa que o tivesse. Já ouviram essa história?

- Já ouvi isso, sim - disse o caçador de focas. – Ele não tinha essa coisa, mas sabia onde estava. Um homem tentou fazer ele contar, mas Grumman matou o sujeito.

- O daemon dele, isso é curioso - interpôs Sam Cansino -, era uma águia, uma águia preta com cabeça e peito brancos, um tipo que eu nunca tinha visto, não sei que bicho era aquele.

- Era uma águia-pesqueira - disse o barman. – Vocês estão falando do Stan Grumman? O daemon dele era uma águia-pesqueira. Um gaviãopescador.

- Que foi que aconteceu com ele? - perguntou Lee Scoresby.

- Ah, ele se envolveu nas guerras dos escraelingues em Beringland. A última notícia que tive foi que atiraram nele - disse o caçador de focas. - Morreu na hora.

- Pois eu soube que eles cortaram a cabeça dele – disse Lee Scoresby.

- Não, vocês dois estão errados - contestou o barman. - E eu sei, porque quem me contou foi um esquimó que estava com ele na ocasião. Parece que estavam acampados em algum lugar de Sakhalin e houve uma avalanche. Grumman ficou soterrado por toneladas de pedra. O esquimó viu isso acontecer.

- O que eu não entendo é o que o sujeito estava fazendo - Lee Scoresby comentou, oferecendo a garrafa em roda. - Procurando óleo pétreo, talvez? Ou ele era militar? Ou era alguma coisa filosófica? Você falou em medidas, Sam. Que seria isso?

- Estava medindo a luz das estrelas. E a aurora boreal Ele tinha paixão pela aurora boreal. Mas seu maior interesse eram ruínas, eu acho. Coisas antigas.

- Sei quem poderia lhe contar mais coisas - disse o caçador de focas. No alto da montanha existe um observatório que pertence à Real Academia Moscovita. Lá eles saberão informar. Sei que ele subiu até lá mais de uma vez.

- Afinal, por que você quer saber, Lee? - Sam Cansino perguntou.

- Ele me deve dinheiro - Lee Scoresby respondeu.

Essa explicação era tão satisfatória, que a curiosidade dos outros cessou na mesma hora. A conversa mudou para o assunto na boca de todos: as mudanças catastróficas que estavam ocorrendo e que ninguém conseguia ver.

- Os pescadores, eles dizem que se pode navegar direto até esse mundo novo - declarou o caçador de focas.

- Existe um mundo novo? - Lee perguntou.

- Assim que essa maldita neblina clarear, vamos enxergar esse tal mundo - contou-lhes em tom confidencial o caçador de focas. - Quando aconteceu, eu estava no meu caiaque olhando para o norte, por acaso. Nunca vou esquecer o que vi. Em vez da terra se curvar no horizonte, ela continuava reta. Eu enxergava longe, e só via terra e costa, montanhas, portos, árvores verdes e campos de milho, infindavelmente, no céu. Eu lhes digo, amigos, valeu a pena trabalhar 50 anos para ver aquilo. Eu teria remado para o céu naquele mar calmo, sem olhar para trás; mas então veio a neblina...

- Nunca vi uma névoa como esta - resmungou Sam Cansino. - Parece que vai ficar um mês inteiro, talvez mais. Mas você está sem sorte se quer receber dinheiro de Stanislaus Grumman, Lee, o cara morreu.

- Ah, lembrei o nome tártaro dele! - exclamou o caçador de focas. Acabei de me lembrar como ele era chamado durante a perfuração. Qualquer coisa como "Jopari".

- Jopari? Nunca ouvi esse tipo de nome - Lee comentou.

- Deve ser nipônico, imagino. Bom, se quero meu dinheiro, talvez eu possa procurar os herdeiros dele. Ou talvez a Academia de Berlim possa pagar a dívida. Vou perguntar no observatório, ver se eles têm um endereço que eu possa procurar.

O observatório ficava a alguma distância para o norte, e Lee Scoresby alugou um trenó puxado por cães e um guia. Não foi fácil encontrar alguém disposto a arriscar-se a viajar na neblina, mas Lee era convincente, ou o seu dinheiro o era, e finalmente, depois de uma prolongada negociação, um velho tártaro da região do Ob concordou em levá-lo.

Felizmente o guia não se orientava pela bússola, pois seria impossível usá-la. Ele navegava por outros sinais - seu daemon-raposa polar, por exemplo, que ficava sentado na frente do trenó farejando atentamente o caminho. Lee, que levava sua bússola consigo para toda parte, já tinha constatado que o campo magnético da Terra estava tão perturbado quanto tudo mais. Quando pararam para fazer um café, o velho guia disse:

- Já aconteceu antes, esta coisa.

- O quê? O céu se abrir? Isso já aconteceu antes?

- Há muitos milhares de gerações. Meu povo se lembra. Muito tempo atrás, muitos milhares de gerações.

- O que é que falam?

- O céu abre e os espíritos passam entre este mundo e o outro. Todas as terras se movem. O gelo derrete, depois torna a congelar. Os espíritos fecham o buraco depois de um tempo. E selam. Mas as bruxas dizem que lá o céu é fino, atrás das luzes do Norte.

- O que é que vai acontecer, Umaq?

- A mesma coisa que antes. Tudo igual outra vez. Mas só depois de grande perturbação, grande guerra. Guerra de espíritos.

O guia não quis dizer mais, e logo seguiram viagem, percorrendo lentamente as ondulações, crateras e erupções de pedra escura na névoa clara, até que o velho disse:

- Observatório lá em cima. Agora você anda. Caminho ruim para trenó. Se quer voltar, espero aqui.

- É, vou querer voltar quando terminar, Umaq. Faça uma fogueira, amigo, sente-se e descanse um pouco. Vou levar três, quatro horas, talvez. Lee Scoresby partiu, com Hester dentro do casaco, e depois de meia hora de árdua subida deparou com um conjunto de edificações que pareciam ter sido colocadas ali pela mão de um gigante. Mas o efeito devia-se apenas a uma clareira momentânea na neblina, e depois de um minuto ela tornou a fechar-se. Ele viu o grande domo do observatório principal, um domo menor ali perto e, entre eles, um grupo de prédios de administração e alojamento de empregados. Não havia luz alguma, pois as janelas eram permanentemente vedadas para não atrapalhar a escuridão necessária aos seus telescópios. Alguns minutos depois de sua chegada, Lee estava conversando com um grupo de astrônomos ansiosos por qualquer notícia que ele pudesse lhes trazer, e poucos filósofos naturais ficam tão frustrados quanto um astrônomo durante uma neblina.

Ele contou-lhes tudo que tinha visto e, esgotado o assunto, pediu notícias de Stanislaus Grumman. Havia semanas que os astrônomos não recebiam uma visita, e falaram de bom grado.

- Grumman? Ah, sim, vou lhe contar uma coisa sobre ele - disse o Diretor. - Ele era inglês, apesar do nome. Eu me lembro...

- Claro que não - contestou o Vice-Diretor. – Ele era membro da Academia Imperial Alemã. Eu o conheci em Berlim. Estava certo de que ele era alemão.

- Não. Acho que você vai constatar que ele era inglês. Seu domínio desse idioma era impecável - replicou o Diretor .

- Mas concordo, ele certamente era membro da Academia de Berlim. Era um geólogo...

- Não, está enganado - disse outra pessoa. - Ele de fato estudava aTerra, mas não como geólogo. Tive uma longa conversa com ele, certa vez. Acho que se poderia chamá-lo de paleoarqueólogo.

Os cinco estavam sentados em volta de uma mesa no aposento que servia de salão, refeitório, bar, sala de recreação e mais ou menos todo o resto. Dois eram moscovitas, um era polonês, um era iorubá e o outro, escraelingue. Lee Scoresby sentia que a pequena comunidade ficava feliz ao receber uma visita, quanto mais não fosse porque isso proporcionava uma mudança na conversa. O polonês tinha sido o último a falar, e então o iorubá perguntou:

- Que quer dizer paleoarqueólogo? Os arqueólogos já estudam o que é

velho, por que é preciso colocar um prefixo que também significa "velho"?

- O campo de estudos dele recuava muito mais do que seria de se esperar, é isso. Ele estava procurando vestígios de civilizações de 20 a 30 mil anos atrás .-respondeu o polonês.

- Besteira! - exclamou o Diretor. - Total idiotice! O camarada estava brincando com você. Civilizações há 30 mil anos? Ora! Onde estão as provas?

- Debaixo do gelo - disse o polonês. - O problema é esse. Segundo Grumman, o campo magnético da Terra mudou drasticamente várias vezes no passado, e até o eixo da Terra moveu-se, de modo que regiões temperadas ficaram cobertas de gelo.

- Como assim? - quis saber o iorubá.

- Ah, ele tinha uma teoria complicada. O caso é que qualquer evidência que possa haver de antigas civilizações está há muito tempo coberta pelo gelo. Ele dizia ter fotogramas de formações rochosas incomuns...

- Bah! Isso é tudo? - fez o Diretor.

- Só estou relatando, não estou defendendo o sujeito - disse o polonês.

- Há quanto tempo vocês conhecem Grumman? – Lee Scoresby perguntou.

- Bem, deixe-me ver... Faz sete anos que eu o conheço - disse o Diretor .

- Ele criou fama um ou dois anos antes disso, com seu trabalho sobre as variações do pólo magnético - contou o iorubá. - Mas veio do nada. Quero dizer, ninguém o conheceu quando estudante ou viu qualquer trabalho seu anterior a esse...

Conversaram durante algum tempo, trocando reminiscências e oferecendo sugestões sobre o paradeiro de Grumman, embora a maioria deles achasse que ele estava morto. Enquanto o polonês foi fazer mais café, Hester, o daemon-lebre de Lee, cochichou:

- Examine o escraelingue, Lee.

O escraelingue tinha falado pouco. Lee imaginara que ele era naturalmente taciturno, mas, levado por Hester, no primeiro intervalo da conversa, ele olhou de modo casual e viu o daemon do sujeito, uma coruja branca, dardejando-lhe um olhar malévolo com seus olhos de um alaranjado vivo. Bem, essa era mesmo a aparência das corujas, elas realmente encaravam as pessoas – mas Hester tinha razão, havia no daemon hostilidade e suspeita, que não transpareciam no rosto do homem.

E então Lee percebeu outra coisa: o escraelingue usava um anel com o símbolo da Igreja. De repente ele entendeu a razão do silêncio do outro. Ouvira dizer que todo estabelecimento de pesquisa filosófica tinha que incluir na equipe um representante do *Magisterium* para atuar como censor e reprimir as notícias de qualquer descoberta herética.

Percebendo isso, e recordando algo que ele tinha ouvido Lyra dizer, Lee perguntou:

- Digam-me, senhores, por acaso sabem se Grumman alguma vez estudou a questão do Pó?

E imediatamente fez-se silêncio no aposento abafado, e a atenção de todos voltou-se para o escraelingue, embora ninguém tenha olhado

diretamente para ele. Lee sabia que Hester ficaria impassível, com os olhos semicerrados e as orelhas estendidas ao longo das costas. E ele próprio fez uma expressão de jovialidade inocente enquanto olhava de um rosto para outro. Finalmente fixou o olhar no escraelingue e perguntou:

- Perdão. Será que perguntei alguma coisa proibida?

O escraelingue perguntou de volta:

- Onde ouviu mencionarem esse assunto, Sr. Scoresby?

- Foram uns passageiros que transportei há algum tempo - Lee respondeu com naturalidade. - Eles nunca disseram o que era, mas pelo modo como falavam parecia o tipo de coisa que o Dr. Grumman poderia ter estudado. Entendi que era alguma coisa celestial, como a aurora boreal. Mas achei estranho, porque como aeróstata conheço muito bem os céus, e nunca vi essa coisa. O que é, afinal?

- Como você disse, um fenômeno celestial - respondeu o escraelingue.

- Não tem a menor importância prática.

Finalmente Lee achou que era hora de partir, não descobrira mais nada, e não queria deixar Umaq esperando. Deixou os astrônomos em seu observatório cercado de névoa e pôs-se a descer a trilha invisível, acompanhando Hester, cujos olhos estavam mais perto do

chão. E depois de 10 minutos na trilha, alguma coisa passou pela cabeça dele na neblina e mergulhou sobre Hester. Era o daemon-coruja do escraelingue.

Mas Hester pressentiu o ataque e atirou-se ao solo bem na hora, escapando por pouco às garras da coruja. Hester sabia lutar: também tinha garras afiadas, e era forte e corajosa. Lee sabia que o escraelingue devia estar por perto, e pegou o revólver no cinto.

- Atrás de você, Lee - disse Hester, e ele girou, mergulhando, uma flecha assobiou perto do seu ombro.

Atirou imediatamente. O escraelingue caiu, gemendo, quando a bala cravou-se em sua perna. No momento seguinte, o daemon-coruja, girando no ar com suas asas silenciosas, mergulhou e caiu ao lado dele, e ficou caído na neve, lutando para fechar as asas.

Lee Scoresby armou a pistola e segurou-a junto à testa do outro.

- Certo, seu maldito idiota - disse. - Por que tentou isso? Não vê que estamos todos com o mesmo problema, agora que aconteceu essa coisa no céu?

- É tarde demais - declarou o escraelingue.

- Tarde demais para quê?

- Tarde demais para impedir. Já mandei um pássaro mensageiro. O

Magisterium vai ficar sabendo das suas perguntas, e vão ficar contentes em saber sobre Grumman...

- Que é que tem ele?

- Saber que outras pessoas estão procurando por ele. Isso confirma o que pensávamos. E que outras pessoas sabem do Pó. Você é um inimigo da Igreja, Lee Scoresby. Pelos frutos os conhecereis. Por suas perguntas vereis a serpente devorando o coração deles...

A coruja gemia fracamente, erguendo e baixando as asas. Seus olhos brilhantes estavam nublados de dor. Havia uma poça vermelha na neve em volta do escraelingue: mesmo no meio da névoa Lee via que o outro ia morrer.

- Pelo jeito, a bala deve ter atingido uma artéria - disse.

- Solte o meu braço para eu fazer um torniquete.

- Não! - bradou o escraelingue. - Estou feliz por morrer! Terei a palma do manírio! Você não vai me privar disso!

- Então morra, se quiser. Só me diga uma coisa...

Mas Lee Scoresby não teve tempo de completar a pergunta, porque com um leve estremecimento a coruja desapareceu: a alma do escraelingue tinha partido. Lee vira certa vez um quadro em que um santo da Igreja estava sendo atacado por assassinos.

Enquanto eles espancavam seu corpo moribundo, o daemon do santo era levado para o céu por querubins, recebendo uma palma, o símbolo do martírio. O rosto do escraelingue tinha agora a mesma expressão do santo naquele quadro: um êxtase intenso, uma ânsia pelo esquecimento. Lee soltouo com desagrado. Hester fez um muxoxo.

- Devia ter imaginado que ele mandaria uma mensagem - disse. Pegue o anel dele.

- Para quê, droga? Não somos ladrões, ou somos?

- Não, somos renegados - disse ela. - Não por escolha nossa, mas por causa da maldade dele. De qualquer maneira estaremos perdidos quando a Igreja tomar conhecimento do que houve. Enquanto isso, vamos obter todas as vantagens que pudermos. Ande logo, pegue o anel e esconda, pode ser que nos seja útil.

Lee compreendeu que ela estava com a razão e retirou o anel do dedo do cadáver. Perscrutando a neblina, ele viu que a trilha tinha de um lado um precipício, e rolou para lá o corpo do escraelingue. Demorou algum tempo até

ouvir o impacto do corpo no solo lá embaixo. Lee nunca gostara de violência e odiava matar, embora por três vezes já tivesse sido obrigado a isso.

- Não adianta pensar nisso - Hester interveio. – Ele não nos deu uma chance, e não atiramos para matar. Droga, Lee, ele queria morrer. Essa gente é louca.

- Acho que tem razão - concordou ele, guardando a pistola. No final da trilha encontraram o guia com os cachorros já arreados e prontos para a partida.

Enquanto partiam de volta para o posto de embalagem de pescado, Lee perguntou:

- Diga-me, Umaq, você já ouviu falar de um homem chamado Grumman?

- Ah, claro - disse o guia. - Todo mundo conhece o Dr. Grumman.

- Sabia que ele tinha um nome tártaro?

- Tártaro, não. Está falando de Jopari? Não é tártaro.

- Que foi que aconteceu com ele? Morreu?

- Se o senhor me pergunta isso, eu tenho que dizer que não sei. Portanto nunca vai saber a verdade por mim.

- Entendo. Então a quem posso perguntar?

- Melhor perguntar na tribo dele. Melhor ir até o Yenisei, perguntar a eles.

- A tribo dele... Está falando dos que o iniciaram? Que perfuraram o crânio dele?

- É. Melhor perguntar a eles. Talvez não morreu, talvez morreu. Talvez nem morto, nem vivo.

- Como é que ele pode estar nem morto nem vivo?

- No mundo dos espíritos. Talvez esteja no mundo dos espíritos. Já

falei demais. Agora não falo mais.

E não falou.

Mas quando voltaram ao posto, Lee foi logo às docas procurar um barco que pudesse levá-lo à foz do Yenisei.

Enquanto isso, as bruxas também estavam procurando.

A Rainha Ruta Skadi da Latvia voou na companhia de Serafina Pekkala durante muitos dias e noites, através da névoa e dos redemoinhos, sobrevoando regiões devastadas por enchentes e avalanches. O certo era que estavam num mundo que nenhuma delas conhecera antes, com ventos estranhos, perfumes estranhos no ar, grandes pássaros desconhecidos que as atacavam ao vê-las e tinham que ser repelidos com rajadas de flechas e quando encontravam terra para fazerem um descanso, as próprias plantas eram estranhas.

Mesmo assim algumas dessas plantas eram comestíveis, e havia pequenas criaturas, não muito diferentes de coelhos, que forneciam uma refeição saborosa, e não havia carência de água. Poderia ser um bom lugar para se morar, se não fossem as formas espectrais que vagavam como névoa acima das campinas e se reuniam perto de regatos ou lagos. Em certas condições de luz elas quase não apareciam, visíveis apenas como uma qualidade da luz, uma evanescência rítmica, como véus de transparência girando diante de

um espelho. As bruxas nunca tinham visto algo assim, e encheram-se de suspeitas.

- Acha que estão vivas, Serafina Pekkala? – perguntou Ruta Skadi enquanto voavam em círculo nas alturas acima de um grupo daquelas coisas, que estavam imóveis na borda de um trecho de floresta.

- Vivas ou mortas, são cheias de maldade – respondeu Serafina. Sinto isso daqui. E não quero chegar mais perto sem saber qual tipo de arma pode acabar com elas.

Os Espectros pareciam presos ao chão, sem o poder de voar, para sorte das bruxas. Mais tarde, nesse mesmo dia, elas viram o que os Espectros podiam fazer.

Aconteceu junto a um local de travessia de um rio, onde uma estrada empoeirada cruzava uma ponte baixa de pedra ao lado de um grupo de árvores. O sol do final da tarde caía em raios oblíquos sobre a campina, realçando a cor verde intensa do chão e um dourado embaciado no ar, e àquela rica luz oblíqua, as bruxas avistaram um bando de viajantes demandando a ponte, alguns a pé, alguns em carroças puxadas por cavalos, dois deles cavalgando. Não tinham visto as bruxas, pois não tinham motivo para olhar para cima, mas eram as primeiras pessoas que as bruxas viam naquele mundo, e Serafina estava prestes a descer para falar com eles quando se ouviu um grito de alarme.

Veio do cavaleiro que ia à frente. Ele apontava para as árvores, onde as bruxas viram uma torrente dessas formas espectrais espalhando-se pela campina, parecendo fluir sem esforço na direção das suas presas - os viajantes. Todos debandaram. Serafina ficou chocada ao ver o líder dar meiavolta e fugir galopando, sem ficar para ajudar os companheiros, e o segundo cavaleiro o imitou, fugindo com toda rapidez em outra direção.

- Voem mais baixo e observem, irmãs – instruiu Serafina Pekkala. Mas não interfiram até eu mandar. Viram que o pequeno bando

continha crianças também, algumas viajando nas carroças, outras caminhando ao lado delas. E estava claro que as crianças não conseguiam ver os Espectros, e os Espectros não estavam interessados nelas: em vez disso, dirigiam-se para os adultos. Uma mulher idosa sentada numa carroça segurava duas crianças no colo, e Ruta Skadi ficou furiosa com a covardia: a mulher tentava esconder-se atrás delas, empurrando-as para a frente, na direção do Espectro que se aproximara, como se as oferecesse para salvar a própria pele.

As crianças desvencilharam-se da mulher e saltaram da carroça, e agora, como as outras crianças, corriam, assustadas, de um lado para outro, ou juntavam-se em grupos, chorando, enquanto os Espectros atacavam os adultos. A anciã na carroça logo foi envolvida por um brilho transparente que se mexia sem parar, alimentando-se de alguma maneira invisível que deixou Ruta Skadi doente só de ver. O mesmo destino coube a todos os adultos do grupo, com exceção dos dois que tinham fugido a cavalo.

Fascinada e horrorizada, Serafina Pekkala desceu ainda mais. Havia um pai com o filho que tentara atravessar o rio para fugir, mas um Espectro os alcançara e, enquanto a criança agarrava-se às costas do pai, chorando, o homem parou, com água até a cintura, indefeso.

O que estava acontecendo com ele? Serafina pairou acima da água a poucos metros de distância, observando, horrorizada. Ouvira de viajantes de seu próprio mundo a lenda do vampiro, e pensou nela enquanto observava o Espectro alimentando-se de... alguma coisa, alguma qualidade que aquele homem tinha, sua alma, talvez seu daemon,

pois

naquele

mundo,

evidentemente, os daemons ficavam dentro das pessoas. Os braços do homem perderam as forças e a criança caiu na água ao lado dele, em vão tentava segurar a mão do pai, engasgando-se, chorando, mas o homem simplesmente girou a cabeça devagar e ficou olhando, com absoluta indiferença, enquanto seu filho se afogava ao seu lado.

Aquilo era demais para Serafina. Ela baixou ainda mais e tirou a criança da água, nisso Ruta Skadi gritou:

- Cuidado, irmã! Atrás de você...

E Serafina sentiu por um instante uma terrível apatia no coração e estendeu a mão para a mão de Ruta Skadi, que a puxou para fora do perigo. Voaram mais alto, a criança gritando, agarrada à sua cintura com dedos fortes, e Serafina viu o Espectro atrás de si, uma lufada de névoa girando sobre a água, sem dúvida procurando sua presa perdida. Ruta Skadi desfechou uma flecha para o meio daquela coisa, sem qualquer efeito.

Serafina colocou a criança na margem do rio, certificando-se de que ela não corria perigo, e tornaram a levantar vôo.

O pequeno bando de viajantes não mais iria prosseguir viagem, os cavalos pastavam na grama ou sacudiam a cabeça por causa das moscas, as crianças choravam e agarravam-se umas às outras, observando de longe, e todos os adultos estavam imóveis. Tinham os olhos abertos, alguns estavam de pé, embora a maioria tivesse se sentado e sobre eles pairava uma terrível imobilidade. Quando o último dos Espectros deslizou para longe, saciado, Serafina veio pousar diante de uma mulher sentada na grama, uma jovem forte e de aparência saudável, de faces vermelhas e cabelos louros brilhantes.

- Mulher, está me ouvindo? - Serafina chamou. Não houve resposta Está me vendo?

Sacudiu a mulher pelo ombro. Com um esforço imenso a mulher ergueu o olhar. Mal parecia perceber. Tinha os olhos vagos, e quando Serafina beliscou-lhe o braço, ela simplesmente baixou os olhos devagar e depois desviou-os.

As outras bruxas andavam pelas carroças dispersas, contemplando as vítimas. Enquanto isso, as crianças reuniam-se numa pequena elevação a certa distância, observando as bruxas e cochichando, temerosas.

- O cavaleiro está vigiando - disse uma bruxa.

Ela apontou para o lugar onde a estrada passava por um desfiladeiro entre dois morros. O cavaleiro que fugira tinha parado ali para olhar para trás, protegendo os olhos com as mãos para melhor enxergar.

- Vamos falar com ele - disse Serafina, e lançou-se ao ar. Apesar do comportamento do homem diante dos Espectros, ele não era covarde: ao ver as bruxas se aproximando, pegou o rifle e cutucou o cavalo para que o animal avançasse para a campina onde ele podia enfrentá-las em terreno aberto. Mas Serafina Pekkala pousou devagar e estendeu o arco à

frente antes de colocá-lo no solo diante de si.

Mesmo que esse gesto não existisse ali, seu significado era inconfundível. O homem baixou o rifle e esperou, olhando de Serafina para as outras bruxas, e para os daemons delas, que voavam em círculos no céu lá em cima. Mulheres jovens, de aparência feroz, vestidas de farrapos de seda negra e cavalgando ramos de pinheiro pelo céu - não havia coisa assim no mundo dele, mas ele as enfrentou com uma cautelosa tranqüilidade. Ao chegar mais perto, Serafina viu também dor no rosto dele, e força. Era difícil conciliar isso com a lembrança da fuga enquanto os companheiros pereciam.

- Quem são vocês? - ele perguntou.

- Meu nome é Serafina Pekkala. Sou a rainha das bruxas do Lago Enara, que fica em outro mundo. Qual é o seu nome?

- Joachim Lorenz. A senhora disse bruxas? Então têm trato com o diabo?

- Se tivéssemos, isso faria de nós inimigas suas?

Ele meditou por alguns instantes e acomodou o rifle sobre o colo.

- Podia ser que sim, há mais tempo, mas os tempos mudaram - disse. Por que vieram para este mundo?

- Porque os tempos mudaram. Que criaturas são aquelas que atacaram o seu grupo?

- Bem, os Espectros... - disse ele, dando de ombros, espantado. - Não conhecem os Espectros?

- Nunca vimos no nosso mundo. Presenciamos a sua fuga, e ficamos sem saber o que pensar. Agora entendo.

- Não há defesa contra eles - disse Joachim Lorenz.

- Só as crianças estão a salvo. Diz a lei que cada grupo de viajantes tem que incluir um homem e uma mulher a cavalo, e eles têm que fazer o que fizemos, senão as crianças não terão quem cuide delas. Mas os tempos estão difíceis agora, as cidades estão repletas de Espectros, e antes não havia mais que uma dúzia em cada lugar.

Ruta Skadi estava olhando em volta. Viu o outro cavaleiro voltando na direção das carroças, e viu que se tratava, realmente, de uma mulher. As crianças correram ao encontro dela.

- Mas diga-me o que estão procurando – prosseguiu Joachim Lorenz. Não me respondeu antes. Não teriam vindo sem motivo. Responda agora.

- Estamos procurando uma criança, uma menina do nosso mundo contou Serafina. - O nome dela é Lyra Belacqua, chamada também Lyra da Língua Mágica. Mas não fazemos idéia de onde ela pode estar. Não viu uma menina desconhecida, sozinha?

- Não. Mas na outra noite vimos anjos indo para o Pólo.

- Anjos?

- Batalhões de anjos no ar, com armaduras brilhantes. Nestes últimos anos eles não têm sido tão comuns, embora costumassem passar com freqüência através deste mundo, no tempo do meu avô; pelo menos era o que ele costumava contar.

Protegeu os olhos com a mão e olhou na direção das carroças. A mulher a cavalo tinha desmontado e estava consolando algumas crianças. Serafina seguiu o olhar dele e perguntou:

- Se acamparmos com vocês esta noite e ficarmos montando guarda contra os Espectros, você nos contará mais sobre este mundo e os anjos que viu?

- Certamente. Venha comigo.

As bruxas ajudaram a levar as carroças para mais adiante na estrada, do outro lado da ponte e longe das árvores de onde os Espectros tinham saído. Os adultos atacados tinham que ficar onde estavam, embora fosse doloroso ver as criancinhas agarradas à mãe que não mais lhes respondia, ou puxando a manga do pai que nada dizia e olhava para nada com olhos vazios. As crianças mais novas não conseguiam entender por que tinham que abandonar seus pais, as mais velhas, algumas das quais já tinham perdido os pais e já

tinham presenciado esse tipo de coisa, estavam simplesmente chocadas e emudecidas. Serafina pegou no colo o menininho que tinha caído no rio e que chamava pelo pai, estendendo a mão por cima do ombro de Serafina na direção da figura silenciosa ainda

parada dentro da água, indiferente. Serafina sentia as lágrimas dele na sua pele nua.

A mulher a cavalo, que usava grosseiras calças de lona e cavalgava como homem, não se dirigiu às bruxas. Tinha uma expressão soturna no rosto. Levava as crianças, falando-lhes com severidade, ignorando suas lágrimas. O

sol da tarde enchia o ar de uma luz dourada na qual cada detalhe era claro e nada era ofuscante, e o rosto das crianças, do homem e da mulher pareciam também imortais, fortes e belos.

Mais tarde, enquanto as brasas de uma fogueira brilhavam num círculo de pedras sujas de cinza e os grandes montes eram tranqüilos ao luar, Joachim Lorenz contou a Serafina e Ruta Skadi a história do seu mundo. Já tinha sido um mundo feliz. As cidades eram espaçosas e elegantes, os campos eram férteis e bem cuidados. Navios mercantes percorriam os mares azuis e pescadores traziam redes repletas de bacalhau e atum, perca e tainha, nas florestas a caça abundava, e nenhuma criança passava fome. Nas alamedas e praças das grandes cidades, embaixadores do Brasil e de Benin, da Irlanda e da Coréia misturavam-se a vendedores de tabaco, a atores de comédia de Bérgamo, a vendedores de bilhetes da sorte. A noite, amantes mascarados encontravam-se sob os caramanchões de rosas ou nos jardins iluminados por lamparinas, e o ar recendia a jasmim e vibrava com a música das cordas do mandarone.1

As bruxas escutavam de olhos arregalados aquela história de um mundo tão parecido com o seu, no entanto tão diferente.

- Mas não deu certo - ele continuou. - Há 300 anos alguma coisa saiu errada. Algumas pessoas acham que a Liga dos filósofos da Torre degli Angeli, a Torre dos Anjos, na cidade que acabamos de deixar, é a culpada. Outros dizem que foi um castigo por algum grande pecado, embora eu nunca tenha encontrado concordância a respeito de qual seria esse pecado. Mas de repente, do nada, surgiram os Espectros, e desde então somos caçados. Vocês viram

o que eles podem fazer, agora imaginem o que é viver num mundo com Espectros. Como podemos prosperar, quando não podemos confiar que alguma coisa continue como era? A qualquer momento um pai pode ser atacado, ou uma mãe, e a família se desagrega, um mercador pode ser atacado, e sua empresa fracassa, e todos os seus funcionários perdem o emprego e como os amantes podem confiar em seus votos de amor? Toda a confiança e toda a virtude abandonaram o nosso mundo quando os Espectros chegaram.

-Quem são esses filósofos? - Serafina quis saber. - E onde fica essa Torre?

- Na cidade que acabamos de deixar, Cittàgazze. A cidade das gralhas. Sabe por que tem esse nome? Porque as gralhas roubam, e é só isso que podemos fazer agora. Nada criamos, nada construímos há centenas de anos, tudo que podemos fazer é roubar de outros mundos. Ah, sim, temos conhecimento dos outros mundos. Aqueles filósofos da Torre degli Angeli descobriram tudo que precisamos saber sobre o assunto. Eles têm um feitiço que, quando alguém o pronuncia, consegue atravessar uma porta que não existe, e passa para outro mundo. Alguns dizem que não é um feitiço, mas uma chave que consegue abrir até mesmo quando não há fechadura. Quem sabe?

Seja como for, isso deixou os Espectros entrarem. E os filósofos ainda o usam, pelo que sei. Eles passam para outros mundos, roubam deles e trazem de volta o que encontram. Ouro e jóias, é claro, mas outras coisas também, como idéias, sacos de milho, lápis. São a fonte de toda a nossa riqueza, essa Liga de ladrões - arrematou com amargura.

1 Mandarone - instrumento provavelmente imaginário; nenhuma referência foi encontrada.

[N.T.]

- Por que os Espectros não fazem mal às crianças? - quis saber Ruta Skadi.

- Este é o maior mistério de todos. Na inocência das crianças existe algum poder que repele os Espectros da Indiferença. Mas é mais que isso. As crianças simplesmente não os enxergam, embora não possamos entender por quê. Nunca conseguimos. Mas são comuns os órfãos dos Espectros, como vocês podem imaginar; crianças cujos pais foram atacados. Elas se juntam e andam por aí em bandos, e às vezes alugam-se para os adultos, para procurar comida e suprimentos em áreas cheias de Espectros, e às vezes simplesmente vagueiam sem rumo, saqueando.

Ele fez uma pausa, depois continuou:

- Assim é o nosso mundo. Ah, nós conseguimos viver com essa maldição. Eles são verdadeiros parasitas: não matam a sua presa, embora retirem dela quase toda a vida. Mas havia um certo equilíbrio até recentemente, até a grande tempestade. Foi uma fortíssima tempestade, parecia que o mundo inteiro estava rachando e se esfacelando, ninguém se lembra de ter visto uma igual. Depois veio a névoa que durou muitos dias e cobriu todo o mundo que conhecemos, e ninguém podia viajar e quando a névoa clareou, as cidades estavam cheias de Espectros, centenas e milhares deles. Então fugimos para as montanhas e para o mar, mas desta vez não há como escapar deles, onde quer que a gente vá. Como vocês mesmas viram. Agora é a sua vez: contemme como é o seu mundo e por que o deixaram para vir para este. Serafina contou-lhe toda a verdade - ele era um homem honesto, e não era necessário esconder qualquer coisa dele. Ele escutou com atenção, sacudindo a cabeça de espanto, e disse, quando ela terminou:

- Eu lhes falei do poder que dizem que têm os nossos filósofos de abrir o caminho para outros mundos; bem, algumas pessoas acham que eles ocasionalmente deixam uma porta aberta, por esquecimento, eu não ficaria surpreso se de tempos em tempos viajantes de outros mundos encontrassem o caminho para cá. Sabemos que os anjos passam, afinal.

- Anjos? - repetiu Serafina Pekkala. - Você já os mencionou. Nunca ouvimos falar em anjos. Quem são eles?

- Quer saber sobre anjos? Muito bem. Eles se dão o nome de bene elim, segundo eu soube. Algumas pessoas os chamam de Vigilantes. Não são seres de carne como nós, são seres de espírito, ou talvez a carne deles seja mais etérea que a nossa, mais leve e mais clara, não sei dizer, mas não são como nós. Transportam mensagens dos céus, esta é a missão deles. As vezes os vemos no céu, passando através deste mundo a caminho de outro, brilhando como vaga-lumes bem lá no alto. Numa noite sossegada, pode-se até ouvir o ruflar das asas deles. Eles têm preocupações diferentes das nossas, embora nos tempos antigos eles descessem e tratassem com homens e mulheres, e também se acasalassem conosco, dizem alguns. Joachim Lorenz respirou fundo e continuou:

- E quando veio a névoa, depois da grande tempestade, eu estava encurralado nas montanhas atrás da cidade de Sant'Elia, a caminho da minha casa. Refugiei-me na choupana de um pastor junto a uma nascente ao lado de um bosque de bétulas, e durante toda a noite ouvi vozes acima de mim na neblina, gritos de susto e raiva, e batidas de asas, também, mais perto do que eu jamais tinha ouvido antes e perto do amanhecer ouvi o som de combate, o silvar de flechas e o clangor de espadas. Mas não ousei sair para investigar, pois tive medo, embora estivesse muito curioso. Eu estava inteiramente apavorado, se querem saber. Quando o céu ficou tão claro quanto poderia ficar naquela névoa, aventurei-me a olhar para fora e vi uma figura enorme caída, ferida, perto da nascente. Sentia que eu estava vendo coisas que não tinha o direito de ver: coisas

sagradas. Tive que desviar os olhos, e quando tornei a olhar, a figura tinha sumido.

Em seguida, ele continuou:

- Foi o mais perto que já estive de um anjo. Mas como lhes contei, nós os vimos outra noite, bem no alto, entre as estrelas, indo para o Pólo, como uma frota de poderosos navios de guerra... Alguma coisa está acontecendo, e aqui embaixo não sabemos o que pode ser. Poderia ser uma guerra prestes a explodir. Certa vez houve uma guerra no céu, há milhares de anos, mas não sei qual foi o desfecho dela. Não seria impossível haver outra. Mas a destruição seria enorme, e as conseqüências para nós... Não consigo sequer imaginar.

Ele se ergueu para avivar o fogo.

- Embora esse desfecho possa ser melhor do que eu imagino continuou. - Pode ser que uma guerra no céu leve os Espectros deste mundo de volta para o fosso de onde saíram. Que bênção seria, ah, como viveríamos felizes, livres dessa praga terrível!

No entanto, Joachim Lorenz, a contemplar as chamas, parecia tudo, menos esperançoso. A luz tremeluzente lançava sombras que se moviam em seu rosto, mas não modificavam a expressão de suas feições; ele parecia triste e soturno.

Ruta Skadi perguntou então:

- O Pólo, senhor. Disse que esses anjos iam para o Pólo, sabe por que fariam isso? É lá que fica o céu?

- Não sei. Não sou um homem erudito, isso se percebe facilmente. Mas o Norte do nosso mundo, bem, dizem que lá é a morada dos espíritos. Se os anjos estivessem se reunindo, é para lá que iriam, e se pretendessem atacar o céu, acho que é lá que construiriam sua fortaleza, de onde partiriam para o ataque.

Ele ergueu os olhos e as bruxas seguiram o seu olhar. As estrelas neste mundo eram as mesmas do mundo delas: a Via Láctea brilhava cruzando o domo do céu, e inúmeros pontos de luz empoeiravam a escuridão, e seu brilho quase se igualava ao da lua...

- Senhor, já ouviu falar no Pó? - Serafina quis saber.

- Pó? Imagino que está falando outra coisa, não da poeira das estradas. Não, nunca ouvi. Mas vejam, lá vai uma tropa de anjos... Ele apontou para a constelação de Ofiúco. E realmente, alguma coisa se movia através dela - um pequeno grupo de seres iluminados. E eles não vagavam a esmo, mas moviam-se com o vôo determinado dos gansos ou dos cisnes.

Ruta Skadi ficou de pé.

- Irmã, é hora de me separar de você - disse ela a Serafina. - Vou subir lá e falar com esses anjos, seja lá o que forem eles. Se vão até Lorde Asriel, irei com eles. Se não, vou continuar procurando sozinha. Obrigada pela sua companhia, e boa sorte.

Beijaram-se, e Ruta Skadi pegou seu ramo de pinheiro-nubígeno e saltou para o ar. Seu daemon Sergi, um rouxinol acompanhou-a.

- Vamos voar alto? - ele perguntou.

- Até a altura daqueles voadores luminosos em Ofiúco. Eles estão indo depressa, Sergi. Vamos alcançá-los!

Ela e o daemon subiram velozmente, voando mais depressa do que fagulhas de uma fogueira, o ar soprando através dos raminhos do seu galho de pinheiro-nubígeno e seus cabelos negros como uma esteira atrás dela. Ela não tornou a olhar para a pequena fogueira na imensa escuridão, para as crianças adormecidas e para as bruxas suas companheiras, aquela etapa da viagem estava encerrada e, de mais a mais, aquelas criaturas brilhantes à frente dela ainda não estavam mais próximas, e não mantivesse os olhos

fixos nelas, poderia facilmente perdê-las naquele enorme cenário de estrelas reluzentes. De modo que ela continuou voando sem perder os anjos de vista, e, à

medida que se aproximava deles, passou a vê-los mais claramente. Eles brilhavam, não como se estivessem ardendo, mas como se, onde quer que estivessem e por mais escura que fosse a noite, a luz do sol brilhasse neles. Eram como os humanos, porém com asas, e muito mais altos, como estavam nus, a bruxa conseguia ver que três deles eram do sexo masculino e dois do sexo feminino.

As asas nasciam nas omoplatas, e tinham o tórax bastante musculoso. Ruta Skadi ficou atrás deles por algum tempo, observando, avaliando a força deles, caso fosse necessário combatê-los. Não estavam armados, mas por outro lado estavam voando com facilidade por seu próprio poder, e poderiam até voar mais depressa que ela se houvesse uma perseguição. Preparando o arco por via das dúvidas, ela avançou e passou a voar ao lado deles, gritando:

- Anjos! Parem e me escutem! Sou a bruxa Ruta Skadi, e quero falar com vocês.

Eles se viraram. Suas grandes asas bateram para dentro, diminuindo a velocidade, e os corpos tomaram a posição vertical até ficarem em pé no ar, mantendo a posição através de curtos movimentos das asas. Rodearam-na, cinco figuras enormes brilhando no ar escuro, acesas por um sol invisível. Ela olhou em volta, sentada em seu galho de pinheiro-nubígeno, orgulhosa e destemida, embora seu coração batesse forte com a estranheza de tudo aquilo, e seu daemon aproximou-se e sentou-se perto do calor do seu corpo.

Cada anjo era um indivíduo em separado, no entanto tinha mais coisas em comum com os outros anjos do que com qualquer humano que ela tivesse conhecido. O que tinham em comum era uma manifestação brilhante e dinâmica de inteligência e sentimento, que parecia dominar todos eles simultaneamente. Estavam nus,

mas ela se sentiu nua sob o olhar deles, tão penetrante, indo tão fundo.

Mesmo assim ela não se envergonhava do que era, de modo que retribuiu de cabeça ergui da o olhar deles.

- Então vocês são anjos - disse. - Ou Vigilantes, ou bene elim. Aonde vão?

- Estamos atendendo a um chamado - disse um.

Ela não tinha certeza de qual deles tinha falado. Poderia ter sido qualquer um, ou todos ao mesmo tempo.

- Chamado de quem? - ela perguntou.

- De um homem.

- De Lorde Asriel?

- Poderia ser.

- Por que estão fazendo isso?

- Porque queremos – foi a resposta.

- Então, onde quer que ele esteja, vocês podem me levar até ele - ela ordenou.

Ruta Skadi tinha 416 anos e todo o orgulho e o conhecimento de uma bruxa-rainha adulta. Era muito mais sábia do que qualquer humano vida-curta, mas não tinha a menor idéia de como parecia infantil ao lado daqueles seres imemoriais. Tampouco imaginava até que ponto a consciência deles se espalhava além dela como tentáculos até os cantos mais remotos de universos nunca sonhados por ela e tampouco que os enxergava como formas humanas simplesmente porque seus olhos esperavam isso, se fosse percebê-los em sua forma verdadeira, eles pareceriam mais uma arquitetura do que um organismo, como imensas estruturas

compostas de inteligência e sentimento. Mas eles esperavam isso mesmo - afinal, ela era muito jovem. Imediatamente bateram as asas e saltaram para a frente, e ela disparou com eles, surfando na turbulência que essas asas causavam no ar e adorando a velocidade e a força que isso conferia ao seu vôo. Voaram durante toda a noite. As estrelas giravam ao seu redor, e desmaiavam e desapareciam à medida que a aurora subia do leste. O mundo explodiu em luz quando a borda do sol apareceu, e então passaram a voar através de um céu azul e um ar claro, fresco, doce e úmido. A luz do dia, os anjos eram menos visíveis, embora a sua singularidade ficasse óbvia para qualquer um. A luz que permitia que Ruta Skadi os visse ainda não era a do sol que agora se erguia no céu, mas alguma outra luz, vinda de outro lugar.

Incansavelmente voaram, e incansavelmente ela os acompanhava. Sentia uma alegria intensa possuí-la por poder ter à sua disposição aquelas presenças imortais. E alegrava-se por seu sangue e sua carne, pela áspera casca de pinheiro-nubígeno que ela sentia perto da pele, alegrava-se porque seu coração batia e pela vida de todos os seus sentidos, pela fome que agora estava sentindo e pela presença de seu daemon rouxinol de voz tão doce, e pela terra lá embaixo e pela vida de cada criatura, tanto planta quanto animal e deliciava-se em ser da mesma substância daquilo tudo, e em saber que, quando morresse, sua carne iria nutrir outras vidas como elas a tinham nutrido. E alegrava-se, também, por estar indo ver novamente Lorde Asriel. Outra noite chegou, e os anjos continuavam a voar. E em certo momento a qualidade do ar mudou, não para pior ou melhor, mas mudou, e Ruta Skadi percebeu que tinham saído daquele mundo e entrado em outro. Como isso acontecera, ela não tinha a menor idéia.

- Anjos! - chamou, quando sentiu a mudança. - Como foi que deixamos o mundo onde os encontrei? Onde fica a fronteira?

- Existem no ar lugares invisíveis, portas para outros mundos - foi a resposta. - Podemos vê-los, você não.

Ruta Skadi não conseguiu enxergar a porta invisível, e nem era necessário: as bruxas conseguiam orientar-se melhor que os pássaros. Assim que o anjo falou, ela fixou sua atenção em três picos pontiagudos lá embaixo, memorizando sua configuração exata. Agora poderia encontrar de novo a porta, se precisasse, apesar do que os anjos pudessem pensar. Continuaram voando, e finalmente ela ouviu uma voz de anjo:

- Lorde Asriel está neste mundo, e ali vemos a fortaleza que ele está

construindo...

Estavam voando mais devagar, fazendo círculos no céu como águias. Ruta Skadi olhou para onde um anjo apontava.

O primeiro alvor tingia o leste, embora todas as estrelas acima brilhassem com a intensidade de sempre contra o veludo profundamente negro dos céus. E na própria borda do mundo, onde a luz aumentava a cada momento, uma grande serra erguia seus picos - aguçados picos de pedra negra, poderosas

lajes irregulares e cristas serrilhadas empilhadas

caoticamente, como ruínas de uma catástrofe universal. Mas no ponto mais alto, que enquanto ela olhava foi tocado e delineado pelos primeiros raios do sol matinal, havia uma estrutura: uma imensa fortaleza cujas amei as eram formadas por lajes do basalto com a metade da altura de um monte, e cuja extensão só podia ser medida em termos de tempo de vôo.

Sob essa fortaleza colossal, ardiam fogueiras e chaminés soltavam fumaça na escuridão do início do amanhecer e, a muitos quilômetros de distância, Ruta Skadi ouviu o clangor de martelos e o ruído de grandes oficinas. E de todas as direções ela via grupos de anjos voando para lá, e não apenas anjos, mas máquinas também, naves com asas de aço deslizando como albatrozes, cabines de vidro sob tremeluzentes asas de libélulas, zepelins que zumbiam

como enormes abelhas - todos na direção da fortaleza que Lorde Asriel estava construindo nas montanhas no fim do mundo.

- Lorde Asriel está lá? - ela perguntou.

- Está, sim - responderam os anjos.

- Então vamos voar ao encontro dele. Vocês precisam ser minha guarda de honra.

Obedientemente eles abriram as asas e partiram na direção da fortaleza orlada de dourado, com a ansiosa bruxa voando à frente. **7 - O ROLLS ROYCE**

Lyra acordou cedo, a manhã era cálida e quieta, como se a cidade nunca tivesse tido outra estação além daquele calmo verão. Ela saltou da cama, desceu a escada e, ao ouvir vozes de crianças na praia, saiu para ver o que elas estavam fazendo.

Em frente ao porto ensolarado, três meninos e uma menina em dois pedalinhos apostavam corrida na água em direção aos degraus. Ao verem Lyra, interromperam a corrida, mas logo voltaram a ela. Os vencedores bateram nos degraus com tanta força, que um deles caiu na água, e depois tentou subir para o outro pedalinho, virando-o, ficaram todos brincando dentro d'água como se o terror da noite anterior nunca tivesse acontecido. Pareciam mais novas do que a maioria das crianças que estavam junto à torre. Lyra juntou-se a elas na água, com Pantalaimon a seu lado na forma de peixinho brilhante. Ela nunca tivera dificuldades em se relacionar com outras crianças, e logo estavam todas reunidas em volta dela, sentadas em poças d'água na pedra quentinha, suas camisas secando rapidamente sob o sol. O pobre Pantalaimon teve que voltar para o bolso dela, em forma de sapo, por causa do pano molhado e frio.

- Que é que vocês vão fazer com aquela gata?

- Vocês conseguem mesmo tirar o azar?

- De onde vocês vieram?

- O seu amigo, ele não tem medo dos Espectros?

- O Will não tem medo de nada - Lyra afirmou. - Nem eu. Por que vocês têm medo de gatos?

- Não sabe? - perguntou o menino mais velho em tom incrédulo. - Os gatos, eles têm o diabo dentro, têm mesmo. É preciso matar todo gato que aparecer. Eles mordem, colocam o diabo dentro da gente, também. E o que você estava fazendo com aquele bicho enorme?

Ela compreendeu que ele estava falando de Pantalaimon em forma de leopardo, e sacudiu a cabeça inocentemente.

- Você deve ter sonhado - disse. - As coisas ficam diferentes ao luar. Mas eu e Will, de onde a gente vem não tem Espectros, de modo que não sabemos muita coisa sobre eles.

- Se você não consegue ver os Espectros, tudo bem, você está segura

- explicou um garoto. - Mas se vir, pode ficar sabendo que eles vão te pegar. Foi o que papai disse, e depois pegaram ele. Daquela vez ele nem viu eles.

- E eles estão aqui em volta de nós agora?

- É - disse a menina. Ela estendeu a mão e agarrou um punhado de ar, bradando: - Peguei um!

- Eles não conseguem nos machucar - disse um dos garotos. - E nós não podemos machucar eles, também.

- E sempre teve Espectros neste mundo? - Lyra quis saber .

- É-disse um dos meninos. Mas o outro o desmentiu:

- Nada disso! - retrucou a menina. - Minha avó disse que eles vieram porque as pessoas eram más e Deus mandou eles para nos castigar .

- A sua avó não sabe de nada - disse um menino. - Ela tem barba, a sua avó. Igual a um bode.

- Que negócio é esse de Liga? - Lyra insistiu.

- Sabe a Torre degli Angeli, a torre de pedra? Certo, ela pertence à

Liga, e tem um lugar secreto lá. A Liga, eles lá sabem todo tipo de coisa. Filosofia, alquimia, todo tipo de coisa eles sabem. E foram eles que deixaram os Espectros entrarem.

- Isso não é verdade - disse outro menino. – Eles vieram das estrelas.

- É, sim! Foi isso mesmo que aconteceu: um sujeito da Liga, há muitos séculos, estava separando um metal. Chumbo. Ele ia transformar em ouro. Cortou, cortou cada vez menor até que ficou o menor pedaço que ele conseguiu fazer. Não existe nada menor. Tão pequeno que a gente nem consegue enxergar. Mas ele cortou esse pedaço também, e dentro do pedacinho mais pequenininho era onde estavam todos os Espectros juntos, enrolados e dobrados, tão apertados que quase não ocupavam lugar. Mas depois que ele cortou, bum! Eles saíram todos, e estão por aí até hoje. Foi o que o meu pai me contou.

- Tem algum homem da Liga na torre agora? – Lyra perguntou.

- Não! Eles fugiram como todo mundo - contou a menina.

- Não tem ninguém na torre. É mal-assombrado, aquele lugar declarou um menino. - Foi por isso que a gata veio de lá. A gente não entra lá, de jeito nenhum. Nenhuma criança vai lá. Dá medo.

- Os homens da Liga não têm medo de entrar lá - comentou outro.

- Eles devem ter uma mágica especial, ou coisa assim. São ambiciosos, vivem às custas dos pobres - disse a menina.

- Os pobres trabalham e os homens da Liga vivem lá de graça.

- Mas não tem ninguém na torre agora? – Lyra perguntou. - Nenhum adulto?

- Não tem nenhum adulto na cidade inteira!

- Eles não têm coragem, de jeito nenhum.

Mas ela havia visto um rapaz lá em cima. Tinha certeza.

E havia alguma coisa no jeito daquelas crianças falarem: como mentirosa experiente, Lyra reconhecia outros mentirosos, e sabia que aquelas crianças estavam escondendo alguma coisa. E de repente ela se lembrou: o pequeno Paolo tinha dito que ele e Angélica tinham um irmão mais velho, Tullio, que também estava na cidade, e Angélica tinha mandado o menino se calar... O rapaz que ela viu poderia ser esse irmão?

As crianças foram buscar os pedalinhos para trazê-los de volta à praia, e Lyra voltou a entrar para fazer café e verificar se Will estava acordado. Mas ele ainda dormia, com a gata enrodilhada a seus pés, e Lyra estava impaciente para visitar novamente a sua Catedrática, portanto, escreveu um bilhete e deixou-o no chão junto à cama dele, depois pegou a mochila e saiu para procurar a janela.

O caminho que tomou levou-a através da pracinha que tinham visto na véspera. Estava vazia agora, e o sol batia na fachada da torre, ressaltando os entalhes ao lado da porta: figuras humanas com asas dobradas, as feições erodidas por séculos de exposição ao tempo, mas de alguma forma, em sua imobilidade, exprimindo poder, compaixão e força intelectual.

- Anjos - fez Pantalaimon, um grilo no ombro dela.

- Talvez Espectros - retrucou ela.

- Não! Eles disseram que isto aí é alguma coisa "angeli" - ele insistiu. Aposto que quer dizer anjos.

- Vamos entrar? - Olharam para a grande porta de carvalho com suas ferragens negras, a meia dúzia de degraus que levavam a ela estavam muito gastos, e a própria porta estava ligeiramente aberta. Nada havia para impedir que Lyra entrasse, a não ser seu próprio medo.

Ela subiu os degraus pé ante pé e espiou pela abertura.

Tudo que conseguia enxergar era um saguão escuro, com piso de pedra, e só uma parte dele, mas Pantalaimon esvoaçava ansiosamente em seu ombro, exatamente como tinha feito quando ela trocara os crânios na cripta da Universidade Jordan, e agora ela era um pouco mais esperta. Aquele era um lugar ruim. Lyra desceu correndo os degraus e saiu da praça rumando para o sol brilhante da avenida de palmeiras. E, assim que se certificou de que ninguém estava olhando, atravessou a janela e entrou na Oxford de Will. Quarenta minutos depois, Lyra estava mais uma vez dentro do prédio da Física, discutindo com o porteiro, mas dessa vez tinha um trunfo.

- Pergunte à Dra. Malone - disse em voz doce. - Basta fazer isso. Pergunte a ela.

O porteiro pegou o telefone, apertou alguns botões e falou, enquanto Lyra observava com pena: ele não tinha sequer uma guarita para ficar, como qualquer universidade na Oxford de verdade, só um grande balcão de madeira, como se aquilo fosse uma loja.

- Está certo - disse o porteiro, virando-se para Lyra.

- Ela disse para subir. Não vá para outro lugar.

- Não vou, não - disse ela em tom obediente, como uma menina boazinha fazendo o que lhe mandavam. No alto da escada, porém, ela teve uma surpresa, pois, quando estava passando por uma porta com um desenho de uma mulher, a porta se abriu e ali estava a Dra. Malone, chamando-a com gestos.

Ela entrou, intrigada. Ali não era o laboratório, era um banheiro, e a Dra. Malone estava nervosa.

- Lyra, tem gente lá no laboratório, policiais ou coisa assim, eles sabem que você veio me visitar ontem, não sei o que estão procurando, mas não gostei. O que é que está acontecendo?

- Como é que eles sabem que eu vim?

- Não sei! Eles não sabem o seu nome, mas eu compreendi de quem eles estavam falando...

- Ah, bom, a gente pode mentir para eles. É fácil.

Uma voz de mulher chamou do corredor:

- Dra. Malone, viu a menina?

- Vi, sim - respondeu a Dra. Malone. - Eu estava mostrando a ela onde era o banheiro...

Lyra achou que não havia necessidade de ficar tão nervosa, mas talvez a mulher não estivesse acostumada com o perigo.

A mulher no corredor era jovem e estava muito bem vestida, e tentou sorrir quando Lyra saiu, mas seus olhos continuaram hostis e cheios de suspeita.

- Olá! Você é a Lyra, não é?

- Sou, sim. Qual é o seu nome?

- Sou a sargento Clifford. Entre aqui.

Lyra achou que a outra era muito cara-de-pau, agindo como se o laboratório fosse seu, mas assentiu humildemente. Foi o momento em que sentiu o primeiro espasmo de arrependimento. Sabia que não devia estar ali, sabia o que o aletômetro queria que ela fizesse, e não era aquilo. Indecisa, ficou parada à porta.

No aposento já estava um homem alto e corpulento, de sobrancelhas brancas. Lyra conhecia a aparência de um Catedrático, e nenhum daqueles dois se parecia com um.

- Entre, Lyra - disse a Sargento Clifford. - Está tudo bem. Este é o Inspetor Walters.

- Olá, Lyra - fez o homem. - A Dra. Malone já me falou muito de você. Gostaria de lhe fazer umas perguntas, se você não se importa.

- Que tipo de perguntas?

- Nada difícil - disse ele, sorrindo. - Entre e sente-se Lyra. Ele empurrou uma cadeira na direção dela, a menina sentou-se cautelosamente e ouviu a porta se fechar. A Dra. Malone estava de pé perto dela. Pantalaimon, em forma de grilo no bolso de Lyra, estava agitado: ela o sentia de encontro ao seu peito, e esperava que o tremor dele não fosse visível.

Mandou-lhe um pensamento para ficar quieto.

- De onde você vem, Lyra? - perguntou o Inspetor Walters. Se ela respondesse "de Oxford", eles poderiam checar facilmente. Mas não poderia dizer "de outro mundo"; aquelas pessoas eram perigosas, iam querer saber mais. Lyra pensou no único nome que conhecia nesse mundo: o lugar de onde Will tinha vindo...

- De Winchester - respondeu.

- Você esteve brigando, não esteve, Lyra? – perguntou o inspetor. Onde arranjou esses machucados? Tem uma equimose no rosto,

outra na perna... Alguém andou batendo em você?

- Não - disse Lyra.

- Você estuda, Lyra?

- Estudo, sim. De vez em quando - acrescentou.

- Não devia estar na escola hoje?

Ela não respondeu. Sentia-se cada vez mais inquieta. Olhou para a Dra. Malone, cujo rosto estava tenso e infeliz.

- Vim visitar a Dra. Malone - disse Lyra.

- Está hospedada em Oxford, Lyra? Onde está hospedada?

- Com umas pessoas - disse ela. - Uns amigos.

- Qual é o endereço deles?

- Não sei exatamente como se chama o lugar. Sei chegar lá, mas não me lembro do nome da rua.

- Quem são essas pessoas?

- Uns amigos do meu pai, só isso.

- Ah, entendo. Como foi que conheceu a Dra. Malone?

- Porque meu pai é físico e conhece ela.

Ela achava que as coisas estavam ficando mais fáceis, começou a relaxar e a mentir com mais fluência.

- E ela lhe mostrou o que estava fazendo, não foi?

- Foi. O motor com a tela... É, isso tudo.

- Você está interessada nesse tipo de coisa? Ciência, coisas assim?

- É. Especialmente a física.

- Vai ser cientista quando crescer?

Aquele tipo de pergunta merecia como resposta um olhar inexpressivo, e foi o que recebeu. O homem não se perturbou: com seus olhos claros olhou de relance para a outra mulher, depois para Lyra.

- E ficou surpresa com o que a Dra. Malone lhe mostrou?

- Bem, mais ou menos, eu já esperava.

- Por causa do seu pai?

- É. Porque ele está fazendo o mesmo tipo de trabalho.

- Ah, sei. Você compreende esse trabalho?

- Só uma parte.

- Então seu pai está estudando a matéria escura?

- É.

- Está tão adiantado quanto a Dra. Malone?

- Não do mesmo jeito. Algumas coisas ele faz melhor, mas o motor com as palavras na tela, isso ele não tem.

- Will também está hospedado com os seus amigos?

- É, ele...

Ela se calou, sabendo que tinha acabado de cometer um erro terrível. Eles também perceberam, e no mesmo instante ficaram de pé para impedir que ela fugisse, mas a Dra. Malone estava no

caminho e a sargento tropeçou e caiu, bloqueando a passagem do inspetor. Isso deu a Lyra tempo para sair correndo, bater a porta atrás de si e disparar para a escada. Dois homens de jaleco branco saíram de uma porta e ela trombou com eles, e de repente Pantalaimon era um corvo a grasnar e bater asas, assustando tanto os dois que eles recuaram, ela desvencilhou-se das mãos deles e disparou escada abaixo, chegando à portaria no mesmo instante em que o porteiro desligava o telefone e saía em sua direção chamando:

- Ei! Pare aí! Ei, você!

Mas o pedaço do tampo do balcão que ele tinha que levantar para sair ficava na outra extremidade, e ela chegou à porta giratória antes que ele conseguisse pegá-la.

Atrás dela, as portas do elevador se abriram, e delas irrompeu o homem de cabelos claros, tão forte e tão veloz... E a porta não girava!

Pantalaimon grasnou para ela: estava empurrando para o lado errado!

Ela soltou um grito de medo e virou-se para a outra parede divisória, jogando seu corpinho leve contra o vidro pesado, querendo com todas as suas forças que ela girasse, conseguiu movê-la bem a tempo de evitar que o porteiro a agarrasse. O porteiro estava no caminho do homem de cabelos claros, de modo que Lyra conseguiu sair e afastar-se antes que este saísse pela porta. Ela atravessou a rua - ignorando os carros, as freadas e os pneus cantando - e entrou num beco entre prédios altos, depois virou em outra rua com carros indo em ambas as direções, mas ela foi rápida, desviando-se das bicicletas, sempre com o homem de cabelos claros logo atrás dela - tão apavorante!

Entrou num jardim, saltou uma cerca e atravessou um bosquezinho de arbustos, com Pantalaimon, em forma de pássaro, esvoaçando acima da sua cabeça, indicando-lhe o caminho, depois Lyra

agachou-se atrás de um recipiente de guardar carvão enquanto ouvia o homem de cabelos claros passar correndo - ele nem sequer estava ofegando, era muito veloz e estava em ótima forma! Pantalaimon instruiu:

- Agora volte para aquela rua...

Ela esgueirou-se para fora de seu esconderijo e atravessou de volta o gramado do jardim, saiu pelo mesmo portão e encontrou-se outra vez na amplidão da Rua Banbury; mais uma vez atravessou a rua e mais uma vez ouviu pneus cantando e então entrou correndo na Norham Gardens, uma rua tranqüila, orlada de árvores, com altas casas vitorianas, perto do Parque. Ela parou para recuperar o fôlego. Havia uma cerca-viva alta diante de um dos jardins, tendo à frente uma mureta, e ali ela se sentou, enfiando-se o mais que pôde sob os alfeneiros.

- Ela nos ajudou! - disse Pantalaimon. - A Dra. Malone atrapalhou eles!

Ela está do nosso lado, não do deles!

- Ah, Pan, eu não devia ter dito aquilo do Will... Eu devia ter sido mais cuidadosa...

- Não devia ter vindo - disse ele severamente.

- Eu sei. Isso, também...

Mas não teve tempo de se lamentar, pois Pantalaimon esvoaçou para seu ombro, dizendo:

- Cuidado, atrás de você...

E imediatamente transformou-se outra vez em grilo e mergulhou no bolso dela. Ela levantou-se, pronta para correr, e viu um sedã azul-escuro deslizando silenciosamente para junto da calçada.

A menina preparou-se para fugir, mas a janela traseira do carro desceu e por ela assomou um rosto que ela reconheceu.

- Lizzie! - fez o velho do museu. - Que bom ver você de novo! Posso lhe dar uma carona?

Ele abriu a porta e recuou para dar lugar a ela ao seu lado. Pantalaimon mordiscou-lhe a pele através do pano fino, mas ela entrou imediatamente, agarrada à mochila, e o homem, inclinando-se sobre ela, fechou a porta do carro.

- Parece que você está com pressa -disse. – Aonde quer ir?

- Para Summertown, por favor.

O motorista usava um quepe pontudo. Tudo naquele carro era bonito, macio e poderoso, e o cheiro da água-de-colônia do homem era forte naquele espaço fechado. O carro afastou-se da calçada sem o menor ruído.

- Então, que foi que você andou fazendo, Lizzie? - perguntou o velho. Descobriu mais alguma coisa sobre aqueles crânios?

- É - disse ela, virando-se para olhar para a janela traseira. Não havia sinal do homem de cabelos claros. Ela conseguira escapar!

E ele nunca a encontraria, agora que ela estava em segurança num carro poderoso, com um homem rico como aquele. Lyra teve uma breve sensação de triunfo.

- Eu também fiz algumas pesquisas - ele disse. – Um antropólogo meu amigo me disse que eles têm muitos outros além dos que estão em exibição. Alguns são realmente muito antigos. De Neandertal, sabia?

- É. Foi o que eu soube também - disse Lyra, sem ter a menor idéia do que ele estava falando.

- E como vai o seu amigo?

- Qual amigo? - perguntou Lyra, assustada, tinha contado a ele também sobre Will?

- Onde você está hospedada.

- Ah, a minha amiga. Ela vai muito bem, obrigada.

- O que é que ela faz? É arqueóloga?

- Não, é... física. Estuda a matéria escura - disse Lyra, ainda um pouco descontrolada.

Naquele mundo era mais difícil contar mentiras do que ela havia imaginado que seria. E alguma coisa a estava incomodando: aquele velho lhe parecia familiar de alguma maneira, e ela não conseguia localizar de onde era.

- Matéria escura? - ele repetiu. - Que coisa fascinante! Ainda hoje de manhã li alguma coisa sobre isso no Times. O universo está repleto dessa coisa misteriosa, que ninguém sabe o que é! E a sua amiga está estudando isso?

- É. Ela sabe um monte de coisas sobre esse assunto.

- E o que você vai fazer depois, Lizzie? Vai estudar física também?

- Pode ser - disse ela. - Depende.

O motorista pigarreou discretamente e diminuiu a velocidade do carro.

- Bem, chegamos a Summertown - disse o velho. - Onde quer ficar?

- Ah, logo depois dessas lojas. Daqui posso ir caminhando - disse Lyra. - Obrigada.

- Vire à esquerda no Passeio Público e encoste do lado direito, Allan ele instruiu.

- Sim, senhor - fez o motorista.

No minuto seguinte estavam parados diante de uma biblioteca pública. O velho abriu a porta do seu próprio lado, de modo que Lyra, para sair, teve que passar por cima dos joelhos dele. Havia bastante espaço, mas por um motivo qualquer aquilo era constrangedor, e ela não queria ter contato físico com ele, por mais bonzinho que ele fosse.

- Não esqueça a mochila - ele disse, estendendo-lhe o objeto.

- Obrigada.

- Vamos nos ver de novo, espero, Lizzie. Dê minhas lembranças à sua amiga.

- Adeus - fez Lyra.

Deixou-se ficar parada na calçada até o carro virar a esquina e sumir de vista, só então saiu na direção dos carpinos.

Tinha uma sensação estranha em relação àquele homem de cabelos claros, e queria consultar o aletômetro.

Will estava outra vez lendo as cartas do pai. Sentado no terraço, ouvindo os gritos distantes das crianças que mergulhavam da borda do porto, lia a caligrafia firme nas finas folhas de papel de carta via aérea, tentando visualizar o homem a quem ela pertencia, voltando várias vezes à referência ao bebê - que era ele próprio.

Ouviu os passos de Lyra correndo ainda à distância, guardou as cartas no bolso e levantou-se, e quase no mesmo instante Lyra apareceu, com olhos assustados e Pantalaimon rosnando como um gato selvagem, perturbado demais para pensar em esconder-se. Ela, que nunca chorava, estava soluçando de dor, tinha o peito ofegante, rilhava os dentes, e jogou-se sobre ele, agarrando-lhe os braços, gritando:

- Eu mato ele! Eu mato ele! Quero que ele morra! Ah, se Iorek estivesse aqui... Ah, Will, eu agi mal. Sinto muito...

- O que foi? Qual é o problema?

- Aquele velho... não passa de um ladrão sujo... ele me roubou, Will!

Ele roubou o meu aletômetro! Aquele velho podre, com suas roupas de rico, seu carro com motorista... Ah, fiz tanta coisa errada hoje... Ah, eu... E pôs-se a soluçar tão desesperadamente que ele pensou: um coração pode se despedaçar de verdade, e o dela está se despedaçando agora -pois ela caiu no chão, tremendo, gemendo alto. Ao lado dela, Pantalaimon transformou-se em lobo e pôs-se a uivar com amargo sofrimento. Longe, na saída do porto, as crianças interromperam o que estavam fazendo e sombrearam os olhos com as mãos para ver melhor. Will sentou-se ao lado de Lyra e sacudiu-a pelo ombro.

- Pare! Pare de chorar! Conte-me do princípio. Que velho é esse? O

que foi que aconteceu?

- Você vai ficar tão zangado... Prometi que não ia fazer isso, denunciar você, eu prometi, e agora... - ela soluçou.

Pantalaimon tornou-se um cãozinho jovem e desajeitado, de orelhas caídas e rabo encolhido, rastejando de vergonha e Will compreendeu que Lyra tinha feito alguma coisa da qual se envergonhava demais para conseguir lhe contar, e então falou com o daemon:

- O que foi que aconteceu? Conte-me.

Pantalaimon contou:

- Fomos até a Catedrática, e tinha mais gente lá, um homem e uma mulher, e eles nos prepararam uma armadilha, fizeram muitas

perguntas e depois perguntaram sobre você, e antes que a gente percebesse, a gente já

tinha revelado que conhecia você, e então fugimos...

Lyra tinha o rosto escondido nas mãos, a cabeça apertada contra a calçada. Pantalaimon, em sua agitação, mudava de uma forma para outra: cão, pássaro, gato, arminho branco como a neve.

- Como era o homem? - Will quis saber.

- Grandão - fez a voz abafada de Lyra. - E muito forte, de olhos claros...

- Ele viu você voltar pela janela?

- Não, mas...

- Bom, então ele não vai saber onde estamos.

- Mas o aletômetro! - ela exclamou, sentando-se com decisão, as feições rígidas de emoção como uma máscara grega.

- É, fale sobre isso - Will pediu.

Entre soluços e ranger de dentes ela lhe contou o que acontecera: que o velho a tinha visto usar o aletômetro no museu no dia anterior, e que ele hoje tinha parado o carro e ela entrou para escapar do homem louro, e o carro tinha estacionado do outro lado, de modo que ela precisou pular por cima dele para sair, e ele deve ter agido depressa, roubando o aletômetro quando lhe passou a mochila...

Will percebia como ela estava desesperada, mas não entendia por que deveria se sentir culpada. E então ela disse:

- Will, ah, Will, fiz uma coisa horrível. Porque o aletômetro me disse que eu tinha que parar de procurar o Pó e tratar de ajudar você. Eu tinha que ajudar você a encontrar o seu pai. E eu podia mesmo, podia levar você onde ele estiver, se eu tivesse o aletômetro. Mas

eu não quis ouvir. Simplesmente fiz o que queria fazer, mas não devia...

Ele já a tinha visto usar o aletômetro, e sabia que o instrumento podia mesmo contar-lhe a verdade. Então deu-lhe as costas. Ela agarrou o pulso dele, mas ele desvencilhou-se e caminhou até a beira d'água. As crianças brincavam novamente no outro extremo do porto. Lyra correu até ele, e disse:

- Will, estou tão arrependida...

- De que adianta isso? Não quero saber se está arrependida ou não. Você errou.

- Mas Will, nós temos que ajudar um ao outro, você e eu, porque não temos mais ninguém.

- Não vejo como.

- Nem eu, mas...

Ela cortou a frase no meio, e seus olhos brilharam. Virou-se e saiu correndo de volta à mochila abandonada na calçada, pondo-se a remexer febrilmente dentro dela.

- Sei quem ele é! E onde mora! Veja! - disse, estendendo o pequeno cartão de visita. - Ele me deu isso no museu! Podemos ir lá pegar o aletômetro de volta!

Will pegou o cartão e leu:

Sir Charles Latrom

Comandante da Ordem do Império Britânico

Mansão Limefield

Old Headington

Oxford

- Ele é importante - comentou. - É um Cavalheiro. Isso quer dizer que as pessoas vão automaticamente acreditar nele e não em nós. De qualquer maneira, o que é que você quer que eu faça? Chame a polícia? A polícia está

me caçando! Se não estavam ontem, agora estarão. E se você for, eles sabem quem você é, e sabem que você me conhece, de modo que isso também não ia funcionar .

- Podíamos roubar o aletômetro. Podíamos ir até a casa dele e roubar o aletômetro. Sei onde fica Headington, existe esse lugar na minha Oxford também. Não é longe. Podíamos chegar lá em uma hora a pé, facilmente.

- Você é tão boba!

- Iorek Byrnison iria lá direto e arrancaria a cabeça dele. Queria que ele estivesse aqui. Ele iria...

Lyra silenciou. Will simplesmente olhava para ela, e ela se sentiu intimidada. Teria se intimidado do mesmo modo se um urso de armadura tivesse olhado para ela desse jeito, porque havia alguma coisa parecida com Iorek nos olhos de Will, por mais jovem que ele fosse.

- Nunca ouvi uma coisa tão estúpida - disse ele. - Acha que podemos simplesmente ir até a casa dele, entrar escondidos e roubar o aletômetro?

Você tem que pensar, usar essa sua porcaria de inteligência. Se ele é assim tão rico, deve ter todo tipo de alarmes contra ladrões e coisas assim, deve haver sirenes que disparam, trancas especiais e luzes infravermelhas que acendem automaticamente...

- Nunca ouvi falar nestas coisas - disse Lyra. – Não temos nada disso no meu mundo. Eu não sabia, Will.

- Está bem, então pense no seguinte: ele tem a casa inteira para esconder o aletômetro, e quanto tempo um ladrão teria para procurar em todos os armários e gavetas e esconderijos da casa inteira? Aqueles homens que entraram na minha casa tiveram horas para procurar e não encontraram o que queriam, e aposto que a casa dele é muito maior que a minha. E ele com certeza tem cofre, também. Então, mesmo conseguindo entrar na casa, nós não vamos ter tempo para encontrar o aletômetro antes que a polícia chegue. Ela baixou a cabeça. Infelizmente aquilo tudo era verdade.

-Então, o que é que vamos fazer? - perguntou.

Ele não respondeu. Mas tratava-se de nós, sem dúvida - agora, gostando ou não, estava preso a ela.

Caminhou até a beira d'água e de volta ao terraço, e novamente até a água. Batia as mãos uma na outra, procurando em vão uma resposta, e sacudia a cabeça com raiva.

- Ir até lá - disse finalmente. - Ir até lá falar com ele. Não adianta pedir ajuda à sua Catedrática, também, se a polícia já chegou até ela. Ela certamente vai acreditar neles e não em nós. Pelo menos, entrando na casa dele, vamos ver onde ficam os aposentos principais. Já é um começo. Sem outra palavra ele entrou na casa e guardou as cartas debaixo do travesseiro no quarto onde estava dormindo. Assim, se fosse preso, eles nunca teriam as cartas.

Lyra estava esperando no terraço, com Pantalaimon empoleirado em seu ombro como andorinha. Ela parecia mais animada.

-Vamos pegar ele de volta - afirmou. - Eu sinto que vamos. Ele não respondeu, e os dois partiram rumo à janela.

Caminharam uma hora e meia até chegarem a Headington. Lyra indicava o caminho, evitando o centro da cidade, Will vigiava em volta, sem nada dizer. Para Lyra as coisas estavam muito mais difíceis agora do que até

mesmo no Ártico a caminho de Bolvangar, pois naquela ocasião lá estavam os gípcios e Iorek Byrnison, e mesmo que a tundra estivesse cheia de perigos, era possível reconhecer o perigo quando ele surgia.

Aqui, nesta cidade que era sua e não era, o perigo podia ter aparência amigável, e a traição sorria e cheirava bem e mesmo que não fossem matá-la ou separá-la de Pantalaimon, tinham roubado dela o seu único guia. Sem o aletômetro ela era apenas uma menininha perdida.

A Mansão Limefield tinha a cor cálida do mel, e metade da fachada estava coberta de hera. Ficava num jardim amplo e bem tratado, com uma cerca-viva a um lado e uma alameda de cascalho para automóveis que serpenteava até a porta principal. O Rolls Royce estava parado diante de uma garagem dupla, à esquerda. Tudo que Will enxergava cheirava a dinheiro e poder, o tipo de superioridade informal e estabelecida que algumas pessoas da aristocracia inglesa ainda achavam natural. Havia alguma coisa naquilo tudo que o fazia cerrar os dentes, e ele não sabia por quê, até que de repente lembrou-se de uma ocasião, quando era bem novinho - sua mãe o levara a uma casa parecida com essa... Os dois usavam suas melhores roupas, e ele tinha que se comportar o melhor possível, e um casal de velhos fez a mãe dele chorar, e eles foram embora da casa, ela ainda chorando... Lyra viu que ele tinha a respiração acelerada e os punhos cerrados, mas ela era suficientemente sensível para não fazer perguntas: era algo que dizia respeito a ele, não a ela. Will respirou fundo.

- Bom, não Custa tentar - disse.

Subiu a alameda, com Lyra logo atrás. Sentiam-se muito vulneráveis. A porta tinha um puxador antiquado, como os do mundo de Lyra, e Will não conseguiu descobrir como se tocava a campainha até que Lyra lhe mostrou. Quando o puxaram, a campainha tocou longe, dentro da casa. O homem que abriu a porta era o motorista do carro, só que sem o quepe. Primeiro ele olhou

para Will, depois para Lyra, e sua expressão modificou-se um pouco.

- Queremos ver Sir Charles Latrom - Will anunciou.

Tinha o queixo erguido, como na véspera, ao enfrentar as crianças que jogavam pedras junto à torre. O criado assentiu.

- Esperem aqui - disse. - Vou avisar Sir Charles.

Ele fechou a sólida porta de carvalho, com duas trancas pesadas, e fechos em cima e embaixo - embora Will achasse que nenhum ladrão sensato iria tentar a porta da frente. E havia um alarme contra ladrões instalado em lugar bem visível na fachada da casa, e um grande holofote em cada esquina, nunca conseguiriam se aproximar da casa, muito menos penetrar nela. Passos regulares vieram até a porta, que tornou a se abrir. Will olhou para o rosto daquele homem que já possuía tanta coisa e ainda cobiçava mais, e achou-o intrigantemente tranqüilo e seguro de si, nem um pouco culpado ou embaraçado.

Sentindo que a seu lado Lyra se encontrava impaciente e zangada, Will disse depressa:

- Com sua licença, Lyra acha que quando pegou uma carona com o senhor, hoje mais cedo, ela esqueceu um objeto dentro do carro.

- Lyra? Não conheço nenhuma Lyra. Que nome incomum! Conheço uma menina chamada Lizzie. Quem é você?

Amaldiçoando-se por ter esquecido, Will disse:

- Sou Mark, o irmão dela.

- Entendo. Olá Lizzie, ou Lyra. É melhor entrarem.

Ele deu um passo para o lado. Nem Will nem Lyra esperavam por isso, e entraram com hesitação. O vestíbulo estava em penumbra e cheirava a cera de abelha e flores. Todas as superfícies estavam

limpas e enceradas, e uma estante de mogno encostada à parede continha delicadas figurinhas de porcelana. Will viu o criado de pé à distância, como se esperasse ser chamado.

- Vamos para o meu escritório - disse Sir Charles, abrindo outra porta do vestíbulo.

Ele estava se mostrando cortês, até mesmo acolhedor, mas havia em seus modos alguma coisa que deixou Will em guarda. O escritório era amplo e confortável, um ambiente de charutos e poltronas de couro, e parecia estar cheio de estantes, quadros, troféus de caça. Havia três ou quatro estantes com portas de vidro contendo antigos instrumentos científicos: microscópios de cobre, telescópios encapados em couro verde, sextantes, bússolas; era óbvio o seu motivo para querer o aletômetro.

- Sentem-se - disse Sir Charles, indicando um sofá de couro. Acomodou-se na cadeira atrás da escrivaninha e continuou: - E então? O que é

que vocês têm a dizer?

- O senhor roubou... - Lyra começou, com raiva.

Mas Will olhou para ela, e ela silenciou.

- Lyra acha que deixou uma coisa no seu carro - tornou a dizer ele. Viemos pegar de volta.

- Está falando deste objeto? - disse, abrindo uma gaveta da escrivaninha.

Tirou de dentro um embrulho de veludo. Lyra levantou-se. Ele a ignorou e desdobrou o pano, mostrando o esplendor dourado do aletômetro descansando na palma da sua mão.

- É, sim! - explodiu Lyra, estendendo a mão para o aletômetro. Mas o homem fechou a mão. A escrivaninha era larga, e Lyra não

conseguia ultrapassá-la, e antes que ela pudesse fazer alguma coisa ele girou e colocou o aletômetro numa estante de porta de vidro, trancou-a e colocou a chave no bolsinho do colete.

- Mas isso não é seu, Lizzie - disse. - Ou Lyra, se é este o seu nome.

- É meu, sim! É o meu aletômetro!

Ele sacudiu a cabeça com ar triste, como se estivesse a repreendê-la e isso lhe causasse dor, mas era para o próprio bem dela.

- Acho que no mínimo existem sérias dúvidas quanto a isso - disse.

- Mas é dela! - disse Will! - Eu juro! Ela mostrou ele para mim! Sei que é dela!

- Entendam, acho que vocês teriam que provar isso - o homem retrucou. -Eu não preciso provar coisa alguma, porque tenho a posse dele, então parte-se do princípio de que ele é meu, como todos os outros itens da minha coleção. Devo dizer, Lyra, que fico surpreso ao perceber que você é tão desonesta...

- Eu não sou desonesta nada! - Lyra gritou.

- Ah, é, sim. Você me disse que o seu nome era Lizzie, agora vejo que não é. Francamente, você não tem a menor chance de convencer alguém que uma peça preciosa como esta lhe pertence. Vou lhe dizer o que vamos fazer: vamos chamar a polícia.

Ele se virou para chamar o criado.

- Não, espere - disse Will, antes que Sir Charles abrisse a boca, mas Lyra correu em volta da mesa, e de repente Pantalaimon estava nos braços dela, um feroz gato selvagem mostrando os dentes e rosnando para o velho. Sir Charles pestanejou diante daquela aparição, mas não se perturbou.

- O senhor nem sabe o que roubou! - Lyra bradou. - Me viu usando ele e resolveu roubar ele, e roubou. Mas o senhor, o senhor é pior do que a minha mãe, ela pelo menos sabe que o aletômetro é importante, e o senhor vai colocar ele numa estante e não vai fazer nada com ele! O senhor devia morrer!

Se eu puder, vou fazer alguém matar o senhor. O senhor não merece ficar vivo. O senhor é...

Ela não conseguiu dizer mais nada, a única coisa que podia fazer era cuspir na cara dele - e foi o que fez, com toda força.

Will continuava sentado, imóvel, observando, olhando em volta, memorizando onde ficava cada coisa.

Sir Charles calmamente pegou um lenço de seda e limpou-se.

- Não sabe se controlar? - falou. - Vá se sentar, sua pivete imunda. Lyra sentiu lágrimas saltando de seus olhos com a força do tremor do seu corpo, e jogou-se sobre o sofá. Pantalaimon, com a cauda ereta, ficou no colo dela, com os olhos em brasa fixos no homem.

Will continuou sentado, confuso. Sir Charles poderia tê-los expulsado muito tempo antes; o que ele estava pretendendo?

E então ele viu algo tão bizarro que achou que tinha imaginado. Da manga do paletó de linho de Sir Charles, junto ao punho branco da camisa, assomou a cabeça cor de esmeralda de uma cobra. A língua branca surgiu e vibrou para um lado e para outro, e a cabeça cheia de escamas, com seus olhos negros orlados de dourado, moveram-se de Lyra para Will e de volta para a garota. Lyra estava zangada demais para perceber essa cena, e Will viu-a apenas durante uns segundos, antes que a cobra se retraísse novamente para dentro da manga do paletó do velho, mas foi o suficiente para que ele arregalasse os olhos de susto.

Sir Charles foi até a janela e calmamente sentou-se no banco sob ela, ajeitando o vinco das calças.

- Acho melhor me escutar, em vez de se comportar deste modo descontrolado - declarou. - Você não tem escolha. O instrumento está comigo e vai continuar comigo. Eu o quero para mim. Sou colecionador. Você pode cuspir, bater pé e gritar quanto quiser, mas quando tiver conseguido convencer alguém a escutá-la, já terei muitos documentos provando que eu o comprei. Posso fazer isso com a maior facilidade. E então você nunca vai tê-lo de volta. As crianças nada disseram, pois ele ainda não tinha terminado. Uma enorme perplexidade pesava no coração de Lyra, tornando o aposento muito quieto. Ele continuou:

- No entanto, existe uma coisa que eu desejo ainda mais. E não consigo obtê-la por mim mesmo, de modo que estou preparado para fazer um trato com vocês. Vocês me trazem o objeto que eu quero, e eu lhes devolverei esse... Como foi mesmo que você chamou?

- Aletômetro - disse Lyra em voz fraca.

- Aletômetro... Que interessante! Aletheia, verdade... Os símbolos... É, estou entendendo.

- Qual é essa coisa que o senhor quer? - Will perguntou. - E onde é

que ela está?

- Num lugar aonde eu não posso ir, mas vocês podem. Sei perfeitamente que vocês encontraram uma porta em algum lugar. Acredito que não seja muito distante de Summertown, onde eu deixei Lizzie, ou Lyra, esta manhã. E do outro lado da porta existe um outro mundo, sem pessoas adultas. Estou certo até agora? Bem, o homem que fez aquela porta tem uma faca. Neste momento ele está escondido nesse outro mundo, com muito medo. E

tem razão para ter medo. Se ele está onde eu penso que está, é numa velha torre de pedra com anjos entalhados em volta da porta. A Torre degli Angeli. E finalizou:

- De modo que é lá que vocês têm que ir, e não me importo como vão fazer isso, mas quero aquela faca. Tragam-na para mim e poderão ficar com o aletômetro. Vai ser uma pena perdê-lo, mas sou um homem de palavra. É isto que vocês têm que fazer: me trazer a faca.

8 - A TORRE DOS ANJOS

- Quem é esse homem que está com a faca? - perguntou Will. Estavam no Rolls Royce, atravessando Oxford. Sir Charles estava sentado na frente, virado para trás, e Will e Lyra sentavam-se no banco traseiro, com Pantalaimon, agora um rato, acalmado pelas mãos de Lyra.

- Uma pessoa que tem tanto direito à faca quanto eu ao aletômetro respondeu Sir Charles. - Infelizmente para todos nós, o aletômetro está comigo e a faca está com ele.

- Como é que o senhor sabe sobre o outro mundo, afinal?

- Sei de muitas coisas que vocês não sabem. Que mais poderiam esperar? Afinal, sou bem mais velho que vocês, e consideravelmente melhor informado. Existem várias portas entre este mundo e o outro, aqueles que sabem onde elas estão podem passar de um lado a outro com facilidade. Em Cittàgazze existe uma Liga de homens eruditos, ou pretensamente eruditos, que costumavam fazer isso o tempo todo.

- O senhor não é deste mundo! - Lyra exclamou de repente. - É

daquele, não é?

E novamente ela sentiu um estranho cutucão da memória. Tinha quase certeza de que já o tinha visto.

- Não sou, não - ele respondeu.

Will interveio:

- Se temos que tirar a faca desse homem, precisamos saber mais sobre ele. Ele não vai simplesmente nos dar a faca, vai.

- Claro que não. É a única coisa que faz os Espectros ficarem longe. Não vai ser uma coisa fácil, de jeito algum.

- Os Espectros têm medo da faca?

- Muito medo.

- Por que eles só atacam os adultos?

- Não é necessário saber isso agora. Não faz diferença. - Sir Charles voltou-se para a menina. - Lyra, fale-me sobre o seu notável amigo. Ele estava se referindo a Pantalaimon. E assim que ele falou isso, Will entendeu que a cobra que ele vira escondida na manga do velho era também um daemon, e que Sir Charles devia vir do mundo de Lyra. Estava perguntando por Pantalaimon para disfarçar, isso significava que ele não tinha percebido que Will tinha visto o seu daemon.

Lyra ergueu Pantalaimon junto ao peito e ele tornou-se um rato negro, que enrolou a cauda em várias voltas em torno do pulso dela e encarou Sir Charles com ódio em seus olhos vermelhos.

- Não era para o senhor ver ele - ela disse. - É o meu daemon. O

senhor acha que neste mundo aqui não tem daemons, mas tem, sim. O seu seria um rola-bosta.

Ele retrucou:

- Se os Faraós do Egito ficavam contentes por serem representados por um escaravelho, eu também fico. Bem, você vem de outro mundo ainda. Que interessante. Foi de lá que veio o aletômetro, ou você o roubou durante as suas viagens?

- Eu ganhei ele - disse Lyra, furiosa. - O Reitor da Universidade Jordan na minha Oxford me deu ele. É meu por direito. E o senhor

não saberia o que fazer com ele, seu velho estúpido e fedorento, o senhor nunca iria conseguir ler ele, nem em mil anos. Para o senhor, é só um brinquedo. Mas eu preciso dele, e Will também. Nós vamos pegar ele de volta, não se engane.

- Veremos - fez Sir Charles. - Bem, foi aqui que deixei você da outra vez. Querem ficar aqui mesmo?

- Não -respondeu Will, tendo avistado um carro da polícia. - O senhor não pode ir a Ci'gazze por causa dos Espectros, de modo que não faz diferença saber onde fica a janela. Vamos mais para frente, na direção da via de acesso.

- Como quiser - disse Sir Charles, e o carro seguiu em frente. Quando, ou se, vocês pegarem a faca, liguem para mim e Allan virá buscá-los. Nada mais disseram até o motorista parar o carro. Quando os dois iam saindo, Sir Charles baixou o vidro da janela e disse a Will:

- Se vocês não conseguirem pegar a faca, nem se dêem ao trabalho de voltar. Se forem à minha casa sem ela, vou chamar a polícia. Imagino que eles vão correr para lá, quando souberem o seu verdadeiro nome. É William Parry, não é? Eu já imaginava. O jornal de hoje traz uma boa fotografia sua. E o carro se afastou. Will estava sem fala. Lyra sacudiu-lhe o braço.

- Não tem problema, ele não vai contar a ninguém - disse ela. - Senão já teria feito isso. Vamos.

Dez minutos depois, estavam na pracinha no sopé da Torre dos Anjos. Will contou a ela sobre o daemon-cobra, e ela estancou no meio da rua, novamente atormentada pelo vislumbre de uma lembrança. Quem era aquele velho? Onde ela o tinha visto? Não adiantava, a lembrança não ficava nítida.

- Eu não quis contar a ele, mas vi um homem lá em cima ontem à noite

- ela contou. - Ele olhou para baixo quando as crianças estavam fazendo aquela algazarra...

- Como ele era?

- Bem moço, de cabelos cacheados. Nem um pouco velho. Mas só vi ele um instante, bem lá no alto, por cima do parapeito. Achei que ele podia ser o... Lembra-se de Angélica e Paolo? Ele disse que tinham um irmão mais velho que também tinha vindo para a cidade, e ela não deixou Paolo contar o resto, como se fosse um segredo? Pois bem, achei que podia ser ele. Ele podia estar atrás da faca, também. E imagino que todas as crianças estão sabendo. Acho que foi por isso que elas voltaram para cá.

- Hum... Talvez - disse ele, olhando para cima.

Ela se lembrou da conversa das crianças: nenhuma criança entrava na torre, elas disseram, havia coisas apavorantes lá e ela se lembrou da sua própria sensação de inquietação quando ela e Pantalaimon olharam pela porta entreaberta.

Talvez fosse por isso que era preciso um adulto para entrar lá. O daemon agora voejava em torno da cabeça dela, em forma de traça, sussurrando ansiosamente.

- Quieto - ela sussurrou de volta. - A culpa foi nossa. Temos que consertar as coisas, e este é o único jeito.

Will dirigiu-se para a direita, acompanhando a parede da torre. Na esquina havia uma passagem estreita, com o piso de pedras, entre a torre e o muro do prédio seguinte, e Will entrou por ali, olhando para o alto, avaliando o lugar. Lyra seguiu-o.

Ele parou debaixo de uma janela na altura do segundo andar e perguntou a Pantalaimon:

- Consegue voar até lá? Consegue olhar lá dentro?

Pantalaimon imediatamente se transformou numa andorinha e alçou vôo. Mal conseguiu alcançar a janela, Lyra engasgou e soltou um gemido quando ele pousou na moldura da janela, e ele ficou ali durante um ou dois segundos apenas, antes de tornar a descer. Ela suspirou e respirou fundo várias vezes, como uma pessoa que escapou de morrer afogada. Will, confuso, franziu atesta.

- É ruim, quando o daemon se afasta da gente, isso dói... - ela explicou.

- Sinto muito. Viu alguma coisa? - ele quis saber.

- Uma escada - disse Pantalaimon. - Uma escada e salas escuras. Havia espadas penduradas na parede, e lanças e escudos, como um museu. E

eu vi um homem. Ele estava... dançando.

- Dançando?

- Indo de um lado para outro, sacudindo a mão. Ou parecia que estava lutando contra alguma coisa invisível... Ele estava do Outro lado de uma porta aberta. Não vi muito bem.

- Lutando com um Espectro? - Lyra adivinhou.

Mas não conseguiriam descobrir mais que isso, portanto seguiram caminho. Atrás da torre, um alto muro de pedra com o topo coberto de cacos de vidro rodeava um pequeno jardim com canteiros de ervas em volta de um chafariz (mais uma vez Pantalaimon alçou vôo para olhar); e depois havia um beco do outro lado, que os levou de volta à praça. As janelas nas paredes da torre eram pequenas e fundas como olhos.

- Então vamos ter que entrar pela frente – Will decidiu.

Subiu os degraus e empurrou a porta, escancarando-a.

O sol entrou, e as pesadas dobradiças rangeram. Ele deu um ou dois passos para dentro e, não vendo ninguém, avançou mais. Lyra seguia-o de perto. O piso era feito de lajes de pedra desgastadas pelos séculos, e o ar ali dentro era frio.

Will rumou para a escada que levava ao porão e desceu alguns degraus, o suficiente para ver que ela desembocava num aposento comprido, de teto baixo, tendo numa extremidade uma imensa fornalha apagada, com as paredes negras de fuligem, mas não havia ninguém, e ele voltou para o saguão da entrada, onde encontrou Lyra olhando para o alto,com o dedo nos lábios.

- Estou ouvindo ele - cochichou ela. - Está falando sozinho, eu acho.
Will prestou atenção, e ouviu também: um murmúrio baixo e cantado, interrompido ocasionalmente por uma risada ríspida ou uma exclamação de raiva. Parecia a voz de um louco. Will respirou fundo e começou a subir a escada. Ela era feita de carvalho escurecido, imensa e larga, com degraus tão gastos quanto as pedras do piso e sólidos demais para rangerem sob o peso de alguém. A luz diminuía à medida que eles subiam, porque a única iluminação era a janelinha pequena e funda em cada patamar. Subiram um andar, pararam para escutar, subiram o seguinte, e o som da voz masculina misturava-se agora com o de passos ritmados. Vinha de um aposento que ficava no outro lado do patamar e cuja porta estava entreaberta. Will foi até lá pé ante pé e abriu-a mais alguns centímetros, para poder espiar.

Era uma sala ampla, com o teto cheio de teias de poeira.

As paredes eram cobertas por estantes com livros mal conservados, as encadernações se desmanchando ou deformadas pela umidade. Vários volumes estavam jogados no chão, abertos no assoalho ou sobre largas mesas empoeiradas, e outros tinham sido enfiados no lugar de maneira brutal e desajeitada.

No centro da sala, um rapaz dançava. Pantalaimon tinha razão: parecia estar fazendo exatamente isso. Estava de costas para a porta, e ia para um lado, depois para o outro, enquanto movia sem

cessar a mão na frente do corpo como se estivesse abrindo caminho através de obstáculos invisíveis. Nessa mão havia uma faca - não uma faca de aparência especial, mas simplesmente uma lâmina fosca de uns 25 centímetros de comprimento, e ele lançava-a para a frente, golpeava para o lado, tateava para a frente com ela, movia-a para cima e para baixo, tudo isso no vazio.

Fez menção de virar-se, e Will recuou. Levou um dedo aos lábios e chamou Lyra com um gesto, depois subiu na frente dela para o andar seguinte.

- O que é que ele está fazendo? - ela cochichou.

Ele descreveu o melhor que pôde.

- Parece coisa de maluco - ela comentou. - Ele é magro, de cabelos cacheados?

- É. Cabelos ruivos, como os de Angélica. E parece mesmo maluco. Não sei, não, acho isso mais esquisito do que o que Sir Charles falou. Vamos investigar mais, antes de falarmos com ele.

Ela não questionou, seguiu-o por outra escada até o último andar. Ali era muito mais claro, porque um lance de degraus pintados de branco levava ao telhado - ou, melhor, a uma estrutura de madeira e vidro, como uma pequena estufa.

Mesmo no pé dessa escada eles sentiam o calor que a estufa estava absorvendo.

Enquanto estavam ali parados, ouviram um gemido vindo de cima. Os dois deram um pulo - tinham certeza de que só havia aquele homem na Torre. Pantalaimon levou um susto tão grande, que na mesma hora mudou de gato para passarinho e voou para o peito de Lyra. Will e Lyra perceberam então que estavam de mãos dadas, e soltaram as mãos lentamente.

- Melhor ir ver - Will sussurrou. - Eu vou na frente.

- Eu devia ir na frente - ela sussurrou de volta. – Já que a culpa é

minha.

- Já que a culpa é sua, você tem que fazer o que eu mandar . Ela fez beicinho, mas deixou-o ir primeiro.

Ele subiu em direção ao sol. A luz na estrutura de vidro era cegante. O

ar também era quente como numa estufa, e Will não conseguia ver nem respirar direito. Encontrou uma maçaneta, girou-a e saiu depressa, levantando a mão para tapar o sol nos olhos.

Encontrou-se num telhado de chumbo rodeado por um parapeito de ameias. A estrutura de vidro ficava no centro, e em toda a volta o chumbo tinha um ligeiro declive em direção a uma calha que corria paralela ao lado interno do parapeito, com furos quadrados para escoar a água da chuva. Deitado no chumbo, em pleno sol, estava um homem de cabelos brancos. Tinha o rosto machucado, um dos olhos estava fechado, e ao se aproximarem os dois viram que ele tinha as mãos amarradas nas costas. Ele ouviu-os chegar e tornou a gemer, tentando virar-se para evitar o sol.

- Está tudo bem, não vamos machucar o senhor – disse Will baixinho. O homem da faca fez isto com o senhor?

- Mmm - fez o velho.

- Vamos tirar a corda. Não está muito bem amarrada...

O nó tinha sido feito de maneira desajeitada e apressada, e Will conseguiu desatá-lo com facilidade. Os dois ajudaram o ancião a se levantar e levaram-no para a sombra do parapeito.

- Quem é o senhor? - Will perguntou. - Não sabíamos que havia duas pessoas aqui. Pensamos que era só uma.

- Giacomo Paradisi - o velho balbuciou entre os dentes quebrados. Sou o portador. Ninguem mais. Aquele rapaz roubou a faca de mim. Sempre existem uns tolos que se arriscam assim por causa dela. Mas esse aí está

desesperado. Ele vai me matar...

- Não vai, não - disse Lyra. - O que quer dizer portador? O que significa?

- Significa que a faca mágica fica comigo, por ordem da Liga. Para onde ele foi?

- Está lá embaixo - disse Will. - Nós passamos por ele. Ele não viu a gente. Estava sacudindo a faca no ar...

- Tentando cortar até o outro lado. Não vai conseguir. Quando ele...

- Cuidado - avisou Lyra.

Will virou-se. O rapaz estava subindo para o pequeno abrigo de madeira. Ainda não os tinha visto, mas não havia onde se esconder, e quando as crianças se levantaram ele percebeu o movimento e girou para enfrentá-los. Pantalaimon imediatamente virou urso e ergueu-se nas patas traseiras. Somente Lyra sabia que ele não conseguiria tocar no outro homem, e este pestanejou e encarou-o por um segundo, mas Will percebeu que na verdade ele não tinha enxergado coisa alguma. Aquele homem estava louco. Tinha os cabelos ruivos empapados, o queixo sujo de saliva, as pupilas dos olhos rodeadas de branco por todos os lados.

E tinha a faca, ao passo que eles não tinham arma alguma. Will deu um passo para o centro do telhado, afastando-se do ancião, e agachou-se, pronto para lutar ou saltar de lado.

O rapaz avançou e tentou atingi-lo com a faca, à esquerda, à direita, à

esquerda, cada vez mais perto, fazendo Will recuar até ficar encurralado num canto onde dois lados da torre se encontravam.

Enquanto isso, Lyra se aproximava do homem por trás, com a corda na mão. De súbito Will saltou para a frente, como tinha feito com o intruso em sua casa, e com o mesmo efeito: seu antagonista tropeçou para trás inesperadamente, caindo por cima de Lyra e batendo no chumbo. Tudo acontecia depressa demais para Will sentir medo. Mas ele teve tempo de ver a faca voar da mão do homem e cair a poucos metros de distância, cravada no telhado de chumbo, enterrando-se até o punho, como se estivesse cravada numa barra de manteiga.

No mesmo instante o rapaz girou e estendeu a mão para a faca, e Will jogou-se nas costas dele, agarrando-o pelos cabelos. Tinha aprendido a brigar na escola: havia muitas ocasiões para isso, depois que as outras crianças sentiram que havia alguma coisa diferente na mãe dele. E ele tinha aprendido que o objetivo de uma briga na escola não era ganhar pontos pelo estilo, mas forçar o inimigo a desistir, o que significa machucá-lo mais do que estava sendo machucado. Ele sabia que tinha que estar disposto a machucar os outros, e tinha percebido que pouca gente estava, na hora H, mas sabia que ele, sim, estava.

De modo que aquilo não lhe era desconhecido, mas ele nunca tinha brigado com um rapaz quase adulto, armado de faca, e precisava a todo custo impedir que o outro conseguisse pegá-la de volta, agora que a tinha deixado cair.

Entrelaçou os dedos nos cabelos grossos e úmidos do rapaz e puxou com toda a força. O rapaz gemeu e jogou-se de lado, mas Will agarrou-se ainda mais, e seu oponente rugiu de dor e raiva.

Esticou-se e jogou-se para trás, esmagando Will entre o seu corpo e o parapeito, e isso foi demais para Will, que perdeu o fôlego com o choque e afrouxou os dedos. O homem desvencilhou-se.

Will caiu de joelhos na calha, sem ar, mas sabia que não podia ficar ali. Conseguiu pôr-se de joelhos e então tentou ficar de pé - e ao fazer isso enfiou o pé num dos furos de drenagem.

Por um terrível segundo ele achou que tinha pisado no vazio, seus dedos rasparam desesperadamente o chumbo quente. Mas nada aconteceu: sua perna esquerda projetava-se para o vazio, mas o resto dele estava a salvo. Ele puxou o pé de volta para dentro do parapeito e se levantou. O

rapaz tinha chegado até a faca, mas não teve tempo de arrancá-la do chumbo antes de Lyra saltar sobre suas costas, arranhando, chutando, mordendo como um gato selvagem, mas a menina não conseguiu agarrar os cabelos dele, e ele jogou-a longe. E quando se levantou tinha a faca na mão.

Lyra tinha caído para um lado, com Pantalaimon, agora, como gato selvagem, dentes à mostra, pêlo eriçado. Will enfrentou o rapaz e pela primeira vez viu-o claramente. Não havia dúvida, era mesmo o irmão de Angélica, e ele era mau. Toda a sua mente estava concentrada em Will, e tinha a faca em sua mão.

Mas Will também não estava desarmado.

Ele havia agarrado a corda quando Lyra a soltou, e agora enrolou-a em volta da mão esquerda para proteger-se da faca.

Moveu-se de lado entre o rapaz e o sol, para que seu adversário tivesse que piscar e apertar os olhos. Ainda melhor: a estrutura de vidro lançava reflexos brilhantes nos olhos do rapaz, e Will percebeu que por um instante o outro ficou quase cego.

Saltou para o lado esquerdo do seu oponente, o lado oposto à faca, erguendo a mão esquerda, e chutou com força o joelho do outro. Fizera pontaria com cuidado, e o pé acertou no alvo. O homem caiu com um gemido alto e rolou para longe desajeitadamente.

Will saltou atrás dele, golpeando-o com ambas as mãos e chutando inúmeras vezes, acertando onde conseguia alcançar, forçando-o a recuar cada vez mais na direção da estufa. Se conseguisse levá-lo até o alto da escada... Dessa vez o homem caiu com mais força, e sua mão direita, segurando a faca, bateu no chumbo aos pés de Will.

No mesmo instante Will pisou nela com força, esmagando os dedos do rapaz entre o cabo da faca e o telhado de chumbo, e depois enrolou a corda com mais força em torno da mão e pisoteou pela segunda vez. O rapaz gritou e soltou a faca. De imediato Will chutou-a para longe, tendo sorte por seu sapato ter pegado no cabo, e a faca saiu girando sobre o chumbo até parar na calha, junto a um dos orifícios de drenagem. A corda tinha se desenrolado de novo da sua mão, e parecia haver uma surpreendente quantidade de sangue vindo de algum lugar sobre o chumbo e em seus próprios sapatos. O homem estava se levantando...

- Cuidado! -Lyra gritou, mas Will pusera-se alerta.

No momento em que o outro estava desequilibrado, Will jogou-se em cima dele, batendo com toda força no abdômen do outro. O homem caiu de costas sobre o vidro, que se estilhaçou no mesmo instante, e a frágil estrutura de madeira também não resistiu. Ele caiu sobre os destroços, metade do corpo pendurado sobre o poço da escada, agarrou-se à moldura da porta, mas ela já

não estava presa e cedeu. Ele despencou no buraco, sob outra chuva de vidro. E Will correu até a calha e pegou a faca, a luta terminara. O rapaz, machucado e arranhado, subiu de novo os degraus e viu Will de pé acima dele, segurando a faca, encarou-o com uma raiva alucinada, depois virou-se e fugiu.

- Ai! - fez Will, sentando-se. - Ai...

Alguma coisa estava muito errada e ele não tinha percebido. Deixou cair a faca e apertou a mão esquerda contra o corpo. A corda estava encharcada de sangue, e quando ele a tirou...

- Os seus dedos! - Lyra suspirou. - Ah, Will...

O dedo mínimo e o anular caíram junto com acorda.

Ele sentiu uma vertigem. O sangue jorrava com força dos tocos que restaram dos dedos, e ele tinha o jeans e os sapatos encharcados. Teve que recostar-se e fechar os olhos por um instante. A dor não era tão grande, e uma parte do seu cérebro registrou esse fato com uma surpresa sem emoção: era mais como um estrondo baixo e persistente, em vez daquela sensação breve e aguda que a pessoa sente quando se corta superficialmente. Ele nunca se sentira tão fraco. Achou até que tinha adormecido por um momento. Lyra estava fazendo alguma coisa no seu braço. Ele endireitou-se para olhar o estrago, e sentiu náuseas. O velho estava ali por perto, mas Will não conseguia ver o que estava fazendo, e enquanto isso Lyra falava com ele.

- Se ao menos a gente tivesse um pouco de musgo-de-sangue... - ela dizia. - É o que os ursos usam. Eu ia poder curar isso, Will, ia mesmo. Escuta, vou amarrar este pedaço de corda em volta do seu braço para segurar o sangue, porque não posso amarrar em volta de onde eram os dedos, não tem onde prender... Fique quieto...

Ele deixou que ela fizesse isso, e olhou em volta à procura dos dedos. Ali estavam, curvados como aspas sanguinolentas, sobre o chumbo. Ele riu.

- Ei, pode parar - disse ela. - Agora levante-se. O Sr. Paradisi tem um remédio, uma pomada, sei lá o que é. Você tem que descer. Aquele outro foi embora, nós vimos ele sair correndo pela porta. Já sumiu. Você derrotou ele. Vamos, Will, vamos...

Com autoridade e um pouco de bajulação ela conseguiu que ele descesse a escada, e eles atravessaram os cacos de vidro e farpas de madeira até um quarto exíguo e fresco que dava para o patamar da escada. As paredes eram cobertas de estantes com garrafas, frascos, potes, pilões e almofarizes, e balanças de farmácia. Sob a janela suja havia um tanque de pedra onde o ancião estava

derramando alguma coisa com as mãos trêmulas, de uma garrafa maior para um frasco pequeno.

- Sente-se aqui e beba isto - disse ele, e encheu um copinho com um líquido escuro.

Will sentou-se e pegou o copo. O primeiro gole desceu por sua garganta como fogo. Lyra pegou o copo para que ele não caísse enquanto Will engasgava.

- Beba tudo - ordenou o homem.

- Que é isso?

- Conhaque de ameixa. Beba.

Will bebericou com mais cautela. Sua mão agora doía de verdade.

- Consegue curar ele? - Lyra perguntou com desespero na voz.

- Ah, sim, temos remédio para tudo. Você, menina, abra aquela gaveta e me traga uma gaze.

Will viu a faca sobre a mesa no centro do aposento, mas antes que pudesse pegá-la o ancião veio mancando em sua direção com uma jarra com água.

- Beba mais - disse.

Will agarrou o copo com força e fechou os olhos enquanto o homem fazia alguma coisa na sua mão. A ardência foi horrível, mas em seguida ele sentiu a fricção áspera de uma toalha em seu pulso e alguma coisa enxugando a ferida com mais suavidade. Então houve uma sensação fria por um instante, depois começou a doer de novo.

- Esta é uma pomada preciosa - disse o ancião. - Muito difícil de obter. Muito boa para ferimentos.

Era uma bisnaga velha e empoeirada de pomada anti-séptica comum, que Will poderia comprar em qualquer farmácia do seu mundo. O ancião segurava-a como se fosse feita de mirra. Will desviou os olhos. E enquanto o homem fazia um curativo, Lyra sentiu Pantalaimon chamando-a silenciosamente para ir espiar pela janela. Ele era um gavião empoleirado na moldura da janela aberta, e tinha percebido um movimento lá

embaixo. Ela juntou-se a ele e viu uma figura conhecida: a menina Angélica corria para seu irmão mais velho, Tullio, que estava parado com as costas apoiadas no muro do outro lado da passagem lateral, mexendo os braços no ar como se tentasse manter longe do rosto uma nuvem de morcegos. Ele então se virou e começou a passar as mãos pelas pedras do muro, examinando cada uma delas com atenção, contando-as, tateando pelas beiradas, curvando-se como se fugisse de alguma coisa às suas costas, sacudindo a cabeça. Angélica estava desesperada, assim como o pequeno Paolo atrás dela, ambos chegaram até o irmão, agarraram-no pelos braços e tentaram puxá-lo para longe do que quer que o estivesse perturbando. Com um espasmo de náusea, Lyra compreendeu o que estava acontecendo: o rapaz estava sendo atacado pelos Espectros. Angélica sabia disso, embora naturalmente não conseguisse vê-los, e o pequeno Paolo chorava e golpeava o ar, tentando afastá-los, mas não adiantava, Tullio estava perdido. Seus movimentos ficaram cada vez mais letárgicos, e finalmente cessaram de todo. Angélica agarrou-se ao irmão mais velho, estremecendo e sacudindo o braço dele, mas nada o despertava; e Paolo gritava o nome do irmão sem cessar, como se isso fosse trazê-lo de volta. Então foi como se Angélica sentisse que Lyra a observava, e olhou para cima. Por um instante seus olhos se encontraram. Lyra teve um estremecimento, como se a garota a tivesse golpeado de verdade, tão intenso era o ódio nos olhos dela, e então Paolo viu-a olhando e olhou para cima também, e gritou com sua voz de menino:

- Nós vamos te matar! Você fez isso com Tullio. Nós vamos te matar!

As duas crianças viraram-se e saíram correndo, deixando para trás o irmão ferido, e Lyra, sentindo-se assustada e culpada, afastou-se da janela e fechou-a. Os outros nada tinham ouvido. Giacomo Paradisi estava colocando mais pomada nos ferimentos, e Lyra tentou tirar da cabeça aquilo que tinha presenciado e concentrar-se em Will.

- Tem que amarrar alguma coisa em volta do braço dele para segurar o sangue. Senão não vai parar.

- É, é, eu sei - disse o velho, mas com tristeza.

Will manteve os olhos desviados enquanto eles faziam um curativo e bebeu o conhaque de ameixa aos golinhos. Finalmente sentiu-se aliviado e distante, embora a mão agora lhe doesse insuportavelmente.

- Agora, aqui está, pegue a faca, ela é sua – disse Giacomo Paradisi.

- Eu não quero - disse Will. - Não quero ter nada a ver com ela.

- Você não tem escolha - afirmou o ancião. – Agora é o portador .

- Pensei que fosse o senhor - intrometeu-se Lyra.

- O meu tempo acabou. A faca sabe quando deixar uma mão e procurar outra, e eu sei distinguir. Não acredita em mim. Ele ergueu a mão esquerda. O dedo mínimo e o anular estavam faltando, exatamente como os de Will.

- É, eu também - disse. - Lutei e perdi os mesmos dedos. É o emblema do portador. E também não sabia de antemão.

Lyra sentou-se, de olhos arregalados. Will apoiou-se na mesa empoeirada com a mão boa. Esforçava-se para encontrar as palavras.

- Mas eu... Só viemos aqui porque... Um homem roubou uma coisa de Lyra e ele queria a faca, e disse que se a gente levasse a faca para ele, então ele ia...

- Conheço esse homem. Ele é mentiroso, um vigarista. Não ia lhes dar coisa alguma, não se enganem. Ele quer a faca, e quando a tiver vai trair vocês. Ele nunca será o portador. A faca é sua por direito. Com pesada relutância Will virou-se para a própria faca e puxou-a em sua direção. Era uma adaga de aparência comum: lâmina de dois gumes, de metal fosco, com uns 20 centímetros de comprimento, um travessão curto do mesmo metal e cabo de pau-rosa. Ao examiná-la com mais atenção, o garoto percebeu que na madeira do cabo estavam encastoados fios dourados formando um desenho que ele não reconheceu até virar a faca e ver do outro lado um anjo de asas dobradas, no lado oposto havia um anjo diferente, com as asas abertas. Os fios ressaltavam um pouco da madeira, permitindo uma pegada firme, e ao segurar a faca na mão Will sentiu que ela era leve, forte e tinha um equilíbrio perfeito, e que a lâmina afinal não era fosca - aliás, parecia que sob a superfície do metal havia um redemoinho de cores nubladas: os roxos de um hematoma, os azuis do mar, os marrons da terra, os cinzentos das nuvens e os verde-escuros que se encontram sob uma árvore de copa densa, as sombras que se agrupam na boca de uma sepultura quando a tarde cai sobre um cemitério deserto.

Se existe algo como sombras coloridas, era o que refletia a lâmina da faca sutil.

Mas os gumes eram diferentes - aliás, os dois gumes eram diferentes entre si. Um era de aço claro e brilhante, que logo se fundia àquelas sutis sombras coloridas, mas um aço de agudeza incomparável, Will não conseguiu manter o olhar nele, tão afiado ele parecia. O outro gume era igualmente afiado, mas de cor prateada, e Lyra, que olhava por cima do ombro de Will, exclamou:

- Já vi esta cor! É a mesma da lâmina que iam usar para me separar do Pan, a mesma!

- Este gume corta qualquer material no mundo – disse Giacomo Paradisi, tocando o aço com o cabo de uma colher.

- Vejam.

O ancião apertou a colher de prata contra a lâmina. Will, que segurava a faca, sentiu uma resistência mínima enquanto a ponta do cabo era cortada e caía sobre a mesa. Ele continuou:

- O outro gume é ainda mais sutil. Com ele você consegue cortar uma abertura para fora deste mundo. Experimente agora. Faça o que eu digo, você

é o portador. Tem que saber. Só eu posso lhe ensinar e não tenho muito tempo. Fique de pé e escute.

Will empurrou a cadeira para trás e ficou de pé, segurando a faca com dedos frouxos. Sentia-se tonto, enjoado, revoltado.

- Eu não quero... - começou a dizer.

Mas Giacomo Paradisi sacudiu a cabeça.

- Silêncio! - ordenou. - Então não quer? Você não tem escolha! Escute o que eu digo, pois o tempo é curto. Agora segure a faca na sua frente, assim. Não é só a faca que tem que cortar, é a sua mente também. Você tem que pensar nisso. Portanto, faça o seguinte: coloque sua mente na pontinha da faca. Concentre-se, garoto. Enfoque a sua mente. Não pense nesse ferimento, ele vai sarar. Pense na ponta da faca. É onde você está. Agora movimente-a devagar. Você está procurando uma fresta tão pequena que nunca poderia enxergá-la com os olhos, mas aponta da faca vai conseguir encontrá-la, se você colocar a sua mente ali. Vá movimentando pelo ar até sentir uma minúscula fenda no mundo...

Will tentou - mas sua cabeça zunia, sua mão esquerda latejava horrivelmente e ele tornou a ver seus dois dedos caídos no telhado,

e então pensou na mãe, coitada... O que ela iria dizer? Como ela iria consolá-lo? E

como ele poderia consolá-la?

O menino colocou a faca sobre a mesa e agachou-se, abraçando a mão ferida e pôs-se a chorar. Tudo aquilo era demais para ele. Os soluços arranhavam-lhe a garganta e o peito, e as lágrimas o cegavam, e ele deveria estar chorando por ela, a pobre querida, assustada e infeliz, ele a tinha abandonado, abandonado...

Estava desconsolado. Mas então sentiu a coisa mais estranha, e enxugou os olhos com as costas da mão direita para ver a cabeça de Pantalaimon em seu joelho. O daemon, em forma de lobo, erguia para ele os olhos cheios de tristeza e ternura, e então pôs-se a lamber suavemente a mão ferida de Will, várias vezes, depois tornou a descansar a cabeça no joelho do garoto.

Will não tinha idéia do tabu que no mundo de Lyra impedia que uma pessoa tocasse no daemon de outra, se ele ainda não tinha tocado em Pantalaimon, isso tinha sido por educação, não por conhecimento da proibição. Lyra estava atônita. Seu daemon fizera isso por iniciativa própria, e agora recuava, voejava até o ombro dela como a menor das vespas. O ancião observava com interesse, mas não com incredulidade. Já devia ter visto daemons, certamente viajara para outros mundos.

O gesto de Pantalaimon funcionou: Will suspirou fundo e tornou a ficar de pé enxugando as lágrimas dos olhos.

- Está bem, vou tentar outra vez - declarou. - O que é que eu tenho que fazer?

Dessa vez ele forçou a mente a fazer o que Giacomo Paradisi dizia, rilhando os dentes, tremendo com o esforço, suando. Lyra estava doida para interromper, pois conhecia esse processo - assim como a Dra. Malone, e como o poeta Keats, fosse ele quem fosse, todos

eles sabiam que não adiantava forçar. Mas ficou calada, apertando as mãos.

- Pare - disse o ancião com suavidade. - Relaxe. Não force. É uma faca mágica, não uma espada pesada. Você está segurando a faca com muita força. Afrouxe os dedos. Deixe a mente descer pelo seu braço até a mão, depois para o cabo da faca, e depois seguir pela lâmina, sem pressa, não force. Devagar .Então vá até a pontinha, onde o gume é mais afiado. Você se torna a ponta da faca. Faça isso agora. Vá até lá, sinta isso e então volte. Will tentou outra vez. Lyra via a Intensidade do corpo dele, a mandíbula contraída, e então viu que uma autoridade descia sobre ele, acalmando, relaxando e esclarecendo. A autoridade era do próprio Will - ou do seu daemon, talvez. Como ele devia sentir falta de um daemon! Tanta solidão... Não era de espantar que ele tivesse chorado e Pantalaimon estava certo em fazer o que fez, embora ela tivesse tido uma sensação muito estranha. Estendeu os braços para seu amado daemon, e, em forma de arminho, ele deslizou para o colo dela.

Juntos observaram Will, que tinha parado de tremer. Continuava concentrado, não menos intensamente, porém de maneira diferente, e a faca também parecia diferente. Talvez fossem aquelas cores nubladas ao longo da lâmina, talvez fosse o modo como ela assentava tão naturalmente na mão de Will, o fato é que o pequeno movimento que ele agora fazia com a ponta da faca parecia cheio de propósito, e não mais casual. Ele tateou para um lado, depois girou a faca e tateou para o outro, sempre usando o gume prateado e então pareceu ter encontrado uma fenda no ar vazio.

- O que é isto? É a abertura? - perguntou com voz rouca.

- É, sim. Não force. Volte agora, volte para si mesmo.

Lyra imaginou que via a alma de Will fluindo de volta ao longo da lâmina até a mão dele, e dali pelo braço até o coração. Ele deu um passo para trás, baixou a mão, pestanejou.

- Eu senti uma coisa ali - disse a Giacomo Paradisi. - No princípio a faca estava só passando pelo ar, e de repente eu senti...

- Muito bem. Agora faça de novo. Desta vez, quando sentir a fenda, deslize a faca para dentro dela e para o lado. Faça um corte. Não hesite. Não fique surpreso. Não deixe a faca cair.

Will teve que agachar-se e respirar fundo duas ou três vezes e colocar a mão esquerda sob o braço direito antes de poder continuar. Mas estava decidido, depois de alguns segundos tornou a levantar-se, a faca apontada para a frente. Dessa vez foi mais fácil - tendo experimentado uma vez, ele sabia o que devia procurar, e em menos de um minuto tornou a sentir a curiosa fenda. Era como procurar delicadamente o espaço entre dois pontos cirúrgicos com a ponta do bisturi. Ele tocou, afastou aponta da faca e tornou a tocar para ter certeza, e então fez o que o ancião lhe ensinara e cortou para o lado com o gume prateado.

Ainda bem que Giacomo Paradisi tinha avisado para ele não ficar surpreso. Will manteve a faca cuidadosamente segura na mão e pousou-a sobre a mesa, antes de ceder à surpresa.

Lyra já estava de pé, sem fala, pois no meio do quartinho empoeirado havia uma janela exatamente como aquela sob os carpinos: um buraco no ar através do qual eles podiam enxergar outro mundo.

E como estavam no alto da torre, estavam bem acima da parte norte de Oxford. Aliás, acima de um cemitério, virado na direção da cidade. Pouco à

frente deles lá estavam os carpinos, havia casas, árvores, estradas e, à

distância, as torres e obeliscos da cidade.

Se já não tivessem visto a primeira janela, teriam pensado que se tratava de algum tipo de truque. Mas não era apenas ótico, por ali

entrava ar e eles sentiam o cheiro dos veículos coisa que não existia no mundo de Cittàgazze. Pantalaimon virou uma andorinha e voou para o outro lado, adorando o ar livre, depois abocanhou um inseto antes de voar de volta para o ombro de Lyra.

Giacomo Paradisi observava com um sorriso curioso e triste. Então disse:

- Já aprendeu a abrir. Agora precisa aprender a fechar.

Lyra recuou para dar espaço a Will, e o ancião veio postar-se ao lado dele.

- Para isso, vai precisar dos dedos - explicou. – Basta uma das mãos. Procure a borda como fez com a faca antes de abrir. Só vai conseguir encontrar se colocar a alma na ponta dos dedos. Tateie com muita delicadeza, até encontrar as bordas. Então aperte uma contra a outra. Só isso. Experimente.

Mas Will tremia. Não conseguia levar a mente de volta ao delicado equilíbrio que ele sabia ser necessário, e foi ficando cada vez mais frustrado. Lyra via o que estava acontecendo. Levantou-se, pegou-o pelo braço direito e disse:

- Escute, Will, sente-se e vou lhe contar como se faz. Sente-se só um minuto, porque sua mão está doendo e está distraindo a sua mente. É natural. Vai melhorar daqui apouco.

O ancião ergueu ambas as mãos, então mudou de idéia, deu de ombros e tornou a sentar-se.

Will sentou-se também e olhou para Lyra.

- O que é que estou fazendo de errado? - perguntou.

Ele estava sujo de sangue, tremendo, com o olhar desvairado. Estava uma pilha de nervos: tinha a mandíbula contraída, ofegava e batia o pé no chão.

- É o seu ferimento - ela disse. - Você não está errado. Está fazendo tudo certo, mas a sua mão não deixa você se concentrar. Não conheço um jeito fácil de resolver isso, mas quem sabe, se você não tentasse reprimir...

- Como assim?

- Você está tentando fazer duas coisas com a mente, as duas ao mesmo tempo. Está tentando ignorar a dor e fechar essa janela. Eu me lembro que uma vez estava lendo o aletômetro quando estava com medo, e pode ser que eu já estivesse acostumada com ele, não sei, mas ainda estava assustada o tempo todo enquanto lia ele. Simplesmente relaxe os seus pensamentos e diga sim, está doendo, eu sei. Não tente abafar a dor.

Ele fechou os olhos por um instante. Sua respiração ficou um pouco mais lenta.

- Está bem, vou tentar - ele disse.

E dessa vez foi muito mais fácil. Ele tateou à procura da borda, encontrou-a num minuto e fez o que Giacomo Paradisi tinha ensinado: apertou as bordas uma contra a outra. Era a coisa mais fácil do mundo. Sentiu um entusiasmo breve e calmo, e a janela sumiu. O outro mundo estava fechado. O ancião entregou-lhe uma bainha de couro com um contraforte de chifre sólido, com fivelas para manter a faca no lugar, pois o menor movimento da lâmina cortaria o couro mais grosso. Will deslizou a faca para dentro da bainha e afivelou-a como podia, usando desajeitadamente uma só mão.

- Esta devia ser uma ocasião solene - declarou Giacomo Paradisi. - Se nós dispuséssemos de dias e semanas eu poderia começar a contar-lhes a história da faca sutil e da Liga da Torre degli Angeli, e toda a triste história deste mundo corrompido e descuidado. Os Espectros são culpa nossa, só

nossa. Eles vieram porque os meus predecessores, alquimistas, filósofos, homens eruditos, estavam pesquisando a natureza mais profunda das coisas. Ficaram curiosos sobre o aglutinante que mantinha unidas as mais ínfimas partículas de matéria. Sabe o que eu quero dizer com aglutinante? É o mesmo que cola, grude. Bem, esta era uma cidade comercial, uma cidade de mercadores e banqueiros. Nós pensávamos que sabíamos tudo sobre todas as coisas... Mas sobre esse aglutinante nós estávamos enganados. Nós o desmanchamos e deixamos os Espectros entrarem.

- De onde vêm os Espectros? - Will quis saber. – Por que deixaram uma janela aberta debaixo daquelas árvores, a janela por onde eu entrei?

Existem outras janelas no mundo?

- De onde os Espectros vêm é um mistério. De outro mundo, da escuridão do espaço, quem sabe? O que importa é que estão aqui, e nos destruíram. Se existem outras janelas para este mundo? Sim, umas poucas, porque de vez em quando um portador da faca pode se descuidar ou esquecer, ou então ficar sem tempo para parar e fechar como deveria. E quanto à janela que você atravessou, sob os carpinos... Eu mesmo deixei aquela janela aberta, num momento de tolice imperdoável. O homem que vocês mencionaram, pensei que ele cairia na tentação de atravessar para cá, onde seria vítima dos Espectros. Mas acho que ele é inteligente demais para cair num truque desses. Ele quer a faca. Por favor, nunca deixe que ele a tenha.

Will e Lyra se entreolharam.

- Bem, tudo que posso fazer é entregar-lhe a faca e ensinar-lhe como usá-la - terminou o ancião, abrindo os braços. - Isso eu já fiz; devo também contar-lhe quais costumavam ser as regras da Liga antes que ela entrasse em decadência. Primeira: nunca abrir sem fechar. Segunda: nunca deixar outra pessoa usar a faca. Ela é só sua. Terceira: nunca usar com propósito vil. Quarta: guardar segredo. Se existem outras regras, eu as esqueci, e se as esqueci

foi porque elas não eram importantes. Você tem a faca. Você é o portador. Não devia ser uma criança. Mas o nosso mundo está se esfacelando, e a marca do portador é inconfundível. Nem sei o seu nome. Agora saiam. Vou morrer logo, pois sei onde estão guardadas as drogas venenosas e não pretendo esperar a chegada dos Espectros quando a faca tiver ido embora.

- Mas, Sr. Paradisi... - Lyra começou.

Mas ele sacudiu a cabeça e continuou:

- Não há tempo. Vocês vieram aqui com um propósito, e talvez não saibam qual é esse propósito, mas os anjos que os trouxeram até aqui sabem. Vão. Você é corajoso e a sua amiga é inteligente. E você tem a faca. Saiam.

- Então vai mesmo se envenenar? - Lyra quis saber, inconformada.

- Vamos, Lyra - Will chamou.

- E que história é essa de anjos? - ela insistiu.

Will puxou-a pelo braço.

- Vamos embora - tornou a chamar. -Temos que ir. Obrigado, Sr. Paradisi.

Ele estendeu a mão direita, suja de sangue e poeira, e o velho apertou-a delicadamente. Apertou a mão de Lyra também e fez um aceno para Pantalaimon, que como resposta baixou a cabeça de arminho. Segurando a faca em sua bainha de couro, Will desceu na frente pelos degraus largos e escuros que levavam ao térreo, e saiu da torre. A luz do sol era quente na pracinha, e o silêncio era profundo. Lyra olhou em volta com imensa cautela, mas a rua estava deserta. E era melhor não preocupar Will contando-lhe o que tinha visto, já havia problemas em número suficiente. Ela o levou para longe da rua onde tinha visto as crianças e onde Tullio ainda estava parado, imóvel, como se estivesse morto.

- Eu queria... - disse ela, quando estavam quase saindo da praça e pararam para olhar para trás. - É horrível pensar em... E os dentes dele, coitadinho, todos quebrados, e ele mal podia enxergar... Vai simplesmente engolir veneno e morrer agora, e eu queria...

Ela estava à beira das lágrimas.

- Psiu - fez Will. - Ele não vai sentir dor. Vai simplesmente adormecer. É melhor do que os Espectros, foi o que ele disse.

- Ah, o que é que nós vamos fazer, Will? O que é que nós vamos fazer? Você tão machucado, e aquele pobre velhinho... Odeio este lugar, odeio mesmo, tenho vontade de botar fogo em tudo. O que é que nós vamos fazer agora?

- Bom, isso é fácil - ele respondeu. - Temos que pegar o aletômetro de volta, então vamos ter que roubar ele. É isso que vamos fazer. **9 - O ROUBO**

Primeiro voltaram ao café para descansar, recuperar as forças e mudar de roupa. Era óbvio que Will não poderia sair por ali coberto de sangue, e o tempo em que ele se sentia constrangido em pegar coisas nas lojas já tinha ficado para trás, de modo que ele reuniu um conjunto completo de roupas e sapatos, e Lyra, que exigira ajudar e vigiava em todas as direções a chegada das outras crianças, carregou tudo de volta para o café.

Lyra ferveu água, que Will levou consigo para o banheiro, onde despiuse para lavar-se da cabeça aos pés. A dor era surda e ininterrupta, mas pelo menos os cortes estavam limpos, tendo visto o que aquela faca podia fazer, ele sabia que nenhum corte poderia ser mais limpo, mas os tocos dos dedos sangravam abundantemente. Quando olhava para eles, Will sentia náusea e seu coração disparava, o que, por sua vez, aumentava o sangramento. Ele se sentou na borda da banheira, fechou os olhos e respirou profundamente algumas vezes.

Finalmente sentiu-se mais calmo e começou o banho. Fez o melhor que pôde, enxugou-se nas toalhas cada vez mais sujas de sangue e depois vestiu as roupas novas, tentando não ensangüentá-las também.

- Você vai ter que refazer o meu curativo - ele pediu a Lyra. - Pode apertar quanto quiser, contanto que pare o sangue.

Ela rasgou um lençol e envolveu a mão ferida, o mais apertado que pôde. Ele trincou os dentes, mas não conseguiu evitar as lágrimas. Enxugou-as sem uma palavra, e ela nada disse.

Quando ela terminou, Will agradeceu, e continuou:

- Escuta, quero que você leve uma coisa para mim na sua mochila, pois pode ser que a gente não consiga voltar para cá. São só umas cartas. Pode ler, se quiser.

Ele pegou o escrínio de couro verde e entregou-lhe as folhas de papel de carta.

- Não vou ler, não, a não ser que...

- Não me importo. Senão não tinha falado nada.

Ela dobrou as cartas e ele estendeu-se na cama, empurrou a gata para o lado e adormeceu.

Muito mais tarde, na mesma noite, Will e Lyra estavam agachados na alameda que corria ao longo do pequeno bosque de arbustos no jardim de Sir Charles. No mundo de Cittàgazze, estavam no gramado de um parque que rodeava uma mansão em estilo clássico, o vulto branco brilhando ao luar. Tinham levado muito tempo para chegar até a casa de Sir Charles, avançando a maior parte do tempo em Cittàgazze, com freqüentes paradas para cortar uma janela e verificar sua posição no mundo de Will, assim que se certificavam de onde estavam, Will fechava cada janela.

Não exatamente junto com eles, mas não muito atrás, vinha a gata. Ela dormira desde que a tinham salvo das pedras lançadas pelas crianças e, agora que estava novamente acordada, relutava em separar-se deles, como se pensasse que estaria segura onde quer que eles estivessem. Will não tinha tanta certeza disso, mas já tinha problemas suficientes sem a gata, portanto resolveu ignorá-la. Ele ficava cada vez mais familiarizado com a faca, mais seguro ao comandá-la, mas o ferimento doía mais do que antes, com um latejar profundo e incessante, e o curativo novo que Lyra fizera já estava encharcado.

Ele cortou uma janela no ar não muito longe da casa em estilo clássico e atravessaram para a alameda silenciosa em Headington para planejar exatamente como chegariam ao escritório onde Sir Charles tinha guardado o aletômetro.

Havia dois holofotes iluminando o jardim, e todas as janelas da fachada da casa estavam acesas, menos a do escritório.

Naquele lado só o luar clareava, e a janela do escritório estava completamente às escuras. A alameda seguia por entre árvores até

desembocar em outra rua, e não era iluminada. Seria fácil para um ladrão comum entrar sem ser visto no bosque de arbustos e dali para o jardim, se não fosse pela pesada cerca de ferro, com duas vezes a altura de Will e com pontas aguçadas, que cercava todo o perímetro da propriedade de Sir Charles. Mas isso não era impedimento para a faca mágica.

- Segure esta barra para eu cortar - Will cochichou.

- Não deixe cair no chão.

Lyra fez o que ele mandava, e ele cortou quatro barras, o suficiente para que passassem sem dificuldade. Lyra enfileirou-as sobre o gramado, e os dois passaram, avançando por entre os arbustos.

Uma vez tendo uma boa visão da lateral da casa, com a janela do escritório, sombreada pela hera, de frente para eles do outro lado do gramado liso, Will disse baixinho:

- Vou abrir aqui um buraco para Ci'gazze e deixar ele aberto, e avançar em Ci'gazze até onde sei que fica o escritório, e aí abro outro buraco de volta para este mundo. Então pego o aletômetro naquela estante, torno a passar pelo buraco, fecho ele e venho por Ci'gazze até este buraco. Você fica me esperando aqui neste mundo e vigiando. Assim que me ouvir chamar, passe para Ci'gazze por este buraco, e eu torno a fechar ele. Entendeu?

- Entendi - ela cochichou. - Eu e Pan vamos vigiar.

Seu daemon era uma pequena coruja castanha, quase invisível à luz mosqueada de sombras sob as árvores. Seus olhos grandes e claros observavam cada movimento. Will recuou um passo e estendeu a faca, procurando, tocando o ar com movimentos muito delicados, até que, depois de cerca de um minuto, encontrou um ponto onde poderia cortar. Fez isso depressa, abrindo uma janela para dentro do parque enluarado de Ci'gazze, e então calculou quantos passos precisaria dar para chegar ao escritório, memorizando a direção.

Então, sem uma palavra, ele atravessou e desapareceu.

Lyra agachou-se ali perto. Pantalaimon estava empoleirado num galho acima da cabeça dela, virando-se de um lado para outro, em silêncio. Ela ouvia o trânsito de Headington atrás de si, e os passos abafados de alguém que descia a rua no final do beco, e até mesmo o movimento leve dos insetos por entre as folhas a seus pés.

Passou-se um minuto, e mais outro. Onde estaria Will agora? Ela se esforçou para enxergar pela janela do escritório, mas esta era apenas um quadrado escuro semi-encoberto pela hera. Ainda nessa mesma manhã Sir Charles tinha se sentado lá dentro, junto à janela, cruzara as pernas e ajeitara o vinco das calças. Onde ficava a estante em relação à janela? Will conseguiria entrar sem chamar a

atenção de alguém dentro da casa? Lyra ouvia as batidas do próprio coração.

Então Pantalaimon fez um ruído baixo, e no mesmo momento veio um som diferente da frente da casa, à esquerda de Lyra. Ela não conseguia enxergar a fachada, mas via uma luz varrendo as árvores e ouviu o som de pneus no cascalho.

Não tinha ouvido o menor barulho de motor de automóvel.

Procurou Pantalaimon, que já estava deslizando silenciosamente pelo ar, o mais distante que conseguia ficar. Ele se virou na escuridão e foi pousar no pulso dela.

- Sir Charles está voltando - sussurrou. - E está com alguém. Ele tornou a sair voando e dessa vez Lyra foi atrás, pé ante pé pela terra fofa com o maior cuidado, agachando-se atrás das moitas, finalmente pondo-se de quatro para espiar por entre as folhas de um loureiro. O Rolls Royce estava parado em frente à casa e o motorista rodeava o veículo para abrir a porta do passageiro. Sir Charles esperava sorrindo e oferecendo o braço à mulher que saltava do carro, quando ela surgiu à vista de Lyra, esta sentiu um golpe no coração, pois a visitante de Sir Charles era sua mãe, a Sra. Coulter.

Will atravessou com cautela o gramado iluminado pela lua em Cittàgazze, contando os passos, mantendo na mente, com toda a clareza que conseguia, a lembrança de onde ficava o escritório, e tentando localizá-lo em relação à casa em estilo clássico que se erguia ali perto no mundo de Ci'gazze, caiada de branco e com colunas, no centro de um jardim formal com estátuas e um chafariz. Ele tinha consciência de como estava exposto naquele jardim enluarado.

Quando achou que estava no lugar correto, estacou e tornou a estender a faca, tateando cuidadosamente à frente. Havia daquelas pequenas fendas invisíveis em vários lugares, mas não em todos, caso contrário qualquer golpe com a faca abriria uma janela.

A princípio ele abriu um orifício pequeno, não maior que a sua mão, e espiou por ele. Do outro lado, apenas a escuridão.

Ele não conseguia enxergar onde estava. Fechou esse buraco, fez uma volta de 90 graus e abriu outro. Dessa vez encontrou pano à sua frente, um pesado veludo verde: as cortinas do escritório. Mas onde elas ficavam em relação à estante? Ele teria que fechar esse buraco também, girar para o outro lado e tentar de novo. E o tempo estava passando.

A terceira vez foi melhor: ele conseguiu enxergar o escritório inteiro à

luz fraca que entrava pela porta aberta para o vestíbulo. Lá estavam a escrivaninha, o sofá, a estante! Ele conseguia vislumbrar um leve brilho ao longo da lateral de um microscópio de cobre. E não havia ninguém ali, a casa estava em silêncio. Não podia ser melhor.

Calculou cuidadosamente a distância, fechou a janela, deu quatro passos para frente e tornou a erguer a faca. Se estivesse correto, estaria exatamente no local apropriado para estender a mão pelo buraco, cortar o vidro da estante, pegar o aletômetro e fechar a janela atrás de si. Cortou uma janela na altura certa: o vidro da porta da estante ficava logo à frente. Chegou o rosto bem perto, estudando atentamente as prateleiras, da primeira à última.

O aletômetro não estava lá.

A princípio Will achou que tinha escolhido a estante errada. Havia quatro delas no escritório, ele tinha contado de manhã e decorado onde ficavam, estantes altas e quadradas, de madeira escura, com frente e laterais de vidro e prateleiras forradas de veludo, feitas para exibir preciosos objetos de porcelana, marfim ou ouro. Ele podia simplesmente ter aberto uma janela na frente da estante errada? Mas na prateleira superior estava o instrumento pesado, com anéis de cobre, ele fizera questão de observá-lo. E na prateleira do meio, onde Sir Charles tinha colocado o aletômetro, havia um espaço. Era a estante certa, e o aletômetro não estava lá.

Will recuou por um momento e respirou fundo.

Teria que atravessar totalmente e procurar em volta, abrir janelas ao acaso iria levar a noite toda. Ele fechou a janela na frente da estante, abriu outra para olhar para o resto do aposento e, depois de um estudo cuidadoso, fechou essa outra e abriu uma maior atrás do sofá, por onde poderia facilmente fugir às pressas se fosse necessário.

A essa altura sua mão latejava brutalmente, e do curativo frouxo pendia uma tira de pano. Ele a enrolou o melhor que conseguiu e enfiou aponta para dentro, depois atravessou para a casa de Sir Charles e agachou-se atrás do sofá de couro, a faca na mão direita, e ficou à escuta. Não ouvindo qualquer ruído, levantou-se devagar e olhou em volta. A porta para o vestíbulo estava entreaberta, e a luz que entrava permitia-lhe enxergar bem. As estantes envidraçadas, as prateleiras, os livros, os quadros, tudo estava como naquela manhã, intocado.

Pisando no tapete, ele esquadrinhou cada uma das estantes. O

aletômetro não estava ali. Nem estava na escrivaninha, no meio dos livros e papéis organizados em pilhas, nem sobre a lareira entre os cartões convidando para estréias e recepções, nem no assento acolchoado junto à janela, nem na mesa octogonal atrás da porta.

Ele voltou à escrivaninha, pretendendo experimentar as gavetas, já

com uma incômoda expectativa de fracasso e nesse momento escutou um ruído leve de pneus no cascalho, tão baixo que ele achou que tinha imaginado, mas mesmo assim ficou imóvel, esforçando-se para ouvir. O ruído cessou. Então ele ouviu a porta se abrir.

Voltou correndo para trás do sofá, onde agachou-se ao lado da janela que ele tinha aberto para o gramado enluarado em Cittàgazze. E mal tinha chegado ali quando ouviu passos naquele outro mundo, passos leves correndo pelo gramado, e olhou através

da janela para ver Lyra vindo apressada em sua direção. Só teve tempo de acenar e pedir silêncio com um dedo nos lábios, ela diminuiu a velocidade, percebendo que ele já sabia que Sir Charles tinha voltado.

- Não consegui - ele sussurrou quando ela se aproximou. - Não estava lá. Provavelmente está com ele. Vou escutar e ver se ele coloca de volta no lugar. Fique aqui.

- Não! É pior ainda! - ela exclamou, quase em pânico.

- Ela está com ele, a Sra. Coulter, a minha mãe, não sei como ela chegou aqui, mas se me encontrar eu estou morta, Will, estou perdida. E agora me lembrei quem é ele! Já sei onde foi que eu o vi antes! Will, o nome dele é

Lorde Boreal! Eu conheci ele no coquetel da Sra. Coulter, quando eu fugi! E ele devia saber quem eu era o tempo todo...

- Psiu. Não fique aqui, se vai fazer barulho.

Ela se controlou, engolindo em seco e sacudindo a cabeça.

- Desculpe. Quero ficar com você - cochichou. - Quero ouvir o que eles vão dizer.

- Agora fique quieta...

Ele escutava vozes no vestíbulo. Os dois estavam ao alcance de um toque de mão, ele no mundo dele, ela em Cittàgazze, e ao ver o curativo frouxo de Will, Lyra bateu de leve no braço dele e com gestos mandou que ele o atasse de novo. Ele estendeu o braço para que ela fizesse isso, agachado, com a cabeça de lado, escutando com atenção.

Uma luz se acendeu no escritório. Ele ouviu Sir Charles falando com o criado, dispensando-o, entrando no escritório, fechando a porta.

- Posso lhe oferecer uma taça de Tokay? - ele perguntou.

Uma voz feminina, baixa e doce, respondeu:

- Quanta gentileza, Carlo. Há muitos anos não provo Tokay.

- Sente-se ali perto da lareira.

Ouviu-se o gorgolejar do vinho sendo servido, depois o tilintar do frasco na borda da taça, um murmúrio de agradecimento, e então Sir Charles foi sentar-se no sofá, a centímetros de distância de Will.

- A sua saúde, Marisa - disse ele, bebendo um gole.

- Agora, diga-me o que deseja.

- Quero saber onde você conseguiu o aletômetro.

- Por quê?

- Porque ele estava com Lyra, e eu quero encontrá-la.

- Não imagino por que motivo. É uma pirralha repelente.

- Tenho que lhe lembrar que ela é minha filha.

- Então é ainda mais repelente, porque deve ter resistido de propósito à sua encantadora influência. Ninguém conseguiria fazer isso sem querer.

- Onde está ela?

- Vou lhe contar, prometo. Mas primeiro você tem que me contar uma coisa...

- Se eu puder... - disse ela, em tom diferente, que Will imaginou ser de advertência. - O que é que você quer saber?

A voz dela era embriagadora: calmante, doce, musical, e jovem, também. Ele tinha uma vontade enorme de saber como ela era,

porque Lyra nunca tinha falado dela, e o rosto que acompanhava aquela voz devia ser maravilhoso.

- O que é que Asriel está pretendendo?

Houve então um silêncio, como se a mulher estivesse calculando o que iria dizer. Will tornou a olhar para Lyra através da janela, e viu o rosto dela, iluminado pelo luar, olhos arregalados de medo, mordendo os lábios para ficar quieta e esforçando-se para ouvir, como ele.

Finalmente a Sra. Coulter disse:

- Muito bem, vou lhe contar. Lorde Asriel está reunindo um exército com o propósito de completar a guerra que houve no céu há muitas eras.

- Que coisa mais medieval. No entanto, parece que ele tem alguns poderes bem modernos. O que foi que ele fez com o pólo magnético?

- Ele descobriu um modo de explodir a barreira entre o nosso mundo e os outros. Isso provocou sérios distúrbios no campo magnético da Terra, e deve ter afetado este mundo aqui também... Mas como é que sabe disso?

Carlo, acho que você devia responder a algumas perguntas minhas. Que mundo é este? E como foi que me trouxe aqui?

- É um entre milhões. Existem aberturas entre eles, mas não são fáceis de achar. Conheço uma dúzia delas, mas os lugares para onde elas se abrem mudaram, deve ter sido por causa do que Asriel fez. Parece que agora podemos passar diretamente deste mundo para o nosso, e provavelmente para muitos outros também. Antes, havia um único mundo que servia como uma espécie de encruzilhada, e todas as portas se abriam para lá. De modo que você pode imaginar a minha surpresa quando a vi, quando

atravessei hoje, e o meu prazer em poder trazê-la diretamente para cá, sem correr o risco de passar por Cittàgazze.

- Cittàgazze? Que é isso?

- A encruzilhada. Um mundo em que tenho interesse, minha cara Marisa. Mas um mundo perigoso demais para visitarmos no momento.

- Perigoso por quê?

- Perigoso para os adultos. As crianças podem ir livremente.

- Como assim? Preciso saber disso, Carlo - disse a mulher, e Will sentia a sua apaixonada impaciência. – Isto está no centro de tudo, essa diferença entre crianças e adultos! É onde está guardado todo o mistério do Pó!

É por isso que preciso encontrar aquela criança. E as bruxas lhe deram um nome. Quase fiquei sabendo qual era, quase, de uma bruxa mesmo, mas ela morreu depressa demais. Preciso encontrar a menina. Ela tem a resposta, seja como for, e eu preciso dela...

- E terá. Este instrumento vai trazê-la até aqui, não se preocupe. Uma vez que ela tenha me dado o que eu quero, você pode ficar com ela. Mas me fale dessa sua curiosa escolta, Marisa. Nunca vi soldados como aqueles. Quem são?

- São homens, simplesmente. Mas... sofreram a intercisão. Não têm daemons, portanto não têm medo, nem imaginação, nem vontade própria, e lutarão até morrer.

- Não têm daemons... Ora, é muito interessante. Fico imaginando se eu não poderia sugerir uma pequena experiência, se você puder dispor de um deles. Gostaria de ver se os Espectros estão interessados neles. Se não estiverem, pode ser que possamos ir a Cittàgazze afinal...

- Os Espectros? Quem são eles?

- Mais tarde explico, minha cara. São o motivo por que os adultos não podem entrar naquele mundo. Pó, crianças, Espectros, daemons, intercisão... É, podia funcionar. Tome mais um pouco de vinho.

- Quero saber de tudo - ela declarou, enquanto o vinho era servido. Vou lhe cobrar isso. Agora diga-me: o que é que você está fazendo neste mundo? Era para cá que você vinha quando pensávamos que estava no Brasil ou nas Índias?

- Descobri o caminho para cá há muito tempo. Era um segredo bom demais para ser revelado, até mesmo para você, Marisa. Montei uma vida bastante confortável, aqui, como você pode ver. Como em casa eu pertencia ao Conselho de Estado, tive facilidade em avaliar onde estava o poder aqui. Na verdade tornei-me espião, embora nunca tenha contado aos meus chefes tudo que sabia. Durante anos os serviços de espionagem neste mundo se preocuparam com a União Soviética, que nós chamamos de Moscóvia. E, embora essa ameaça tenha diminuído, ainda existem postos de escuta e instrumentos apontados naquela direção, e ainda estou em contato com aqueles que chefiam os espiões.

Ele continuou, depois de uma pausa:

- E eu soube recentemente de um sério distúrbio no campo magnético da Terra. Todos os serviços de segurança estão alarmados. Todos os países que pesquisam física fundamental, o que nós chamamos de teologia experimental, estão colocando seus cientistas em missão urgente a fim de descobrir o que está acontecendo. Porque eles sabem que alguma coisa está

acontecendo. E suspeitam que tenha algo a ver com outros mundos. Aliás, eles já têm algumas pistas disso. Há uma pesquisa sobre o Pó em andamento. Ah, sim, eles aqui também sabem sobre isso. Aqui mesmo nesta cidade há uma equipe trabalhando nisso. E outra coisa: um homem desapareceu há 10 ou 12

anos, no norte, e os serviços de segurança acham que ele estava de posse de certa informação de que eles precisavam demais, ou seja, a localização de uma porta entre os mundos, como essa que você atravessou hoje. A porta que ele encontrou é a única que eles conhecem: você pode imaginar que não lhes contei o que sei. Quando começou esse novo distúrbio, eles saíram em busca desse homem.

Ele arrematou:

- Naturalmente, Marisa, estou curioso. E ansioso para aumentar os meus conhecimentos.

Will estava paralisado, o coração batendo com tanta força que ele temia que os adultos escutassem. Sir Charles estava falando do seu pai! Então era isso que aqueles homens eram, e o que estavam procurando!

Mas durante todo o tempo ele tinha consciência de mais alguma coisa no aposento além das vozes de Sir Charles e da mulher: havia uma sombra movendo-se pelo chão, ou pela parte do chão que o menino conseguia enxergar além da ponta do sofá e atrás das pernas da mesinha octogonal. Mas nem Sir Charles nem a mulher se moviam. A sombra movimentava-se em passos rápidos e curtos, e perturbava muito Will. A única luz na sala era a de um abajur ao lado da lareira, de modo que a sombra era nítida e definida, mas nunca se imobilizava pelo tempo suficiente para Will distinguir o que era. Então duas coisas aconteceram. Primeiro, Sir Charles mencionou o aletômetro.

- Por exemplo, estou muito curioso sobre este instrumento - ele declarou. - E se você me contar como ele funciona?

E ele colocou o aletômetro sobre a mesinha octogonal na ponta do sofá. Will conseguia vê-lo claramente; quase podia tocar nele. A segunda coisa que aconteceu foi que a sombra imobilizou-se. A criatura que a lançava devia estar empoleirada no encosto da

cadeira da Sra. Coulter, porque a luz que jorrava sobre ela lançava a sua sombra na parede. E

no momento em que ela se imobilizou, ele tomou consciência de que se tratava do daemon da mulher: um macaco, agachado, girando a cabeça de um lado para outro, procurando alguma coisa.

Will escutou Lyra inspirar com força atrás de si, quando ela também o viu. Ele se virou sem ruído e murmurou:

- Volte para a outra janela e atravesse para este jardim. Pegue umas pedras e jogue na janela do escritório para desviar a atenção deles por um instante e eu poder pegar o aletômetro. Depois corra de volta para a outra janela e espere por mim.

Ela assentiu, se virou e se afastou correndo sem ruído pela grama. Will voltou-se para o escritório. A mulher dizia:

- ...o Reitor da Universidade Jordan é um velho tolo. Não posso imaginar por que deu o aletômetro a ela, é preciso um estudo intensivo durante vários anos para entender o instrumento. E agora você me deve umas informações, Carlo. Como foi que encontrou o aletômetro? E onde está a minha filha?

- Vi quando ela o usava num museu da cidade. Reconheci a garota, é

claro, pois a conheci naquele seu coquetel há tanto tempo, de modo que imaginei que ela tenha encontrado uma porta. E então percebi que poderia usar isso para um propósito meu. Então, quando esbarrei com ela pela segunda vez, eu o roubei.

- Você é bem franco.

-Não há necessidade de melindres, somos ambos adultos.

- E onde está ela agora? O que foi que ela fez quando descobriu o roubo?

- Ela veio até aqui, o que deve ter exigido coragem, eu imagino.

- Coragem não lhe falta. E o que vai fazer com ela? Qual é esse seu propósito?

- Eu disse a ela que devolveria o aletômetro se ela me conseguisse uma coisa que eu não posso conseguir sozinho.

- E que coisa é essa?

- Não sei se você...

E foi nesse instante que a primeira pedra atingiu a janela do escritório. A vidraça estilhaçou-se num gratificante tilintar, e no mesmo instante o macaco saltou do encosto da cadeira, enquanto os adultos ficavam imóveis, boquiabertos. Veio outra pedra, e mais outra, e Will sentiu o sofá mexer-se quando Sir Charles se levantou.

Will inclinou-se para frente e pegou o aletômetro na mesinha, enfiou-o no bolso e saltou através da janela. Assim que se viu no gramado em Cittàgazze ele tateou no ar em busca das bordas invisíveis, acalmando a mente, respirando devagar, consciente, durante todo o tempo, de que a poucos passos dele havia um perigo terrível.

Então ouviu um guincho que não era humano nem animal, mas pior do que qualquer uma dessas coisas, e entendeu que vinha do horrível macaco. Já

tinha conseguido fechar quase toda a janela, mas ainda restava uma fenda na altura do seu peito - e então ele teve que saltar para trás, porque por essa fenda passou uma pequena pata de pêlos dourados e garras negras, e depois uma cara: um focinho de pesadelo. O macaco dourado tinha os dentes à

mostra, os olhos brilhantes de ódio, e uma malevolência tão intensa emanava dele que Will sentia-a quase como uma lança.

Mais um segundo e o macaco teria atravessado, e isso teria sido o fim, mas Will ainda segurava a faca, ergueu-a e golpeou duas vezes o focinho do macaco - ou o lugar onde o focinho estaria se o animal não tivesse recuado bem a tempo. Isso deu a Will o tempo necessário para ele agarrar as bordas da janela e apertá-las uma contra a outra, fechando-a.

Seu próprio mundo desapareceu, e ele estava sozinho no parque enluarado em Cittàgazze, ofegando, tremendo – e muito assustado. Mas agora tinha que ajudar Lyra. Correu de volta à primeira janela que ele tinha aberto e que dava para o bosque de arbustos, e espiou para o outro lado. As folhas escuras dos loureiros e dos azevinhos atrapalhavam a visão, mas ele enfiou a mão e afastou a folhagem para poder enxergar a lateral da casa, com a vidraça quebrada da janela do escritório destacando-se claramente ao luar.

Enquanto olhava, ele viu o macaco surgir aos saltos do canto da casa, disparando pelo gramado com a velocidade de um gato e então viu Sir Charles e a mulher seguindo-o de perto. Sir Charles segurava uma pistola. A mulher era bela - Will ficou chocado com a beleza dela -, linda, ao luar, o vulto esguio, leve e gracioso, mas quando ela estalou os dedos, o macaco estacou imediatamente e saltou para os braços dela, e o menino viu que aquela mulher de rosto doce e aquele macaco maligno eram um só ser.

Mas onde estava Lyra?

Os adultos procuravam em volta, e então a mulher colocou o macaco no chão e o animal começou a mover-se pela grama como se estivesse farejando ou procurando pegadas. O silêncio reinava em toda parte. Se Lyra já

estava nos arbustos, não poderia movimentar-se sem fazer algum ruído que a denunciaria no mesmo instante.

Sir Charles fez algo na pistola que provocou um estalido baixo: a trava de segurança. Ele perscrutou os arbustos, parecendo olhar diretamente para Will, e então seus olhos seguiram adiante.

Então ambos os adultos olharam para a esquerda, pois o macaco ouvira alguma coisa. E num segundo ele tinha saltado para onde Lyra devia estar, e no instante seguinte iria encontrá-la... E nesse momento a gata saltou dos arbustos para a grama, sibilando. Ouvindo isso, o macaco girou em pleno ar, como se tivesse levado um susto, embora não estivesse tão assustado quanto o próprio Will. O macaco caiu sobre as quatro patas, de frente para a gata, e esta arqueou o dorso, a cauda erguida, e postou-se de lado, sibilando, rosnando, desafiando.

O macaco saltou sobre ela. A gata ficou de pé nas patas traseiras, golpeando com as garras afiadas, movendo-se depressa demais para a vista, e nesse instante Lyra surgiu junto a Will rolando através da janela, com Pantalaimon ao seu lado. A gata berrou, e o macaco também berrou quando as garras da gata rasgaram-lhe o focinho e então o macaco virou-se e saltou para os braços da Sra. Coulter, e a gata, mergulhando nos arbustos do seu próprio mundo, desapareceu.

Will e Lyra tinham conseguido atravessar, e Will mais uma vez tateou em busca das bordas quase intangíveis no ar e apertou-as com rapidez, fechando o orifício em toda a sua extensão, enquanto ouvia, através do orifício cada vez menor o som de pés esmagando gravetos e mãos afastando galhos. Sobrou apenas um furo do tamanho do punho de Will, que foi logo fechado, e o mundo inteiro ficou silencioso. Ele caiu de joelhos na grama orvalhada e tateou à procura do aletômetro.

- Pegue - disse a Lyra.

Ela pegou o instrumento. Com as mãos trêmulas ele deslizou a faca de volta na bainha. Depois se deitou, o corpo todo estremecendo, e fechou os olhos, sentindo o luar banhá-lo de prata, e sentindo Lyra desfazer o curativo e tornar a prendê-lo com movimentos delicados. E ouviu-a dizer:

- Ah, Will, obrigada pelo que você fez, por tudo...

- Espero que a gata esteja bem - ele resmungou. - Parece a minha Moxie. Provavelmente foi para casa. Lá no mundo dela. Agora ela vai ficar bem.

- Sabe o que eu pensei? Por um segundo pensei que ela era o seu daemon. De qualquer maneira, ela fez o que um bom daemon teria feito. Nós salvamos ela e ela nos salvou. Vamos, Will, não fique deitado na grama, está

tudo molhado. Você tem que ir se deitar numa cama, senão vai ficar resfriado. Vamos entrar naquela casa grande ali. Deve haver camas, comida, coisas. Vamos, eu vou fazer um curativo novo, vou preparar café, vou fazer um pouco de omelete, o que você quiser, e vamos dormir... Estaremos seguros, agora que temos o aletômetro de volta, você vai ver. Não vou fazer outra coisa a não ser ajudar você a encontrar o seu pai, eu prometo...

Ela o ajudou a se levantar e os dois caminharam devagar através do jardim em direção à casa branca que resplandecia ao luar. **10 - O XAMÃ**

Lee Scoresby desembarcou no porto na foz do rio Yenisei e encontrou o lugar num caos, com pescadores tentando vender seu parco produto da pesca - peixes até então desconhecidos – para as fabricas de peixe enlatado, donos de navio furiosos com as taxas portuárias que as autoridades tinham aumentado para enfrentar as enchentes, caçadores e peleiros chegando à

cidade em grande número, impossibilitados de trabalhar por causa do degelo precoce na floresta e do comportamento inusitado e imprevisível dos animais. Ia ser difícil viajar para o interior pela estrada, isso era certo, em épocas normais a estrada era simplesmente uma trilha de terra congelada, e agora que até mesmo essa camada estava se derretendo, o leito da estrada era um pântano de lama e água.

Portanto Lee colocou o balão e o equipamento num depósito e com o seu suprimento de ouro - cada vez mais minguado - ele alugou um

barco com motor a gás, comprou vários tanques de combustível e alguns suprimentos, e partiu corrente acima pelo rio cheio.

A princípio seu progresso foi lento. Não apenas a corrente era forte, mas as águas carregavam todo tipo de detritos: troncos, galhos, animais afogados, e até mesmo o corpo inchado de um homem. Ele tinha que pilotar com cautela e manter o pequeno motor funcionando com força total, para conseguir avançar.

Seu destino era a aldeia da tribo de Grumman. Como orientação, ele tinha apenas a sua lembrança de ter sobrevoado a região alguns anos antes, mas essa lembrança era forte, e ele teve pouca dificuldade em encontrar o rumo correto em meio aos cursos d'água, mesmo com parte das margens submersas sob a água turva da enchente. A temperatura tinha perturbado os insetos, e uma nuvem de mosquitos deixava todos os contornos esmaecidos. Lee esfregou ungüento de estramônio no rosto e nas mãos e fumou uma sucessão de charutos de cheiro forte, para minorar um pouco o problema. Quanto a Hester, ela ficou sentada na proa, taciturna, as orelhas compridas deitadas sobre o dorso magro e os olhos apertados. Ele estava acostumado ao silêncio dela e ela ao dele, falavam-se quando havia necessidade.

Na manhã do terceiro dia, Lee dirigiu a pequena embarcação contra a corrente de um regato que se juntava ao rio, vindo de uma sucessão de montes baixos que deveriam estar bem cobertos pela neve, mas agora estavam manchados de marrom. Logo o regato passou acorrer entre pinheiros e abetos baixos, e depois de alguns quilômetros chegaram a um rochedo grande e arredondado, com a altura de uma casa, onde Lee atracou e amarrou o barco.

- Havia um atracadouro aqui - contou a Hester. - Lembra-se do que aquele velho caçador de focas em Nova Zembla nos Contou? Deve estar dois metros debaixo d'água.

- Então, espero que tenham tido o bom senso de construir a aldeia no alto - ela respondeu, saltando para a margem.

Não mais de meia hora depois ele colocou sua bagagem no chão diante da casa de madeira do chefe da aldeia e se voltou para cumprimentar a pequena multidão que se juntara. Usou o gesto universal em direção ao norte para significar amizade, e pousou o rifle no chão aos seus pés. Um velho tártaro siberiano, os olhos quase perdidos em meio às rugas que o rodeavam, colocou sua tigela no chão ao lado do rifle. Seu daemoncarcaju sacudiu o focinho para Hester, que moveu uma orelha em resposta, e então o chefe falou.

Lee respondeu, e os dois passaram por meia dúzia de linguagens antes de encontrarem uma em que pudessem conversar.

- Meus respeitos a você e à sua tribo - disse Lee. - Tenho um pouco de erva de fumar, que não vale muito, mas eu me sentiria honrado em lhe dar de presente.

O chefe assentiu, satisfeito, e uma das suas mulheres recebeu a trouxa que Lee retirou da bagagem.

- Estou procurando um homem chamado Grumman - Lee prosseguiu. Ouvi dizer que ele é um de vocês por adoção. Pode ser que ele tenha adotado outro nome, mas é europeu.

- Ah, estávamos esperando por você - disse o chefe.

O resto dos habitantes, reunidos sob a luz fraca do sol no solo enlameado no meio das casas, não conseguia entender as palavras, mas via a satisfação do chefe - satisfação e alívio, foi o que Lee sentiu Hester pensar. O chefe assentiu várias vezes.

- Estávamos esperando por você - repetiu. – Você veio para levar o Dr. Grumman para o outro mundo.

Lee franziu a testa, mas disse apenas:

- Como quiser, senhor. Ele está aqui?

- Siga-me - disse o chefe.

Os outros afastaram-se respeitosamente. Compreendendo o desprazer de Hester em ter que atravessar a lama imunda, Lee colocou a mochila nas costas e pegou-a nos braços, seguindo o chefe ao longo de uma trilha na floresta até uma cabana situada a 10 longas flechadas da aldeia, numa clareira entre os lariços.

O chefe parou do lado de fora da cabana de estrutura de madeira e cobertura de couro. O local era decorado com presas de javali e chifres de alces e veados, que não eram apenas troféus de caça, pois deles pendiam flores secas e ramos de pinheiro cuidadosamente dispostos, como se para algum ritual.

- Tem que falar com ele com respeito - disse o chefe em voz baixa. Ele é um xamã. E tem o coração doente. De repente Lee sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo, e Hester retesou-se em seus braços, pois os dois se deram conta de que vinham sendo observados todo o tempo: por entre as flores secas e os ramos de pinheiro, um olho amarelo e brilhante os vigiava. Era um daemon, e Lee viu-o virar a cabeça, tirar delicadamente um ramo de pinheiro com seu bico poderoso e passá-lo pelo ar como se puxasse uma cortina.

O chefe chamou em sua própria língua, usando o nome que o velho caçador de focas mencionara a Lee: Jopari. No momento seguinte a porta se abriu.

Parado à soleira estava um homem magro, de olhos brilhantes, vestindo couro e peles. Os cabelos negros eram manchados de cinzento, a mandíbula forte ressaltava, e seu daemon, uma águia-pesqueira empoleirada em seu punho, olhava com raiva para os visitantes.

O chefe curvou-se três vezes e retrocedeu, deixando Lee sozinho com o xamã-acadêmico que ele tinha vindo procurar.

- Dr. Grumman, meu nome é Lee Scoresby. Venho do país do Texas, e sou aeronauta de profissão. Se me deixar sentar e falar um

pouco, vou lhe contar o que me trouxe aqui. É isso mesmo, não é? O senhor é mesmo o Dr. Stanislaus Grumman da Academia de Berlim?

- Sou - disse o xamã. - E você diz que vem do Texas. Os ventos o empurraram para bem longe da sua terra natal, Sr. Scoresby.

- Bem, agora existem ventos estranhos soprando pelo mundo, senhor.

- Realmente. O sol está morno, eu acho. Vai encontrar um banco dentro da minha cabana, se me ajudar a trazê-lo para fora, podemos nos sentar sob essa luz tão agradável e conversar ao ar livre. Tenho um pouco de café, se lhe agrada.

- É muita gentileza, senhor - disse Lee.

Ele carregou o banco de madeira enquanto Grumman ia ao fogão e servia o café quente em duas canecas de lata. Aos ouvidos de Lee seu sotaque não era alemão, mas inglês, da Inglaterra Diretor do Observatório estava com a razão, afinal.

Depois que estavam sentados, Hester impassível, de olhos apertados, ao lado de Lee e a grande daemon-águia-pesqueira olhando malevolamente para o sol, Lee pôs-se a falar. Começou com seu encontro em Trollesund com John Faa, chefe dos gípcios, e relatou como tinham recrutado Iorek Byrnison o urso, e viajado para Bolvangar, e resgatado Lyra e as outras crianças, depois contou o que tinha ficado sabendo por Lyra e Serafina Pekkala, no balão, enquanto voavam para Svalbard.

- Sabe, Dr. Grumman, pelo jeito que a menina descreveu, parece que Lorde Asriel simplesmente brandiu diante dos Catedráticos aquela cabeça decepada embalada em gelo, assustando-os tanto que eles não quiseram examinar de perto. Foi o que me fez suspeitar que o senhor poderia estar vivo. E é óbvio que o senhor tem um conhecimento especializado dessa história. Tenho ouvido falar no senhor em todo o litoral do Ártico: da perfuração em sua

cabeça, da sua pesquisa, que varia entre escavar o leito do oceano e observar as luzes do norte, e o jeito como o senhor apareceu de repente, saindo do nada, há uns 10 ou 12 anos, e tudo isso é muito interessante. Mas algo mais que a simples curiosidade me atraiu até aqui, Dr. Grumman. Estou preocupado com a menina. Acho que ela é importante, e as bruxas também acham. Se existe alguma coisa que o senhor saiba sobre ela e sobre o que está

acontecendo, eu gostaria que me contasse. Como eu disse, alguma coisa me deu a certeza de que o senhor pode fazer isso, e é por isso que estou aqui. Ele fez uma pausa antes de prosseguir:

- Mas, se não estou enganado, senhor, ouvi o chefe da aldeia dizer que eu tinha vindo para levar o senhor para outro mundo. Entendi errado, ou foi isso mesmo que ele disse? E mais uma pergunta, senhor: que nome foi aquele que ele usou? É algum tipo de nome tribal, algum título de magia?

Grumman sorriu brevemente e respondeu:

- O nome que ele usou é o meu nome verdadeiro, John Parry .Sim, você veio até aqui para me levar para outro mundo. E quanto ao que o trouxe aqui, acho que vai concluir que foi isto.

Ele abriu a mão. Na palma havia uma coisa que Lee viu, mas não entendeu. Ele viu um anel de prata e turquesa, um desenho navajo, que ele reconheceu como o anel de sua própria mãe: conhecia o seu peso, a superfície lisa da pedra e o modo como o ourives tinha dobrado mais o metal no canto onde a pedra estava lascada - Lee sabia que os contornos daquele canto lascado tinham se desgastado com o uso, porque muitas e muitas vezes ele tinha passado os dedos ali, muitos anos antes, em sua infância nos campos de salva do seu país natal.

Quando deu por si, estava de pé. Hester tremia, ereta, orelhas em pé. Sem que Lee percebesse, a águia-pesqueira tinha se movido entre ele e Grumman, defendendo o seu humano, mas Lee não ia

atacar. Ele se sentia atarantado, sentia-se criança outra vez, e tinha a voz tensa e trêmula quando perguntou:

- Onde conseguiu isso?

- Pegue - disse Grumman, ou Parry .-Ele já cumpriu sua missão. Trouxe você. Agora não preciso mais dele.

- Mas como... - fez Lee, pegando na palma da mão de Grumman aquele objeto querido. - Não compreendo como foi que o senhor... Será que... Como conseguiu isso? Eu não via esse anel há mais de 40 anos.

- Sou um xamã. Posso fazer muitas coisas que você não entende. Sente-se, Sr. Scoresby. Fique calmo. Vou lhe contar tudo que precisa saber. Lee tornou a sentar-se, segurando o anel, passando os dedos sobre ele vezes sem conta.

- Bem, estou perturbado, senhor. Acho que preciso ouvir o que o senhor puder me contar.

- Muito bem, vou começar. Meu nome, como já lhe disse, é John Parry, e eu não nasci neste mundo. Lorde Asriel não é o primeiro a viajar entre os mundos, embora seja o primeiro a abrir caminho de maneira tão espetacular. Em meu próprio mundo, fui soldado e depois explorador. Há 12 anos eu estava acompanhando uma expedição a um lugar no meu mundo que corresponde ao seu estreito de Bering, meus companheiros tinham outros projetos, mas eu estava procurando uma coisa que tinha ouvido nas velhas lendas: um rasgão no tecido do mundo, um buraco que tinha aparecido entre o nosso universo e outro. Bem, alguns dos meus companheiros se perderam. Procurando por eles, eu e dois outros atravessamos esse buraco, essa porta, sem percebermos, e deixamos o nosso mundo para trás. A princípio não compreendemos o que tinha acontecido. Caminhamos até encontrarmos uma cidade, e aí não tivemos mais dúvidas: estávamos em outro mundo.

O xamã prosseguiu:

- Bem, por mais que tentássemos, não conseguimos encontrar novamente aquela porta. Tínhamos atravessado durante uma nevasca, e você, que é um veterano do Ártico, sabe o que isso significa. De modo que não tivemos opção senão continuarmos naquele mundo novo. E logo descobrimos que era um lugar perigoso. Parece que havia um estranho avantesma ou uma aparição assombrando o lugar, alguma coisa implacável e mortal. Meus dois companheiros morreram logo depois, vítimas dos Espectros, como aquelas coisas são chamadas. O resultado foi que achei o mundo deles um lugar abominável, e não via a hora de sair de lá. O caminho de volta ao meu próprio mundo estava barrado para sempre, mas havia outras portas para outros mundos, e logo encontrei o caminho para este aqui.

Ele continuou:

- E aqui estou. E assim que cheguei descobri uma coisa que me maravilhou, Lee Scoresby, pois os mundos são muito diferentes uns dos outros, e neste mundo vi meu daemon pela primeira vez. É, eu não sabia da existência de Sayan Kötör até entrar no seu mundo. As pessoas daqui não conseguem conceber um mundo onde os daemons são uma voz silenciosa na mente, nada mais. Pode imaginar o meu pasmo ao descobrir que parte da minha própria natureza era feminina, tinha a forma de pássaro e era linda?

Assim, com Sayan Kötör ao meu lado, vaguei pelas terras do Norte e aprendi muita coisa com os povos do Ártico, como os meus bons amigos nesta aldeia. O que eles me contaram sobre este mundo preencheu algumas lacunas nas informações que eu obtive no meu, e comecei a ver a resposta de muitos mistérios. Fui para Berlim com o nome de Grumman. Não contei a ninguém as minhas origens, era o meu segredo. Apresentei uma tese à Academia e defendi-a num debate, que é o método deles. Eu era melhor informado do que os acadêmicos, e não tive dificuldade em me tornar um deles. O cientista prosseguiu:

- Com as minhas novas credenciais eu poderia começar a trabalhar neste mundo onde encontrei, de maneira geral muito contentamento. Senti falta de algumas coisas do meu próprio mundo, é claro. É casado, Sr. Scoresby?

Não? Bem, eu era e amava muito a minha esposa, como amava o meu filho, meu único filho, um menino que ainda não tinha um ano quando saí do meu mundo. Senti uma saudade terrível deles. Mas mesmo que procurasse durante mil anos nunca encontraria o caminho de volta. Estávamos separados para sempre. Além disso, o meu trabalho me absorvia, e procurei outras formas de conhecimento: fui iniciado no culto do crânio, tornei-me um xamã. E tenho feito algumas descobertas úteis: descobri um modo de fazer um ungüento com musgo-de-sangue, por exemplo, que conserva todas as virtudes da planta viva. Então o xamã contou:

- Conheço muita coisa deste mundo, Sr. Scoresby. Sei, por exemplo, da existência do Pó. Vejo pela sua expressão que já ouviu essa palavra. É uma coisa que está matando de medo os seus teólogos, mas são eles que me amedrontam. Sei o que Lorde Asriel está fazendo, e sei por quê, e foi por isso que chamei você aqui. Quero ajudar Lorde Asriel, entende, porque a missão que ele tomou para si é a maior na História humana. A maior em 35 mil anos de História humana, Sr. Scoresby. Eu mesmo não posso fazer grande coisa. Meu coração está doente de um mal que ninguém neste mundo conseguirá

curar. Ainda tenho, talvez, energia suficiente para um grande esforço. Mas sei uma coisa que Lorde Asriel não sabe e precisa saber para que seus esforços tenham sucesso. Fiquei intrigado com aquele mundo mal-assombrado onde os Espectros se alimentavam da consciência humana, tinha vontade de saber o que eram, como tinham surgido. Sendo um xamã, consigo descobrir coisas através do espírito quando não posso ir com o corpo, e passei muito tempo em transe explorando aquele mundo. Descobri que os filósofos de lá, há muitos séculos, criaram uma ferramenta para a sua própria destruição: uma ferramenta que eles chamaram de faca sutil. Ela

possuía muitos poderes, mais do que eles imaginavam quando a fabricaram, muito mais do que eles sabem, mesmo hoje em dia. E ao usá-la, eles deixaram os Espectros entrar no mundo deles.

E continuou:

- Bem, sei a respeito da faca sutil e o que ela pode fazer. E sei onde ela está, sei como reconhecer o indivíduo que deve usá-la e sei o que ele tem que fazer para ajudar Lorde Asriel. Espero que ele seja capaz de cumprir a tarefa. Portanto, chamei o senhor até aqui para me levar pelo ar para o Norte, para dentro do mundo que Asriel abriu, onde espero encontrar o portador da faca sutil. É um mundo perigoso, não se engane. Aqueles espectros são piores do que qualquer coisa no seu mundo ou no meu. Teremos que ter cuidado e coragem. Não vou voltar de lá, e o senhor terá que usar toda a sua coragem, toda a sua esperteza, toda a sua sorte, se quiser ver o seu mundo de novo. É

esta a sua missão, Sr. Scoresby. Por isso o senhor me procurou. Com essas palavras o xamã silenciou. Tinha o rosto pálido, com um leve brilho de transpiração.

- É a coisa mais maluca que já ouvi na minha vida - foi o comentário de Lee.

Em sua agitação, ele se pôs de pé e ficou a caminhar de um lado para outro, enquanto Hester, impassível, observava. Grumman tinha os olhos semicerrados e seu daemon, no colo, observava Lee com olhar desconfiado.

- Quer dinheiro? - Grumman perguntou, depois de alguns instantes. Posso lhe arranjar ouro. Não é difícil.

- Droga, não vim até aqui por dinheiro - Lee exclamou. - Vim porque... Vim ver se o senhor estava vivo como eu pensava. Bem, a minha curiosidade quanto a isso já foi satisfeita.

- Que bom.

- E há outra coisa - Lee acrescentou.

Ele relatou a Grumman sobre o Conselho de bruxas no Lago Enara e a resolução a que elas tinham chegado. E terminou:

- Sabe, aquela garotinha, Lyra... Bem, foi por causa dela que resolvi ajudar as bruxas. O senhor diz que me trouxe até aqui com o anel navajo, pode ser que seja, pode ser que não. O que eu sei é que vim aqui porque achei que estaria ajudando Lyra. Nunca vi uma criança como aquela. Se eu tivesse uma filha, queria que ela fosse metade tão forte, corajosa e boa quanto ela é. Ora, eu tinha ouvido falar que o senhor conhecia um objeto, eu não sabia o que podia ser, que dá proteção a qualquer pessoa que o carregue. E pelo que o senhor diz, acho que deve ser essa tal de faca sutil. De modo que este é o meu preço para levar o senhor até o outro mundo, Dr. Grumman: nada de ouro, mas a faca sutil, e não a quero para mim, mas para Lyra. O senhor terá que jurar que vai conseguir que ela fique sob a proteção desse objeto, e então eu o levo aonde o senhor quiser ir.

O xamã escutou atentamente, e disse:

- Muito bem, Sr. Scoresby, eu juro. Acredita no meu juramento?

- Vai jurar pelo quê?

- Pelo que o senhor quiser.

Lee pensou um pouco e disse:

- Jure por aquilo que fez o senhor recusar o amor da bruxa. Acho que deve ser a coisa mais importante que o senhor conhece.

Grumman arregalou os olhos e disse:

- Tem toda razão, Sr. Scoresby. Jurarei com prazer. Dou-lhe a minha palavra de que vou fazer com que essa menina Lyra Belacqua fique sob a proteção da faca sutil. Mas vou lhe dar um aviso: o portador

dessa faca tem sua própria missão a cumprir, e pode ser que essa missão coloque a menina num perigo ainda pior .

Lee assentiu com a fisionomia séria.

- Pode ser - concordou. - Mas, quero que ela tenha uma chance de segurança, por menor que seja.

- Eu lhe dou a minha palavra. E agora preciso ir para o novo mundo, e o senhor precisa me levar.

- E o vento? O senhor não está doente demais para observar as condições meteorológicas, está?

- Deixe que eu cuido do vento.

Lee assentiu. Tornou a sentar-se e ficou passando a mão pelo anel de turquesa enquanto Grumman colocava dentro de uma bolsa de pele de cervo as poucas coisas de que necessitaria, e então os dois voltaram para a aldeia pela trilha na floresta.

O chefe falou durante algum tempo. Cada vez mais pessoas vinham tocar na mão de Grumman, murmurar algumas palavras e receber em troca algo que parecia uma bênção.

Enquanto isso, Lee examinava as condições do tempo. O céu estava claro para o sul, e uma brisa fresca sacudia de leve os ramos e o topo dos pinheiros. Para o norte, a neblina ainda pairava sobre o rio cheio, mas pela primeira vez em muitos dias parecia haver uma promessa de tempo claro. Junto ao rochedo onde antes ficava o ancoradouro, ele colocou a bolsa de Grumman dentro do bote e abasteceu o pequeno motor, que pegou de imediato. Partiram, com o xamã sentado na proa, o bote desceu velozmente a correnteza, passando sob as árvores e entrando no rio principal com tanta rapidez que Lee temeu por Hester, agachada junto à amurada. Mas ela era uma viajante experiente, ele deveria saber disso, por que estava tão nervoso?

Quando chegaram ao porto na foz do rio, constataram que todos os hotéis, pensões e até quartos em casas particulares tinham sido requisitados para os soldados. E não eram quaisquer soldados: eram as tropas da Guarda Imperial de Moscóvia, o exército mais feroz, mais treinado e melhor equipado do mundo, dedicado sob juramento a defender os poderes do *Magisterium*. Lee tinha pretendido descansar uma noite antes de partirem, pois Grumman parecia estar precisando, mas não havia chance de encontrarem um quarto.

- O que é que está acontecendo? - ele perguntou ao barqueiro, quando devolveu o barco alugado.

- Não sabemos. O regimento chegou ontem e requisitou todos os leitos, toda a comida e todos os barcos da cidade. Este bote seria deles, se não estivesse com o senhor .

- Sabe para onde estão indo?

- Para o Norte - disse o barqueiro. - Vai haver uma guerra, a maior guerra que já houve.

- Para o Norte, para esse novo mundo?

- Isso mesmo. E vão chegar mais tropas, esta é só a tropa de vanguarda. Daqui a uma semana não vamos ter um só pedaço de pão ou um galão de combustível. O senhor me fez um grande favor alugando este barco. O preço já dobrou...

Agora não havia sentido em descansar, mesmo se conseguissem encontrar um lugar. Cheio de ansiedade por seu balão, Lee, acompanhado por Grumman, foi direto ao depósito onde o tinha deixado. Grumman conseguia acompanhar seu passo, parecia doente, mas era durão.

O guardador do depósito, ocupado contando algumas peças de motor para um sargento da Guarda, ergueu os olhos rapidamente de sua prancheta.

- Balão? Infelizmente foi requisitado ontem - disse.

- Está vendo como as coisas estão, não tive escolha.

Hester mexeu as orelhas e Lee entendeu o que ela queria dizer.

- Já entregou o balão? - perguntou.

- Virão buscá-lo esta tarde.

- Nada disso - disse Lee. - Tenho uma autoridade que ultrapassa a da Guarda.

E mostrou ao guardador do depósito o anel que ele tinha tirado do dedo do escraelingue morto em Nova Zembla. O sargento, que estava ao seu lado junto ao balcão, parou o que estava fazendo e fez uma continência ao ver o símbolo da Igreja, mas, apesar de toda a sua disciplina, não conseguiu conter uma breve expressão de espanto.

- Portanto vamos levar o balão agora mesmo, pode colocar alguns homens para trabalhar: quero o balão cheio e abastecido. Isso inclui comida, água e lastro. Eu disse agora mesmo.

O guardador do depósito olhou para o sargento, que deu de ombros, e então saiu apressado para ver o balão. Lee e Grumman foram para o atracadouro onde ficavam os tanques de combustível, para supervisionar o abastecimento e conversar em voz baixa.

- Onde conseguiu esse anel? - Grumman quis saber.

- Tirei do dedo de um morto. É meio arriscado usar isso, mas não vi outra maneira de ter meu balão de volta. Acha que aquele sargento suspeitou de alguma coisa?

- Claro que suspeitou. Mas é um homem disciplinado. Não vai questionar a Igreja. Se ele mencionar o que viu, nós estaremos longe quando resolverem fazer alguma coisa. Bem, eu lhe prometi um vento, Sr. Scoresby; espero que goste.

O céu estava azul e o sol brilhava. Para o norte, a neblina ainda parecia uma cordilheira de montanhas acima do mar, mas a brisa a empurrava cada vez mais para trás, e Lee ficou impaciente para levantar vôo. Enquanto o balão enchia-se de ar, inchando e começando a aparecer por trás do telhado do depósito, Lee examinava a cesta e guardava o equipamento com especial cuidado, quem poderia prever as turbulências que encontrariam no outro mundo? Também os instrumentos foram fixados à

estrutura com a máxima atenção - até mesmo a bússola, cujo ponteiro girava em volta do mostrador. Para terminar, Lee amarrou vários sacos de areia como lastro em volta da cesta.

Quando o balão já estava cheio, pendendo para o norte e forçando as cordas que o ancoravam por causa do vento que aumentava, Lee pagou o guardador do depósito com o resto de seu ouro e ajudou Grumman a entrar na cesta. Então virou-se para os homens que seguravam as cordas para ordenar que as soltassem.

Antes, porém, que pudesse dar a ordem, houve uma interrupção. Do beco ao lado do depósito veio o ruído de botas pisando com força, movendo-se depressa, e um brado de comando:

- Alto!

Os homens das cordas ficaram indecisos, alguns olhando para o beco, outros para Lee, que gritou com veemência:

- Soltem as cordas!

Dois deles obedeceram e o balão tentou subir, mas os outros dois prestavam atenção nos soldados, que estavam rodeando a esquina do depósito. Os dois homens seguravam as cordas ainda em volta dos ganchos, e o balão estava inclinado para um lado. Lee agarrou-se à borda da cesta, Grumman já estava agarrado a ela, e também seu daemon tinha as garras em volta dela.

Lee gritou:

- Soltem as cordas, seus idiotas! O balão já está no ar!

O gás que enchia o balão tinha muita força, e os homens, por mais que resistissem, não conseguiam segurá-lo. Um deles soltou a corda, que se desenrolou do gancho de amarração, mas o outro, ao sentir a corda começando a fugir, agarrou-se instintivamente a ela, em vez de soltá-la. Lee, que já tinha visto isso acontecer uma vez, ficou horrorizado. O daemon do pobre homem, uma pesada cadela husky, uivava de medo e dor, lá no solo, enquanto o balão disparava para o céu. Depois de cinco intermináveis segundos, estava tudo acabado: o homem perdeu as forças e caiu, semimorto, batendo com força na água.

Mas os soldados já tinham os rifles apontados para cima. Uma rajada de balas assobiou perto da cesta, uma delas tirando uma fagulha de um anel de metal e fazendo as mãos de Lee arderem com o impacto, mas nenhuma causou algum estrago.

Quando dispararam a segunda rajada, o balão estava quase fora de alcance, erguendo-se no azul e disparando na direção do mar. Lee sentia o coração erguer-se também. Certa vez dissera a Serafina Pekkala que não fazia questão de voar e que aquilo era apenas um trabalho, mas não tinha dito a verdade. Voar pelo céu, com um bom vento a carregá-lo e um mundo novo a aguardá-lo - alguma coisa poderia ser melhor na vida?

Soltou a borda da cesta e viu que Hester estava agachada, de olhos semicerrados, no seu canto costumeiro. Lá de baixo e de muito longe, outra rajada de balas foi disparada inutilmente. A cidade distanciava-se rapidamente, e abaixo deles a amplidão da foz do rio cintilava ao sol.

- Bem, Dr. Grumman, não sei quanto ao senhor, mas eu me sinto melhor no ar - Lee comentou. - Mas queria que aquele coitado tivesse soltado a corda. É tão fácil, e se a gente não soltar, não tem escapatória.

- Obrigado, Sr. Scoresby, fez um bom trabalho. Agora vamos nos acomodar para o vôo. Eu ficaria muito grato se me passasse essas peles, o ar ainda está frio.

11 - O BELVEDERE

Na grande mansão branca no centro do belo jardim, Will dormiu um sono inquieto, perseguido por sonhos cheios de ansiedade e ternura em igual medida, de modo que ele lutava para despertar mas ansiava por tornar a dormir. Quando seus olhos abriram-se de vez, ele se sentia tão cansado, que mal podia se mover, ao se sentar, descobriu que o curativo estava frouxo e a cama estava escarlate.

Conseguiu sair da cama e atravessar os aposentos cheios de poeira, luz do sol e silêncio, até chegar à cozinha. Ele e Lyra tinham dormido nos quartos dos criados, sob o sótão (pois não se sentiriam bem nas imponentes camas de dossel nos quartos dos outros andares), e era um percurso longo e difícil.

- Will... - fez ela imediatamente, a voz cheia de preocupação. Ela deixou o fogão para ajudá-lo a sentar-se. Ele se sentia tonto. Imaginava ter perdido muito sangue, aliás, nem precisava imaginar, pois as evidências estavam por toda parte. E os ferimentos ainda sangravam.

- Eu ia justamente fazer café - ela disse. - Quer café primeiro, ou quer que eu faça outro curativo? Como você preferir. E temos ovos, mas não consigo encontrar uma lata de salsichas.

- Este não é o tipo de casa onde se come isso. Primeiro o curativo. Tem água quente na torneira? Quero me lavar. Odeio ficar cheio de sangue... Ela abriu a torneira de água quente e ele se despiu, ficando só de cuecas. Estava fraco e tonto demais para se sentir envergonhado, mas Lyra envergonhou-se por ele, e saiu. Ele se lavou o melhor que conseguiu e depois se enxugou nos panos de prato pendurados perto do fogão.

Quando Lyra voltou, tinha arranjado roupas para ele - uma camiseta, calças de lona e um cinto. Ele se vestiu e ela rasgou um pano de prato em tiras, com as quais fez um curativo apertado. Estava muito preocupada com a mão dele: não apenas os ferimentos ainda sangravam em abundância, como também o resto da mão estava vermelho e inchado. Mas ele nada comentou, nem ela.

Então ela fez café e torrou um pouco de pão velho, os dois levaram a comida para o salão que ficava na parte fronteira da casa, com vista para a cidade. Depois de comer e beber, ele se sentiu um pouco melhor.

- É melhor perguntar ao aletômetro o que devemos fazer agora - ele sugeriu. - Já fez alguma pergunta?

- Não. De agora em diante só vou fazer o que você pedir. Pensei em perguntar ontem à noite, mas não fiz. E não vou fazer, a não ser que você me peça.

- Bom, então é melhor perguntar logo. Existe tanto perigo aqui quanto no meu mundo, agora. Para começar, existe o irmão da Angélica. E se... Ele silenciou, pois ela ia começar a dizer alguma coisa, mas parou assim que ele o fez. Então ela se controlou e falou:

- Will, tem uma coisa que aconteceu ontem que eu não contei a você. Devia ter contado, mas estava acontecendo tanta coisa... Desculpe... Ela então narrou tudo que tinha visto pela janela da Torre enquanto Giacomo Paradisi estava fazendo o curativo nele: Tullio sendo atacado pelos Espectros, Angélica avistando-a na janela e seu olhar de ódio, e mais a ameaça de Paolo. E continuou:

- Você se lembra quando ela falou com a gente pela primeira vez? O

irmão pequeno disse alguma coisa sobre o que todos estavam fazendo. Ele disse: "Ele vai pegar..." mas não terminou, porque ela lhe deu um safanão, lembra-se? Aposto que ele ia dizer que Tullio ia

pegar a faca, e foi por isso que todas as crianças vieram para cá. Porque, se elas tivessem a faca, poderiam fazer qualquer coisa, poderiam até crescer sem medo dos Espectros.

- Como era a aparência dele quando estava sendo atacado? - Will quis saber .

Para surpresa dela, Will tinha se sentado ereto, os olhos curiosos e interessados. Ela tentou se lembrar exatamente:

- Ele... Ele começou a contar as pedras na parede. Parecia estar se encostando em cada uma. Mas não conseguiu continuar. No final ele perdeu o interesse e parou. Então ficou imóvel – ela completou. Ao ver a expressão de Will, ela quis saber: - Por quê?

- Porque... Acho que talvez eles tenham vindo do meu mundo, os Espectros. Se eles fazem as pessoas se comportarem assim, não seria estranho que eles tivessem vindo do meu mundo. E quando os homens da Liga abriram a primeira janela, se ela dava para o meu mundo, os Espectros poderiam ter entrado por ali.

- Mas não existem Espectros no seu mundo! Você nunca ouviu falar deles lá, ouviu?

- Talvez eles não sejam chamados de Espectros. Talvez o nome deles seja outro.

Lyra não entendeu o que ele queria dizer, mas não quis pressionar. Ele tinha o rosto vermelho e os olhos inchados.

- De qualquer maneira, o importante é que a Angélica me viu na janela da Torre. E agora que sabe que a faca está com a gente, ela vai contar para as outras crianças. Vai pensar que foi por nossa culpa que o irmão foi atacado pelos Espectros. Sinto muito, Will, eu devia ter lhe contado antes. Mas aconteceu tanta coisa...

- Bom, acho que não ia fazer diferença. Ele estava torturando o velho, e depois de aprender a usar a faca ele teria matado nós dois,

se pudesse. Tínhamos que lutar com ele.

- Eu me sinto mal por causa disso, Will. Quer dizer, ele era irmão dela. E aposto que no lugar deles, íamos querer a faca também.

- É, mas não podemos voltar e mudar o que aconteceu. Tínhamos que pegar a faca para poder ter o aletômetro de volta, e se pudéssemos conseguir isso sem lutar, nós teríamos feito.

- É, teríamos - ela concordou.

Como Iorek Byrnison, Will era um verdadeiro guerreiro, de modo que ela estava preparada para concordar com ele quando ele dizia que melhor seria não lutar: ela sabia que não era uma questão de covardia, mas de estratégia. Ele agora parecia mais calmo e tinha o rosto outra vez pálido, estava olhando para longe, pensativo. Então disse:

- Com certeza é mais importante agora pensar no que Sir Charles vai fazer, ou a Sra. Coulter. Talvez, se ela tem essa escolta especial de que eles estavam falando, esses soldados com os daemons cortados, talvez Sir Charles tenha razão e eles consigam ignorar os Espectros. Sabe o que eu acho? Acho que o que eles comem, esses Espectros, são os daemons das pessoas.

- Mas as crianças também têm daemons. E eles não atacam crianças. Não pode ser isso.

- Então deve ser a diferença entre os daemons das crianças e os dos adultos - Will insistiu. - Existe uma diferença, não é? Você me disse que os daemons dos adultos não mudam de forma. Deve ter alguma coisa a ver com isso. Se aqueles soldados dela não têm daemon, pode ser que o efeito seja o mesmo...

- É! - ela concordou. - Pode ser. E de qualquer maneira, ela não teria medo dos Espectros. Ela não tem medo de nada. E é tão esperta, Will, eu juro, e tão impiedosa e cruel, que ia acabar mandando neles, eu aposto. Ela poderia mandar nos Espectros

como faz com as pessoas e eles teriam que obedecer, aposto. Lorde Boreal é forte e inteligente, mas logo, logo vai fazer tudo que ela quiser. Ah, Will, estou ficando assustada de novo, só de pensar no que ela pode fazer... Vou perguntar ao aletômetro, como você disse. Ainda bem que conseguimos pegar ele de volta.

Ela abriu o embrulho de veludo e passou as mãos com ternura sobre o pesado instrumento de ouro.

- Vou perguntar sobre o seu pai, e como podemos encontrar ele disse. - Veja, eu coloco os ponteiros em...

- Não. Pergunte primeiro pela minha mãe. Quero saber se ela está

bem.

Lyra assentiu e girou os ponteiros antes de colocar o aletômetro no colo, puxar os cabelos para trás das orelhas, baixar os olhos e se concentrar. Will observou o ponteiro maior girar em volta do mostrador, correndo e parando e correndo de novo com a rapidez de uma andorinha ciscando, e observou os olhos de Lyra, tão azuis, intensos e cheios de compreensão. Ela então pestanejou e ergueu o olhar.

- Ela ainda está segura - disse. - Essa amiga que está tomando conta dela, ela é muito boa. Ninguém sabe onde sua mãe está, e a amiga não vai denunciar.

Will não tinha percebido a extensão da sua preocupação. Diante dessa boa notícia, ele relaxou, então, livre de uma pequena parte da tensão que o dominava, sentiu com mais força a dor dos ferimentos.

- Obrigado. Muito bem, agora pergunte sobre o meu pai...

Antes, porém, que ela pudesse sequer começar, ouviram um grito lá

fora. Imediatamente os dois olharam para a janela. Na borda do jardim, em frente às primeiras casas da cidade, havia um cinturão

de árvores, e alguma coisa se movia ali. Pantalaimon transformou-se num lince e foi até a porta aberta, com olhar feroz.

- São as crianças - disse.

Ambos se levantaram. As crianças surgiam por entre as árvores, uma a uma, talvez 40 ou 50 ao todo. Muitas levavam pedaços de pau. À frente ia o garoto de camiseta listrada, e não era um pedaço de pau o que ele carregava: era uma pistola.

- Ali está Angélica - Lyra sussurrou, apontando.

Angélica estava ao lado do menino líder, puxando-o pelo braço, incentivando-o a continuar em frente. Logo atrás deles, seu irmão Paolo gritava de entusiasmo, e também as outras crianças gritavam e sacudiam os punhos no ar. Duas carregavam pesadas espingardas. Will já tinha visto crianças dominadas por esse estado de espírito, mas nunca tantas, e as crianças da sua cidade não carregavam armas.

Elas gritavam, e Will conseguiu distinguir a voz de Angélica acima das outras:

- Vocês mataram o meu irmão e roubaram a faca! Seus assassinos!

Vocês fizeram os Espectros pegarem ele! Vocês mataram ele e nós vamos matar vocês! Não vão conseguir fugir! Vamos matar vocês como vocês mataram ele!

- Will, você podia abrir uma janela! - Lyra disse com urgência, agarrando o braço bom dele. - Podíamos fugir facilmente...

- É, mas onde a gente ia estar? Em Oxford, em plena luz do dia, a poucos metros da casa de Sir Charles. Provavelmente no meio da rua, na frente de um ônibus. Não posso simplesmente cortar em qualquer lugar e ter certeza de que estaremos seguros. Primeiro tenho que espiar e ver onde vamos sair, e isso ia demorar demais. Atrás desta casa tem uma floresta, um bosque ou coisa assim. Se

conseguirmos chegar até lá, estaremos mais seguros entre as árvores.

Olhando pela janela, Lyra exclamou, furiosa:

- Eu devia ter acabado com ela ontem! Ela é tão ruim como o irmão. Eu queria...

- Pare de falar e venha - disse Will.

Ele se certificou de que tinha a faca presa ao cinto, e Lyra colocou nas costas a mochila com o aletômetro e as cartas do pai de Will. Os dois correram pelo vestíbulo cheio de ecos, desceram o corredor e entraram na cozinha, atravessaram a copa e saíram num pátio com piso de pedras, uma porta no muro dava para uma horta com canteiros de hortaliças e ervas expostos ao sol da manhã.

A borda do bosque ficava a algumas centenas de metros, depois de um gramado em subida, horrivelmente exposto à visão. Numa elevação à

esquerda, mais próxima do que as árvores, ficava uma pequena edificação, uma estrutura circular parecendo um templo, com um segundo andar aberto em arcos como uma varanda, de onde se descortinava a vista da cidade.

- Vamos correr - Will comandou, embora sentisse menos vontade de correr do que de se deitar e fechar os olhos.

Com Pantalaimon em forma de pássaro, voando acima dela para vigiar, os dois partiram através do gramado. Mas a grama era alta e irregular, e Will não conseguiu correr mais do que alguns passos sem ficar tonto demais para continuar.

Passou a andar devagar.

Lyra olhou para trás. As crianças ainda não os tinham visto, ainda estavam na frente da casa, talvez levassem algum tempo para

revistar todos os aposentos...

Mas Pantalaimon piou em alarde. Havia um menino parado perto de uma janela aberta no segundo andar da casa, apontando para eles. Ouviu-se um grito.

- Vamos, Will - fez Lyra.

Ela o puxou pelo braço sadio, ajudando-o, levantando-o. Ele tentou reagir, mas não tinha forças. Só conseguia andar bem devagar .

- Está bem, não vamos conseguir chegar até as árvores. É longe demais. Então vamos para aquele templo ali. Com a porta fechada, talvez a gente consiga segurar eles pelo tempo suficiente para eu cortar uma porta... Pantalaimon adiantou-se, e Lyra soltou um arquejo e chamou-o, sem fôlego, fazendo com que ele esperasse. Will quase podia enxergar o elo entre eles, o daemon puxando e a menina reagindo. Ele cambaleava através da grama alta, com Lyra correndo à frente para enxergar e voltando para ajudar, depois novamente à frente, até chegarem ao piso de pedra em volta do templo. A porta sob o pequeno pórtico estava destrancada, e ao entrarem eles encontraram um aposento circular com várias estátuas de deusas em nichos na parede em volta. Bem no centro, uma escada em espiral, feita de ferro forjado, subia até uma abertura no andar de cima. Não havia chave na porta, de modo que os dois subiram a escada e passaram para o piso de tábuas do que era na realidade um belvedere - um lugar onde as pessoas vinham respirar o ar puro e contemplar a cidade, pois não havia janelas ou paredes, mas simplesmente uma série de arcos abertos em toda volta, sustentando o telhado. Em cada arco havia um parapeito da altura da cintura, onde se podia apoiar, e abaixo dele, pelo lado de fora, o telhado de telhas curvas descia num aclive suave até a calha de chuva que o circundava.

Eles viam a floresta atrás do templo, a uma proximidade tentadora, e a casa abaixo deles, e atrás dela o grande jardim e os telhados marromavermelhados da cidade, com a Torre erguendo-se à esquerda. Havia urubus girando no ar acima das ameias cinzentas,

e Will sentiu um espasmo de náusea ao tomar consciência do que os atraíra até lá.

Mas não havia tempo para contemplar a paisagem, primeiro precisavam lidar com as crianças, que vinham correndo em direção ao templo, gritando de fúria e de excitação. O garoto que ia à frente diminuiu a velocidade e ergueu a pistola, e fez dois ou três disparos na direção do templo. Então todos recomeçaram a correr, aos berros:

- Ladrões!

- Assassinos!

- Vamos matar vocês!

- Vocês roubaram a nossa faca!

- Vocês não são daqui!

- Vão morrer!

Will não deu atenção. Já tinha a faca na mão, e rapidamente abriu uma janelinha para ver onde estavam - e recuou no mesmo instante. Lyra também olhou, e retrocedeu, decepcionada. Estavam a uns 15 metros do chão, suspensos sobre uma avenida bastante movimentada.

- Claro - fez Will em tom amargurado. – Nós subimos uma boa ladeira... Bom, estamos presos. Vamos ter que tentar afastar eles, só isso. Poucos segundos depois, as primeiras crianças entravam em bando pela porta. O som dos berros ecoava dentro do templo e reforçava a selvageria e então ouviu-se um tiro, imensamente alto, e outro, e os gritos tomaram outra entonação, e então a escada pôs-se a estremecer quando as primeiras crianças começaram a subir.

Lyra, paralisada, estava agachada contra a parede, mas Will ainda tinha a faca na mão; correu para a abertura no chão, estendeu a

mão e cortou o ferro do degrau superior como se fosse papel. Sem ter o que a segurasse, a escada começou a dobrar sob o peso das crianças, depois caiu com um enorme ruído. Mais gritos, mais confusão e novamente a arma disparou, mas parece ter sido acidental, pois alguém se feriu, e dessa vez o grito era de dor. Will olhou para baixo e viu uma confusão de corpos a contorcerem-se, cobertos de cal, poeira e sangue.

Não eram crianças individuais: eram uma massa única, como uma onda que cresceu abaixo deles quando as crianças saltaram para o ar em fúria, mãos estendidas para agarrá-los, ameaçando, gritando, cuspindo, mas sem conseguir alcançá-los.

Então alguém chamou, e elas olharam para a porta, aquelas que conseguiam se mover saíram naquela direção, deixando várias outras presas debaixo dos degraus de ferro, ou atordoadas, tentando se levantar do chão cheio de entulho.

Will logo percebeu por que elas tinham corrido para fora. Houve um ruído no telhado abaixo dos arcos e ao correr para o parapeito ele viu o primeiro par de mãos agarrando a borda das telhas e alçando o corpo para cima. Alguém ajudava por baixo, e logo surgiu outra cabeça e outro par de mãos, à medida que umas subiam nos ombros das outras e alcançavam o telhado como formigas.

Mas era difícil caminhar sobre as telhas, e as primeiras crianças avançaram de gatinhas, os olhares ferozes grudados no rosto de Will. Lyra postou-se ao lado dele, e Pantalaimon, como leopardo, rosnava, as patas no alto do parapeito, fazendo as primeiras crianças hesitarem. Mas mesmo assim elas avançavam, cada vez em maior número.

Alguém gritava "Mata! Mata! Mata!", e então outras vozes se juntaram, cada vez mais alto, e as crianças que estavam no telhado puseram-se a bater o pé marcando o ritmo, embora não ousassem se aproximar e enfrentar a fúria do daemon.

Então uma telha se partiu e o menino de pé sobre ela escorregou e caiu, mas o que estava ao lado dele pegou um caco e arremessou-o sobre Lyra. Ela mergulhou e a telha espatifou-se na coluna ao seu lado, os pedaços choveram sobre ela. Will tinha reparado na grade de ferro em volta da abertura no chão, e cortou dois pedaços na forma de espada. Entregou um a Lyra, que o girou com toda força em direção à lateral da cabeça do primeiro menino. Ele caiu na mesma hora, mas logo surgiu outra criança - Angélica, cabelos

vermelhos, rosto branco, olhos enlouquecidos, ela subiu de gatinhas até o parapeito, mas Lyra golpeou-a com o pedaço de grade e ela caiu. Will estava fazendo a mesma coisa. A faca estava na bainha em sua cintura, e ele atacava e se defendia com o pedaço de ferro; embora muitas crianças tombassem, outras as substituíam, e cada vez mais crianças subiam para o telhado.

Então apareceu o menino de camiseta listrada, mas tinha perdido a pistola, ou talvez estivesse sem munição. No entanto, ele e Will se encararam, e ambos tinham consciência do que iria acontecer: eles iam lutar, e ia ser uma luta violenta e mortal.

- Venha - disse Will, ansioso pelo combate. – Venha então... Mais um segundo e eles teriam lutado. Mas aconteceu uma coisa estranhíssima: um grande cisne branco veio voando baixo, as asas estendidas, grasnando tão alto que até as crianças no telhado, em meio àquela selvageria, viraram-se para olhar .

- Kaisa! - Lyra chamou, cheia de alegria, pois era mesmo o daemon de Serafina Pekkala.

O ganso tornou a grasnar, um som penetrante que encheu o céu, depois girou e passou a poucos centímetros do menino de camiseta listrada. O

garoto recuou, apavorado, e deslizou para a borda do telhado, de onde desceu, as outras crianças puseram-se a gritar de medo também, porque havia mais alguma coisa no céu e quando Lyra viu as pequenas figuras negras surgindo do azul, pôs-se a gritar de alegria.

- Serafina Pekkala! Aqui! Socorro! Estamos aqui no templo... Com um som sibilante, uma dúzia de flechas, e mais uma dúzia logo em seguida, e mais outra dúzia disparada tão depressa, que todas estavam no ar ao mesmo tempo, choveram sobre o telhado do templo, onde bateram como marteladas. Atônitas e atordoadas, as crianças no telhado num instante perderam toda a truculência, que

foi substituída pelo pavor: quem eram aquelas mulheres vestidas de preto voando no ar? Que coisa podia ser aquilo?

Seriam fantasmas? Um novo tipo de Espectros?

Gemendo e chorando, as crianças saltaram do telhado, algumas caindo de mau jeito e arrastando-se ou mancando para longe, outras rolando ladeira abaixo e correndo para um lugar seguro, não mais uma massa humana, mas apenas um bando de crianças assustadas e envergonhadas. Um minuto depois do aparecimento do ganso, a última das crianças fugiu do templo, e o único som era o ar passando pelos galhos nos quais as bruxas voavam em círculos.

Will olhou para cima, maravilhado, espantado demais para falar, mas Lyra saltava e chamava, encantada:

- Serafina Pekkala! Como foi que nos encontrou? Obrigada, obrigada!

Eles iam matar a gente! Desça para cá...

Mas Serafina e as outras sacudiram a cabeça e tornaram a subir, para voar em círculos mais acima. O daemon-ganso girou e voou na direção do telhado, batendo as grandes asas para dentro, para diminuir a velocidade, e pousou ruidosamente nas telhas abaixo do arco.

- Saudações, Lyra - disse. - Serafina Pekkala não pode vir ao solo, nem as outras. Este lugar está cheio de Espectros, mais de 100 deles estão rodeando este lugar, e vêm vindo outros pelo gramado. Não conseguem ver?

- Não! A gente não vê nada disso!

- Já perdemos uma bruxa. Não podemos arriscar. Vocês conseguem descer daí?

- Saltando do telhado, como as crianças fizeram. Mas como nos encontrou? E onde...

- Por agora chega. Vêm mais problemas por aí, e maiores ainda. Desçam como puderem e vão para as árvores.

Os dois passaram por cima do parapeito e desceram lateralmente através das telhas quebradas até a calha. Não era alto, e o solo era gramado, com um ligeiro declive. Lyra saltou primeiro e Will seguiu-a, rolando no chão e tentando proteger a mão, que já estava novamente sangrando muito e doendo também. O curativo tinha se soltado e pendia numa tira, enquanto ele tentava enrolá-lo, o ganso pousou na grama ao lado dele.

- Lyra, quem é este? - Kaisa perguntou.

- Will. Ele vem conosco...

- Por que os Espectros estão evitando você? – o daemon-ganso perguntou diretamente a Will.

A essa altura nada mais surpreendia Will, que respondeu:

- Não sei. A gente não consegue ver eles. Não, espere! - E ele ficou de pé, quando uma idéia lhe ocorreu. – Onde é que estão agora? - perguntou. Onde está o mais próximo?

- A 10 passos de você, ladeira abaixo - disse o daemon.

- Eles não querem chegar mais perto, é evidente.

Will tirou a faca e olhou naquela direção, e ouviu o daemon sibilar, surpreso.

Mas Will não conseguiu fazer o que pretendia porque no mesmo momento uma bruxa pousou seu galho na grama ao lado dele. Ele ficou atônito, não tanto pelo fato de vê-la voar, mas pela espantosa graciosidade, a claridade intensa, fria e amorosa do olhar dela, e

pelos membros pálidos, despidos, tão jovens, no entanto tão distantes de serem jovens.

- Seu nome é Will? - ela perguntou.

- É, sim, mas...

- Por que os Espectros têm medo de você?

- Por causa da faca. Onde está o mais próximo? Diga! Quero matar ele!

Mas Lyra veio correndo antes que a bruxa pudesse responder.

- Serafina Pekkala! - exclamou.

E jogou os braços em volta da bruxa, abraçando-a com tanta força que a bruxa riu e beijou-lhe o topo da cabeça.

A menina continuou:

- Ah, Serafina, de onde você surgiu desse jeito? Nós estávamos... aquelas crianças... Eram crianças, e iam matar a gente... Você viu? Pensamos que íamos morrer, e... Ah, estou tão feliz por você ter aparecido! Pensei que nunca mais ia ver você!

Serafina Pekkala olhou por cima da cabeça de Lyra, para onde os Espectros obviamente estavam agrupados a certa distância, depois olhou para Will.

- Agora escutem, há uma caverna neste bosque, não muito longe. Subam a ladeira e então acompanhem a crista do morro, para a esquerda. Poderíamos até tentar carregar Lyra uma parte do caminho, mas você é grande demais, vai ter que ir a pé. Os Espectros não vão nos seguir, eles não conseguem nos ver no ar, e têm medo de você. Nós nos encontraremos lá, é

uma caminhada de meia hora.

E ela tornou a alçar vôo. Will protegeu os olhos da luz para observar a bruxa e as outras figuras elegantes girarem no ar e voarem céleres rumo às árvores.

- Ah, Will, estamos salvos agora! Vai dar tudo certo, agora que Serafina Pekkala está aqui! - Lyra afirmou. - Nunca pensei que fosse ver a Serafina de novo... Ela chegou bem na hora, não foi? Exatamente como na outra vez, em Bolvangar...

Tagarelando animadamente, como se já tivesse esquecido a luta, ela subiu a ladeira em direção ao bosque. Will acompanhava-a em silêncio. A mão latejava com força, e o sangue escorria sem parar. Ele ergueu a mão junto ao peito e tentou não pensar nisso.

Demorou não meia hora, mas uma hora e três quartos, porque por várias vezes Will teve que parar e descansar. Quando chegaram à caverna, encontraram uma fogueira acesa, um coelho assando e Serafina Pekkala mexendo alguma coisa num pequeno caldeirão de ferro.

- Deixe eu ver a ferida - foi a primeira coisa que ela disse a Will. Ele, como um zumbi, estendeu a mão.

Pantalaimon, em forma de gato, observava com curiosidade, mas Will desviou o olhar. Não gostava de ver seus dedos mutilados. As bruxas cochicharam entre si, e então Serafina Pekkala perguntou:

- Qual foi a arma que fez esse ferimento?

Will pegou a faca e estendeu-a para ela em silêncio. As companheiras contemplaram a faca com espanto e suspeita, pois nunca tinham visto uma lâmina assim tão afiada.

- Vai ser preciso mais do que ervas para curar isto. Vai ser preciso um feitiço - Serafina Pekkala declarou. – Muito bem, vamos preparar um. Vai estar pronto quando a lua sair. Enquanto isso, vocês vão dormir. Ela deu a ele uma pequena taça de chifre contendo uma poção quente cujo sabor amargo era adoçado com mel, e algum

tempo depois ele se deitou e caiu em sono profundo. A bruxa cobriu-o com folhas e voltou-se para Lyra, que ainda comia coelho.

- Agora, Lyra, me conte quem é este menino e o que você sabe sobre este mundo e esta faca - pediu.

Então Lyra respirou fundo e começou.

12 - A LINGUAGEM DA TELA

- Conte tudo outra vez - pediu o Dr. Oliver Payne, no pequeno laboratório com vista para o parque. - Ou não entendi direito, ou você está

dizendo bobagens. Uma criança de outro mundo?

- Foi o que ela disse. Certo, é bobagem, mas pelo menos escute, Oliver, por favor - disse a Dra. Mary Malone. – Ela sabia das Sombras, com o nome de Pó, mas é a mesma coisa. São as nossas partículas de Sombra. Estou lhe dizendo: quando ela estava ligada à Caverna através dos eletrodos, houve uma extraordinária ocorrência de figuras e símbolos na tela... Além disso ela possuía um instrumento, uma espécie de bússola feita de ouro, com vários símbolos em volta do mostrador. Disse que conseguia ler aquilo da mesma maneira, e sabia também sobre o estado de espírito necessário, ela o conhecia intimamente.

Estavam no meio da manhã. A Dra. Malone, a Catedrática de Lyra, tinha os olhos vermelhos por causa do sono atrasado, e seu colega, que acabava de voltar de Genebra, mostrava-se preocupado, cético e impaciente para ouvir mais.

A Dra. Malone prosseguiu:

- E o importante, Oliver, é que ela se comunicou com elas. Elas são conscientes, e conseguem reagir. E você se lembra dos crânios? Pois bem, ela me falou de uns crânios no Museu Pitt-Rivers,

descobriu por aquela coisa que eles eram muito mais antigos do que o museu dizia, e havia Sombras...

- Espere um minuto. Pelo menos fale coisa com coisa. O que é que você está dizendo, exatamente? A garota confirmou o que já sabemos, ou revelou alguma novidade?

- As duas coisas. Não sei. Mas vamos supor que tenha acontecido alguma coisa há 30 ou 40 mil anos. Antes disso já havia partículas de Sombra, é claro, elas existem desde a Grande Explosão. Mas não havia um meio físico de amplificar seus efeitos no nosso nível, no nível antropológico, no nível dos seres humanos. E então aconteceu alguma coisa, não consigo imaginar o quê, mas tinha a ver com a evolução. Daí os seus crânios, lembra-se? Antes não havia Sombras, e depois havia um monte delas? E os crânios que a menina viu no museu e testou com aquela espécie de bússola. Ela disse a mesma coisa. O que estou dizendo é que por volta dessa época o cérebro humano tornou-se o veículo ideal para esse processo de amplificação. De repente adquirimos consciência.

O Dr. Payne virou a caneca de plástico e bebeu o resto do café.

- Por que deveria ter acontecido exatamente nesse período?

perguntou. - Por que de repente, há 35 mil anos?

- Ah, quem sabe? Não somos paleontólogos. Não sei, Oliver, só estou especulando. Não acha pelo menos que é possível?

- E esse policial, fale sobre ele.

A Dra. Malone esfregou os olhos.

- O nome dele é Walters. Disse que era da Divisão Especial. Pensei que eles tratassem de política, ou coisa assim.

- Terrorismo, subversão, segurança, tudo isso... Continue. O que ele queria? Por que veio até aqui?

- Por causa da garota. Ele disse que estava procurando um menino mais ou menos da mesma idade, mas não me disse a razão. E esse menino tinha sido visto com a garota que veio aqui. Mas ele tinha outra intenção também, Oliver, ele sabia sobre a pesquisa, chegou até a perguntar... O telefone tocou. Ela se interrompeu, dando de ombros, e o Dr. Payne atendeu. Falou rapidamente e desligou, dizendo:

- Temos visita.

- Quem é?

- Não conheço o nome. Sir Qualquer Coisa. Escute, Mary, você sabe que vou me demitir, não sabe?

- Eles lhe ofereceram o emprego.

- É. Tenho que aceitar. Você certamente compreende.

- Bom, então é o fim de tudo isto.

Ele espalmou as mãos, num gesto que indicava impotência, e disse:

- Para falar com franqueza, não consigo entender o sentido de tudo isso que você me contou. Crianças de outro mundo e Sombras fósseis... É

muita maluquice. Simplesmente não posso me envolver. Tenho uma carreira, Mary.

- E os crânios que você testou? E as Sombras em volta da peça de xadrez feita de marfim?

O Dr. Payne sacudiu a cabeça e virou-se de costas. Antes que ele pudesse responder, ouviram batidas à porta e ele abriu-a de imediato, com alívio.

Sir Charles cumprimentou:

- Bom dia a todos. Dr. Payne? Dra. Malone? Meu nome é Charles Latrom. É muita gentileza me receberem sem hora marcada.

- Entre - convidou a Dra. Malone, perplexa. - Entendi bem? O senhor é Sir Charles? Como é que podemos ajudá-lo?

- Talvez seja o caso de eu poder ajudá-los - ele respondeu. - Ouvi dizer que estão esperando o resultado do seu pedido de verba.

- Como sabe disso? - perguntou o Dr. Payne.

- Já trabalhei para o Ministério. Aliás, eu trabalhava diretamente com a política científica. Ainda tenho muitos contatos nesta área, e ouvi dizer que... Posso me sentar?

- Ah, por favor - disse a Dra. Malone.

Ela puxou uma cadeira e ele se sentou como se estivesse dirigindo uma reunião.

- Obrigado. Soube por um amigo... É melhor não mencionar o nome dele, os regulamentos de segurança são muito rigorosos... Enfim, eu soube que o seu pedido estava sendo estudado, e o que ouvi me intrigou tanto, que devo confessar que pedi para ver alguma coisa do trabalho de vocês. Sei que não era da minha conta, mas ainda atuo como uma espécie de conselheiro não oficial, de modo que usei essa desculpa. E realmente, o que vi era fascinante.

- Isso significa que vamos conseguir? - quis saber a Dra. Malone, inclinando-se para a frente, ansiosa para acreditar nele.

- Infelizmente, não. Tenho que ser sincero: eles não estão dispostos a renovar a sua bolsa.

A Dra. Malone curvou os ombros. O Dr. Payne observava com curiosidade o visitante.

- Então, por que veio aqui? - perguntou.

- Bem, sabe, eles ainda não decidiram oficialmente. Não parece que a resposta será promissora, e vou ser franco com vocês: eles não têm perspectiva de financiar esse tipo de trabalho no futuro. No entanto, se alguém defendesse o caso de vocês, eles poderiam mudar de idéia.

- Um patrono? O senhor está dizendo que poderia fazer isso? Eu não sabia que as coisas funcionavam assim - disse a Dra. Malone, endireitando se. - Pensei que eles consultassem outros cientistas e...

- Na teoria, sim, mas também ajuda saber como esses comitês funcionam na prática. E saber quem faz parte deles. Bem, cá estou: tenho imenso interesse no seu trabalho, acho que ele pode ser muito importante e certamente devia prosseguir. Vocês me deixariam fazer contatos informais para isso?

A Dra. Malone sentia-se como um marinheiro que está se afogando, quando de repente lhe jogam um salva-vidas.

- Ora! Claro que sim! E muito obrigada... Quer dizer, o senhor acha mesmo que vai adiantar? Não estou querendo dizer que... Ah, não sei o que estou querendo dizer. É claro que sim!

- O que é que nós teríamos que fazer? - perguntou o Dr. Payne. A Dra. Malone olhou para ele, surpresa: Oliver não tinha acabado de dizer que ia trabalhar em Genebra? Mas ele parecia estar entendendo Sir Charles melhor do que ela estava, pois uma centelha de cumplicidade passou entre os dois homens, e Oliver veio sentar-se também.

- Fico feliz por você ter me entendido - disse o homem. - Tem toda razão. Existe uma certa direção que me deixaria intensamente feliz se vocês tomassem. E, se pudermos entrar num acordo, eu poderia até arranjar mais dinheiro, de outra fonte.

- Espere, espere - interrompeu a Dra. Malone. - Espere um minuto. O

rumo desta pesquisa é uma questão nossa. Estou inteiramente disposta a discutir os resultados, mas não a meta. O senhor sem dúvida deve entender que...

Sir Charles espalmou as mãos num gesto que exprimia pesar e ficou de pé. Oliver Payne também se levantou, ansioso.

- Não, por favor, Sir Charles, tenho certeza de que a Dra. Malone vai escutar o que o senhor tem a dizer. Mary, escutar não faz mal, e pode fazer uma grande diferença.

- Você não ia para Genebra?

- Genebra? - interpôs Sir Charles. - Excelente lugar. Muitos recursos. Muito dinheiro, também. Não quero prendê-lo aqui.

- Não, não, ainda não está decidido - apressou-se a dizer o Dr. Payne.

- Falta discutir muita coisa, ainda está tudo muito no ar. Sente-se, Sir Charles, por favor... Posso lhe oferecer um café?

- É muita gentileza sua - disse Sir Charles, tornando a sentar-se com ar de um gato satisfeito.

A Dra. Malone estudou-o com atenção pela primeira vez. Viu um homem de quase 70 anos, próspero, confiante, vestido com elegância, habituado ao melhor, acostumado a conviver com pessoas poderosas e a sussurrar em ouvidos importantes.

Oliver tinha razão, ele queria mesmo alguma coisa em troca e só

teriam o apoio dele se o satisfizessem. Ela cruzou os braços. O Dr. Payne estendeu uma caneca ao visitante, dizendo:

- Sinto muito, a nossa louça é modesta...

- De maneira nenhuma. Posso continuar o que estava dizendo?

- Sim, por favor - disse o Dr. Payne.

- Bem, compreendo que vocês fizeram algumas descobertas fascinantes no campo da consciência. Sim, eu sei, vocês ainda não publicaram, e ainda falta muita coisa, aparentemente, para o sucesso da sua pesquisa. No entanto, as notícias se espalham. Estou especialmente interessado no assunto. Eu ficaria muito feliz, por exemplo, se vocês concentrassem sua pesquisa na manipulação da consciência. Em segundo lugar, na hipótese dos mundos diversos, de Everett, vocês se lembram, 1957 ou por aí, acredito que vocês estão na pista de alguma coisa que poderia expandir muito essa teoria. E essa linha de pesquisa poderia até atrair verbas da Defesa, que, como vocês devem saber, ainda é generosa, mesmo hoje em dia, e certamente não está sujeita a esses cansativos processos de aprovação dos pedidos de verbas. Ele ergueu a mão quando a Dra. Malone tentou falar, e prosseguiu:

- Não me peçam para revelar minhas fontes. Mencionei as leis de segurança nacional, é uma legislação incômoda, mas não podemos brincar com ela. Eu tenho confiança de que teremos alguns progressos na área dos mundos diversos. Acho que vocês são as pessoas certas para isso. E, em terceiro lugar, existe um determinado assunto relacionado a uma pessoa. Uma criança.

Ele fez uma pausa e bebericou o café. A Dra. Malone não conseguia falar, ela empalidecera, embora não tivesse consciência disso, mas tinha consciência de que se sentia zonza.

Sir Charles continuou:

- Por diversos motivos estou em contato com os serviços de informações. Eles estão interessados numa criança, uma menina, que possui um instrumento pouco comum, um antigo instrumento científico, certamente roubado, que deveria estar em mãos mais seguras do que as dela. Existe também um menino mais ou menos da mesma idade, uns 12 anos, que está

sendo procurado por causa de um assassinato. Muito se discute se uma criança desta idade é capaz de assassinato, mas ele certamente matou uma pessoa. E foi visto com a menina. Agora, Dra. Malone, pode ser que a senhora tenha conhecido uma dessas crianças. E pode ser que a senhora, muito corretamente, esteja inclinada a contar à polícia o que sabe. Mas estaria agindo melhor se me contasse em particular. Posso dar um jeito para que as autoridades lidem com o assunto de maneira rápida e eficiente, sem sensacionalismo nos jornais. Sei que o Inspetor Walters veio vê-la ontem, e sei que a garota apareceu. Percebe, sei do que estou falando. E saberia, por exemplo, se a senhora a visse de novo e se não me contasse, eu saberia disso também. Seria bom pensar bastante sobre isso, e tentar clarear a sua lembrança do que ela disse e fez enquanto estava aqui. É um problema de segurança nacional. Sei que a senhora está me entendendo. Ele suspirou e em seguida continuou:

- Bem, vou ficando por aqui. Tomem o meu cartão, para poderem me procurar. Se fosse eu, não perderia muito tempo, o comitê se reúne amanhã, como vocês sabem. Mas podem me encontrar neste número a qualquer hora. Ele deu um cartão a Oliver Payne e, ao ver que a Dra. Malone continuava de braços cruzados, colocou um sobre a mesa para ela. O Dr. Payne abriu a porta para ele. Sir Charles colocou na cabeça o chapéu panamá, dando-lhe um tapinha, depois sorriu para ambos e partiu. Depois de fechar a porta, o Dr. Payne perguntou:

- Mary , você ficou maluca? Por que se comportou dessa maneira?

- Como assim? Você não caiu na conversa desse velho nojento, caiu?

- Você não pode recusar uma oferta como essa! Quer ou não quer que o nosso projeto sobreviva?

- Não foi uma oferta, foi um ultimato - ela retrucou com veemência. Ou fazemos o que ele quer, ou fechamos. E Oliver, pelo amor de Deus, todas aquelas ameaças e indiretas nada sutis sobre

segurança nacional e coisas assim, você não consegue enxergar aonde isso iria levar?

- Bem, acho que consigo enxergar melhor do que você. Se você

disser não, eles não vão fechar este lugar; vão se apossar dele. Se estão tão interessados quanto ele diz, vão querer continuar com a pesquisa. Só que nos termos deles.

- Mas os termos deles seriam... Ora, uma questão de defesa, pelo amor de Deus, isto quer dizer que eles querem encontrar novos métodos de matar. E você ouviu o que ele disse sobre consciência: ele quer manipular consciências! Não vou me envolver com esse tipo de coisa, Oliver, jamais.

- Eles vão fazer de qualquer maneira, e você vai ficar sem emprego. Se permanecer, poderá orientar o trabalho, dirigir a pesquisa para um rumo melhor. E ainda estará trabalhando no projeto! Ainda estará envolvida!

- Mas, de qualquer maneira, em que isso interessa a você? O trabalho em Genebra já não está decidido?

Ele passou as mãos pelos cabelos e disse:

- Decidido, não. Nada foi assinado. E seria uma coisa completamente diferente, eu não gostaria de ir embora agora que acho que estamos realmente conseguindo alguma coisa...

- O que é que você está dizendo?

- Não estou dizendo...

- Está insinuando. Aonde quer chegar?

- Bem... - Ele se pôs a caminhar de um lado para outro no laboratório, espalmando as mãos, dando de ombros, sacudindo a cabeça. - Bom, se você

não entrar em contato com ele, entro eu - disse finalmente. Ela ficou em silêncio por algum tempo. Depois disse:

- Ah, estou entendendo.

- Mary, tenho que pensar na...

- Claro.

- Não que...

- Não, não.

- Você não compreende...

- Compreendo, sim. É muito simples. Você promete fazer o que ele diz, você consegue a verba, eu saio, você assume como Diretor. Não é difícil entender. Você teria um orçamento maior. Muitas máquinas novinhas. Meia dúzia de PhD's sob suas ordens. Ótima idéia. Faça isso, Oliver. Vá em frente. Mas para mim chega, estou fora. Isso fede.

- Você não...

Mas a expressão dela silenciou - o. A Dra. Malone despiu o jaleco branco e pendurou-o na porta, juntou alguns papéis numa sacola e saiu sem uma palavra. Assim que ela partiu, ele pegou o cartão de Sir Charles e foi para o telefone.

Várias horas mais tarde, pouco antes da meia-noite, a Dra. Malone estacionou o carro em frente ao prédio de ciências e entrou por uma porta lateral. Mas, assim que se virou para subir a escada, deparou com um homem que surgira de outro corredor, assustando-a tanto que ela quase deixou cair a pasta. Ele estava fardado.

- Aonde vai? - quis saber .

Ficou parado diante dela, corpulento, os olhos quase invisíveis sob a aba baixa do quepe.

- Vou para o meu laboratório. Eu trabalho aqui. Quem é você?

- Segurança. Posso ver sua identidade?

- Que segurança? Saí daqui hoje às três da tarde e só havia um porteiro trabalhando, como sempre. Sou eu quem devia estar pedindo a sua identidade. Quem o contratou? E por quê?

- Eis a minha identidade - disse ele, mostrando-lhe um cartão e tornando a guardá-lo sem que ela tivesse tempo de ler. - E onde está a sua?

Ela notou que ele levava um telefone celular num coldre à cintura. Ou seria uma arma? Não, claro que não, ela estava ficando paranóica. E ele não tinha respondido. Mas se ela insistisse, ele ficaria cheio de suspeitas, e o que interessava era chegar ao laboratório, ela pensou: tenho que acalmá-lo, como a gente faz com um cachorro. Remexeu na bolsa e encontrou a carteira.

- Isto serve? - perguntou, mostrando o cartão que costumava usar para operar a porta automática do estacionamento.

Ele estudou o cartão rapidamente.

- O que é que está fazendo aqui a esta hora da noite? - perguntou.

- Estou no meio de uma experiência delicada. Preciso verificar periodicamente o computador.

Ele parecia estar procurando um motivo para impedi-la, ou talvez estivesse apenas gostando de exercer poder. Finalmente assentiu e pôs-se de lado. Ela passou por ele, sorrindo, mas o rosto dele permaneceu sério. Ela ainda estava tremendo quando chegou ao laboratório. Naquele prédio, a "segurança" sempre tinha se resumido a uma tranca na porta e um porteiro idoso, e ela sabia o motivo daquela mudança. Mas isso significava que ela dispunha de pouco tempo: seria preciso acertar de primeira, pois quando descobrissem o que estava fazendo, ela não poderia voltar lá. A

cientista trancou a porta atrás de si e baixou as persianas. Ligou o detector, pegou um disquete no bolso e colocou-o no computador que controlava a Caverna, e um minuto depois já estava manipulando os números na tela, guiando-se metade pela lógica, metade pela intuição e metade pelo programa que ela havia criado em casa, tendo trabalhado até aquela hora e a complexidade da tarefa a que se propunha era tão desconcertante quanto fazer três metades somarem um inteiro.

Finalmente ela afastou os cabelos dos olhos e colocou os eletrodos na cabeça, depois flexionou os dedos e começou a digitar. Sentia-se intensamente constrangida.

Olá. Não sei o que estou fazendo. Talvez seja loucura. As palavras se agruparam à esquerda da tela, o que foi a primeira surpresa. Ela não estava usando um programa de processamento de texto na verdade, estava passando ao largo de grande parte do sistema operacional

- e a formatação das suas palavras não estava sendo feita por ela. Ela sentiu um arrepio nas costas e tomou consciência de todo o prédio à sua volta, os corredores escuros, as máquinas ociosas, as várias experiências em curso, computadores monitorando testes e registrando resultados, o ar - condicionado analisando e ajustando a umidade e a temperatura, todos os dutos, encanamentos e cabos, que eram as artérias e os nervos do prédio, despertos e vigilantes... Na verdade, quase conscientes.

Ela experimentou de novo.

Estou tentando fazer com palavras o que fiz antes com um estado de espírito, mas

Antes que ela tivesse sequer terminado a frase, o cursor correu para o lado direito da tela e escreveu:

Faça uma pergunta.

Foi quase instantâneo.

Ela sentiu como se tivesse tentado descer um degrau que não existia: todo o seu corpo sofreu um impacto com o choque. Foram necessários vários minutos para que ela se acalmasse o suficiente para tentar de novo. Quando o fez, as respostas se apresentavam no lado direito da tela praticamente antes que ela terminasse.

Vocês são as Sombras?

Sim.

Vocês são a mesma coisa que o Pó de Lyra?'

Sim.

E que a matéria escura

Sim.

A matéria escura tem consciência?

Evidentemente.

O que eu disse hoje a Oliver,a minha idéia sobre a evolução humana, está

Correta. Mas você precisa fazer mais perguntas.

Ela parou, respirou fundo, empurrou a cadeira para trás, flexionou os dedos. Sentia o coração disparado. Aquilo que estava acontecendo era impossível: toda a sua educação, todos os seus hábitos mentais, todo o seu senso de si mesma como cientista berravam com ela silenciosamente: isto está

errado! Não está acontecendo! Você está sonhando! No entanto, ali estavam aquelas coisas na tela: as suas perguntas e as respostas de alguma outra mente.

Ela se controlou e tornou a digitar, e novamente as respostas surgiram sem uma pausa discernível.

A mente que está respondendo não é humana, é?

Não. Mas os humanos sempre souberam de nós.

Nós? Então existe mais de um?

Milhões e milhões.

Mas quem são vocês?

Anjos.

A Dra. Malone sentiu a cabeça girar. Ela fora educada como católica mais que isso: como Lyra havia constatado, ela já tinha sido freira. Nada lhe restava agora de sua fé, mas ela já sabia dos anjos. Santo Agostinho disse:

"Anjo é o nome do trabalho deles, não da natureza deles. Se você procurar o nome da natureza deles, esse nome é espírito, se procurar o nome do trabalho deles, esse nome é anjo, o que eles são, espírito, o que eles fazem, anjo." Zonza, trêmula, ela tornou a digitar:

Os anjos são criaturas de matéria de Sombra?

Estruturas.Complexificações.

De Pó?

Sim.

E a matéria de Sombra é o que chamamos de espírito?

Pelo que somos, espírito. Pelo que fazemos, matéria. Matéria e espírito são uma coisa só.

Ela estremeceu, estavam escutando os seus pensamentos!

E vocês interferiram na evolução humana?

Sim.

Por quê?

Vingança.

Vingança de...

Anjos rebeldes! Depois da guerra no Céu, Satanás e o jardim do Éden... Mas (...) Ah, Encontre a menina e o menino. Não perca tempo. Você precisa bancar a serpente.

(...) isso não é verdade, é?

É isso que vocês... Mas por quê?

Ela tirou as mãos do teclado e esfregou os olhos. Quando tornou a olhar, as palavras ainda estavam lá.

Vá a uma rua chamada Avenida Sunderland e procure uma tenda. Engane o guardião e atravesse. Leve provisões para uma longa viagem. Você

estará protegida. Os espectros não lhe farão mal.

Onde, mas eu

Antes de ir, destrua este equipamento.

Não compreendo, por que eu? Que viagem é essa?

Você vem se preparando para isto desde que nasceu. Seu trabalho aqui chegou ao fim. A última coisa que você tem a fazer neste mundo é impedir que os inimigos tomem o controle. Destrua este equipamento. Faça isto agora mesmo e parta imediatamente.

Mary Malone empurrou a cadeira para trás e levantou-se, trêmula. Apertou as têmporas com os dedos e descobriu os eletrodos ainda presos à

pele. Tirou-os sem prestar atenção.

Podia ter duvidado do que tinha feito e daquilo que ainda podia ver na tela, mas na última meia hora ela havia passado para além da dúvida e da credulidade. Alguma coisa tinha acontecido, e ela estava eletrizada. Desligou o detector e o amplificador. Então anulou todos os códigos de segurança e formatou o disco rígido do computador, esvaziando-o por completo, depois removeu a interface entre o detector e o amplificador, que era um cartão especialmente adaptado, colocou o cartão sobre a mesa e destruiu-o com o salto do sapato, pois nada havia de pesado à mão. Em seguida desligou a fiação entre o escudo eletromagnético e o detector; encontrou a planta da fiação numa gaveta do arquivo e colocou fogo nela. Havia mais alguma coisa que podia fazer?

Não podia fazer coisa alguma a respeito do conhecimento que Oliver Payne tinha do programa, mas a aparelhagem especial estava destruída. Enfiou alguns papéis de uma gaveta dentro da pasta e finalmente tirou da parede o cartaz com os hexagramas do I Ching, que dobrou e guardou no bolso. Depois apagou a luz e saiu.

O segurança estava parado ao pé da escada, falando ao telefone. Guardou o aparelho assim que ela desceu e acompanhou-a em silêncio até a entrada lateral, observando através da porta de vidro até o carro dela desaparecer.

Uma hora e meia mais tarde, ela encostou o carro numa rua perto da Avenida Sunderland. Tinha sido necessário procurar a rua num mapa de Oxford, pois não conhecia essa parte da cidade. Até esse momento ela vinha agindo movida pela empolgação acumulada, mas ao sair do carro na escuridão da madrugada e sentir o ar noturno, frio e silencioso, e a imobilidade à sua volta, ela teve um momento de apreensão. E se estivesse sonhando? E se aquilo tudo fosse uma complicada brincadeira de alguém?

Bem, era tarde demais para se preocupar com isso. Ela já estava envolvida. Pegou a mochila que tantas vezes carregara em excursões na Escócia e nos Alpes, e refletiu que pelo menos sabia sobreviver no mato; se o pior acontecesse, podia sempre fugir correndo, ir para as montanhas... Ridículo.

Colocou a mochila nas costas, deixou o carro e entrou na Rua Banbury, e caminhou 200 ou 300 metros pela Avenida Sunderland, que começava à esquerda do trevo. Nunca na vida ela havia se sentido tão tola. Mas ao virar a esquina e ver aquelas árvores estranhas, com formato de criança, que Will tinha visto, ela constatou que pelo menos alguma coisa era verdade: sob as árvores, na grama no lado oposto da rua havia uma pequena tenda quadrada de náilon vermelho e branco, do tipo que os eletricistas erguem para proteger-se da chuva enquanto trabalham, e estacionado ali perto havia um caminhão branco, do departamento de transito, com vidros escuros nas Janelas.

Melhor não hesitar. Ela atravessou diretamente para a tenda. Quando estava quase lá, a porta traseira do furgão abriu-se e dali saiu um policial. Sem o capacete ele parecia muito jovem, e a luz do poste brilhava em seu rosto.

- Posso saber aonde vai, senhora? - perguntou.

- Entrar nesta tenda.

- Infelizmente não é possível, senhora. Tenho ordens de não deixar ninguém entrar.

- Ótimo! - ela exclamou. - Que bom que mandaram proteger este lugar. Mas sou do Departamento de Ciências Físicas. Sir Charles Latrom nos pediu para fazer uma avaliação preliminar redigir um relatório antes que comecem a pesquisa. É importante que isso seja feito a esta hora, enquanto não há muita gente na rua. Tenho certeza de que você compreende os motivos.

- Bem, sim - disse ele. - Mas a senhora tem alguma identificação?

- Ah, claro - ela afirmou.

E tirou a mochila das costas, para pegar a bolsa. Entre as coisas que tinha tirado da gaveta no laboratório estava um cartão da biblioteca, já vencido, de Oliver Payne. Com 15 minutos de trabalho, sentada à mesa da sua cozinha, ela havia utilizado a foto do seu próprio passaporte para produzir um documento que ela esperava que passasse por genuíno. O policial pegou o cartão de plástico e estudou-o atentamente.

- Dra. Oliver Payne - leu. - Por acaso a senhora conhece uma Dra. Mary Malone?

- Ah, sim, é uma colega.

- Sabe onde ela está agora?

- Em casa, na cama, se tiver juízo. Por quê?

- Bem, me disseram que ela não trabalha mais na sua organização e não tem permissão para passar por aqui. Na verdade, temos ordens para prender a doutora se ela tentar. E, ao ver uma mulher, naturalmente pensei que só podia ser ela, entende? Desculpe, Dra. Payne.

- Ah, entendo - disse Mary Malone.

O policial tornou a examinar o cartão.

- Bem, isto parece correto - disse, e devolveu - o. Nervoso, com vontade de falar, ele continuou: - Sabe o que existe ali, dentro desta tenda?

- Bem, só de ouvir falar - ela respondeu. - Por isso estou aqui.

- Imagino que sim. Muito bem, Dra. Payne.

O guarda deu um passo para o lado e deixou que ela desatasse a proteção que fechava a porta da tenda. Ela esperava que ele não

notasse o tremor de suas mãos. Segurando a mochila contra o peito, ela entrou. Engane o guardião - ela havia feito isso, mas não tinha idéia do que encontraria dentro da tenda. Estava preparada para algum tipo de escavação arqueológica, um cadáver, um meteorito - mas nada em sua vida ou em seus sonhos a tinha preparado para aquele quadrado de cerca de um metro em pleno ar, ou para a cidade adormecida e silenciosa à beira-mar que ela encontrou quando o atravessou.

13 - AESAHaeTTR

Quando a lua nasceu, as bruxas deram início ao feitiço para curar os ferimentos de Will: acordaram o menino e pediram-lhe para colocar a faca no chão, num local onde ela pudesse pegar um raio de luz das estrelas. Lyra estava sentada ali perto, mexendo um caldeirão de água fervente com algumas ervas sobre uma fogueira, Serafina agachou-se junto à faca e, enquanto as suas companheiras batiam palmas, batiam com o pé no chão e soltavam gritos ritmados, começou a cantar em tom alto e estridente: *Pequena Faca! Arrancaram teu ferro das entranhas da mãe Terra, fizeram uma fogueira e ferveram o minério, fizeram-no chorar e sangrar e transbordar, teu ferro foi martelado, foi temperado, mergulhado em água gélida, aquecido dentro da forja até tua lâmina ter a cor vermelho-sangue, crestante! Então fizeram-te ferir a água outra vez, e mais outra, até o vapor tornar-se névoa fervente e a água clamar por misericórdia. E quando tu cortaste uma única sombra em 30 mil sombras, então souberam que estavas pronta, então chamaram-te: a sutil. Mas, pequena faca, que foi que fizeste?*

Abriste portais de sangue, deixando-os escancarados!

Pequena faca, tua mãe te chama, das entranhas da Terra, de suas minas e cavernas mais profundas, de seu secreto ventre de ferro. Escuta!

E Serafina pôs-se a bater o pé no chão e a bater palmas com as outras bruxas, que ululavam, suas vozes rascantes arranhando o ar como garras. Will, sentado no meio delas, sentiu um arrepio no

cerne do seu corpo. Então Serafina Pekkala virou-se para o menino e tomou a mão ferida entre as suas. Dessa vez, quando ela cantou ele quase fez uma careta, tão penetrante era a voz alta e clara, tão brilhantes eram os olhos dela, mas continuou sentado, imóvel, deixando que o feitiço seguisse seu curso. *Sangue! Obedece-me! Faz meia-volta, sendo um lago e não um rio. Quando chegares ao ar livre, pára! E constrói uma parede coagulada, que seja firme, para conter a enchente.*

Sangue, teu céu é o domo do crânio, teu sol é o olho aberto, teu vento, o ar dentro dos pulmões.

Sangue, teu mundo é limitado; fica dentro dele!

Will conseguia sentir todos os átomos do seu corpo respondendo ao comando dela, e então juntou-se a eles, forçando o sangue que gotejava a escutar e obedecer.

Ela largou a mão de Will e se virou para o pequeno caldeirão de ferro sobre o fogo. Dele subia um vapor acre, Will ouvia o líquido borbulhando violentamente.

Serafina cantou:

Casca de carvalho, seda de aranha, musgo moído, erva-barrilheira: agarrem-se com firmeza, unam-se com força,

tranquem a porta, travem o portão,

reforcem a parede de sangue,

estanquem a enchente sangrenta.

Então a bruxa pegou um broto de amieiro e, com sua própria faca, partiu-o em dois no sentido do comprimento.

A alvura do cerne, exposta, brilhava ao luar .Ela colocou um pouco do líquido quente em cada metade e tornou a juntá-las, pressionando um lado contra o outro em toda a extensão do corte. E

o raminho ficou inteiro de novo. Will ouviu um som vindo de Lyra e virou-se, para ver outra bruxa segurando uma lebre, que se contorcia e se debatia nas mãos fortes da mulher. O animal ofegava, de olhos arregalados, chutando furiosamente, mas as mãos da bruxa eram implacáveis: uma delas segurava a lebre pelas patas da frente e a outra pelas patas traseiras, mantendo o frenético animal estendido de barriga para cima.

A faca de Serafina deslizou sobre ele. Will sentiu uma vertigem; Lyra, por sua vez, segurava Pantalaimon - em forma de lebre, para mostrar-se solidário - que tentava desvencilhar-se de suas mãos. A verdadeira lebre imobilizou-se, os olhos saltados, o peito ofegante, as entranhas brilhando. Mas Serafina deixou cair um pouco do líquido do caldeirão dentro do corte aberto na barriga da lebre e então fechou-o com os dedos, alisando sobre ele os pêlos molhados até não haver mais qualquer sinal do corte. A bruxa que segurava o animal colocou-o no chão com delicadeza, ele se sacudiu, virou-se para lamber o flanco, mexeu as orelhas e foi mordiscar um pedaço de capim como se estivesse sozinho. De repente pareceu perceber o círculo de humanos à sua volta e como uma flecha fugiu dali, inteiramente refeito, saltando velozmente para dentro da escuridão.

Lyra, acalmando Pantalaimon, olhou de relance para Will e viu que ele sabia o que aquilo significava: o remédio estava pronto. Ele estendeu a mão e Serafina passou a mistura quente nos tocos sangrentos, enquanto ele desviava os olhos e respirava fundo algumas vezes, mas sem se queixar. Depois que a carne viva estava inteiramente encharcada, a bruxa pressionou sobre os ferimentos as ervas tiradas do caldeirão e fechou tudo com uma faixa de seda.

Pronto: o feitiço estava feito.

Will dormiu profundamente pelo resto da noite. Estava frio, mas as bruxas empilharam folhas sobre o seu corpo, e Lyra dormiu aninhada junto às suas costas. Na manhã seguinte, Serafina refez o curativo e ele tentou ler no rosto dela se o ferimento estava melhorando, mas a bruxa se mostrava tranqüila e impassível.

Depois que comeram alguma coisa, Serafina contou-lhes: as bruxas tinham concordado que, já que tinham vindo a esse mundo para encontrar Lyra e tomar conta dela, iriam ajudar a menina a fazer aquilo que ela agora sabia ser a sua missão: levar Will até o pai dele.

Assim, partiram e a viagem foi tranqüila em sua maior parte. Para começar, Lyra consultou o aletômetro, mas com cautela, e ficou sabendo que deveriam viajar na direção das montanhas distantes, visíveis do outro lado da grande baía. Nunca tendo chegado tão alto acima da cidade, os dois não tinham consciência do modo como a costa se curvava e das montanhas que se encontravam abaixo do horizonte, mas agora eles avistavam, onde as árvores escasseavam ou onde um declive se abria aos pés dos viajantes, o mar deserto da baía, até as altas montanhas azuis que eram o seu destino. Elas pareciam muito distantes.

Os dois não conversaram muito. Lyra ocupava-se em observar a vida na floresta, desde pica-paus até esquilos e cobrinhas de losangos nas costas, e Will precisava de toda a sua energia simplesmente para continuar andando. Lyra e Pantalaimon falavam a respeito dele incessantemente.

- Bem que nós podíamos consultar o aletômetro - disse Pantalaimon, em certo momento em que os dois tinham ficado para trás para ver até que ponto conseguiriam aproximar-se de um cervo antes que este os visse. - Não prometemos não fazer isso. E poderíamos descobrir todo tipo de coisas para ele. Seria por ele, não por nós.

- Não seja estúpido - retrucou Lyra. - Seria por nós, porque ele nunca perguntaria. Você é curioso e intrometido, Pan.

- Já é uma mudança. Normalmente é você quem é curiosa e intrometida, e sou eu quem tem que lhe dizer para não fazer certas coisas. Como na Sala Privativa na Jordan. Eu não queria entrar lá.

- Se a gente não tivesse entrado, Pan, acha que tudo isso teria acontecido?

- Não. Porque o Reitor teria envenenado Lorde Asriel, e tudo ia acabar ali mesmo.

- É, talvez... Quem você acha que é o pai do Will? E por que será que ele é importante?

- É isso que eu estava dizendo! Podemos descobrir num instante!

Ela pareceu hesitar.

- Antigamente, eu até faria isso. Mas estou mudando, eu acho, Pan.

- Não está, não.

- Você pode não estar... Ei, Pan, quando eu mudar, você vai parar de mudar. O que é que vai ser?

- Uma pulga, espero.

- Você não tem nenhum pressentimento do que vai ser?

- Não, e nem quero ter.

- Você está chateado porque eu não vou fazer o que você quer. Ele se transformou num porco e grunhiu, berrou e roncou até que ela risse, e então mudou para um esquilo e correu por entre os ramos ao lado dela.

- E você, quem você acha que o pai dele é? - Pantalaimon quis saber.

- Acha que é alguém que nós já conhecemos?

- Podia ser. Mas deve ser alguém importante, quase tão importante quanto Lorde Asriel. Tem que ser. Sabemos que o que nós estamos fazendo é

importante, afinal.

- Não sabemos, não - retorquiu Pantalaimon. - Achamos que sabemos, mas não temos certeza. Simplesmente resolvemos procurar o Pó porque o Roger morreu.

- Nós sabemos que é importante, sim! - Lyra exclamou com veemência, chegando abater o pé no chão. - E as bruxas também sabem. Elas viajaram até aqui para nos procurar, só para tomar conta de mim e me ajudar!

E temos que ajudar Will a encontrar o pai dele. Isso é importante mesmo. Você

sabe que é, senão não teria dado aquelas lambidas nele quando ele se feriu. Aliás, por que você fez aquilo? Nem me perguntou se podia! Não consegui acreditar quando vi.

- Fiz porque ele não tem daemon e estava precisando de um. E se você tivesse metade do talento que pensa que tem para perceber as coisas, saberia disso.

- No fundo eu sabia.

Pararam de falar porque alcançaram Will, que estava sentado numa pedra ao lado da trilha. Pantalaimon transformou-se num papa-moscas e passou a voar no meio dos galhos.

Lyra perguntou:

- Will, que será que as crianças vão fazer agora?

- Não vão nos seguir. Estão com muito medo das bruxas. Talvez continuem por aí, andando sem rumo.

- É, talvez... Mas podem querer usar a faca. Podem vir atrás de nós.

- Que venham. Não vão conseguir. No princípio eu não queria ficar com a faca. Mas se ela mata Espectros...

- Nunca confiei na Angélica, desde o princípio - Lyra afirmou virtuosamente.

- Confiou, sim - ele rebateu.

- É. Confiei mesmo... No fim eu estava odiando aquela cidade.

- Eu pensei que era o paraíso, quando cheguei lá. Não podia imaginar coisa melhor. E o tempo todo aquele lugar estava cheio de Espectros, e a gente nem sabia...

- Bom, não vou mais confiar em crianças - Lyra declarou. - Lá em Bolvangar eu pensava que, por mais maldades que os adultos fizessem, as crianças eram diferentes, não eram capazes de tanta crueldade. Mas agora não tenho certeza. Nunca tinha visto crianças como essas, é verdade.

- Eu já - disse Will.

- Quando? No seu mundo?

- É - fez ele, embaraçado.

Lyra esperou, imóvel, até que ele continuou:

- Foi quando a minha mãe estava tendo outra fase ruim. Ela e eu, a gente era só, entende, porque obviamente o meu pai não estava lá. E de vez em quando ela começava a dizer coisas que não eram verdade. E de vez em quando começava a pensar coisas que não eram verdade. E tinha que fazer coisas que não faziam sentido, pelo menos para mim. Quer dizer, ela precisava fazer essas coisas, senão ficava tão perturbada, com medo de tudo, então eu ajudava ela. Como tocar em todas as ripas da grade em volta do parque, ou contar as folhas de um arbusto, esse tipo de coisa. Depois de algum tempo ela melhorava. Mas eu tinha medo de alguém descobrir, porque achava que podiam levar ela, de modo que eu tomava conta dela e escondia isso de todo mundo. Nunca contei a ninguém. Uma

vez ela ficou com medo quando eu não estava. Eu estava na escola. E então ela saiu, estava quase sem roupa, só

que não sabia disso. E alguns meninos da minha escola, eles viram e começaram...

Will tinha o rosto vermelho. Sem conseguir controlar-se, ele começou a andar de um lado para outro, desviando os olhos de Lyra, porque tinha a voz instável e os olhos cheios d'água.

Mas prosseguiu:

- Estavam atormentando ela, igualzinho àqueles meninos na Torre com a gata... Acharam que ela era louca e queriam machucar ela, talvez até

matar, isso não seria surpresa. Simplesmente ela era diferente, e eles tinham ódio disso. De qualquer maneira, eu encontrei ela e levei para casa. E no dia seguinte na escola briguei com o garoto que era o líder da turma. Lutei com ele, quebrei o braço dele e acho que alguns dentes também, não sei. E ia brigar com o resto da turma, mas comecei a pensar e vi que era melhor parar, porque, se as autoridades ou os professores ficassem sabendo, iam procurar minha mãe para fazer queixa, e então iam descobrir como ela era elevar ela embora. Então fingi que estava arrependido e disse aos professores que não ia fazer de novo, eles me castigaram por ter brigado e eu não disse nada. Mas minha mãe ficou em segurança, entende? Ninguém sabia, além daqueles meninos e eles sabiam o que eu faria se dissessem alguma coisa, sabiam que um dia eu ia matar eles todos, não ia só machucar. E logo depois ela melhorou outra vez. Ninguém nunca ficou sabendo. Mas depois disso deixei de confiar mais nas crianças do que nos adultos. São igualmente maus. De modo que não fiquei surpreso quando aquelas crianças de Ci'gazze fizeram aquilo. Ele tornou a se sentar, de costas para Lyra.

- Mas gostei quando as bruxas vieram - arrematou.

Sem olhar para Lyra, ele enxugou os olhos com a mão. Ela fingiu não perceber.

- Will, o que você contou sobre a sua mãe... E Tullio, quando os Espectros pegaram ele... E ontem, quando você disse que achava que os Espectros vieram do seu mundo...

- É. Porque não faz sentido, o que estava acontecendo com ela. Ela não é louca. Aqueles meninos podiam achar que ela era louca, zombar e querer machucar ela, mas estavam enganados, ela não é louca. Só que tinha medo de umas coisas que eu não conseguia enxergar. E tinha que fazer coisas que pareciam malucas, eu não conseguia entender o motivo, mas obviamente ela entendia. Como contar todas as folhas, feito o Tullio, ontem, tocando nas pedras do muro. Talvez seja um modo de tentar afastar os Espectros. Se a pessoa desse as costas a alguma coisa que a amedrontava e tentasse se interessar realmente pelas pedras ou pelo desenho delas, ou pelas folhas da árvore, se conseguisse achar que aquilo era realmente importante, estaria segura. Não sei. Parece isso. Mamãe tinha medo de coisas reais, como aqueles homens que nos roubaram, mas havia mais alguma coisa. De modo que talvez a gente tenha Espectros no meu mundo, só que ninguém consegue ver, e nós não demos nome a eles, mas eles estão lá, e não param de tentar atacar a minha mãe. Foi por isso que fiquei contente ontem, quando o aletômetro disse que ela está bem.

Ele tinha a respiração acelerada, a mão direita agarrada ao cabo da faca em sua bainha. Lyra nada disse, e Pantalaimon ficou imóvel.

- Quando foi que soube que tinha que ir procurar o seu pai? - ela perguntou depois de um momento.

- Há muito tempo - ele contou. - Eu costumava fingir que ele estava prisioneiro e eu ia ajudar ele a fugir. Brincava sozinho durante horas, durante dias. Ou então ele estava numa ilha deserta e eu ia até lá de barco e levava ele para casa. E ele ia saber exatamente o que era preciso fazer, especialmente com a minha mãe, e ela ia melhorar e ele ia cuidar dela e de mim, e eu ia poder simplesmente

ir à escola e ter amigos, e ia ter um pai e uma mãe. Então eu sempre dizia para mim mesmo que, quando crescesse, ia sair para procurar meu pai... E a minha mãe costumava me dizer que eu ia portar o manto do meu pai. Ela dizia isso para me deixar feliz. Eu não sabia o que isso queria dizer, mas parecia importante.

- Você não tinha amigos?

- Como é que eu podia ter amigos? - ele perguntou, realmente sem saber. - Amigos... Eles entram na casa da gente, ficam conhecendo os pais da gente e... Às vezes um garoto me convidava para ir à casa dele, e eu até podia aceitar, mas nunca poderia retribuir o convite. Então nunca tive amigos. Eu gostaria... Eu tinha a minha gata - continuou. - Espero que ela esteja bem. Espero que alguém esteja tomando conta dela...

- E o homem que você matou? - Lyra perguntou, o coração batendo com força. - Quem era?

- Não sei. Se matei, não me importo. Ele merecia. Eram dois. Iam lá

em casa atormentar a minha mãe até ela ficar com medo de novo, cada vez pior. Eles queriam saber tudo sobre o meu pai, e não deixavam ela em paz. Não sei se eram policiais ou o que eram. No princípio pensei que faziam parte de uma quadrilha de bandidos, que achavam que meu pai tinha roubado um banco, talvez, e escondido o dinheiro. Mas eles não queriam dinheiro, queriam papéis. Queriam algumas cartas que o meu pai tinha mandado. Um dia arrombaram a casa, e então eu vi que seria mais seguro se a minha mãe fosse para outro lugar. Entende, eu não podia ir pedir ajuda à polícia, porque iriam levar minha mãe embora. Eu não sabia o que fazer.

Will parou de falar por um instante.

- Finalmente procurei uma senhora que tinha sido minha professora de piano - retomou. - Na hora só me lembrei dela. Perguntei se a minha mãe podia ficar, e deixei ela lá. Acho que ela vai cuidar dela

direito. De qualquer maneira, voltei para casa para procurar as tais cartas, porque eu sabia onde elas estavam. Peguei as cartas e os homens chegaram e tornaram a invadir a casa. Era de noite, ou de madrugada. Eu estava escondido no sótão, e Moxie, a minha gata Moxie, ela saiu do quarto sem eu ver, nem o homem viu, e quando pulei em cima dele ele tropeçou nela e rolou escada abaixo... e eu fugi correndo. Foi o que aconteceu. Eu não pretendia matar ele, mas não me importo se ele morreu. Fugi e vim para Oxford e encontrei aquela janela. E isso tudo só aconteceu porque eu vi a outra gata e parei para ficar olhando, e ela encontrou a janela primeiro. Se eu não tivesse visto aquela gata... ou se Moxie não tivesse saído do quarto naquele instante...

- É, foi sorte - comentou Lyra. - E eu e Pan estávamos pensando agora mesmo: se eu não tivesse entrado no armário da Sala Privativa da Jordan e visto o Reitor colocar veneno no vinho, nada disso teria acontecido, também... Ficaram ambos sentados em silêncio na pedra coberta de musgo, sob os raios oblíquos do sol através dos velhos pinheiros, pensando em quantos acontecimentos casuais ínfimos tinham conspirado para levar os dois até esse lugar. Cada um desses acontecimentos casuais poderia ter tido um desfecho diferente. Talvez outro Will, em outro mundo, não percebesse a janela na Avenida Sunderland e saísse a vagar em direção às Midlands, perdido e exausto, até ser apanhado.

E em outro mundo, talvez outro Pantalaimon tivesse convencido outra Lyra a não entrar na Sala Privativa, e outro Lorde Asriel tivesse sido envenenado, e outro Roger tivesse sobrevivido para brincar para sempre com aquela Lyra sobre os telhados e pelos becos de uma Oxford diferente e imutável.

Finalmente Will estava suficientemente descansado para continuar caminhando, e os dois seguiram viagem, rodeados pelo silêncio profundo da floresta.

Viajaram durante todo o dia. Descansavam, avançavam, tornavam a descansar, enquanto as árvores iam ficando mais escassas e o terreno, mais pedregoso. Lyra consultou o aletômetro, que instruiu:

continuem, esta é a direção correta. Ao meio-dia chegaram a uma aldeia que os Espectros não perturbavam: cabras pastavam nas encostas, uma plantação de limoeiros jogava sombras no solo e algumas crianças que brincavam num riacho correram para suas mães ao verem a menina de roupas esfarrapadas e o menino de rosto pálido e feroz e com a camisa suja de sangue, e mais o elegante galgo que os acompanhava.

Os adultos mostraram-se cautelosos, mas dispostos a vender-lhes pão, queijo e frutas em troca de uma das moedas de ouro de Lyra. As bruxas ficaram fora de vista, embora as duas crianças soubessem que num segundo elas estariam ali se surgisse algum perigo. Lyra, depois de muito pechinchar, conseguiu que uma anciã lhes vendesse dois cantis de pele de cabra e uma bela camisa de linho, pela qual Will trocou com alívio a sua camiseta imunda, depois de se lavar no riacho gelado e se deitar ao sol quente para secar. Refeitos, os dois seguiram viagem. O terreno agora era mais inóspito, sombra, só a das rochas, pois não havia árvores, e o calor do solo atravessava a sola dos sapatos. O sol doía-lhes nos olhos. À medida que subiam, os dois avançavam cada vez mais devagar; quando o sol tocou na crista das montanhas e eles viram um pequeno vale abrir-se a seus pés, resolveram não ir mais longe.

Desceram a encosta às pressas, quase perdendo o equilíbrio mais de uma vez, e depois tiveram que atravessar um campo de rododendros-anões, as folhas escuras e brilhantes e os cachos de flores carmim pesados com o zumbido das abelhas, antes de saírem para uma campina aberta ao crepúsculo, ao longo de um riacho. O solo ali era de um capim que chegava aos joelhos, pontilhado de centáureas azuis, gencianas e qüinqüefólios. Will bebeu bastante água no riacho e depois deitou-se.

Não conseguia ficar acordado e tampouco conseguia dormir, a cabeça girava, uma aura de estranheza rodeava todas as coisas, sua mão doía e latejava.

E, pior, tinha recomeçado a sangrar.

Serafina examinou sua mão, colocou mais ervas sobre os ferimentos e apertou a atadura de seda com mais força, mas dessa vez tinha a fisionomia perturbada. Ele não quis fazer perguntas, de que adiantaria? Era evidente que o feitiço não tinha funcionado e ele se dava conta de que ela sabia disso também.

Assim que escureceu, ele sentiu Lyra vir deitar-se perto dele, e logo ouviu um ronronar suave: o daemon dela, em forma de gato, cochilava com as patas dobradas a menos de um metro dele, e Will sussurrou:

- Pantalaimon?

O daemon abriu os olhos. Lyra não se mexeu. Pantalaimon murmurou:

- Sim?

- Pan, eu vou morrer?

- As bruxas não vão deixar você morrer. Lyra também não vai.

- Mas o feitiço não funcionou. Eu não paro de perder sangue. Não deve ter sobrado muito. E continua sangrando, não quer parar. Estou com medo...

- Lyra acha que você não está.

- Acha?

- Ela acha que você é o guerreiro mais corajoso que ela já viu, tão corajoso quanto Iorek Byrnison.

- Então é melhor eu tentar não fazer cara de assustado - Will declarou. Depois de ficar em silêncio por um instante, continuou: - Acho que Lyra é mais corajosa que eu. Acho que é a melhor amiga que eu já tive.

- Ela pensa a mesma coisa de você - cochichou o daemon.

Finalmente Will fechou os olhos.

Lyra estava imóvel, mas tinha os olhos abertos na escuridão, e o seu coração batia com força.

Quando Will tornou a dar por si, estava completamente escuro, e sua mão doía mais que nunca. Ele se sentou com cuidado e viu uma fogueira acesa não muito longe, onde Lyra estava tentando tostar pão num galho em forquilha. Havia também alguns pássaros assando num espeto, e quando Will se aproximou Serafina Pekkala pousou.

- Will, coma estas folhas antes de comer qualquer outra coisa. Deu-lhe um punhado de folhas de sabor levemente amargo, um pouco parecido com salva, que ele mastigou em silêncio e forçou-se a engolir. Eram ligeiramente picantes, mas ele se sentiu melhor, mais desperto e menos friorento. Comeram os pássaros assados, temperando-os com suco de limão, uma bruxa trouxe algumas cerejas que ela havia encontrado, e então as bruxas reuniram-se em volta do fogo. Conversavam em voz baixa, algumas delas tinham voado bem alto, para espionar, e uma tinha visto um balão sobre o mar. Lyra endireitou-se no mesmo instante.

- O balão do Sr. Scoresby? - quis saber .

- Havia dois homens nele, mas estavam distantes demais para eu distinguir quem eram. Atrás deles estava se formando uma tempestade. Lyra bateu palmas.

- Se o Sr. Scoresby está chegando, vamos poder voar, Will! Ah, tomara que seja ele! Eu nem me despedi dele, e ele foi tão bacana... Queria ver ele de novo, queria mesmo...

A bruxa Juta Kamainen estava prestando atenção, com seu daemontordo de peito vermelho e olhos brilhantes empoleirado em seu ombro, porque a menção de Lee Scoresby lhe lembrara a busca que ele tinha partido para fazer. Ela era a bruxa que tinha se apaixonado por Stanislaus Grumman, que desdenhara o seu amor -

a bruxa que Serafina Pekkala tinha trazido para este mundo para impedir que ela o matasse em seu próprio mundo. Serafina poderia ter percebido, mas aconteceu alguma coisa, ela ergueu a mão e a cabeça, assim como todas as outras bruxas. Will e Lyra escutavam muito vagamente, vindo do norte, o grito de um pássaro noturno. Mas não era um pássaro comum: as bruxas reconheceram instantaneamente um daemon. Serafina Pekkala levantou-se, olhando atentamente para o céu.

- Acho que é Ruta Skadi - disse.

Ficaram imóveis, as cabeças de lado, voltadas para o grande silêncio, esforçando-se para ouvir. Veio então outro grito, já mais perto, e então um terceiro, diante disso, todas as bruxas pegaram seus galhos e saltaram para o ar - exceto duas, que ficaram bem próximas, flechas preparadas nos arcos, protegendo Will e Lyra.

Em algum lugar na escuridão lá em cima havia uma batalha. E

pareceu-lhes ter-se passado apenas um instante quando ouviram sons de luta, assobios de flechas e gritos de dor, de raiva ou de comando. E então, com um estrondo tão súbito que eles não tiveram tempo de saltar para trás, uma criatura caiu do céu a seus pés: um animal de pele semelhante a couro e pelagem encardida, que Lyra reconheceu como um avantesma-do-penhasco ou algo semelhante.

O animal tinha sofrido na queda, e tinha uma flecha enfiada no flanco, mas virou-se e tentou atacar Lyra com malícia. As bruxas não podiam atirar porque Lyra estava na linha de fogo, mas Will chegou primeiro, e com a faca cortou fora a cabeça da criatura, que rolou para longe, o ar que ainda havia nos pulmões da fera escapou com um som borbulhante, e ela caiu morta. Eles tornaram a olhar para o céu, pois a batalha agora se desenrolava mais perto do solo, e a luz da fogueira mostrava redemoinhos de seda negra, membros pálidos, ramos verdes de pinheiro-nubígeno, couro descamado, marrom-acinzentado. Como as bruxas conseguiam manter o

equilíbrio durante as manobras súbitas, e ainda por cima fazer pontaria e atirar, era algo acima da compreensão de Will.

Outro avantesma caiu, depois um terceiro caiu no riacho ou nas pedras próximas e então o resto do bando fugiu ruidosamente para a escuridão em direção ao norte. Momentos depois, Serafina Pekkala pousou com suas bruxas e com mais uma: uma linda mulher de olhos ferozes e cabelos negros, as maçãs do rosto ruborizadas de raiva e excitação.

Essa bruxa viu o avantesma sem cabeça e cuspiu.

- Não vem do nosso mundo, nem deste - declarou. - Abominações nojentas. Existem milhares delas, reproduzindo-se como moscas... Quem é

esta menina, é a Lyra? E o menino, quem é?

Lyra devolveu-lhe o olhar impassível, embora sentisse o coração bater mais depressa, pois os nervos de Ruta Skadi vibravam tão intensamente que provocavam um frêmito nos nervos de qualquer pessoa que chegasse perto dela.

Então a bruxa voltou-se para Will, que sentiu o mesmo frêmito de intensidade, mas como Lyra ele controlou sua expressão. Ainda tinha a faca na mão, a bruxa viu o que ele tinha feito usando a faca, e sorriu. Ele a enfiou na terra para limpá-la do sangue da criatura imunda e depois lavou-a no riacho. Ruta Skadi dizia:

- Serafina Pekkala, estou aprendendo muito, todas as coisas antigas estão mudando, ou morrendo, ou vazias. Estou com fome...

Ela comeu como um animal, roendo o que sobrara dos pássaros assados e enfiando punhados de pão na boca, com a ajuda de grandes goles de água do riacho. Enquanto ela se alimentava, algumas bruxas carregaram para longe o corpo do avantesma e refizeram a fogueira, depois montaram turnos de vigia.

As outras vieram sentar-se perto de Ruta Skadi, para escutar o que ela ia começar a contar. A bruxa narrou o que acontecera depois que ela partiu voando atrás dos anjos e a sua viagem até a fortaleza de Lorde Asriel.

- Irmãs, é o maior castelo que se pode imaginar. Muralhas de basalto chegando até o céu, estradas largas descendo de todas as direções, por onde chegam carregamentos de pólvora, comida, placas de armadura, como ele conseguiu isso? Acho que deve ter passado vários anos, várias eras, fazendo preparativos. Ele vem preparando isso tudo desde antes de nós termos nascido, irmãs, embora seja tão mais jovem... Mas como pode ser isso? Não sei. Não consigo entender. Acho que ele comanda o tempo, faz o tempo andar depressa ou devagar, conforme a sua vontade.

Depois de um silêncio ela continuou:

- Nessa fortaleza estão chegando guerreiros de todo tipo, de todos os mundos. Homens e mulheres, sim, e espíritos guerreiros também, e criaturas armadas que eu nunca tinha visto. Lagartos e macacos, e grandes pássaros com esporas venenosas, criaturas estranhas demais para ter um nome que eu conseguisse adivinhar. E outros mundos têm bruxas, sabiam disso, irmãs?

Falei com bruxas que vieram de um mundo como o nosso, mas profundamente diferente, pois aquelas bruxas não vivem mais do que os nossos vidas-curtas, e havia homens, também, bruxos que voam como nós...

As bruxas do clã de Serafina Pekkala ouviam esse relato com assombro, medo e incredulidade. Mas Serafina acreditava, e insistiu para que Ruta Skadi continuasse.

- Viu Lorde Asriel, Ruta Skadi? Conseguiu chegar até ele?

- Sim, consegui, e não foi fácil, pois ele vive no centro de muitos círculos de atividade, e dirige todos eles. Mas fiquei invisível e consegui chegar ao aposento privativo dele, onde ele estava se

preparando para dormir. Todas as bruxas sabiam o que tinha acontecido em seguida, mas nem Will, nem Lyra sonhavam com isso. De modo que Ruta Skadi não viu necessidade de contar, e continuou:

- Então eu lhe perguntei por que estava reunindo todas aquelas forças, e se era verdade o que ouvimos sobre o seu desafio à Autoridade, e ele riu. Ele me perguntou: então falam disso na Sibéria? E eu disse que sim, e em Svalbard e em todas as regiões do Norte, o nosso Norte e contei sobre o nosso pacto, e que eu tinha deixado o nosso mundo para procurar por ele. E então nos convidou para nos juntarmos a ele, irmãs. Para integrarmos o seu exército contra a Autoridade. Eu desejava de todo o coração poder nos comprometer a todas naquele momento, teria jogado o meu clã na guerra com o coração satisfeito. Ele me mostrou que a rebelião era certa e justa, diante das coisas que os a gentes da Autoridade fizeram em nome dela... E pensei nas crianças de Bolvangar, e nas outras mutilações terríveis que vi nas nossas próprias terras meridionais, ele me contou muitas outras crueldades feitas em nome da Autoridade. Em alguns mundos eles capturam as bruxas e as queimam vivas, irmãs, sim, bruxas como nós...

Ela olhou em volta e prosseguiu:

- Ah, irmãs, eu queria me lançar nessa guerra com todo o meu clã!

Mas sabia que devia consultá-la primeiro, Serafina Pekkala, e depois voar de volta ao nosso mundo e conversar com Ieva Kasku, Reina Miti e as outras bruxas-rainhas. Então fiquei invisível, peguei meu pinheiro-nubígeno e parti. Mas, antes de ir muito longe, surgiu um grande vento que me jogou para o alto das montanhas, e tive que me refugiar no topo de um penhasco. Conhecendo o tipo de criaturas que vivem nos penhascos, tornei a ficar invisível, e escutei vozes na escuridão. Parece que eu tinha ido parar no lugar onde ficava o ninho do mais velho de todos os avantesmas-dos-penhascos. Ele era cego, e os outros lhe traziam comida, carniça fedorenta, lá do vale. E lhe pediam orientação. Perguntavam e ele respondia:

"Vovô, até onde vai a sua memória?"

"Até bem longe. Muito antes dos humanos", ele respondeu. Tinha a voz baixa, frágil e alquebrada.

"É verdade que a maior batalha de todas está para acontecer, vovô?"

"É, sim, crianças. Uma batalha maior do que a última. Um belo banquete para todos nós. Serão dias de prazer e abundância para todos os avantesmas de todos os mundos."

"E quem vai vencer, vovô? Lorde Asriel vai derrotar a Autoridade?"

"O exército de Lorde Asriel tem milhões de soldados, vindos de todos os mundos", contou o velho avantesma. "É um exército maior do que aquele que lutou contra a Autoridade da última vez, e é melhor dirigido. Quanto às forças da Autoridade, ora, elas são 100 vezes maiores. Mas a Autoridade é

muito velha, até muito mais velha do que eu, crianças, e seus soldados estão assustados, ou então complacentes. Seria uma luta difícil, mas Lorde Asriel venceria, pois é apaixonado e corajoso, e acredita que sua causa seja justa. Mas há uma coisa, crianças. Ele não tem AEsahaettr. Sem AEsahaettr, ele e os seus exércitos serão derrotados. E então vamos nos banquetear durante anos, minhas crianças!". Ele riu e começou a roer o osso fedorento que os outros tinham levado, e todos guincharam de alegria. Ora, vocês podem imaginar como eu me esforcei para escutar mais coisas sobre esse tal AEsahaettr, mas só conseguia ouvir o uivo do vento e um avantesma novinho perguntando: "Se Lorde Asriel precisa de AEsahaettr, por que não chama?". E o velho avantesma respondeu: "Lorde Asriel sabe tanto quanto você sobre AEsahaettr, criança! Esta é a piada! Pode rir bastante!"

Ruta Skadi mais uma vez olhou em volta.

- Mas quando tentei chegar mais perto daquelas coisas imundas, meu poder falhou, irmãs, não consegui ficar invisível por mais tempo. Os mais jovens me viram e deram o alarme, e tive que fugir de volta para este mundo através da porta invisível no céu. Um bando deles veio atrás de mim, e aqueles corpos ali são os últimos. Mas é evidente que Lorde Asriel precisa de nós, irmãs. Seja quem for esse AEsahaettr, Lorde Asriel precisa de nós! Eu gostaria de voltar a Lorde Asriel agora e dizer: não se preocupe, nós estamos chegando, nós, as bruxas do Norte, vamos ajudá-lo a vencer... Vamos resolver isso agora, Serafina Pekkala, vamos convocar um grande conselho de todas as bruxas, de todos os clãs, e guerrear!

Serafina Pekkala olhou para Will, que sentiu que ela lhe pedia permissão para alguma coisa. Mas não sabia o que responder, e ela olhou de volta para Ruta Skadi.

- Nós, não - afirmou. - A nossa missão agora é ajudar Lyra, e a missão dela é guiar Will até o pai dele. Você deve voltar para lá, concordo, mas nós devemos ficar com Lyra.

Ruta Skadi fez um gesto de impaciência com a cabeça.

- Bom, se é preciso... - resmungou.

Will deitou-se, porque o ferimento estava doendo, muito mais do que no início. A mão inteira estava inchada. Lyra deitou-se também, com Pantalaimon enrodilhado junto ao seu pescoço, e ficou contemplando o fogo através das pálpebras semicerradas, escutando, sonolenta, o murmúrio das bruxas.

Ruta Skadi avançou um pouco riacho acima, e Serafina Pekkala acompanhou-a.

- Ah, Serafina Pekkala, você devia ver Lorde Asriel - disse baixinho a rainha da Látvia. - É o maior comandante que já existiu. Tem cada detalhe bem nítido no cérebro. Imagine quanta ousadia, entrar em guerra contra o criador?

Mas quem você acha que pode ser esse AEsahaettr? Como é que nunca ouvimos falar dele? E como podemos convencê-lo a se juntar a Lorde Asriel?

- Talvez não seja "ele", irmã. Sabemos tão pouco quanto o avantesma novinho. Talvez o avô estivesse zombando da ignorância dele. Essa palavra parece significar destruidor-de-deus, sabia disso?

- Então pode ser que sejamos nós, Serafina Pekkala! E se formos, então o exército dele ficará muito mais forte com a nossa presença. Ah, que vontade de ver minhas flechas matando aqueles malvados de Bolvangar e de todas as Bolvangares em todos os mundos! Irmã, por que fazem isso? Em todos os mundos os a gentes da Autoridade estão sacrificando crianças ao seu deus cruel! Por quê? Por quê?

- Têm medo do Pó - disse Serafina Pekkala. – Mas não sei o que é

isso.

- E esse menino que você encontrou, quem é? De que mundo ele veio?

Serafina Pekkala contou-lhe tudo que sabia sobre Will.

- Não sei por que ele é importante - concluiu. – Mas nós servimos a Lyra. E o instrumento dela lhe diz que a missão dela é esta. E, irmã, tentamos curar o ferimento dele, mas fracassamos. Tentamos o feitiço da coagulação, e não funcionou. Talvez as ervas neste mundo sejam menos potentes do que as nossas. Aqui é quente demais para o musgo-de-sangue crescer...

- Ele é estranho - Ruta Skadi comentou. - É do mesmo tipo de Lorde Asriel. Já olhou bem nos olhos dele?

- Para falar a verdade, não tive coragem – confessou Serafina Pekkala.

As duas rainhas sentaram-se em silêncio junto ao riacho.

O tempo passou, algumas estrelas desapareceram, outras nasceram. Alguém soltou um gritinho enquanto dormia: era Lyra, sonhando. As bruxas ouviram o ronco de uma tempestade e viram os raios sobre o mar e o sopé

das montanhas, porém muito distante.

Mais tarde Ruta skadi perguntou:

- E a menina Lyra, qual é o papel dela? É só esse? Ela é importante porque pode levar o garoto até o pai? É mais que isso, não é?

- Isso é o que ela tem que fazer agora. Mas depois, sim, muito mais que isso. O que nós, bruxas, dissemos sobre a criança é que ela deveria colocar um fim no destino. Bem, nós conhecemos o nome que iria torná-la importante para a Sra. Coulter, e sabemos que a mulher não o conhece. A bruxa que ela estava torturando no navio perto de Svalbard quase disse qual era, mas Yambe-Akka chegou a tempo. Mas agora estou achando que Lyra pode ser aquilo que você ouviu os avantesmas falando, esse tal AEsahaettr. Nem as bruxas, nem aqueles seres-anjos, mas esta criança adormecida: a arma definitiva numa guerra contra a Autoridade. Por que mais a Sra. Coulter ficaria tão ansiosa para encontrá-la?

- A Sra. Coulter foi amante de Lorde Asriel - informou Ruta Skadi. Claro, Lyra é filha deles... Serafina Pekkala, se eu tivesse uma filha com ele, que bruxa seria ela! A rainha das rainhas!

- Psiu, irmã - fez Serafina. - Escute... E que luz é aquela?

Elas ficaram de pé, alarmadas, imaginando se alguma coisa teria passado despercebida por elas, e viram um brilho de luz vindo do local do acampamento: não era a fogueira, não tinha a menor semelhança com a luz do fogo. Correram de volta sem fazer ruído, as flechas já preparadas nos arcos, e estacaram de repente.

Todas as bruxas dormiam na relva, assim como Will e Lyra. Mas em volta das duas crianças havia mais de uma dúzia de anjos, olhos baixos, a contemplá-las.

E então Serafina entendeu algo para o qual as bruxas não tinham uma palavra: era a idéia de uma peregrinação. Ela compreendeu por que aqueles seres esperavam milhares de anos e viajavam longas distâncias para ficarem perto de alguma coisa importante, e que daí em diante seus sentimentos seriam diferentes até o final dos tempos, por terem estado por um instante na presença dessa coisa. Era o que aquelas criaturas agora simbolizavam, aqueles belos peregrinos de luz rarefeita, postados em volta da menina de rosto sujo e saia escocesa e o menino de mão machucada que franzia a testa enquanto dormia.

Algo se mexeu junto ao pescoço de Lyra: Pantalaimon, um arminho branco como a neve, abriu os olhos negros sonolentamente e olhou em volta sem medo. Mais tarde Lyra iria lembrar-se disso como se fosse um sonho. Pantalaimon pareceu aceitar aquela atenção como algo a que Lyra tinha direito, depois de algum tempo, enrodilhou-se e fechou os olhos novamente. Finalmente uma das criaturas abriu as asas. As outras, embora bem próximas umas das outras, fizeram a mesma coisa, e suas asas se interpenetravam sem resistência, passando uma pela outra como luz passando através de outra luz, até que havia um círculo radiante em volta das crianças adormecidas na relva.

Então os seres alçaram vôo, um de cada vez, erguendo-se como labaredas no céu e aumentando de tamanho, até ficarem imensos; mas então já estavam distantes, movendo-se como estrelas cadentes em direção ao Norte.

Serafina e Ruta Skadi saltaram sobre seus galhos de pinheironubígeno e seguiram-nos para o alto, mas ficaram para trás.

- Eram como as criaturas que você viu, Ruta Skadi? Serafina perguntou, tendo as duas diminuído a velocidade do vôo para

contemplar as labaredas brilhantes diminuírem em direção ao horizonte.

- Maiores, eu acho, mas da mesma espécie. Não têm carne, você viu?

São feitos só de luz. Seus sentidos devem ser tão diferentes dos nossos... Serafina Pekkala, vou deixá-la agora, para reunir todas as bruxas do nosso norte. Quando nos encontrarmos outra vez, será tempo de guerra. Fique bem, minha querida...

Abraçaram-se em pleno ar, e Ruta Skadi virou e partiu célere para o Sul.

Serafina ficou a observá-la, depois virou-se para ver os anjos cintilantes desaparecerem de vez na distância. Sentia apenas compaixão por aqueles imensos vigilantes. Quanta coisa eles deviam perder, nunca sentir aterra sob os pés ou o vento nos cabelos ou o arrepio que a luz das estrelas provocava na pele nua! E ela partiu um raminho do galho de pinheiro-nubígeno no qual voava e aspirou com guloso prazer o aroma acre da resina, antes de baixar lentamente para juntar-se às companheiras adormecidas na relva. **14 - A RAVINA DO ÁLAMO**

Lee Scoresby baixou os olhos para o plácido oceano à sua esquerda, a costa verde à sua direita, e protegeu os olhos da luz para procurar sinais de vida humana. Tinham se passado um dia e uma noite desde que eles deixaram o Yenisei.

- E este é um novo mundo? - perguntou.

- Novo para aqueles que não nasceram nele - respondeu Stanislaus Grumman. - Tão velho quanto o seu ou o meu. O que Asriel fez bagunçou tudo, Sr. Scoresby, mais profundamente do que jamais aconteceu antes. Essas portas e janelas de que falei, elas agora se abrem para locais inesperados. A orientação é difícil, mas o vento está bom.

- Novo ou velho, este mundo aí embaixo é estranho - tornou Lee.

- É, sim. É um mundo estranho, embora sem dúvida certas pessoas se sintam em casa aqui.

- Parece deserto - Lee comentou.

- Mas não é. Atrás daquela ponta de terra existe uma cidade que já foi rica e poderosa. E ainda é habitada pelos descendentes dos mercadores e nobres que a construíram, embora ela tenha entrado em decadência há 300

anos...

Minutos depois, à medida que o balão avançava, Lee avistou primeiro um farol, depois a curva de um quebra-mar de pedra, depois as torres, os domos e os telhados marrom-avermelhados de uma linda cidade em torno de um porto, um prédio suntuoso, como um teatro, e belos jardins e avenidas largas, com hotéis elegantes e ruelas onde árvores carregadas orlavam sacadas sombreadas.

E Grumman tinha razão: havia gente ali. Mas ao se aproximarem, Lee surpreendeu-se ao constatar que se tratava de crianças. Não havia um só

adulto à vista. As crianças estavam brincando na praia ou entrando e saindo de cafés e bares, ou comendo e bebendo, ou recolhendo sacolas de objetos das casas e das lojas. E havia um grupo de meninos brigando, e uma menina ruiva incentivando abriga, e um menininho jogando pedras, tentando quebrar todas as vidraças de um prédio próximo. Era como um playground do tamanho de uma cidade, sem um único professor à vista - um mundo infantil. Mas aquelas não eram as únicas presenças ali. Lee teve que esfregar os olhos quando os viu, mas não havia dúvida: colunas de névoa, ou algo mais tênue do que a névoa, um espessamento do ar... Fossem o que fossem, a cidade estava cheia deles, deslizavam ao longo das avenidas, entravam nas casas, juntavam-se nas praças. As crianças andavam entre eles sem os ver. Mas não sem serem vistas. Quanto

mais voavam para o centro da cidade, mais Lee podia observar o comportamento daquelas figuras. E era evidente que elas se interessavam por algumas crianças, e seguiam algumas por toda parte: as mais velhas, aquelas que (pelo que Lee podia ver através do telescópio) estavam às portas da adolescência. Havia um menino, alto, magro, de cabelos negros, que estava tão rodeado pelos seres transparentes que seu próprio contorno parecia desfocado. Eram como moscas em volta da carne. E o menino não tinha idéia disso, embora de vez em quando esfregasse os olhos ou sacudisse a cabeça como se quisesse clarear a visão.

- Que coisas são aquelas? - Lee quis saber.

- As pessoas as chamam de Espectros.

- O que é que eles fazem, exatamente?

- Já ouviu falar de vampiros?

- Ah, as lendas.

- Assim como os vampiros se alimentam de sangue, os Espectros se alimentam de atenção, de um interesse consciente e informado. A imaturidade das crianças não os atrai tanto.

- Então são o oposto daqueles demônios em Bolvangar.

- Pelo contrário. Tanto o Conselho de Oblação quanto os Espectros da Indiferença estão enfeitiçados por esta verdade a respeito dos seres humanos: a inocência é diferente da experiência. O Conselho da Oblação teme e odeia o Pó, e os Espectros se alimentam dele, mas ambos são obcecados por ele.

- Estão cercando aquele menino ali...

- Ele está crescendo. Logo será atacado, e a sua vida será

transformada num sofrimento vazio e indiferente. Ele está condenado.

- Pelo amor de Deus! Não podemos fazer nada?

- Não. Os Espectros nos agarrariam na mesma hora. Aqui em cima não podem nos alcançar; tudo que podemos fazer é observar e seguir viagem.

- Mas onde estão os adultos? Não me diga que este mundo inteiro está cheio só de crianças?

- Estas crianças são órfãs, seus pais foram atacados pelos Espectros. Existem muitos bandos delas neste mundo. Elas vagueiam por aí, vivendo daquilo que encontram quando os adultos fogem. E, como você pode ver, existe muita coisa à disposição delas. Elas não passam fome. Parece que um bando de Espectros invadiu esta cidade, e os adultos fugiram para algum lugar seguro, percebeu como há poucos barcos no porto? As crianças não correm perigo.

- A não ser as mais velhas. Como aquele menino ali embaixo, coitado.

- Sr. Scoresby, é assim que este mundo funciona. E se quiser acabar com a crueldade e a injustiça, precisa me levar mais longe. Tenho um trabalho a fazer .

- Me parece... - começou Lee, procurando as palavras. - Me parece que o lugar de combater a crueldade é onde ela está, e...o lugar onde se presta socorro é onde ele é necessário. Ou estou enganado, Dr. Grumman? Sou apenas um aeronauta ignorante. Sou tão ignorante que acreditei quando me disseram que os xamãs têm o dom de voar, por exemplo. No entanto, aqui está

um xamã que não tem esse dom.

- Ah, mas eu tenho, sim.

- Como assim?

- Eu precisava voar, de modo que convoquei você e aqui estou, voando - disse Grumman.

O balão voava mais baixo, o solo estava mais perto. Uma torre de pedra erguia-se diretamente no caminho deles, e Lee parecia não ter percebido. Grumman estava inteiramente consciente do perigo que corriam, mas evitou insinuar que o aeronauta não estava. E, no momento apropriado, Lee Scoresby inclinou-se por cima da borda da cesta e puxou acorda de um dos sacos de lastro. A areia escorreu, e o balão ergueu-se suavemente, passando por cima da torre a uns dois metros de distância. Algumas gralhas, alvoroçadas, revoaram aos guinchos em volta deles.

- É, está mesmo - disse Lee. - O senhor tem um jeito estranho, Dr. Grumman. Já teve contato com as bruxas?

- Já, sim - disse Grumman. - E com Catedráticos, e com espíritos. Encontrei loucura em toda parte, mas havia grãos de sabedoria em todos os casos de loucura. Sem dúvida havia muito mais sabedoria do que eu consegui reconhecer. A vida é dura, Sr. Scoresby, mas mesmo assim nos agarramos a ela.

- E esta viagem, é loucura ou sabedoria?

- A maior sabedoria que conheço.

- Conte-me outra vez qual é o seu propósito: vai encontrar o portador da faca mágica, e depois?

- Revelar-lhe qual é a sua tarefa.

- Uma tarefa que inclui proteger Lyra - o aeronauta lembrou.

- Vai proteger nós todos.

O vôo prosseguia, e logo a cidade tinha ficado para trás. Lee verificou seus instrumentos. A bússola ainda girava sem parar, mas o altímetro estava funcionando corretamente, pelo que ele podia

julgar, e mostrava que estavam flutuando cerca de 300 metros acima da costa, paralelos a ela. À frente, uma cadeia de altas montanhas verdes erguia-se para dentro da névoa, e Lee sentiu alívio por ter providenciado bastante lastro. Mas quando examinou o horizonte ele sentiu o coração dar um salto. Hester sentiu o mesmo e sacudiu as orelhas, girando a cabeça para olhar para o rosto dele com um olho castanho-dourado. Ele a pegou e a enfiou dentro do casaco, e tornou a abrir o telescópio.

Não. não tinha se enganado. Ao sul (se a direção de onde vinham era realmente o sul) outro balão flutuava na neblina. A distância e a distorção do calor impossibilitavam que ele distinguisse qualquer detalhe, mas o outro balão era maior e voava mais alto.

Grumman também o vira.

- Inimigos, Sr. Scoresby? - perguntou, protegendo os olhos para perscrutar a luz nacarada.

- Sem dúvida. Não sei se solto lastro e subo, para pegar um vento mais rápido, ou continuo voando baixo e fico menos visível. Ainda bem que aquela coisa não é um zepelim, senão poderia nos alcançar em poucas horas. Não. droga, Dr. Grumman. vou subir, porque se eu estivesse naquele balão já

teria visto este aqui. e aposto que eles enxergam bem.

Ele tornou a colocar Hester no chão e inclinou-se para soltar três sacos de lastro. O balão subiu imediatamente, e Lee manteve o telescópio pregado no olho. E no minuto seguinte ele teve certeza de ter sido avistado, pois houve um movimento na névoa que se transformou numa linha de fumaça subindo e se afastando em diagonal do outro balão e quando chegou a certa altura, a fumaça explodiu em luz. Durante um instante ela brilhou em vermelho, depois diminuiu para uma fumaça cinzenta, mas era um sinal tão claro quanto um sino de alarme tocando na noite.

- Pode invocar uma brisa mais forte, Dr. Grumman? Eu gostaria de chegar àquelas montanhas antes de escurecer - pediu Lee.

Pois agora afastavam-se da costa, e seu curso os levava sobre uma grande baía, de uns 50 quilômetros de extensão. As montanhas erguiam-se do outro lado, e agora que tinha ganho altura, Lee viu que eram realmente imensas.

Virou-se para Grumman, mas este estava em transe profundo. O xamã

tinha os olhos fechados, e gotas de suor surgiam em sua testa, enquanto ele se balançava suavemente para a frente e para trás. Da garganta saía-lhe um gemido baixo e ritmado, e seu daemon, igualmente em transe, agarrava-se à

borda da cesta.

Fosse resultado da maior altura, fosse resultado do feitiço do xamã, uma brisa alcançou o rosto de Lee. Ele ergueu os olhos para verificar o balão propriamente dito e viu que se inclinava um ou dois graus na direção das montanhas.

Mas a brisa que os impulsionava estava impulsionando o outro balão também. Ele não estava mais perto, porém também não estava mais longe. E

quando Lee virou o telescópio naquela direção, avistou atrás dele formas menores e mais escuras. Estavam agrupadas de maneira organizada, e a cada minuto ficavam mais sólidas e nítidas.

- Zepelins - ele identificou. - Bem, não temos onde nos esconder. Ele tentou calcular a distância dos zepelins e das montanhas para onde estavam voando. Sua velocidade certamente era maior agora, e a brisa erguia franjas brancas lá embaixo nas ondas do mar.

Grumman descansava num canto da cesta, enquanto seu daemon penteava as penas com o bico. Ele tinha os olhos fechados, mas

Lee sabia que estava acordado.

- A situação é a seguinte, Dr. Grumman: não quero ser apanhado no ar por aqueles zepelins. Não há defesa, eles nos derrubariam num minuto. Também não quero pousar na água, por escolha ou não, poderíamos flutuar por algum tempo, mas eles nos pegariam com granadas como quem pesca um peixe. De modo que quero chegar até aqueles montes e pousar lá. Estou vendo uma floresta; podemos nos esconder entre as árvores por algum tempo, talvez por muito tempo. Enquanto isso, o sol está descendo. Faltam umas três horas para o pôr-do-sol, pelos meus cálculos. É difícil dizer, mas acho que a essa hora os zepelins já terão diminuído pela metade a distância entre nós, e já

deveremos ter chegado ao outro lado desta baía. Portanto, entenda o que estou querendo dizer: vou nos levar para aquelas montanhas e então pousar, pois qualquer outra coisa será morte certa. Eles já devem ter feito a ligação entre o anel que eu mostrei e o escraelingue que matei em Nova Zembla, e não estão atrás de nós com tanto empenho só para nos dizer que esquecemos a carteira em cima do balcão. De modo que este vôo termina hoje, não sei quando. Já pousou de balão?

- Não, mas confio na sua habilidade - afirmou o xamã.

- Vou tentar chegar o mais alto possível. É uma questão de equilíbrio, pois quanto mais voarmos, mais perto eles estarão de nós. Se eu pousar com eles muito perto, eles poderão ver onde pousamos, mas se eu pousar cedo demais, não conseguiremos nos abrigar nas árvores. De qualquer maneira, não vai demorar para haver tiroteio.

Grumman, impassível, jogava de uma mão para a outra um instrumento de magia feito de penas e contas, de um determinado jeito no qual Lee distinguia um certo propósito. Os olhos de seu daemon não abandonavam os zepelins que os perseguiam.

Passou - se uma hora, e mais outra. Lee mastigava um charuto apagado e bebericava café frio de um frasco de lata. O sol baixou no céu atrás deles, e Lee via a longa sombra da noite avançar pela praia da baía e subir as encostas mais baixas das montanhas à frente, enquanto o próprio balão e o topo das montanhas estavam banhados de dourado.

E atrás deles, quase perdidas no brilho do poente, as manchinhas dos zepelins ficavam maiores e mais nítidas. Eles já tinham ultrapassado o outro balão, e podiam ser vistos a olho nu: quatro zepelins, lado a lado. E através do amplo silêncio da baía veio o som dos seus motores, baixo, porém nítido - um insistente zumbido de mosquito.

Quando faltavam alguns minutos para chegarem acima da praia no sopé das montanhas, Lee percebeu uma novidade no céu, atrás dos zepelins: um banco de nuvens vinha crescendo e uma imensa nuvem de tempestade subia milhares de metros no céu, ainda claro lá em cima. Como ele pôde não ter percebido? Se uma tempestade era iminente, quanto mais cedo pousassem, melhor seria.

Então uma cortina verde-escura de chuva desabou da nuvem, e a tempestade parecia estar perseguindo os zepelins como estes perseguiam o balão de Lee, pois a chuva vinha do mar em sua direção, quando o sol finalmente desapareceu, veio das nuvens um fortíssimo clarão e, segundos depois, o estrondo de um trovão tão alto que sacudiu por inteiro o balão de Lee e ecoou durante longo tempo nas montanhas.

Houve então outro relâmpago, que dessa vez desceu das nuvens diretamente sobre um dos zepelins. No mesmo instante o gás incendiou-se: uma brilhante flor de fogo desabrochou contra as nuvens escuras, e a embarcação começou a cair lentamente, em chamas, como uma rocha, e ficou flutuando no mar.

Lee soltou a respiração. Grumman estava de pé a seu lado, uma das mãos na borda da cesta, o rosto marcado de rugas de cansaço.

- Foi o senhor quem trouxe a tempestade? - Lee perguntou.
Grumman assentiu.

O céu agora tinha o colorido de um tigre: listras douradas alternavamse com manchas e mais listras marrom-escuras, e o desenho mudava a cada minuto, pois o dourado desaparecia rapidamente, engolido pelo marrom. O mar era uma colcha de retalhos de água escura e espuma fosforescente, e as derradeiras labaredas do zepelim em chamas minguavam, para finalmente desaparecerem quando ele afundou.

No entanto, os outros três continuavam a perseguição, maltratados pela tempestade, porém mantendo o rumo. Em volta deles os relâmpagos se multiplicaram, e, à medida que a tempestade se aproximava, Lee começou a temer pelo gás de seu próprio balão: um raio iria derrubá-lo no solo, em chamas, e ele não imaginava que o xamã teria tanto controle sobre a tempestade aponto de evitar isso.

- Certo, Dr. Grumman, por enquanto vou ignorar aqueles zepelins e me concentrar em nos levar em segurança para as montanhas e pousar por lá. Quero que o senhor se sente e se segure bem, e fique preparado para saltar quando eu mandar. Vou dar um aviso e vou tentar pousar o mais suavemente possível, mas o pouso nessas condições é tanto uma questão de sorte quanto de habilidade.

- Confio em você, Sr. Scoresby - afirmou o xamã.

Ele foi se recostar num canto da cesta enquanto seu daemon empoleirou-se na borda, as garras enfiadas nas cordas de couro. O vento agora soprava forte sobre eles, e o grande balão sacudia-se e se inclinava. Os cabos estalavam, forçados, mas Lee não temia que eles cedessem. Soltou um pouco mais de lastro, observando atentamente o altímetro. Numa tempestade, quando a pressão do ar caía, era preciso levar em conta essa queda ao fazer a leitura do altímetro, que muitas vezes permitia apenas um cálculo aproximado. Lee verificou e tornou a verificar as cifras, e então soltou seu último lastro.

O único controle que tinha agora era a válvula do gás. Não poderia subir mais, poderia apenas descer. Perscrutou atentamente o ar tempestuoso e distinguiu o vulto das grandes montanhas escuras contra o céu nublado. De baixo vinha um som como ondas batendo numa praia de pedras, mas ele sabia que era o vento passando com força pela folhagem das árvores. Então já estavam ali! Viajavam mais depressa do que ele tinha Imaginado. E ele não devia demorar muito para pousar. Lee era tranqüilo demais por natureza para vociferar contra o destino, sua reação era erguer uma sobrancelha e aceitá-lo laconicamente. Mas agora não conseguia deixar de sentir uma fagulha de desespero, pois a única coisa a fazer - isto é, voar à

frente da tempestade, esperando até que ela acabasse - era a única coisa que garantiria que eles seriam derrubados a tiros.

Pegou Hester e enfiou-a dentro do casaco de lona, abotoando-o até o pescoço para mantê-la presa. Grumman estava quieto e imóvel; seu daemon, açoitado pelo vento, a plumagem eriçada, agarrava-se firmemente à borda da cesta.

- Vou descer agora, Dr. Grumman - Lee gritou acima do ruído do vento. - O senhor deve ficar de pé, pronto para saltar. Agarre a borda e pule para fora quando eu mandar.

Grumman obedeceu. Lee olhou para baixo, para a frente, para baixo, para a frente, tentando enxergar alguma diferença de uma olhada para outra, pestanejando para tirar a chuva dos olhos - pois uma chuvarada súbita desabou sobre eles como punhados de cascalho, e o tamborilar dos pingos sobre o balão juntava-se ao uivo do vento e ao ruído da folhagem lá embaixo, até que Lee mal conseguia ouvir até mesmo o trovão.

- Lá vamos nós! - gritou. - O senhor preparou uma bela tempestade, Sr. Xamã.

Ele puxou a corda da válvula de gás e enrolou-a numa haste, para manter a válvula aberta. À medida que o gás saía pelo topo, invisível lá em cima, a curva inferior do balão começou a encolher,

formando uma prega, depois mais outra, onde antes havia apenas uma esfera.

A cesta sacudia-se com tanta violência que era difícil dizer se eles estavam descendo, e as rajadas de vento eram tão súbitas e fortes que eles poderiam muito bem ter sido soprados para o alto sem perceberem, mas depois de mais ou menos um minuto, Lee sentiu um puxão e verificou que a pequena âncora tinha ficado presa num galho. A freada foi apenas temporária

- o galho que os segurava partiu-se, mas serviu para demonstrar como estavam perto do solo. Ele gritou:

- Quinze metros acima das árvores!

O xamã assentiu.

Houve então outro puxão, mais violento, e os dois homens foram jogados de encontro à parede da cesta. Lee estava acostumado, e logo recuperou o equilíbrio, mas o Dr. Grumman foi pego de surpresa. No entanto, não largou a borda da cesta, e Lee viu que ele estava seguro, pronto para saltar.

No instante seguinte houve um choque violento, quando a âncora prendeu-se a um galho que não se partiu. Imediatamente a cesta tombou de lado, e no segundo seguinte ela batia contra o topo das árvores, e, em meio às chicotadas da folhagem molhada e dos ramos partidos e o estalo dos galhos que suportaram o choque, a cesta conseguiu uma precária imobilidade.

- Ainda está aí, Dr. Grumman? - Lee chamou, pois era impossível ver qualquer coisa.

- Ainda estou aqui, Sr. Scoresby.

- É melhor ficarmos parados um minuto até eu entender claramente a situação - disse Lee.

Estavam a sacudir-se ferozmente ao vento, e ele sentia a cesta vencer, com pequenos puxões, a resistência do que quer que os estava segurando no ar.

O balão, agora quase vazio, operava como uma vela ao vento, puxando-os para um lado. Lee pensou em cortar os cabos que o prendiam, mas se fizesse isso, e o balão não fosse soprado para longe, ficaria sobre as árvores como uma bandeira indicando onde eles se encontravam, era melhor recolhê-lo, se conseguissem.

Houve o clarão de outro relâmpago, e no segundo seguinte o estrondo do trovão: a tempestade estava quase em cima deles. O clarão permitiu que Lee visse o tronco de um carvalho, com uma grande cicatriz branca onde um galho tinha sido quase totalmente arrancado - a cesta descansava sobre ele, perto do lugar onde ele ainda estava precariamente preso ao tronco.

- Vou jogar uma corda e descer - ele gritou. – Assim que estivermos com os pés no chão, poderemos planejar o passo seguinte.

- Vou atrás do senhor - Grumman declarou. – Meu daemon me disse que o solo fica a pouco mais de 10 metros.

E Lee tomou consciência do bater de asas poderosas, enquanto o daemon-águia pousava novamente na borda da cesta.

- Ela consegue afastar-se tanto assim? - perguntou, surpreso. Mas afastou isso da mente e prendeu a corda com segurança, primeiro à cesta e depois ao galho, de modo que, mesmo se este cedesse e a cesta caísse, a queda não seria grande.

Então, com Hester em segurança junto ao seu peito, ele jogou o resto da corda pela borda e desceu por ela até sentir o chão debaixo dos pés. Os ramos cresciam grossos em volta do tronco, era uma árvore imensa, um carvalho gigante, e Lee murmurou um obrigado enquanto dava um puxão na corda para avisar a Grumman que ele podia descer.

Mas havia por acaso outro som no meio do barulho? Lee escutou com atenção. Sim, o motor de um zepelim, talvez mais de um. Impossível dizer sua altitude ou direção, mas o som perdurou por um minuto ou mais, e depois desapareceu.

O xamã chegou ao solo.

- O senhor escutou? - Lee perguntou.

- Escutei. Subindo e se aproximando das montanhas, eu acho. Parabéns por ter pousado em segurança, Sr. Scoresby.

- Ainda não acabou. Quero puxar aquele balão para debaixo das árvores antes do amanhecer, senão ele vai revelar a nossa posição a quilômetros de distância. Está disposto a um trabalho braçal, Dr. Grumman?

- Diga - me o que tenho que fazer.

- Está bem. Vou tornar a subir e baixar algumas coisas para o senhor. Uma delas é uma barraca. O senhor pode ir montando a barraca enquanto eu vejo o que posso fazer para esconder o balão.

Trabalharam por longo tempo, e correram perigo em certo momento, quando o galho que segurava a cesta finalmente se partiu e Lee caiu com ele; mas não caiu muito, já que o balão, ainda preso ao topo das árvores, segurou a cesta no ar.

Na verdade, a queda facilitou esconder o balão, pois a parte inferior foi puxada para baixo, atravessando a ramagem das árvores; trabalhando à luz dos relâmpagos, puxando, torcendo e cortando, Lee conseguiu que todo o corpo do balão descesse por entre os galhos até descansar sobre os ramos inferiores, fora de vista.o vento ainda açoitava o topo das árvores, mas o pior da tempestade tinha passado quando ele concluiu que aquilo era o máximo que podia fazer. Quando finalmente desceu, constatou que o xamã não apenas tinha montado a barraca como também acendido uma fogueira, e estava fazendo café.

- Fez isso com magia? - ele perguntou ao entrar na barraca, dolorido e encharcado, e pegar a caneca que Grumman lhe estendeu.

- Não, pode agradecer aos escoteiros – Grumman respondeu. Existem escoteiros no seu mundo? Um escoteiro prevenido vale por dois. De todas as maneiras de fazer fogo, a melhor delas é usar fósforos secos, e eu nunca viajo sem eles. Podíamos estar menos confortáveis num camping, Sr. Scoresby.

- Ouviu aqueles zepelins de novo?

Grumman ergueu a mão. Lee escutou, e realmente lá estava o ruído de motor, mais discernível agora que a chuva tinha diminuído.

- Já passaram duas vezes - disse Grumman. – Não sabem onde estamos, mas sabem que estamos em algum lugar por aqui.

E no minuto seguinte um brilho bruxuleante veio da direção em que o zepelim voara. Era menos brilhante do que um relâmpago, mas era duradouro, e Lee tomou consciência de que era um foguete de iluminação.

- É melhor apagar o fogo, Dr. Grumman - ele disse. - Por mais pena que me dê ficar sem ele. Acho que a cobertura das árvores nos esconde, mas nunca se sabe. Vou dormir agora, molhado ou não.

- De manhã o senhor estará seco - o xamã afirmou.

Pegou um punhado de terra molhada e pressionou-o sobre a chama, e Lee estendeu-se com esforço na pequena barraca e fechou os olhos. Teve sonhos fortes e estranhos. Em certo momento, teve certeza de ter despertado e visto o xamã sentado de pernas cruzadas, envolto em chamas, e as chamas consumiram rapidamente o seu corpo, deixando apenas um esqueleto branco, ainda sentado num montinho de cinzas ardentes. Assustado, Lee procurou por Hester e encontrou-a adormecida, coisa que nunca tinha acontecido, pois quando ele estava acordado, ela também estava, assim, ao encontrá-la dormindo, sua daemon lacônica,

porém de língua ferina, pareceu-lhe tão boazinha e vulnerável, que ele se comoveu com a estranheza daquilo, e deixou-se ficar, inquieto, ao lado dela, acordado dentro do sonho, mas na realidade dormindo, sonhando que ficara longo tempo acordado. Outro sonho também enfocava Grumman. Lee parecia ver o xamã sacudindo um chocalho enfeitado de penas e dando ordens a alguma coisa, exigindo obediência. Lee viu, com um espasmo de náusea, que essa coisa era um Espectro como aqueles que eles tinham visto do balão. Era alto e quase invisível, e provocava uma repulsa tão profunda em Lee que ele quase despertou de terror. Mas Grumman dava ordens sem ter medo, e não parecia ter problemas, pois a coisa escutou-o com atenção e depois ergueu-se no ar como uma bolha de sabão até perder-se no topo da barraca. Então a exaustiva noite de Lee deu outra reviravolta, pois ele estava na cabine de um zepelim, observando o piloto - aliás, estava sentado no lugar do co-piloto, e voavam acima da floresta, perscrutando a superfície revolta do topo das árvores, um mar bravio de galhos e folhas. Então viu aquele Espectro na cabine com eles. Preso no sonho, Lee não conseguia mexer-se ou gritar, e sofreu o terror do piloto quando este começou a tomar consciência daquilo que estava lhe acontecendo.

O Espectro estava inclinado sobre o piloto, pressionando aquilo que seria o seu rosto contra o dele. O daemon do piloto - uma fêmea de tentilhão bateu asas, grasnou e tentou afastar-se, para cair, quase desmaiado, sobre o painel de instrumentos. O piloto virou o rosto para Lee e estendeu a mão, mas Lee não tinha poder de movimento. A angústia nos olhos do outro era dilacerante. Alguma coisa viva e verdadeira estava a escoar-se dele, e seu daemon bateu as asas e soltou um grasnido alto e selvagem: ele estava morrendo.

Então o daemon desapareceu. Mas o piloto ainda estava vivo, seus olhos tornaram-se opacos e a mão estendida caiu flacidamente sobre o manete. Ele parecia vivo, mas não estava vivo: estava indiferente a tudo. E Lee ficou ali sentado, vendo, sem nada poder fazer, o zepelim voar diretamente para a encosta de uma das montanhas que se erguiam à frente. O

piloto contemplava a montanha crescer sobre eles, mas nada poderia despertar o seu interesse. Lee apertou-se contra o encosto da cadeira, horrorizado, mas nada aconteceu, e no momento do impacto ele apenas gritou:

- Hester!

E despertou.

Estava na barraca, em segurança, e Hester mordiscava o seu queixo. Ele estava coberto de suor. O xamã permanecia sentado de pernas cruzadas, mas Lee sentiu um estremecimento ao ver que o daemon-águia não estava por perto. Obviamente aquela floresta era um lugar ruim, assombrado por fantasmas.

Ele então tomou consciência da luz pela qual estava conseguindo enxergar o xamã, pois o fogo continuava apagado e a escuridão da floresta era total. Um clarão distante mostrava os troncos e a parte inferior da copa das árvores, com as folhas pingando água, e Lee de imediato soube do que se tratava: seu sonho tinha sido realidade e um piloto de zepelim havia voado contra a encosta da montanha.

- Droga, Lee, está tremendo como uma folha de faia. Qual é o problema com você? - Hester resmungou, movendo as grandes orelhas.

- Você não está sonhando também, Hester? – ele resmungou em resposta.

- Não está sonhando, Lee, está vendo. Se eu soubesse que você é um vidente, já o teria curado há muito tempo. Agora vê se sossega, está ouvindo?

Ele esfregou a cabeça do daemon com o polegar e as orelhas dele estremeceram.

E sem a menor transição ele estava flutuando no ar ao lado do daemon do xamã, a águia-pesqueira Sayan Kötör. O fato de estar

na presença do daemon de outro homem e distante do seu próprio provocava em Lee um forte sentimento de culpa e um estranho prazer. Estavam planando, como se ele também fosse um pássaro, nas turbulentas correntes ascendentes acima da floresta, e Lee olhou em volta para a escuridão, agora permeada pelo brilho pálido da lua cheia que ocasionalmente surgia através de uma breve fenda nas nuvens e coloria de prateado as copas das árvores.

A águia-daemon soltou um guincho forte e de baixo vieram, em mil vozes diferentes, os sonidos de mil pássaros: o pio das corujas, o grito de alarme das pequenas andorinhas, a música líquida do rouxinol: Sayan Kötör estava chamando os pássaros. E eles acorreram, todos os pássaros da floresta

- os que estavam deslizando pelo ar com asas silenciosas, os que estavam em plena caça, os que dormiam empoleirados, todos alçaram vôo aos milhares. E Lee sentiu a natureza de pássaro que o dominava reagir com alegria ao comando da águia-rainha, e a humanidade que ele possuía sentiu o mais estranho dos prazeres: aquele de oferecer obediência a um poder mais forte e inteiramente correto. Ele girava e volteava com o resto do enorme bando, cem espécies diferentes voando em formação, em obediência à vontade poderosa da águia, e avistou, contra a capa prateada das nuvens, o odioso vulto escuro de um zepelim.

Todos sabiam exatamente o que deviam fazer. E avançaram para a aeronave, os mais rápidos chegando primeiro, mas nenhum tão rápido quanto Sayan Kötör; as minúsculas cambaxirras, os tentilhões, os andorinhões de vôo rápido, as corujas de Vôo silencioso - em um minuto o zepelim estava rodeado deles, as garras procurando apoio na seda oleada, perfurando-a. Os pássaros evitavam o motor, embora alguns tenham sido atraídos por ele, sendo feitos em pedaços pelas hélices. A maioria simplesmente empoleirou-se no corpo do zepelim, e os que chegavam depois agarravam-se aos primeiros, até cobrirem não apenas todo o balão da aeronave (agora perdendo hidrogênio através de milhares de pequenos orifícios feitos pelas garras) mas as janelas da cabine

também, e os espeques e cabos - cada centímetro quadrado de espaço tinha um pássaro, dois pássaros, três ou mais, agarrado a ele. O piloto nada podia fazer. Sob o peso dos pássaros, o zepelim começou a perder cada vez mais altura, e então surgiu outra escarpa, crescendo na noite e naturalmente invisível aos

homens dentro da

embarcação, que movimentavam as armas sem direção e atiravam a esmo. No último instante Sayan Kötör gritou, e o estrondo do ruflar de asas abafou até mesmo o ronco do motor, quando todos os pássaros alçaram vôo e se distanciaram. E os homens na cabine tiveram quatro ou cinco segundos de constatação e terror antes que o zepelim batesse na rocha e explodisse em chamas. Fogo, calor, labaredas... Lee acordou novamente, o corpo quente, como se estivesse deitado ao sol do deserto.

Do lado de fora da barraca ainda havia o som incessante dos pingos que caíam das folhas sobre a lona da barraca, mas a tempestade passara. Uma luz cinzenta e fraca filtrava-se no interior da barraca, e Lee ergueu-se um pouco e viu Hester a seu lado, pestanejando, e o xamã enrolado numa coberta, dormindo tão profundamente que poderia estar morto, se sua daemon-águia pesqueira Sayan Kötör não estivesse dormindo empoleirada num galho caído do lado de fora. O único som além dos pingos era o cantar dos pássaros na floresta. Nenhum motor no céu, nenhuma voz inimiga, portanto, Lee achou que seria seguro acender o fogo e fazer café - e conseguiu, depois de certo esforço.

- E agora, Hester? - perguntou.

- Depende. Havia quatro zepelins, e ele só destruiu três.

- O que estou querendo saber é: já cumprimos a nossa obrigação?

Ela moveu as orelhas e disse:

- Não me lembro de contrato nenhum.

- Não é questão de contrato, é uma questão moral.

- Ainda temos que nos preocupar com mais um zepelim, antes de você

começar a inventar essa coisa de moral, Lee. São 30 a 40 homens armados querendo nos pegar. Soldados imperiais, ainda por cima. Primeiro a sobrevivência, depois a moral.

Ela estava com a razão, naturalmente, e enquanto bebericava o café

quente e fumava um charuto, contemplando a luz do dia que aumentava gradualmente, ele ficou pensando no que faria se estivesse no comando do único zepelim restante. Retroceder e esperar o dia clarear, sem dúvida, e voar suficientemente alto para esquadrinhar a borda da floresta numa grande extensão e avistar Lee e Grumman quando eles deixassem seu esconderijo. O daemon-águia-pesqueira Sayan Kötör despertou e estendeu as longas asas acima de onde Lee estava sentado. Hester ergueu os olhos e girou a cabeça para um lado e para outro, encarando o poderoso daemon com um olho dourado de cada vez, e no momento seguinte o próprio xamã saiu da barraca.

- Que noite cheia! - Lee comentou.

- E um dia cheio por vir. Temos que sair imediatamente da floresta, Sr. Scoresby. Eles vão botar fogo nela.

Lee, incrédulo, deu uma olhada para a vegetação encharcada à sua volta e perguntou:

- Como?

- Eles têm um motor que lança uma espécie de nafta misturada com potassa, que se incendeia em contato com a água. Foi desenvolvido pela Marinha Imperial para ser usado na guerra contra os nipônicos. Se a floresta está molhada, vai pegar fogo ainda mais depressa.

- O senhor consegue ver isso?

- Assim como o senhor viu o que aconteceu com os zepelins durante a noite. Prepare o que vai querer levar, e vamos embora agora. Lee esfregou o queixo. As coisas mais valiosas que ele possuía eram também as mais portáteis - os instrumentos do balão, que ele recolheu da cesta e guardou cuidadosamente numa mochila, em seguida, certificou-se de que o rifle estava seco e carregado. Deixou a cesta, os cabos e o balão vazio onde estavam, retorcidos e emaranhados nos galhos. Daí em diante ele não era mais um aeronauta, a não ser que por algum milagre conseguisse escapar com vida e conseguisse dinheiro suficiente para comprar outro balão. Agora tinha que mover-se como um inseto, ao longo da superfície da Terra. Sentiram o cheiro da fumaça antes de ouvirem o fogo, pois uma brisa vindo do mar levava-a para o interior. Quando alcançaram a borda da floresta, escutaram o fogo, um rugido profundo e voraz.

- Por que não fizeram isto à noite? - Lee quis saber. - Podiam ter-nos assado enquanto dormíamos.

- Acho que querem nos pegar vivos – Grumman respondeu, enquanto preparava um galho para servir de bengala. - E estão esperando sairmos da floresta.

De fato, o zumbido do zepelim logo se fez ouvir acima até mesmo do som do fogo e da sua própria respiração ofegante, pois agora estavam correndo, trepando sobre raízes, rochedos e troncos caídos, parando apenas para recuperar o fôlego. Sayan Kötör, voando alto, dava rasantes para informar o progresso que eles tinham feito e a distância das labaredas, mas não demorou até que eles próprios pudessem ver a fumaça acima das árvores atrás deles, e depois uma faixa ondulante de fogo.

Pequenas criaturas da floresta, esquilos, pássaros, javalis fugiam com eles, e um coro de guinchos, berros, sons de alarme de todo tipo erguia-se à

volta deles. Os dois homens avançavam com esforço para a borda da floresta, não muito distante e então a alcançaram, enquanto chegavam cada vez mais perto as ondas de calor das gigantescas labaredas que agora alcançavam 15

metros no ar. As árvores ardiam como tochas, a seiva em suas veias fervia e partia-as em pedaços, a resina nas coníferas prendiam fogo como nafta, os ramos pareciam florescer de um momento para o outro com ferozes flores alaranjadas.

Ofegantes, Lee e Grumman encontraram-se junto à íngreme encosta de rochedos e cascalho. Metade do céu estava obscurecida pela fumaça e pela reverberação do calor, mas acima flutuava a forma atarracada do único zepelim que restava - longe demais para avistá-los, mesmo através de binóculos, Lee pensou esperançosamente.

Vertical e intransponível, a encosta da montanha erguia-se à frente deles. Só havia um caminho para escapar da armadilha em que se encontravam: uma garganta estreita mais à frente, onde um leito seco de rio emergia de uma reentrância na rocha. Lee apontou, e Grumman disse:

- Exatamente o que eu estava pensando, Sr. Scoresby.

Seu daemon, voando em círculos, balançou as asas e voou para a ravina aproveitando uma corrente ascendente. Os homens não pararam, subindo o mais depressa que podiam, mas Lee disse:

- Desculpe a minha pergunta, se ela for impertinente, mas nunca conheci alguém cujo daemon conseguisse se afastar assim, a não ser as bruxas. Mas o senhor não é bruxo. Isso foi uma coisa que o senhor aprendeu, ou veio naturalmente?

- Para um ser humano, nada vem naturalmente - disse Grumman. Temos que aprender tudo que fazemos. Sayan Kötör está me dizendo que a ravina leva a uma passagem. Se chegarmos até lá antes que eles nos vejam, ainda poderemos escapar.

A águia tornou a voar baixo, e os homens continuaram a subida. Hester preferia encontrar seu próprio caminho por sobre as rochas, de modo que Lee a seguiu, evitando as pedras soltas e movendo-se o mais depressa que podia por cima das pedras maiores, sempre em direção à pequena ravina. Lee ficou preocupado com Grumman, pois este estava pálido e abatido, e respirava com dificuldade. Suas atividades noturnas tinham consumido muito da sua energia. Até quando conseguiriam prosseguir era algo em que Lee não queria pensar, mas quando estavam quase perto da entrada da ravina, na margem do leito seco do rio, ele escutou uma mudança no som do zepelim.

- Eles nos viram - disse.

Isso era como receber uma sentença de morte. Hester tropeçou - até

Hester, de passos tão seguros, tropeçou e vacilou. Grumman apoiou-se na bengala que levava e protegeu os olhos para olhar para trás, e Lee virou-se para olhar também. O zepelim descia depressa, rumo à encosta diretamente abaixo de onde eles estavam. Era óbvio que os perseguidores pretendiam capturá-los vivos, pois uma rajada de balas teria acabado com os dois num segundo. Em vez disso, o piloto trouxe habilidosamente a nave para pairar logo acima do solo no ponto mais alto da encosta abaixo deles, da porta da cabine saltaram muitos homens de farda azul, com seus daemons-lobos ao lado, e puseram-se a subir a encosta.

Lee e Grumman estavam quase 600 metros acima deles, e não muito distantes da entrada da ravina. Uma vez chegando lá, poderiam rechaçar os soldados enquanto tivessem munição: mas só tinham um único rifle.

- Estão atrás de mim, Sr. Scoresby - disse Grumman.

- Se me der o rifle e se entregar, vai sobreviver. São soldados disciplinados. O senhor será prisioneiro de guerra.

Lee ignorou isso, e disse:

- Mexa-se. Vá até a ravina e se adiante até o outro lado, enquanto eu fico na boca da ravina e seguro os soldados. Trouxe o senhor até aqui e não vou deixar que o peguem agora.

Os homens lá embaixo subiam com rapidez, pois eram fortes e estavam descansados. Grumman assentiu.

- Não tive forças para derrubar o quarto zepelim - foi tudo o que disse. Os dois se apressaram para atingir o abrigo da ravina.

- Diga-me só uma coisa antes de ir, porque não terei sossego enquanto não souber - Lee pediu. - Não sei dizer de que lado estou lutando, e não me importo muito com isso. Só quero saber o seguinte: isso que vou fazer agora vai ajudar ou vai prejudicar aquela garota, Lyra?

- Vai ajudar - Grumman afirmou.

- E o seu juramento, não vai esquecer o que jurou?

- Não vou esquecer.

- Porque, Dr. Grumman, ou John Parry, ou seja lá o nome que o senhor arranjar no mundo em que for parar, o senhor fique sabendo de uma coisa: eu amo aquela menininha como uma filha. Se eu tivesse uma filha, não a amaria tanto. E se o senhor quebrar seu juramento, o que quer que sobre de mim irá procurar o que quer que sobre do senhor, e o senhor vai passar o resto da eternidade desejando nunca ter existido. Isto mostra a importância que tem o seu juramento.

- Compreendo. E já dei a minha palavra.

- Então é só o que eu preciso saber. Boa sorte.

O xamã estendeu a mão, que Lee apertou. Então Grumman se virou e seguiu em direção à ravina, e Lee olhou em volta à procura do

melhor lugar para assumir sua posição.

- Não o rochedo grande, Lee - aconselhou Hester. - De lá não dá para enxergar à direita, e eles poderiam atacar por ali. Vá para o menor. Havia nos ouvidos de Lee um rugido que nada tinha a ver com o incêndio da floresta abaixo dele, ou com o zumbido forçado do motor do zepelim tentando elevar-se outra vez. Tinha a ver com a sua infância e o Álamo. Quantas vezes ele e seus amiguinhos tinham encenado de brincadeira aquela batalha heróica, nas ruínas do velho forte, alternando a vez de serem franceses ou dinamarqueses! A sua infância lhe voltava agora, com força redobrada. Ele pegou o anel navajo da mãe e colocou-o na pedra ao seu lado. Nas velhas brincadeiras de Álamo, Hester muitas vezes se transformava em puma ou lobo, e uma ou duas vezes em cascavel, mas em geral em tordo. Agora, porém...

- Pare de sonhar acordado e faça pontaria - ela instruiu. - Isto não é

uma brincadeira, Lee.

Os homens que subiam a encosta tinham se espalhado e avançavam mais devagar, porque entendiam a situação tão bem quanto ele. Sabiam que teriam que invadir a ravina e sabiam que um homem com um rifle poderia detêlos por muito tempo. Atrás deles, para surpresa de Lee, o zepelim ainda tentava subir. Talvez estivesse perdendo a flutuação, ou talvez o combustível estivesse baixo, mas, fosse o que fosse, ele ainda não tinha levantado vôo, e isso lhe deu uma idéia.

Ele ajustou a posição e fez pontaria com o velho Winchester até ter o suporte do motor de bombordo bem na mira, então atirou. Ouvindo o disparo, os soldados que subiam a encosta ergueram a cabeça, mas no segundo seguinte o motor de repente roncou e também de repente morreu. O zepelim tombou de lado. Lee ouvia o outro motor roncando, mas a aeronave agora estava no solo.

Os soldados tinham estacado, tentando proteger-se como podiam. Lee conseguiria contar quantos eram, e fez isso: 25.

E ele tinha trinta balas.

Hester aproximou-se do seu ombro esquerdo.

- Vou vigiar deste lado - disse.

Agachada no rochedo cinzento, as orelhas esticadas sobre as costas, ela parecia uma pequena rocha, marrom-acinzentada e quase invisível, a não ser os olhos. Hester não era nenhuma beleza; era sem graça e magrela como uma lebre pode ser, mas tinha os olhos maravilhosamente coloridos, dourados, com raios de um marrom profundo e um verde vivo. E agora esses olhos contemplavam a última paisagem que veriam: uma encosta árida, de brutais pedras roladas, e atrás dela uma floresta em chamas. Nem uma folha de capim, nem uma manchinha verde para descansar seus olhos. Ela mexeu de leve as orelhas.

- Estão conversando - disse. - Consigo escutar, mas não consigo entender.

- É russo - ele explicou. - Vão atacar todos juntos e correndo. Seria o pior para nós, portanto é o que eles vão fazer.

- Mire direito - ela recomendou.

- Vou mirar. Mas, que droga, não gosto de matar, Hester.

- Eles ou nós.

- Não, é mais que isso - ele corrigiu. - São eles ou Lyra. Não entendo como, mas estamos ligados àquela garota, e isso me faz feliz.

- Um homem à esquerda vai atirar - disse Hester.

Enquanto ela falava, ouviu-se o disparo, e a bala veio arrancar lascas da pedra a 30 centímetros de onde ela estava agachada. A bala ricocheteou para dentro da ravina, mas ela não moveu um só músculo.

- Bom, isso faz eu me sentir melhor - disse Lee, fazendo pontaria com cuidado.

Ele atirou. Havia apenas um pedacinho de azul para acertar, e ele acertou. Com um grito de surpresa o homem caiu para trás e morreu. E então começou o tiroteio. Dentro de um minuto, o estalido dos tiros e o zumbido das balas que ricocheteavam ecoavam ao longo do flanco da montanha e da ravina atrás de Lee. O cheiro de cordite e de queimado que vinha da pedra pulverizada que as balas atingiam era apenas uma variação do cheiro de queimado que vinha da floresta, até parecer que o mundo inteiro estava em chamas.

Logo o rochedo de Lee estava marcado de balas, ele sentia o impacto quando elas atingiam a pedra. Uma vez ele viu a pelagem das costas de Hester ondular com o deslocamento de ar provocado por uma bala, mas ela não se mexeu, e ele não parou de atirar.

O primeiro minuto foi feroz. E depois, na pausa que se seguiu, Lee constatou que estava ferido: havia sangue na pedra debaixo do seu rosto, e a mão direita - e o ferrolho do fuzil estavam vermelhos.

Hester virou-se para olhar .

- Nada de grave. Uma bala arranhou o seu couro cabeludo - declarou.

- Você contou quantos caíram, Hester?

- Não, estava ocupada demais me desviando das balas. Recarregue a arma enquanto pode, rapaz.

Ele rolou para baixo atrás do rochedo e moveu o ferrolho para a frente e para trás. O ferrolho estava quente, e o sangue do ferimento que o encharcava estava coagulando, emperrando o mecanismo. Lee cuspiu sobre ele e soltou-o.

Então colocou-se novamente em posição e, antes mesmo que pudesse fazer pontaria, levou um tiro. Pareceu uma explosão no seu

ombro esquerdo. Durante alguns segundos ele ficou atordoado, e quando recuperou o sangue-frio tinha o braço esquerdo dormente e inútil. Havia uma dor imensa esperando para dar o bote sobre ele, mas ela ainda não tinha reunido coragem para isso, e essa idéia deu-lhe forças para firmar o pensamento em voltar a atirar.

Apoiou o rifle no braço inútil, que um minuto antes era tão cheio de vida, e fez pontaria com estóica concentração: um tiro, dois, três, e cada um deles encontrou o seu alvo.

- Como vamos indo? - resmungou.

- Bom trabalho - ela cochichou de volta, bem perto do rosto dele. Não pare. Em cima daquela pedra preta... Ele olhou, mirou, atirou. A figura caiu.

- Droga, são homens como eu - desabafou.

- Não faz sentido. Mas atire assim mesmo - ela disse.

- Você acredita nele? Em Grumman?

- Claro. Mande chumbo, Lee.

Um tiro: outro homem caiu, e seu daemon apagou-se como uma vela. Houve então um longo silêncio. Lee remexeu no bolso e encontrou mais algumas balas. Enquanto recarregava, sentiu algo tão raro que seu coração quase parou, sentiu o rosto de Hester pressionado contra o seu, e ela estava chorando.

- Lee, a culpa foi minha - ela disse.

- Como assim?

- O escraelingue. Eu aconselhei você a trazer o anel dele. Sem ele, não estaríamos nesta situação.

- Você acha que alguma vez segui um conselho seu? Peguei o anel porque a bruxa...

Não terminou, porque outra bala o atingiu. Dessa vez na perna esquerda, e antes que ele pudesse sequer piscar, uma terceira bala raspou por sua cabeça, como um ferro quente encostado no couro cabeludo.

- Agora está por pouco, Hester - ele murmurou, tentando ficar firme.

- A bruxa, Lee! Você falou na bruxa! Lembra-se?

Pobre Hester, agora ela estava deitada, não agachada em postura tensa e vigilante, como estivera em toda a sua vida adulta. E os lindos olhos dourados estavam ficando embaçados.

- Ainda lindos - ele disse. - Ah, Hester, sim, a bruxa. Ela me deu...

- Isso mesmo. A flor...

- No bolso da camisa. Pegue, Hester, eu não consigo me mexer . Foi um esforço grande, mas com seus dentes fortes ela conseguiu puxar para fora a pequena flor escarlate, e colocou-a junto à mão direita dele. Com enorme esforço ele fechou os dedos em volta da flor e disse:

- Serafina Pekkala! Socorro, por favor...

Um movimento lá embaixo: ele soltou a flor, fez pontaria, atirou. O

movimento cessou. Hester estava enfraquecendo.

- Hester, não vá antes de mim - Lee sussurrou.

- Lee, eu não conseguiria ficar longe de você nem por um segundo ela sussurrou em resposta.

- Acha que a bruxa virá?

- Claro que sim. Devíamos ter chamado ela antes.

- Devíamos ter feito um monte de coisas.

- Pode ser...

Outro estampido, e dessa vez a bala penetrou fundo, procurando o centro da vida dele. Ele pensou: ela não vai encontrar isso aqui dentro, o meu centro é Hester. Avistou uma centelha azul lá embaixo e esforçou-se para virar o rifle naquela direção.

- É ele - Hester murmurou.

Lee achou difícil puxar o gatilho. Tudo era difícil. Teve que tentar três vezes, mas finalmente conseguiu, a farda azul rolou encosta abaixo. Outro longo silêncio. A dor que se avizinhava estava deixando de ter medo dele. Era como um bando de chacais, andando em círculos, farejando, aproximando-se, e ele sabia que não iam deixá-lo agora até que o tivessem devorado.

- Ainda falta um - Hester murmurou. - Está indo para o zepelim. Lee viu-o mal e mal: um soldado da Guarda Imperial afastando-se da derrota da sua companhia.

- Não posso matar um homem pelas costas - Lee protestou.

- Mais vergonhoso é morrer com uma bala na arma.

Então ele apontou para o próprio zepelim, que ainda se esforçava para subir com um só motor, e disparou a sua última bala, que devia estar em brasa

- ou talvez um galho em chamas da floresta lá embaixo tenha subido até a aeronave numa corrente ascendente, pois o gás subitamente transformou-se numa bola cor de laranja, e o zepelim ergueu-se um pouco e depois tombou e saiu rolando, devagar, suavemente, mas repleto de morte feroz. E o homem que fugia, mais os seis ou sete que eram o restante da Guarda e que não tinham ousado chegar mais perto do homem que defendia a ravina, foram envolvidos pelo fogo que caía sobre eles.

Lee viu a bola de fogo e escutou, acima do rugido nos ouvidos, a voz de Hester:

- Já foram todos, Lee.

Ele disse, ou pensou:

- Esses coitados não precisavam chegar a isso, nem nós.

- Nós os rechaçamos. Nós conseguimos. Estamos ajudando Lyra. Ela então apertou seu corpo orgulhoso e alquebrado contra o rosto dele, o mais próximo que conseguiu, e os dois morreram.

15 - MUSGO-SANGÜÍNEO

"A diante", instruiu o aletômetro. "Para frente, para cima". De modo que eles continuaram a subir. As bruxas voavam acima para escolher o melhor o caminho, pois o terreno cheio de colinas logo deu lugar a aclives mais íngremes e solo pedregoso, e enquanto o sol subia em direção ao meio dia, os viajantes se embrenhavam numa região inóspita de solo seco e desbarrancado, grandes rochedos e vales pontilhados de grandes pedras, onde não crescia uma única folha verde e onde o estrídulo dos insetos era o único som.

Seguiram em frente, conversando pouco, parando somente para beber uns goles da água de seus cantis de pele de cabra. Por algum tempo Pantalaimon voou acima da cabeça de Lyra, até que se cansou e transformouse num pequenino cabrito montês de pés firmes e orgulhoso de seus chifres, saltando por entre as rochas enquanto Lyra subia trabalhosamente. Will seguia, melancólico, apertando os olhos por causa da claridade, ignorando a dor que aumentava em sua mão, e finalmente chegando a um estado em que mover-se era bom e ficar parado era ruim, de modo que ele sofria mais descansando do que em marcha. E, desde que o feitiço das bruxas para estancar a hemorragia tinha fracassado, ele achava que elas estavam olhando para ele com medo, também, como se

ele fosse marcado por alguma maldição mais forte do que o poder delas.

Em certo momento, chegaram a um laguinho, um pedaço de azul intenso com pouco mais de 25 metros de diâmetro, em meio às rochas vermelhas. Pararam ali por algum tempo para beber e encher os cantis, e para banhar os pés doloridos na água gelada. Ficaram alguns minutos e seguiram em frente, e logo depois, quando o sol estava mais quente e mais alto, Serafina Pekkala deu um rasante para falar com eles. Estava nervosa.

- Tenho que deixar vocês por algum tempo - declarou. - Lee Scoresby precisa de mim. Não sei por quê. Mas ele não me chamaria se não precisasse de ajuda. Vão em frente, eu os encontro...

- O Sr. Scoresby? - fez Lyra, agitada e ansiosa. - Mas onde... Serafina, porém, já tinha partido, sumindo de vista antes que Lyra conseguisse completar a pergunta. Automaticamente Lyra ia pegar o aletômetro para perguntar o que tinha acontecido com Lee Scoresby, mas desistiu, pois tinha prometido não fazer coisa alguma além de guiar Will. A menina olhou para ele. Will estava sentado por perto, a mão descansando sobre o joelho, ainda pingando sangue devagar, o rosto crestado de sol e pálido sob o bronzeado.

- Will, sabe por que você tem que encontrar o seu pai? - ela quis saber.

- É o que eu sempre quis saber. Minha mãe disse que eu ia levar o manto do meu pai. É só isso que eu sei.

- Que significa isso, levar o manto dele? O que será esse manto?

- Uma missão, eu acho. Seja o que for que ele anda fazendo, tenho que continuar por ele. Não faz o menor sentido.

Ele enxugou o suor dos olhos com a mão direita. O que o menino não podia dizer era que ansiava pelo pai como uma criança perdida

anseia pelo lar. Essa comparação não teria lhe ocorrido, pois o lar era para ele o lugar onde ele tomava conta da mãe, não o lugar onde outras pessoas tomavam conta dele, mas já fazia cinco anos desde aquela manhã de sábado no supermercado quando

a

brincadeira

de

se

esconder

dos

inimigos

tornara-se

desesperadamente real, cinco anos era muito tempo em sua vida, e seu coração ansiava por ouvir as palavras: "Muito bem, muito bem, meu filho; ninguém no mundo teria feito melhor; estou orgulhoso de você. Agora venha descansar...".

Will ansiava tanto por isso que mal sabia que ansiava, aquilo simplesmente fazia parte do modo como as coisas eram. Portanto, não conseguia expressar isso para Lyra agora, embora ela conseguisse ler tudo nos olhos dele - e isso era novidade nela, também: ser tão perceptiva. O fato era que em relação a Will ela estava desenvolvendo outro sentido, como se ele simplesmente estivesse mais nítido do que qualquer outra pessoa que ela conhecia. Tudo nele era claro, próximo e imediato.

E teria até dito isso a ele, mas nesse momento uma bruxa pousou.

- Vem vindo gente atrás de nós - informou. - Estão bem longe, mas avançando depressa. Devo chegar mais perto e espiar?

- Sim, faça isso - disse Lyra. - Mas voe baixo, e se esconda, não deixe que vejam você.

Will e Lyra ficaram de pé com esforço e seguiram em frente com dificuldade.

- Já senti frio muitas vezes, mas nunca tinha sentido tanto calor. Faz calor assim no seu mundo? - perguntou ela, para afastar o pensamento dos perseguidores.

- Não onde eu morava. Normalmente, não. Mas o clima está mudando. O verão tem sido mais quente do que costumava ser. Dizem que as pessoas interferiram na atmosfera colocando nela produtos químicos, e o clima está

ficando fora de controle.

- É, colocaram mesmo, e está ficando mesmo - Lyra concordou. - E

nós aqui bem no meio disso tudo.

Ele estava com calor e sede demais para responder, e ambos continuaram a subir, ofegantes. Pantalaimon agora era um grilo, sentado no ombro de Lyra, cansado demais para saltar ou voar. De vez em quando, as bruxas avistavam do alto uma nascente distante demais para Lyra e Will atingirem, e voavam até lá para encher os cantis deles. As crianças teriam morrido sem água, e onde estavam era tudo seco, qualquer nascente que conseguisse aflorar logo afundava outra vez entre as rochas. E assim seguiram, enquanto a tarde findava.

A bruxa que voltou para espionar chamava-se Lena Feldt. Ela voava baixo, de um penhasco a outro, e quando o sol se punha, tingindo de vermelhosangue as rochas, chegou ao laguinho azul e encontrou uma tropa de soldados acampados. Mas ao primeiro olhar ela ficou sabendo mais do que gostaria: aqueles soldados não tinham daemons. E não eram do mundo de Will, nem do mundo de Cittàgazze, onde os daemons das pessoas ficavam dentro delas, e

onde elas mesmo assim pareciam vivas: aqueles homens eram do mundo dela mesma, e vê-los sem daemons era um horror grosseiro e nojento. Então, de uma barraca na margem do lago veio a explicação. Lena Feldt viu uma mulher, uma vida-curta, graciosa em suas roupas cáqui de caçadora e tão cheia de vida quanto o macaco dourado que ao seu lado dava cabriolas ao longo da margem.

Lena Feldt escondeu-se entre os rochedos acima do lago e ficou observando enquanto a Sra. Coulter conversava com o oficial comandante, e os homens montavam barracas, faziam fogueiras, ferviam água. A bruxa estivera com Serafina Pekkala resgatando as crianças em Bolvangar, e sentiu uma vontade imensa de atirar na Sra. Coulter ali mesmo, mas alguma boa sorte estava protegendo a mulher, pois a distância era um pouco grande demais para uma flechada, e a bruxa não poderia chegar mais perto - a não ser que se tornasse invisível. Ela então começou a fazer o feitiço para isso.

Foram precisos 10 minutos de profunda concentração.

Finalmente confiante, Lena Feldt desceu a encosta rochosa em direção ao lago, e quando atravessou o acampamento, um ou dois soldados de olhar vazio ergueram os olhos de relance para ela. A bruxa parou do lado de fora da barraca onde a Sra. Coulter tinha entrado e colocou a flecha no arco. Escutou a voz baixa da mulher através da lona e então avançou cautelosamente até a abertura da barraca, que era virada para o lago. Dentro, a Sra. Coulter conversava com um homem que Lena Feldt nunca tinha visto: um homem mais velho, grisalho e corpulento, com uma daemon-serpente enrolada no pulso. Estavam sentados em cadeiras de lona colocadas lado a lado, e ela falava em voz baixa, inclinada para ele:

- Claro que sim, Carlo - dizia. - Vou lhe contar o que quiser. O que é

que você deseja saber?

- Como é que você comanda os Espectros? – ele perguntou. - Pensei que fosse impossível, mas eles seguem você como cachorrinhos... Eles têm medo da sua escolta? O que é?

- Simples. Eles sabem que posso lhes dar mais alimento se me deixarem viva do que se me consumirem. Posso levá-los a todas as vítimas que seus corações fantasmagóricos desejarem. Assim que você os descreveu para mim, eu soube que poderia dominá-los, e foi o que aconteceu. E um mundo inteiro estremece sob o poder dessas coisas pálidas! Mas, Carlo, posso contentar você também, sabe? - ela sussurrou. - Gostaria disso?

- Marisa, já é prazer suficiente estar perto de você...

- Não é, não, Carlo, você sabe que não é. Sabe que posso lhe dar ainda mais prazer .

As mãozinhas negras e calosas do daemon dela acariciavam o daemon-serpente. Aos poucos a serpente desenrolou-se e começou a deslizar ao longo do braço do homem em direção ao macaco. O homem e a mulher seguravam taças de vinho dourado, e ela deu um gole na sua e inclinou-se para ele um pouco mais.

- Ah... - fez o homem, enquanto seu daemon deslizava lentamente do seu braço para as mãos do macaco dourado.

O macaco ergueu-a devagar até o rosto e passou a face de leve ao longo da pele cor de esmeralda da serpente. Esta dardejou a língua, e o homem suspirou.

- Carlo, me conte por que está perseguindo o menino - a Sra. Coulter pediu, com a voz tão suave quanto a carícia do macaco. - Por que precisa encontrá-lo?

- Ele tem uma coisa que eu quero. Ah, Marisa...

- O que é, Carlo? O que é que ele tem?

Ele sacudiu a cabeça. Mas estava achando difícil resistir, seu daemon enrolara-se em volta do tórax do macaco e deslizava a cabeça pela pelagem longa e lustrosa, enquanto o macaco corria as mãos ao longo do corpo fluido da serpente.

Lena Feldt observava, parada, invisível, a dois passos de onde eles estavam sentados. Mantinha a corda do arco tensa, a flecha preparada: em menos de um segundo a Sra. Coulter poderia estar morta. Mas a bruxa estava curiosa, ficou parada, imóvel, silenciosa, de olhos bem abertos. Mas enquanto ela observava a Sra. Coulter, não olhou para o laguinho azul atrás de si. Na margem oposta, na escuridão, parecia ter nascido um bosque de árvores fantasmagóricas, um bosque que de vez em quando estremecia como se com uma intenção consciente. Mas não eram árvores, naturalmente e, enquanto Lena Feldt e seu daemon dedicavam toda a sua atenção à Sra. Coulter, uma das figuras pálidas afastou-se das outras e deslizou sobre a superfície do lago gelado sem provocar uma única ondulação na água, até parar a cerca de um metro da pedra onde o daemon de Lena Feldt estava empoleirado.

- Você podia muito bem me contar, Carlo - murmurava a Sra. Coulter.

- Você podia sussurrar. Podia fingir que estava falando dormindo, quem poderia culpá-lo por isso? Conte simplesmente o que é que o garoto tem e por que você quer essa coisa. Eu poderia consegui-la para você... Gostaria que eu fizesse isso? É só me contar, Carlo. Não quero essa coisa para mim, eu quero a garota. O que é? Diga-me, e eu lhe trago. Ele estremeceu de leve. Tinha os olhos fechados. Então disse:

- É uma faca. A faca sutil de Cittàgazze. Nunca ouviu falar dela, Marisa? Algumas pessoas a chamam de teleutaia makhaira, a última de todas as facas. Outras pessoas chamam de AEsahaettr...

- O que é que ela faz, Carlo? Por que é tão especial?

- Ah... a faca que corta qualquer coisa... Nem os seus fabricantes sabiam o que ela pode fazer... Nada, ninguém, matéria, espírito, anjo, ar, nada é invulnerável para a faca sutil. Marisa, ela é minha, você entende?

- Claro, Carlo. Eu prometo. Deixe-me encher a sua taça... E enquanto o macaco dourado percorria com as mãos o corpo da serpente esmeralda, apertando de leve, erguendo, acariciando, enquanto Sir Charles suspirava de prazer, Lena Feldt viu o que estava realmente acontecendo: como o homem tinha os olhos fechados, a Sra. Coulter secretamente colocou na taça dele algumas gotas de um pequeno frasco antes de tornar a enchê-la com vinho.

- Tome, querido - ela sussurrou. - Vamos brindar um ao outro... Ele já estava embriagado, pegou a taça e bebeu gulosamente, gole após gole. E então, sem qualquer aviso, a Sra. Coulter levantou-se, virou-se e ficou cara a cara com Lena Feldt.

- Ora, bruxa, pensou que eu não sabia como é que vocês ficam invisíveis? - falou.

Lena Feldt estava atônita demais para se mover. Atrás da Sra. Coulter o homem lutava para respirar. O peito ofegava, o rosto estava vermelho e o daemon pendia flacidamente das mãos do macaco, que jogou-o longe com desprezo.

Lena Feldt tentou erguer o arco, mas uma paralisia fatal lhe dominava o ombro, não conseguia se mexer. Isso nunca tinha acontecido antes, ela soltou um gritinho.

- Ah, é tarde demais para isso - disse a Sra. Coulter. - Olhe para o lago, bruxa.

Lena Feldt virou-se e viu seu daemon-calhandra batendo as asas e guinchando como se estivesse numa câmara de vidro sendo esvaziada de ar, o daemon debateu-se e caiu, o bico aberto, em pânico, tentando respirar. O

Espectro o tinha envolvido.

- Não! - ela gritou.

Tentou ir até ele, mas foi impedida por um espasmo de náusea. Mesmo naquele estado terrível, Lena Feldt via que a Sra. Coulter tinha mais força na alma do que qualquer outra pessoa que ela conhecia. Não ficou surpresa ao perceber que o Espectro estava sob o poder da Sra. Coulter: ninguém conseguia resistir à sua autoridade. Lena Feldt, angustiada, voltou-se para ela.

- Solte ele! Por favor, solte ele! - implorou.

- Veremos. A criança está com vocês? A menina, Lyra?

- Está!

- E um garoto, também? Um menino com uma faca?

- É... Eu lhe imploro...

- E quantas bruxas são?

- Vinte. Solte ele, solte ele!

- Todas no ar? Ou algumas ficam no chão com as crianças?

- A maioria no ar, três ou quatro sempre no chão... É horrível... Solte ele, ou me mate agora!

- A que distância da montanha eles estão? Estão avançando, ou pararam para descansar?

Lena Feldt contou-lhe tudo. Teria resistido a qualquer tortura, exceto o que estava agora acontecendo com o seu daemon. Quando a Sra. Coulter ficou sabendo tudo que desejava, disse:

- E agora me conte uma coisa. Vocês, bruxas, sabem alguma coisa sobre essa menina. Eu quase fiquei sabendo por uma das suas irmãs, mas ela morreu antes que eu pudesse completar a tortura. Bem, não há ninguém para salvar você agora. Diga-me a verdade sobre a minha filha. Lena Feldt disse, ofegante:

- Ela será a mãe... Ela será a vida... a mãe... Vai desobedecer... vai...

- Diga o nome dela! Você está contando tudo, menos a coisa mais importante! O nome dela! - gritou a Sra. Coulter.

- Eva! A mãe de todos! Eva, outra vez! A Mãe Eva! - balbuciou Lena Feldt, soluçando.

- Ah! - fez a Sra. Coulter .

E soltou um grande suspiro, como se finalmente o propósito de sua vida estivesse claro. A bruxa percebeu vagamente o que tinha feito, e, vencendo o horror que a envolvia, tentou gritar:

- O que é que vai fazer com ela? O que é que vai fazer?

- Ora, vou ter que destruí-la - respondeu a Sra. Coulter. - Para impedir outra Queda... Por que não vi isso antes? Era grandioso demais para ser percebido...

Ela bateu palmas de leve, como uma criança, de olhos arregalados. Lena Feldt, gemendo, ouviu-a prosseguir:

- Claro que sim. Asriel vai guerrear contra a Autoridade, e então... Claro, claro... Como antes, de novo. E Lyra é Eva. E desta vez ela não vai cair. Vou cuidar disso. Não vai haver Queda...

E a Sra. Coulter endireitou o corpo e estalou os dedos para o Espectro que se alimentava do daemon da bruxa. O pequeno daemon-calhandra ficou caído sobre a pedra, em espasmos, enquanto o Espectro avançava para a própria bruxa e então, o que quer que Lena Feldt tenha suportado foi duplicado e triplicado e multiplicado 100 vezes. Ela sentiu náuseas na alma, um desespero terrível e repugnante, melancolia e cansaço, um cansaço tão profundo que ela pensou que fosse morrer. Seu último pensamento consciente foi nojo da vida: seus sentidos tinham-lhe mentido, o mundo não era feito de energia e delícia, mas de sujeira, traição e

lassitude. Viver era horrível e morrer não era melhor, e de um lado a outro do universo essa era a primeira e última e única verdade.

Assim ficou ela, o arco na mão, indiferente, morta em vida. De modo que Lena Feldt deixou de ver ou de se importar com o que a Sra. Coulter fez em seguida. Ignorando o homem grisalho derreado, inconsciente, na cadeira de lona, e o daemon-serpente de pele opaca enrodilhada no chão, ela chamou o capitão dos soldados e ordenou que se preparassem para uma marcha noturna montanha acima.

Então foi até a beirada do lago e chamou os Espectros. Eles vieram ao seu comando, deslizando como colunas de névoa por cima da água. Ela ergueu os braços e fez com que se esquecessem de que eram presos à terra, de modo que um por um eles se ergueram no ar e flutuaram, como sombras malévolas deslizando na noite, levados pelas correntes de ar em direção a Will, Lyra e as outras bruxas, mas Lena Feldt nada enxergou disso tudo. Depois que escureceu, a temperatura caiu rapidamente, Will e Lyra comeram o restante do pão seco e foram deitar-se na reentrância formada por um rochedo que assomava, para ficarem aquecidos e tentarem dormir. Lyra, pelo menos, não precisou tentar; em apenas um minuto estava dormindo, enrodilhada em volta de Pantalaimon. Mas Will não conseguia dormir, por mais que tentasse - em parte por causa da mão, que agora latejava até o cotovelo e estava incomodamente inchada, em parte por causa do solo duro, em parte pelo frio, em parte por pura exaustão e em parte por saudade da mãe. Estava preocupado com ela, naturalmente, e achava que estaria mais segura se ele estivesse lá, tomando conta dela, mas queria que ela tomasse conta dele, também, como quando ele era pequeno; queria que lhe fizesse um curativo, cantasse para ele dormir e levasse embora todos os problemas, que o rodeasse de todo o carinho, suavidade e amor maternal de que ele tanto precisava; e isso nunca iria acontecer. Parte dele ainda era um menininho. De modo que ele chorou, mas sem se mexer, para não acordar Lyra. Mas mesmo assim não conseguia dormir. Estava mais desperto que nunca.

Finalmente

estendeu

as

pernas

doloridas

e

levantou-se

cautelosamente, estremecendo, e com a faca na cintura pôs - se a subir a montanha, para acalmar a sua inquietação.

Atrás dele, o daemon-tordo da bruxa de sentinela inclinou a cabeça e a bruxa virou-se em seu posto de vigia para ver Will subindo pelas pedras. Ela pegou seu ramo de pinheiro-nubígeno e alçou vôo silenciosamente, não para incomodá-lo, mas para protegê-lo e evitar que ele se machucasse. Ele não percebeu. Sentia tal necessidade de se movimentar que já

quase não sentia a dor na mão. Tinha a sensação de que deveria caminhar a noite inteira, o dia inteiro, para sempre, porque nada mais acalmaria aquela febre em seu peito. Então, como se solidário com ele, o vento começara a soprar. Não havia folhas que pudessem ser sacudidas, mas o vento golpeava o corpo de Will, soprando seus cabelos, havia turbulência dentro e fora dele. Ele subiu cada vez mais alto, mal se lembrando de que precisaria encontrar o caminho de volta para Lyra, até chegar a um pequeno platô que parecia estar quase no topo do mundo; em volta dele, em todos os horizontes, não havia montanha mais alta. Ao luar brilhante, as únicas cores eram o negro total e o branco puro, os contornos eram serrilhados e as superfícies eram nuas.

O vento selvagem devia estar trazendo nuvens, pois de repente a lua foi encoberta e a escuridão cobriu toda a paisagem; e eram nuvens espessas, pois nem um raio de luar brilhava através delas. Em menos de um minuto Will encontrou-se em escuridão quase total.

E no mesmo momento sentiu que lhe agarravam o braço direito. Ele gritou com o choque e tentou desvencilhar-se, mas foi em vão. E

Will tornou-se selvagem. Tinha a sensação de ter chegado ao fim do mundo, se ali fosse também o fim da sua vida, ele iria lutar e lutar até cair. De modo que pôs-se a girar e chutar, mas a mão não o soltava, como era o braço direito que estava preso, ele não conseguia pegar a faca. Tentou fazer isso com a mão esquerda, mas estava sendo tão sacudido, e sua mão estava tão inchada e dolorida, que não conseguiu, tinha que lutar com uma só

mão, machucada, contra um homem adulto.

Enterrou os dentes na mão que lhe prendia o braço, mas o que aconteceu foi que o homem lhe deu um soco estonteante na nuca. Então Will tornou a chutar, alguns dos chutes atingiram o alvo e outros não, e durante todo o tempo ele saltava, girava, empurrava e se debatia, mas não conseguia desvencilhar-se.

Ouvia vagamente a sua própria respiração ofegante junto com os grunhidos e a respiração rascante do homem, então, por puro acaso, conseguiu passar a perna por trás do outro e jogou-se contra o peito dele, e o homem caiu com Will por cima, mas nem por um instante o aperto no braço de Will diminuiu. E Will, rolando com violência no solo pedregoso, sentiu um grande medo apertar-lhe o coração: aquele homem jamais iria soltá-lo, mesmo que o menino conseguisse matá-lo, o cadáver continuaria preso ao seu braço. Mas Will sentia-se enfraquecendo, e agora estava chorando, também, soluçando amargamente enquanto chutava, empurrava e batia no homem com a cabeça e os pés, e sabia que seus músculos logo cederiam. E então percebeu que o homem estava imóvel, embora a mão continuasse agarrando firmemente o braço de Will.

Estava deitado, deixando que Will o surrasse com a cabeça e os joelhos, e assim que percebeu isso Will perdeu o resto das suas forças e caiu ao lado do seu oponente, atordoado, cada nervo em seu corpo retesado e latejante.

Will ergueu o tronco com dificuldade e perscrutou a profunda escuridão, distinguindo um borrão branco no chão ao lado do homem. Era o peito e a cabeça brancos de um grande pássaro, uma águia-pesqueira, um daemon, que estava deitado, imóvel. Will tentou soltar o braço, e o fraco puxão provocou uma reação do homem, cuja mão não tinha afrouxado. Mas ele estava se mexendo: estava tateando a mão direita de Will com sua mão livre. Will arrepiou-se. Então o homem disse:

- Me dê a sua outra mão.

- Tome cuidado - Will pediu.

A mão livre tateou ao longo do braço esquerdo de Will, e as pontas dos dedos deslizaram pelo pulso até a palma inchada e, com enorme delicadeza, pelos dois tocos dos dedos de Will. No mesmo instante a outra mão soltou o menino e ele se sentou.

- Você tem a faca - afirmou. - Você é o portador da faca. A voz era ressonante, áspera, porém ofegante. Will sentia que o outro estava seriamente ferido. Ele teria machucado aquele adversário oculto?

Will ainda estava deitado nas pedras, inteiramente exausto. Tudo que via era o vulto do homem agachado ao seu lado, mas não conseguia ver-lhe o rosto. O homem estava procurando alguma coisa, e depois de um instante uma sensação maravilhosa e calmante espalhou-se pela mão de Will, partindo dos tocos dos dedos, enquanto o homem massageava sua pele com um ungüento.

- O que está fazendo? - Will perguntou.

- Curando o seu machucado. Fique quieto.

- Quem é você?

- Sou o único homem que sabe para que serve a faca. Segure a mão assim. Não se mexa.

O vento soprava mais forte que nunca, e um pingo de chuva bateu no rosto de Will. Ele tremia violentamente, mas apoiou a mão esquerda com a direita enquanto o homem espalhava mais pomada sobre os tocos e enrolava uma faixa de linho em volta da mão.

Assim que o curativo ficou pronto, o homem deixou-se cair de lado e deitou-se. Will, ainda pasmo com a abençoada insensibilidade na mão, tentou sentar-se e olhar para ele. Mas estava mais escuro do que nunca. Ele estendeu a mão direita e tocou no peito do homem, onde o coração batia como um pássaro contra as grades de uma gaiola.

- Sim - disse o homem em voz rouca. - Tente curar isto.

- Está doente?

- Vou melhorar logo. Você tem a faca, não?

- Sim.

- E sabe usá-la?

- Sei, sei. Mas o senhor é deste mundo? Como é que sabe dela?

O homem sentou-se com esforço.

- Escute - disse. - Não me interrompa. Se você é o portador da faca, tem uma missão maior do que pode imaginar. Um menino... Como é que eles deixaram isto acontecer? Bem, já que tem que ser... Vem aí uma guerra, garoto. A maior que já existiu. Já aconteceu uma coisa parecida, e desta vez o lado certo tem que vencer... Durante todos os milhares de anos da História humana, só tivemos mentiras, propaganda, crueldade e hipocrisia. Está na hora de começar de novo, mas desta vez da maneira certa... Ele parou de falar para

respirar várias vezes, ruidosamente. Depois de um minuto, continuou:

- E a faca... Eles não sabiam o que estavam fazendo, aqueles filósofos antigos. Inventaram uma coisa que podia partir as menores partículas de matéria, e usaram isso para roubar caramelos. Não tinham idéia de que haviam feito a única arma em todos os universos que poderia derrotar o tirano. A Autoridade. Deus. Os anjos rebeldes fracassaram porque não tinham uma coisa assim, mas agora...

- Eu não queria a faca! E ainda não quero! - Will exclamou. - Se o senhor quer, pode ficar com ela! Eu odeio esta faca e odeio o que ela faz...

- Tarde demais. Você não tem escolha: é o portador. A faca o escolheu. E além disso, eles sabem que você está com ela, e se não usá-la contra eles, vão arrancá-la de você e usá-la contra o resto de nós, para sempre.

- Mas por que eu devo lutar contra eles? Já lutei demais, não posso continuar lutando, eu quero...

- Você venceu as suas lutas?

Will ficou em silêncio. Depois disse:

- É, acho que sim.

- Lutou pela faca?

- Sim, mas...

- Então é um guerreiro. É o que você é, conteste qualquer coisa, menos a sua própria natureza.

Will sabia que o homem estava falando a verdade. Mas não era uma verdade agradável, era pesada e dolorosa. O homem parecia saber disso, pois deixou Will baixar a cabeça antes de tornar a falar.

- Existem dois grandes poderes, e eles lutam desde o início dos tempos. Eles disputam, arrancando dos dentes um do outro, cada progresso na vida humana, cada passo nosso no conhecimento, na sabedoria e na decência. Cada pequeno avanço na liberdade humana foi disputado ferozmente entre aqueles que querem aumentar o nosso conhecimento para que sejamos mais sábios e mais fortes, e aqueles que nos querem obedientes, humildes e submissos. E agora esses dois poderes estão se preparando para a guerra. E

cada um deles quer essa sua faca mais do que qualquer outra coisa. Você tem que escolher, garoto. Nós dois fomos guiados até aqui: você com a faca e eu para lhe falar dela.

- Não! Você está enganado! - Will exclamou. - Eu não estava procurando nada disso! Não é nada disso que eu estava procurando!

- Você pode achar que não é, mas foi isso que encontrou - disse o homem na escuridão.

- Mas o que devo fazer?

E então Stanislaus Grumman, Jopari, John Parry, hesitou.

Tinha plena consciência do juramento que fizera a Lee Scoresby, e hesitou antes de rompê-lo, mas foi o que fez.

- Você deve ir até Lorde Asriel e dizer-lhe que Stanislaus Grumman mandou você e que você tem a arma de que ele precisa mais do que todas. Gostando ou não, rapaz, você tem um trabalho a fazer. Ignore todo o resto, por mais importante que pareça ser, e vá fazer isso. Vai aparecer alguém para guiá-lo, a noite está cheia de anjos. Agora a sua ferida vai cicatrizar. Espere. Antes de ir, quero ver você direito.

Ele tateou à procura do pacote que estava carregando, tirou alguma coisa, desdobrou várias camadas de lona e depois acendeu um

fósforo e com ele acendeu uma pequena lamparina de lata. A essa luz, através do ar ventoso e denso de chuva, os dois se entreolharam.

Will viu olhos ardentes num rosto abatido, dominado pela dor, o queixo forte coberto por uma barba de vários dias, cabelos grisalhos, um corpo curvado e magro envolto numa capa pesada, uma espécie de manto orlado de penas de pássaros diversos.

O xamã viu um garoto ainda mais jovem do que ele tinha imaginado, o corpo magro e trêmulo numa camisa de linho rasgada, e expressão exausta, selvagem e desconfiada, mas iluminada por uma curiosidade feroz, os olhos arregalados sob as sobrancelhas negras e retas, tão parecidas com as da mãe...

E então aconteceu entre ambos a primeira fagulha de outra coisa mais. Mas nesse mesmo momento, enquanto a luz da lamparina iluminava o rosto de John Parry, alguma coisa desceu do céu encoberto e ele caiu morto antes de poder dizer uma palavra, com uma flecha cravada no coração doente. O daemon-águia-pesqueira desapareceu.

Will conseguia apenas olhar, estupefato. Uma faísca cruzou seu campo de visão, e sua mão direita moveu-se como um raio, ele viu que estava segurando um daemon, um tordo de peito vermelho, em pânico.

- Não! Não! - gritou a bruxa Juta Kamainen, e caiu também, apertando o peito, batendo no solo pedregoso e levantando-se outra vez com esforço. Mas Will aproximou-se antes que ela conseguisse se equilibrar, e colocou a faca sutil na garganta dela.

- Por que fez isso? - gritou. - Por que matou ele?

- Porque eu o amava e ele me desprezou! Sou uma bruxa! Eu não perdôo!

E por ser uma bruxa, normalmente ela não teria medo de um menino, mas teve medo de Will. Aquela jovem figura machucada tinha mais força e representava um perigo maior do que ela jamais encontrara num humano, e ela se intimidou. Deu um passo para trás, ele avançou e agarrou-lhe os cabelos com a mão esquerda, sem sentir dor, sentindo apenas um desespero enorme e esmagador.

- Você não sabe quem ele era! - gritou. - Era o meu pai.

Ela sacudiu a cabeça e sussurrou:

- Não, não! Não pode ser verdade! Impossível!

- Você acha que as coisas têm que ser possíveis? As coisas têm que ser verdadeiras! Ele era o meu pai, e nenhum dos dois sabia, até o segundo em que você o matou! Bruxa, eu espero a minha vida inteira e venho até aqui e finalmente encontro o meu pai, e você mata ele...

Ele sacudiu a cabeça dela como a de uma boneca, e jogou-a sobre o solo, deixando-a quase inconsciente. O pasmo dela era quase maior do que o medo que tinha dele, que era bem grande, e ela se levantou, atordoada, e agarrou a camisa dele, em súplica. Ele afastou a mão dela com brutalidade.

- Que foi que ele lhe fez, para precisar matar ele? - gritou. - Diga-me, se puder!

E ela olhou para o morto. Depois olhou outra vez para Will e sacudiu a cabeça com tristeza.

- Não consigo explicar - disse. - Você é novo demais. Não iria entender. Eu o amava. Só isso. Isso basta.

E antes que Will pudesse impedi-la, caiu de lado, com a mão no punho da faca que acabara de tirar de seu próprio cinto e enfiar no peito. Will não sentiu horror; apenas desolação e perplexidade.

Levantou-se devagar e olhou para a bruxa morta, para os cabelos negros, a face corada, os membros macios e pálidos molhados de chuva, os lábios entreabertos como os de uma amante.

- Não compreendo. É estranho demais - disse em voz alta.

Will virou-se para o homem morto, seu pai.

Mil coisas lutavam em sua garganta, e só a chuva forte esfriava o fogo em seus olhos. A pequena lamparina ainda tremeluzia ao vento, e à sua luz Will ajoelhou-se e colocou as mãos no corpo do homem, tocando em seu rosto, seus ombros, seu peito, fechando os seus olhos, afastando da sua testa os cabelos grisalhos e molhados, apertando as mãos contra suas faces ásperas, fechando a boca de seu pai, segurando as suas mãos.

- Pai... Papai, paizinho... Meu pai... Não entendo por que ela fez isso. É estranho demais para mim. Mas o que o senhor queria que eu fizesse, prometo, juro que vou fazer. Vou lutar. Vou ser um guerreiro, vou. Esta faca, vou levá-la para Lorde Asriel, onde quer que ele esteja, e vou ajudar ele a lutar contra o inimigo. Vou fazer isso. Pode descansar agora. Está tudo bem. Pode dormir agora.

Ao lado do morto estava a bolsa de pele de cervo, com a lona dobrada, a lamparina e a pequena caixinha de chifre cheia de ungüento de musgo-sangüíneo. Will recolheu essas coisas, e então viu o manto orlado de penas, sujo e encharcado, mas ainda assim um agasalho. Não teria mais utilidade para o pai, e Will estava tremendo de frio. Desabotoou afivela de bronze que prendia o manto na garganta do homem morto e colocou a bolsa de lona sobre o ombro antes de enrolar-se nele.

Apagou a lamparina e olhou para trás, para as figuras desfocadas do pai, da bruxa e novamente do pai, antes de virar-se e descer a montanha. O ar tempestuoso estava elétrico com sussurros, e no fragor do vento Will ouvia outros sons também: ecos confusos de gritos e cânticos, o clangor de metal contra metal, um poderoso ruflar de asas que em certo momento soou tão próximo que poderia

até estar dentro da cabeça dele, e no momento seguinte parecia tão distante que poderia estar em outro planeta. As pedras no chão eram soltas e escorregadias, e foi muito mais difícil descer do que tinha sido subir, mas ele não vacilou.

E quando desceu o último pequeno barranco antes de chegar ao lugar onde Lyra estava dormindo, ele estacou de repente. Havia dois homens simplesmente parados ali, no escuro, como se estivessem esperando. Will levou a mão à faca.

Então um deles falou:

- Você é o menino da faca?

Sua voz tinha a mesma qualidade estranha do ruflar de asas. Fosse quem fosse, não era um ser humano.

- Quem são vocês? - Will perguntou. - São homens, ou...

- Não somos homens, não. Somos os Vigilantes. Beneelim. Em sua língua, anjos.

Will ficou em silêncio. O homem continuou.

- Outros anjos têm outras funções e outros poderes. A nossa missão é

simples: precisamos de você. Viemos seguindo o xamã por todo o caminho, na esperança de que ele nos levasse a você, e ele fez isso. E agora viemos para levar você a Lorde Asriel.

- Vocês estiveram com meu pai todo o tempo?

- Cada minuto.

- Ele sabia?

- Não tinha a menor idéia.

- Então por que não detiveram a bruxa? Por que deixaram ela matar o meu pai?

- Antes nós teríamos feito isso, mas a missão dele estava cumprida, depois que ele nos levou até você.

Will não respondeu. Sua cabeça retinia, aquilo não era menos difícil de entender do que todo o resto. Finalmente falou:

- Está bem, eu vou com vocês. Mas primeiro tenho que acordar Lyra. Eles se afastaram para deixá-lo passar, e ele sentiu uma vibração no ar ao passar perto das duas figuras, mas ignorou isso e concentrou-se em descer a encosta na direção do pequeno abrigo onde Lyra estava dormindo. Mas alguma coisa fez com que estacasse.

Na penumbra, ele viu que as bruxas que protegiam Lyra estavam todas sentadas ou de pé, imóveis. Pareciam estátuas, respiravam, mas mal estavam vivas. Havia também vários corpos vestidos de seda negra caídos no chão, e enquanto contemplava a cena, horrorizado, Will entendeu o que devia ter acontecido: elas tinham sido atacadas no ar pelos Espectros e morrido na queda, indiferentes.

Mas...

- Onde está Lyra? - ele bradou.

A pequena reentrância sob o rochedo estava vazia. Lyra tinha desaparecido. Havia alguma coisa onde Lyra estivera deitada. Era a pequena mochila de brim, e pelo peso ele soube, sem precisar olhar, que o aletômetro ainda estava ali dentro.

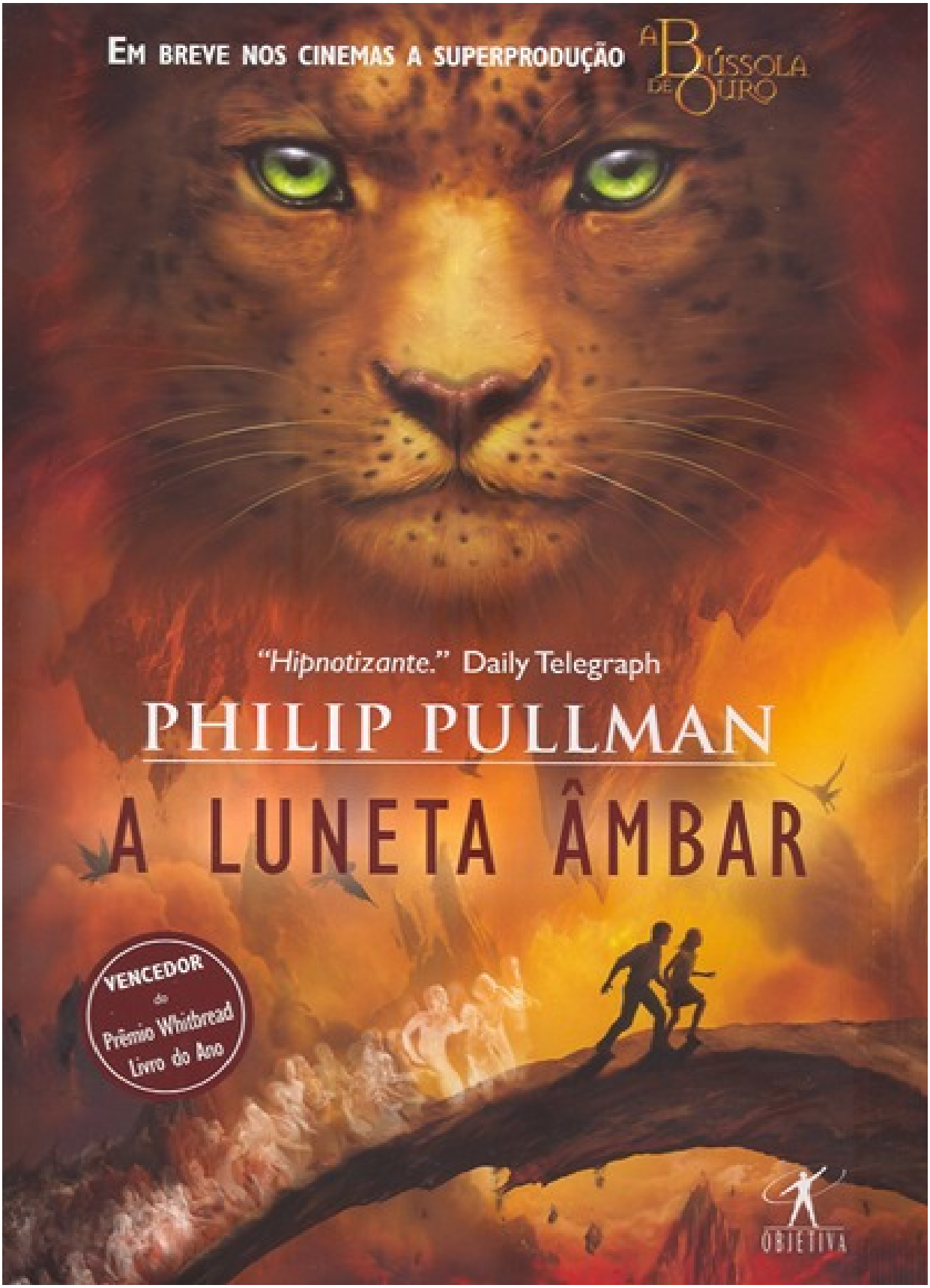
Will sacudiu a cabeça. Não podia ser verdade, mas era: Lyra tinha sumido, Lyra tinha sido capturada, Lyra estava perdida.

As duas figuras escuras dos beneelim não tinham se movido. Mas disseram:

- Agora tem que vir conosco. Lorde Asriel precisa de você

imediatamente. O poder do inimigo cresce a cada minuto. O xamã lhe disse qual é a sua missão. Siga-nos e nos ajude a vencer. Venha conosco. Venha por aqui. Venha agora.

Will olhou para eles, depois para a mochila de Lyra e de novo para eles, e não escutou uma só palavra do que eles disseram.


EM BREVE NOS CINEMAS A SUPERPRODUÇÃO
A BÚSSOLA DE OURO
"Hipnotizante." Daily Telegraph
PHILIP PULLMAN
A LUNETA ÂMBAR
VENCEDOR
do
Prêmio Whitbread
Livro do Ano
OBJETIVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

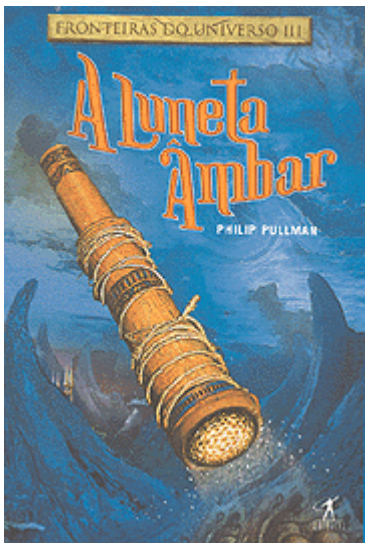
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sobre a Obra:

A LUNETA ÂMBAR fecha a trilogia Fronteiras do Universo. Lyra desaparece e, em seu encalço, estão: Will, que quer ajudar a amiga, a Igreja que a considera a nova Eva e, por isso, tenta eliminá-la antes que a menina repita o pecado original, e Lorde Asriel, comandante de um exército de anjos, humanos e pequenos seres alados que, ciente do poder revolucionário de Lyra, a quer ao seu lado.

A trilogia Fronteiras do Universo foi traduzida para 18 países. A bússola dourada recebeu os prêmios de "Melhor Ficção" e "O Livro do Ano" na GrãBretanha, em 1996. A faca sutil foi eleito "O Livro do Ano" no Reino Unido, em 1997. Em janeiro de 2002 A Luneta Âmbar recebeu o *Whitbread book of the year*, o mais importante prêmio literário britânico. Foi a primeira vez que um escritor infanto-juvenil vence o Whitbread. A Luneta Âmbar também foi considerado o melhor livro de 2001, pela imprensa londrina. **VOLUME TRÊS**

A LUNETA ÂMBAR

Oh, falai de sua força, Ó cantai sua graça, Aquele cujo manto é a luz, cujo dossel é espaço. Suas carruagens de ira formam grandes nuvens de trovoada, E

escuro é seu caminho nas asas da tormenta.

Robert Grant (1779-1838), de Hymns Ancient and Modem.

Oh estrelas, não será de vós que nasce o desejo do amante de ver a face de sua amada? Não virão as visões secretas, que de suas feições puras ele possui, de puras constelações?

Rainer Maria Rilke, The Third Duino Elegy.

De The Selected Poetry of Rainer Maria Rilke.

Finos vapores escapam de tudo que fazem os vivos.

A noite é fria e delicada e cheia de anjos

Esmagando os vivos.

As fábricas estão todas iluminadas,

O soar do carrilhão se eleva, sem ser ouvido.

Afinal estamos juntos, ainda que muito distantes.

John Ashbery, The Ecclesiast. De River and Mountains

Uma das mais belas características de A Luneta Âmbar é a presença de versos de grandes poetas abrindo não só o livro como cada capítulo. Porém, ao contrário dos poemas da página anterior, os versos que abrem os capítulos são citados tendo como referência apenas o nome do autor, ou do livro da Bíblia do qual foram extraídos. Como seria um trabalho gigantesco e exaustivo pesquisar os mais de 30 versos citados no livro, nas obras de cada autor, e depois procurar uma tradução publicada em português, optei por apresentar todos em tradução livre feita por mim, procurando guardar, sempre que possível, a música dos poemas.

Fiz duas exceções: as citações do poema magistral de John Milton, Paraíso Perdido, em que usei a tradução de Antônio José de Lima

Leitão (W. M. Jackson Inc. Editores, 1960, Rio de Janeiro - S. Paulo - Recife - Porto Alegre), porque, como o Paraíso Perdido é, nas palavras do próprio autor, um dos fios condutores de sua obra, achei que essa leitura só poderia iluminar e enriquecer meu trabalho. E nas citações da Bíblia em que usei a tradução de João Ferreira de Almeida (Edição Sociedades Bíblicas Unidas, 1968, Lisboa) por ser bastante próxima da versão King James que é citada. Ana Deiró, março/2001.

Sumário

1. A Adormecida Enfeitiçada

2. Balthamos e Baruch

3. Comedores de Carniça

4 .Ama e os Morcegos

5. A Torre Adamantina

6. Absolvição Antecipada

7. Mary, Sozinha

8. Vodca

9. Rio Acima

10. Rodas

11. As Libélulas

12. A Quebra

13. Tialys e Salmakia

14. Saiba o Que É

15. A Forja
16. A Nave da Intenção
17. Óleo e Laca
18. Os Subúrbios dos Mortos
19. Lyra e Sua Morte
20. A Escalada
21. As Harpias
22. Os Sussurrantes
23. Sem Saída
24. A Sra. Coulter em Genebra
25. Saint-Jean-les-Eaux
26. O Abismo
27. A Plataforma
28. Meia-Noite
29. A Batalha na Planície
30. A Montanha Nublada
31. O Fim da Autoridade
32. Manhã
33. Marzipã
34. Agora Existe

35. Além das Colinase Muito Longe

36. A Flecha Quebrada

37. As Dunas

38. O Jardim Botânico

A ADORMECIDA ENFEITIÇADA

... Enquanto feras atrás de presas saídas de covis nas profundezas espreitavam a donzela adormecida...

William Blake

Em um vale sombreado por rododendros, próximo da linha de neve, onde um riacho de águas leitosas de neve derretida passava ligeiro espumando, onde pombos e milheiros voavam entre os imensos pinheiros, havia uma caverna, que ficava semi-escondida pelo rochedo acima e pelas folhas secas e pesadas que se acumulavam abaixo. A floresta era repleta de sons: das águas do riacho correndo entre as pedras, do vento entre as folhas alongadas dos galhos de pinheiros, do zumbido dos insetos e de guinchos de pequenos mamíferos arbóreos, bem como do cantar de passarinhos, e, de tempos em tempos, uma lufada mais forte de vento fazia com que um dos galhos de um cedro ou de um abeto roçasse contra um outro e gemesse como um violoncelo. Era um lugar claro e ensolarado, nunca monótono, raios de claridade, dourado-limão, penetravam até o solo da floresta entre retângulos e círculos de sombra verde-acastanhados, e a luz estava sempre em movimento, nunca era constante, porque a névoa que passava com freqüência flutuava em meio às copas das árvores, filtrando todos os raios de sol até adquirirem um brilho perolado e salpicando cada cone de pinheiro com gotículas de umidade que cintilavam quando a névoa se desfazia. Por vezes a umidade nas nuvens se condensava formando minúsculas gotas, metade neblina, metade chuva, que desciam flutuando em vez de cair, fazendo um ruído suave como um tamborilar farfalhante entre os milhares de folhas aciculadas dos

pinheiros. Havia um caminho estreito passando junto do riacho, que levava de uma aldeia - pouco mais que um aglomerado de choupanas de pastores - na entrada do vale, até um relicário, semi-arruinado, próximo da geleira ao fundo, um lugar onde bandeirolas de seda esvoaçavam sob os ventos perpétuos das altas montanhas e oferendas de bolos de cevada e chá seco eram colocadas pelos fiéis aldeões. Um estranho efeito da luz, do gelo e do vapor fazia com que a parte mais alta do vale ficasse envolta em eternos arco-íris. A caverna ficava a alguma distância acima do caminho. Muitos anos antes, um homem religioso morara ali, meditando, jejuando e orando, e o local ainda era venerado em sua memória. Tinha 30 metros de profundidade, mais ou menos, com o solo bem seco: um abrigo ideal para um urso ou para um lobo, mas os únicos seres morando nela durante anos haviam sido pássaros e morcegos.

Mas o vulto que estava se agachando logo após a entrada, os olhos negros atentos vigiando um lado e depois o outro, as orelhas pontudas levantadas, não era pássaro nem morcego. A luz do sol descia pesada e forte sobre seu lustroso pêlo dourado e as mãozinhas de macaco reviravam uma pinha para lá e para cá, com os dedos fortes, partindo a casca em lascas e raspando as nozes doces.

Atrás dele, pouco além do ponto que a luz do sol alcançava, a Sra. Coulter estava aquecendo água numa panelinha sobre um fogareiro à nafta. Seu *daemon* emitiu um murmúrio de advertência e a Sra. Coulter levantou a cabeça.

Vindo pelo caminho da floresta havia uma menina da aldeia. A Sra. Coulter sabia quem ela era: Ama vinha lhe trazendo comida já há alguns dias. Logo ao chegar, a Sra. Coulter fizera circular a notícia de que era uma mulher religiosa, dedicada a meditações e preces, que fizera um voto de jamais falar com um homem. Ama era a única pessoa cujas visitas aceitava receber. Dessa vez, contudo, a menina não estava sozinha. Seu pai estava com ela e enquanto Ama subia até a caverna, ele esperou, mantendo alguma distância.

Ama chegou à entrada da caverna e fez uma mesura.

- Meu pai me pediu que viesse trazendo preces para sua boa vontade disse.

- Bons olhos a vejam, criança - disse a Sra. Coulter.

A menina trazia uma trouxa embrulhada em algodão desbotado, que colocou aos pés da Sra. Coulter. Então estendeu um raminho de flores, cerca de uma dúzia de anêmonas amarradas com um fio de algodão, e começou a falar rápida e nervosamente. A Sra. Coulter compreendia um pouco da língua daquela gente da montanha, mas nunca permitiria que percebessem o quanto. De modo que sorriu e fez um gesto para que a menina se calasse e para que observassem seus *daemons*. O macaco dourado estava estendendo a mãozinha negra e o *daemon* borboleta de Ama esvoaçava, chegando cada vez mais perto, até pousar no caloso dedo indicador.

O macaco o aproximou lentamente de sua orelha e a Sra. Coulter sentiu uma corrente de compreensão fluir para sua mente, esclarecendo as palavras da menina. Os aldeões estavam felizes que uma santa mulher religiosa como ela estivesse abrigada na caverna, mas havia rumores de que também tinha uma acompanhante, uma mulher como ela, que de alguma forma era perigosa e muito poderosa.

Isso era o que estava deixando os aldeões assustados. Seria aquele outro ser mestra da Sra. Coulter ou sua criada? Teria a intenção de fazer mal? Por que estava ali, para começar? Pretendia ficar muito tempo? Ama transmitiu essas perguntas com infindáveis apreensões.

Uma resposta totalmente nova ocorreu à Sra. Coulter, à medida que a compreensão do *daemon* foi penetrando em sua mente. Ela podia contar a verdade. Não toda, naturalmente, mas parte. Estremeceu ao conter a vontade de rir diante da idéia, mas manteve isso longe de sua voz quando explicou:

- Sim, há uma outra pessoa comigo. Mas não há nada a temer. É minha filha e ela foi vítima de um feitiço que fez com que

adormecesse. Viemos aqui para nos esconder do feiticeiro que lançou este feitiço, enquanto eu tento curála e impedir que qualquer mal lhe ocorra. Venha ver, se quiser. Ama ficou parcialmente tranqüilizada pela voz suave da Sra. Coulter, mas ainda estava com medo, e toda aquela conversa sobre feiticeiros e feitiços aumentava seus temores. Mas o macaco dourado estava segurando seu *daemon* com tamanha gentileza e, além disso, estava tão curiosa, que seguiu a Sra. Coulter até o interior da caverna.

O pai de Ama, que esperava mais abaixo no caminho, deu um passo adiante e seu *daemon* corvo levantou as asas uma ou duas vezes, mas ficou onde estava.

A Sra. Coulter acendeu uma vela, porque a luz estava indo embora rapidamente, e conduziu Ama até o fundo da caverna. Os olhos da garotinha faiscavam, arregalados, na semi-obscuridade e suas mãos se moviam, fazendo um gesto repetitivo de esfregar o dedo no polegar, para afastar o perigo confundindo os maus espíritos.

- Está vendo? - perguntou a Sra. Coulter. - Ela não pode fazer mal a ninguém. Não há motivo para ter medo.

Ama olhou para a pessoa no saco de dormir. Era uma menina, mais velha que ela, talvez três ou quatro anos, e tinha cabelos de uma cor que Ama nunca vira antes - de um tom fulvo, amarelo-tostado como o pêlo de um leão. Seus lábios estavam bem fechados, comprimidos, e estava profundamente adormecida, não havia dúvida quanto a isso, pois seu *daemon* estava deitado, enroscado em seu pescoço e inconsciente. Ele tinha a forma de um animal parecido com um mangusto, mas de cor vermelho-dourada e menor. O macaco dourado estava alisando carinhosamente o pêlo entre as orelhas do *daemon* adormecido e, enquanto Ama observava, a criatura-mangusto mexeu-se incomodada e emitiu um pequeno miado rouco. O *daemon* de Ama, na forma de camundongo, se apertou contra o pescoço de Ama e espiou assustado entre seus cabelos.

- De maneira que pode contar a seu pai o que você viu - prosseguiu a Sra. Coulter. - Não há nenhum espírito mau. Apenas minha filha, adormecida por causa de um feitiço e de quem estou cuidando. Mas por favor, Ama, diga a seu pai que isso tem de ser mantido em segredo. Ninguém, exceto vocês dois, deve saber que Lyra está aqui. Se o feiticeiro souber onde ela está, virá

procurá-la e destruí-la, a mim também e tudo que estiver nas vizinhanças. De maneira que trate de ficar calada! Conte a seu pai e a mais ninguém. Ela se ajoelhou junto de Lyra e afastou o cabelo úmido do rosto da menina adormecida antes de se inclinar para beijar a face de sua filha. Então levantou a cabeça, com uma expressão triste e carinhosa no olhar, e sorriu para Ama com tamanha bravura e sábia compaixão que a garotinha sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

A Sra. Coulter pegou a mão de Ama, enquanto iam voltando para a entrada da caverna, e viu o pai da menina observando cheio de ansiedade lá

de baixo. A mulher juntou as mãos e inclinou a cabeça para ele num cumprimento, que ele respondeu com alívio, enquanto sua filha, depois de fazer uma mesura para a Sra. Coulter e para a menina adormecida enfeitiçada, fez meia-volta e desceu correndo pela encosta sob a luz do crepúsculo. Pai e filha inclinaram a cabeça mais uma vez em direção à caverna, num cumprimento respeitoso, e se foram, desaparecendo em meio às sombras dos rododendros.

A Sra. Coulter virou-se de volta para a água no fogareiro, que estava quase fervendo.

Abaixando-se, ela esmigalhou algumas folhas secas sobre a água, tirando duas pitadas de um saquinho, uma pitada de outro e acrescentou três gotas de um

óleo

amarelo-claro.

Mexeu

rapidamente

a

mistura,

contando

silenciosamente até terem se passado cinco minutos. Então tirou a panela do fogo e sentou-se para esperar que o líquido esfriasse.

Espalhada ao seu redor estava parte da equipagem do acampamento, próximo ao laguinho azul, onde Sir Charles Latrom havia morrido: um saco de dormir, uma mochila com mudas de roupas, produtos de limpeza e assim por diante. Também havia uma valise de lona com uma armação resistente de madeira, acolchoada com paina, contendo vários instrumentos, e havia uma pistola num coldre.

A de cocção esfriou depressa no ar rarefeito e tão logo atingiu a temperatura do corpo, ela a colocou cuidadosamente numa taça de metal de boca larga e levou-a até o fundo da caverna. O *daemon* macaco largou a pinha e foi junto com ela.

Cuidadosamente, a Sra. Coulter colocou a taça sobre uma rocha e se ajoelhou junto de Lyra. O macaco dourado se abaixou ao lado dela, pronto para agarrar Pantalaimon, se este acordasse.

O cabelo de Lyra estava úmido, seus olhos se moviam atrás das pálpebras cerradas. Ela estava começando a despertar: a Sra. Coulter tinha sentido seus cílios se mexerem quando a beijara e sabia que não dispunha de muito tempo antes que Lyra despertasse totalmente.

Enfiou a mão sob a cabeça da menina e com a outra afastou as mechas úmidas de cabelo de sua testa. Os lábios de Lyra se

entreabriram e ela gemeu baixinho, Pantalaimon se aconchegou mais junto de seu peito. Os olhos do macaco dourado não se descolavam do *daemon* de Lyra e seus pequeninos dedos negros repuxavam a beirada do saco de dormir.

Depois de um olhar da Sra. Coulter, ele largou o saco de dormir e se afastou um palmo para trás. A mulher levantou a filha com delicadeza de modo que seus ombros saíssem do chão e a cabeça balançou ligeiramente. Então Lyra respirou fundo e seus olhos se entreabriram, piscando pesados.

- Roger - murmurou. - Roger... onde está você... não consigo ver...

- Ssh - sussurrou sua mãe - ssh, minha querida, beba isso.

Levando a taça até a boca de Lyra, ela a inclinou para deixar que uma gota umedecesse os lábios da menina. A língua de Lyra percebeu isso e se moveu para lambê-los, e então a Sra. Coulter deixou que um pouco mais do líquido pingasse em sua boca, com muito cuidado, deixando-a engolir cada gole antes de lhe dar mais.

Passaram-se vários minutos, mas finalmente a taça ficou vazia e a Sra. Coulter tornou a deitar a filha. Tão logo a cabeça de Lyra repousou no chão, Pantalaimon voltou a se acomodar em volta de seu pescoço. Seu pêlo vermelho-dourado estava tão úmido quanto os cabelos de Lyra. Ambos estavam de novo profundamente adormecidos.

O macaco dourado foi saltitando graciosamente até a entrada da caverna e sentou-se, mais uma vez vigiando o caminho. A Sra. Coulter umedeceu uma flanela numa bacia de água fria e passou no rosto de Lyra, depois, abriu o saco de dormir e lavou seus braços, pescoço e ombros, porque Lyra estava acalorada. Então sua mãe pegou um pente e com delicadeza desembaraçou o cabelo de Lyra, afastando-o da testa e repartindo-o cuidadosamente. Ela deixou o saco de dormir aberto de modo que a menina pudesse se refrescar e abriu a trouxa que Ama havia trazido: algumas bisnagas achatadas de pão, um retângulo de chá prensado, um pouco de

arroz meio grudento, embrulhado numa folha larga. Estava na hora de acender a fogueira. O frio nas montanhas era intenso durante a noite. Trabalhando metodicamente, ela cortou algumas achas de lenha, preparou a fogueira e acendeu um fósforo. Aquilo era outra coisa a respeito da qual teria que pensar: os fósforos estavam acabando e a nafta para o fogareiro também, teria que manter a fogueira acesa dia e noite, dali por diante.

Seu *daemon* estava aborrecido. Não gostava do que ela estava fazendo e quando tentou manifestar sua preocupação ela não lhe deu atenção. Ele deulhe as costas, o desprezo evidente em cada linha de seu corpo enquanto continuava a descascar pinhas na escuridão. Ela nem reparou e continuou a trabalhar atenta e habilmente para aumentar a fogueira e preparar uma panela para esquentar água para fazer um chá. A despeito disso, o ceticismo dele a afetava e enquanto ia desmanchando o chá prensado na água, repetidamente perguntou a si mesma o que achava que estava fazendo e se teria enlouquecido, o que aconteceria quando a igreja descobrisse. O macaco dourado tinha razão. Ela não estava apenas escondendo Lyra: estava cobrindo os olhos para esconder a verdade de si mesma.

Saindo da escuridão o garotinho veio, esperançoso e assustado, sussurrando uma vez após a outra:

-Lyra, Lyra, Lyra...

Atrás dele havia outros vultos, ainda mais indistintos do que ele, ainda mais silenciosos. Pareciam ser de um mesmo grupo e do mesmo tipo, mas não tinham rostos que fossem visíveis ou vozes que falassem, e a voz dele se elevou um pouco acima de um sussurro e seu rosto ficou sombreado e borrado como algo semi-esquecido.

-Lyra... Lyra... Onde estavam eles? Numa grande planície onde nenhuma luz brilhava no céu escuro cor de chumbo e onde uma neblina obscurecia o horizonte em todas as direções. O solo era de terra nua, socada e achatada por milhões de pés, embora esses pés

tivessem menos peso que penas, de modo que deveria ter sido o tempo que o achatara daquele jeito, embora o tempo tivesse parado naquele lugar, de modo que as coisas deviam ser assim mesmo. Aquele era o fim de todos os lugares e o último de todos os mundos.

-Lyra...

Por que estavam ali?

Eram prisioneiros. Alguém havia cometido um crime, embora ninguém soubesse qual era o crime, quem o havia cometido, nem que autoridade o havia julgado. Por que o garotinho continuava a chamar pelo nome de Lyra?

Esperança.

Quem eram eles?

Fantasmas.

E Lyra não conseguia tocá-los, por mais que tentasse. Desnorteadas, suas mãos se moviam procurando, tentando, de um lado para o outro, e o garotinho continuava parado ali suplicando.

-Roger - chamou ela, mas sua voz saiu num sussurro. - Ah, Roger, onde está você? O que é este lugar?

-É o mundo dos mortos, Lyra - respondeu ele. - Não sei o que fazer, não sei se estou aqui para sempre e não sei se fiz coisas más ou o que, por que tentei ser bom, mas detesto estar aqui, estou com medo de tudo isso, detesto. E Lyra disse:

-Eu ...

BALTHAMOS E BARUCH

***.** ..Então um espírito passou por diante de mim, fez-me arrepiar os cabelos da minha carne.*

Livro de Jó 4.15

- Fique calado - disse Will. - Apenas trate de ficar calado. Não me perturbe. Isso foi logo depois de Lyra ter sido levada, logo depois de Will ter descido do topo da montanha, logo depois de a bruxa ter matado seu pai. Will acendeu a lamparina de latão que havia tirado da bolsa de pele de seu pai, usando os fósforos que havia encontrado junto, e agachou-se na reentrância do rochedo para abrir a mochila de Lyra. Ele tateou lá dentro com a mão boa e encontrou o pesado aletômetro embrulhado no veludo. O instrumento brilhou como sob a luz da lamparina e Will o estendeu para as duas formas que estavam a seu lado, as formas que diziam ser anjos.

- Sabem ler isso? - perguntou.

- Não - disse uma voz. - Venha conosco. Precisa vir. Venha agora, vamos levar você a Lorde Asriel.

- Quem mandou vocês seguirem meu pai? Disseram que ele não sabia que o estavam seguindo. Mas ele sabia - disse em tom feroz. - Ele me avisou que podia esperar que aparecessem. Sabia mais coisas que imaginavam. Quem enviou vocês?

- Ninguém nos enviou. Apenas nós mesmos - veio a voz. - Queremos servir Lorde Asriel. E o homem morto, o que ele queria que você fizesse com a faca?

Will foi forçado a hesitar.

- Ele disse que deveria levá-la para Lorde Asriel - admitiu.

- Então venha conosco.

- Não. Não, enquanto eu não encontrar Lyra.

Ele dobrou o veludo sobre o aletômetro e o enfiou em sua bolsa de lona. Uma vez seguro de que estava bem guardado, pôs a mochila

no ombro, enrolou-se no pesado manto de seu pai para proteger-se da chuva e agachouse onde estava olhando com firmeza para as duas sombras.

- Vocês dizem a verdade? - perguntou.

- Sim.

- Então são mais fortes ou mais fracos que seres humanos?

- Mais fracos. Vocês têm carne de verdade, nós não temos. Apesar disso, você tem de vir conosco.

- Não. Se sou mais forte, vocês têm que me obedecer. Além disso, eu tenho a faca. De modo que posso ordenar: ajudem-me a encontrar Lyra. Não me importa quanto tempo vai levar, primeiro vou encontrá-la e depois irei ver Lorde Asriel.

Os dois vultos ficaram em silêncio durante vários segundos. Então se afastaram um pouco e conversaram entre si, embora Will não conseguisse ouvir nada do que diziam. Finalmente se aproximaram de novo e ele ouviu:

- Muito bem. Você está cometendo um erro, embora não nos deixe opção. Vamos ajudá-lo a encontrar essa criança.

Will forçou os olhos tentando penetrar a escuridão e vê-los mais claramente, mas a chuva o impediu.

- Cheguem mais perto para que eu possa vê-los. Eles se aproximaram, mas pareceram se tornar ainda mais obscuros.

- Verei vocês melhor à luz do dia?

- Não, pior. Não somos de uma hierarquia muito elevada entre os anjos.

- Bem, se eu não consigo ver vocês, mais ninguém vai conseguir, de modo que podem se manter escondidos. Vejam se conseguem

descobrir para onde Lyra foi. Ela certamente não pode estar muito longe. Havia uma mulher, deve estar com ela, foi a mulher que levou Lyra. Andem, tratem de procurar e voltem para me contar o que virem.

Os anjos se elevaram no ar em meio à tempestade e desapareceram. Will sentiu uma grande e pesada melancolia apoderar-se dele, já lhe restava muito pouca força antes da luta com seu pai e agora estava praticamente exausto. Tudo o que queria era fechar os olhos que estavam pesados e doloridos de tanto chorar. Puxou o manto sobre a cabeça, abraçou a mochila de lona e adormeceu imediatamente.

- Não estão em lugar nenhum.

Will ouviu isso lá das profundezas do sono e se esforçou para acordar. Finalmente (e levou mais de um minuto, porque estava profundamente adormecido) conseguiu abrir os olhos para a manhã que tinha diante de si.

- Onde estão vocês?

- Ao seu lado - respondeu um anjo. - Deste lado.

O sol havia acabado de nascer e as rochas, os líquenes e musgos que as cobriam cintilavam frescos e brilhantes sob a luz da manhã, mas em lugar nenhum ele conseguia ver algum vulto.

- Eu disse que seria mais difícil nos ver à luz do dia - continuou a voz. Você vai nos ver melhor à meia-luz, no crepúsculo ou ao raiar do dia, a segunda melhor situação é quando estiver escuro, e a pior situação é sob a luz do sol. Meu companheiro e eu procuramos mais abaixo na montanha e não encontramos nem a mulher nem a criança. Mas há um lago de água azul onde ela deve ter acampado. Tem um homem morto lá e uma bruxa comida por um Espectro.

- Um homem morto? Como ele é?

- Devia ter seus 60 anos. Corpulento e de pele lisa. Cabelos grisalhos. Vestia roupas caras e havia vestígios de um perfume forte ao redor dele.

- Sir Charles - disse Will. - Esse que descreveu é Sir Charles. A Sra. Coulter deve tê-lo matado. Bem, pelo menos isso é uma boa notícia.

- Ela deixou pistas. Meu companheiro as seguiu e voltará quando tiver descoberto para onde ela foi. Eu vou ficar com você.

Will se levantou e olhou em volta. A tempestade tinha limpado a atmosfera e a manhã estava fresca e clara, o que apenas tornava o cenário ao seu redor mais perturbador e aflitivo, pois nas proximidades jaziam os corpos de várias das bruxas que haviam escoltado Will e Lyra até o local do encontro com o pai dele. Um corvo comedor de carniça, de bico brutal, já estava atacando o rosto de uma delas e Will podia ver um pássaro maior, voando em círculos mais acima, como se estivesse escolhendo o melhor para se banquetear. Will examinou os corpos, um de cada vez, mas nenhum deles era o de Serafina Pekkala, a rainha do clã de bruxas e amiga pessoal de Lyra. Então se lembrou: ela não tinha partido de repente, para cuidar de uma outra tarefa, não muito antes do anoitecer?

De modo que ainda poderia estar viva. Aquele pensamento o alegrou, Will vasculhou o horizonte em busca de algum sinal dela, mas não encontrou nada exceto céu azul e rochas pontiagudas em todas as direções para onde olhou.

- Onde você está? - perguntou ao anjo.

- Ao seu lado - veio a voz - como sempre.

Will olhou para a esquerda, onde estava a voz, mas não viu nada.

- Então ninguém pode ver você. Alguma outra pessoa poderia ouvi-lo tão bem quanto eu?

- Não se eu sussurrar - respondeu o anjo em tom ríspido e rabugento.

- Qual é o seu nome? Vocês têm nomes?

- Temos. Meu nome é Balthamos. O de meu companheiro é Baruch. Will refletiu sobre o que fazer. Quando você escolhe um caminho dentre muitos, todos os caminhos que você não segue são apagados como se fossem velas, como se nunca tivessem existido. Naquele momento todas as escolhas de Will existiam simultaneamente. Mas fazer com que todas elas continuassem existindo significava não fazer nada. Ele tinha que escolher, apesar de tudo.

- Vamos tornar a descer a montanha - decidiu. - Vamos até aquele lago. Pode ser que haja alguma coisa por lá que eu possa aproveitar. E, de qualquer maneira, estou ficando com sede. Vou seguir pelo caminho que acho que vai para lá e você pode me guiar se eu errar.

Só quando já estava andando há vários minutos, descendo pela encosta rochosa sem nenhuma trilha, foi que Will se deu conta que sua mão não estava mais doendo. Na verdade, não tinha pensado no ferimento desde que havia acordado.

Will parou e examinou a atadura de linho que seu pai havia colocado em volta de sua mão depois da luta. Estava melada com o ungüento que ele havia espalhado sobre os ferimentos, mas não havia nenhum sinal de sangue e depois dos sangramentos incessantes que tinha sofrido desde que havia perdido os dedos, aquilo era tão bom que sentiu o coração quase que saltar de alegria. Experimentou mexer os dedos. Era verdade que os ferimentos ainda doíam, mas era um tipo diferente de dor: não aquela dor profunda, que o consumia e lhe engolia a vida, do dia anterior, mas uma sensação menor, mais embotada. Parecia que estava se curando. O pai dele tinha feito isso. O feitiço das bruxas tinha fracassado, mas seu pai o havia curado.

Então continuou a descer pela encosta, sentindo-se mais animado. Foram necessárias três horas e várias palavras de orientação até que chegasse ao pequeno lago azul. Quando afinal o alcançou, estava morto de sede e, sob o sol forte, o manto pareceu-lhe pesado e quente, embora sentisse falta de sua proteção depois que o tirou, pois seus braços e o pescoço nus ardiam. Largou o manto e a bolsa de lona no chão e correu os últimos metros até a água, deixando-se cair nela com o rosto sedento e bebendo um gole após o outro de água super gelada. Estava tão gelada que fez seus dentes e a cabeça doerem.

Depois de ter matado a sede, levantou a cabeça e ficou sentado olhando em torno. Não estivera em condições de reparar em coisa alguma no dia anterior, mas agora via mais claramente a cor intensa da água e ouvia os ruídos estridentes dos insetos por toda parte.

- Balthamos?

- Sempre aqui.

- Onde está o homem morto?

- Depois daquele pedregulho alto, à sua direita.

- Há Espectros por aqui?

- Não, nenhum.

Will pegou a mochila de lona e o manto e foi contornando o lago, seguindo pela beira, depois subiu até o pedregulho que Balthamos tinha indicado. Atrás dele um pequeno acampamento havia sido montado, com cinco ou seis tendas e restos de fogueiras para cozinhar. Will se aproximou com cuidado, caso alguém ainda estivesse vivo e escondido.

Mas o silêncio era profundo, com o ruído dos insetos apenas arranhando sua superfície. As tendas estavam desertas, a água plácida, com ondulações ainda se espalhando lentamente em

círculos a partir de onde ele havia bebido. Um lampejo de movimento verde próximo de seu pé o sobressaltou por um instante, mas era apenas um minúsculo lagarto.

As tendas eram feitas de tecido de camuflagem, o que as realçava ainda mais, em meio às rochas vermelhas desbotadas. Examinou o interior da primeira tenda e viu que estava vazia. A segunda também, mas na terceira encontrou algo de valor: uma lata de rancho e uma caixa de fósforos. Também havia uma tira de alguma substância escura, do mesmo comprimento e largura que seu antebraço. De início, pensou que fosse couro, mas, sob a luz do sol, viu mais claramente e constatou que era carne-seca.

Bem, afinal, ele tinha uma faca. Cortou um pedaço fino e descobriu que era meio dura de mastigar e ligeiramente salgada, mas cheia de sabor bem gostoso. Colocou a carne e os fósforos junto com a lata na bolsa de lona e revistou as outras tendas, mas estavam vazias.

Deixou a maior por último.

- É lá que está o homem morto? - perguntou para o ar.

- É - respondeu Balthamos. - Ele foi envenenado.

Will foi caminhando cautelosamente até a entrada, que dava para o lago. Caído ao lado de uma cadeira de lona virada estava o corpo do homem conhecido no mundo de Will como Sir Charles Latrom e no mundo de Lyra como Lorde Boreal, o homem que havia roubado o aletômetro de Lyra, roubo que, por sua vez, tinha conduzido Will ao encontro da faca sutil. Sir Charles havia sido hipócrita, desonesto e poderoso, e agora estava morto. O rosto dele estava distorcido de maneira desagradável e Will não queria olhar para ele, mas uma espiada rápida no interior da tenda revelou que ali havia um bocado de coisas para roubar, de modo que passou por cima do corpo para olhar melhor.

Seu pai, o soldado, o explorador, teria sabido exatamente o que levar. Will tinha que adivinhar. Pegou uma pequena lupa num estojo

de metal, porque poderia usá-la para acender fogueiras e economizar os fósforos, um carretel de barbante bem resistente, um cantil de liga de metal, muito mais leve do que o recipiente de pele de cabra que estivera carregando, e uma pequena caneca de latão, um binóculo pequenino, um cilindro de moedas de ouro do tamanho de um polegar de homem, embrulhado em papel, uma caixa de primeiros socorros, tabletes para purificar água, um pacote de café, três pacotes de frutas secas prensadas, um saco de biscoitos de aveia, seis barras de Kendal Mint Cake, um saco de anzóis de pesca e linha de náilon e, finalmente, um bloco de anotações e um par de lápis e uma pequena lanterna elétrica. Arrumou tudo isso em sua bolsa de lona, cortou outra fatia de carne, encheu a barriga e depois o cantil com água do lago e perguntou para Balthamos:

- Acha que preciso de mais alguma coisa?

- Um pouco de bom senso lhe seria útil - veio a resposta. - Alguma faculdade para tornar você capaz de reconhecer a sabedoria e mais inclinado a respeitá-la e obedecê-la.

- Você é sábio?

- Muito mais do que você.

- Bem, como vê, eu não saberia dizer. Você é homem? Fala como homem.

- Baruch era homem. Eu não. Agora ele é angelical.

- Então - Will interrompeu o que estava fazendo, que era arrumar a bolsa de lona de modo que os objetos mais pesados ficassem no fundo, e tentou ver o anjo. Não havia nada para ver. - Então ele era um homem - prosseguiu - e então... As pessoas se tornam anjos quando morrem? É isso que acontece?

- Nem sempre. Não na grande maioria dos casos... Muito raramente.

- Então quando ele esteve vivo?

- Há quatro mil anos, mais ou menos. Eu sou muito mais velho.

- E ele vivia no meu mundo? No de Lyra? Ou neste aqui?

- No seu. Mas existem miríades de mundos. Você sabe disso.

- Mas como as pessoas se tornam anjos?

- Qual é o objetivo dessa especulação metafísica?

- Só quero saber.

- É melhor cuidar de sua tarefa. Você saqueou os objetos pessoais desse morto, tem todos os brinquedos de que precisa para se manter vivo, agora podemos seguir adiante?

- Quando eu souber para onde ir.

- Para onde quer que escolhamos ir, Baruch nos encontrará.

- Então ele nos encontrará mesmo se ficarmos aqui. Tenho mais umas coisas a fazer.

Will sentou num lugar de onde não pudesse ver o corpo de Sir Charles e comeu três quadrados do Kendal Mint Cake. Era maravilhoso como foi se sentindo refeito e fortalecido à medida que a comida começou a nutri-lo. Então examinou novamente o aletômetro. As 36 pequeninas ilustrações pintadas sobre o marfim eram todas perfeitamente claras: não havia dúvida de que isso era um bebê, aquilo uma marionete, isso uma bisnaga de pão e assim por diante. O que era obscuro era o que elas significavam.

- Como Lyra lia isso? - perguntou a Balthamos.

- É muito possível que ela inventasse. As pessoas que usam esses instrumentos estudaram durante muitos anos e mesmo assim só podem compreendê-los com a ajuda de muitos livros de referência.

- Ela não estava inventando. Realmente sabia ler. Lyra me disse coisas que de outra forma jamais poderia ter sabido.

- Então é igualmente misterioso para mim, posso lhe garantir declarou o anjo.

Olhando para o aletômetro, Will se lembrou de uma coisa que Lyra havia comentado sobre como ler: alguma coisa a respeito do estado de relaxamento em que deveria pôr sua mente para fazer com que funcionasse. Aquilo, por sua vez, o havia ajudado a sentir as sutilezas da lâmina de prata. Sentindo curiosidade, pegou a faca e cortou uma pequena janela bem na frente de onde estava sentado. Através dela não viu nada exceto o ar azul, porém abaixo, muito abaixo, havia uma paisagem de árvores e campos: era seu próprio mundo, sem sombra de dúvida.

Então as montanhas neste mundo não correspondiam a montanhas no mundo dele. Fechou a janela, usando a mão esquerda pela primeira vez. Que felicidade poder usá-la de novo!

Então uma idéia ocorreu-lhe tão subitamente, que foi como se tivesse levado um choque elétrico. Se existiam miríades de mundos, por que a faca só

abria janelas entre este mundo e o seu? Certamente ela deveria poder cortar abrindo janelas para qualquer um deles.

Ele levantou a faca de novo, deixando sua mente fluir seguindo pela lâmina até chegar à ponta da faca como Giacomo Paradisi lhe havia ensinado, até que sua consciência estivesse aninhada entre os próprios átomos e sentisse cada minúsculo ponto e ondulação no ar.

Em vez de cortar tão logo sentiu a primeira fenda, como geralmente fazia, deixou que a faca seguisse adiante para uma outra e depois para mais uma outra. Era como seguir uma fileira de pontos cirúrgicos enquanto os pressionava muito ligeiramente de maneira que nenhum deles fosse danificado.

- O que está fazendo? - disse a voz saindo do ar e trazendo-o de volta.

- Estou explorando - respondeu Will. - Fique calado e não se meta no meu caminho. Se você chegar perto disso será cortado e, como não posso ver você, não tenho como evitar.

Balthamos emitiu um som de descontentamento. Will estendeu a faca novamente e procurou aquelas minúsculas paradas e hesitações nas fendas. Havia um número muito maior delas do que tinha imaginado. E enquanto as sentia sem precisar cortá-las, imediatamente descobriu que cada uma possuía uma característica diferente: esta aqui era dura e definida, aquela ali meio indistinta, uma terceira era escorregadia, a quarta quebradiça e frágil... Mas entre todas elas havia algumas que ele podia sentir com mais facilidade que outras e, já conhecendo a resposta, cortou uma só para ter certeza: era seu próprio mundo de novo.

Ele a fechou e procurou com a ponta da faca uma fenda com uma característica diferente. Encontrou uma que era elástica e resistente e deixou a faca deslizar para dentro dela e cortar.

Sim! O mundo que viu através daquela janela não era o seu: ali o chão estava mais próximo e a paisagem não era de campos verdes e cercas, mas um deserto com dunas ondulantes.

Will fechou aquela janela e abriu outra: a atmosfera carregada de fumaça de uma cidade industrial, com uma fila de trabalhadores, acorrentados e de expressão sombria, caminhando penosamente para uma fábrica. Fechou aquela também e voltou a si. Sentia-se ligeiramente tonto. Pela primeira vez compreendeu parte da dimensão do verdadeiro poder da faca e a pousou muito cuidadosamente sobre a rocha à sua frente.

- Você vai ficar aqui o dia inteiro? - perguntou Balthamos.

- Estou pensando. Você só pode passar com facilidade de um mundo para outro se o chão estiver no mesmo lugar. E talvez haja

lugares em que está, e talvez seja nesses lugares que ocorram muitos cortes entre os mundos... E você teria que saber exatamente como é seu próprio mundo com a ponta da faca, caso contrário poderia não conseguir voltar nunca. Estaria perdido para sempre.

- Realmente. Mas será que poderíamos...

- E você teria que saber que mundo tem o chão no mesmo lugar, caso contrário não haveria sentido em abri-lo - disse Will, tanto para si mesmo quanto para o anjo. - De maneira que não é tão fácil quanto eu havia imaginado. Talvez simplesmente tenhamos tido sorte em Oxford e em Cittàgazze. Mas eu vou apenas...

Ele tornou a pegar a faca. Além da sensação bem nítida e evidente que sentia quando tocava um ponto que abriria uma fenda para seu mundo, tinha havido um outro tipo de sensação em que havia tocado mais de uma vez: uma espécie de ressonância, como a sensação de bater num tambor pesado de madeira, exceto, é claro, que vinha, como todas as outras, num movimento minúsculo através do ar vazio.

Lá estava ela. Ele se afastou e procurou sentir em outro lugar: lá estava de novo.

Will fez um corte e descobriu que seu raciocínio estava correto. A ressonância significava que o solo no mundo que ele havia aberto estava no mesmo lugar que neste. Estava olhando para uma campina verdejante numa região montanhosa, sob um céu carregado, em que um rebanho de animais plácidos pastavam - animais de um tipo que nunca vira antes - grandes como bisões, com chifres largos e de pêlo azul comprido, com uma crista de pêlos duros eriçados descendo ao longo de suas costas.

Ele entrou pela janela. O animal mais próximo levantou a cabeça, olhou para ele sem curiosidade e então virou de volta para a relva. Deixando a janela aberta, na campina do outro mundo, Will levantou a faca, com sua ponta procurou os pontos familiares e experimentou abri-los.

Sim, ele podia abrir seu próprio mundo a partir daquele e ainda estava bem acima das fazendas e das cercas, e sim, podia encontrar com facilidade a ressonância sólida que era característica do mundo Cittàgazze de onde acabara de sair.

Com uma profunda sensação de alívio, Will voltou para o acampamento à

beira do lago, fechando todas as janelas atrás de si. Agora podia encontrar seu caminho de volta para casa, agora não se perderia, agora poderia se esconder quando precisasse e se deslocar em segurança.

Cada acréscimo no conhecimento vinha acompanhado de um ganho em força. Ele embainhou a faca na cintura e jogou a mochila sobre o ombro.

- Bem, agora está pronto? - disse a voz sarcástica.

- Estou. Posso explicar se quiser, mas não me parece muito interessado.

- Ah, acho qualquer coisa que você faça uma fonte perpétua de fascinação. Mas não se incomode comigo. O que vai dizer para aquelas pessoas que estão chegando?

Will olhou em volta, espantado. Mais abaixo na trilha - bem longe, muito mais abaixo - havia uma fileira de viajantes com cavalos de carga, subindo em marcha regular em direção ao lago. Eles ainda não o tinham visto, mas se ficasse onde estava, logo veriam.

Will recolheu o manto de seu pai, que havia estendido sobre um pedregulho para tomar sol. Pesava muito menos, agora que estava seco. Olhou ao redor: não havia mais nada que pudesse levar.

- Vamos seguir adiante - disse.

Gostaria de ter podido refazer o curativo, mas aquilo podia esperar. Começou a andar junto da beira do lago, afastando-se dos viajantes, e o anjo o seguiu, invisível na claridade do dia.

Muito mais tarde naquele dia eles desceram das montanhas de rochas nuas, para um contraforte coberto de relva e rododendros anões. Will estava louco para descansar e logo, decidiu, faria uma parada.

O anjo tinha falado pouco. De tempos em tempos Balthamos havia advertido: - Não vá por aí - ou: - Há um caminho mais fácil à esquerda - e ele aceitava o conselho, mas na verdade estava caminhando só por caminhar e para se manter longe daqueles viajantes, porque enquanto o outro anjo não voltasse com mais notícias, ele poderia muito bem ter ficado onde estavam. Agora o sol estava se pondo, e Will achou que podia ver seu estranho companheiro. A silhueta de um homem parecia tremular sob a luz e o ar estava mais denso dentro dela.

- Balthamos? - chamou. - Quero encontrar um riacho. Existe algum por perto?

- Há uma nascente um pouco mais abaixo na encosta - disse o anjo logo acima daquelas árvores.

- Obrigado - agradeceu Will.

Encontrou a nascente e bebeu bastante água, enchendo o cantil. Mas antes que pudesse descer até o pequeno bosque, ouviu uma exclamação de Balthamos e quando Will se virou avistou sua silhueta movendo-se rapidamente pela encosta em direção - a quê? O anjo era visível apenas como um lampejo de movimento e Will conseguia vê-lo melhor se não olhasse diretamente para ele, mas Balthamos pareceu fazer uma pausa e ouvir, então se lançou pelo ar para deslizar rapidamente de volta para junto de Will.

- Aqui! - disse ele, e pela primeira vez sua voz não tinha nenhum traço de desaprovação ou de sarcasmo. - Baruch veio por aqui! E há

uma daquelas janelas, quase invisível. Venha, venha. Venha logo.

Will o seguiu cheio de entusiasmo, o cansaço esquecido. A janela, observou quando a alcançou, se abria para uma região sombria, de paisagem semelhante à tundra que era mais plana que as montanhas no mundo Cittàgazze e mais fria, com um céu carregado. Ele passou pela janela e Balthamos o seguiu imediatamente.

- Que mundo é este? - perguntou Will.

- É o mundo da garota. Foi por aqui que elas passaram e Baruch também atravessou e foi em frente para segui-las. Estão indo para o sul, já

estão bem longe em direção ao sul.

- Como sabe? Você lê a mente dele?

- Claro que leio a mente dele. Aonde quer que ele vá, minha cabeça vai com ele, sentimos as mesmas coisas, como se fôssemos um só, embora sejamos dois.

Will examinou o terreno a seu redor. Não havia nenhum sinal de vida humana e o ar frio estava ficando mais gelado, a cada minuto que se passava, à medida que a luz ia morrendo.

- Não quero dormir aqui - declarou. - Vamos ficar no mundo Cittàgazze para passar a noite e voltar para cá de manhã. Pelo menos por lá tem lenha e podemos fazer uma fogueira. E agora que sei como é o mundo dela, posso encontrá-lo com a faca... Ah, Balthamos? Você pode assumir alguma outra forma?

- Por que eu haveria de querer fazer isso?

- Neste mundo, os seres humanos têm *daemons* e se eu aparecer sem *daemon*, ficarão desconfiados. Lyra, inicialmente, teve medo de mim por causa disso. De modo que se formos viajar pelo mundo

dela, você vai ter que fingir que é meu *daemon* e assumir a forma de algum animal. Um pássaro, talvez. Assim pelo menos poderia voar.

- Ah, mas que coisa mais tediosa.

- Mas você pode fazer isso?

- Eu poderia...

- Então faça agora. Deixe-me ver.

A silhueta do anjo pareceu se condensar e girar num pequeno redemoinho no meio do espaço e então um melro rodopiou e pousou na relva aos pés de Will.

- Voe para o meu ombro - disse Will.

O pássaro fez isso e depois falou no tom de voz ácido, já familiar, do anjo: Eu só farei isso quando for absolutamente necessário. É

indescritivelmente humilhante.

- Sinto muito - retrucou Will. - Sempre que encontrarmos gente neste mundo, você se tornará um pássaro. Não adianta reclamar nem discutir. Apenas faça.

O melro levantou vôo de seu ombro e desapareceu no ar, em seguida, lá

estava o anjo de novo, emburrado na semi-obscuridade. Antes de voltarem pela janela, Will examinou bem o terreno que o cercava, farejando o ar, fazendo um reconhecimento do mundo onde Lyra estava prisioneira.

- Onde está seu companheiro agora? - perguntou.

- Seguindo a mulher rumo ao sul.

- Então seguiremos nessa direção também, amanhã de manhã.

No dia seguinte, Will caminhou durante horas e não viu ninguém. A região consistia, em sua maior parte, em pequenas colinas cobertas por uma relva baixa, seca, e, sempre que se encontrava em qualquer ponto mais elevado, ele olhava em volta buscando sinais de habitação humana, mas não encontrou nenhum. A única variação naquele vazio poeirento verde-acastanhado era uma mancha distante de um verde mais escuro, para onde Will se dirigiu, porque Balthamos disse que era uma floresta e que lá havia um rio, que corria em direção ao sul. Quando o sol estava em seu ápice, ele tentou e não conseguiu dormir em meio a alguns arbustos baixos, e, à medida que o anoitecer se aproximava, sentiu-se cansado e com os pés doloridos.

- Progresso lento - comentou Balthamos acidamente.

- Não posso fazer nada quanto a isso - retrucou Will. - Se não puder dizer alguma coisa construtiva, é melhor não falar nada.

Quando finalmente alcançou as bordas da floresta, o sol estava baixo e o ar carregado de pólen, tão carregado que Will espirrou várias vezes, espantando um passarinho que voou piando com estridência de algum lugar próximo.

- Foi a primeira coisa viva que vi hoje - observou Will.

- Onde vai acampar? - perguntou Balthamos.

Agora, ocasionalmente, o anjo ficava visível nas sombras alongadas das árvores. O que Will conseguia ver de sua expressão era petulante.

- Vou ter que parar por aqui, em algum lugar - respondeu Will. - Você

poderia ajudar a procurar um bom local. Estou ouvindo um riacho, veja se consegue encontrá-lo.

O anjo desapareceu. Will continuou andando penosamente, em meio às moitas de urze e de mirtilo silvestre, desejando que houvesse alguma coisa como um caminho para que seus pés seguissem e observando a luz com apreensão: teria que escolher onde parar rapidamente, antes que a escuridão o obrigasse a fazê-lo sem opção de escolha.

- À esquerda - disse Balthamos, a um braço de distância. - Um riacho e uma árvore morta para servir de lenha. Por aqui...

Will seguiu a voz do anjo e logo encontrou o local que ele havia descrito. Um riacho corria rapidamente em meio à rochas cobertas de musgo e desaparecia sobre uma protuberância numa fenda pequenina e estreita, escura sob as árvores em arco. Junto ao riacho, uma margem verdejante se estendia um pouco mais para trás até os arbustos e plantas rasteiras. Antes de se permitir descansar, Will tratou de catar lenha e não demorou a encontrar um círculo de pedras enegrecidas pelo fogo, em meio à relva, onde alguma outra pessoa fizera uma fogueira em alguma ocasião muito tempo antes. Juntou uma pilha de gravetos e de galhos mais pesados e com a faca os cortou em achas de bom tamanho antes de tentar acendê-los. Não sabia qual era a melhor maneira de fazer aquilo e desperdiçou vários fósforos antes de conseguir acender as chamas.

O anjo o observava com uma espécie de paciência fatigada.

Depois que a fogueira estava ardendo, Will comeu dois biscoitos de aveia, um pedaço de carne-seca e um pouco do Kendal Mint Cake, arrematando com uns goles de água gelada. Balthamos ficou sentado ali perto e finalmente Will perguntou:

- Você vai ficar me vigiando o tempo todo? Não vou para lugar nenhum.

- Estou esperando Baruch. Ele logo estará de volta e então posso ignorar você, se quiser.

- Quer comer alguma coisa?

Balthamos se mexeu ligeiramente: estava tentado.

- Quero dizer, eu nem sei se você come - emendou Will, - mas se quiser alguma coisa, pode comer.

- O que é aquilo?... - perguntou o anjo cheio de melindres, apontando para o Kendal Mint Cake.

- É um doce, acho que feito principalmente de açúcar e menta. Tome. Will partiu um quadrado e ofereceu na mão estendida. Balthamos inclinou a cabeça e o cheirou. Então pegou o quadrado, seus dedos leves e frios contra a palma da mão de Will.

- Creio que isto vai me alimentar - comentou. - Um pedaço é mais que suficiente, obrigado.

Ficou sentado e foi mordiscando em silêncio. Will descobriu que se olhasse para o fogo, com o anjo bem no canto de seu campo de visão, tinha uma impressão mais forte dele.

- Onde está Baruch? - perguntou. - Ele pode se comunicar com você?

- Sinto que ele está perto. Logo estará aqui. Quando ele voltar, nós conversaremos. Conversar é melhor.

E menos de dez minutos depois o som suave de asas batendo chegou aos ouvidos deles e Balthamos se levantou ansioso. No instante seguinte os dois anjos estavam se abraçando e Will, contemplando as chamas, observou a afeição mútua dos dois. Era mais que afeição: eles se amavam apaixonadamente.

Baruch sentou ao lado de seu companheiro e Will mexeu no fogo, de maneira que uma nuvem de fumaça subisse e passasse pelos dois. A fumaça teve o efeito de delinear seus corpos, de modo que pôde vê-los claramente pela primeira vez. Balthamos era esguio, as

asas estreitas dobradas elegantemente atrás dos ombros, e seu rosto tinha uma expressão que mesclava desdém arrogante com uma terna e ardente simpatia, como se ele fosse capaz de amar todas as coisas se sua natureza lhe permitisse esquecer seus defeitos. Mas ele não via defeitos em Baruch, isto era evidente. Baruch parecia ser mais jovem, como Balthamos dissera que era, e era mais forte de constituição, as asas brancas como neve e maciças. Era mais simples por natureza, olhava para Balthamos como se este fosse a fonte de todo conhecimento e felicidade. Will se deu conta de que estava intrigado e comovido com o amor que tinham um pelo outro.

- Descobriu onde está Lyra? - perguntou impaciente pelas notícias.

- Encontrei - respondeu Baruch. - Há um vale do Himalaia, fica muito alto, próximo de uma geleira, onde a luz é transformada em arco-íris pelo gelo. Vou desenhar um mapa para você aqui na terra, para que não deixe de encontrá-lo. A menina está prisioneira numa caverna, a mulher a mantém adormecida.

- Adormecida? E a mulher está sozinha? Não há soldados com ela?

- Está sozinha, sim. Se escondendo.

- E não aconteceu nada de mau com Lyra?

- Não. Está apenas adormecida e sonhando. Deixe-me mostrar a você

onde estão.

Com o dedo pálido, Baruch desenhou um mapa na terra nua junto da fogueira. Will pegou o bloco de anotações e o copiou com exatidão. Mostrava uma geleira com uma curiosa formação espiralada, estendendo-se para baixo entre dois picos montanhosos quase idênticos.

- Agora - disse o anjo - vamos chegar mais perto. O vale onde fica a caverna desce pelo lado esquerdo da geleira e um rio de água de neve derretida corre através dele. O alto do vale fica aqui...

Ele desenhou outro mapa e Will também o copiou, e depois um terceiro, cada vez chegando mais perto, de modo que Will sentiu que encontraria o caminho para chegar lá sem dificuldade - desde que cruzasse os sete ou oito mil quilômetros entre a tundra e as montanhas. A faca era boa para cortar aberturas entre mundos, mas não era capaz de abolir as distâncias que existiam dentro deles.

- Há um relicário perto da geleira - Baruch concluiu seu relato - com bandeirolas de seda vermelha meio rasgadas pelos ventos. - E uma garotinha traz comida até a caverna. Eles acreditam que a mulher é uma santa que os abençoará se cuidarem de suas necessidades.

- É mesmo? - comentou Will. - E ela está se escondendo... É isso que eu não compreendo. Se escondendo da igreja?

- Parece que sim.

Will dobrou os mapas e os guardou cuidadosamente. Tinha posto a caneca de latão nas pedras na borda da fogueira para esquentar a água e então salpicou um pouco de café solúvel dentro dela, mexendo com um graveto, e enrolou a mão num lenço antes de pegá-la para beber. Um graveto em chamas acomodou-se na fogueira, uma ave noturna piou. De repente, sem nenhum motivo que Will pudesse ver, os dois anjos olharam para cima e na mesma direção. Acompanhou o olhar deles, mas não viu nada. Certa ocasião, tinha visto sua gata fazer isso: levantar de repente, alerta e desperta de seu cochilo, e ficar vigiando alguma coisa ou alguém invisível entrar no quarto e atravessá-lo de uma ponta à outra. Aquilo o havia deixado de cabelos em pé, e o que estava acontecendo agora também.

- Apague a fogueira - sussurrou Balthamos.

Will pegou um punhado de terra com a mão boa e apagou as chamas. Imediatamente, o frio o envolveu até os ossos e ele começou a tremer. Puxou o manto enrolando-se nele e olhou para cima de novo. E agora havia alguma coisa para ver: acima das nuvens uma forma brilhava, e não era a lua. Ouviu Baruch murmurar:

- A Carruagem? Será possível?

- O que é? - sussurrou Will.

Baruch se inclinou chegando bem perto dele e sussurrou em resposta:

- Eles sabem que estamos aqui. Nos encontraram. Will, pegue a sua faca e...

- Antes que pudesse terminar, alguma coisa se lançou do céu e se abateu sobre Balthamos. Numa fração de segundo Baruch tinha saltado sobre ela e Balthamos estava se torcendo para libertar sua asa. Os três seres lutaram assim, indo para lá e para cá na semi-obscuridade, como três enormes vespas apanhadas numa imensa teia de aranha, sem emitir nenhum som: tudo o que Will podia ouvir eram os gravetos se partindo e as folhas roçando enquanto eles lutavam.

Não podia usar a faca: todos se moviam muito depressa. Em vez disso, tirou a lanterna elétrica da bolsa de lona e a acendeu.

Nenhum deles esperava por isso. O atacante abriu e levantou as asas, Balthamos jogou o braço cobrindo os olhos e somente Baruch teve a presença de espírito de se manter na posição em que estava. Mas Will podia ver o que era, esse inimigo: um outro anjo, muito maior e mais forte do que eles, e a mão de Baruch estava cravada sobre sua boca.

- Will! - gritou Balthamos. - A faca, corte uma saída - E no mesmo instante o atacante conseguiu se soltar violentamente das mãos de

Baruch e gritou:

- Senhor Regente! Eu os apanhei!

A voz dele fez a cabeça de Will tinir, nunca havia escutado um grito daqueles. E um instante depois o anjo teria levantado vôo e escapado, mas Will deixou cair a lanterna e saltou na frente dele. Já havia matado um avantesma dos penhascos, mas usar a faca contra um ser com uma forma igual à sua era muito mais difícil. A despeito disso, envolveu as grandes asas que batiam em seus braços e golpeou repetidamente as penas até que o ar se encheu de um redemoinho de flocos brancos, lembrando-se, mesmo em meio à onda de sensações violentas, das palavras de Balthamos: Vocês têm carne de verdade, nós não. Os seres humanos eram mais fortes que os anjos e era verdade: ele estava levando o anjo ao chão.

O atacante ainda estava gritando naquela voz de arrebentar os tímpanos:

- Senhor Regente! Para mim, para mim!

Will conseguiu lançar um olhar para o alto e viu as nuvens se movendo e rodopiando, e aquele clarão - alguma coisa imensa - ficando cada vez mais poderoso, como se as próprias nuvens estivessem se tornando luminosas, carregadas de energia, como plasma.

Balthamos gritou:

- Will, vamos embora e acabe logo com isso antes que ele venha - Mas o anjo estava lutando violentamente e agora tinha consegui do libertar uma das asas e estava fazendo força para se levantar do chão, e Will tinha que continuar a segurá-lo, caso contrário o perderia. Baruch correu para ajudá-lo e forçou a cabeça do atacante para trás.

- Não! - gritou Balthamos de novo. - Não! Não!

Ele se lançou sobre Will, sacudindo-lhe o braço, o ombro, as mãos, e o atacante estava tentando gritar novamente, mas a mão de Baruch cobria-lhe a boca. Do alto veio um profundo tremor, como um poderosíssimo dínamo, um som quase baixo demais para se ouvir, embora sacudisse até os próprios átomos do ar e desse solavancos na medula dos ossos de Will.

- Ela está chegando - disse Balthamos, quase soluçando, e naquele momento parte de seu medo se transmitiu para Will. - Por favor, por favor Will. Will olhou para o alto.

As nuvens estavam se abrindo e através da fenda escura um vulto descia rapidamente: pareceu pequenino inicialmente, mas, à medida que foi se aproximando, a cada segundo sua forma foi se tornando maior e mais imponente. Vinha diretamente para eles, com inconfundível malignidade, Will teve certeza de que podia até ver seus olhos.

- Will, você precisa - disse Baruch em tom aflito.

Will se levantou, com a intenção de dizer "Segure-o bem firme", mas no instante em que as palavras vieram à sua mente, o anjo vergou tombando contra o chão, se dissolvendo e se espalhando como névoa, e depois desapareceu. Will olhou em torno, sentindo-se tolo e nauseado.

- Eu o matei? - perguntou com a voz trêmula.

- Você teve de fazer isso - disse Baruch. - Mas agora...

- Detesto isso - declarou Will, em tom inflamado - eu realmente, mas realmente detesto esse negócio de matar! Quando é que vai parar?

- Nós temos que ir - interrompeu Balthamos em tom abatido. - Depressa, Will, depressa, por favor.

Os dois estavam mortalmente assustados.

Will tateou o ar com a ponta da faca: qualquer mundo, desde que saíssem daquele. Cortou rapidamente e olhou para o alto: aquele outro anjo vindo do céu estava a apenas segundos de distância e sua expressão era aterradora. Mesmo àquela distância e mesmo naquele segundo ou pouco mais, Will sentiu estar sendo examinado e vasculhado de uma ponta à outra de seu ser por um intelecto vasto, brutal e impiedoso.

E, o que era pior, ele tinha uma lança - estava erguendo-a para atirá-la - e no instante que o anjo precisou para interromper seu vôo, assumir uma posição ereta e levar o braço para trás para lançar a arma, Will seguiu Baruch e Balthamos atravessando a abertura e fechou a janela atrás de si. Enquanto seus dedos apertavam os últimos centímetros das bordas, sentiu uma onda de impacto de ar - mas aquilo desapareceu, estava em segurança: era a lança que o teria trespassado naquele outro mundo.

Eles estavam nas areias de uma praia sob uma lua brilhante. Árvores gigantescas parecendo samambaias cresciam a alguma distância mais para o interior, dunas baixas se estendiam ao longo de quilômetros pela costa. Estava quente e úmido.

- Quem era aquele? - perguntou Will, tremendo, encarando os dois anjos.

- Aquele era Metatron - respondeu Balthamos. - Você deveria ter...

- Metatron? Quem é ele? Por que atacou? E não minta para mim.

- Temos que contar a ele - disse Baruch para seu companheiro. - Você

já deveria ter contado.

- Sim, deveria - concordou Balthamos - mas estava aborrecido com ele e preocupado com você.

- Conte agora, então - disse Will. - E lembre-se, não adianta me dizer o que devo fazer, nada disso me interessa, nada. A única pessoa que me interessa é Lyra, e minha mãe. E este - acrescentou para Balthamos - é o objeto de toda aquela especulação metafísica, como você a definiu.

- Creio que devemos contar a você nossas informações - disse Baruch. Will, o motivo por que nós dois estivemos procurando você e por que devemos levar você até Lorde Asriel é o seguinte. Nós descobrimos um segredo do Reino, do mundo da Autoridade, e devemos compartilhá-lo com ele. Estamos seguros aqui? - acrescentou, olhando ao redor.

- Não há alguma abertura?

- Este é um mundo diferente. Um universo diferente.

A areia onde estavam era macia e a curva da duna mais próxima, convidativa. Sob a luz do luar podiam ver quilômetros de distância, estavam absolutamente sozinhos.

- Então conte-me - disse Will. - Conte-me quem é Metatron e qual é esse segredo. Por que aquele anjo o chamou de Regente? E o que é a Autoridade?

É Deus? Ele se sentou e os dois anjos, as formas tão nítidas, sob a luz do luar, como jamais as vira antes, sentaram-se com ele.

Balthamos começou a falar em tom calmo.

- A Autoridade, Deus, o Criador, o Senhor, Yahweh, El, Adonai, o Rei, o Pai, o Todo-Poderoso, todos esses são nomes que ele deu a si mesmo. Ele nunca foi o criador. Ele era um anjo como nós, o primeiro anjo, é verdade, o mais poderoso, mas era feito de Pó como nós somos, e Pó é apenas um nome para o que acontece quando a matéria começa a compreender a si mesma. A matéria ama a matéria. E busca saber mais a respeito de si mesma, e o Pó

adquire forma. Os primeiros anjos se condensaram a partir do Pó e a Autoridade foi o primeiro de todos. Ele disse aos outros, que vieram depois, que ele os havia criado, mas era mentira. Um desses que vieram mais tarde era mais esperto do que ele e ela descobriu a verdade, de modo que ele a baniu. Nós ainda a servimos. E a Autoridade ainda prevalece no Reino e Metatron é seu Regente. Contudo, o essencial com relação ao que descobrimos na Montanha Nublada, não podemos lhe contar. Juramos um ao outro que o primeiro a ouvir seria Lorde Asriel."

- Então conte-me o que puder. Não me mantenha na ignorância.

- Descobrimos um meio de chegar à Montanha Nublada - disse Baruch e prosseguiu imediatamente: - Desculpe-me, usamos esses termos com demasiada facilidade. Às vezes é chamada de a Carruagem. Não é um lugar fixo, ela se move de um lugar para outro. Aonde quer que vá, é o coração do Reino, a cidadela dele, seu palácio. Quando a Autoridade era jovem, não era cercada de nuvens, mas à medida que o tempo passou, ele as foi reunindo em torno de si, cada vez mais espessas. Ninguém vê o cume há milhares de anos. De modo que a cidadela agora é conhecida como a Montanha Nublada.

- O que vocês descobriram lá?

- A Autoridade reside numa câmara no coração da montanha. Não pudemos chegar perto, embora o tenhamos visto. Seu poder...

- Ele delegou grande parte de seu poder - interrompeu Balthamos - para Metatron, como eu estava dizendo. Você viu como ele é. Escapamos dele antes, e agora ele nos viu de novo, e o que é pior, viu você e viu a faca. Eu bem que disse...

- Balthamos - interveio Baruch delicadamente - não censure Will. Nós precisamos da ajuda dele, e ele não pode ser culpado por não saber o que nós levamos tanto tempo para descobrir.

Balthamos virou o rosto.

- Então não vão me contar esse segredo de vocês? - perguntou Will. Tudo bem. Em vez disso, digam-me o seguinte: o que acontece quando morremos?

Balthamos olhou de volta para ele, surpreendido. Baruch respondeu:

- Bem, existe um mundo dos mortos. Onde fica e o que acontece lá, ninguém sabe. Meu espírito, graças a Balthamos, nunca foi para lá, eu sou o que um dia foi o espírito de Baruch. O mundo dos mortos é simplesmente uma escuridão para nós.

- É um campo de prisioneiros - disse Balthamos. -A Autoridade o criou no princípio dos tempos. Por que quer saber? Quando chegar a hora você

verá.

- Meu pai acabou de morrer, é por isso que quero saber. Ele te ria me contado tudo o que sabia se não tivesse sido morto. Você diz que é um mundo, quer dizer um mundo como este, um outro universo?

Balthamos olhou para Baruch, que deu de ombros.

- E o que acontece no mundo dos mortos? - prosseguiu Will.

- É impossível dizer - respondeu Baruch. - Tudo a respeito do mundo dos mortos é segredo. Nem as igrejas sabem, elas dizem a seus seguidores que viverão no Céu, mas isso é mentira. Se as pessoas soubessem...

- E o espírito de meu pai foi para lá.

- Sem sombra de dúvida, da mesma forma que incontáveis milhões de pessoas que morreram antes dele.

Will sentiu sua imaginação tremer.

- E por que não foram procurar diretamente Lorde Asriel para contar seu grande segredo, seja lá o que for - perguntou - em vez de procurarem por mim?

- Não tínhamos certeza - explicou Balthamos - de que acreditaria em nós, a menos que trouxéssemos uma prova de nossas boas intenções. Dois anjos de baixo escalão, dentre todos os poderes com que ele está lidando, por que haveria de nos levar a sério? Mas se pudessemos levar a faca para ele e seu portador, poderia nos ouvir. A faca é uma arma poderosa e Lorde Asriel ficaria satisfeito de ter você a seu lado.

- Bem, sinto muito - disse Will - mas isso me parece muito fraco. Se tivessem alguma confiança em seu segredo, não precisariam de uma desculpa para ver Lorde Asriel.

- Há um outro motivo - disse Baruch. - Sabíamos que Metatron estaria em nosso encalço e queríamos nos assegurar de que a faca não caísse em suas mãos. Se pudéssemos convencer você a procurar Lorde Asriel antes, então pelo menos...

- Ah, não, isso não vai acontecer - disse Will. - Vocês estão tornando mais difícil para mim a chance de alcançar Lyra, não mais fácil. Ela é a coisa mais importante e vocês a estão esquecendo completamente. Bem, eu não estou. Por que simplesmente não vão procurar Lorde Asriel e me deixam em paz? Façam com que ele ouça. Poderiam voar até onde ele está muito mais rápido do que eu posso andar e, primeiro, eu vou encontrar Lyra, haja o que houver. Façam isso. Podem ir. Podem me deixar.

- Mas você precisa de mim - disse Balthamos em tom arrogante - porque posso fingir ser o seu *daemon* e no mundo de Lyra você chamaria atenção sem um *daemon*.

Will estava furioso demais para falar. Levantou-se e caminhou se afastando 20 passos pela areia macia, então parou, pois o calor e a umidade eram atordoantes. Ele se virou e viu os dois anjos juntos,

conversando animadamente, e então os dois vieram até junto dele, humildes e constrangidos, mas orgulhosos também.

Baruch disse:

- Sentimos muito. Eu vou seguir sozinho ao encontro de Lorde Asriel e dar a ele nossa informação, também vou pedir que lhe mande ajuda para encontrar a filha dele. Levará dois dias de vôo se eu navegar corretamente.

- E eu ficarei com você - disse Balthamos.

- Bem - disse Will - obrigado.

Os dois anjos se abraçaram. Então Baruch envolveu Will em seus braços e o beijou em ambas as faces. O beijo foi leve e fresco, como as mãos de Balthamos.

- Se continuarmos seguindo na direção de Lyra, você nos encontrará? perguntou Will.

- Eu nunca perderei Balthamos - respondeu Baruch e deu um passo para trás.

Então ele saltou no ar, se elevou rapidamente no céu e desapareceu em meio às estrelas que o salpicavam. Balthamos ficou olhando na direção para onde ele se fora com anseio desesperado.

- Vamos dormir aqui ou deveríamos seguir adiante? - perguntou finalmente, virando-se para Will.

- Dormir aqui - respondeu Will.

- Então durma, eu ficarei montando guarda contra qualquer perigo. Will, eu fui rude com você e isso não foi correto de minha parte. Você é quem tem que carregar o maior fardo e eu deveria ajudá-lo, não censurá-lo. Vou tentar ser mais gentil daqui por diante.

Desse modo Will se deitou na areia morna e, em algum lugar ali perto, pensou, o anjo estava montando guarda, mas aquilo não era grande consolo.

... darei um jeito para escaparmos daqui, Roger, prometo. E Will está

vindo, tenho certeza de que está!

Ele não compreendeu. Abriu as palmas das mãos pálidas e sacudiu a cabeça.

-Eu não sei quem é esse e ele não virá aqui - disse Roger - e se vier, ele não me conhecerá.

-Ele está vindo me buscar - disse ela - e Will e eu, ah, não sei como, Roger, mas juro que vamos ajudar. E não se esqueça de que temos outras pessoas do nosso lado. Temos Serafina e temos Iorek, e ...
COMEDORES DE CARNIÇA

Os ossos do cavaleiro são agora pó, a ferrugem corrói, sua alma, creio, jaz com os santos...

S. T. Coleridge

Serafina Pekkala, a rainha do clã das bruxas do Lago Enara, chorava ao voar pelos céus turbulentos do Ártico. Chorava de raiva, de medo e de remorso: raiva da mulher Coulter, a quem havia jurado matar, medo do que estava acontecendo com sua terra adorada, e remorso... Bem enfrentaria o remorso mais tarde. Enquanto isso, olhou para baixo, para a calota polar que se derretia, para as florestas das terras baixas, inundadas, para o mar alto, volumoso, e sentiu o coração se contrair angustiado. Mas não parou para visitar sua terra natal, nem para consolar e encorajar suas irmãs. Em vez disso, voou rumo ao norte e ainda mais para o norte, entrando nos nevoeiros e ventos cortantes que cercavam Svalbard, o reino de Iorek Byrnison, o urso de armadura. Mal reconheceu a ilha principal. As montanhas estavam nuas e enegrecidas, e apenas

alguns vales escondidos voltados contra o sol ainda conservavam alguma neve em seus cantos de sombra, mas, de qualquer maneira, o que o sol estava fazendo ali, naquela época do ano? A natureza inteira estava enlouquecida. Serafina levou quase um dia inteiro para encontrar o urso rei. Ela o avistou entre as rochas da extremidade norte da ilha, nadando rapidamente atrás de uma morsa. Era mais difícil para os ursos matar dentro d'água: quando a terra estava coberta de gelo e os grandes mamíferos marinhos tinham que subir à tona para respirar, os ursos tinham a vantagem de estar camuflados e suas presas fora de seu elemento. Era assim que as coisas deviam ser.

Mas Iorek Byrnison estava com fome e nem as presas afiadas da enorme morsa conseguiram mantê-lo à distância. Serafina ficou observando enquanto os dois grandes animais lutavam, tingindo de vermelho a espuma do mar e viu Iorek levantar a carcaça das ondas e colocá-la sobre uma larga plataforma de rocha, observado a uma distância respeitosa por três raposas de pêlo maltratado, que esperavam por sua vez de comer o banquete.

Depois que o urso rei acabou de comer, Serafina desceu voando para falar com ele. Agora havia chegado a hora de enfrentar o remorso.

- Rei Iorek Byrnison - disse ela - por favor, poderia falar com o senhor?

Primeiro vou deixar as minhas armas.

Ela colocou seu arco e flechas sobre a rocha molhada entre eles. Iorek as examinou rapidamente e ela sabia que se sua face pudesse registrar alguma emoção seria surpresa.

- Fale, Serafina Pekkala - disse ele com um rosnado. - Nós nunca lutamos, não é?

- Rei Iorek, fracassei em ajudar seu amigo, Lee Scoresby.

Os olhos negros pequeninos do urso e seu focinho manchado de sangue ficaram absolutamente imóveis, de repente. Serafina podia ver o vento agitando as pontas dos pêlos branco-cremosos ao longo de seu dorso. Ele não disse nada.

- O Sr. Scoresby está morto - prosseguiu Serafina. - Antes de nos separarmos, dei a ele uma flor para que me chamasse, se precisasse de mim. Ouvi seu chamado e voei até onde estava, mas cheguei tarde demais. Ele morreu lutando contra uma brigada de soldados Muscovitas, mas desconheço os motivos que os levaram até lá e por que ele estava combatendo os soldados imperiais e impedindo que avançassem quando poderia facilmente ter escapado. Rei Iorek, estou consumida pelo remorso.

- Onde isso aconteceu? - quis saber Iorek Byrnison.

- Em um outro mundo. Vou precisar de algum tempo para contar o que aconteceu.

- Então comece.

Serafina contou o que Lee Scoresby havia decidido fazer: encontrar o homem que era conhecido como Stanislaus Grumman. Contou a ele sobre como a barreira entre os mundos havia sido rompida por Lorde Asriel e sobre algumas das conseqüências - o derretimento do gelo, por exemplo. Falou sobre o vôo da bruxa Ruta Skadi atrás dos anjos e tentou descrever aqueles seres voadores para o urso rei como Ruta os havia descrito para ela: a luz que emanava deles, a claridade cristalina de sua aparência, a riqueza da sabedoria deles. Então descreveu o que havia encontrado ao responder ao chamado de Lee.

- Fiz um feitiço para proteger seu corpo, para preservá-lo da decomposição - explicou. - Durará até que o veja, se desejar fazer isso. Mas estou muito preocupada com isso, Rei Iorek. Estou preocupada com tudo, mas especialmente com isso.

- Onde está a criança?

- Eu a deixei com minhas irmãs, porque tinha que responder ao chamado de Lee.

- Naquele mesmo mundo?

- Sim, no mesmo mundo.

- Como posso ir daqui para lá?

Ela explicou. Iorek Byrnison ouviu impassível e depois disse:

- Eu irei até Lee Scoresby. E depois tenho de ir para o sul.

- Para o sul?

- O gelo desapareceu destas terras. Tenho estado pensando a respeito disso, Serafina Pekkala. Contratei um navio.

As três pequenas raposas tinham estado esperando pacientemente. Duas delas estavam deitadas, com a cabeça repousando sobre as patas, observando, e a outra ainda estava sentada, acompanhando a conversa. As raposas do Ártico, como boas comedoras de carniça que eram, haviam aprendido alguma coisa da linguagem falada, mas seus cérebros eram formados de tal maneira que só podiam compreender frases com verbos conjugados no presente. A maior parte do que Iorek e Serafina tinham dito eram ruídos sem significado para elas. Além disso, quando falavam, a maior parte do que diziam eram mentiras, de modo que não importava se repetissem o que tinham ouvido: ninguém conseguiria separar as partes que eram verdade, embora os crédulos avantesmas-dos-penhascos acreditassem em quase tudo e nunca aprendessem com suas decepções. Os ursos e as bruxas estavam habituados com o fato de suas conversas serem consumidas por elas, como os restos de carne que deixavam quando haviam acabado de comer.

- E você, Serafina Pekkala? - prosseguiu Iorek. - O que vai fazer agora?

- Vou procurar os gípcios - respondeu ela. - Creio que vamos precisar deles.

- Lorde Faa - disse o urso - sim. São bons combatentes. Boa jornada. Ele se afastou e deslizou para dentro d'água sem fazer ruído e começou a nadar em seu ritmo regular e incansável em direção ao novo mundo. E, algum tempo depois, Iorek Byrnison chegou à terra, pisando na vegetação rasteira enegrecida e nas rochas fendidas pelo calor, na beira de uma floresta queimada. O sol ardia inclemente, em meio à névoa enfumaçada, mas ele ignorou o calor, assim como ignorou a poeira de carvão que enegreceu seu pêlo branco e os mosquitos-pólvora que procuravam em vão pele para picar.

Tinha percorrido uma longa distância e, a certo ponto em sua jornada, estivera nadando pela entrada daquele outro mundo. Havia reparado na mudança no gosto da água e na temperatura do ar, mas o ar ainda era bom para respirar e a água ainda sustentava seu corpo de maneira que tinha continuado nadando e agora deixara o mar para trás e estava quase no lugar que Serafina Pekkala havia descrito. Procurou em volta, os olhos negros se detendo nas rochas que reluziam ao sol em uma parede de penhascos de calcário acima dele.

Entre a borda da floresta queimada e as montanhas, uma encosta rochosa de grandes pedregulhos e entulho estava salpicada de pedaços de metal queimado e retorcido: traves e suportes que haviam pertencido a alguma máquina complexa. Iorek Byrnison os examinou com olhos de ferreiro e de guerreiro, mas não havia nada naqueles fragmentos que pudesse aproveitar. Riscou uma linha com uma de suas garras poderosas ao longo de um suporte menos danificado que os outros e, sentindo uma fragilidade na qualidade do metal, deu-lhe as costas imediatamente e novamente vasculhou a parede montanhosa.

Então avistou o que estava procurando: uma fossa estreita que permitia a passagem entre as paredes denteadas e, na entrada, um grande pedregulho baixo. Foi escalando em sua direção em ritmo

constante. Sob suas patas enormes, ossos secos se partiam estalando alto em meio ao silêncio, pois muitos homens haviam morrido ali, a carne de seus corpos tendo sido depois consumida por coiotes, abutres e outros animais inferiores, mas o grande urso os ignorou e continuou subindo cautelosamente em direção à rocha. O solo não era firme e ele era pesado, de modo que mais de uma vez o entulho de rocha deslizava sob suas patas e o arrastava para baixo levantando massas de poeira e de cascalho. Mas tão logo conseguia parar de escorregar, retomava a escalada, pacientemente e com implacável determinação até alcançar a própria rocha, onde o solo era mais firme.

O pedregulho estava todo furado e lascado com marcas de balas. Tudo o que a bruxa lhe havia contado era verdade. E, para confirmar, uma pequenina flor do Ártico, uma saxífraga escarlate, contrariando todas as probabilidades, florescia viçosa onde a bruxa a havia plantado, para marcar o local, numa fissura da rocha.

Iorek Byrnison contornou o pedregulho até chegar ao lado superior. Era um bom abrigo contra um inimigo que estivesse abaixo, mas não o bastante, pois dentre a saraivada de balas que haviam arrancado fragmentos de rocha, houvera algumas que tinham encontrado seu alvo e que estavam onde haviam acertado, no corpo rígido do homem deitado na sombra.

Era um corpo, ainda, e não um esqueleto, porque a bruxa fizera um feitiço para preservá-lo da decomposição. Iorek podia ver o rosto de seu velho companheiro abatido e crispado pela dor de seus ferimentos e ver os buracos esgarçados em suas roupas onde as balas haviam entrado. O feitiço da bruxa não cobrira o sangue que devia ter-se derramado e os insetos, o sol e o vento o dispersaram completamente. Lee Scoresby não parecia estar dormindo, nem estar em paz, parecia ter morrido em combate, mas por sua expressão parecia saber que sua luta havia sido bem-sucedida.

E como o aeronauta texano era um dos raros seres humanos que Iorek estimara, aceitou o último presente que o homem lhe ofereceu. Com movimentos destros de suas garras, rasgou e afastou as

roupas do homem, abriu o corpo com um corte e começou a se banquetear com a carne e o sangue de seu velho amigo. Era a primeira refeição que fazia em dias e estava com fome.

Mas uma complexa teia de pensamentos estava se tecendo na mente do urso rei, contendo mais fios que fome e satisfação. Havia a lembrança da garotinha, Lyra, a quem ele tinha dado o nome de Língua Mágica e que vira pela última vez atravessando a frágil ponte de neve sobre uma fenda de geleira em sua ilha natal de Svalbard. Então havia a agitação entre as bruxas, os rumores de pactos e de alianças e guerra, depois havia o fato ainda mais estranho daquele novo mundo e a insistência da bruxa em que existiam muitos outros mundos como aquele, e que o destino de todos eles de alguma forma dependia do destino da criança.

E então havia a questão do gelo se derretendo. Ele e seu povo viviam no gelo, o gelo era a casa deles, o gelo era a cidadela deles. Desde que tinham ocorrido as grandes perturbações no Ártico, o gelo havia começado a desaparecer e Iorek sabia que tinha que encontrar uma região de gelo permanente para seus súditos ou eles pereceriam. Lee lhe dissera que havia montanhas ao sul que eram tão altas que nem mesmo seu balão poderia voar acima delas e que tinham uma coroa de neve e gelo o ano inteiro. Explorar essas montanhas seria sua próxima tarefa.

Mas por enquanto, algo mais simples dominava seu coração, algo que era ardente, duro e inabalável: o desejo de vingança. Lee Scoresby, que viera resgatar Iorek do perigo em seu balão e lutara a seu lado no Ártico de seu próprio mundo, estava morto. Iorek o vingaria. A carne e os ossos daquele bravo homem ao mesmo tempo o nutririam e o manteriam infatigável até que bastante sangue tivesse sido derramado para acalmar seu coração. O sol estava se pondo quando Iorek terminou sua refeição e o ar estava esfriando. Depois de reunir os fragmentos formando uma única pilha, o urso levantou a flor com a boca e a deixou cair no centro deles, como seres humanos gostavam de fazer. Agora o feitiço da bruxa estava quebrado, o resto do corpo de Lee estava liberado para todos os

que viessem. Logo estaria alimentando uma dúzia de tipos de vida diferentes.

Então Iorek retomou o caminho, novamente descendo a encosta em direção ao mar, rumo ao sul.

Os avantesmas-dos-penhascos gostavam de comer raposas, quando conseguiam apanhá-las. Os pequeninos animais eram espertos e difíceis de capturar, mas a carne era macia e farta. Antes de matar aquela, o avantesmados-penhascos deixou que falasse e riu de sua tola conversa fiada.

- Urso tem que ir para o sul! Juro! Bruxa está preocupada! Verdade!

Juro! Prometo!

- Ursos não vão para o sul, imunda mentirosa!

- Verdade! Rei urso tem que ir para o sul! Mostro morsa para você, carne boa, gorda.

- Rei urso ir para o sul?

- E coisas voadoras têm tesouro! Coisas voadoras, anjos, tesouro de cristal!

- Coisas voadoras, como avantesmas-dos-penhascos? Tesouro?

- Como luz, não como avantesmas-dos-penhascos. Rico! Cristal! E

bruxa aflita, preocupada, bruxa triste, Scoresby morto...

- Morto? Homem do balão morto? - A gargalhada do avantesma-dospenhascos ecoou nos penhascos ressecados.

- Bruxa matou, Scoresby morto, rei urso ir para o sul.

- Scoresby morto! Ha, ha, Scoresby morto! - O avantesma-dos-penhascos arrancou a cabeça da raposa e lutou com seus irmãos

pelas entranhas.

...eles virão, eles virão!

-Mas onde está você, Lyra?

E isso ela não sabia responder.

-Acho que estou sonhando, Roger - foi tudo o que conseguiu encontrar para dizer.

Atrás do garotinho, ela podia ver mais espíritos, dúzias, centenas, as cabeças juntas umas das outras, olhando tudo com muita atenção e ouvindo cada palavra.

-E aquela mulher? - perguntou Roger. - Espero que ela não esteja morta. Espero que continue viva por tanto tempo quanto puder. Porque se ela descer aqui, então não haverá nenhum lugar para nos escondermos, então ela será

nossa dona para sempre. Essa é a única coisa boa que consigo ver em estar morto, que ela não está. Só que um dia ela estará...

Lyra ficou assustada. –

Eu acho que estou sonhando e não sei onde ela está! - disse. - Ela está em algum lugar por perto, e eu não consigo ...

AMA E OS MORCEGOS

Ela jazia como se a brincar, a vida lhe havia escapulido, com a intenção de voltar, mas na para já.

Emily Dickinson

Ama, a filha do pastor, ficou com a imagem da menina adormecida marcada na memória: não conseguia parar de pensar nela. Nem por um instante duvidou que fosse verdade o que a Sra. Coulter lhe havia contado. Feiticeiros existiam, sem sombra de dúvida, e era

perfeitamente possível que lançassem feitiços que fizessem as pessoas adormecer e que uma mãe cuidasse de sua filha com aquela feroz dedicação e ternura. Ama desenvolveu uma admiração que quase beirava a adoração pela bela mulher na caverna e sua filha encantada.

Sempre que podia ia ao pequeno vale, para fazer pequenos favores à

mulher ou simplesmente para tagarelar e ouvir, pois a mulher tinha histórias maravilhosas para contar. Repetidamente, ficava na esperança de ver pelo menos de relance a adormecida, mas isso só havia acontecido uma vez, e ela aceitava que provavelmente nunca mais acontecesse.

E durante o tempo que passava ordenhando as ovelhas e fiando a lã, ou moendo a cevada para fazer pão, pensava incessantemente no encantamento que fora lançado e por que isso teria acontecido. A Sra. Coulter nunca lhe contara, de maneira que Ama poderia dar asas à sua imaginação. Um dia ela pegou uma porção de pão arredondado, adoçado com mel, e fez a caminhada de três horas pela trilha até Cho-Lung-Se, onde havia um monastério. Depois de persuadir, lançando mão de bajulação, com muita paciência, e de subornar o porteiro com seu pão de mel, conseguiu obter uma audiência com o grande curandeiro Pagdzin tulku, que havia curado um surto de febre branca apenas um ano antes e que era imensamente sábio. Ama entrou na cela do grande homem, fazendo uma reverência muito respeitosa e oferecendo-lhe o restante do pão de mel com toda a humildade que pôde reunir. O *daemon* morcego do monge, uma fêmea, esvoaçou e girou rapidamente em torno dela, assustando seu *daemon*, Kulang, que enfiou-se entre seus cabelos para se esconder, mas Ama tentou se manter imóvel e em silêncio até que Pagdzin tulku falou.

- Diga, criança, o que é? Seja rápida, seja rápida - disse ele, a longa barba grisalha se sacudindo a cada palavra.

Na semi-obscuridade, a barba e os olhos brilhantes eram quase tudo o que ela conseguia ver. O *daemon* do monge se acomodou numa viga acima dele, finalmente se aquietando, de modo que ela disse:

- Por favor, Pagdzin tulku, quero adquirir sabedoria. Eu gostaria de saber como fazer feitiços e encantamentos. Poderia me ensinar?

- Não - respondeu ele.

Ela estava esperando por isso.

- Bem, então poderia me ensinar apenas um remédio? - pediu humildemente.

- Talvez. Mas não vou lhe dizer o que é. Posso lhe dar o remédio, mas não contar seu segredo.

- Está ótimo, muito obrigada, isto é uma grande bênção - disse ela fazendo várias reverências.

- Qual é a doença e quem sofre dela? - perguntou o velho.

- É uma doença do sono - explicou Ama. - E é o filho do primo de meu pai que está sofrendo disso.

Ela estava sendo muitíssimo precavida, sabia, trocando o sexo do doente, apenas para o caso do curandeiro ter ouvido falar da mulher na caverna.

- E que idade tem o menino?

- Três anos mais velho que eu, Pagdzin tulku - arriscou Ama - de modo que ele tem 12 anos de idade. Ele dorme e dorme, não consegue acordar.

- Por que os pais dele não vieram me procurar? Por que mandaram você?

- Porque moram longe, do lado oposto de minha aldeia, e são muito pobres, Pagdzin tulku. Só fiquei sabendo da doença de meu parente ontem e vim imediatamente pedir seu conselho.

- Eu deveria ver o paciente e fazer-lhe um exame completo, investigar as posições dos planetas na hora em que ele adormeceu. Essas coisas não podem ser feitas apressadamente.

- Não existe nenhum remédio que o senhor possa me dar para levar comigo?

A fêmea *daemon* morcego despencou da viga e esvoaçou furiosamente antes de bater no chão, depois movendo-se rapidamente de um lado para outro do aposento, depressa demais para que Ama pudesse acompanhar, mas os olhos do curandeiro viram exatamente aonde ela ia e quando finalmente se acomodou de cabeça para baixo na viga e fechou suas asas escuras ao seu redor, o velho se levantou e começou a ir de uma prateleira para outra, de jarro em jarro e de caixa em caixa, tirando uma colherada de pó aqui, acrescentando uma pitada de ervas ali, na ordem em que o *daemon* os havia visitado. Ele colocou todos os ingredientes num almofariz e os triturou juntos, balbuciando um encantamento enquanto o fazia. Então bateu com o pilão na beirada do almofariz, soltando os últimos grãos, e pegou um pincel e tinta, e escreveu alguns caracteres numa folha de papel. Depois que a tinta secou, virou todo o pó sobre a inscrição e dobrou o papel rapidamente fazendo um pequeno embrulho quadrado.

- Diga-lhes para passarem este pó com um pincel nas narinas da criança adormecida, um pouquinho de cada vez, à medida que ele respirar - instruiu - e ele acordará. Isso tem de ser feito com grande cautela. Se inspirar demais, de uma só vez, ele sufocará. Devem usar um pincel muito macio.

- Obrigada, Pagdzin tulku - disse Ama, pegando o embrulho e colocando-o no bolso de sua blusa. - Gostaria de ter mais um pão de mel para lhe oferecer.

- Um é bastante - disse o curandeiro. - Agora vá, e da próxima vez que vier, conte-me toda a verdade, não apenas parte dela.

A menina ficou envergonhada e fez uma reverência muito respeitosa para esconder seu constrangimento. Esperava que não tivesse revelado coisas demais.

Na tarde seguinte correu para o vale assim que pôde, levando uma porção de arroz-doce embrulhada numa folha de couve. Estava impaciente para contar à mulher o que tinha feito, dar-lhe o remédio e receber seus elogios e agradecimentos, mas sobretudo estava ansiosa para que a adormecida enfeitiçada despertasse e conversasse com ela. Poderiam ser amigas!

Mas quando dobrou a curva no caminho e olhou para cima, não viu nenhum macaco dourado, nenhuma mulher paciente sentados junto à entrada da caverna. O lugar estava vazio. Ama correu os últimos metros, temerosa de que tivessem partido para sempre - mas lá estavam a cadeira na qual a mulher sentava, o equipamento de cozinha e tudo o mais.

Ama vasculhou a escuridão mais para o fundo da caverna, o coração batendo acelerado. Mas certamente a adormecida ainda não havia acordado: na semi-obscuridade Ama podia distinguir o contorno do saco de dormir, a mancha mais clara que era o cabelo da menina e a curva branca de seu *daemon* adormecido.

Ela chegou um pouco mais perto. Não havia dúvida - os dois haviam saído e deixado a menina enfeitiçada sozinha. Um pensamento ecoou em Ama como uma nota musical: e se ela a acordasse antes que a mulher voltasse... Mas mal teve tempo para sentir a excitação dessa idéia quando ouviu ruídos vindos do caminho e, com um arrepio de culpa, ela e seu *daemon* se esconderam correndo num canto, atrás de uma protuberância na rocha num dos lados da caverna. Ela não deveria estar ali. Estava bisbilhotando. Isso era errado. E, agora que o macaco dourado estava agachado na entrada, farejando e virando a cabeça de um lado para outro, Ama o viu mostrar os dentes afiados e sentiu seu *daemon* se esconder

entrando debaixo de suas roupas, sob a forma de camundongo, tremendo de medo.

- Que foi? - perguntou a mulher falando com o macaco, e então a caverna escureceu à medida que sua forma ia surgindo na entrada. - A menina esteve aqui? Sim, lá está a comida que ela deixou. Mas creio que não entrou. Devemos combinar um lugar no caminho para que ela deixe a comida. Sem lançar um olhar para a adormecida, a mulher se inclinou para atiçar o fogo e colocou uma panela de água para esquentar enquanto o *daemon* se agachava não muito longe, montando guarda e vigiando o caminho. De tempos em tempos, ele se levantava e passava em revista a caverna e Ama, que estava começando a sentir dormência no corpo e desconforto em seu esconderijo apertado, desejou ardentemente que tivesse esperado do lado de fora em vez de entrar. Quanto tempo ficaria aprisionada ali?

A mulher estava misturando algumas ervas e pós na água aquecida. Ama podia sentir o cheiro das essências adstringentes à medida que subiam com o vapor. Então houve um som vindo do fundo da caverna: a garota estava murmurando e começando a se mexer. Ama virou a cabeça: podia ver a adormecida enfeitiçada se mexendo, se virando de um lado para o outro, lançando o braço sobre os olhos. Ela estava acordando!

E a mulher não deu a menor atenção!

Sem sombra de dúvida tinha ouvido, porque levantou a cabeça por um instante, mas logo se virou de volta para as ervas na água fervente. Serviu a decocção numa taça e a deixou repousar e, só então, voltou toda a sua atenção para a menina que estava despertando.

Ama não conseguiu entender nenhuma dessas palavras, mas as ouviu com espanto e desconfiança crescentes.

- Calma, querida - disse a mulher. - Não se preocupe. Está em segurança.

- Roger - murmurou a garota, semidesperta. - Serafina! Para onde foi Roger... Onde está ele?

- Não há mais ninguém aqui, só nós - disse sua mãe, em tom monótono, quase como se a estivesse ninando. - Levante-se e deixe mamãe lavar você... Upa, levante-se, meu amor...

Ama observou enquanto a menina, gemendo, lutando para despertar, tentou afastar a mãe, e a mulher molhou uma esponja na tigela de água e limpou o rosto e o corpo da menina antes de secá-la.

A esta altura a garota estava quase acordada e a mulher teve que se mover mais depressa.

- Onde está Serafina? E Will? Ajudem-me, ajudem-me! Não quero dormir. Não, não! Não quero! Não!

A mulher estava segurando a taça com a mão firme como aço, enquanto com a outra tentava levantar a cabeça de Lyra.

- Fique quieta, querida, calma, agora fique quieta, beba seu chá - Mas a garota se debateu e quase derramou a bebida, gritando mais alto:

- Deixe-me em paz! Eu quero ir! Me larga! Will, Will ajude-me. A mulher estava agarrando seus cabelos e puxando-os com força, obrigando-a a virar a cabeça para trás, empurrando a taça contra sua boca.

- Não quero! Não toque em mim, senão Iorek vai arrancar sua cabeça! Ah, Iorek, onde está você? Iorek Byrnison! Ajude-me, Iorek! Não vou! Não vou... Então, depois de uma palavra da mulher, o macaco dourado saltou sobre o *daemon* de Lyra, agarrando-o com os fortes dedos negros. O *daemon* mudou de uma forma para outra, mais rapidamente do que Ama jamais tinha visto um *daemon* mudar de forma antes: gato-cobra-rato-raposa-lobo-chita-lagartodoninha.

Mas as garras do macaco em momento algum afrouxaram, e então Pantalaimon se tornou um porco-espinho.

O macaco guinchou de dor e o soltou. Três longos espinhos estavam enterrados, ainda tremulando, em sua pata. A Sra. Coulter rosnou e com a mão livre deu um forte tapa na cara de Lyra, um tabefe com as costas da mão, dado com tanta violência que a jogou para trás estonteada, e, antes que Lyra pudesse se recuperar, a taça estava em sua boca e ela teria que engolir ou sufocar.

Ama desejou poder cobrir os ouvidos e não ouvir os sons: os goles forçados, o choro, os soluços, as súplicas, as ânsias de vômito eram quase impossíveis de suportar. Mas, pouco a pouco, foram se calando e apenas um ou dois soluços trêmulos era o que se podia ouvir da garota que agora estava mais uma vez mergulhando no sono - sono provocado por feitiço, por encantamento? Que nada, sono provocado por veneno! Aquilo não era sono de verdade, ela estava drogada! Ama viu uma faixa de pêlos brancos se materializar junto do pescoço da garota, enquanto seu *daemon* se esforçava para assumir a forma de um animal alongado, sinuoso, de pêlos cor de neve, com olhos negros brilhantes e a ponta da cauda preta, e se aninhava em volta de seu pescoço.

E a mulher estava cantando baixinho, cantigas de ninar, alisando os cabelos na fronte da garota, acariciando sua face quente e seca, cantarolando cantigas das quais mesmo Ama podia ver que ela não sabia as letras, porque tudo o que cantava eram séries de sílabas sem sentido, la-la-la, ba-ba-booboo, a voz doce emitindo sons sem sentido. Afinal aquilo parou, e então a mulher fez uma coisa curiosa: pegou uma tesoura e aparou o cabelo da garota, segurando a cabeça da menina adormecida e virando-a ora para lá, depois para cá, para ver como ficava melhor. Ela pegou um cacho de cabelos louros queimados e o colocou num medalhão que usava numa corrente em volta do pescoço. Ama sabia por que: ela iria usá-lo para fazer algum outro feitiço. Mas, primeiro, a mulher o levou aos lábios e beijou... Ah, mas aquilo tudo era muito estranho. O macaco dourado arrancou o último espinho e disse alguma coisa para a

mulher, que estendeu a mão para pegar um morcego adormecido no teto da caverna. O animalzinho preto se debateu e guinchou numa voz fina, penetrante como uma agulha que espetou a cabeça de Ama de uma orelha à outra, e então ela viu a mulher entregar o morcego a seu *daemon*, e viu o *daemon* puxar uma das asas pretas, e puxar, até que ela foi arrancada e se partiu ficando pendurada por um fio branco de músculo, enquanto o morcego moribundo gritava e seus companheiros voavam em círculos, angustiados e desnorteados. Craque-craque - estalo - era o que se ouvia enquanto o macaco despedaçava o bichinho membro por membro e a mulher se deitava com uma expressão melancólica em seu saco de dormir junto da fogueira e lentamente comia uma barra de chocolate.

O tempo foi passando. A luz desapareceu e a lua subiu, e a mulher e seu *daemon* adormeceram.

Ama, com os músculos enrijecidos e doloridos, se esgueirou para fora de seu esconderijo e passou andando nas pontas dos pés pelas pessoas que dormiam, sem fazer nenhum barulho, até estar a meio caminho na descida da trilha.

Com o medo dando-lhe velocidade, ela correu pela trilha estreita, seu *daemon* sob a forma de uma coruja batendo as asas silenciosamente a seu lado. O ar limpo e frio, o movimento constante das copas das árvores, o brilho das nuvens iluminadas pelo luar no céu escuro e os milhões de estrelas a acalmaram um pouco.

Ela parou quando avistou o pequeno conjunto de casas de pedra e seu *daemon* pousou em seu punho.

- Ela mentiu! - exclamou Ama. - Ela mentiu para nós! O que podemos fazer, Kulang? Podemos contar a Papai? O que podemos fazer?

- Não conte - disse o *daemon*. - Vai causar ainda mais problemas. Temos o remédio. Podemos acordar a menina. Podemos voltar lá quando a mulher estiver fora de novo, acordar a garota, e levá-la

embora. Só pensar naquela idéia enchia os dois de medo. Mas as palavras haviam sido ditas, o embrulhinho de papel estava bem guardado no bolso de Ama e eles sabiam como usá-lo.

... acordar. Não consigo vê-la, acho que ela está por perto, ela me machucou.

-Ah, Lyra, não fique com medo! Se você também ficar com medo, eu vou enlouquecer.

Eles tentaram se abraçar bem apertado, mas seus braços passavam pelo ar vazio. Lyra tentou explicar o que estivera dizendo, sussurrando bem junto do rosto pálido de Roger na escuridão:

-Eu só estou tentando acordar. Estou com tanto medo de dormir a minha vida inteira e então morrer... Eu quero acordar antes! Não me importaria que fosse apenas por uma hora, desde que eu estivesse realmente viva e acordada. Não sei se isto é mesmo real ou não, mas vou ajudar você, Roger! Juro que vou!

-Mas se você estiver sonhando, Lyra, pode ser que não acredite mais quando acordar. Isso é o que eu faria, pensaria que havia apenas sido um sonho.

-Não! - exclamou ela em tom feroz, e ...

A TORRE ADAMANTINA

...e com tal ambição, com tal insânia do onipotente contra o império e trono fez audaz e ímpio guerra, deu batalhas.

John Milton – Canto I,7

De enxofre liquefeito se estendia por todo o comprimento de um imenso desfiladeiro soltando seus vapores pestilentos em lufadas e explosões repentinas, e impedindo a passagem da figura alada solitária parada à sua margem. Se ele subisse para o céu, os batedores inimigos que o tinham avistado e perdido o encontrariam

de novo, imediatamente, mas se ele ficasse em terra, levaria tanto tempo para conseguir atravessar aquele poço insalubre que sua mensagem poderia chegar demasiado tarde.

Teria que correr o risco maior. Ele esperou até que uma nuvem de fumaça fedorenta se elevasse da superfície amarela e subiu voando rapidamente em seu ponto mais espesso.

Quatro pares de olhos em locais diferentes do céu viram o breve movimento e imediatamente quatro pares de asas bateram vigorosamente no ar empesteado pela fumaça, lançando os observadores adiante em meio a ela. Então teve início uma caçada em que os perseguidores não conseguiam ver a caça, e em que a caça não conseguia ver absolutamente nada. O

primeiro a sair da nuvem de fumaça na margem oposta do lago levaria vantagem e isto poderia significar sobrevivência, ou poderia significar sucesso em apanhar a presa.

E, infelizmente, para o voador solitário, ele alcançou o ar limpo alguns segundos depois de um de seus perseguidores. Imediatamente eles se aproximaram, deixando para trás esteiras de vapor, tontos, todos os dois, por causa dos vapores nocivos. Inicialmente, a presa levou vantagem, mas então um outro caçador saiu voando da nuvem e num combate rápido e furioso todos os três, girando no ar como línguas de chamas, subiram e desceram e subiram de novo, apenas para cair, finalmente, entre as rochas do outro lado. Os outros caçadores não emergiram da nuvem.

Na extremidade oeste de uma cadeia de montanhas com cumes agudos serrilhados, em um pico que dominava os amplos panoramas da planície abaixo e dos vales atrás, uma fortaleza de basalto parecia nascer da montanha como se algum vulcão a tivesse lançado para o alto um milhão de anos antes. Nas vastas cavernas abaixo das altas muralhas, provisões de todos os tipos estavam armazenadas e rotuladas, nos arsenais e depósitos, máquinas e artefatos de guerra estavam sendo calibrados, armados e testados, nas fábricas abaixo da montanha, fogos vulcânicos

alimentavam forjas imensas onde fósforo e titânio estavam sendo fundidos e combinados em ligas jamais conhecidas ou usadas antes.

No lado mais exposto da fortaleza, num ponto escondido no fundo da sombra de um espigão, onde as imponentes muralhas se elevavam diretamente dos antiqüíssimos rios de lava, havia um pequeno portão, uma passagem subterrânea onde uma sentinela montava guarda dia e noite, e desafiava qualquer um que tentasse entrar.

Enquanto se efetuava a troca da guarda nas trincheiras acima, a sentinela bateu os pés uma ou duas vezes e passou as mãos enluvadas nos braços para se aquecer, pois era a hora mais fria da noite e a pequena labareda de nafta no suporte de pedra a seu lado não aquecia nada. Seu substituto viria dentro de mais dez minutos e esperava ansioso pela caneca de chocolate, pela folha de fumo e, sobretudo, por sua cama.

Ouvir a barulheira de alguém esmurrando a pequena porta era a última coisa que ele esperava.

Contudo, estava alerta e abriu a portinhola, ao mesmo tempo abrindo a torneira que permitia que um jato de nafta passasse além da chama do piloto de gás do suporte do lado de fora. No clarão da chama, viu três vultos encapuzados carregando entre eles uma quarta pessoa, cuja forma estava indistinta e que parecia doente ou ferida.

O vulto que vinha à frente atirou o capuz para trás. Tinha um rosto que a sentinela conhecia, mas, de qualquer maneira, deu a senha e disse:

- Nós o encontramos no lago de enxofre. Diz que seu nome é Baruch. Ele tem uma mensagem urgente para Lorde Asriel.

A sentinela destrancou a porta e seu *daemon* terrier estremeceu à

medida que os três vultos manobravam seu fardo pela entrada estreita. Então o *daemon* emitiu um uivo suave, involuntário, que rapidamente se calou, quando a sentinela viu que o vulto sendo carregado era um anjo ferido: um anjo de baixa posição na hierarquia e com pouco poder, mas mesmo assim um anjo.

- Deitem-no no quarto da guarda - instruiu a sentinela e, enquanto eles o faziam, girou a manivela da campainha do telefone e relatou o que estava acontecendo ao oficial no comando do turno.

Na muralha mais alta da fortaleza havia uma torre de rocha de diamante: apenas um lance de escadas conduzindo a um conjunto de aposentos que tinham vista para o norte, para o sul, leste e oeste. O aposento maior era mobiliado com uma mesa e cadeiras, um gaveteiro de mapas, um outro tinha uma cama de campanha. Um pequeno banheiro completava o conjunto. Lorde Asriel estava sentado na torre adamantina de frente para seu capitão espião, a mesa entre eles coberta por uma pilha de papéis espalhados. Uma lamparina de nafta ficava pendurada sobre a mesa e um braseiro cheio de carvões em brasa quebrava o frio intenso da noite. Logo após o vão da porta, um pequenino falcão azul fêmea estava pousado num suporte.

O capitão espião chamava-se Lorde Roke. Tinha uma aparência bastante incomum: sua altura não alcançava mais que o tamanho da palma da mão de Lorde Asriel e era esguio como uma libélula, mas os outros comandantes de Lorde Asriel o tratavam com profundo respeito, pois estava armado com um ferrão venenoso nas esporas dos calcanhares.

Era seu costume sentar-se sobre a mesa e, típico de seu comportamento habitual, rejeitar qualquer coisa exceto enorme cortesia com um linguajar arrogante e uma língua ferina. Ele e os outros de seu povo, os galivespianos, possuíam poucas das qualidades dos bons espiões, exceto, é claro, o tamanho excepcionalmente pequenino: eram tão orgulhosos e cheios de melindres que jamais teriam passado despercebidos se fossem do tamanho de Lorde Asriel.

- Sim - disse ele, a voz clara e penetrante, os olhos brilhando como gotículas de tinta - sua filha, Lorde Asriel: tenho informações a respeito dela. Evidentemente, sei mais do que o senhor.

Lorde Asriel o encarou abertamente e o homenzinho soube imediatamente que havia levado a melhor sobre a cortesia de seu comandante: a força do olhar de Lorde Asriel o empurrou como se tivesse levado um peteleco, de modo que perdeu o equilíbrio e precisou estender a mão para se apoiar no copo de vinho de Lorde Asriel. Um instante depois a expressão de Lorde Asriel havia recuperado a brandura e virtuosidade características, exatamente como a expressão de sua filha podia ser, e dali por diante Lorde Roke tratou de ser mais cuidadoso.

- Não duvido disso, Lorde Roke - disse Lorde Asriel - mas, por motivos que não compreendo, a menina é o centro da atenção da igreja e preciso saber por quê. O que estão dizendo a respeito dela?

- O *Magisterium* está fervilhando de especulações, um grupo de um setor diz uma coisa, uma outra facção está investigando outra e cada uma delas está tentando esconder suas descobertas das

outras. Os grupos mais ativos são o Tribunal Consistorial de Disciplina e a Sociedade da Obra do Espírito Santo - disse Lorde Roke. - Tenho espiões em ambos.

- Então conseguiu atrair um membro da Sociedade? - comentou Lorde Asriel. - Meus parabéns. Eles costumavam ser inexpugnáveis.

- Meu espião na Sociedade é Lady Salmakia - disse Lorde Roke - uma agente muito hábil. Há um padre cujo *daemon* é um camundongo, que ela abordou quando dormiam. Minha agente sugeriu que o homem realizasse um ritual proibido, destinado a invocar a presença da Sabedoria. No momento crítico, Lady Salmakia apareceu diante dele. O padre agora pensa que pode se comunicar com a Sabedoria sempre que quiser, e que ela tem a forma de uma galivespiana e que mora na estante de livros dele.

Lorde Asriel sorriu e perguntou:

- E o que ela descobriu?

- A Sociedade acredita que sua filha é a criança mais importante que jamais viveu. Eles acham que uma grande crise ocorrerá dentro de pouco tempo e que o destino de tudo dependerá de como ela se com portar nessa ocasião. Quanto ao Tribunal Consistorial de Disciplina, no momento eles estão conduzindo um inquérito, ouvindo testemunhas de Bolvangar e de outros lugares. Meu espião no Tribunal, o Cavaleiro Tialys, mantém contato comigo todos os dias através do magneto ressonante, e tem me mantido informado sobre o que eles descobrem. Em resumo, eu diria que a Sociedade da Obra do Espírito Santo descobrirá, muito brevemente, onde está a menina, mas não tomarão nenhuma medida. O Tribunal Consistorial levará um pouco mais de tempo, mas quando descobrirem agirão de maneira decisiva e imediatamente.

- Avise-me assim que souber de mais alguma coisa.

Lorde Roke fez uma mesura e estalou os dedos, o pequeno falcão azul fêmea, pousado no suporte de metal junto à porta, abriu as

asas e planou até a mesa. Tinha rédeas, sela e estribos. Em um segundo Lorde Roke montou em seu dorso e saíram voando pela janela que Lorde Asriel estava mantendo aberta para eles.

Ele deixou a janela aberta por um minuto, a despeito do ar gelado, e se reclinou no banco embutido sob a janela, brincando com as orelhas de seu *daemon* pantera branca.

- Ela veio me procurar em Svalbard e eu a ignorei - disse. - Você se lembra do choque que levei... precisava oferecer um sacrifício e a primeira criança a chegar foi minha própria filha... Mas quando percebi que havia uma outra criança com ela, de modo que estaria segura, eu relaxei. Será que foi um erro fatal? Depois disso não dei nenhuma atenção a ela, nem por um momento, mas ela é importante, Stelmaria!

- Vamos pensar com clareza - respondeu o *daemon*. - O que ela pode fazer?

- Fazer... não muito. Será que ela sabe de alguma coisa?

- Lyra sabe ler o aletômetro, ela tem acesso ao conhecimento.

- Isso não é nada de especial. Outros também têm. E onde, por todos os infernos, ela pode estar?

Alguém bateu à porta atrás dele e Lorde Asriel se virou imediatamente.

- Milorde - disse o oficial que entrou - um anjo acabou de chegar ao portão oeste, está ferido, ele insiste em falar com o senhor.

E, um minuto depois, Baruch estava deitado na cama de campanha que havia sido trazida para o aposento principal. Um ordenança médico havia sido chamado, mas era evidente que havia pouca esperança para o anjo: estava terrivelmente ferido, as asas rasgadas e os olhos baços.

Lorde Asriel sentou perto dele e atirou um punhado de ervas nos tições do braseiro. Como Will havia descoberto com a fumaça de sua fogueira, isso teve o efeito de definir o corpo do anjo, de modo que pôde vê-lo mais claramente.

- Bem, senhor - disse Lorde Asriel - que informações tem para mim?

- Três coisas. Por favor, deixe-me contar todas elas antes de falar. Meu nome é Baruch. Meu companheiro Balthamos e eu somos do grupo rebelde, de maneira que quisemos lutar a seu lado, assim que o senhor levantou seu estandarte. Mas queríamos trazer-lhe alguma coisa valiosa, porque nosso poder é pequeno e, não faz muito tempo, conseguimos descobrir o caminho e chegar ao coração da Montanha Nublada, a cidadela da Autoridade no Reino. E lá descobrimos...

Ele teve que parar um instante para respirar e absorver a fumaça das ervas, que pareceu acalmá-lo. Então prosseguiu:

- Descobrimos a verdade a respeito da Autoridade. Descobrimos que ele se isolou numa câmara de cristal nas profundezas do interior da Montanha Nublada e que não se ocupa mais das questões do dia-a-dia do Reino. Em vez disso, contempla mistérios mais profundos. Em seu lugar, governando em seu nome, está um anjo chamado Metatron. Tenho motivos para conhecer bem esse anjo, embora na ocasião em que o conheci...

A voz de Baruch se calou. Os olhos de Lorde Asriel soltavam fagulhas, mas ele controlou a língua e esperou que Baruch continuasse.

- Metatron é orgulhoso - prosseguiu Baruch, depois de recuperar um pouco as forças - e sua ambição é ilimitada. A Autoridade o escolheu quatro mil anos atrás para ser seu Regente e fizeram seus planos juntos. Eles têm um novo plano, que meu companheiro e eu conseguimos descobrir. A Autoridade acredita que os seres conscientes de todos os tipos se tomaram perigosamente independentes, de modo que Metatron vai intervir muito mais

ativamente nas questões humanas. Ele pretende transferir secretamente a Autoridade da Montanha Nublada para uma cidadela permanente, em algum outro lugar, e transformar a montanha numa máquina de guerra. Em sua opinião, as igrejas em todos os mundos são corruptas e fracas, fazem concessões com muita facilidade... ele quer instaurar uma inquisição permanente, controlada diretamente a partir do Reino. E a primeira campanha dele será destruir sua república...

Agora os dois estavam tremendo, o anjo e o homem, mas um de fraqueza e o outro de excitação. Baruch reuniu o que restava de suas forças e prosseguiu:

- A segunda coisa é a seguinte. Existe uma faca que corta aberturas entre os mundos, bem como qualquer coisa que existir neles. Seu poder é ilimitado, mas somente nas mãos daquele que souber usá-la. E esta pessoa é um menino...

Mais uma vez o anjo teve que parar para se recuperar. Estava com muito medo, sentia que estava se desvanecendo. Lorde Asriel percebeu o esforço que ele estava fazendo para se manter inteiro e ficou tenso, sentado, agarrando os braços da cadeira até que Baruch encontrou forças para continuar.

- Meu companheiro está com esse menino, agora. Queríamos trazê-lo diretamente ao senhor, mas ele se recusou a vir, porque... Esta é a terceira coisa que tenho que lhe contar: ele e sua filha são amigos. E ele não aceitará

vir enquanto não a encontrar. Ela está...

- Quem é esse menino?

- É o filho do xamã. De Stanislaus Grumman.

Lorde Asriel ficou tão surpreendido que involuntariamente se levantou, lançando rolos de fumaça na direção do anjo.

- Grumman tinha um filho - perguntou.

- Grumman não nasceu em seu mundo. Seu nome também não era Grumman. Meu companheiro e eu fomos levados a ele exatamente por seu desejo de encontrar a faca. Nós o seguimos, sabendo que ele nos conduziria à

faca e a seu portador, com a intenção de trazer o portador ao senhor. Mas o garoto se recusou a vir...

Mais uma vez Baruch precisou parar. Lorde Asriel tornou a sentar, amaldiçoando sua própria impaciência, e salpicou mais algumas ervas no fogo. Seu *daemon* estava deitado bem perto, a cauda varrendo lentamente o chão de carvalho, os olhos dourados de pantera jamais se despregando do rosto contorcido de dor do anjo. Baruch respirou devagar várias vezes e Lorde Asriel se manteve em silêncio. O bater da corda no mastro, lá no alto, era o único som que se fazia ouvir.

- Vá com calma, senhor - disse Lorde Asriel com gentileza. - Sabe onde está minha filha?

- Himalaia... em seu próprio mundo - sussurrou Baruch. - Grandes montanhas. Uma caverna próxima a um vale cheio de arco-íris...

- Fica a uma enorme distância daqui em ambos os mundos. Você voou muito depressa.

- Este é o único dom que possuo - disse Baruch - exceto o amor de Balthamos, a quem nunca mais verei.

- E se o senhor a encontrou tão facilmente.

- Então qualquer outro anjo também poderá encontrar.

Lorde Asriel pegou um Atlas no gaveteiro de mapas e o abriu, procurando as páginas que mostravam o Himalaia.

- Poderia ser preciso? - perguntou. - Pode me mostrar exatamente onde?

- Com a faca... - Baruch tentou dizer e Lorde Asriel percebeu que sua mente estava divagando: - Com a faca ele pode entrar e sair de qualquer mundo que quiser... O nome dele é Will. Mas eles estão correndo perigo, ele e Balthamos... Metatron sabe que descobrimos seu segredo. Eles nos perseguiram... Eles me apanharam sozinho nas fronteiras de seu mundo... eu era irmão dele... foi por isso que descobrimos o caminho na Montanha Nublada. Metatron um dia foi Enoque, filho de Jared, filho de Mahalalel... Enoque teve muitas esposas. Amava os prazeres da carne... Meu irmão Enoque me expulsou, porque eu... Ah, meu caro Balthamos...

- Onde está a garota?

- Sim. Sim. Uma caverna... a mãe dela... vale cheio de ventos e arcoíris... bandeirolas rasgadas no relicário... Ele se levantou na cama para olhar para o Atlas.

Então a pantera branca levantou-se de um salto, num movimento rápido e pulou para a porta, mas era tarde demais. O ordenança que bateu à porta abriu sem esperar. Era assim que as coisas eram feitas, não era culpa de ninguém, mas ao ver a expressão no rosto do soldado, que olhava para além dele, Lorde Asriel se virou e viu Baruch lutando e tremendo de esforço, na tentativa de manter inteira sua forma ferida. O esforço foi mais do que ele podia suportar. Uma corrente de vento vinda da porta aberta enviou uma lufada de ar para cima da cama e as partículas da forma do anjo, frouxas devido à sua força que se esvaía, rodopiaram para o alto ao acaso e desapareceram.

- Balthamos! - veio um sussurro do ar. Lorde Asriel pôs a mão no pescoço de seu *daemon* pantera, ela o sentiu tremer e o acalmou. Ele se virou para o ordenança.

- Milorde, desculpe-me.

- Não foi culpa sua. Leve meus cumprimentos ao Rei Ogunwe. Gostaria que ele e meus outros comandantes viessem até aqui imediatamente. Também gostaria que o Sr. Basilides estivesse presente, com o aletômetro. Finalmente, quero que a Esquadrilha nº 2 de girópteros seja armada e abastecida, bem como um zepelim tanque, e que estejam prontos para decolar imediatamente rumo ao sudoeste. Enviarei ordens complementares quando estiverem no ar. O ordenança bateu continência e, com mais um olhar rápido e constrangido para a cama vazia, saiu e fechou a porta.

Lorde Asriel batucou no tampo da escrivaninha com um compasso de metal e cruzou o aposento, indo até a janela aberta que dava para o sul. Na distância abaixo, as fogueiras sempre acesas lançavam sua luz e fumaça no ar sombrio e mesmo àquela grande altura o bater de martelos podia ser ouvido em meio ao uivar do vento.

- Bem, descobrimos um bocado de coisas, Stelmaria - disse ele em voz baixa.

- Mas não o suficiente.

Houve outra batida à porta e o aletometrista entrou. Era um homem pálido, magro, de meia-idade, seu nome era Teukros Basilides e seu *daemon* era um rouxinol.

- Sr. Basilides, boa noite - disse Lorde Asriel. - Vou explicar qual é o nosso problema e gostaria que pusesse de lado tudo o mais enquanto trata dele...

Então ele relatou ao homem o que Baruch havia contado e mostrou o Atlas.

- Localize a tal caverna - instruiu. - Obtenha as coordenadas com tanta precisão quanto for possível. Comece imediatamente, por favor.

... bateu o pé com tanta força que chegou a doer, mesmo no sonho.

-Você não acredita que eu seja capaz de fazer uma coisa dessas, Roger, de maneira que não diga isso. Eu vou acordar e não vou esquecer, pronto. Lyra olhou em volta, mas tudo o que podia ver eram olhos arregalados e rostos sem esperança, rostos pálidos, rostos escuros, rostos velhos, rostos jovens, todos os mortos reunidos se acotovelando em torno deles, silenciosos e tristes.

O rosto de Roger era diferente. A expressão dele era a única que tinha esperança.

-Por que você tem essa expressão? - perguntou ela. - Por que não está

infeliz como eles? Por que não perdeu a esperança? E ele respondeu:

-Porque

ABSOLVIÇÃO ANTECIPADA

Contos, relíquias, bulas, indulgências, beatos, bonzos, peregrinos, frades em mil montões, brincos de vento...

John Milton – Canto III,88

- Pois bem, Frei Pavel - disse o Inquisidor do Tribunal Consistorial de Disciplina - quero que se lembre exatamente, se puder, das palavras que ouviu a bruxa dizer no navio.

Os 12 membros do Tribunal observaram o clérigo no banco das testemunhas sob a luz fraca do entardecer, era a última testemunha. Era um padre com a aparência de estudioso, cujo *daemon* tinha a forma de um sapo. O Tribunal vinha ouvindo os depoimentos daquele caso já há oito dias, no prédio antigo, de torres altas, da Faculdade de São Jerônimo.

- Não consigo me lembrar com exatidão das palavras da bruxa - disse Frei Pavel, em tom fatigado. - Nunca tinha presenciado tortura

antes, conforme já expliquei ao Tribunal ontem, e descobri que me deixava tonto e nauseado. De modo que, exatamente 25 palavras que ela disse, não sei dizer, mas me lembro do significado. A bruxa disse que a menina Lyra tinha sido reconhecida pelos clãs do norte como aquela que realizaria uma profecia de que tinham conhecimento há muito tempo. Ela teria o poder de fazer uma escolha importantíssima e que o destino de todos os mundos dependeria dessa escolha. Além disso, havia um nome que faria com que recordássemos um caso semelhante e que faria com que a igreja a odiasse e a temesse.

- E a bruxa revelou este nome?

- Não. Antes que pudesse pronunciá-lo, uma outra bruxa, que estivera presente graças a um feitiço que lhe dava invisibilidade, conseguiu matá-la e fugir.

- Então, nessa ocasião, a mulher Coulter também não poderia ter ouvido o nome?

- Exatamente.

- E pouco depois a Sra. Coulter partiu?

- Exato.

- E o que descobriu depois disso?

- Descobri que a criança tinha ido para aquele outro mundo através da fenda aberta por Lorde Asriel e que lá ela conseguiu a ajuda de um menino que possui, ou obteve, o uso de uma faca com poderes extraordinários - respondeu Frei Pavel. Então ele pigarreou nervosamente e prosseguiu. - Posso falar com franqueza e inteira liberdade para este tribunal?

- Com total liberdade, Frei Pavel - veio a resposta na voz de tom áspero e claro do Presidente. - Não será punido por nos contar as

coisas de que tem conhecimento, que lhe foram ditas por outros. Por favor, continue. Tranqüilizado, o padre prosseguiu.

- A faca que está em poder desse garoto é capaz de fazer aberturas entre os mundos. Além disso, ela tem um poder maior que esse, por favor, mais uma vez, tenho medo do que estou dizendo... É capaz de matar os anjos de mais alta hierarquia e o que existe acima deles. Não há nada que esta faca não possa destruir.

Ele estava suando e tremendo, e seu *daemon* rã caiu da beirada do banco das testemunhas para o chão, tamanha era sua agitação. Frei Pavel arquejou de dor e a recolheu rapidamente, deixando que bebesse um pouco da água do copo que tinha diante de si.

- E perguntou mais alguma coisa sobre a menina? - perguntou o Inquisidor. - Descobriu o tal nome de que a bruxa falou?

- Descobri. Mais uma vez suplico que me dêem a garantia de que...

- O senhor tem essa garantia - declarou o Presidente em tom brusco. Não tenha medo. O senhor não é um herege. Relate o que descobriu e não perca mais tempo.

- Realmente suplico que me perdoem. A criança, portanto, está na posição de Eva, a mulher de Adão, a mãe de todos nós e origem de todo pecado.

As estenógrafas anotando todas as palavras eram freiras da ordem de Santa Filomela, que haviam feito voto de silêncio, mas, ao ouvir as palavras de Frei Pavel, uma delas não conseguiu conter uma exclamação abafada e houve uma agitação de mãos enquanto elas faziam o sinal-da-cruz. Frei Pavel estremeceu e prosseguiu:

- Por favor, lembrem-se, o aletômetro não faz previsões, ele diz: "Se certas coisas ocorrerem de tal maneira, então as conseqüências serão...", e assim por diante. E ele diz que se calhar de ocorrer de a criança ser tentada, como Eva foi, então é provável que ela caia em tentação. Do resultado disso dependerá... tudo. E se essa tentação

realmente ocorrer e se a criança ceder a ela, então o Pó e o pecado triunfarão.

O silêncio foi total na sala do Tribunal. A luz pálida do sol que se filtrava através das grandes janelas com esquadrias e molduras de chumbo sustentava em seus raios inclinados um milhão de partículas douradas, mas eram de poeira, não Pó, embora mais de um dos membros do Tribunal tivesse visto nelas uma imagem daquele outro Pó invisível que pousava sobre todos os seres humanos, por mais ordeiros e respeitadores da lei que fossem.

- Para finalizar, Frei Pavel - disse o Inquisidor - diga-nos o que sabe sobre onde se encontra a criança atualmente.

- Ela está nas mãos da Sra. Coulter - respondeu Frei Pavel. - E estão no Himalaia. Até o momento, isso foi tudo o que consegui descobrir. Irei imediatamente pedir uma localização mais precisa e tão logo a tiver comunicarei ao Tribunal, mas...

Ele se calou, se encolhendo de medo, e levou o copo até os lábios com a mão trêmula.

- Sim, diga, Frei Pavel - pediu o Padre MacPhaü. - Não esconda nada.

- Senhor Presidente, creio que a Sociedade da Obra do Espírito Santo sabe mais a respeito disso do que eu. - A voz de Frei Pavel estava tão baixa que era quase um sussurro.

- É verdade? - perguntou o Presidente, seus olhos parecendo irradiar sua paixão, enquanto faiscavam.

O *daemon* de Frei Pavel emitiu um pequeno coaxar. O religioso tinha conhecimento da rivalidade entre as duas divisões do *Magisterium*, e sabia que ser apanhado no fogo cruzado entre elas seria muito perigoso, mas esconder as informações que conhecia seria ainda mais perigoso.

- Eu acredito - prosseguiu, tremendo - que estão mais próximos de descobrir, exatamente, onde a criança está. Eles dispõem de outras fontes de conhecimento que me são proibidas.

- Sem dúvida - concordou o Inquisidor. - E o aletômetro lhe falou a respeito disso?

- Falou sim.

- Muito bem. Frei Pavel, deve continuar a seguir esta linha de investigação. Se precisar de qualquer coisa em termos de assistência religiosa ou de secretariado, é só pedir. Por favor, pode descer.

Frei Pavel fez um mesura, e com seu *daemon* rã no ombro, reuniu suas anotações, e saiu da sala de audiência. As freiras flexionaram os dedos. O Padre MacPhail tamborilou com um lápis no tampo de carvalho da mesa à sua frente.

- Irmã Agnes, Irmã Mônica - disse - podem se retirar agora. Por favor, deixem a transcrição sobre a minha mesa de trabalho ao final do dia. As duas freiras assentiram baixando a cabeça e se foram.

- Cavalheiros - disse o Presidente, pois esta era a forma de tratamento no Tribunal Consistorial - vamos suspender a sessão.

Os 12 membros, do mais velho (Padre Makepwe, muito idoso, de olhos remelentos) ao mais jovem (Padre Gomez, pálido e trêmulo de zelo fanático), reuniram suas anotações e seguiram o Presidente até a câmara do conselho, onde poderiam encarar uns aos outros sentados à mesa e conversar com a mais absoluta privacidade.

O atual Presidente do Tribunal Consistorial era um escocês chamado Hugh MacPhail. Havia sido eleito jovem: o cargo de presidente era vitalício e ele estava apenas com 40 e poucos anos, de modo que esperava-se que o Padre MacPhail moldasse o destino do Tribunal Consistorial e, dessa maneira, de toda a igreja, por muitos anos ainda. Era um homem de feições sombrias, alto e

imponente, com uma massa de cabelos crespos grisalhos, e teria sido gordo não fosse pela disciplina brutal que impunha a seu corpo: só bebia água e só comia pão e frutas, além disso, praticava exercícios diariamente, uma hora por dia, sob a supervisão de um treinador de atletas campeões. Em resultado disso, era esquelético, mas com a musculatura bem delineada, enrugado e irrequieto. Seu *daemon* era um lagarto.

Depois que estavam sentados, o Padre MacPhail disse:

- De modo que este é o estado atual das coisas. Parece haver vários pontos que devemos ter em mente.

“Em primeiro lugar, Lorde Asriel. Uma bruxa simpática à igreja relatou que ele está reunindo um grande exército, incluindo forças que podem ser angelicais. Suas intenções, até onde a bruxa tem conhecimento, são malévolas com relação à igreja e com relação à própria Autoridade”.

"Em segundo lugar, o Conselho de Oblação. As ações deles ao criar o programa de pesquisa em Bolvangar e ao financiar as atividades da Sra. Coulter sugerem que estão na esperança de substituir o Tribunal Consistorial de Disciplina como o braço mais poderoso e eficaz da Santa Igreja. Fomos passados para trás, cavalheiros. Eles agiram impiedosa e habilmente. Deveríamos nos sentir repreendidos por nossa lassidão ao permitir que isso acontecesse. Voltarei a abordar o que poderíamos fazer a respeito disso brevemente.”

“Em terceiro lugar, o garoto mencionado no depoimento de Frei Pavel, com a faca que pode fazer aquelas coisas extraordinárias. Claramente, devemos encontrá-lo e nos apoderar da faca o mais rápido possível”.

"Em quarto lugar, o Pó. Tomei providências para descobrir o que o Conselho de Oblação sabe a respeito do assunto. Um dos teólogos experimentais trabalhando em Bolvangar foi persuadido a nos

contar exatamente o que eles descobriram. Conversarei com ele hoje à tarde, lá

embaixo."

Um ou dois padres se mexeram incomodados, pois "lá embaixo" significava os porões no subsolo do prédio: salas de ladrilhos brancos, com tomadas para passagem de corrente ambárica, à prova de som e com bom escoamento de líquidos.

- Contudo, independentemente do que descobrirmos a respeito do Pó prosseguiu o Presidente - devemos manter nosso propósito em mente com muita firmeza. O Conselho de Oblação fez esforços para compreender os efeitos do Pó: nós devemos destruí-lo totalmente. Nada menos que isso. Se, para destruir o Pó, também tivermos de destruir o Conselho de Oblação, o Colegiado dos Bispos, todas as agências individuais através das quais a Santa Igreja faz o trabalho da Autoridade, assim seja. Pode ser, cavalheiros, que a própria Santa Igreja tenha sido criada para realizar exatamente esta tarefa e para perecer ao fazê-lo. Mas é melhor um mundo sem igreja e sem Pó que um mundo onde a cada dia temos que lutar sob o fardo odioso do pecado. Melhor um mundo purgado de tudo isso!

Com os olhos faiscantes, o Padre Gomez assentiu apaixonadamente.

- E, finalmente - disse o Padre MacPhail - a criança. Ainda apenas uma criança, creio. Essa Eva, que será tentada e que, se a precedente de alguma forma servir de exemplo, cairá e cederá à tentação, e sua queda trará a ruína de todos nós. Cavalheiros, de todas as maneiras de lidar com o problema que ela representa para nós, vou propor a mais radical e tenho confiança em que obterei sua concordância - depois de uma breve pausa, ele prosseguiu. Proponho que enviemos um homem para encontrá-la e matá-la antes que ela possa ser tentada.

- Padre Presidente - interveio o Padre Gomez imediatamente - venho fazendo penitências por antecipação todos os dias de minha

vida adulta. Estudei, treinei...

O Presidente levantou a mão. Penitência e absolvição antecipadas eram doutrinas pesquisadas e desenvolvidas pelo Tribunal Consistorial, mas não conhecidas pela grande maioria dos membros da igreja. Implicavam fazer penitência por um pecado ainda não cometido, penitência fervorosa e intensa, acompanhada por castigos e auto-flagelação, de maneira a acumular, por assim dizer, uma reserva de crédito. Quando a penitência tivesse atingido o nível apropriado para um pecado em particular, o penitente recebia a absolvição antecipada, embora pudesse nunca ser conclamado a cometer o pecado. Por vezes, era necessário matar pessoas, por exemplo: e era muito menos perturbador para o assassino se ele pudesse fazê-lo em estado de graça.

- Eu havia pensado em você - o Padre MacPhail retrucou gentilmente. Então tenho o acordo do Tribunal? Sim. Quando o Padre Gomez partir, com nossa bênção, ele estará sozinho, não poderá ser contatado ou chamado de volta. Independentemente do que acontecer com qualquer outra coisa, ele seguirá seu caminho como a flecha de Deus, seguindo direto para a criança, e a abaterá. Ele será invisível, chegará à noite, como o anjo que destruiu os assírios, será silencioso. Quão melhor seria para todos nós se tivesse havido um Padre Gomez no jardim do Éden! Nunca teríamos saído do paraíso. O jovem padre estava quase chorando de orgulho. O Tribunal concedeu sua bênção.

E, no canto mais escuro do teto, escondido entre as vigas escuras de carvalho, estava sentado um homem do tamanho de um palmo. Seus calcanhares estavam armados com esporas e ele ouviu todas as palavras que eles disseram.

Nos porões, o homem de Bolvangar, vestindo apenas uma camisa branca suja e calças frouxas, sem cinto, estava de pé sob a lâmpada, segurando as calças com uma das mãos e seu *daemon* coelho com a outra. Diante dele, na única cadeira, sentava-se o Padre MacPhail.

- Dr. Cooper - começou o Presidente - por favor, sente-se.

Não havia mobília exceto a cadeira, o catre de madeira e um balde. A voz do Presidente ecoou desagradavelmente nos ladrilhos brancos que revestiam a parede e o teto.

O Dr. Cooper sentou no catre. Não conseguia tirar os olhos do rosto esquálido, de cabelos grisalhos, do Presidente. Lambeu os lábios ressecados e esperou para ver que nova provação estaria por vir.

- Então, quase teve sucesso em fazer o corte e separar a criança de seu *daemon*. - perguntou Padre MacPhail.

Com a voz trêmula, o Dr. Cooper respondeu:

- Chegamos à conclusão que não adiantaria nada esperar, uma vez que a experiência deveria se realizar de qualquer maneira, e pusemos a criança na câmara experimental, mas então a Sra. Coulter interveio pessoalmente e levou a criança para seus aposentos.

O *daemon* coelho abriu os olhos redondos e lançou um olhar assustado para o Presidente, depois tornou a fechá-los e escondeu o rosto.

- Isso deve ter sido aflitivo - comentou o Padre MacPhail.

- O programa todo era tremendamente difícil - disse o Dr. Cooper, apressando-se em concordar.

- Fico surpreendido que não tenham procurado a ajuda do Tribunal Consistorial, onde temos nervos de aço.

- Nós... Eu... nós tínhamos conhecimento de que o programa havia sido autorizado pelo... Era um assunto do Conselho de Oblação, mas disseram-nos que tinha a aprovação do Tribunal Consistorial de Disciplina. Caso contrário, nunca teríamos participado. Nunca!

- Não, é claro que não. E agora, passando para uma outra questão. Vocês tinham alguma idéia - disse Padre MacPhail, abordando o verdadeiro tema de sua visita - do que tratavam as pesquisas de Lorde Asriel? De qual poderia ter sido a fonte da energia colossal que ele conseguiu utilizar em Svalbard?

O Dr. Cooper engoliu em seco. No silêncio, uma gota de suor caiu de seu queixo para o chão de concreto e ambos os homens a ouviram nitidamente.

- Bem... - começou ele - houve alguém em nossa equipe que observou que durante o processo de corte havia uma liberação de energia. Controlá-la envolveria forças imensas, mas, exatamente como uma explosão atômica é

detonada por explosivos convencionais, isto poderia ser feito através da concentração de uma poderosa corrente ambárica... Contudo, ele não foi levado a sério. Eu não dei atenção a suas idéias - acrescentou com sinceridade

- por saber que sem a devida autorização seriam heréticas.

- Muito prudente. E este colega agora, onde está?

- Ele foi um dos que morreram durante o ataque.

O Presidente sorriu. Era uma expressão tão gentil que o *daemon* do Dr. Cooper estremeceu e desmaiou em seu peito.

- Coragem, Dr. Cooper - disse o Padre MacPhail. - Precisamos que seja forte e bravo! Há um trabalho muito importante a ser feito e uma grande batalha a ser travada. Precisa merecer o perdão da Autoridade através de plena cooperação conosco, sem nos esconder nada, nem mesmo especulações insensatas, nem sequer disse-me-disse. Agora quero que dedique toda a sua atenção ao que se recorda de ter ouvido seu colega dizer. Ele chegou a conduzir alguma experiência? Deixou anotações? Relatou suas idéias a mais alguém? Que tipo de equipamento estava usando?

Pense em tudo, Dr. Cooper. Terá uma caneta e papel e todo o tempo de que precisar.

"E esta sala não é muito confortável. Vou mandar transferi-lo para um local mais adequado. Há alguma outra coisa de que precise, alguma peça de mobiliário, por exemplo? Prefere escrever sobre uma mesa ou uma escrivaninha? Gostaria de uma máquina de escrever? Ou será que prefere ditar para uma estenógrafa?"

"Diga aos guardas o que quer e terá tudo o que precisar. Mas em todos os momentos, Dr. Cooper, quero que pense em seu colega e se lembre de sua teoria. Sua grande tarefa é se recordar e, se necessário, redescobrir o que ele sabia. Depois que souber de que instrumentos vai precisar, também os receberá. É uma tarefa importante, Dr. Cooper! É uma bênção que lhe tenha sido confiada! Agradeça à Autoridade."

- Eu agradeço, Padre Presidente! Agradeço!

Agarrando a cintura frouxa de suas calças, o filósofo se levantou e fez uma mesura, quase sem perceber, depois continuou fazendo mesuras enquanto o Presidente do Tribunal Consistorial de Disciplina deixava a cela. Naquela noite, o Cavaleiro Tialys, o espião galivespiano, foi seguindo seu caminho pelas ruas e vielas de Genebra para se encontrar com sua colega, Lady Salmakia. Era uma jornada perigosa para ambos: perigosa para qualquer um ou qualquer coisa que tentasse impedi-los também, mas certamente cheia de perigos para os pequeninos galivespianos. Mais de um gato à espreita havia encontrado a morte em suas esporas, mas apenas uma semana antes o Cavaleiro quase perdera o braço para os dentes de um cachorro vira-lata, só a ação rápida da Lady o salvara.

Eles se encontraram no sétimo dos locais combinados de encontro, entre as raízes de um plátano, numa pracinha maltratada, e trocaram as notícias. O

contato de Lady Salmakia na Sociedade lhe relatara que um pouco antes, naquela noite, tinham recebido um convite amistoso do Presidente do Tribunal Consistorial para se reunirem e discutirem questões de interesse mútuo.

-Trabalho rápido - comentou o Cavaleiro. - Contudo, aposto 100 contra um que ele não vai falar a respeito de seu assassino.

Contou a ela sobre o plano para matar Lyra. Não ficou surpreendida.

- É a coisa lógica a fazer - observou. - São pessoas muito lógicas. Tialys, acha que algum dia veremos essa criança?

- Não sei, mas eu gostaria de ver. Boa sorte, Salmakia. Amanhã, na fonte. Naquelas últimas breves palavras, não havia sido mencionada a única coisa a respeito da qual eles nunca falavam: o breve tempo que tinham de vida, se comparado com o tempo de vidas humanas. Os galivespianos viviam nove ou dez anos, raramente mais, e Tialys e Salmakia já estavam em seu sétimo ano de vida. Eles não temiam a velhice, a gente de seu povo morria na plenitude da força e do vigor, repentinamente, e tinham uma infância muito breve, mas, comparada à deles, a vida de uma criança como Lyra se estenderia tão longe no futuro como a vida das bruxas se estendia muito além da vida de Lyra.

O Cavaleiro retornou para a Faculdade de São Jerônimo e começou a redigir a mensagem que enviaria para Lorde Roke através do magneto ressonante.

Mas enquanto ele estava no local do encontro, conversando com Salmakia, o Presidente tinha mandado chamar o Padre Gomez. Em seu estúdio, os dois rezaram juntos durante uma hora e então o Presidente concedeu ao jovem padre a absolvição antecipada que transformaria o assassinato de Lyra em algo que não era de forma alguma assassinato. O

Padre Gomez parecia transfigurado, a certeza que pulsava em suas veias parecia tornar incandescentes até mesmo seus olhos.

Discutiram questões práticas como dinheiro, e assim por diante, e então o Presidente disse:

- Depois que sair daqui, Padre Gomez, estará completamente isolado, para sempre, de qualquer auxílio que possamos dar. Nunca poderá voltar, nunca mais terá notícias nossas. Não posso lhe dar melhor conselho do que o seguinte: não procure a criança. Isto revelaria suas intenções. Em vez disso, procure a tentadora. Siga a tentadora e ela o conduzirá à criança.

- Ela? - perguntou o Padre Gomez chocado.

- Sim, ela - confirmou o Padre MacPhail.

- Descobrimos muita coisa através do aletômetro. O mundo de onde vem a tentadora é um mundo estranho. Verá muitas coisas que o surpreenderão, Padre Gomez. Não permita que essas coisas estranhas o distraiam da tarefa sagrada que tem que cumprir. Eu tenho fé - acrescentou gentilmente - na força de sua fé. A mulher está vagando, guiada pelos poderes de mal, para um lugar onde poderá, finalmente, encontrar a criança a tempo de oferecer-lhe a tentação. Isto é, claro, se não tivermos sucesso em acabar com a menina no local onde se encontra atualmente. Este permanece sendo nosso primeiro plano. O senhor, Padre Gomez, é nossa derradeira garantia de que, se isso falhar, ainda assim os poderes infernais não vencerão.

O Padre Gomez assentiu. Seu *daemon*, um grande besouro de dorso verde iridescente, estalou os élitros. O Presidente abriu uma gaveta e entregou ao jovem padre um maço de documentos dobrados.

- Aqui está tudo o que sabemos sobre a mulher - disse - e o mundo de onde ela vem, o lugar onde foi vista pela última vez. Lê com atenção, meu caro Luís, e vá com minha bênção.

Ele nunca havia usado o nome de batismo do padre antes. Padre Gomez sentiu lágrimas de alegria arderem em seus olhos enquanto

dava um beijo de despedida no Presidente.

... você é Lyra.

Então ela compreendeu o que aquilo significava. Sentiu-se tonta, mesmo em seu sonho, sentiu um grande fardo se acomodar sobre seus ombros. E para torná-lo ainda mais pesado, o sono estava ficando de novo mais intenso e o rosto de Roger estava começando a se desfazer em sombra.

-Bem, eu sei... eu sei... Há uma porção de gente diferente do nosso lado, como a Dra. Malone... sabe que existe uma outra Oxford, Roger, exatamente como a nossa? Bem, ela... eu a encontrei na... Ela ajudaria... Mas existe apenas uma pessoa em quem realmente...

Agora havia se tornado quase impossível para ela ver o garotinho, e seus pensamentos estavam se espalhando e se dispersando como ovelhas num campo.

-Mas podemos confiar nele, Roger, juro - disse, fazendo um esforço final. **MARY, SOZINHA**

Levantavam-se depois, como osciladas, as árvores corpulentas, curvando os longos ramos com o pendor dos frutos.

John Milton – Canto VII,207

Quase que no mesmo momento, a tentadora que o Padre Gomez estava planejando seguir estava sendo, ela própria, tentada.

- Obrigada, não, não, isto é tudo o que preciso, não preciso de mais nada, obrigada - Disse a Dra. Mary Malone para o casal idoso na plantação de oliveiras, enquanto tentavam lhe dar mais comida do que poderia carregar. Moravam isolados ali, não tinham filhos e viviam com medo dos Espectros que tinham visto entre as árvores cinza-prateado, mas, quando Mary Malone tinha aparecido subindo pela estrada, com sua mochila, os Espectros haviam se assustado e se afastado. O velho casal tinha acolhido Mary calorosamente na

casinha de fazenda cercada por vinhedos, oferecendo-lhe uma fartura de vinho, queijo, pão e azeitonas, e agora não queriam deixá-la ir embora.

- Eu preciso seguir adiante - disse Mary novamente - muito obrigada, foram muito gentis, eu não consigo carregar... Ah, está bem, mais um queijinho, obrigada.

Evidentemente eles a viam como um talismã contra os Espectros. Ela desejava que fosse verdade. Na semana que havia passado no mundo de Cittàgazze tinha visto tanta devastação, tantos adultos comidos por Espectros e crianças selvagens vivendo de pilhagem e carniça, que havia tomado horror àqueles vampiros etéreos. Tudo o que sabia era que eles, de fato, se afastavam quando ela se aproximava, mas não podia ficar com todo mundo que queria que ficasse, porque tinha que seguir adiante.

Encontrou espaço para o último queijo de cabra embrulhado em folha de videira, sorriu e fez mais uma mesura, bebeu um último gole de água da fonte que borbulhava entre as pedras cinzentas. Então juntou as palmas das mãos, gentilmente, como o casal idoso estava fazendo, e, com firmeza, fez meia-volta e partiu.

Aparentava estar mais determinada do que se sentia. A última comunicação com aquelas entidades que chamava de Partículas de Sombra e que Lyra chamava de Pó havia sido na tela de seu computador que, seguindo as instruções delas, Mary havia destruído. Agora não sabia o que fazer. As instruções tinham ordenado que atravessasse pela abertura na Oxford onde morava, a Oxford do mundo de Will, e fizera isso - para se descobrir zonza e trêmula de espanto naquele extraordinário outro mundo. Além disso, sua única tarefa seria encontrar o menino e a menina e então bancar a serpente, o que quer que aquilo significasse.

De modo que tinha caminhado, feito explorações e perguntas, e não havia descoberto nada. Mas agora, pensou, enquanto dobrava na pequena trilha que se afastava da plantação de oliveiras, teria que buscar orientação. Depois que estava longe o suficiente da fazenda

para ter certeza de que não seria interrompida, sentou-se debaixo dos pinheiros e abriu a mochila. No fundo, embrulhado num lenço de seda vermelho, estava o livro que tinha já há

20 anos: um comentário do método chinês de adivinhação, o I Ching. Ela o trouxera consigo por dois motivos. Um era sentimental: seu avô lhe dera o livro e ela o usara muito quando menina na escola. O outro era que quando Lyra tinha aparecido pela primeira vez no laboratório de Mary, havia perguntado: "O que é aquilo?", e apontado para o pôster na porta que mostrava os símbolos do I Ching, e, pouco depois, em sua leitura espetacular do computador, Lyra havia descoberto (ela afirmara) que o Pó tinha muitas outras maneiras de falar com os seres humanos e uma delas era o método da China que usava aqueles símbolos.

De modo que, em seus rápidos preparativos para deixar seu próprio mundo, Mary Malone havia trazido consigo o Livro das Mutações, como era chamado, e as pequenas varetas de milefólio que usava para a leitura. E agora havia chegado a hora de usá-las.

Ela estendeu o lenço de seda no chão e começou o processo de dividir e contar, dividir e contar e separar, como havia feito tantas vezes quando era uma adolescente curiosa e apaixonada, e que quase nunca mais usara desde então. Quase tinha esquecido como fazer, mas logo percebeu que os detalhes do ritual lhe voltavam à memória e com a recordarão veio aquela sensação de calma e de atenção concentrada que desempenhava um papel tão importante para falar com as Sombras.

Finalmente, ela chegou aos números que indicavam o hexagrama que ela havia tirado, o grupo de seis linhas inteiras ou partidas, e então consultou o significado. Esta era a parte mais difícil, porque o Livro se expressava num estilo demasiado enigmático. Ela leu:

Voltar-se para o cume

Em busca de provisões e de alimentos

Traz boa fortuna.

Ficar à espreita, observar ao redor, com os olhos aguçados Como um tigre com uma fome insaciável.

Isso parecia encorajador. Continuou lendo, seguindo o comentário através dos caminhos labirínticos por onde ele a conduzia, até que chegou à seguinte passagem:

A quietude ê a montanha, é uma vereda, significa pequenas pedras, portas e aberturas.

Teria que adivinhar. A menção de "aberturas" fazia lembrar a misteriosa janela no ar por onde havia entrado neste mundo, e as primeiras palavras pareciam dizer que ela deveria se mover em direção ao alto. Ao mesmo tempo confusa e encorajada, tornou a guardar o livro e as varetas e começou a subir pela trilha.

Quatro horas depois estava com muito calor e cansada. O sol estava baixo no horizonte. A trilha irregular que estivera seguindo havia acabado por desaparecer e ela estava subindo cada vez com mais dificuldade em meio a pedregulhos e pedras menores. À sua esquerda a encosta descia em direção a uma paisagem de plantações de oliveiras e limoeiros, de vinhedos malcuidados e moinhos de vento abandonados, envoltos pela névoa, sob a luz do crepúsculo. A direita, um amontoado de pequenas rochas e cascalho subia em direção à base de um penhasco de pedra calcária esfarelada. Exausta, ela tornou a levantar a mochila e pôs o pé sobre a pedra achatada seguinte - mas, antes mesmo de transferir o peso, parou. A luz estava batendo em alguma coisa curiosa e ela cobriu os olhos para protegê-los do reflexo intenso do entulho na base do penhasco e tentou encontrar aquilo de novo.

E lá estava: era como uma vidraça pairando em pleno ar, sem que nada a sustentasse, mas sem reflexos que chamassem atenção para ela: apenas um retalho quadrado destoante. E então ela se lembrou do que o I Ching dissera: uma vereda, pequenas pedras, portas e aberturas.

Era uma janela como a da Avenida Sunderland. Só conseguia vê-la por causa da luz, se o sol estivesse um pouco mais alto, provavelmente não seria absolutamente visível.

Ela se aproximou do pequeno retalho de ar com uma curiosidade apaixonada, pois não tinha tido tempo de examinar a primeira: fora obrigada a fugir o mais rápido possível. Mas examinou esta em detalhe, tocando a borda, movendo-se em volta, de um lado para o outro, para ver como se tornava invisível do outro lado, reparando na diferença absoluta entre este e aquele, e descobriu que sua mente estava quase explodindo de excitação com o fato de tais coisas existirem.

O portador da faca que fizera a abertura, na época da Revolução Americana, tinha sido descuidado demais para fechá-la, mas pelo menos tinha cortado num ponto muito similar ao mundo deste lado: junto a uma parede de rocha. Mas a rocha do outro lado era diferente, não era calcário e sim granito, e quando Mary atravessou para o novo mundo, descobriu que estava não na base de um enorme penhasco, mas quase no topo de uma pequena elevação de onde podia ver uma vasta planície.

Ali, também estava anoitecendo, e ela sentou para respirar o ar, descansar as pernas e saborear a maravilha sem pressa.

Uma ampla luz dourada e uma pradaria ou savana sem fim, diferente de tudo o que ela jamais havia visto em seu mundo. Para começar, embora a maior parte fosse coberta por relva baixa numa variedade infinita de tons de marrom-desbotado-verde-ocre-amarelo e matizes dourados, e ondulando muito suavemente, de tal maneira que a luz alongada do entardecer a mostrava muito claramente, a pradaria parecia ser mesclada, completamente mesclada, com o que pareciam ser rios de rocha com uma superfície cinza-claro. E, em segundo lugar, aqui e ali, na planície, havia grupos de árvores, as árvores mais altas que Mary jamais havia visto. Certa vez, depois de assistir a uma conferência sobre física de alta energia, na Califórnia, tirou algum tempo para ir ver as grandiosas sequóias e ficou maravilhada, mas, qualquer que fosse a espécie dessas

árvores, eram pelo menos umas duas vezes e meia mais altas que as sequóias. A folhagem era densa e verde-escura, os vastos troncos, vermelho-dourados, sob a luz pesada do crepúsculo. E, finalmente, rebanhos de animais, demasiado distantes para ver claramente, pastavam na pradaria. Havia uma estranheza no movimento deles que Mary não sabia definir exatamente.

Ela estava desesperadamente cansada, com sede e faminta, para completar. Em algum lugar ali perto, contudo, podia ouvir o som bem-vindo de água gotejando numa fonte e, apenas um minuto depois, ela a encontrou: apenas uma infiltração de água límpida saindo de uma fissura coberta de musgo e uma minúscula corrente de água que descia serpenteando pela encosta. Bebeu bastante, sentindo-se grata, e encheu suas garrafas, depois tratou de se instalar confortavelmente porque a noite estava caindo depressa. Reclinada na rocha, enrolada no saco de dormir, ela comeu um pouco de pão com queijo de cabra e então adormeceu profundamente.

Acordou cedo com o sol da manhã batendo em cheio em seu rosto. O ar estava fresco e o orvalho havia se depositado em minúsculas gotículas sobre seus cabelos e o saco de dormir. Ficou deitada por alguns minutos banhada pelo frescor, sentindo-se como se fosse o primeiro ser humano que jamais viveu.

Depois se sentou, se espreguiçou, tremeu um pouco de frio e lavou-se na água fria da fonte, antes de comer dois figos secos e passar o local em revista. Arras da pequena elevação que ela havia atravessado, o terreno se inclinava gradualmente para baixo e depois subia de novo, o panorama mais amplo ficava logo à frente, do outro lado da imensa pradaria. As sombras compridas das árvores agora estavam viradas para ela e podia ver bandos de passarinhos rodopiando diante delas, tão pequeninos contra o fundo das copas verdes gigantescas que pareciam partículas de poeira.

Pondo a mochila de volta nas costas, começou a descer a caminho da relva espessa e vicejante da pradaria, tendo como objetivo alcançar o grupo de árvores mais próximo, a uns seis ou oito

quilômetros de distância. A relva lhe chegava à altura dos joelhos e crescendo em meio a ela havia moitas e arbustos de galhos tão baixos que não lhe alcançavam os calcanhares, de alguma coisa parecida com junípero, e havia flores semelhantes a papoulas, a botões-de-ouro, a centáureas, dando um colorido de tons variados à paisagem, e então ela viu uma grande abelha, do tamanho da articulação superior de seu polegar, visitando um capítulo de flor azul e fazendo-o dobrar-se e balançar. Mas quando o bichinho se afastou das pétalas recuando e recomeçou a voar, ela viu que não era um inseto, pois um momento depois veio até sua mão e pousou em seu dedo, encostando um bico longo como uma agulha contra sua pele, com a maior delicadeza, e então levantou vôo, de novo, quando não encontrou néctar. Era um minúsculo beijaflor, as asas cobertas de penas cor de bronze movendo-se depressa demais para que ela pudesse ver.

Como todos os biólogos da Terra não a invejariam, se pudessem ver o que ela estava vendo!

Ela seguiu adiante e viu que estava se aproximando de um rebanho daqueles animais que tinha visto na tarde anterior e cujo movimento a intrigara sem que soubesse por quê. Tinham mais ou menos o tamanho de veados ou antílopes e cor de pêlo semelhante, mas o que a fez parar de supetão onde estava e esfregar os olhos foi a disposição de suas pernas. Cresciam em forma de losango: duas no centro, uma na frente e uma debaixo da cauda, de modo que os animais se locomoviam com um curioso movimento balouçante. Mary ficou ansiosa para examinar um esqueleto e ver como a estrutura funcionava. Por seu lado, os animais pastando a examinaram com olhares mansos e sem curiosidade, não demonstrando medo algum. Teria adorado chegar mais perto e dedicar algum tempo a observá-los, mas estava ficando quente e a sombra das grandes árvores parecia convidativa, e, afinal, haveria muito tempo.

Pouco depois ela estava saindo da relva e entrando num daqueles rios de pedra que tinha visto do morro: era mais uma coisa a

respeito da qual ficara curiosa.

Poderia ter sido, em tempos antigos, alguma espécie de derramamento de lava. A cor no fundo era escura, quase preta, mas a superfície era mais clara, como se tivesse sido triturada ou desgastada por esmaga-mento. Era lisa como uma estrada bem pavimentada no mundo de Mary e, certamente, era mais fácil caminhar por ali do que em meio à relva.

Ela seguiu pelo rio de rocha onde estava, que fluía numa curva larga em direção às árvores. Quanto mais perto chegava, mais estarrecida ficava com o tamanho enorme dos troncos, tão largos, estimava, quanto a casa onde ela morava e tão altos quanto - tão altos quanto... ela não conseguia nem fazer uma estimativa.

Quando chegou ao primeiro tronco, descansou as mãos na casca da árvore vermelho-dourada de sulcos profundos. O solo estava coberto até a altura de seus calcanhares com esqueletos de folhas marrons, do comprimento de seu pé, macias e aromáticas quando andava sobre elas. Logo se viu cercada por uma nuvem de diminutas coisas voadoras, bem como um pequeno bando dos minúsculos beija-flores, uma borboleta amarela com asas do tamanho de seu palmo e um número excessivo de coisas rastejantes para que pudesse se sentir à vontade. O ar estava cheio de zumbidos, trinados e rangidos.

Mary foi andando pelo solo do arvoredo com a sensação de estar numa catedral: havia a mesma quietude, a mesma sensação de altura das estruturas, o mesmo sentimento de respeito e encantamento em seu íntimo. Havia levado mais tempo do que imaginara para chegar ali. Era quase meio-dia, pois os raios de luz atravessando a copa das árvores estavam quase vinham para a sombra das árvores durante aquela parte mais quente do dia. Logo ela descobriu.

Sentindo calor demais para continuar andando, deitou-se para descansar entre as raízes de uma das árvores gigantes, com a cabeça apoiada na mochila, e cochilou.

Estava com os olhos fechados há uns 15 minutos ou coisa assim, e não estava exatamente dormindo quando, de repente, de muito perto, veio um estrondo ressonante de um impacto que fez o solo tremer.

E então veio outro. Assustada, Mary sentou, tratou de ficar alerta, e viu um movimento que se definiu num objeto redondo, com cerca de 90

centímetros, rolando no solo, parando e tombando de lado.

E então um outro caiu, mais longe, ela viu a coisa maciça despencar e a observou se chocar contra a raiz, semelhante a um botaréu, do tronco mais próximo e sair rolando.

A idéia de uma daquelas coisas caindo em cima dela foi o bastante para fazê-la agarrar a mochila e sair correndo de debaixo das árvores. O que seria aquilo? Nozes?

Olhando cuidadosamente para cima, ela se aventurou mais uma vez sob a copa das árvores para examinar de perto um daqueles objetos. Ela o virou e ergueu, rolou-o para fora do grupo de árvores e então o ajeitou na relva para examiná-lo melhor.

Era perfeitamente circular e largo como a palma de sua mão. Tinha uma depressão no centro, onde estivera preso à árvore. Não era pesado, mas era incrivelmente duro e coberto por pêlos fibrosos que se estendiam ao longo do arco da circunferência de tal modo que ela podia correr a mão em torno do objeto acompanhando o sentido deles com facilidade, mas não no sentido oposto. Tentou enfiar a faca na superfície, mas não obteve nenhum resultado. Seus dedos pareciam mais lisos. Ela os cheirou: havia uma leve fragrância neles, sob o cheiro de poeira. Examinou a fruta esférica de novo. No centro havia um ligeiro brilho e quando ela o tocou novamente, sentiu-o deslizar com facilidade sob seus dedos. Estava exalando uma espécie de óleo. Mary colocou a coisa no chão e refletiu sobre as maneiras como aquele mundo havia evoluído.

Se seus cálculos a respeito daqueles universos estivessem certos e eles fossem os múltiplos mundos previstos pela teoria quântica, então alguns deles teriam se separado do seu muito antes que outros. E, claramente, naquele mundo a evolução havia favorecido árvores enormes e grandes animais com esqueleto em forma de losango.

Estava começando a ver como seus horizontes científicos eram estreitos. Nada de botânica, nada de geologia, nenhum conhecimento de qualquer espécie sobre biologia - era ignorante como um bebê.

E então ouviu um rugido baixo, semelhante a um trovão, que foi difícil de localizar até que viu uma nuvem de poeira se movendo ao longo de uma das estradas - vindo em direção ao grupo de árvores, em direção a ela. Estava a cerca de um quilômetro e meio, mas não estava se movendo devagar e, de repente, Mary sentiu medo.

Voltou correndo para dentro do arvoredo. Encontrou um espaço estreito entre duas enormes raízes e se enfiou nele, espiando sobre o grande arcobotante a seu lado na direção de onde a nuvem de poeira se aproximava. O que ela viu fez sua cabeça girar e ficar tonta. De início, parecia uma gangue de motociclistas. Depois ela pensou que fosse um rebanho de animais providos de rodas. Mas isso era impossível. Nenhum animal podia ter rodas. Não estava vendo aquilo. Mas estava.

Havia cerca de uma dúzia deles. Tinham mais ou menos o mesmo tamanho dos animais que pastavam, mas eram mais esguios e de cor cinza, com chifres na cabeça e trombas curtas como as de elefantes. Tinham a mesma estrutura em formato de losango que os outros, mas de alguma forma haviam evoluído, nas patas isoladas da frente e de trás, tinham uma roda. Mas rodas não existiam na natureza, insistiu sua mente, não podiam, era preciso que houvesse um eixo, com uma superfície de sustentação, que era completamente separado da parte que rodava, não podia acontecer, era impossível. Então, quando eles pararam, a menos de 50 metros

de distância, e a poeira assentou, ela de repente fez a ligação, e não pôde deixar de rir alto, com uma tossidela de puro deleite.

As rodas eram nozes. Perfeitamente circulares, incrivelmente duras e leves - não poderiam ter sido melhor projetadas. As criaturas enganchavam uma garra no centro das nozes com as pernas da frente e de trás e usavam as duas pernas laterais para dar impulso contra o solo e se mover. Enquanto ela se maravilhava com aquilo, também sentiu uma certa ansiedade, pois os chifres pareciam formidavelmente afiados e, mesmo àquela distância, podia perceber inteligência e curiosidade no olhar daqueles seres. E estavam procurando por ela.

Um deles tinha avistado a noz que ela havia tirado da árvore e rodou para fora da estrada em direção a ela. Quando a alcançou, ele a carregou até uma pequena elevação com a tromba e a fez rolar na direção de seus companheiros.

Eles se reuniram em volta da noz e a tocaram delicadamente com aquelas trombas fortes, flexíveis, e Mary viu-se interpretando os gorjeios, estalidos e apupos que estavam emitindo como expressões de desaprovação. Alguém havia mexido naquilo: estava errado.

Então ela pensou: eu vim aqui com um propósito, embora ainda não o compreenda. Mary, seja ousada. Tome a iniciativa.

De modo que se levantou e gritou, muito constrangida:

- Aqui. Eu estou aqui. Eu dei uma olhada na noz. Sinto muito. Por favor, não me machuquem.

Imediatamente a cabeça deles virou rápido para olhar para ela, as trombas estendidas, os olhos brilhantes voltados para frente. As orelhas deles tinham se empinado.

Ela saiu do abrigo entre as raízes e os encarou francamente, estendeu as mãos, percebendo que aquele gesto poderia não

significar nada para seres que não possuíam mãos. Contudo, era o que podia fazer. Pegando a mochila, foi andando pela relva e entrou na estrada.

De perto - a menos de cinco passos de distância - podia ver muito mais da aparência deles, mas sua atenção foi capturada por alguma coisa viva e consciente nos seus olhares, por uma inteligência.

Aqueles seres eram quase tão diferences dos animais pastando quanto um ser humano de uma vaca.

Mary apontou para si mesma e disse:

- Mary.

A criatura mais próxima estendeu sua tromba para ela. Mary chegou mais perto e a tromba tocou seu peito, onde ela havia apontado, e ela ouviu uma voz vindo em sua direção da garganta da criatura:

- Merry.

- O que é você? - perguntou, e: - Uquiévocê - respondeu a criatura. A única coisa a fazer era responder.

-Eu sou um ser humano - disse.

- Eusôum Sorumano - disse a criatura e então uma coisa ainda mais estranha aconteceu: os seres riram.

Seus olhos se franziram, as trombas balançaram, eles lançaram a cabeça para trás - e de suas gargantas veio o som inconfundível de riso. Ela não pôde se conter: riu também.

Então um outro ser se aproximou e tocou sua mão com a tromba. Mary ofereceu a outra mão a seu toque suave, hirsuto, inquisitivo.

- Ah - disse ela - você está sentindo o cheiro do óleo da noz.

- Nóss - disse o ser.

- Se vocês conseguem emitir os sons de minha língua, pode ser que um dia possamos nos comunicar. Deus sabe como. Mary - disse apontando para si mesma mais uma vez. Nada. Eles ficaram olhando. Ela repetiu o gesto. - Mary. O ser mais próximo tocou seu próprio peito e falou. Foram três sílabas ou duas? O ser falou de novo e dessa vez Mary fez um grande esforço para repetir os mesmos sons.

- Mulefa - ela disse hesitante.

Os outros repetiram "Mulefa" na voz dela, rindo, e pareciam até mesmo estar implicando com o ser que havia falado.

- Mulefa! - disseram novamente, como se fosse uma excelente piada.

- Bem, se podem rir, suponho que não vão me comer - disse Mary. E, a partir daquele momento, houve descontração e afabilidade entre eles, e ela não se sentia mais nervosa.

E o próprio grupo relaxou: eles tinham coisas a fazer, não estavam vagando ao acaso. Mary viu que um deles tinha uma sela ou um fardo nas costas e dois outros levantaram o fruto esférico até ali e o prenderam, amarrando-o com tiras, com movimentos hábeis e intricados das trombas. Quando ficavam parados, se equilibravam com as pernas laterais e quando se moviam, viravam tanto a perna da frente como a de trás para seguir numa direção. Os movimentos deles eram ao mesmo tempo muito graciosos e vigorosos.

Um deles rodou até a beira da estrada e levantou a tromba para emitir um bramido de chamado. O rebanho inteiro que pastava levantou a cabeça simultaneamente e começou a trotar na direção deles. Quando chegaram, os animais pararam pacientemente nas proximidades e permitiram que as criaturas se movimentassem lentamente entre eles, examinando-os, tocandoos e contando. Então Mary viu um estender a tromba abaixo de um deles e ordenhá-lo, então a criatura veio até junto dela e levantou a tromba delicadamente até a boca de Mary.

De início, ela recuou, mas havia uma expectativa nos olhos daquele ser, de modo que ela tornou a se adiantar e abriu a boca. O animal esguichou um pouco do leite doce e fino dentro de sua boca, observou-a engolir e deu um pouco mais a ela, repetindo a operação várias vezes. O gesto era tão inteligente e gentil que Mary impulsivamente atirou os braços em volta da cabeça do animal e o beijou, cheirando o calor empoeirado do pêlo e sentindo os ossos duros por baixo e a força musculosa da tromba.

Pouco depois, o líder barriu suavemente e os animais do pasto se afastaram. Os mulefas estavam se preparando para ir embora. Ela sentia alegria pelo fato de terem-na recebido bem e tristeza por estarem partindo, mas então também sentiu surpresa.

Um dos animais estava se abaixando, se ajoelhando na estrada e acenando com a tromba, e os outros também acenavam para ela, convidandoa... Não havia dúvida quanto a isso: estavam se oferecendo para carregá-la, para levá-la com eles.

Um outro pegou sua mochila e a prendeu na sela de um terceiro e, desajeitadamente, Mary montou no dorso do que estava ajoelhado, perguntando a si mesma onde poria as pernas - na parte da frente ou na parte de trás da criatura? E em que poderia se segurar?

Mas, antes que pudesse descobrir, a criatura havia se levantado e o grupo começou a se deslocar pela estrada, com Mary cavalgando entre eles.

...porque ele é Will

VODCA

Estrangeiro e peregrino sou entre vós.

Exôdo

Balthamos sentiu a morte de Baruch no momento em que aconteceu. Ele gritou e saiu voando muito alto no ar sobre a tundra,

batendo as asas e soluçando de angústia em meio às nuvens, demorou algum tempo antes que conseguisse se recompor e voltar para junto de Will, que estava totalmente acordado, de faca na mão, vasculhando a escuridão úmida e fria.

- O que está havendo? - perguntou Will, quando o anjo apareceu tremendo a seu lado. - É algum perigo? Fique atrás de mim

- Baruch está morto - exclamou Balthamos, chorando - meu querido Baruch está morto.

- Quando? Onde?

Mas Balthamos não sabia dizer, ele sabia apenas que metade de seu coração havia deixado de existir. Não conseguia ficar quieto, tornou a voar bem alto, vagando pelo céu como se procurando Baruch nesta ou naquela nuvem, gritando, chorando, chamando, e então sentia-se dominado pela culpa, descia voando para insistir com Will para que se escondesse e se mantivesse calado, prometendo guardá-lo e protegê-lo incansavelmente, e então a pressão de sua perda e dor o derrubava no chão e ele se lembrava de todas as provas de gentileza e de coragem que Baruch tinha dado, e havia milhares, e não tinha se esquecido de nenhuma delas, então exclamava que um ser de tão graciosa natureza jamais poderia simplesmente se apagar, e alçava vôo, subindo às alturas dos céus, procurando em todas as direções, destemida e furiosamente, consternado, amaldiçoando o próprio ar, as nuvens e as estrelas. Finalmente Will disse:

- Balthamos, venha cá.

Desamparado, o anjo imediatamente atendeu ao seu chamado. Na escuridão gelada da tundra, o garoto que tiritava de frio sob seu manto disse:

- Agora, você tem que tentar se acalmar e ficar calado. Você sabe que há coisas por aí que atacarão se ouvirem algum ruído. Posso proteger você

com a faca, se estiver perto de mim, mas se o atacarem lá no alto, não vou poder ajudá-lo. E se você morrer também, vai ser o fim para mim. Balthamos, eu preciso de você para me ajudar e me guiar até onde está Lyra. Por favor, não se esqueça disso. Baruch era forte. Seja forte também. Seja como ele, por mim.

De início, Balthamos não falou, mas depois disse:

- Sim, é claro que devo fazer isso. Pode dormir agora, Will, eu estarei aqui montando guarda, não desapontarei você.

Will confiou nele, tinha que confiar. E pouco depois adormeceu de novo. Quando acordou, encharcado pelo orvalho e gelado até os ossos, o anjo estava de pé junto dele. O sol estava raiando, e os juncos e as plantas do pântano estavam salpicados de dourado.

Antes que Will pudesse se mexer, Balthamos disse:

- Decidi o que devo fazer. Ficarei com você noite e dia e o farei com alegria e de boa vontade, em homenagem a Baruch. Conduzirei você até Lyra, se puder, e depois conduzirei vocês dois até Lorde Asriel. Eu vivi milhares de anos e, a menos que eu seja morto, viverei mais muitos outros milhares de anos, mas jamais conheci um ser de natureza que me inspirasse a fazer o bem com tanto ardor, ou a ser gentil, como Baruch me inspirava. Fracassei tantas vezes, mas a cada vez a bondade dele estava lá para me redimir. Agora não está mais, terei que tentar sozinho. Talvez eu fracasse de vez em quando, mas mesmo assim continuarei tentando.

- Baruch ficaria orgulhoso de você - disse Will tremendo.

- Agora quer que eu faça um vôo de reconhecimento e veja onde estamos?

- Quero - disse Will - voe bem alto e me diga como é o terreno mais adiante. Andar por essas terras pantanosas vai ser muito demorado. Balthamos levantou vôo. Não tinha contado a Will todas as coisas que o estavam preocupando, porque estava dando o melhor de si

tentando não preocupá-lo, mas sabia que o anjo Metatron, o Regente, de quem tinham escapado por tão pouco, teria o rosto de Will firmemente gravado em sua mente. E não somente seu rosto, mas tudo a respeito dele que os anjos podiam ver, inclusive partes de que o próprio Will não tinha consciência, como aquele aspecto de sua personalidade que Lyra teria chamado de seu *daemon*. Will agora corria grande perigo por causa de Metatron e, em algum momento, Balthamos teria que lhe contar, mas ainda não. Era difícil demais. Will, concluindo que seria mais rápido se aquecer se começasse a caminhar em vez de juntar combustível e esperar que uma fogueira se acendesse, simplesmente colocou a mochila nos ombros, colocou o manto por cima cobrindo tudo e deu início à marcha em direção ao sul. Havia uma trilha, lamacenta, cheia de sulcos e esburacada, de maneira que as pessoas às vezes passavam por ali, mas o horizonte achatado estava tão distante em todas as direções que ele não tinha noção de estar avançando. Algum tempo depois, quando a luz estava mais clara, a voz de Balthamos falou a seu lado.

- A cerca de um dia de caminhada, fica um rio largo e uma cidade onde existe um cais para os barcos atracarem. Voei alto o suficiente para ver que o rio se estende a uma longa distância diretamente para o sul e para o norte. Se você conseguisse transporte num barco, poderia avançar muito mais depressa.

- Ótimo - disse Will, com muito entusiasmo. - E esta trilha vai para a cidade?

- Ela passa por uma aldeia, com uma igreja, fazendas e pomares, depois segue para a cidade.

- Gostaria de saber que língua eles falam. Espero que não me prendam se eu não souber falar a língua deles.

- Na qualidade de seu *daemon* -retrucou Balthamos - eu traduzirei para você. Aprendi a falar muitas línguas humanas, certamente compreendo a que eles falam nesse lugar.

Will seguiu caminhando. Era uma tarefa maçante, cansativa e mecânica, mas pelo menos estava em movimento e pelo menos cada passo o levava para mais perto de Lyra.

A aldeia era um lugar feio e maltratado: um pequeno grupo de construções de madeira, com padoques contendo renas e cachorros que latiram, à medida que eles se aproximavam. A fumaça saía lentamente das chaminés de latão e ficava pairando baixa sobre os telhados de seixos. O

terreno era pesado e se prendia a seus pés, era evidente que há muito pouco tempo houvera uma enchente: as paredes estavam marcadas pela lama até a metade da altura das portas, vigas partidas de madeira e chapas soltas de ferro corrugado mostravam onde cabanas, varandas e construções anexas haviam sido levadas pelas águas.

Mas aquela não era a característica mais curiosa do lugar. Inicialmente, Will pensou que estivesse perdendo o equilíbrio, aquilo chegou até a fazê-lo tropeçar uma ou duas vezes: os prédios ficavam dois ou três graus fora da vertical, todos inclinados no mesmo sentido. A cúpula da igrejinha estava seriamente tachada. Será que tinha havido um terremoto?

Os cachorros estavam latindo com uma fúria histérica, mas sem ousar chegar perto. Balthamos, sendo um *daemon*, havia assumido a forma de um grande cachorro, branco como a neve, de olhos negros, pelagem espessa e uma cauda enroscada, e rosnava com tamanha ferocidade que os cachorros de verdade se mantinham à distância. Eram magros e sarnentos, e as poucas renas que conseguiu ver tinham o pêlo cheio de crostas e pareciam apáticas. Will fez uma parada no centro da aldeia e olhou em volta, se perguntando para onde deveria ir e, enquanto estava parado ali, dois ou três homens apareceram mais adiante e ficaram parados olhando fixo para ele. Eram as primeiras pessoas que via no mundo de Lyra. Usavam casacos de feltro grosso, botas enlameadas, chapéus de pele e não pareciam nada amistosos. O cachorro branco mudou de forma, transformando-se numa andorinha, e voou

até o ombro de Will. Ninguém nem sequer piscou diante disso: cada um dos homens tinha um *daemon*, reparou Will, cachorros em sua maioria, e era assim que as coisas aconteciam naquele mundo. Em seu ombro, Balthamos sussurrou:

- Continue andando. Não olhe nos olhos deles. Mantenha a cabeça baixa. Isso é considerado uma atitude respeitosa.

Will continuou andando. Ele sabia como passar despercebido, este era seu maior talento. Quando afinal chegou onde eles estavam, os homens já

tinham perdido o interesse nele. Mas então uma porta se abriu na maior casa da rua e uma voz gritou alguma coisa bem alto.

Balthamos disse baixinho:

- O padre. Vai ter de ser bem educado com ele. Vire-se e faça uma mesura.

Will obedeceu. O padre era um homem imenso, de barba grisalha, vestindo uma batina preta com um *daemon* corvo pousado no ombro. Seus olhos inquietos percorreram o rosto e o corpo de Will, reparando em tudo. Fez sinal para que se aproximasse.

Will foi até a porta e fez outra mesura. O padre disse alguma coisa e Balthamos sussurrou:

- Ele está perguntando de onde você vem. Diga o que quiser.

- Eu falo inglês - disse Will, falando bem devagar e claramente. - Não sei falar nenhuma outra língua.

- Ah, inglês! - exclamou o padre alegremente na mesma língua. - Meu caro rapaz! Seja bem-vindo à nossa aldeia, nossa pequenina e não-maisperpendicular Kholodnoye! Como se chama e para onde está indo?

- Meu nome é Will e estou indo para o sul. Eu me perdi de minha família e estou tentando encontrá-los.

- Então precisa entrar e tomar alguma coisa - disse o padre e passou um braço pesado em volta dos ombros de Will, empurrando-o pela porta. O *daemon* corvo do homem estava demonstrando um vivido interesse por Balthamos, Mas o anjo reagiu à altura da situação: transformou-se num camundongo e enfiou-se na camisa de Will, como se fosse tímido. O padre o levou até uma sala de visitas com a atmosfera pesada, impregnada de fumaça de tabaco, onde um samovar de ferro batido fumegava vapor silenciosamente sobre um console.

- Como era mesmo seu nome? - perguntou o padre. - Diga-me de novo.

- Will Parry. Mas não sei como devo chamar o senhor.

- Otyets Semyon - respondeu o padre, alisando o braço de Will enquanto o conduzia a uma cadeira. - Otyets significa Pai. Sou padre da Santa Igreja. Meu nome de batismo é Semyon, e o nome de meu pai era Boris, de modo que sou Semyon Borisovitch. Qual é o nome de seu pai?

- John Parry.

- John é Ivan. De modo que você é Will Ivanovitch, e eu sou o Padre Semyon Borisovitch. De onde você vem, Will Ivanovitch, e para onde está

indo?

- Estou perdido - respondeu Will. - Estava viajando com minha família para o sul. Meu pai é soldado, mas estava fazendo uma exploração no Ártico, então alguma coisa aconteceu e nos perdemos. De modo que estou viajando para o sul porque era para onde ele iria seguir.

O padre abriu as mãos espalmadas e disse:

- Um soldado? Um explorador da Inglaterra? Há séculos que ninguém tão interessante assim passa pelas estradas sujas de Kholodnoye, mas nesses tempos de grandes mudanças, como podemos saber se ele não vai aparecer amanhã? Mesmo você é um visitante bem-vindo, Will Ivanovitch. Deve passar a noite em minha casa e conversaremos e comeremos juntos. Lydia Alexandrovna! - chamou.

Uma mulher idosa entrou silenciosamente. Ele falou com ela em russo e a mulher assentiu, pegou um copo e o serviu de chá quente do samovar. Ela trouxe o copo de chá para Will com um pires com geléia e uma colher de prata.

- Obrigado - disse Will.

- A conserva é para adoçar o chá - explicou o padre. - Lydia Alexandrovna a preparou com mirtilos.

O resultado era que o chá ficava enjoativo e ao mesmo tempo amargo, mas Will bebeu assim mesmo. O padre ficava se inclinando para frente, para olhar mais de peno para ele, e pegou suas mãos para ver se estava com frio, então alisou seu joelho. Para distraí-lo, Will perguntou por que os prédios da aldeia estavam inclinados.

- Houve uma convulsão na terra - disse o padre. - Está tudo previsto no Apocalipse de São João. Rios fluem para trás... o grande rio, que fica a pouca distância daqui, costumava correr para o norte, desembocando no Oceano Ártico. Vinha de muito longe, lá das montanhas da Ásia Central, e corria para o norte durante milhares de anos, desde que a Autoridade de Deus, o Pai TodoPoderoso, criou a Terra. Mas quando a terra tremeu e vieram a neblina e as enchentes, tudo mudou e então o grande rio passou a correr para o sul durante uma semana ou mais antes de mudar de curso de novo e tornar a correr para o norte. O mundo está de cabeça para baixo. Onde você estava quando houve a grande convulsão?

- Estava muito longe daqui - respondeu Will. - Não sabia o que estava acontecendo. Quando a neblina clareou, tinha-me perdido de minha família, e agora não sei onde estou. O senhor me disse o nome deste lugar, mas onde fica? Onde estamos?

- Traga-me aquele grande livro na prateleira de baixo - disse Semyon Borisovitch. - Vou lhe mostrar.

O padre aproximou a cadeira da mesa e lambeu os dedos antes de virar as páginas do grande Atlas.

- Aqui - disse ele, apontando com uma unha suja para um ponto na Sibéria Central, a uma grande distância ao leste dos Urais. O rio que corria próximo remava conforme o padre havia dito, da região norte das montanhas no Tibet por uma enorme distância até chegar ao Ártico. Will examinou muito atentamente as montanhas do Himalaia, mas não viu nada que se assemelhasse ao mapa que Baruch havia desenhado.

Semyon Borisovitch falava sem parar, insistindo com Will para que desse detalhes de sua vida, de sua família, de sua casa, e Will, um experiente dissimulador, respondeu com bastantes detalhes. Depois de algum tempo, a governanta trouxe uma sopa de beterraba e pão preto e, depois que o padre disse uma longa prece de graças, eles comeram.

- Bem, como devemos passar nosso dia, Will Ivanovitch? - perguntou Semyon Borisovitch. - Vamos jogar cartas ou você prefere conversar?

Ele serviu mais um copo de chá do samovar e Will aceitou sem muita vontade.

- Eu não sei jogar cartas - respondeu - e estou ansioso para seguir adiante e continuar viajando. Se eu fosse para o rio, por exemplo, acha que poderia conseguir uma passagem num vapor seguindo para o sul?

O rosto do padre ficou sombrio e ele se persignou com um gesto delicado do punho.

- Há tumultos na cidade - explicou. - Lydia Alexandrovna tem uma irmã

que veio aqui e contou que há um navio transportando ursos rio acima. Ursos de armadura. Eles vêm do Ártico. Você não viu os ursos de armadura quando esteve no norte?

O padre estava desconfiado e Balthamos sussurrou bem baixinho de maneira que só Will pudesse ouvir:

- Tenha cuidado. - E Will soube imediatamente por que Balthamos tinha dito aquilo: seu coração havia começado a bater disparado quando Semyon Borisovitch mencionara os ursos, por causa do que Lyra tinha contado a respeito deles. Precisava tentar conter seus sentimentos.

- Estávamos muito longe de Svalbard e os ursos estavam ocupados com seus próprios negócios - disse Will.

- Sim, foi o que ouvi dizer - concordou o padre, para alívio de Will. - Mas agora eles estão deixando sua terra natal e vindo para o sul. Eles têm um barco e o povo da cidade não os deixa reabastecer. Têm medo dos ursos. E

devem ter mesmo, são filhos do diabo. Todas as coisas do norte são demoníacas. Como as bruxas, filhas do mal! A igreja deveria ter matado todas elas há muitos anos. Bruxas... trate de nunca se meter com elas, Will Ivanovitch, está me ouvindo? Sabe o que elas fazem quando você chega à

idade certa? Tentam seduzir você. Lançarão mão de todas as artimanhas atraentes e enganadoras de que dispõem, seu corpo, a pele sedosa, a voz doce que possuem, e tomarão seu sêmen, você sabe de que estou falando, elas esgotam você e o deixam oco,

vazio! Tomam de você seu futuro, seus filhos que estão por nascer e não deixam nada. Elas deveriam ser eliminadas, todas elas.

O padre estendeu a mão para uma prateleira ao lado de sua cadeira e pegou uma garrafa e dois copinhos.

- Agora vou lhe oferecer uma bebidlnha, Will Ivanovitch - disse ele. - Você

é jovem, de modo que não deve tomar muitos copos. Mas está crescendo, de maneira que precisa conhecer algumas coisas, como o gosto de vodca. Lydia Alexandrovna colheu os bagos no ano passado e eu destilei o álcool, e aqui na garrafa está o resultado, o único lugar onde Otyets Semyon Borisovitch e Lydia Alexandrovna se deitam juntos!

Ele deu uma gargalhada e tirou a rolha da garrafa, enchendo cada copo até a borda. Aquele tipo de conversa deixava Will terrivelmente constrangido. O

que deveria fazer? Como poderia se recusar a beber sem ser descortês?

- Otyets Semyon - disse, se levantando - foi muito gentil e gostaria de poder ficar mais tempo para provar sua bebida e ouvi-lo falar, porque as coisas que me disse foram muito interessantes. Mas compreende que estou infeliz por causa de minha família e muito ansioso para tornar a encontrá-los, de modo que acho que devo ir andando, por mais que me agradasse ficar. O padre juntou os lábios, fazendo um bico que se projetava para fora da massa de sua barba, e franziu o cenho, mas depois deu de ombros e disse:

- Bem, então vá, se realmente tem que ir. Mas, antes de partir, deve beber sua vodca. Levante-se comigo agora! Pegue o copo e vire, tudo de uma só vez, assim!

E ele virou o copo, engolindo tudo de uma só vez, então levantou seu corpo maciço e chegou bem junto de Will. Em seus dedos

gordos e sujos o copo que ele ofereceu parecia minúsculo, mas estava cheio até a borda com a bebida transparente e Will podia sentir o cheiro forte da bebida, do suor azedo e das manchas de comida na batina do homem, e sentiu-se enjoado antes mesmo de ter começado.

- Beba, Will Ivanovitch! - exclamou o padre, com uma animação ameaçadora.

Will levantou o copo e sem hesitar engoliu o líquido oleoso que queimava de um gole só. Agora teria que se esforçar seriamente para não vomitar. Mas havia mais uma provação a caminho. Semyon Borisovitch se inclinou para a frente do alto de seu corpanzil e agarrou Will pelos ombros.

- Meu garoto - disse, e então fechou os olhos e começou a entoar uma prece ou um salmo. Vapores de tabaco, de álcool e de suor emanavam com intensidade de seu corpo e ele estava perto o bastante para que a barba espessa, sacudindo para cima e para baixo, roçasse no rosto de Will. Will prendeu a respiração.

As mãos do padre passaram para trás dos ombros de Will e então Semyon Borisovitch o estava abraçando apertado e beijando-lhe as faces, direita, esquerda, direita de novo. Will sentiu Balthamos enterrar as garras pequeninas em seu ombro, e se manteve imóvel. Sua cabeça estava girando, seu estômago se contraindo aos saltos, mas ele não se moveu. Finalmente acabou e o padre deu um passo para trás e o empurrou para longe de si.

- Então vá - disse ele - vá para o sul, Will Ivanovítch. Vá. Will pegou seu manto e a mochila e tentou andar em linha reta enquanto saía da casa do padre e seguia pela estrada que levava para fora da aldeia. Caminhou durante duas horas, sentindo a náusea ir cedendo gradualmente e uma dor de cabeça latejante tomar seu lugar. Balthamos o fez parar a certo ponto e colocou as mãos frias no pescoço e na testa de Will, e a dor diminuiu um pouco, mas Will fez uma promessa a si mesmo de que nunca mais tornaria a beber vodca.

E, bem no final da tarde, o caminho se alargou e saiu dos juncos, e Will viu a cidade mais adiante à sua frente e, depois dela, uma vasta extensão de água, tão larga que poderia ter sido um mar.

Mesmo ainda de longe, Will podia ver que havia confusão por lá. Nuvens de fumaça explodiam de um ponto além dos telhados, seguidas poucos segundos depois pelo troar de uma arma.

- Balthamos - disse Will - vai ter que ser *daemon* de novo. Fique bem perto de mim e esteja atento ao perigo.

Entrou nos arredores da cidadezinha mal-ajambrada, onde os prédios se inclinavam de maneira ainda mais perigosa que na aldeia e onde . enchente tinha deixado suas manchas de lama nas paredes muito acima da cabeça de Will. Os arredores da cidade estavam desertos, mas à medida que foi se dirigindo para o rio, o barulho de gente berrando, de gritos e o crepitar do fogo de carabinas foi se tornando mais alto.

E ali, finalmente, havia pessoas: algumas observando de janelas do andar mais alto, algumas esticando o pescoço, ansiosamente, em cantos de prédios, para espiar mais adiante a zona do porto, onde os dedos de metal de guindastes e de gruas e os mastros de grandes embarcações se elevavam acima dos telhados.

Uma explosão sacudiu as paredes e o vidro de uma janela próxima caiu. As pessoas recuaram e depois tornaram a espiar, e mais gritos se elevaram no ar cheio de fumaça.

Will chegou à esquina da rua e olhou para a área do porto. Quando a fumaça e a poeira baixaram um pouco, ele viu uma embarcação enferrujada ao largo da margem, mantendo-se no mesmo lugar, a despeito da correnteza do rio e, no cais, um bando de gente armada com carabinas ou pistolas rodeava um canhão, que, enquanto ele olhava, disparou de novo. Um clarão de fogo, um tranco de recuo e perto da embarcação uma grande explosão levantando jatos de água para todos os lados.

Will protegeu os olhos do sol. Havia vultos no barco, mas ele esfregou os olhos, muito embora soubesse o que deveria esperar ver: não eram seres humanos. Eram enormes seres de metal ou animais, usando pesadas armaduras e, na coberta de proa da embarcação, de repente, uma flor de chamas se abriu, ardendo, e as pessoas gritaram assustadas. A chama voou rapidamente pelo ar, subindo cada vez mais alto e chegando mais perto, soltando fagulhas e fumaça, e então caiu com um grande estrondo de fogo perto do canhão. Os homens gritaram e se dispersaram, alguns correram envoltos em chamas para a beira d'água e mergulharam, logo sendo carregados para longe pela correnteza.

Will encontrou um homem nas proximidades que parecia um professor.

- O senhor fala inglês?

- Sim, falo.

- O que está acontecendo?

- Os ursos, eles estão atacando, e tentamos lutar contra eles, mas é difícil, temos apenas um canhão e...

O lança-chamas na embarcação lançou uma pelota de piche em chamas e, dessa vez, caiu ainda mais perto do canhão. Três grandes explosões que se seguiram, quase que imediatamente depois, mostraram que havia acertado a munição e os atiradores saltaram para longe, deixando o cano do canhão balançando, virado para baixo.

- Ah - lamentou o homem - não adianta, eles não sabem atirar. O comandante do navio virou a proa e começou a trazê-lo para a margem. Muita gente gritou de medo e desespero, especialmente quando mais um grande bulbo de chamas surgiu com uma explosão na proa e alguns dos que estavam armados de carabinas dispararam um ou dois tiros e fizeram meiavolta para fugir, mas dessa vez os ursos não lançaram a bola de fogo e logo a

embarcação estava aproximando o costado do cais, o motor girando com esforço para mantê-la contra a corrente.

Dois marinheiros (humanos, não ursos) saltaram para passar cabos nos postes de amarração e uma grande vaia acompanhada de gritos de raiva subiu, de onde estavam os moradores da cidade, contra aqueles humanos traidores. Os marinheiros não deram atenção, rapidamente trataram de baixar uma prancha de desembarque.

Então, quando eles se viraram para voltar para bordo, um tiro foi disparado de algum lugar perto de Will e um dos marinheiros caiu. Seu *daemon*

- uma gaivota - desapareceu como se sua existência tivesse sido apagada, como a chama de uma vela.

A reação dos ursos foi de pura fúria. Imediatamente o lança-chamas tornou a ser aceso e virado para apontar para a margem e a massa de chamas voou para o alto e depois caiu em cascata numa centena de gotas incendiárias sobre os telhados. E, no alto da prancha de desembarque, surgiu um urso maior do que todos os outros, uma aparição poderosa, todo vestido em ferro, e as balas que choveram em cima dele zuniam, ricocheteavam, ou acertavam com um impacto inútil, sem conseguir fazer a menor mossa na armadura maciça. Will perguntou ao homem a seu lado:

- Por que eles estão atacando a cidade?

- Eles querem combustível. Mas nós não negociamos com ursos. Agora que eles estão abandonando seu reino e navegando rio acima, quem sabe o que farão? De modo que devemos lutar contra eles. Piratas, ladrões. O grande urso tinha descido a prancha de desembarque e, num grupo compacto, atrás dele, vinham vários outros, tão pesados que o navio se inclinou e Will viu que os homens no cais tinham voltado para junto do canhão e estavam carregando um projétil na culatra.

Uma idéia surgiu e ele correu para o cais, parando exatamente no espaço vazio entre os atiradores e o urso.

- Parem! - gritou Will. - Parem de lutar. Deixem-me falar com o urso!

Houve um silêncio repentino e todo mundo ficou imóvel, espantado com aquele comportamento insano. O próprio urso, que estivera reunindo suas forças para atacar os atiradores, parou onde estava, mas cada linha de seu corpo tremia de ferocidade. As grandes garras se cravaram no solo e os olhos negros faiscavam de raiva sob o elmo de ferro.

- Quem é você? O que você quer? - ele rugiu em inglês, uma vez que Will tinha falado nessa língua.

As pessoas assistindo olharam umas para as outras, confusas, e aqueles que compreendiam traduziram para os outros.

- Lutarei com você em duelo - gritou Will - e se você recuar, então o combate tem que acabar.

O urso não se moveu. Quanto ao povo que assistia, tão logo as pessoas compreenderam o que Will estava dizendo, gritaram, vaiaram e fizeram troça, com gargalhadas zombeteiras. Mas não por muito tempo, pois Will se virou para encarar a multidão e ficou bem ereto, o olhar gelado, contido e perfeitamente imóvel, até que as gargalhadas se calaram. Podia sentir o melro Balthamos tremendo em seu ombro.

Quando as pessoas ficaram em silêncio, ele gritou:

- Se eu fizer o urso recuar, vocês terão que concordar em vender combustível para eles. Então eles seguirão seu caminho pelo rio e deixarão vocês em paz. Vocês têm que aceitar esse acordo. Se não concordarem, eles destruirão todos vocês.

Ele sabia que o urso imenso estava a apenas alguns centímetros às suas costas, mas não se virou, observou o povo da cidade

confabulando, gesticulando, discutindo, e depois de um minuto uma voz gritou:

- Garoto! Faça o urso aceitar o acordo!

Will fez meia-volta. Engoliu em seco e respirou fundo, então gritou:

- Urso! Você também tem de concordar. Se recuar diante de mim, o combate tem que cessar e você poderá comprar combustível e seguir em paz pelo rio.

- Impossível - rugiu o urso. - Seria vergonhoso lutar com você. É fraco como uma ostra fora de sua concha. Não posso lutar com você.

- Eu concordo - retrucou Will, e cada minúsculo fiapo de sua atenção agora estava concentrado naquele grandioso ser feroz que tinha diante de si. Não é absolutamente uma luta justa. Você tem toda essa armadura e eu não tenho nenhuma. Você poderia arrancar fora minha cabeça com uma boa patada. Então, vamos torná-la mais justa. Dê-me uma peça de sua armadura, qualquer uma que lhe agradar. Seu elmo, por exemplo. Então estaremos mais equilibrados e não será vergonhoso lutar contra mim.

Com um rosnado que manifestava ódio, raiva, desprezo, o urso levantou uma das grandes garras e soltou a corrente que mantinha seu elmo preso. E então um profundo silêncio caiu sobre toda a área do cais. Ninguém falava - ninguém se mexia. Eles sabiam que estava acontecendo alguma coisa, alguma coisa como nunca haviam visto antes, e não sabiam dizer o que era. O

único som agora era o bater das águas do rio contra os pilares de madeira, o zumbido do motor do navio e os gritos inquietos das gaivotas acima, então ouviu-se a grande pancada metálica quando o urso atirou seu elmo aos pés de Will.

Will colocou a mochila no chão e ergueu o elmo, pondo-o de pé. Mal conseguia levantá-lo. Consistia em uma única chapa de ferro,

escuro e cheio de mossas, com os buracos para os olhos na parte de cima e uma corrente maciça embaixo. A corrente era tão longa quanto o antebraço de Will e grossa como seu polegar.

- Então esta é sua armadura - disse ele. - Bem, não me parece muito forte. Não sei se posso confiar nela. Deixe-me ver.

E tirou a faca da mochila, encostou a ponta contra a parte da frente do elmo e cortou um canto, como se estivesse cortando manteiga.

- Foi o que pensei - comentou, e cortou mais um pedaço, de pois outro e mais outro, reduzindo o objeto maciço a uma pilha de fragmentos em menos de um minuto. Ele se levantou e estendeu a mão com um punhado de pedaços.

- Isso era sua armadura - disse ele, e deixou que os pedaços caíssem com estrépito sobre o resto a seus pés - e esta é minha faca. E,uma vez que seu elmo não me serviu, terei que lutar sem ele. Está pronto, urso? Creio que estamos bem equilibrados. Afinal, eu poderia cortar fora sua cabeça com um golpe de minha faca.

Silêncio total e absoluto. Os olhos negros do urso reluziam como piche e Will sentiu uma gota de suor descer por sua espinha. Então a cabeça do urso se moveu. Ele a sacudiu e deu um passo para trás.

- É uma arma forte demais - disse. - Não posso lutar contra isso. Garoto, você venceu.

Will sabia que um segundo depois as pessoas iriam gritar vivas, apupos e assobiar, de modo que antes mesmo que o urso tivesse terminado de dizer a palavra "venceu", Will tinha começado a se virar e a gritar, para mantê-las caladas.

- Agora vocês têm que cumprir o acordo. Cuidem dos feridos e comecem a consertar os prédios. Então deixem o barco atracar e reabastecer. Ele sabia que seria preciso um minuto para que aquilo fosse traduzido e deixou que a mensagem se espalhasse entre a

população da cidade que assistia, e também sabia que a pequena defasagem de tempo impediria que o alívio e a raiva explodissem, como uma sucessão de bancos de areia frustra e interrompe o fluxo de um rio. O urso observou e viu o que ele estava fazendo, e por que, e compreendeu ainda mais plenamente que o próprio Will o que o garoto havia conseguido.

Will guardou a faca de volta na mochila e ele e o urso trocaram um outro olhar, mas de um tipo diferente dessa vez. Eles se aproximaram e atrás deles os ursos começaram a desmantelar o lança-chamas, os outros dois navios manobraram aproximando-se do cais.

Em terra, algumas pessoas começaram a limpar os destroços, mas também se aproximaram, se acotovelando para ver Will, curiosas com relação àquele garoto e o poder que ele tinha de dominar o urso. Estava na hora de Will se tornar insignificante de novo, de modo que fez a mágica que desviava todos os tipos de curiosidade que aprendeu com sua mãe, e que os mantivera seguros durante anos. É claro que não era magia, mas apenas uma maneira de se comportar. Ele se obrigou a ficar calado e tornou seu olhar lânguido, estúpido e lento, e em menos de um minuto tornou-se menos interessante, menos atraente para a atenção humana. As pessoas simplesmente ficaram entediadas com aquele menino estúpido, o esqueceram e se afastaram. Mas, a atenção do urso não era humana e ele podia ver o que estava acontecendo, e sabia que era mais um outro poder extraordinário que Will dominava. Ele se aproximou e falou baixinho, naquela sua voz que parecia roncar profundamente como o motor do navio.

- Qual é o seu nome? - perguntou.

- Will Parry. Você pode fazer um outro elmo?

- Posso. O que você quer?

- Vocês estão seguindo rio acima. Quero ir com vocês. Estou indo para as montanhas e esta é a maneira mais rápida de chegar lá. Vai

me levar?

- Levo. Quero ver aquela faca.

- Eu só a mostrarei a um urso em quem possa confiar. Há um urso, de quem ouvi falar, que merece confiança. É o rei dos ursos, um bom amigo da garota que estou indo procurar nas montanhas. O nome dela é Lyra da Língua Mágica. O urso se chama Iorek Byrnison.

- Eu sou Iorek Byrnison - declarou o urso.

- Eu sei que é - disse Will.

O combustível para o navio estava sendo embarcado, os caminhões basculantes eram estacionados paralelamente, a caçamba girada para o lado e levantada para permitir que o carvão descesse com estrondo pelas calhas para dentro do porão e a poeira negra subia alto, muito acima deles. Sem ser visto pelas pessoas da cidade, que estavam ocupadas varrendo cacos de vidro e discutindo o preço do combustível, Will seguiu o rei urso, subindo pela prancha de embarque, e entrou a bordo do navio.

RIO ACIMA

... uma sombra se lança sobre a mente quando uma nuvem envolve, em pleno meio-dia, o todo-poderoso Sol...

Emily Dickinson

- Deixe-me ver a faca - disse Iorek Byrnison. - Eu entendo de metal. Nada que seja feito de ferro ou aço é um mistério para um urso. Mas nunca vi uma faca como a sua e gostaria de poder examiná-la de perto.

Will e o urso rei estavam na coberta de proa do vapor, sob os raios quentes do sol que se punha, e a embarcação navegava rapidamente, fazendo progresso em sua rota rio acima, havia

bastante combustível a bordo, havia comida que Will pudesse comer, e ele e Iorek Byrnison estavam, pela segunda vez, medindo e avaliando os méritos um do outro. Já haviam feito isso uma primeira vez.

Will estendeu a faca para Iorek, oferecendo primeiro o cabo, e o urso a recebeu delicadamente. Sua garra-polegar ficava de frente para as quatro garras-dedos, permitindo-lhe manipular objetos com a mesma destreza que seres humanos, então ele virou a faca para um lado, depois para o outro, trouxe-a até bem perto dos olhos, segurando-a de maneira que refletisse a luz, testando o gume - o gume de aço - num pedaço de ferro velho.

- Este gume é o que você usou para cortar minha armadura - disse ele. O outro é muito estranho. Não sei dizer o que é capaz de fazer, como foi feito. Mas quero compreender o que é. Como foi que isto veio parar em suas mãos?

Will contou a ele a maior parte do que havia acontecido, deixando de fora apenas as coisas que diziam respeito somente a ele: sua mãe, o homem que tinha matado, seu pai.

- Você lutou por ela e perdeu dois dedos? - perguntou o urso. – Mostreme o ferimento. Will estendeu a mão. Graças ao ungüento de seu pai, as superfícies cortadas estavam cicatrizando bem, mas ainda estavam muito sensíveis. O

urso as cheirou.

- Musgo-sangüíneo - concluiu. - E mais alguma coisa que não consigo identificar. Quem lhe deu isso?

- Um homem que me disse o que deveria fazer com a faca. Então ele morreu. Ele tinha um pouco de ungüento numa caixa de chifre e curou meu ferimento. As bruxas tentaram, mas o feitiço que fizeram não funcionou.

- E o que ele disse para você fazer com a faca? - perguntou Iorek Byrnison, entregando-a de volta a Will cuidadosamente.

- Disse para usá-la numa guerra combatendo ao lado de Lorde Asriel respondeu Will. - Mas primeiro preciso salvar Lyra da Língua Mágica.

- Então nós ajudaremos - disse o urso, e o coração de Will deu um pulo de prazer.

Ao longo dos dias seguintes, Will descobriu por que os ursos estavam fazendo aquela viagem para a Ásia Central, tão longe de sua terra natal. Desde a catástrofe que havia aberto os mundos, todo o gelo do Ártico havia começado a derreter, e novas e estranhas correntes tinham aparecido nas águas do mar. Uma vez que os ursos dependiam do gelo e dos seres que viviam no mar gelado, concluíram que logo estariam passando fome se ficassem onde estavam, e, sendo racionais, decidiram como deveriam reagir. Teriam que migrar para onde houvesse neve e gelo em abundância: iriam para as mais altas montanhas, para a cadeia que tocava o céu, a meio mundo de distância, mas inabalável, eterna e coberta por muita neve. De ursos do mar eles se tornariam ursos das montanhas, pelo tempo que fosse necessário até

que o mundo voltasse a se acomodar.

- Então vocês não estão em guerra? - perguntou Will.

- Nossos velhos inimigos desapareceram com as focas e as morsas. Se encontrarmos novos inimigos, sabemos como lutar.

- Pensei que uma grande guerra estivesse em vias de começar e que envolveria todo mundo. De que lado você lutaria se isso acontecesse?

- Do lado que oferecesse mais vantagem para os ursos. Que dúvida!

Tenho alguma estima por muito poucas pessoas entre os humanos. Uma delas era um homem que voava num balão. Ele está morto. Outra é a bruxa Serafina Pekkala. A terceira é a menina Lyra da Língua Mágica. Primeiro eu faria o que fosse melhor para os ursos. Depois, o que fosse melhor para a criança, ou para a bruxa, ou que pudesse vingar meu companheiro morto, Lee Scoresby. É por isso que vou ajudar você a salvar Lyra da Língua Mágica daquela abominável mulher Coulter.

Iorek contou a Will como ele e alguns de seus súditos tinham nadado até

a foz do rio e pago o aluguel daquela embarcação com ouro, contratado a tripulação e utilizado o derretimento do Ártico de maneira vantajosa para eles ao deixar que o rio os levasse para o interior até onde fosse possível - e, como sua nascente ficava exatamente nos contrafortes do norte das montanhas que estavam procurando e como Lyra também estava prisioneira lá, as coisas tinham calhado de correr muito bem até agora.

E assim o tempo foi passando.

Durante o dia, Will cochilava no convés, descansando, reunindo forças, porque estava exausto em cada partícula de seu ser. Observou, à medida que a paisagem começou a mudar e a estepe de ondulações suaves foi dando lugar a morros baixos cobertos de relva verdejante, e depois ao relevo de terras mais altas, com o desfiladeiro ou a catarata ocasional, e mesmo assim o vapor continuou navegando rumo ao sul.

Ele conversava com o capitão e com os tripulantes, por educação, mas lhe faltava a facilidade de comunicação imediata que Lyra tinha com estranhos, achava difícil encontrar muito para dizer, e, de qualquer maneira, não estavam muito interessados nele. Aquilo era apenas um trabalho e, quando estivesse terminado, eles partiriam sem olhar para trás. Além disso, não gostavam muito dos ursos, apesar de todo o ouro. Will era um estrangeiro e desde que pagasse por sua comida, pouco se importavam com o que ele fizesse. Para

completar, havia aquele seu estranho *daemon*, que parecia tanto com uma bruxa: às vezes estava lá e outras vezes parecia ter desaparecido. Supersticiosos, como muitos marinheiros, ficavam bem contentes em deixá-lo em paz. Balthamos, por sua vez, também se mantinha calado. Por vezes seu sofrimento e luto se tornavam demasiado intensos para que pudesse suportálos e deixava o barco para voar bem alto, entre as nuvens, buscando qualquer retalho de luz ou sabor de ar, quaisquer estrelas cadentes ou arestas de pressão que pudessem recordá-lo das experiências que havia compartilhado com Baruch. Quando falava, à noite na escuridão da pequenina cabina onde Will dormia, era apenas para comunicar quanto tinham progredido e que distância ainda faltava percorrer para chegarem à caverna e ao vale. Talvez ele pensasse que Will tinha pouca compreensão e simpatia a oferecer por seu sofrimento, porém, caso tivesse buscado, teria encontrado muita. Tornou-se cada vez mais brusco e formal, embora nunca sarcástico, aquela promessa, pelo menos, ele cumpriu.

Quanto a Iorek, ele examinava a faca obsessivamente. Olhava para ela durante horas a fio, testando os dois gumes, arqueando-a, segurando-a no alto, voltada para a luz, tocando-a com a língua, cheirando-a e até escutando o som que o ar fazia quando fluía sobre sua superfície. Will não se preocupava com a faca, pois Iorek era, evidentemente, um artífice de imenso e reconhecível talento, também não temia por Iorek, por causa da delicadeza de movimento daquelas patas poderosas. Afinal Iorek veio procurar Will e disse:

- Este outro gume. Ele faz alguma coisa que você não me contou. O que é

e como funciona?

- Não posso mostrar a você aqui - respondeu Will - porque o navio está

em movimento. Mas assim que pararmos eu mostro.

- Posso imaginar o que é - disse o urso - mas não consigo compreender o que estou pensando. E a coisa mais estranha que já vi.

E devolveu a faca a Will, com um longo olhar desconcertante e indecifrável de seus olhos negros profundos.

Naquela altura, o rio havia mudado de cor, porque estava se encontrando com os restos das primeiras águas das enchentes que tinham descido do Ártico. Will constatou que as convulsões haviam afetado a terra de maneira diferente em diferentes lugares, uma aldeia após a outra estava mergulhada em água até a altura de seus telhados e centenas de pessoas desabrigadas tentavam salvar o que podiam com barcos a remo e canoas. A terra devia ter afundado um pouco ali, porque o rio se alargou e seu curso se tornou mais lento, e era difícil para o piloto traçar sua rota com precisão em meio às correntes de águas largas e barrentas. O ar ali era mais quente e o sol ficava mais alto no céu, os ursos tinham dificuldade para se refrescar, alguns deles nadavam ao lado do vapor enquanto este ia seguindo, sentindo o sabor das águas de sua terra natal naquela terra estranha.

Mas finalmente o rio se estreitou e se tornou mais profundo de novo e, logo adiante deles, começaram a se elevar as montanhas do grande planalto central asiático. Certo dia, Will viu uma borda de cor branca no horizonte e ficou observando enquanto ela foi crescendo pouco a pouco, se separando em diferentes picos, com cadeias e desfiladeiros entre eles, e tão altos que pareciam que deviam estar muito próximos - apenas a alguns quilômetros mas ainda estavam muito longe, era só que as montanhas eram imensas e, a cada hora que delas se aproximavam, pareciam ainda mais inconcebivelmente altas.

A maioria dos ursos nunca tinha visto montanhas, exceto pelos penhascos em sua própria ilha, Svalbard, e ficaram em silêncio quando levantaram o olhar para os gigantescos contrafortes, ainda tão distantes.

- O que caçaremos por lá, Iorek Byrnison? - perguntou um deles. Existem focas nas montanhas? Como viveremos?

- Existe neve e gelo - foi a resposta do rei. - Nos sentiremos confortáveis. E existem animais selvagens em abundância. Nossa vida vai ser diferente durante algum tempo. Mas vamos sobreviver e, quando as coisas voltarem a ser como devem e o Ártico congelar de novo, nós ainda estaremos vivos para voltar e retomá-lo. Se tivéssemos ficado lá, teríamos morrido de fome. Estejam preparados para coisas estranhas e para novos hábitos, meus ursos. Afinal, chegou um momento em que o vapor não podia mais navegar, porque naquele ponto o leito do rio se estreitava e se tornava raso. O capitão parou a embarcação no fundo de um vale, que normalmente teria estado coberto de relva e de flores da montanha, onde o rio fazia meandros sobre leitos de cascalho, mas o vale agora era um lago e o capitão insistiu em que não se arriscaria a ir além dele, porque depois daquele ponto não haveria profundidade suficiente abaixo da quilha, mesmo com a grande enchente do norte.

De modo que eles ancoraram junto a uma das paredes do vale, onde uma saliência de rocha formava uma espécie de plataforma, e desembarcaram.

- Onde estamos agora? - perguntou Will ao capitão, cujo inglês era limitado.

O capitão encontrou um velho mapa meio rasgado e apontou com seu cachimbo, dizendo:

- Este vale aqui, nós agora. Você leva, continua.

- Muito obrigado - agradeceu Will, e se perguntou se deveria oferecer pagamento pelo mapa, mas o capitão já tinha se afastado para supervisionar o desembarque da carga.

Não demorou muito para que os cerca de 30 ursos e suas armaduras estivessem na margem estreita. O capitão gritou uma

ordem e a embarcação começou a virar com grande esforço contra a corrente, manobrando até chegar ao meio do curso, e então soltou um apito explosivo que ecoou por muito tempo pelas paredes do vale.

Will sentou sobre um pedregulho, lendo o mapa. Se estivesse certo, o vale onde Lyra estava prisioneira, de acordo com o anjo, ficava a alguma distância para leste e para o sul, e o melhor caminho para chegar lá era através de uma passagem estreita entre as montanhas chamada desfiladeiro Sungchen.

- Ursos, marquem este lugar - disse Iorek Byrnison para seus súditos. Quando chegar a hora de voltarmos para o Ártico, nos reuniremos aqui. Agora sigam seus caminhos, cacem, alimentem-se e vivam. Não façam guerra. Não estamos aqui para guerrear. Se houver ameaça de guerra, mandarei chamálos. Os ursos eram, em sua maioria, criaturas de hábitos solitários e só se reuniam em tempos de guerra ou em emergências. Agora que se encontravam nos limites de uma terra de neve, estavam impacientes para partir, todos eles, fazer suas explorações cada um por si.

- Então vamos andando, - disse Iorek Byrnison - e encontraremos Lyra. Will levantou a mochila e eles se puseram em marcha.

Foi bom caminhar durante a primeira parte da jornada. O sol estava quente, mas os pinheiros e os rododendros mantinham o calor mais forte longe de seus ombros e o ar era fresco e límpido. O terreno era rochoso, mas as pedras eram espessamente recobertas de musgo e de agulhas de pinheiros, e as encostas que subiram não eram muito íngremes. Will descobriu que estava adorando o exercício. Os dias que havia passado a bordo, o repouso forçado tinham devolvido suas forças. Quando havia encontrado Iorek, estivera realmente nas últimas. Não sabia disso, mas o urso sabia.

E, tão logo ficaram sozinhos, Will mostrou a Iorek como o outro gume da faca funcionava. Abriu uma janela para um mundo onde uma floresta pluvial equatorial de atmosfera escaldante e úmida gotejava, e onde vapores carregados com perfume forte escaparam

pairando no ar rarefeito da montanha. Iorek observou atentamente, tocou a borda da janela com a pata e a farejou, atravessou a janela e entrou no ar quente e úmido para olhar em silêncio. Os guinchados dos macacos, o piar dos pássaros, os zumbidos dos insetos, o coaxar dos sapos e o gotejar incessante de vapor de água se condensando pareceram soar muito alto para Will, que estava do lado de fora. Então Iorek voltou e observou Will fechar a janela, então pediu para ver a faca de novo, olhando tão de perto o gume de prata que Will achou que estivesse correndo o risco de cortar o olho. Ele o examinou por muito tempo e depois devolveu a faca sem fazer maiores comentários, exceto o seguinte:

- Eu estava certo: não teria podido lutar contra isto. Então seguiram caminho, falando pouco, algo que agradava aos dois. Iorek Byrnison capturou uma gazela e a comeu quase inteira, deixando a carne mais macia para que Will cozinhasse. E, quando a certa altura chegaram a uma aldeia, enquanto Iorek esperava na floresta, Will trocou uma de suas moedas de ouro por uma porção de pão rústico achatado, frutas secas, botas de couro de iaque e um colete de uma espécie de pele de ovelha, pois estava ficando frio à noite. Ele também conseguiu perguntar sobre o vale com os arco-íris. Balthamos o ajudou, assumindo a forma de um corvo, igual ao *daemon* do homem com quem Will estava falando, ele tornou mais fácil a troca de informações entre eles e Will conseguiu obter indicações úteis e claras sobre o caminho. Ficava a mais três dias de caminhada. Bem, eles estavam chegando lá. Mas outros também estavam.

O grupo armado enviado por Lorde Asriel, a esquadrilha de girópteros e o zepelim - tanque com combustível haviam alcançado a abertura entre os mundos: a fenda no céu acima de Svalbard. Ainda tinham um longo caminho pela frente, mas voavam sem parar, exceto para os trabalhos de manutenção essenciais, o comandante, o africano Rei Ogunwe, mantinha contato duas vezes por dia com a fortaleza de basalto. Ele tinha um galivespiano operador de magneto a bordo de seu giróptero e por seu intermédio tomava conhecimento

com a mesma rapidez que Lorde Asriel do que estava acontecendo nos outros lugares.

As notícias eram desconcertantes. A pequena espiã, Lady Salmakia, havia observado escondida nas sombras enquanto os dois poderosos braços da igreja, o Tribunal Consistorial de Disciplina e a Sociedade do Ofício do Espírito Santo, concordavam em pôr de lado suas diferenças e reunir seus conhecimentos. A Sociedade tinha um aletometrista que era mais ágil e mais talentoso que Frei Pavel e, graças a ele, agora o Tribunal Consistorial sabia exatamente onde Lyra estava, e mais: eles sabiam que Lorde Asriel havia enviado tropas para resgatá-la. Sem perder tempo, o Tribunal havia convocado uma frota de zepelins e, naquele mesmo dia, um batalhão da Guarda Suíça começou a embarcar nos zepelins que esperavam no ar tranqüilo acima do lago de Genebra.

De modo que cada lado tinha conhecimento de que o outro também estava se dirigindo para a caverna nas montanhas. E ambos sabiam que quem chegasse lá primeiro levaria vantagem, mas essa vantagem não fazia grande diferença: os girópteros de Lorde Asriel eram mais rápidos que os zepelins do Tribunal Consistorial, mas tinham uma distância maior a percorrer, e eram limitados pela velocidade de seu zepelim - tanque.

E havia uma outra questão a considerar: quem quer que se apoderasse primeiro de Lyra, teria que lutar contra o exército adversário para sair. Seria uma tarefa mais fácil para o Tribunal Consistorial, porque eles não tinham que se preocupar em retirar Lyra em segurança. Estavam voando para lá para matá-la.

O zepelim que transportava o Presidente do Tribunal Consistorial também levava outros passageiros, sem que ele tivesse conhecimento. O Cavaleiro Tialys havia recebido uma mensagem em seu magneto ressonante, ordenando que ele e Lady Salmakia entrassem clandestinamente a bordo. Quando os zepelins chegassem ao vale, ele e Lady Salmakia deveriam abandonar o grupo e seguir adiante independentemente, encontrar um meio de

chegar à caverna onde Lyra estava sendo mantida e protegê-la, da melhor forma possível, até

que as forças do Rei Ogunwe chegassem para resgatá-la. A segurança de Lyra deveria ser considerada mais importante que qualquer outra coisa. Entrar clandestinamente no zepelim era arriscado para os espiões e não apenas por causa do equipamento que tinham que carregar. Além do magneto ressonante, os itens mais importantes eram um par de larvas de inseto e seus alimentos. Quando os insetos adultos emergissem, eles se pareceriam mais com libélulas do que com qualquer outra coisa, mas não seriam semelhantes a nenhum tipo de libélula que os humanos do mundo de Will, ou de Lyra, jamais tivessem visto antes. Para começar, seriam muito maiores. Os galivespianos criavam esses insetos com muito cuidado e os insetos de cada clã diferiam dos de outros. O clã do Cavaleiro Tialys criava robustas libélulas listradas de vermelho e amarelo, de apetites vigorosos e brutais, enquanto a que Lady Salmakia estava alimentando seria uma criatura esguia, capaz de voar rapidamente, com um corpo azul elétrico e a capacidade de brilhar na escuridão.

Cada espião era equipado com uma quantidade dessas larvas que, ao serem alimentadas com quantidades cuidadosamente medidas de óleo e de mel, podiam manter em estado de animação suspensa ou trazer rapidamente à

maturidade. Tialys e Salmakia agora disporiam de 36 horas, dependendo dos ventos, para trazer à plena maturidade aquelas larvas, porque este era aproximadamente o tempo que o vôo levaria e precisavam que os insetos emergissem antes que o zepelim aterrissasse.

O Cavaleiro e sua colega encontraram um lugar esquecido atrás de uma antepara e trataram de se acomodar em segurança, enquanto a aeronave era carregada e abastecida, e então os motores começaram a rugir, fazendo tremer a estrutura leve de ponta a ponta, enquanto a equipe de terra soltava as amarras e os oito zepelins subiam no céu noturno.

O povo deles teria considerado a comparação um insulto mortal, mas os dois conseguiram se esconder no mínimo tão bem quanto ratos. Daquele esconderijo, os galivespianos conseguiam ouvir muita coisa e mantiveram contato de hora em hora com Lorde Roke, que estava a bordo do giróptero do Rei Ogunwe.

Mas havia uma coisa que não podiam mais descobrir no zepelim, porque o Presidente em nenhum momento tocou no assunto: e era a questão do assassino, Padre Gomez, que já havia sido absolvido do pecado que iria cometer se o Tribunal Consistorial fracassasse em sua missão. O Padre Gomez estava em outro lugar e ninguém sabia disso, nem o estava seguindo. **RODAS**

Do mar elevou-se uma nuvem pequenina como a mão de um homem. I Reis

- Pois é - disse menina ruiva no jardim deserto do Cassino. - Nós vimos essa mulher, eu e o Paolo, nós dois vimos. Ela apareceu por aqui já faz alguns dias.

- E se lembram de como ela era? - perguntou o Padre Gomez.

- Ela parecia estar com calor - disse o garotinho. - Estava com o rosto todo suado.

- Que idade ela parecia ter?

- Cerca de... - a menina parou para refletir. - Acho que talvez uns 40 ou 50 anos. Não a vimos de perto. Poderia ter, talvez, uns 30. Mas estava com calor, como disse o Paolo e estava carregando uma mochila bem grande, muito maior que a sua, deste tamanho...

Paolo sussurrou alguma coisa para ela, franzindo e revirando os olhos para espiar o padre enquanto o fazia. O sol batia forte em seu rosto.

- Ah, é - disse a menina com impaciência - eu sei. Os Espectros - disse ela para o Padre Gomez - ela não tinha medo nenhum dos

espectros. Simplesmente andou pela cidade e nem se preocupou. Nunca vi um adulto fazer isso antes, é verdade. Ela parecia nem sequer saber que eles existiam. Igual a você - acrescentou, olhando para ele com desafio.

- Tem muita coisa que eu não sei - concordou o Padre Gomez em voz branda.

O garotinho puxou a manga da menina e sussurrou novamente.

- Paolo disse - ela contou ao padre - que acha que você vai pegar a faca de volta.

O Padre Gomez sentiu a pele se arrepiar. Lembrou-se do depoimento do Frei Pavel durante a investigação do Tribunal Consistorial: devia ser esta a faca que ele tinha mencionado.

- Se eu puder - respondeu - pegarei. A faca vem daqui?

- Da Torre degli Angeli - disse a menina, apontando para a torre quadrada de pedra que se elevava acima dos telhados marrom avermelhados. Ela cintilava ao sol forte do meio-dia. - E o garoto que roubou a faca matou nosso irmão Tullio. Os Espectros pegaram o Tullio, direitinho. Se você quiser matar esse garoto, tudo bem. E a menina, ela era uma mentirosa, era tão má quanto ele.

- Então a menina também esteve aqui? - perguntou o padre tentando não parecer muito interessado.

- Uma mentirosa nojenta - disse a menina ruiva com ódio.

- Quase matamos os dois, mas então vieram umas mulheres, mulheres voadoras.

- Bruxas - disse Paolo.

- Bruxas, e não pudemos lutar contra elas. Levaram os dois embora, a menina e o garoto. Não sabemos para onde foram. Mas a mulher, ela veio depois. Pensamos que talvez ela tivesse alguma espécie de

faca, para conseguir manter os Espectros longe, é verdade. E talvez você também tenha disse ela, levantando o queixo para encará-lo com audácia.

- Eu não tenho nenhuma faca - respondeu o Padre Gomez.

- Mas tenho uma tarefa sagrada a cumprir. Talvez isso esteja me protegendo desses... Espectros.

- É - disse a menina - pode ser. De qualquer maneira, se quer encontrar a mulher, ela foi para o sul, para as montanhas. Não sabemos para onde. Mas pode perguntar a qualquer um, eles vão saber se ela tiver passado, porque não tem ninguém igual a ela em Ci'gazze, não tinha antes e não tem agora. Ela vai ser fácil de achar.

- Obrigado, Angélica - agradeceu o padre. - Deus as abençoe, crianças.

- Ele pós a mochila nas costas, saiu do jardim e seguiu seu caminho pelas ruas quentes e silenciosas, sentindo-se satisfeito.

Depois de passar três dias na companhia dos seres de rodas, Mary Malone sabia bastante mais coisas a respeito deles e eles sabiam de muita coisa a respeito dela.

Naquela primeira manhã, eles a carregaram durante uma hora, mais ou menos, pela estrada de basalto até um povoado à margem de um rio, e a viagem foi desconfortável, ela não tinha onde se apoiar e o lombo da criatura era duro. Seguiram rapidamente, numa velocidade que a assustava, mas o trovar de suas rodas sobre a superfície dura da estrada e o compasso rápido de suas patas eram de tal maneira estimulantes que a deixavam animada a ponto de esquecer o desconforto.

E durante o percurso ela foi compreendendo melhor a fisiologia daqueles seres. Como os animais de pasto, seus esqueletos tinham uma estrutura em forma de losango, com uma perna em cada um dos cantos. Em algum momento, num passado distante, uma

linhagem de seres ancestrais deveria ter desenvolvido aquela estrutura e descoberto que funcionava, exatamente como os seres rastejantes no mundo de Mary haviam desenvolvido a coluna dorsal. A estrada de basalto seguia gradualmente para um terreno mais baixo e, depois de algum tempo, o declive aumentava, de modo que os seres podiam andar com as rodas livres. Eles encolhiam as pernas laterais e pilotavam inclinando-se para um lado ou para o outro, lançando-se numa velocidade que Mary achava aterradora, embora tivesse que admitir que o ser em que estava montada nunca lhe desse a menor sensação de perigo. Se ao menos ela tivesse algo em que pudesse se apoiar, bem que teria gostado. Na base da encosta de um quilômetro e meio, havia um grupo de árvores imensas e nas vizinhanças um rio serpenteava em meandros no terreno plano coberto de relva. A alguma distância Mary viu um clarão que parecia uma extensão maior de água, mas não passou muito tempo olhando para aquilo, porque os seres estavam se dirigindo para um povoado na margem do rio e ela estava louca de curiosidade para vê-lo.

Havia 20 ou 30 cabanas, mais ou menos agrupadas num círculo, feitas de

- ela teve que proteger os olhos contra o sol para ver - vigas de madeira cobertas com uma espécie de mistura de taipa nas paredes e com telhado de colmo. Os outros seres de rodas estavam trabalhando: alguns consertavam os telhados, outros puxavam uma rede do rio, outros ainda traziam lenha para uma fogueira.

De maneira que eles possuíam uma língua, tinham fogo e tinham uma sociedade. E, mais ou menos nesse momento, ela percebeu uma mudança ocorrendo em sua mente, à medida que a palavra criaturas se tornou a palavra pessoa. Aqueles seres não eram humanos, mas eram pessoas, disse a si mesma, não são eles, eles são nós.

Agora estavam bastante próximos e, vendo o que estava se aproximando, alguns dos aldeões levantaram a cabeça e gritaram uns para os outros para olhar. O grupo que vinha pela estrada

reduziu a velocidade até parar e Mary desmontou, sentindo os músculos enrijecidos e sabendo que ficaria dolorida depois.

- Muito obrigada - disse para seu... seu o quê? Seu cavalo? Sua bicicleta? Ambas as idéias eram absurdamente erradas para a amabilidade de olhar brilhante e inteligente que estava a seu lado. Ela se decidiu, escolhendo amigo. Ele levantou a tromba e imitou as palavras dela:

- Mutobigada - disse, e mais uma vez riram, satisfeitos da vida. Ela pegou a mochila que estava com um dos outros (bigada! bigada!) e os seguiu, saindo da faixa de basalto para a terra batida da aldeia. E então a integração de Mary começou de verdade.

Nos dias que se seguiram, ela aprendeu tanta coisa que se sentiu como se fosse novamente uma criança, desnorteada com a escola. Para completar, as pessoas de rodas pareciam estar igualmente maravilhadas com ela. Para começar, havia suas mãos. Eles pareciam nunca se cansar delas: as trombas delicadas examinavam cada articulação, percorrendo os polegares, os nós dos dedos e as unhas, flexionando-os delicadamente e observando com espanto quando ela pegava a mochila, levava comida à boca, se cocava, penteava o cabelo, se lavava.

Em troca, deixaram que ela examinasse suas trombas. Eram infinitamente flexíveis e tinham aproximadamente o mesmo comprimento do braço de Mary, mais grossas no ponto onde se uniam à cabeça e suficientemente fortes para esmagar seu crânio, imaginava. As duas projeções semelhantes a dedos que ficavam na ponta eram capazes de uma força enorme e de grande delicadeza, os seres pareciam poder variar o tônus da pele no interior, no que seria o equivalente às pontas dos dedos, de uma maciez de veludo a uma solidez semelhante à madeira. Em resultado disso, podiam usá-las tanto para tarefas delicadas, como ordenhar um dos animais de pasto, quanto para tarefas mais duras, como arrancar e curvar galhos.

Pouco a pouco, Mary se deu conta de que as trombas também desempenhavam um papel na comunicação. Um movimento de tromba podia modificar o significado de um som, de modo que a palavra que soava como

"tchah" significava água quando acompanhada de um movimento circular da tromba da esquerda para a direita, "chuva" quando a tromba se virava para cima na ponta, "tristeza" quando se virava em curva para baixo e "novos brotos de relva" quando fazia um rápido peteleco para a esquerda. Tão logo percebeu isso, Mary os imitou, movendo o braço o melhor que podia da mesma maneira, e os seres perceberam que ela estava começando a falar com eles, e o encantamento deles foi radiante.

Depois que começaram a conversar (principalmente na língua deles, apesar de ela ter conseguido ensinar-lhes algumas palavras em sua língua: sabiam dizer "bigadu" e "reuva", "áaavore", "céu" e "rio", e pronunciar o nome dela, com alguma dificuldade), progrediram muito mais rapidamente. A palavra deles para se referirem a si mesmos como povo era mulefa, mas um indivíduo era zalif. Mary achava que havia uma diferença entre os sons para zalif macho e zalif fêmea, mas era demasiado sutil para que ela percebesse com facilidade. Começou a escrever tudo aquilo, a compilar um dicionário.

Mas antes de se permitir se entregar verdadeiramente àquela tarefa, pegou seu livro maltratado e as varetas de milefólio e perguntou ao I Ching: eu deveria estar aqui fazendo isso ou deveria seguir adiante para algum outro lugar e continuar procurando?

A resposta foi:

A QUIETUDE significa deter-se, a verdadeira quietude consiste em manter-se imóvel quando chega o momento de se manter imóvel e avançar quando chega o momento de avançar. Desse modo a inquietação se dissipa, então para além da luta e do tumulto individuais, se pode compreender as grandes leis do universo e agir em harmonia com elas.

E prosseguia:

Montanhas próximas umas das outras: a imagem da QUIETUDE. Assim o homem superior não permite que sua vontade e seus pensamentos o levem além da situação em que se encontra.

Uma resposta mais clara seria impossível. Ela juntou as varetas e guardou o livro e então percebeu que havia atraído a atenção de um círculo de seres que a observavam.

Um deles disse:

Pergunta? Permissão? Curioso.

Ela respondeu:

Por favor. Pode olhar.

Muito delicadamente as trombas se moveram, separando as varetas no mesmo movimento de contagem que ela estivera fazendo, ou virando as páginas do livro. Uma coisa que os deixava espantadíssimos era o fato de ela ter duas mãos, o fato de que ela podia segurar o livro e virar as páginas ao mesmo tempo. Adoravam observá-la cruzar os dedos, ou fazer a brincadeira de criança: "Esta é a igreja e esta é a torre da igreja", ou fazer o movimento repetido de sobrepor, esfregando, o dedo polegar com o indicador que era o que Ama estava fazendo, exatamente naquele mesmo momento, no mundo de Lyra, como feitiço para afastar os maus espíritos.

Depois de terem examinado as varetas de milefólio e o livro, eles os embrulharam cuidadosamente no pano e os puseram na mochila de Mary. Ela sentia-se feliz e tranqüilizada pela mensagem da China antiga, porque significava que o que mais queria fazer era, naquele momento, exatamente o que deveria fazer.

De modo que se dedicou a aprender mais a respeito dos mulefas, com o coração feliz.

Descobriu que havia dois sexos e que eles viviam em casais monogamicamente. Seus filhos tinham uma infância bastante longa: dez anos pelo menos, crescendo muito lentamente, pelo menos até onde conseguia interpretar a explicação deles. Havia cinco crianças naquele povoado, um quase crescido e os outros em algum ponto no meio do caminho e, por serem menores que os adultos, não conseguiam usar as rodas das nozes. As crianças se moviam como os animais de pasto, com as quatro patas no chão, mas a despeito de toda a sua energia e vontade de viver aventuras (correndo até junto de Mary e então se afastando timidamente, tentando subir pelos troncos das árvores, despencando nas águas rasas, e assim por diante), pareciam desajeitadas, como se estivessem fora de seu elemento. Em contraste, a velocidade e a graça dos adultos era surpreendente, e Mary percebeu o quanto um jovem em fase de crescimento devia ansiar pelo dia em que as rodas lhe caberiam. Ela observou a criança mais velha, certo dia, ir silenciosamente até a casa que servia de depósito, onde uma quantidade de nozes eram guardadas, e experimentar encaixar sua garra dianteira no buraco central, mas, quando tentou se levantar, caiu imediatamente, ficando preso, e o som atraiu um adulto. A criança lutou para se soltar, guinchando de aflição, e Mary não conseguiu conter o riso diante do quadro, o pai indignado e a criança travessa apanhada em flagrante, que conseguiu se soltar no último minuto e sair correndo.

As rodas de nozes eram claramente da maior importância e logo Mary começou a compreender exatamente o quanto eram valiosas.

Para começar, os mulefas passavam a maior parte do tempo cuidando da manutenção de suas rodas. Levantando e girando a garra, com destreza, eles deslizavam-na para fora do buraco e então usavam a tromba para examinar toda a roda, limpando a borda do buraco, verificando se havia rachaduras. A garra era formidavelmente forte, como uma espora de chifre ou de osso, saindo em ângulo reto com relação à perna e ligeiramente curvada de modo que a parte mais alta, no meio, sustentava o peso ao se apoiar no interior do buraco. Certo dia Mary ficou observando enquanto uma zalif examinava o buraco em sua roda da frente,

tocando aqui e ali, levantando a tromba no ar e levando-a de volta, como se testando o aroma.

Mary lembrou-se do óleo que havia descoberto em seus dedos quando examinara a primeira noz. Depois de pedir permissão à zalif, examinou sua garra e descobriu que a superfície era mais lisa e escorregadia do que qualquer coisa que já havia tocado em seu mundo. Seus dedos simplesmente não conseguiam ficar parados sobre aquela superfície. A garra inteira parecia impregnada do óleo ligeiramente perfumado e depois de ter visto uma quantidade de aldeões experimentando o aroma, testando, verificando o estado de suas rodas e garras, começou a se perguntar o que teria vindo primeiro: roda ou garra? "Ciclista" ou árvore?

Embora, evidentemente, também houvesse um terceiro elemento, e este era a geologia. Os seres só podiam usar rodas num mundo que lhes oferecesse estradas naturais. Devia haver algum aspecto na composição daqueles derramamentos de lava que os fazia correr em tiras, como se fossem fitas estendidas, sobre a vasta savana e serem tão resistentes às intempéries e rachaduras. Pouco a pouco, Mary começou a ver a maneira como tudo era interligado e, aparentemente, tudo aquilo era administrado pelos mulefas. Eles sabiam qual era a localização de todos os rebanhos de animais de pasto, de todos os bosques de árvores-das-rodas, de todos os recantos de relva doce, e conheciam todos os indivíduos nos rebanhos, e cada árvore separadamente, e discutiam seu bem-estar e seu destino. Numa ocasião, ela viu os mulefas escolherem um rebanho de animais de pasto, selecionando alguns indivíduos e afastando-os do resto, para depois dar cabo deles quebrando-lhes o pescoço com uma violenta torcida de tromba. Nada foi desperdiçado. Segurando flocos de pedra afiados como gilete com a tromba, os mulefas tiraram a pele e limparam os animais em minutos, depois deram início a um cuidadoso trabalho de corte da carne, separando as partes não aproveitadas, a carne macia e as juntas mais duras, cortando a gordura, removendo os chifres e os cascos, trabalhando de maneira tão eficiente que Mary admirou com o prazer que sentia ao ver qualquer coisa ser bem-feita.

Em pouco tempo, tiras de carne estavam penduradas para secar ao sol e outras tinham sido cobertas de sal e embrulhadas em folhas, as peles tinham sido absolutamente limpas de toda gordura, que foi separada para ser usada mais tarde, e depois postas de molho em poços de água cheios de pedaços de casca de carvalho para curtir, e a criança mais velha estava brincando com um par de chifres, fingindo ser um animal de pasto, fazendo as outras crianças rirem. Naquela noite houve carne fresca para comer e Mary se banqueteou. Da mesma maneira, os mulefas sabiam onde se podia apanhar os melhores peixes e exatamente quando e onde lançar suas redes. Procurando alguma coisa que pudesse fazer, Mary se dirigiu aos rendeiros e se ofereceu para ajudar. Quando ela viu como eles trabalhavam, não cada um por si, mas de dois em dois, movendo as trombas em conjunto para dar um nó, compreendeu como tinham ficado surpreendidos com suas mãos, pois é claro que ela podia dar nós sozinha. De início, acreditou que aquilo lhe dava uma vantagem - não precisava de mais ninguém, mas depois percebeu como aquilo a mantinha distante dos outros. Talvez todos os seres humanos fossem assim. E, a partir daquele momento, usou só uma das mãos para dar nós nas fibras, dividindo sua tarefa com uma zalif fêmea que havia se tornado sua amiga pessoal, dedos e tromba se movendo para dentro e para fora juntos. Mas de todas as coisas vivas de que o povo de rodas cuidava, era com as árvores-das-rodas que tinham maior cuidado.

Havia meia dúzia de arvoredos naquela área que estavam sob os cuidados daquele grupo. Havia outros mais distantes, mas esses eram de responsabilidade de outros grupos. A cada dia uma equipe saía para verificar o bem-estar das grandiosas árvores e para colher quaisquer nozes que tivessem caído. O que os mulefas tinham a ganhar era evidente, mas como as árvores poderiam se beneficiar desse intercâmbio? Um belo dia ela viu. Estava montada acompanhando o grupo, quando, de repente, houve um ruído alto, craque, e todo mundo parou imediatamente, rodeando um indivíduo cuja roda havia se partido. Todo grupo levava consigo uma ou duas de reserva, de modo que o zalif com a roda quebrada logo estava

novamente aparelhado, mas a roda quebrada foi cuidadosamente embrulhada num pano e levada de volta para o povoado.

Lá eles a abriram, retiraram todas as sementes - ovais, achatadas e de cor clara, do tamanho da unha do dedo mindinho de Mary - e examinaram cada uma cuidadosamente. Então explicaram que as nozes precisavam do atrito e do desgaste constantes, que recebiam nas superfícies duras das estradas, para poderem se partir e, também, que as sementes eram difíceis de germinar. Sem os cuidados dos mulefas, as árvores morreriam todas. Uma espécie dependia da outra e, além disso, era o óleo que tornava tudo possível. Era difícil compreender, mas eles pareciam estar dizendo que o óleo era o elemento mais importante para a capacidade de pensar e de sentir que possuíam, que os jovens não tinham a sabedoria dos mais velhos porque não podiam usar as rodas e, desse modo, absorver o óleo através de suas garras. E foi então que Mary começou a ver a ligação entre os mulefas e a questão que havia ocupado os últimos anos de sua vida.

Mas, antes que ela pudesse examiná-la melhor (e as conversas com os mulefas eram longas e complexas, porque eles adoravam qualificar e ilustrar seus argumentos com dúzias de exemplos, como se não tivessem se esquecido de nada e todas as coisas de que jamais tivessem tido conhecimento estivessem imediatamente disponíveis para referências), o povoado foi atacado.

Mary foi a primeira a ver os atacantes se aproximando, embora não soubesse o que eram.

Aconteceu no meio da tarde, quando estava ajudando a consertar o telhado de uma cabana. Os mulefas só construíam um andar, porque não eram muito chegados a subidas, mas Mary não se incomodava de escalar até o telhado e podia colocar o colmo e amarrá-lo na estrutura com suas duas mãos, depois que lhe ensinaram a técnica, muito mais rapidamente que eles. De modo que estava sentada, apoiada nas vigas de uma casa, pegando os maços de colmo que eram jogados para cima, para ela, e apreciando a brisa fresca que vinha da água, que estava

amenizando o calor do sol, quando seu olhar foi atraído por um lampejo branco.

Vinha daquele lugar de brilho distante que pensava ser o mar. Protegeu os olhos com a mão e viu uma, duas, mais, uma frota de velas brancas altas emergindo da névoa quente, a alguma distância, dirigindo-se com graça silenciosa para a foz do rio.

Mary!, chamou o zalif lá embaixo. *O que está vendo*?

Ela não conhecia a palavra para vela, ou barco, de modo que disse alto, branco, muitos.

Imediatamente o zalif deu um grito de alarme e todo mundo que chamando as crianças. Em menos de um minuto todos os mulefas estavam prontos para fugir.

Atai, a sua amiga, chamou:

Mary!Mary! Venha! Tualapi! Tualapi!

Tudo tinha acontecido tão depressa que Mary mal tivera tempo de se mexer. A essa altura as velas já tinham entrado no rio, avançando com facilidade contra a corrente. Mary ficou impressionada com a disciplina dos marinheiros: manobravam tão rapidamente, as velas se movendo juntas como um bando de estorninhos, todas mudando de direção simultaneamente. E eram tão bonitas, aquelas velas esguias, brancas como a neve, se dobrando e se inclinando e se enfunando - Havia umas 40 velas, no mínimo, e estavam subindo o rio muito mais rapidamente do que ela havia imaginado. Mas não viu tripulantes a bordo e então se deu conta de que não eram absolutamente barcos: eram pássaros gigantes e as velas eram suas asas, uma na proa e uma na popa, mantidas erguidas e flexionadas, sendo manobradas pela força de seus próprios músculos.

Não havia tempo para parar e estudá-los, porque já haviam chegado à

margem e estavam subindo. Eles tinham pescoços como os de cisnes e bicos tão compridos quanto seu antebraço. As asas eram duas vezes mais altas que ela e - lançando um olhar rápido para trás, por sobre o ombro, agora assustada, enquanto fugia - eles tinham pernas poderosíssimas: não era de espantar que se movessem tão depressa na água.

Ela correu muito atrás dos mulefas, que gritavam seu nome enquanto corriam para fora do povoado e seguiam para a estrada. Ela os alcançou bem a tempo: sua amiga Atai estava esperando, e enquanto Mary montava em suas costas ela começou a bater com os pés na estrada, se afastando a toda a velocidade, e subindo a encosta atrás de seus companheiros. Os pássaros, que não podiam se mover com a mesma velocidade em terra, logo desistiram da perseguição e se viraram de volta para o povoado. Eles abriram com violência os depósitos de alimentos, rosnando e rugindo, atirando os bicos cruéis para o alto, enquanto engoliam a carne-seca e todas as frutas em conserva e os cereais. Tudo que havia de comestível desapareceu em menos de um minuto.

E então os tualapi descobriram o depósito de rodas e tentaram abrir a pancadas as grandes nozes, mas estava além de suas forças. Mary sentiu seus amigos ficarem tensos de preocupação ao seu redor, enquanto observavam do alto do pequeno morro e viram uma noz depois da outra ser atirada no chão, chutada, arranhada pelas garras das pernas poderosas, mas é

claro que não sofreram nenhum dano por causa disso. O que preocupava os mulefas era que várias delas estavam sendo empurradas aos trancos e com cotoveladas para dentro da água do rio, onde flutuavam pesadamente, descendo o rio em direção ao mar.

Então os grandes pássaros brancos como a neve começaram a demolir tudo que viam pela frente com brutais golpes longitudinais de seus pés e com movimentos penetrantes, destruidores, sacudindo e arrancando as coisas com seus bicos. Os mulefas ao redor de Mary estavam sussurrando, quase chorando de tristeza.

Eu ajudo, disse Mary. *Nós fazemos de novo*.

Mas as criaturas vis não tinham acabado ainda, levantando as belas asas bem alto, agacharam-se em meio à devastação e esvaziaram seus intestinos. O cheiro subiu a encosta trazido pela brisa, pilhas e poças de excrementos verde-preto-marrom-esbranquiçados se espalhavam em meio as vigas partidas e aos maços de colmo espalhados. Então, seus movimentos desajeitados em terra dando-lhes um andar pomposo afetado, os pássaros seguiram de volta para a água e saíram velejando, descendo o rio, em direção ao mar. Só quando a última asa branca tinha desaparecido na neblina da tarde foi que os mulefas tornaram a descer pela estrada. Estavam cheios de dor e raiva, mas principalmente estavam tremendamente preocupados com o depósito de nozes.

Das 15 nozes que tinham estado ali, só testavam duas. O resto tinha sido empurrado até a água e perdido. Mas, havia um banco de areia na curva seguinte do rio, e Mary teve a impressão de avistar uma roda que tinha ficado presa ali, de modo que, para a surpresa e aflição dos mulefas, ela tirou as roupas, amarrou um pedaço de corda em volta da cintura e nadou até lá. No banco de areia ela encontrou não uma, mas cinco das preciosas rodas, e passando a corda pelas suas macias cavidades centrais, nadou de volta puxando-as atrás de si.

Os mulefas ficaram cheios de gratidão. Eles nunca entravam na água e só

pescavam da margem, tomando cuidado para manter os pés e as rodas secos. Mary sentiu que finalmente tinha feito alguma coisa útil para eles. Mais tarde naquela noite, depois de uma parca refeição de raízes doces, eles contaram a ela por que tinham ficado tão preocupados com as rodas. Outrora, tinha havido um tempo em que as nozes eram abundantes e em que o mundo era rico e cheio de vida, e os mulefas viviam com suas árvores em perpétua felicidade. Mas alguma coisa havia acontecido, muitos anos atrás, alguma virtude havia saído e abandonado aquele mundo, porque, a despeito

de todo o esforço, todo o amor e atenção que os mulefas pudessem dar a elas, as árvores-das-rodas estavam morrendo.

AS LIBÉLULAS

Uma verdade de má-fé contada é capaz de derrotar qualquer mentira por ti inventada.

Willian Blake

Ama subiu a trilha que levava à caverna com leite e pão na sacola às costas e uma dúvida terrível fazendo pesar seu coração. Que jeito neste mundo poderia dar para conseguir chegar perto da menina adormecida?

Ela alcançou o pedregulho onde a mulher lhe dissera para deixar a comida. Colocou as coisas no chão, mas não voltou direto para casa, subiu mais um pouco, ultrapassando a caverna e a massa espessa de rododendros, depois mais um pouco ainda, até onde as árvores ficavam mais escassas e os arco-íris começavam.

Ali, ela e seu *daemon* costumavam fazer uma brincadeira: subiam acima das reentrâncias na rocha e das pequenas cachoeiras verde-esbranquiçadas, passando pelos redemoinhos e pela espuma colorida do espectro solar, até

que os cabelos e as pálpebras dela e o pêlo de esquilo dele ficavam totalmente cobertos por um milhão de minúsculas pérolas de água. A brincadeira era chegar ao topo sem limpar os olhos, apesar da tentação, e logo a luz do sol brilhava e se dispersava em vermelho, amarelo, verde, azul e todas as cores intermediárias, mas não podia passar a mão nos olhos para ver melhor até que se tivesse chegado ao topo, senão estaria perdido o jogo.

Seu *daemon*, Kulang, saltou para a rocha que ficava na beira da pequena cachoeira mais alta e ela sabia que imediatamente se viraria para se assegurar de que ela não limparia a água dos cílios - só que ele não se virou. Em vez disso, ficou agarrado na pedra, olhando para a frente. Ama limpou os olhos, porque o jogo estava cancelado pela surpresa que seu *daemon* estava sentindo. Quando escalou até ali para olhar por sobre a beirada, deu um pequeno soluço de susto e ficou imóvel, porque olhando para baixo, direto para ela, estava a cara de um bicho que nunca vira antes: um urso, mas imenso, aterrador, com quatro vezes o tamanho dos ursos pardos da floresta e branco como marfim, com um focinho preto e

olhos pretos, e garras compridas como punhais. Ele estava apenas à distância de um braço. Ela podia ver cada pêlo em sua cabeça.

- Quem é essa? - disse a voz de um garoto e, embora Ama não compreendesse as palavras, percebeu o sentido com muita facilidade. Depois de um instante o garoto apareceu ao lado do urso: com uma expressão feroz, olhos franzidos e o queixo levantado. E seria aquilo ao lado dele um *daemon*, com forma de pássaro? Mas um pássaro tão estranho: diferente de todos que ela conhecia. Ele voou até Kulang e falou rapidamente:

- Amigos. Não vamos machucar vocês.

O grande urso branco não havia se movido um milímetro.

- Suba até aqui - disse o garoto e mais uma vez seu *daemon* traduziu para ela o sentido do que ele dizia.

Vigiando o urso com respeito e temor supersticiosos, Ama subiu até o lado da pequena cachoeira e ficou parada timidamente no rochedo. Kulang se transformou numa borboleta e pousou por um instante em sua face, mas logo saiu para esvoaçar em volta do outro *daemon*, que estava pousado no ombro do garoto.

- Will - disse o garoto apontando para si mesmo, e ela respondeu:

- Ama. - Agora que podia vê-lo direito, estava quase com mais medo do garoto do que do urso: ele tinha um ferimento terrível: faltavam dois de seus dedos. Ama ficou tonta quando viu aquilo.

O urso se virou, entrando no riacho de águas leitosas, e se deitou na água, como que para se refrescar. O *daemon* do garoto levantou vôo e ficou esvoaçando com Kulang entre os arco-íris e pouco a pouco eles começaram a se entender.

E o que ela descobria que eles estavam procurando, senão uma caverna com uma garota adormecida? As palavras jorraram numa torrente em sua resposta:

- Eu sei onde é! E ela está sendo mantida adormecida à força, pela mulher que diz ser sua mãe, mas nenhuma mãe seria tão malvada, não é? A mulher a obriga a beber um líquido que a faz dormir, mas eu tenho umas ervas para fazer com que ela acorde, se ao menos conseguisse chegar junto dela!

Will podia apenas sacudir a cabeça e esperar que Balthamos traduzisse. Levou mais de um minuto.

- Iorek - chamou, e o urso veio andando pesadamente até junto da margem do riacho, lambendo os beiços, pois acabara de engolir um peixe. Iorek - disse Will - essa menina diz que sabe onde Lyra está. Vou até lá com ela para ver, enquanto você fica aqui de vigia.

Iorek Bymison, parado de quatro dentro do riacho, assentiu silenciosamente. Will escondeu a mochila e afivelou a faca no cinto, antes de descer com alguma dificuldade entre os arco - íris com Ama. Ele teve que esfregar os olhos e se esforçar para enxergar em meio aos reflexos coruscantes para ver onde era seguro pôr os pés, a névoa que enchia o ar estava gelada.

Quando chegaram à base das cachoeiras, Ama indicou que deveriam ír com cuidado e não fazer barulho, e Will foi andando atrás dela, descendo a encosta, por entre os rochedos cobertos de musgo e os imensos troncos retorcidos dos pinheiros, onde a luz salpicada dançava num verde intenso, e um bilhão de minúsculos insetos zumbiam e cantavam. E seguiram descendo e descendo cada vez mais, ainda assim, a luz do sol os seguiu, penetrando nas profundezas do vale, enquanto acima os galhos se agitavam sem cessar no céu claro.

Então Ama parou. Will se escondeu atrás do tronco maciço de um cedro e olhou para onde ela estava apontando. Através de um emaranhado de folhas e de galhos, ele viu a parede lateral de um penhasco que se erguia verticalmente à direita e, a meio caminho na subida.

- A Sra. Coulter - sussurrou, seu coração batendo acelerado. A mulher apareceu saindo de trás de um pedregulho e sacudiu um galho coberto de folhas antes de largá-lo e esfregar as mãos para limpá-las. Será que estivera varrendo o chão? Suas mangas estavam arregaçadas e o cabelo preso por um lenço. Will nunca poderia tê-la imaginado com uma aparência tão doméstica. Mas então houve um lampejo de dourado e aquele macaco feroz apareceu, saltando sobre seu ombro. Como se estivessem desconfiando de alguma coisa, os dois olharam atentamente ao redor e, de repente, a Sra. Coulter não parecia mais nem um pouco doméstica.

Ama estava sussurrando em tom urgente: tinha medo do *daemon* macaco dourado, ele gostava de arrancar as asas de morcegos enquanto ainda estavam vivos.

- Há mais alguém com ela? - perguntou Will. - Nenhum soldado ou coisa parecida?

Ama não sabia. Nunca tinha visto soldados, mas, de fato, as pessoas falavam de homens estranhos e assustadores, ou podiam ser fantasmas, vistos nas encostas durante a noite... Mas sempre houvera espíritos e fantasmas nas montanhas, todo mundo sabia disso. De modo que podiam não ter nada a ver com a mulher.

Bem, pensou Will, se Lyra está na caverna e a Sra. Coulter não sair, vou ter que ir lá fazer uma visita.

- O que é esse remédio que você tem? - perguntou Will. - O que você tem de fazer para acordá-la?

Ama explicou.

- E onde está agora?

- Em minha casa, respondeu. Escondido.

- Então está certo. Espere aqui e não se aproxime. Quando encontrar com ela, não deve dizer que me conhece. Você nunca me viu, nem viu o urso. Quando deve voltar para trazer comida para ela?

- Meia hora antes do pôr-do-sol, respondeu o *daemon* de Ama.

- Então, quando voltar traga o remédio - instruiu Will.

- Eu me encontro com você aqui.

Ela ficou observando com intensa preocupação enquanto ele seguia descendo a trilha. Com certeza não acreditava no que ela havia acabado de contar sobre o *daemon* macaco, caso contrário ele não estaria indo para a caverna tão displicentemente.

Na verdade, Will estava muito nervoso. Todos os seus sentidos pareciam mais aguçados, de modo que percebia até os insetos mais minúsculos esvoaçando nos raios de sol e o farfalhar de cada folha, o movimento das nuvens acima, apesar de seus olhos em nenhum momento terem se despregado da boca da caverna.

- Balthamos - sussurrou, e o anjo *daemon* voou até seu ombro sob a forma de um passarinho de olhos brilhantes com asas vermelhas.

- Fique perto de mim e vigie aquele macaco.

- Então olhe para a direita - respondeu Balthamos secamente. E Will viu um lampejo de luz dourada na boca da caverna que tinha cara e olhos e os estava observando. Eles estavam a menos de 20 passos de distância. Will se deteve, ficando imóvel, e o macaco dourado virou a cabeça para olhar para dentro da caverna, disse alguma coisa e virou-se de volta para ele.

Will pôs a mão no cabo da faca, então continuou a andar.

Quando chegou à caverna, a mulher estava esperando por ele. Estava sentada muito confortavelmente em sua cadeirinha de lona,

com um livro no colo, observando - o calmamente. Vestia roupas de viagem de cor caqui, mas eram tão bem cortadas e seu corpo era tão gracioso que parecia um modelo de altíssima costura, e o pequeno buquê de botões de flores vermelhas que ela tinha prendido na camisa parecia a mais elegante das jóias. Os cabelos dela brilhavam e seus olhos escuros faiscavam, as pernas nuas reluziam bronzeadas sob a luz dourada do sol.

Ela sorriu. Will quase retribuiu o sorriso, porque não estava habituado com a doçura e delicadeza que uma mulher podia incutir num sorriso, e aquilo o deixou inquieto.

- Você é Will - disse ela, naquela voz baixa, inebriante.

- Como sabe o meu nome? - perguntou em tom mal-educado.

- Lyra diz seu nome quando está dormindo.

- Onde está ela?

- A salvo.

- Quero vê-la.

- Então venha - disse ela e se levantou, largando o livro sobre cadeira. Pela primeira vez desde que chegara à presença da Sra. Coulter, Will olhou para o *daemon* macaco dourado. O pêlo dele era longo e lustroso, cada fio parecendo ser feito de ouro puro, muito mais fino do que cabelo humano, e sua carinha e mãos eram pretas. Da última vez que Will tinha visto aquela cara, contorcida de ódio, fora na noite em que ele e Lyra tinham roubado de volta o aletômetro de Sir Charles Latram, na casa em Oxford. O macaco tinha tentado mordê-lo com os dentes afiados até que Will golpeara, da esquerda para a direita, com a faca, obrigando o *daemon* a recuar, de modo que pudesse fechar a janela e prendê-los num mundo diferente. Will refletiu que, agora, nada no mundo o faria dar as costas àquele macaco.

Mas Balthamos, sob a forma de passarinho, o estava vigiando atentamente, e Will entrou pisando com cuidado no solo da caverna e seguiu ira. Coulter até o vulto pequenino deitado imóvel nas sombras. E lá estava ela, sua amiga mais querida, adormecida. Parecia tão menina!

Ele ficou surpreendido com o fato de que toda a força e fogo que eram Lyra pudessem torná-la frágil e delicada quando estava dormindo. Enroscado em seu pescoço estava Pantalaimon sob sua forma de arminho, a pelagem reluzindo, e os cabelos de Lyra escorriam úmidos colados em sua testa. Will se ajoelhou ao lado dela e afastou os cabelos. O rosto de Lyra estava pelando. Pelo canto do olho Will viu o macaco dourado agachado, pronto para dar o bote, e pôs a mão sobre a faca, mas a Sra. Coulter sacudiu a cabeça muito ligeiramente e o macaco relaxou. Sem parecer fazê-lo, Will estava memorizando com exatidão o interior da caverna: a forma e o tamanho de cada rocha, a inclinação do solo, a altura exata do teto acima da garota dormindo. Teria que saber por onde passar e encontrá-la no escuro, e aquela era a única oportunidade que teria de investigar isso.

- Como está vendo, ela está em segurança - disse a Sra. Coulter.

- Por que a está mantendo aqui? E por que não deixa Lyra acordar?

- Vamos nos sentar.

Ela não voltou para a cadeira em vez disso, veio sentar-se com ele nas pedras cobertas de musgo na entrada da caverna. Parecia tão gentil e havia uma sabedoria tão triste em seus olhos, que a desconfiança de Will aumentou. Sentia que cada palavra que ela dizia era uma mentira, que todas as suas ações escondiam uma ameaça e cada sorriso era uma máscara de fingimento. Bem, ele teria que lhe dar o troco e enganá-la: teria que fazê-la acreditar que era inofensivo. Mas havia enganado muito bem todos os professores e policiais, todas as assistentes sociais e vizinhos que algum dia tinham demonstrado algum interesse por ele e por sua

casa, vinha se preparando para isso durante sua vida inteira. Certo, pensou ele. Posso cuidar muito bem de você.

- Gostaria de beber alguma coisa? - perguntou a Sra. Coulter. - Eu também vou beber... Não há nenhum perigo. Veja.

Ela cortou uma estranha fruta marrom enrugada e espremeu o suco leitoso em duas pequenas canecas. Bebeu numa e ofereceu a outra a Will, que também bebericou e achou o suco fresco e doce.

- Como você conseguiu chegar aqui? - perguntou ela.

- Não foi difícil seguir vocês.

- Estou vendo. Você está com o aletômetro de Lyra?

- Estou - respondeu, e deixou que ela tentasse descobrir sozinha se sabia usá-lo ou não.

- E você tem uma faca, pelo que me disseram.

- Foi Sir Charles quem lhe contou isso, não foi?

- Sir Charles? Ah... o Carlo, é claro. Foi ele, sim. Deve ser fascinante. Posso vê-la?

- Não, é claro que não - retrucou. - Por que está mantendo Lyra aqui?

- Porque eu a amo - disse ela. - Sou a mãe dela. Ela está correndo um perigo terrível e não vou permitir que nada aconteça a ela.

- Perigo de quê? - perguntou Will.

- Bem... - disse ela, e colocou a canequinha no chão, inclinando-se para a frente de maneira que seus cabelos balançassem dos dois lados de seu rosto. Quando tornou a erguer o tronco, puxou os cabelos para trás, enfiandoos atrás das orelhas com as duas mãos,

e Will sentiu a fragrância de algum perfume que ela estava usando, combinado com o cheiro fresco de seu corpo, e se sentiu inquieto.

Se a Sra. Coulter percebeu sua reação, não demonstrou. Então prosseguiu.

- Olhe, Will, não sei como você veio a conhecer minha filha e não sei o que você já sabe, e, certamente, não sei se posso confiar em você, mas, igualmente, estou cansada de ter que mentir. De modo que aqui vai a verdade:

- E prosseguiu. - Descobri que exatamente as pessoas da instituição à qual eu pertencia, a igreja, constituem um perigo para minha filha. Francamente, eu acho que eles querem matá-la. De modo que me vi diante de um dilema, sabe: obedecer à igreja ou salvar minha filha. E eu também era uma servidora fiel da igreja. Não havia ninguém mais dedicado, dei minha vida à igreja, fui sua servidora apaixonada - ela fez uma pausa. - Mas tive esta filha... - Ela se calou. - Sei que não cuidei bem dela quando era pequena. Foi tirada de mim e criada por estranhos. Talvez isso tenha tornado difícil para ela confiar em mim. Mas quando estava crescendo, vi o perigo que estava correndo e, agora, já por três vezes, tentei salvá-la desse perigo. Tive que me tornar uma renegada e me esconder neste lugar remoto e pensei que estivéssemos em segurança, mas, agora, acabo de descobrir que você nos achou com tanta facilidade... bem, acho que pode compreender, isso me preocupa. A igreja não deve estar muito longe de você. E eles querem matá-la, Will. Eles não permitirão que ela viva.

- Por quê? Por que eles a odeiam tanto?

- Por causa do que acreditam que ela vai fazer. Não sei o que é, gostaria muito de saber, pois assim poderia mantê-la ainda mais segura. Mas tudo o que sei é que eles a odeiam e que não têm misericórdia, nenhuma. Ela se inclinou para frente, falando em tom urgente, baixo e cauteloso.

- Por que estou contando isso a você? - continuou. - Posso confiar em você? Acho que vou ter que confiar. Não posso mais fugir, não há mais para onde ir. E se você é amigo de Lyra, poderia ser meu amigo também. E eu realmente estou precisando de amigos, realmente estou precisando de ajuda. Agora tudo está contra mim. A igreja vai me destruir também, exatamente como Lyra, se nos encontrarem. Eu estou sozinha, Will, sou só eu numa caverna com minha filha e todas as forças de todos os mundos estão tentando nos encontrar. E aqui está você, para mostrar como, aparentemente, é fácil nos achar. O que você vai fazer, Will? O que você quer?

- Por que a mantém adormecida? - perguntou ele, teimosamente, evitando as perguntas.

- Porque, o que aconteceria se eu a deixasse acordar? Ela fugiria imediatamente. E ela não sobreviveria nem cinco dias.

- Mas por que não explica a ela e lhe dá uma escolha?

- Você acha que ela me ouviria? Acha que, mesmo se me ouvisse, que acreditaria em mim? Ela não confia em mim. Ela me detesta, Will. Você deve saber disso. Ela me despreza. Eu, bem... eu não sei como dizer isso... eu a amo tanto que abandonei tudo o que eu tinha, uma carreira brilhante, uma grande felicidade, posição e riqueza, tudo, para vir para esta caverna nas montanhas e viver de pão seco e frutas amargas, só para poder manter minha filha viva. E se para fazer isso eu tiver que mantê-la adormecida, assim seja. Mas eu tenho que salvar sua vida. Sua mãe não faria o mesmo por você?

Will sentiu o impacto de um choque de raiva diante do fato de que a Sra. Coulter tivesse ousado se referir à mãe dele para defender seus argumentos. Depois, esse primeiro choque foi complicado pelo pensamento de que sua mãe, afinal, não o havia protegido, ele tivera que protegê-la. Será que a Sra. Coulter amava Lyra mais do que Elaine Parry o amava? Mas isso era injusto: sua mãe não estava bem.

Ou a Sra. Coulter não tinha conhecimento do turbilhão de sentimentos que suas palavras simples haviam criado ou ela era monstruosamente esperta. Seus belos olhos observaram com brandura, enquanto o rosto de Will ficava afogueado e ele se mexia desconfortavelmente, e, por um momento, a Sra. Coulter ficou espantosamente parecida com sua filha.

- Mas o que você vai fazer? - perguntou.

- Bem, agora eu já vi Lyra - respondeu Will - e ela está viva, isso está

claro para mim e, creio, está em segurança. Isso é tudo o que eu ia fazer. De maneira que agora que já fiz, posso ir embora, para ajudar Lorde Asriel, como já deveria ter feito.

Aquilo de fato a surpreendeu um pouco, mas ela se controlou.

- Você não quer dizer... eu pensei que poderia nos ajudar - argumentou, bastante calmamente, sem suplicar, mas questionando. - Com a faca. Eu vi o que você fez na casa de Sir Charles. Poderia nos botar em segurança, não poderia? Poderia nos ajudar a fugir?

- Agora, eu vou embora - disse Will, levantando-se.

Ela estendeu a mão. Um sorriso triste, um dar de ombros e um meneio de cabeça, como se cumprimentando um adversário inteligente que tivesse feito um bom movimento no tabuleiro de xadrez: isso foi tudo o que seu corpo disse. Will descobriu que estava gostando dela, porque era corajosa e porque parecia ser uma Lyra mais complexa, mais rica e mais profunda. Não conseguiu se impedir de gostar dela.

De modo que apertou a mão dela e viu que era firme, fresca e macia. A Sra. Coulter se virou para o macaco dourado, que estivera sentado atrás dela o tempo todo, e houve uma troca de olhares entre eles que Will não conseguiu interpretar.

Então ela se virou de volta com um sorriso.

- Adeus - disse ele, e ela respondeu baixinho:

- Adeus, Will.

Will saiu da caverna, sabendo que os olhos dela o estavam seguindo, e não se virou para trás nem uma vez. Ama não estava em nenhum lugar a vista. Foi caminhando de volta por onde tinha vindo, seguindo a trilha, até que ouviu o som da cachoeira mais adiante.

- Ela está mentindo - disse para Iorek Byrnison, 30 minutos depois. - É

claro que está mentindo. Ela mentiria mesmo se isso tornasse as coisas piores para si mesma, porque ela simplesmente gosta demais de mentir para parar.

- Então qual é o seu plano? - perguntou o urso, que estava tomando um banho de sol, a barriga achatada contra um pedaço de neve entre as rochas. Will andou de um lado para o outro, se perguntando se poderia usar a mesma manobra que tinha funcionado em Headington: usar a faca para passar para outro mundo e então ir para um ponto que ficasse bem ao lado de onde Lyra estava deitada, cortar uma outra abertura para voltar a entrar nesse mundo, puxá-la pela abertura para um local seguro e tornar a fechar. Era a coisa óbvia a fazer: por que estava hesitando?

Balthamos sabia. Sob sua própria forma de anjo, tremeluzindo como uma névoa de calor sob a luz do sol, declarou:

- Você foi tolo de ir vê-la. Agora tudo o que quer é vê-la de novo. Iorek soltou um rosnado baixo e grave. De início, Will pensou que estivesse fazendo uma advertência a Balthamos, mas depois, com um ligeiro choque de vergonha, percebeu que o urso estava concordando com o anjo. Os dois tinham dado pouca atenção um ao outro até agora, suas maneiras de ser eram totalmente

diferentes, mas, com relação àquilo, claramente tinham a mesma opinião.

E Will fez uma careta de desprezo, mas era verdade. Tinha sido seduzido pela Sra. Coulter. Todos os seus pensamentos se voltavam para ela: quando pensava em Lyra, era para se perguntar como seria parecida com a mãe quando crescesse, se pensava na igreja, era para se perguntar quantos padres e cardeais estariam enfeitiçados por ela, se pensasse em seu pai, morto, era para se perguntar se ele a teria detestado ou admirado, e se pensasse em sua mãe...

Ele sentiu seu coração se contrair. Foi andando para longe do urso e ficou parado no alto de um pedregulho de onde podia ver o vale inteiro. No ar limpo e frio podia ouvir o toque-toque distante de alguém cortando lenha, podia ouvir um sino de ferro tilintando surdamente em volta do pescoço de uma ovelha, podia ouvir o farfalhar das copas das árvores bem longe, lá embaixo. Mesmo as mais minúsculas fendas nas rochas no horizonte estavam nítidas e claras diante de seus olhos, bem como os abutres que voavam em círculos sobre algum animal quase morto a muitos quilômetros de distância. Não havia dúvida quanto àquilo: Balthamos estava certo. A mulher o enfeitiçara. Era agradável e tentador pensar naqueles belos olhos e na doçura daquela voz, e recordar a maneira como seus braços tinham se levantado para empurrar para trás os cabelos brilhantes... Com um esforço, recuperou o controle de seus sentidos e ouviu um outro som, totalmente diferente: um zumbido muito distante.

Virou-se para um lado e depois para outro, tentando localizá-lo, e o descobriu ao norte, exatamente na mesma direção de onde ele e Iorek tinham vindo.

- Zepelins - disse a voz do urso, assustando Will, pois não tinha ouvido o imenso animal se aproximar. Iorek estava a seu lado, olhando na mesma direção, e então se levantou nas duas patas traseiras, ficando duas vezes mais alto que Will, olhar fixo, atento.

- Quantos?

- Uns oito - disse Iorek depois de um minuto e, então, Will também os avistou: minúsculos pontos enfileirados.

- Sabe me dizer quanto tempo vão levar para chegar aqui? - perguntou Will.

- Estarão aqui não muito depois do anoitecer.

- Então não teremos muito tempo de escuridão. Isso é uma pena.

- Qual é o seu plano?

- Fazer uma abertura e através dela levar Lyra para um outro mundo, e fechar antes que sua mãe possa nos seguir. A menina tem um remédio para fazer Lyra acordar, mas não conseguiu explicar com muita clareza como usálo, de modo que ela terá que entrar na caverna também. Contudo, não quero colocá-la em perigo. Talvez você pudesse distrair a Sra. Coulter enquanto cuidamos disso.

O urso grunhiu e fechou os olhos. Will olhou ao redor procurando o anjo e viu sua forma delineada em gotículas de névoa sob a luz do final da tarde.

- Balthamos - disse - vou voltar à floresta agora, para encontrar um lugar seguro para fazer a primeira abertura. Preciso que fique de vigia para mim e me avise no minuto em que ela se aproximar, ela ou aquele *daemon* dela. Balthamos assentiu e levantou as asas para sacudir a água. Então voou bem alto no ar frio e foi planando sobre o vale enquanto Will começava a procurar um mundo onde Lyra pudesse estar em segurança.

Na antepara dupla do zepelim líder da esquadrilha, que estalava e tamborilava, as libélulas estavam saindo de seus casulos. Lady Salmakia se inclinou para frente, sobre o casulo da libélula azul-elétrico, ajudando a soltar as asas delicadas e úmidas, tomando cuidado para que seu rosto fosse a primeira coisa a ser registrada

pelos olhos multifacetados, acalmando os nervos delicadamente tensos, sussurrando seu nome para a pequena criatura de cor brilhante, ensinando-lhe quem ela era.

Alguns minutos depois o Cavaleiro Tialys faria o mesmo com a sua. Mas no momento estava enviando uma mensagem através do magneto ressonante e sua atenção estava totalmente ocupada com o arco e seus dedos. Ele transmitiu:

Para Lorde Roke:

Estamos a três horas do horário previsto de chegada ao vale. O Tribunal Consistorial de Disciplina pretende enviar um pelotão de combate para a caverna assim que aterrissarem.

Esse pelotão vai se dividir em duas unidades. A primeira abrirá caminho até a caverna, combatendo, se necessário, e matará a criança, cortando-lhe fora a cabeça de maneira a comprovar sua morte. Se possível, também querem capturar a mulher, porém, se isto for impossível, pretendem matá-la. A segunda unidade tem a missão de capturar o garoto vivo. O restante da força enfrentará os gírópteros do Rei Ogunwe. Eles estimam que os girópteros chegarão pouco depois dos zepelins. De acordo com suas ordens, Lady Salmakia e eu brevemente deixaremos o zepelim e voaremos diretamente para a caverna, onde tentaremos defender a menina contra a primeira unidade de soldados e mantê-los à distância até que cheguem os reforços.

Aguardamos sua resposta.

A resposta veio quase imediatamente.

Para o Cavaleiro Tialys:

A luz de suas informações, aqui vai uma mudança de planos. De maneira a impedir que o inimigo mate a criança, que seria o pior resultado possível, você e Lady Salmakia devem cooperar com o garoto. Enquanto ele tiver a faça, ele também tem a iniciativa, de

modo que se ele abrir um outro mundo e levar a menina para lã, permitam que o faça e tratem de segui-los na passagem. Permaneçam ao lado deles em todos os momentos, quaisquer que sejam as circunstâncias.

O Cavaleiro Tialys respondeu:

Para Lorde Roke:

Sua mensagem foi recebida e compreendida. Lady Salmakia e eu partiremos imediatamente.

O pequenino espião fechou o magneto ressonante e recolheu seu equipamento.

- Tialys - veio um sussurro da escuridão - está saindo do casulo. Deve vir imediatamente.

Ele saltou para cima do esteio onde sua libélula estivera se esforçando para vir ao mundo e a ajudou delicadamente a se libertar do casulo partido. Acariciando a grande cabeça feroz, levantou as antenas pesadas, ainda úmidas e enroscadas, e permitiu que a criatura sentisse o gosto de sua pele até que estivesse inteiramente sob seu comando.

Lady Salmakia estava equipando sua libélula com os arreios que sempre tinha consigo onde quer que fosse: rédeas de seda de teia de aranha, estribos de titânio, uma sela de pele de beija-flor. Não pesava quase nada. Tialys fez o mesmo com a sua, ajeitando os tirantes em torno do corpo do inseto, apertando, ajustando. A libélula usaria os arreios até morrer. Então ele rapidamente colocou a mochila sobre os ombros e cortou uma abertura no tecido oleado da carcaça do zepelim. Ao lado dele, Lady Salmakia havia montado em sua libélula e agora a incitou a sair pela abertura estreita, para as fortes rajadas de vento. As asas alongadas e frágeis tremeram enquanto se espremia para passar e então o êxtase de voar se apoderou da pequenina criatura e ela mergulhou no vento. Poucos segundos depois Tialys se juntou a ela no ar turbulento, sua

montaria ansiosa para lutar contra a própria noite que caía rapidamente.

Os dois rodopiaram em direção ao alto nas correntes de vento geladas, levaram uns poucos momentos para descobrir onde estavam e tomar o curso rumo ao vale.

A QUEBRA

Ainda quando fugia, o olhar mantinha voltado para trás, como se seu medo ainda o estivesse seguindo, vindo logo atrás.

Edmund Spencer

À medida que a escuridão da noite ia caindo, as coisas se encontravam no seguinte pé.

Em sua torre adamantina, inquieto, Lorde Asriel andava de um lado para outro, sem cessar. Sua atenção estava cravada na figura pequenina ao lado do magneto ressonante e todas as outras transmissões tinham sido desviadas, todas as partículas de sua mente estavam concentradas no pequeno bloco quadrado de pedra sob a luz da lamparina.

O Rei Ogunwe estava na cabine de comando de seu giróptero, rapidamente preparando um plano para frustrar as intenções do Tribunal Consistorial, das quais acabara de tomar conhecimento através do galivespiano em sua aeronave. O navegador escreveu alguns números num pedaço de papel, que entregou ao piloto. A questão essencial era velocidade: conseguir pôr as tropas em terra primeiro faria toda a diferença. Os girópteros eram mais velozes que os zepelins, mas ainda estavam um pouco atrasados. Nos zepelins do Tribunal Consistorial, a Guarda Suíça preparava seu equipamento de combate. Suas bestas eram mortais numa distância de até

460 metros e um arqueiro podia carregar e disparar 15 flechas curtas por minuto. As barbatanas em espiral, feitas de chifre, davam

a essas setas um movimento giratório e tornavam a pontaria da arma precisa como a de uma espingarda. Também era, é claro, silenciosa, algo que podia ser uma grande vantagem.

A Sra. Coulter estava acordada na entrada da caverna. O macaco dourado estava inquieto e frustrado: os morcegos tinham deixado a caverna quando começara a escurecer e não havia nada que pudesse atormentar. Ficou rondando em volta do saco de dormir da Sra. Coulter, esmigalhando com um dedo pontudo os vaga-lumes que ocasionalmente vinham pousar na caverna e esfregando sua luminescência na pedra.

Lyra continuava deitada, acalorada e quase que igualmente inquieta, mas muito, muito profundamente adormecida, confinada ao esquecimento pelo trago de bebida que sua mãe a havia forçado a engolir, apenas uma hora antes. Havia um sonho que a ocupara durante muito tempo anteriormente e agora ele tinha voltado, e pequenos gemidos, tão característicos de Lyra, de pena, de raiva e de determinação, sacudiam seu peito e sua garganta, fazendo Pantalaimon ranger seus dentes de arminho em solidariedade. Não muito longe, sob os pinheiros batidos pelo vento na trilha da floresta, Will e Ama estavam se aproximando a caminho da caverna. Will tinha tentado explicar a Ama o que iria fazer, mas o *daemon* dela não tinha conseguido compreender e quando ele cortou uma janela e mostrou a ela, ficou tão apavorada que quase desmaiou. Ele teve que andar mais devagar e falar baixinho para conseguir mantê-la por perto, pois ela se recusava a deixá-lo tocar no embrulho de pó e até mesmo contar a ele como deveria ser usado. Afinal ele foi obrigado a dizer simplesmente:

- Mantenha-se em silêncio e siga-me - e a esperar que ela o fizesse. Iorek, vestido em sua armadura, estava em algum lugar nas proximidades, esperando para impedir a passagem dos soldados dos zepelins, de modo a dar a Will tempo suficiente para agir. O que nenhum dos dois sabia era que as forças de Lorde Asriel também estavam se aproximando: o vento, de tempos em tempos, trazia aos ouvidos de Torek um ruído distante de batimentos, mas, apesar de

conhecer o barulho que os motores de um zepelim faziam, nunca tinha ouvido o som de um giróptero, de modo que aquilo não lhe dizia nada. Balthamos talvez pudesse ter-lhes dito, mas Will estava preocupado com ele. Agora que tinham encontrado Lyra, o anjo começara a se recolher novamente em seu luto: estava calado, distraído e mal-humorado. E aquilo, por sua vez, tornava mais difícil falar com Ama.

Quando fizeram uma parada na trilha, Will disse para o ar:

- Balthamos? Você está aí?

- Estou - respondeu o anjo monotonamente.

- Balthamos, por favor, fique comigo. Fique perto e me avise de qualquer perigo. Eu preciso de você.

- Eu ainda não abandonei você - retrucou o anjo. E isso foi o máximo que Will conseguiu arrancar dele.

Bem longe nas alturas, no ar turbulento, Tialys e Salmakia voavam alto sobre o vale, tentando ver onde ficava a caverna. As libélulas fariam exatamente o que ordenassem, mas seus corpos não lidavam com facilidade com o frio e, além disso, estavam sendo perigosamente sacudidas e jogadas pelo vento fone. Seus cavaleiros as guiaram para mais baixo, sob a proteção das árvores, e então foram voando de galho em galho, procurando se situar na escuridão que aumentava.

Will e Ama se esgueiraram sob o vento forte, ao luar, até o ponto mais próximo que podiam alcançar que ainda ficasse fora do ângulo de visão da caverna. Calhou de ser atrás de um arbusto muito frondoso a pouca distância da trilha, ali ele cortou uma janela no ar.

O único mundo que conseguiu encontrar, com a mesma conformação de terreno, era um lugar deserto, rochoso, onde a lua brilhava forte, do alto de um céu estrelado, sobre um solo esbranquiçado, descorado como osso, onde pequenos insetos se

arrastavam e emitiam seus ruídos secos, rangidos, em meio a um vasto silêncio.

Ama o seguiu pela janela, com dedos e polegares se esfregando furiosamente para protegê-la dos demônios que deviam estar assombrando aquele lugar horrível, e seu *daemon*, imediatamente se adaptando, se transformou num lagarto e correu sobre as rochas com pés ligeiros. Will percebeu um problema. Era simplesmente que o luar intenso, banhando as rochas esbranquiçadas, iria brilhar como uma lanterna quando ele abrisse a janela na caverna da Sra. Coulter. Teria que abri-la rapidamente, puxar Lyra para o outro lado e fechá-la imediatamente. Podiam deixar para acordá-la naquele mundo, onde era mais seguro.

Ele parou na encosta ofuscante e disse para Ama:

- Temos que agir muito rápido e nos manter completamente silenciosos. Não fazer nenhum barulho, nem um sussurro.

Ama compreendeu, embora estivesse assustada. O pequeno embrulho de pó estava no bolso de seu peito: tinha verificado uma dúzia de vezes, ela e seu *daemon* tinham ensaiado a tarefa tantas vezes que tinha certeza de que seriam capazes de executá-la até na escuridão total.

Eles foram escalando as rochas esbranquiçadas, cor de osso, Will medindo cuidadosamente a distância até que calculou que estariam dentro da caverna.

Então pegou a faca e cortou a menor janela possível, por onde pudesse ver, não maior que o círculo que ele fazia juntando o polegar com o indicador. Rapidamente encostou o olho nela, para impedir que o luar passasse, e olhou para o outro lado. Estava tudo lá: tinha calculado bem. Podia ver a entrada da caverna mais para frente, as rochas escuras, delineadas no céu noturno, podia ver o vulto da Sra. Coulter, dormindo, com seu *daemon* dourado a seu lado, podia ver até o rabo do macaco, descansando negligentemente sobre o saco de dormir.

Mudando de ângulo e olhando para mais perto, viu a rocha atrás da qual Lyra estivera deitada. Contudo não conseguia vê-la. Estaria perto demais? Ele fechou a janela, deu um ou dois passos para trás e abriu de novo. Ela não estava lá.

- Escute - disse para Ama e seu *daemon* -a mulher mudou Lyra de lugar e não consigo ver onde ela está. Vou ter que atravessar a janela e procurar dentro da caverna até descobrir onde ela está, então corto outra janela assim que tiver encontrado. De modo que fique um pouco afastada, mantenha-se fora do caminho para eu não cortar você acidentalmente quando voltar.

- Nós devíamos atravessar juntos - disse Ama - porque eu sei como acordá-la e você não sabe, e eu conheço a caverna melhor que você. O rosto dela tinha uma expressão teimosa, os lábios comprimidos, os punhos cerrados. Seu *daemon* lagarto adquiriu um colar natural que ele levantou e abriu em volta do pescoço.

- Ah, então está bem - concordou Will. - Mas vamos atravessar rapidamente e em silêncio absoluto, e você faz exatamente o que eu mandar, na hora em que eu disser, entendeu?

Ela balançou a cabeça concordando e, mais uma vez, bateu de leve no bolso para se certificar de que o remédio estava lá.

Will fez uma pequena abertura, bem baixa, olhou através dela e a aumentou rapidamente, e de quatro, engatinhando nas mãos e nos joelhos, atravessou num instante. Ama estava bem atrás dele e, no total, a janela ficou aberta durante menos de dez segundos.

Os dois se agacharam no solo da caverna, se escondendo atrás de um grande pedregulho, com Balthamos, sob a forma de passarinho, bem ao lado, os olhos deles levaram alguns instantes para se ajustar à luz brilhante do luar do outro mundo. Dentro da caverna estava muito mais escuro e muito mais cheio de sons: principalmente do vento agitando as árvores, mas também havia um outro som mais baixo. Era o rugido do motor de um zepelim, e não estava muito distante.

Com a faca na mão direita, Will se equilibrou com cuidado e olhou em volta.

Ama estava fazendo a mesma coisa e, com olhos de coruja, seu *daemon* também olhava de um lado para outro, mas Lyra não estava daquele lado da caverna. Quanto a isso não havia mais dúvida.

Will levantou a cabeça sobre o pedregulho e lançou um longo olhar na direção da entrada, onde a Sra. Coulter e seu *daemon* estavam dormindo. E então seu coração se contraiu. Lá estava Lyra, deitada nas profundezas de seu sono, bem ao lado da Sra. Coulter. Os contornos das duas se fundiam na escuridão, não era de espantar que ele não a tivesse visto. Will tocou na mão de Ama e apontou.

- Vamos ter que fazer isto com muito cuidado - sussurrou.

Alguma coisa estava acontecendo do lado de fora. O rugido dos zepelins agora estava muito mais alto que o vento batendo nas árvores e havia luzes se movendo por lá, vindas do alto, iluminando o solo, através dos galhos. Quanto mais depressa conseguissem tirar Lyra dali, melhor, e isso significava correr até lá agora, antes que a Sra. Coulter acordasse, cortar uma abertura, puxá-la por ela e fechar de novo.

Ele sussurrou para Ama. Ela assentiu.

Então, quando ele estava pronto para agir, a Sra. Coulter acordou. Ela se mexeu e disse alguma coisa, imediatamente o macaco dourado se levantou de um salto. Will podia ver a silhueta dele na boca da caverna, agachado, alerta, e então a Sra. Coulter se levantou, protegendo os olhos da luz que vinha de fora.

A mão esquerda de Will segurava o pulso de Ama com firmeza. A Sra. Coulter se levantou, totalmente vestida, ágil, alerta, como se absolutamente não tivesse estado dormindo pouco antes. Talvez tivesse estado acordada o tempo todo. Ela e o macaco dourado estavam agachados, escondidos junto à

entrada da caverna, observando e ouvindo, enquanto as luzes dos zepelins balançavam de um lado para outro acima das copas das árvores e os motores rugiam, e gritos de vozes masculinas fazendo advertências ou dando ordens deixavam evidente que eles deveriam tratar de se mexer depressa, muito depressa.

Will apertou o pulso de Ama e avançou rapidamente, observando o solo para não tropeçar, correu depressa, mantendo-se abaixado.

Logo estava ao lado de Lyra e ela estava profundamente adormecida, com Pantalaimon aninhado em volta de seu pescoço, e então Will levantou a faca e um minuto depois teria havido uma abertura através da qual poderia puxar Lyra para um lugar seguro. Mas ele levantou o olhar. Olhou para a Sra. Coulter. Ela tinha se virado para trás, em silêncio, o clarão vindo do céu, refletindo na parede úmida da caverna, iluminou seu rosto e, por um instante, não era mais absolutamente o rosto dela, era o rosto da mãe dele, censurandoo, e seu coração tremeu de dor, então, quando ele golpeou com a taça, sua mente devaneou e, com uma torção e um estalo, a faca caiu em pedaços no chão.

Estava quebrada.

Agora ele não poderia mais cortar uma abertura para sair.

Ele disse para Ama:

- Acorde-a. Agora.

Então se levantou, pronto para lutar. Primeiro iria estrangular aquele macaco. Estava tenso, pronto para enfrentar seu bote, e descobriu que ainda tinha o cabo da faca na mão: pelo menos poderia usá-lo para bater nele. Mas não houve ataque, nem do macaco dourado, nem da Sra. Coulter. Ela simplesmente se moveu um pouco para permitir que a luz vinda de fora mostrasse a pistola em sua mão. Ao fazer isso, permitiu que a luz passasse mostrando o que Ama estava fazendo: ela estava salpicando um pó no lábio superior de Lyra e observando enquanto Lyra inspirava o pó, ajudando a

empurrá-lo para dentro das narinas, usando a cauda de seu *daemon* como pincel.

Will ouviu uma alteração nos sons que vinham de fora: havia uma outra nota além do rugido dos zepelins. Parecia familiar, como uma intrusão vinda de seu mundo, e ele então reconheceu o ruído de um helicóptero. Logo veio outro e mais outro, e mais luzes estavam varrendo as árvores em movimento contínuo lá fora, num leque de radiação verde brilhante.

A Sra. Coulter virou-se rapidamente quando ouviu o novo som, mas por um instante muito breve para que Will pudesse saltar e tomar-lhe a arma. Quanto ao macaco dourado, olhava furioso para Will, sem piscar, agachado, pronto para saltar em cima dele.

Lyra estava se mexendo e murmurando. Will se abaixou e apertou a mão dela, e o outro *daemon* sacudiu de leve Pantalaimon, levantando sua cabeça, sussurrando para ele.

Do lado de fora veio um grito e um homem caiu do céu com uma pancada violenta, nauseante, a menos de cinco metros da entrada da caverna. A Sra. Coulter se manteve impassível, olhou friamente para ele, depois se virou de volta para Will. Um instante depois houve um disparo de tiros de uma carabina vindo do alto e um segundo depois uma tempestade de tiros se desencadeou, e o céu se encheu de explosões, do crepitar de chamas, de rajadas de balas de armas de fogo.

Lyra estava lutando para recuperar a consciência, arquejando, suspirando, gemendo, se apoiando para se levantar e depois caindo enfraquecida e Pantalaimon estava bocejando, se espreguiçando e resmungando com o outro *daemon*, despencando desajeitada mente para o lado quando seus músculos se recusavam a obedecer.

Quanto a Will, ele estava vasculhando o solo da caverna com o maior cuidado, catando os pedaços da faca quebrada. Não havia tempo para se perguntar como aquilo teria acontecido, ou se ela

poderia ser reparada, mas ele era o portador da faca e tinha que juntar e guardar todos os pedaços. A medida que foi encontrando cada pedaço, pegava-o cuidadosamente, cada nervo em seu corpo consciente dos dedos que faltavam, e o enfiava na bainha. Podia ver os pedaços com facilidade porque o metal refletia a luz vinda de fora: eram sete, o menor sendo a ponta. Ele recolheu todos os pedaços e então se virou para tentar entender a luta que estava ocorrendo lá fora. Em algum lugar acima das árvores, os zepelins estavam pairando no ar, e homens vinham descendo por cordas, mas o vento tornava difícil para os pilotos manterem as aeronaves estacionárias. Enquanto isso, os primeiros girópteros tinham chegado ao alto do penhasco. Só havia espaço para que aterrissasse um de cada vez e depois os carabineiros africanos tinham que descer pela parede de rocha. Fora um deles que tinha sido abatido por um tiro afortunado, disparado por alguém nos zepelins oscilantes.

A essa altura os dois lados já tinham desembarcado tropas. Alguns tinham sido mortos entre o céu e o solo, vários estavam feridos e caídos na encosta ou entre as árvores. Mas nenhuma das duas forças havia alcançado a caverna, e o poder ali dentro ainda estava nas mãos da Sra. Coulter.

Will disse, falando mais alto que o barulho:

- O que vai fazer?

- Manter vocês prisioneiros.

- O que, como reféns? Por que eles haveriam de dar qualquer importância a isso? Eles querem nos matar.

- Uma força quer, sem dúvida - respondeu ela - mas não tenho certeza com relação à outra. Devemos torcer para que os africanos vençam. - Ela parecia satisfeita e, no clarão que vinha de fora, Will viu que seu rosto estava cheio de felicidade, de vida e energia. - Você quebrou a faca.

- Não, eu não quebrei. Eu a queria inteira, de modo que pudéssemos escapar. Foi você quem a quebrou.

A voz de Lyra chamou aflita:

- Will - murmurou. - Will, é você?

- Lyra! - exclamou ele e se ajoelhou ao lado dela. Ama a estava ajudando a se levantar.

- O que está acontecendo? - perguntou Lyra. - Onde estamos? Ah, Will, eu tive um sonho...

- Estamos numa caverna. Não se mexa muito depressa, senão vai ficar tonta. Vá andando devagar. Procure recuperar suas forças. Você esteve dormindo durante dias e dias.

Os olhos dela ainda estavam pesados e ela era sacudida por profundos bocejos, mas estava desesperada para ficar desperta e ele a ajudou a se levantar, pondo o braço dela sobre seu ombro e sustentando a maior parte de seu peso. Ama observou timidamente, pois agora que a estranha menina estava acordada, a deixava nervosa. Will inspirou sentindo o perfume do corpo de Lyra com alegre satisfação: ela estava ali, ela era real. Eles sentaram num pedregulho. Lyra segurou a mão dele e esfregou os olhos.

- O que está acontecendo, Will?

- Nossa amiga aqui, Ama, conseguiu um pó para acordar você - explicou ele, falando muito depressa, e Lyra se virou para a menina, vendo-a pela primeira vez, e pôs a mão sobre o ombro de Ama em sinal de agradecimento. Vim para cá o mais rápido que pude - prosseguiu Will - mas alguns soldados também vieram. Não sei quem são eles. Vamos sair assim que pudermos, Lá fora o barulho e a confusão estavam chegando ao auge, um dos girópteros tinha levado uma rajada de balas de uma metralhadora de um zepelim, enquanto os carabineiros saltavam para o alto do penhasco, e

explodira em chamas, não somente matando sua tripulação, como impedindo os girópteros que faltavam de aterrissar.

Enquanto isso, mais um zepelim havia encontrado uma área livre mais abaixo no vale, e os homens armados de bestas que desembarcaram dele agora vinham correndo, subindo pela trilha para dar reforço aos que já estavam em ação. A Sra. Coulter estava seguindo tudo que podia da entrada da caverna e, naquele momento, levantou a pistola, segurando-a com as duas mãos, e mirou cuidadosamente antes de atirar. Will viu o clarão do disparo, mas não ouviu nada por causa das explosões e do tiroteio lá fora.

Se ela fizer isso de novo, pensou, vou correr e derrubá-la, e ele se virou para sussurrar para Balthamos, mas o anjo não estava em nenhum lugar por perto. Em vez disso, Will viu com desolação que ele estava encolhido contra a parede da caverna, de volta à sua forma de anjo, tremendo e choramingando.

- Balthamos! - chamou aflito. - Deixe disso, eles não podem machucar você! E tem que nos ajudar! Você pode lutar, sabe disso, você não é um covarde, e nós precisamos de você.

Mas, antes que o anjo pudesse responder, uma outra coisa aconteceu. A Sra. Coulter gritou e abaixou-se

para segurar o tornozelo,

simultaneamente, o macaco dourado agarrou alguma coisa no ar, com um rosnado de satisfação.

Uma voz - uma voz de mulher - mas de alguma forma minúscula - veio da coisa nas garras do macaco.

- Tialys! Tialys!

Era uma mulher minúscula, não maior que a mão de Lyra, e o macaco já

estava puxando e puxando um dos braços dela, de modo que ela gritava de dor. Ama sabia que ele não pararia até tê-lo arrancado fora, mas Will saltou para frente quando viu a pistola cair da mão da Sra. Coulter. E ele pegou a arma - mas então a Sra. Coulter ficou imóvel e Will percebeu que estava diante de um estranho impasse.

O macaco dourado e a Sra. Coulter estavam ambos absolutamente imóveis. O rosto dela estava contorcido de dor e de fúria, mas ela não ousava se mexer, porque de pé sobre seu ombro estava um homem minúsculo, com o calcanhar pressionado contra o seu pescoço, as mãos agarrando-lhe os cabelos, e Will, a despeito de seu espanto, viu naquele calcanhar uma reluzente espora de chifre e soube o que a fizera gritar um momento antes. Ele devia ter espetado o tornozelo dela.

Mas o homenzinho não podia mais ferir a Sra. Coulter, por causa do perigo que sua companheira corria nas mãos do macaco, e o macaco não podia machucar a mulher, caso contrário o homenzinho enfiaria sua espora envenenada na veia jugular da Sra. Coulter. Nenhum deles podia se mover. Respirando fundo e engolindo com dificuldade para controlar a dor, a Sra. Coulter virou os olhos cheios de lágrimas para Will e disse calmamente:

- Então, Mestre Will, o que acha que devemos fazer agora?

TIALYS E SALMAKIA

Noite sombria, sombria noite sobre este deserto permite que fulgurante tua lua se levante enquanto meus olhos eu descanse.

Willian Blake

Com a arma pesada na mão, Will fez um movimento rápido e circular para o lado, e derrubou o macaco dourado de onde estava empoleirado, deixando-o de tal maneira atordoado que a Sra. Coulter gemeu alto e a pata do macaco relaxou o suficiente para que a minúscula mulher conseguisse se soltar. Um instante depois, ela havia saltado para o alto das rochas e o homem se afastado

depressa da Sra. Coulter, ambos se movendo com a rapidez de gafanhotos. As três crianças não tiveram tempo para se espantar. O homem estava preocupado: examinou o ombro e o braço de sua companheira delicadamente e a abraçou antes de gritar para Will:

- Você! Garoto! - chamou, e embora sua voz fosse pequenina em volume, era grossa como a de um homem adulto.

- Está com a faca?

- É claro que estou - respondeu Will. Se não sabiam que estava quebrada, não iria contar a eles.

- Você e a menina terão que nos seguir. Quem é a outra criança?

- É Ama, da aldeia - respondeu Will.

- Diga a ela para voltar para lá. Agora vamos andando, antes que os suíços cheguem.

Will não hesitou. Independentemente de quais fossem as intenções daqueles dois, ele e Lyra ainda podiam fugir pela janela que ele tenha aberto atrás do arbusto mais abaixo no caminho.

De modo que a ajudou a se levantar e observou curiosamente enquanto as duas figuras pequeninas montavam em - quê? Passarinho, Não, libélulas, quase tão compridas quanto o antebraço dele, que tenham estado esperando escondidas nas sombras. Eles voaram rapidamente para a entrada da caverna, onde a Sra. Coulter estava caída. Ela estava meio atordoada de dor e sonolenta por causa da ferroada que tinha levado do cavaleiro, mas estendeu a mão para cima quando ia passando e gritou:

- Lyra! Lyra, minha filha, minha querida! Lyra, não vá! Não vá!

Lyra olhou para ela, angustiada, mas então passou por cima do corpo de sua mãe e soltou a mão que segurava sem muita firmeza se tornozelo. A mulher agora estava soluçando, Will viu as lágrimas

brilhando em suas faces. Agachando-se junto da entrada da caverna, as três crianças esperaram até que houvesse uma breve pausa no tiroteio e então segurar as libélulas enquanto voavam rápidas como setas descendo a trilha, a luz tinha mudado: além do clarão frio dos holofotes ambáricos dos zepelins, havia o alaranjado de chamas ardendo.

Will olhou para trás uma vez. Sob a luz intensa, o rosto da Sra. Coulter era uma máscara trágica de paixão e seu *daemon* se agarrava tristemente nela, enquanto ela se ajoelhava e estendia os braços, chorando:

- Lyra! Lyra, meu amor! Tesouro do meu coração, minha garotinha, só

minha! Ah, Lyra, não vá, não me deixe! Minha filha querida você está partindo meu coração.

Um imenso e furioso soluço sacudiu Lyra, pois afinal a Sra. Coulter era a única mãe que jamais teria e Will viu uma cascata de lágrimas escorrer pelas faces da menina. Mas tinha que ser impiedoso. Puxou a mão de Lyra e, quando o cavaleiro montado na libélula passou voando ligeiro perto de sua cabeça, insistindo para que se apressassem, ele a conduziu correndo agachados, trilha abaixo para longe da caverna. Na mão esquerda de Will, sangrando novamente por causa do golpe que tinha acertado no macaco, estava a pistola da Sra. Coulter.

- Sigam para o alto do penhasco - ordenou o cavaleiro - e entreguem-se aos africanos. Eles são sua única esperança.

Tomando cuidado com aquelas esporas afiadas, Will não disse nada, embora não tivesse a menor intenção de obedecer. Só iria para um único lugar, e este era a janela atrás do arbusto, de modo que manteve a cabeça baixa e correu depressa, e Lyra e Ama correram atrás dele.

- Alto!

Havia um homem, três homens, bloqueando o caminho adiante, uniformizados, homens brancos, armados com bestas e com *daemons* com forma de mastins, rosnando - a Guarda Suíça.

- Iorek! - gritou Will imediatamente. - Iorek Byrnison!

Podia ouvir o urso se aproximando ruidosamente e rosnando não muito longe, e ouvir os gritos e lamentos dos soldados desafortunados que cruzaram seu caminho. Mas uma outra pessoa surgiu de lugar nenhum para ajudá-los: Balthamos, num gesto de desespero, arremessou-se entre as crianças e os soldados. Os homens caíram para trás, perplexos, enquanto aquela sanção surgia de repente, tremeluzindo, diante deles.

Mas eram combatentes bem treinados e, um instante depois, seus *daemons* saltaram sobre o anjo, os dentes ferozes brilhando em lampejos brancos na escuridão - e Balthamos recuou: ele gritou de medo e vergonha, e se encolheu para trás. Então saltou para o alto, batendo as asas com força. Will ficou olhando consternado, enquanto o vulto de seu guia e amigo voava nas alturas e desaparecia de vista em meio à copa das árvores. Lyra estava acompanhando tudo aquilo com o olhar ainda atordoado. Não havia levado mais que dois ou três segundos, mas foi o suficiente para que os suíços se reagrupassem e agora o líder deles estava levantando a besta e Will não teve alternativa: levantou a pistola, cerrou a mão direita sobre a coronha e apertou o gatilho, e a explosão sacudiu seus ossos, mas a bala acertou o coração do homem.

O soldado caiu para trás como se tivesse levado um coice de cavalo. Simultaneamente, os dois pequeninos espiões se lançaram sobre os outros dois, saltando das libélulas em cima de suas vítimas, antes que Will pudesse piscar. A mulher encontrou um pescoço, o homem um pulso e cada um deu um golpe rápido, para trás, com o calcanhar. Houve um arquejar de sufocamento angustiado e os dois suíços morreram, seus *daemons* desaparecendo no meio de um uivo.

Will saltou por cima dos corpos e Lyra foi com ele, correndo tão rápido quanto podia, com Pantalaimon, sob a forma de gato selvagem, seguindo em seus calcanhares. Onde esta Ama? - pensou Will e, naquele mesmo momento, a viu se desviando, escapulindo e correndo por um outro caminho. Agora ela vai estar em segurança, pensou, e um segundo depois viu o clarão da janela lá

atrás dos arbustos. Ele agarrou o braço de Lyra e a puxou naquela direção. O

rosto deles estava arranhado, as roupas, rasgadas, os tornozelos se torciam tropeçando em raízes e pedras, mas encontraram a janela e mergulharam através dela para o outro mundo, sobre as rochas brancas como osso sob o clarão fulgurante da lua, onde somente o ranger dos insetos quebrava o imenso silêncio.

E a primeira coisa que Will fez foi abraçar o estômago e vomitar, sacudido pelas ânsias de náusea, dominado por um horror mortal. Agora já eram dois os homens que ele havia matado, sem falar no rapaz na Torre dos Anjos... Will não queria isso. Seu corpo se revoltava contra o que seu instinto o levara a fazer, e o resultado era aquela agonizante crise de náusea, amarga, seca, e vômitos que o deixavam de joelhos até que seu estômago e seu coração estivessem vazios.

Lyra ficou assistindo sem poder fazer nada, segurando Pan no colo, balançando - o apertado contra o peito.

Finalmente Will se recuperou um pouco e, imediatamente, viu que não estavam sozinhos naquele mundo, porque os pequeninos espiões também estavam ali, com seus fardos arrumados no chão ali por perto. As libélulas estavam voando baixo sobre as rochas, caçando mariposas. O homem fazia uma massagem no ombro da mulher e ambos olhavam severamente para as crianças. Os olhos deles eram tão brilhantes e as feições tão distintas que não havia dúvida quanto a seus sentimentos, e Will teve certeza de que formavam um par formidável, fossem quem fossem.

Ele disse para Lyra:

- O aletômetro está na minha mochila, ali.

- Ah, Will, eu quis tanto que você o tivesse encontrado, mas o que foi que aconteceu? Você encontrou seu pai? E meu sonho, Will, é demais para acreditar, as coisas que temos que fazer. Ah, nem me atrevo a pensar nisso... E o aletômetro está em segurança. Você o trouxe até aqui, mantendo-o em segurança para mim...

As palavras jorravam, saindo tão depressa de sua boca que ela nem esperava respostas. Ela virou o aletômetro de um lado para outro, os dedos alisando o disco pesado de metal e o mostrador de cristal liso, com os ponteiros facetados que eles conheciam tão bem.

Will pensou: O aletômetro vai nos dizer como consertar a faca! Mas antes perguntou:

- Você está se sentindo bem? Está com fome ou com sede?

- Não sei... é, até que estou. Mas não muita. De qualquer maneira.

- Deveríamos nos afastar dessa janela - disse Will - por segurança, para o caso de eles descobrirem e atravessarem também.

- Sim, é verdade - concordou Lyra, e eles foram subindo pela encosta, Will carregando sua mochila e Lyra, feliz da vida, carregando a bolsinha onde guardava o aletômetro. Pelo canto do olho Will viu que os dois pequenos espiões os seguiam, mas que se mantinham à distância e que não faziam ameaças.

Depois do cume havia uma protuberância na rocha que oferecia um abrigo e eles sentaram debaixo dela, depois de verificarem se não havia cobras, fizeram uma refeição de frutas secas e beberam água do cantil de Will. Will falou em voz baixa.

- A faca está quebrada. Não sei como aconteceu. A Sra. Coulter fez alguma coisa, ou disse alguma coisa, e eu pensei em minha mãe e

isso fez a faca se torcer, ou ficar presa ou... eu não sei o que aconteceu. Mas estamos imobilizados enquanto não pudermos consertá-la. Eu não queria que aquelas pessoas pequeninas soubessem, porque, enquanto pensarem que ainda posso usar a faca, estou em posição de superioridade. Achei que talvez você pudesse perguntar ao aletômetro e...

- Claro! - exclamou ela, imediatamente. - Claro, vou perguntar. Um instante depois ela tinha tirado o instrumento da bolsa e colocado onde o luar batia forte de modo que pudesse ver o mostrador com clareza. Afastando os cabelos para trás, prendendo-os atrás das orelhas, exatamente como Will tinha visto sua mãe fazer, começou a girar os ponteiros da maneira já familiar e Pantalaimon, agora em forma de camundongo, sentou-se no joelho dela. Mas não foi fácil ver como ela havia pensado, talvez o luar fosse enganador.

Ela teve que virar o instrumento e mudar de posição umas duas vezes, e piscar para clarear a visão, antes que os símbolos se tornassem mais definidos, nítidos, então conseguiu ler. Ela mal tinha começado quando soltou uma pequena exclamação de surpresa e olhou para Will, com os olhos brilhando, enquanto os ponteiros giravam. Mas ainda não havia acabado e ela continuou lendo, até que o instrumento ficou imóvel.

Ela o guardou, dizendo:

- Iorek? Ele está por perto, Will? Achei que tinha ouvido você chamá-lo, mas depois pensei que fosse apenas meu desejo de que ele estivesse aqui. Está de verdade Está. Ele poderia consertar a faca? Foi isso que o aletômetro disse?

- Ah, ele pode fazer qualquer coisa com metal, Will! Não apenas a armadura, também pode fazer coisas delicadas... - E contou a ele sobre a caixinha que Iorek tinha feito para ela para prender a mosca-espiã. - Mas onde está ele?

- Está por perto. Ele poderia ter vindo quando chamei, mas evidentemente estava lutando... E Balthamos! Ah, mas ele devia

estar com tanto medo...

- Quem? Will explicou rapidamente, sentindo o rosto ficar vermelho por causa da vergonha que o anjo devia estar sentindo.

- Mas eu lhe contarei mais a respeito dele depois - disse. - É tão estranho... Ele me disse tantas coisas, e acho que também as compreendo... Ele passou as mãos nos cabelos e esfregou os olhos.

- Você tem de me contar tudo - disse ela com firmeza.

- Tudo o que você fez depois que ela me apanhou. Ah, Will, você ainda está sangrando? Coitada de sua mão...

- Não. Meu pai curou minha mão. Eu só abri um pouquinho a ferida, quando bati no macaco, mas agora está melhor. Ele me deu um ungüento que tinha preparado...

- Você encontrou seu pai?

- Isso mesmo, na montanha, naquela noite...

Então ele deixou que Lyra limpasse o ferimento e passasse mais um pouco de ungüento da caixinha de chifre, enquanto contava a ela parte do que tinha acontecido: a luta com o estranho, a revelação que os dois tinham tido um segundo antes que a flecha da bruxa acertasse o alvo, seu encontro com os anjos, a viagem até a caverna e seu encontro com Iorek.

- Tudo isso aconteceu e eu estava dormindo - admirou-se, maravilhada. Sabe, eu acho que ela foi gentil, cuidou bem de mim, Will... eu acho que foi... não creio que tenha querido me fazer mal... Ela fez tantas coisas más, mas... Lyra esfregou os olhos.

- Ah, mas meu sonho, Will, não consigo nem contar como foi estranho!

Foi como quando leio o aletômetro, toda aquela nitidez, tudo claro e uma compreensão tão profunda que você não consegue ver o fundo, tudo claro até

lá embaixo. Foi... Lembra-se de que eu lhe falei de meu amigo Roger e como os Papões o apanharam, de como tentei salvá-lo e deu tudo errado e Lorde Asriel o matou? - perguntou.

- Bem, eu o vi. No meu sonho vi o Roger novamente, só que ele estava morto, era um fantasma e estava, como se estivesse acenando para mim, me chamado, só que eu não conseguia ouvir. Ele não queria que eu estivesse morta, não era isso. Ele queria falar comigo. E... Fui eu que o levei para lá, para Svalbard, onde ele foi morto, ele morreu por minha culpa. E me lembrei de quando costumávamos brincar na Faculdade Jordan, Roger e eu, no telhado, pela cidade inteira, nos mercados e na margem do rio, e lá nos Barreiros... Eu, Roger e todos os outros... E fui para Bolvangar para trazê-lo de volta para casa em segurança, só que consegui apenas piorar as coisas e, se eu não pedir desculpas a ele, tudo aquilo não terá valido nada, terá sido apenas uma enorme perda de tempo. Tenho que fazer isso, sabe, Will. Tenho que descer à

terra dos mortos e encontrar o Roger e... pedir desculpa. Então nós poderemos... eu poderei... Depois disso, não importa.

- Esse lugar onde os mortos estão - disse Will. - É um mundo como este, como o meu ou o seu, como qualquer um dos outros? E um mundo onde eu poderia chegar com a faca?

Ela olhou para ele, espantada com a idéia.

- Você poderia perguntar - prosseguiu ele. - Faça isso agora. Pergunte onde fica e como podemos chegar lá.

Ela se debruçou sobre o aletômetro, tendo que esfregar os olhos e olhar bem de perto novamente, e seus dedos se moveram rapidamente. Um minuto depois ela tinha a resposta.

- Certo - disse ela - mas é um lugar estranho, Will... Tão estranho... Será que realmente poderíamos fazer isso? Realmente poderíamos ir até a terra dos mortos? Mas... que parte de nós faz isso? Porque os *daemons* desaparecem quando morremos, já vi isso, e nossos corpos, bem, eles apenas ficam na cova e apodrecem, não é?

- Então deve haver uma terceira parte. Uma parte diferente.

- Você sabe - disse ela, cheia de animação - acho que isso deve ser verdade! Porque posso pensar em meu corpo e posso pensar em meu *daemon*, de modo que tem que haver uma outra parte, para pensar!

- Exato. E isso é o espírito.

Os olhos de Lyra faiscaram. Então disse:

- Talvez pudéssemos libertar o espírito de Roger de lá. Talvez pudéssemos salvá-lo.

- Talvez. Poderíamos tentar.

- Isso, vamos fazer isso! - concordou imediatamente. - Vamos juntos. É

exatamente isso que vamos fazer! - Mas, se não conseguissem consertar a faca, pensou Will, não poderiam fazer coisa alguma.

Logo que sua cabeça clareou e seu estômago se acalmou, ele se levantou e chamou os pequeninos espiões. Estavam nas proximidades, ocupados com alguma espécie de minúsculo aparelho.

- Quem são vocês? - perguntou. - E de que lado estão?

O homem acabou o que estava fazendo e fechou uma caixa de madeira, parecendo um estojo de violino, não maior que uma casca de noz. A mulher falou primeiro.

- Somos galivespianos - respondeu. - Eu sou Lady Salmakia e meu companheiro é o Cavaleiro Tialys. Somos espiões de Lorde Asriel. Ela estava de pé sobre um pedregulho, a uns três passos de distância de Will e Lyra, seu corpo e feições nítidos e brilhantes sob o luar. Sua voz pequenina era perfeitamente clara e baixa, sua expressão confiante. Usava uma saia rodada de tecido prateado e um corpete verde sem mangas, e seus pés, munidos de esporas, estavam descalços, como os do homem. As roupas dele eram igualmente coloridas, mas a camisa tinha mangas compridas e as calças largas chegavam ao meio da batata da perna. Ambos pareciam fortes, competentes, impiedosos e orgulhosos.

- De que mundo vocês vêm? - perguntou Lyra. - Nunca vi pessoas como vocês.

- Nosso mundo tem os mesmos problemas que o seu - disse Tialys. Somos rebeldes, fora-da-lei. Nosso líder, Lorde Roke, ouviu falar da revolta de Lorde Asriel e lhe jurou que seríamos seus aliados, prometeu nosso apoio.

- E o que querem fazer comigo?

- Levá-la para seu pai - respondeu Lady Salmakia. - Lorde Asriel enviou um exército comandado pelo Rei Ogunwe para resgatar você e o menino, e levar vocês dois para a fortaleza dele. Estamos aqui para ajudar.

- Ah, mas e se eu não quiser ir para junto de meu pai? E se eu não confiar nele?

- Lamento muito ouvir isso - disse ela - mas estas são as ordens que recebemos: levar vocês até ele.

Lyra não conseguiu se controlar: deu uma grande gargalhada diante da idéia daquelas pessoas minúsculas obrigando-a a fazer qualquer coisa. Mas aquilo foi um erro. Num movimento repentino, a mulher agarrou Pantalaimon e, segurando seu corpo de camundongo num aperto feroz, encostou a ponta da espora na perna dele. Lyra

arquejou: foi um choque, exatamente como o choque que havia sentido quando os homens de Bolvangar o agarraram. Ninguém devia tocar o *daemon* de outra pessoa - era uma violação. Mas então viu que Will havia agarrado o homem com a mão direita, segurando e apertando com firmeza suas pernas de modo que não pudesse usar as esporas, e levantando-o alto.

- Estamos novamente num impasse - comentou Salmakia calmamente. Ponha o cavaleiro no chão, menino.

- Primeiro largue o *daemon* de Lyra - disse Will. - Não estou com disposição para discutir.

Lyra viu, com um frio no estômago de excitação, que Will estava perfeitamente pronto para esmagar a cabeça do galivespiano contra a rocha. E

os dois seres pequeninos sabiam disso.

Salmakia afastou o pé da perna de Pantalaimon e, imediatamente, ele lutou para se libertar e assumiu a forma de um gato-do-mato, sibilando feroz, os pêlos em pé, o rabo batendo de um lado para o outro. Os dentes arreganhados estavam a um palmo do rosto da mulher e ela olhou para ele com absoluta compostura. Depois de um momento, ele lhe deu as costas e fugiu correndo para o colo de Lyra, sob a forma de arminho, e Will cuidadosamente colocou Tialys de volta sobre a pedra ao lado de sua parceira.

- Você deveria demonstrar algum respeito - disse o cavaleiro para Lyra. É uma criança desatenciosa e insolente, e vários homens bravos morreram esta noite para garantir sua segurança. É melhor se comportar com educação.

- Sim - disse ela com humildade - sinto muito, sinceramente.

- Quanto a você - ele prosseguiu, virando-se para Will. Mas Will o interrompeu.

- Quanto a mim, não vou admitir que fale comigo desse modo, de maneira que é melhor não tentar. Respeito a gente dá e recebe. Agora escute com atenção. Você não está no comando aqui, nós estamos. Se quiser ficar e ajudar, então vai fazer o que dissermos. Caso contrário, pode voltar para junto de Lorde Asriel agora. Não adianta nem discutir o assunto.

Lyra percebeu a indignação dos dois, mas Tialys estava olhando para a mão de Will, que estava sobre a bainha da faca em seu cinto, e sabia que ele estava pensando que enquanto Will tivesse a faca seria mais forte do que eles. Então, a qualquer custo, eles não deveriam saber que estava quebrada.

- Muito bem - disse o cavaleiro. - Vamos ajudar vocês, por que esta foi a missão que nos foi dada. Mas têm que nos dizer o que pretendem fazer.

- Isso é justo - disse Will. - Eu direi a vocês. Nós vamos voltar ao mundo de Lyra, assim que tivermos descansado, e vamos nos encontrar com um amigo nosso, um urso. Ele não está longe.

- É o urso de armadura? Muito bem - disse Salmakia. - Nós o vimos lutar. Ajudaremos vocês a fazer isso. Mas depois devem vir conosco até Lorde Asriel.

- Iremos - disse Lyra, mentindo, falando com a maior seriedade. - Ah, sim, depois nós faremos isso, com certeza.

Pantalaimon agora estava mais calmo e curioso, de modo que ela o deixou subir em seu ombro e mudar de forma. Ele tornou-se uma libélula, tão grande quanto as outras duas que estavam esvoaçando no ar enquanto eles conversavam, e saiu voando para se juntar a elas.

- Aquele veneno - perguntou Lyra, virando-se de volta para os galivespianos - esse veneno que têm nas esporas, é mortal? Porque picaram minha mãe, a Sra. Coulter, não foi? Ela vai morrer?

- Foi apenas uma pequena ferroada - respondeu Tialys. - Uma dose inteira a teria matado, sim, mas um pequeno arranhão a deixará fraca e tonta durante meio dia ou coisa assim.

E sentindo uma dor de enlouquecer, ele sabia, mas não contou isso a ela.

- Preciso falar em particular com Lyra - disse Will. - Vamos nos afastar apenas por um minuto.

- Com essa faca - disse o cavaleiro - você pode cortar uma abertura de um mundo para outro, não é verdade?

- Você não confia em mim?

- Não.

- Está bem, então vou deixá-la aqui. Se não estiver comigo, não poderei usá-la.

Will desafivelou a bainha da faca e a colocou sobre a pedra e então ele e Lyra se afastaram e sentaram num ponto de onde podiam ver os galivespianos. Tialys estava olhando muito atentamente para o cabo da faca, mas sem tocar nela.

- Vamos ter que continuar com eles por enquanto - disse Will. - Assim que a faca estiver consertada, fugiremos.

- Eles são tão rápidos, Will - disse ela. - E não se incomodariam nem um pouco, matariam você.

- Espero apenas que Iorek possa consertá-la. Não tinha percebi do quanto precisamos dela.

- Ele vai consertar - disse ela confiante.

Lyra estava observando Pantalaimon, enquanto esvoaçava e dardejava no ar, abocanhando minúsculas mariposas como as outras libélulas. Não conseguia ir tão longe quanto elas iam, mas

era igualmente rápido e o colorido de suas cores ainda mais vivo. Levantou a mão e ele pousou nela, as longas asas transparentes vibrando.

- Acha que podemos confiar neles enquanto dormimos? - perguntou Will.

- Podemos. São impetuosos, violentos, mas acho que são honestos. Os dois voltaram para o rochedo e Will disse para os galivespianos:

- Agora eu vou dormir. Seguiremos adiante quando amanhecer. O cavaleiro assentiu e Will se deitou encolhido, adormecendo imediatamente.

Lyra sentou ao lado dele, com Pantalaimon sob a forma de gato, confortavelmente aninhado em seu colo. Que sorte para Will que ela agora estivesse acordada para cuidar dele! Era realmente muito corajoso e ela o admirava tanto que nem saberia dizer o quanto, mas Will não sabia mentir, nem trair, nem enganar, coisas que ela fazia tão naturalmente quanto respirar. Quando pensou nisso, sentiu-se animada e virtuosa, pois ela o fazia por Will, nunca por si mesma.

Tinha pretendido consultar o aletômetro novamente, mas, para sua profunda surpresa, descobriu que estava tão cansada quanto se tivesse passado todo aquele tempo acordada em vez de inconsciente e deitou-se ali perto, fechou os olhos, só para tirar um cochilo rápido, garantiu a si mesma, antes de adormecer.

SAIBA O QUE É

Labuta sem alegria é vil, labuta sem sofrimento é vil.

Sofrimento sem labuta é vil, alegria sem labuta é vil.

John Rushkin

Will e Lyra dormiram a noite inteira e acordaram quando o sol bateu em suas pálpebras. Na verdade, acordaram quase juntos, num intervalo de segundos, com o mesmo pensamento: mas quando olharam em volta o Cavaleiro Tialys estava calmamente montando guarda nas proximidades.

- As forças do Tribunal Consistorial bateram em retirada - disse-lhes. - A Sra. Coulter está nas mãos do Rei Ogunwe e a caminho de Lorde Asriel.

- Como sabe disso? - perguntou Will, sentando-se com o corpo ainda enrijecido. - Você voltou lá pela janela?

- Não. Nós falamos pelo magneto ressonante. Relatei nossa conversa disse Tialys para Lyra - ao nosso comandante, Lorde Roke, e ele concordaram que fôssemos com vocês encontrar o urso, e que depois que o tiverem visto, deverão vir conosco. De modo que somos aliados, e nós ajudaremos vocês tanto quanto pudermos.

- Ótimo - disse Will. - Então vamos comer juntos. Vocês comem a nossa comida?

- Obrigada, comemos sim - disse Lady Salmakia.

Will tirou da mochila seus últimos pêssegos secos e o pão de centeio dormido, que era tudo o que lhe restava, e dividiu tudo entre eles, embora, é

claro, os espiões não comessem muito.

- Quanto à água, parece não haver nenhuma aqui neste mundo comentou Will. - Teremos que esperar até voltarmos para beber.

- Então é melhor fazermos isso logo - disse Lyra. Primeiro, contudo, ela pegou o aletômetro. Agora podia ver com clareza, ao contrário da noite anterior, mas seus dedos estavam lentos e endurecidos depois de ter dormido tanto. Ela perguntou se ainda havia algum

perigo no vale. Não, veio a resposta, todos os soldados se foram e os aldeões estão em suas casas, de modo que eles se prepararam para partir.

A janela parecia estranha na luz forte, ofuscante do deserto, dando para o arbusto frondoso na sombra, um quadrado de vegetação espessa muito verde, pendurada no espaço, como uma pintura. Os galivespianos quiseram examiná-la e ficaram espantadíssimos ao ver como simplesmente não estava lá se olhada por trás, e como apenas passava a existir quando se dava a volta para o outro lado.

- Eu terei que fechá-la depois que atravessarmos - disse Will. Lyra tentou apertar e juntar as bordas, mas seus dedos não conseguiam encontrá-las, os espiões também não conseguiram, a despeito da delicadeza de suas mãos. Só Will era capaz de sentir exatamente onde estavam as bordas e ele as fechou bem e rapidamente.

- Em quantos mundos se pode entrar com a faca? - perguntou Tialys.

- Tantos quantos existirem - respondeu Will. - Ninguém teria tempo para descobrir quantos.

Ele levantou a mochila nas costas e foi encabeçando o grupo seguindo pelo caminho na floresta. As libélulas ficaram encantadas com o ar fresco e úmido e saíram dardejando como agulhas pelos raios de sol. O movimento das árvores acima estava menos violento e o ar fresco e tranqüilo, de modo que foi ainda mais chocante ver os escombros de um girópteroo pendurado entre os galhos, com o corpo de seu piloto africano preso pelo cinto com a metade caída para fora pela porta, e encontrar a carcaça carbonizada do zepelim um pouco mais acima - tiras negras de fuligem, esteios e tubulações enegrecidos, vidros quebrados, e depois os corpos: três homens reduzidos a cinzas, seus membros contorcidos e encolhidos como se ainda estivessem ameaçando lutar.

E aqueles eram apenas os que tinham tombado perto da trilha. Havia outros corpos e mais destruição no penhasco acima e entre

as árvores mais abaixo. Chocadas e silenciadas, as duas crianças seguiram em meio à

carnificina, enquanto os espiões em suas libélulas olhavam em torno mais friamente, acostumados a combates, reparando em como aquele havia decorrido e em quem tinha sofrido mais perdas.

Quando chegaram ao alto do vale, onde as árvores escasseavam e as cachoeiras com arco - íris começavam, pararam para beber bastante daquela água fria como gelo.

- Espero que a menina esteja bem - disse Will. - Nunca teríamos conseguido tirar você de lá se ela não a tivesse acordado. Ela foi consultar um religioso especialmente para obter aquele pó.

- Ela está bem - disse Lyra - porque eu perguntei ao aletômetro, ontem à

noite. Porém, ela acha que somos demônios. Tem medo de nós. Provavelmente deseja que nunca tivesse se metido nessa coisa toda, mas está

bem e em segurança.

Subiram pelo lado das cachoeiras e tornaram a encher o cantil de Will antes de começarem a atravessar o platô em direção à cordilheira para onde o aletômetro dissera a Lyra que Iorek tinha ido.

E então veio um dia de longa e dura caminhada: nenhum problema para Will, mas um tormento para Lyra, cujas pernas estavam enfraquecidas e fora de forma depois de seu sono prolongado. Mas Lyra teria preferido que lhe cortassem a língua a confessar como se sentia mal: mancando, apertando os lábios, tremendo, ela acompanhou o passo de Will e não disse nada. Só

quando sentaram ao meio-dia ela se permitiu um gemido e isso somente quando Will havia se afastado para satisfazer suas

necessidades. Lady Salmakia disse:

- Descanse. Não há nenhuma vergonha em estar cansada.

- Mas não quero desapontar Will! E não quero que ele pense que sou fraca e que o estou atrasando.

- Isso é a última coisa que ele pensaria.

- Você não sabe - retrucou Lyra em tom malcriado. - Não conhece Will, do mesmo jeito que não me conhece.

- Mas conheço impertinência quando ouço - disse a pequenina dama calmamente. - Faça o que estou dizendo agora e descanse. Guarde sua energia para a caminhada.

Lyra teve vontade de se rebelar, mas as esporas reluzentes da dama estavam muito nítidas à luz do sol, de modo que se calou.

Seu companheiro, o cavaleiro, estava abrindo o estojo do magneto ressonante e, com a curiosidade vencendo o ressentimento, Lyra ficou observando para ver o que ele fazia. O instrumento parecia um pedaço curto de lápis feito de pedra fosca, de cor preta-acinzentada, deitado sobre uma base de madeira, e o cavaleiro movia rapidamente um pequeno arco, como um arco de violino, sobre a extremidade, enquanto apertava os dedos em vários pontos ao longo da superfície. Os lugares não eram marcados, de modo que ele parecia estar tocando ao acaso, mas pela intensidade de sua expressão e a fluência precisa de seus movimentos, Lyra percebeu que era um processo difícil, exigindo habilidade da mesma forma que quando lia o aletômetro. Depois de vários minutos, o espião guardou o arco e colocou um par de fones de ouvido, os fones não maiores que a unha do dedo mindinho de Lyra, e foi enrolando, bem apertada, uma das pontas do fio em volta de um gancho numa das extremidades da pedra, esticando o resto até o outro gancho na outra ponta e enrolando em volta daquela.

Através da manipulação dos dois ganchos e da tensão no fio entre eles, ele evidentemente podia ouvir a resposta para sua mensagem.

- Como é que isto funciona? - perguntou ela depois que ele acabou. Tialys olhou para ela como se para avaliar se estava realmente interessada, depois disse:

- Seus cientistas, como é que os chama, teólogos experimentais, devem conhecer algo que se chama enredamento quântico. Significa que podem existir duas partículas que têm somente propriedades em comum, de modo que o que quer que aconteça com uma, acontece com a outra no mesmo instante, não importa a que distância estejam. Bem, em nosso mundo existe uma maneira de pegar um magneto ou ímã comum, enredar todas as suas partículas e depois dividi-lo em dois, de modo que ambas as partes ressoem juntas. A outra parte deste está com Lorde Roke, nosso comandante. Quando toco neste aqui com meu arco, o outro reproduz os sons com exatidão, e assim nos comunicamos.

Ele guardou todo o equipamento e disse alguma coisa para a dama. Ela veio se juntar a ele e os dois se afastaram um pouco, falando baixo demais para que Lyra pudesse ouvir, embora Pantalaimon tivesse se transformado numa coruja e virado suas grandes orelhas para eles.

Pouco depois, Will voltou e eles seguiram adiante, mais lentamente, à

medida que o dia foi passando, e a trilha se tornava mais íngreme e a linha de neve se aproximava. Descansaram mais uma vez no alto do vale, pois Will sabia que Lyra estava quase chegando ao limite de suas forças: estava mancando muito e seu rosto estava pálido.

- Deixe-me ver seus pés - disse ele - porque se estiverem com bolhas, passo um pouco de ungüento neles.

E estavam muito empolados e feridos, de modo que ela deixou que ele esfregasse o bálsamo de musgo-sangüíneo, fechando os olhos

e rangendo os dentes. Enquanto isso, o cavaleiro estava ocupado e, depois de alguns minutos, guardou seu magneto ressonante e disse:

- Comuniquei nossa posição a Lorde Roke e eles estarão enviando um giróptero para nos buscar assim que tiverem falado com seu amigo. Will assentiu. Lyra não prestou atenção. Pouco depois ela se endireitou, esgotada, sentou-se e calçou as meias e os sapatos, e mais uma vez retomaram a caminhada. Mais uma hora se passou e a maior parte do vale ficou na sombra, Will começou a se perguntar se encontrariam algum abrigo antes que a noite caísse, e então Lyra deu um grito de alívio e de alegria.

- Iorek! Iorek!

Ela o tinha visto antes de Will. O urso rei ainda estava a alguma distância, o pêlo branco se confundindo contra um trecho de neve, mas quando a voz de Lyra ecoou ele virou a cabeça, levantou-a para farejar e desceu aos saltos pela encosta da montanha ao encontro deles.

Ignorando Will, ele abraçou Lyra, encobrindo o rosto dela com seu pêlo, grunhindo tão profundamente que Will pôde sentir da cabeça aos pés. Lyra, entretanto, sentiu aquilo com prazer e até esqueceu, por instantes, as bolhas e o cansaço.

- Ah, Iorek, meu querido, estou tão contente de ver você! Nunca imaginei que fosse voltar a encontrar você, depois do ocorrido em Svalbard e de todas as coisas que aconteceram... o Sr. Scoresby está bem? Como vai seu reino?

Está aqui sozinho?

Os pequenos espiões tinham desaparecido, em todo caso, agora parecia que só havia eles três na encosta da montanha que escurecia, o menino, a menina e o grande urso branco. Como se nunca tivesse querido estar em nenhum outro lugar, Lyra montou quando Iorek lhe ofereceu as costas e seguiu orgulhosa e feliz

enquanto seu amigo querido a carregava para o alto, cobrindo o último trecho do caminho até chegar a sua caverna.

Will, preocupado, não ficou escutando, enquanto Lyra conversava com Iorek, embora ouvisse seu grito de consternação a certo ponto e a ouvisse dizer:

- O Sr. Scoresby... Oh, não! Ah, mas que coisa terrível! De verdade, morto? Você tem certeza, Iorek?

- A bruxa me contou que ele partiu para tentar encontrar um homem chamado Grumman.

Will agora começou a ouvir com mais atenção, pois Baruch e Balthamos tinham lhe contado parte daquilo.

- O que aconteceu? Quem o matou? - perguntou Lyra, com a voz trêmula.

- Ele morreu lutando. Impediu uma companhia inteira de soldados moscovitas de avançar, enquanto o homem escapava. Eu encontrei seu corpo. Morreu com bravura. Eu o vingarei.

Lyra estava chorando copiosamente e Will não sabia o que dizer, pois aquele homem desconhecido morrera para salvar seu pai, e tanto Lyra quanto o urso tinham conhecido e amado Lee Scoresby, e ele não.

Logo Iorek virou para um lado e se dirigiu para a entrada de uma caverna muito escura, fazendo contraste com a neve. Will não sabia onde estavam os espiões, mas tinha certeza absoluta de que estavam por perto. Queria falar discretamente com Lyra, mas não enquanto não pudesse ver os galivespianos e ter certeza de não estar sendo ouvido.

Deixou a mochila na entrada da caverna e sentou-se exausto. Atrás dele o urso estava acendendo fogo e Lyra observava, curiosa, apesar de sua tristeza. Iorek segurou uma pequena pedra de algum

tipo de minério de ferro na pata dianteira esquerda e bateu com ela, não mais que três ou quatro vezes, contra uma outra similar, no chão. A cada vez que batia, uma porção de fagulhas irrompiam e iam exatamente para onde Iorek as estava direcionando: uma pilha de gravetos quebrados e mato seco. Pouco depois aquilo estava em chamas e Iorek calmamente colocou uma acha de lenha, depois outra e mais outra até

que a fogueira estivesse ardendo bem.

As crianças gostaram, porque fazia muito frio agora, e veio, então, algo ainda melhor: o pernil de alguma coisa que deveria ter sido uma cabra. Iorek comeu sua parte crua, é claro, mas espetou o pedaço inteiro da carne num galho bem pontudo, e colocou-o para assar para os dois.

- E fácil caçar aqui nessas montanhas, Iorek? - perguntou ela.

- Não. Meu povo não pode viver aqui. Eu estava enganado, mas foi um engano de sorte, pois encontrei você. Quais são seus planos agora?

Will olhou em volta, examinando a caverna. Estavam sentados perto da fogueira e a luz do fogo lançava reflexos amarelos e alaranjados no pêlo do rei urso. Will não conseguia ver nenhum sinal dos espiões, mas não adiantava: tinha que pedir.

- Rei Iorek - começou ele - minha faca está quebrada...

Então ele lançou um olhar para além de onde o urso estava e disse:

- Não, espere. - Estava apontando para a parede. - Se estiverem me ouvindo - prosseguiu falando mais alto - mostrem-se e façam isso honestamente. Não nos espionem.

Lyra e Iorek Byrnison viraram-se para ver com quem ele estava falando. O homenzinho saiu das sombras e ficou parado

calmamente na luz, numa reentrância mais alta que a cabeça das crianças. Iorek rosnou.

- Você não pediu permissão a Iorek Byrnison para entrar na caverna dele - disse Will. - E ele é um rei, e você apenas um espião. Deveria demonstrar mais respeito.

Lyra adorou ouvir aquilo. Olhou para Will cheia de prazer e viu seu rosto feroz, cheio de desprezo. Mas a expressão do cavaleiro, enquanto olhava para Will, era de desagrado.

- Temos sido sinceros e dito a verdade para vocês - disse ele. - Foi um ato desonroso nos enganar.

Will se levantou. Seu *daemon*, Lyra pensou, teria a forma de uma tigresa, e ela se encolheu diante da fúria que imaginou que o grande animal mostraria.

- Se enganamos vocês, foi porque era necessário - retrucou. - Por acaso teriam concordado em vir aqui se soubessem que a faca estava quebrada?

Claro que não. Teriam usado seu veneno para nos deixar inconscientes e teriam pedido ajuda e teriam nos seqüestrado e nos levado para Lorde Asriel. De modo que tivemos que enganar você, Tialys, e vai ter que engolir isso. Iorek Byrnison perguntou:

- Quem é este?

- Espiões - disse Will. - Enviados por Lorde Asriel. Eles nos ajudaram a escapar ontem, mas se estão do nosso lado, não deveriam se esconder e ficar ouvindo nossas conversas. E se fizeram isso, são as últimas pessoas a ter o direito de falar em desonra.

O olhar do espião foi tão furioso que parecia pronto para lutar contra o próprio Iorek, sem nem dar atenção ao desarmado Will, mas Tialys

estava numa posição indefensável e sabia disso. Tudo o que podia fazer era baixar a cabeça, fazer uma mesura e pedir desculpas.

- Majestade - disse para Iorek, que imediatamente rugiu.

Os olhos do cavaleiro lançavam faíscas de ódio para Will, de desafio e advertência para Lyra, e de um respeito frio e desconfiado para Iorek. A clareza de suas feições tornava todas essas expressões vividas e fortes, como se uma luz estivesse voltada para ele. A seu lado Lady Salmakia estava saindo da sombra e, ignorando completamente as crianças, fez uma reverência para o urso.

- Perdoe-nos - disse para Iorek. - O hábito de esconder as coisas é difícil de quebrar e meu companheiro, o Cavaleiro Tialys, e eu, Lady Salmakia, estivemos vivendo entre nossos inimigos por tanto tempo que, por uma questão de puro hábito, negligenciamos a obrigação de lhe oferecer a reverência devida. Estamos acompanhando esse menino e essa menina para assegurar que cheguem em segurança aos cuidados de Lorde Asriel. Não temos nenhum outro objetivo e, certamente, não temos quaisquer intenções que lhe possam ser prejudiciais, Rei Iorek Byrnison.

Se Iorek tinha dúvidas de como seres tão pequeninos poderiam fazer-lhe mal, não demonstrou, não só sua expressão era naturalmente difícil de decifrar, como ele também tinha suas próprias regras de etiqueta e a dama tinha falado com grande cortesia e elegância.

- Desçam e venham para junto da fogueira - convidou. - Há bastante comida, mais que de sobra, se estiverem com fome. Will, você tinha começado a falar da faca.

- Sim - disse Will - e pensei que isso nunca poderia acontecer, mas está

quebrada. E o aletômetro disse a Lyra que você poderia consertá-la. Eu ia pedir mais educadamente, mas, indo direto ao ponto, pode consertar a faca, Iorek?

- Mostre-me.

Will sacudiu a bainha tirando todos os pedaços e os arrumou no solo rochoso, empurrando-os aqui e ali, até estarem encaixados em seus lugares certos, de modo que pudesse ver que estavam todos ali. Lyra levantou um galho em chamas e, sob aquela luz, Iorek se abaixou todo para olhar bem de perto cada pedaço, tocando delicadamente com suas garras maciças e levantando para virá-lo primeiro para um lado, depois para o outro e examinar o ponto em que quebrara. Will ficou maravilhado com a destreza daquelas imensas garras negras.

Então Iorek voltou a se endireitar, sentado, a cabeça virada para o alto, para as sombras.

- Posso - disse ele, respondendo exatamente a pergunta e nada mais. Lyra, sabendo o que ele estava querendo dizer, perguntou:

- Ah, mas você vai consertar, Iorek? Você não pode imaginar como isto é importante, se não pudermos consertá-la, então estaremos numa encrenca desesperadora e não somente nós.

- Eu não gosto dessa faca - disse Iorek. - Tenho medo do que ela pode fazer. Nunca vi nada tão perigoso. As máquinas de combate mais mortíferas são brinquedos se comparadas a essa faca, o mal que ela pode causar é

ilimitado. Teria sido infinitamente melhor se jamais tivesse sido feita.

- Mas com ela... - começou Will, Iorek não o deixou acabar, e prosseguiu:

- Com ela você pode fazer coisas estranhas. O que você não sabe é o que a faca faz sozinha. Suas intenções podem ser boas. Mas a faca também tem intenções.

- Como é possível isso? - perguntou Will.

- As intenções de um instrumento são o que ele faz. Um martelo tem a intenção de golpear, um torno tem a intenção de segurar, prender bem, uma alavanca tem a intenção de levantar. Elas são a finalidade para a qual o instrumento é feito. Mas por vezes um instrumento pode ter outros usos que você não conhece. Por vezes, ao fazer o que você pretende, você também faz o que a faca pretende, sem ter conhecimento disso. Está vendo o gume mais afiado dessa faca?

- Não - respondeu Will, pois era verdade: o gume se reduzia a uma finura tão aguda que o olhar não conseguia alcançar.

- Então como pode saber tudo o que faz?

- Não posso. Mas ainda assim tenho que usá-la e fazer o que puder para ajudar que coisas boas aconteçam. Se não fizesse nada, eu seria pior que inútil. Eu seria culpado.

Lyra estava acompanhando aquele diálogo atentamente, vendo que Iorek ainda relutava, disse:

— Iorek, você sabe como eram malvadas aquelas pessoas de Bolvangar. Se não conseguirmos vencer, eles vão continuar a fazer aquele tipo de coisas para sempre. E, além disso, se não tivermos a faca, eles poderiam se apoderar dela. Nunca tínhamos ouvido falar sobre a faca quando conheci você, e mais ninguém também tinha ouvido, mas agora conhecemos a faca e temos que usá-la, não podemos simplesmente não usar. Seria covarde e também seria errado, seria a mesma coisa que entregá-la a eles e dizer, tudo bem, tratem de usá-la, não os impediremos. Está certo, nós não sabemos o que ela faz, mas eu posso perguntar ao aletômetro, não posso? Então saberíamos. E poderíamos pensar nela da maneira apropriada, em vez de ficar imaginando coisas e ficar com medo.

Will não queria mencionar seu motivo mais premente: se a faca não fosse consertada, ele nunca mais voltaria para casa, nunca mais veria ou pensaria, só que não disse o que seria um bom pensamento ou um mau pensamento. E prosseguiu:

- Então... disse que sim - seus olhos faiscaram em direção aos espiões. Disse que sim, que devemos fazê-lo, devemos consertar a faca. Iorek olhou para ela com firmeza, então assentiu uma vez. Tialys e Salmakia desceram para olhar mais de perto e Lyra disse:

- Vai precisar de mais combustível, Iorek? Eu e Will podemos ir buscar, com certeza.

Will compreendeu o que ela estava querendo dizer: longe dos espiões eles poderiam conversar. Iorek disse:

- Abaixo do primeiro contraforte na trilha há um arbusto de madeira resinosa. Tragam o máximo que puderem.

Ela se levantou de um salto imediatamente e Will foi junto. A lua estava clara, brilhante, o caminho era uma trilha de marcas de pegadas meio apagadas na neve, o ar cortante e frio. Os dois se sentiam confiantes, esperançosos e vivos. Não falaram até estarem bem afastados da caverna.

- O que mais ele disse? - perguntou Will.

- Disse coisas que não compreendi e ainda não compreendo agora. Disse que a faca seria a morte do Pó, mas depois disse que era a única maneira de manter o Pó vivo. Não compreendi, Will. Mas disse novamente que era perigosa, ficava repetindo isso. Disse que se nós, você sabe, o que eu pensei...

- Se formos ao mundo dos mortos...

- É... se fizermos isso... disse que poderíamos nunca mais voltar, Will. Poderíamos não sobreviver.

Ele não disse nada e continuaram caminhando, agora mais comedidamente, procurando o arbusto que Iorek havia mencionado e calados pelo pensamento da responsabilidade que poderiam estar aceitando.

- Mas temos que ir - argumentou ele - não temos?

- Eu não sei.

- Ora, mas agora nós sabemos. Você tem que falar com Roger e eu tenho que falar com meu pai. Agora nós temos que ir.

- Estou com medo - disse ela.

E ele sabia que Lyra nunca admitiria isso para mais ninguém.

- Ele falou o que aconteceria se não fôssemos? - perguntou.

- Só vazio. Só um branco total. Eu realmente não compreendi, Will. Mas acho que queria dizer que, mesmo se fosse assim tão perigoso, nós ainda deveríamos tentar salvar o Roger. Mas não vai ser como quando eu o resgatei de Bolvangar, na verdade, eu não sabia o que estava fazendo, naquela ocasião, simplesmente fui lá e tive sorte. Quero dizer, apareceu todo tipo de gente para ajudar, como os gípcios e as bruxas. Não vai haver ninguém para ajudar lá, aonde temos que ir. E posso ver... Em meu sonho eu vi... O lugar era... Era pior que Bolvangar. É por isso que estou com medo.

- Pois do que eu estou com medo - disse Will depois de um minuto, sem olhar para ela - é de ficar preso em algum lugar e nunca mais voltar a ver minha mãe.

De lugar nenhum, uma lembrança veio à sua mente: era bem pequeno e aquilo foi antes dos problemas dela começarem, e ele estava doente. A noite inteira, parecia, sua mãe tinha ficado sentada no escuro, na beira da cama dele, cantando cantigas de ninar, contando histórias e, enquanto sua voz querida estava lá, ele sabia que estava seguro. Não podia abandoná-la agora. Não podia! Cuidaria dela a vida inteira, se precisasse.

E como se Lyra soubesse exatamente o que ele estava pensando, disse, calorosamente:

- É, é verdade, isso seria terrível... Sabe, com minha mãe, nunca percebi... simplesmente cresci sozinha, na verdade, não me lembro de ninguém me pegando no colo, me abraçando, ou me fazendo carinho, sempre foi só eu e Pan, desde que me lembro... Não me lembro da Sra. Lonsdale me tratando assim, ela era a governanta na Universidade Jordan, tudo o que fazia era se assegurar de que eu estivesse limpa, só pensava nisso, ah, e em boas maneiras... Mas na caverna, Will, eu realmente senti... ah, é estranho, eu sei que ela fez coisas terríveis, mas realmente senti que me amava e que estava cuidando de mim... Deve ter pensado que eu ia morrer, dormindo aquele tempo todo, imagino que devo ter apanhado alguma doença, mas ela nunca deixou de cuidar de mim. E me lembro de acordar uma ou duas vezes e ela estava me segurando em seus braços... me lembro disso realmente, tenho certeza... Isso é o que eu faria no lugar dela, se tivesse uma criança.

De modo que ela não sabia por que estivera adormecida aquele tempo todo. Será que deveria contar a ela e trair aquela lembrança, ainda que fosse falsa? Não, claro que não devia.

- É aquele o arbusto? - perguntou Lyra.

O luar estava claro o bastante para mostrar cada folha. Will partiu um galho fino e o cheiro de resina pinífera ficou forte em seus dedos.

- E não vamos dizer nada àqueles pequenos espiões - acrescentou ela. Eles juntaram braçadas de galhos do arbusto e carregaram de volta para a caverna.

A FORJA

...enquanto eu caminhava em meio as chamas do inferno, encantado com os prazeres dos espíritos...

Willian Blake

Naquele momento, os galivespianos estavam conversando a respeito da faca. Tendo feito um duvidoso acordo de paz com Iorek Byrnison, subiram de volta para sua saliência na rocha, para se manter fora do caminho e enquanto o crepitar das chamas crescia e os estalos e os rugidos do fogo enchiam o ar, Tialys disse:

- Não devemos nunca sair do lado dele. Tão logo a faca esteja consertada, devemos nos manter mais perto que uma sombra.

- Ele é vivo demais. Vigia todos os cantos atrás de nós - observou Salmakia. - A garota é mais crédula. Acho que poderíamos conquistá-la. Ela é

inocente e ama com facilidade. Poderíamos nos dedicar a ela. Acho que deveríamos fazer isso, Tialys.

- Mas ele tem a faca. É ele quem pode usá-la.

- Ele não vai a lugar nenhum sem ela.

- Mas ela tem que segui-lo, se ele tiver a faca. E creio que, assim que a faca estiver intacta de novo, vão usá-la para fugir de nós. Você viu como ele fez e a impediu de falar quando ia dizer mais alguma coisa? Eles têm algum objetivo secreto, e é muito diferente do que queremos que façam.

- Vamos ver. Mas creio que você tem razão, Tialys. Devemos nos manter perto do menino a qualquer custo.

Ambos tinham observado com algum ceticismo enquanto Iorek Byrnison arrumava suas ferramentas na oficina improvisada. Os poderosos operários nas fábricas de peças de artilharia no subsolo da fortaleza de Lorde Asriel, com seus altos-fornos e laminadores, suas forjas ambáricas e prensas hidráulicas, teriam rido do fogo aberto, do martelo de pedra, da bigorna consistindo em um pedaço da armadura de Iorek. Não obstante isso, o urso havia avaliado as dificuldades, tomado as providências e assumido muito seriamente

sua tarefa, e na precisão de seus movimentos os pequenos espiões começaram a ver alguma qualidade que fazia calar seu escárnio.

Quando Lyra e Will entraram trazendo a lenha, Iorek os instruiu sobre como colocar os galhos cuidadosamente na fogueira. Examinava cada galho, virando-o de um lado para outro, e depois dizia a Will ou a Lyra para colocá-lo neste ou naquele ângulo específico, ou para quebrar uma parte e colocá-la separadamente na beira. O resultado foi uma fogueira de extraordinária ferocidade, com toda a sua energia concentrada em um dos lados. A essa altura o calor na caverna era intenso. Iorek continuou a alimentar a fogueira e mandou as crianças fazerem mais duas viagens descendo a trilha para garantir que houvesse combustível suficiente para a operação inteira. Então o urso apanhou uma pequena pedra no chão e pediu a Lyra para procurar mais pedras do mesmo tipo. Explicou que aquelas pedras, quando aquecidas, deixavam escapar um gás que cercaria e envolveria a lâmina, impedindo o ar de entrar em contato com ela, pois se o metal quente entrasse em contato com o ar, o absorveria um pouco e seria enfraquecido por ele. Lyra pôs-se a procurar e, com a ajuda dos olhos de coruja de Pantalaimon, logo tinha juntado uma dúzia de pedras ou mais para entregar. Iorek explicou-lhe como colocá-las e onde, e mostrou a ela exatamente o tipo de corrente de ar que deveria obter, abanando um galho cheio de folhas, para se assegurar de que o gás fluísse de maneira constante sobre a peça trabalhada.

Will foi encarregado de cuidar do fogo, e Iorek passou vários minutos lhe dando instruções e se assegurando de que compreendesse os princípios que deveria usar. Havia uma quantidade de coisas que dependiam de posicionamento exato e Iorek não podia parar para corrigir cada uma delas. Will tinha que compreender todas, pois só assim as faria corretamente. Além disso, ele não deveria esperar que a faca tivesse exatamente o mesmo aspecto depois de consertada. Ficaria mais curta, pois cada pedaço da lâmina partida deveria recobrir ligeiramente o seguinte, de maneira a poderem ser forjados juntos, e a superfície oxidaria um pouco, a despeito do gás da pedra, de modo que parte do jogo de

cores se perderia, e sem dúvida o cabo ficaria queimado. Mas a lâmina voltaria a ser igualmente afiada e funcionaria. De modo que Will ficou observando enquanto as chamas rugiam, lambendo os galhos de madeira resinosa e, com os olhos lacrimejando e as mãos chamuscadas, ajustou cada novo galho que foi acrescentando até que o calor estivesse concentrado como Iorek queria.

Enquanto isso, o próprio Iorek amolava e martelava uma pedra do tamanho de um punho, depois de ter rejeitado várias até encontrar uma com o peso certo. Com golpes poderosos foi lhe dando forma e polindo, o cheiro de cordite de pedras espatifadas se juntando à fumaça nas narinas dos dois espiões que observavam lá do alto. Até Pantalaimon estava em ação, tomando a forma de um corvo para poder bater as asas e avivar as chamas fazendo o fogo arder mais depressa.

Finalmente o martelo ficou pronto, com o formato que Iorek queria, e ele colocou os dois primeiros pedaços da lâmina da faca sutil no meio da lenha que ardia com ferocidade no centro da fogueira e disse a Lyra para começar a abanar para dirigir o gás das pedras sobre eles. O urso ficou observando, seu focinho branco comprido e pálido no clarão do fogo, e Will viu a superfície do metal começar a reluzir, ficando incandescente, primeiro vermelha, depois amarela e então branca.

Iorek estava acompanhando isso muito atentamente, a pata estendida pronta para retirar rapidamente os pedaços. Depois de alguns momentos, o metal mudou novamente e a superfície ficou brilhante e faiscante, e fagulhas, exatamente como as de fogos de artifício, saltavam dela, espirrando para o alto.

Então Iorek entrou em ação. A pata direita se moveu, rápida como um dardo, e tirou primeiro um pedaço depois outro, segurando-os entre as pontas de suas garras maciças e colocando-os sobre a placa de ferro que era a chapa das costas de sua armadura. Will sentiu o cheiro das garras queimando, mas Iorek não deu atenção àquilo e, movendo-se com uma velocidade extraordinária, ajustou o

ângulo em que os pedaços se sobrepunham e então levantou a pata esquerda bem alto e bateu violentamente com o martelo de ferro.

A ponta da faca saltou na pedra sob o golpe violento. Will estava pensando que todo o resto de sua vida dependia do que acontecesse naquele minúsculo triângulo de metal, aquela ponta que encontrava as frestas no interior dos átomos, e todos os seus nervos tremeram, percebendo cada faísca e cada chama, e o alargamento de todos os átomos na gelosia do metal. Antes que isso começasse, tinha imaginado que apenas uma fornalha de tamanho normal, com todas as ferramentas e equipamento da maior qualidade, poderia dar conta do trabalho naquela lâmina, mas naquele instante se deu conta de que aquelas eram as melhores ferramentas e que o grande talento de Iorek havia construído a melhor fornalha do mundo.

Iorek rugiu acima do clangor:

- Segure-a mantendo-a imóvel em sua mente! Você também tem que forjá-la! Esta tarefa é tão sua quanto minha!

Will sentiu todo o seu ser tremer sob os golpes do martelo de pedra no punho do urso. O segundo pedaço da lâmina também estava se aquecendo e o galho com folhas na mão de Lyra empurrava o gás ao longo de seu comprimento para banhar os dois pedaços em seu fluxo e impedir a entrada do ar corrosivo. Will percebia tudo aquilo e sentia os átomos de metal se ligarem uns aos outros fechando a fratura, mais uma vez formando novos cristais, se fortalecendo e se ordenando na grade invisível à medida que a fusão se efetuava.

- A ponta! - rugiu Iorek. - Mantenha a ponta alinhada!

Ele queria dizer com sua mente, e Will o fez imediatamente, percebendo os minúsculos obstáculos e depois os minúsculos encaixes à medida que as extremidades se alinhavam com perfeição. Então, aquela solda se fez e Iorek se virou para o pedaço seguinte.

- Mais uma pedra - gritou para Lyra, que jogou a primeira para o lado e colocou uma segunda no ponto exato para aquecer.

Will verificou o combustível e quebrou um galho em dois para direcionar melhor as chamas, e Iorek começou a trabalhar novamente com o martelo. Will sentiu uma nova camada de complexidade ser acrescentada à sua tarefa, porque tinha que manter o novo pedaço conectado na posição exata com os dois anteriores, ao mesmo tempo, e compreendia que somente se fizesse isso com absoluta precisão poderia ajudar Iorek a consertá-lo.

E assim o trabalho continuou. Will não tinha idéia de quanto tempo levou, Lyra, por sua vez, começou a sentir os braços doerem, os olhos lacrimejarem, a pele chamuscada e vermelha, e todos os ossos de seu corpo doíam de cansaço, mas, mesmo assim, continuou a colocar cada pedra exatamente como Iorek lhe explicara, e mesmo o exausto Pantalaimon continuava a levantar as asas e a batê-las sobre as chamas.

Quando chegou a hora de fazer a última solda, a cabeça de Will zunia e ele estava tão exausto pelo esforço intelectual que mal conseguiu levantar o galho seguinte para botar na fogueira. Tinha que compreender cada conexão, caso contrário a faca não ficaria inteira e unida, e quando chegasse a hora da conexão mais complicada, a última, que fixaria a lâmina quase terminada na pequena parte que permanecia presa ao cabo — se não conseguisse segurálas com sua plena consciência, juntamente com todas as outras, então a faca simplesmente se desfaria em pedaços, como se Iorek nunca tivesse começado.

O urso percebeu isso também e fez uma pausa, antes de começar a aquecer o último pedaço. Olhou para Will e em seus olhos Will não conseguia ver nada, nenhuma expressão, apenas um brilho negro sem fundo. Apesar disso, compreendeu: aquilo era trabalho, e era trabalho duro, difícil, mas que estavam à altura de realizá-lo, todos eles.

E isso foi o bastante para Will, de modo que se virou de volta para o fogo e direcionou sua mente para o pedaço quebrado da lâmina no cabo da faca e se preparou para a última e mais difícil parte da tarefa.

E assim, juntos, ele, Iorek e Lyra forjaram a faca, e quanto tempo demorou para que a última solda fosse concluída, não tinha idéia, mas depois que Iorek deu a última martelada, depois que Will sentiu que o último minúsculo alinhamento se fez, à medida que os átomos se ligavam, soldando-se sobre a linha quebrada, deixou-se cair no chão da caverna e permitiu que a exaustão o dominasse. Ali perto, Lyra estava no mesmo estado, os olhos vidrados e vermelhos, irritados, o cabelo cheio de fuligem e de fumaça, e mesmo Iorek estava com a cabeça baixa, pesada, o pêlo chamuscado em vários lugares, riscas escuras de cinza marcando seu tom branco - cremoso.

Tialys e Salmakia tinham se revezado, dormindo em turnos, um deles sempre alerta. Agora ela estava acordada e ele dormindo, mas à medida que a lâmina esfriava, passando de vermelha para cinzenta e, finalmente, prateada, e quando Will estendeu a mão para o cabo, ela acordou seu parceiro pondo a mão em seu ombro. Ele imediatamente ficou alerta.

Mas Will não tocou na faca: apenas manteve a palma perto dela pois o calor ainda era intenso demais para sua mão. Os espiões relaxa ram na saliência de rocha quando Iorek disse para Will:

- Vamos lá fora.

Então disse para Lyra:

- Fique aqui e não toque na faca.

Lyra ficou sentada perto da bigorna onde a faca estava esfriando e Iorek disse a ela para abafar o fogo e não deixar que se apagasse: ainda faltava uma última operação.

Will seguiu o grande urso até a encosta escura da montanha. O frio veio intenso e instantâneo, depois do calor infernal na caverna.

- Eles não deveriam ter feito aquela faca - disse Iorek, depois de terem caminhado um pouco. - Talvez eu não devesse tê-la consertado. Sinto-me inquieto e nunca me senti inquieto antes, nunca tive dúvidas. Agora estou cheio de dúvidas. Ter dúvidas é uma coisa humana, não é coisa de urso. Se estou me tornando humano, alguma coisa está errada, alguma coisa vai mal. E eu a tornei pior.

- Mas quando o primeiro urso fez a primeira peça de uma armadura, isso também não foi mau, do mesmo modo?

Iorek ficou em silêncio. Continuaram caminhando até alcançarem um grande monte de neve fofa e Iorek se deitou nele, e rolou de um lado para o outro, de frente, de bruços e mergulhando, lançando nuvens de neve bem alto, no ar noturno, até que pareceu que ele próprio era feito de neve, que era a personificação de toda a neve do mundo.

Depois que acabou, rolou de bruços, se levantou e se sacudiu vigorosamente, então, vendo que Will ainda esperava uma resposta para sua pergunta, disse:

- Sim, creio que pode ter sido, também. Mas antes daquele primeiro urso de armadura, não havia outros. Não conhecemos nada anterior a isso. Foi naquela ocasião que o costume começou. Conhecemos nossos costumes, eles são firmes e sólidos, e os seguimos sem fazer mudanças. A natureza do urso é

fraca sem os costumes consagrados, como a carne do urso fica desprotegida sem armadura - declarou.

- Mas acho que eu saí dos limites da natureza do urso ao consertar esta faca. Creio que fui tão tolo quanto Iofur Raknison. O tempo dirá. Mas estou inseguro e cheio de dúvidas. Agora você tem que me contar: por que a faca quebrou?

Will esfregou a cabeça dolorida com as duas mãos.

- A mulher olhou para mim e eu pensei que ela tivesse o rosto de minha mãe - relatou, tentando se recordar da experiência com toda a honestidade que possuía. - E a faca encontrou um obstáculo, alguma coisa que não conseguiu cortar e, porque minha mente estava empurrando-a para cortar e fazendo força para puxá-la para trás, as duas coisas ao mesmo tempo, ela se partiu. Isso é o que eu acho. A mulher sabia o que estava fazendo, tenho certeza. Ela é muito esperta.

- Quando você fala da faca, você fala de sua mãe e de seu pai.

- Falo? É verdade... acho que falo sim.

- O que vai fazer com ela?

- Não sei.

De repente, Iorek investiu contra Will e o esbofeteou com força com a pata esquerda: com tanta força que Will caiu meio atordoado na neve e saiu rolando e rolando até que acabou parando a alguma distância mais abaixo na encosta com a cabeça zunindo.

Iorek desceu lentamente até onde Will estava se esforçando para se levantar e exigiu:

- Responda e me diga a verdade.

Will sentiu a tentação de dizer: "Você não teria feito isso se eu estivesse com a faca em minha mão." Mas sabia que Iorek tinha conhecimento disso e que Iorek sabia que ele próprio também tinha conhecimento disso, e que seria uma descortesia e uma estupidez dizê-lo, mas mesmo assim sentiu-se tentado. Controlou a língua até estar de pé, ereto e encarando Iorek, cara a cara.

- Eu disse que não sabia - explicou, se esforçando muito para manter a voz calma - porque ainda não examinei com clareza

exatamente o que vou fazer. O que isso significa. E uma coisa que me dá medo. E também deixa Lyra com medo. Mas, de qualquer maneira, concordei assim que ouvi o que ela disse.

- E o que foi isso?

- Queremos descer à terra dos mortos e falar com o espírito do amigo de Lyra, Roger, aquele que foi morto em Svalbard. E, se realmente existir um mundo dos mortos, então meu pai também estará lá, e se pudermos falar com espíritos, quero falar com ele - explicou, continuando: - Mas estou dividido, estou em conflito, indeciso, porque também quero voltar e cuidar de minha mãe, porque eu poderia fazer isso e também porque meu pai e o anjo Balthamos me disseram que eu deveria ir até Lorde Asriel e oferecer a ajuda da faca a ele, e acho que eles também estavam certos...

- O anjo fugiu - disse o urso.

- Ele não era um guerreiro. Fez o máximo que podia e então chegou um momento em que não podia fazer mais nada. Ele não foi o único a sentir medo, eu também sinto medo. De modo que tenho que refletir sobre tudo isso. Talvez, às vezes a gente não faça a coisa certa porque a coisa errada parece mais perigosa, e não queremos parecer medrosos, de modo que vamos lá e fazemos a coisa errada só porque é perigosa, nos empenhamos mais em não parecer medrosos do que em escolher corretamente. É muito difícil. Foi por isso que não respondi.

- Compreendo - disse o urso.

Eles ficaram parados ali, em silêncio, pelo que pareceu muito tempo, especialmente para Will, que tinha pouca proteção contra o frio intenso. Mas Iorek ainda não havia acabado e Will ainda estava enfraquecido e atordoado por causa da pancada, e não estava muito confiante na firmeza de seus pés, de modo que ficaram onde estavam.

- Bem, eu me comprometi de várias maneiras - disse o urso rei. - É

possível que ao ajudar você eu tenha condenado meu reino à destruição definitiva. E é possível que não tenha, e que essa destruição a caminho de qualquer maneira, e é possível que eu a tenha impedido de ocorrer. De modo que estou angustiado, tendo que fazer coisas que não são da natureza do urso e ficar tecendo possibilidades e tendo dúvidas como um ser humano prosseguiu. - E vou lhe dizer uma coisa. Você já sabe disso, mas não quer saber, e é por isso que vou lhe dizer francamente, de modo que não possa se enganar. Se quiser ser bem-sucedido em sua tarefa, não deve mais pensar em sua mãe. Deve deixá-la de lado, tirá-la da mente. Se sua mente estiver dividida, a faca se quebrará - advertiu. - Agora vou me despedir de Lyra. Você

deve esperar na caverna, aqueles dois espiões não vão querer você longe dos olhos deles e eu não quero que estejam ouvindo quando eu estiver falando com ela.

Will ficou sem palavras, embora seu peito e sua garganta parecessem que iam explodir. Afinal conseguiu falar:

- Obrigado, Iorek Byrnison - mas isso foi tudo o que conseguiu dizer. Foi subindo a encosta, andando ao lado de Iorek, em direção à caverna, onde as brasas da fogueira ardiam quentes e brilhantes ainda incandescentes na vasta escuridão em volta.

Chegando lá, Iorek executou os últimos procedimentos para concluir o conserto da faca sutil. Ele a colocou entre as cinzas em brasa mais vivas, até a lâmina ficar incandescente, e Will e Lyra viram uma centena de cores rodopiando nas profundezas enfumaçadas do metal e, quando julgou que o momento estava certo, Iorek disse a Will para pegá-la e mergulhá-la diretamente na neve que havia se acumulado lá fora.

O cabo de pau-rosa estava enegrecido pelo fogo e chamuscado, mas Will enrolou a mão numa camisa dobrada, dando várias voltas, e fez o que Iorek havia mandado. No silvar e no clarão de vapor que subiu, sentiu os átomos finalmente se acomodarem unidos, e soube

que a faca estava afiada como antes, a ponta infinitamente aguçada.

Mas, de fato, tinha um aspecto diferente. Estava mais curta e muito menos elegante, e havia uma superfície fosca prateada sobre cada um dos pontos de solda. Ela agora tinha um aspecto feio, parecia estar exatamente como estava, ferida. Depois que esfriou, ele a guardou na mochila e, ignorando os espiões, sentou para esperar por Lyra.

Iorek a levara um pouco mais para cima na encosta, para um ponto fora do raio de visão da caverna, e lá, deixara que ela se sentasse aconchegada no abrigo de seus grandes braços, com Pantalaimon, sob a forma de camundongo, aninhado em seu peito. Iorek inclinou a cabeça para Lyra e passou o focinho nas mãos chamuscadas e cheias de cinza e fumaça. Sem dizer uma palavra, começou a lambê-las e limpá-las, o toque de sua língua foi apagando o ardor das queimaduras e ela se sentiu mais segura do que nunca em sua vida. Mas quando suas mãos estavam livres da fuligem e fumaça, Iorek falou. Ela sentiu sua voz vibrar nas suas costas.

- Lyra da Língua Mágica, que plano é esse de visitar os mortos?

- Isso me veio num sonho, Iorek. Eu vi o espírito de Roger e soube que estava chamando por mim... Você se lembra de Roger, bem, depois que deixamos você, ele foi morto e foi por minha culpa, pelo menos senti que tinha sido. E acho que eu deveria acabar o que comecei, é só isso: devo ir e dizer a ele que sinto muito e, se puder, devo tirá-lo de lá. Se Will puder abrir um caminho até o mundo dos mortos, então devemos fazer isso.

- Poder não é a mesma coisa que dever.

- Mas se você deve e pode fazer, então não há desculpa.

- Enquanto você estiver viva, seu compromisso é com a vida.

- Não, Iorek - disse ela, com delicadeza - nosso compromisso é cumprir nossas promessas, por mais difíceis que sejam. Sabe, vou lhe contar um segredo: estou morrendo de medo. E gostaria muito de nunca ter tido aquele sonho, e que Will nunca tivesse pensado em usar a faca para ir lá. Mas já

aconteceu, de maneira que não podemos deixar de ir.

Lyra sentiu Pantalaimon tremendo e o acariciou com as mãos doloridas.

- Mas nós não sabemos como chegar lá - prosseguiu ela.

- Não vamos saber coisa nenhuma, enquanto não tentarmos. O que você vai fazer, Iorek?

- Vou voltar para o norte, com meu povo. Não podemos viver nas montanhas. Até mesmo a neve é diferente. Pensei que pudéssemos viver aqui, mas para nós é mais fácil viver no mar, mesmo se estiver quente. Valeu a pena descobrir isso. E, além disso, acho que vão precisar de nós. Sinto que vai haver uma guerra, Lyra da Língua Mágica, sinto cheiro de guerra no ar, ouço seus ruídos. Conversei com Serafina Pekkala antes de vir para cá e ela me disse que ia se juntar a Lorde Faa e aos gípcios. Se houver guerra, vão precisar de nós.

Lyra se endireitou, excitada ao ouvir o nome de seus velhos amigos. Mas Iorek não havia acabado. Ele prosseguiu:

- Se você não descobrir uma maneira de sair do mundo dos mortos, não voltaremos a nos encontrar, porque eu não tenho espírito. Meu corpo permanecerá na terra e depois se tornará parte dela. Mas se acontecer de você

e eu sobrevivermos, então você será sempre uma visitante bem-vinda e honrada em Svalbard, e o mesmo se aplica a Will. Ele contou a você o que aconteceu quando nos encontramos?

- Não - respondeu Lyra - disse apenas que tinha sido na margem de um rio.

- Ele me desafiou e me venceu. Pensei que nunca ninguém poderia fazer isso, mas esse garoto ainda criança foi audacioso demais para mim e muito esperto. Não estou nada contente com o fato de que venha a fazer o que está planejando, mas não há mais ninguém em quem eu confiaria para acompanhá-la, exceto este garoto. Vocês dois estão à altura um do outro. Boa viagem, Lyra da Língua Mágica, minha querida amiga.

Ela levantou os braços, abraçou o pescoço dele e apertou o rosto contra seu pêlo, sem conseguir falar.

Depois de um minuto, ele se levantou com delicadeza e soltou os braços dela, então se virou e foi se afastando silenciosamente, caminhando para a escuridão. Lyra achou que o contorno de seu corpo desapareceu quase que imediatamente na brancura do terreno coberto de neve, mas isso poderia ter sido porque seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Quando Will ouviu os passos de Lyra vindo pela trilha, olhou para os espiões e disse:

- Não se movam, a faca está aqui, não vou usá-la. Fiquem onde estão. Ele saiu e encontrou Lyra parada, chorando, com Pantalaimon sob a forma de lobo levantando a cabeça para o céu escuro. Ela estava muito calada. A única luz vinha do reflexo pálido do que restava da fogueira sobre a escarpa de neve e isso, por sua vez, se refletia nas faces molhadas de Lyra, e suas lágrimas encontraram reflexo nos olhos de Will, e assim, aqueles fótons uniram os dois numa teia silenciosa.

- Eu amo tanto o Iorek, Will! - Lyra conseguiu sussurrar, com a voz trêmula. - E ele parecia velha. Parecia estar com fome, velho e triste... Será

que agora tudo depende de nós, Will? Não podemos contar com mais ninguém, não é... Somos só nós. Mas ainda não somos crescidos. Somos apenas crianças. Somos jovens demais. Se o pobre Sr. Scoresby está morto e Iorek está velho... Tudo fica dependendo de nós, tudo o que tem de ser feito.

- Vamos conseguir - respondeu ele. - Não vou mais pensar no que já

aconteceu. Nós vamos conseguir. Mas, agora, temos que dormir, e se ficarmos neste mundo, aqueles tais dos girópteros podem vir, os tais que os espiões pediram que viessem... Vou cortar uma abertura agora e encontraremos um outro mundo para dormir, e se os espiões vierem conosco, vai ser uma pena, vamos ter que nos livrar deles numa outra oportunidade.

- Está bem - concordou ela, e fungou, limpou o nariz com as costas do punho, depois esfregou os olhos com as palmas das duas mãos. - Vamos fazer isso. Você tem certeza que a faca vai funcionar? Testou a faca?

- Eu sei que vai funcionar.

Com Pantalaimon em forma de tigre, o que, esperavam, desencorajaria os espiões de se aproximar, Will e Lyra voltaram à caverna e pegaram suas mochilas.

- O que vocês estão fazendo? - perguntou Salmakia.

- Vamos para um outro mundo - respondeu Will, pegando a faca. Segurar a faca fez com que se sentisse inteiro novamente, não havia percebido o quanto a amava.

- Mas devem esperar pelos girópteros de Lorde Asriel - disse Tialys, em tom duro.

- Não vamos esperar - retrucou Will. - Se chegar perto da faca, eu mato você. Venham conosco se quiserem, mas não podem nos obrigar a ficar aqui. Nós vamos embora.

- Você mentiu!

- Não - interveio Lyra - eu menti. Will não mente. Você não pensou nisso.

- Mas para onde estão indo?

Will não respondeu. Procurou à sua frente, no ar sombrio, e cortou uma abertura. Salmakia argumentou:

- Isto é um erro. Vocês deveriam perceber isso e nos escutar. Vocês não pensaram...

- Sim, pensamos sim - retrucou Will - pensamos muito e contaremos a vocês o que pensamos amanhã. Podem vir conosco para onde estamos indo, ou podem voltar para junto de Lorde Asriel.

A janela aberta dava para o mundo para onde Will tinha fugido com Baruch e Balthamos, e onde tinham dormido em segurança: a praia sem fim, quente e úmida, com as árvores gigantescas parecendo samambaias, atrás das dunas.

- Aqui, vamos dormir aqui, aqui está bom - disse.

Deixou que os outros atravessassem e imediatamente fechou a janela. Enquanto Lyra se deitava onde estavam, exausta, Lady Salmakia ficou montando guarda e o cavaleiro abriu seu magneto ressonante e começou a tocar sua mensagem para a escuridão.

A NAVE DA INTENÇÃO

Da cúpula lustrosa pendurados por magia sutil descem brilhantes em fileiras diversas, como estrelas, candelabros e lamparinas fornidas de asfalto e nafta que de si produzem luz...

John Milton – Canto I, 30

- Minha filha! Minha filha! Onde está ela? O que vocês fizeram? Minha Lyra, melhor seria se arrancassem as fibras de meu coração, ela estava segura comigo, segura, e agora, onde está ela?

O grito da Sra. Coulter ressoou no pequeno gabinete no alto da torre adamantina. Ela estava amarrada a uma cadeira, os cabelos desgrenhados, as roupas rasgadas, os olhos desesperados, e seu *daemon* macaco se debatia e lutava no chão preso por uma corrente de elos de prata.

Lorde Asriel estava sentado ali perto, escrevendo num pedaço de papel, sem dar nenhuma atenção. Um ordenança estava postado a seu lado, olhando nervosamente para a mulher. Quando Lorde Asriel lhe entregou o papel, ele bateu continência e saiu apressado, seu *daemon* terrier colado nos calcanhares, com o rabo entre as pernas.

Lorde Asriel virou-se para a Sra. Coulter.

- Lyra? Francamente, não me interessa - disse, a voz baixa e rouca. Aquela criança miserável deveria ter ficado onde foi deixada e feito o que lhe mandavam fazer. Não posso mais desperdiçar tempo nem

recursos com ela, se ela se recusa a ser ajudada, que arque com as conseqüências.

- Você não está falando sério, Asriel, senão não teria...

- Estou falando seriíssimo, cada palavra. A confusão que ela provocou é

totalmente fora de proporção com relação a seus méritos. Uma menina inglesa comum, não muito inteligente...

- Mas ela é! - rebateu a Sra. Coulter.

- Está bem, esperta, mas não intelectualmente inteligente, impulsiva, desonesta, ambiciosa...

- Corajosa, generosa, carinhosa.

- Uma criança absolutamente comum, sem nenhuma qualidade que a distinga...

- Absolutamente comum? Lyra? Ela é singular. Pense no que ela já fez. Pode não gostar dela, se quiser, Asriel, mas não ouse falar com ares condescendentes sobre sua filha. E ela estava segura comigo, até...

- Você tem razão - disse ele, se levantando. - Ela é singular. Ter conseguido domesticar e amolecer você, isso não é feito corriqueiro. Ela conseguiu lhe tirar seu veneno, Marisa. Ela lhe arrancou os dentes. Seu ardor se apagou numa garoa de piedade sentimental. Quem poderia imaginar? A agente impiedosa da igreja, a perseguidora fanática de crianças, a inventora de máquinas horrendas para seccioná-las e vasculhar as entranhas aterrorizadas de seus pequenos seres em busca de qualquer prova de pecado... e então aparece uma pirralha, insolente, malcriada e ignorante, de unhas sujas, e você

cacareja e abre as asas como uma galinha chocadeira. Bem, admito: a menina deve ter algum dom que eu nunca vi. Mas se tudo o que esse dom faz é

transformar você em mãe dedicada, é um dom um bocado enfadonho, pequeno e insignificante. E agora é melhor você tratar de ficar calada. Mandei chamar meus comandantes de estado-maior para uma conferência urgente e, se não puder se controlar e parar com essa gritaria, vou mandar amordaçá-la. A Sra. Coulter era mais parecida com sua filha do que imaginava. Sua resposta àquelas palavras foi cuspir na cara de Lorde Asriel. Ele limpou o rosto calmamente e disse:

- Uma mordaça também acabaria com esse tipo de comportamento.

- Ah, por favor, corrija-me se eu estiver errada, Asriel - retrucou - alguém que exibe a seus oficiais subordinados uma prisioneira amarrada numa cadeira é, evidentemente, um príncipe de cortesia. Desamarre-me, senão vou obrigar você a me amordaçar.

- Como quiser - respondeu ele, e pegou um lenço de seda numa gaveta, mas antes que pudesse amarrá-lo sobre a boca da Sra. Coulter, ela sacudiu a cabeça.

- Não, não - pediu - Asriel, não faça isso, estou implorando, por favor, não me humilhe. Lágrimas de raiva escorreram de seus olhos.

- Muito bem, vou desamarrar você, mas ele vai ficar acorrentado - disse, e colocou o lenço de volta na gaveta antes de cortar as cordas com um canivete.

Ela esfregou os punhos, se levantou, se espreguiçou e, só então, percebeu o estado em que estavam suas roupas e cabelos. Estava abatida e pálida, ainda havia resquícios do veneno dos galivespianos em seu corpo, provocando dores terríveis em suas articulações, mas não ia deixar que ele visse isso.

- Pode se lavar ali dentro - disse Lorde Asriel, apontando para um pequeno aposento, pouco maior que um armário.

Ela pegou seu *daemon* acorrentado, cujos olhos malévolos lançaram um olhar furioso para Lorde Asriel por sobre seu ombro, e entrou para se lavar e se arrumar. O ordenança entrou para anunciar:

- Sua Majestade o Rei Ogunwe e Lorde Roke.

O general africano e o galivespiano entraram: o Rei Ogunwe vestindo um uniforme limpo, com um ferimento na têmpora coberto por um curativo, e Lorde Roke planando rapidamente até pousar na mesa, montado em seu falcão azul. Lorde Asriel os cumprimentou calorosamente e ofereceu vinho. O pássaro deixou que seu cavaleiro desmontasse e depois voou para a arandela junto da porta, enquanto o ordenança anunciava o terceiro dos comandantes supremos, um anjo chamado Xaphania. Ela era de hierarquia muito mais alta que Baruch ou Balthamos e visível, através de uma luz tremeluzente, desconcertante, que parecia vir de algum outro lugar.

Nesse momento a Sra. Coulter reapareceu, mais arrumada, e todos os três comandantes lhe fizeram uma mesura, se ela ficou surpreendida com a aparência deles, não deu sinal, mas inclinou a cabeça retribuindo o cumprimento e sentou-se calmamente com o macaco acorrentado nos braços. Sem perder tempo, Lorde Asriel pediu:

- Diga-me o que aconteceu, Rei Ogunwe. O africano, um homem forte, de voz grave, relatou:

- Matamos 17 guardas suíços e destruímos dois zepelins. Perdemos cinco homens e um girópteros. A menina e o menino fugiram. Capturamos Lady Coulter, a despeito de sua resistência corajosa, e a trouxemos para cá. Espero que ela sinta que a tratamos com cortesia.

- Estou muito contente com a maneira com que o senhor me tratou, majestade - disse ela, com uma ligeiríssima ênfase nas palavras o senhor.

- Os outros girópteros sofreram algum estrago? Temos feridos? perguntou Lorde Asriel.

- Algum estrago e alguns feridos, mas nada sério.

- Bom. Muito obrigado, Rei, seus homens se saíram muito bem. Lorde Roke, quais são as notícias? O galivespiano respondeu:

- Meus espiões estão com o menino e a menina em um outro mundo. As duas crianças estão bem e em segurança, apesar de a menina ter sido mantida drogada, dormindo, durante vários dias. O menino perdeu a possibilidade de usar a faca durante os eventos na caverna, por causa de algum acidente, a faca se partiu em pedaços. Mas agora está inteira de novo, graças ao animal do norte, de seu mundo, Lorde Asriel, um urso gigante, um ferreiro muito habilidoso. Tão logo a faca foi consertada, o garoto cortou uma passagem para um outro mundo, onde eles estão agora. Meus espiões estão com eles, é claro, porém há uma dificuldade: enquanto o menino tiver a faca, não pode ser compelido a fazer nada, contudo, se o matassem quando estivesse dormindo, a faca seria inútil para nós. Por enquanto, o Cavaleiro Tialys e Lady Salmakia irão com eles para onde forem, de modo que pelo menos saibamos onde estão. Eles parecem ter um plano, de qualquer maneira, estão se recusando a vir para cá.

- Eles estão em segurança nesse outro mundo onde estão agora? perguntou Lorde Asriel.

- Estão numa praia próxima de uma floresta de árvores samambaias. Não há nenhum sinal de vida animal nas redondezas. Neste exato momento, o menino e a menina estão dormindo, falei com o Cavaleiro Tialys há menos de cinco minutos.

- Muito obrigado - disse Lorde Asriel. - Agora que seus dois agentes estão seguindo as crianças, evidentemente não temos mais espiões no *Magisterium*. Teremos que confiar no aletômetro. Pelo menos... Então a Sra. Coulter falou, para a surpresa de todos.

- Não posso falar com relação aos outros órgãos da igreja - disse - mas no que diz respeito ao Tribunal Consistorial de Disciplina, o leitor em quem confiam é Frei Pavel Rasek. E ele é competente, mas lento. Não saberão onde Lyra está por pelo menos mais algumas horas.

- Obrigado, Marisa - disse Lorde Asriel. - Por acaso você tem alguma idéia do que Lyra e esse garoto pretendem fazer a seguir?

- Não - respondeu ela - nenhuma. Conversei com o menino e ele pareceu ser uma criança teimosa, e uma criança muito habituada a guardar seus segredos. Não posso imaginar o que vá fazer. Quanto a Lyra, ela é

absolutamente imprevisível.

- Milorde - disse o Rei Ogunwe - poderíamos saber se a senhora agora faz parte deste conselho de estado-maior? E se fizer, qual é sua função? Se não fizer, não deveria ser levada para outro lugar?

- Ela é nossa prisioneira e minha convidada, e, na qualidade de exagente da Igreja, pode ter informações que seriam úteis.

- E revelará alguma coisa por sua livre e espontânea vontade? Ou precisará ser torturada? - perguntou Lorde Roke, observando-a francamente enquanto falava.

A Sra. Coulter deu uma gargalhada.

- Eu imaginava que os comandantes de Lorde Asriel fossem mais bem informados e que soubessem que não deveriam esperar obter a verdade através de tortura - declarou.

Lorde Asriel não pôde deixar de apreciar sua insinceridade descarada.

- Eu garantirei o comportamento da Sra. Coulter - disse ele. - Ela sabe o que acontecerá se nos trair, embora não vá ter oportunidade de fazer isso. Contudo, se algum dos senhores tiver qualquer dúvida, por favor, que se manifeste agora, sem receio.

- Eu tenho - disse o Rei Ogunwe - mas duvido do senhor, não dela.

- Por quê? - disse Lorde Asriel.

- Se ela o tentasse, não resistiria. Foi correto capturá-la, mas errado convidá-la a participar deste conselho. Trate-a com a maior cortesia, ofereçalhe todo o conforto, mas faça com que seja levada para algum outro lugar e fique longe dela.

- Bem, eu o convidei a falar - comentou Lorde Asriel - e devo aceitar sua censura. Sua presença é mais valiosa para mim do que a dela, Rei. Mandarei que seja levada daqui.

Ele estendeu a mão para a campainha, mas antes que pudesse tocar, a Sra. Coulter falou.

- Por favor - disse em tom urgente - primeiro ouçam-me. Eu posso ajudar. Estive mais próxima do coração do *Magisterium* do que qualquer outra pessoa que vocês possam vir a encontrar. Eu sei como eles pensam, posso prever como vão agir. Estão se perguntando por que deveriam confiar em mim, o que me fez deixá-los? É simples: eles vão matar minha filha. No momento em que descobri quem ela é, o que ela é, as profecias que as bruxas fazem a respeito dela, soube que tinha que abandonar a igreja, soube que era inimiga deles e eles eram meus inimigos, eu não sabia o que vocês eram, nem o que eu era para vocês, isso era um mistério, mas sabia que tinha que me posicionar contra a igreja, contra tudo em que eles acreditavam e, se necessário, contra a Autoridade. Eu...

Ela parou de falar. Todos os comandantes estavam ouvindo atentamente. Então ela olhou para Lorde Asriel, encarando-o olhos nos olhos, e pareceu estar falando somente para ele, a voz baixa apaixonada, os olhos brilhantes faiscando.

- Eu fui a pior mãe do mundo. Permiti que minha única filha fosse levada para longe de mim quando era um bebê pequeno, porque não me interessava por ela, a única coisa que me interessava era satisfazer minha ambição. Não pensei nela durante anos e as poucas vezes em que pensei, foi apenas para lamentar o constrangimento que seu nascimento me causou - confessou. - Mas a igreja começou a se interessar pelo Pó e por crianças, e alguma coisa despertou em meu coração, e me lembrei que era mãe e que Lyra era... minha filha - disse. - E como havia uma ameaça, eu a salvei dessa ameaça. Agora, já

em três ocasiões, interferi para tirá-la de perigo. Primeiro quando o Conselho de Oblação começou seu trabalho: fui à Faculdade Jordan e a levei para morar comigo, em Londres, onde podia mantê-la a salvo do Conselho... pelo menos era o que eu esperava. Mas ela fugiu. - Depois de uma pausa, ela continuou. A segunda vez foi em Bolvangar, quando a encontrei bem a tempo, sob a lâmina... sob a lâmina da... Meu coração quase parou... Era o que eles, nós, tínhamos feito com as outras crianças, mas quando foi com a minha... Ah, vocês não podem nem conceber o horror daquele momento, espero que nunca venham a sofrer o que sofri naquela ocasião... Mas consegui libertá-la, eu a tirei de lá, eu a salvei pela segunda vez. Mas mesmo quando estava fazendo isso, ainda me sentia fazendo parte da igreja, uma servidora, uma servidora leal, devotada e fiel, porque estava trabalhando a serviço da Autoridade continuou. - E então tomei conhecimento da profecia das bruxas. De alguma forma, em algum momento, brevemente, Lyra será tentada, como Eva foi tentada, isso é tudo o que dizem. Que forma esta tentação terá, não sei, mas afinal, ela está crescendo. Não é difícil imaginar. E agora que a igreja sabe disso também, eles vão matá-la. Se tudo depende dela, poderiam se arriscar a deixá-la viver? Ousariam correr o risco de que ela recuse essa tentação, qualquer

que seja? - perguntou. - Não, eles estão determinados a matá-la. Se pudessem, voltariam ao Jardim do Éden para matar Eva, antes que ela fosse tentada. Matar não é difícil para eles, o próprio Calvino ordenou a morte de crianças, eles a matariam com pompa e circunstância, preces, lamentações, salmos e hinos, mas a matariam. Se ela cair nas mãos deles, já estará morta prosseguiu. - De modo que, quando ouvi o que a bruxa disse, salvei minha filha pela terceira vez. Eu a levei para um lugar onde a mantive a salvo e onde pretendia ficar.

- Você a drogou - disse o Rei Ogunwe. - Manteve Lyra inconsciente.

- Fui obrigada a fazer isso - explicou a Sra. Coulter - por que ela me odiava. - Nesse ponto, a voz dela, que estivera carregada de emoção, mas controlada, explodiu num soluço e tremeu enquanto continuava: - Ela sentia medo de mim e me odiava, e teria fugido de minha presença como um passarinho foge de um gato se não a tivesse drogado, deixando-a totalmente inconsciente. Sabe o que isso significa para uma mãe? Mas era a única maneira de mantê-la em segurança! Todo aquele tempo na caverna... adormecida, os olhos fechados, o corpo impotente, seu *daemon* aninhado em seu pescoço... Oh, eu senti um amor tão grande, uma tamanha ternura, tão profunda, tão profunda... Era minha própria filha, foi a primeira vez que eu pude fazer aquelas coisas por ela, a minha pequenina... Eu dava banho nela e a alimentava, mantendo-a em segurança e agasalhada, cuidando para que seu corpo estivesse nutrido, enquanto dormia... Deitava ao lado dela, à noite, a embalava em meus braços, chorava em seus cabelos, beijava seus olhos fechados, minha pequenina...

Ela não tinha nenhuma vergonha. Falava baixinho, não declamava ou levantava a voz, e quando um grande soluço a sacudia, era abafado, transformando-se quase num pequeno gemido, como se estivesse contendo suas emoções por uma questão de cortesia. O que tornava suas mentiras deslavadas ainda mais eficazes, pensou Lorde Asriel com desagrado, ela mentia até a medula dos ossos. Dirigia suas palavras principalmente para o Rei Ogunwe, sem

parecer fazê-lo, e Lorde Asriel percebeu isso também. Não só o rei era seu principal acusador, como também era humano, ao contrário do anjo ou de Lorde Roke, e ela sabia muito bem como influenciá-lo. Na verdade, contudo, foi no galivespiano que ela causou maior impressão. Lorde Roke percebeu nela uma natureza tão próxima da natureza do escorpião como jamais encontrara e tinha pleno conhecimento da força da picada que podia detectar sob seu tom gentil. Melhor manter os escorpiões onde se pudesse vê-los, pensou. De modo que ele apoiou o Rei Ogunwe quando este último mudou de opinião e defendeu que ela ficasse, e Lorde Asriel se viu vencido: pois ele agora a queria fora dali, mas já havia concordado em cumprir os desejos de seus comandantes.

A Sra. Coulter olhou para ele com uma expressão de leve e virtuosa preocupação. Estava certo de que mais ninguém podia perceber o brilho de triunfo furtivo nas profundezas de seus belos olhos.

- Então fique - disse ele. - Mas já falou demais. Agora fique calada. Quero considerar esta proposta de uma guarnição na fronteira sul. Os senhores viram o relatório: é factível? É desejável? Depois quero passar em revista o arsenal. E depois quero ouvir Xaphania sobre as disposições das forças angelicais. Primeiro a guarnição. Rei Ogunwe?

O líder africano começou. Eles falaram durante algum tempo e a Sra. Coulter ficou impressionada com a precisão das informações que eles tinham das defesas da igreja, e a avaliação clara que tinham das forças de seus líderes.

Mas agora que Tialys e Salmakia estavam com as crianças, e Lorde Asriel não tinha mais um espião no *Magisterium*, os conhecimentos deles logo estariam perigosamente desatualizados. Uma idéia veio à mente da Sra. Coulter, e ela e o *daemon* macaco trocaram um olhar que pareceu uma poderosa centelha ambárica, mas não disse nada, e acariciou seu pêlo dourado enquanto ouvia os comandantes.

Então Lorde Asriel disse:

- Agora basta. Este é um problema que teremos que resolver mais adiante. Agora vamos passar em revista o arsenal. Pelo que me informaram, estão prontos para testar a nave da intenção. Vamos até lá para ver. Ele tirou uma chave de prata de seu bolso e abriu o cadeado da corrente que prendia os pés e mãos do macaco, e cuidadosamente evitou tocar até

mesmo a ponta de um pêlo dourado.

Lorde Roke montou em seu falcão e acompanhou os outros enquanto Lorde Asriel seguia na frente, descendo a escada da torre e saindo para as muralhas.

Estava soprando um vento frio, mordiscando-lhes as pálpebras, e o falcão azul - escuro voou bem alto numa poderosa lufada, fazendo círculos e gritando no vento forte. Rei Ogunwe vestiu o casaco e pousou sua mão na cabeça de seu *daemon* na forma de guepardo.

A Sra. Coulter disse humildemente para o anjo:

- Se me permite, senhora, seu nome é Xaphania?

- É - respondeu o anjo.

Sua aparência impressionava a Sra. Coulter exatamente como a de seus companheiros tinha impressionado a bruxa Ruta Skadi, quando os encontrara no céu: ela não estava brilhando, mas resplandecia, embora não houvesse fonte de luz. Era alta, estava nua, tinha asas e seu rosto marcado era mais velho do que o de qualquer ser vivo que a Sra. Coulter jamais tivesse visto.

- É um dos anjos que se rebelaram há muito tempo?

- Sou. E desde então estive vagando entre muitos mundos. Agora prestei juramento de lealdade a Lorde Asriel porque vejo em sua grande empreitada a melhor possibilidade de finalmente destruir a tirania.

- Mas e se fracassarem?

- Então seremos todos destruídos e a crueldade reinará para sempre. Enquanto elas falavam, seguiam as passadas rápidas de Lorde Asriel pelas muralhas batidas pelo vento em direção a uma imponente escadaria que descia tão profundamente que nem mesmo as luzes brilhando em candeeiros nas paredes podiam revelar o fundo. Passando por eles, o falcão azul desceu rápido, voando em círculos, planando para baixo e mais para baixo na escuridão, com a luz de cada candeeiro fazendo suas penas bruxulearem enquanto passava, até se tomar apenas uma minúscula fagulha e depois nada. O anjo tinha se adiantado pondo-se ao lado de Lorde Asriel, e a Sra. Coulter viu-se descendo ao lado do rei africano.

- Perdoe minha ignorância, majestade - disse ela - mas nunca tinha visto ou ouvido falar em um ser como o homem no falcão azul até a luta na caverna ontem... De onde ele vem? Pode me dizer alguma coisa sobre seu povo? Não gostaria de ofendê-lo por nada no mundo, mas se falar sem saber nada a seu respeito, posso ser involuntariamente indelicada.

- Faz bem em perguntar - respondeu o Rei Ogunwe. - O povo dele é

orgulhoso. O mundo deles se desenvolveu de maneira diferente do nosso, nele existem dois tipos de seres conscientes, os humanos e os galivespianos. Os humanos são, em sua maioria, criados da Autoridade e vêm tentando exterminar o povo pequenino desde os tempos mais remotos de que se tem memória. Eles os consideram diabólicos. De modo que os galivespianos ainda não conseguem confiar realmente naqueles que têm nosso tamanho. Mas são guerreiros ferozes e orgulhosos, inimigos mortais e valiosos espiões.

- Todo o povo deles está com vocês ou estão divididos como os humanos?

- Há alguns que estão com o inimigo, mas a maioria está conosco.

- E os anjos? Sabe, até recentemente pensei que anjos fossem uma invenção da Idade Média, que fossem apenas seres imaginários... É

desconcertante ver-se falando com um deles, não acha? Quantos estão com Lorde Asriel?

- Sra. Coulter - comentou o rei - essas perguntas são exatamente o tipo de coisa que um espião gostaria de descobrir.

- Belo tipo de espião eu seria, para perguntar assim, de maneira tão transparente - retrucou ela. - Sou uma prisioneira, majestade. Não poderia fugir, mesmo se tivesse um lugar seguro para onde escapar. De agora em diante, sou inofensiva, pode confiar em minha palavra.

- Se me garante isso, fico contente em acreditar - disse o rei.

- Os anjos são mais difíceis de compreender que qualquer ser humano. Para começar, não são todos de um mesmo tipo, alguns têm poderes maiores que outros,

e existem alianças complexas entre eles, e inimizades antiqüíssimas, a respeito das quais sabemos muito pouco. A Autoridade os vem suprimindo desde que ele adquiriu existência.

Ela parou de súbito. Estava genuinamente chocada. O rei africano parou ao lado dela, pensando que estivesse se sentindo mal, e, de fato, o clarão da luz do candeeiro logo acima lançava sombras de assustadora palidez em seu rosto.

- Diz isso de maneira tão casual - comentou ela - como se fosse algo de que eu também devesse ter conhecimento, mas... Como é possível? A Autoridade criou os mundos, não criou? Ele existia antes de tudo. Como pode ele ter adquirido existência.

- Isso é conhecimento angelical - disse Ogunwe. - Alguns de nós ficaram chocados ao saber que a Autoridade não é o criador. Pode ter havido um criador, ou pode não ter havido: não sabemos. Tudo o que sabemos é que a certo ponto a Autoridade assumiu o controle

e, desde então, os anjos têm se rebelado e seres humanos também lutaram contra ele. Esta é a última rebelião. Nunca antes seres humanos, anjos e seres de todos os mundos tiveram uma causa comum. Esta é a maior força jamais reunida. Mas ainda assim pode não ser suficiente. Veremos.

- Mas o que pretende Lorde Asriel? O que é este mundo e por que ele veio para cá?

- Ele nos trouxe para cá porque este mundo é vazio. Isto é, vazio de vida consciente. Não somos colonialistas, Sra. Coulter. E não viemos para conquistar, e sim para construir.

- E ele vai atacar o reino do céu?

Ogunwe olhou para ela francamente.

- Não vamos invadir o reino - declarou - mas se o reino nos invadir, é

melhor estarem prontos para a guerra, porque estamos preparados. Sra. Coulter, eu sou um rei, mas o feito de que mais me orgulho foi me unir a Lorde Asriel para criar um mundo onde não existam quaisquer reinos. Um mundo sem reis, sem bispos, sem padres. O reino do céu tem sido conhecido por este nome desde que a Autoridade pela primeira vez se colocou acima do resto dos anjos. E não queremos ter nada disso. Este mundo é diferente. Pretendemos ser cidadãos livres da república do céu.

A Sra. Coulter queria falar mais, fazer uma dúzia de perguntas que subiram a seus lábios, mas o rei tinha seguido adiante, não querendo deixar seu comandante esperando, e ela teve que segui-lo.

A escada descia tão fundo, levando tão longe, que quando afinal chegaram ao andar térreo, o céu atrás deles no alto da escadaria estava totalmente invisível. Muito antes de chegarem à metade, ela estava quase sem fôlego, mas não se queixou, e seguiu descendo

até que a escadaria se abriu para um imenso salão iluminado por cristais incandescentes, nos pilares que sustentavam o teto. Escadas de mão, pontes de guindastes rolantes, vigas e passadiços cruzavam a escuridão acima, com pequenos vultos se movimentando resolutamente.

Lorde Asriel estava falando com seus comandantes quando a Sra. Coulter os alcançou e, sem esperar para deixá-la descansar, ele prosseguiu, atravessando o grande salão, onde ocasionalmente um vulto brilhante passava voando ligeiro pelo ar ou pousava no chão para dar uma palavra rápida com ele. O ar estava denso e quente. A Sra. Coulter reparou que, provavelmente como cortesia para Lorde Roke, cada pilar tinha uma arandela vazia, na altura de uma cabeça humana, de modo que seu falcão pudesse se empoleirar ali e permitir que o galivespiano fosse incluído nas conversas.

Mas não ficaram no grande salão por muito tempo. No lado mais distante, um assistente abriu uma pesada porta dupla para permitir que passassem, seguindo para a plataforma de uma estrada de ferro. Ali, esperando, havia um pequeno vagão fechado, puxado por uma locomotiva ambárica.

O engenheiro fez uma mesura, e seu *daemon* macaco recuou para trás de suas pernas ao ver o macaco dourado. Lorde Asriel falou rapidamente com o homem e convidou os outros a entrarem no vagão que, como o salão, era iluminado por aqueles cristais incandescentes, encaixados em luminárias de prata, presas a painéis espelhados de mogno.

Tão logo Lorde Asriel se juntou a eles, o trem começou a se mover, deslizando suavemente para fora da plataforma e entrando num túnel, acelerando rapidamente. Somente o som das rodas no trilho plano dava alguma idéia da velocidade que estavam desenvolvendo.

- Para onde estamos indo? - perguntou a Sra. Coulter.

- Para o arsenal - respondeu Lorde Asriel laconicamente, e virou-se para falar em voz baixa com o anjo. A Sra. Coulter virou-se para Lorde Roke:

- Diga-me, milorde, seus espiões são sempre enviados em pares?

- Por que pergunta?

- Simples curiosidade. Meu *daemon* e eu nos vimos diante de um impasse quando os encontramos recentemente naquela caverna e fiquei intrigada ao ver como combatiam bem.

- Por que intrigada. Não esperava que seres de nosso tamanho fossem bons combatentes?

Ela olhou friamente para ele, consciente da ferocidade de seu orgulho.

- Não - retrucou. - Pensei que os venceríamos com facilidade e por muito pouco eles não nos derrotaram. Fico feliz por admitir meu erro. Mas sempre lutam em pares?

- Vocês formam um par, não formam, você e seu *daemon*. Esperava que lhes concedêssemos a vantagem? - perguntou ele, e seu olhar arrogante, de faiscante limpidez, mesmo sob a luz suave dos cristais, a desafiava a perguntar mais.

Ela baixou o olhar modestamente e não disse nada.

Passaram-se alguns minutos e a Sra. Coulter sentiu que o trem os estava levando para baixo, para ainda mais fundo no coração da montanha. Não podia calcular qual a distância que haviam percorrido, mas quando pelo menos 15

minutos tinham se passado, o trem começou a reduzir a velocidade e, finalmente, pararam numa plataforma onde as luzes ambáricas pareciam muito fortes depois da escuridão do túnel.

Lorde Asriel abriu as portas e eles saltaram para uma atmosfera tão quente e carregada de enxofre que a Sra. Coulter não pôde conter um grito sufocado. O ar ressoava com as pancadas de poderosos martelos e com o guinchar fragoroso de ferro sobre pedra.

Um auxiliar abriu as portas de saída da plataforma e imediatamente o barulho dobrou de intensidade, e o calor os envolveu como uma onda quebrando. O fulgor intenso de uma luz muito quente fez com que protegessem os olhos, somente Xaphania não pareceu incomodada pelo assalto furioso de som, luz e calor. Depois que seus sentidos se ajustaram, a Sra. Coulter olhou em volta, cheia de curiosidade.

Já tinha visto forjas, siderúrgicas e fábricas em seu mundo: as maiores pareciam uma oficina de ferreiro de aldeia diante daquela. Martelos do tamanho de casas eram levantados em um momento até o teto distante e então lançados violentamente para baixo para achatar blocos de ferro do tamanho de troncos de árvores, esmagando-os e transformando-os em placas numa fração de segundo, com uma pancada que fazia a própria montanha tremer, de uma abertura na parede de rocha corria um rio de metal fundido sulfuroso até ser contido por um portão de rocha de diamante, e o fluxo brilhante e fervente corria por canais e comportas, passando sobre diques, até

alcançar fileiras e mais fileiras de formas, onde se acomodava para esfriar numa nuvem de fumaça malfazeja, gigantescas máquinas de cortar e cilindros cortavam, dobravam e comprimiam lâminas de ferro com mais de 25

centímetros de espessura como se fosse papel de seda e então aqueles martelos monstruosos as esmagavam, achatando-as de novo, estendendo e comprimindo o metal em camadas, uma sobre a outra, com tamanha força que as diferentes camadas se tornavam uma única camada mais dura, repetidas vezes.

Se Iorek Byrnison pudesse ter visto aquele arsenal, poderia ter admitido que aquelas pessoas sabiam alguma coisa sobre como

trabalhar com metal. A Sra. Coulter podia apenas olhar e se maravilhar. Era impossível falar e ser ouvido e ninguém sequer tentou. E agora Lorde Asriel estava gesticulando para o pequeno grupo, para que o seguisse por um passadiço gradeado, suspenso sobre uma galeria ainda maior, abaixo, onde mineiros trabalhavam com picaretas e pás para arrancar os metais reluzentes da rocha matriz. Eles percorreram o passadiço e desceram por um longo corredor de rocha, onde estalactites pendiam fulgurando com estranhas cores e onde as pancadas, os rangidos e as marteladas foram gradualmente desaparecendo. A Sra. Coulter sentiu uma brisa fresca passar sobre seu rosto acalorado. Os cristais que lhes davam luz não estavam mais montados em candeeiros nem envoltos em pilares reluzentes, e sim espalhados no chão, e não havia tochas acesas para aumentar o calor, de modo que, pouco a pouco, o grupo começou a sentir frio novamente, e afinal saíram, muito repentinamente, para o ar livre noturno.

Estavam num lugar onde parte da montanha havia sido coitada fora, criando um espaço largo e aberto como um campo de exercícios. Mais adiante, podiam ver, sob uma luz fraca, enormes portões na encosta da montanha, alguns abertos, outros fechados, e, de uma das portas gigantescas, homens vinham puxando alguma coisa coberta por um oleado.

- O que é aquilo? - perguntou a Sra. Coulter para o rei africano e ele respondeu:

- A nave da intenção.

A Sra. Coulter não tinha nenhuma idéia do que aquilo pudesse significar e observou com intensa curiosidade enquanto eles se preparavam para retirar o oleado. Ela se manteve perto do Rei Ogunwe como se em busca de abrigo e perguntou:

- Como funciona? O que faz?

- É o que vamos ver - respondeu o rei.

Tinha a aparência de uma espécie de complexo aparelho de perfuração, ou a cabine de comando de um girópter o, ou a cabine de um gigantesco guindaste. Tinha uma abóbada de vidro sobre um assento, com pelo menos uma dúzia de alavancas e manivelas enfileiradas diante dele. Repousava sobre seis pernas, cada uma delas articulada e aparafusada num ângulo diferente no corpo, de modo que parecia ao mesmo tempo vigorosa e deselegante, e o corpo em si era uma massa de tubulações, cilindros, pistões, cabos enrolados em anéis, engrenagens, válvulas e calibradores. Era difícil dizer o que era estrutura e o que não era, porque só estava iluminado por trás e a maior parte estava escondida na sombra.

Lorde Roke, montado em seu falcão, tinha planado diretamente acima do aparelho, voando em círculos no alto, examinando-o de todos os lados. Lorde Asriel e o anjo estavam juntos numa animada discussão com os engenheiros e havia homens descendo da própria nave, um carregando uma prancheta, outro um pedaço de cabo.

Os olhos da Sra. Coulter observaram a nave avidamente, memorizando cada peça, fazendo sentido de sua complexidade. E enquanto observava, Lorde Asriel saltou para o assento, prendendo um cinturão de couro sobre a cintura e os ombros, e colocando e ajustando um capacete na cabeça. Seu *daemon*, a pantera branca, saltou para segui-lo e ele se virou para ajustar alguma coisa ao lado dela. O engenheiro chamou, Lorde Asriel respondeu, e os homens se afastaram, recuando para a porta.

A nave da intenção se moveu, embora a Sra. Coulter não tivesse muita certeza de como. Era quase como se tivesse estremecido, embora lá estivesse, absolutamente imóvel, ainda equilibrada com uma estranha energia sobre aquelas seis pernas de inseto. Enquanto olhava, a nave se moveu de novo, e então ela viu o que estava acontecendo: várias de suas peças estavam girando, virando de um lado para o outro, vasculhando o céu escuro acima. Lorde Asriel estava totalmente absorvido, ora empurrando uma alavanca, ora checando o mostrador de um instrumento, ajustando os vários controles, e então, de repente, a nave da intenção desapareceu.

De alguma forma tinha saltado para o ar. Estava pairando acima deles agora, alta como o topo da copa de uma árvore, virando lentamente para a esquerda. Não havia ruído de motor, nenhuma indicação de como se elevava vencendo a gravidade. Simplesmente pairava no ar.

- Ouça - disse o Rei Ogunwe. - Ao sul.

Ela virou a cabeça e esforçou-se para ouvir. Havia um vento que gemia, na curva da face da montanha, e havia os golpes violentos de martelo das prensas que ela sentia através das solas dos pés, e havia o som de vozes vindo da porta iluminada, mas, diante de algum sinal, as vozes se calaram e as luzes foram apagadas. E no silêncio a Sra. Coulter pôde ouvir, muito indistintamente, o chop-chop-chop ritmado dos motores de girópteros nas rajadas de vento.

- Quem são eles? - perguntou em voz baixa.

- Chamarizes - respondeu o rei. - Meus pilotos, voando numa missão cujo objetivo é levar inimigos a segui-los. Observe.

Ela abriu bem os olhos tentando ver alguma coisa através da pesada escuridão com suas poucas estrelas. Acima deles, a nave da intenção se mantinha firme, estacionaria, como se estivesse ancorada e presa com ferrolho naquele mesmo ponto, nenhuma rajada de vento provocava o mais leve efeito nela. Nenhuma luz saía da cabine, de modo que era muito difícil vê-la, e o vulto de Lorde Asriel havia desaparecido completamente de vista.

Então ela avistou o primeiro grupo de luzes voando baixo no céu, no mesmo instante em que o ruído do motor se tornou alto o bastante para ser ouvido constantemente. Seis girópteros voavam em alta velocidade, um deles aparentemente com problemas, pois deixava uma esteira de fumaça atrás de si e voava mais baixo que os outros. Eles vinham voando em direção à

montanha, mas num curso que os levaria a passar por ela e seguir adiante. E, atrás deles, em perseguição cerrada, vinha uma variada

coleção de objetos voadores. Não era fácil distinguir o que eram, mas a Sra. Coulter viu um pesado giróptero de um tipo estranho, duas aeronaves de asas retas, um enorme pássaro que planava velozmente sem esforço, carregando dois passageiros armados e três ou quatro anjos.

- Um ataque aéreo - comentou o Rei Ogunwe.

Eles estavam se aproximando dos girópteros. Então um feixe de luz irrompeu de uma das aeronaves de asas retas, seguido, um ou dois segundos depois, pelo som, um estampido surdo. Mas o projétil não atingiu seu alvo, o giróptero danificado, pois no mesmo instante que viram a luz e antes que ouvissem o estampido, os observadores na montanha viram um clarão sair da nave da intenção e o projétil explodiu no ar.

A Sra. Coulter mal teve tempo para compreender aquela seqüência quase instantânea de luz e som antes que a batalha estivesse em curso. Tampouco a batalha foi fácil de acompanhar, uma vez que o céu estava tão escuro e o movimento da cada um dos objetos voadores era tão rápido, mas uma série de clarões quase silenciosos iluminou a encosta da montanha, acompanhada por silvos curtos como vapor escapando. Cada clarão, de alguma forma, acertou um atacante diferente: o avião se incendiou e explodiu, o pássaro gigante emitiu um grito como o rasgar de uma cortina da altura de uma montanha e despencou para as rochas distantes abaixo e, quanto aos anjos, cada um deles simplesmente desapareceu numa pluma de ar brilhante, uma miríade de partículas cintilando e reluzindo cada vez menos intensamente até que se apagavam como fogos de artifício que se esgotam.

E então fez-se o silêncio. O vento levou embora o som dos girópteros chamarizes, que agora haviam desaparecido atrás do flanco da montanha. Muito distantes vindas de baixo, chamas iluminavam a parte inferior da nave da intenção, de alguma forma ainda pairando no ar e agora se virando lentamente, como se para olhar em torno. A destruição dos participantes do raide aéreo era tão completa que a Sra. Coulter, que já vira muitas coisas chocantes

para se deixar impressionar, não pôde deixar de ficar chocada com aquilo. Enquanto olhava para a nave da intenção, esta pareceu tremeluzir ou se deslocar e então ali estava ela, de novo solidamente em terra.

O Rei Ogunwe correu apressado em sua direção, bem como os outros comandantes e os engenheiros, que tinham aberto as portas e deixado a luz iluminar o campo de provas. A Sra. Coulter ficou onde estava, intrigada com o funcionamento da nave da intenção.

- Por que ele está nos mostrando a nave? - perguntou seu *damon* em voz baixa. - Certamente não pode ler nossos pensamentos - respondeu ela, no mesmo tom.

Estavam pensando naquele momento na torre adamantina, quando a centelha de idéia brilhara entre eles. Tinham pensado em fazer uma proposta a Lorde Asriel: de se oferecerem para ir para o Tribunal Consistorial de Disciplina e trabalhar como seus espiões. Ela conhecia todas as alavancas do poder, era capaz de manipular todas. De início, seria difícil convencê-los de sua boa-fé, mas conseguiria fazê-lo. E agora que os espiões galivespianos tinham partido para ir com Will e Lyra, certamente Asriel não resistiria a uma oferta semelhante.

Mas agora, enquanto observavam a estranha máquina voadora, uma outra idéia ocorreu com ainda maior intensidade e ela abraçou o macaco dourado com alegria.

- Asriel - chamou em tom inocente - posso ver como funciona a máquina?

Ele olhou para baixo, a expressão distraída e impaciente, mas também cheia de satisfação. Estava encantado com a nave da intenção: ela sabia que não conseguiria resistir à vontade de exibi-la.

O Rei Ogunwe se afastou e Lorde Asriel estendeu a mão e a puxou para cima, para a cabine de comando. Ajudou-a a se instalar no

assento e observou enquanto ela examinava os controles.

- Como funciona? Que energia move a nave?

- As suas intenções - respondeu ele. - Daí o nome. Se você tenciona que se mova para frente, ela se moverá.

- Isto não é resposta. Vamos, diga-me. Que tipo de motor é este? Como voa? Não pude ver nada de aerodinâmico. Mas esses controles... vista por dentro, é quase igual a um giróptero.

Ele estava achando difícil não contar a ela, e, uma vez que era uma decisão que dependia apenas de sua vontade, contou. Estendeu um cabo na extremidade do qual havia um punho de couro, com marcas fundas feitas pelos dentes de seu *daemon*.

- Seu *daemon* -explicou - tem que segurar este punho, com os dentes ou com as mãos, pouco importa. E você tem que usar o capacete. Há uma corrente que flui entre eles, e um capacitor amplifica a corrente. Ah, é mais complicado que isso, mas a máquina é fácil de pilotar. Pusemos controles iguais aos de um giróptero porque já estamos familiarizados com eles, mas no final acabaremos não precisando de controles ou instrumentos. É claro, só um ser humano com um *daemon* pode pilotá-la.

- Compreendo. - E ela o empurrou violentamente, de modo que ele caiu da nave.

No mesmo instante, ela enfiou o capacete na cabeça e o macaco dourado agarrou o punho de couro. Ela pegou e puxou o instrumento que num giróptero inclinaria o aerofólio e empurrou o acelerador para frente e, imediatamente, a nave da intenção saltou para o ar.

Mas ela ainda não tinha perfeito domínio dos controles. A nave ficou parada durante alguns momentos, ligeiramente inclinada, antes que ela encontrasse os controles para fazê-la se mover para frente e, naqueles poucos segundos, Lorde Asriel fez três coisas. Levantou-

se de um salto, ergueu a mão para impedir o Rei Ogunwe de ordenar aos soldados que atirassem na nave da intenção e disse:

- Lorde Roke, vá com ela, por favor.

O galivespiano comandou seu falcão azul para que subisse imediatamente, e o pássaro voou direto para a porta ainda aberta da cabine. Os observadores abaixo podiam ver a cabeça da mulher olhando para um lado e para outro, o macaco dourado fazendo o mesmo, e puderam constatar que nenhum dos dois percebeu o corpo pequenino de Lorde Roke saltar de seu falcão para dentro da cabine, bem atrás deles.

Um momento depois, a nave da intenção começou a se mover e o falcão se afastou num círculo e veio pousar no punho de Lorde Asriel. Não mais de dois segundos depois, a nave estava desaparecendo de vista no céu úmido e estrelado.

Lorde Asriel observou com pesarosa admiração.

- Bem, Rei, estava absolutamente certo - disse ele - e eu deveria tê-lo ouvido logo de início. Ela é a mãe de Lyra, eu deveria ter esperado alguma coisa desse tipo.

- Não vai persegui-la? - perguntou o Rei Ogunwe.

- Para que, e destruir uma nave em perfeitas condições? Não, de jeito nenhum.

- Para onde acha que ela vai? Procurar a criança?

- Não inicialmente. Ela não sabe onde encontrá-la. Sei exatamente o que ela vai fazer: vai procurar o Tribunal Consistorial e entregar a nave a eles como prova de boa-fé, e então vai ficar espionando. Será nossa espiã no Tribunal. Ela já tentou todos os outros tipos de duplicidade, esta será uma experiência nova. E tão logo descobrir onde está a garota, irá para lá e nós a seguiremos.

- E quando Lorde Roke contará a ela que foi junto?

- Ah, creio que ele vai preferir fazer disso uma surpresa, não acha?

Os dois riram e seguiram de volta para a oficina, onde um modelo mais novo e mais avançado da nave da intenção aguardava para ser inspecionado por eles.

ÓLEO E LACA

...ora a serpente era a mais astuta de todos os animais de campos que o Senhor Deus tinha feito.

Gênesis 2,3

Mary Malone estava construindo um espelho. Não por vaidade, pois tinha muito pouca vaidade, mas porque queria testar uma idéia que tivera. Queria tentar capturar as Sombras e, sem os instrumentos de seu laboratório, tinha que improvisar com os materiais de que dispunha.

A tecnologia dos mulefas praticamente não empregava metais. Eles faziam coisas extraordinárias com pedra, madeira, cordas, conchas e chifre, mas os poucos metais de que dispunham eram arrancados a marteladas de pepitas, em estado bruto, de cobre e de outros metais que encontravam na areia do rio, e nunca eram usados para fazer ferramentas. Eram usados para ornamentos. Por exemplo, na celebração do casamento, o casal mulefa trocava tiras de cobre reluzente, que eram dobradas de maneira a fazer um anel em volta de um de seus chifres, com um significado muito semelhante ao de uma aliança.

De modo que ficaram fascinados com o canivete do exército suíço que era o objeto mais precioso que Mary possuía.

A zalif que era sua amiga pessoal, chamada Atai, soltou uma exclamação espantada, certo dia quando Mary abriu o canivete, mostrou todos os acessórios e explicou o melhor que pôde, com seu

vocabulário limitado, para que serviam. Um dos acessórios era uma lupa em miniatura com a qual começou a queimar um desenho num galho seco e foi isso que a fez começar a pensar nas Sombras.

Naquela ocasião, estavam pescando, mas o rio estava com as águas baixas e os peixes deveriam estar em outro lugar, de modo que deixaram as redes estendidas na água, sentaram na margem coberta de relva e ficaram conversando, até que Mary viu o galho seco, que tinha uma superfície branca e lisa. Ela queimou o desenho - uma simples margarida - na madeira e encantou Atai, mas, à medida que a linha fina de fumaça foi subindo do ponto onde a luz do sol focalizada tocava a madeira, Mary pensou: Se isso se tornasse um fóssil e um cientista o encontrasse daqui a dez milhões de anos, ainda poderiam encontrar Sombras rodeando-o porque eu trabalhei nele.

Ela mergulhou num estado de torpor e devaneio induzido pelo sol até que Atai perguntou:

Com o que está sonhando?

Mary tentou explicar de que tratava seu trabalho, sua pesquisa, o laboratório, a descoberta das partículas de Sombra, a revelação fantástica de que eram conscientes e sentiu o relato da experiência inteira se apoderar dela novamente, de tal modo que desejou profundamente estar de volta em meio ao seu equipamento.

Não esperava que Atai acompanhasse sua explicação, em parte por causa de seu domínio imperfeito da língua deles, mas em parte porque os mulefas pareciam tão práticos, tão fortemente enraizados no mundo físico do dia-a-dia, e muito do que estava falando era matemática, mas Atai a surpreendeu ao dizer:

Sim - sabemos de que você está falando, nós chamamos de... - e então ela usou uma palavra que soou como a palavra que usavam para dizer luz. Mary perguntou:

Luz?, - e Atai respondeu:

Não luz, mas... -e disse a palavra mais devagar para que Mary aprendesse, explicando: - *como a luz batendo na água quando faz pequenos círculos, ao pôr-do-sol, e a luz batendo sai em flocos brilhantes, nós chamamos desse nome, mas é um faz-parece*.

Faz-parece era o termo que eles empregavam para metáfora, Mary havia descoberto. De modo que disse:

Não é realmente luz, mas você vê e parece com aquela luz batendo na água ao pôr-do-sol?

E Atai respondeu:

Sim. Todos os mulefas têm isso. Você tem também. Foi assim que soubemos que você era como nós e não como os animais de pasto, que não têm isso. Apesar de você ter uma aparência tão estranha e horrível. Você é

como nós porque você tem -e de novo veio aquela palavra que Mary não conseguia ouvir de maneira suficientemente clara para repetir: algo como sraf, ou sarf, acompanhada por um ligeiro movimento da tromba para a esquerda. Mary ficou excitada. Tinha que se controlar e se manter calma de maneira a encontrar as palavras certas.

O que vocês sabem a respeito disso? De onde vem?

De nós e do óleo, - foi a resposta de Atai, e Mary sabia que estava se referindo ao óleo nas grandes rodas feitas daquelas nozes.

De vocês?

Depois que já somos crescidos. Mas sem as árvores isso simplesmente desapareceria de novo. Com as rodas e o óleo, fica conosco. Depois que já

somos crescidos...

Mais uma vez Mary teve que se controlar para não se tornar incoerente. Uma das coisas que havia começado a desconfiar com

relação às Sombras era que crianças e adultos reagiam de maneira diferente a elas, ou atraiam tipos diferentes de atividade de Sombra. Lyra não tinha dito que os cientistas de seu mundo haviam descoberto algo assim com relação ao Pó, que era o nome que davam às Sombras? Aqui estava a mesma coisa novamente.

E estava relacionado ao que as Sombras tinham lhe dito na tela do computador, pouco antes de ela partir de seu próprio mundo: qualquer que fosse aquela questão, estava relacionada com a grande mudança na história humana simbolizada pela história de Adão e Eva, com a Tentação, a Queda, o Pecado Original. Em suas investigações com crânios fósseis, seu colega Oliver Payne tinha descoberto que cerca de 30 mil anos atrás, havia ocorrido um grande aumento no número de partículas de Sombra associadas aos restos mortais de seres humanos. Alguma coisa havia acontecido naquela ocasião, algum desenvolvimento na evolução, para tornar o cérebro humano um canal ideal para ampliar seus efeitos.

Mary perguntou a Atai:

Há quanto tempo existem mulefas?

E Atai respondeu:

Trinta e três mil anos.

Àquela altura ela já era capaz de interpretar as expressões de Mary, ou pelo menos as mais óbvias, e deu uma risada ao ver o queixo de Mary cair. O

riso deles era tão franco e cheio de alegria, tão contagiante, que Mary geralmente não se continha e ria também, mas naquele momento permaneceu séria e espantada, e disse:

Como pode saber com tanta exatidão? Vocês têm uma história de todos esses anos?

Ah, sim, temos, - disse Atai. - *A partir do momento que tivemos o sraf, tivemos memória e despertar. Mas, antes disso, não sabíamos nada. O que aconteceu que deu o sraf a vocês?*

Descobrimos como usar as rodas. Um dia um ser sem nome descobriu uma noz e começou a brincar, e enquanto ela brincava ela...

- Ela?

Ela, sim. Não tinha nome antes disso. Ela viu uma serpente se enroscando através do buraco na esfera e a serpente disse... A serpente falou com ela?

Não! Não! Isso é faz-parece. A história conta que a serpente disse: O que você sabe? De que se lembra? O que vê adiante? E ela disse: Nada, nada, nada. De modo que a serpente disse: Enfie o pé no buraco do fruto onde eu estava brincando e se tomará sábia. Então ela enfiou o pé no lugar onde a serpente estivera. E o óleo penetrou em seu pé e fez com que ela visse com mais clareza do que antes e a primeira coisa que ela viu foi o sraf. Era uma coisa tão estranha e agradável que quis compartilhar imediatamente com todos os seus parentes. De modo que ela e seu parceiro pegaram as primeiras e descobriram que sabiam quem eram, sabiam que eram mulefas e não animais de pasto. Eles deram nome um ao outro. Chamaram a si mesmos de mulefas. Deram nome à árvore-das-sementes e a todas as criaturas e plantas. Porque ficaram diferentes, - disse Mary.

Sim, ficaram. E seus filhos também, porque à medida que mais nozes caíam, eles mostraram a seus filhos como usá-las. E quando as crianças ficavam crescidas, começavam a gerar o sraf também, e quando estavam bastante grandes para usar as rodas, o sraf voltava com o óleo e ficava com eles. De modo que viram que tinham que plantar mais árvores-de-rodas, por causa do óleo, mas a casca das nozes era tão dura que raramente germinavam. E os primeiros mulefas viram o que deveriam fazer para ajudar as árvores, que era

usar as rodas para circular e quebrá-las, de modo que mulefas e árvores-de-rodas sempre viveram juntos.

Mary compreendeu de imediato cerca de um quarto do que Atai estava dizendo, mas depois, fazendo perguntas e deduções, descobriu o resto de maneira bastante precisa, e seu domínio da língua também estava aumentando a cada minuto. Quanto mais aprendia, mais difícil as coisas se tornavam, pois cada coisa nova que descobria sugeria meia dúzia de perguntas, cada uma conduzindo a uma direção diferente.

Mas ela forçou sua mente a continuar seguindo a questão do sraf porque era a mais importante, e fora por isso que tinha pensado no espelho. Fora a comparação do sraf com os reflexos de luz na água que lhe sugerira o espelho. A luz refletida como clarão do sol sobre o mar era polarizada: era possível que as partículas de Sombra, quando se comportassem como ondas de luz, também pudessem ser polarizadas. *Não posso ver o sraf como você pode, explicou, mas gostaria de fazer um espelho com a laca-de-seiva, porque acho que poderia me ajudar a ver.* Atai ficou animada com essa idéia e, imediatamente, elas recolheram a rede e começaram a juntar as coisas de que Mary iria precisar. Como prova de que a sorte lhes sorria, havia três belos peixes na rede.

A laca-de-seiva era um produto de uma outra árvore, muito menor, que os mulefas cultivavam para este propósito. Ao ferver e dissolver a seiva no álcool, que faziam com suco de frutas destilado, os mulefas preparavam uma substância com uma consistência semelhante à do leite e de uma cor âmbar delicada, que utilizavam como verniz. Chegavam a passar até 20 mãos numa base de madeira ou de concha, deixando que cada mão curtisse sob um pano molhado antes de aplicar a seguinte e, gradualmente, iam criando uma superfície de grande dureza e brilho. Geralmente a tornavam opaca com a aplicação de vários óxidos, mas por vezes a deixavam transparente e aquilo era o que interessara Mary: porque a laça transparente de tonalidade âmbar tinha a mesma curiosa propriedade do mineral conhecido como espato-deislândia. Ela

dividia os raios de luz em dois, de modo que quando se olhava através dela via-se duplo.

Mary não tinha muita certeza do que queria fazer, só sabia que se fizesse várias tentativas com diferentes abordagens pelo tempo que fosse necessário, sem se preocupar e sem se impacientar, acabaria descobrindo. Lembrou-se de citar as palavras do poeta Keats para Lyra e de sua compreensão imediata de que aquele era seu estado de espírito quando lia o aletômetro - era disso que Mary precisava.

De modo que começou tratando de encontrar um pedaço mais ou menos achatado de madeira semelhante ao pinho e de lixar a superfície com arenito (como não havia metal, não havia plainas) até deixá-la o mais lisa e plana que pôde. Aquele era o método usado pelos mulefas e funcionava bastante bem, desde que se dedicasse tempo e esforço.

Então ela visitou a plantação de laca com Atai, tendo explicado cuidadosamente o que pretendia fazer, e pediu permissão para retirar um pouco de seiva. Os mulefas tiveram prazer em concordar, mas estavam ocupados demais para lhe dar atenção. Com a ajuda de Atai, ela extraiu uma quantidade da seiva pegajosa e resinosa e, então, seguiu-se o longo processo de ferver, dissolver, ferver de novo, até que o verniz estivesse pronto para ser usado.

Os mulefas usavam mechas de uma fibra de uma outra planta semelhante a algodão para aplicá-lo e, seguindo as instruções de um artesão, ela entregouse ao trabalho paciente de pintar e repintar, uma vez após a outra, o seu espelho, sem ver quase nenhuma diferença a cada vez, uma vez que a camada de laça era tão fina, mas, deixando-as secar sem pressa e descobrindo que, gradualmente, a espessura estava aumentando. Mary passou mais de 40 mãos - perdeu a conta de quantas - mas, quando afinal sua laca acabou, a superfície estava com pelo menos cinco milímetros de espessura. Depois da última camada, vinha o trabalho de dar polimento: um dia inteiro esfregando a superfície, delicadamente, em suaves movimentos circulares, até que seus braços começaram

a doer e sua cabeça a latejar e ela não tinha mais condições de trabalhar.

Então ela dormiu.

Na manhã seguinte, o grupo foi trabalhar numa capoeira que chamavam de madeira-de-nó, para verificar se os brotos estavam crescendo conforme planejado quando haviam sido plantados, apertando os trançados de modo que os galhos adquirissem as formas adequadas. Eles apreciavam muito a ajuda de Mary nessa tarefa, pois sozinha ela podia penetrar em espaços mais estreitos que os mulefas e, com suas duas mãos, trabalhar em espaços mais apertados.

Só quando esse trabalho foi concluído e voltaram ao povoado foi que Mary pôde começar a fazer sua experiência - ou melhor, sua brincadeira, uma vez que não tinha uma idéia muito clara do que estava fazendo. Primeiro tentou usar a folha de laça simplesmente como um espelho, mas, por falta de um fundo prateado, tudo o que conseguia ver era um tênue duplo reflexo na madeira.

Então pensou que do que precisava realmente era da laca sem a madeira, mas sentiu-se desanimada diante da idéia de fazer outra folha de laca, e, de qualquer modo, como conseguiria deixá-la lisa sem uma superfície para servir de base?

Ocorreu-lhe a idéia de simplesmente ir cortando fora a madeira de modo a deixar só a laca. Aquilo também levaria tempo, mas pelo menos tinha o canivete suíço. E ela então começou a cortar lascas muito delicadamente a partir da borda, tomando o maior cuidado para não arranhar a laça por trás, mas, finalmente, conseguindo remover a maior parte do pinho, e deixando uma desordem de restos e lascas de madeira colados de maneira irremovível na placa de verniz claro e duro.

Ela se perguntou o que aconteceria se deixasse de molho na água. Será

que a laça amoleceria se ficasse molhada? Não, respondeu seu mestre artesão, ela permanecerá dura para sempre, mas por que não fazer assim? - e ele lhe mostrou um líquido, que era mantido numa tigela de pedra, que corroeria qualquer pedaço de madeira em apenas algumas horas. Pelo cheiro e pelo aspecto, Mary achou que parecia ser um ácido.

Aquilo praticamente não danificaria em nada a laca, disse o artesão, e, qualquer dano que houvesse, ela poderia reparar com bastante facilidade. Ele estava intrigado com o projeto de Mary e a ajudou a aplicar, delicadamente, o ácido na madeira, explicando como o preparavam, moendo, dissolvendo e destilando um mineral que encontravam nas margens de alguns lagos rasos que ela ainda não visitara. Gradualmente a madeira amoleceu e se soltou, e Mary ficou com uma placa de laça transparente amarelo-acastanhada, mais ou menos do tamanho da página de um livro.

Ela poliu o reverso da mesma forma que fizera com a parte de cima, até

que ambos os lados estivessem lisos e polidos como o mais refinado dos espelhos.

E quando olhou através dele...

Não viu nada em particular. Era perfeitamente límpido, mas mostrava-lhe uma imagem dupla, a da direita bem perto da que ficava à esquerda e cerca de 15 graus para cima.

Ela se perguntou o que aconteceria se olhasse através de duas placas, uma sobre a outra.

Então pegou o canivete suíço novamente e tentou riscar uma linha na placa de modo a poder cortá-la em dois pedaços. Depois de várias tentativas e de muito trabalho, usando uma pedra lisa para manter o canivete afiado, ela conseguiu riscar uma linha de sulco profundo o bastante para arriscar tentar partir a placa. Colocou um galho fino sob o sulco riscado e empurrou com força para baixo a

placa de laca, como vira um vidraceiro fazer para cortar uma vidraça, e funcionou: agora ela tinha duas placas.

Ela as juntou e olhou através delas. A coloração âmbar estava mais densa e, como um filtro fotográfico, realçava certas cores e apagava outras, dando uma aparência ligeiramente diferente à paisagem. A coisa curiosa era que a dupla imagem havia desaparecido e tudo era de novo uma coisa, mas não havia nenhum sinal de Sombras.

Mary foi separando as duas peças, observando como a aparência das coisas mudava à medida que o fazia. Quando estavam afastadas cerca de um palmo, algo curioso aconteceu: a coloração âmbar desapareceu e tudo parecia ter sua cor normal, mas em tom mais lustroso e mais vivido. Naquele ponto Atai aproximou-se para ver o que ela estava fazendo. *Agora já pode ver srafi?-* perguntou.

Não, mas posso ver outras coisas, -respondeu Mary, e tentou mostrar a ela.

Atai estava interessada, mas apenas por educação, sem nem um pouco do sentimento de descoberta que animava Mary, e logo a zalif se cansou de olhar através das pequenas placas de laca e se acomodou na relva para cuidar da manutenção de suas rodas. Por vezes, os mulefas cuidavam das garras uns dos outros, por pura sociabilidade, e, uma ou duas vezes, Atai havia convidado Mary a cuidar das suas. Mary, por sua vez, deixava Atai arrumar seu cabelo, apreciando como a tromba macia o levantava e deixava cair, acariciando e massageando seu couro cabeludo.

Ela percebeu que Atai queria fazer isso agora, de modo que largou as duas placas de laça e passou as mãos sobre a superfície incrivelmente lisa e macia das garras de Atai, aquela superfície mais macia e escorregadia que Teflon que se encaixava na borda inferior do buraco central e servia de mancai quando a roda girava. Os contornos se encaixavam com perfeição, é claro, e quando Mary passou a mão pelo interior da roda não sentiu nenhuma diferença de textura: era como se os mulefas e as nozes realmente fossem

um único ser que, por um milagre, podiam se separar e depois se encaixar unindo-se de novo.

Esse contato acalmava Atai e, portanto, Mary também. Sua amiga era jovem e solteira, e não havia jovens machos naquele grupo, de modo que ela teria que se casar com um zalif de fora, mas, contatos com outros grupos não eram fáceis, e por vezes Mary achava que Atai se preocupava com seu futuro. De maneira que não se incomodava com o tempo que passava com ela e naquela ocasião estava contente por limpar os buracos da roda de toda a poeira e fuligem que ali se acumulavam, e espalhar gentilmente o óleo perfumado sobre as garras de sua amiga, enquanto a tromba de Atai se levantava arrumando seus cabelos.

Quando Atai estava satisfeita, voltou a encaixar suas rodas e se afastou para ajudar na preparação da refeição da noite. Mary retomou suas placas de laça e quase que imediatamente fez a descoberta.

Ela levantou as duas placas, mantendo-as a uma distância de um palmo uma da outra, de modo que mostrassem a imagem nítida e clara que vira anteriormente, mas alguma coisa havia acontecido.

Enquanto olhava através delas, viu um enxame de cintilações douradas rodeando a silhueta de Atai. As cintilações só eram visíveis através de uma pequena parte da laca e então Mary se deu conta do porquê: naquele ponto havia pegado na superfície com os dedos cobertos de óleo.

- Atai! - chamou. - Depressa! Volte aqui!

Atai se virou e veio rodando.

- Deixe-me tirar um pouco de óleo - pediu Mary - só o bastante para passar sobre as placas de laça.

De boa vontade, Atai deixou que ela tornasse a passar os dedos pelos buracos das rodas e observou curiosamente enquanto Mary

cobria uma das placas com um filme da substância suave e límpida.

Então ela juntou e pressionou as placas uma contra a outra, e as fez girar, para espalhar o óleo de maneira uniforme e, mais uma vez, as levantou mantendo-as a uma distância de um palmo uma da outra.

E quando olhou através delas, tudo estava diferente. Ela podia ver Sombras. Se Mary tivesse estado na Sala Privativa da Faculdade Jordan quando Lorde Asriel havia projetado os fotogramas que tinha feito com a emulsão especial, teria reconhecido o efeito. Por toda parte para onde olhava havia partículas de ouro, exatamente como Atai havia descrito: cintilações de luz, flutuando e se deslocando, por vezes movendo-se numa corrente de intenção, um fluxo com direção e propósito. Em meio a tudo aquilo estava o mundo que ela via a olho nu: a relva, o rio, as árvores, mas onde quer que visse um ser consciente, um dos mulefas, a luz era mais espessa e mais cheia de movimento. A luz de maneira alguma obscurecia suas formas, ao contrário, tornava-as mais nítidas.

Eu não sabia que era bonito, - disse Mary para Atai. *Ora, mas é claro que é,* -respondeu sua amiga. - *É estranho imaginar que você não pudesse ver. Olhe para o pequenino*...

Ela indicou uma das crianças pequenas brincando na relva alta, saltando desajeitadamente atrás de gafanhotos, parando de repente para examinar uma folha, tropeçando e caindo, logo se levantando depressa outra vez, para ir correndo dizer alguma coisa para sua mãe, se distraindo novamente com um pedaço de galho partido, tentando apanhá-lo, descobrindo formigas em sua tromba e gritando cheio de agitação... Havia uma névoa dourada em volta dele, da mesma forma que em volta dos abrigos, das redes de pesca, da fogueira acesa - contudo, a dele era mais forte, embora não muito. Porém, ao contrário da névoa que envolvia as outras coisas, a dele era cheia de pequenas correntes rodopiantes de intenção, que se moviam em círculos, em redemoinhos que, de repente, paravam de se mover e ficavam flutuando, se deslocando no ar até desaparecer, enquanto outros nasciam.

Por outro lado, já ao redor de sua mãe, as partículas douradas cintilantes eram muito mais intensas, e as correntes em que se moviam eram mais tranqüilas e mais fortes. Ela estava preparando a comida, espalhando farinha numa pedra achatada, fazendo o pão fino que se parecia com pão sírio ou tortilhas, ao mesmo tempo vigiando seu filho, e as Sombras ou o srafon o Pó

que a banhava parecia a mais perfeita imagem de responsabilidade e de sábia atenção e cuidado.

Então finalmente você consegue ver, - disse Atai. - *Bem, agora deve vir comigo.*

Mary olhou para sua amiga sem compreender. O tom de Atai era estranho: era como se estivesse dizendo: "Finalmente você está pronta, estivemos esperando, agora as coisas têm que mudar!'

E outros estavam aparecendo, vindo do outro lado da colina, saindo de seus abrigos, vindo da margem do rio: membros do grupo, mas estranhos também, mulefas que ela não conhecia e que olhavam curiosamente para onde ela estava. O som de suas rodas na terra batida era baixo e constante. *Para onde devo ir*? - perguntou Mary. P *or que todos eles estão vindo para cá?*

Não se preocupe, - disse Atai, - *venha comigo, não vamos machucar você.*

Aquela reunião parecia ter sido planejada há muito tempo, pois todos eles sabiam para onde ir e o que esperar. Havia um monte, uma pequena elevação, numa das extremidades do povoado, que tinha uma forma simétrica e era coberto de terra batida compactada, com rampas em cada um dos cantos, e o grupo de mulefas - mais ou menos uns 50, no mínimo, Mary calculava - estava se dirigindo para ele. A fumaça das fogueiras onde se cozinhava pairava no ar do entardecer e o sol que se punha espalhava seu tipo particular de névoa dourada sobre tudo, e Mary sentia o cheiro de milho assando, e o cheiro agradável característico dos mulefas - parte óleo, parte carne de temperatura relativamente alta e constante, um cheiro

doce parecido com o de cavalos. Atai insistiu para que ela seguisse para o monte.

O que está acontecendo? Conte-me! -pediu Mary.

Não, não... Não eu. Sattamax vai falar...

Mary não conhecia o nome Sattamax e o zalif que Atai indicou era um estranho para ela. Era mais velho do que qualquer um que tivesse visto até

então: na base de sua tromba havia uns tufos de fios brancos dispersos e ele se movia com dificuldade, como se tivesse artrite. Todos os outros se movimentavam com cuidado em torno dele e quando Mary deu uma espiada através das placas de laça, viu por que: a nuvem de Sombras do velho zalif era tão rica e complexa que a própria Mary sentiu-se tomada por um grande respeito, embora soubesse muito pouco sobre o que aquilo significava. Quando Sattamax estava pronto para falar, o resto do grupo ficou em silêncio. Mary parou bem perto do monte, Atai manteve-se junto dela, para tranqüilizá-la, mas podia perceber todos os olhos cravados nela e se sentia como se fosse uma aluna nova, no primeiro dia de aula.

Sattamax começou a falar. Sua voz era grave, com tons ricos e variados, os gestos de sua tromba, pequenos e graciosos.

Estamos todos aqui reunidos para dar as boas-vindas à estrangeira Mary. Aqueles dentre nós que já a conhecem têm motivos para ser gratos a ela por suas atividades desde que chegou para viver entre nós. Esperamos até que ela tivesse algum domínio de nossa língua. Com a ajuda de muitos de nós, mas especialmente da zalif Atai, a estrangeira Mary agora pode nos compreender. Mas havia uma outra coisa que ela precisava compreender e isso era o sraf. Ela sabia de sua existência, mas não podia vê-lo como nós, até que fez um instrumento através do qual pôde olhar. E agora que conseguiu, está pronta para aprender mais sobre o que deve fazer para nos ajudar. Mary, suba até

aqui, venha ficar junto comigo.

Ela se sentia atordoada, embaraçada, perplexa e confusa, mas fez o que tinha que fazer e subiu, posicionando-se ao lado do velho zalif. Achou que era melhor falar, de modo que começou:

Todos vocês fizeram com que eu me sentisse como uma amiga. São gentis e hospitaleiros. Eu venho de um mundo onde a vida é muito diferente, mas alguns de nós têm conhecimento do sraf, como vocês, e estou grata pela ajuda que me deram para fazer este vidro através do qual posso vê-lo. Se, de alguma maneira, eu puder ajudá-los, terei muito prazer em fazê-lo. Ela falou de maneira muito mais desajeitada do que quando conversava com Atai e ficou temerosa de não ter sido muito clara no que dissera. Era difícil saber para onde se virar quando se tinha que gesticular ao mesmo tempo em que se falava, mas eles pareceram compreender.

Sattamax de novo tomou a palavra.

É bom ouvi-la falar. Esperamos que possa nos ajudar. Se não puder, não sei como sobreviveremos. Os tualapi matarão todos nós. Há mais deles do que jamais houve e, a cada ano que passa, o número deles aumenta. Alguma coisa em nosso mundo saiu de seu eixo. Durante a maioria dos 33 mil anos desde que os mulefas existem, sempre cuidamos da terra. Tudo era equilibrado. As árvores prosperavam, os animais de pasto eram saudáveis e, mesmo que de vez em quando os tualapi atacassem, a proporção entre quantos de nós e quantos deles existiam permanecia constante.

Mas há 300 anos as árvores começaram a adoecer. Nós as observamos com preocupação e tratamos delas com grande cuidado, mas mesmo assim descobrimos que estavam produzindo menos nozes e perdendo suas folhas fora da estação, algumas delas morreram imediatamente, algo que jamais havia acontecido. Toda a nossa memória reunida não foi capaz de encontrar uma causa para isso. Sem dúvida, tudo isso aconteceu lentamente, mas também é lento o ritmo de nossa vida. Não sabíamos disso até que você

viesse. Tínhamos visto borboletas e pássaros, mas eles não têm sraf. Você

tem, por mais estranha que possa nos parecer, mas é rápida e age de imediato, como os pássaros, como as borboletas. Você percebeu que havia necessidade de alguma coisa para ajudá-la a ver sraf e no mesmo instante, com os materiais que conhecemos há milhares de anos, inventou um instrumento para fazer isso. Comparada conosco, você pensa e age com a velocidade de um pássaro. É assim que nos parece, e é por isso que sabemos que nosso ritmo parece lento para você.

Mas esse fato é nossa única esperança. Você pode ver coisas que não podemos, consegue ver conexões, possibilidades e alternativas que são invisíveis para nós, exatamente como o sraf era invisível para você. E embora não possamos ver uma maneira de sobreviver, esperamos que você possa. Esperamos que você descubra rapidamente a causa da doença das árvores e encontre uma cura, esperamos que invente um meio de lidarmos com os tualapi, que são tão numerosos e tão fortes. E esperamos que possa fazê-lo brevemente, caso contrário todos nós morreremos.

Houve um murmúrio de acordo e aprovação do grupo. Todos eles olhavam para Mary e ela se sentia, mais do que nunca, como a nova aluna numa escola que aguardasse com convicção e grandes esperanças seu bom desempenho. Também sentia-se estranhamente lisonjeada: a imagem de si mesma como sendo rápida e ágil como um pássaro era nova e agradável, porque sempre havia pensado em si mesma como determinada e vagarosa. Mas junto com isso veio o sentimento de que eles haviam percebido as coisas de maneira terrivelmente errada, se a viam desse modo, que absolutamente não compreendiam, ela não tinha a menor possibilidade de satisfazer aquela esperança desesperada que alimentavam.

Mas, da mesma maneira, tinha. Eles estavam esperando.

Sattamax, disse, *mulefas, vocês depositaram sua confiança em mim e farei o melhor que puder. Vocês têm sido gentis e a vida de vocês é boa e bonita, de modo que tentarei com todo o meu empenho ajudar vocês, e agora que vi o sraf, sei o que estou fazendo. Obrigada por confiarem em mim.* Eles assentiram, murmuraram e a acariciaram com suas trombas, enquanto ela descia. Estava amedrontada com o que havia concordado em fazer.

Exatamente naquele momento no mundo de Cittàgazze, o padre assassino, Padre Gomez, vinha caminhando com esforço, subindo por uma trilha difícil e irregular nas montanhas, entre os troncos retorcidos das oliveiras. A luz do entardecer passava obliquamente entre as folhas prateadas e a atmosfera estava cheia do ruído de grilos e cigarras.

Mais adiante ele podia avistar uma pequenina casa de fazenda, abrigada entre os vinhedos, onde uma cabra balia e um riacho corria descendo pelos rochedos cinzentos. Havia um homem idoso cuidando de alguma tarefa ao lado da casa e uma mulher idosa conduzindo a cabra na direção de um banco e um balde.

Na aldeia, a alguma distância mais para trás, haviam-lhe dito que a mulher que estava seguindo tinha passado por ali e que havia falado em subir para as montanhas, talvez aquele casal de velhos a tivesse visto. No mínimo poderia haver queijo e azeitonas para comprar e água da nascente para beber. O Padre Gomez estava muito habituado a viver frugalmente e havia tempo de sobra.

OS SUBÚRBIOS DOS MORTOS

Oh, quem dera fosse possível, que ao menos uns dois dias pudéssemos passar a consultar os mortos...

John Webster

Lyra acordou antes do amanhecer, com Pantalaimon tremendo de frio em seu peito, e se levantou para andar um pouco e se aquecer enquanto a luz cinza começava a infiltrar-se no céu. Nunca tinha

visto tamanho silêncio, nem mesmo no Ártico coberto de neve, não havia o mínimo oscilar de vento e o mar estava tão parado que nem a menor ondulação quebrava na areia, o mundo parecia em estado de suspensão entre inspirar e expirar. Will estava deitado encolhido, dormindo profundamente, com a cabeça sobre a mochila para proteger a faca. O manto havia escorregado descobrindo seu ombro e ela tornou a cobri-lo, ajeitando-o, fazendo de conta que estava tomando cuidado para evitar tocar em seu *daemon*, e que tinha a forma de uma gata, enrascada e encolhida exatamente como ele. Ela deve estar aqui em algum lugar, pensou. Carregando Pantalaimon ainda sonolento, ela se afastou de Will e sentou na encosta de uma duna de areia a certa distância de modo que a voz deles não o acordasse.

- Esse povo pequenino - disse Pantalaimon.

- Não gosto deles - declarou Lyra em tom decidido. - Acho que deveríamos fugir deles assim que pudermos. Acho que se os apanharmos com uma rede ou coisa parecida, Will pode cortar uma abertura e fechar, e pronto, estaremos livres.

- Nós não temos uma rede - retrucou Pan - nem nada parecido. De qualquer maneira, aposto que são espertos demais para isso. Ele está nos vigiando agora.

Pantalaimon tinha assumido a forma de um falcão ao dizer isso e seus olhos eram mais aguçados que os dela. A escuridão do céu estava se transformando, de minuto em minuto, no mais pálido azul etéreo e quando ela olhou para a areia mais abaixo, a primeira ponta de sol acabava de subir acima da linha do mar, ofuscando-a. Como estava no alto da duna, a luz a alcançou alguns segundos antes de tocar a praia e ela a observou fluir ao seu redor e seguir na direção de Will, e então viu o vulto de um palmo de altura do Cavaleiro Tialys, de pé ao lado da cabeça de Will, nítido e absolutamente desperto, vigiando-os.

- A questão é que eles não podem nos obrigar a fazer o que querem observou Lyra. - Têm que nos seguir. Aposto que estão cheios

disso.

- Se eles nos apanhassem - comentou Pan, referindo-o se a ele e Lyra e estivessem com os ferrões prontos para nos espetar, Will teria que fazer o que eles mandassem.

Lyra pensou a respeito daquilo. Lembrava-se vividamente do grito terrível de dor da Sra. Coulter, das convulsões com os olhos revirados, da medonha língua pendurada, com a saliva escorrendo, da boca do macaco dourado, à medida que o veneno entrava em sua corrente sangüínea... E

aquilo fora apenas um arranhão, como recentemente haviam recordado em algum ponto à sua mãe. Will teria que ceder e fazer o que eles quisessem.

- Mas vamos supor que eles acreditassem que Will não cederia argumentou ela - vamos supor que eles acreditassem que Will fosse tão impiedoso que seria capaz de simplesmente nos ver morrer. Talvez fosse melhor ele fazer com que acreditem nisso, se puder.

Lyra tinha trazido o aletômetro consigo e agora que estava bastante claro para enxergar, pegou seu adorado instrumento e colocou-se sobre o pano de veludo aberto em seu colo. Pouco a pouco, foi mergulhando naquele estado de transe em que as muitas camadas de significado se esclareciam para ela e onde podia ver as teias intricadas de conexões que ligavam todas elas. À

medida que seus dedos encontravam os símbolos, sua mente formulou as palavras: como podemos nos livrar dos espiões?

Então o ponteiro começou a girar de um lado para o outro no mostrador, mais rápido do que jamais o vira se mover antes - tão depressa, na verdade, que ela receou pela primeira vez que perderia alguns de seus giros e paradas, mas, alguma parte de sua consciência os estava contando e viu imediatamente o significado do que o movimento dizia.

O aletômetro dizia:

Não tente, porque a vida de vocês depende deles.

Aquilo foi uma surpresa, e uma surpresa não muito feliz. Mas ela prosseguiu e perguntou:

Como podemos chegar à terra dos mortos?

A resposta veio:

Desçam. Sigam a faca. Sigam adiante. Sigam a faca.

E finalmente ela perguntou, hesitante, meio envergonhada:

Isso é a coisa certa a fazer?

Sim, - disse o aletômetro imediatamente. - *Sim*. Ela suspirou, saindo de seu transe, enfiou os cabelos atrás das orelhas, sentindo o calor do sol começar a aquecer seu rosto e ombros. Agora também havia sons no mundo: os insetos estavam despertando e uma brisa muito suave agitava, de leve, as folhas de relva crescendo mais acima na duna. Ela guardou o aletômetro e foi andando de volta para perto de Will, com Pantalaimon fazendo-se tão grande quanto podia assumindo a forma de um leão, na esperança de amedrontar os galivespianos.

O homem estava usando seu magneto ressonante e quando acabou, Lyra perguntou:

- Estava falando com Lorde Asriel?

- Com um representante dele - respondeu Tialys.

- A gente não vai para lá.

- Foi o que eu disse a ele.

- E o que ele disse?

- Isso foi apenas para meus ouvidos, não para os seus.

- Como quiser - retrucou. - Você é casado com aquela dama?

- Não. Somos colegas.

- Tem filhos?

- Não.

Tialys continuou a desmontar e guardar seu magneto ressonante enquanto o fazia, Lady Salmakia acordou, bem ali pertinho, levantando-se graciosa e lentamente até estar sentada na pequena depressão que fizera na areia macia. As libélulas ainda dormiam, amarradas com cordas finas como teias de aranha, as asas úmidas de orvalho.

- Existem pessoas grandes em seu mundo ou são todas pequenas como vocês? - perguntou Lyra.

- Sabemos como lidar com pessoas grandes - retrucou Tialys, não muito prestativamente, e foi falar em voz baixa com a dama. Eles falavam baixo demais para que Lyra pudesse ouvir, mas gostou de observá-los beber gotas de orvalho das folhas de grama para matar a sede. A água deve ser diferente para eles, Pantalaimon: imagine só, gotas do tamanho de seu punho! Deve ser difícil entrar nelas, devem ter uma espécie de capa elástica, como um balão. A essa altura Will também estava acordando, ainda demonstrando cansaço. A primeira coisa que fez foi procurar os galivespianos, que retribuíram seu olhar, totalmente concentrados nele.

Ele desviou o olhar e virou-se para Lyra.

- Eu quero lhe contar uma coisa - disse ela. - Chegue aqui, afaste-se...

- Se vocês se afastarem de nós - disse a voz límpida de Tialys - têm que deixar a faca. Se não quiserem deixar a faca, terão que

conversar aqui.

- Não podemos ter privacidade? - reagiu Lyra indignada.

- Não queremos que ouçam o que vamos dizer!

- Então afastem-se, mas deixem a faca.

Não tinha importância, afinal, não havia mais ninguém nas proximidades e, certamente, os galivespianos não poderiam usá-la. Will enfiou a mão na mochila para pegar o cantil e dois biscoitos, passando um para Lyra, e afastouse com ela subindo pela encosta da duna.

- Eu perguntei ao aletômetro - Lyra contou a Will - e ele disse que não deveríamos tentar fugir do povo pequenino, porque eles vão salvar nossa vida. De modo que pode ser que tenhamos que continuar com eles.

- Você disse a eles o que íamos fazer?

- Não! E também não pretendo contar. Porque apenas iriam contar para Lorde Asriel naquele violino que fala e ele iria para lá para nos impedir. De modo que temos que ir e não falar sobre o assunto na frente deles.

- Mas, eles são espiões - argumentou Will. - Devem ser bons em ouvir às escondidas. De modo que talvez seja melhor não mencionarmos mais o assunto. Sabemos para onde vamos. Assim, apenas vamos tratar de ir e não falar nisso, e eles terão que aceitar isso e vir junto.

- Eles não podem nos ouvir agora. Estão longe demais. Will, eu também perguntei como chegar lá. Ele disse para seguir a faca, só isso.

- Parece fácil - disse ele. - Mas aposto que não é. Sabe o que Iorek me disse?

- Não. Ele disse... quando fui me despedir, ele disse que seria muito difícil para você, mas que achava que conseguiria. Mas não me disse por quê...

- A faca quebrou porque eu pensei em minha mãe - explicou ele. - De maneira que tenho que tirá-la de minha mente, não pensar mais nela. Mas... É

como quando alguém diz: não pense em um crocodilo, e você pensa, não consegue deixar de pensar...

- Bem, na noite passada você conseguiu cortar uma janela sem problemas - argumentou Lyra.

- É verdade, mas porque estava cansado, acho. Bem, veremos. Disse apenas para seguir a faca?

- Isso foi tudo o que ele disse.

- Então podíamos tratar de ir agora. Só que não me resta muita comida. Deveríamos encontrar alguma coisa para levar conosco, pão e frutas ou coisa assim. De modo que primeiro vou encontrar um mundo onde possamos arranjar comida e depois começaremos a procurar o caminho de verdade.

- Está bem - concordou Lyra, bastante feliz por estar de partida novamente, com Pan e Will, viva e acordada.

Os dois caminharam de volta para onde os espiões esperavam, sentados, muito atentamente ao lado da faca, com suas mochilas nas costas.

- Gostaríamos de saber o que vocês pretendem - disse Salmakia.

- Bem, de qualquer maneira, não vamos ao encontro de Lorde Asriel disse Will. - Temos uma outra coisa a fazer antes.

- E vão nos dizer o que é, já que é evidente que não podemos impedi-los de fazê-lo?

- Não - respondeu Lyra - porque vocês iriam contar a eles. Terão de vir junto conosco, sem saber para onde estamos indo. É claro que poderiam desistir disso e voltar para lá.

- Absolutamente não - declarou Tialys.

- Queremos algum tipo de garantia - disse Will. - Vocês são espiões, de modo que certamente devem ser desonestos, faz parte da profissão. Precisamos saber que podemos confiar em vocês. Na noite passada estávamos todos cansados demais e não tínhamos condições de pensar no assunto, mas não haveria nada que os impedisse de esperar até que tivéssemos dormido e então nos dessem uma ferroada, deixando-nos imobilizados, chamando em seguida Lorde Asriel naquele magneto. Poderiam fazer isso facilmente. De modo que precisamos de uma garantia concreta de que não farão. Uma promessa não basta.

Os dois galivespianos tremeram de raiva diante desse insulto à sua honra. Tialys, fazendo um esforço para se controlar, disse:

- Não aceitamos exigências unilaterais. Você tem que nos dar algo em troca. Você tem de nos dizer quais são suas intenções e eu lhe entregarei o magneto ressonante, que ficará a seus cuidados. Você deverá me permitir usálo quando eu quiser enviar uma mensagem, mas sempre saberá quando isso acontecer e não poderemos usá-lo sem que você esteja de acordo. Esta será

nossa garantia. E agora você nos dirá para onde vão e por quê. Will e Lyra trocaram um olhar para confirmar.

- Está bem - disse Lyra - isso é justo. De modo que vou contar para onde estamos indo: estamos indo para o mundo dos mortos. Não sabemos onde fica, mas a faca o encontrará. Isso é o que vamos fazer.

Os dois espiões estavam olhando para ela com incredulidade, boquiabertos. Então Salmakia piscou os olhos e disse:

- O que você diz não faz sentido. Os mortos estão mortos, isso é tudo. Não existe nenhum mundo dos mortos.

- Eu também pensei que isso fosse verdade - disse Will. - Mas agora não tenho certeza. Pelo menos com a faca poderemos descobrir.

- Mas por quê?

Lyra olhou para Will e o viu balançar a cabeça, concordando.

- Pois bem - começou ela. - Antes que eu conhecesse Will, muito antes de ficar adormecida, deixei esse meu amigo em uma situação de perigo e ele foi morto. Eu pensei que estava salvando a vida dele, só que estava apenas tornando tudo muito pior. E enquanto estive dormindo, sonhei com ele e pensei que talvez pudesse corrigir meu erro, se fosse ao lugar para onde ele foi e dissesse como lamento e pedisse desculpas. E Will quer encontrar o pai dele, que morreu exatamente quando tinha acabado de encontrá-lo. Como podem ver, Lorde Asriel não pensaria nisso. Nem a Sra. Coulter. Se fôssemos até

Lorde Asriel, teríamos que fazer o que ele quer, e ele não pensaria absolutamente em Roger... esse é o meu amigo que morreu... isso não teria nenhuma importância para ele. Mas é importante para mim. Para nós. De modo que isso é o que queremos fazer.

- Menina - disse Tialys - quando morremos tudo acaba. Não existe nenhuma outra vida. Você já viu a morte. Já viu corpos de pessoas mortas e viu o que acontece com um *daemon* quando a morte vem. Ele desaparece. O

que mais pode haver para se viver depois disso?

- Nós vamos lá e vamos descobrir - respondeu Lyra. - E agora que já

contamos a vocês, pode me entregar seu magneto ressonante.

Ela estendeu a mão e Pantalaimon, sob a forma de leopardo, levantou-se com imponência, o rabo balançando lentamente, para reforçar a exigência dela. Tialys tirou a mochila das costas e colocou-a na palma da mão de Lyra. Era surpreendentemente pesada, não para ela, é claro, mas ficou maravilhada com a força de Tialys.

- E quanto tempo acha que essa expedição vai levar? - perguntou o cavaleiro.

- Não sabemos - respondeu Lyra. - Não sabemos nada sobre isso, exatamente como vocês. Simplesmente teremos que ir e ver.

- Para começar - disse Will - temos que arranjar mais água e mais comida, algo que seja fácil de carregar. De modo que vou procurar um mundo onde possamos conseguir isso e então partiremos.

Tialys e Salmakia montaram em suas libélulas e tiveram que controlá-las para mantê-las no chão. Os grandes insetos estavam impacientes para voar, mas o domínio de seus cavaleiros era absoluto e Lyra, observando-os à luz do dia pela primeira vez, viu a extraordinária fineza dos arreios e rédeas de seda cinza, os estribos prateados e as minúsculas selas.

Will pegou a faca e uma forte tentação levou-o a buscar o ponto de toque conhecido de seu próprio mundo: ainda estava com o cartão de crédito, poderia comprar os alimentos com que estava habituado, poderia até telefonar para a Sra. Cooper e pedir notícias de sua mãe. A faca chocou-se com um som desagradável como o de uma unha arranhando uma pedra áspera e seu coração quase parou. Se quebrasse a lâmina de novo, seria o fim. Depois de alguns instantes, tentou de novo. Em vez de tentar não pensar em sua mãe, disse para si mesmo: Sim, eu sei que ela está lá, mas só que não vou olhar nessa direção enquanto faço isso...

E dessa vez funcionou. Encontrou um novo mundo e deslizou a faca para cortar uma janela e, alguns momentos depois, todos eles estavam parados no que parecia ser um pátio de fazenda em algum

país do norte, como a Holanda ou a Dinamarca, onde o pátio de lajes de pedra estava bem varrido e limpo e havia uma fileira de portas de baias abertas. O sol brilhava através de um céu parcialmente nublado e havia o cheiro de alguma coisa queimando no ar, bem como de alguma coisa menos agradável. Não se ouvia nenhum som de vida humana, embora um zumbido alto, tão intenso e vigoroso que parecia uma máquina, viesse dos estábulos.

Lyra foi até lá olhar e voltou imediatamente, parecendo pálida.

- Tem quatro - ela engoliu em seco, pôs a mão na garganta, depois se recuperou - quatro cavalos mortos. E milhões de moscas...

- Olhe - mostrou Will, engolindo em seco - ou talvez seja melhor não olhar.

Ele estava apontando para os pés de framboesa que delimitavam a horta. Tinha acabado de ver um par de pernas de homem, uma com um sapato e uma sem, projetando-se da parte mais fechada dos arbustos.

Lyra não quis olhar, mas Will foi até lá ver se o homem ainda estava vivo e se precisava de ajuda. Voltou sacudindo a cabeça, parecendo assustado. Os dois espiões já estavam na porta da casa, que estava aberta. Tialys voltou rapidamente e disse:

- Lá dentro o cheiro está melhor - e então voou de volta para o umbral, enquanto Salmakia fazia o reconhecimento mais adiante nas outras instalações.

Will seguiu o cavaleiro. Encontrou-se numa grande cozinha quadrada, um lugar antiquado, com peças de porcelana branca num armário de cozinha de madeira, uma mesa de pinho limpa e um fogão de lenha apagado, com uma chaleira preta fria. A porta ao lado dava para uma despensa com duas prateleiras cheias de maçãs que enchiam o ar com sua fragrância. O silêncio era opressivo.

- Will, este aqui é o mundo dos mortos? - perguntou Lyra baixinho. O mesmo pensamento havia ocorrido a Will. Mas ele respondeu:

- Não, eu acho que não. É um mundo onde não estivemos antes. Olhe, vamos tratar de apanhar tudo o que pudermos carregar. Tem uma espécie de pão de centeio, isso vai ser bom levar, é leve, e tem queijo... Quando tinham recolhido o máximo que podiam carregar, Will colocou uma moeda de ouro numa gaveta na grande mesa de pinho.

- Qual é o problema? - perguntou Lyra, ao ver Tialys levantar as sobrancelhas. - Sempre se deve pagar pelo que se leva.

Naquele momento Salmakia entrou pela porta de trás pousando com a libélula sobre a mesa com um cintilar de azul-elétrico.

- Há homens vindo para cá - disse ela - estão a pé e armados. Estão a apenas alguns minutos de distância. E há uma aldeia em chamas depois dos campos.

E, enquanto ela falava, eles começaram a ouvir o som de botas marchando no cascalho, uma voz dando ordens e o tilintar de metal.

- Então devemos ir - disse Will.

Ele tateou no ar com a ponta da faca. A lâmina parecia estar deslizando sobre uma superfície muito lisa, como um espelho, e então ela penetrou lentamente até que ele pôde cortar. Mas era resistente como um tecido grosso e, depois que acabou de fazer a abertura, Will piscou surpreendido e assustado: pois o mundo para o qual tinha aberto a janela era igual em todos os detalhes ao mundo onde estavam.

- O que está acontecendo? - perguntou Lyra.

Os espiões estavam olhando pela janela, perplexos. Mas era mais que perplexidade o que sentiam. Exatamente como o ar havia resistido à faca, alguma coisa naquela abertura oferecia resistência,

impedindo a passagem deles. Will teve que fazer força contra alguma coisa invisível e depois ajudar a puxar Lyra atrás dele, e os galivespianos praticamente não conseguiam fazer nenhum progresso. Tiveram que pousar as libélulas nas mãos das crianças e, mesmo depois disso, foi como puxá-las contra a resistência de uma pressão no ar, as asas transparentes se dobraram e se retorceram e os pequeninos cavaleiros tiveram que acariciar suas cabeças e sussurrar para acalmar seu medo.

Mas, depois de alguns segundos de esforço, todos eles haviam passado pela abertura e Will encontrou a borda da janela (embora fosse impossível de ver) e a fechou, prendendo o som dos soldados em seu próprio mundo.

- Will - chamou Lyra, ele se virou e viu que havia uma outra pessoa na cozinha com eles.

Seu coração deu um pulo. Era o homem que tinha acabado de ver, menos de dez minutos antes, absolutamente morto em meio aos arbustos, com a garganta cortada.

Era um homem de meia-idade, magro, com a aparência de alguém que passava a maior parte do tempo ao ar livre. Mas agora parecia quase enlouquecido, ou paralisado, de choque. Os olhos dele estavam tão arregalados que se podia ver o branco ao redor de toda a íris, ele agarrava a beira da mesa com a mão trêmula. Will ficou satisfeito de ver que sua garganta estava intacta. O homem abriu a boca para falar, mas as palavras não saíram Tudo o que conseguiu fazer foi apontar para Will e Lyra. Lyra tomou a iniciativa:

- Perdoe-nos por estarmos em sua casa, mas tivemos que fugir dos homens que estavam chegando. Sinto muito se assustamos o senhor. Eu sou Lyra e este é Will, e estes são nossos amigos, o Cavaleiro Tialys e Lady Salmakia. Poderia nos dizer qual é seu nome e onde estamos?

Aquele pedido, com palavras tão normais, pareceu fazer com que o homem recuperasse a razão e um calafrio sacudiu seu corpo como

se ele estivesse despertando de um sonho.

- Eu estou morto - disse ele. - Estou caído lá fora, morto. Sei que estou. Vocês não estão mortos. O que está acontecendo? Deus do céu, eles me cortaram a garganta. O que está acontecendo?

Lyra deu um passo chegando mais perto de Will quando o homem disse

“Estou morto” e Pantalaimon correu para se esconder em seu peito, sob a forma de camundongo. Quanto aos galivespianos, estavam lutando para controlar suas libélulas, pois os grandes insetos pareciam sentir aversão ao homem e voavam dardejando de um lado para outro na cozinha, em busca de uma saída. Mas o homem não lhes deu atenção. Ainda estava tentando compreender o que havia acontecido.

- O senhor é um espírito? - perguntou Will cautelosamente.

O homem estendeu a mão e Will tentou apertá-la, mas seus dedos se fecharam no ar. Um formigamento frio foi tudo o que Will sentiu. Quando viu aquilo acontecer, o homem olhou para sua própria mão apavorado. O choque inicial estava começando a passar e ele podia sentir pena de seu estado lastimável.

- E verdade - disse - eu estou morto... estou morto e vou para o inferno...

- Não diga isso - disse Lyra - nós iremos juntos. Como se chama?

- Eu era Dirk Jansen - respondeu - mas já não... eu já não sei o que fazer... Não sei para onde ir...

Will abriu a porta, o pátio da fazenda parecia igual, a horta atrás da cozinha não havia se modificado, o mesmo sol encoberto brilhava. E lá estava o corpo do homem, intocado.

Um pequeno gemido escapou da garganta de Dirk Jansen, como se não houvesse mais como negar. As libélulas escapuliram rapidamente pela porta e voaram raso sobre o solo, depois dispararam para o alto, mais velozes do que pássaros. O homem estava olhando em volta, desamparado, levantando as mãos, depois baixando-as, gemendo baixinho.

- Não posso ficar aqui... Não posso ficar - estava dizendo. - Mas esta não é a fazenda que conheci. Está tudo errado. Tenho que ir.

- Para onde o senhor vai? - perguntou Lyra.

- Descer a estrada. Não sei. Não posso ficar aqui...

Salmakia veio voando e se empoleirou na mão de Lyra. As pequeninas garras da libélula a espetavam enquanto a dama falava:

- Tem gente saindo da aldeia... gente como este homem... todos estão andando na mesma direção.

- Então iremos com eles - decidiu Will, e enfiou a alça da mochila no ombro.

Dirk Jansen já estava passando por seu próprio corpo, desviando os olhos. Era quase como se estivesse bêbado, parando, seguindo adiante, ziguezagueando ora para a direita ora para a esquerda, tropeçando em pequenos sulcos e nas pedras no caminho que seus pés tinham conhecido tão bem. Lyra foi atrás de Will e Pantalaimon transformou-se num gavião e voou o mais alto que pôde, fazendo Lyra sufocar um grito.

- Eles têm razão - disse Pan quando desceu. - Há fileiras de pessoas, todas saindo da aldeia. Gente morta...

E logo eles também as avistaram: eram em torno de 20 pessoas, mais ou menos, homens, mulheres e crianças, todos andando do mesmo modo que Dirk Jansen, inseguros e em estado de choque. A aldeia ficava a uns 800

metros de distância e as pessoas vinham andando na direção deles, juntas umas das outras, pelo meio da estrada. Quando Dirk Jansen viu os outros espíritos, saiu correndo, cambaleante, e eles estenderam as mãos para cumprimentá-lo.

- Mesmo se não souberem para onde estão indo, estão todos indo para lá juntos - observou Lyra. - É melhor irmos com eles.

- Você acha que eles tinham *daemons* aqui neste mundo? - perguntou Will.

- Não sei. Se visse um deles em seu mundo, saberia que era um espírito?

- É difícil dizer. Eles não parecem exatamente normais. Tinha um homem que eu costumava ver na minha cidade e ele costumava ficar perambulando do lado de fora das lojas, sempre segurando a mesma velha sacola de plástico, e nunca falava com ninguém nem entrava. E ninguém nunca olhava para ele. Eu costumava fingir que ele era um espírito, um fantasma. Eles se parecem um pouco com ele. Talvez meu mundo seja cheio de espíritos e eu nunca tenha percebido.

- Não acho que o meu seja - disse Lyra em tom de dúvida.

- De qualquer maneira, este deve ser o mundo dos mortos. Essas pessoas acabaram de ser mortas, os soldados devem ter feito isso... e aqui estão elas e é exatamente igual ao mundo em que estiveram vivas. Pensei que fosse ser muito diferente...

- Bem, está escurecendo. Olhe!

Ela estava agarrando o braço dele. Will parou e olhou em volta, e viu que Lyra tinha razão. Não muito tempo antes de ele ter encontrado a janela em Oxford e tê-la atravessado, entrando no outro mundo de Cittàgazze, tinha havido um eclipse do sol e, como milhões de outros, Will ficara parado do lado de fora ao meio-dia observando enquanto a luz forte do dia fora escurecendo e

enfraquecendo, até que uma espécie de estranho crepúsculo havia coberto as casas, as árvores, o parque. Tudo estava nítido como se em plena luz do dia, mas havia menos luz para ver as coisas, como se as forças de um sol moribundo estivessem se esgotando.

O que estava acontecendo agora era parecido, mas mais estranho, porque os contornos das coisas também estavam perdendo definição e começando a ficar borrados.

- A gente não está ficando cego, não é isso - disse Lyra, assustada porque a questão não é que a gente não possa ver as coisas, é que as coisas estão desbotando...

A cor lentamente estava desaparecendo do mundo. Um cinza fosco, esverdeado, tinha substituído o verde intenso das árvores e da grama, uma cor de areia acinzentada substituía o amarelo forte de um campo de milho, um cinza-avermelhado cobria os tijolos de uma bela casa de fazenda. As próprias pessoas, agora mais próximas, tinham começado a perceber isso também e estavam apontando e se segurando nos braço: uns dos outros tentando se acalmar. As únicas coisas de cores intensas na paisagem inteira eram o vermelho e amarelo brilhante e o azul-elétrico das libélulas e seus pequeninos cavaleiros, e Will, Lyra e Pantalaimon, que em forma de gavião voava em círculos logo acima.

Agora eles estavam chegando perto das primeiras pessoas e era evidente: eram todas espíritos. Will e Lyra deram um passo para ficarem mais perto um do outro, mas não havia nada a temer, pois os espíritos estavam muito mais assustados do que eles e estavam recuando não querendo se aproximar. Will gritou para eles:

- Não tenham medo. Não vamos machucar vocês. Para onde estão indo?

Eles olharam para o homem mais velho do grupo, como se fosse o guia.

- Estamos indo para onde todos vão - disse ele. - Parece que eu sei, mas não me lembro de ter aprendido. Parece que fica mais adiante na estrada. Saberemos quando chegarmos lá.

- Mamãe - chamou uma criança - por que está ficando escuro de dia?

- Fique quieta, querida, não se preocupe - disse a mãe. - Não vai adiantar nada se preocupar. Acho que estamos mortos.

- Mas para onde estamos indo? - perguntou a criança. - Eu não quero estar morta, mamãe!

- Estamos indo visitar o vovô - disse a mãe aflita.

Mas a criança não aceitou o consolo e chorou muito sentida. Os outros no grupo olhavam para a mãe, uns com simpatia, outros com irritação, mas não havia nada que pudessem fazer para ajudar e todos continuaram andando, desconsoladamente, em meio à paisagem que ia perdendo as cores, enquanto os gritos débeis da criança continuavam se repetindo sem parar. O Cavaleiro Tialys tinha falado com Salmakia antes de seguir adiante e se afastar rapidamente, voando pouco acima da superfície, e Will e Lyra acompanharam a libélula com olhos ávidos por suas cores vivas e vigor à

medida que foi se tornando cada vez menor. A pequenina dama veio voando e empoleirou seu inseto na mão de Will.

- O cavaleiro foi observar o que há mais adiante - disse ela. - Achamos que a paisagem esteja perdendo as cores porque as pessoas a estão esquecendo. Quanto mais se afastarem de suas casas, mais escuro ficará.

- Mas por que acha que continuam indo? - perguntou Lyra. - Se eu fosse um espírito, gostaria de ficar nos lugares que conheço, não sair vagando por aí

e me perder.

- Eles se sentem infelizes lá - arriscou Will, procurando uma resposta. É o lugar onde acabaram de morrer. Têm medo de lá.

- Não, eles são impulsionados a seguir em frente por alguma coisa disse a dama. - Algum instinto os está atraindo para seguir adiante pela estrada.

E, de fato, os espíritos estavam se movendo de maneira mais determinada, agora que tinham perdido de vista a aldeia. O céu estava escuro, como se uma violenta tempestade estivesse se armando, mas não havia nada da atmosfera carregada de eletricidade que costuma vir antes de uma tempestade. Os espíritos continuaram caminhando em passo regular e confiante, e a estrada seguia reto, em frente, atravessando uma paisagem que era quase desprovida de qualquer traço característico.

De vez em quando, um deles lançava um olhar para Will ou para Lyra, ou para as cores intensas da libélula e sua cavaleira, como se estivessem curiosos. Finalmente o homem mais velho disse:

- Vocês aí, você, menino, e você, menina. Vocês não estão mortos. Não são espíritos. Para que estão vindo por aqui?

- Viemos parar aqui acidentalmente - respondeu Lyra, antes que Will pudesse falar. - Não sei como aconteceu. Estávamos tentando fugir daqueles homens e simplesmente parece que acabamos vindo parar aqui.

- Como saberão que chegaram ao lugar para onde têm que ir? perguntou Will.

- Acredito que nos dirão - disse o espírito em tom confiante. - Vão separar os pecadores dos justos, creio. Agora não adianta mais rezar. Agora é

tarde demais para isso. Deveriam ter feito isso quando estavam vivos. Agora não adianta nada.

Era bastante fácil perceber em que grupo ele esperava ser incluído e bastante evidente também que não acreditava que o grupo seria grande. Os outros espíritos o ouviram com ansiedade, mas ele era o único guia conselheiro que possuíam, de modo que o seguiram sem discutir.

E continuaram andando, caminhando penosamente em silêncio sob um céu que finalmente tinha escurecido até chegar a um cinza chumbo fosco e permaneceu nessa cor sem escurecer mais. Os vivos viram-se olhando para a esquerda e para a direita, para cima e para baixe em busca de alguma coisa que fosse clara ou animada ou alegre e, sempre, só encontraram desapontamento até que uma pequenina centelha apareceu adiante e se aproximou deles voando velozmente. Era o Cavaleiro, e Salmakia instigou sua libélula a disparar voando ao seu encontro, com um grito de prazer. Os dois conversaram reservadamente, depois voltaram depressa para junto das crianças.

- Há uma cidade mais adiante - relatou Tialys. - Parece com um campo de refugiados, mas é bastante óbvio que aquilo está lá há séculos, ou mais. E

creio que mais além há um mar ou um lago, mas está totalmente coberto pela neblina. Consegui ouvir os gritos de pássaros. Há centenas de pessoas chegando a todo minuto, vindas de todas as direções, pessoas como estas, espíritos...

Os espíritos estavam ouvindo enquanto ele falava, embora sem muita curiosidade. Pareciam ter se acomodado numa espécie de transe de desinteresse e Lyra teve vontade de sacudi-los, de insistir para que se esforçassem, para que despertassem, e buscassem uma saída.

- Como vamos ajudar essas pessoas, Will? - perguntou.

Ele não tinha sequer a mais remota idéia. Enquanto seguiam adiante, começaram a avistar movimento no horizonte à esquerda e à direita, e, bem adiante deles, uma fumaça de cor suja estava subindo lentamente para acrescentar sua escuridão à atmosfera feia e deprimente. O movimento era de gente, ou espíritos: em filas, aos pares, em grupos, ou sozinhos, mas todos de mãos vazias, centenas de milhares de homens, mulheres e crianças estavam vagando pela planície em direção à fonte da fumaça.

O terreno agora era de encosta em declive e, cada vez mais, parecendo ser um aterro de depósito de lixo. O ar estava carregado e cheio de fumaça, e também de outros cheiros: o cheiro acre de substâncias químicas, de matéria vegetal em decomposição, de esgoto. E, à medida que iam descendo, o cheiro ficava pior. Não havia um retalho de solo limpo que se pudesse ver e as únicas plantas que cresciam por toda parte eram ervas fétidas e um mato áspero acinzentado.

Mais adiante deles, acima da água, estava a neblina. Erguia-se como um penhasco fundindo-se com o céu sombrio e de algum lugar em seu interior vinham aqueles gritos de pássaros de que Tialys havia falado. Bem no meio, entre os montes de lixo e a neblina, estava a primeira cidade dos mortos. **LYRA E SUA MORTE**

Sentia raiva de meu amigo; dei a conhecer minha raiva e assim ela teve fim.

Willian Blake

Aqui e ali, fogueiras tinham sido acesas entre as ruínas. A cidade era uma confusão, sem ruas, sem praças e sem espaços abertos, exceto onde um prédio havia desabado. Umas poucas igrejas ou prédios públicos ainda erguiam-se sobre o resto, embora estivessem esburacados ou com as paredes rachadas e, em um caso, um pórtico inteiro havia desmoronado sobre suas colunas. Entre os esqueletos das ruínas das construções de pedra, um amontoado desordenado de barracos e casebres tinha sido erguido com pedaços de vigas de madeira, latões de gasolina ou latas de

biscoitos destroçados, chapas de polietileno, pedaços de compensado ou de madeira maciça. Os espíritos que tinham vindo com eles estavam seguindo apressados para a cidade e, de todas as direções, havia mais espíritos chegando, tantos que pareciam os grãos de areia que escorrem em direção ao buraco de uma ampulheta. Os espíritos se encaminharam direto para a esquálida confusão da cidade, como se soubessem exatamente para onde estavam indo, e Lyra e Will estavam prontos para segui-los, mas então foram detidos.

Um vulto saiu do vão de uma porta remendada e disse:

- Esperem, esperem.

Uma luz fraca brilhava atrás dele e não era fácil distinguir suas feições, mas sabiam que não era um espírito. Como eles, estava vivo. Era um homem magro que poderia ter qualquer idade, vestido num terno sujo, desbotado e esgarçado, e segurava um lápis e um maço de papéis que mantinha presos com um grande clipe. O prédio de onde havia saído tinha o aspecto de um posto de alfândega numa fronteira raramente visitada.

- O que é este lugar? - perguntou Will. - E por que não podemos entrar?

- Vocês não estão mortos - respondeu o homem em tom cansado. - Têm que esperar na área de transição. Sigam adiante pela rua à esquerda e entreguem estes papéis ao funcionário que controla o portão.

- Mas, perdoe-me, senhor - disse Lyra - espero que não se aborreça com minha pergunta, mas como podemos ter chegado até aqui se não estamos mortos? Porque aqui é o mundo dos mortos, não é?

- Isso aqui é um subúrbio do mundo dos mortos. Por vezes, os vivos vêm para cá, por engano, mas têm de esperar na área de transição antes de poderem seguir.

- Esperar quanto tempo?

- Até morrerem.

Will sentiu a cabeça ficar zonza. Viu que Lyra estava pronta para discutir e, antes que ela pudesse falar, disse:

- Poderia apenas nos explicar o que acontece depois? Quero dizer, esses espíritos que vêm para cá, eles ficam nesta cidade para sempre?

- Não, não - respondeu o funcionário. - Isso aqui é apenas um porto de trânsito. Daqui eles seguem adiante de barco.

- Para onde? - perguntou Will.

- Isso é uma coisa que não posso lhe dizer - respondeu o homem, e um sorriso amargo puxou para baixo os cantos de sua boca. - Agora têm que ir andando. Vocês têm que ir para a área de transição.

Will recebeu os papéis que o homem estava estendendo e então pegou Lyra pelo braço e fez com que se afastasse dali.

As libélulas agora voavam vagarosamente e Tialys explicou que precisavam descansar, de modo que elas se empoleiraram na mochila de Will e Lyra deixou que os espiões sentassem em seus ombros. Pantalaimon, em forma de leopardo, olhou para eles enciumado, mas não disse nada. Eles seguiram adiante pela trilha estreita, contornando os casebres miseráveis e as poças de esgoto e observando o fluxo interminável de espíritos que chegavam e entravam sem impedimentos na cidade.

- Temos que conseguir chegar até a água, como todos eles - disse Will. E talvez as pessoas nessa área de trânsito nos digam como. De qualquer maneira, não parecem estar com raiva, nem ser perigosos. E estranho. E estes papéis...

Eram simplesmente pedaços de papel arrancados de um bloco, com palavras escritas ao acaso, a lápis, e depois riscadas. Era como se aquelas pessoas estivessem fazendo um jogo e esperando para ver quando os viajantes contestariam sua autoridade ou desistiriam e cairiam na gargalhada. E, no entanto, tudo parecia tão real.

Estava ficando mais escuro e mais frio, e era difícil ter uma idéia distinta da passagem do tempo. Lyra achava que tinham caminhado durante meia hora, mas talvez tivesse sido o dobro, o aspecto do lugar não mudava. Finalmente chegaram a um pequena cabana de madeira, parecida com a outra, onde tinham parado antes, onde uma lâmpada fraca estava acesa pendurada num fio descoberto acima da porta.

Quando se aproximaram, um homem vestido quase que exatamente como o outro saiu com um pedaço de pão com manteiga numa das mãos e, sem dizer uma palavra, examinou os papéis e balançou a cabeça em sinal de assentimento. Ele devolveu os papéis e estava prestes a entrar, quando Will perguntou:

- Por favor, para onde devemos ir agora?

- Devem ir procurar algum lugar para ficar - respondeu o homem, com alguma gentileza. - Devem apenas perguntar. Todo mundo está esperando, exatamente como vocês.

Ele lhes deu as costas e fechou a porta por causa do frio, e os viajantes penetraram no coração do agrupamento de casebres onde as pessoas vivas tinham que ficar.

Era muito semelhante à parte principal da cidade: pequenos casebres mal

- ajambrados, que haviam sido reparados dúzias de vezes, remendados com pedaços de plástico ou de chapas de ferro corrugado, apoiando-se estranhamente uns contra os outros ao longo de becos estreitos e lamacentos. Em alguns lugares, um cabo de eletricidade descia em laçadas de uma arandela e fornecia

energia suficiente para acender uma ou duas lâmpadas nuas, dispostas em fila sobre os casebres próximos. Contudo, a maior parte da pouca luz que havia vinha das fogueiras. Seu brilho enfumaçado bruxuleava em reflexos vermelhos sobre os pedaços e retalhos de material de construção, como se fossem as derradeiras chamas remanescentes de alguma grandiosa conflagração, permanecendo vivas por pura malevolência.

Mas, à medida que Will, Lyra e os galivespianos se aproximaram e conseguiram enxergar mais detalhes, puderam ver que havia inúmeros - muitos mais - realmente muitos vultos, sentados no escuro sozinhos ou encostados nas paredes ou em pequenos grupos, conversando em voz baixa.

- Por que essas pessoas não estão dentro de casa? - perguntou Lyra. Está frio.

- Não são pessoas - disse Lady Salmakia. - Não são nem espíritos. São alguma outra coisa, mas não sei o quê.

Os viajantes chegaram ao primeiro grupo de casebres, que era iluminado por uma daquelas grandes lâmpadas elétricas, de luz fraca, balançando ligeiramente num fio sob o vento frio e Will pôs a mão sobre a faca em seu cinto. Havia um grupo daquelas coisas com forma de pessoas do lado de fora, agachadas sobre os calcanhares e jogando dados e, quando as crianças se aproximaram, eles se levantaram: eram cinco, todos homens, os rostos nas sombras e as roupas velhas e sujas.

- Como se chama esta cidade? - perguntou Will.

Não houve resposta. Alguns deles deram um passo atrás e todos os cinco chegaram mais perto uns dos outros, como se eles estivessem com medo. Lyra sentiu a pele se arrepiar e todos os minúsculos pêlos em seus braços ficarem em pé, embora não soubesse dizer por quê. Enfiado dentro de sua camisa, Pantalaimon tremia e sussurrava:

- Não, não, Lyra, não, vamos embora, vamos voltar, por favor... As "pessoas" não fizeram nenhum movimento e, finalmente, Will deu de ombros e disse:

- Bem, de qualquer maneira, boa noite para vocês - e seguiu adiante. Receberam uma reação semelhante de todos os outros vultos com quem falaram e, o tempo todo, a apreensão deles foi crescendo.

- Will, eles são Espectros-— perguntou Lyra baixinho. - Será que já

estamos bastante crescidos para ver Espectros?

- Acho que não. Se fossem, nos atacariam, mas eles próprios parecem estar com medo. Não sei o que são.

Uma porta se abriu e a luz se espalhou sobre o solo enlameado. Um homem - um homem de verdade, um ser humano - apareceu no vão da porta, observando-os se aproximarem. O pequeno grupo de vultos em torno da porta se afastou dando um ou dois passos para trás, como se em sinal de respeito, e eles viram o rosto do homem: imperturbável, inofensivo e gentil.

- Quem são vocês? - perguntou.

- Viajantes - respondeu Will. - Não sabemos onde estamos. Que cidade é esta?

- Aqui é a área de trânsito - respondeu o homem. - Vieram de muito longe?

- Sim, viemos de muito longe e estamos cansados - respondeu Will. Poderíamos comprar alguma comida e pagar por um abrigo?

O homem estava olhando para algum ponto atrás deles na escuridão e então veio para o lado de fora e olhou em volta para mais além, como se alguém estivesse faltando. Então virou-se para os estranhos vultos parados ali por perto e perguntou:

- E vocês viram alguma morte?

Eles sacudiram a cabeça e as crianças ouviram um murmúrio dizendo:

- Não, não, nenhuma.

O homem voltou para a porta. Atrás dele, no vão da porta, havia rostos olhando para fora: uma mulher, duas crianças pequenas, um outro homem. Todos estavam nervosos e apreensivos.

- Morte? - questionou Will. - Não estamos trazendo morte.

Mas isso parecia ser exatamente o que os estava preocupando, porque depois que Will falou, houve um suspiro baixo e temeroso dos vivos e até

mesmo os vultos do lado de fora se encolheram, se afastando um pouco.

- Com licença - disse Lyra, dando um passo adiante, em sua melhor forma, falando muito educadamente, como se a governanta da Faculdade Jordan estivesse lhe lançando um olhar furioso. - Não pude deixar de reparar, mas esses cavalheiros aqui, estão mortos? Desculpe-me por perguntar, se estiver sendo indelicada, mas de onde viemos isso é muito estranho e nunca vimos ninguém como eles antes. Se estiver sendo mal-educada, realmente gostaria que me perdoassem. Mas sabem, em meu mundo, nós temos *daemons*, todo mundo tem um *daemon* e ficaríamos chocados se víssemos alguém sem um, exatamente como vocês estão chocados ao nos ver. E agora que estivemos viajando, Will e eu, este é Will e eu sou Lyra, descobri que existem algumas pessoas que parecem não ter *daemons*, como Will, que não tem, e fiquei assustada até que descobri que, na verdade, são pessoas comuns como eu. Assim tal vez seja por isso que alguém de seu mundo poderia ficar meio nervoso quando nos vê, se pensam que somos diferentes. O homem disse:

- Lyra? E Will?

- Sim senhor - disse humildemente.

- E estes são seus *daemons*. - perguntou ele, apontando para os espiões no ombro dela.

- Não - respondeu Lyra, e sentiu-se tentada a dizer: "Eles são nossos criados", mas achava que Will teria considerado aquilo uma péssima idéia, de modo que disse: - Eles são nossos amigos, o Cavaleiro Tialys e Lady Salmakia, pessoas muito importantes e inteligentes, que estão viajando conosco. Ah, e este é meu *daemon* -disse, tirando o camundongo Pantalaimon do bolso. - O senhor compreende, somos inofensivos e prometemos que não vamos lhes fazer mal. Realmente precisamos de comida e de um abrigo. Amanhã iremos embora. Prometo.

Todo mundo esperou. O nervosismo do homem diminuiu um pouco com o tom humilde de Lyra e os espiões tiveram o bom senso de parecerem modestos e inofensivos. Depois de uma pausa, o homem disse:

- Bem, embora seja estranho, suponho que os nossos sejam tempos estranhos... Podem entrar, sejam bem-vindos...

Os vultos do lado de fora assentiram, um ou dois fizeram peque nas mesuras e se afastaram respeitosamente enquanto Will e Lyra caminhavam em direção ao calor e à luz. O homem fechou a porta atrás deles e enganchou um arame num prego para mantê-la fechada.

Era um único aposento, iluminado por uma lamparina à nafta limpo, porém mal-ajambrado. As paredes de compensado eram decora das com fotografias de artistas, recortadas de revistas sobre cinema, e cor um desenho feito com marcas de dedos sujos de fuligem. Havia um fogão de ferro encostado numa parede, com uma armação para secar roupas bem defronte, onde algumas camisas puídas soltavam vapor, e, no console, havia um relicário de flores de

plástico, conchas, frascos de perfume coloridos e outras bugigangas de mau gosto, todas rodeando um quadro de um elegante esqueleto de cartola e óculos escuros.

O casebre estava lotado: além do homem, da mulher e das duas crianças pequenas, havia um bebê num berço, um homem mais idoso e, num canto, sob uma pilha de cobertores, uma senhora muito idosa estava deitada observando tudo com olhos faiscantes num rosto enrugado como seus cobertores amassados. Enquanto Lyra olhava para ela, teve um choque: os cobertores se mexeram e um braço muito magro emergiu, numa manga de camisa preta, e então apareceu um outro rosto, de homem, tão velho, que era quase um esqueleto. De fato, ele se parecia mais com o esqueleto no quadro que com um ser humano e então Will também o viu, e todos os viajantes se deram conta juntos que ele era um daqueles vultos sombrios e bem-educados, como os que estavam lá fora. E todos se sentiam tão perplexos como o homem ficara quando os viu primeiro. Na verdade, todas as pessoas no pequeno casebre abarrotado - todas, menos o bebê, que estava dormindo - ficaram sem saber o que dizer. Foi Lyra quem conseguiu se recuperar primeiro.

- É muito gentil de sua parte - disse ela - muito obrigada, boa noite, estamos muito contentes de estar aqui. E, como disse, lamentamos ter chegado sem nenhuma morte, se essa é a maneira normal de fazer as coisas. Mas procuraremos não incomodar, na medida do possível. Sabem, estamos procurando a terra dos mortos e foi assim que acabamos chegando aqui. Mas não sabemos onde fica, nem se isso aqui faz parte dela, nem como chegar lá

nem nada. De modo que se puderem nos dizer alguma coisa a respeito disso, ficaríamos muito gratos.

As pessoas no casebre ainda os estavam olhando fixamente, mas as palavras de Lyra tranqüilizaram um pouco a atmosfera e a mulher os convidou a sentarem-se à mesa, puxando um banco. Will e Lyra colocaram as libélulas adormecidas no alto de uma prateleira num canto escuro, onde Tialys disse que descansariam até o dia seguinte, e então os galivespianos se juntaram a eles na mesa.

A mulher estivera preparando um cozido de carne e legumes, e descascou mais um par de batatas, cortando-as em pedaços para aumentar a quantidade de comida, insistindo com o marido que oferecesse aos viajantes alguma coisa para beber, enquanto acabava de cozinhar. Ele trouxe uma garrafa de aguardente límpida, de cheiro forte, que pareceu a Lyra semelhante à genebra dos gípcios, e os dois espiões aceitaram um copo, do qual se serviram com suas pequeninas taças.

Lyra teria esperado que a família ficasse olhando mais para os galivespianos, mas a curiosidade deles estava igualmente concentrada, pensou, nela e em Will. Não demorou muito a perguntar por quê.

- Vocês são as primeiras pessoas que jamais vimos sem o espectro da morte - explicou o homem, cujo nome, descobriram, era Peter. - Isto é, desde que viemos para cá, sabe. Éramos como vocês, viemos para cá antes de estarmos mortos, por alguma casualidade ou acidente. Temos que esperar até

que nossa morte nos diga que está na hora.

- A sua morte diz a você? - perguntou Lyra.

- Diz. O que descobrimos quando viemos para cá, ah, isso faz muito tempo para a maioria de nós, mas descobrimos que todos nós trazíamos o espectro de nossa morte conosco. Foi aqui que descobrimos. Tinha estado conosco o tempo todo, só que não sabíamos. Sabe, todo mundo tem sua morte. Ela nos acompanha a todos os lugares, durante a vida inteira, está

sempre por perto. Os espectros de nossas mortes, eles estão lá fora, tomando ar, eles entram de vez em quando. O da vovó está lá com ela, ele está bem perto dela, muito perto.

- Isso não assusta o senhor, ter sua morte por perto o tempo todo? perguntou Lyra.

- Por que me assustaria? Se ela está por perto, você pode ficar de olho nela. Eu ficaria muito mais nervoso se não soubesse onde está.

- E todo mundo tem sua própria morte? - perguntou Will, com surpresa e admiração.

- Mas claro que tem, no momento em que você nasce, sua morte vem ao mundo junto com você e é sua morte que o leva embora.

- Ah - exclamou Lyra - é disso que precisamos saber, por que estamos tentando encontrar o mundo dos mortos e não sabemos como chegar lá. Então para onde vamos, quando morremos?

- Sua morte bate em seu ombro, pega sua mão e diz: venha comigo, está na hora. Pode acontecer quando você está doente, com uma febre, ou quando se engasga com um pedaço de pão seco, ou quando cai de um prédio alto, no meio de seu sofrimento e de suas dificuldades, ela vem gentilmente procurar você e diz: agora vamos com calma, calma, criança, venha comigo, e você vai com ela num

barco que atravessa o lago coberto de neblina. O que acontece lá, ninguém sabe. Ninguém nunca voltou para contar. A mulher disse a uma das crianças para chamar as mortes e dizer que entrassem, e ela correu até a porta e falou com os vultos. Will e Lyra observaram maravilhados, e os galivespianos chegaram mais perto um do outro, enquanto os vultos de mortes - um para cada membro da família vinham entrando pela porta: vultos pálidos, indistintos, com roupas gastas, simplesmente desbotados, silenciosos e desinteressantes.

- Esses são as mortes de vocês? - perguntou Tialys.

- São sim, senhor - respondeu Peter.

- Sabe quando dirão que está na hora de ir?

- Não. Mas a gente sabe que estão por perto e isso é um consolo. Tialys não disse nada, mas era evidente que não achava que aquilo fosse consolo nenhum. Os vultos de mortes ficaram parados, educadamente, encostados na parede, e era estranho ver como ocupavam pouco espaço e perceber como atraíam pouca atenção. Lyra e Will logo se viram ignorando-os totalmente, embora Will pensasse: aqueles homens que matei... suas mortes estavam bem perto, ao lado deles o tempo todo... eles não sabiam e eu não sabia...

A mulher, Martha, serviu o cozido em pratos esmaltados lascados, e pôs um pouco numa tigela para que os vultos de mortes dividissem entre si. Eles não comeram, mas o cheiro gostoso os deixou satisfeitos. Logo depois a família inteira e seus convidados estavam comendo com grande apetite e Peter perguntou as crianças de onde vinham e como era o mundo delas.

- Eu vou contar a vocês - disse Lyra.

Quando disse isso, quando assumiu o comando, parte dela sentiu uma pequena corrente de prazer jorrar e subir em seu peito, como as borbulhas no champanhe. E sabia que Will estava observando e

sentiu-se feliz pelo fato de ele poder vê-la fazer o que ela sabia fazer melhor, fazendo-o por ele e por todos.

Começou falando sobre seus pais. Eles eram um duque e uma duquesa, muito importantes e ricos, que tinham sido afastados de suas propriedades por um inimigo político e jogados na prisão. Mas tinham conseguido escapar, descendo por uma corda, com o bebê, Lyra, nos braços do pai e tinham recuperado a fortuna da família, mas, pouco depois, tinham sido atacados e assassinados por criminosos. Lyra teria sido morta também, e cozida e comida, se Will não a tivesse resgatado bem a tempo e levado de volta para os lobos, na floresta onde ele estava sendo criado pelos lobos. Will tinha caído no mar, da amurada do navio de seu pai, quando ainda era bebê e fora levado pelas ondas para uma praia deserta, onde uma loba o amamentara e o mantivera vivo.

As pessoas engoliram aqueles absurdos com plácida credulidade, e mesmo as mortes chegaram mais perto para ouvir, aboletando-se no banco ou deitando no chão por perto, olhando para ela com rostos suaves e corteses, enquanto ela ia inventando e contando a história de sua vida com Will na floresta.

Ele e Lyra tinham ficado com os lobos durante algum tempo e então tinham se mudado para Oxford, para trabalhar na cozinha da Universidade Jordan. Lá haviam conhecido Roger e quando a Jordan foi atacada pelos filhos dos fabricantes de tijolos que moravam perto dos Barreiros, tiveram que fugir às pressas, de modo que Will e Roger capturaram uma das barcaças dos gípcios e velejaram nela, descendo pelo Tâmisa, quase sendo capturados na Eclusa de Abington, e depois tinham sido postos a pique pelos piratas de Wapping, nas vizinhanças das docas de Londres, tendo que nadar até estarem em segurança num clíper, um veleiro de três mastros que estava de partida rumo a Hang Chow, na China, para vender mercadorias e comprar chá. E no clíper tinham conhecido os galivespianos, que eram estrangeiros vindos da Lua, tendo sido soprados para a terra por uma violenta tempestade vinda da Via Láctea. Eles haviam se refugiado no cesto de vigia de um dos

mastros e ela, Will e Roger costumavam se revezar para ir até lá em cima visitá-los, só que um dia, Roger escorregou e mergulhou caindo nas mãos de Davy Jones, o espírito maligno do mar.

Eles tentaram convencer o capitão a voltar com o navio e procurar por ele, mas era um homem duro e violento que só estava interessado no lucro que obteria chegando rapidamente à China e os pusera a ferros. Mas os galivespianos tinham trazido uma lixa para eles e...

E assim por diante. De vez em quando, ela se virava para Will ou para os espiões para pedir confirmação, e Salmakia acrescentava um ou dois detalhes ou Will balançava a cabeça, concordando, e a história foi se desenrolando até

acabar no ponto em que as crianças e seus amigos da Lua tinham que encontrar o caminho para chegar à terra dos mortos de modo a poderem descobrir, através de seus pais, o segredo de onde a fortuna da família havia sido enterrada.

- E se, em nossa terra, conhecêssemos nossas mortes - disse ela como vocês conhecem aqui, provavelmente seria mais fácil, mas acho que realmente tivemos muita sorte em conseguir encontrar o caminho até aqui, de modo a podermos ouvir seus conselhos. E muito obrigada por serem tão gentis e ouvirem, e por nos darem esta refeição, que estava realmente muito gostosa

- concluiu. - Mas, sabem, o que precisamos agora, ou talvez amanhã de manhã, é encontrar uma maneira de atravessar o lago até o lugar para onde os mortos vão e ver se também podemos chegar lá. Por acaso existem barcos que possamos, quem sabe, alugar?

A expressão dos outros era de dúvida. As crianças, coradas de cansaço, olharam com olhos sonolentos do rosto de um adulto para outro, mas nenhum deles pôde sugerir onde poderiam encontrar um barco.

Então veio uma voz de alguém que não tinha falado antes. Das profundezas das roupas de cama no canto veio uma voz seca, quebradiça e anasalada - não era uma voz de mulher, não era a voz de um ser vivo: era a voz do vulto da morte da avó.

- A única maneira de atravessarem o lago e irem até a terra dos mortos disse ele, e estava apoiado no cotovelo, apontando com um dedo magro para Lyra - é com suas próprias mortes. Devem chamar suas mortes. Ouvi falar de gente como vocês, que mantêm o vulto da morte à distância. Não gostam deles e por cortesia eles se mantêm escondidos. Mas nunca estão muito longe. Sempre que você vira a cabeça, o vulto de sua morte se esconde atrás de você. Para onde quer que olhem, eles se escondem. Podem se esconder numa xícara de chá. Ou numa gota de orvalho. Ou num sopro de vento. Não é como acontece comigo e com a Magda, aqui - disse ele, e beliscou-lhe a face enrugada e ela afastou a mão dele. - Nós vivemos juntos com gentileza e amizade. Esta é a resposta, é isso, isso é o que vocês têm que fazer, dar as boas-vindas, fazer amizade, ser gentis, convidar os vultos de suas mortes a se aproximarem de vocês e ver o que conseguem fazer para que ele concordem em ajudá-los.

As palavras dele caíram na mente de Lyra como pedras muito pesadas e Will também sentiu o peso mortal delas.

- Como deveríamos fazer isso? - perguntou.

- Você tem apenas que desejar isso, fazer esse pedido e estará feito.

- Um momento - disse Tialys.

Todos os olhos voltaram-se para ele e aquelas mortes deitadas no chão se ergueram, apoiadas nos cotovelos, para virar seus rostos suaves e inexpressivos para aquele rosto pequenino e apaixonado. Tialys estava de pé, ao lado de Salmakia, com a mão sobre o ombro dela. Lyra sabia o que ele estava pensando: ia dizer que aquilo tinha

ido longe demais, que deveriam voltar, que estavam levando aquela tolice irresponsavelmente longe demais. De modo que se adiantou.

- Por favor, se me dão licença - disse para o homem chamado Peter - mas eu e nosso amigo, o cavaleiro, precisamos ir até lá fora um minuto, porque ele precisa falar com seus amigos na Lua através de meu instrumento especial. Não vamos demorar.

E ela o pegou cuidadosamente, evitando as esporas, e o levou para fora da casa, para o escuro, onde um pedaço de chapa de ferro corrugado no telhado batido pelo vento frio fazia um som melancólico.

- Você tem que parar - disse ele, enquanto ela o colocava num barril de gasolina virado, sob a luz fraca de uma daquelas lâmpadas elétricas que balançava em seu fio mais acima. - Já fomos longe demais. Chega.

- Mas fizemos um acordo - disse Lyra.

- Não, não. Não de chegar a esses extremos.

- Está bem. Então nos deixem. Podem voar de volta. Will pode cortar uma janela para o mundo de vocês, ou para qualquer mundo que quiserem, e vocês poderão seguir voando e estar em segurança, não faz mal, nós não nos importamos.

- Você tem consciência do que está fazendo?

- Tenho.

- Não tem. Você é uma criança sem consideração, irresponsável e mentirosa. Inventar fantasias é algo que é tão fácil para você que todo o seu caráter, a sua natureza estão tomados pela desonestidade e você não admite a verdade nem mesmo quando ela está bem na sua frente, olhando para a sua cara. Bem, se não consegue vê-la, vou lhe dizer francamente: você não pode, você não deve arriscar sua morte. Tem que voltar conosco agora. Vou

chamar Lorde Asriel e poderemos estar a salvo na fortaleza em algumas horas. Lyra sentiu um grande soluço de raiva crescer como uma onda em seu peito e bateu o pé, não conseguindo se manter parada.

- Você não sabe - exclamou - você simplesmente não sabe o que tenho em minha cabeça ou em meu coração, sabe? Eu não sei se seu povo tem filhos, talvez vocês ponham ovos ou coisa assim, não ficaria surpreendida, porque você não é gentil, você não é generoso, não tem consideração com os outros, nem mesmo cruel você é: isso seria melhor, se fosse cruel, porque significaria que nos levou a sério, que não nos seguiu e concordou conosco apenas quando lhe convinha... Ah, eu realmente não posso confiar em você!

Você disse que iria ajudar e que faríamos isso juntos, e agora quer nos impedir, você é quem é desonesto, Tialys.

- Eu não permitiria que um filho meu falasse comigo dessa maneira insolente e arrogante como está falando, Lyra, não a castiguei antes porque...

- Então vá em frente! Me dê um castigo, já que pode! Pegue as drogas de suas esporas e enfie bem fundo, vá em frente! Tome, aqui está minha mão, faça logo! Você não tem idéia do que está em meu coração, seu egoísta orgulhoso, você não tem nenhuma idéia de como me sinto triste e má, e de como lamento o que aconteceu com meu amigo Roger... você mata pessoas com a maior facilidade, assim - ela estalou os dedos - elas não têm importância para você, mas para mim, é um tormento e um grande sofrimento o fato de nunca ter me despedido de meu amigo Roger e quero pedir desculpas, dizer como me sinto e tentar corrigir o melhor que puder... você nunca compreenderia, apesar de todo o seu orgulho, apesar de toda a sua esperteza de adulto... e se eu tiver que morrer para fazer o que é correto, então, vou morrer e vou estar feliz enquanto morro. Já vi coisas piores. De modo que se quiser me matar, seu homem duro, seu homem forte, seu portador de veneno, seu cavaleiro, faça, vá em frente, pode me matar. Então eu e Roger poderemos brincar na terra dos mortos para sempre e rir de você,

criatura infeliz. O que Tialys poderia ter feito naquele momento não era difícil de ver, pois ele estava ardendo de raiva dos pés à cabeça, uma raiva furiosa e passional, que o fazia tremer, mas não teve tempo de se mover antes que uma voz falasse atrás de Lyra, e ambos sentiram o frio descer e envolvê-los. Lyra fez meia-volta, sabendo o que veria e apavorada, a despeito de toda a sua bravata.

O vulto da morte estava muito perto dela, sorrindo gentilmente, seu rosto exatamente igual ao de todos os outros que tinha visto, mas esse era o dela, o vulto de sua própria morte, e Pantalaimon aninhado em seu peito uivou e tremeu, e sua forma de arminho saltou agarrando-se no pescoço dela e tentou empurrá-la, afastando-a da morte. Mas, ao fazer isso, ele simplesmente chegava mais perto e, percebendo, Pan tornou a se enroscar, encolhendo-se contra o corpo dela, em volta do pescoço quente e o pulso forte de seu coração.

Lyra apertou-o contra si e enfrentou o vulto francamente. Não conseguia se lembrar do que ele havia dito e pelo canto do olho podia ver Tialys montando rapidamente o magneto ressonante, em plena atividade.

- Você é minha morte, não é? - perguntou.

- Sou, minha querida - respondeu ele.

- Mas não vai me levar ainda, vai?

- Você me quis, me chamou. Estou sempre aqui.

- Sim, mas... eu chamei, é verdade, mas... eu quero ir à terra dos mortos, isso é verdade. Mas não morrer. Não quero morrer. Adoro estar viva e adoro meu *daemon* e... *Daemons* não descem até lá, não é? Eu os vi desaparecerem e simplesmente se apagarem quando as pessoas morrem. Existem *daemons* na terra dos mortos?

- Não - respondeu ele. - Seu *daemon* desaparece no ar e você

desaparece debaixo da terra.

- Então quero levar meu *daemon* comigo quando for à terra dos mortos disse ela com firmeza. - E quero voltar de lá. Alguma vez já aconteceu de pessoas fazerem isso?

- Isso nunca aconteceu, em muitas e muitas eras. Um dia, finalmente, você irá para a terra dos mortos, sem nenhum esforço, sem nenhum risco, fará

uma jornada segura e calma em companhia de sua própria morte, de seu amigo especial e devotado, que esteve a seu lado em todos os momentos de sua vida, que a conhece melhor que voe mesma.

- Mas Pantalaimon é meu amigo especial e devotado! Não conheço você, Senhor Morte, conheço Pan e amo Pan, e se algum dia ele... se algum dia nós...

O vulto da morte estava assentindo. Ele parecia interessado e gentil, mas Lyra não conseguia se esquecer nem por um segundo quem ele era: o espectro de sua própria morte e ali, tão perto.

- Eu sei que será um esforço seguir adiante agora - disse ela mais controladamente - e perigoso, mas quero ir, Senhor Morte, eu quero sinceramente. E Will também. Nós dois tivemos pessoas que nos foram tomadas cedo demais e precisamos reparar nossos erros, eu pelo menos eu preciso.

- Todo mundo deseja poder falar novamente com aqueles que se foram para a terra dos mortos. Por que deveria haver uma exceção para você?

- Porque - começou ela, mentindo - porque tem uma coisa que preciso fazer lá, não apenas ver meu amigo Roger. Uma outra coisa. Foi uma tarefa de que fui encarregada por um anjo e que mais ninguém pode fazer, só eu. É

importante demais para esperar até que eu morra da maneira natural, tem que ser feita agora. Sabe, o anjo me ordenou. Foi por isso que viemos aqui, eu e Will. Nós temos que ir.

Atrás dela Tialys guardou seu instrumento e ficou sentado observando a menina argumentando e implorando à sua própria morte para ser levada para onde ninguém deveria ir.

O vulto da morte cocou a cabeça e levantou as mãos espalmada, mas nada seria capaz de deter as palavras de Lyra, nada poderia desviar ou diminuir seu desejo, nem mesmo o medo: ela tinha visto coisa pior que a morte, afirmava, e, de fato, tinha.

De modo que afinal sua morte disse:

- Se nada é capaz de convencê-la a desistir, então tudo o que posso dizer é: venha comigo e eu a levarei até lá, para a terra dos mortos. Eu serei seu guia. Posso lhe mostrar o caminho para entrar, mas para sair de novo, você terá que se virar sozinha.

- E meus amigos também - disse Lyra. - Meu amigo Will e os outros.

- Lyra - disse Tialys - contrariando todos os instintos, nós iremos com você. Estava furioso com você há um minuto atrás. Mas você torna difícil... Lyra sabia que aquele era um momento para buscar conciliação e ficou feliz por fazer isso, tendo conseguido o que queria.

- Eu sei - disse ela - sinto muitíssimo, Tialys, mas se não tivesse ficado com raiva de mim, nunca teríamos encontrado este cavalheiro para nos levar. De modo que estou feliz por você estar aqui, você e a dama, realmente estou muito grata a vocês por estarem conosco.

De maneira que Lyra convenceu sua própria morte a guiá-la e aos outros até a terra para onde Roger tinha ido, bem como o pai de Will, Tony Makarios e tantos outros, e sua morte disse-lhe que descesse ao cais quando o primeiro raio de luz da alvorada surgisse

no céu e que estivesse pronta para partir. Mas Pantalaimon estava tremendo, sacudido por calafrios, e nada que Lyra fizesse foi capaz de acalmá-lo e fazê-lo parar de tremer, ou calar o gemido baixinho que ele não conseguia conter. De modo que ela dormiu um sono inquieto e interrompido, no chão do casebre, junto com todos os outros, e o vulto de sua morte ficou sentado e atento a seu lado.

A ESCALADA

Eu cheguei lá porque subi devagar, porque me agarrei aos galhos finos que crescem entre mim e a felicidade.

Emily Dickinson

Os mulefas faziam muitos tipos de cordas, cabos e cordões, e Mary Malone passou uma manhã inspecionando e testando os que a família de Atai tinha armazenados antes de escolher o que queria. O princípio de torcer as extremidades em direções opostas e enrolar não havia se popularizado no mundo deles, de modo que todos os tipos de cabos, cordões e cordas eram trançados, mas eram fortes e flexíveis, e Mary logo encontrou exatamente o que queria.

O que você está fazendo? -perguntou Atai.

Os mulefas não tinham um termo para descrever a ação de alçar-se, escalar, subir trepando, de modo que Mary teve que gesticular um bocado e fazer muitos rodeios, dando explicações indiretas. Atai ficou horrorizada. *Ir até lá e entrar na parte alta das árvores?*

Eu preciso ver o que está acontecendo, - explicou Mary. - *Agora você*

pode me ajudar a preparar as cordas.

Certa ocasião, na Califórnia, Mary havia conhecido um matemático que passava todos os fins de semana subindo em árvores, escalando seus galhos. Mary tinha alguma prática de alpinismo e ouvira avidamente enquanto ele falava sobre as técnicas e o

equipamento, e havia decidido experimentar aquilo assim que tivesse uma oportunidade. É claro, nunca havia imaginado que iria estar escalando árvores em um outro universo e fazer a escalada solitária também não lhe agradava muito, mas não havia alternativa quanto a isso. O

que podia fazer era tomar todas as providências, antecipadamente, para fazêlo da maneira mais segura possível. Escolheu um rolo de corda suficientemente longo para passar sobre um dos galhos de uma árvore alta e chegar de volta ao chão, e forte o bastante para suportar várias vezes o seu peso. Então cortou um grande número de pedaços de corda menores, mas muito resistentes, e fez laços com eles: laçadas curtas unindo dois chicotes em nó de pescador, que podiam servir de pontos de apoio para os pés e para as mãos depois que os amarrasse à corda principal.

Depois, havia o problema de como conseguir lançar a corda por sobre o galho para começar. Uma ou duas horas de experiências com um cordão fino e resistente e um pedaço de galho flexível resultaram em um arco, o canivete suíço cortou algumas flechas, com folhas rijas no lugar de penas, para dar-lhes estabilidade em vôo, e, finalmente, depois de um dia de trabalho, Mary estava pronta para começar. Mas o sol estava se pondo e suas mãos estavam cansadas, de modo que comeu e foi dormir, preocupada, enquanto os mulefas falavam incessantemente a seu respeito, em seus suaves sussurros musicais. Logo que amanheceu, a primeira coisa que fez foi se preparar para lançar a flecha por sobre um galho. Alguns dos mulefas se reuniram para observar, preocupados com a segurança dela. Uma escalada era algo tão estranho e exótico para seres com rodas que a simples idéia os horrorizava. Em seu íntimo, Mary sabia exatamente como se sentiam. Tratou de engolir seu nervosismo e amarrou uma ponta do cordão mais fino e mais leve a uma das flechas e a lançou voando para o alto com o arco.

Mary perdeu a primeira flecha: ela se enfiou na casca da árvore a meio caminho e não se desprendia. Ela perdeu a segunda porque, embora tivesse voado por sobre o galho, não caiu longe o bastante

para ser alcançada do solo do outro lado e, quando a puxou de volta, a flecha se enganchou no galho e se quebrou. O longo cordão caiu de volta preso ao pedaço da flecha quebrada, e Mary tentou de novo com a terceira e última flecha e, desta vez, funcionou. Puxando o cordão, cuidadosa e firmemente de maneira a não prendê-lo e parti-lo, ela puxou e alçou a corda preparada por sobre o galho até que ambas as pontas estivessem no chão. Então as amarrou a um dos arcobotantes maciços de uma das raízes, tão grosso de circunferência quanto seus quadris, de modo que deveria ser bastante sólido, pensou. Seria bom que realmente fosse. O que não podia dizer de onde estava no solo, é claro, era de que tipo de galho a coisa inteira, inclusive ela, estaria dependendo para se sustentar. Ao contrário de escaladas em rochas, em que você pode prender a corda em pinos cravados na face da rocha, mais ou menos a cada metro, de modo a nunca estar sujeito a grandes quedas, aquela operação envolvia uma extensão muito longa de corda solta e uma queda realmente muito grande, se alguma coisa saísse errada. Para se proporcionar um pouco mais de segurança, ela trançou três pequenas cordas formando um ames e passou-o em volta de ambas as pontas penduradas da corda principal, com um nó corredio cuja laçada podia apertar no momento em que começasse a escorregar. Mary pôs o pé na alça da primeira laçada e começou a escalada. Ela alcançou a copa da árvore em menos tempo do que havia esperado. A escalada foi simples, a corda não maltratou suas mãos e, embora não tivesse querido pensar sobre o problema de como subir ao topo do primeiro galho, descobriu que as fissuras na casca a ajudavam a ter um sólido ponto de apoio e a se sentir segura. De fato, apenas 15 minutos depois de ter deixado o solo, estava de pé no primeiro galho e planejando a rota que seguiria para chegar ao próximo.

Tinha trazido consigo mais dois rolos de corda, pretendendo fazer uma rede de cabos fixos para substituir os pinos e esteios, os "amigos" e outras peças de equipamento com que contava quando estava escalando uma parede de rocha. Amarrá-las fixando-as nos lugares adequados custou-lhe alguns minutos e depois que estava segura com as laçadas atadas a elas, escolheu o que parecia ser o

galho mais promissor, enrolou sua corda sobressalente de novo e seguiu adiante.

Depois de dez minutos de escalada cuidadosa, encontrou-se na parte mais espessa da copa da árvore. Podia tocar nas folhas longas e correr a mão de ponta a ponta, encontrou uma flor após outra de um tom branco-cinzentoamarelado, todas absurdamente pequenas, cada uma produzindo a coisa pequenina, do tamanho de uma moeda, que mais tarde se tornaria uma daquelas grandes nozes, duras como ferro.

Alcançou um ponto confortável onde três galhos se dividiam fazendo uma forquilha, amarrou bem a corda, prendeu seu arnês e descansou. Através dos espaços entre as folhas podia ver o mar azul, límpido e cintilante, até o horizonte, e na outra direção, por sobre o ombro direito, avistava a sucessão de pequenas elevações na pradaria castanho-dourada, toda listrada pelas estradas negras.

Havia uma brisa suave, que levantava um leve perfume das flores e farfalhava as folhas duras, e Mary imaginou uma imensa e indistinta benevolência levantando-a, como um par de mãos gigantescas. Enquanto estava deitada na forquilha, sentiu uma espécie de felicidade que só uma vez antes havia sentido, e não tinha sido quando fizera seus votos de freira. Afinal, acabou sendo trazida de volta para seu estado normal de consciência por uma cãibra no tornozelo direito, que estava apoiado de mau jeito no canto da forquilha. Ela mudou de posição e voltou sua atenção para a tarefa, ainda estonteada pela sensação de contentamento oceânico que a rodeava.

Mary havia explicado aos mulefas como tinha que manter as placas de laça de seiva separadas, a um palmo de distância, para poder ver o sraf, e, imediatamente, eles tinham compreendido o problema e feito um tubo curto de bambu, fixando as placas cor de âmbar nas extremidades, como se fosse um telescópio. Essa luneta estava enfiada no bolso de sua blusa e naquele momento ela a tirou do bolso. Quando olhou através dela, viu aquelas cintilações douradas flutuando, o sraf, as Sombras, o Pó de Lyra, como uma vasta nuvem

de minúsculos seres flutuando com o vento. A maior parte deles se deslocava ao acaso, como partículas de poeira num raio de luz do sol, ou moléculas num copo de água.

A maior parte.

Mas, quanto mais ela olhava, mais começou a ver um outro tipo de movimento. Subjacente ao deslocamento ao acaso, havia um movimento universal mais profundo, mais lento, indo da terra para o mar. Bem, aquilo era curioso. Prendendo-se a um de seus cabos fixos, ela se arrastou em direção à ponta de um galho horizontal, examinando bem de perto todos os capítulos de flor que conseguiu encontrar. E, finalmente, começou a entender o que estava acontecendo. Ficou observando e esperou até estar perfeitamente segura, e então deu início ao processo cuidadoso, demorado e cansativo de descida.

Mary encontrou os mulefas em estado de desespero, tendo sofrido com milhares de preocupações pela amiga que estava tão distante do solo. Atai ficou especialmente aliviada e, nervosamente, apalpou o corpo inteiro de Mary com a tromba, emitindo relinchos suaves de prazer por encontrá-la a salvo, e rapidamente a carregou pelo povoado acompanhada por mais ou menos uns outros 12.

Tão logo chegaram ao cume da colina, um chamado circulou entre os que estavam no povoado e, quando finalmente chegaram ao monte, o pódio onde se falava em público, era tão grande o apinhado de gente que Mary calculou que houvesse muitos visitantes de outros povoados, que tinham vindo para ouvir o que ela iria dizer. Ela desejou que tivesse melhores notícias para dar a eles.

O velho zalif, Sattamax, subiu à plataforma e a recebeu calorosamente, e Mary respondeu com toda a cortesia mulefa de que pôde se lembrar. Tão logo os cumprimentos se concluíram, ela começou a falar.

Hesitante e expressando-se com muitos rodeios, ela disse:

Meus bons amigos, estive no alto da copa de suas árvores e examinei com cuidado e de perto as folhas crescendo, as flores novas e as nozes. Verifiquei que há uma corrente de sraf fluindo, bem alto, acima das copas das árvores, prosseguiu ela, e se move contra o vento. O ar se move vindo do mar, em direção à terra, para o interior, mas o sraf está, lentamente, se movendo na direção oposta. Vocês conseguem ver isso do chão? Porque eu não consegui. Não, - respondeu Sattamax. - *Esta é a primeira vez que ouvimos falar disso.*

Bem, - prosseguiu ela, - *as árvores estão filtrando o sraf à medida que vai passando através delas e parte dele é atraído para as flores. Pude observar isso acontecendo: as flores são viradas para cima e se o sraf estivesse caindo, em linha reta, para baixo, entraria nas pétalas e as fertilizaria como o pólen das estrelas. Mas o sraf não está caindo, está se deslocando para fora, em direção ao mar. Quando uma flor calha de estar virada para a terra, o sraf pode entrar nela. E por isso que ainda existem nozes crescendo. Mas a maioria delas está*

virada para cima e o sraf simplesmente passa flutuando sobre elas, sem entrar. As flores devem ter evoluído desta maneira porque, no passado, todo o sraf devia cair descendo em linha reta. Alguma coisa aconteceu com o sraf, não com as árvores. E só se pode ver essa corrente de muito alto, e é por este motivo que nunca tiveram conhecimento dela. De modo que, se querem salvar as árvores e a vida mulefa, devemos descobrir por que o sraf está fazendo isso. Ainda não consegui pensar numa maneira de fazê-lo, mas tentarei. Ela viu muitos deles esticando o pescoço para olhar para o alto tentando ver aquela corrente de Pó. Mas do solo não se podia vê-la: ela própria tinha olhado através da luneta, mas tudo o que conseguiu ver foi o azul intenso do céu. Eles ficaram conversando por muito tempo, tentando se recordar de alguma menção ao vento de sraf entre suas lendas e histórias, mas não havia nenhuma. Tudo o que sempre souberam era que o sraf vinha das estrelas, como sempre viera.

Finalmente, perguntaram se ela tinha quaisquer outras idéias e Mary respondeu:

Eu preciso fazer mais observações. Preciso descobrir se o vento sempre sopra nessa direção ou se ele se altera, como as correntes de ar, durante o dia e a noite. De modo que preciso passar mais tempo nas copas das árvores e dormir lá e observar durante a noite. Precisarei da ajuda de vocês para construir algum tipo de plataforma de modo que eu possa dormir em segurança. Mas realmente precisamos de mais observações. Os mulefas, práticos e ansiosos para descobrir, imediatamente se ofereceram para construir qualquer coisa de que ela precisasse. Eles conheciam a técnica de utilização de polias e cordame e pouco depois um deles sugeriu uma forma de alçar Mary com facilidade até o dossel das árvores de maneira a poupá-la do esforço e do perigo da escalada.

Felizes por terem algo a fazer, imediatamente começaram a reunir os materiais, trançando, amarrando vergas de velame e cordas e cabos, sob a orientação dela, e a organizar tudo de que ela precisaria para a observação no topo da árvore.

Depois de falar com o casal idoso na plantação de oliveiras, o Padre Gomez perdeu a pista da mulher. Passou vários dias procurando e fazendo perguntas em todas as direções nos arredores, mas a mulher parecia ter desaparecido completamente.

Ele nunca teria desistido, embora aquilo fosse desanimador, o crucifixo pendurado no cordão em volta de seu pescoço e o rifle às suas costas eram símbolos gêmeos de sua absoluta determinação de completar a tarefa. Mas teria levado muito mais tempo, se não tivesse sido pela diferença de clima. No mundo em que estava, o tempo era quente e seco, e ele estava sentindo cada vez mais sede, e, vendo um pedaço de rocha molhada no alto de uma base de penhasco, subiu até lá para ver se ali havia uma nascente. Não havia, mas no mundo das árvores-das-rodas, acabara de cair um temporal, e foi assim que ele encontrou a janela e descobriu para onde Mary tinha ido.

AS HARPIAS

Odeio coisas inventadas, pura fantasia... tudo deveria ter como base a verdade do fatos.

Byron

Tanto Will como Lyra acordaram tomados por um forte sentimento de apreensão: sentiam-se como presos condenados na manhã do dia marcado para a execução, Tialys e Salmakia estavam cuidando de suas libélulas, trazendo-lhes mariposas capturadas a laço perto da lamparina ambárica sobre o barril de gasolina, lá fora, moscas tiradas de teias de aranha e água num prato de latão. Quando viu a expressão no rosto de Lyra e a maneira como Pantalaimon, sob a forma de camundongo, estava se apertando contra seu peito, Lady Salmakia deixou de lado o que estava fazendo e foi falar com ela. Enquanto isso, Will saiu do casebre para dar uma volta lá fora.

- Vocês ainda podem modificar sua decisão - disse Salmakia.

- Não, não podemos. Nós já decidimos - retrucou Lyra, ao mesmo tempo obstinada e temerosa.

- E se nós não voltarmos?

- Vocês não precisam vir - recordou Lyra.

- Não vamos abandonar vocês.

- Então, e se vocês não voltarem?

- Teremos morrido fazendo alguma coisa importante.

Lyra ficou em silêncio. Na verdade, não havia olhado direito para a pequenina dama antes, mas agora podia vê-la muito claramente, na luz fumegante da lamparina de nafta, colocada sobre a mesa a apenas um braço de distância. O rosto dela era calmo e gentil, não era bonito, nem delicadamente atraente, mas era exatamente o tipo de rosto que você ficaria contente de ver se estivesse doente,

infeliz, ou com medo. A voz dela era baixa e expressiva, com uma corrente de riso e de felicidade fluindo sob a superfície límpida. Em toda a vida de que pudesse se recordar, nunca ninguém tinha lido para Lyra quando ia para a cama, ninguém tinha lhe contado histórias, nem cantado cantigas de ninar para ela, antes de dar-lhe um beijo e apagar a luz. Mas naquele momento, de repente, pensou que se algum dia houvesse uma voz capaz de envolvê-la em segurança e aquecê-la com amor, seria uma voz como a de Lady Salmakia, e sentiu um desejo profundo no coração de ter um filho seu para ninar, acalmar, para quem cantar, um dia, numa voz como aquela.

- Bem - disse Lyra, e descobriu que estava com um nó na garganta, de modo que engoliu em seco e encolheu os ombros.

- Veremos - disse a pequenina dama, e retomou suas tarefas. Depois de terem comido o pão fino e seco e tomado o chá amargo que era tudo o que as pessoas tinham para lhes oferecer, eles agradeceram a seus anfitriões, pegaram suas mochilas e partiram, seguindo pela cidade de casebres em direção à beira do lago. Lyra olhou ao redor, procurando pelo vulto de sua morte, e, de fato, lá estava ele, caminhando educadamente um pouco mais adiante, mas ele não quis se aproximar, embora volta e meia olhasse para trás para ver se o estavam seguindo.

O dia estava carregado de uma neblina sombria. Parecia mais o anoitecer do que dia, e colunas e tiras compridas daquele nevoeiro subiam desalentadoramente das poças no caminho, ou se enrascavam como amantes abandonados nos cabos ambáricos acima. Eles não viram pessoas, apenas uns poucos vultos de mortes, mas as libélulas voavam baixo, rapidamente, pelo ar úmido como se estivessem costurando aquilo tudo com fios invisíveis e era uma alegria para os olhos observar suas cores vivas dardejando de um lado para outro.

Pouco depois, chegaram aos limites onde acabava o aglomerado de casebres e seguiram adiante, acompanhando a margem de um riacho moroso, em meio a moitas de galhos nus e secos.

Ocasionalmente, ouviam o coaxar rouco ou um espirrar de água, quando algum anfíbio se assustava, mas o único animal que viram foi um sapo, grande como o pé de Will, que só conseguia sacudir-se num doloroso arfar lateral como se estivesse terrivelmente ferido. Ele estava caído no meio da trilha, tentando sair do caminho e olhando para eles como se soubesse que tinham a intenção de machucá-lo.

- Seria um ato de misericórdia matá-lo - disse Tialys.

- Como sabe? - perguntou Lyra. - Ele pode gostar de ainda estar vivo, apesar de tudo.

- Se o matássemos, o estaríamos levando conosco - disse Will.

- Ele quer ficar aqui. Já matei coisas vivas demais. Mesmo uma poça de água estagnada e imunda pode ser melhor do que estar morto.

- Mas e se estiver sentindo dor? - perguntou Tialys.

- Se pudesse nos dizer, saberíamos. Mas, como não pode, não vou matá-lo. Isso seria levar em consideração os nossos sentimentos em vez de os sentimentos do sapo.

Eles seguiram adiante. Pouco depois, o som diferente que suas passadas faziam indicou que havia um espaço aberto por perto, embora o nevoeiro estivesse ainda mais cerrado. Pantalaimon transformara-se num lêmure, com os maiores olhos que ele pôde conseguir, agarrado ao ombro de Lyra, encostado em seus cabelos cobertos de gotículas peroladas de neblina, espreitando e examinando tudo ao redor e não conseguindo ver nada além dela. E ainda continuava tremendo e tremendo sem parar.

De repente, todos eles ouviram uma pequena onda quebrar. O ruído foi baixo, mas veio de muito perto. As Libélulas retornaram com seus cavaleiros para junto das crianças, e Pantalaimon enfiou-se por dentro da camisa colando-se ao peito de Lyra, enquanto ela e

Will chegavam mais perto um do outro, pisando com cuidado no solo escorregadio.

E então chegaram à praia. A água oleosa, cheia de espuma, estava lisa, diante deles, uma ondulação ocasional quebrava languidamente nos seixos. O caminho fazia uma curva para a esquerda e, um pouco mais adiante, mais como um espessamento da neblina que como um objeto sólido, um molhe de madeira se projetava estranhamente sobre a água. Os pilares estavam apodrecidos e as tábuas verdes de limo, e não havia mais nada, nada além dele, o caminho acabava onde o molhe começava e onde o molhe acabava, começava a neblina. O vulto da morte de Lyra, os tendo guiado até ali, fez uma mesura para ela, e saiu andando para a neblina, e desapareceu antes que ela pudesse lhe perguntar o que fazer a seguir.

- Escute disse Will.

Havia um som lento, lá fora, na água invisível: um ranger de madeira e um suave e regular espadanar de água. Will pôs a mão sobre a faca enfiada na bainha no cinto e se adiantou caminhando pelo molhe pisando com cuidado nas tábuas meio apodrecidas. Lyra o seguiu logo atrás. As libélulas se empoleiraram nos dois pilares de atracação cobertos de ervas, parecendo guardiões heráldicos, e as crianças pararam na ponta do molhe, esforçando-se para ver através do nevoeiro e tendo que limpar os cílios das gotas que se acomodavam neles. O único som era aquele lento ranger e espadanar que, cada vez mais, estava se aproximando.

- Vamos desistir de ir! - implorou Pantalaimon baixinho.

- Temos que ir - cochichou Lyra em resposta.

Ela olhou para Will. A expressão de seu rosto era dura, implacável e impaciente: ele não desistiria. E os galivespianos, Tialys no ombro de Will, Salmakia no de Lyra, pareciam calmos e vigilantes. As asas das libélulas estavam cobertas de pérolas de gotículas de umidade da neblina, como teias de aranha, e, volta e meia, tinham que batê-

las rapidamente para limpá-las, pois as gotas deviam fazer com que ficassem pesadas, pensou Lyra. Ela esperava que houvesse comida para elas na terra dos mortos. Então, de repente, o barco apareceu.

Era um barco a remo muito antigo, maltratado, remendado, carcomido, e a pessoa que estava remando era tão velha que sua idade era inimaginável, um homem encolhido numa túnica de tecido grosseiro para fazer sacos, com um cinto

de

corda,

deformado

e

encurvado,

as

mãos

esqueléticas

permanentemente retorcidas em volta dos remos e seus olhos claros e úmidos muito fundos entre as dobras de rugas de pele acinzentada.

Ele soltou um remo e estendeu a mão retorcida para cima, para a argola de ferro no pilar de atracação, no canto do molhe, e com a outra mão manobrou o remo para encostar o barco nas pranchas.

Não houve necessidade de falar. Will embarcou primeiro e então Lyra se adiantou para embarcar também.

Mas o barqueiro levantou a mão.

- Ele não - disse, num sussurro rouco.

- Quem?

- Ele.

Estendeu um dedo cinza-amarelado, apontando diretamente para Pantalaimon, cuja forma castanho-avermelhada de arminho, com pelagem de verão, imediatamente adquiriu a cor branca alvíssima de inverno.

- Mas ele sou eu! - exclamou Lyra.

- Se você vier, ele terá que ficar.

- Mas não podemos! Nós morreríamos!

- Não é isso o que você quer?

E então, pela primeira vez, Lyra realmente se deu conta do que estava fazendo. Aquela era a verdadeira conseqüência. Ela ficou parada ali, consternada, trêmula, e abraçou seu *daemon* tão apertado que ele gemeu de dor.

- Eles... - disse Lyra, em tom desamparado, então se calou: não era justo argumentar que os outros três não teriam que abrir mão de nada. Will olhava para ela apreensivamente. Ela correu os olhos observando tudo o que havia ao seu redor, o lago, o molhe, a trilha irregular, as poças de água estagnada, os arbustos mortos e ensopados... O seu Pan, sozinho ali: como ele poderia viver sem ela? Ele tremia dentro da camisa de Lyra, contra sua pele nua, a pelagem dele precisando do calor dela. Impossível! Nunca!

- Ele vai ter que ficar se você vier - repetiu o barqueiro. Lady Salmakia agitou as rédeas e sua libélula voou rapidamente do ombro de Lyra e foi pousar na amurada do barco, onde Tialys foi se juntar a ela. Os dois disseram alguma coisa para o barqueiro. Lyra ficou observando como um preso condenado vigia o movimento no fundo da sala do tribunal, que poderia ser um mensageiro trazendo

o perdão. O barqueiro inclinou-se para ouvir e então sacudiu a cabeça.

- Não - disse ele. - Se ela vier, ele tem que ficar.

- Mas isso não está certo. Nós não temos que deixar para trás uma parte de nós. Por que Lyra tem? - disse Will.

- Ah, mas vocês deixam - disse o barqueiro. - A infelicidade dela é que pode ver e falar com a parte que tem de deixar. Vocês não saberão até

estarem na água e então, será tarde demais. Mas todos vocês têm de deixar essa parte de vocês aqui. Não há passagem para a terra dos mortos para seres como ele.

Não, pensou Lyra, e Pantalaimon pensou com ela: Nós não passamos por tudo o que passamos em Bolvangar para isto, não, como jamais poderemos voltar a nos encontrar?

E ela olhou para trás de novo, para a costa malcheirosa e sombria, tão desolada e fria, arruinada por doenças e veneno, e pensou em seu querido Pan, esperando ali sozinho, o companheiro de seu coração vendo-a desaparecer na neblina e explodiu numa tempestade de lágrimas. Seus soluços desesperados não tinham eco, porque a neblina os abafava, mas ao longo da costa em inúmeras lagoas e brejos, em tristes tocos quebrados de árvores, os animais feridos que se escondiam ali ouviram seu grito sentido, saído do fundo do coração, e se encolheram mais junto do solo, com medo de tamanha paixão.

- Se ele pudesse vir - gritou Will, desesperado para acabar com a imensa tristeza de Lyra, mas o barqueiro sacudiu a cabeça.

- Ele pode entrar no barco mas, se entrar, o barco fica aqui - disse ele.

- Mas como ela vai poder tornar a encontrá-lo?

- Eu não sei.

- Quando viermos embora, vamos voltar por aqui?

- Vir embora?

- Nós vamos voltar. Vamos até a terra dos mortos e vamos voltar.

- Não por aqui.

- Então, de alguma outra maneira, mas vamos voltar.

- Eu já levei milhões e nenhum voltou.

- Então seremos os primeiros. Encontraremos uma maneira de sair. E, já

que vamos fazer isso, seja gentil, barqueiro, tenha compaixão, deixe que ela leve seu *daemon*.

- Não - disse ele, e sacudiu a cabeça velhíssima. - Não é uma regra que se possa violar. É uma lei como esta... - apanhou um punhado de água na mão em concha e então inclinou a mão para que a água escorresse de volta. - A lei que faz com que a água caia de volta no lago, é uma lei como esta. Não posso inclinar a mão e fazer com que a água flua para o alto. Da mesma forma, não posso levar o *daemon* dela para a terra dos mortos. Quer ela venha ou não, ele tem que ficar.

Lyra não podia ver nada: seu rosto estava enterrado no pêlo de gato de Pantalaimon. Mas Will viu Tialys desmontar de sua libélula e se preparar para saltar sobre o barqueiro e em parte concordou com a intenção do espião, mas o ancião tinha visto Tialys e virou a cabeça antiqüíssima para dizer:

- Há quantos séculos vocês acham que estou transportando pessoas para a terra dos mortos? Vocês pensam que se alguma coisa pudesse me ferir já

não teria acontecido? Pensam que as pessoas que levo vêm comigo de boa vontade? Elas se debatem e gritam, tentam me subornar, elas me ameaçam e lutam, nada funciona. Você não pode me ferir, pode ferroar à vontade. É

melhor consolar a criança, ela virá, não percam tempo comigo. Will tinha dificuldade em olhar. Lyra estava fazendo a coisa mais cruel que já fizera, odiando a si mesma, odiando o que fazia, sofrendo por Pan, e com Pan, e por causa de Pan, tentando botá-lo no chão, no solo frio da trilha, soltando suas unhas de gato de suas roupas, chorando e chorando. Will tapou as orelhas: era um som triste demais para se suportar ouvir. Uma vez após outra ela afastou seu *daemon*, empurrando-o para longe de si, e a cada vez ele chorava e tentava se agarrar a ela.

Ela podia voltar atrás. Ela podia dizer não, essa é uma péssima idéia, não devemos fazer isso. Ela podia ser leal ao laço profundo e sincero, de coração e de vida, que a unia a Pantalaimon, ela podia pôr isso em primeiro lugar, podia tirar todo o resto de sua mente... Mas não podia.

- Pan, ninguém fez isso antes - sussurrou com a voz trêmula - mas Will disse que vamos voltar e juro, Pan, eu amo você, eu juro que vamos voltar... eu vou voltar... cuide-se, meu querido, você vai ficar bem... nós vamos voltar... e se eu tiver que passar todos os minutos de minha vida procurando para tornar a encontrar você, eu passo, não vou parar de procurar até encontrar, não vou descansar, não vou... Ah, Pan, Pan querido, eu tenho, eu tenho que... E ela o empurrou para longe de si, de modo que ele se agachou, infeliz, com frio e assustado, no solo lamacento.

Que animal ele era agora, Will não sabia mais dizer. Parecia tão pequenino, um filhote, um bebê, alguma coisa indefesa e derrotada, um ser tão mergulhado na infelicidade que era mais infelicidade do que um ser. Os olhos dele não deixavam o rosto de Lyra e Will pôde observá-la se obrigar a não desviar o olhar, a não fugir da culpa, e admirou sua honestidade e sua coragem, ao mesmo tempo em que se sentia dilacerado pelo choque da separação deles. Havia tantas

correntes vividas de sentimento entre eles que a própria atmosfera lhe parecia carregada de eletricidade.

E Pantalaimon não disse "Por quê?", porque ele sabia, e não perguntou a Lyra se amava Roger mais do que ele, porque conhecia a verdadeira resposta para isso também. E sabia que, se falasse, ela não conseguiria resistir, de modo que o *daemon* se manteve em silêncio de maneira a não afligir o ser humano que o estava abandonando, e agora, estavam ambos fingindo que isso não lhes traria sofrimento, que não demoraria muito para que estivessem novamente juntos, que era melhor que fosse assim. Mas Will sabia que a garotinha estava praticamente arrancando o coração do peito. Ela desceu do molhe e entrou no barco. Era tão leve que o barco quase nem balançou. Sentou-se ao lado de Will e seus olhos continuaram cravados em Pantalaimon, que continuava parado, tremendo, na ponta do molhe ligada à

terra, mas, quando o barqueiro soltou a argola de ferro e baixou seus remos para afastar o barco, o cachorrinho *daemon* veio correndo aflito, desamparado, até a outra ponta sobre a água, as unhas das patinhas macias batendo muito suavemente nas tábuas de madeira macia, e parou, e ficou olhando, só

olhando enquanto o barco se afastava e desaparecia na neblina. Lyra deu um grito tão dolorido e cheio de paixão que, mesmo naquele mundo amortecido e carregado de neblina, levantou um eco, mas é claro que não era um eco, era a outra parte dela gritando em resposta da terra dos vivos, enquanto Lyra se afastava rumo à terra dos mortos.

- Meu coração, Will... - gemeu ela, e se agarrou nele, o rosto molhado, contorcido de dor.

E assim, a profecia que o Reitor da Universidade Jordan fizera para o Bibliotecário, de que ela cometeria uma grande traição e que aquilo seria uma experiência terrível, se cumpriu.

Mas Will também descobriu uma agonia enorme crescendo em seu íntimo e, em meio àquela dor, viu que os dois galivespianos estavam juntos, abraçados um ao outro, exatamente como ele e Lyra estavam fazendo, sofrendo com a mesma angústia.

Parte de sensação era física. Parecia que uma mão de ferro havia agarrado seu coração e que o estava puxando para fora, pelo meio das costelas, de modo que apertou as mãos contra aquele ponto e tentou em vão segurá-lo lá dentro. Era uma dor muito mais profunda e muito pior do que a dor de perder os dedos. Mas também era mental: alguma coisa secreta e pessoal estava sendo arrastada para fora, sendo exposta, num lugar onde não queria de forma alguma estar, e Will quase foi derrubado por uma mistura de dor, vergonha, medo e remorso, porque ele mesmo tinha causado aquilo. Mas era pior que isso. Era como se ele tivesse dito: "Não, não me mate, estou com medo, mate minha mãe em vez de me matar, ela não importa, eu não a amo", e ela o tivesse ouvido dizer isso, e fingido que não tinha ouvido para poupá-lo, para impedir que sofresse e, de qualquer maneira, tivesse se oferecido para ir em seu lugar porque o amava. Ele se sentia mal a esse ponto. Não havia nada que fosse pior sentir.

De modo que Will ficou sabendo que todas aquelas coisas faziam parte de se ter um *daemon* e, qualquer que fosse seu *daemon*, ele também havia sido deixado para trás, com Pantalaimon, naquela costa tóxica e desolada. O

pensamento ocorreu a Will e Lyra no mesmo instante e eles trocaram um olhar cheio de lágrimas. E pela segunda vez em suas vidas, mas não pela última, cada um deles viu na face do outro a sua própria expressão. Apenas o barqueiro e as libélulas pareciam indiferentes à viagem que estavam fazendo. Os grandes insetos estavam plenamente vivos e intensamente coloridos com brilho e beleza, mesmo na neblina pesada, sacudindo as asas transparentes para se livrar da umidade, e o ancião em sua túnica de pano de saco se inclinava para frente e para trás, apoiando os pés nus no fundo do barco coberto de poças de limo.

A viagem durou mais tempo do que Lyra queria calcular. Embora parte dela estivesse em carne viva de angústia, imaginando Pantalaimon abandonado na margem do lago, uma outra parte estava se adaptando à dor, medindo sua própria força, curiosa para ver o que aconteceria e onde iriam desembarcar.

O braço de Will a envolvia com força, segurando-a, mas ele também estava olhando para o que estava adiante, esforçando-se para tentar enxergar alguma coisa em meio à escuridão cinzenta e úmida e ouvir qualquer outra coisa além do espadanar dos remos. E, logo depois, algo de fato mudou: um penhasco ou uma ilha erguia-se adiante. Eles ouviram o som sendo abafado antes de verem a neblina escurecer.

O barqueiro levantou um dos remos para virar o barco um pouco para a esquerda.

- Onde estamos? - perguntou a voz do Cavaleiro Tialys, pequenina, mas forte como sempre, embora nela houvesse uma ponta de dolorosa estridência, como se ele também estivesse sofrendo e sentindo dor.

- Perto da ilha - respondeu o barqueiro. - Mais cinco minutos e estaremos desembarcando.

- Que ilha? - perguntou Will. Viu que sua voz também soava cansada, tão tensa que mal a reconhecia.

- O portão para a terra dos mortos fica nesta ilha - explicou o barqueiro. Todo mundo vem para cá, reis, rainhas, assassinos, poetas, crianças, todo mundo passa por aqui e ninguém volta.

- Nós vamos voltar - sussurrou Lyra em tom feroz. O homem não disse nada, mas seus olhos velhíssimos estavam cheios de pena.

A medida que foram se aproximando, viram galhos de ciprestes e de teixos que se projetavam baixos sobre a água, verde-escuros, densos e tristes. A terra se elevava numa encosta íngreme e as

árvores cresciam tão juntas umas das outras que nem um furão conseguiria passar entre elas e, diante deste pensamento, Lyra deixou escapar um pequeno soluço, pois Pan teria mostrado a ela como poderia tê-lo feito muito bem, mas agora não podia, talvez nunca mais pudesse outra vez.

- Estamos mortos? - perguntou Will para o barqueiro.

- Não faz diferença - respondeu ele. - Alguns vieram para cá sem jamais acreditarem que estavam mortos. Insistiram durante todo o caminho em que estavam vivos, que era um erro, que alguém pagaria por isso, não fez diferença. Outros ansiavam por estarem mortos quando estavam vivos, pobres almas, vidas cheias de dor ou grande infortúnio, mataram-se em busca de uma chance de terem um abençoado descanso e descobriram que nada havia mudado, exceto para pior, e que dessa vez não havia saída, você não pode se fazer voltar à vida. E houve outros tão fracos e doentes, bebês pequenos, às vezes, que mal tinham nascido entre os vivos antes de descerem aos mortos. Já remei este barco com um bebê pequeno, chorando em meu colo, muitas, muitas vezes, bebês que jamais souberam a diferença entre estar lá em cima e aqui embaixo. E os velhos também, os ricos são os piores, rosnando, xingando e me amaldiçoando, me insultando e berrando: o que eu pensava que era?

Eles não tinham ganho e juntado todo o ouro que podiam coletar? Eu não aceitaria um pouco agora, para levá-los de volta para a costa? Iriam mandar a polícia atrás de mim, tinham amigos poderosos, conheciam o Papa e o Rei disso e o Duque daquilo, tinham posição para garantir que eu seria punido, castigado... Mas eles souberam a verdade no fim: a única posição em que estavam era no meu barco, indo para a terra dos mortos, e quanto aos reis e papas, também acabariam por aqui, quando chegasse a vez deles, mais cedo do que desejavam. Eu os deixo gritar e delirar à vontade, não podem me fazer mal, no fim eles se calam - concluiu. - De modo que, se não sabem se estão mortos ou não, e a garotinha jura de

pés juntos que vai tornar a sair para o mundo dos vivos, não vou dizer nada que os contradiga. O que vocês são, logo saberão.

O tempo todo ele estivera remando em ritmo regular ao longo da costa e naquele momento recolheu os remos, ajeitando-os dentro do barco e estendendo a mão para a direita para segurar o primeiro pilar de madeira que se erguia da água ao lado.

Ele puxou o barco paralelamente a um cais estreito e o manteve parado para que saltassem. Lyra não queria desembarcar: enquanto estivesse perto do barco, então Pantalaimon conseguiria pensar nela com clareza, porque era como ele a vira pela última vez, mas, quando se afastasse do barco, ele não saberia mais como visualizá-la. De modo que ela hesitou, mas as libélulas levantaram vôo e Will desembarcou, pálido e apertando o peito, e, assim, ela teve que ir também.

- Obrigada - disse para o barqueiro. - Quando você voltar, se vir meu *daemon*, diga a ele que o amo mais que tudo na terra dos vivos ou dos mortos e que juro que vou voltar para ele, mesmo que ninguém tenha feito isso antes, juro que vou.

- Está bem, eu digo a ele - disse o barqueiro. Ele foi embora, o barco se afastou e o som de suas remadas foi gradualmente sumindo na neblina. Os galivespianos voltaram voando, tendo se afastado apenas um pouco, e se empoleiraram nos ombros das crianças como antes, ela no de Lyra, ele no de Will. E assim ficaram, os viajantes, na margem da terra dos mortos. Diante deles não havia nada, exceto neblina, embora pudessem ver por seu escurecimento que um grande paredão se erguia mais à frente. Lyra tremeu de frio. Tinha a impressão de que sua pele havia se transformado em renda e que a umidade e o ar gelado podiam passar através dela, entrando e saindo por suas costelas, queimando com o ardor de frio intenso na ferida aberta onde estivera Pantalaimon. Apesar disso, pensou ela, Roger devia ter se sentido assim quando mergulhara pela encosta da montanha abaixo, tentando se agarrar a seus dedos desesperados. Eles permaneceram em silêncio e ouviram. O único som era um gotejar

incessante de água das folhas e quando levantaram a cabeça para olhar para cima sentiram uma ou duas gotas baterem geladas em suas faces.

- Não podemos ficar aqui - disse Lyra.

Eles se afastaram do cais, mantendo-se juntos, e foram seguindo para a parede cinzenta. Blocos gigantescos de pedras verdes de limo antiqüíssimo erguiam-se mais alto na neblina do que podiam ver. E, agora que estavam mais perto, podiam ouvir o som de gritos vindos de trás da parede, embora fosse impossível dizer se eram vozes humanas gritando: eram gritos e gemidos altos, estridentes e lamentosos, que pairavam no ar como filamentos flutuantes de águas-vivas, provocando dor onde quer que tocassem.

- Tem uma porta - disse Will, numa voz rouca, tensa.

Era uma porta dos fundos de madeira maltratada, sob uma laje de pedra. Antes que Will pudesse levantar a mão para abri-la, um daqueles gritos estridentes e agudos soou muito próximo, causando um choque desagradável aos ouvidos deles e assustando-os horrivelmente.

Imediatamente os galivespianos levantaram vôo, dardejando pelo ar, as libélulas, como pequenos cavalos de guerra, prontas para a batalha. Mas a coisa que desceu voando as varreu para o lado com um golpe brutal da sua asa e então pousou pesadamente sobre uma saliência de rochedo que se projetava logo acima da cabeça das crianças. Tialys e Salmakia se reagruparam e acalmaram suas montarias assustadas.

A coisa era um grande pássaro do tamanho de um abutre, com o rosto e seios de mulher. Will tinha visto quadros de seres como ela, e a palavra harpia lhe veio à mente, tão logo a viu com clareza. Seu rosto era liso e sem rugas, mas envelhecido muito além da idade das bruxas: aquele rosto havia visto milhares de anos se passarem, e a crueldade e infelicidade de todos eles tinham moldado a expressão odiosa de suas feições. Mas, à medida que os viajantes

puderam vê-la mais claramente, tornou-se ainda mais repulsiva. As órbitas de seus olhos estavam coalhadas de um limo imundo e o vermelho de seus lábios coberto por camadas de crostas ressecadas, como se tivesse vomitado sangue antiqüíssimo, incontáveis vezes. Os cabelos negros emaranhados, imundos, desciam até os ombros, as garras pontiagudas agarravam a pedra ferozmente, as asas escuras poderosas estavam fechadas ao longo de seu dorso e um bafo de fedor pútrido flutuava no ar toda vez que se mexia. Will e Lyra, ambos nauseados e cheios de dor, tentaram ficar de pé

bem eretos e encará-la.

- Mas vocês estão vivos! - disse a harpia, a voz estridente zombando deles.

Will constatou que a odiava e a temia mais do que a qualquer ser humano que tivesse conhecido.

- Quem é você? - perguntou Lyra, que sentia tanta repulsa quanto Will. A guisa de resposta, a harpia gritou. Ela abriu a boca e lançou um jato de ruído diretamente para o rosto deles, de modo que a cabeça dos dois tiniu e eles quase caíram para trás. Will agarrou Lyra e os dois se abraçaram enquanto o grito se transformava em selvagens gargalhadas zombeteiras e estrepitosas, que foram respondidas por outras vozes de harpias na neblina ao longo da costa. O som de zombaria cheio de ódio recordava Will da crueldade impiedosa de crianças num pátio de recreio, mas aqui não havia professores para controlar as coisas, ninguém a quem pedir ajuda, nenhum lugar onde se esconder.

Ele pôs a mão sobre a faca em seu cinto e a olhou bem nos olhos, embora sua cabeça estivesse zumbindo e a força absoluta de seu grito o deixasse tonto.

- Se estiver tentando nos deter - desafiou - então melhor estar pronta para lutar além de gritar. Porque vamos entrar por aquela

porta. A boca nojenta da harpia se mexeu de novo, mas dessa vez foi para franzir os lábios num arremedo de beijo. Então ela disse:

- Sua mãe está sozinha. Enviaremos pesadelos para ela. Gritaremos com ela quando estiver dormindo!

Will não se mexeu, porque pelo canto do olho podia ver Lady Salmakia se movendo delicadamente ao longo de um galho onde a harpia agora estava empoleirada. Sua libélula, com as asas trêmulas, estava sendo mantida no chão por Tialys e então aconteceram duas coisas: a dama saltou sobre a harpia e girou para enfiar sua espora bem fundo na perna escamosa do monstro e Tialys arremessou a libélula para o alto. Em menos de um segundo Salmakia tinha se afastado rodopiando e saltado do galho, diretamente para o dorso de sua montaria azul-elétrica, e se elevava no ar.

O efeito na harpia foi imediato. Um outro grito quebrou o silêncio, muito mais alto do que antes, e ela bateu as asas escuras com tanta força que Will e Lyra foram empurrados pelo vento e cambalearam. Mas ela se agarrou na pedra com as garras e seu rosto estava tingido de vermelho-escuro de raiva, os cabelos tinham se levantado de sua cabeça como uma crista de serpentes. Will puxou a mão de Lyra e os dois tentaram correr para a porta, mas a harpia lançou-se sobre eles tomada de fúria e só recuou de seu mergulho quando Will se virou, enfiando Lyra atrás de si e de faca em punho. Os galivespianos partiram para atacar a harpia imediatamente, dardejando perto de seu rosto e depois se afastando rapidamente de novo, sem conseguir acertar um golpe, mas distraindo-a de modo que bateu as asas desajeitadamente e tombou parcialmente no chão.

Lyra gritou:

- Tialys! Salmakia! Parem, parem!

Os espiões puxaram as rédeas de suas libélulas e voaram raso sobre a cabeça das crianças. Outras formas escuras estavam se

agrupando na neblina e os gritos zombeteiros de mais uma centena de harpias soavam, vindos de mais além na costa. A primeira estava sacudindo as asas, sacudindo o cabelo, esticando uma perna de cada vez e flexionando suas garras. Não estava ferida, Lyra havia reparado.

Os galivespianos pairaram no ar por um instante e depois mergulharam de volta na direção de Lyra, que estava com as duas mãos abertas, estendidas para que pousassem. Salmakia percebeu o que Lyra tinha querido dizer e falou para Tialys:

- Ela tem razão. Por algum motivo, não podemos feri-la.

Lyra perguntou:

- Senhora, qual é o seu nome?

A harpia sacudiu as asas bem abertas e os viajantes quase desmaiaram com os odores fétidos de imundície e podridão que saíam dela.

- Sem-Nome! - gritou.

- O que quer conosco? - perguntou Lyra.

- O que você pode me dar?

- Poderíamos contar onde estivemos e talvez ficasse interessada, não sei. Vimos coisas estranhas de todos os tipos no caminho para cá.

- Ah, e está se oferecendo para me contar uma história?

- Se quiser.

- Talvez eu queira. Mas e depois?

- Poderia nos deixar passar por aquela porta e encontrar o espírito que viemos aqui procurar, espero que deixe, de qualquer maneira.

Se puder nos fazer a gentileza.

- Então tente - disse Sem-Nome.

E a despeito de sua náusea e sofrimento, Lyra achou que tinha acabado de receber o ás, a carta de trunfo no baralho.

- Ah, tenha cuidado - cochichou Salmakia, mas a mente de Lyra já

estava correndo adiante, repassando a história que havia contado na noite anterior, modelando, cortando partes, dando retoques e acrescentando: pais mortos, tesouro de família, naufrágio, fuga...

- Bem - disse, acomodando-se em seu estado de espírito de contar histórias - na verdade, começou quando eu era um bebê. Meu pai e minha mãe eram o Duque e a Duquesa de Abingdon, compreende, e eram riquíssimos. Meu pai era um dos conselheiros do rei e o rei, pessoalmente, costumava vir se hospedar conosco, ah, o tempo todo. Costumavam caçar na floresta. A casa, lá

onde eu nasci, era a maior casa de todo o sul da Inglaterra. Chamava-se... Sem dar sequer um grito de advertência, a harpia lançou-se sobre Lyra, com as garras estendidas. Lyra teve tempo apenas de se abaixar, mas mesmo assim uma das garras se enfiou em seu couro cabeludo e arrancou uma mecha de cabelos.

- É mentira! Mentira! - gritava a harpia. - Mentira!

Ela voou num círculo se posicionando de novo, pronta para se lançar diretamente sobre o rosto de Lyra, mas Will puxou a faca e se atirou no caminho. Sem-Nome deu uma guinada saindo de seu alcance bem a tempo, e Will rapidamente arrastou Lyra para a porta, porque ela estava paralisada pelo choque e meio cega por causa do sangue que escorria em seu rosto. Will não tinha idéia de onde estavam os galivespianos, mas a harpia estava voando para atacá-los de novo e berrando, berrando com raiva e ódio:

- Mentira! Mentira! Mentira!

E parecia que sua voz estava vindo de todos os lados, e que a palavra ecoava batendo no paredão e voltando, em meio à neblina, abafada e modificada, de modo que ela parecia estar gritando o nome de Lyra, de tal maneira que Lyra e Mentira eram a mesma coisa.

Will estava com a menina apertada contra o peito, com o ombro curvado para protegê-la, e a sentia tremer e soluçar contra seu corpo, mas então enfiou a faca na madeira podre da porta e cortou fora a tranca, dando um golpe rápido com a lâmina.

Então ele e Lyra, com os espiões ladeando-os montados em suas libélulas dardejantes, entraram tropeçando no reino dos espíritos enquanto o grito da harpia era duplicado e reduplicado por outros na costa coberta pela neblina atrás deles.

OS SUSSURRANTES

Basto como o Outono, as folhas juncam de valumbrosa, as plácidas ribeiras, sobre as quais densa arcadas sempre enramam de bela entrúpia os altos arvoredos.

John Milton – Canto I,15

A primeira coisa que Will fez foi botar Lyra sentada e então pegou o potinho de ungüento de musgo-sangüíneo e examinou a ferida em sua cabeça. Estava sangrando muito, como é habitual em feridas no couro cabeludo, mas o corte não era fundo. Ele rasgou uma tira da fralda da camisa e limpou a ferida, depois passou um pouco do ungüento no corte, tentando não pensar no estado de imundície da garra que o fizera. Os olhos de Lyra estavam vidrados e ela estava branca como giz.

- Lyra! Lyra! - chamou e a sacudiu de leve. - Agora vamos, temos que ir embora.

Ela estremeceu dos pés à cabeça, respirou fundo, ainda trêmula, e seus olhos se concentraram nele, cheios de um intenso desespero.

- Will... eu não sei mais fazer direito, não consigo mais! Não sei mais contar mentiras! Achava que era tão fácil, mas não funcionou, é a única coisa que sei fazer e não funciona!

- Não é a única coisa que sabe fazer. Você sabe ler o aletômetro, não sabe? Vamos lá, vamos ver onde estamos. Vamos procurar Roger. Ele a ajudou a se levantar e pela primeira vez olharam ao redor para a terra onde ficavam os espíritos.

Encontravam-se numa grande planície que se estendia para muito longe na neblina. A luz que lhes permitia enxergar era uma luminescência baça, que parecia existir por toda parte com igual intensidade, de modo que não havia realmente sombras nem luz de verdade e tudo era de uma mesma cor encardida.

De pé no chão daquele espaço imenso estavam adultos e crianças fantasmas de pessoas - tantos que Lyra não seria capaz nem de calcular seu número. Pelo menos a maioria estava de pé, embora alguns estivessem sentados e outros deitados sem energia, ou adormecidos. Ninguém estava se mexendo, nem correndo, nem brincando, embora muitos deles se virassem para olhar para aqueles recém-chegados com uma curiosidade temerosa nos olhos arregalados.

- Fantasmas - sussurrou ela. - Ê aqui que estão todos eles, os espíritos de todo mundo que morreu...

Sem dúvida era porque ela não tinha mais Pantalaimon, mas o fato é que se manteve agarrada, colada ao braço de Will, e ele ficou satisfeito com isso. Os galivespianos tinham saído voando adiante, e Will conseguia ver suas formas pequeninas e coloridas dardejando e fazendo vôos rasantes sobre as cabeças dos fantasmas, que olhavam para cima e os seguiam maravilhados, mas o silêncio era imenso e opressivo, a luz cinza o enchia de medo e a presença calorosa de Lyra a seu lado era a única coisa que lhe passava a sensação de vida.

Atrás deles, do lado de fora do paredão, os gritos das harpias ainda ecoavam ao longo da costa. Alguns, dentre aquele povo-fantasma, estavam olhando para o alto apreensivamente, mas um número maior deles olhava fixamente para Will e Lyra e então começaram a se aproximar todos juntos. Lyra se encolheu e recuou, ainda não tinha forças, por enquanto, para encarálos como gostaria de fazer e foi Will quem falou primeiro.

- Vocês falam nossa língua? - perguntou. - Podem falar? Mesmo tremendo de frio, assustados e cheios de dor como estavam, ele e Lyra tinham mais autoridade do que toda aquela massa de mortos juntos. Aqueles pobres fantasmas tinham muito pouca força e ao ouvir a voz de Will, a primeira voz clara que havia soado ali em toda a memória dos mortos, muitos deles se adiantaram, prontos para responder.

Mas só conseguiam sussurrar. Um som pálido, não mais que um sopro suave, era tudo o que conseguiam emitir. E, enquanto avançavam, empurrando-se uns aos outros e desesperados, os galivespianos voaram baixo e começaram a dardejar, ziguezagueando na frente deles para impedi-los de chegar perto demais. As crianças fantasmas olharam para cima com uma expressão de anseio apaixonado, e Lyra imediatamente soube por que: achavam que as libélulas eram *daemons*, estavam desejando de todo coração que pudessem novamente ter seus próprios *daemons*.

- Ah, mas eles não são *daemons* -Lyra não pôde se conter, cheia de compaixão - e se meu *daernon* estivesse aqui, vocês poderiam todos fazer carinho nele, juro...

E estendeu as mãos para as crianças. Os fantasmas adultos se mantiveram mais atrás, indiferentes ou temerosos, mas as crianças todas se aproximaram em massa. Tinham a mesma substância que uma névoa espessa, pobrezinhas, e as mãos de Lyra as atravessavam completamente, assim como as de Will. Elas continuaram vindo, se aglomerando, leves e sem vida, para se aquecer no sangue que fluía e nos corações que batiam forte dos

dois viajantes, e tanto Will quanto Lyra sentiram uma sucessão de delicadas sensações de ligeiros toques frios, à medida que os fantasmas passavam atravessando seus corpos, aquecendo-se no caminho. As duas crianças vivas sentiram que, pouco a pouco, estavam começando a morrer também, não tinham uma reserva infinita de vida e de calor para dar e já estavam com tanto frio, mas as multidões fazendo pressão e avançando pareciam que nunca iriam parar. Finalmente Lyra teve que implorar a eles que parassem. Ela levantou as mãos e disse:

- Por favor, gostaríamos de poder tocar todos vocês, mas viemos aqui para procurar uma pessoa e preciso que me digam onde ele está e como posso encontrá-lo. Ah, Will - disse ela encostando a cabeça na dele - gostaria de saber o que fazer!

Os fantasmas estavam fascinados com o sangue na testa de Lyra. Brilhava vividamente como um fruto de azevim na semi-obscuridade e vários deles tinham passado através dele, ansiando pelo contato com algo tão vibrantemente vivo. Uma menina fantasma, que quando estava viva devia ter tido nove ou dez anos, levantou a mão timidamente para tentar tocar nele, depois recuou temerosa, mas Lyra disse:

- Não tenha medo, a gente não veio aqui para machucar vocês, falem com a gente, se puderem!

A menina fantasma falou, mas sua voz frágil, pálida, foi apenas um sussurro.

- Foram as harpias que fizeram isso? Elas atacaram e machucaram você?

- Machucaram - respondeu Lyra - mas se é só isso que podem fazer, não estou nem um pouco preocupada.

- Ah, mas não é... elas fazem coisa pior...

- O quê? O que elas fazem?

Mas pareciam relutantes em contar a ela. Sacudiram a cabeça e mantiveram-se calados, até que um menino disse:

- Não é tão ruim pra eles que já estão aqui há centenas de anos, porque você fica cansado depois desse tempo todo, elas não conseguem mais te meter tanto medo.

- É com os novos que elas gostam mais de falar - disse a primeira menina. - É tão... Ah, é tão horrível. Elas... eu não posso contar a você. As vozes deles não eram mais altas que o som de folhas secas caindo. E eram apenas as crianças que falavam, os adultos pareciam todos ter mergulhado numa letargia antiga que poderiam nunca mais se mexer ou falar.

- Escutem - pediu Lyra - por favor, escutem. Nós viemos aqui, eu e meus amigos, porque temos que encontrar um menino chamado Roger. Ele não está

aqui há muito tempo, só há algumas semanas, de modo que não deve ter conhecido muita gente, mas se souberem onde ele está.

Mas, ao mesmo tempo em que falava, ela sabia que poderiam ficar ali até

se tornarem velhos, procurando por toda parte e olhando cada rosto e, ainda assim, poderiam nunca ver mais que uma minúscula fração dos mortos. Lyra sentiu o desespero descer sobre seus ombros, tão pesado como se a harpia estivesse empoleirada ali. Contudo, ela cerrou os dentes e tentou manter o queixo erguido. Nós chegamos aqui, pensou, de qualquer maneira, isso já é

uma parte que está feita.

A primeira menina fantasma estava dizendo alguma coisa naquele pequeno sussurro perdido.

- Quer saber por que queremos encontrar o menino? - perguntou Will. Bem, Lyra quer falar com ele. Mas também tem uma pessoa

que eu quero encontrar. Eu quero encontrar meu pai, John Parry. Ele também está aqui, em algum lugar, e quero falar com ele antes de voltar para o mundo. Assim, por favor, se puder, peça a Roger e peça a John Parry para virem falar com Lyra e com Will. Peça a eles...

Mas, de repente, todos os fantasmas lhes deram as costas e saíram correndo, inclusive os adultos, como folhas secas espalhadas por uma súbita rajada de vento. Num instante o espaço em volta das crianças ficou vazio e então eles ouviram por que: gritos, berros, guinchos altos e agudos vinham do ar acima, e então as harpias estavam em cima deles, com rajadas de fedor pútrido, asas batendo e aqueles berros roucos, escarnecendo, zombando, gargalhando, chacoteando.

Lyra encolheu-se no chão imediatamente, cobrindo as orelhas, e Will, de faca em punho, agachou-se sobre ela. Podia ver Tialys e Salmakia voando rapidamente na direção deles, mas ainda estavam a alguma distância e ele teve apenas um instante para observar as harpias enquanto giravam em círculos e mergulhavam. Viu suas faces humanas abocanharem o ar, como se estivessem comendo insetos, e ouviu as palavras que estavam gritando palavras de escárnio, palavras imundas, tudo sobre sua mãe, palavras que faziam tremer seu coração, mas parte de sua mente estava absolutamente fria e separada, pensando, calculando, observando. Nenhuma delas queria chegar sequer perto da faca.

Para ver o que aconteceria, ele se levantou. Uma delas - podia ter sido a própria Sem-Nome - teve que se desviar pesadamente para sair do caminho, porque ela estivera mergulhando baixo, pretendendo fazer um vôo rasante logo acima de sua cabeça. As asas pesadas bateram desastradamente e foi por um triz que ela conseguiu mudar de direção. Will poderia ter estendido o braço e cortado fora sua cabeça com a faca.

Mas, a essa altura, os galivespianos tinham chegado e os dois estavam prontos para atacar, mas Will chamou:

- Tialys! Venha cá! Salmakia venha me ajudar!

Os dois pousaram em seus ombros e ele disse:

- Observem. Vejam o que elas fazem. Elas só chegam perto e gritam. Acho que foi um erro, quando ela acertou Lyra. Não acho que queiram realmente nos tocar. Podemos ignorá-las.

Lyra olhou para cima, os olhos arregalados. Os monstros voavam fazendo círculos sobre a cabeça de Will, às vezes, a apenas cerca de 30 centímetros de distância, mas sempre davam uma guinada desviando-se para o lado ou para o alto no último momento. Ele podia sentir que os espiões estavam loucos para entrar em combate e as asas das libélulas tremendo de desejo de sair dardejando velozmente pelo ar com seus cavaleiros letais, mas eles se contiveram: viram que Will estava certo.

E aquilo teve um efeito sobre os fantasmas também: vendo Will de pé sem medo e ileso, eles começaram a se movimentar de volta, na direção dos viajantes. Observavam as harpias cautelosamente, mas, apesar disso, a atração de carne e sangue frescos, daquelas batidas fortes de coração, era demais para resistirem.

Lyra se levantou para se juntar a Will. A ferida tinha aberto de novo e sangue fresco escorria descendo por sua face, mas ela o limpou com as costas da mão.

- Will - disse - estou tão feliz por termos vindo aqui juntos... Ele ouviu uma inflexão na voz dela e viu uma expressão em seu rosto que conhecia e de que gostava mais do que qualquer coisa que jamais conhecera: mostravam que ela estava pensando em fazer alguma coisa arriscada, mas que ainda não estava pronta para falar disso.

Ele balançou a cabeça, para mostrar que tinha compreendido. A menina fantasma disse:

- Por aqui, venham conosco, vamos encontrá-los!

E os dois sentiram a mais estranha das sensações, como se pequeninas mãos fantasmas estivessem se enfiando lá dentro e puxando-lhes as costelas para fazer com que as seguissem.

E assim eles iniciaram a travessia da imensa planície deserta, e as harpias voaram em círculos cada vez mais alto, acima deles, gritando incessantemente. Mas mantiveram-se à distância e os galivespianos voaram logo acima deles, vigilantes.

Enquanto iam caminhando, os fantasmas conversaram com eles.

- Não me leve a mal - disse uma menina fantasma - mas onde estão seus *daemons.* Desculpe a pergunta. Mas...

Presente na consciência de Lyra, em cada um dos segundos que se passavam, estava seu querido Pantalaimon abandonado. Para ela não era fácil falar, de modo que foi Will quem respondeu:

- Deixamos nossos *daemons* do lado de fora - explicou - onde é mais seguro para eles. Vamos buscá-los depois. Você tinha um *daemon*?

- Tinha - disse a menina fantasma - o nome dele era Sanling... Ah, eu o amava...

- E ele já tinha fixado uma forma definitiva? - perguntou Lyra.

- Não, ainda não. Ele achava que ia ser um pássaro e eu esperava que não, porque gostava dele bem peludo, à noite, em minha cama. Mas cada vez mais ele era um pássaro. Como se chama o seu *daemon*?

Lyra disse a ela e os fantasmas se aproximaram em bloco, novamente animados. Todos eles queriam falar sobre seus *daemons*, cada um deles.

- O meu se chamava Matapan...

- Costumávamos brincar de esconde-esconde, ela mudava de forma como um camaleão e eu não conseguia vê-la, era tão rápida...

- Uma vez machuquei meu olho e não conseguia ver e ele me guiou o caminho inteiro, até chegar em casa...

- Ele não queria se fixar numa forma só, mas eu queria crescer e costumávamos discutir...

- Ela gostava de se enroscar em minha mão e dormir...

- Eles ainda estão lá, em algum outro lugar? Nós os veremos de novo?

- Não. Quando você morre, seu *daemon* simplesmente se apaga como a chama de uma vela. Eu vi isso acontecer. Mas não vi o meu Castor, nem pude me despedir...

- Eles não estão em lugar nenhum. Têm que estar em algum lugar. Meu *daemon* ainda está lá em algum lugar, sei que ele está!

Os fantasmas se acotovelando estavam animados e impacientes, os olhos brilhantes e as faces calorosas, como se estivessem tomando vida emprestada dos viajantes.

- Alguém aqui vem do meu mundo, onde não temos *daemons*! perguntou Will. Um menino fantasma magro, mais ou menos de sua idade, assentiu e Will virou-se para ele.

- Pois é - veio a resposta. - Não compreendíamos o que eram *daemons*, mas sabíamos como era estar sem eles. Tem gente aqui de todos os tipos de mundos.

- Eu conheci o vulto de minha morte - disse uma garota eu o conheci durante todo o tempo em que estive crescendo. Quando os ouvia falar sobre *daemons*, pensava que queriam dizer alguma coisa parecida com nossa morte. Minha tarefa está terminada, não precisa mais se preocupar com isso foi a última coisa que ele me disse e

então foi embora para sempre. Quando estava comigo, eu sabia que sempre havia alguém em quem podia confiar, alguém que sabia para onde a gente estava indo e o que fazer. Mas agora não tenho mais ele. Não sei mais o que vai acontecer.

- Não tem nada que vai acontecer! - disse uma outra pessoa.

- Nada, para sempre!

- Você não sabe - rebateu uma outra. - Eles vieram, não foi? Ninguém nunca soube que isso iria acontecer. Ela estava se referindo a Will e Lyra.

- Esta é a primeira coisa que já aconteceu aqui - disse um me nino fantasma. - Talvez agora tudo vá mudar.

- O que vocês fariam, se pudessem? - perguntou Lyra.

- Subir de novo para o mundo!

- Mesmo se isso significasse que só iriam poder ver o mundo uma única vez, mesmo assim iriam querer fazer isso?

- Queremos! Queremos! Queremos!

- Bem, de qualquer maneira, tenho que encontrar Roger - disse Lyra, entusiasmadíssima com sua nova idéia, mas o primeiro a saber deveria ser Will.

No solo da planície infindável, houve um vasto movimento lento entre os incontáveis fantasmas. As crianças não podiam ver, mas Tialys e Salmakia, voando acima, observaram as pequenas figuras pálidas todas se movendo com um efeito que se parecia com a migração de imensos bandos de pássaros ou rebanhos de renas. No centro do movimento estavam as duas crianças que não eram fantasmas, seguindo adiante em ritmo constante, sem liderar e sem seguir, mas de alguma forma concentrando o movimento numa intenção de todos os mortos.

Os espiões, seus pensamentos voando ainda mais ligeiros que suas impetuosas montarias dardejantes, trocaram um olhar e conduziram as libélulas a pousar lado a lado num galho seco e murcho.

- E nós temos *daemons*, Tialys? - perguntou a dama.

- Desde que embarcamos naquele barco, me senti como se meu coração tivesse sido arrancado e arremessado, ainda batendo, para a margem do lago - disse ele. - Mas não foi, ainda está pulsando aqui em meu peito. De modo que alguma coisa minha ficou lá com o *daemon* da garotinha e alguma coisa sua também, Salmakia, porque seu rosto e suas mãos estão pálidos e tensos. De maneira que, sim, temos *daemons*, sejam lá o que forem. Talvez as pessoas no mundo de Lyra sejam os únicos seres vivos que sabem que os têm. Talvez seja por isso que foi um deles quem iniciou a revolta. Ele desmontou da libélula e a amarrou bem, e então pegou o magneto ressonante. Mas mal tinha começado a tocar quando parou.

- Não há resposta - comentou em tom sombrio.

- Então estamos fora do alcance de tudo?

- Fora do alcance de qualquer ajuda, com certeza. Bem, sabíamos que estávamos vindo para a terra dos mortos.

- O menino iria com ela até o fim do mundo.

- Você acha que a faca de Will vai abrir o caminho de volta?

- Tenho certeza que ele acredita que sim. Mas, ah, Tialys, eu não sei.

- Ele é muito jovem. Bem, eles dois são crianças. Você sabe, se ela não sobreviver a isto, a questão se ela escolherá a coisa certa quando estiver diante da tentação deixará de existir. Não terá mais importância.

- Você acha que ela já fez a escolha? Quando escolheu deixar seu *daemon* na margem do lago? Será que aquela foi a escolha que ela tinha que fazer?

O cavaleiro olhou para baixo, para os milhões que se moviam lentamente no solo da terra dos mortos, todos se deslocando atrás da centelha viva e brilhante de Lyra da Língua Mágica. Podia apenas distinguir seu cabelo, a coisa mais clara na escuridão parcial e ao lado, a cabeça do menino, de cabelos pretos, forte e sólida.

- Não - respondeu Tialys - ainda não. Isso ainda está por vir, seja lá o que for.

- Então devemos cuidar para que ela chegue lá a salvo.

- Os dois. Eles agora estão estreitamente ligados, unidos.

Lady Salmakia sacudiu as rédeas leves de teia de aranha e sua libélula imediatamente levantou vôo, arremessando-se do galho rápida como um dardo e, ganhando velocidade, foi descendo em direção às crianças, com o cavaleiro vindo logo atrás.

Mas não pararam junto delas, depois de fazer um vôo rasante para se assegurarem de que estavam bem, seguiram voando adiante, em parte porque as libélulas estavam impacientes e em parte porque queriam descobrir até

onde aquele lugar desolador se estendia.

Lyra os viu passar num lampejo rápido acima e foi tomada por uma forte sensação de alívio de que ainda houvesse alguma coisa que dardejava e brilhava com beleza. Então, não conseguindo mais guardar sua idéia em segredo, virou-se para Will, mas tinha que cochichar. Chegou os lábios junto da orelha dele e, numa borbulhante torrente de animação, ele a ouviu dizer:

- Will, quero que a gente leve todas essas pobres crianças-fantasmas mortas para fora daqui, os adultos também, podíamos

libertar todos! Vamos encontrar o Roger e seu pai e depois, vamos abrir o caminho para o mundo lá

fora e libertar todos!

Ele se virou e deu a ela um largo e verdadeiro sorriso, tão caloroso e feliz que Lyra sentiu alguma coisa tropeçar e quase cambalear em seu íntimo, pelo menos, foi essa a impressão que teve, mas, sem Pantalaimon, não podia perguntar a si mesma o que aquilo queria dizer. Podia ter sido uma nova maneira de seu coração bater. Profundamente surpreendida, disse a si mesma para tratar de andar em linha reta e parar de se sentir tonta, atordoada. E assim eles seguiram adiante. O sussurro Roger estava se espalhando mais depressa do que eles conseguiam se mexer, as palavras "Roger - Lyra veio - Roger - Lyra está aqui" eram passadas de um fantasma para outro como a mensagem elétrica que uma célula do corpo transmite para a célula ao lado. E Tialys e Salmakia, avançando em velocidade de cruzeiro lá no alto, montados em suas incansáveis libélulas, e vasculhando com o olhar tudo o que havia ao redor enquanto voavam, finalmente perceberam um novo tipo de movimento. A alguma distância havia uma pequena rotação de atividade. Chegando mais perto em vôo rasante, viram-se ser ignorados, pela primeira vez, porque alguma coisa mais interessante estava dominando a atenção de todos os fantasmas. Estavam falando excitadamente em seus sussurros quase silenciosos, estavam apontando, estavam persuadindo alguém a avançar. Salmakia desceu voando baixo, mas não pôde pousar: a aglomeração era grande demais e nenhuma das mãos ou ombros deles suportaria seu peso, mesmo se ousassem tentar. Ela viu um menino fantasma ainda bem criança, com um rosto honesto e infeliz, atordoado e perplexo com o que estavam lhe dizendo, e gritou para ele:

- Roger? Você é Roger?

Ele levantou a cabeça, confuso, nervoso, e assentiu. Salmakia voou de volta para junto de seu companheiro e juntos seguiram rapidamente para onde estava Lyra. Era uma longa distância e de

difícil navegação, mas observando os padrões de movimento, finalmente a encontraram.

- Lá está ela - disse Tialys, e gritou: - Lyra! Lyra! Seu amigo está lá!

Lyra levantou a cabeça e estendeu a mão para a libélula. O grande inseto pousou imediatamente, seu colorido vermelho-e-amarelo reluzindo como esmalte, e as asas transparentes retesadas e imóveis de cada lado. Tialys equilibrou-se enquanto ela o erguia trazendo-o à altura de seus olhos.

- Onde? - perguntou, arquejando de excitação. - Está muito longe?

- Uma hora de caminhada - respondeu o cavaleiro. - Mas ele sabe que você está a caminho. Os outros contaram a ele e já confirmamos que era ele. Trate de ir andando e logo se encontrará com ele.

Tialys viu Will fazer um esforço para ficar de pé ereto e se obrigar a encontrar mais alguma energia. Lyra já estava carregada de energia e encheu os galivespianos de perguntas: como parecia estar Roger? Tinham falado com eles? Parecia satisfeito? As outras crianças sabiam do que estava acontecendo e estavam ajudando, ou estavam apenas atrapalhando?

E assim por diante. Tialys tentou responder a todas com sinceridade e paciência e, passo a passo, a menina viva se aproximou do menino que havia conduzido para a morte.

SEM SAÍDA

E conhecereis a verdade e a verdade os libertará.

São João 8:32

- Will o que você acha que as harpias vão fazer quando libertarmos os fantasmas - perguntou Lyra . Pois as criaturas estavam gritando cada vez mais alto e voando mais perto e a cada instante que se

passava havia um numero cada vez maior delas, como se a escuridão estivesse se reunindo em pequenos coágulos de malignidade e dando-lhes asas. Os fantasmas ficavam olhando para cima, temerosos.

- Estamos chegando perto? - Lyra gritou para Lady Salmakia.

- Agora não estamos longe - respondeu ela, voando em círculos acima deles. - Você poderia vê-lo, se subisse naquela pedra.

Mas Lyra não queria perder tempo. Estava tentando de todo o coração se controlar e apresentar uma cara alegre para Roger, mas, na sua mente, a todo momento, estava aquela imagem terrível de Pan cachorrinho pequenino, abandonado no molhe, enquanto a neblina se fechava ao seu redor, e ela mal estava conseguindo impedir-se de chorar bem alto. Mas tinha que conseguir, tinha que se mostrar confiante para Roger, como sempre havia sido. Quando afinal se encontraram cara a cara, aconteceu muito de repente. Em meio à pressão da multidão de todos os fantasmas, lá estava ele, as feições familiares pálidas, mas sua expressão tão cheia de contentamento quanto um fantasma podia ter. Ele correu para abraçá-la.

Mas passou como fumaça fria através dos braços de Lyra e embora ela sentisse a mãozinha dele agarrar seu coração, não tinha força para se segurar. Eles nunca mais voltariam a se tocar de verdade.

Mas ele podia sussurrar e a voz dele disse:

- Lyra, eu nunca imaginei que voltaria a ver você, pensei que mesmo se você descesse até aqui, depois que tivesse morrido, estaria muito mais velha, seria adulta e não falaria comigo...

- Por que eu não haveria de falar?

- Porque eu fiz a coisa errada quando Pan conseguiu soltar meu *daemon* do *daemon* pantera de Lorde Asriel! Deveríamos ter fugido, não deveríamos ter tentado lutar contra ela! Deveríamos ter corrido

para junto de você! Então ela não teria podido capturar meu *daemon* de novo, e quando o rochedo deslizou, ela estaria comigo!

- Mas isso não foi culpa sua, seu bobo! - retrucou Lyra. - Fui eu que levei você para lá, para começar, e deveria ter deixado você voltar com as outras crianças e os gípcios. A culpa foi minha. Eu lamento tanto, Roger, de verdade, foi minha culpa, se não fosse por mim você não teria estado lá...

- Bem - disse ele - não sei não. Talvez eu tivesse sido morto de alguma outra maneira. Mas não foi culpa sua, Lyra, entenda.

Ela se sentiu começando a acreditar nisso, mas, de qualquer maneira, era de partir o coração ver o pobre coitadinho gelado, tão perto e, ao mesmo tempo, tão fora de seu alcance. Tentou agarrar o pulso dele, contudo seus dedos se fecharam no ar vazio, mas ele compreendeu e sentou ao lado dela. Os outros fantasmas recuaram um pouco, deixando-os sozinhos, e Will também se afastou, para sentar e cuidar de sua mão. Estava sangrando de novo e, enquanto Tialys voava ferozmente atacando os fantasmas para obrigálos a se afastarem, Salmakia ajudou Will a cuidar do ferimento. Mas Lyra e Roger nem tomaram conhecimento de nada disso.

- E você não está morta - declarou ele. - Como conseguiu vir até aqui se ainda está viva? E onde está Pan?

- Ah, Roger... eu tive que deixar o Pan na outra margem... foi a pior coisa que já tive que fazer na vida, doeu tanto, você sabe como dói, e ele ficou lá

parado, só olhando. Ah, eu me senti como uma assassina, Roger, mas eu tive que fazer aquilo, senão não poderia ter vindo!

- Eu estive fazendo de conta que estava conversando com você o tempo todo desde que morri - disse ele. - Estive desejando que pudesse falar com você e desejando tanto... Apenas desejando que pudesse sair daqui, eu e todos os outros mortos, porque este é um lugar terrível, Lyra, é sem esperança, nada muda depois que você

morre, e aquelas coisas voadoras... Você sabe o que elas fazem? Elas esperam até que você esteja descansando... nunca se pode dormir direito, você só meio que dá uma cochilada... e então elas chegam bem perto de você, sem fazer barulho, e cochicham todas as coisas ruins que você fez quando estava vivo, de modo que não possa se esquecer delas. Elas sabem de todas as piores coisas a seu respeito. Sabem como fazer com que você se sinta horrível, só de pensar em todas as coisas estúpidas e más que fez algum dia. E todos os pensamentos invejosos e cruéis que você teve, elas conhecem todos, e fazem com que sinta muita vergonha e deixam você com nojo de si mesmo... Mas não se pode escapar delas.

- Bem - interrompeu ela - escute.

Baixando a voz e curvando o corpo para chegar mais perto do pequeno fantasma, exatamente como costumavam fazer quando estavam planejando suas travessuras na Jordan, ela prosseguiu:

- Você provavelmente não sabe, mas as bruxas, você se lembra de Serafina Pekkala, as bruxas têm uma profecia a respeito de mim. Elas não sabem que eu sei... ninguém sabe. Nunca falei a respeito disso com ninguém antes. Mas quando estava em Trollesund e Farder Coram, o gípcio, me levou para ver o Cônsul das Bruxas, o Dr. Lanselius, ele me fez passar por uma espécie de teste. Disse que eu tinha que sair até o quintal da casa e escolher, dentre vários galhos de pinheiro-nubígeno, o que tivesse sido usado por Serafina Pekkala, para mostrar que eu realmente sabia ler o aletômetro relatou. - Bem, eu fiz isso e depois voltei depressa, porque estava frio e só

levou um segundo, foi fácil. O cônsul estava conversando com Farder Coram e eles não sabiam que eu estava ouvindo o que diziam. Ele disse que as bruxas tinham uma profecia a respeito de mim, que eu iria fazer alguma coisa incrível e importante, e que isso iria acontecer num outro mundo... Só que nunca falei disso e acho que devo até ter esquecido disso, pois havia tantas outras coisas acontecendo. De modo que, meio que saiu de minha cabeça. Nunca conversei a respeito disso, nem com Pan, porque acho que ele teria

rido na minha cara confessou. - Mas depois, quando a Sra. Coulter me capturou e me manteve num estado de transe, fiquei sonhando e sonhando com isso, e sonhei com você. E me lembrei que Mãe Costa, da família dos príncipes dos gípcios, do povo das águas, você se lembra, foi no barco deles que entramos a bordo, em Jerico, com Simon e Hugh, e eles...

- Claro! E quase navegamos com ele até Abingdon! Aquilo foi a melhor de todas as coisas que fizemos Lyra! Nunca vou me esquecer daquilo, mesmo se estiver morto aqui embaixo por mil anos...

- Certo, mas escute, quando fugi da Sra. Coulter da primeira vez, sabe, eu encontrei os gípcios de novo e eles cuidaram de mim e. .. Ah, Roger, mas tem tanta coisa que eu descobri, você ficaria besta de espanto... mas esta é a coisa importante: foi Mãe Costa que me contou, ela disse que tenho óleo-debruxa na alma, ela disse que sou uma pessoa do fogo - afirmou.

- E o que acho que isto significa é que ela estava, assim, meio que me preparando para a profecia das bruxas. Eu sei que tenho alguma coisa importante a fazer e o Dr. Lanselius, o cônsul, disse que era vital que eu nunca descobrisse qual é o meu destino antes que acontecesse, entende, que nunca deveria fazer perguntas a respeito dele... De modo que nunca fiz. Nunca nem pensei no que poderia ser. Nunca perguntei, nem mesmo ao aletômetro continuou.

- Mas agora, eu acho que sei. E encontrar você de novo é apenas uma espécie de prova. O que tenho que fazer, Roger, o destino que tenho que cumprir é que tenho que ajudar todos os fantasmas a saírem da terra dos mortos para sempre. Eu e Will, nós temos que salvar todos vocês. Tenho certeza de que é isso. Deve ser. E por causa de Lorde Asriel, por causa de uma coisa que meu pai disse... A morte vai morrer, ele disse. Porém, não sei o que vai acontecer. Você não deve contar a eles ainda, prometa. Tenho medo que possa não agüentar até lá.

- Mas - Ele estava desesperado para falar, de modo que ela parou. - Isso é exatamente o que eu queria contar a você! - exclamou. - Eu disse a eles, a todos os outros mortos, eu disse a eles que você viria! Exatamente como veio e salvou as crianças de Bolvangar! Eu falei: se alguém puder, esse alguém é

Lyra. Eles desejaram que fosse verdade, queriam acreditar em mim, mas, na verdade, nunca acreditaram, dava para perceber. Para começar - continuou ele

- todas as crianças que chegam aqui, todas sem exceção, começam dizendo: aposto que meu pai vai vir me buscar, ou aposto que minha mãe, assim que souber onde estou, virá me buscar pra me levar de volta pra casa. Se não é o pai ou a mãe, são os amigos, ou o avô, mas alguém virá para salvá-los. Só que ninguém nunca vem. De modo que ninguém acreditou em mim quando eu disse que você viria. Só que eu estava certo!

- Estava - disse ela - bem, mas eu não poderia ter vindo sem o Will. Aquele ali é o Will, e aqueles outros são o Cavaleiro Tialys e a Lady Salmakia. Tenho tanta coisa para contar a você, Roger...

- Quem é Will? De onde ele veio?

Lyra começou a explicar, sem nem perceber como sua voz tinha mudado, como se sentava mais ereta e como até seus olhos ficavam diferentes, quando contava a história de seu encontro com Will e da luta pela faca sutil. Como poderia ter sabido? Mas Roger percebeu, com a inveja triste e silenciosa dos mortos imutáveis.

Enquanto isso, Will e os galivespianos estavam um pouco afastados, conversando em voz baixa.

- O que vocês vão fazer, você e a menina? - perguntou Tialys.

- Abrir este mundo e deixar os fantasmas saírem. É para isto que tenho a faca.

Will nunca tinha visto tamanho espanto no rosto de duas pessoas, quanto mais aquelas pessoas cuja boa opinião era importante para ele. Tinha adquirido um grande respeito por aqueles dois. Eles ficaram sentados em silêncio por alguns instantes e então Tialys disse:

- Isso vai desfazer tudo. É o maior golpe que se poderia infligir. A Autoridade vai ficar sem nenhum poder depois disso.

- Como eles poderiam jamais prever isso? - comentou a pequena dama.

- Vai pegá-los completamente desprevenidos!

- E depois, o quê? - perguntou Tialys a Will.

- E depois? Bem, depois nós teremos que sair e encontrar nossos *daemons*, imagino. Não pense em depois. Basta pensar em agora. Eu não falei nada para os fantasmas, caso aconteça... caso aconteça de não funcionar. De modo que também não digam nada. Agora vou procurar um mundo que eu possa abrir, e aquelas harpias estão nos vigiando. De maneira que, se quiserem ajudar, podem ir e tratar de distraí-las enquanto faço isso. Imediatamente os galivespianos incitaram suas libélulas a subir para a escuridão acima, onde as harpias se aglomeravam como um bando de moscas varejeiras. Will observou os grandes insetos atacando-as destemidamente, diante de todo mundo, como se as harpias fossem moscas e eles pudessem abocanhá-las com suas mandíbulas, por maiores que fossem. Pensou em como aquelas criaturas cintilantes adorariam quando o céu estivesse aberto e elas pudessem novamente dar vôos rasantes, a toda a velocidade, sobre águas límpidas.

Então ele pegou a faca. E imediatamente as palavras que as harpias haviam lançado contra ele voltaram - as zombarias sobre sua mãe - e ele parou. Guardou a faca e tentou limpar sua mente.

Tentou de novo, com o mesmo resultado. Podia ouvi-las vociferando acima, a despeito da ferocidade dos galivespianos, elas eram tantas que dois cavaleiros voadores sozinhos podiam fazer muito pouco para detê-las. Bem, era assim que as coisas iam ser. Não iriam ficar nem um pouco mais fáceis. De maneira que Will deixou sua mente relaxar e se distanciar, e apenas ficou sentado ali, segurando a faca com os dedos frouxos, até que sentiu que estava pronto novamente.

Dessa vez a faca penetrou e cortou o ar - e encontrou uma rocha. Ele tinha aberto uma janela naquele mundo para o subsolo de um outro mundo. Fechou a janela e tentou de novo.

E a mesma coisa aconteceu, embora ele soubesse que era um mundo diferente. Tinha aberto janelas antes e encontrara-se acima do solo de um outro mundo, de modo que não deveria ter-se surpreendido ao descobrir que estava no subsolo, para variar, mas era desconcertante.

Na vez seguinte, tateou cuidadosamente, da maneira como tinha aprendido, deixando que a ponta da faca procurasse a ressonância que revelava um mundo em que o solo estava no mesmo lugar. Mas o toque estava errado em todos os lugares onde procurou com a ponta da faca. Não havia nenhum mundo, em lugar nenhum, onde pudesse cortar e abrir uma saída, em toda parte onde tocava, encontrava rocha sólida.

Lyra tinha percebido que alguma coisa estava errada e levantou-se de um salto, interrompendo sua conversa íntima com o fantasma de Roger, para correr para o lado de Will.

- O que foi? - perguntou baixinho.

Ele contou a ela e acrescentou:

- Vamos ter que ir para algum outro lugar antes que eu consiga encontrar um mundo para onde possa cortar uma abertura. E aquelas harpias não vão nos deixar. Você contou aos fantasmas o que estávamos planejando?

- Não. Só para Roger, e disse a ele que mantivesse segredo. Ele sempre faz qualquer coisa que eu peça. Ah, Will, estou com medo, estou com tanto medo. Podemos nunca sair. Imagine se ficarmos presos aqui para sempre?

- A faca pode cortar através da rocha. Se precisarmos, simplesmente abriremos um túnel. Vai levar muito tempo e espero que a gente não tenha que fazer isso, mas podemos fazer. Não se preocupe.

- Claro. Você tem razão. Claro que podemos.

Mas ela achava que ele parecia estar tão doente, com o rosto contraído de dor, com olheiras escuras em volta dos olhos e a mão dele estava tremendo, os dedos sangrando de novo, parecia estar tão mal quanto ela se sentia. Não poderiam continuar por muito mais tempo sem seus *daemons*. Ela sentiu seu próprio espírito tremer em seu corpo e apertou bem os braços em volta do corpo, sentindo uma falta desesperada de Pan.

Mas, nesse meio tempo, os fantasmas estavam se agrupando e se aproximando cada vez mais, coitados, e as crianças, especialmente, não conseguiam deixar Lyra em paz.

- Por favor - disse uma menina - não vai se esquecer de nós quando for embora, não é?

- Não - respondeu Lyra - nunca.

- Vai falar a eles a respeito de nós?

- Prometo. Qual é o seu nome?

Mas a pobre da menina ficou constrangida e envergonhada: tinha se esquecido. Deu-lhe as costas, escondendo o rosto, e um menino falou:

- Acho que é melhor esquecer. Eu me esqueci do meu. Alguns não estão aqui há muito tempo e ainda sabem quem são. Há algumas crianças que estão aqui há milhares de anos. Não são mais velhas que nós e esqueceram quase tudo. Exceto a luz do sol. Ninguém esquece isso. E o vento.

- Isso - disse um outro - fale para nós a respeito disso!

E um número cada vez maior deles começou a gritar para que Lyra lhes falasse sobre as coisas de que se lembrava, o sol, o vento e o céu, e das coisas de que tinham se esquecido, tipo como brincar, e ela se virou para Will e cochichou:

- O que devo fazer, Will?

- Fale para eles.

- Estou com medo. Depois do que aconteceu lá atrás, as harpias...

- Fale a verdade. Nós manteremos as harpias à distância.

Ela olhou para ele, hesitante. Na verdade, estava louca de apreensão. Virou-se de volta para os fantasmas que, em massa, vinham se aproximando cada vez mais.

- Por favor! - sussurravam. - Você acabou de vir do mundo! Conte para nós, conte! Fale sobre o mundo.

Havia uma árvore, não muito longe - apenas um tronco morto com seus galhos, brancos como ossos, estendidos no ar frio cinzento - e como Lyra estava se sentindo fraca e porque não achava que pudesse conseguir andar e falar ao mesmo tempo, dirigiu-se para lá, para ter um lugar onde sentar. A multidão de fantasmas se comprimiu e se empurrou para abrir espaço. Quando estavam quase chegando à árvore, Tialys pousou na mão de Will e indicou que Will deveria baixar a cabeça para ouvir.

- Elas estão voltando - disse baixinho - aquelas harpias. Um número cada vez maior delas. Fique com a faca preparada. A dama e eu as manteremos à

distância pelo máximo de tempo que pudermos, mas talvez você precise lutar. Sem preocupar Lyra, Will afrouxou a faca em sua bainha e manteve a mão bem perto dela. Tialys decolou de novo e então Lyra alcançou a árvore e sentou numa das raízes grossas.

Tantos vultos de mortos se aglomeravam à sua volta, insistindo esperançosos, com os olhos arregalados, que Will teve que fazê-los recuar para abrir espaço, mas deixou que Roger ficasse perto, porque ele olhava fixamente para Lyra, ouvindo cheio de paixão.

E Lyra começou a falar sobre o mundo que conhecia.

Contou-lhes a história de como ela e Roger tinham subido até o telhado da Faculdade Jordan e encontrado o corvo com a pata quebrada, e como tinham cuidado dele até ficar bom e estar pronto para voltar a voar, e como tinham explorado as Adegas de vinho nos porões, todas cobertas de poeira e teias de aranha, e bebido um bocado de Canary, ou podia ter sido Tokay, não sabia dizer qual dos dois, e como tinham ficado embriagados. E o fantasma de Roger ficou ouvindo, orgulhoso e desesperado, balançando a cabeça e sussurrando:

- Sim, sim! Isso foi exatamente o que aconteceu, isto é verdade mesmo!

Então contou a eles sobre a grande batalha entre as crianças da cidade de Oxford e os filhos dos oleiros.

Primeiro descreveu os Barreiros, tomando cuidado para incluir tudo de que conseguia se lembrar, os largos tanques de tintura de cor ocre, o cabo do reboque, os fornos que pareciam imensas colméias de tijolos. Falou a eles sobre os salgueiros-chorões nas margens do rio com as folhas todas prateadas por baixo, e falou de como, quando o sol brilhava por mais de dois dias, a argila começava a

rachar em belas e enormes placas, com rachaduras profundas entre elas, e como era a sensação de enfiar os dedos nas rachaduras apertadas e, lentamente, levantar uma grande placa de argila seca, tentando conservá-la tão grande quanto podia, sem quebrá-la. A parte de baixo, ainda molhada e pegajosa, era ideal para atirar nas pessoas.

E descreveu os odores naqueles lugares: a fumaça dos fornos, o cheiro de mofo de folhas apodrecidas do rio, quando o vento soprava de sudoeste, o cheiro gostoso das batatas assadas que os oleiros costumavam comer, e o som da água deslizando escorregadia sobre as calha?

Que a conduziam aos tanques de lavagem, e a sucção lenta e forte quando você tentava puxar o pé para fora do chão, e o bater pesado e molhado das pás das rodas nas comportas, na água cheia de argila.

Enquanto falava, estimulando todos os sentidos deles, os fantasmas se acotovelaram mais, chegando cada vez mais perto, se alimentando de suas palavras, recordando a época em que tinham carne, pele, nervos e sentidos, e desejando que ela nunca mais parasse.

Então ela contou como os filhos dos oleiros sempre declaravam guerra às crianças da cidade, mas como eram lentos e embotados, com barro no cérebro, e como as crianças da cidade, em comparação, eram espertas e rápidas como pardais, e como, certo dia, todas as crianças da cidade e todas as crianças de todas as faculdades tinham engolido as rivalidades, acertando uma trégua, e planejado e feito um ataque vindo de três direções contra os Barreiros, encurralando os filhos dos oleiros na beira do rio, atirando incontáveis grandes punhados de argila uns nos outros, ocupando e derrubando o castelo de barro que eles haviam construído, transformando as fortificações em mísseis, até que o ar, o solo e a água estivessem total e absolutamente misturados, e todas as crianças estivessem exatamente iguais: cobertas de barro dos pés à

cabeça, nenhum deles se lembrava de um dia melhor em toda a sua vida.

Quando acabou, ela olhou para Will, exausta. Então teve um choque. Além dos fantasmas, silenciosos e por toda parte, e de seus companheiros, próximos e vivos, também havia uma outra platéia, porque os galhos da árvore estavam repletos daquelas formas escuras de pássaros, seus rostos de mulher olhando fixamente para ela, solenes e fascinados. Lyra se levantou, assustada, de repente, mas elas não se moveram.

- Você - disse, desesperada - você me atacou antes, quando tentei lhe contar uma coisa. O que está impedindo você agora? Vamos, venha e me despedace com suas garras, e faça de mim um fantasma!

- Esta é a última coisa que faremos - disse a harpia no centro, que era a própria Sem-Nome. - Escute-me. Milhares de anos atrás, quando os primeiros fantasmas vieram para cá, a Autoridade nos concedeu o poder de ver o pior em todo mundo, e nos alimentamos do pior desde então, até nosso sangue estar rançoso e fedido disso e nossos corações enojados. Mas, mesmo assim, era só o que tínhamos para nos alimentar. Era tudo o que tínhamos. E agora descobrimos que vocês estão planejando abrir um caminho para o mundo da superfície e conduzir todos os fantasmas para fora, para o ar... E sua voz áspera foi abafada por um milhão de sussurros, à medida que todos os fantasmas que podiam ouvir gritavam de alegria e esperança, mas todas as harpias gritaram e bateram as asas até que os fantasmas se calaram de novo.

- Sim - gritou Sem-Nome - querem levá-los para fora! O que nós faremos agora? Vou lhe contar o que vamos fazer: de agora em diante, não vamos mais controlar nenhum de nossos impulsos. Vamos ferir e profanar, rasgar e despedaçar todo fantasma que entrar e os deixaremos loucos de medo, de remorso e de ódio por si próprios. Isto aqui agora é um deserto, nós o tornaremos um inferno!

Todas as harpias sem exceção berraram e escarneceram e muitas delas levantaram vôo da árvore seguindo direto para cima dos fantasmas, fazendo com que se dispersassem apavorados. Lyra agarrou-se ao braço de Will e disse:

- Eles revelaram nosso plano e agora não vamos mais poder fazer o que tínhamos planejado, eles vão nos odiar, vão pensar que os traímos! Tornamos as coisas piores, não melhores!

- Fique calada - disse Tialys. - Não se desespere. Chame-os de volta e faça com que nos ouçam.

De modo que Will gritou:

- Voltem aqui! Voltem aqui, todos vocês! Voltem e ouçam! Uma a uma as harpias, com os rostos ávidos e famintos, tingido, pelo desejo de sofrimento, se viraram e voaram de volta para a árvore e os fantasmas também se aproximaram. O cavaleiro deixou sua libélula aos cuidados de Salmakia e sua silhueta pequenina e tensa, vestida de verde e de cabelos escuros, saltou sobre um pedregulho onde todos poderiam vê-lo.

- Harpias - disse ele - podemos lhes oferecer algo melhor que isso. Respondam às minhas perguntas com sinceridade e ouçam o que vou dizer, depois tomem a decisão. Quando Lyra falou com vocês do lado de fora do paredão, vocês a atacaram. Por que fizeram aquilo?

- Mentiras! - gritaram todas as harpias. - Mentiras e fantasias!

- Contudo, quando ela falou ainda há pouco, vocês ouviram, todas vocês, e ficaram quietas e em silêncio. Mais uma vez, por que foi isso?

- Porque era verdade - disse Sem-Nome. - Porque ela falou a verdade. Porque ouvir a verdade nos nutriu. Porque estava nos alimentando. Porque não pudemos nos impedir de fazer isso. Porque era verdade. Porque não tínhamos nenhuma idéia de que

pudesse haver alguma coisa que não fosse maldade. Porque ouvir nos trouxe notícias do mundo e do sol, do vento e da chuva. Porque era verdade.

- Então - propôs Tialys - vamos fazer um acordo. Em vez de verem somente a maldade, a crueldade e a cobiça dos fantasmas que vêm aqui para baixo, de agora em diante vocês terão o direito de pedir a cada fantasma que lhes conte a história de sua vida e eles terão que contar a verdade sobre o que viram e tocaram, ouviram, amaram e conheceram no mundo. Cada um desses fantasmas tem uma história, cada um deles que descer no futuro terá coisas verdadeiras para contar a vocês sobre o mundo. E vocês terão o direito de ouvi-los e eles terão que contar.

Lyra ficou maravilhada com a coragem do pequenino espião. Como ousava falar com aquelas criaturas como se tivesse poderes para dar-lhes direitos? Qualquer uma delas poderia tê-lo abocanhado num segundo, despedaçado com suas garras ou carregado para o alto e depois deixado que despencasse no chão de maneira que se arrebentasse em pedaços. E, no entanto lá estava ele, orgulhoso e destemido, fazendo um acordo com elas! E

elas ouviram e conferenciaram, os rostos se virando uns para os outros, as vozes baixas.

Todos os fantasmas ficaram observando, temerosos e calados. Então Sem-Nome virou-se de volta.

- Isso não é suficiente - disse ela. - Queremos mais que isso. Tínhamos uma tarefa de acordo com a antiga dispensação. Cumpríamos diligentemente a vontade e as ordens da Autoridade e, por causa disso, éramos honradas. Odiadas e temidas, mas também respeitadas e honradas. O que acontecerá

com nossa honra agora? Por que os fantasmas haveriam de nos dar atenção, se simplesmente pudessem sair e voltar para o mundo? Temos nosso orgulho, e não se deve prescindir disso. Precisamos

de um lugar honroso! Precisamos ter um dever e uma tarefa a cumprir, isso nos trará o respeito que merecemos!

Elas se agitaram nos galhos, resmungando e levantando as asas. Mas um instante depois Salmakia saltou para ir se juntar ao cavaleiro e gritou para elas:

- Vocês têm toda a razão. Todo mundo deve ter uma tarefa a fazer que seja importante, uma tarefa que lhes traga honra, que possam desempenhar com orgulho. De modo que esta é a tarefa, e é uma tarefa que só vocês podem desempenhar, porque são as guardiãs e as protetoras deste lugar. A tarefa de vocês será guiar os fantasmas do local de desembarque, na margem do lago, durante todo o caminho pela terra dos mortos, até a nova abertura para o mundo. Em troca, eles lhes contarão suas histórias como pagamento justo e certo por essa orientação. Assim lhes parece correto?

Sem-Nome olhou para suas irmãs e elas assentiram. Então disse:

- E teremos o direito de recusar guiá-los se mentirem ou se esconderem alguma coisa, ou se não tiverem nada para nos contar. Se viveram no mundo, eles deveriam ver e tocar, ouvir, amar e aprender coisas. Faremos uma exceção no caso de crianças muito pequenas que não tiveram tempo de aprender coisa nenhuma, mas caso contrário, se descerem até aqui sem trazer nada, nós não os levaremos até a saída.

- Isto é justo - declarou Salmakia e os outros viajantes concordaram. E assim fizeram um acordo. E em troca da história de Lyra, que já tinham ouvido, as harpias se ofereceram para levar os viajantes e sua faca até uma parte da terra dos mortos onde o mundo superior estava próximo. Ficava a uma grande distância, passando por túneis e cavernas, mas elas os guiariam fielmente e todos os fantasmas poderiam segui-los.

Mas antes que pudessem começar, uma voz gritou, tão alto quanto um sussurro pode gritar. Era o fantasma de um homem magro com uma voz passional, raivosa, e ele gritou:

- O que vai acontecer? Quando deixarmos o mundo dos mortos, vamos viver de novo? Ou vamos desaparecer como nossos *daemons*! Irmãos e irmãs, não devemos seguir esta criança a lugar nenhum enquanto não soubermos o que vai acontecer conosco!

Os outros repetiram a pergunta:

- Sim, diga-nos para onde vamos. Diga-nos o que esperar! Não iremos enquanto não soubermos o que vai acontecer conosco!

Lyra virou-se para Will em desespero, mas ele disse:

- Diga a verdade. Pergunte ao aletômetro e conte a eles o que o aletômetro responder.

- Está bem.

Ela tirou o instrumento dourado da bolsa. A resposta veio imediatamente. Lyra guardou o aletômetro e se levantou.

- Isto é o que vai acontecer - declarou - e é verdade, absolutamente verdade. Quando saírem daqui, todas as partículas que os constituem se desprenderão e flutuarão se dispersando, exatamente como aconteceu com seus *daemons*. Se já viram pessoas morrerem, sabem como é. Mas seus *daemons* não são simplesmente nada agora, eles fazem parte de tudo. Todos os átomos que eles eram fazem parte do ar e do vento, das árvores, da terra e de todas as coisas vivas. Eles nunca desaparecerão. Apenas fazem parte de tudo. E é exatamente o que vai acontecer com vocês, juro, dou a vocês minha palavra de honra. Vocês vão se dispersar, é verdade, mas estarão lá fora ao ar livre, novamente fazendo parte de tudo que está vivo.

Ninguém falou. Aqueles que tinham visto como os *daemons* se dissolviam estavam recordando isso e aqueles que não tinham estavam imaginando, e ninguém falou até que uma jovem mulher se adiantou. Ela havia morrido como mártir séculos antes. Olhou para todos em volta e disse:

- Quando estávamos vivos, disseram-nos que quando morrêssemos iríamos para o céu. E disseram que o céu era um lugar de alegria e glória, e que passaríamos a eternidade em companhia dos santos e dos anjos louvando o Todo-poderoso, em estado de êxtase. Isso é o que nos diziam. E foi o que levou alguns de nós a dar nossas vidas, e outros a passar anos orando em isolamento e solidão, enquanto toda a alegria de viver ia se perdendo, abandonada ao nosso redor, sem que jamais nos déssemos conta. Porque a terra dos mortos não é um lugar de recompensa nem um lugar de punição. E

um lugar de nada. Os bons vêm para cá da mesma forma que os maus, e todos nós definhamos aqui nessa escuridão para sempre, sem nenhuma esperança de libertação ou de alegria, de sono, de descanso ou de paz.

"Mas agora esta criança veio nos oferecer uma saída e eu vou segui-la. Mesmo que isso signifique o apagamento total, amigos, eu o receberei de braços abertos, porque não será nada, estaremos vivos de novo em mil folhas de relva, e em um milhão de folhas, estaremos caindo nas gotas de chuva e soprando na brisa fresca, estaremos brilhando no orvalho sob a luz das estrelas e da lua, lá fora no mundo físico que é nosso verdadeiro lar e sempre foi. De maneira que recomendo e insisto: venham com a criança para sairmos para o céu!"

Mas seu fantasma foi empurrado, afastado com violência pelo fantasma de um homem que parecia um monge: magro e pálido, mesmo depois de morto, com olhos escuros ardentes. Ele se persignou e murmurou uma prece, depois disse:

- Esta é uma mensagem amarga, uma brincadeira triste e cruel. Será que não enxergam a verdade? Esta menina não é uma criança. E uma agente do próprio Satanás! O mundo em que vivíamos era um vale de depravação e de lágrimas. Nada ali podia nos satisfazer. Mas o Todo - poderoso nos concedeu este lugar abençoado por toda a eternidade, este paraíso, que para as almas caídas parece desolado e árido, mas que os olhos da fé vêem tal

como é, transbordante de leite e mel e ressoando com os doces hinos dos anjos. Isto é

o céu, verdadeiramente! O que esta menina má promete nada mais é que mentira. Ela quer conduzi-los para o Inferno! Sigam-na e estarão se expondo por vontade própria a um grande perigo. Meus companheiros e eu, aqueles de fé verdadeira, permaneceremos aqui em nosso paraíso abençoado e passaremos a eternidade cantando louvores ao Todo-poderoso, que nos concedeu juízo para distinguir a mentira da verdade.

Mais uma vez se persignou e então ele e seus companheiros se afastaram tomados pelo horror e pela repugnância.

Lyra sentia-se confusa. Será que estava enganada? Estaria cometendo algum grande erro? Ela olhou em volta: escuridão e desolação por toda parte. Mas já havia sido enganada antes pela aparência das coisas, confiando na Sra. Coulter, por causa de seu belo sorriso e seu encanto de perfume sedutor. Era tão fácil se enganar com as coisas, e sem seu *daemon* para orientá-la, talvez também estivesse enganada a respeito da presente situação.

Mas Will estava sacudindo seu braço. Depois tomou o rosto dela nas mãos e o segurou de modo bruto.

- Você sabe que isso não é verdade - declarou - exatamente como é

capaz de sentir isso. Não dê atenção ao que ele disse! Eles todos também sabem que ele está mentindo, E estão contando conosco. Vamos, vamos tratar de ir embora.

Ela assentiu. Tinha que confiar em seu corpo e na verdade do que seus sentidos lhe diziam, sabia que Pan teria confiado.

E assim eles se puseram em marcha, e os milhões de fantasmas começaram a segui-los. Atrás deles, muito distante para que as crianças pudessem ver, outros habitantes do mundo dos mortos tinham ouvido o que estava acontecendo e estavam vindo se juntar

à grande marcha. Tialys e Salmakia voaram até lá atrás para olhar, e ficaram radiantes ao ver fantasmas de seu próprio povo acompanhando, e de todos os outros tipos de seres conscientes que algum dia haviam sido punidos pela Autoridade com o exílio e a morte. Entre eles havia seres que não pareciam absolutamente humanos, seres como os mulefas, que Mary Malone teria reconhecido, e também fantasmas ainda mais estranhos.

Mas Will e Lyra não tinham forças para olhar para trás, tudo o que conseguiam fazer era seguir adiante atrás das harpias e ter esperança.

- Estamos quase chegando, Will? - sussurrou Lyra. - Isso está quase acabando?

Ele não sabia dizer. Mas estavam tão fracos e doentes que respondeu:

- Sim, está quase acabando, estamos quase chegando. Logo estaremos fora daqui.

A SRA. COULTER EM GENEBRA

Qual a mãe, tal é sua filha.

Ezequiel 10,14

A Sra. Coulter esperou até anoitecer antes de se aproximar da Faculdade St. Jerome. Depois que escureceu, ela manobrou a nave da intenção descendo através das nuvens e seguiu lentamente pela margem do lago mantendo-se na altura das copas das árvores.

O prédio da Faculdade era uma construção que se destacava entre os outros prédios antigos de Genebra, e logo ela encontrou o pináculo, a escuridão vazada dos claustros, a torre quadrada onde ficavam os alojamentos do Presidente do Tribunal Consistorial de Disciplina. Tinha visitado a Faculdade três vezes antes, sabia que as reentrâncias e os espigões das chaminés no telhado ofereciam uma

variedade de esconderijos, mesmo para algo tão grande quanto a nave da intenção.

Voando lentamente sobre as telhas que cintilavam, molhadas pela chuva recente, ela entrou devagar com a nave num pequeno vão.

Entre um telhado de inclinação muito acentuada e o paredão vertical da torre. O lugar só era visível do campanário da Capela da Santa Penitência, nas vizinhanças, serviria perfeitamente.

Ela pousou a nave delicadamente, deixando seus seis pés e pernas encontrarem seus pontos de apoio e se ajustarem de modo a deixar a cabine horizontal. Estava começando a amar aquela máquina: respondia a seus comandos com a mesma rapidez com que ela conseguia pensar e era tão silenciosa, podia pairar sobre a cabeça de alguém, perto o bastante para ser tocada, sem que a pessoa jamais soubesse que estava lá. Ao longo do dia depois que a roubara, a Sra. Coulter tinha aprendido tudo sobre os controles, mas ainda não tinha idéia de qual era o combustível que a movia, e isso era a única coisa a respeito de que se preocupava: não tinha nenhum meio de saber quando o combustível ou as baterias acabariam.

Depois de se assegurar que a nave estava bem firme e que o teto era sólido o bastante para sustentá-la, tirou o capacete e desembarcou. Seu *daemon* já estava puxando com força uma das pesadas telhas antigas, para soltá-la. Ela foi ajudá-lo e logo tinham soltado e tirado meia dúzia delas, abrindo um espaço, depois ela quebrou e arrancou as ripas nas quais tinham estado fixadas, fazendo um buraco grande o suficiente para permitir sua passagem através dele.

- Entre e examine o terreno - sussurrou ela, e o *daemon* saltou pelo buraco para a escuridão.

Ela podia ouvir o ruído de suas garras enquanto se movia cuidadosamente sobre o assoalho do sótão e depois a face negra franjada de dourado apareceu na abertura. Ela compreendeu

imediatamente e o seguiu, entrando e esperando até que seus olhos se habituassem ao escuro. Na semiobscuridade, gradualmente viu um sótão comprido, onde sombras escuras de armários, mesas, estantes e peças de mobília de todo tipo tinham sido guardadas.

A primeira coisa que fez foi empurrar um armário alto para cobrir o buraco aberto no lugar onde as telhas haviam estado. Então foi andando nas pontas dos pés até a porta na parede na extremidade oposta do sótão e girou a maçaneta. Estava trancada, é claro, mas ela tinha um grampo e a tranca era simples. Três minutos depois, ela e seu *daemon* estavam no fundo de um longo corredor, onde uma clarabóia empoeirada lhes permitia ver uma escada estreita que descia na outra ponta.

E cinco minutos depois disso, tinham aberto uma janela na despensa, ao lado da cozinha, dois andares abaixo, e saltado para o beco. Os portões da Faculdade e a guarita ficavam logo adiante, dobrando a esquina, e, como ela disse ao macaco dourado, era importante chegar da maneira ortodoxa, qualquer que fosse a maneira como eles pretendessem ir embora.

- Tire as mãos de cima de mim - disse ela calmamente ao guarda - e mostre alguma cortesia, ou mandarei esfolar você. Diga ao Presidente que a Sra. Coulter chegou e que deseja vê-lo imediatamente.

O homem recuou e seu *daemon*, uma cadelinha pinscher que estivera arreganhando os dentes para o bem-comportado macaco dourado, imediatamente se encolheu e enfiou tanto quanto pôde o toco de rabo entre as pernas.

O guarda girou a manivela de um telefone e, menos de um minuto depois, um jovem padre de rosto simpático entrou correndo na guarita, esfregando as palmas das mãos na batina, caso ela quisesse dar-lhe um aperto de mão. Ela não quis.

- Quem é você? - perguntou.

- Frade Louis - respondeu o homem, acalmando seu *daemon* coelha. Convocador do Secretariado do Tribunal Consistorial. Por favor, faria a gentileza de...

- Não vim aqui para parlamentar com um secretário - declarou ela. Leve-me ao Padre MacPhail. E faça isso já. O homem inclinou-se numa mesura de submissão e levou-a consigo. Ao vê-la pelas costas, o guarda deixou escapar um suspiro de alívio. Depois de tentar puxar conversa duas ou três vezes, Frade Louis desistiu e conduziu-a em silêncio até os aposentos do Presidente, na torre. O Padre MacPhail estava fazendo suas orações, e a mão do pobre Frade Louis tremia violentamente quando bateu à porta. Eles ouviram um suspiro e um gemido, depois passadas pesadas cruzaram o assoalho.

Os olhos do Presidente se arregalaram quando viu quem era e ele deu um sorriso feroz.

- Sra. Coulter - disse, oferecendo a mão. - Estou muito contente por vêla. Meu gabinete é frio e nossa hospitalidade humilde, mas entre, entre.

- Boa noite - disse ela, seguindo-o para o interior do aposento, frio e desolado, de paredes de pedra, permitindo que ele se desmanchasse em atenções e lhe oferecesse uma cadeira. - Obrigada - disse ela para o Frade Louis, que permanecia no aposento - gostaria de um copo de chocolate. Nada havia sido oferecido e ela sabia que era um insulto tratá-lo como se fosse um criado, mas a atitude dele era tão subserviente que merecia isso. O Presidente assentiu e Frade Louis teve que se retirar para atender ao pedido, muito a contragosto.

- Sabe, é claro, que está presa - declarou o Presidente, sentando na outra cadeira e acendendo uma luminária de mesa.

- Ah, mas por que estragar nossa conversa antes mesmo de termos começado? - perguntou a Sra. Coulter. - Vim para cá voluntariamente, assim que consegui fugir da fortaleza de Lorde

Asriel. O fato é, Presidente, que tenho uma enorme quantidade de informações sobre as forças dele e sobre a criança, e vim até aqui para dá-las ao senhor.

- A criança, então. Comece pela criança.

- Minha filha agora está com 12 anos. Muito brevemente ela se aproximará do vértice da curva da adolescência e então será tarde demais para que qualquer um de nós possa impedir a catástrofe, a natureza e a oportunidade se unirão como centelha em madeira seca. Graças à sua intervenção, isso agora é muito mais provável. Espero que esteja satisfeito.

- Era seu dever trazê-la para cá, para ficar sob nossos cuidados. Em vez disso, preferiu fugir e esconder-se numa caverna na montanha... embora como uma mulher de sua inteligência pudesse ter a esperança de se manter escondida seja um mistério para mim.

- Provavelmente há muita coisa que seja um mistério para o senhor, Senhor Lorde Presidente, a começar pelas relações entre uma mãe e sua filha. Se pensou por um instante que eu entregaria minha filha aos cuidados... cuidados!... de uma corporação de homens com uma obsessão fervorosa pela sexualidade, homens de unhas sujas, fedendo a suor azedo, homens cujas imaginações furtivas se arrastariam sobre o corpo dela como baratas, se pensou que eu exporia minha filha a isso, Lorde Presidente, o senhor é mais estúpido do que pensa que eu sou.

Bateram à porta antes que ele pudesse responder, e o Frade Louis entrou com dois copos de chocolate numa bandeja de madeira. Ele colocou a bandeja sobre a mesa com uma reverência nervosa, sorrindo para o Presidente, na esperança de ser convidado a ficar, mas o Padre MacPhail balançou a cabeça em direção à porta e o rapaz se retirou relutantemente.

- Então o que pretendia fazer? - perguntou o Presidente.

- Eu ia mantê-la em segurança até que o perigo tivesse passado.

- E que perigo seria esse? - perguntou ele, passando-lhe um copo.

- Ah, acho que o senhor sabe de que estou falando. Em algum lugar há

uma tentadora, uma serpente, por assim dizer, e eu tinha que impedir que elas se encontrassem.

- Há um menino com ela.

- Sim. E se não tivesse interferido, ambos estariam sob meu controle. Nas atuais circunstâncias, eles poderiam estar em qualquer lugar. Pelo menos não estão com Lorde Asriel.

- Não tenho dúvida de que Lorde Asriel esteja procurando por eles. O

garoto tem uma faca de um poder extraordinário. Só por isso valeria a pena persegui-los.

- Tenho conhecimento disso - disse a Sra. Coulter. - Eu consegui quebrar a faca e ele conseguiu consertá-la. - Ela estava sorrindo. Seria possível que ela aprovasse aquele menino desgraçado?

- Nós sabemos - ele retrucou secamente.

- Ora, ora - comentou ela. - Frei Pavel deve estar sendo mais rápido. Quando o conheci, ele teria levado no mínimo um mês para ler isso. Ela bebericou o chocolate, que estava ralo e fraco, como era típico daqueles padres enfadonhos, pensou, impor sua abstinência hipócrita também aos visitantes.

- Fale-me de Lorde Asriel - disse o Presidente. - Conte-me tudo. A Sra. Coulter se recostou confortavelmente na cadeira e começou a contar a ele não tudo, mas ele jamais acreditou, nem por um segundo que contaria tudo. A Sra. Coulter falou sobre a fortaleza, sobre os aliados, sobre os anjos, sobre as minas e sobre as fábricas de fundição.

O Padre MacPhail permaneceu sentado sem mover um músculo, seu *daemon* lagarto absorvendo e recordando cada palavra.

- E como conseguiu chegar aqui? - perguntou.

- Roubei um giróptero. Fiquei sem combustível e tive que abandoná-lo no campo, não muito longe daqui. O resto do caminho fiz a pé.

- Lorde Asriel está efetivamente procurando a menina e o menino?

- É claro.

- Presumo que esteja atrás daquela faca. Sabe se tem um nome? Os avantesmas-do-penhasco do norte a chamam de destruidora-de-deus prosseguiu ele, indo até a janela e olhando para baixo, para os claustros. - É

isso que Asriel está pretendendo fazer, não é? Destruir a Autoridade? Há

algumas pessoas que afirmam que Deus já está morto. Presumivelmente Asriel é uma dessas, se tem a ambição de matá-lo.

- Bem, onde está Deus - perguntou a Sra. Coulter - se está vivo? E por que ele não fala mais? No princípio do mundo, Deus andava no jardim e falava com Adão e Eva. Então começou a se retirar, e somente Moisés ouvia sua voz. Mais tarde, na época de Daniel, estava idoso, e era o Deus dos Antigos. Onde está ele agora? Ainda está vivo, com alguma idade inconcebível, decrépito e demente, incapaz de pensar ou de agir, e incapaz de morrer, uma imensidão apodrecida? E se esta for a condição em que se encontra, não seria a mais misericordiosa das coisas, a mais verdadeira prova de seu amor por Deus, ir procurá-lo e oferecer-lhe a dádiva da morte?

A Sra. Coulter sentia uma alegria libertadora e calma enquanto falava. Perguntou a si mesma se conseguiria escapar com vida, mas era inebriante falar daquela maneira com aquele homem.

- E o Pó? - perguntou ele. - Das profundezas de sua heresia, qual é sua visão do Pó?

- Não tenho nenhuma visão do Pó - respondeu ela. - Não sei o que é. Ninguém sabe.

- Compreendo. Muito bem, eu comecei recordando-a de que está presa. Creio que está na hora de encontrarmos um lugar para a senhora dormir. Vai ficar muito confortável, ninguém vai machucá-la, mas não vai fugir. E

conversaremos mais amanhã.

Ele tocou uma campainha e Frade Louis entrou quase que imediatamente.

- Leve a Sra. Coulter para o melhor quarto de hóspedes - ordenou o Presidente. - E deixe-a trancada nele.

O melhor quarto de hóspedes era velho, maltratado, e a mobília era ordinária, mas pelo menos estava limpo. Depois que a tranca girou às suas costas, a Sra. Coulter imediatamente olhou em volta

procurando o microfone e encontrou um na luminária requintada e outro debaixo do estrado da cama. Desligou os dois e então teve uma surpresa horrível.

Observando-a de cima do tampo de uma cômoda atrás da porta estava Lorde Roke.

Ela deu um grito e estendeu a mão para a parede para se equilibrar. O

galivespiano estava sentado de pernas cruzadas, inteiramente à vontade, e nem ela nem o macaco dourado o tinham visto. Depois que o bater disparado de seu coração se acalmou e sua respiração voltou ao normal, ela disse:

- E quando o senhor teria me feito a cortesia de me avisar que estava aqui, milorde? Antes que eu me despisse, ou depois?

- Antes - respondeu ele. - Diga a seu *daemon* para se acalmar, caso contrário o imobilizarei.

Os dentes do macaco dourado estavam arreganhados e todo o seu pêlo estava em pé. A maldade ardente de sua expressão era o bastante para fazer qualquer pessoa se acovardar, mas Lorde Roke apenas sorria. Suas esporas reluziam sob a luz fraca. O pequenino espião se levantou e se espreguiçou.

- Acabei de falar com meu agente na fortaleza de Lorde Asriel prosseguiu. - Lorde Asriel apresenta seus cumprimentos e pede que o avise assim que descobrir quais são as intenções dessa gente.

Ela sentia dificuldade para respirar, como se Lorde Asriel a tivesse golpeado violentamente numa luta. Seus olhos se arregalaram e ela sentou lentamente na cama.

- Veio para cá para me espionar ou para ajudar? - perguntou.

- As duas coisas, e é sorte sua que eu esteja aqui. Assim que chegou, eles puseram em funcionamento algum aparelho ambárico nos porões. Não sei o que é, mas há uma equipe de cientistas trabalhando nele agora, neste momento. Você parece tê-los deixado empolgados.

- Não sei se devo ficar lisonjeada ou preocupada. Para falar francamente, estou exausta e vou dormir. Se estiver aqui para ajudar, pode ficar de vigia. Poderia começar olhando para o outro lado.

Ele fez uma mesura e virou-se para a parede até ela acabar de se lavar na pia de louça lascada afixada à parede, se enxugar com a toalha fina e tirar a roupa e se deitar. Seu *daemon* revistou o quarto, examinando o armário, o arame atrás da moldura do quadro, as cortinas, a vista dos claustros que se via pela janela. Lorde Roke o observou a cada centímetro que se moveu. Finalmente o macaco dourado juntou-se à Sra. Coulter e eles adormeceram imediatamente.

Lorde Roke não havia contado a ela tudo o que tinha sabido através de Lorde Asriel. Os aliados tinham estado acompanhando o vôo de todos os tipos de seres no ar acima das fronteiras da república e tinham notado uma concentração do que poderia ter sido anjos, e poderia ter sido algo inteiramente diferente, a oeste. Haviam mandado patrulhas para investigar, mas até o momento não tinham descoberto nada: o que quer que fosse que estivesse concentrado lá, tinha se embrulhado numa neblina impenetrável. Contudo, o espião achou melhor não preocupar a Sra. Coulter com aquilo, ela estava exausta. Melhor deixá-la dormir, decidiu, e se movimentou silenciosamente pelo quarto, ouvindo através da porta, olhando pela janela, desperto e alerta.

Uma hora depois de ela ter vindo para o quarto, ele ouviu um ruído abafado do lado de fora da porta: um leve arranhar e um sussurro. No mesmo instante, uma luz fraca surgiu no vão da porta. Lorde Roke foi para o canto mais afastado e se posicionou atrás de uma

das pernas da cadeira em que a Sra. Coulter tinha posto suas roupas.

Passou-se um minuto e então a chave girou, muito silenciosamente, na fechadura. A porta se abriu dois centímetros e meio, não mais que isso, e então a luz se apagou.

Lorde Roke podia enxergar bastante bem na luz esmaecida que passava através das cortinas finas, mas o intruso estava precisando esperar até que seus olhos se adaptassem. Finalmente a porta se abriu mais, muito lentamente, e o jovem padre, Frade Louis, entrou.

Ele fez o sinal-da-cruz e foi andando, pé ante pé, até a cama. Lorde Roke preparou-se para saltar para o ataque, mas o padre apenas ficou ouvindo o som regular da respiração da Sra. Coulter, examinou-a atentamente para se certificar de que estava dormindo e então virou-se para a mesa-de-cabeceira. Ele cobriu a lâmpada da lanterna à bateria com a mão e a acendeu, deixando um pequeno raio de luz passar através dos dedos. Examinou a mesinha tão de perto que seu nariz quase tocou a superfície, mas o que quer fosse que estivesse procurando, não encontrou. A Sra. Coulter tinha posto algumas coisas ali antes de se deitar: um par de moedas, um anel, o relógio de pulso, mas Frade Louis não estava interessado naquilo.

Ele tornou a se virar para ela e então viu o que estava procurando, deixando escapar um leve sibilar por entre os dentes. Lorde Roke pôde constatar seu desapontamento: o objeto da busca era o medalhão pendurado no cordão de ouro no pescoço da Sra. Coulter.

Lorde Roke se moveu silenciosamente pelo rodapé em direção à porta. O padre tornou a se benzer, pois ia ter de tocar nela. Prendendo a respiração, inclinou-se sobre a cama - e o macaco dourado se mexeu. O rapaz ficou imóvel, com as mãos estendidas. Seu *daemon* coelha tremia a seus pés, absolutamente inútil: ela poderia pelo menos ter ficado de vigia para o pobre homem, pensou Lorde Roke. O macaco se virou, dormindo, e depois ficou quieto novamente.

Depois de um minuto, parado como uma estátua de cera, Frade Louis baixou as mãos trêmulas até o pescoço da Sra. Coulter. Manuseou desajeitadamente o cordão durante tanto tempo que Lorde Roke pensou que o dia fosse raiar antes que ele conseguisse abrir o fecho, mas finalmente conseguiu puxar o medalhão delicadamente e se levantou.

Lorde Roke, rápido e silencioso como um camundongo, tinha saído pela porta antes que o padre se virasse. Esperou no corredor escuro e quando o rapaz saiu pé ante pé e trancou a porta, o galivespiano começou a segui-lo. Frade Louis seguiu para a torre e, quando o Presidente abriu sua porta, Lorde Roke passou rapidamente e seguiu para o genuflexório no canto do aposento. Ali encontrou uma saliência coberta pelas sombras onde se agachou e ficou ouvindo.

O Padre MacPhail não estava sozinho: o aletometrista, Frei Pavel, estava trabalhando com seus livros e uma outra pessoa estava parada nervosamente junto à janela. Era o Dr. Cooper, o teólogo experimental de Bolvangar. Ambos levantaram o olhar.

- Bom trabalho, Frade Louis - disse o Presidente. - Traga-o aqui, sente-se, mostre-me, mostre-me. Excelente trabalho!

Frei Pavel afastou alguns de seus livros e o jovem padre colocou o cordão de ouro sobre a mesa. Os outros se inclinaram para olhar enquanto o Padre MacPhail desajeitadamente tentava abrir o fecho. O Dr. Cooper lhe ofereceu um canivete e então houve um estalido baixo.

- Ah! - suspirou o Presidente.

Lorde Roke subiu para o tampo da mesa de maneira a poder ver. Sob a luz do lampião de nafta havia um reflexo de brilho dourado-escuro: era uma mecha de cabelos, e o Presidente a estava torcendo entre os dedos, enrolando-a de um lado para o outro.

- Temos certeza de que é da menina? - perguntou.

- Eu tenho certeza - afirmou a voz cansada de Frei Pavel.

- E o que temos é o bastante, Dr. Cooper?

O homem de rosto pálido se inclinou todo sobre a mesa e tomou a mecha de cabelos dos dedos do Padre MacPhail. Então levantou-a junto à luz.

- Ah, é sim - respondeu. - Um único fio de cabelo seria o bastante. Isso aqui é muita coisa.

- Fico muito satisfeito em saber - disse o Padre MacPhail. - Agora, Frade Louis, deve colocar o medalhão de volta no pescoço da boa senhora. O padre se curvou ligeiramente, abatido: ele tinha esperado que sua tarefa estivesse concluída. O Presidente colocou o cacho de cabelos de Lyra num envelope e fechou o medalhão, levantando a cabeça e olhando em volta enquanto o fazia, e Lorde Roke teve que se esconder rapidamente.

- Senhor Presidente - disse Frade Louis - é claro que cumprirei suas ordens, mas posso saber para que precisa do cabelo da menina?

- Não, Frade Louis, porque isso o afligiria. Deixe essas questões por nossa conta. Trate de ir andando.

O rapaz pegou o medalhão e se foi, reprimindo seu ressentimento. Lorde Roke pensou em voltar com ele e em acordar a Sra. Coulter, exatamente quando ele estivesse tentando colocar de volta o cordão, de modo a ver o que ela faria, mas era mais importante descobrir o que aquelas pessoas estavam planejando.

Quando a porta fechou, o galivespiano voltou para seu canto nas sombras e ficou ouvindo.

- Como sabia que ela possuía isso? - perguntou o cientista.

- Toda vez que mencionava a menina - explicou o Presidente - sua mão tocava o medalhão. Muito bem, dentro de quanto tempo poderá

estar pronto?

- É uma questão de horas - respondeu o Dr. Cooper.

- E o cabelo? O que vai fazer com ele?

- Vamos colocar o cabelo na câmara ressonante. O senhor compreende, cada indivíduo é singular, e a organização de partículas genéticas absolutamente distinta... Bem, assim que a análise for completada, as informações serão codificadas em uma série de pulsos ambáricos e transferidas para o dispositivo que faz a pontaria. Ele localiza a origem do material, do cabelo, onde quer que ela esteja. É um processo que na verdade utiliza a heresia de Barnard-Stokes, o conceito de múltiplos mundos...

- Não se preocupe, Doutor. Frei Pavel já me disse que a menina está em um outro mundo. Por favor, prossiga. A potência da bomba é direcionada através do cabelo?

- É. Para cada um dos fios de cabelo dos quais estes foram cortados. É

exatamente isso.

- Então, quando for detonada, a menina será destruída, não importa onde esteja?

O cientista respirou fundo, pesadamente, e então, com relutância, disse:

- Sim. - Ele engoliu em seco e prosseguiu: - A potência de energia necessária é enorme. A energia ambárica. Exatamente como uma bomba atômica precisa de uma potência altamente explosiva para iniciar a fissão do urânio e fazer com que desenvolva-se a reação em cadeia, este artefato precisa de uma corrente colossal para liberar a energia muito maior do processo seccional. Estava me perguntando...

- E não importa de onde seja detonada, certo?

- Não. A idéia é exatamente essa. Qualquer lugar serve.

- E está totalmente pronta?

- Agora que temos o cabelo, está. Mas a quantidade de energia, compreende...

- Eu já cuidei disso. A usina geradora hidroambárica em Saint-Jean-LesEaux foi requisitada para nosso uso exclusivo. Lá se produz energia suficiente, não acha?

- Sim - respondeu o cientista.

Então partiremos imediatamente. Por favor, vá preparar o equipamento, Dr. Cooper. Tome as providências para que esteja pronto para ser transportado o mais rápido possível. O tempo muda muito rapidamente na montanha e há uma tempestade se aproximando.

O cientista pegou o envelope contendo os cabelos de Lyra e nervosamente fez uma mesura ao se retirar. Lorde Roke saiu com ele, sem fazer ruído, como uma sombra.

Tão logo estavam fora do alcance dos ouvidos do gabinete do Presidente, o galivespiano partiu para o ataque. O Dr. Cooper, abaixo dele, na escada, sentiu uma pontada de dor penetrante no ombro e estendeu a mão para segurar o corrimão, mas seu braço estava estranhamente fraco e ele escorregou e desceu rolando todo o lance seguinte de escada, indo parar semi consciente na base da escada.

Com alguma dificuldade, Lorde Roke arrancou o envelope da mão do homem que se crispava em espasmos, pois tinha a metade de seu tamanho, e seguiu pelas sombras em direção ao quarto onde a Sra. Coulter dormia. A fenda entre a porta e o chão era larga o bastante para que ele se arrastasse para dentro do quarto. Frade

Louis tinha vindo e ido embora, mas não havia ousado tentar colocar o cordão em volta do pescoço da Sra. Coulter: estava a seu lado sobre o travesseiro.

Lorde Roke apertou a mão dela para acordá-la. Embora estivesse profundamente exausta, ela concentrou a atenção nele imediatamente, e sentou na cama, esfregando os olhos.

Ele explicou o que havia acontecido e deu-lhe o envelope.

- Deve destruí-lo imediatamente - disse-lhe - um único fio seria suficiente, foi o que o homem disse.

Ela olhou para o pequeno cacho de cabelos louro-escuros e sacudiu a cabeça.

- É tarde demais para isso - declarou. - Isto é apenas a metade da mecha que cortei do cabelo de Lyra. Ele deve ter guardado uma parte. Lorde Roke chiou de raiva.

- Foi quando ele olhou em volta! - exclamou. - Droga! Tive que me mexer depressa para sair do campo de visão dele... deve ter sido quando ele guardou a outra parte...

- E não há maneira de saber onde pode ter guardado - disse a Sra. Coulter. - Apesar disso, se conseguirmos encontrar a bomba...

- Psiu!

Era o macaco dourado pedindo silêncio. Estava agachado junto à porta, ouvindo, e então eles também ouviram: passadas pesadas, vindo apressadas em direção ao quarto.

A Sra. Coulter empurrou o envelope e a mecha de cabelo para Lorde Roke, que os pegou e saltou para o alto do armário. Então ela se deitou ao lado de seu *daemon* enquanto a chave girava ruidosamente na fechadura.

- Onde está? O que você fez com o cabelo? Como atacou o Dr. Cooper? perguntou a voz áspera do Presidente, enquanto a luz iluminava a cama. A Sra. Coulter levantou um braço para cobrir os olhos e fez um esforço para sentar na cama.

- O senhor realmente gosta de divertir seus hóspedes - comentou ela com a voz sonolenta. - Esse jogo é uma nova invenção? O que tenho que fazer? E

quem é o Dr. Cooper?

O guarda da guarita entrou com o Padre MacPhail e vasculhou os cantos do quarto e debaixo da cama com uma lanterna. O Presidente ficou ligeiramente desconcertado: os olhos da Sra. Coulter estavam pesados de sono e ela mal podia enxergar ofuscada pelo clarão da luz do corredor. Era evidente que não tinha saído da cama.

- Você tem um cúmplice - acusou ele. - Alguém atacou um convidado da faculdade. Quem é seu cúmplice? Quem veio com você? Onde está ele?

- Não tenho a menor idéia a respeito do que o senhor está falando. E o que é isso... ?

A mão dela, que tinha apoiado na cama para se levantar, havia encontrado o medalhão no travesseiro. Ela parou, pegou o medalhão, olhou para o Presidente com os olhos sonolentos arregalados e Lorde Roke assistiu a um soberbo desempenho de atriz, quando disse, com a voz carregada de perplexidade:

- Mas isso é o meu... o que está fazendo aqui? Padre MacPhail, quem esteve aqui em meu quarto? Alguém tirou isso de meu pescoço. E... onde está

o cabelo de Lyra. Havia uma mecha de cabelo de minha filha aqui dentro. Quem tirou? Por quê? O que está acontecendo?

E agora ela estava ficando de pé, os cabelos desalinhados, a voz cheia de paixão - visivelmente tão confusa quanto o próprio Presidente. O Padre MacPhail deu um passo para trás e pôs a mão na cabeça.

- Alguma outra pessoa deve ter vindo com você. Tem que ter um cúmplice

- insistiu ele, a voz estridente raspando o ar como uma lixa. - Onde está

escondido?

- Não tenho nenhum cúmplice - retrucou ela furiosa. - Se há algum assassino invisível aqui neste lugar, só posso imaginar que seja o Diabo em pessoa. Imagino que ele deva se sentir muito à vontade.

O Padre MacPhail ordenou ao guarda:

- Leve-a para os porões. Trate de acorrentá-la. Sei exatamente o que podemos fazer com esta mulher, deveria ter pensado nisso assim que ela apareceu.

Ela olhou em volta agitadamente e, por uma fração de segundo, seus olhos encontraram os olhos de Lorde Roke, reluzindo na escuridão perto do teto. Ele compreendeu a expressão dela imediatamente e entendeu exatamente o que queria que fizesse.

SAINT-JEAN-LES-EAUX

Um bracelete de cabelos luminosos ao redor do osso.

John Donne

As cataratas de Saint-Jean-les-Eaux despencavam entre os picos de rocha na extremidade leste de um contraforte dos Alpes e a usina geradora ficava abraçada à encosta da montanha bem acima. Era uma região selvagem, uma região desolada, hostil e maltratada, e ninguém teria construído coisa nenhuma ali, não fosse pela

promessa de alimentar os imensos geradores ambáricos com a energia das milhares de toneladas de água que rugiam descendo pelo despenhadeiro.

Era a noite seguinte à prisão da Sra. Coulter e o tempo estava tempestuoso. Junto ao paredão vertical de pedra da usina geradora, um zepelim reduziu a velocidade até ficar semi-estacionário sob as rajadas violentas de vento. Os holofotes de busca abaixo do aeróstato faziam com que parecesse estar de pé sobre várias pernas de luz e gradualmente se abaixando, para se deitar.

Mas o piloto não estava nada satisfeito, o vento era varrido em contracorrentes e rajadas cruzadas pelas arestas da montanha. Além disso, os cabos, as torres, os transformadores estavam todos próximos demais: ser lançado para o meio deles, com um zepelim cheio de gás inflamável, seria instantaneamente fatal. O granizo martelava obliquamente a grande carcaça rígida do dirigível, fazendo um barulho que quase abafava o estrépito e o rugido do esforço dos motores, e obscurecia a visão do solo.

- Aqui não - gritou o piloto, acima do ruído. - Teremos que contornar o contraforte.

O Padre MacPhail observou furioso enquanto o piloto empurrava o acelerador para frente e corrigia o ângulo de vôo dos motores. O zepelim subiu com um solavanco e passou sobre a borda da montanha. Aquelas pernas de luz se encompridaram de repente, e pareceram tentar tatear o caminho descendo pelo cume, as extremidades inferiores perdidas no redemoinho de granizo e chuva.

- Não pode chegar mais perto da usina que isso? - perguntou o Presidente, inclinando-se para frente para que sua voz chegasse até o piloto.

- Não se o senhor quiser aterrissar - respondeu o piloto.

- Sim, queremos aterrissar. Então está bem, vamos pousar abaixo do cume.

O piloto deu ordens à tripulação para se preparar para atracar. Como o equipamento que eles iam descarregar era não só pesado como delicado, era importante que o aeróstato estivesse com as amarras bem firmes. O

Presidente tornou a se recostar, tamborilando os dedos no braço do assento, mordendo o lábio, mas sem dizer nada e deixando que o piloto trabalhasse sem ser incomodado.

De seu esconderijo nas anteparas transversais no fundo da cabine, Lorde Roke observava tudo. Várias vezes durante o vôo, seu vulto pequenino indistinto passou por trás da malha de metal, claramente visível para qualquer um, se tivessem virado a cabeça, mas de maneira a ouvir o que estava acontecendo, ele tinha que ir e se posicionar em um lugar onde poderia ser visto. O risco era inevitável.

Ele chegou mais perto, ouvindo com dificuldade através do rugido dos motores, do ribombar do granizo misturado com a chuva, do uivar estridente do vento nos cabos e do bater de pés calçando botas nos passadiços de metal. O

engenheiro de vôo gritou algumas coordenadas para o piloto, que as confirmou, e Lorde Roke voltou a se esconder nas sombras, segurando-se firme nas escoras e barras de metal enquanto o zepelim mergulhava e se inclinava sacudido pela turbulência.

Finalmente, percebendo pelo movimento que o dirigível estava quase ancorado, foi caminhando de volta pelo revestimento da cabine até o local onde ficavam os assentos, a estibordo.

Ali havia homens passando em ambas as direções: tripulantes, técnicos, padres. Muitos de seu *daemons* também eram cachorros, cheios de curiosidade. Do outro lado do corredor, a Sra. Coulter estava sentada, desperta e em silêncio, seu *daemon* dourado observando tudo de seu colo e destilando maldade.

Lorde Roke esperou uma oportunidade e então saltou atravessando o corredor como um dardo para o assento da Sra. Coulter e um instante depois estava lá em cima escondido pela sombra de seu ombro.

- O que eles estão fazendo? - murmurou ela.

- Aterrissando. Estamos perto da usina geradora.

- Você vai ficar comigo ou trabalhar sozinho? - sussurrou.

- Vou ficar com você. Terei que me esconder debaixo de seu casaco. Ela estava usando um sobretudo pesado de pele de carneiro, desconfortavelmente quente na cabine aquecida, mas com as mãos algemadas, não podia tirá-lo.

- Vamos, venha agora - disse ela, olhando ao redor, e ele saltou para dentro do casaco na altura do peito, encontrando um bolso forrado de pele onde podia ficar sentado em segurança. O macaco dourado solicitamente ajeitou o laço de seda da gola da Sra. Coulter, cobrindo-o com o casaco, aos olhos de todo mundo parecendo um exigente costureiro preparando sua modelo favorita, enquanto se assegurava de que Lorde Roke estivesse completamente escondido pelas dobras do sobretudo.

Fez isso bem a tempo. Nem um minuto depois, um soldado armado com um rifle veio ordenar à Sra. Coulter que desembarcasse do dirigível.

- Tenho que ficar com estas algemas? - perguntou ela.

- Não me disseram que as retirasse - respondeu. - Levante-se, por favor.

- Mas é tão difícil me movimentar se não posso me segurar nas coisas para me apoiar. Estou dolorida e com os músculos enrijecidos, passei a maior parte do dia de hoje sentada aqui, sem me mexer, e o senhor sabe que não tenho nenhuma arma, pois já

me revistou. Vá perguntar ao Presidente se realmente é necessário me manter algemada. Acha que vou tentar fugir para o meio do mato?

Lorde Roke era imune ao charme da Sra. Coulter, mas interessava-se por ver seu efeito sobre os outros. O guarda era jovem: eles deveriam ter mandado um velho guerreiro experiente.

- Bem - disse o guarda - tenho certeza que não vai, madame, mas não posso fazer o que não me deram ordens para fazer. A senhora compreende, tenho certeza. Por favor, levante-se, madame, se tropeçar, eu segurarei seu braço.

A Sra. Coulter se levantou e Lorde Roke a sentiu se mover desajeitadamente para frente. Ela era o ser humano mais gracioso que o galivespiano já vira na vida: aquela falta de jeito era fingida. Quando iam chegando à escada no alto do costado, Lorde Roke a sentiu tropeçar e gritar assustada, e sentiu o tranco quando o braço do guarda a segurou. Ele ouviu também a mudança nos sons ao redor deles, o uivar do vento, a rotação dos motores girando em ritmo constante para gerar energia para as luzes, vozes vindas de algum lugar próximo, dando ordens.

Eles desceram a escada do costado, a Sra. Coulter se apoiando pesadamente no guarda. Ela estava falando baixinho, e Lorde Roke só

conseguiu ouvir a resposta dele.

- O sargento, madame, ali adiante, ao lado do caixote grande, é ele quem está com as chaves. Mas não tenho coragem de pedir, madame, sinto muito.

- Ah, então está bem - disse ela com um suspiro sedutor de desapontamento. - De qualquer maneira, muito obrigada.

Lorde Roke ouviu o som de pés calçados com botas se afastando, caminhando sobre a rocha, e ela sussurrou:

- Você ouviu o que ele disse das chaves?

- Diga-me onde o sargento está. Preciso saber onde e a que distância.

- A cerca de dez de meus passos de distância. À direita. Um homem grande. Posso ver as chaves num molho, no cinto dele.

- Não adianta se eu não souber qual é a chave. Você os viu fechar as algemas?

- Vi. É uma chave curta e grossa, com uma fita adesiva preta em volta, na parte de cima.

Lorde Roke desceu devagar, agarrando primeiro com uma mão depois com a outra, em meio à lã grossa do sobretudo, até alcançar a bainha, na altura dos joelhos dela. Ali ele se segurou bem e olhou em torno. Eles tinham montado uma base e fixado um holofote, que lançava um clarão sobre os rochedos molhados. Mas quando olhou para baixo, para localizar os pontos de sombra, viu o clarão começar a se balançar para o lado sob uma forte rajada de vento. Ouviu um grito e a luz se apagou de repente. Pulou para o chão imediatamente e com o impulso saltou para frente sob o granizo intenso que caía, em direção ao sargento, que tinha se aproximado num movimento brusco, para tentar segurar o holofote que caía. Nessa confusão, Lorde Roke saltou sobre a perna do homenzarrão, quando passou girando diante dele, agarrou-se ao algodão do tecido de camuflagem das calças - já pesado e encharcado pela chuva - e enterrou uma ponta de espora na carne logo acima da bota.

O sargento deu um berro enrouquecido e caiu desajeitadamente, agarrando a perna, tentando respirar, tentando gritar pedindo ajuda. Lorde Roke se soltou e saltou para longe do corpo que caía.

Ninguém havia percebido: o ruído do vento, dos motores e o martelar incessante do granizo e da chuva encobriram totalmente o grito do homem, e na escuridão seu corpo não podia ser visto. Mas

havia outros homens por perto e Lorde Roke teve que trabalhar rapidamente. Ele saltou para junto do quadril do homem caído, onde o molho de chaves estava numa poça de água gelada, e foi afastando as enormes setas de aço, com uma espessura igual a uma vez e meia o seu braço e com a metade de sua altura de comprimento, até

encontrar a chave que tinha a fita preta. E então teve que lutar com o fecho do chaveiro, o tempo todo correndo o risco perpétuo do granizo, que para um galivespiano era mortal: blocos de gelo tão grandes quanto seus dois punhos juntos. E então uma voz acima dele disse:

- O senhor está bem, Sargento?

O *daemon* do soldado estava rosnando e esfregando o focinho no do sargento, que havia caído em estado semi-letárgico. Lorde Roke não podia esperar: um salto e um chute e o outro homem caiu ao lado do sargento. Puxando o peso com enorme esforço, lutando e arquejando, Lorde Roke finalmente conseguiu abrir o chaveiro e então teve que levantar seis outras chaves, tirando-as do caminho antes que a chave com a fita adesiva preta estivesse livre. Agora, a qualquer segundo, eles conseguiriam acender de novo o holofote, mas, mesmo na semi-obscuridade, dificilmente deixariam de ver dois homens caídos inconscientes...

E, enquanto ele arrastava a chave para fora do chaveiro, elevou-se um grito. Ele puxou o peso da seta maciça com toda a força que tinha, empurrando, dando puxões, levantando, movendo-se apoiado nas mãos e nos joelhos, arrastando, e escondeu-se ao lado de um pequeno pedregulho, justo no momento em que chegavam pés correndo e vozes gritavam pedindo luz.

- Foram baleados?

- Não ouvi nada...

- Estão respirando?

Então o holofote, novamente montado e firme sobre a base, tornou a se acender. Lorde Roke foi apanhado sem nenhuma cobertura, tão visível quanto uma raposa diante dos faróis de um carro. Ele se manteve absolutamente imóvel, os olhos se movendo para a esquerda e para a direita, e depois que se assegurou que a atenção de todo mundo estava concentrada nos dois homens que haviam sido derrubados tão misteriosamente, com grande esforço puxou a chave para cima do ombro e correu, contornando poças e pedregulhos até

alcançar a Sra. Coulter.

Um segundo depois, ela havia destrancado as algemas e as largado silenciosamente no chão. Lorde Roke saltou para a bainha de seu casaco e subiu correndo até o ombro dela.

- Onde está a bomba? - perguntou ele, junto à sua orelha.

- Eles apenas acabaram de começar a descarregá-la. É aquele caixote grande ali adiante, no chão. Não posso fazer nada enquanto não a tirarem do caixote e mesmo depois disso...

- Está bem - disse ele - fuja. Esconda-se. Eu fico aqui vigiando. Corra!

Ele desceu com um pulo para a manga do casaco e saltou para longe. Sem fazer nenhum ruído, ela foi se afastando da luz, lentamente, de início, de maneira a não chamar a atenção do guarda, e depois se agachou e correu para a escuridão fustigada pela chuva mais acima na encosta, o macaco dourado correndo à sua frente para escolher o caminho.

Às suas costas ouviu o rugido contínuo dos motores, misturado com gritos, a voz poderosa do Presidente tentando impor alguma ordem na situação. Ela se lembrou da dor prolongada, horrorosa, e das alucinações que havia sofrido depois de levar uma ferroada da espora do Cavaleiro Tialys e não invejou o despertar dos dois homens.

Mas logo estava em terreno mais alto, escalando com dificuldade as rochas molhadas, e tudo o que conseguia ver atrás de si era o clarão oscilante do holofote refletido pela enorme carcaça arredondada do zepelim, e pouco depois o holofote se apagou e tudo o que podia ouvir era o rugido do motor, lutando inutilmente contra a força do vento e o rugido da catarata mais abaixo. Do outro lado da borda do desfiladeiro, os engenheiros da usina hidroambárica estavam lutando para trazer um cabo de alta tensão até a bomba.

O problema da Sra. Coulter não era como escapar daquela situação com vida: isso era uma questão secundária. O problema era como tirar o cabelo de Lyra de dentro da bomba antes que eles a detonassem. Lorde Roke tinha queimado o cabelo do envelope depois que ela fora presa, deixando que o vento levasse as cinzas para longe no céu noturno, e depois conseguira dar um jeito de entrar no laboratório e observar enquanto eles colocavam o resto do pequenino cacho de cabelos louro-escuros na câmara ressonante aprontandoa. Ele sabia exatamente onde estava e como abrir a câmara, mas a luz intensa e as superfícies reluzentes no laboratório, para não mencionar as constantes idas e vindas dos técnicos, tornaram impossível que pudesse fazer qualquer coisa com relação a isso enquanto estivesse lá.

De modo que teriam que retirar o cacho de cabelo depois que a bomba estivesse montada.

E isso seria ainda mais difícil, por causa do que o Presidente pretendia fazer com a Sra. Coulter. A energia da bomba originava-se de cortar o elo ligando o ser humano a seu *daemon* e isso significava o abominável processo de seccionamento, as cabines de tela de liga de manganês e titânio, e a guilhotina prateada. Ele iria cortar a ligação de toda uma vida entre ela e o macaco dourado, e usar a energia liberada.

A Sra. Coulter tinha uma terrível familiaridade com uma parte da estrutura: as cabines de tela metálica, a lâmina prateada no alto. Elas estavam numa das extremidades do equipamento. O resto era

- lhe desconhecido, não conseguia ver nenhuma lógica do modo de funcionamento ordenando as bobinas, os vasos, as longas fileiras de isoladores, a armação em treliça da tubulação. Apesar disso, em algum lugar em toda aquela complexidade estava o pequeno cacho de cabelos de que tudo dependia.

À sua esquerda, a encosta desaparecia em declive na escuridão e bem longe, lá embaixo, havia uma luz branca, fraca e trêmula, e o estrondo das águas das cataratas de Saint-Jean-les-Eaux.

Houve um grito. Um soldado deixou cair seu rifle e cambaleou para a frente, depois caiu no chão esperneando e se debatendo de dor. Em resposta, o Presidente olhou para o céu, pôs as mãos em concha em volta da boca e soltou um berro penetrante.

O que ele estava fazendo?

Um instante depois a Sra. Coulter descobriu. De todas as coisas improváveis, uma bruxa desceu voando e pousou ao lado do Presidente, enquanto ele gritava para se fazer ouvir por causa do vento.

- Vasculhe os arredores! Há algum tipo de criatura ajudando a mulher. Já atacou vários de meus homens. Você pode ver no escuro. Encontre-a e mate-a.

- Há alguma coisa se aproximando - disse a bruxa, num tom que chegou muito claramente até o abrigo da Sra. Coulter. - Posso ver ao norte.

- Não se preocupe com isso. Encontre a criatura e destrua-a - ordenou o Presidente. - Não pode estar muito longe. E procure a mulher também. Vá!

A bruxa saltou para o ar.

De repente, o macaco dourado agarrou a mão da Sra. Coulter e apontou. Lá estava Lorde Roke, deitado em terreno descoberto,

num pequeno retângulo de musgo. Como poderiam não tê-lo visto? Mas alguma coisa havia acontecido, pois ele não estava se mexendo.

- Vá e traga-o aqui - disse ela, e o macaco, agachando-se rente ao chão, correu de uma rocha para outra, dirigindo-se para o pequenino retângulo de musgo. Seu pêlo dourado logo foi escurecido pela chuva e ficou encharcado, colado ao corpo, tornando-o menor e mais difícil de ver, mas ao mesmo tempo terrivelmente visível.

Enquanto isso, o Padre MacPhail tinha tornado a se virar para a bomba. Os engenheiros da usina geradora tinham trazido o cabo até junto dela e os técnicos estavam ocupados prendendo as braçadeiras e preparando os terminais.

A Sra. Coulter perguntou a si mesma o que ele pretendia fazer, agora que sua vítima tinha escapado. Então o Presidente virou-se para olhar por sobre o ombro e ela viu a expressão de seu rosto. Era tão dura e intensa que ele parecia mais uma máscara que um homem. Os lábios se moviam dizendo uma prece, seus olhos estavam voltados para o alto, muito abertos enquanto a chuva batia neles, e no todo ele parecia uma ameaçadora pintura espanhola de um santo no êxtase do martírio. A Sra. Coulter sentiu uma terrível pontada de medo, porque sabia exatamente o que ele pretendia: ele ia se sacrificar. A bomba funcionaria quer ela fizesse parte dela ou não.

Movendo-se rapidamente de rocha em rocha, o macaco dourado alcançou Lorde Roke.

- Minha perna esquerda está quebrada - disse o galivespiano calmamente

- O último homem pisou em mim. Escute com atenção...

Enquanto o macaco o carregava para longe das luzes, Lorde Roke explicou exatamente onde ficava a câmara ressonante e como abri-

la. Eles estavam praticamente debaixo dos olhos dos soldados, mas, passo a passo, de sombra em sombra, o *daemon* foi se esgueirando com seu pequenino fardo. A Sra. Coulter, seguindo-os com o olhar e mordendo o lábio, ouviu uma lufada de ar e sentiu uma pancada pesada - não em seu corpo, mas na árvore. Uma flecha estava cravada no tronco, tremulando, a menos de um palmo de seu braço esquerdo. Imediatamente ela rolou para longe, antes que a bruxa pudesse disparar outra, e jogou-se rolando pela encosta em direção ao macaco.

E então tudo começou a acontecer ao mesmo tempo, rápido demais: houve uma rajada de tiros e uma nuvem de fumaça de cheiro acre espalhou-se em rolos pela encosta, embora ela não visse chamas. O macaco dourado, vendo a Sra. Coulter sendo atacada, colocou Lorde Roke no chão e saltou para defendê-la, justo no instante em que a bruxa descia voando, de faca em punho. Lorde Roke arrastou-se para trás, apoiando-se contra o pedregulho mais próximo, e a Sra. Coulter atracou-se em combate corpo a corpo com a bruxa. Elas lutaram furiosamente entre os pedregulhos, enquanto o macaco dourado tratava, rapidamente, de arrancar todas as agulhas do galho de pinheiro nubígeno da bruxa.

Nesse meio tempo, o Presidente estava enfiando seu *daemon* lagarto fêmea na menor das cabines de tela. Ela se contorceu, gritou, esperneou e mordeu, mas ele a derrubou com um golpe violento da mão e bateu a porta fechando-a rapidamente. Os técnicos estavam fazendo os ajustes finais, checando seus medidores e calibradores.

Vinda de lugar nenhum, uma gaivota desceu voando com um grito selvagem e agarrou o galivespiano com sua garra. Era o *daemon* da bruxa. Lorde Roke lutou bravamente, mas o pássaro o segurava com muita força e então a bruxa conseguiu se soltar das mãos da Sra. Coulter, agarrou seu galho de pinheiro nubígeno e saltou no ar para ir se juntar a seu *daemon*. A Sra. Coulter lançou-se na direção da bomba, sentindo a fumaça atacar suas narinas e garganta como se fossem garras: gás lacrimogêneo. Os soldados, a maioria deles,

tinham sido derrubados ou saíram cambaleando, sufocados (e de onde tinha vindo o gás, ela se perguntou?), mas agora, à

medida que o vento dispersava o gás, estavam começando a se reagrupar de novo. A grande barriga reforçada do zepelim se avolumava sobre a bomba, retesando seus cabos sob a força do vento, os lados da carcaça prateada escorrendo água.

Mas então um som vindo de muito alto fez os ouvidos da Sra. Coulter tinirem: um grito tão alto e horrorizado que até mesmo o macaco dourado agarrou-se nela assustado. E um segundo depois, despencando num redemoinho de membros brancos, seda negra e galhos verdes, a bruxa caiu bem aos pés do Padre MacPhail, seus ossos se esmigalhando audivelmente na pedra.

A Sra. Coulter correu, movendo-se rápida como uma flecha para ver se Lorde Roke havia sobrevivido à queda. Mas o galivespiano estava morto. Sua espora direita profundamente enfiada no pescoço da bruxa.

A bruxa, contudo, ainda estava viva, se bem que moribunda, e sua boca se mexeu estremecendo para dizer:

- Alguma coisa vindo... alguma outra coisa... vindo...

Não fazia nenhum sentido. O Presidente já estava passando por cima do corpo dela para alcançar a cabine de tela maior. Seu *daemon* estava correndo para cima e para baixo pelas paredes da outra, suas pequenas garras fazendo a tela prateada tinir, sua voz gritando por piedade.

O macaco dourado saltou sobre o Padre MacPhail, mas não para atacálo: ele subiu pelas costas do homem e pelo ombro até alcançar o complexo centro de fios e tubulação, a câmara ressonante. O Presidente tentou agarrá-lo, mas a Sra. Coulter pendurou-se no braço do homem e tentou puxá-lo para trás. Ela não conseguia mais enxergar: a chuva entrava em seus olhos e ainda havia gás no ar.

E por toda parte ao redor havia rajadas de balas: o que estava acontecendo?

Os holofotes balançavam de tal modo sob o vento que nada parecia ser firme, nem mesmo as rochas negras das encostas da montanha. O Presidente e a Sra. Coulter lutaram em combate corpo a corpo, enfiando as unhas, socando, rasgando, mordendo, e ela estava cansada e ele era forte, mas ela também estava desesperada e poderia ter conseguido puxá-lo dali, mas parte dela estava observando seu *daemon* enquanto ele manipulava as manivelas, as patas negras ferozes colocando o mecanismo rapidamente numa posição, depois em outra, puxando, torcendo, enfiando a mão para dentro... Então veio um golpe que a acertou na têmpora. Ela ficou atordoada e o Presidente conseguiu se soltar e se atirou sangrando para dentro da cabine, fechando a porta atrás de si.

E o macaco tinha aberto a câmara - uma porta de vidro com pesadas dobradiças, e estava enfiando a mão lá dentro - lá estava o cacho de cabelos: seguro entre almofadas de borracha num fecho de metal! Ainda mais coisas para desfazer, e a Sra. Coulter estava lutando para se levantar, com as mãos trêmulas. Ela sacudiu a tela prateada com toda a sua força, olhando para cima, para a lâmina, os terminais faiscando, o homem lá dentro. O macaco estava desaparafusando o fecho e o Presidente, seu rosto uma máscara de sinistra exultação, estava juntando e torcendo fios.

Houve um clarão de luz intensa, o som de um estampido escoiceante Práac! - e o corpo do macaco foi lançado para cima, voando alto no ar. Com ele foi uma pequena nuvem dourada: seriam os cabelos de Lyra? Seria seu próprio pêlo? Fosse lá o que fosse, desapareceu voando imediatamente na escuridão. A mão da Sra. Coulter tinha se contraído, apertando com tanta força que ficou agarrada à tela, deixando-a meio caída, meio pendurada, enquanto sua cabeça zumbia e seu coração batia disparado.

Mas alguma coisa havia acontecido com sua visão. Uma clareza terrível tinha se apoderado de seus olhos, a capacidade de ver até os mais ínfimos detalhes que importavam no universo: preso a uma

das almofadas do fecho na câmara ressonante havia um único fio de cabelo louro-dourado. Ela deu um grito lancinante de angústia e sacudiu e sacudiu a cabine, tentando soltar o fio de cabelo com a pouca força que lhe restava. O Presidente passou as mãos no rosto, esfregando para afastar a água da chuva. Sua boca se mexeu como se estivesse falando, mas ela não conseguiu ouvir nem uma palavra. Ela tentou arrancar a tela com violência, impotente, e depois arremessou todo o seu peso contra a máquina, no instante em que ele juntava dois fios criando uma fagulha. Em silêncio absoluto, a lâmina prateada brilhante desceu rapidamente.

Alguma coisa explodiu, em algum lugar, mas a Sra. Coulter não tinha mais condições de sentir.

Surgiram mãos que a levantaram: as mãos de Lorde Asriel. Não havia mais nada com que se surpreender, a nave da intenção estava atrás dele, equilibrada na encosta e em posição perfeitamente horizontal. Ele a tomou nos braços e a carregou até a nave, ignorando as rajadas de balas, os rolos de fumaça, os gritos de pavor e incompreensão.

- Ele está morto? A bomba explodiu? - ela conseguiu perguntar. Lorde Asriel embarcou na nave sentando ao lado dela e a pantera branca também saltou para dentro, trazendo o macaco ainda atordoado na boca. Lorde Asriel assumiu os controles e a nave mais uma vez saltou no ar. Com os olhos atordoados pela dor, a Sra. Coulter olhou para a encosta da montanha abaixo.

Havia homens correndo aqui e ali, como formigas, alguns jaziam mortos, enquanto outros se arrastavam com dificuldade pelas rochas, o enorme cabo da usina geradora que descia serpenteando em meio ao caos era a única coisa com uma meta definida à vista, seguindo em direção à bomba reluzente onde o corpo do Presidente jazia amassado dentro da cabine.

- Lorde Roke? - perguntou Lorde Asriel.

- Morto - murmurou ela.

Ele apertou um botão e um lança-chamas jorrou em direção ao zepelim que sacudia e balançava. Um instante depois o aeróstato inteiro floresceu numa rosa de fogo branco, engolindo a nave da intenção, que se manteve móvel e intacta dentro dela. Lorde Asriel manobrou a nave afastando-se sem pressa, e eles observaram enquanto o zepelim em chamas caía devagar, bem devagar sobre aquele cenário inteiro, bomba, cabo, soldados e tudo o mais, e tudo começou a desmoronar numa confusão de fumaça e chamas, descendo pela encosta, ganhando velocidade e incinerando as árvores resinosas à

medida que passava, até mergulhar nas águas brancas das cataratas, que num redemoinho carregaram tudo para a escuridão.

Lorde Asriel mexeu nos controles de novo e a nave da intenção começou a se afastar rapidamente em direção ao norte. Mas a Sra. Coulter não conseguia despregar os olhos da cena, ficou olhando para trás durante muito tempo, contemplando o fogo com os olhos cheios de lágrimas, até que não passasse de uma linha vertical cor de laranja riscada na escuridão, coroada de fumaça e vapor, e depois mais nada.

O ABISMO

O céu deixou seu negrume e encontrou um mais fresco amanhecer e a alva lus se alegra no céu limpo da noite clara...

Willian Blake

Estava escuro, de um negrume envolvente, fazendo pressão tão forte sobre os olhos de Lyra que ela quase sentia o peso dos milhares de toneladas de rocha acima deles. A única luz de que dispunham vinha da cauda luminosa da libélula de Lady Salmakia, e mesmo essa estava começando a perder a força, pois os pobres insetos não tinham encontrado o que comer no mundo dos mortos e a libélula do cavaleiro havia morrido pouco antes. Assim, enquanto Tialys sentava-se no ombro de Will, Lyra segurava a libélula da pequena dama nas mãos, e Salmakia a acalmava e falava baixinho

com a criatura trêmula, alimentando-a primeiro com migalhas de biscoito e depois com seu próprio sangue. Se Lyra a tivesse visto fazer isso, teria oferecido o seu, uma vez que possuía maior quantidade, mas as forças que tinha estavam todas dedicadas a pôr um pé com firmeza diante do outro e evitar as partes mais baixas do rochedo acima.

A harpia Sem-Nome os conduzira pelo interior de um sistema de cavernas que os levaria, dizia ela, ao ponto mais próximo no mundo dos mortos a partir do qual poderiam abrir uma janela para um outro mundo. Atrás deles vinha a coluna interminável de fantasmas. O túnel estava cheio de sussurros, pois os que vinham mais à frente encorajavam os que vinham atrás, enquanto os fortes de coração encorajavam os fracos, e os velhos davam esperança aos jovens.

- Ainda falta muito, Sem-Nome? - perguntou Lyra, baixinho. - Porque esta pobre libélula está morrendo e então sua luz se apagará. A harpia parou e virou-se para dizer:

- Apenas siga-me. Se não puder enxergar, ouça. Se não puder ouvir, sinta.

Os olhos dela brilhavam ferozmente na escuridão. Lyra assentiu e disse:

- Está bem, mas não estou tão forte como costumava ser e não sou corajosa, pelo menos, não muito. Por favor, não pare. Eu vou seguir você, todos nós vamos. Por favor, continue, Sem-Nome.

A harpia virou-se de volta para frente e seguiu adiante, a luminescência da libélula estava ficando mais fraca a cada minuto e Lyra sabia que logo desapareceria completamente.

Mas enquanto cambaleava para seguir adiante, uma voz falou bem a seu lado - uma voz muito familiar.

- Lyra... Lyra, minha menina... E ela se virou radiante.

- Sr. Scoresby! Ah, mas estou tão contente de ouvir sua voz! E é mesmo o senhor, pelo que estou vendo... Ah, mas eu queria tanto poder tocar no senhor!

A luz fraca, ela conseguiu distinguir o vulto esguio e o sorriso irônico do aeróstata texano e sua mão se estendeu para frente por vontade própria, em vão.

- Eu também, minha querida. Mas preciso que me ouça, eles estão armando alguma confusão lá fora e você é o alvo, não me pergunte como. Este é o menino com a faca?

Will estivera olhando para ele, ansioso para ver aquele velho companheiro de Lyra, mas, naquele instante, seus olhos passaram direto por Lee para olhar para o fantasma ao lado dele. Lyra viu imediatamente quem era e ficou maravilhada com aquela visão adulta de Will - o mesmo queixo pontudo, o mesmo jeito de levantar a cabeça.

Will ficou mudo, mas seu pai disse:

- Escute, não temos tempo para falar a respeito disso, apenas faça exatamente o que eu disser. Pegue a faca agora e encontre o lugar onde cortaram um cacho de cabelos de Lyra. O tom de sua voz estava angustiado, aflito, e Will não perdeu tempo perguntando por quê. Lyra, os olhos arregalados de pavor, levantou a libélula com uma das mãos e apalpou os cabelos com a outra.

- Não - disse Will - afaste sua mão, assim não consigo ver. E sob a luz fraca ele conseguiu ver o ponto: pouco acima da têmpora, havia uma pequena mecha de cabelos que estava mais curta do que o resto.

- Quem fez isso? - perguntou Lyra. – E...

- Psiu, calada - disse Will, e perguntou ao fantasma do pai:

- O que devo fazer?

- Corte o cabelo dela todo, bem rente, raspando o couro cabeludo. Junte os fios de cabelo com muito cuidado, todos os fios. Não perca nenhum. Então abra outro mundo, qualquer um serve, e ponha o cabelo no outro mundo e feche a abertura. Faça isso agora, imediatamente.

A harpia estava observando, os fantasmas atrás deles estavam se aglomerando sem parar, chegando cada vez mais perto. Lyra podia ver as faces pálidas na semi-obscuridade. Assustada e confusa, ela ficou parada, mordendo o lábio, enquanto Will fazia o que seu pai tinha mandado, seu rosto bem perto da ponta da faca, sob a luz fraca da libélula. Ele cortou um pequeno espaço vazio na pedra de um outro mundo, colocou ali todos os pequenos fios de cabelos dourados e recolocou a pedra antes de fechar a janela. E então o solo começou a tremer. De algum lugar muito profundo veio o som de um rugido, rangente, como se o centro da Terra inteiro estivesse girando sobre si mesmo, como uma vasta roda de azenha, e pequenos fragmentos de rocha começaram a cair do teto do túnel. O solo balançou bruscamente para um lado. Will agarrou o braço de Lyra e eles se seguraram um no outro enquanto a rocha sob seus pés começava a se mover e deslizar, e pedaços soltos de pedra passaram por eles despencando e arranhando suas pernas e pés.

As duas crianças, protegendo os galivespianos, se agacharam, cobrindo a cabeça com os braços, e então, num horrível movimento deslizante, viram-se sendo carregados para baixo e para a esquerda, e se agarraram um no outro ferozmente, demasiado assustados, sem fôlego e abalados até para gritar. Seus ouvidos estavam cheios do som do rugido de milhares de toneladas de rocha despencando e rolando para baixo junto com eles.

Finalmente o movimento parou, embora por toda parte ao redor deles pedras menores ainda estivessem despencando e rolando por uma encosta que um minuto antes não estivera ali. Lyra estava caída sobre o braço esquerdo de Will. Com a mão direita ele procurou a faca: ainda estava em seu cinto.

- Tialys? Salmakia? - chamou Will com a voz trêmula.

- Estamos aqui, estamos vivos, os dois - respondeu a voz do cavaleiro ao lado da orelha dele.

A atmosfera estava carregada de poeira e do cheiro de cordite de rocha despedaçada. Era difícil respirar e impossível enxergar: a libélula estava morta.

- Sr. Scoresby? - chamou Lyra. - Não conseguimos ver nada... O que aconteceu?

- Estou aqui - respondeu Lee, bem perto. - Acho que a bomba explodiu e acho que errou o alvo.

- Bomba? - exclamou Lyra assustada, mas em seguida chamou - Roger, você está aí?

- Estou - veio o pequeno sussurro. - O Sr. Parry, ele me salvou. Eu ia cair e ele me segurou.

- Olhem - disse o fantasma de John Parry. - Mas segurem-se bem na rocha e não se movam.

A poeira estava baixando e de algum lugar vinha luz: uma luz trêmula, tênue, estranha e dourada, como uma chuva luminosa de névoa caindo por toda parte ao redor deles. Foi o bastante para incendiar o coração deles de medo, pois iluminava o que estava à esquerda deles, o lugar para onde ela caía - ou fluía, como um rio sobre a borda de uma cachoeira. Era um vasto vazio negro, como uma fenda que descia para a escuridão mais profunda. A luz dourada fluía para dentro dele e se apagava. Eles podiam ver o outro lado, mas ficava muito mais distante do que um ponto onde Will poderia ter atirado uma pedra. À direita, uma encosta de pedras de arestas irregulares, frouxa e precariamente equilibrada, se erguia alta nas sombras carregadas de poeira.

As crianças e seus companheiros estavam se agarrando ao que não era sequer uma protuberância na rocha - apenas uns afortunados pontos de apoio para as mãos e os pés - na beira daquele abismo e

não havia outra saída, exceto seguir adiante, pela encosta, em meio às rochas despedaçadas e os rochedos precariamente equilibrados que, ao que parecia, o menor toque faria despencar direto para o abismo.

E atrás deles, à medida que a poeira assentou, mais e mais fantasmas olhavam com horror para o abismo. Estavam agachados na encosta, demasiado assustados até para se mexer. Só as harpias não demonstravam medo, tinham aberto as asas e voado alto, vasculhando a distância mais à

frente e mais para trás, voando de volta para tranqüilizar os que ainda estavam dentro do túnel, voando para mais adiante para procurar uma saída. Lyra verificou: pelo menos o aletômetro estava em segurança. Controlando o medo, olhou ao redor, encontrou o rostinho de Roger e disse:

- Então vamos lá, todos nós ainda estamos aqui e ninguém se machucou. E agora, pelo menos, podemos enxergar. De modo que vamos tratar de ir andando, vamos tratar de ir andando. Não podemos seguir adiante por nenhum outro caminho, a não ser contornando toda a borda desse... - Ela apontou para o abismo. - Portanto, temos apenas que tratar de seguir em frente. Eu juro que Will e eu continuaremos indo até conseguirmos chegar ao outro lado. De modo que não tenham medo, não desistam, não fiquem para trás. Digam aos outros. Não posso olhar para trás o tempo todo porque tenho que olhar com cuidado para onde estou indo, de modo que tenho que confiar em vocês e ter certeza de que nos seguirão e estarão bem atrás de nós, está

bem?

O pequenino fantasma assentiu. E assim, num silêncio pasmo, a coluna de mortos começou sua jornada acompanhando a borda do abismo. Quanto tempo levou, nem Lyra nem Will podiam calcular, como foi assustador e perigoso jamais poderiam se esquecer. A escuridão abaixo era tão profunda que parecia puxar o olhar para dentro dela e uma horrenda tonteira apoderouse da mente deles.

Sempre que podiam, olhavam fixamente para frente, para aquela pedra, aquele ponto de apoio, aquela protuberância, aquele monte de cascalho solto e mantinham os olhos afastados da garganta, mas ela sugava, seduzia e eles não podiam deixar de olhar rapidamente para ela, e então sentiam o equilíbrio oscilar, o olhar perder a clareza e uma náusea terrível apertar-lhes a garganta.

De vez em quando, os vivos olhavam para trás e viam a fila infinita de mortos saindo serpenteando da fenda por onde tinham passado: mães apertando o rosto de seus bebês contra o peito, pais mais idosos andando pesada e lentamente, crianças pequenas agarradas às saias da pessoa na frente, meninos e meninas da idade de Roger mantendo-se firmes e cuidadosos, eram tantos deles... E todos seguindo Will e Lyra, como ainda esperavam, em direção ao ar livre.

Mas alguns não confiavam neles. Aglomeravam-se bem perto logo atrás deles e as duas crianças sentiram suas mãos frias em seus corações e dentro de suas entranhas, e ouviram seus sussurros malvados:

- Onde fica o mundo superior? Quanto ainda falta?

- Estamos com medo aqui!

- Não deveríamos ter vindo, pelo menos lá no mundo dos mortos tínhamos um pouco de luz e alguma companhia, isto aqui é muito pior!

- Vocês fizeram uma coisa errada ao vir para nosso mundo! Deveriam ter ficado em seu próprio mundo e esperado para morrer antes de descerem para vir nos perturbar!

- Com que direito estão nos conduzindo? Vocês são apenas crianças!

Quem lhes deu autoridade para isso?

Will queria se virar e censurá-los abertamente, mas Lyra o segurou pelo braço, eles estavam infelizes e assustados, argumentou ela. Então Lady Salmakia falou, e sua voz clara e calma foi muito longe no grande vazio.

- Amigos, sejam corajosos! Fiquem juntos e continuem avançando! O

caminho é difícil, mas Lyra o encontrará. Sejam pacientes e tenham ânimo, nós os conduziremos para fora daqui, não tenham medo!

Lyra se sentiu fortalecida ao ouvir aquelas palavras e essa era a verdadeira intenção da pequenina dama. E assim prosseguiram na árdua caminhada, esforçando-se dura e penosamente.

- Will - chamou Lyra, depois de alguns minutos - está ouvindo esse vento?

- Estou - respondeu Will. - Mas não estou sentindo vento nenhum. E vou lhe dizer uma coisa sobre esse buraco lá embaixo. É o mesmo tipo de coisa que vejo quando corto uma janela. O mesmo tipo de borda. Tem alguma coisa especial nesse tipo de borda, depois que você toca nela nunca mais esquece. E posso vê-la ali embaixo, bem no lugar onde a rocha despenca e some na escuridão. Mas aquele espaço grande ali, aquilo não é um outro mundo como todos os outros. É diferente. Não gosto dele. Gostaria de poder fechá-lo.

- Você não fechou todas as janelas que abriu.

- Não, não fechei algumas delas, porque não pude. Mas sei que deveria ter fechado. As coisas dão errado se elas são deixadas abertas. E uma grande como essa... - Ele fez um gesto para baixo, não querendo olhar. - Está errado. Alguma coisa ruim vai acontecer.

Enquanto os dois conversavam, uma outra conversa estivera se desenrolando a pouca distância de onde estavam: o Cavaleiro Tialys estava falando em voz baixa com os fantasmas de Lee Scoresby e John Pariy.

- Então o que está dizendo, John? - perguntou Lee. - Está dizendo que não devemos sair para o ar livre? Amigo, cada uma das partículas em mim está

louca para se unir de novo ao resto do universo dos vivos!

- Sim, e eu também - respondeu o pai de Will. - Mas creio que se aqueles de nós que estão habituados a combater pudessem resistir e ficar, poderíamos conseguir entrar na batalha combatendo ao lado de Lorde Asriel. E

se fizéssemos isso no momento certo, faria a maior diferença.

- Fantasmas? - questionou Tialys, tentando esconder o ceticismo em sua voz, mas sem conseguir. - Como poderiam lutar?

- Não poderíamos ferir seres vivos, isso é absolutamente verdade. Mas o exército de Lorde Asriel vai combater outros tipos de seres também.

- Aqueles Espectros - observou Lee.

- Era exatamente nisso que eu estava pensando. Eles atacam os *daemons*, não é? E nossos *daemons* já se foram há muito tempo. Vale a pena tentar, Lee.

- Bem, estarei com você, meu amigo.

- E o senhor, cavaleiro - disse o fantasma de John Parry para Tialys: Estive falando com os fantasmas de seu povo. Vai viver tempo suficiente para ver novamente o mundo, antes de morrer e voltar como fantasma?

- Isso é verdade, nossa vida é curta, se comparada com a de vocês. Tenho mais alguns dias de vida pela frente - respondeu Tialys - e Lady Salmakia um pouco mais de tempo, talvez. Mas, graças ao que essas crianças estão fazendo, nosso exílio como fantasmas não será permanente. Tenho me orgulhado muito por ajudá-los.

Eles seguiram adiante. E aquela queda abominável bocejava o tempo todo e um pequeno escorregão, um passo sobre uma pedra solta, um descuido ao segurar o ponto de apoio, lançaria você lá para baixo, para todo o sempre, pensou Lyra, tão longe que você morreria de fome antes de jamais chegar ao fundo e então seu pobre fantasma continuaria caindo e caindo dentro de uma garganta infinita, sem ninguém para ajudar, sem mãos que pudessem se estender para tirá-lo de lá, consciente para sempre e caindo para sempre... Ah, aquilo seria muito pior que o mundo cinzento silencioso que estavam deixando para trás, não seria?

Então uma coisa estranha aconteceu com sua mente. O pensamento sobre a queda induziu uma espécie de vertigem em Lyra e ela balançou. Will estava logo na frente dela, mas só que um pouco afastado demais para que ela pudesse estender a mão e tocá-lo, senão poderia ter segurado a mão dele, mas naquele momento ela estava mais consciente de Roger e uma pequena centelha de vaidade se acendeu por um instante em seu coração. Certa vez, no telhado da Faculdade Jordan, tinha havido uma ocasião em que só para assustá-lo ela tinha desafiado sua vertigem e caminhado sobre a beirada da calha de pedra.

Ela olhou para trás para recordá-lo daquilo naquele instante. Era a Lyra de Roger, cheia de graça e de ousadia, não precisava ir se arrastando como um inseto. Mas a voz sussurrante do garotinho disse:

- Lyra, tenha cuidado... lembre-se, você não está morta como a gente... E pareceu acontecer tão lentamente, mas não houve nada que ela pudesse fazer: seu peso se deslocou, as pedras se moveram debaixo de seus pés e, sem conseguir se proteger, ela começou a escorregar. No primeiro momento foi irritante e, logo depois, foi cômico: ela pensou, mas que besteira!

Mas à medida que ela de fato não conseguiu se segurar em coisa alguma, enquanto as pedras rolavam e despencavam abaixo dela, à medida que foi deslizando para baixo em direção à borda, ganhando

velocidade, o horror da situação apoderou-se dela com violência. Ela ia cair. Não havia nada para impedi-la. Já era tarde demais.

Seu corpo foi sacudido por uma convulsão de terror. Ela nem se deu conta dos fantasmas que se atiraram no chão abaixo dela para tentar segurála, apenas para vê-la passar rapidamente através deles como uma pedra na neblina. Ela não sabia que Will estava gritando seu nome tão alto que o abismo ressoava, fazendo eco. Em vez disso, todo o seu ser era um vórtice que rugia de medo. Depressa, cada vez mais depressa, ela foi escorregando e rolando, caindo, caindo, e alguns fantasmas não puderam suportar ver aquilo: cobriram os olhos e gritaram alto.

Will estava eletrizado pelo medo. Ficou observando, tomado pela angústia, enquanto Lyra descia, escorregando, escorregando cada vez mais, sabendo que não podia fazer nada e sabendo que tinha que olhar. Tão incapaz de ouvir o gemido desesperado que saía de seus próprios lábios quanto ela. Mais dois segundos - mais um segundo - e ela estaria na borda, não conseguiria parar, estaria lá, estava caindo...

E, saindo da escuridão, num movimento rápido e circular para baixo, surgiu aquela criatura cujas garras, não fazia muito tempo, tinham aberto lanhos em seu couro cabeludo, a harpia Sem-Nome, com rosto de mulher, asas de pássaro, e aquelas mesmas garras se fecharam cerradas em torno do pulso da menina. Juntas elas continuaram o mergulho para baixo, o peso adicional quase demais para as asas fortes da harpia, mas elas bateram, e bateram, e bateram, e as garras seguraram firme e, devagar, pesadamente, devagar, pesadamente, a harpia veio carregando a criança para cima e para cima, tirando-a do abismo e a levou frouxa e desmaiada para os braços estendidos de Will.

Ele a abraçou com força, apertando-a contra o peito, sentindo o bater descontrolado do coração de Lyra contra suas costelas. Naquele instante, ela não era Lyra e ele não era Will, ela não era uma menina e ele não era um menino. Eles eram os dois únicos seres humanos na vasta garganta da morte. Ficaram abraçados,

agarrados um no outro, e os fantasmas se agruparam ao redor, sussurrando palavras de consolo, abençoando a harpia. Os dois mais próximos eram o pai de Will e Lee Scoresby, e como desejaram poder abraçála também, e Tialys e Salmakia falaram com Sem-Nome, elogiando-a, chamando-a de a salvadora de todos, de a grande generosa, abençoando sua gentileza.

Tão logo Lyra conseguiu se mexer, ainda trêmula, estendeu os braços para a harpia e abraçou seu pescoço, beijando e beijando o rosto devastado. Ela não conseguia falar. Todas as palavras, toda a confiança, toda a vaidade tinham-lhe sido arrancadas.

Ficaram parados ali por alguns minutos. Depois que o terror começou a diminuir, puseram-se em marcha novamente, Will segurando firme a mão de Lyra em sua mão boa, e seguiram cautelosamente, verificando a firmeza do solo a cada passo, antes de porem qualquer peso nele, um processo tão lento e cansativo que pensaram que iriam morrer de fadiga, mas não podiam descansar, não podiam parar. Como poderia alguém descansar com aquela pavorosa garganta ali, logo abaixo?

E depois de mais uma hora de árdua caminhada, ele disse a ela:

- Olhe ali adiante. Acho que há uma saída...

Era verdade: a encosta estava se tornando menos íngreme e era possível até subir um pouco, subir e se afastar da beira. E adiante: aquilo não era uma concavidade na parede do penhasco? Poderia realmente ser uma saída?

Lyra olhou bem nos olhos fortes e brilhantes de Will e sorriu. Continuaram a escalada difícil, usando os pés e as mãos, indo para cima, mais para cima, a cada passo se afastando mais do abismo. E à medida que iam subindo, descobriram que o solo ia ficando mais firme, os apoios para as mãos mais seguros, os pontos de apoio para os pés com menos probabilidade de rolar e torcer seus tornozelos.

- Já devemos ter escalado um bom pedaço agora - disse Will. - Eu poderia fazer uma tentativa com a faca e ver o que encontro.

- Ainda não - disse a harpia. - Ainda falta um pedaço do caminho. Este é

um lugar ruim para abrir. Tem um lugar melhor mais acima.

Eles prosseguiram em silêncio, mão, pé, peso para testar, impulso, mão, pé... Estavam com os dedos esfolados, os joelhos e quadris tremendo por causa do esforço, a cabeça doía e zumbia de exaustão. Escalaram os últimos metros até a base do penhasco, onde uma passagem estreita seguia um pouco mais adiante para a sombra.

Lyra observou com os olhos doloridos enquanto Will tirava a faca e começava a procurar no ar vazio, tateando, puxando de volta, procurando, tateando de novo.

- Ah - disse ele.

- Você achou uma fenda?

- Acho que sim...

- Will - chamou o fantasma do pai dele - pare um instante. Ouça o que vou dizer.

Will baixou a faca e se virou. Com todo aquele esforço, não tinha podido nem pensar em seu pai, mas era bom saber que ele estava ali. De repente ele se deu conta de que iam se separar pela última vez.

- O que vai acontecer quando o senhor sair? - perguntou Will. - Vai simplesmente desaparecer?

- Ainda não. O Sr. Scoresby e eu temos uma idéia. Alguns de nós vão permanecer aqui por mais um tempo e precisaremos que nos

deixe entrar no mundo de Lorde Asriel, porque ele poderia precisar de nossa ajuda. Além disso

- prosseguiu em tom sombrio, olhando para Lyra - terão que seguir para lá

também, se quiserem tornar a encontrar seus *daemons*. Porque foi para lá que eles foram.

- Mas, Sr. Parry - disse Lyra - como sabe que nossos *daemons* foram para o mundo de meu pai?

- Eu era um xamã quando estava vivo. Aprendi a ver coisas. Pergunte a seu aletômetro, ele vai confirmar o que digo. Mas lembre-se disso a respeito de *daemons* -disse ele, e sua voz tinha um tom intenso e enfático. - O homem que conheceu como Sr. Charles Latrom tinha que voltar periodicamente a seu próprio mundo, ele não podia viver permanentemente no meu. Os filósofos da Guilda da Torre degli Angeli, que viajaram entre os mundos durante 300 anos ou mais, descobriram que a mesma coisa era verdade e, gradualmente, em resultado disso, o mundo deles foi se enfraquecendo e se degradando. Depois houve o que aconteceu comigo. Eu era um soldado, era um oficial do Corpo de Fuzileiros da Marinha Real e deixei a carreira militar para ganhar a vida tornando-me um explorador e guiando expedições, estava em excelente forma física e era tão saudável quanto é possível que um ser humano seja. Então saí

de meu mundo totalmente por acaso e não consegui mais encontrar o caminho de volta. Eu fiz muitas coisas e aprendi realmente muito no mundo onde me encontrava, mas dez anos depois de ter chegado lá, estava mortalmente doente. E este é o motivo de todas essas coisas: seu *daemon* só poderá viver plenamente sua vida no mundo em que nasceu. Em outro mundo ele acabará

adoecendo e morrendo. Nós podemos viajar, se houver aberturas, para outros mundos, mas só podemos viver em nosso próprio mundo. O grande empreendimento de Lorde Asriel fracassará no

final pelo mesmo motivo: temos que construir a república do céu no lugar onde estamos porque para nós não há outro lugar. Will, meu filho, você e Lyra podem sair agora, para descansar um pouco, estão precisando e merecem isso, mas depois devem voltar aqui para a escuridão comigo e com o Sr. Scoresby para uma última jornada. Will e Lyra trocaram um olhar. Então ele cortou uma janela e foi a coisa mais bonita que eles jamais tinham visto.

O ar noturno encheu seus pulmões, fresco, limpo e leve, os olhos deles se banquetearam com o dossel de estrelas brilhantes e com o brilho da água em algum lugar mais abaixo, e havia bosques de árvores imensas, altas como castelos, salpicando a vastidão da savana.

Will aumentou a janela alargando-a tanto quanto pôde, andando na relva para a esquerda e para a direita, tornando-a grande o bastante para que seis, sete, oito pudessem passar através dela andando lado a lado, saindo da terra dos mortos.

Os primeiros fantasmas tremeram de esperança e o entusiasmo foi se propagando, como uma ondulação sobre a água, percorrendo a longa fileira atrás deles, tanto crianças pequenas como pais idosos olhando para o alto e para frente radiantes e maravilhados, enquanto as primeiras estrelas que viam em séculos brilhavam com esplendor, através da janela, para seus pobres olhos famintos.

O primeiro fantasma a deixar o mundo dos mortos foi Roger. Ele deu um passo à frente, virou-se para trás para olhar para Lyra, então deu uma risada de surpresa quando se viu virando-se de volta para a noite, para a luz das estrelas, para o ar... e então desapareceu, deixando atrás de si uma pequenina explosão de felicidade tão vivida que Will se lembrou das borbulhas numa taça de champanhe.

Os outros fantasmas o seguiram, e Will e Lyra caíram exaustos na relva carregada de orvalho, cada nervo em seus corpos abençoando o cheiro agradável e aromático da terra fértil, o ar noturno, as estrelas. **A PLATAFORMA**

Sim, em meio a ramagem, minh'alma plana

Lá, como um pássaro, descansa e cata

Depois afia e penteia suas asas de prata

Andrew Marcell

Tão logo os mulefas começaram a construir a plataforma para Mary, trabalharam rápido e bem. Ela gostava de ficar observando-os, porque podiam discutir sem brigar e cooperar sem atrapalhar uns aos outros, e porque as técnicas que usavam para rachar, cortar e encaixar a madeira eram tão elegantes e eficientes.

Em dois dias, a plataforma de observação foi projetada, construída e alçada para a posição determinada. Era firme, espaçosa e confortável, e depois que ela subiu para lá sentiu-se feliz de uma maneira singular, como jamais havia se sentido. Aquela maneira tão singular era física. Em meio ao denso verde do dossel das árvores, com o azul intenso do céu entre as folhas, com uma brisa mantendo sua pele fresca, e o perfume suave das flores deliciando-a sempre que o sentia, com o farfalhar das folhas, o canto das centenas de pássaros e o murmúrio distante das ondas na beira do mar, todos os seus sentidos estavam acalentados, nutridos e satisfeitos, e se ela tivesse podido parar de pensar, teria sido totalmente envolvida pelo êxtase. Mas, é claro, era para pensar que estava ali.

E quando olhou pela luneta e viu a flutuação incessante do sraf, das partículas de Sombra, para longe da terra, pareceu-lhe que a felicidade, a vida e a esperança também estavam flutuando para longe junto com elas. Mary não conseguia encontrar nenhuma explicação.

Trezentos anos, os mulefas tinham dito: era há esse tempo todo que as árvores vinham ficando debilitadas. Dado o fato de que as partículas de Sombra passavam igualmente através de todos os mundos, presumivelmente a mesma coisa também estava acontecendo no universo de Mary e em todos os outros. Trezentos

anos atrás a Real Sociedade havia sido criada: a primeira verdadeira sociedade científica em seu mundo. Quando Newton estivera fazendo suas descobertas sobre a óptica e a gravitação. Trezentos anos antes, no mundo de Lyra, alguém havia inventado o aletômetro.

Na mesma época, naquele estranho mundo por onde havia passado para chegar até ali, a faca sutil havia sido inventada.

Ela se deitou nas tábuas de madeira, sentindo a plataforma se mover num ritmo muito suave, muito lento, à medida que a árvore imensa balançava sob a brisa do mar. Levando a luneta ao olho, ela observou a miríade de minúsculas centelhas flutuar em meio às folhas, passando pelas bocas abertas das florescências, em meio às ramagens maciças, movendo-se contra o vento, numa correnteza lenta e deliberada que parecia quase consciente. O que havia acontecido 300 anos atrás? Seria isso a causa da correnteza de Pó, ou seria exatamente o contrário? Ou será que ambas as coisas eram resultado de uma causa totalmente diferente? Ou será que simplesmente não estavam absolutamente ligadas?

A flutuação era hipnótica. Como seria fácil cair num transe e deixar sua mente vagar para longe junto com as partículas que fluíam flutuando... Antes que ela se desse conta do que estava fazendo e porque seu corpo estava calmo, aquietado, isso foi exatamente o que aconteceu. Ela de repente despertou de estalo e descobriu que estava fora de seu corpo e entrou em pânico.

Estava um pouco acima da plataforma e alguns centímetros fora dela, em meio aos galhos. E alguma coisa tinha acontecido com o vento de Pó: em vez daquela flutuação lenta, ele estava correndo como as águas de um rio numa enchente. Teria ganhado velocidade ou será que o tempo estava se movendo de maneira diferente para ela, agora que estava fora de seu corpo? Qualquer dos dois que fosse, ela teve consciência do mais terrível dos perigos, pois a enchente estava ameaçando arrastá-la e carregá-la completamente para longe dali, e era imensa. Ela abriu os braços para se agarrar a qualquer coisa sólida, mas não tinha braços. Não conseguiu contato

com nada. Agora estava quase em cima daquela queda abominável e seu corpo estava cada vez mais distante e fora de alcance, adormecido de forma tão egoísta abaixo dela. Tentou gritar e despertar: nem um som. O corpo continuou dormindo, e o eu que observava estava sendo levado embora para muito longe do dossel das folhas e para o céu aberto.

E, por mais que ela lutasse, não conseguia oferecer nenhuma resistência. A força que a carregava era serena e poderosa como água jorrando sobre uma comporta: as partículas de Pó estavam fluindo junto, como se elas também estivessem jorrando sobre alguma beira invisível.

E levando-a para longe de seu corpo.

Ela lançou uma corda de salvação mental para aquele eu físico e tentou se lembrar da sensação de estar dentro dele: todas as sensações que consistiam em estar viva. Exatamente como era o toque da tromba, de ponta macia, de sua amiga Atai acariciando seu pescoço. O sabor de bacon com ovos. O esforço triunfante em seus músculos quando ela se impulsionava, subindo uma parede de rocha. A dança delicada de seus dedos no teclado de um computador. O cheiro de café sendo torrado. O calor de sua cama numa noite de inverno.

E, gradualmente, ela parou de se mover, a corda de salvação se manteve firme e ela sentiu o peso e a força da correnteza empurrando na direção oposta, enquanto se mantinha parada ali no céu.

E então aconteceu uma coisa estranha. Pouco a pouco (à medida que ela reforçava aquelas memórias de sentidos, acrescentando outras: o sabor de uma Margarita com gelo picado, que havia tomado na Califórnia, estar sentada debaixo dos limoeiros no pátio de um restaurante em Lisboa, limpar o gelo do pára - brisa de seu carro), ela sentiu o vento de Pó amainar. A pressão estava diminuindo.

Mas só sobre ela: por toda parte ao redor, acima e abaixo, a grande enchente corria forte como nunca. De alguma forma havia um pequenino retalho de quietude em torno dela, onde as partículas estavam resistindo ao fluxo. Elas eram conscientes! Tinham sentido sua ansiedade e respondido a ela. Então começaram a carregá-la de volta para seu corpo abandonado e quando estava perto o suficiente para vê-lo de novo, tão pesado, tão seguro, um soluço silencioso sacudiu seu coração.

E então ela mergulhou de volta em seu corpo e despertou.

Respirou fundo sentindo-se tremer. Pressionou as mãos e as pernas contra as pranchas ásperas de madeira da plataforma e, um minuto antes quase tendo enlouquecido de medo, naquele instante sentiu-se de novo tomada por uma profunda e lenta sensação de êxtase por estar de novo unida a seu corpo, à terra e a tudo o que importava.

Finalmente sentou-se

e tentou avaliar a situação. Seus dedos

encontraram a luneta e ela a levou ao olho, apoiando a mão trêmula com a outra. Não havia dúvida de que o fluxo lento de flutuação em toda a amplidão do céu tinha se intensificado tornando-se uma enchente. Não havia nada para ouvir e nada para sentir, e, sem a luneta, nada para ver, mas mesmo depois que tirou a luneta do olho aquela sensação de inundação rápida permaneceu vivida, junto com uma outra coisa em que não havia reparado devido ao terror de estar fora de seu corpo: o profundo e impotente pesar que se espalhava pelo ar.

As partículas de Sombra sabiam o que estava acontecendo e estavam pesarosas.

E ela própria era parcialmente matéria de Sombra. Parte dela estava sujeita àquela maré que estava se movendo através do cosmos. Como também estavam os mulefas e os seres humanos em todos

os mundos e todos os tipos de seres conscientes, onde quer que estivessem.

E, a menos que descobrisse o que estava acontecendo, eles poderiam todos acabar por se ver derivando rumo ao total apagamento, todos eles. De repente, ela desejou ardentemente estar em terra de novo. Guardou a luneta no bolso e começou a longa escalada para descer até o solo. O Padre Gomez atravessou a janela quando a luz do entardecer se tornava mais oblíqua e mais suave. Viu os grandes grupos de árvores-dasrodas e as estradas serpenteando através da pradaria, exatamente como Mary tinha visto, do mesmo ponto, algum tempo antes. Mas o ar estava limpo, sem névoa, pois havia chovido um pouco antes e ele podia ver mais longe do que ela tinha visto, em particular, ele podia ver o cintilar de um mar distante e algumas formas brancas em movimento que poderiam ser velas. Levantou a mochila mais alto nos ombros e seguiu na direção delas para ver o que poderia descobrir. Era agradável caminhar na calma do longo entardecer naquela estrada lisa, com o som de alguns animais semelhantes a cigarras cantando na relva alta e com o sol suave em seu rosto. O ar estava fresco e agradavelmente perfumado, completamente limpo dos vapores imundos de nafta, querosene, ou lá o que fosse, que tinham pairado tão pesadamente na atmosfera de um dos mundos por onde ele havia passado: o mundo ao qual seu alvo, a tentadora em pessoa, pertencia.

Ao pôr-do-sol, ele chegou a um pequeno promontório à beira de uma baía de águas rasas, a maré estava alta, porque só havia uma faixa estreita de areia macia e branca acima da linha da água.

E, flutuando nas águas calmas da baía, havia uma dúzia ou mais... o Padre Gomez teve que parar e pensar com cuidado. Uma dúzia ou mais de enormes pássaros brancos como neve, cada um do tamanho de um barco a remo, com longas asas retas que se arrastavam na água deixando uma esteira atrás deles: asas muito longas, com 1,80m ou mais de comprimento. Seriam realmente pássaros? Tinham penas e as cabeças e bicos não eram muito

diferentes das de cisnes, mas aquelas asas ficavam situadas uma na frente da outra, certamente...

De repente, eles o avistaram. Cabeças se viraram bruscamente e, instantaneamente, todas aquelas asas se levantaram bem alto, exatamente como as velas de um iate, e todas elas se inclinaram para receber o impulso da brisa, rumando para terra.

O Padre Gomez ficou impressionado com a beleza daquelas asas-velas, com a maneira como se flexionavam e ajustavam tão perfeitamente e com a velocidade dos pássaros. Então ele viu que também estavam remando: tinham pernas debaixo d'água, situadas não na frente e atrás como as asas, mas lado a lado, e, com as asas e as pernas se movendo juntas, tinham uma extraordinária velocidade e graça de movimento na água.

Quando o primeiro chegou à costa, veio andando pesadamente pela areia seca, diretamente para o padre. Estava sibilando cheio de maldade, estocando com a cabeça para frente, como um punhal, enquanto vinha bamboleando, subindo pela praia, e o bico abocanhava e estalava. E o bico também tinha dentes, como uma série de ganchos afiados encurvados.

O Padre Gomez estava a cerca de 90 metros da beira da água, num longo promontório coberto de relva, e teve tempo de sobra para botar a mochila no chão, tirar o rifle, carregá-lo e atirar.

A cabeça do pássaro explodiu numa neblina de vermelho e branco e a criatura morta continuou andando desajeitadamente, dando vários passos, antes de tombar sobre o peito. Ainda levou um minuto ou mais para morrer, as pernas chutavam, as asas subiam e desciam e o grande pássaro se debateu, dando volta após volta, num círculo sangrento, chutando para o alto a relva áspera, até que uma longa expiração borbulhante de seus pulmões acabou com um gorgolejante jorro vermelho, e ele tombou imóvel.

Os outros pássaros tinham parado assim que o primeiro caiu e ficaram imóveis, observando-o e observando o homem também.

Havia uma inteligência rápida, feroz nos olhos deles. Olhavam do homem para o pássaro morto e daí

para o rifle, e do rifle para o rosto dele.

Ele levantou o rifle levando-o ao ombro de novo e os viu reagir, movendose para trás desajeitadamente, juntando-se num grupo. Eles tinham compreendido.

Eram seres belos e fortes, grandes e de costas largas, na verdade, eram como barcos vivos. Se sabiam o que era a morte, pensou o Padre Gomez, e se podiam compreender a ligação entre a morte e ele, então havia a base para um acordo útil entre eles. Depois que tivessem realmente aprendido a temê-lo, fariam exatamente o que ele mandasse.

MEIA-NOITE

Inúmeras vezes me senti semi-apaixonado pela indulgência da morte... John Keats

- Marisa, acorde. Estamos quase pousando - disse Lorde Asriel. Um dia tempestuoso estava raiando sobre a fortaleza de basalto quando a nave da intenção chegou voando, vinda do sul. Dolorida e desgostosa, a Sra. Coulter abriu os olhos, não estivera dormindo. Viu o anjo Xaphania planando acima do campo de pouso e depois se elevando e seguindo para a torre enquanto a nave da intenção seguia para a plataforma atrás das trincheiras. Assim que a nave pousou, Lorde Asriel saltou rapidamente e correu para se juntar ao Rei Ogunwe na torre de observação a oeste, ignorando por completo a Sra. Coulter. Os técnicos que vieram imediatamente cuidar da aeronave também não lhe deram nenhuma atenção, ninguém lhe fez perguntas sobre a perda da aeronave que ela havia roubado, era como se ela tivesse se tornado invisível. Dominada pela tristeza, ela seguiu para os aposentos na torre adamantina, onde um ordenança ofereceu-se para lhe trazer algo que comer e café.

- Qualquer coisa serve - disse ela. - E obrigada. Ah, a propósito prosseguiu, quando o homem se virava para ir embora - o aletometrista de Lorde Asriel, o Sr...

- Sr. Basilides?

- Sim. Ele estaria livre para vir até aqui um instante?

- Está trabalhando com seus livros, no momento, madame. Pedirei a ele que venha até aqui quando puder.

Ela se lavou e se trocou, vestindo a única camisa limpa que lhe restava. O

vento frio que sacudia as janelas e a luz da manhã cinzenta a fizeram tiritar. Colocou mais carvão no braseiro, na esperança de que aquilo a fizesse parar de tremer, mas o frio estava em seus ossos, não só na carne. Dez minutos depois, houve uma batida à porta. O aletometrista, pálido, de olhos escuros, com seu *daemon* rouxinol pousado no ombro, entrou e fez uma pequena mesura. Um momento depois o ordenança voltou trazendo uma bandeja com pão, queijo e café, e a Sra. Coulter disse:

- Muito obrigada por ter vindo, Sr. Basilides. Posso lhe oferecer alguma coisa?

- Aceito um café, obrigado.

- Por favor, diga-me - pediu ela, depois de servir a bebida - pois tenho certeza que tem estado acompanhando o que aconteceu: minha filha está

viva?

Ele hesitou. O macaco dourado agarrou o braço da Sra. Coulter.

- Ela está viva - disse Basilides cautelosamente - mas também...

- Está? Ah, por favor, o que está querendo dizer?

- Ela está no mundo dos mortos. Durante algum tempo não consegui interpretar o que o instrumento estava me dizendo: parecia impossível. Mas não há dúvida. Ela e o menino foram para o mundo dos mortos e abriram uma passagem para os fantasmas saírem. Tão logo os mortos chegam ao ar livre, eles se dissolvem como fizeram seus *daemons* e parece que este é o fim mais agradável e desejável para eles. E o aletômetro me diz que a menina fez isso porque ela ouviu uma profecia de que a morte chegaria ao fim, e achou que esta era uma tarefa que deveria realizar. Em resultado disso, agora existe uma saída do mundo dos mortos.

A Sra. Coulter não conseguia falar. Teve que se virar e ir até a janela para esconder a emoção em seu rosto. Finalmente disse:

- E ela sairá de lá viva? Mas não, eu sei que o senhor não pode prever. Ela está... como está ela?... Ela...

- Ela está sofrendo, sentindo dor, está com medo. Mas tem a companhia do menino e dos dois espiões galivespianos, e todos ainda estão juntos.

- E a bomba?

- A bomba não a feriu.

A Sra. Coulter se sentiu exausta, de repente. Não queria mais nada além de se deitar e dormir durante meses, durante anos. Lá fora, a corda da bandeira no mastro estalou e se sacudiu com estrépito sob o vento, e as gralhas grasnaram enquanto voavam em círculos ao redor das fortificações.

- Muito obrigada, senhor - disse ela, virando-se de volta para o leitor. Estou muito agradecida. Por favor, poderia me avisar se descobrir mais alguma coisa a respeito dela, ou de onde ela está, ou o que está fazendo?

O homem fez uma mesura e se retirou. A Sra. Coulter foi se deitar na cama de campanha, mas, por mais que tentasse, não conseguiu

manter os olhos fechados.

- O que acha daquilo, Rei? - perguntou Lorde Asriel.

Ele estava olhando pelo telescópio da torre de observação para alguma coisa no céu a oeste. Tinha a aparência de uma montanha pendurada no céu, um palmo acima do horizonte e coberta por nuvens. Estava a uma grande distância, tão distante, na verdade, que não era maior que uma unha de polegar afastada à distância de um braço estendido. Mas não estava ali há

muito tempo, e se mantinha parada lá, absolutamente imóvel. O telescópio trouxe-a para mais perto, mas não havia maiores detalhes: uma nuvem ainda tem a aparência de uma nuvem, por mas ampliada que seja.

- A Montanha Nublada - respondeu Ogunwe. - Ou, como é que chamam? A Carruagem?

- Com o Regente controlando as rédeas. Ele se escondeu bem, esse Metatron. Falam a respeito dele nas escrituras apócrifas: que um dia foi homem, um homem chamado Enoque, o filho de Jared, seis gerações depois de Adão. E agora ele governa o reino. E está pretendendo fazer mais do que isso, se aquele anjo encontrado na beira do lago de enxofre estava certo, o que entrou na Montanha Nublada para espionar. Se ele vencer esta batalha, pretende intervir diretamente na vida humana. Imagine isso, Ogunwe, uma Inquisição permanente, pior que qualquer coisa com que o Tribunal Consistorial de Disciplina pudesse sonhar, composta de espiões e traidores em todos os mundos, e dirigida, pessoalmente, pela inteligência que está mantendo aquela montanha nas alturas... A velha Autoridade pelo menos teve a graça de se retirar, o trabalho sujo de queimar hereges e enforcar bruxas foi deixado para os padres. Esta nova será, de longe, muito pior.

- Bem, ele começou com a invasão da república - comentou Ogunwe. Olhe, aquilo é fumaça?

Um fluxo flutuante cinzento estava saindo da Montanha Nublada, uma mancha que se espalhava lentamente contra o céu azul. Mas não poderia ter sido fumaça: estava fluindo na direção oposta à do vento que soprava as nuvens com violência.

O rei levou o binóculo até os olhos e viu o que era.

- Anjos - disse.

Lorde Asriel afastou-se do telescópio e se levantou, a mão protegendo os olhos do sol. As centenas e depois aos milhares, e dezenas de milhares, até

que metade daquela parte do céu estivesse escurecida, as silhuetas minúsculas voavam e voavam, e continuavam vindo. Lorde Asriel tinha visto a força de bandos de bilhões de estorninhos azuis, que voavam em círculos, ao pôr-do-sol, ao redor do palácio do Imperador K'ang-Po, mas nunca tinha visto uma multidão tão vasta em toda a sua vida. Os seres voadores se reuniram e então se dividiram movendo-se lentamente, bem lentamente, para o norte e para o sul.

- Ah! E o que é aquilo? - perguntou Lorde Asriel, apontando. - Aquilo não é o vento.

A nuvem estava rodopiando para o flanco sul da montanha e longos estandartes esgarçados de vapor jorravam para fora sob os ventos fortes. Mas Lorde Asriel estava certo: o movimento estava vindo de dentro, não do ar do lado de fora. A nuvem se turvou e se retorceu, estremeceu, e então se abriu por um segundo.

Havia mais que uma montanha ali, mas eles só viram por um instante, então a nuvem rodopiou de volta, como se puxada sobre a montanha por uma mão invisível, para escondê-la novamente.

O Rei Ogunwe abaixou o binóculo.

- Aquilo não é uma montanha - declarou. - Vi plataformas para canhões...

- Eu também. Toda uma complexidade de coisas. Será que ele pode ver o que está do lado de fora através da nuvem? Eu gostaria de saber. Em certos mundos eles têm máquinas para fazer isso. Mas, quanto a seu exército, se esses anjos são tudo o que eles têm...

O rei soltou uma breve exclamação, em parte de espanto, em parte de desespero. Lorde Asriel se virou e agarrou o braço dele, apertando os dedos com uma força que quase fez doer até o osso.

- Eles não têm isso - afirmou ele, e sacudiu violentamente o braço de Ogunwe. - Eles não têm carne. Ele colocou a mão sobre a face áspera do amigo.

- Por mais que sejamos poucos - prosseguiu - e por mais curta que seja nossa vida, por mais fraca que seja nossa vista, por mais frágil que seja nossa pele, em comparação com eles, ainda somos mais fortes. Eles nos invejam, Ogunwe! É isso que alimenta o ódio deles, tenho certeza. Eles anseiam ter nossos corpos preciosos, tão sólidos e poderosos, tão bem adaptados à boa terra! E se os golpearmos com força e determinação, podemos varrer para longe, rápida e completamente, essas forças infinitas com a mesma facilidade que você pode enfiar a mão na névoa. A força deles se limita a isso!

- Asriel, eles têm aliados de um milhar de mundos, seres vivos como nós.

- Nós venceremos.

- E suponhamos que ele tenha mandado esses anjos para procurar sua filha?

- Minha filha! - exclamou Lorde Asriel, exultante. - Não é extraordinário trazer ao mundo uma criança como ela? Você imaginaria que teria sido o suficiente ir sozinha procurar o rei dos

ursos de armadura e passá-lo para trás, tomando-lhe seu reino, mas descer ao mundo dos mortos e calmamente conduzir todos eles para fora! E aquele menino, eu quero conhecer aquele menino, quero apertar a mão dele. Por acaso sabíamos o que estávamos enfrentando quando começamos esta rebelião? Não. Mas será que eles sabiam, a Autoridade e seu Regente, esse Metatron, será que sabiam o que estariam enfrentando quando minha filha foi envolvida?

- Lorde Asriel - disse o rei - o senhor compreende a importância que ela tem para o futuro?

- Francamente, não. Por isso quero ver Basilides. Para onde ele foi?

- Foi ver Lady Coulter. Mas o homem está exausto, não pode fazer mais nada enquanto não descansar.

- Deveria ter descansado antes. Mande chamá-lo, por favor. Ah, mais uma coisa: por favor, peça à Madame Oxentiel para vir até a torre assim que for conveniente. Preciso apresentar minhas condolências a ela. Madame Oxentiel tinha sido a comandante substituta dos galivespianos. Agora ela teria que assumir as responsabilidades de Lorde Roke. O Rei Ogunwe fez uma mesura e deixou seu comandante vasculhando o horizonte cinzento.

Durante aquele dia inteiro o exército se reuniu e se preparou. Anjos da força militar de Lorde Asriel voaram alto sobre a Montanha Nublada, procurando uma brecha, mas sem sucesso. Nada mudou, não apareceram mais anjos voando para dentro ou para fora, os ventos fortíssimos rasgavam as nuvens e as nuvens incessantemente se renovavam, sem se abrir nem por um segundo. O sol atravessou o céu azul frio e então começou a descer a sudoeste, dourando as nuvens e tingindo o vapor ao redor da montanha de todos os matizes de creme e escarlate, de damasco e tangerina. Quando o sol se pôs, as nuvens reluziram suavemente iluminadas por dentro. Os combatentes de todos os mundos onde a rebelião de Lorde Asriel tinha aliados agora estavam em posição, mecânicos e artífices estavam pondo combustível nas aeronaves,

carregando armas e calibrando visores de mira e medidas. Quando chegou a escuridão, alguns reforços bem-vindos também chegaram: as patas ligeiras se movendo silenciosamente sobre o solo gelado do norte, foram chegando separadamente, um por um, diversos ursos de armadura - foi um grande número, muitos ursos vieram e, entre eles, estava seu rei. Não muito depois, chegou o primeiro de vários clãs de bruxas, o som de ar passando através dos galhos de seus pinheiros nubígenos sussurrando no céu escuro durante muito tempo.

Ao longo da planície ao sul da fortaleza, milhares de luzes brilhavam, marcando os acampamentos daqueles que tinham chegado vindos de muito longe. Mais além, em todos os quatro cantos da bússola, esquadrilhas de anjos espiões voavam incansavelmente montando guarda.

À meia-noite, na torre adamantina, Lorde Asriel estava sentado discutindo planos com o Rei Ogunwe, o anjo Xaphania, Madame Oxentiel, a galivespiana, e Teukros Basilides. O aletometrista tinha acabado de falar e Lorde Asriel se levantou, atravessou o aposento indo até a janela e olhou para fora para o brilho distante da Montanha Nublada pairando no céu a oeste. Os outros estavam em silêncio, tinham acabado de ouvir algo que fizera Lorde Asriel empalidecer e tremer, e nenhum deles sabia exatamente como reagir. Afinal, Lorde Asriel se pronunciou.

- Sr. Basilides - disse - deve estar muito cansado. Estou muito grato por todos os seus esforços. Por favor, beba um pouco de vinho conosco.

- Muito obrigado, senhor.

As mãos dele estavam tremendo. O Rei Ogunwe serviu o Tokay dourado e passou-lhe o copo.

- O que isto significará, Lorde Asriel? - perguntou a voz clara de Madame Oxentiel. Lorde Asriel voltou para a mesa.

- Bem - disse ele - significará que quando entrarmos em combate teremos um novo objetivo. Minha filha e esse menino de alguma forma se separaram de seus *daemons* e conseguiram sobreviver, e seus *daemons* estão em algum lugar aqui neste mundo, corrija-me se estiver resumindo erradamente, Sr. Basilides, seus *daemons* estão aqui neste mundo e Metatron está decidido a capturá-los. Se ele capturar os *daemons*, as crianças terão que segui-lo, e se ele puder controlar essas duas crianças, o futuro será dele, para sempre. Nossa missão é muito clara: temos que encontrar os *daemons* antes que ele o faça e mantê-los em segurança até que a menina e o menino voltem a se juntar a eles.

A líder galivespiana perguntou:

- Que forma eles têm, esses dois *daemons* perdidos?

- Ainda não têm forma fixa, madame - respondeu Teukros Basilides. Poderiam ter qualquer forma.

- Portanto - prosseguiu Lorde Asriel - para resumir: todos nós, nossa república, o futuro de todos os seres conscientes, todos nós dependemos de minha filha continuar viva e de impedir que seu *daemon* e o do menino caiam nas mãos de Metatron?

- Exatamente.

Lorde Asriel suspirou, quase que com satisfação, era como se ele tivesse chegado ao fim de um longo e complexo cálculo, e tivesse encontrado uma resposta que fazia um sentido bastante inesperado.

- Muito bem - declarou, pondo as mãos espalmadas sobre a mesa. Então isto é o que vamos fazer quando a batalha começar. Rei Ogunwe, o senhor assumirá o comando de todos os exércitos defendendo a fortaleza. Madame Oxentiel, a senhora deverá mandar seu povo sair imediatamente e conduzir buscas em todas as direções para encontrar a menina e o menino, e os dois *daemons*. Quando os encontrarem, devem defendê-los com suas vidas até

que tornem a se reunir. Nesse momento, pelo que compreendi, o menino poderá escapar para um outro mundo e ficar em segurança.

A dama assentiu. Seus cabelos duros, prateados, refletiram a luz da lamparina brilhando como aço inoxidável e o falcão azul que ela tinha herdado de Lorde Roke abriu as asas rapidamente na arandela junto à porta.

- Agora, Xaphania - disse Lorde Asriel. - O que sabe a respeito desse Metatron? Ele outrora foi um homem: ainda tem a força física de um ser humano?

- Ele alcançou a proeminência muito depois que fui exilada - respondeu o anjo. - Nunca o vi de perto. Mas não teria sido capaz de dominar o reino a menos que fosse, realmente, muito, muito forte, forte em todos os sentidos. A maioria dos anjos evitaria o combate corpo a corpo. Metatron apreciaria o combate e venceria.

Ogunwe percebeu que Lorde Asriel acabara de ter uma idéia. Sua atenção de repente se retraiu, seus olhos perderam o foco por um instante e então rapidamente voltaram a se concentrar no momento em curso com uma carga adicional de intensidade.

- Compreendo - disse ele. - Finalmente, Xaphania, o Sr. Basilides nos disse que a bomba deles não somente abriu um abismo abaixo dos mundos, como também fraturou a estrutura das coisas tão profundamente que há

fissuras e rachaduras por toda parte. Em algum lugar aqui nas vizinhanças deve haver um caminho de descida até a borda desse abismo. Quero que o encontre.

- O que pretende fazer? - perguntou o Rei Ogunwe asperamente.

- Vou destruir Metatron. Mas meu papel está quase encerrado. É minha filha que tem que viver e é nossa missão manter todas as forças do reino longe dela para que tenha uma chance de encontrar

o caminho para um mundo mais seguro, ela e aquele menino e seus *daemons*.

- E a Sra. Coulter? - perguntou o rei. Lorde Asriel passou a mão na testa.

- Prefiro que não seja incomodada - declarou. - Deixe-a em paz e proteja-a se puder. Embora... Talvez eu esteja cometendo uma injustiça contra ela. Não importa o que tenha feito, ela nunca deixou de me surpreender. Mas todos nós sabemos o que nós devemos fazer e por que temos que fazê-lo: temos que proteger Lyra até ela encontrar seu *daemon* e fugir. Nossa república poderia ter sido criada com o único objetivo de ajudá-la a fazer isso. Bem, vamos tratar de fazer isso o melhor que pudermos.

A Sra. Coulter estava deitada na cama de Lorde Asriel no quarto ao lado. Ao ouvir vozes no aposento vizinho, ela despertou, pois não estava profundamente adormecida. Acordou de seu sono agitado sentindo-se aflita e carregada de anseio.

Seu *daemon* sentou a seu lado, mas ela não queria se aproximar da porta, era simplesmente o som da voz de Lorde Asriel que queria ouvir, mais do que quaisquer palavras em particular. Acreditava que estavam ambos condenados. Acreditava que todos eles estivessem condenados. Finalmente ela ouviu a porta se fechar no outro aposento e se esforçou para se pôr de pé.

- Asriel - chamou, passando pela porta e entrando no gabinete iluminado pela luz cálida de nafta.

O *daemon* dele rosnou baixinho: o macaco dourado baixou a cabeça lá

embaixo em sinal de que buscava conciliação com ela. Lorde Asriel estava enrolando um grande mapa e não se virou.

- Asriel, o que vai acontecer com todos nós? - perguntou ela, sentandose numa cadeira. Ele apertou a base das mãos nos olhos.

Seu rosto estava muito abatido pelo cansaço. Sentou-se e descansou um cotovelo sobre a mesa. Seus *daemons* estavam muito quietos: o macaco agachado no encosto da cadeira, a pantera branca sentada bem ereta e alerta ao lado de Lorde Asriel, observando a Sra. Coulter sem piscar.

- Você não ouviu? - perguntou ele.

- Ouvi um pouco. Não consegui dormir, mas não estava prestando atenção. Onde está Lyra, alguém sabe?

- Não.

Ele ainda não tinha respondido à primeira pergunta e não ia responder, ela sabia disso.

- Nós deveríamos ter-nos casado - disse ela - e tê-la criado juntos. Foi um comentário tão inesperado que ele levantou a cabeça e olhou rapidamente para ela. Seu *daemon* soltou o rosnado mais suave possível lá no fundo da garganta e se acomodou com as patas estendidas para frente na posição da Esfinge. Ele não disse nada.

- Não consigo suportar a idéia do apagamento total, Asriel - prosseguiu ela. - Prefiro qualquer coisa a isso. Costumava pensar que a dor seria pior, ser torturada para sempre, achava que isso devia ser pior... Mas, enquanto você

estivesse consciente, seria melhor, não seria? Melhor que não sentir nada, apenas sumir na escuridão, tudo se apagando para todo o sempre?

O papel dele era apenas ouvir. Seus olhos estavam cravados nos dela e ele estava prestando profunda atenção, não havia necessidade de responder. Ela disse:

- No outro dia, quando você falou a respeito dela com tanta amargura, e de mim... Pensei que a odiasse. Podia compreender

que me odiasse. Eu nunca odiei você, mas podia compreender... eu sabia por que poderia me odiar. Mas não conseguia compreender por que você odiava Lyra.

Ele virou o rosto para o lado, lentamente, depois olhou de volta para ela.

- Eu me lembro que você disse alguma coisa estranha, em Svalbard, no topo da montanha, pouco antes de partir de nosso mundo - prosseguiu ela. Você disse: venha comigo e destruiremos a fonte do Pó para sempre. Você se lembra de ter dito isso? Mas não era o que estava querendo dizer. Estava querendo dizer exatamente o oposto, não era? Agora compreendo. Por que não me disse o que realmente estava fazendo? Por que não me disse que na verdade estava tentando preservar o Pó? Poderia ter-me dito a verdade.

- Eu queria que você viesse comigo e se unisse a mim - respondeu ele, com a voz rouca e baixa - e achei que você preferiria uma mentira.

- Sim - sussurrou ela - foi o que pensei.

Ela não conseguia ficar parada na cadeira, mas na verdade não tinha forças para se levantar. Por um instante sentiu-se tonta, a cabeça girou, os sons foram sumindo, o aposento escureceu, mas quase que imediatamente recuperou os sentidos, ainda mais impiedosamente do que antes, e nada na situação tinha mudado.

- Asriel... - murmurou.

O macaco dourado estendeu a mão hesitante para tocar na pata da pantera branca. O homem observou sem dizer uma palavra e Stelmaria não se moveu, seus olhos estavam cravados na Sra. Coulter.

- Ah, Asriel, o que vai acontecer conosco? - perguntou a Sra. Coulter de novo. - Será isso o fim de tudo?

Ele não disse nada.

Movendo-se como alguém em um sonho, ela se levantou, apanhou a mochila que estava no canto do gabinete e enfiou a mão para pegar a pistola, e o que ela teria feito a seguir, ninguém saberia, porque naquele momento houve o som de passos subindo as escadas correndo.

Tanto o homem quanto a mulher, e ambos os *daemons*, se viraram para olhar para o ordenança que entrou e disse ofegante:

- Com licença, senhor, os dois *daemons*, eles foram avistados, não muito longe do portão leste, sob a forma de gatos, a sentinela tentou falar com eles, fazê-los entrar, mas não quiseram se aproximar. Isso foi há apenas um minuto...

Lorde Asriel endireitou-se na cadeira, transfigurado. Toda a fadiga havia sido apagada de seu rosto em um instante. Ele se levantou de um salto e agarrou o sobretudo. Ignorando a Sra. Coulter, jogou o casaco sobre os ombros e disse para o ordenança:

- Avise Madame Oxentiel imediatamente. Faça circular esta ordem: os *daemons* não devem ser ameaçados, nem assustados, ou coagidos de nenhuma forma. Qualquer um que os veja deve primeiro...

A Sra. Coulter não ouviu mais nada do que ele estava dizendo, porque Lorde Asriel já tinha saído e estava a meio caminho, descendo a escada. Quando o som de seus passos correndo também desapareceu, os únicos sons eram o sibilar suave da lamparina de nafta e o gemido do vento selvagem lá

fora.

Os olhos dela encontraram os olhos de seu *daemon*. A expressão do macaco dourado era sutil e complexa, como sempre tinha sido, ao longo de todos os seus 35 anos de vida.

- Muito bem - disse ela. - Não vejo nenhuma outra alternativa. Acho... Acho que nós vamos...

Ele soube instantaneamente o que ela queria dizer. Saltou para o colo dela e eles se abraçaram. Depois ela pegou seu casaco forrado de pele e muito silenciosamente os dois deixaram o gabinete e desceram pelas escadas escuras.

A BATALHA NA PLANÍCIE

Todo homem está sob o domínio de seu espectro até que é chegada a hora em que sua humanidade desperta...

Willian Blake

Foi terrivelmente difícil para Lyra e Will deixar aquele mundo agradável onde tinham dormido na noite anterior, mas, se quisessem reencontrar seus *daemons*, tinham que entrar de novo na escuridão. E agora, depois de horas se arrastando exaustivamente pelo túnel quase escuro, Lyra inclinou-se pela vigésima vez para consultar o aletômetro, inconscientemente emitindo pequenos sons de angústia - gemidos e suspiros que teriam sido soluços se tivessem mais força. Will também sentia uma dor onde seu *daemon* estivera, um lugar escaldante, queimado, de profunda sensibilidade que era rasgado por ganchos gelados cada vez que respirava. Com que cansaço ela fez girar os ponteiros, como seus pensamentos se moviam lentos, como se fossem pés calçados de chumbo. Os degraus de significado que a conduziam a cada um dos 36 símbolos do aletômetro, pelos quais ela costumava descer tão rapidamente e tão confiante, pareciam soltos e trêmulos. E estabelecer as conexões entre eles em sua mente... Antigamente tinha sido como correr, ou cantar, ou contar uma história: uma coisa natural. Agora tinha que fazê-lo com um enorme esforço, e sua compreensão estava falhando, e não podia falhar, caso contrário tudo o mais fracassaria...

- Não está longe - disse ela finalmente. - E temos pela frente todo tipo de perigos, está havendo uma batalha, está havendo... Mas

estamos quase no lugar certo agora. Bem no final deste túnel existe um grande pedregulho liso, com uma nascente de onde sai uma corrente de água. É lá que você pode cortar a abertura.

Os fantasmas que iriam lutar seguiram adiante, cheios de entusiasmo, e ela sentiu Lee Scoresby chegar bem perto, a seu lado. Ele disse:

- Lyra, minha menina, agora não falta muito. Quando você encontrar aquele velho urso, diga a ele que Lee se foi lutando. E depois que a batalha tiver terminado, terei todo o tempo do mundo para flutuar ao sabor do vento e encontrar os átomos que costumavam ser Hester, e minha mãe, na terra das artemísias, e minhas namoradas, todas as minhas namoradas... Lyra, minha querida, trate de descansar quando tudo isso tiver acabado, está me ouvindo?

A vida é boa e a morte morreu...

A voz dele foi se calando. Ela queria abraçá-lo, mas é claro que isso era impossível. De maneira que, em vez disso, apenas olhou para seu vulto pálido e o fantasma viu a paixão e o brilho em seus olhos e recebeu a força que transmitiam.

E no ombro de Lyra e no de Will vinham os dois galivespianos. O tempo curto de vida que tinham estava quase esgotado, cada um dos dois sentia o enrijecimento nos músculos, um frio ao redor do coração. Ambos estariam de volta ao mundo dos mortos brevemente, dessa vez como fantasmas, mas eles trocaram um olhar e juraram que ficariam com Will e Lyra por tanto tempo quanto pudessem e que não diriam nem uma palavra a respeito de estarem perto da morte.

As crianças foram escalando com dificuldade, para o alto, cada vez mais para o alto. Não falaram. Ouviam a respiração ofegante um do outro, ouviam os sons de seu passos, ouviam o ruído das pedrinhas que seus passos deslocavam. À frente deles, o tempo todo, a harpia subia pesadamente, com dificuldade, suas asas se arrastando, as garras arranhando, calada e carrancuda.

E então surgiu um novo som: um gotejar constante, ecoando no túnel. E

depois um gotejar mais rápido, um escorrer devagar, um som de água corrente.

- Aqui! - exclamou Lyra, estendendo a mão para a frente para tocar uma parede de pedra que bloqueava o caminho, lisa e fria. - É aqui. Ela se virou para a harpia.

- Estive pensando - disse ela - sobre como me salvou, e como prometeu guiar todos os fantasmas que passarem pela terra dos mortos para aquele mundo onde dormimos ontem à noite. E pensei que se você não tem nome, isso não pode estar certo, não para o futuro. Assim pensei que eu podia dar um nome a você, como o Rei Iorek Byrnison me deu o meu nome, Lyra da Língua Mágica. Vou chamar você de Asas da Bondade. De maneira que, de agora em diante, este é o seu nome e é isso que você vai ser para sempre: Asas da Bondade.

- Um dia - disse a harpia - eu verei você de novo, Lyra da Língua Mágica.

- E se eu souber que você está aqui, não vou ter medo - declarou Lyra. Adeus, Asas da Bondade, até o dia em que eu morrer. Ela abraçou a harpia bem apertado e beijou-lhe as duas faces. Então o Cavaleiro Tialys perguntou:

- Este é o mundo da república de Lorde Asriel?

- É - confirmou Lyra - foi o que o aletômetro disse. Estamos perto da fortaleza dele.

- Então deixe-me falar com os fantasmas. Ela o levantou bem alto e ele gritou:

- Ouçam, porque Lady Salmakia e eu somos os únicos dentre nós que já

vimos este mundo antes. Há uma fortaleza no cume de uma montanha: é isso que Lorde Asriel está defendendo. Quem é o inimigo não sei dizer. Lyra e Will agora têm apenas uma missão, que é procurar seus *daemons*. A nossa missão é ajudá-los. Vamos ser corajosos e combater bem.

Lyra virou-se para Will.

- Tudo bem - disse - estou pronta.

Ele pegou a faca e olhou bem nos olhos do fantasma de seu pai, que se mantinha bem perto. Eles não se conheceriam por muito mais tempo e Will pensou em como teria ficado satisfeito de ver sua mãe ao lado deles também, os três juntos.

- Will - chamou Lyra, assustada.

Ele se deteve. A faca estava presa, enfiada no ar. Afastou a mão e ela ficou pendurada ali, presa na substância de um mundo invisível. Will deixou escapar um profundo suspiro.

- Eu quase...

- Eu vi - disse ela. - Olhe para mim, Will.

Na luz pálida ele viu seus cabelos claros, brilhantes, a boca firme, os olhos francos: sentiu o calor de seu hálito, reconheceu o perfume familiar de sua pele.

A faca se soltou.

- Vou tentar de novo - declarou.

Dando as costas para todos, ele se virou para a parede de pedra. Concentrando-se com toda a intensidade, deixou sua mente fluir descendo até

a ponta da faca, tateando, recuando, procurando, e então encontrou a fenda. A ponta entrou, cortou para o lado, para baixo e de volta

para o lado: os fantasmas estavam agrupados em massa, tão junto deles que o corpo de Will e o de Lyra sentiam pequenos choques de frio em cada nervo.

E então ele fez o corte final.

A primeira coisa que assaltou seus sentidos foi o barulho. A luz que penetrou de um golpe era ofuscante e tiveram que cobrir os olhos, fantasmas e vivos igualmente, de modo que não puderam enxergar nada durante vários segundos, mas as pancadas incessantes, as explosões, o matraquear de rajadas de artilharia, os berros e gritos, instantaneamente, ficaram todos muito nítidos e terrivelmente assustadores.

O fantasma de John Parry e o fantasma de Lee Scoresby foram os primeiros a recuperar a presença de espírito. Como ambos tinham sido soldados, com experiência de combate, não ficaram tão desorientados pelo barulho. Will e Lyra simplesmente ficaram olhando tomados pelo medo e pelo espanto.

Foguetes explosivos estavam eclodindo no ar acima, despejando uma chuva de fragmentos de rocha e metal sobre as encostas da montanha, que viram um pouco mais adiante, e nos céus, anjos lutavam com anjos, e bruxas também, arremetendo, voando baixo e depois subindo às alturas, berrando os gritos de guerra de seus clãs enquanto disparavam flechas contra seus inimigos. Viram um galivespiano, montado numa libélula, mergulhando para atacar uma máquina voadora cujo piloto tentou lutar contra ele em combate corpo a corpo. Enquanto a libélula dardejava e dava vôos rasantes sobre a máquina, seu cavaleiro saltou dela para enfiar suas esporas bem fundo no pescoço do piloto, e então o inseto voltou, voando baixo para deixar que seu cavaleiro saltasse sobre seu dorso verde-brilhante enquanto a máquina voadora se chocava diretamente contra as rochas nos contrafortes da fortaleza.

- Aumente a abertura - disse Lee Scoresby. - Deixe-nos sair!

- Espere, Lee - disse John Parry. - Alguma coisa está acontecendo... olhe ali.

Will cortou uma outra pequena janela na direção que ele indicou e, quando olharam para fora, puderam ver uma mudança na evolução do combate. As forças atacantes começaram a ceder terreno e a recuar: um grupo de veículos armados parou de avançar e, sob o fogo de cobertura, virou pesadamente e bateu em retirada. Uma esquadrilha de máquinas voadoras, que estivera levando a melhor numa dura batalha contra os girópteros de Lorde Asriel, fez um círculo no céu e se afastou rumo ao oeste. As forças do reino em terra - colunas de fuzileiros, tropas equipadas com lança-chamas, com canhões que disparavam uma chuva venenosa, com armas que nenhum dos observadores jamais havia visto - começaram a se dispersar e a recuar.

- O que está acontecendo? - perguntou Lee. - Eles estão batendo em retirada, mas por quê?

Parecia não haver nenhuma razão para isso: os aliados de Lorde Asriel estavam superados em número, suas armas eram menos potentes e havia muitos mais deles caídos feridos.

Então Will sentiu um movimento repentino entre os fantasmas. Estavam apontando para alguma coisa flutuando no ar.

- Espectros! - exclamou John Parry. - Este é o motivo.

E, pela primeira vez, Will e Lyra acharam que podiam ver aquelas coisas, como véus de gaze tremeluzente, caindo do céu como lanugem de cardo. Mas eram muito transparentes, e quando chegavam ao chão eram muito mais difíceis de ver.

- O que eles estão fazendo? - perguntou Lyra. - Eles estão se dirigindo para aquele pelotão de fuzileiros - E Will e Lyra sabiam o que iria acontecer e os dois gritaram apavorados:

- Corram! Fujam daí!

Alguns dos soldados, ouvindo vozes de crianças gritando de perto, olharam em torno, espantados. Outros, vendo um Espectro se aproximando na direção deles, tão estranho, vazio e ávido, levantaram as armas e atiraram, mas, é claro, sem nenhum efeito. E então o Espectro atacou o primeiro homem que alcançou.

Era um soldado do mundo de Lyra, um africano. Seu *daemon* era uma gata de pernas longas, castanho-amarelada com pintas pretas, e ela arreganhou os dentes e preparou-se para saltar.

Eles viram o homem fazer pontaria com a metralhadora, destemido, sem ceder um centímetro - e então viram o *daemon* lutando contra uma rede invisível, rosnando, uivando impotente e o homem tentando alcançá-la, largando sua arma, gritando o nome dela e caindo, ele próprio desmaiando de dor e náusea brutal.

- Muito bem, Will - disse John Parry. - Deixe-nos sair agora, nós podemos lutar contra essas coisas.

De modo que Will abriu mais a janela, alargando-a, e saiu correndo, encabeçando o exército de fantasmas, e então teve início a batalha mais estranha que ele podia imaginar.

Os fantasmas escalavam a janela, saindo de dentro da terra, vultos pálidos, ainda mais pálidos sob a luz do meio-dia. Agora não tinham mais nada que temer e se lançavam contra os Espectros invisíveis, atracando-se, lutando e dilacerando coisas que Will e Lyra absolutamente não conseguiam ver. Os fuzileiros e os outros aliados vivos estavam perplexos: não conseguiam ver nem entender nada daquele combate fantasmagórico, espectral. Will foi abrindo caminho até o meio deles, brandindo a faca, lembrando-se de como os Espectros tinham fugido dela antes. Aonde quer que ele fosse, Lyra ia atrás, desejando ter alguma coisa com que pudesse lutar como Will estava fazendo, mas olhando ao redor, observando mais atentamente. Achou que de vez em quando podia ver os Espectros, num brilho oleoso no ar, e foi Lyra quem sentiu o primeiro arrepio de medo. Com Salmakia em seu ombro, ela se encontrava numa pequena elevação, apenas um monte de terra coberto por arbustos

de espinheiro, de onde podia ver a enorme amplitude do terreno que os invasores estavam destruindo.

O sol estava bem acima de Lyra. Adiante, no horizonte a oeste, as nuvens se aglomeravam empilhadas e brilhantes, fendidas por abismos de escuridão, seus topos abertos sob os ventos fortes que sopravam a grande altitude. Naquela direção também, na planície, as forças terrestres do inimigo esperavam: máquinas reluziam muito claras, bandeiras em movimentos de cor, regimentos em formação, esperando.

Atrás, e à sua esquerda, havia a cadeia de colinas pontiagudas que conduziam à fortaleza. Elas brilhavam em um tom cinza - claro, refletindo a luz sinistra que precede a tempestade, e nas fortificações distantes das muralhas de basalto negro, conseguia ver até pequeninos vultos se movimentando de um lado para outro, fazendo reparos nas muralhas danificadas, trazendo mais armas para disparar ou simplesmente observando.

E foi mais ou menos nesse instante que Lyra sentiu o primeiro solavanco distante de náusea, dor e medo que era o toque inconfundível dos Espectros. Ela soube o que era imediatamente, embora nunca o tivesse sentido antes. E aquilo disse-lhe duas coisas: a primeira, que devia ter crescido o suficiente para se tornar vulnerável aos Espectros, e a segunda, que Pan devia estar em algum lugar bem perto.

- Will... Will - gritou.

Ele a ouviu e se virou, de faca em punho e olhos faiscantes. Mas, antes que ele pudesse falar, arquejou, sacudido por um solavanco sufocante, e agarrou o peito, e ela soube que a mesma coisa devia estar acontecendo com ele.

- Pan! Pan! - gritou, ficando nas pontas dos pés para olhar ao redor. Will estava dobrado para a frente, tentando não vomitar. Depois de alguns instantes a sensação passou, como se seus *daemons* tivessem escapado, mas não estavam mais perto de encontrá-los e

por toda parte o ar estava cheio de tiros, gritos, vozes berrando de dor ou de pânico, o ioque-ioque-ioque distante dos avantesmas-dos-penhascos voando em círculos acima, volta e meia o zunido *tzim* e a pancada *tuque* de flechas e então um som novo: o vento se tornando mais intenso.

Lyra o sentiu primeiro nas faces e depois viu a relva se dobrando sob sua força, e então o ouviu nos espinheiros. O céu mais adiante estava tomado por uma tempestade colossal: toda a brancura havia desaparecido das massas arredondadas de nuvens carregadas e elas vinham avançando e rodopiavam em tons amarelo-enxofre, verde-mar, cinza-enfumaçado, negro-petróleo, um violento encrespamento com quilômetros de altura e largo como o horizonte. Atrás dela o sol ainda estava brilhando, de modo que todos os pequenos arbustos e cada uma das árvores entre ela e a tempestade fulguravam fervorosos e vividos, coisas pequeninas e frágeis desafiando a escuridão com folha e galho e flor.

E através de tudo aquilo seguiram as duas não – mais exatamente crianças, vendo os Espectros agora quase que claramente. O vento estava fustigando os olhos de Will e chicoteando os cabelos de Lyra contra sua face, e deveria ter conseguido soprar os Espectros para longe, mas as coisas desciam flutuando em linha reta para o solo diretamente através dele. O menino e a menina, de mãos dadas, foram caminhando cautelosamente em meio aos mortos e feridos, Lyra chamando seu *daemon*, Will, com todos os seus sentidos alerta, buscando o seu.

E agora o céu estava rendado de relâmpagos, então o primeiro estrondo poderosíssimo de um trovão acertou seus tímpanos como um machado. Lyra pôs as mãos na cabeça e Will quase tropeçou, como se empurrado para baixo pelo som. Eles se agarraram um no outro, olharam para o alto e se depararam com uma visão que ninguém jamais tinha visto antes em nenhum dos milhões de mundos.

Bruxas, do clã de Ruta Skadi e do clã de Reina Miti, e de mais uma meia dúzia de outros, cada uma delas carregando uma tocha de

pinheiro do pez encharcada de betume, vinham voando numa torrente sobre a fortaleza vindas do leste, do último canto de céu claro, seguindo diretamente para a tempestade.

Aqueles que estavam no solo podiam ouvir o rugido e o crepitar dos voláteis hidrocarbonetos ardendo lá no alto. Uns poucos Espectros ainda permaneciam nas alturas e algumas bruxas voaram de encontro a eles, sem vê-los, e gritando despencaram em chamas no chão, mas, àquela altura, a maioria das coisas pálidas tinha chegado ao solo e a grande esquadrilha de bruxas passou correndo como um rio de fogo penetrando no meio da tempestade.

Uma esquadrilha de anjos, armados de lanças e espadas, tinha saído da Montanha Nublada para vir ao encontro das bruxas. Eles tinham o vento soprando às suas costas e vieram avançando mais rápidos que flechas, mas as bruxas estavam à altura deles, e as primeiras subiram voando muito alto e depois mergulharam nas fileiras de anjos, golpeando à esquerda e à direita com suas tochas ardentes. Um anjo após outro, delineado em fogo, com as asas em chamas, despencou gritando do ar.

E então as primeiras grandes gotas de chuva caíram. Se o comandante das nuvens de tempestade queria apagar as tochas das bruxas, ficou desapontado,

o pinheiro do pez e o betume continuaram ardendo

desafiadoramente contra as gotas, crepitando e sibilando mais alto, quanto mais chuva caía sobre eles. As gotas de chuva bateram no solo como se tivessem sido lançadas com maldade, explodindo e respingando para cima no ar. Em menos de um minuto Lyra e Will estavam ensopados até os ossos e tremendo de frio, e a chuva golpeava-lhe a cabeça e os braços como minúsculas pedrinhas.

Em meio àquilo tudo os dois seguiram adiante, cambaleando e se esforçando, limpando a água dos olhos, gritando:

- Pan! Pan! - em meio ao tumulto.

Os trovões acima agora eram quase contínuos, rasgando, moendo e explodindo como se os próprios átomos estivessem sendo rompidos. Entre as explosões de raios e trovões e as pontadas de medo, Will e Lyra corriam, urrando juntos:

- Pan! Meu Pantalaimon! Pan - e um grito sem palavra de Will, que sabia o que havia perdido, mas não como ela se chamava.

Com eles, por toda parte onde passavam, iam os galivespianos advertindo-os para olhar nessa direção, para seguir por aquela, de olho nos Espectros que as crianças ainda não podiam ver claramente. Lyra tinha que segurar Salmakia nas mãos porque a pequenina dama não tinha mais forças para se segurar no ombro de Lyra. Tialys estava vasculhando os céus ao redor, em busca de seus companheiros e gritando sempre que via uma faísca de cor brilhante passar dardejando no ar acima. Mas a voz dele tinha perdido muito de sua força e de qualquer maneira os outros galivespianos estavam procurando as cores dos clãs de suas duas libélulas, a azul - elétrica e a vermelho - e amarela, e essas cores há muito haviam se apagado, e os corpos que tinham brilhado com elas jaziam no mundo dos mortos.

E então houve um movimento no céu que foi diferente do resto. Enquanto as crianças olhavam para cima, protegendo os olhos da chuva violenta, viram uma aeronave diferente de todas as que tinham visto antes: deselegante, com seis pernas, escura e totalmente silenciosa. Estava voando baixo, muito baixo, vinda da fortaleza. Ela fez um vôo rasante bem acima, passando sobre a cabeça deles na altura de um telhado, e então se afastou seguindo para o coração da tempestade.

Mas eles não tiveram tempo para se perguntar sobre o que seria, pois um outro latejar estonteante de náusea disse a Lyra que Pan estava em perigo novamente, e então Will também o sentiu, e os dois seguiram cambaleando cegamente em meio às poças de água, lama e o caos de homens feridos e fantasmas lutando, desprotegidos, apavorados e se sentindo enjoados. **A MONTANHA NUBLADA**

E ao longe vê com atenção pausada o empírio céu, que nos sentidos todos vai a perder de vista e excelso cobre a sua forma na grandeza sua; observa-lhe com saudade de opalas as torres, de safira os muros.

John Milton – Canto II,69

A nave da intenção estava sendo pilotada pela Sra. Coulter. Ela e seu *daemon* estavam sozinhos na cabine de comando.

O altímetro barométrico era de muito pouca utilidade por causa da tempestade, mas podia calcular aproximadamente sua altitude observando as fogueiras que ardiam no chão onde os anjos caíam, apesar da chuva torrencial, as chamas ainda estavam altas. No que dizia respeito ao curso, também não era difícil: os relâmpagos e raios que caíam sobre a montanha serviam como faróis intensos. Mas ela tinha que evitar os vários seres voadores e se manter longe das elevações no solo abaixo.

Não utilizou as luzes, porque queria se aproximar e encontrar um lugar para pousar antes que a vissem. À medida que voou para mais perto, as correntes de ar verticais tornaram-se mais violentas, as rajadas mais repentinas e brutais. Um giróptero não teria tido nenhuma chance: as selvagens rajadas de vento o teriam lançado ao solo como uma mosca. Na nave da intenção ela podia se mover suavemente com o vento, ajustando seu equilíbrio como alguém numa prancha deslizando sobre uma onda no Oceano Pacífico.

Cautelosamente, ela começou a subir, examinando o que estava à sua frente, ignorando os instrumentos, navegando por alcance visual e por instinto. Seu *daemon* saltava de um lado para outro na pequena cabine de vidro, olhando para o que estava à frente, acima, à esquerda e à direita, e passandolhe informações constantemente. Os relâmpagos e raios, grandes clarões e lanças de luminosidade fulgurante, refulgiam e ribombavam, acima e ao redor da aeronave. Em meio a tudo isso ela voava na pequena aeronave, pouco a pouco ganhando altura e sempre seguindo adiante em direção ao palácio coberto de nuvens.

E à medida que a Sra. Coulter se aproximava, viu sua atenção deslumbrada e desconcertada com a natureza da montanha propriamente dita. Fazia com que se lembrasse de uma certa heresia abominável, cujo autor agora merecidamente definhava nas masmorras do Tribunal Consistorial. Ele havia sugerido que havia mais dimensões espaciais que as três conhecidas, que, em uma escala muito pequena, havia até sete ou oito outras dimensões, mas que elas eram impossíveis de ser examinadas diretamente. O homem tinha até construído um modelo para mostrar como poderiam funcionar e a Sra. Coulter tinha visto o objeto antes de ser exorcizado e queimado. Dobras dentro de dobras, cantos e bordas ao mesmo tempo contendo e sendo contidos: seu interior estava em toda parte e seu exterior em todas as outras partes. A Montanha Nublada a afetava de uma maneira similar: não era bem como um rochedo, era mais como um campo de força, manipulando o próprio espaço para se envolver, se esticar e se dispor em camadas, formando galerias e terraços, câmaras, colunatas e torres de observação, de ar, de luz e de vapor. Ela sentiu uma estranha exultação começar a crescer em seu peito e viu ao mesmo tempo como pousar a aeronave em segurança lá em cima no terraço no flanco sul. A pequena nave deu um solavanco e lutou no ar turbulento, mas ela manteve o curso firme e seu *daemon* a guiou na descida para pousar no terraço.

A luz que havia usado para enxergar até aquele momento tinha vindo dos relâmpagos, dos ocasionais cortes profundos na nuvem por onde o sol passava, das fogueiras dos anjos queimando, dos focos de luz dos holofotes ambáricos, mas ali a luz era diferente. Vinha da substância da própria montanha, que fulgurava e se apagava num ritmo lento, semelhante ao da respiração, com uma radiância de madrepérola.

A mulher e o *daemon* saltaram da nave e olharam em torno para ver em que direção deveriam seguir.

Ela possuía a sensação de que outros seres estavam se movimentando rapidamente acima e abaixo, correndo através da

própria substância da montanha com mensagens, ordens, informações. Não conseguia vê-los, tudo o que conseguia ver eram confusas perspectivas envolventes de colunata, escada, terraço e fachada.

Antes que pudesse se decidir sobre que direção tomar, ouviu vozes e se escondeu atrás de uma coluna. As vozes estavam cantando um salmo e se aproximando, e então viu uma procissão de anjos carregando uma liteira. Quando se aproximaram do lugar onde estava escondida, viram a nave da intenção e se detiveram. O cântico se calou, alguns dos carregadores olharam em torno tomados pela dúvida e pelo medo.

A Sra. Coulter estava perto o bastante para ver o ser na liteira: um anjo, pensou ela, e indescritivelmente idoso. Ele não era fácil de ver porque a liteira era toda fechada com cristal que cintilava e refletia de volta a luz envolvente da montanha, mas ela teve a impressão de uma decrepitude aterradora, de uma face encovada, mergulhada em rugas, de mãos trêmulas, de uma boca balbuciante e olhos remelentos.

O ser idoso fez um gesto trêmulo para a nave da intenção, deu uma risada estridente, desagradável, e balbuciou para consigo mesmo, incessantemente puxando a barba, e então lançou a cabeça para trás e emitiu um uivo de tamanha angústia que a Sra. Coulter teve que cobrir os ouvidos. Mas, evidentemente, os carregadores tinham uma missão a cumprir, pois se recuperaram e seguiram adiante pelo terraço, ignorando os gritos e resmungos do interior da liteira. Quando alcançaram um espaço aberto, abriram bem as asas e depois de uma palavra do líder começaram a voar, carregando a liteira juntos, até saírem do campo de visão da Sra. Coulter nos vapores rodopiantes.

Mas não havia tempo para pensar naquilo. Ela e o macaco dourado moveram-se rapidamente, subindo as grandes escadarias, atravessando pontes, sempre seguindo para cima. Quanto mais alto iam, mais tinham aquela sensação de atividade invisível por toda parte ao redor deles, até que finalmente dobraram uma esquina,

num espaço amplo como uma praça coberta de neblina, e viram-se confrontados por um anjo com uma lança.

- Quem é você? O que quer aqui? - perguntou ele.

A Sra. Coulter olhou para ele curiosamente. Aqueles eram os seres que haviam se apaixonado por mulheres humanas, pelas filhas de homens, tanto tempo atrás.

- Não, não - disse ela suavemente - por favor, não perca tempo. Leve-me ao Regente imediatamente. Ele está me esperando.

Deixe-os desconcertados, pensou ela, mantenha-os desestabilizados, e o anjo não sabia o que devia fazer, de modo que fez o que ela mandou. A Sra. Coulter o seguiu durante alguns minutos através daquelas perspectivas desnorteantes de luz, até que chegaram a uma antecâmara. Como tinham entrado ali, ela não sabia, mas lá estavam eles e, depois de uma breve pausa, algo diante dela se abriu como uma porta.

As unhas pontudas de seu *daemon* estavam cravadas na carne da parte superior de seus braços e ela agarrou seu pêlo para se acalmar. Encarando-os havia um ser feito de luz. Tinha forma de homem, tamanho de homem, pensou ela, mas estava demasiado ofuscada para ver. O macaco dourado escondeu a face no ombro dela e a Sra. Coulter levantou o braço para cobrir os olhos. Metatron disse:

- Onde está ela? Onde está sua filha?

- Eu vim para dizer ao senhor, Regente.

- Se estivesse sob seu controle, você a teria trazido.

- Ela não está, mas seu *daemon* está.

- Como é possível isso?

- Eu juro, Metatron, seu *daemon* está sob meu controle. Por favor, grande Regente, esconda-se um pouco... meus olhos estão ofuscados. Ele puxou um véu de nuvem diante de si. Agora era como olhar para o sol através de vidro fume, e os olhos dela podiam

vê-lo mais claramente, embora ainda fingisse estar ofuscada pelo rosto dele. Era exatamente como um homem no início da idade madura, alto, forte e imponente. Estaria vestido?

Tinha asas? Ela não sabia dizer por causa da força de seus olhos. Não conseguia olhar para mais nada.

- Por favor, Metatron, ouça o que tenho a dizer. Acabei de fugir de Lorde Asriel. Ele está com o *daemon* da criança e sabe que a criança logo virá

procurá-lo.

- O que ele quer com a criança?

- Mantê-la protegida, fora de seu alcance, até atingir a maturidade. Ele não sabe para onde vim e devo voltar logo para junto dele. Estou lhe dizendo a verdade. Olhe para mim, grande Regente, uma vez que não posso olhar para o senhor com facilidade. Olhe bem francamente para mim e diga-me o que vê. O príncipe dos anjos olhou para ela. Foi o exame mais penetrante a que Marisa Coulter jamais fora submetida. Cada retalho de proteção e de engano foi-lhe arrancado e ela ficou parada ali despida, de corpo, espírito e *daemon*, sob a ferocidade do olhar de Metatron.

E sabia que sua natureza teria que responder por ela, e estava apavorada de que o que ele visse nela fosse insuficiente. Lyra tinha mentido para Iofur Raknison com palavras, sua mãe estava mentindo com toda a sua vida.

- Sim, estou vendo.

- O que vê?

- Corrupção, inveja e ambição pelo poder. Crueldade e frieza. Uma curiosidade perversa incessante. Maldade pura, venenosa, tóxica. Você nunca, desde os primeiros anos de vida, demonstrou um fiapo de compaixão, solidariedade ou gentileza sem antes calcular como

usá-lo em seu próprio benefício. Você torturou e matou sem arrependimento ou hesitação, você traiu, tramou, conspirou e se rejubilou, glorificando sua perfídia. Você é um poço de imundície moral.

Aquela voz, fazendo aquele julgamento, abalou profundamente a Sra. Coulter. Sabia o que estava a caminho e o temeu apavorada, mas ao mesmo tempo também esperava por aquilo e, agora que tinha sido dito, sentiu um pequeno arrebatamento de triunfo.

Ela se aproximou mais dele.

- Então compreende - declarou - eu posso traí-lo facilmente. Posso levá-lo para onde ele está levando o *daemon* de minha filha e você poderá destruir Asriel, e a criança virá direto para suas mãos inocentemente. Ela sentiu o movimento de vapor ao seu redor e seus sentidos ficaram confusos: as palavras seguintes dele perfuraram sua carne como dardos de gelo perfumado.

- Quando eu era homem - disse ele - tive uma quantidade de esposas, mas nenhuma era tão bela quanto você.

- Quando era homem?

- Quando eu era homem, era conhecido como Enoque, o filho de Jared, filho de Mahalalel, filho de Kenan, filho de Enosh, filho de Seth, filho de Adão. Vivi na terra durante 65 anos e então a Autoridade me levou para seu reino.

- E teve muitas esposas?

- Adorava-lhes a carne. E compreendia quando os filhos do céu se apaixonavam pelas filhas da terra, defendi a causa deles diante da Autoridade. Mas seu coração estava decidido contra eles e ele me fez profetizar a perdição deles.

- E não conheceu mais uma esposa durante milhares de anos...

- Tenho sido o Regente do reino.

- E não está na hora de ter uma consorte?

Aquele foi o momento em que ela se sentiu mais exposta e correndo mais perigo. Mas confiava em sua carne e na estranha verdade que havia descoberto a respeito de anjos que outrora tinham sido humanos: carecendo de carne, eles a cobiçavam e ansiavam por ter contato com ela. E Metatron estava perto, perto o bastante para sentir o perfume de seus cabelos e contemplar a sua pele, perto o bastante para tocá-la com mãos escaldantes. Houve um som estranho, como o murmúrio e o crepitar que você ouve antes de se dar conta de que o que está ouvindo é sua casa pegando fogo.

- Diga-me o que Lorde Asriel está fazendo e onde ele está - ordenou ele.

- Posso levá-lo até ele agora - respondeu ela.

Os anjos carregando a liteira deixaram a Montanha Nublada e voaram rumo ao sul. As ordens de Metatron tinham sido levar a Autoridade para um lugar seguro, distante do campo de batalha, porque queria que ainda fosse mantido vivo por algum tempo, mas, em vez de dar-lhe um corpo de guarda de muitos regimentos, que só atrairiam a atenção do inimigo, tinha confiado na obscuridade da tempestade, calculando que naquelas circunstâncias um grupo pequeno seria mais seguro que um grande.

E poderia ter sido assim, se um certo avantesma-dos-penhascos, ocupado em se banquetear com um guerreiro semimorto, não tivesse olhado para cima exatamente no momento em que um holofote de busca, por acaso, iluminou o lado da liteira de cristal.

Alguma coisa despertou na memória do avantesma-dos-penhascos. Ele fez uma pausa, com uma das mãos no fígado ainda quente, e, enquanto seu irmão o empurrava para o lado com um safanão, a lembrança de uma raposa do Ártico tagarela surgiu em sua mente.

Imediatamente ele abriu as asas e saltou para o alto, um momento depois o resto da tropa o seguiu.

Xaphania e seus anjos tinham procurado diligentemente a noite inteira e parte da manhã e, finalmente, tinham encontrado uma rachadura minúscula na encosta da montanha ao sul da fortaleza, que não estivera lá no dia anterior. Eles a haviam explorado e aumentado, e agora Lorde Asriel estava descendo por uma série de cavernas e túneis que se estendiam por uma longa distância abaixo da fortaleza.

Não estava totalmente escuro, como havia esperado. Havia uma fraca fonte de luz, como uma corrente de bilhões de partículas minúsculas, cintilando suavemente. Elas fluíam sem parar descendo pelo túnel, como um rio de luz.

- Pó - disse ele para seu *daemon*.

Ele nunca o tinha visto a olho nu, mas também nunca tinha visto tanto Pó

junto. Seguiu adiante até que, de maneira muito repentina, o túnel se abriu, bem largo, e viu-se no alto de uma vasta caverna: uma abóbada imensa o bastante para conter uma dúzia de catedrais. Não havia solo, as paredes se inclinavam vertiginosamente para baixo em direção à borda de um enorme abismo, centenas de metros mais abaixo e para dentro do abismo corria a catarata infinita de Pó, jorrando incessantemente para o fundo. Seus bilhões de partículas eram como as estrelas de todas as galáxias no céu e cada uma delas era um pequeno fragmento de pensamento consciente. Era uma luz melancólica a que lhe permitia ver.

Ele fez a escalada com seu *daemon*, descendo em direção ao abismo, e, à medida que desciam, gradualmente começaram a ver o que estava acontecendo ao longo da extremidade oposta da garganta, a centenas de quilômetros de distância na semi-obscuridade. Teve a impressão de que havia um movimento lá, e quanto mais descia, mais claramente se definia: uma procissão de

vultos pálidos, apagados, caminhando cautelosamente pela encosta perigosa, homens, mulheres, crianças, seres de todos os tipos que ele já tinha visto e muitos que nunca vira. Concentrados em manter o equilíbrio, eles o ignoraram totalmente e Lorde Asriel sentiu os cabelos se arrepiarem na nuca quando se deu conta de que eram fantasmas.

- Lyra esteve aqui - disse baixinho para a pantera branca.

- Pise com cuidado - foi tudo o que ela disse em resposta.

A esta altura, Will e Lyra estavam completamente encharcados, tremendo de frio, atormentados pela dor e tropeçando cegamente em meio à lama, sobre pedregulhos e em pequenos barrancos onde riachos alimentados pela tempestade corriam vermelhos de sangue. Lyra temia que Lady Salmakia estivesse morrendo: ela não dizia nenhuma palavra há vários minutos e estava deitada, o corpo mole desmaiado na mão de Lyra.

Quando se abrigaram no leito de um riacho onde a água estava clara, pelo menos, e encheram as mãos em concha várias vezes levando-as à boca para beber e matar a sede, Will sentiu Tialys despertar e dizer:

- Will, estou ouvindo cavalos se aproximando, Lorde Asriel não tem cavalaria. Deve ser o inimigo. Atravessem o riacho e se escondam... vi alguns arbustos naquela direção...

- Vamos - disse Will para Lyra, e eles chapinharam pela água gelada de fazer doer os ossos e subiram correndo o barranco do outro lado bem a tempo. Os cavaleiros que surgiram no alto da encosta e desceram para beber não pareciam ser uma cavalaria: pareciam ter o mesmo tipo de pele de pêlo curto que seus cavalos e não tinham roupas nem arreios. Contudo, empunhavam armas: tridentes, redes e cimitarras.

Will e Lyra não pararam para olhar, seguiram aos tropeções pelo terreno irregular agachados, concentrados apenas em sair dali sem

serem vistos. Mas tinham que manter a cabeça abaixada, para ver onde estavam pisando e evitar torcer um tornozelo ou coisa pior, e trovões explodiam acima, enquanto corriam, de modo que não puderam ouvir os gritos estridentes e os rosnados dos avantesmas-dos-penhascos até que deram de cara com eles. As criaturas estavam cercando alguma coisa que estava caída brilhando na lama: algo ligeiramente mais alto que eles, que estava caído sobre um dos lados, uma grande jaula, talvez, com paredes de cristal. E estavam martelandoa, com punhos e pedras, guinchando e dando gritos estridentes. E antes que Will e Lyra pudessem parar e correr em outra direção, tinham tropeçado bem para o meio do grupo.

O FIM DA AUTORIDADE

Pois o Império não mais existe. E agora o leão e o libo hão de cessar. Willian Blake

A Sra. Coulter sussurrou para a sombra a seu lado:

- Veja como ele se esconde, Metatron! Anda se esgueirando pela escuridão como uma ratazana...

Estavam numa saliência bem no alto da grande caverna, observando Lorde Asriel e a pantera branca que seguiam descendo, andando muito cautelosamente, a uma grande distância mais abaixo.

- Eu poderia atacá-lo agora - sussurrou a sombra.

- Sim, é claro que poderia - respondeu ela sussurrando, se inclinando para bem perto dele - mas eu quero ver o rosto dele, caro Metatron, quero que ele saiba que o traí. Venha, vamos segui-lo...

A catarata de Pó brilhava como um grande pilar de luz tênue, precipitando-se suave e incessantemente para dentro da garganta. A Sra. Coulter não tinha nenhuma atenção disponível para dedicar a ela, porque a sombra a seu lado estava tremendo de desejo e tinha que mantê-lo a seu lado, sob o pouco controle que conseguia impor.

Os dois começaram a descer, em silêncio, seguindo Lorde Asriel. Quanto mais para baixo iam avançando, mais ela sentia um enorme cansaço se apoderar dela.

- O que foi? O que foi? - sussurrou a sombra, sentindo suas emoções e, imediatamente, desconfiado.

- Estava pensando - disse ela com uma doce malevolência - em como estou satisfeita com o fato de que a criança nunca crescerá para amar e ser amada. Pensei que a amasse quando era bebê, mas agora...

- Houve pesar - disse a sombra - em seu coração, houve pesar porque não a verá crescer.

- Ah, Metatron, quanto tempo faz que você foi um homem! Será que não sabe realmente distinguir o que estou lamentando? Por que estou pesarosa?

Não é a maturidade dela, mas a minha. Como lamento que não soubesse de sua existência em minha própria infância, com que paixão teria me devotado a você...

Ela se inclinou para a sombra, como se não conseguisse controlar os impulsos de seu próprio corpo, e a sombra inalou com avidez faminta, e pareceu engolir o perfume de sua carne.

Estavam se movendo com dificuldade sobre as rochas despencadas e espatifadas em direção à base da encosta. Quanto mais desciam, mais a luz do Pó dava a tudo um halo de névoa dourada. A Sra. Coulter constantemente estendia a mão como se procurasse segurar onde a mão dele poderia estar, como se a sombra fosse um companheiro humano, e então parecia se recordar e sussurrava:

- Fique atrás de mim, Metatron, espere aqui, Asriel é desconfiado, deixeme acalmá-lo primeiro. Quando ele estiver desprevenido, eu chamarei você. Mas venha como sombra, nessa forma pequena, de

modo que ele não possa vê-lo, caso contrário ele simplesmente deixará o *daemon* da menina fugir voando.

O Regente era um ser cujo profundo intelecto tivera milhares de anos para se desenvolver e se fortalecer, e cuja sabedoria e conhecimento se estendiam a um milhão de universos. A despeito disso, naquele momento estava cego por suas duas obsessões: destruir Lyra e possuir sua mãe. Ele assentiu e ficou onde estava, enquanto a mulher e o macaco seguiam adiante tão silenciosamente quanto podiam.

Lorde Asriel estava esperando atrás de um enorme bloco de granito, fora do raio de visão do Regente. A pantera branca os ouvira se aproximando e Lorde Asriel se levantou quando a Sra. Coulter surgiu dando a volta no bloco. Tudo, todas as superfícies, todos os centímetros cúbicos de ar estavam permeados pelo Pó que caía, que dava uma claridade suave a cada minúsculo detalhe, e, sob a luz do Pó, Lorde Asriel viu que o rosto dela estava molhado de lágrimas e que estava rangendo os dentes para não soluçar. Ele a tomou nos braços, e o macaco dourado abraçou o pescoço da pantera branca e enterrou a carinha negra em seu pêlo.

- Lyra está em segurança? Encontrou seu *daemon* -murmurou ela.

- O fantasma do pai do menino está protegendo os dois.

- O Pó é lindo... nunca imaginei.

- O que disse a ele?

- Eu menti e menti, Asriel... Não esperemos muito mais, eu não agüento... Nós não viveremos, não é? Não sobreviveremos como os fantasmas?

- Não, se cairmos no abismo. Viemos para cá para dar tempo a Lyra para encontrar seu *daemon* e, depois, tempo para viver e crescer. Se levarmos Metatron à extinção, Marisa, ela terá esse tempo e se formos com ele, isso não terá importância.

- E Lyra estará segura?

- Sim, estará, sim - respondeu com ternura.

Ele a beijou. Ela se sentiu suave e leve em seus braços, como havia se sentido quando Lyra tinha sido concebida 13 anos antes. Ela estava soluçando baixinho. Quando conseguiu falar, sussurrou:

- Eu disse a ele que ia trair você e trair Lyra, e ele acreditou em mim porque eu era corrompida e cheia de maldade, e olhou tão fundo dentro de mim que tive certeza que ele veria a verdade. Mas menti bem. Estava mentindo com cada fibra, cada nervo e tudo o que algum dia eu tinha feito... queria que ele não encontrasse nada de bom em mim e ele não encontrou. Não há nada de bom. Mas eu amo Lyra. De onde veio este amor? Eu não sei, aproximou-se de mim, sorrateiro como um ladrão na noite, e agora eu a amo tanto que meu coração está explodindo de amor. Tudo o que eu podia esperar era que meus crimes fossem tão monstruosos que o amor não fosse maior que uma semente de mostarda à sombra deles, e desejei ter cometido crimes ainda maiores para escondê-lo ainda mais profundamente... Mas a semente de mostarda criou raiz e estava crescendo e o pequeno rebento estava partindo meu coração, e tive tanto medo que ele visse...

Ela teve que parar para se controlar. Ele acariciou seus cabelos brilhantes cobertos de Pó dourado e esperou.

- A qualquer momento ele vai perder a paciência — sussurrou ela. —

Disse a ele que se mostrasse pequeno. Mas, afinal, ele é apenas um anjo, mesmo se um dia foi homem. E podemos lutar com ele e trazê-lo até a borda da garganta, e nós dois cairemos com ele...

Ele a beijou e disse:

- Sim. Lyra vai estar em segurança e o reino ficará impotente, não poderá

fazer nada contra ela. Chame-o agora, Marisa, meu amor.

Ela respirou fundo e deixou o ar escapar num longo e trêmulo suspiro. Então alisou a saia sobre as coxas e enfiou os cabelos atrás das orelhas.

- Metatron - chamou baixinho. - Está na hora.

A forma de Metatron coberta por uma sombra apareceu no ar dourado e no mesmo instante percebeu o que estava acontecendo: os dois *daemons*, agachados e alertas, a mulher com o nimbo de Pó e Lorde Asriel, que saltou em cima dele, imediatamente, agarrando-o pela cintura, e tentou atirá-lo no chão. Contudo, os braços do anjo estavam livres e, com punhos, palmas, cotovelos, nós dos dedos, antebraços, ele surrou a cabeça e o corpo de Lorde Asriel: grandes golpes que batiam com enorme violência forçando o ar a sair de seus pulmões e repercutiam em suas costelas, que esmurravam sua cabeça e abalavam seus sentidos.

Contudo, os braços de Lorde Asriel envolviam as asas do anjo, prendendo-as a seus flancos. E um momento depois a Sra. Coulter tinha saltado no espaço entre aquelas asas imobilizadas, e agarrado o cabelo de Metatron. A força do anjo era enorme: era como segurar a crina de um cavalo empinando, em disparada. Enquanto ele sacudia a cabeça furiosamente, ela era lançada para lá e para cá, e sentiu a força nas asas grandiosas fechadas à

medida que se esforçavam para se abrir, se levantar e lutavam contra os braços do homem, cerrados tão firmemente em torno delas.

Os *daemons* também o tinham agarrado. Stelmaria havia cravado os dentes em sua perna e o macaco dourado estava atacando com unhas e dentes uma das pontas da asa mais próxima, mordendo e partindo penas, rasgando-lhe as bárbulas, e aquilo só tornava a fúria do anjo ainda maior. Com um esforço maciço repentino, ele se lançou para o lado libertando uma das asas e esmagando a Sra. Coulter contra um rochedo.

A Sra. Coulter ficou atordoada por um segundo e suas mãos se soltaram. Imediatamente o anjo empinou-se para o alto novamente, batendo a asa livre, para lançar longe o macaco dourado, mas os braços de Lorde Asriel ainda o envolviam com firmeza e, na verdade, o homem agora conseguia segurá-lo melhor uma vez que a circunferência a abraçar era menor. Lorde Asriel esforçou-se para esmagar seu peito, de maneira a impedir que Metatron respirasse, triturando suas costelas e tentando ignorar os golpes tremendos que o acertavam no crânio e no pescoço.

Mas aqueles golpes estavam começando a se fazer sentir. E, enquanto Lorde Asriel tentava manter seu ponto de apoio na superfície de rochas quebradas, algo de destruidor aconteceu com a parte de trás de sua cabeça. Quando havia se jogado para o lado, Metatron tinha agarrado uma pedra do tamanho de um punho e naquele instante bateu com ela, com uma força brutal, na ponta do crânio de Lorde Asriel. O homem sentiu os ossos de sua cabeça se moverem uns contra os outros, e soube que mais um golpe como aquele o mataria imediatamente. Atordoado de dor - uma dor que se intensificava por causa da pressão de sua cabeça contra o flanco do anjo - ele continuou agarrado nele, apertando-o, os dedos da mão direita quase esmagando os da esquerda, e tropeçou buscando apoio entre as rochas fraturadas. E, quando Metatron levantava bem alto a pedra ensangüentada, uma forma de pêlo dourado saltou em cima dele, como uma chama saltando sobre uma copa de árvore, e o macaco cravou fundo os dentes na mão do anjo. A pedra se soltou e despencou ruidosamente em direção à borda e Metatron sacudiu violentamente o braço em círculo, movimentando-o para a esquerda e para a direita, tentando desalojar o *daemon*, mas o macaco dourado agarrouse com unhas, dentes e rabo, e então a Sra. Coulter abraçou a grandiosa asa branca que batia, trazendo-a para junto de seu corpo, e fez cessar seu movimento.

Metatron estava imobilizado, mas ainda não estava ferido. Nem estava perto da borda do abismo.

E àquela altura Lorde Asriel estava enfraquecendo. Ele estava fazendo um enorme esforço para manter consciente e lúcido o cérebro encharcado de sangue, mas a cada movimento um pouquinho mais se perdia. Podia sentir as pontas fraturadas dos ossos roçando umas contra as outras em seu crânio, podia até ouvi-las. Seus sentidos estavam confusos: tudo o que ele sabia era que tinha que segurar firme e arrastar para baixo.

Então a Sra. Coulter sentiu a face do anjo sob sua mão e cravou os dedos bem fundo nos olhos dele.

Metatron soltou um urro de dor. De muito longe, do outro lado da imensa caverna, ecos responderam, e a voz dele saltou de rochedo em rochedo, se duplicando e perdendo a intensidade, e fazendo com que aqueles fantasmas distantes fizessem uma pausa em sua procissão infindável e olhassem para cima.

E Stelmaria, o *daemon* pantera branca, sentindo sua própria consciência ir se apagando junto com a de Lorde Asriel, fez um último esforço e saltou sobre a garganta do anjo.

Metatron caiu de joelhos. A Sra. Coulter, caindo com ele, viu os olhos ensangüentados de Lorde Asriel se fixarem nela. E se levantou rapidamente, empurrando com uma das mãos posta sobre a outra, obrigando a asa que batia a se afastar para o lado, e agarrou o cabelo do anjo para puxar violentamente sua cabeça para trás e deixar a garganta desprotegida, livre para os dentes da pantera.

E então Lorde Asriel começou a arrastá-lo, e arrastá-lo para trás, os pés tropeçando e as rochas caindo, enquanto o macaco dourado saltava para baixo junto com eles, mordendo, arranhando e rasgando lanhos, e eles quase tinham chegado, estavam quase na borda, mas, fazendo força, Metatron conseguiu se levantar e, com um derradeiro esforço, abriu bem as duas asas um grandioso dossel branco que batia para baixo e para baixo com força, uma vez após outra e, de novo, uma vez após outra, e então conseguiu fazer a Sra. Coulter cair de suas costas e Metatron estava de pé, ereto, e as

asas bateram cada vez mais forte, mais forte, e ele levantou vôo - estava deixando o solo, com Lorde Asriel ainda segurando-o com força, mas enfraquecendo rapidamente. Os dedos do macaco dourado estavam enterrados, torcendo o cabelo do anjo, e ele jamais o largaria...

Mas eles tinham ultrapassado a beira do abismo. Estavam começando a se elevar. E se voassem mais alto, Lorde Asriel cairia e Metatron escaparia.

- Marisa! Marisa!

O grito foi arrancado de Lorde Asriel e, com a pantera branca a seu lado, com um rugido em seus ouvidos, a mãe de Lyra se levantou, encontrou um ponto de apoio, e saltou com todas as forças de seu coração, para se arremessar contra o anjo, com seu *daemon*, com seu amado que morria e agarrar aquelas asas que batiam, e puxar todos eles juntos para baixo, para dentro do abismo.

Os avantesmas-dos-penhascos ouviram a exclamação de consternação de Lyra e suas cabeças achatadas se viraram todas juntas, imediatamente. Will saltou para frente e golpeou com a faca atingindo os que estavam mais próximos. Ele sentiu uma pequena pancada no ombro, quando Tialys tomou impulso e saltou, caindo na face do maior, agarrando-lhe os pêlos e chutando violentamente abaixo da mandíbula antes que pudesse arremessá-lo longe. A criatura uivou e se debateu enquanto caía na lama e uma outra ficou olhando estupidamente para o coto de seu braço e depois, horrorizada, para seu próprio tornozelo, que a mão que havia sido cortada fora tinha agarrado ao cair. Um segundo depois, a faca estava enterrada em seu peito: Will sentiu o cabo saltar três ou quatro vezes com os batimentos moribundos do coração e a puxou fora, antes que o avantesma-dos-penhascos pudesse torcê-la e levá-la ao cair.

Ouviu os outros gritarem e guincharem de ódio enquanto fugiam, e soube que Lyra estava ilesa a seu lado, mas ele se jogou na lama com apenas uma coisa na mente.

- Tialys! Tialys! - gritou, e evitando os dentes que abocanhavam, empurrou para o lado a cabeça do maior dos avantesmas-dos-penhascos. Tialys estava morto, suas esporas enfiadas profundamente em seu pescoço. A criatura ainda estava esperneando e mordendo, de modo que cortou fora sua cabeça e a empurrou fazendo-a rolar para longe, antes de retirar o galivespiano morto do pescoço de pele grossa e peluda como couro.

- Will - chamou Lyra - Will, olhe só para isso...

Ela estava olhando fixamente para a liteira de cristal. Estava intacta, embora o cristal estivesse manchado e lambuzado de lama e sangue do que os avantesmas-dos-penhascos tinham comido antes de a encontrar. Estava caída num ângulo estranho entre os pedregulhos e dentro dela.. .

- Ah, Will, ele ainda está vivo! Mas, pobre-coitado...

Will viu as mãos de Lyra fazendo pressão contra o cristal, tentando alcançar o anjo e confortá-lo, pois era tão idoso e estava apavorado, chorando e gritando como um neném, todo encolhido no canto mais baixo.

- Ele deve ser tão velho... nunca vi ninguém sofrendo assim... Ah, Will, não podemos deixá-lo sair?

Will cortou o cristal com um único movimento e enfiou a mão para ajudar o anjo a sair. Enlouquecido e impotente, o ser idoso só conseguia chorar e balbuciar incoerentemente de medo, de dor e de infelicidade, e se encolheu para longe do que parecia mais uma ameaça.

- Não tenha medo - disse Will - pelo menos podemos ajudar o senhor a se esconder. Venha, não vamos machucá-lo.

A mão trêmula pegou a mão dele e a segurou sem forças. O velho estava emitindo um lamento sem palavras, um gemido desconsolado, que se repetia sem parar, rangendo os dentes e,

compulsivamente, arrancando as próprias penas com a mão livre, mas quando Lyra também enfiou a mão para ajudá-lo a sair, ele tentou sorrir e fazer uma mesura, e seus olhos antiqüíssimos muito fundos em meio às rugas piscaram para ela com inocente encantamento. E os dois, juntos, ajudaram o ser mais antigo de todos os tempos a sair da cela de cristal, não foi difícil, pois ele era leve como papel, e os teria seguido para qualquer lugar, uma vez que não tinha vontade própria e respondia à

simples gentileza como uma flor ao sol. Mas, ao ar livre, não havia nada que impedisse o vento de lhe fazer mal e, para a consternação dos dois, sua forma começou a perder consistência e a se dissolver. Apenas alguns minutos depois ele havia desaparecido completamente e a última imagem que Lyra e Will tiveram foi daqueles olhos, piscando de encantamento, e o som de um suspiro do mais próximo e então ele havia sumido: um mistério se dissolvendo misteriosamente. Tudo havia levado menos de um minuto e, no mesmo instante, Will virou-se de volta para o cavaleiro morto. Levantou o corpo pequenino, segurando-o delicadamente nas palmas das mãos, e quando se deu conta as lágrimas escorriam rápidas por suas faces.

Mas Lyra estava dizendo alguma coisa em tom aflito.

- Will, temos que sair daqui... nós temos que ir... a dama ouviu cavalos se aproximando...

Do céu azul-índigo, um falcão azul-índigo desceu, de repente, num movimento suave e circular, Lyra deu um grito de susto e se abaixou, mas Salmakia gritou com toda a força que tinha:

- Não, Lyra! Não! Levante-se o mais alto que puder e estenda o punho para cima!

De modo que Lyra se manteve de pé, imóvel, sustentando um braço com o outro, e o falcão azul fez uma outra volta, virou-se e tornou a descer num movimento suave e circular, pousando e agarrando os nós de seus dedos nas garras afiadas.

No dorso do falcão estava montada uma senhora de cabelos grisalhos, cujo rosto de olhos claros virou-se primeiro para Lyra, depois para Salmakia que se segurava em seu colarinho.

- Madame... - disse Salmakia, com a voz fraca - nós fizemos...

- Vocês fizeram tudo o que foi necessário. Agora nós estamos aqui declarou Madame Oxentiel e puxou as rédeas. Imediatamente o falcão gritou três vezes, tão alto que a cabeça de Lyra zumbiu. Em resposta, dardejando do céu, saíram primeiro uma, depois duas e mais três, então centenas de libélulas de cores brilhantes carregando guerreiros, todas voando baixo, tão velozmente que parecia que inevitavelmente iriam colidir umas contra as outras, mas os reflexos dos insetos e a destreza de seus cavaleiros eram tão aguçados que, em vez disso, pareceram tecer uma tapeçaria bordada de cores fortes e claras, rápida e silenciosa acima e ao redor das crianças.

- Lyra - disse a dama no falcão - e Will: agora sigam-nos e os levaremos a seus *daemons*.

Enquanto o falcão abria as asas e levantava vôo saindo de uma de suas mãos, Lyra sentiu o peso de Salmakia cair sobre a outra e soube no mesmo instante que somente a força de vontade da pequenina dama a mantivera viva até aquele momento. Ela segurou cuidadosamente o corpo trazendo-o para junto do seu e correu com Will debaixo da nuvem de libélulas, tropeçando e caindo mais de uma vez, mas, o tempo todo, mantendo a dama delicadamente encostada em seu coração.

- Esquerda! Esquerda! - gritou a voz do falcão azul e, na escuridão rasgada pelos clarões de relâmpagos, eles viraram naquela direção, à direita deles, Will viu um pelotão de homens vestindo armaduras cinza-claro, elmos, máscaras, seus *daemons* lobo caminhando ao lado deles na mesma cadência. Uma corrente de libélulas partiu para cima deles imediatamente e os homens vacilaram: suas armas eram inúteis e num instante os galivespianos estavam entre eles, cada guerreiro saltando das costas de seu inseto, encontrando uma

mão, um braço, um pescoço nu e enfiando sua espora antes de saltar de volta para o inseto enquanto este fazia meia-volta e passava de novo em vôo rasante. Eles eram tão rápidos que era quase impossível seguir os movimentos. Os soldados se viraram e saíram correndo em pânico, sua disciplina totalmente destruída.

Mas então veio o ruído de cascos, num estrondo repentino partindo de trás, e as crianças se viraram desalentadas: aquele povo montado a cavalo estava caindo sobre eles a galope e um ou dois já tinham redes nas mãos, girando-as acima da cabeça e capturando as libélulas, então batendo com as redes como se fossem chicotes e atirando no chão os corpos partidos dos insetos.

- Por aqui - chamou a voz da dama e então ela disse: - Agora abaixem-se, para baixo, colados no chão!

Eles obedeceram e sentiram a terra tremer sob seus corpos. Poderia aquilo ser o ruído de cascos? Lyra levantou a cabeça e afastou o cabelo molhado dos olhos, e viu algo bem diferente de cavalos.

- Iorek! - exclamou, a alegria se acendendo como uma chama saltando em seu peito. - Ah, Iorek!

Will puxou-a para baixo de novo imediatamente, pois não somente Iorek Byrnison mas um regimento de ursos de armadura estavam vindo diretamente para eles. Foi por um triz: Lyra abaixou a cabeça bem a tempo e então Iorek saltou, passando acima deles, rugindo ordens para seus ursos para irem para a esquerda, para irem para a direita e acabar com os inimigos que os cercavam. Com imensa leveza, como se sua armadura não pesasse mais que seu pêlo, o urso rei girou para encarar Will e Lyra, que estavam lutando para se levantar.

- Iorek, atrás de você, eles têm redes! - gritou Will, porque os cavaleiros estavam quase em cima deles.

Antes que o urso pudesse se mover, a rede do cavaleiro sibilou voando no ar e no mesmo instante Iorek foi envolvido por uma teia de aranha de fios fortes como aço. Ele rugiu, levantando-se bem alto nas patas traseiras, golpeando o cavaleiro com as patas imensas. Mas a rede era forte e embora o cavalo relinchasse e empinasse, assustado, Iorek não conseguiu se libertar dos anéis da rede.

- Iorek! - gritou Will. - Fique parado! Não se mexa!

E saiu correndo para frente, chapinhando em meio às poças e saltando sobre as moitas de capim, enquanto o cavaleiro tentava controlar o cavalo, e alcançou Iorek justo no momento em que um segundo cavaleiro chegava e uma segunda rede era lançada sibilando no ar.

Mas Will manteve a cabeça fria: em vez de golpear com a faca a torto e a direito e se enredar ainda mais, observou o fluxo da trama da rede e cortou-a em questão de instantes. A segunda rede caiu inutilizada no chão e então Will saltou para Iorek, tateando com a mão esquerda e cortando com a direita. O

grande urso manteve-se imóvel enquanto o menino corria de um lado para outro sobre seu corpo vasto, corando, libertando, abrindo passagem.

- Agora vá! - berrou Will afastando-se com um salto, e Iorek pareceu explodir para cima bem no peito do cavalo mais próximo.

O cavaleiro tinha levantado a cimitarra para golpear o pescoço do urso, mas Iorek Bymison em sua armadura pesava quase duas toneladas e nada, àquela distância, seria capaz de resistir a ele. Cavalo e cavaleiro, ambos espatifados e esmagados, tombaram para o lado inofensivamente. Iorek recuperou o equilíbrio, olhou em volta para ver como estava o terreno e rugiu para as crianças.

- Subam nas minhas costas! Agora!

Lyra montou com um salto e Will a seguiu. Apertando o ferro frio entre as pernas, eles sentiram o vagalhão de força maciça quando Iorek começou a se mover.

Atrás deles, o demais ursos estavam lutando contra a estranha cavalaria, ajudados pelos galivespianos, cujas ferroadas enfureciam os cavalos. A dama montada no falcão azul aproximou-se num vôo rasante e gritou:

- Agora siga reto, bem em frente! Entre as árvores no vale!

Iorek alcançou o topo de uma pequena elevação no terreno e se deteve. À

frente deles o terreno irregular descia numa encosta em direção a um arvoredo a cerca de 400 metros de distância. Em algum lugar depois disso, uma bateria de armas pesadas estava disparando uma bomba atrás da outra que subiam voando alto, e alguém também estava disparando foguetes luminosos, que explodiam pouco abaixo das nuvens e desciam flutuando em direção às árvores. E, lutando para ganhar o controle do arvoredo propriamente dito, havia um grupo de 20 Espectros ou mais, sendo impedidos por um bando desalinhado de fantasmas. Tão logo viram o grupo de árvores, tanto Lyra quanto Will tiveram a certeza que seus *daemons* estavam ali dentro e que se não os alcançassem logo, eles morreriam. Mais Espectros estavam chegando a cada minuto, fluindo sobre a elevação estreita e comprida, vindos da direita. Agora Will e Lyra podiam vê-los muito claramente.

Uma explosão bem acima da elevação sacudiu o solo e lançou pedras e nuvens de terra no ar. Lyra deu um grito e Will teve que apertar o peito.

- Segurem-se bem - rosnou Iorek, e partiu para o ataque. Um foguete luminoso explodiu lá em cima, muito alto, depois outro e mais outro, descendo flutuando lentamente com um clarão intenso de magnésio. Uma outra bomba explodiu, dessa vez mais perto, e eles sentiram o impacto do deslocamento de ar e, um ou dois

segundos depois, as agulhadas de terra e pedras sobre seus rostos. Iorek não vacilou, mas eles acharam difícil se segurar: não podiam enfiar os dedos e agarrar seu pêlo - tinham que apertar a armadura entre os joelhos, e as costas dele eram tão largas que ambos ficavam escorregando.

- Olhe! - exclamou Lyra, apontando para o alto enquanto uma outra bomba explodia nos arredores.

Uma dúzia de bruxas estavam se dirigindo para os foguetes, empunhando galhos bastos, densamente carregados de folhas, e com eles elas afastaram as luzes intensas, varrendo-as para longe no céu mais além. A escuridão caiu novamente sobre o arvoredo, escondendo-o da artilharia.

E agora as árvores estavam a apenas alguns metros de distância. Tanto Will quanto Lyra sentiram a parte deles que faltava ali por perto - uma animação, uma esperança descontrolada, gelada de medo: pois havia um grande número de Espectros em meio às árvores e eles teriam que entrar e passar abertamente entre eles, e o simples fato de vê-los evocava aquela fraqueza nauseante no coração.

- Eles têm medo da faca - disse uma voz ao lado deles, e o urso rei parou tão de repente que Will e Lyra despencaram de suas costas.

- Lee! - exclamou Iorek. - Lee, meu camarada, nunca vi isso antes. Você

está morto, com o que estou falando?

- Iorek, meu velho, você não sabe de metade da história. Nós assumiremos o comando agora, os Espectros não têm medo de ursos. Lyra, Will, venham por aqui e levantem essa faca...

O falcão azul veio voando mais uma vez num movimento lento circular para pousar no punho de Lyra, e a senhora de cabelos grisalhos disse:

- Não percam nem um segundo, entrem e encontrem seus *daemons* e fujam! Há mais perigo se aproximando.

- Obrigada, senhora! Muito obrigada a todos vocês! - exclamou Lyra e o falcão azul levantou vôo.

Com dificuldade, Will conseguia enxergar o fantasma de Lee Scoresby ao lado deles, insistindo para que seguissem para o arvoredo, mas eles tinham que se despedir de Iorek Byrnison.

- Iorek, meu querido, não tenho palavras, vá em paz, abençoado seja você!

- Obrigado, Rei Iorek - disse Will.

- Não temos tempo. Andem! Andem logo! - Ele os empurrou, afastandoos com a cabeça coberta pela armadura. Will mergulhou atrás do fantasma de Lee Scoresby em meio aos arbustos e plantas rasteiras no bosque, golpeando e cortando à esquerda e à

direita com a faca. Ali a luz era irregular e amortecida, e as sombras densas, emaranhadas, desnorteantes.

- Fique bem perto - gritou para Lyra, e então deu um grito de dor quando um galho de espinheiro cortou-lhe o rosto.

Por toda parte ao redor havia movimento, barulho e luta. As sombras se moviam para frente e para trás como galhos sob um vento forte. Poderiam ter sido fantasmas, as duas crianças sentiam os pequenos choques de frio que conheciam tão bem, e então ouviram vozes por toda parte.

- Por aqui!

- Venham por aqui!

- Sigam adiante, estamos conseguindo impedir que eles passem.

- Agora estão quase chegando!

E então veio um grito numa voz que Lyra conhecia e amava mais que qualquer outra.

- Ah, venha depressa! Depressa, Lyra!

- Pan, querido... estou aqui.

Ela se arremessou na escuridão, soluçando e tremendo, e Will arrancou galhos e hera, cortou galhos de espinheiros e urtigas, enquanto por toda parte ao redor deles as vozes de fantasmas se elevavam num clamor de encorajamento e de advertência.

Mas os Espectros também tinham encontrado o alvo deles e avançaram penetrando através do emaranhado de plantas rasteiras, trepadeiras e arbustos espinhosos, só encontrando fumaça como resistência. Uma dúzia, um grande número das pálidas malignidades pareceu afluir rapidamente em direção ao centro do pequeno bosque, onde o fantasma de John Parry punha-se em posição de combate e comandava seus companheiros para lutar contra eles. Will e Lyra estavam tremendo e enfraquecidos de medo, exaustão, náusea e dor, mas desistir era inconcebível. Lyra arrancava os galhos cheios de espinhos com as mãos nuas, Will golpeava e cortava à esquerda e à direita, enquanto em torno deles o combate de seres fantasmagóricos se tornava cada vez mais selvagem.

- Ali! - exclamou Lee. - Estão vendo? Junto daquela pedra grande. Um gato selvagem, dois gatos selvagens, cuspindo, sibilando e dando golpes cortantes. Os dois eram *daemons* e Will sentiu que se houvesse tempo ele teria facilmente conseguido dizer qual era Pantalaimon, mas não havia tempo, porque com uma facilidade horripilante um Espectro se moveu lentamente para fora do trecho de sombra mais próximo e foi planando silenciosamente em direção a eles.

Will saltou por cima do último obstáculo, um tronco de árvore caído, e enfiou a faca na luz trêmula no ar sem encontrar resistência. Ele sentiu seu braço ficar dormente, mas cerrou os dentes como estava

cerrando os dedos em volta do cabo da faca e a forma pálida pareceu se afastar borbulhando e se fundir de volta na escuridão.

Estavam quase lá, e os *daemons* estavam loucos de medo, porque mais e mais Espectros vinham avançando através das árvores, e somente os valentes fantasmas os estavam impedindo de passar.

- Você pode cortar uma abertura? - perguntou o fantasma de John Parry. Will levantou a faca e teve que parar quando uma onda violenta de náusea o sacudiu da cabeça aos pés. Não havia mais nada em seu estômago e o espasmo doeu terrivelmente. Ao lado dele, Lyra estava no mesmo estado. O fantasma de Lee, vendo o porquê daquilo, saltou para junto dos *daemons* e lutou contra a coisa pálida que estava surgindo, saindo através da rocha atrás deles.

- Will, por favor - disse Lyra, arquejando.

E a faca entrou, cortou para o lado, para baixo e para cima. O fantasma de Lee Scoresby olhou através da janela e viu uma ampla pradaria silenciosa sob uma lua brilhante, tão parecida com sua terra natal que pensou que tivesse recebido uma graça.

Com um salto, Will atravessou a clareira e agarrou o *daemon* mais próximo, enquanto Lyra apanhava o outro.

E mesmo naquela pressa terrível, mesmo naquele momento de extremo perigo, cada um deles sentiu o mesmo pequeno choque de agitação: pois Lyra estava segurando o *daemon* de Will, a gata selvagem sem nome, e Will estava carregando Pantalaimon.

Com dificuldade, eles afastaram os olhos um do outro.

- Adeus, Sr. Scoresby! - gritou Lyra, olhando em volta, procurando por ele. - Eu gostaria... Ah, muito obrigada, muito obrigada... adeus!

- Adeus, minha menina... Adeus, Will... vão em paz!

Lyra atravessou a janela rapidamente, mas Will se manteve imóvel e olhou nos olhos do fantasma de seu pai, brilhantes em meio às sombras. Antes de deixá-lo, havia uma coisa que tinha que dizer.

- O senhor disse que eu era um guerreiro - falou para o fantasma de seu pai. - Disse que eu era um guerreiro, disse que essa era a minha natureza e que eu não devia contestá-la. Pai, o senhor estava errado. Eu lutei porque tive que lutar. Não posso escolher minha natureza, mas posso escolher o que faço. E vou escolher, porque agora estou livre.

O sorriso de seu pai se abriu cheio de orgulho e ternura.

- Muito bem, meu filho. Faz realmente muito bem - disse.

Will não conseguia mais vê-lo. Então virou-se e atravessou a janela atrás de Lyra.

E agora que o objetivo deles havia sido atingido, agora que as crianças tinham encontrado seus *daemons* e fugido, os guerreiros mortos permitiram que seus átomos relaxassem e finalmente se separassem flutuando. Para fora do pequeno bosque, para longe dos Espectros perplexos, para fora do vale, passando pelo vulto poderoso de seu velho companheiro, o urso de armadura, até que o último minúsculo fragmento de consciência do que fora o aeronauta Lee Scoresby flutuou para o alto, exatamente como seu grande balão havia feito tantas vezes. Sem se incomodar com os foguetes luminosos e bombas eclodindo e voando pelos ares, surdo às explosões, gritos e urros de raiva, de advertência e de dor, consciente apenas de seu movimento para cima, o que restava de Lee Scoresby passou através das nuvens pesadas e saiu sob a abóbada de estrelas brilhantes, onde os átomos de seu *daemon* tão amado, Hester, estavam esperando por ele.

MANHÃ

Nasce a manhã, a morte se desfaz, os guardas deixam para trás os postos de vigia...

Willian Blake

A vasta pradaria dourada que o fantasma de Lee Scoresby tinha avistado, por um breve momento pela janela, estendia-se tranqüila sob os primeiros raios de sol da manhã.

Dourada, mas também amarela, marrom, verde e com cada um de todos os milhares de matizes de cor entre eles, e negra, em certos pontos, com linhas e faixas de piche reluzente, e prateada também, onde o sol refletia as pontas de um tipo particular de relva, começando a florir, e azul, onde um amplo lago a alguma distância e um laguinho bem menor, mais próximo, refletiam a amplitude do azul do céu.

E tranqüila, mas não silenciosa, pois uma brisa suave fazia farfalhar os bilhões de pequenas hastes, e um bilhão de insetos e outras pequenas criaturas arranhavam, zumbiam e cricrilavam na relva, e um passarinho voando em círculos, alto demais no azul para ser visto, cantava pequenas notas musicais como a cadência de sinos repicando, ora bem próximo, ora lá longe e nunca igual.

Em toda aquela vasta paisagem, as únicas coisas vivas que estavam silenciosas e imóveis eram o menino e a menina deitados dormindo, de costas um para o outro, à sombra de uma protuberância de rocha no alto de uma pequena escarpa.

Estavam tão quietos, tão pálidos, que poderiam estar mortos. A fome havia esticado a pele sobre os ossos de suas faces, o sofrimento deixado marcas em torno de seus olhos e eles estavam cobertos de poeira, lama e de uma boa quantidade de sangue. E, pela absoluta passividade dos membros de seus corpos, pareciam estar nos últimos estágios de exaustão. Lyra foi a primeira a acordar. A medida que o sol foi subindo no céu, ultrapassou a rocha acima e tocou seus cabelos, ela começou a se mexer ligeiramente e, quando a luz do sol alcançou suas pálpebras, ela sentiu ser puxada das profundezas do sono como um peixe: devagar, pesada, resistindo. Mas não havia como discutir com o sol e, pouco depois, ela virou a cabeça, jogou o braço sobre os olhos e murmurou:

- Pan... Pan...

Sob a sombra do braço, ela abriu os olhos e, de fato, despertou. Durante algum tempo não se mexeu, porque seus braços e pernas estavam tão doloridos e sentia todas as partes de seu corpo pesadas e sem forças por causa da exaustão, mas, ainda assim, estava acordada e sentiu a brisa suave, e o calor do sol, ouviu os ruídos dos pequenos insetos e o canto como um repicar de sino daquele passarinho voando bem alto. Tudo aquilo era delicioso. Tinha se esquecido de como o mundo era bom.

Pouco depois, virou-se para o lado e viu Will, ainda profundamente adormecido. A mão dele tinha sangrado muito, sua camisa estava rasgada e imunda, o cabelo duro de poeira e suor. Ficou olhando para ele durante muito tempo, para a pequena pulsação em sua garganta, para o peito que subia e descia lentamente, para as sombras delicadas que seus cílios criaram quando o sol finalmente os alcançou.

Ele murmurou alguma coisa e se mexeu de leve. Não querendo ser apanhada olhando para ele, ela olhou para o outro lado, para a pequena cova que tinham aberto na noite anterior, com apenas uns dois palmos de largura, onde os corpos do Cavaleiro Tialys e de Lady Salmakia agora repousavam. Havia uma pedra achatada ali perto: ela se levantou sobre o cotovelo, desprendeu-a do solo e a enfiou verticalmente na parte de cima da cova, então se sentou ereta e protegeu os olhos do sol com a mão para contemplar a planície.

Parecia sem fim, se estendendo interminavelmente. Em nenhum ponto era inteiramente plana, ondulações suaves e pequenas elevações e vales tornavam a superfície diferente para onde quer que olhasse e, aqui e ali, via grupos de árvores, tão altas que pareciam mais ser construções do que árvores que haviam crescido: seus troncos retos e copas verde - escuras pareciam desafiar a distância, estando tão claramente visíveis no que deveria ser uma extensão de muitos quilômetros.

Mais perto, no entanto - na verdade, na base da escarpa, a não mais de 90 metros - havia um laguinho alimentado por uma corrente de água que vinha de uma nascente na rocha e Lyra se deu conta de como estava com sede. Ela se levantou com as pernas trêmulas e foi andando devagar naquela direção. A nascente brotava gorgolejando e corria em meio às rochas cobertas de musgo, ela enfiou as mãos na corrente d'água uma porção de vezes, lavando-as e limpando a lama e fuligem antes de levá-las à boca para beber. A água estava gelada de doer os dentes e Lyra bebeu deliciando-se. As margens do laguinho eram orladas de juncos, onde um sapo coaxava. Suas águas eram rasas e mais quentes que as da nascente, como descobriu quando tirou os sapatos e foi entrando nele. Ficou parada ali por um longo tempo, com o sol na cabeça e seu corpo deliciando-se com a lama fresca sob seus pés e o fluxo das águas frias da nascente correndo em volta de suas pernas.

Ela se abaixou para mergulhar o rosto na água e molhar o cabelo todo, deixando-o boiar e depois mergulhando de novo, esfregando-o com os dedos para limpar a poeira e fuligem.

Quando se sentiu um pouco mais limpa e a sede estava saciada, olhou para o alto da escarpa de novo, para ver se Will havia acordado. Ele estava sentado com os joelhos encolhidos e os braços apoiados neles, observando a amplidão da planície como ela havia feito e maravilhando-se com sua extensão. E com a luz, o calor e a tranqüilidade.

Ela subiu de volta devagar para se juntar a ele e o encontrou gravando os nomes dos galivespianos na pequena lápide, depois enfiando-a mais firmemente no solo.

- Eles estão...? - perguntou ele, e Lyra soube que se referia aos *daemons*.

- Não sei. Ainda não vi Pan. Tenho a sensação de que ele não está

longe, mas não sei. Você se lembra do que aconteceu?

Ele esfregou os olhos e deu um bocejo tão grande que ela ouviu suas mandíbulas estalarem. Depois piscou os olhos e sacudiu a cabeça.

- Não muito bem - respondeu. - Eu peguei Pan e você pegou... a outra, atravessamos a janela e estava tudo iluminado pelo luar e eu o botei no chão perto da janela.

- E a sua... o outro *daemon* simplesmente saiu pulando dos meus braços

- disse ela. - E eu estava tentando ver o Sr. Scoresby pela janela, e Iorek, e para onde Pan tinha ido, e quando olhei em volta eles não estavam mais lá.

- Mas não tenho mais aquela sensação que tive quando entramos no mundo dos mortos. Quando ficamos realmente separados.

- Não - concordou ela. - Eles com certeza estão em algum lugar por perto. Eu me lembro de quando éramos pequenos e costumávamos brincar de esconder, só que nunca realmente funcionava, porque eu era grande demais para me esconder dele e sempre sabia exatamente onde ele estava, mesmo que se camuflasse de mariposa ou coisa assim. Mas isto é esquisito observou, passando a mão sobre a cabeça involuntariamente, como se estivesse tentando desfazer algum encantamento - ele não está aqui, mas não me sinto como se estivesse faltando um pedaço, me sinto segura e não sei onde ele está.

- Acho que eles estão juntos - disse Will.

- É, devem estar.

Ele se levantou de repente.

- Olhe - mostrou - ali adiante...

Will estava sombreando os olhos e apontando. Ela seguiu a direção de seu olhar e viu um tremor distante de movimento, bem diferente do tremeluzir da névoa de calor.

- Animais? - perguntou ela em tom de dúvida.

- E ouça - disse ele, pondo a mão em concha atrás da orelha. Agora que Will tinha chamado sua atenção, Lyra ouviu o som de um ribombar baixo, contínuo, quase como uma trovoada, vindo de muito longe.

- Eles desapareceram - disse Will, apontando.

A pequena mancha de sombras em movimento havia desaparecido, mas o som de trovoada se prolongou por alguns instantes. Então tudo ficou repentinamente mais tranqüilo, embora já tivesse estado muito tranqüilo antes. Os dois ainda estavam olhando para a mesma direção e, pouco depois, viram o movimento começar de novo. E alguns momentos depois veio o som.

- Eles entraram atrás de uma elevação ou coisa assim - comentou Will. Acha que estão mais perto?

- Sinceramente não consigo ver. Sim, estão se virando, olhe, eles estão vindo para cá.

- Bem, se tivermos que lutar com eles, quero beber água antes - disse Will e levou a mochila até a nascente, onde bebeu bastante água e se lavou, limpando a maior parte da sujeira. Seu ferimento tinha sangrado muito. Ele estava imundo, louco por um banho de chuveiro quente com muito sabão e roupas limpas para vestir depois.

Lyra estava observando os... lá o que fossem, eram realmente muito estranhos.

- Will - chamou ela - eles estão montados em rodas...

Mas ela disse isso em tom incerto. Ele subiu um pouco mais acima na encosta e sombreou os olhos para olhar. Agora era possível ver indivíduos. O

grupo ou rebanho ou bando era de cerca de uma dúzia e eles estavam se movendo, como Lyra dissera, sobre rodas. Pareciam um cruzamento de antílopes com motocicletas, mas eram ainda mais estranhos que isso: tinham trombas como pequenos elefantes.

E estavam vindo na direção de Will e Lyra, com um ar de determinação. Will puxou a faca, mas Lyra, sentada na relva a seu lado, já estava girando os ponteiros do aletômetro.

O instrumento respondeu depressa, enquanto as criaturas ainda estavam a uns 90 metros de distância. O ponteiro girou rapidamente para a esquerda e para a direita, e Lyra o observou ansiosamente, pois suas últimas leituras tinham sido tão difíceis e sua mente se sentia desajeitada e hesitante enquanto ia descendo pelas ramificações de compreensão. Em vez de voar rapidamente como um pássaro, ela seguiu se segurando com as mãos em busca de apoio, mas o significado estava lá, sólido como sempre, e logo compreendeu o que estava dizendo.

- Eles são amigos - declarou - está tudo bem, Will, estão procurando por nós, sabem onde estávamos... E, é muito estranho, não consigo entender muito bem... a Dra. Malone?

Ela disse o nome meio que para si mesma, porque não conseguia acreditar que a Dra. Malone estivesse naquele mundo. No entanto, o aletômetro a havia indicado claramente, embora, é claro, não pudesse dizer seu nome. Lyra guardou o instrumento e se levantou lentamente ao lado de Will.

- Acho que deveríamos descer para encontrá-los - disse. - Não vão nos fazer mal.

Alguns deles tinham parado, esperando. O líder se adiantou um pouco, com a tromba erguida, e eles puderam ver como se

impulsionava, com fortes empurrões para trás com os membros laterais. Alguns dos seres tinham ido até

o laguinho para beber água, outros esperavam, mas não com a curiosidade passiva de vacas reunidas junto de uma porteira. Aqueles seres eram indivíduos, animados por inteligência e propósito. Eles eram gente. Will e Lyra desceram pela encosta até estarem perto o bastante para falar com eles. A despeito do que Lyra tinha dito, Will manteve a mão na faca.

- Não sei se vocês me compreendem - disse Lyra cautelosamente - mas sei que são amigos. Acho que deveríamos...

O líder moveu a tromba e disse:

- Venha ver Mary. Vocês montam. Nós levamos. Venha ver Mary.

- Ah! - exclamou ela e virou-se para Will, sorrindo cheia de satisfação. Dois dos seres estavam equipados com rédeas e estribos de corda trançada. Sem selas, mas seus dorsos em forma de losango se revelaram bastante confortáveis sem elas. Lyra havia montado num urso e Will andava de bicicleta, mas nenhum deles havia montado a cavalo, que era a comparação mais próxima. Contudo, os cavaleiros que montam cavalos geralmente estão no comando, e as crianças logo descobriram que não estavam: as rédeas e estribos estavam lá simplesmente para dar-lhes alguma coisa em que se segurar e se equilibrar. Os seres é que tomavam todas as decisões.

- Onde estão - Will começou a falar, mas teve que parar e recuperar o equilíbrio quando o ser se moveu.

O grupo fez meia-volta e desceu a encosta suave, seguindo devagar pela relva. O movimento era sacolejante, mas não desconfortável, porque os seres não tinham coluna dorsal: Will e Lyra tinham a impressão de estarem sentados em cadeiras com assentos macios de mola.

Logo chegaram ao que não tinham visto claramente da escarpa: um daqueles trechos de solo negros ou marrom-escuros. A estrada se parecia mais com um curso d'água que com uma via expressa, porque em certos lugares se alargava em áreas amplas como pequenos lagos e em outros se dividia em canais estreitos só para se unir mais adiante imprevisivelmente. Era completamente diferente da maneira racional e brutal com que as estradas cortavam as encostas de colinas e se estendiam em pontes de concreto. Aqui aquilo era parte integrante da paisagem, não algo imposto a ela. Estavam seguindo em velocidade cada vez maior. Will e Lyra levaram algum tempo para se habituar ao impulso vivo dos músculos e ao rugido trepidante das rodas duras sobre a pedra dura. Lyra inicialmente teve mais dificuldade que Will, pois nunca tinha andado de bicicleta e não conhecia o truque de se inclinar para o lado, mas observou como ele fazia e logo estava achando a velocidade deliciosa.

As rodas faziam barulho demais para que pudessem conversar. Em vez disso, tinham que apontar para as árvores, com espanto diante de seu tamanho e esplendor, para um bando de passarinhos, os mais estranhos que já

tinham visto, as asas à frente e atrás dando-lhes um movimento em espiral no ar, para um gordo lagarto azul do comprimento de um cavalo, tomando banho de sol bem no meio da estrada (os seres de rodas se dividiram para passar pelos lados dele e o lagarto não deu a menor bola).

O sol estava alto no céu quando começaram a reduzir a velocidade. E no ar pairava o cheiro salgado inconfundível do mar. A estrada estava subindo para uma encosta e pouco depois estavam se movendo na mesma velocidade de alguém andando a pé. Dolorida e com os músculos enrijecidos, Lyra disse:

- Pode parar? Quero desmontar e andar.

O ser que a transportava sentiu o puxão nas rédeas e quer tenha compreendido ou não suas palavras, ele se deteve. O de Will

também parou e as duas crianças desmontaram, sentindo-se doloridas e com os músculos enrijecidos depois da trepidação e tensão constantes.

Os seres viraram-se para falar uns com os outros, suas trombas se movendo elegantemente no mesmo compasso dos sons que faziam. Depois de um minuto seguiram adiante, e Will e Lyra ficaram satisfeitos de caminhar em meio aos seres com cheiro de feno e relva cálida que iam rolando sobre suas rodas ao lado deles. Um ou dois tinham seguido à frente para o topo da elevação e as crianças, agora que não precisavam mais se concentrar em se segurar, puderam observar como eles se moviam, e admirar a graça e a força com que se propeliam para frente e se inclinavam para fazer curvas. Quando chegaram ao alto da encosta, pararam e Will e Lyra ouviram o líder dizer:

- Mary perto. Mary lá.

Olharam para baixo. No horizonte havia o reflexo azul do mar. Um rio largo de curso lento serpenteava em meio ao pasto a meia distância e na base da longa encosta, entre capoeiras de pequenas árvores e fileiras de plantações de verduras, havia um povoado de casas com teto de colmo. Mais seres iguais àqueles se movimentavam entre as casas ou cuidavam das plantações ou trabalhavam entre as árvores.

- Agora, montem de novo - disse o líder.

Não faltava muito para chegarem. Will e Lyra montaram novamente e os outros seres examinaram meticulosamente se estavam bem equilibrados e verificaram os estribos com suas trombas, como se estivessem assegurandose de que estavam em segurança. Então eles partiram, batendo na estrada com os membros laterais, e se impulsionando para frente para descer a encosta até estarem se movendo numa velocidade assombrosa. Will e Lyra seguraram-se firme com mãos e joelhos e sentiram o ar passar chicoteando por seus rostos, lançando seus cabelos para trás e fazendo pressão em seus olhos. O trovejar das rodas, o passar rápido do pasto dos dois

lados, a inclinação certeira e poderosa na curva ampla adiante, o deleite lúcido da velocidade — aqueles seres adoravam aquilo e Will e Lyra sentiram o contentamento deles e riram felizes em resposta.

Eles pararam no centro do povoado e os outros que os tinham visto a caminho se reuniram levantando as trombas e dizendo palavras de boas vindas. E então Lyra exclamou:

- Dra. Malone!

Mary tinha saído de uma das choupanas, a camisa azul desbotada, seu corpo forte, as faces coradas e calorosas, ao mesmo tempo estranhas e familiares.

Lyra correu e a abraçou e a mulher lhe deu um abraço apertado e Will ficou para trás, cauteloso e hesitante.

Mary beijou Lyra carinhosamente e depois se adiantou para dar as boasvindas a Will. E então houve uma curiosa dança mental de simpatia e acanhamento, que ocorreu em um segundo ou menos.

Movida pela compaixão pelo estado em que eles estavam, Mary inicialmente quis abraçá-lo como a Lyra. Mas Mary era uma adulta e Will era quase adulto e ela percebeu que aquele tipo de reação teria feito dele uma criança, porque ela poderia ter abraçado e beijado um menino, mas nunca teria feito isso com um homem que não conhecesse, de modo que recuou mentalmente, querendo sobretudo demonstrar respeito por aquele amigo de Lyra e não fazer com que ele se sentisse diminuído.

De modo que, em vez disso, estendeu a mão, ele a apertou e uma corrente tão poderosa de compreensão e de respeito fluiu entre os dois que imediatamente tornou-se uma afeição, e cada um dos dois sentiu que tinha feito um amigo para o resto da vida, como de fato fizeram.

- Este é Will - disse Lyra - ele vem de seu mundo, lembra-se, eu falei dele...

- Sou Mary Malone - apresentou-se - e vocês estão com fome, todos os dois, parecem estar morrendo de fome.

Ela se virou para o ser a seu lado e pronunciou alguns daqueles sons cantados, apitados, movendo o braço enquanto o fazia.

Imediatamente os seres se afastaram e alguns deles trouxeram almofadas e tapetes da casa mais próxima e os colocaram na terra firme debaixo de uma árvore próxima, cujas folhas densas e galhos baixos ofereciam uma sombra fresca e perfumada.

Tão logo eles estavam confortavelmente acomodados, os anfitriões trouxeram tigelas cheias até a borda de leite que tinha uma leve adstringência de limão e era maravilhosamente refrescante, e pequenas nozes semelhantes a avelãs, mas com um sabor mais forte, amanteigado, e salada feita com verduras frescas acabadas de ser colhidas, folhas crocantes de sabor forte, apimentado, misturadas com outras macias e grossas que escorriam uma seiva cremosa, e pequenas raízes do tamanho de cerejas, com sabor de cenouras doces. Mas eles não conseguiram comer muito. Era tudo forte e suculento demais. Will queria fazer justiça à generosidade deles, mas a única coisa que conseguiu engolir com facilidade, além da bebida, foi um pão achatado, de farinha ligeiramente tostada, parecendo chapatis ou tortilhas. Era simples e nutritivo e foi tudo o que Will conseguiu comer. Lyra provou um pouco de tudo, mas como Will, logo descobriu que um pouquinho era mais que o suficiente. Mary conseguiu evitar fazer perguntas. Aqueles dois tinham passado por uma experiência que os havia marcado profundamente: ainda não queriam falar a respeito dela.

De modo que respondeu às perguntas deles sobre os mulefas e relatou brevemente como havia chegado àquele mundo, então ela os deixou à sombra da árvore, porque podia ver que estavam com as pálpebras pesadas e cabeceando de sono.

- Agora vocês não precisam fazer nada, só dormir - declarou. A tarde estava agradável e calma, e a sombra da árvore era modorrenta e murmurante com o som de grilos. Menos de cinco

minutos depois de terem tomado o último gole da bebida, tanto Will como Lyra dormiam profundamente. *Eles são de dois sexos diferentes*? - perguntou Atai, surpreendida. - *Mas como pode distinguir?*

É fácil, -disse Mary. - *Seus corpos têm formas diferentes. Eles se mexem de maneiras diferentes.*

Eles não são muito menores que você. Mas têm menos sraf Quando isso chegará para eles?

Não sei, -respondeu Mary. - *Imagino que dentro de muito pouco tempo. Não sei quando acontece conosco.*

Não têm rodas, - comentou Atai em tom de simpatia.

Elas estavam limpando a horta. Mary tinha feito uma enxada para evitar ter que se agachar, Atai usava sua tromba, de modo que a conversa era intermitente.

Mas você sabia que eles estavam vindo, - disse Atai. *Sabia*.

Foram os palitos que disseram?

Não, - respondeu Mary, corando. Ela era uma cientista, já era bastante mau ter que admitir que consultava o I Ching, mas isso era ainda mais constrangedor. *Foi uma imagem-noite, confessou*.

Os mulefas não tinham uma palavra determinada, específica para sonho. Contudo, eles sonhavam vividamente e levavam muito a sério seus sonhos. *Você não gosta de imagens-noite*, - disse Atai.

Sim, eu gosto. Mas não acreditava nelas até agora. Vi o menino e a menina tão claramente, e uma voz me disse que eu me preparasse para a vinda deles.

Que tipo de voz? Como falou com você se não podia ver?

Era difícil para Atai imaginar a fala sem os movimentos da tromba que a esclareciam e a definiam. Ela havia parado no meio de uma fileira de pés de feijão e se virado para encarar Mary com uma curiosidade fascinada. *Bem, mas eu vi*, - respondeu Mary. - *Era uma mulher, ou uma voz feminina, como a nossa, como a de meu povo. Mas muito idosa e ao mesmo tempo nada idosa.*

Pessoa de saber, -era assim que os mulefas chamavam seus líderes. Ela viu que Atai a estava olhando intensamente interessada.

Como ela podia ser velha e também não velha? -perguntou Atai. *É um faz-parece,* -respondeu Mary.

Atai balançou a tromba, tranqüilizada.

Mary prosseguiu tentando explicar o melhor que podia.

Ela me disse que eu deveria esperar as crianças, quando eles apareceriam e onde. Mas não por quê. Devo cuidar deles, protegê-los. *Estão feridos e cansados,* -disse Atai. - *Eles vão fazer o sraf parar de ir embora?*

Mary olhou para cima inquieta. Sabia, sem precisar confirmar olhando pela luneta, que as partículas de Sombra estavam fluindo para longe mais rapidamente que nunca.

Espero que sim, -respondeu. - *Mas não sei como.* Ao cair da tarde, quando as fogueiras para cozinhar foram acesas e as primeiras estrelas estavam surgindo, chegou um grupo de estranhos. Mary estava se lavando, ouviu o trovoar de suas rodas e o murmúrio agitado da conversa, e se apressou em sair de sua casa, se enxugando.

Will e Lyra tinham dormido a tarde inteira e só agora estavam começando a se mexer, ao ouvir o barulho. Lyra se levantou, ainda meio tonta, para ver Mary falando com cinco ou seis mulefas que a rodeavam, claramente excitados, mas se estavam aborrecidos ou contentes, não sabia dizer. Mary a viu e se afastou do grupo.

- Lyra - disse - aconteceu alguma coisa... eles descobriram uma coisa que não sabem explicar e é... eu não sei o que é... tenho que ir até lá e olhar. Fica a mais ou menos uma hora daqui. Volto assim que puder. Pode pegar e usar tudo o que precisar em minha casa... não posso demorar, eles estão muito nervosos.

- Tudo bem - respondeu Lyra, ainda atordoada pelo longo tempo de sono. Mary olhou para a sombra da árvore. Will estava esfregando os olhos.

- Realmente não vou demorar muito - prometeu ela. - Atai vai ficar com vocês.

O líder estava impaciente. Rapidamente, Mary colocou as rédeas e os estribos no dorso dele, desculpando-se pela falta de jeito, e montou imediatamente. Eles circularam, tomando impulso, depois se viraram e se afastaram sob a luz do anoitecer.

Seguiram numa nova direção, acompanhando a cadeia de colinas que se elevava acima da costa em direção ao norte. Mary nunca tinha viajado no escuro antes e achou a velocidade ainda mais assustadora do que de dia. A medida que iam subindo, Mary podia ver o brilho do luar refletindo no mar a alguma distância à esquerda e sua luz sépia-prateada parecia envolvê-la num encantamento fresco e cético. O encantamento estava dentro dela e o ceticismo estava no mundo que a cercava, o frescor estava presente nos dois. Olhava para o alto de vez em quando e tocava na luneta em seu bolso, mas não podia usá-la enquanto não tivessem parado. E aqueles mulefas estavam se movendo com grande velocidade, com o ar de que não quereriam parar para nada. Depois de uma hora de percurso veloz, eles viraram em direção ao interior, deixando a estrada de pedra e seguindo lentamente por uma trilha de terra batida que se estendia entre o pasto de relva alta, passando por um grupo de árvores-das-rodas, e subia para uma cadeia de colinas. A paisagem reluzia sob a luz do luar: amplas colinas nuas com pequenos vales ocasionais onde correntes d'água desciam, borbulhando, entre as árvores que se aglomeravam às suas margens.

Foi em direção a um desses vales que eles a conduziram. Mary tinha desmontado quando eles deixaram a estrada e caminhou em ritmo constante, acompanhando o ritmo deles até o alto da colina, e desceu para o vale. Ouviu o borbulhar da nascente e o vento noturno soprando na relva. Ouviu o som suave das rodas girando sobre a terra bem batida e ouviu os mulefas mais adiante dela murmurando uns com os outros, e então eles pararam.

Na encosta da colina, a apenas uns poucos metros de distância, havia uma daquelas aberturas feitas pela faca sutil. Era como a boca de uma caverna, pois o luar iluminava um pequeno trecho de sua parte interna, como se o interior da abertura fosse o interior da colina: mas não era. E da abertura estava saindo uma procissão de fantasmas.

Mary teve a sensação de que o chão tinha se aberto sob sua mente. Ela se controlou sobressaltada, agarrou-se ao galho mais próximo, para se assegurar de que ainda havia um mundo físico e que fazia parte dele. Ela se aproximou. Homens e mulheres idosos, crianças, bebês de colo, seres humanos e também outros seres, cada vez em grupos mais compactos, saíam da escuridão para o mundo do luar sólido — e desapareciam. Era a mais estranha das coisas. Eles davam alguns passos no mundo de relva, ar e luz prateada, olhavam ao redor, seus rostos transfigurados de felicidade - Mary nunca tinha visto tamanha felicidade - e estendiam os braços abertos para o alto como se estivessem abraçando o universo inteiro, e então, como se fossem feitos de neblina ou de fumaça, simplesmente saíam flutuando, se desfazendo, tornando-se parte da terra, do orvalho e da brisa noturna.

Alguns deles se aproximaram de Mary, como se quisessem dizer alguma coisa a ela, e estenderam as mãos, e ela sentiu o toque deles como pequenos choques de frio. Um dos fantasmas - de uma mulher idosa - acenou, insistindo para que ela se aproximasse.

Então ela falou e Mary a ouviu dizer:

- Temos que contar histórias a elas. Era disso que não sabíamos. Todo esse tempo e nunca soubemos! Mas elas precisam da verdade. É isso que as alimenta. Você tem que contar histórias verdadeiras e tudo fica bem, tudo. É só

contar-lhes as histórias.

E isso foi tudo. Foi um daqueles momentos como quando nos recordamos, de repente, de um sonho que, inexplicavelmente, havíamos esquecido, e numa torrente toda a emoção que havíamos sentido durante o sono volta. Era o sonho que ela tinha tentado explicar a Atai, a imagem-noite, mas quando Mary tentou encontrá-la de novo, ela se dissolveu e se afastou, exatamente como aquelas presenças estavam fazendo ao chegar ao ar livre. O

sonho havia desaparecido.

Tudo o que restou foi a doçura do sentimento e a recomendação insistente de contar-lhes histórias. Ela olhou para a escuridão. Até onde podia enxergar naquele silêncio infinito, mais daqueles fantasmas estavam se aproximando, milhares e mais milhares, como refugiados voltando para sua terra natal.

- Contar-lhes histórias - disse para consigo mesma.

MARZIPÃ

Doce primavera cheia de doces dias e rosas, na caixa se escondem os doces lado a lado.

George Herbert

Na manhã seguinte, Lyra despertou de um sonho em que Pantalaimon tinha voltado para ela e revelado sua forma definitiva, e ela a havia adorado, mas agora não tinha mais nenhuma idéia de qual fosse.

Não fazia muito tempo que o sol havia raiado e a atmosfera estava carregada de uma fresca florescência. Podia ver a luz do sol através da porta aberta da pequena choupana de teto de colmo onde havia dormido, a casa de Mary. Ficou deitada por algum tempo, escutando. Havia passarinhos lá fora e alguma

espécie

de

grilo

cantando,

e

Mary

respirava

suave

e

compassadamente dormindo ali perto.

Lyra se sentou e descobriu que estava nua. Ficou indignada por um instante e depois viu uma pilha de roupas limpas dobradas a seu lado no chão: uma camisa de Mary, um pedaço de tecido macio, estampado com cores claras, que poderia amarrar na cintura e usar como saia. Ela os vestiu, sentindo-se engolida pela camisa, mas pelo menos estava decente. Saiu da choupana. Pantalaimon estava por perto: tinha certeza disso. Quase podia ouvi-lo falar e rir. Isso devia significar que estava bem, em segurança, e que eles de alguma forma ainda estavam ligados. E quando ele a perdoasse e voltasse - as horas que passariam juntos conversando, apenas contando tudo o que havia acontecido um para o outro...

Will ainda estava dormindo debaixo da árvore, o preguiçoso. Lyra pensou em acordá-lo, mas se estivesse sozinha poderia nadar nua no rio. Costumava nadar nua, feliz da vida, no rio Cherwell, com todas as outras crianças de Oxford, mas seria bastante diferente com Will e ela corou só de pensar naquilo. De modo que desceu até a beira da água, sozinha, na manhã cor de pérola. Entre os juncos na margem havia um pássaro, grande como uma garça, de pé, perfeitamente imóvel sobre uma perna. Ela foi andando silenciosa e lentamente para não assustá-lo, mas o pássaro não lhe deu nenhuma atenção, como se não fosse nada mais que um galho na água.

- Bem - disse ela.

Deixou as roupas na margem e deslizou para as águas do rio. Nadou vigorosamente para aquecer o corpo, depois saiu e sentou-se encolhida na margem, tremendo. Normalmente, Pan a ajudaria a se secar: será que estava sob a forma de um peixe, rindo às suas custas debaixo d'água? Ou de um besouro, se enfiando no meio das roupas para lhe fazer cócegas, ou de um pássaro? Ou será que estava em algum outro lugar totalmente diferente, com o outro *daemon* e sem nem sequer pensar em Lyra?

O sol agora estava mais quente e em pouco tempo ela se secou. Vestiu a camisa larga de Mary novamente e, vendo algumas pedras achatadas na margem, foi buscar suas próprias roupas para lavá-las. Mas descobriu que alguém já tinha feito isso: as roupas dela e também as de Will estavam estendidas nos galhos recurvados de um arbusto perfumado, quase secas. Will estava começando a se mexer. Ela sentou perto dele e chamou baixinho.

- Will! Acorde!

- Onde estamos? - perguntou ele de imediato e se levantou apoiado no cotovelo, e pegou a faca.

- Estamos em segurança - respondeu ela, desviando o olhar.

- E eles também lavaram nossas roupas, ou talvez tenha sido a Dra. Malone. Vou buscar as suas. Estão quase secas...

Ela passou-lhe as roupas e sentou de costas para ele até estar vestido.

- Eu nadei no rio - contou. - Fui procurar Pan, mas acho que ele está se escondendo.

- Isso é uma boa idéia. Dar uma nadada. Tenho a sensação de ter anos e anos de sujeira grudada em mim... Vou descer e me lavar. Enquanto ele se afastava, Lyra começou a passear pelo povoado, sem examinar muito detalhadamente coisa nenhuma, caso aquilo violasse algum código de boas maneiras, mas curiosa com relação a tudo que via. Algumas das casas eram muito velhas e outras bastante novas, mas eram todas construídas mais ou menos da mesma maneira, de madeira, barro e colmo. Não havia nada de tosco na construção das casas, cada porta, esquadria de janela e verga de porta era decorada com desenhos sutis, mas os padrões não eram entalhados na madeira: era como se eles tivessem persuadido a madeira a crescer naturalmente naquela forma.

Quanto mais ela olhava, mais via ordem e cuidados de todos os tipos na aldeia, como as camadas de significado no aletômetro. Parte de sua mente estava ávida para decifrar tudo aquilo, para saltar ligeira de similaridade em similaridade, de um significado para outro, como ela fazia com o instrumento, mas uma outra parte estava se perguntando quanto tempo eles poderiam ficar ali antes de ter que seguir adiante.

Bem, não vou a lugar nenhum enquanto Pan não voltar, disse para consigo mesma.

Pouco depois Will voltou do rio e então Mary saiu de sua casa e lhes ofereceu um café da manhã, e logo em seguida Atai também apareceu e o povoado começou a despertar em torno deles. As duas crianças mulefas, sem rodas, ficavam espiando escondidas atrás dos cantos das casas para observálos e Lyra de repente se

virava e os encarava abertamente para fazê-los pular e rir assustados.

- Ora, muito bem - disse Mary, depois de terem comido pão, frutas e bebido uma infusão escaldante de algo parecido com menta. - Ontem vocês estavam cansados demais e precisavam descansar. Mas hoje estão me parecendo muito mais animados, todos os dois, e acho que precisamos contar uns aos outros tudo o que descobrimos. E isso vai levar um bom tempo, de modo que poderíamos aproveitar e manter nossas mãos ocupadas enquanto fazemos isso, de modo que vamos tratar de nos tornar úteis e consertar algumas redes.

Eles carregaram a pilha de redes enrijecidas, alcatroadas, até a margem do rio e as estenderam na relva, e Mary mostrou a eles como dar o nó em um novo pedaço de linha onde havia uma esgarçada. Ela estava vigilante, porque Atai lhe tinha dito que as famílias que viviam mais abaixo na costa tinham visto um grande número de tualapi, os pássaros brancos, se reunindo no mar e todo mundo estava preparado para um alarme para partir imediatamente, mas enquanto isso o trabalho tinha que continuar.

De modo que eles ficaram sentados ao sol, trabalhando, na margem das águas plácidas do rio, e Lyra contou sua história, a partir do momento, tanto tempo atrás, em que ela e Pan haviam decidido dar uma espiada na Sala Privativa da Faculdade Jordan.

A maré encheu, subiu pelo rio e começou a baixar, e mesmo depois disso não houve sinal dos tualapi. No final da tarde, Mary conduziu Will e Lyra pela margem do rio, passando pelos pilares de pesca onde as redes ficavam amarradas e atravessando o amplo terreno que era inundado pelas águas salgadas, na maré cheia, usado para salinação, em direção ao mar. Era seguro ir até lá quando a maré estava vazante, porque os pássaros brancos só vinham para a terra quando a maré estava alta. Mary foi seguindo na frente, por um caminho compacto acima da lama, como tantas coisas que os mulefas haviam feito, era antigo, mas perfeitamente bem

conservado, mais como algo que fosse parte da natureza que algo imposto a ela.

- Eles também construíram as estradas de pedra? - perguntou Will.

- Não. Acho que, de certa forma, foram as estradas que os fizeram comentou Mary. - O que estou querendo dizer é que eles nunca teriam desenvolvido o uso de rodas se não existisse essa profusão de superfícies duras e lisas para usá-las. Acho que são derramamentos de lavas de vulcões antiqüíssimos. De modo que as estradas tornaram possível que eles usassem as rodas. E outras coisas contribuíram para isso também. Como as próprias árvores-das-rodas e a maneira como seus corpos são formados: eles não são vertebrados, não têm espinha dorsal. Alguma casualidade feliz em nosso mundo, muito tempo atrás, deve ter feito com que seres com espinha dorsal tivessem mais facilidade de sobreviver e assim uma enorme variedade de outras formas se desenvolveram, todas baseadas na espinha dorsal. Neste mundo, a sorte seguiu um caminho diferente, e a estrutura losangular foi bemsucedida. Existem animais vertebrados, é claro, mas não muitos. Existem serpentes, por exemplo. As serpentes aqui são importantes. As pessoas cuidam delas e tentam não lhes fazer mal. De qualquer maneira, a combinação da estrutura deles, das estradas e das árvores-das-rodas reunidas tornou tudo possível. Uma porção de felizes casualidades todas se juntando e se encaixando. Quando começou sua parte na história, Will?

- Uma porção de pequenas casualidades para mim, também - começou ele, pensando na gata debaixo dos galhos das bétulas. Se ele tivesse chegado lá 30 segundos antes ou depois, nunca teria visto a gata, nunca teria encontrado a janela, nunca teria descoberto Cittàgazze e Lyra, nada de tudo aquilo teria acontecido.

Ele começou bem do princípio, e elas ouviram enquanto ele falava. Quando alcançaram os baixios de argila, Will já tinha chegado ao ponto em que ele e seu pai estavam lutando no cume da montanha.

- E então a bruxa o matou...

Will nunca tinha realmente conseguido compreender aquilo. Ele explicou o que ela lhe dissera antes de se matar: que amava John Parry e que ele a tinha rejeitado.

- Mas as bruxas são ferozes - comentou Lyra.

- Mas se ela o amava...

- Bem - argumentou Mary - o amor também é feroz.

- Mas ele amava minha mãe - disse Will. - E posso dizer a ela que ele nunca lhe foi infiel.

Lyra, olhando para Will, pensou que se ele se apaixonasse seria assim. Por toda parte ao redor deles os ruídos serenos da tarde pairavam no ar quente: o escorrer e sugar incessante do pântano, o cricrilar dos insetos, os gritos das gaivotas. A maré já havia baixado totalmente, de modo que toda a extensão da praia estava descoberta e reluzindo sob o sol forte. Um bilhão de minúsculos seres da lama viviam, se alimentavam e morriam na camada superior da areia, e os pequeninos moldes e buracos para respirar e movimentos invisíveis mostravam que a paisagem inteira estava tremulante de vida.

Sem dizer aos outros por que, Mary examinou minuciosamente o mar distante, vasculhando o horizonte em busca de velas brancas. Mas havia apenas um brilho enevoado onde o azul do céu empalidecia na borda do mar, e o mar refletia a claridade e fazia cora que faiscasse no ar cintilante. Ela mostrou a Will e Lyra como apanhar um tipo especial de molusco, encontrando seus tubos de respiração pouco acima da areia. Os mulefas adoravam comê-los, mas para eles era difícil se movimentar na areia e apanhálos. Sempre que Mary vinha até a beira do mar, colhia tantos quantos podia e agora, com três pares de mãos e de olhos para trabalhar, haveria um banquete.

Ela deu a cada um uma bolsa de pano e eles trabalharam enquanto ouviam a parte seguinte da história. Pouco a pouco foram enchendo

as sacolas e Mary os levou discretamente de volta para a margem do pântano porque a maré estava novamente virando.

A história estava levando um longo tempo, eles não chegariam ao mundo dos mortos naquele dia. A medida que se aproximavam do povoado, Will estava contando a Mary a conclusão a que ele e Lyra haviam chegado com relação à constituição em três partes da natureza dos seres humanos.

- Vocês sabem - comentou Mary - a igreja, a Igreja Católica à qual eu pertencia, não usaria a palavra *daemon*, mas São Paulo fala a respeito de espírito e alma e corpo. De maneira que a idéia da natureza humana ser constituída de três partes não é tão estranha.

- Mas a melhor parte é o corpo - disse Will. - Foi isso que Baruch e Balthamos me disseram. Os anjos desejariam ter corpos. Eles me disseram que não conseguiam compreender por que nós não aproveitamos melhor o mundo. Para eles, seria uma espécie de êxtase ter nossa carne e nossos sentidos. No mundo dos mortos...

- Conte isso quando chegar a essa parte da história - interveio Lyra e deu-lhe um sorriso, um sorriso de tão doce compreensão e alegria que os sentidos dele ficaram confusos. Ele retribuiu o sorriso, e Mary constatou que a expressão no rosto dele revelava a mais perfeita confiança que jamais tinha visto num rosto humano.

A essa altura tinham chegado ao povoado e estava na hora de preparar a refeição da noite. De modo que Mary deixou os dois junto da margem do rio, onde sentaram para ver a maré cheia subir, e foi se juntar a Atai ao lado da fogueira. Sua amiga ficou radiante com a farta coleta de moluscos. *Mas Mary*, - disse ela, - *os tualapi destruíram um povoado mais acima na costa e depois outro e mais outro. Eles nunca fizeram isso antes. Geralmente atacam um e depois voltam para o mar. E mais três foram destruídos hoje... Não! Onde?*

Atai mencionou um bosque não muito longe de uma fonte de águas termais. Mary tinha estado lá apenas três dias antes e nada

parecera errado. Ela pegou a luneta e olhou para o céu, e, exatamente como havia esperado, a grande corrente de partículas de Sombra estava fluindo com mais intensidade ainda, com velocidade e volume incomparavelmente maiores que a maré

montante que subia entre as margens do rio.

O que você pode fazer? -perguntou Atai.

Mary sentiu o peso da responsabilidade como uma pesada mão descendo entre suas omoplatas, mas obrigou-se a sentar ereta sem demonstrar abatimento.

Contar-lhes histórias - respondeu.

Depois que o jantar acabou, os três humanos e Atai sentaram em mantas do lado de fora da casa de Mary, debaixo do céu cálido e estrelado. Eles se deitaram, se sentindo bem alimentados e confortáveis na noite perfumada pela fragrância de flores, e ouviram Mary contar sua história.

Ela começou pouco antes de ter conhecido Lyra, falando sobre o trabalho que estivera fazendo na Unidade de Pesquisa de Matéria Escura, e sobre a crise por causa da recusa de renovação de fundos para a bolsa de pesquisa. Quanto tempo ela tinha tido que passar pedindo dinheiro e como isso lhe deixara pouco tempo para trabalhar na pesquisa!

Mas a visita de Lyra tinha mudado tudo e tão rapidamente: numa questão de dias ela havia, de fato, abandonado seu mundo.

- Fiz o que você me disse para fazer - prosseguiu. - Fiz um programa, isto é, um conjunto de instruções, para deixar as Sombras falarem comigo através do computador. Elas me disseram o que eu deveria fazer. Disseram que havia anjos e... bem...

- Se era uma cientista - observou Will - não imagino que fosse uma coisa boa elas dizerem isso. Você poderia não ter acreditado em

anjos.

- Ah, mas eu sabia da existência de anjos. Sabe, eu tinha sido freira. Eu achava que se poderia trabalhar no campo da física para a glória de Deus, até

que me dei conta de que não existia Deus nenhum e que, de qualquer maneira, todo aquele campo de estudos de física era muito mais interessante. A religião cristã é um erro muito poderoso e convincente, é só isso.

- Quando deixou de ser freira? - quis saber Lyra.

- Eu me lembro exatamente - respondeu Mary - até mesmo da hora do dia. Como era boa em física, eles me deram permissão para continuar minha carreira universitária, sabe, de modo que concluí meu doutorado e estava pronta para ensinar. Não era uma daquelas ordens em que você é totalmente afastado do mundo. Na verdade, nós nem sequer usávamos hábito, apenas tínhamos que nos vestir com simplicidade, discretamente, e usar um crucifixo. De modo que eu freqüentava uma universidade para ensinar e fazer pesquisa na área de partículas elementares. E então houve uma conferência tratando de meu tema de pesquisa e fui convidada para ir e apresentar um estudo. A conferência era em Lisboa e eu nunca tinha estado lá antes, na verdade, nunca tinha saído da Inglaterra. A coisa toda... a viagem de avião, o hotel, o sol forte, as línguas estrangeiras por toda parte ao meu redor as pessoas famosas que iriam apresentar trabalhos e a idéia de apresentar minha própria tese, a dúvida se alguém iria aparecer para ouvir minha exposição e se eu estaria nervosa demais para conseguir falar... Ah, estava tão tensa e cheia de animação, que não consigo descrever. E eu era tão inocente, vocês têm que se lembrar disso. Sempre tinha sido tão boa menina, sempre indo regularmente à missa, eu acreditava que tinha uma vocação para a vida espiritual. Queria de todo o coração servir a Deus. Queria pegar minha vida inteira e oferecê-la, assim disse ela, levantando as mãos juntas em concha - e colocá-la diante de Jesus para que ele fizesse o que quisesse com ela. E suponho que estivesse satisfeita comigo mesma. Satisfeita demais. Eu me

sentia pura, correta e dedicada à religião e era inteligente. Ah! Isso durou até, ah, nove e meia da noite do dia dez de agosto, sete anos atrás.

Lyra se sentou e abraçou os joelhos, ouvindo com muita atenção.

- Foi na noite depois que apresentei minha tese - continuou Mary - e tudo tinha corrido bem, algumas pessoas famosas e respeitadas ouviram minha apresentação e me saí bem depois, durante as perguntas, sem me confundir, sem dizer nenhuma besteira e, de maneira geral, me sentia cheia de alívio e de prazer... E de orgulho também, sem dúvida. De qualquer maneira, alguns de meus colegas tinham combinado de ir a um restaurante, um pouco mais abaixo na costa, e me perguntaram se eu não gostaria de ir. Normalmente, eu teria inventado alguma desculpa, mas daquela vez pensei: ora, sou uma mulher adulta, apresentei uma tese sobre um tema importante e ela foi bem recebida, e estou entre bons amigos... E foi tão agradável, a conversa era a respeito de todas as coisas que mais me interessavam, e todos nós estávamos tão felizes e confiantes, achei que devia relaxar um pouco. Eu estava descobrindo uma nova faceta de mim mesma, entendem, uma faceta que gostava do sabor do vinho e das sardinhas grelhadas, da sensação do ar quente na minha pele e do ritmo da música ao fundo. Eu estava me deliciando com aquilo. De modo que nos sentamos para comer no jardim. Eu estava na cabeceira de uma mesa comprida debaixo de um limoeiro e havia uma espécie de caramanchão ao meu lado com flores-da-paixão e meu vizinho estava falando com a pessoa do outro lado, e... Bem, sentado defronte a mim havia um homem que eu tinha visto uma ou duas vezes durante a conferência. Não o conhecia nem de cumprimentar, ele era italiano e tinha feito pesquisas a respeito das quais as pessoas estavam falando, e achei que seria interessante conversar sobre o assunto. Resumindo. Ele era apenas um pouco mais velho do que eu e tinha cabelos pretos lisos, macios, e uma pele morena bonita, olhos escuros. O

cabelo dele ficava caindo sobre a testa e ele o tempo todo o empurrava para trás assim, lentamente...

Mary mostrou a eles. Will achou que ela parecia se lembrar muito bem.

- Não era um homem bonito - prosseguiu. - Ele não era um mulherengo, nem um sedutor. Se tivesse sido, eu teria ficado acanhada, não teria sabido como conversar com ele. Mas era uma pessoa simpática, inteligente e divertida, e foi a coisa mais fácil do mundo ficar sentada ali, sob a luz do lampião, debaixo do limoeiro, com o perfume das flores, o cheiro da comida na grelha e do vinho, e conversar, rir e me sentir tendo a esperança de que ele me achasse atraente. A Irmã Mary Malone, flertando! E os votos que eu tinha feito?

E o que dizer de minha decisão de dedicar a vida a Jesus e todo o resto? Bem, não sei se foi o vinho ou minha própria tolice, o ar quente gostoso ou o limoeiro, ou sei lá o quê... Mas, gradualmente, me pareceu que eu havia me convencido de uma coisa que não era verdade. Tinha me levado a acreditar que estava bem, feliz e realizada, sozinha, sem o amor de nenhuma outra pessoa. Para mim, estar apaixonada era como a China: sabia que existia, que sem dúvida devia ser muito interessante e que algumas pessoas iam até lá, mas eu nunca iria. Eu passaria toda a minha vida sem nunca ir à China, mas isso não teria importância porque havia o resto do mundo para visitar. E então alguém me passou um pedaço de alguma coisa doce e, de repente, me dei conta de que eu tinha ido à China. Por assim dizer. E que tinha me esquecido disso. Foi o gosto do doce que trouxe tudo de volta... acho que era marzipã... uma pasta doce de amêndoas - explicou a Lyra, que olhava para ela sem entender.

- Ah! Marchpane! - exclamou Lyra e se acomodou de volta mais confortavelmente para ouvir o que aconteceu depois.

- De qualquer maneira - prosseguiu Mary - eu me lembrei do gosto e, imediatamente, voltei ao passado, à ocasião em que provei aquele doce pela primeira vez, quando era garota. Eu tinha 12 anos. Foi numa festa na casa de uma de minhas amigas, uma festa de aniversário, e havia uma discoteca, isso é quando tocam música

numa espécie de máquina de gravação e as pessoas dançam - ela explicou, percebendo a expressão de incompreensão de Lyra. - Geralmente as garotas dançam juntas porque os garotos são tímidos demais para convidá-las para dançar. Mas esse garoto, eu não o conhecia, mas ele me convidou para dançar e assim dançamos a primeira música, depois a seguinte e naquela altura estávamos conversando... E sabem como é, quando a gente gosta de alguém, você sabe imediatamente, bem, eu gostei tanto, gostei muito dele. E continuamos dançando e então veio a hora do bolo de aniversário. E

ele pegou um pedaço de marzipã e, delicadamente, o colocou em minha boca... eu me lembro de tentar sorrir e de corar, depois de me sentir tão tola, e me apaixonei por ele só por causa disso, por causa da maneira delicada com que tocou meus lábios com o marzipã.

Enquanto Mary dizia isso, Lyra sentiu uma coisa estranha acontecer com seu corpo. Ela sentiu uma agitação nas raízes de seus cabelos: descobriu que sua respiração estava acelerada. Lyra nunca tinha andado de montanha russa, nem nada parecido, mas se tivesse, teria reconhecido as sensações em seu peito: eram de excitação e medo ao mesmo tempo, e ela não tinha a menor idéia do porquê. A sensação continuou e se tornou mais intensa, depois mudou, à medida que mais partes de seu corpo também foram sendo afetadas por ela. Sentia como se tivessem lhe dado a chave de uma casa enorme que não sabia que existia, uma casa que de alguma maneira estava dentro dela e, à medida que girava a chave, lá nas profundezas da escuridão do prédio, sentisse outras portas se abrindo também, e luzes se acendendo. Ficou sentada tremendo, abraçando os joelhos, mal ousando respirar, enquanto Mary continuava:

- E acho que foi naquela festa, ou pode ter sido numa outra, que nós nos beijamos pela primeira vez. Foi no jardim e havia o som de música vindo de dentro da casa e o silêncio e o ar fresco entre as árvores, e eu o queria muito, meu corpo inteiro o queria tanto que doía e percebia claramente que ele estava sentindo a mesma

coisa... e que nós dois estávamos quase acanhados demais para conseguir nos mexer. Quase. Mas um de nós se mexeu e então, sem nenhum intervalo, foi como um salto quântico, de repente estávamos nos beijando e, ah, era mais que a China, era o paraíso. Nós nos vimos cerca de meia dúzia de vezes, não mais que isso. Então os pais dele se mudaram para longe e nunca mais o vi de novo. Foi uma época tão boa, tão gostosa, passou tão depressa, durou tão pouco... Mas existiu, a recordação estava lá. Eu tinha conhecido. Eu tinha ido à China.

Foi a mais estranha das coisas: Lyra sabia exatamente do que Mary estava falando e, meia hora antes, não teria tido absolutamente nenhuma idéia. E em seu íntimo, aquela casa rica com todas as suas portas abertas e todos os seus aposentos iluminados estava esperando, silenciosa, esperançosa.

- E às nove e meia da noite, naquela mesa de restaurante em Portugal prosseguiu Mary, sem perceber absolutamente o drama silencioso que se desenrolava no íntimo de Lyra - alguém me deu um pedaço de marzipã e eu me lembrei de tudo. E pensei: será que realmente vou passar o resto de minha vida sem nunca mais sentir aquilo de novo? E pensei: eu quero ir à China. É

cheia de tesouros e de coisas estranhas, desconhecidas, de mistério e de felicidade. E pensei: será que vai ser melhor para alguém se eu voltar direto para o meu hotel, disser minhas orações, me confessar ao padre e prometer nunca mais voltar a cair em tentação? Será que alguém vai se tornar uma pessoa melhor se eu tornar minha vida miserável e infeliz? E a resposta veio: não. Ninguém vai ficar melhor. Não há ninguém para se atormentar, ninguém para condenar, ninguém para me abençoar por ser uma boa moça, ninguém vai me punir por ser má. O céu estava vazio. Eu não sabia se Deus tinha morrido, ou se Deus nunca tinha absolutamente existido. De qualquer maneira, me senti livre e solitária, e não sabia se estava feliz ou infeliz, mas algo de muito estranho havia acontecido. E toda aquela enorme mudança tinha ocorrido no momento em que o marzipã tocou em minha boca,

antes mesmo que eu o tivesse engolido. Um gosto, uma lembrança, um desmoronamento sob meus pés... Quando afinal o engoli e olhei para o homem do outro lado da mesa, percebi que ele sabia que alguma coisa tinha acontecido. Não pude contar a ele naquela hora, naquele lugar, ainda era estranho demais e quase pessoal demais para mim. Mas depois, saímos para dar uma caminhada pela praia no escuro e a brisa tépida da noite agitava meus cabelos, e o Atlântico estava muito bem-comportado, ondas pequeninas e suaves acariciavam nossos pés... E tirei o crucifixo de meu pescoço e o atirei no mar. Isso foi tudo. Estava tudo acabado. Tinha sumido. De maneira que foi assim que deixei de ser freira - concluiu ela.

- Esse homem foi o mesmo que descobriu sobre os crânios? - perguntou Lyra, muito atenta.

- Ah... não. O homem dos crânios era o Dr. Payne, Oliver Payne. Ele apareceu muito depois disso. Não, o homem na conferência se chamava Alfredo Montale. Era um homem muito diferente.

- Você o beijou?

- Bem - disse Mary, sorrindo - beijei, mas não naquela noite.

- Foi difícil deixar a igreja? - perguntou Will.

- De certa maneira foi, porque todo mundo ficou decepcionado. Todo mundo, da Madre Superiora aos padres e a meus pais. Ficaram tão aborrecidos e me censuraram tanto... Eu sentia que algo em que eles todos acreditavam fervorosamente dependia de que eu continuasse a fazer algo em que eu não acreditava. Mas de certa maneira foi fácil, porque fazia sentido. Pela primeira vez na minha vida senti que estava fazendo alguma coisa com todos os elementos que constituíam minha natureza e não com apenas uma parte dela. De modo que foi solitário durante algum tempo, mas depois me habituei.

- Você se casou com ele? - perguntou Lyra.

- Não. Não me casei com ninguém. Vivi com uma pessoa... não o Alfredo, uma outra pessoa, Vivi com ele durante quase quatro anos. Minha família ficou escandalizada. Mas depois decidimos que seríamos mais felizes não vivendo juntos. De modo que estou sozinha. O homem com quem eu vivia gostava de escalar montanhas e me ensinou a praticar alpinismo, e costumo fazer caminhadas nas montanhas e... E tenho meu trabalho. Bem, eu tinha o meu trabalho. De maneira que sou solitária, mas sou feliz, se é que me entendem.

- Como se chamava o garoto? - perguntou Lyra. - O da festa?

- Tim.

- E como era ele?

- Ah... era gentil, atraente. Isso é tudo de que me lembro.

- Quando vi você pela primeira vez, em Oxford - recordou Lyra - você

disse que um dos motivos pelos quais tinha se tornado cientista era que não teria que pensar a respeito do bem e do mal. Pensava a respeito disso quando era freira?

- Humm. Não. Mas eu sabia que deveria pensar: era só nisso que a igreja tinha me ensinado a pensar. E quando trabalhava em ciência, tinha que pensar a respeito de outras coisas completamente diferentes. De maneira que nunca tive que pensar a respeito do bem e do mal por mim mesma.

- Mas agora pensa? - quis saber Will.

- Eu acho que tenho que pensar - respondeu Mary, tentando ser precisa.

- Quando deixou de acreditar em Deus - prosseguiu ele - você deixou de acreditar no bem e no mal?

- Não. Mas deixei de acreditar que havia uma força do bem e uma força do mal que existissem fora de nós. E passei a acreditar que bem e mal são nomes que se dá ao que as pessoas fazem, não para o que elas são. Tudo o que podemos dizer é que uma ação é boa porque ajuda alguém, ou que é má

porque prejudica. As pessoas são complicadas demais para terem rótulos simples.

- É verdade - concordou Lyra com firmeza.

- Sentiu falta de Deus? - perguntou Will.

- Senti - admitiu Mary - uma falta terrível. E ainda sinto. A coisa de que sinto mais falta é a sensação de estar conectada com o universo inteiro. Eu costumava me sentir ligada a Deus desse modo, e como ele estava lá, eu estava ligada e em contato com toda a sua criação. Mas se ele não está lá... Lá longe no pântano, um pássaro gritou com uma série de sons melancólicos que foram decrescendo. As brasas se assentaram na fogueira, a relva estava se agitando ligeiramente sob a brisa noturna. Atai parecia estar cochilando como um gato, as rodas deitadas na relva a seu lado, as pernas dobradas sob seu corpo, os olhos semicerrados, a atenção metade aqui e metade em outro lugar. Will estava deitado de costas, os olhos abertos para as estrelas.

Quanto a Lyra, ela não havia movido um único músculo desde que aquela coisa estranha tinha acontecido e guardava a lembrança daquelas sensações em seu íntimo como um vaso frágil, cheio até a borda de novos conhecimentos, que ela mal ousava tocar por temor de derramá-los. Não sabia o que eram, nem o que significavam, nem de onde tinham vindo: de modo que ficou sentada imóvel, abraçando os joelhos, e tentou se obrigar a parar de tremer de excitação. Dentro de pouco tempo, pensou, daqui a pouco tempo eu saberei. Eu saberei dentro de muito pouco tempo.

Mary estava cansada: não tinha mais histórias para contar. Certamente se lembraria de outras amanhã.

AGORA EXISTE

Mostro a todos vós o mundo pleno de vida, onde toda partícula de pó exala o alento da sua alegria.

Willian Blake

Mary não conseguia dormir. Cada vez que fechava os olhos, alguma coisa a fazia oscilar e parar com um tranco, como se estivesse à beira de um precipício, e despertava sobressaltada, tensa de medo. Isso aconteceu três, quatro, cinco vezes, até que ela se deu conta de que o sono não viria, de modo que se levantou e se vestiu silenciosamente, saiu da casa e se afastou da árvore com seus galhos em forma de tenda, debaixo dos quais Will e Lyra dormiam.

A lua estava alta e clara no céu. Havia um vento vigoroso e a paisagem grandiosa estava sarapintada de sombras de nuvens se movendo, Mary pensou, como se fosse a migração de algum rebanho de bichos inimagináveis. Mas os animais migravam por um motivo, quando se viam os rebanhos de renas em movimento, atravessando a tundra, ou animais selvagens cruzando a savana, se sabia que estavam indo para onde estava a comida, ou para lugares onde era bom se acasalar e ter as crias. O movimento deles tinha um significado. Aquelas nuvens estavam se movendo em resultado de simples casualidade, em virtude do efeito de eventos inteiramente aleatórios no nível dos átomos e das moléculas, suas sombras passando rápidas sobre a pradaria não tinham absolutamente nenhum significado.

A despeito disso, pareciam ter. Elas pareciam tensas e movidas pelo impulso de um propósito. A noite inteira parecia ter. Mary também o sentia, só

que não sabia qual era aquele propósito. Mas, ao contrário dela, as nuvens pareciam saber o que estavam fazendo e por que, e o vento sabia, e a relva sabia. O mundo inteiro estava vivo e consciente.

Mary subiu a encosta e olhou para trás, para a extensão do pântano, onde a maré montante tecia uma renda prateada cintilante sobre os baixos escuros, reluzentes de lama, e os juncos no leito do rio. As sombras das nuvens ficavam muito nítidas ali: pareciam estar fugindo de alguma coisa terrível que vinha atrás delas, ou correndo para abraçar alguma coisa maravilhosa que havia adiante. Mas o que era, Mary nunca saberia.

Ela se virou em direção ao bosque onde ficava a árvore que escalava para suas observações. Ficava a 20 minutos de caminhada, podia vê-la claramente, enorme lá no alto, sacudindo a cabeça num diálogo urgente com o vento. Eles tinham coisas a dizer e ela não conseguia ouvir. Seguiu rapidamente em direção à árvore, movida pela agitação da noite e desesperada para fazer parte dela. Aquilo era exatamente a sensação de que falara a Will, quando ele havia perguntado se ela sentia falta de Deus: era a sensação de que o universo inteiro estava vivo e que tudo estava ligado e conectado a tudo o mais por fios de significado. Enquanto fora cristã, também tinha se sentido conectada, mas, depois que havia deixado a Igreja, tinha se sentido livre, leve e solta, num universo sem propósito definido. E então viera a descoberta das Sombras e sua jornada para um outro mundo e, agora, havia aquela noite cheia de vida, em que era evidente que tudo estava pulsando cheio de propósito e de significado, mas que Mary estava excluída desse contato. E era impossível encontrar um meio de se conectar, pois não existia Deus.

Em parte movida pela exultação e em parte pelo desespero, resolveu subir em sua árvore e tentar mais uma vez se deixar levar pelo Pó. Mas, não havia percorrido nem a metade do caminho até o arvoredo, quando ouviu um som diferente em meio ao chicotear das folhas e ao vento fluindo através da relva. Alguma coisa gemendo, uma nota grave, sombria como um órgão. E acima disso o som de estalidos, de coisas estalando e quebrando, e o guinchado e o grito estridente de madeira sobre madeira. Certamente não podia ser a sua árvore?

Ela parou onde estava, na pradaria aberta e, com o vento açoitando seu rosto e as sombras de nuvens passando rápidas acima, as folhas altas de relva chicoteando suas coxas, observou o dossel do arvoredo. Os ramos gemiam, galhos se quebravam, grandes traves de madeira verde se partiam como se fossem gravetos secos e despencavam a longa distância lá do alto até o solo, e então a parte superior da copa daquela árvore que ela conhecia tão bem se inclinou, se inclinou e, lentamente, começou a desabar.

Cada fibra no tronco, a casca, as raízes pareciam estar gritando separadamente contra aquele assassinato. Mas ela foi caindo e caindo, todo o seu grandioso comprimento despencando e abrindo caminho para fora do arvoredo e pareceu se inclinar na direção de Mary, antes de tombar com estrépito no chão, como uma onda contra um quebra-mar e o tronco colossal quicou um pouco e finalmente pareceu se acomodar com um gemido de madeira partida.

Ela correu até lá para tocar as folhas que se sacudiam. Lá estava sua corda, lá estavam os destroços de sua plataforma. Com o coração batendo descontrolado, dolorosamente, ela subiu na árvore, em meio aos galhos caídos, se alçando e se segurando nos ramos tão conhecidos e familiares, em seus novos ângulos desconhecidos, e se equilibrou no ponto mais alto que conseguiu alcançar.

Mary apoiou-se contra um galho e pegou a luneta. Através dela viu dois movimentos bastante diferentes no céu.

Um era o das nuvens passando ligeiras sobre a lua numa determinada direção e o outro era o do fluxo da corrente de Pó parecendo cruzá-las, numa direção muito diferente.

E, dentre os dois movimentos, o do Pó estava fluindo mais rapidamente e em volume muito maior. De fato, o céu inteiro parecia estar fluindo, impregnado de Pó. Uma grandiosa e inexorável torrente jorrando para fora do mundo, para fora de todos os mundos, para algum vazio definitivo.

Lentamente, como se estivessem se movendo em sua mente, as coisas se juntaram.

Will e Lyra tinham dito que a faca sutil tinha pelo menos 300 anos de idade. Fora isso que o velho na torre dissera a eles.

Os mulefas tinham contado a ela que o sraf, que havia nutrido suas vidas e seu mundo durante 33 milhares de anos, tinha começado a diminuir exatamente há 300 anos.

De acordo com Will, a Guilda da Torre degli Angeli, os donos da faca sutil, tinha sido descuidada, nem sempre eles haviam fechado as janelas que abriam. Tanto que, afinal, Mary tinha encontrado uma, e deveria haver muitas outras. Suponha-se que durante todo esse tempo, pouco a pouco, o Pó

estivesse vazando, escorrendo pelos cortes que a faca sutil tinha feito na natureza...

Ela se sentiu atordoada e não era apenas o balançar e o subir e descer dos galhos entre os quais estava apoiada. Guardou a luneta cuidadosamente no bolso e enganchou os braços sobre o galho da frente, contemplando o céu, a lua, as nuvens ligeiras.

A faca sutil era responsável pelo vazamento em pequena escala, de baixa intensidade. Era nocivo e o universo estava sofrendo por causa disso, ela precisava conversar com Will e Lyra e descobrir uma maneira de fazê-lo parar. Mas a vasta enchente no céu era uma questão inteiramente diferente. Aquilo era novo e era catastrófico. E, se não fosse detida, toda a vida consciente chegaria ao fim. Como os mulefas tinham mostrado a ela, o Pó

começava a existir quando as próprias coisas vivas se tornavam conscientes de si mesmas, mas ele precisava de algum sistema de alimentação para reforçá-lo e torná-lo seguro, como os mulefas tinham suas rodas e o óleo das árvores. Sem alguma coisa desse tipo, tudo desapareceria. Pensamento, imaginação, sentimento, tudo murcharia e seria dispersado pela corrente, sem deixar nada para

trás, exceto um automatismo animalesco, e aquele breve período em que a vida fora consciente de si mesma se apagaria como uma vela em todos os bilhões de mundos onde havia ardido tão claramente. Mary sentiu intensamente o peso de tudo aquilo. Parecia o peso da idade. Sentia-se como se estivesse com 80 anos, velha, gasta, exausta e ansiando pela morte. Ela desceu pesadamente dos galhos da grande árvore caída e, com o vento ainda soprando forte nas folhas, na relva e em seus cabelos, tomou o caminho de volta para o povoado.

No alto da encosta, olhou pela última vez para a correnteza de Pó, com as nuvens correndo e o vento que soprava na direção oposta e a lua parada, firme, bem no meio. E então, finalmente, ela viu o que estavam fazendo: viu qual era aquele grande e urgente propósito.

Eles estavam tentando conter a torrente de Pó. Estavam lutando para levantar algumas barreiras contra a terrível correnteza: vento, lua, nuvens, folhas, relva, todas aquelas coisas adoráveis estavam gritando por ajuda e se lançando na luta para manter as partículas de Sombra naquele universo, que elas enriqueciam tanto.

A matéria amava o Pó. Não queria vê-lo ir embora. Este era o significado daquela noite e era o significado de Mary também. Não tinha ela pensado que não havia significado na vida, nenhum propósito, quando Deus se fora? Sim, tinha pensado isso.

- Bem, agora existe - disse em voz alta, depois, de novo, ainda mais alto: Agora existe!

Quando tornou a olhar para as nuvens e a lua no fluxo de Pó, pareceram lhe frágeis e condenadas ao fracasso, como uma represa de pequenos galhos e minúsculos seixos tentando represar o Mississipi. Mas, mesmo assim, estavam tentando. Continuariam tentando até o fim de tudo.

Mary não tinha idéia de quanto tempo havia estado fora. Quando a intensidade de seus sentimentos começou a amainar e a exaustão a substituiu, foi se encaminhando devagar para o povoado, descendo

a colina. E, quando estava a meio caminho da descida, perto de uma moita de pés de trigo sarraceno, viu uma coisa estranha nos baixios de lama. Havia um brilho branco, um movimento constante: alguma coisa estava subindo com a maré. Ela ficou imóvel, observando atentamente. Não podiam ser os tualapi, porque eles sempre andavam em bandos e aquele estava sozinho, mas tudo em sua forma era igual - as asas que pareciam velas, o pescoço longo - era um dos pássaros, não havia dúvida quanto a isso. Nunca tinha ouvido falar deles aparecendo sozinhos e hesitou, antes de correr para alertar o povoado, porque, de qualquer maneira, a coisa tinha parado. Estava flutuando na água perto da trilha. E estava se dividindo... Não, alguma coisa estava saltando de seu dorso. A coisa era um homem.

Ela podia vê-lo bastante claramente, mesmo àquela distância, a luz do luar estava forte, clara, e seus olhos tinham se habituado a ela. Olhou através da luneta e excluiu qualquer dúvida que ainda restasse: era o vulto de um ser humano, irradiando Pó.

Ele estava carregando alguma coisa: algum tipo de vara comprida. Veio andando pela trilha com rapidez e facilidade, sem correr, mas movendo-se com a agilidade de um atleta ou de um caçador. Vestia roupas escuras, simples, que normalmente o teriam escondido bem, mas, através da luneta, ele aparecia como se estivesse sob um foco de luz.

E à medida que se aproximava do povoado, ela se deu conta do que era a vara. Ele estava carregando um rifle.

Mary sentiu como se alguém tivesse derramado um balde de água gelada sobre seu coração. Todos os pêlos em sua pele ficaram em pé. Estava longe demais para fazer alguma coisa: mesmo se gritasse, ele não ouviria. Teve que observar enquanto ele entrava no povoado, olhando para a esquerda e para a direita, parando de vez em quando para ouvir, indo de casa em casa. A mente de Mary parecia a lua e as nuvens tentando conter o Pó, enquanto gritava silenciosamente: Não olhe debaixo da árvore, afaste-se da árvore...

Mas ele foi chegando mais perto, cada vez mais perto da árvore, finalmente, parando do lado de fora da casa de Mary. Ela não conseguiu mais suportar aquilo, enfiou a luneta no bolso e começou a correr, descendo a encosta. Estava prestes a gritar, qualquer coisa, um grito descontrolado, mas, bem a tempo, deu-se conta de que poderia acordar Will ou Lyra e fazer com que se mostrassem.

Então, como não podia suportar não saber o que o homem estava fazendo, parou e tornou a pegar a luneta, e teve que se manter imóvel, enquanto olhava através dela.

Ele estava abrindo a porta de sua casa. Ia entrar na casa. Ele desapareceu de vista, embora houvesse um movimento na esteira de Pó que deixou para trás, como fumaça quando se passa a mão através dela. Mary esperou por um minuto interminável e então ele tornou a aparecer. Ficou parado no vão da porta, olhando em volta lentamente, da esquerda para a direita, e seu olhar passou pela árvore e seguiu adiante. Então ele saiu do vão da porta e ficou parado, imóvel, quase como se não soubesse o que fazer. De repente, Mary teve consciência de como estava exposta na encosta nua da colina, um alvo fácil para um tiro de rifle, mas ele só

estava interessado no povoado, e depois que se passou mais um minuto, fez meia-volta e foi se afastando, andando silenciosamente.

Ela observou cada passo que ele deu descendo pela trilha ao longo da margem do rio e viu, muito claramente, como ele montou nas costas do pássaro e se sentou de pernas cruzadas, enquanto o pássaro se virava para sair deslizando sobre a água. Cinco minutos depois tinham desaparecido de vista.

ALÉM DAS COLINAS E MUITO LONGE

O dia chegou em que nasceu minha vida, meu amor chegou para mim. Christina Rosset

- Dra Malone - disse Lyra logo de manhã - Will e eu temos que procurar nossos *daemons*. Quando os encontrarmos, saberemos o

que temos de fazer. Mas não podemos continuar muito tempo mais sem eles. De modo que queremos sair para procurar.

- Para onde irão? - perguntou Mary, com os olhos pesados e dor de cabeça, depois de sua noite perturbadora. Ela e Lyra estavam na margem do rio, Lyra para se lavar e Mary para procurar, disfarçadamente, as marcas das pegadas do homem. Até o momento não tinha encontrado nenhuma.

- Não sei - respondeu Lyra. - Mas eles estão por aí, em algum lugar. Assim que atravessamos a janela, saindo da batalha, eles fugiram, como se não confiassem mais em nós. Também não posso nem dizer que os culpe por isso. Mas sabemos que estão neste mundo e tivemos a impressão de que os vimos umas duas vezes, de modo que talvez possamos encontrá-los.

- Ouça - disse Mary, com relutância, e contou a Lyra o que tinha visto na noite anterior.

Enquanto falava, Will veio se juntar a elas e tanto ele quanto Lyra ouviram, com os olhos arregalados e o rosto sério.

- Provavelmente é um viajante que encontrou uma janela e a atravessou, vindo de algum outro lugar - disse Lyra, quando Mary concluiu. Intimamente, ela possuía coisas bastante diferentes em que pensar e esse homem não era interessante como elas eram.

- Como fez o pai de Will - prosseguiu. - Deve haver todo tipo de aberturas agora. De qualquer maneira, se ele simplesmente deu as costas e foi embora, não deve ter querido fazer nada de mau, não acha?

- Não sei. Não gostei daquilo. E estou preocupada com vocês saindo por aí sozinhos, ou ficaria, se não soubesse que já fizeram coisas muito mais perigosas que isso. Ah, eu não sei. Mas, por favor, tenham cuidado. Por favor, examinem bem os lugares por onde vão andar. Pelo menos na pradaria podese ver de muito longe quando alguém se aproxima...

- Se os encontrarmos, poderemos fugir direto para um outro mundo, de modo que ele não vai poder nos fazer mal - disse Will.

Estavam decididos a ir e Mary sentia-se relutante em discutir com eles.

- Pelo menos - pediu ela - prometam que não entrarão nos bosques, no meio das árvores. Se esse homem ainda estiver por perto, pode estar se escondendo num bosque ou numa moita e vocês não o veriam a tempo de escapar.

- Nós prometemos - disse Lyra.

- Bem, vou preparar um farnel para vocês, caso fiquem fora o dia inteiro. Mary juntou alguns dos pães achatados e queijo, algumas frutas vermelhas, doces e suculentas para matar a sede, embrulhou-os num pano e amarrou com um barbante, fazendo uma alça para que um deles levasse o embrulho pendurado no ombro.

- Boa caçada - disse ela, quando iam saindo. - Por favor, tomem cuidado.

Ainda estava preocupada. Ficou parada vendo os dois se afastarem até

chegarem ao sopé da encosta.

- Gostaria de saber por que ela está tão triste - comentou Will, enquanto ele e Lyra subiam pela estrada que levava à cadeia de colinas.

- Provavelmente está se perguntando se algum dia tornará a voltar para casa - respondeu Lyra. - E se o laboratório ainda será seu, quando voltar. E

talvez esteja triste por causa do homem por quem foi apaixonada.

- Humm - retrucou Will. - Você acha que nós voltaremos para casa algum dia?

- Não sei. De qualquer maneira, não creio que eu tenha uma casa. Eles provavelmente não podem me aceitar de volta na Faculdade Jordan, e não posso viver com os ursos nem com as bruxas. Talvez pudesse viver com os gípcios. Bem que gostaria disso, se me aceitassem.

- E o mundo de Lorde Asriel? Não gostaria de viver lá?

- Não vai dar certo, lembre-se - disse ela.

- Por quê?

- Por causa do que o fantasma de seu pai disse, pouco antes de sairmos. Sobre os *daemons* e como só podem viver muito tempo se ficarem em seu próprio mundo. Mas provavelmente Lorde Asriel, quero dizer, meu pai não poderia ter pensado nisso, porque ninguém tinha muitos conhecimentos a respeito de outros mundos quando ele começou... Aquilo tudo - comentou em tom de admiração e tristeza - toda aquela bravura e talento... Tudo aquilo, tudo desperdiçado! Tudo para nada!

Continuaram subindo, achando o caminho fácil na estrada de rocha, e quando alcançaram o alto da cadeia de colinas pararam e olharam para trás.

- Will, e se não os encontrarmos? - perguntou ela.

- Tenho certeza que encontraremos. O que ando querendo saber é

como será o meu *daemon*.

- Você a viu. E eu a peguei no colo - disse Lyra, enrubescendo, porque, é claro, era uma tremenda violação das regras de boas maneiras tocar em algo tão pessoal como o *daemon* de outra pessoa. Era proibido não só por educação, mas também por algo mais profundo que isso, algo como vergonha. Um rápido olhar de relance para as faces vermelhas de Will mostrou que ele sabia disso tão bem quanto ela. Não sabia dizer se ele também sentia aquela

sensação estranha, que era metade medo, metade excitação, que ela sentia, aquela sensação que tinha começado a se apoderar dela na noite anterior: ali estava novamente.

Continuaram caminhando lado a lado, de repente tímidos um com o outro. Mas Will, que não se deixava vencer pela timidez, perguntou:

- Quando o *daemon* da gente pára de mudar de forma?

- Mais ou menos... acho que com a sua idade, ou um pouco depois. Costumávamos falar sobre Pan fixar forma, ele e eu. A gente se perguntava que forma ele teria.

- As pessoas não têm nenhuma idéia?

- Não quando ainda são crianças. À medida que você vai crescendo, bem, poderia ser isso ou poderia ser aquilo... E, geralmente, eles acabam fixando forma em alguma coisa que se encaixa. Quero dizer, alguma coisa que combina com sua verdadeira natureza. Como por exemplo, se seu *daemon* é

um cachorro, isso significa que você gosta de ser obediente, de saber quem manda e de cumprir ordens, de agradar as pessoas que estão no comando. Muitos criados são pessoas cujos *daemons* são cachorros. De modo que ajuda saber que tipo de pessoa você é e descobrir as coisas que saberá fazer bem. Como as pessoas em seu mundo sabem quem e como elas são?

- Não sei. Não conheço muita coisa a respeito de meu mundo. Tudo o que sei é guardar segredos, não me mostrar, ficar bem quieto e escondido, de modo que não sei muita coisa sobre... adultos e amigos. Ou amantes. Acho que seria difícil ter um *daemon* porque todo mundo saberia tanta coisa a respeito de você só de olhar. Gosto de não me mostrar, guardar meus segredos e de ficar fora do alcance de olhares.

- Então talvez seu *daemon* seja um animal que sabe se esconder bem. Um desses animais que parecem com um outro... uma

borboleta que se pareça com uma vespa, para se disfarçar. Deve haver animais assim em seu mundo, porque nós temos e somos tão parecidos.

Continuaram caminhando juntos em silêncio amigável. Por toda parte, em torno deles, a manhã vasta e clara estava límpida nas ravinas e azul - perolada na atmosfera quente acima. Até onde o olhar podia alcançar, a grandiosa savana se estendia, marrom, dourada, verde - fosca, cintilando na direção do horizonte e vazia. Eles poderiam ter sido as únicas pessoas no mundo.

- Mas na verdade não é vazio - observou Lyra.

- Está falando do tal homem?

- Não. Você sabe o que estou querendo dizer.

- E, sei. Posso ver sombras na relva... talvez sejam passarinhos - disse Will.

Ele estava acompanhando pequenos movimentos dardejantes aqui e ali. Descobriu que era mais fácil ver as sombras se não olhasse diretamente para elas. Pareciam mais dispostas a se mostrar para os cantos de seu olho e, quando falou disso para Lyra, ela comentou:

- É a capacidade negativa.

- O que é isso?

- Foi o poeta Keats quem falou disso pela primeira vez. A Dra. Malone sabe. É assim que leio o aletômetro. E é assim que você usa a faca, não é?

- É, imagino que seja. Mas estava pensando agora mesmo que poderiam ser os *daemons*.

- Eu também, mas...

- Olhe - disse ele - lá está uma daquelas árvores caídas.

Era a árvore da plataforma de Mary. Eles se aproximaram dela cuidadosamente, mantendo um olho vigilante no arvoredo, para o caso de uma outra cair também. Na calma da manhã, com apenas uma ligeira brisa agitando as folhas, parecia impossível que uma coisa imensa e imponente assim pudesse algum dia desabar, mas lá estava ela.

O vasto tronco, apoiado no solo do bosque por suas raízes arrancadas e na relva pela massa de galhos, estava lá no alto, muito acima da cabeça dos dois. Alguns de seus galhos esmigalhados e partidos eram, só eles, de uma circunferência tão grande quanto a das maiores árvores que Will já tinha visto, a copa da árvore, compacta, com ramagens que ainda pareciam robustas, folhas que ainda estavam verdes, erguia-se nas alturas como um palácio em ruínas na atmosfera agradável.

De repente, Lyra agarrou o braço de Will.

- Psiu - cochichou. - Não olhe. Tenho certeza que eles estão lá em cima. Vi alguma coisa se mexer eu juro que era Pan.

A mão de Lyra estava quente. Ele tinha mais consciência disso do que da grande massa de folhas e galhos acima deles. Fingindo contemplar distraidamente o horizonte, ele deixou sua atenção vagar relaxada para cima, para a massa confusa de verde, marrom e azul, e lá - ela estava com a razão! havia alguma coisa que não era a árvore. E, ao lado, uma outra.

- Afaste-se - cochichou Will. - Vamos para algum outro lugar e ver se eles nos seguem.

- E se não seguirem... Mas, sim, está bem - cochichou Lyra em resposta. Eles fingiram olhar ao redor, puseram as mãos num dos galhos descansando no chão, como se estivessem pretendendo subir nele, fingiram mudar de idéia, sacudindo a cabeça um para o outro e se afastando.

- Gostaria de poder olhar para trás - disse Lyra quando estavam a alguns metros de distância.

- Apenas continue andando. Eles estão nos vendo e não vão se perder. Virão nos procurar quando quiserem vir.

Saíram da estrada preta e entraram na relva alta, que chegava à altura dos joelhos, as pernas se movendo com um som sibilante ao roçar nos talos altos, observando os insetos esvoaçando, dardejando, borboleteando, dando vôos rasantes, ouvindo o coro de milhões de vozes chilrear e cricrilar.

- O que você vai fazer, Will? - perguntou Lyra baixinho, depois de terem andado um bom pedaço em silêncio.

- Bem, tenho que voltar para casa - respondeu ele.

No entanto, ela achou que sua voz soava insegura. Esperava que soasse insegura.

- Mas eles ainda podem estar atrás de você - argumentou. - Aqueles homens.

- Mas já enfrentamos coisa pior que eles.

- É, acho que sim... Mas eu queria lhe mostrar a Faculdade Jordan e os Pântanos. Queria que nós...

- Eu sei - concordou ele - e eu queria... Seria bom voltar até mesmo a Cittàgazze. Era um lugar bonito, e se os Espectros tiverem todos ido embora... Mas tenho minha mãe. Tenho que voltar e cuidar dela. Eu simplesmente a deixei com a Sra. Cooper e não é justo com nenhuma das duas.

- Mas não é justo que você tenha que fazer isso.

- Não - concordou ele - mas é um tipo de não ser justo diferente. É

exatamente como um terremoto ou uma tempestade. Pode não ser justo, mas não é culpa de ninguém. Mas se eu simplesmente deixar minha mãe com uma senhora idosa que também não está muito bem, isso, então, é um outro tipo de não ser justo. Isso seria errado. Eu tenho que ir para casa, e pronto. Mas provavelmente vai ser difícil voltar a ser como era antes. Agora, provavelmente, o segredo não é mais segredo. Não imagino que a Sra. Cooper tenha conseguido cuidar dela, não se minha mãe tiver passado por um daqueles seus períodos em que fica com medo das coisas. De modo que ela provavelmente teve que procurar ajuda, e quando eu voltar vão me obrigar a ir para algum tipo de instituição.

- Não! Como um orfanato?

- Acho que é o que eles fazem. Na verdade, não sei. Vou detestar.

- Você poderia escapar com a faca, Will! Poderia vir para meu mundo!

- Mas de qualquer maneira o meu lugar é um lugar onde possa estar com ela. Quando for adulto, vou poder cuidar dela direito, na minha casa. Então ninguém vai poder interferir.

- Você acha que vai se casar?

Ele ficou calado durante muito tempo. Contudo, ela sabia que estava pensando.

- Não consigo pensar numa coisa tão distante no futuro - respondeu. Teria que ser com alguém que pudesse compreender... não acho que exista ninguém assim em meu mundo. E você, se casaria?

- Eu também não - respondeu ela, e sua voz não estava muito firme. Não com ninguém em meu mundo, não acredito. Continuaram andando devagar, sem rumo certo, seguindo em direção ao horizonte. Eles tinham todo o tempo do mundo: todo o tempo que o mundo tinha. Depois de alguns instantes, Lyra perguntou:

- Você vai guardar a faca, não vai? De modo que possa visitar meu mundo?

- É claro. Eu certamente não a daria a nenhuma outra pessoa, nunca.

- Não olhe - disse ela, sem alterar o passo. - Lá estão eles de novo. À

esquerda.

- Eles estão nos seguindo - comentou Will, radiante.

- Psiu!

- Bem que achei que nos seguiriam. OK, agora vamos fingir, vamos andar por aí fazendo de conta que estamos procurando por eles e vamos olhar em todos os lugares mais idiotas.

E tornou-se uma brincadeira. Eles encontraram um laguinho e procuraram entre os juncos e na lama, dizendo em voz alta que os *daemons* deveriam estar com forma de sapos, de besouros d'água ou lesmas, eles arrancaram a casca de uma árvore, há muito caída, na beira de um bosque de eucaliptos, fingindo ter visto os dois *daemons* se escondendo debaixo dela, sob a forma de lacrainhas, Lyra fez uma cena, dando uma enorme atenção a uma formiga em que ela afirmava ter pisado, lamentando os machucados que havia causado, dizendo que a carinha da formiga era igual à de Pan, perguntando com tristeza fingida por que a formiga se recusava a falar com ela.

Mas quando achou que realmente estavam fora do alcance dos ouvidos dos *daemons*, disse seriamente para Will, chegando bem perto dele para falar rapidamente:

- Nós tivemos que deixá-los, não tivemos? Realmente não tínhamos escolha, não é?

- Sim, tivemos. Foi pior para você do que para mim, mas nós não tínhamos nenhuma outra escolha. Porque você fez uma promessa a Roger e tinha que cumpri-la.

- E você precisava falar novamente com seu pai...

- E tínhamos que tirar todos eles de lá.

- É, tínhamos. Estou tão feliz por termos feito isso. Um dia, Pan também vai ficar feliz, quando eu morrer. Não vamos ser separados. Aquilo foi uma coisa boa que fizemos.

À medida que o sol subia mais alto no céu e o ar se tornava mais quente, eles começaram a procurar uma sombra. Por volta do meio-dia, estavam na encosta que se elevava em direção ao topo de uma cadeia de colinas e quando chegaram lá, Lyra deixou-se cair na relva e declarou:

- Bem! Se não encontrarmos logo um lugar que esteja na sombra... Havia um vale que descia até o outro lado, e era coberto de arbustos, de modo que imaginaram que ali também poderia haver uma nascente. Atravessaram a cadeia de colinas até o outro lado da encosta, onde começava a descer para a parte mais alta do vale, e ali, como haviam imaginado, entre samambaias e juncos, uma nascente borbulhava saindo da rocha. Molharam os rostos acalorados na água e beberam satisfeitos, depois foram descendo, seguindo a corrente d'água, observando-a se acumular, formando redemoinhos em miniatura e jorrando sobre minúsculas saliências de pedra, e o tempo todo ia tornando-se mais larga e mais forte, virando um pequeno córrego.

- Como ela faz isso? - perguntou Lyra maravilhada. - Não tem mais água entrando nela, vinda de nenhum outro lugar, mas tem uma quantidade de água tão maior aqui do que lá em cima.

Will, vigiando as sombras pelo canto do olho, as viu se esgueirarem adiante deles, saltando sobre as samambaias para desaparecer nos arbustos mais abaixo. Ele apontou silenciosamente.

- É que vai mais devagar - respondeu. - Não jorra tão depressa como na nascente, de modo que vai se juntando nesses baixios... Eles foram para lá sussurrou, apontando para um pequeno grupo de árvores na base da encosta. O coração de Lyra estava batendo tão depressa que o sentia pulsar na garganta. Ela e Will trocaram um olhar, um olhar curiosamente formal e sério, antes de continuarem a seguir o curso d'água. A vegetação rasteira tornou-se mais espessa à medida que entraram no vale, o curso d'água entrava em túneis de verde e emergia em clareiras com áreas de luz e sombra, apenas para despencar sobre um beiço de pedra e se enterrar no verde de novo, e eles tinham que segui-lo tanto com o olhar como com o ouvido. Na base da colina, o curso d'água corria para o interior de um pequeno bosque de árvores de troncos prateados.

O Padre Gomez observava do alto da cadeia de colinas. Não tinha sido difícil segui-los, a despeito da confiança de Mary na savana

aberta, havia uma variedade de esconderijos na relva e as moitas ocasionais de eucaliptos e arbustos de seiva de laça. Os dois jovens tinham passado um bocado de tempo olhando ao redor por toda parte, como se pensassem que estivessem sendo seguidos, e ele tinha tido que se manter a uma certa distância, mas à

medida que a manhã tinha passado, haviam se tornado cada vez mais interessados um no outro, prestando menos atenção na paisagem. A única coisa que ele não queria fazer era ferir o menino. Ele tinha verdadeiro horror a fazer mal a uma pessoa inocente. A única maneira de se assegurar de acertar seu alvo era chegar perto o suficiente para vê-la claramente, o que significava segui-los e entrar no bosque. Silenciosa e cautelosamente, ele foi descendo seguindo o curso da corrente d'água. Seu *daemon*, o besouro fêmea de dorso verde, voava logo acima farejando o ar, sua visão era menos aguçada que a dele, mas seu olfato era acuradíssimo e ela sentiu o cheiro da carne das crianças muito claramente. Podia seguir um pouco mais à frente, pousar num caule de relva e esperar por ele, depois seguir adiante de novo, e à medida que ela farejava o rasto que os corpos deles deixavam no ar, o Padre Gomez viu-se louvando a Deus por sua missão, porque estava mais claro que nunca que o menino e a menina estavam se encaminhando para o pecado mortal.

E lá estava: o movimento louro-escuro que eram os cabelos da menina. Ele se aproximou mais um pouco e empunhou o rifle. Tinha mira telescópica: a lente não era de grande alcance, mas era tão magnificamente feita que olhar através dela era sentir sua visão ficar nítida, bem como ser ampliada. Sim, lá

estava ela, e a menina parou e olhou para trás, de modo que ele viu a expressão em seu rosto e não conseguiu entender como alguém tão impregnado pelo mal pudesse ter uma expressão tão radiante de esperança e felicidade.

Seu espanto fez com que ele hesitasse e então o momento passou, as duas crianças tinham entrado no meio das árvores e estavam fora de vista. Bem, não iriam muito longe. Ele as seguiu descendo

pela beira do leito do pequeno córrego, movendo-se agachado, segurando o rifle em uma das mãos e se equilibrando com a outra.

Agora, estava tão próximo do sucesso que pela primeira vez se viu tecendo especulações sobre o que faria depois e se daria mais satisfação ao reino do céu voltando para Genebra ou ficando ali para evangelizar aquele mundo. A primeira coisa a fazer ali seria convencer os seres de quatro pernas, que pareciam ter os rudimentos de uma inteligência, de que seu hábito de circular sobre rodas era abominável e satânico, e contrário à vontade de Deus. Se os afastasse daquilo, a salvação se seguiria.

Ele alcançou o sopé da encosta, onde as árvores começavam, e colocou o rifle no chão silenciosamente.

Olhou fixamente para as sombras dourado–esverdeado-prateadas e ficou escutando atentamente, com as duas mãos em concha atrás das orelhas, para captar e localizar quaisquer vozes baixas em meio ao chilrear dos insetos e o borbulhar da água do pequeno córrego. Sim, lá estavam eles. Tinham parado. Ele se abaixou para pegar o rifle, e viu-se emitindo um grito rouco sufocado, enquanto alguma coisa agarrava seu *daemon* e a levava para longe dele. Mas não havia nada ali! Onde estava ela? A dor era atroz. Ele a ouviu gritando e olhou em volta desesperado, para a esquerda e para a direita, procurando-a.

- Não se mova - disse uma voz saída do ar - e fique calado. Estou com seu *daemon* em minha mão.

- Mas... onde está você? Quem é você?

- Meu nome é Balthamos - disse a voz.

Will e Lyra seguiram o pequeno córrego e entraram no bosque, andando cautelosamente, falando pouco, até estarem bem no centro.

Havia uma pequena clareira no meio do arvoredo, que era atapetada de grama macia e pedras cobertas de musgo. Os galhos se entrelaçavam acima, quase escondendo o céu e deixando passar pequenas palhetas e lantejoulas dançantes de luz, de modo que tudo estava salpicado de ouro e prata. E era silencioso. Só o borbulhar do pequeno riacho e o farfalhar ocasional das folhas lá no alto, numa pequena ondulação de brisa, quebravam o silêncio. Will pôs no chão o embrulho de comida, Lyra deixou junto sua pequena sacola. Não havia sinal dos *daemons* sombras em lugar nenhum. Estavam completamente sozinhos.

Tiraram os sapatos e as meias e sentaram nas rochas cobertas de musgo na beira do riacho, mergulhando os pés na água fria e sentindo o choque da temperatura revigorar-lhes o sangue.

- Estou com fome - declarou Will.

- Eu também - disse Lyra, embora estivesse sentindo mais que isso, alguma coisa evidente, silenciosa e urgente, meio feliz, meio dolorosa, de modo que não tinha muita certeza do que era.

Eles desfizeram o embrulho, abriram o pano e comeram pão com queijo. Por algum motivo as mãos deles estavam lentas e desajeitadas, e mal sentiram o gosto da comida, embora o pão estivesse saboroso e crocante por ter sido assado nas pedras bem aquecidas e o queijo fosse macio, salgado e muito fresco.

Então Lyra pegou uma daquelas frutinhas vermelhas. Com o coração batendo acelerado, virou-se para ele e disse:

- Will...

E levou a fruta delicadamente até a boca de Will.

Ela pôde ver pelo olhar de Will que, imediatamente, havia compreendido o que ela queria fazer, e que estava feliz demais para falar. Os dedos de Lyra ainda estavam nos lábios dele e Will os sentiu tremer, e levantou a mão para segurar os dedos dela ali, e

nenhum dos dois conseguia olhar para o outro, estavam confusos, estavam transbordando de felicidade.

Como duas mariposas desajeitadamente se esbarrando, sem mais peso que isso, seus lábios se tocaram. Então, antes que soubessem como havia acontecido, estavam abraçados, cada um cegamente apertando o rosto colado no do outro.

- Como Mary disse... - sussurrou ele - você sabe imediatamente quando gosta de alguém... quando você estava dormindo, na montanha, antes que ela levasse você embora, eu disse a Pan...

- Eu ouvi - sussurrou ela - estava acordada e queria dizer a mesma coisa para você, e agora sei o que eu estava sentindo o tempo todo: eu amo você, Will, eu amo você...

A palavra amor incendiou os nervos de Will. Seu corpo inteiro se encheu de prazer ao ouvi-la e ele respondeu com as mesmas palavras, beijando a face quente de Lyra uma porção de vezes, todos os sentidos absorvendo com adoração o aroma de seu corpo, dos cabelos mornos perfumados de mel e a boca úmida de Lyra que tinha o sabor da frutinha vermelha.

Ao redor deles não havia nada senão um grande silêncio, era como se o mundo inteiro estivesse prendendo a respiração.

Balthamos estava aterrorizado.

Ele foi subindo o curso do leito do rio e se afastou do bosque, segurando o *daemon* inseto que picava, mordia e arranhava, e tentando se esconder, tanto quanto podia, do homem que vinha cambaleando atrás deles. Não podia deixar que ele o alcançasse. Sabia que o Padre Gomez o mataria num instante. Um anjo de sua hierarquia não era adversário para um homem, mesmo se o anjo fosse forte e saudável, e Balthamos não era nenhuma dessas duas coisas, além disso, estava enfraquecido pela tristeza por ter perdido Baruch e pela vergonha de ter abandonado Will antes. Não tinha mais forças nem para voar.

- Pare, pare - implorou o Padre Gomez. - Por favor, fique parado. Eu não consigo ver você... vamos conversar, por favor, não machuque meu *daemon*, eu suplico...

Na verdade, o *daemon* estava machucando Balthamos. O anjo podia ver vagamente a coisinha verde através das costas de suas mãos cerradas e ela estava cravando suas mandíbulas poderosas repetidamente nas palmas de suas mãos. Se abrisse as mãos apenas por um instante, ela escaparia. Balthamos as manteve fechadas, bem apertadas.

- Por aqui - disse ele - siga-me. Afaste-se desse bosque. Quero falar com você e este não é o lugar certo.

- Mas, quem é você? Não consigo ver você. Chegue mais perto... Como posso saber o que você é se não vejo você? Pare, não ande tão depressa!

Mas andar depressa era a única defesa que Balthamos tinha. Tentando ignorar as picadas do *daemon*, foi seguindo adiante, evitando obstáculos, subindo pelo pequeno vale estreito por onde corria o riacho, saltando de pedra em pedra.

Então ele cometeu um erro: tentando olhar para trás, escorregou e pôs um pé na água.

- Ah - veio um suspiro de satisfação quando o Padre Gomez ouviu a água se agitar e respingar.

Balthamos imediatamente tirou o pé da água e prosseguiu rapidamente mas, agora, uma pegada molhada aparecia nas pedras secas cada vez que ele pisava nelas. O padre viu isso, saltou para frente e sentiu penas roçarem em sua mão.

Ele estacou, espantadíssimo: a palavra anjo reverberou em sua mente. Balthamos aproveitou o momento para sair cambaleando de novo e o padre sentiu-se arrastado atrás dele, enquanto uma outra

pontada brutal lhe torcia o coração. Balthamos disse por sobre o ombro:

- Um pouco mais adiante, só até o topo da cadeia de colinas, e então conversaremos, prometo.

- Fale aqui! Pare onde está e juro que não tocarei em você!

O anjo não respondeu: estava muito difícil se concentrar. Ele tinha que dividir sua atenção em três direções: ver o que vinha atrás dele, para evitar o homem, ver o que estava à frente, para ver para onde estava indo, e se concentrar no *daemon*, a coisa furiosa que estava torturando suas mãos. Já o padre estava com a mente funcionando a pleno vapor. Um adversário realmente perigoso teria matado seu *daemon* imediatamente e encerrado a questão ali, na mesma hora: este antagonista estava com medo de atacar. Com isso em mente, deixou-se tropeçar e emitiu pequenos gemidos de dor, e suplicou uma ou duas vezes que o outro parasse - o tempo todo vigiando atentamente, chegando cada vez mais perto, calculando que tamanho o outro teria, com que velocidade poderia se deslocar, para que lado estava olhando.

- Por favor - implorou, como se estivesse sucumbindo - você sabe como isso dói... eu não posso lhe fazer nenhum mal... por favor, vamos parar e conversar?

Ele não queria perder de vista o bosque. Agora estavam no ponto onde a nascente começava e podia ver a forma dos pés de Balthamos comprimindo muito levemente a relva. O padre observou cada centímetro do caminho e agora tinha certeza que o anjo estava de pé.

Balthamos se virou. O padre levantou os olhos para o lugar onde achava que o rosto do anjo estaria e o viu pela primeira vez: apenas uma cintilação no ar, mas não havia dúvida de que estava ali.

Contudo, ainda não estava bastante próximo para alcançá-lo num só

movimento e, na verdade, o afastamento de seu *daemon* tinha sido doloroso e debilitante. Talvez devesse dar mais um ou dois passos...

- Sente-se - ordenou Balthamos. - Sente aí, onde está. Não dê mais nem um passo.

- O que você quer? - perguntou o Padre Gomez, sem se mover.

- O que eu quero? Quero matar você, mas não tenho força para isso.

- Mas você é um anjo?

- Que importância tem isso?

- Você pode ter cometido um erro. Poderíamos estar do mesmo lado.

- Não, não estamos. Eu venho seguindo você. Sei de que lado você

está... não, não, não se mova. Fique aí.

- Não é tarde demais para se arrepender. Mesmo anjos podem fazer isso. Deixe-me ouvir sua confissão.

- Ah, Baruch, ajude-me! - gritou Balthamos desesperado, dando as costas para o padre.

E no instante em que ele gritou, o Padre Gomez saltou em cima dele. Seu ombro acertou o ombro do anjo e desequilibrou Balthamos, e, ao estender a mão para se salvar, o anjo soltou o *daemon* inseto. O besouro imediatamente saiu voando e o Padre Gomez sentiu uma onda de alívio e de força. Na verdade, foi isso que o matou, para sua grande surpresa. Ele se atirou com tanta força contra a frágil silhueta do anjo e esperava encontrar uma resistência tão maior que a que encontrou, que não conseguiu manter o equilíbrio. Seu pé

escorregou, o impulso o levou para baixo em direção ao riacho, e Balthamos, pensando no que Baruch teria feito, chutou a mão do padre para o lado, quando ele a estendeu para se segurar.

O Padre Gomez caiu com violência. Sua cabeça bateu numa pedra e ele ficou caído, atordoado, com o rosto na água. O choque da água fria o reanimou imediatamente, mas enquanto engasgava e, enfraquecido, tentava se levantar, Balthamos, desesperado, ignorou o *daemon* picando-lhe o rosto, os olhos e a boca, e usou todo o pouco peso que tinha para manter a cabeça do homem enfiada na água, e a manteve lá.

Quando o *daemon* desapareceu de repente, Balthamos o largou. O

homem estava morto. Tão logo teve certeza disso, Balthamos tirou o corpo do riacho e deitou-o cuidadosamente sobre a relva, cruzando as mãos do homem sobre o peito e fechando-lhe os olhos.

Então Balthamos se levantou, nauseado, exausto e cheio de dor.

- Baruch - disse. - Ah, Baruch, meu querido, não há mais nada que eu possa fazer. Will e a menina estão salvos e tudo vai correr bem, mas isto é o fim para mim, embora eu tenha realmente morrido quando você morreu, Baruch, meu amado.

Um instante depois, ele havia desaparecido.

Na plantação de feijão, sonolenta, no final da tarde, Mary ouviu a voz de Atai e não soube distinguir entre entusiasmo e preocupação: será que outra árvore tinha caído? Será que o homem do rifle tinha aparecido?

Olhe! Olhe! -dizia Atai, puxando o bolso de Mary com a tromba, de maneira que Mary pegou a luneta e fez o que sua amiga mandava, apontando a luneta para o céu.

Diga-me o que ele está fazendo - pediu Atai. - *Estou sentindo que está*

diferente, mas não consigo ver.

A terrível torrente de Pó jorrando no céu havia parado de fluir. Não estava parada, de forma alguma, Mary vasculhou o céu inteiro com as lentes âmbar, vendo uma corrente aqui, um redemoinho ali, um vórtice mais adiante, estava em perpétuo movimento, mas não estava mais fluindo para longe. Na verdade, muito pelo contrário, estava caindo como flocos de neve.

Ela pensou nas árvores-das-rodas: as flores que se abriam para cima estariam absorvendo aquela chuva dourada. Mary quase podia senti-las recebendo-a satisfeitas em suas pobres gargantas sedentas, que eram tão perfeitamente moldadas para isso e que tinham sido privadas dela por tanto tempo.

As crianças, - disse Atai.

Mary virou-se, de luneta em punho e viu Will e Lyra voltando. Eles ainda estavam a alguma distância, não vinham andando depressa. Estavam de mãos dadas, conversando, as cabeças bem juntas, sem dar atenção a nada do que os cercava, mesmo de longe ela podia ver isso.

Ela quase pôs a luneta no olho, mas se conteve e a colocou de volta no bolso. Não havia necessidade de usar a luneta, ela sabia o que veria, eles pareceriam feitos de ouro vivo. Eles pareceriam a imagem verdadeira do que seres humanos sempre poderiam ser, depois que tivessem descoberto sua herança.

O Pó descendo como uma chuva vinda das estrelas havia encontrado novamente um lar para viver, e aquelas crianças-que-não-eram-mais-crianças, embebidas e transbordando de amor, eram a causa de tudo aquilo. **A FLECHA QUEBRADA**

O dia chegou em que nasceu minha vida, meu amor chegou para mim. Christina Rosset

Os dois *daemons* foram andando pelo povoado silencioso, entrando e saindo das sombras, com patas macias, sob a forma de gatos, atravessando o platô iluminado pelo luar que era o pódio de reuniões, parando diante da porta aberta da casa de Mary. Cautelosamente, espiaram o interior da casa e viram apenas a mulher dormindo, de modo que recuaram e seguiram novamente pelo luar, em direção à árvore-abrigo.

Seus galhos longos e baixos estendiam as folhas espiraladas, perfumadas, quase até o chão. Muito lentamente, muito cuidadosamente para não farfalhar uma folha, nem quebrar um graveto caído, as duas formas se esgueiraram pela cortina de folhas e viram o que estavam procurando: o menino e a menina, profundamente adormecidos, nos braços um do outro. Eles se aproximaram andando sobre a grama e muito levemente tocaram as crianças dormindo com o focinho, a pata, os bigodes, banhando-se no calor vivificante que eles irradiavam, mas tendo um cuidado infinito para não acordálos. Enquanto estavam examinando suas pessoas (delicadamente limpando a ferida quase cicatrizada de Will, levantando uma mecha de cabelo do rosto de Lyra), houve um som suave atrás deles.

Imediatamente, em silêncio total, os dois *daemons* se viraram

rapidamente, transformando-se em lobos: olhos claros ferozes, dentes brancos arreganhados, ameaça em cada linha de seus corpos.

Havia uma mulher parada ali, sua silhueta iluminada pela lua. Não era Mary e quando falou eles a ouviram nitidamente, embora sua voz não tivesse nenhum som.

- Venham comigo - disse ela.

O coração de *daemon* de Pantalaimon deu um salto em seu peito, mas não disse nada até poder cumprimentá-la longe das crianças que dormiam.

- Serafina Pekkala! - exclamou com alegria. - Por onde você tem andado? Sabe do que aconteceu?

- Psiu. Vamos voar para algum lugar onde possamos conversar respondeu ela, preocupada com os habitantes do povoado que dormiam. Seu galho de pinheiro-nubígeno estava encostado ao lado da porta da casa de Mary e, enquanto ela o pegava, os dois *daemons* se transformaram em pássaros - um rouxinol e uma coruja - e voaram com ela sobre os telhados de colmo, sobre as pradarias, sobre a cadeia de colinas e em direção ao grupo de árvores-das-rodas mais próximo, imenso como um castelo, a copa parecendo coalhada de prata sob a luz do luar.

Ali Serafina Pekkala se acomodou no galho mais alto e confortável, entre as flores abertas que absorviam o Pó, e os dois pássaros se empoleiraram perto dela.

- Vocês não serão pássaros por muito tempo - comentou. - Dentro de muito pouco tempo suas formas definitivas se fixarão. Olhem bem ao redor e guardem esta imagem na memória.

- Que vamos ser? - perguntou Pantalaimon.

- Você vai descobrir mais cedo do que pensa. Escute - disse Serafina Pekkala - vou lhe contar algo que faz parte do saber das bruxas de que ninguém tem conhecimento, só as bruxas. O motivo porque posso fazer isso é

o fato de que vocês estão aqui comigo e seus humanos estão lá embaixo, dormindo. Quem são as únicas pessoas para quem isso é possível?

- Bruxas - respondeu Pantalaimon - e xamãs. Então...

- Ao deixar vocês dois nas margens do mundo dos mortos, Lyra e Will fizeram, sem saber, uma coisa que bruxas sempre fizeram desde a primeira vez em que bruxas surgiram no mundo. Existe uma região em nossa terra do norte, um lugar desolado,

abominável, onde uma grande catástrofe aconteceu na infância do mundo e onde nada jamais viveu desde então. Nenhum *daemon* pode entrar lá. Para se tornar bruxa, uma menina tem que atravessar essa região sozinha e deixar para trás o seu *daemon*. Vocês sabem o sofrimento que têm que suportar. Mas, tendo feito isso, elas descobrem que seus *daemons* não foram seccionados, como em Bolvangar, ainda são um único ser inteiro, mas podem se deslocar livremente e ir a lugares distantes, ver coisas estranhas e trazer os conhecimentos de volta. E vocês não foram seccionados, certo?

- Não - respondeu Pantalaimon. - Ainda somos um único ser. Mas foi tão doloroso e ficamos com tanto medo...

- Bem - disse Serafina - eles dois não vão voar como bruxas e não viverão tanto tempo quanto nós vivemos, mas, graças ao que fizeram, vocês e eles são bruxas em todos os aspectos, menos esses.

Os dois *daemons* refletiram sobre a estranheza daquela informação.

- Isso significa que vamos ser pássaros como os *daemons* de bruxas? perguntou Pantalaimon.

- Seja paciente.

- E como Will pode ser uma bruxa? Pensei que todas as bruxas fossem mulheres.

- Aqueles dois mudaram muitas coisas. Todos nós estamos aprendendo novos costumes, até as bruxas. Mas uma coisa não mudou: vocês têm que ajudar seus humanos, não criar dificuldades para eles. Têm que ajudá-los, orientá-los e encorajá-los a adquirir sabedoria. É para isso que *daemons* servem.

Eles ficaram em silêncio. Serafina virou-se para o rouxinol e perguntou:

- Como se chama?

- Não tenho nome. Eu não sabia que tinha nascido até o instante em que fui arrancada do coração dele.

- Então vou chamá-la de Kirjava.

- Kirjava - repetiu Pantalaimon, para ver como soava. - Que quer dizer isso?

- Logo você vai saber o que significa. Mas agora - prosseguiu Serafina precisam me ouvir com muita atenção, porque vou dizer o que devem fazer.

- Não - disse Kirjava com veemência.

- Estou vendo pelo seu tom de voz que você já sabe o que vou dizer observou Serafina com imensa delicadeza.

- Não queremos ouvir! - exclamou Pantalaimon.

- É cedo demais - argumentou o rouxinol. - É realmente cedo demais. Serafina ficou em silêncio, porque concordava com eles e sentia-se muito triste. Mas, apesar disso, era a pessoa de maior saber ali e tinha que orientálos para que seguissem a conduta certa, porém, deixou que a agitação deles se acalmasse, antes de prosseguir.

- Onde estiveram, durante suas viagens? - perguntou.

- Passamos por muitos mundos - respondeu Pantalaimon.

- Em toda parte onde encontramos uma janela, atravessamos. Existem mais janelas do que havíamos pensado.

- E viram...

- Vimos - respondeu Kirjava - assistimos de perto e vimos o que estava acontecendo.

- Vimos uma porção de outras coisas - acrescentou Pantalaimon rapidamente. - Vimos anjos e falamos com eles. Vimos o mundo de onde vem o povo pequenino, os galivespianos. Também tem gente grande lá que tenta matá-los.

Eles falaram à bruxa sobre as outras coisas que tinham visto e estavam tentando distraí-la, ela sabia, mas deixou-os falar, por causa do amor que sentiam pela voz um do outro. Mas, finalmente, esgotaram as coisas que tinham para contar e eles se calaram. O único som era o sussurro incessante das folhas, até que Serafina Pekkala disse:

- Vocês têm se mantido longe de Will e Lyra para castigá-los. Sei por que estão fazendo isso, meu *daemon*, Kaisa, fez exatamente a mesma coisa depois que atravessei a terra estéril desolada. Mas depois acabou voltando para mim porque ainda nos amávamos. E, brevemente, eles vão precisar de vocês para ajudá-los a fazer o que tem que ser feito a seguir. Porque vocês têm que contar a eles o que sabem.

Pantalaimon gritou alto, um grito gelado de coruja, um som que nunca tinha sido ouvido antes naquele mundo. Em ninhos e tocas a uma grande distância ao redor, e onde quer que houvesse quaisquer pequeninos animais noturnos caçando, pastando, ou comendo carniça, um novo e inesquecível terror nasceu.

Serafina ficou observando de perto e não sentiu nada, exceto uma enorme compaixão, até que olhou para o *daemon* de Will, Kirjava, o rouxinol. Lembrou-se da conversa que tivera com a bruxa Ruta Skadi, que havia perguntado, depois de ter visto Will apenas uma vez, se Serafina já o olhara bem nos olhos, e Serafina tinha respondido que não tivera coragem. Aquele pequenino pássaro marrom estava irradiando uma ferocidade implacável, tão palpável quanto o calor, e Serafina teve medo dele.

Finalmente os gritos desesperados de Pantalaimon se calaram e Kirjava disse:

- E temos que contar a eles.

- Sim, têm que contar - respondeu a bruxa com grande gentileza. Gradualmente a ferocidade foi desaparecendo do olhar do passarinho marrom e Serafina conseguiu olhar para ela de novo. Em seu lugar viu uma tristeza desolada.

- Há um navio a caminho - disse Serafina. - Eu o deixei para voar até

aqui e encontrar vocês. Vim com os gípcios, lá de nosso mundo. Eles estarão aqui dentro de um ou dois dias.

Os dois pássaros ficaram empoleirados juntos e um instante depois tinham mudado de forma, tornando-se dois pombos. Serafina prosseguiu:

- Esta pode ser a última vez que vocês voam. Posso ver um pouco o futuro, vejo que vocês dois poderão subir a esta altura, desde que haja árvores deste tamanho, mas creio que não serão pássaros quando suas formas se fixarem. Aproveitem tudo o que puderem e depois lembrem-se bem. Eu sei que vocês, Lyra e Will vão pensar seriamente e que vai ser doloroso, e sei que farão a melhor escolha. Mas cabe a vocês fazer essa escolha e a mais ninguém.

Eles não responderam. Ela pegou seu galho de pinheiro-nubígeno, montou e saiu voando, afastando-se das copas gigantescas das árvores, voando em círculos bem alto, sentindo na pele o frescor da brisa e o formigar da luz das estrelas e o peneirar benevolente do Pó que nunca havia visto. Serafina voou mais uma vez até o povoado e entrou silenciosamente na casa da mulher. Não sabia nada a respeito de Mary, exceto que ela vinha do mesmo mundo que Will e que seu papel nos acontecimentos era crucial. Serafina não tinha como saber se era agressiva ou amistosa, mas tinha que acordar Mary sem assustá-la, e havia um feitiço para isso.

Ela sentou no chão junto da cabeça da mulher e olhou-a fixamente, com os olhos semicerrados, inspirando e exalando, respirando no

mesmo compasso que ela. Pouco depois, através dos olhos entreabertos, a visão começou a lhe mostrar as formas claras que Mary estava vendo em seus sonhos e ajustou sua mente para ressoar com elas, como se estivesse afinando uma corda de instrumento. Depois, com um esforço um pouco maior, a própria Serafina entrou no meio delas. Depois que estivesse lá, poderia falar com Mary, e fez isso com a afeição instantânea e natural que por vezes sentimos por pessoas que conhecemos em sonhos.

Um momento depois elas estavam conversando animadamente em murmúrios de que Mary mais tarde não lembraria nada e andando por uma paisagem tola de leitos de juncos e transformadores elétricos. Estava na hora de Serafina assumir o controle.

- Dentro de poucos instantes - explicou - você vai acordar. Não se assuste. Vai me encontrar a seu lado. Estou acordando você assim para que saiba que está em segurança, que não há nada que vá lhe fazer mal. E então poderemos conversar direito.

Ela se retirou, trazendo consigo a Mary do sonho, até se encontrar de volta na casa, sentada de pernas cruzadas no chão de terra batida, com os olhos de Mary brilhando enquanto olhavam para ela.

- Você deve ser a bruxa - sussurrou Mary.

- Eu sou. Meu nome é Serafina Pekkala. Como se chama?

- Mary Malone. Nunca fui acordada de maneira tão tranqüila. Estou mesmo acordada?

- Está. Precisamos ter uma conversa e uma conversa de sonho é difícil de controlar e ainda mais difícil de lembrar. É melhor conversar acordada. Você

prefere ficar aqui dentro ou me acompanharia numa caminhada ao luar?

- Vou com você - respondeu Mary, sentando-se e espreguiçando-se. Onde estão Lyra e Will?

- Dormindo debaixo da árvore.

As duas saíram da casa, passaram pela árvore com sua cortina de galhos que escondia tudo e foram caminhando até a margem do rio.

Mary observou Serafina Pekkala com uma mistura de desconfiança e admiração: nunca tinha visto um ser humano tão esguio e gracioso. Parecia ser mais jovem que a própria Mary, embora Lyra tivesse dito que ela estava com centenas de anos, a única insinuação de idade vinha de sua expressão, cheia de uma complexa tristeza.

Elas sentaram na margem do rio, acima da água preto-prateada, e Serafina contou a Mary o que havia conversado com os *daemons* das crianças.

- Os dois foram procurá-los hoje - disse Mary - mas alguma outra coisa aconteceu. Will nunca viu seu *daemon* direito, exceto na ocasião em que eles fugiram da batalha e apenas por um segundo. Ele não sabia com certeza que de fato tinha um.

- Bem, ele tem. E você também.

Mary arregalou os olhos para ela.

- Se pudesse vê-lo — prosseguiu Serafina - veria um pássaro preto com pernas vermelhas e um bico amarelo-vivo, ligeiramente recurvado. Um pássaro das montanhas.

- Uma gralha dos Alpes... Como você pode vê-lo?

- Com meus olhos semicerrados, posso vê-lo. Se tivéssemos tempo, eu poderia lhe ensinar a vê-lo também, e a ver os *daemons* de outras pessoas em seu mundo. É estranho para nós pensar que

vocês não conseguem vê-los. Então ela contou a Mary o que tinha dito aos *daemons* e o que significava.

- E os *daemons* terão que contar a eles? - perguntou Mary.

- Pensei em acordá-los e eu mesma falar com eles. Pensei em dizer a você e deixar que ficasse com essa responsabilidade. Mas estive com os *daemons* e vi que assim seria melhor.

- Eles estão apaixonados.

- Eu sei.

- Eles acabaram de descobrir isso...

Mary tentou avaliar todas as implicações do que Serafina acabara de lhe contar, mas era duro e difícil demais. Depois de mais ou menos um minuto, Mary perguntou:

- Você pode ver o Pó?

- Não, nunca vi. Até as guerras começarem, nunca tínhamos ouvido falar de Pó.

Mary tirou a luneta do bolso e ofereceu-a à bruxa. Serafina levou-a ao olho e soltou uma exclamação de espanto.

- Aquilo é Pó... É lindo!

- Vire-se para olhar para a árvore-abrigo.

Serafina obedeceu e exclamou de novo.

- Eles fizeram isso? - perguntou.

- Alguma coisa aconteceu hoje, ou ontem, se já for mais de meia-noite disse Mary, procurando encontrar as palavras para explicar e lembrando-se de sua visão do fluxo de Pó como um grande rio, como o Mississipi. - Alguma coisa minúscula, mas crucial... Se você

quisesse desviar um rio enorme para um curso diferente e tudo o que tivesse fosse um único seixo, poderia fazê-lo, desde que o pusesse no lugar certo, para enviar o primeiro gotejar de água naquela direção em vez dessa. Alguma coisa assim aconteceu ontem. Não sei o que foi. Eles se viram de uma maneira diferente, ou algo assim... Até então, não tinham sentido aquilo, mas, de repente, sentiram. E então o Pó foi atraído para eles, de maneira muito poderosa, e parou de fluir na outra direção.

- Então era assim que deveria acontecer! - exclamou Serafina, maravilhada. - E agora está tudo salvo, ou estará, quando os anjos encherem o grande abismo no mundo dos mortos.

Ela contou a Mary sobre o abismo e sobre como tinha ficado sabendo de sua existência.

- Eu estava voando alto - explicou - procurando terra, um ponto para descer, e encontrei um anjo: um anjo mulher. Ela era muito estranha, era velha e jovem ao mesmo tempo - prosseguiu, esquecendo que era assim que ela própria parecia para Mary. - O nome dela era Xaphania. E me contou tantas coisas... Disse que toda a história da vida humana tem sido uma luta entre o conhecimento e a ignorância. Ela e os anjos rebeldes, os seguidores do conhecimento, sempre tentaram abrir as mentes, a Autoridade e suas igrejas sempre tentaram mantê-las fechadas, ignorantes. Ela me deu muitos exemplos de meu mundo.

- Posso pensar em muitos do meu.

- E, durante a maior parte do tempo, o saber teve que trabalhar em segredo, sussurrando suas palavras, movendo-se como um espião pelos lugares mais humildes do mundo, enquanto as cortes e os palácios eram ocupados por seus inimigos.

- Sim - disse Mary - também reconheço isso.

- E agora o combate ainda não acabou, embora as forças do reino tenham tido um sério revés. Elas vão se reorganizar sob um novo

comandante e voltar com plena força, e devemos estar prontos para resistir.

- Mas o que aconteceu com Lorde Asriel? - perguntou Mary.

- Ele lutou com o Regente do céu, o anjo Metatron, e, em combate corpo a corpo, conseguiu arrastá-lo para dentro do abismo. Metatron foi-se para sempre. E Lorde Asriel também.

Mary prendeu a respiração.

- E a Sra. Coulter? - perguntou.

A título de resposta, a bruxa tirou uma flecha de sua aljava. Ela demorou algum tempo para escolhê-la: a melhor, a mais reta, a mais perfeitamente equilibrada. E partiu-a em dois pedaços.

- Numa ocasião, em meu mundo - explicou - vi aquela mulher torturando uma bruxa e jurei a mim mesma que lançaria essa flecha em sua garganta. Agora nunca farei isso. Ela se sacrificou com Lorde Asriel para lutar contra o anjo e tornar o mundo seguro para Lyra. Nenhum deles poderia ter feito isso sozinho, mas juntos fizeram.

Angustiada, Mary perguntou:

- Como vou contar isso a Lyra?

- Espere até que ela pergunte - disse Serafina. - E pode ser que não pergunte. De qualquer maneira, ela tem seu instrumento leitor de símbolos, ele dirá qualquer coisa que ela queira saber.

As duas ficaram em silêncio por algum tempo, amigavelmente, enquanto as estrelas lentamente giravam no céu.

- Você pode ver o futuro e adivinhar o que eles vão escolher fazer? perguntou Mary.

- Não, mas se Lyra voltar para o seu mundo, eu serei sua irmã enquanto ela viver. E você, o que vai fazer?

- Eu... - começou Mary, e descobriu que não havia refletido sobre isso em nenhum momento. - Suponho que meu lugar seja em meu próprio mundo. Vou lamentar deixar este aqui, tenho sido muito feliz aqui. Creio que mais feliz do que já fui em qualquer outra ocasião em minha vida.

- Bem, se você voltar para casa, terá uma irmã em outro mundo declarou Serafina - e eu também. Nós voltaremos a nos ver de novo, daqui a um ou dois dias, quando o navio chegar, e conversaremos mais durante a viagem de volta para casa, e então nos despediremos para sempre. Agora, abrace-me, irmã.

Mary a abraçou e Serafina Pekkala se foi voando em seu galho de pinheiro-nubígeno, sobrevoando os juncos, depois os baixios de lama, a praia e o mar até que Mary a perdeu de vista.

Mais ou menos naquela mesma hora, um dos grandes lagartos azuis encontrou o corpo do Padre Gomez. Naquela tarde, Will e Lyra tinham voltado para o povoado por um caminho diferente e não o tinham visto, o padre jazia intocado onde Balthamos o havia deitado. Os lagartos eram comedores de carniça, mas eram animais mansos e inofensivos, e através de um acordo antiqüíssimo com os mulefas, tinham o direito de levar qualquer criatura que fosse deixada morta, ao ar livre, depois do anoitecer.

O lagarto arrastou o corpo do padre de volta para sua toca e seus filhotes se banquetearam fartamente. Quanto ao rifle, estava caído na relva, onde o Padre Gomez o deixara, silenciosamente virando ferrugem.

AS DUNAS

Minh'alma, não busques a vida eterna, mas esgota o reino do possível. Píndaro

No dia seguinte, Will e Lyra saíram sozinhos de novo, falando pouco, ansiosos para estarem a sós. Pareciam atordoados, como se algum feliz acidente lhes tivesse roubado a agilidade de pensamento, eles se moviam devagar, seus olhos não estavam concentrados nas coisas para as quais olhavam.

Passaram o dia inteiro nas vastas colinas e, no calor da tarde, visitaram a clareira de ouro e prata no bosque. Conversaram, banharam-se, comeram, beijaram-se, depois ficaram deitados, num transe de felicidade, murmurando aquelas palavras cujos sons eram tão confusos quanto seu sentido, e tiveram a impressão de que estavam se derretendo de amor.

Ao anoitecer, sentaram para comer com Mary e Atai, mais uma vez falando pouco e, como o ar estava quente, decidiram fazer uma caminhada até

a beira do mar, onde achavam que poderia haver uma brisa fresca. Foram seguindo pela margem do rio até chegarem à praia larga, clara sob a luz do luar, onde a maré baixa estava virando.

Deitaram-se na areia macia na base das dunas e então ouviram o primeiro pássaro cantar.

Os dois viraram a cabeça imediatamente, porque era um canto de pássaro que não se parecia em nada com nenhum dos outros seres que pertenciam ao mundo em que estavam. De algum lugar acima, na escuridão, veio o som de um trinado e um outro respondeu, vindo de uma direção diferente. Encantados, Will e Lyra levantaram-se de um salto e tentaram ver os cantores, mas tudo o que conseguiram avistar foram dois vultos que planavam, voando baixo, e depois saíam como dardos para as alturas, o tempo todo cantando e cantando, em sons ricos e límpidos como sinos, uma melodia de infinitas variações.

E então, com um bater de asas que levantou um pequeno chafariz de areia à sua frente, o primeiro pássaro pousou a poucos metros de distância. Lyra chamou:

- Pan?

Ele estava com a forma de um pombo, mas sua cor era escura e difícil de distinguir ao luar, e, de qualquer maneira, ele aparecia claramente sobre a areia branca. O outro pássaro ainda voava em círculos acima, ainda cantando, e então ela desceu voando para vir se juntar a ele: uma pomba também, mas branco-perolada e com uma crista de penas vermelho-escuras. E então Will descobriu como era ver seu *daemon*. Quando ela desceu voando até a areia, ele sentiu seu coração se apertar e depois se soltar de uma maneira que nunca esqueceria. Mais de 60 anos se passariam e, já na velhice, ele ainda sentiria algumas sensações com a mesma intensidade e o mesmo frescor de sempre: os dedos de Lyra pondo a frutinha entre seus lábios, sob as árvores banhadas de ouro e prata, seus lábios cálidos contra os dele, seu *daemon* sendo arrancado de seu peito inocente, enquanto entravam no mundo dos mortos, e a retidão, a doce correção de ela voltar para ele ali, na base das dunas iluminadas pelo luar.

Lyra fez um movimento para se aproximar deles, mas Pantalaimon falou.

- Lyra - disse ele - Serafina Pekkala veio nos procurar ontem à noite. Ela nos contou uma porção de coisas. Já foi embora para ir se encontrar com os gípcios e trazê-los até aqui. Farder Coram está a caminho e Lorde Faa também, eles estarão aqui...

- Pan - disse ela, aflita. - Ah, meu Pan, você não está feliz... o que foi? O

que foi que aconteceu?

Então ele mudou e voou sobre a areia num movimento fluido, com a forma de arminho branco como a neve. O outro *daemon* também mudou de forma Will sentiu isso acontecer, como um pequeno aperto em seu coração - e transformou-se numa gata.

Antes de se aproximar dele, a gata disse:

- A bruxa me deu um nome. Eu não precisava de um nome antes. Ela me chamou de Kirjava. Mas ouçam, vocês agora têm que nos ouvir...

- Sim, vocês precisam nos ouvir - declarou Pantalaimon. - Isso é difícil de explicar.

Se alternando, os *daemons* conseguiram explicar a eles tudo o que Serafina lhes havia contado, começando pela revelação sobre a natureza das crianças: sobre como, sem querer, eles haviam se tornado iguais às bruxas em sua capacidade de se separar de seus *daemons* e mesmo assim continuar sendo um único ser.

- Mas isto não é tudo - advertiu Kirjava. E Pantalaimon disse:

- Ah, Lyra, perdoe-nos, mas temos que contar a vocês o que descobrimos...

Lyra estava perplexa. Quando, algum dia, Pan havia precisado ser perdoado? Ela olhou para Will e viu sua perplexidade tão claramente quanto a que sentia.

- Pode contar - disse ele. - Não tenha medo.

- É sobre o Pó - disse o *daemon* gata, e Will ficou maravilhado ao ouvir uma parte de seu próprio ser contar-lhe uma coisa que ele não sabia. - Todo o Pó estava fluindo para fora do mundo, todo o Pó que existia, e descendo pelo abismo que vocês viram. Alguma coisa fez com que parasse de fluir e desaparecer lá dentro, mas...

- Will, era aquela luz dourada! - exclamou Lyra. - Aquela luz toda que fluía para o abismo e desaparecia... E aquilo era Pó? Era mesmo?

- Era. Mas ainda há mais Pó vazando para lá o tempo todo - prosseguiu Pantalaimon. - E isso não pode acontecer. É muito importante que todo ele não continue a vazar. O Pó tem que ficar no

mundo e não desaparecer, pois caso contrário tudo o que existe de bom vai murchar e morrer.

- Mas de onde o resto está saindo? - perguntou Lyra. Os dois *daemons* olharam para Will e para a faca.

- Toda vez que fizemos uma abertura - explicou Kirjava, e novamente Will sentiu aquele pequeno arrepio de prazer: Ela sou eu e eu sou ela... - toda vez que alguém fez uma abertura entre os mundos, nós ou os homens da antiga Guilda, qualquer pessoa, a faca cortava uma abertura no vazio que fica do lado de fora. O mesmo vazio que existe no fundo do abismo. Nós nunca soubemos disso. Ninguém nunca soube, porque a borda era fina demais para ser vista. Mas era grande o bastante para que o Pó vazasse através dela. Se a abertura fosse de novo fechada, imediatamente, não havia tempo para que vazasse muito, mas houve milhares de aberturas que eles nunca fecharam. De modo que, durante todo esse tempo, o Pó esteve vazando para fora dos mundos e indo para o nada.

A compreensão do que tudo aquilo significava estava começando a surgir, como a luz do dia raiando, na mente de Will e de Lyra. Eles lutaram contra isso, empurraram para longe, mas era exatamente como a luz cinzenta que penetra no céu e apaga as estrelas: ela foi se infiltrando através de todas as barreiras que eles conseguiram levantar, e por baixo de todos os biombos, e pelos cantos de todas as cortinas que conseguiram fechar contra ela.

- Todas as aberturas - disse Lyra num murmúrio.

- Todas as aberturas... todas elas têm de ser fechadas? - perguntou Will.

- Sim, todas - respondeu Pantalaimon, num murmúrio, como Lyra.

- Ah, não - exclamou Lyra. - Não, não pode ser verdade...

- E por isso teremos de deixar nosso mundo e ficar no de Lyra - disse Kirjava - ou Pan e Lyra terão de deixar o deles e vir ficar no nosso. Não há

outra escolha.

E então a luz plena e desoladora do dia se fez.

E Lyra começou a gritar e chorar. O grito de coruja de Pantalaimon, da noite anterior, havia assustado todas as pequeninas criaturas que o haviam ouvido, mas aquele grito não era nada diante do pranto desesperado, carregado de paixão que Lyra não podia conter. Os *daemons* ficaram chocados e Will, vendo a reação deles, compreendeu por quê: eles não conheciam o resto da verdade, não tinham conhecimento do que Will e Lyra sabiam. Lyra estava tremendo de raiva e desespero, andando em passadas largas de um lado para o outro, com os punhos cerrados e virando o rosto banhado de lágrimas, para a esquerda e para a direita como se buscando uma resposta. Will levantou-se de um salto e a agarrou pelos ombros, e a sentiu tensa e tremendo.

- Ouça - disse. - Lyra, escute: o que foi que meu pai disse?

- Ah - exclamou, chorando, sacudindo a cabeça sem parar - ele disse... você sabe o que ele disse... você estava lá, Will, você também ouviu!

Will pensou que ela fosse morrer ali, naquela hora, de dor e de tristeza. Lyra atirou-se nos braços dele e soluçou, agarrando-se apaixonadamente aos ombros dele, enfiando as unhas nas costas dele e seu rosto no pescoço de Will, e tudo o que ele conseguia ouvir era:

- Não... não... não...

- Escute - disse ele, de novo - Lyra, vamos tentar nos lembrar exatamente. Poderia haver alguma saída. Poderia haver algum meio. Ele afastou os braços dela delicadamente e fez com que se

sentasse. Assustado, Pantalaimon imediatamente saltou para o colo de Lyra, e o *daemon* gata se aproximou hesitante de Will. Ele ainda não havia tocado nela, mas naquele momento estendeu a mão em sua direção e ela encostou sua face de gata em seus dedos movendo-a numa carícia, depois, delicadamente, subiu em seu colo.

- Ele disse - começou Lyra, engolindo os soluços - ele disse que as pessoas podiam passar algum tempo em outros mundos sem serem afetadas. Podiam. E nós já passamos, não passamos? Além do que tivemos de fazer para ir ao mundo dos mortos, ainda estamos saudáveis, não estamos?

- Mas como era com Lorde Boreal? Sir Charles? Ele era bastante saudável, não era?

- Era, mas lembre-se, ele podia voltar para seu próprio mundo sempre que quisesse e recuperar a saúde. Afinal, foi lá que você o viu pela primeira vez, no seu mundo. Ele deve ter descoberto alguma janela secreta que mais ninguém conhecia.

- Bem, nós poderíamos fazer isso!

- Poderíamos, só que...

- Todas as janelas têm que ser fechadas - disse Pantalaimon. - Todas elas.

- Mas como você sabe. - questionou Lyra.

- Um anjo nos disse - respondeu Kirjava. - Encontramos um anjo. Ela nos contou tudo a respeito disso e outras coisas também. É verdade, Lyra.

- Ela? - perguntou Lyra em tom exaltado, desconfiado.

- Era um anjo mulher.

- Nunca ouvi falar de anjo mulher. Talvez ela estivesse mentindo. Will estava pensando numa outra possibilidade.

- E se fechássemos todas as outras janelas - sugeriu - e fizéssemos uma, apenas quando precisássemos, e passássemos por ela tão depressa quanto pudéssemos e a fechássemos imediatamente... assim seria seguro, não acha? Se não deixássemos muito tempo para que o Pó saísse?

- Claro!

- Nós faríamos a janela num lugar onde ninguém pudesse encontrá-la prosseguiu ele - e só nós saberíamos...

- Ah, isso daria certo! Tenho certeza que daria! - exclamou Lyra.

- E poderíamos passar de um mundo a outro e nos manter saudáveis. Mas os *daemons* estavam angustiados e Kirjava estava murmurando:

- Não, não - e Pantalaimon disse:

- Os Espectros... Ela também nos falou dos Espectros.

- Os Espectros? - perguntou Will. - Nós os vimos durante a batalha, pela primeira vez. O que têm eles?

- Bem, descobrimos de onde eles vêm - respondeu Kirjava.

- E essa é a pior parte: eles são como filhos do abismo. Cada vez que abrimos uma janela com a faca, ele faz um Espectro. É como se um pedacinho do abismo saísse flutuando e entrasse no mundo. Era por isso que o mundo de Cittàgazze era tão cheio deles, por causa de todas as janelas que deixaram abertas por lá.

- E eles crescem se alimentando de Pó - disse Pan. - E de *daemons*. Porque Pó e *daemons* são meio parecidos, pelo menos os *daemons* de adultos. E os Espectros ficam maiores e mais fortes como os adultos... Will sentiu um terror sombrio em seu coração e Kirjava apertou-se contra o peito dele, sentindo-o também, e tentando confortá-lo.

- De modo que toda vez que eu usei a faca - disse - cada uma das vezes, fiz nascer mais um Espectro?

Ele se lembrou de Iorek na caverna onde havia forjado de novo a faca, dizendo: O que você não sabe é o que a faca faz sozinha. Suas intenções podem ser boas. Mas afaça também tem intenções.

Os olhos de Lyra estavam cravados nele, arregalados de angústia.

- Ah, Will, nós não podemos - declarou. - Não podemos fazer isso com as pessoas... não podemos deixar que outros Espectros venham, não agora, depois que vimos o que eles fazem!

- Está bem - disse ele, se levantando, abraçando seu *daemon* contra o peito. - Então teremos que... um de nós terá que... eu irei para o seu mundo e... Ela sabia o que ele ia dizer e o viu carregando no colo o *daemon* lindo e saudável, que nem sequer tinha começado a conhecer, e pensou na mãe dele, e teve certeza que ele estava pensando nela também. Abandoná-la para viver com Lyra, mesmo pelos poucos anos que teriam juntos - será que poderia fazer isso? Ele poderia viver com Lyra, mas ela sabia que ele não seria capaz de viver consigo mesmo.

- Não - exclamou, pondo-se de pé ao lado dele, e Kirjava foi se juntar a Pan na areia, enquanto o menino e a menina se abraçavam desesperadamente. - Eu faço isso, Will! Nós iremos para o seu mundo e viveremos lá! Não faz mal se ficarmos doentes, eu e o Pan... nós somos fortes, aposto que duraremos um bom tempo e, provavelmente, existem bons médicos em seu mundo... a Dra. Malone deve saber! Ah, vamos fazer isso!

Ele estava sacudindo a cabeça, fazendo que não, e ela viu as lágrimas brilhando em suas faces.

- Você acha que eu poderia suportar isso, Lyra? - perguntou. - Acha que eu poderia viver feliz vendo você adoecer e piorar, ir minguando e depois morrer, enquanto eu fosse ficando mais forte e adulto a cada dia? Dez anos... Isso não é nada. Passaria num instante.

Estaríamos com vinte e poucos anos. Não falta muito para chegarmos lá. Pense nisso, Lyra, você e eu adultos, acabando de nos preparar para fazer todas as coisas que queremos fazer... e então... tudo acabará. Você acha que eu suportaria continuar vivendo depois que você morresse? Ah, Lyra, eu seguiria você na descida até o mundo dos mortos sem pensar duas vezes, exatamente como você seguiu Roger, e assim seriam duas vidas perdidas por nada, a minha vida desperdiçada assim como a sua. Não, nós deveríamos passar nossa vida inteira juntos, ter uma vida longa e produtiva, os dois, e se não pudermos vivê-la juntos, nós... nós teremos que viver separados.

Mordendo o lábio, ela o observou enquanto ficava caminhando para baixo e para cima em sua terrível angústia.

Ele parou, se virou e prosseguiu:

- Você se lembra de uma outra coisa que ele disse, meu pai? Ele disse que temos que construir uma república do céu onde estivermos. Disse que para nós não existe nenhum outro lugar. Era isso que estava querendo dizer, agora compreendo. Ah, mas é cruel e triste demais. Pensei que ele estivesse se referindo apenas a Lorde Asriel e a seu novo mundo, mas estava falando de nós, falando de você e de mim. Temos que viver em nossos próprios mundos...

- Eu vou perguntar ao aletômetro - disse Lyra. - Ele vai saber. Não sei por que não pensei nisso antes.

Ela sentou na areia, enxugando o rosto com a palma de uma das mãos e estendendo a outra para a sacola de lona. Lyra a levava consigo para toda parte: quando Will pensasse nela anos depois, com freqüência seria com aquela pequena sacola no ombro. Ela empurrou o cabelo para trás, enfiando-o atrás das orelhas com aquele movimento rápido que ele amava, e tirou o embrulho de veludo preto.

- Consegue enxergar? - perguntou ele, pois embora a lua estivesse clara, os símbolos em círculo no mostrador eram muito pequenos.

- Eu sei onde todos eles estão - respondeu ela - sei de cor. Agora fique calado.

Ela cruzou as pernas, puxando a saia sobre as pernas para fazer um apoio. Will se deitou, apoiado num cotovelo, e observou. A luz intensa do luar, refletida na areia, iluminava o rosto de Lyra com um brilho que parecia refletir uma outra luz que vinha de dentro dela, seus olhos brilhavam e sua expressão estava tão séria e concentrada que Will poderia ter se apaixonado por ela de novo, se o amor já não possuísse cada fibra de seu ser.

Lyra respirou fundo e começou a girar os ponteiros. Mas depois de apenas alguns instantes ela parou e virou o instrumento ao contrário.

- Lugar errado - disse simplesmente e tentou de novo. Will, acompanhando tudo, via seu rosto amado claramente. E como o conhecia tão bem e já havia observado sua expressão na alegria e no desespero, na esperança e no sofrimento, logo ficou sabendo que alguma coisa estava errada, pois não havia sinal da concentração nítida em que ela costumava mergulhar tão rapidamente. Em vez disso, uma expressão de perplexidade infeliz começou a se espalhar gradualmente: ela mordeu o lábio, começou a piscar cada vez mais e seus olhos se moveram lentamente de um símbolo para outro, quase que ao acaso, em vez de dardejar rápida e confiantemente.

- Não sei - disse ela, sacudindo a cabeça - não sei o que está

acontecendo... Eu o conheço tão bem, mas parece que não consigo entender o que está querendo dizer...

Ela respirou fundo, trêmula, e virou o instrumento para o outro lado. Parecia estranho e pesado em suas mãos. Pantalaimon, sob a forma de camundongo, esgueirou-se para o colo dela e descansou

as patinhas negras sobre o cristal, olhando fixamente para um símbolo depois do outro. Lyra girou um ponteiro, girou outro, depois virou a coisa inteira ao contrário e então levantou a cabeça e olhou para Will, arrasada.

- Ah, Will - exclamou - não consigo mais ler! Perdi a capacidade!

- Calma - disse ele - não se preocupe. Ainda está aí dentro de você, todo aquele conhecimento. Agora trate de se acalmar e procure encontrá-lo. Não faça força. Apenas relaxe e vá flutuando até tocá-lo...

Ela engoliu em seco e assentiu, irritada, esfregou o punho nos olhos, depois respirou fundo várias vezes, mas ele podia ver que estava tensa demais, e pôs as mãos nos ombros dela e a sentiu tremer, então a abraçou bem apertado. Lyra afastou-se dele e tentou novamente. Mais uma vez olhou para os símbolos e girou os ponteiros, mas aqueles degraus invisíveis de significado em que ela havia pisado, descendo aos vários níveis com tanta facilidade e confiança, simplesmente não estavam mais lá. Ela não sabia o que nenhum dos símbolos significava.

Ela se virou de volta, se agarrou em Will e disse desesperada: Não

adianta,

eu

não

sei

mais...

desapareceu

para

sempre...simplesmente vinha quando eu precisava, para todas as coisas que eu tinha que fazer... para salvar Roger, depois para nós dois... e agora acabou, agora tudo se acabou, simplesmente perdi a capacidade de ler... estava com medo de que isso acontecesse, porque tem sido tão difícil... pensei que não estava conseguindo enxergar direito, ou que meus dedos estivessem enrijecidos, ou sei lá, mas não era nada disso, o conhecimento estava simplesmente me deixando, estava apenas se apagando aos poucos... Ah, foise embora, Will, eu o perdi! E nunca mais vai voltar!

Ela soluçou com um abandono desesperado. Tudo o que Will podia fazer era abraçá-la. Não sabia como consolá-la, porque era evidente que estava certa.

Então os dois *daemons* se arrepiaram e olharam para o alto. Will e Lyra também perceberam e seguiram os olhos deles para o céu. Uma luz estava se movendo na direção deles: uma luz com asas.

- Ê o anjo que vimos - disse Pantalaimon, arriscando um palpite. E adivinhou corretamente. Enquanto o menino e a menina observavam sua aproximação, Xaphania abriu mais as asas e veio planando até a areia. Will, a despeito de todo o tempo que tinha passado na companhia de Balthamos, não estava preparado para a estranheza daquele encontro. Ele e Lyra seguraram a mão um do outro, bem apertadas, enquanto o anjo se aproximava deles, com a luz de um outro mundo brilhando sobre ela. Estava despida, mas isso não significava nada: de qualquer maneira, que roupas poderia um anjo vestir, pensou Lyra? Era impossível dizer se era velha ou moça, mas sua expressão era austera e compassiva, e tanto Will quanto Lyra tiveram a sensação de que ela os conhecia até o fundo do coração.

- Will - disse ela - vim para pedir sua ajuda.

- Minha ajuda? Como posso ajudar?

- Quero que me mostre como se fecham as aberturas que a faca faz. Will engoliu em seco.

- Eu mostro - respondeu - e, em troca, pode nos ajudar?

- Não da maneira como vocês querem. Sei a respeito do que estiveram falando. O sofrimento de vocês deixou marcas até no ar. Sei que isso não é

consolo, mas creiam-me, todos os seres que têm conhecimento do dilema de vocês desejariam que as coisas pudessem ser diferentes: mas há destinos a que mesmo os mais poderosos dentre nós temos que nos submeter. Não há

nada que eu possa fazer para ajudar vocês a mudar a maneira como são as coisas.

- Por que - Lyra começou a falar e descobriu que sua voz estava fraca e trêmula - por que não consigo mais ler o aletômetro? Por que não consigo fazer isso? Era a única coisa que eu sabia fazer realmente bem, e simplesmente não está mais lá... desapareceu como se nunca tivesse existido...

- Sua capacidade de ler era uma graça - disse Xaphania, olhando para ela - e pode recuperá-la através de trabalho.

- Quanto tempo vai levar?

- Uma vida inteira.

- Tudo isso...

- Mas sua leitura, então, será muito melhor, depois de uma vida inteira de reflexão e esforço, porque virá da compreensão e do conhecimento conscientes. Graças alcançadas assim são mais profundas e mais plenas que uma graça que vem sem custar nada e, além disso, depois que a tiver alcançado, nunca mais a deixará.

- Está querendo dizer toda uma vida inteira, não é? - sussurrou Lyra. Uma vida longa inteira? Não... não apenas... alguns anos...

- Sim, exatamente - respondeu o anjo.

- E todas as janelas têm que ser fechadas? - perguntou Will.

- Todas elas mesmo?

- Compreenda o seguinte - disse Xaphania. - O Pó não é uma constante. Não existe uma quantidade fixa que sempre tenha sido a mesma. Seres conscientes produzem Pó... e o renovam o tempo todo, ao pensar, e sentir, e refletir, ao adquirir saber e ao transmiti-lo para os outros. E se vocês ajudarem todas as outras pessoas em seus mundos a fazer isso, ajudando-as a conhecerem e compreenderem a si mesmas e às outras e a maneira como tudo funciona, e mostrando-lhes como serem gentis em vez de serem cruéis, pacientes em vez de apressados, alegres em vez de grosseiras e, sobretudo, como manter suas mentes abertas, livres e curiosas... então elas renovarão o suficiente para repor o que se perde através de uma janela aberta. De modo que poderia haver uma deixada aberta.

Will tremeu de excitação e sua mente saltou para um único ponto: para uma nova janela no ar, entre seu mundo e o de Lyra. E seria o segredo deles, poderiam atravessá-la sempre que quisessem e viver por algum tempo no mundo um do outro, não vivendo o tempo todo em nenhum dos dois, de modo que seus *daemons* pudessem se manter saudáveis, e poderiam crescer juntos e talvez, muito mais tarde, poderiam ter filhos que seriam cidadãos secretos de dois mundos, e poderiam trazer todo o conhecimento de um mundo para o outro, poderiam fazer todo tipo de coisas boas...

Mas Lyra estava sacudindo a cabeça.

- Não - disse ela, num lamento sufocado. - Não podemos, Will - E, de repente, ele soube em que ela estava pensando e no mesmo tom angustiado disse: - Não, os mortos.

- Temos que deixá-la aberta para eles! Nós temos!

- É, caso contrário...

- E temos que fazer bastante Pó para eles, e manter a janela aberta. Ela estava tremendo. Sentia-se muito jovem, apenas uma menininha, enquanto ele a abraçava, mantendo-a colada ao seu corpo.

- E se fizermos - disse ele quase chorando, a voz trêmula - se vivermos nossa vida corretamente e pensarmos neles enquanto a vivermos, então terão alguma coisa para contar às harpias, também. Precisamos dizer isso às pessoas, Lyra.

- Para terem histórias verdadeiras, claro - concordou ela - as histórias verdadeiras que as harpias querem ouvir em troca. Claro. Pois se as pessoas viverem a vida inteira e, quando tiver acabado, não tiverem nada para contar a respeito dessa vida, então nunca deixarão o mundo dos mortos. Nós precisamos dizer isso a elas, Will.

- Mas, cada um de nós, sozinho...

- Sim - concordou ela - sozinho...

E diante da palavra sozinho, Will sentiu uma enorme onda de raiva e de desespero começar a se mover, levantando-se para sair, vinda de um lugar muito profundo dentro dele, como se sua mente fosse um oceano que alguma profunda convulsão tivesse agitado. Sua vida inteira tinha estado sozinho e, agora, ele teria que ficar sozinho de novo e aquela bênção infinitamente preciosa que lhe tinha sido concedida teria que lhe ser tomada quase que imediatamente. Ele sentiu a onda crescer, ficando mais alta e mais escarpada para escurecer o céu, e sentiu a crista tremer e começar a cair, sentiu a grande massa descer, despencando, com todo o peso do oceano atrás de si, para explodir contra a costa rochosa e dura do que tinha que ser. E descobriu-se arquejando, soluçando, tremendo e chorando alto, com mais raiva e sofrimento do que jamais tinha sentido em sua vida, e encontrou Lyra igualmente desamparada em seus braços. Mas, à medida que a onda despendia sua força e as águas recuavam, as rochas frias e desoladas permaneceram lá, não

havia como discutir com o destino, nem seu desespero nem o de Lyra as tinham movido um único centímetro.

Quanto tempo durou aquela raiva, ele não tinha idéia. Mas, finalmente, teve que diminuir e o oceano ficou um pouco mais calmo depois da convulsão. As águas ainda estavam agitadas e talvez elas nunca mais fossem ficar realmente calmas de novo, mas a força imensa se fora.

Eles se viraram para o anjo e viram que ela compreendia, e que se sentia tão triste e infeliz quanto eles. Mas ela era capaz de ver mais longe do que eles e havia uma esperança calma em sua expressão também.

Will engoliu com dificuldade e disse:

- Está bem. Vou lhe mostrar como se fecha uma janela. Mas primeiro terei que abrir uma e fazer mais um Espectro. Nunca soube de nada sobre os Espectros, caso contrário teria sido mais cuidadoso.

- Nós cuidaremos dos Espectros - disse Xaphania.

Will pegou a faca e virou-se de frente para o mar. Para sua surpresa, suas mãos estavam bastante firmes. Cortou uma janela para seu próprio mundo, e eles se viram olhando para uma enorme fábrica ou indústria química, onde tubulações complicadas se estendiam entre os prédios e tanques de armazenagem, onde luzes brilhavam em cada canto, onde filetes de vapor subiam no ar.

- É estranho pensar que anjos não saibam como fazer isso - comentou Will.

- A faca foi uma invenção humana.

- E vai fechar todas elas, exceto uma - disse Will. - Todas, exceto a do mundo dos mortos.

- Sim, isso está prometido. Mas é uma promessa condicional e vocês sabem qual é a condição.

- É, nós sabemos. São muitas as janelas que existem para fechar?

- Milhares. E há o terrível abismo feito pela bomba e há a grande abertura que Lorde Asriel fez para sair de seu mundo. Ambos devem ser fechados e serão. Mas existem muitas aberturas menores também, algumas em lugares muito profundos debaixo da terra, algumas bem altas no ar, que foram criadas de outras maneiras.

- Baruch e Balthamos disseram-me que usavam aberturas assim para viajar entre os mundos. Os anjos não poderão mais fazer isso? Vocês serão confinados a um mundo como nós somos?

- Não, nós temos outras maneiras de viajar.

- A maneira que vocês têm de viajar - interessou-se Lyra - seria possível de nós aprendermos?

- Seria. Vocês poderiam aprender a fazê-lo, como o pai de Will fez. Ela utiliza a faculdade que vocês chamam de imaginação. Mas isso não significa inventar coisas. É uma forma de visão.

- Então não é viagem de verdade - argumentou Lyra. - Ê só simulação, só faz-de-conta...

- Não - retrucou Xaphania - não tem nada de parecido com faz-de-conta. Fazer de conta é fácil. Essa maneira é difícil, mas muito mais verdadeira.

- E é como o aletômetro? - perguntou Will. - Leva-se uma vida inteira para aprender?

- Exige muito tempo de prática, sim. Você tem que trabalhar muito. Você

pensou que poderia estalar os dedos e conseguir tê-la como se fosse um presente? Tudo que vale a pena ter, vale a pena o esforço de trabalhar para ter. Mas você tem uma amiga que já deu os primeiros passos e que poderia ajudá-lo.

Will não tinha nenhuma idéia de quem pudesse ser e, no momento, não estava com disposição para perguntar.

- Compreendo - disse, suspirando. - E nós a veremos de novo? Alguma vez voltaremos a falar com um anjo depois que voltarmos para nossos mundos?

- Eu não sei - respondeu ela. - Mas não deveria desperdiçar seu tempo esperando.

- E tenho que quebrar a faca - disse Will.

- Sim.

Enquanto estavam conversando, a janela tinha ficado aberta ao lado deles. As luzes estavam acesas na fábrica, o trabalho continuava, máquinas funcionavam, substâncias químicas se combinavam, pessoas estavam produzindo materiais e ganhando a vida. Aquele era o mundo a que Will pertencia.

- Bem, vou lhe mostrar o que fazer.

E assim ele ensinou ao anjo como tatear com delicadeza e encontrar as bordas da janela, exatamente como Giacomo Paradisi tinha lhe mostrado, procurando-as com as pontas dos dedos, tateando, encontrando as bordas e apertando-as uma contra a outra. Pouco a pouco a janela foi fechada e a fábrica desapareceu.

- As aberturas que não foram feitas pela faca sutil - perguntou Will. - É

realmente necessário fechar todas elas? Porque certamente o Pó só escapa pelas aberturas que a faca fez. As outras devem ter estado

lá há milhares de anos e o Pó continua a existir.

- Devemos fechar todas as aberturas - declarou o anjo - porque se você

acreditasse que ainda restava alguma, passaria a vida procurando por ela e isso seria um desperdício do tempo que tem. Você tem outras coisas a fazer, um trabalho muito mais importante e mais valioso, em seu mundo. Não haverá

mais tempo para viajar fora dele.

- Que trabalho tenho que fazer então? - perguntou Will, mas emendou imediatamente. - Não, pensando bem, não me diga. Eu vou decidir o que vou fazer. Se disser que meu trabalho é lutar, curar, ou fazer explorações, ou seja lá o que for que possa dizer, sempre ficarei pensando nisso e se realmente acabar fazendo isso, me sentirei ressentido porque seria como se eu não tivesse tido escolha, e se não fizer, me sentirei culpado porque deveria ter feito. Qualquer coisa que eu faça, quero que seja por minha escolha, de mais ninguém.

- Então já deu os primeiros passos para alcançar a sabedoria - declarou Xaphania.

- Tem uma luz lá longe no mar - disse Lyra.

- Aquilo é o navio trazendo seus amigos para levá-la para casa. Estarão aqui amanhã.

A palavra amanhã para eles foi como um golpe violento. Lyra nunca havia imaginado que poderia se sentir relutante em ver Fardei Coram, John Faa e Serafina Pekkala.

- Agora, eu vou embora - disse o anjo. - Aprendi o que precisava saber. Ela abraçou cada um deles com seus braços leves e frescos e os beijou na testa. Depois se abaixou para beijar os *daemons* e eles se transformaram em pássaros e voaram junto com ela quando

abriu as asas e se elevou rapidamente no ar. Apenas alguns segundos depois, tinha desaparecido. Alguns instantes depois de ela ter ido embora, Lyra deixou escapar uma pequena exclamação.

- O que foi?

- Eu nem perguntei a ela sobre meu pai e minha mãe... e também não posso mais perguntar ao aletômetro, agora... será que algum dia vou saber o que aconteceu a eles?

Ela sentou devagar e ele sentou ao lado dela.

- Ah, Will - suspirou - o que podemos fazer? Será que há alguma coisa que possamos fazer? Eu quero viver com você para sempre. Quero beijar você, deitar e acordar com você todos os dias da minha vida até morrer, daqui a muitos, e muitos, e muitos anos. Não quero uma lembrança, apenas uma lembrança...

- Não - concordou ele - apenas uma lembrança é muito pouco para ter. São seus cabelos, sua boca, seus braços, seus olhos e suas mãos, de verdade, que eu quero. Eu não sabia que jamais poderia amar tanto alguma coisa. Ah, Lyra, eu queria que esta noite nunca acabasse! Se ao menos pudéssemos ficar aqui assim, e o mundo pudesse parar de girar e todo mundo adormecesse...

- Todo mundo menos nós! E você e eu pudéssemos viver aqui para sempre e apenas continuar nos amando.

- Eu vou amar você para sempre, aconteça o que acontecer. Até o dia em que eu morrer e depois que eu morrer, e quando encontrar meu caminho de saída da terra dos mortos, vou ficar flutuando para sempre, todos os meus átomos, até eu encontrar você de novo...

- E eu estarei procurando por você, Will, em todos os momentos, em cada um e todos os instantes. E quando voltarmos a nos encontrar, vamos nos abraçar tão apertados que nada e ninguém jamais vai nos separar. Todos os meus átomos e todos os seus átomos... Nós viveremos em passarinhos e em flores, em libélulas e em pinheiros,

em nuvens e naquelas partículas de luz que você vê flutuando em raios de sol... E quando eles usarem seus átomos para fazer novas vidas, não poderão pegar um, terão que pegar dois, um de você e um de mim, pois estaremos abraçados tão apertados...

Eles ficaram deitados lado a lado, de mãos dadas, olhando para o céu.

- Você se lembra - cochichou ela - da primeira vez que nos encontramos, quando você entrou naquele café em Cittàgazze, e que você nunca tinha visto um *daemon*?

- Eu não conseguia entender o que ele era. Mas quando vi você, gostei de você imediatamente, porque era corajosa.

- Não, eu gostei de você primeiro.

- Que nada! Você lutou comigo!

- Bem - rebateu ela - lutei. Mas você me atacou.

- Não, eu não! Você entrou correndo, se jogou em cima de mim e me atacou.

- É verdade, mas parei logo.

- É verdade, mas - zombou ele, falando baixinho.

Will a sentiu estremecer e então, sob suas mãos, sentiu os ossos delicados das costas de Lyra começarem a subir e descer e a ouviu soluçar baixinho. Ele acariciou seus cabelos macios, os ombros frágeis, e então beijou seu rosto uma porção de vezes, uma vez após outra até que, algum tempo depois, ela deixou escapar um suspiro profundo e trêmulo e se aquietou. Os *daemons* voltaram voando, pousaram e, depois de novamente mudarem de forma, se aproximaram deles andando pela areia macia. Lyra sentou-se para recebê-los e Will ficou maravilhado com a maneira como sabia identificar, imediatamente, quem era quem entre os *daemons*, pouco

importando a forma que tivessem. Pantalaimon agora era um animal cujo nome não conseguia muito bem encontrar: parecia um furão, grande e forte, de cor vermelho-dourada, esbelto, sinuoso e cheio de graça. Kirjava era de novo uma gata. Mas, não era uma gata de tamanho comum, e seu pêlo era lustroso e farto, com mil cintilações e matizes diferentes de negro-carvão e de sombreados de cinza, o tom de azul de um lago profundo sob o sol do meiodia, névoa-lavanda-luar-neblina... Para ver o significado da palavra sutileza, era só olhar para o seu pêlo.

- Uma marta - disse ele, encontrando o nome do animal de Pantalaimon

- uma marta de floresta de pinheiros.

- Pan - chamou Lyra, enquanto ele subia para seu colo num movimento fluido - você não vai mais mudar muito de forma, vai?

- Não - respondeu ele.

- É engraçado - comentou ela - você se lembra de quando éramos pequenos e eu não queria que você parasse de mudar de forma nunca...?

Bem, agora já não me importo tanto, não se você ficar assim. Will pôs a mão sobre a mão de Lyra. Um estado de espírito novo e diferente havia se apoderado dele, e sentia-se decidido e sereno. Sabendo exatamente o que estava fazendo e exatamente o que significaria, tirou a mão do pulso de Lyra e acariciou o pêlo vermelho-dourado de seu *daemon*. Lyra deixou escapar uma exclamação. Mas sua surpresa estava mesclada com um prazer tão semelhante à felicidade que havia dominado seus sentidos quando pusera a frutinha nos lábios dele que não conseguiu protestar, porque estava sem fôlego. Com o coração batendo disparado, ela reagiu da mesma maneira: pôs a mão sobre o pêlo deliciosamente sedoso do *daemon* de Will e, quando seus dedos penetraram, seguraram e alisaram a pelagem, Lyra sabia que Will estava sentindo exatamente o que ela estava sentindo. E também sabia

que agora nenhum dos dois *daemons* mudaria mais de forma, depois de ter sentido na pele a carícia das mãos de seu amado. Aquelas seriam suas formas para o resto da vida: não quereriam nenhuma outra. E assim, se perguntando se outros amantes apaixonados antes deles teriam feito aquela descoberta capaz de proporcionar tamanha felicidade e prazer, ficaram deitados juntos enquanto a Terra girava lentamente e a Lua e as estrelas brilhavam com fulgor no céu acima deles.

O JARDIM BOTÂNICO

Os gípcios chegaram na tarde do dia seguinte. Não havia porto, é claro, de modo que tiveram que ancorar o navio a alguma distância ao largo da costa e John Faa, Farder Coram e o capitão vieram à terra num grande barco a motor tendo Serafina Pekkala como guia.

Mary tinha contado, aos muletas tudo o que sabia e, quando afinal os gípcios chegaram à costa, desembarcando na praia grande, havia uma multidão curiosa esperando para recebê-los. Ambos os lados, é claro, estavam ardendo de curiosidade com relação ao outro, mas John Faa tinha aprendido a ter cortesia e paciência de sobra em sua longa vida e estava firmemente decidido a que aquele mais estranho de todos os povos recebesse dos gípcios ocidentais unicamente gentil elegância e amizade.

De modo que, durante algum tempo, ficou parado, de pé, sob o sol quente, enquanto o zalif ancião, Sattamax, fazia um discurso de boas-vindas, que Mary deu o melhor de si para traduzir, e ao qual John Faa respondeu, apresentando-lhes as saudações dos Pântanos e dos canais e cursos d'água que eram sua terra natal.

Quando começaram a seguir pela região pantanosa em direção ao povoado, os mulefas perceberam como era difícil para Farder Coram caminhar e imediatamente se ofereceram para transportá-lo. Ele aceitou agradecido e foi assim que chegaram ao monte do pódio de reuniões, onde Will e Lyra vieram encontrá-los.

Quanto tempo havia se passado desde que Lyra tinha visto aqueles homens queridos! A última vez em que tinham estado juntos, conversando, fora nas neves do Ártico, quando estavam a caminho na missão para resgatar as crianças dos Papões. Ela estava quase tímida e estendeu a mão para um cumprimento, com insegurança, mas John Faa levantou-a do chão num abraço apertado e beijou-lhe as duas faces, e Farder Coram fez a mesma coisa, examinando-a dos pés à cabeça, antes de pegá-la no colo apertando-a contra o peito.

- Ela está crescida, John - comentou. - Lembra-se daquela garotinha que levamos para as terras do norte? Olhe só para ela agora! Ah! - exclamou com uma risada de satisfação. - Lyra, minha querida, nem se eu tivesse a língua de um anjo seria capaz de lhe dizer como estou contente em ver você de novo. Mas ela parece estar tão magoada, tão sofrida, pensou, parece tão frágil e cansada. E nem ele nem John Faa puderam deixar de perceber a maneira como ela ficava perto de Will e como o garoto de sobrancelhas negras e retas estava atento, a cada segundo, a onde ela estava e se assegurava de nunca se afastar muito dela.

Os dois anciões o cumprimentaram respeitosamente, porque Serafina Pekkala lhes havia contado boa parte do que Will tinha feito. De sua parte, Will admirou o ar de poder maciço e autoridade da presença de Lorde Faa, um poder temperado pela cortesia, e pensou que seria uma boa maneira de se comportar quando ele próprio ficasse velho, John Faa era um abrigo e uma força acolhedora.

- Dra. Malone - disse John Faa - precisamos nos reabastecer de água doce e de qualquer coisa que possa nos servir de alimento que seus amigos possam nos vender. Além disso, nossos homens estão embarcados a bordo desse navio já há um bom tempo e temos alguns desentendimentos que precisam ser resolvidos com boas brigas e seria uma bênção se todos eles pudessem passar algum tempo desembarcados de modo que pudessem respirar o ar

dessa terra, para depois contar a suas famílias em casa sobre o mundo para onde viajaram.

- Lorde Faa - respondeu Mary - os mulefas me pediram para lhe dizer que fornecerão tudo o que precisa e que ficariam honrados se todos vocês aceitassem ser seus convidados esta noite e viessem compartilhar sua refeição.

- É com grande prazer que aceitamos o convite - disse John Faa. De modo que, naquela noite, pessoas de três mundos sentaram-se e dividiram pão, carne, frutas e vinho. Os gípcios ofereceram a seus anfitriões presentes de todos os cantos de seu mundo: cântaros de aguardente de zimbro, esculturas entalhadas em marfim de morsa, tapeçarias em seda do Turquestão, canecas de prata das minas de Sveden, pratos esmaltados da Coréia.

Os mulefas os receberam encantados e, em troca, ofereceram objetos de seu próprio artesanato: vasos raros feitos de madeira-de-nó antiqüíssima, peças de seus mais requintados trabalhos de cordame, tigelas laqueadas e redes de pesca, tão resistentes e leves, que mesmo os gípcios que viviam nos Pântanos nunca tinham visto igual.

Depois de comparecer ao banquete, o capitão agradeceu a seus anfitriões e partiu para supervisionar o trabalho dos tripulantes enquanto levavam para bordo os mantimentos e a água de que precisavam, porque pretendiam partir assim que a manhã chegasse. Enquanto eles faziam isso, o velho zalif disse a seus convidados:

Uma grande mudança ocorreu em todas as coisas. E, como prova disso, uma responsabilidade nos foi concedida. Gostaríamos de mostrar a vocês o que isso significa.

De modo que John Faa, Farder Coram, Mary e Serafina foram com eles até o lugar onde a terra dos mortos se abria e de onde os fantasmas continuavam saindo, ainda em sua infindável procissão. Os mulefas estavam plantando um bosque ali ao redor, porque era

um lugar sagrado, disseram, cuidariam dele para sempre, era uma fonte de alegria.

- Bem, isto é um mistério - comentou Farder Coram - e estou contente por ter vivido o bastante para ver isso. Partir para a escuridão da morte é algo que todos nós tememos, por mais que digamos o contrário. Mas se existe uma saída para aquela parte de nós que tem que descer até lá, então isso deixa meu coração mais leve.

- Você tem razão, Coram - concordou John Faa. - Já vi muita gente morrer, eu mesmo já mandei um bocado de homens lá para baixo para a escuridão, embora fosse sempre no calor da batalha. Saber que depois de passar algum tempo na escuridão voltaremos a sair para uma terra tão bonita como esta, para estarmos livres no céu como os pássaros, bem, essa é a mais bela promessa que qualquer um poderia desejar.

- Precisamos falar com Lyra a respeito disso - comentou Farder Coram e descobrir como aconteceu e o que significa. Mary achou extremamente difícil se despedir de Atai e dos outros mulefas. Antes de embarcar no navio, eles lhe deram um presente: um frasco de laca contendo óleo da árvore-das-rodas e, ainda mais preciosa que qualquer coisa, uma pequena sacola de sementes.

Pode ser que elas não cresçam em seu mundo, - disse Atai, - *mas se isso acontecer, você tem o óleo. Não nos esqueça, Mary.*

Nunca, - declarou Mary. - *Nunca. Mesmo se eu viver tanto tempo quanto as bruxas e esquecer de tudo o mais, nunca me esquecerei de você e da gentileza de seu povo, Atai.*

E assim a jornada de volta para casa começou. O vento estava suave, as águas do mar calmas e, embora eles avistassem o cintilar daquelas enormes asas brancas como neve mais de uma vez, os pássaros se mantiveram bem distantes. Will e Lyra passavam todas as horas juntos e, para eles, as duas semanas de viagem se passaram num piscar de olhos.

Xaphania tinha dito a Serafina Pekkala que, quando todas as aberturas estivessem fechadas, os mundos retornariam mais uma vez às posições exatas e correspondentes que tinham entre si, e a Oxford de Lyra e a de Will ficariam de novo uma sobre a outra, como imagens transparentes em folhas de filme, sendo levadas cada vez para mais perto uma da outra até se fundirem, embora, na verdade, nunca realmente fossem se tocar.

Naquele momento, contudo, estavam separadas por uma grande distância

- uma distância tão grande quanto a que Lyra tivera que percorrer em sua viagem de Oxford para Cittàgazze. A Oxford de Will agora havia chegado, estava bem ali, à distância apenas de um corte de faca. Era de tardinha quando chegaram e, enquanto a âncora caía levantando água, o sol banhava de uma luz morna as colinas verdes, os telhados de terracota, aquela elegante avenida à beira-mar, o porto em ruínas e o pequeno café de Will e Lyra. Uma busca demorada com o telescópio do capitão não havia revelado quaisquer sinais de vida, mas, por via das dúvidas, John Faa estava planejando levar meia dúzia de homens armados para terra. Eles não interfeririam, mas estariam lá se precisassem deles.

Fizeram uma última refeição juntos, vendo a noite cair. Will despediu-se do capitão e de seus oficiais, de John Faa e de Farder Coram. Ele mal parecia ter consciência da presença deles, e eles o viam mais claramente do que Will os via: viam uma pessoa jovem, mas muito forte e profundamente abalada. Finalmente, Will, Lyra e seus *daemons*, Mary e Serafina Pekkala iniciaram a caminhada pela cidade deserta. E estava deserta, o único som de passadas e as únicas sombras eram as deles. Lyra e Will foram na frente, de mãos dadas, para o lugar onde teriam que se separar, e as mulheres ficaram a alguma distância mais atrás, conversando como irmãs.

- Lyra quer fazer uma pequena visita à minha Oxford - comentou Mary. Ela tem alguma coisa em mente. Disse que voltará logo depois.

- O que você vai fazer, Mary?

- Eu... vou com Will, é claro. Iremos para meu apartamento, minha casa, esta noite e depois, amanhã de manhã, vamos tratar de descobrir onde está a mãe dele e ver o que podemos fazer para ajudá-la a melhorar. Há tantas regras e regulamentos em meu mundo, Serafina, você tem que dar satisfações às autoridades e responder a milhares de perguntas, eu vou ajudá-lo a resolver as formalidades legais, com os serviços sociais, a questão de moradia e coisas desse tipo, e deixarei que ele se concentre na mãe. Will é um menino forte... Mas vou ajudá-lo. Além disso, eu preciso dele. Não tenho mais meu emprego, nem muito dinheiro no banco, e não ficaria nada surpreendida se a polícia estiver atrás de mim... Ele será a única pessoa no meu mundo inteiro com quem vou poder falar a respeito de tudo isso.

Elas continuaram caminhando pelas ruas silenciosas, passando por uma torre quadrada com uma porta se abrindo para a escuridão, passaram por um pequeno café em que as mesas ficavam na calçada e entraram numa larga avenida arborizada com duas pistas e uma fileira de palmeiras no meio.

- Foi aqui que eu atravessei - declarou Mary.

A janela que Will tinha visto da primeira vez, na rua residencial tranqüila, em Oxford, se abria ali, e do lado que ficava em Oxford estava sob vigilância da polícia - ou pelo menos estivera quando Mary os enganara, fazendo-os deixá-la passar. Ela viu Will alcançar o ponto exato e tatear com as mãos rapidamente no ar e a janela desapareceu.

- Vai ser uma surpresa para eles da próxima vez em que olharem comentou. A intenção de Lyra era ir para a Oxford de Mary e mostrar uma coisa a Will, antes de voltar com Serafina e, evidentemente, eles tinham que ser cuidadosos na escolha do lugar onde cortariam a janela para atravessar, de modo que as duas mulheres continuaram seguindo atrás deles, caminhando pelas ruas iluminadas pelo luar de Cittàgazze. À direita delas havia um amplo e

gracioso terreno de jardins cercados, gramado e arborizado, com uma floresta ao fundo, tendo no centro uma grandiosa mansão com um pórtico clássico que reluzia como uma cobertura de glacê ao luar.

- Quando você me disse qual era a forma de meu *daemon* -recordou Mary - disse que poderia me ensinar a vê-lo, se tivéssemos tempo... gostaria tanto que tivéssemos.

- Ora, mas nós tivemos tempo - retrucou Serafina - e não estivemos conversando? Eu lhe ensinei alguns conhecimentos e tradições das bruxas, isso teria sido proibido de acordo com os antigos costumes de meu mundo. Mas você está voltando para o seu mundo, e os velhos costumes mudaram. E

também aprendi muita coisa com você. De maneira que vamos lá: quando você

falou com as Sombras em seu computador, teve que colocar sua mente num certo estado especial, não teve?

- Tive... exatamente como Lyra fazia com o aletômetro. Está querendo dizer que se eu tentar assim, consigo?

- Mas não é só isso, você tem que usar a visão comum ao mesmo tempo. Faça uma tentativa agora.

No mundo de Mary, eles tinham um tipo de imagem que, quando se olhava pela primeira vez, parecia uma porção de pontos de cor espalhados aleatoriamente, mas quando se olhava de uma certa maneira, a imagem parecia avançar para três dimensões: e ali na frente do papel haveria uma árvore ou um rosto, ou alguma outra coisa surpreendentemente sólida que simplesmente não estava lá antes.

O que Serafina ensinou Mary a fazer naquele momento era parecido com aquilo. Ela deveria manter sua maneira de olhar normal, enquanto, simultaneamente, ia mergulhando no estado de

semitranse, de sonhar acordada, em que podia ver as Sombras. Mas agora tinha que manter as duas coisas juntas, a visão de todo dia e o transe, exatamente como você tem que olhar em duas direções ao mesmo tempo para ver as imagens tridimensionais entre os pontos.

E, exatamente como acontece com as imagens de pontos, ela de repente conseguiu.

- Ah! - exclamou e segurou o braço de Serafina para se equilibrar, pois ali, na cerca de metal do jardim, havia um pássaro pousado: um pássaro negro lustroso, com pernas vermelhas e um bico amarelo curvo: uma gralha dos Alpes, exatamente como Serafina havia descrito. O pássaro, ele, estava a apenas uns 30 centímetros ou meio metro de distância, olhando fixamente para ela com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, por mais incrível que parecesse, como se estivesse achando graça.

Mas ela ficou tão surpreendida que sua concentração escapuliu e ele desapareceu.

- Você conseguiu uma vez e da próxima vai ser mais fácil - observou Serafina. - Quando estiver em seu mundo, aprenderá a ver os *daemons* de outras pessoas também, exatamente da mesma maneira. Contudo, elas não verão o seu, nem o de Will, a menos que lhes ensine o que ensinei a você.

- Certo... Ah, mas isso é extraordinário. Que maravilha! Mary pensou: Lyra conversava com seu *daemon*, não conversava? Será que ela ouviria aquele pássaro assim como o via? - E continuou a andar, radiante de expectativa. Mais à frente, Will estava cortando uma janela, ele e Lyra esperaram que as duas mulheres os alcançassem para que ele pudesse tornar a fechá-la.

- Você sabe onde estamos? - perguntou Will.

Mary olhou ao redor. A rua em que estavam agora, no mundo de Mary, era tranqüila e bem arborizada, com grandes casas de estilo

vitoriano cercadas por jardins cheios de arbustos.

- Em algum lugar na zona norte de Oxford - disse Mary.

- Não muito longe de meu apartamento, na verdade, embora não saiba exatamente que rua é esta.

- Eu quero ir ao Jardim Botânico - disse Lyra.

- Tudo bem. Acho que isso fica a uns 15 minutos de caminhada. Vamos por aqui...

Mary experimentou usar a visão dupla de novo. Descobriu que era mais fácil dessa vez e lá estava a gralha, com ela em seu próprio mundo, empoleirada num galho que se estendia bem baixo quase até a calçada. Para ver o que aconteceria, ela estendeu a mão e ela veio pousar nela sem hesitação. Mary sentiu o ligeiro peso, o aperto firme das garras em seu dedo e delicadamente a levou até o ombro. Ela se acomodou sobre seu ombro como se tivesse estado ali durante a vida inteira de Mary.

Bem, ela esteve, pensou, e seguiu adiante.

Não havia muito tráfego na High Street e quando desceram a escadaria defronte à Faculdade Magdalen em direção aos portões do Jardim Botânico estavam completamente sozinhos. Havia uma passagem ornamentada que dava para um caminho com bancos de pedra logo adiante e, enquanto Mary e Serafina sentavam ali, Will e Lyra subiram pela grade de ferro e entraram no jardim propriamente dito.

- Por aqui - disse Lyra, puxando a mão de Will.

Ela o conduziu, passando por um lago com uma fonte que ficava debaixo de uma árvore de grandes ramagens, e depois seguiu para a esquerda, andando em meio aos canteiros de plantas em direção a um pinheiro imenso com um número infindável de galhos. Ali havia um muro maciço de pedras com uma porta de entrada e, mais para

dentro, na parte mais distante do jardim, as árvores eram mais jovens e plantadas num arranjo menos formal. Lyra o levou quase até o fim do jardim, passando por uma pequena ponte, até um banco de madeira, que ficava debaixo de uma árvore de galhos abertos e baixos.

- Achei! - exclamou ela. - Eu tinha tanta esperança de que fosse assim e aqui está, exatamente igual... Will, eu costumava vir a este lugar na minha Oxford e sentar exatamente neste mesmo banco sempre que queria ficar sozinha, só eu e Pan. O que pensei foi que se você... talvez apenas uma vez por ano... se pudéssemos vir aqui ao mesmo tempo, para passar uma hora ou coisa assim, então poderíamos fazer de conta que estávamos juntos de novo... porque estaríamos juntos, se você sentasse aqui e eu sentasse bem aqui no meu mundo...

- Isso - disse ele - enquanto eu viver, sempre voltarei aqui. Não importa onde eu esteja no mundo, voltarei aqui.

- No dia do Solstício de Verão - completou ela. - Ao meio-dia. Enquanto eu viver. Enquanto eu viver...

Ele descobriu que não conseguia enxergar, mas deixou as lágrimas ardentes escorrerem e apenas a abraçou bem apertado.

- E se nós... se mais adiante... - ela estava falando num murmúrio trêmulo

- ... se um dia conhecermos alguém de quem gostarmos e se nos casarmos com essas pessoas, então deveremos ser bons com elas e não ficar fazendo comparações o tempo todo, nem desejar que em vez disso tivéssemos nos casado um com o outro... Mas apenas continuar essas vindas até aqui uma vez por ano, apenas por uma hora, só para estarmos juntos...

Eles se abraçaram com força e ficaram assim. Minutos se passaram, uma ave aquática no rio ali perto se agitou e gritou um

chamado, de vez em quando passava um carro pela Ponte Magdalen.

Finalmente eles se afastaram.

- Bem - disse Lyra em tom suave.

Tudo nela naquele momento era suave, e aquela seria uma das lembranças favoritas de Will, bem depois - a tensão de sua graça ansiosa suavizada pela meia-luz, seus olhos e mãos e, especialmente, seus lábios, infinitamente suaves. Ele a beijou uma vez depois da outra e cada beijo chegava mais perto de ser o último de todos os beijos.

Com os corações pesados, mas ao mesmo tempo enternecidos pelo amor, eles foram caminhando de volta até o portão onde Mary e Serafina esperavam.

- Lyra - disse Will.

E ela chamou:

- Will.

Ele cortou uma janela para Cittàgazze. Estavam bem no fundo do terreno ajardinado da grande mansão, não muito longe da beira da floresta. Atravessaram pela última vez e olharam para baixo, para a cidade silenciosa, para os telhados de terracota reluzindo ao luar, a torre acima deles, o navio iluminado esperando, ao largo, nas águas calmas do mar. Will virou-se para Serafina e disse com tanta firmeza quanto conseguiu:

- Obrigado, Serafina Pekkala, por ter nos salvado no belvedere e por todas as outras coisas. Por favor, seja gentil com Lyra enquanto ela viver. Eu a amo mais que qualquer pessoa jamais foi amada.

Em resposta, a rainha-bruxa o beijou nas duas faces. Lyra estivera cochichando no ouvido de Mary e então elas também se abraçaram

e, primeiro Mary e depois Will, atravessaram a última janela, voltando para seu próprio mundo, sob as sombras das árvores do Jardim Botânico.

Trate de se animar, e comece agora, pensou Will, esforçando-se o máximo que podia, mas era como tentar segurar um lobo lutando em seus braços, quando ele queria arranhar seu rosto e cravar os dentes em sua garganta, mas mesmo assim ele o fez e pensou que ninguém veria o esforço que estava lhe custando.

E sabia que Lyra estava fazendo a mesma coisa, e que aquela tensão e esforço em seu sorriso eram o sinal disso.

Apesar de tudo, ela sorriu.

Um último beijo, apressado e desajeitado, tanto que esbarraram as maçãs do rosto e uma lágrima escorrendo do olho dela passou para a face dele, os dois *daemons* também trocaram um beijo de despedida e Pantalaimon passou num movimento fluido pela borda da janela e subiu para os braços de Lyra, e então Will começou a fechar a janela, e estava feito, a passagem estava fechada e Lyra se fora.

- Agora - disse ele, tentando não demonstrar sua emoção, mas mesmo assim tendo que dar as costas a Mary - eu tenho que quebrar a faca. Ele procurou, tateando no ar, da maneira já familiar, até que encontrou uma fenda e tentou trazer de volta à sua mente exatamente o que havia acontecido na ocasião anterior. Estivera prestes a cortar uma abertura para sair da caverna e a Sra. Coulter, de maneira repentina e inexplicável, o recordara de sua mãe e a faca tinha se quebrado porque, refletiu ele, finalmente havia encontrado uma coisa que não podia cortar e isso era seu amor por ela. De modo que tentou fazer a mesma coisa agora, evocando uma imagem do rosto de sua mãe, como a vira da última vez, assustada e confusa, no pequeno corredor estreito da entrada da casa da Sra. Cooper. Mas não funcionou. A faca cortou o ar com facilidade e abriu uma janela para um mundo onde desabava um grande temporal: a chuva forte, de gotas pesadas, passou através da

janela, surpreendendo os dois. Ele fechou a janela rapidamente e ficou parado, confuso, por um instante.

Seu *daemon* sabia o que ele deveria fazer e disse apenas:

- Lyra.

É claro. Ele balançou a cabeça concordando e, com a faca na mão direita, tocou com a mão esquerda o ponto em seu rosto onde ainda estava a lágrima de Lyra. E dessa vez, com um estalar violento, a faca se espatifou e a lâmina caiu em pedaços no chão, reluzindo sobre as pedras que ainda estavam molhadas da chuva de outro universo.

Will ajoelhou-se para recolhê-los cuidadosamente, Kirjava, com seus olhos de gata, ajudava a encontrar todos eles. Mary estava pondo a mochila no ombro.

- Bem - disse - bem, agora me ouça, Will. Mal tivemos oportunidade de conversar, você e eu...

De modo que, em certa medida, ainda somos

estranhos um para o outro. Mas Serafina Pekkala e eu trocamos uma promessa, e eu fiz uma promessa para Lyra ainda há pouco, e mesmo que não tivesse feito quaisquer outras promessas, eu faria uma promessa a você a respeito da mesma coisa, que é a seguinte: se você deixar, eu serei sua amiga pelo resto de nossas vidas. Nós dois estamos completamente sozinhos e acho que só nos faria bem ter esse tipo de... O que estou querendo dizer é: não há

mais ninguém com quem possamos falar sobre tudo isso, exceto eu com você

e você comigo... E nós dois temos que nos habituar a viver com nossos *daemons* também... E estamos os dois numa situação difícil e, se isso não fizer com que tenhamos alguma coisa em comum, não sei o que fará.

- Você está numa situação difícil? - perguntou Will, olhando para ela. O

rosto franco, amistoso e inteligente olhou diretamente para ele.

- Bem, eu destruí alguns equipamentos no laboratório antes de partir e falsifiquei uma carteira de identidade e... Não é nada que não possamos dar um jeito. E seus problemas, podemos resolver isso também. Podemos encontrar sua mãe e conseguir que ela receba um tratamento adequado. E se precisar de um lugar para morar, bem, se não se importar de morar comigo, se pudermos dar um jeito de conseguir isso, então não terá que ir para uma, sei lá

como chamam, instituição de assistência social ou abrigo para jovens. O que quero dizer é que teremos que combinar uma história e nós dois contaremos a mesma história, poderíamos fazer isso, não acha?

Mary era uma amiga. Ele tinha uma amiga. Era verdade. Nunca tinha pensado nisso.

- Claro! - exclamou.

- Bem, então vamos lá. Meu apartamento fica a uns oito quilômetros daqui e sabe do que eu mais gostaria no mundo agora? Tomar uma xícara de chá. Vamos andando, vamos para lá botar a chaleira no fogo. Três semanas depois do momento em que Lyra viu a mão de Will fechar a janela de seu mundo para sempre, mais uma vez encontrava-se sentada à

mesa de jantar na Faculdade Jordan, onde pela primeira vez havia sucumbido aos encantos da Sra. Coulter.

Dessa vez havia um grupo menor: só ela, o Reitor e a Dama Hannah Relf, a diretora da Sta. Sophia, uma daquelas faculdades só para mulheres. A Dama Hannah também estivera presente naquele primeiro jantar e embora Lyra estivesse surpreendida de vê-la

ali agora, a cumprimentou muito

educadamente e descobriu que sua memória estava enganada: pois esta Dama Hannah era muito mais inteligente e interessante, e de longe muitíssimo mais gentil que a pessoa apagada e de roupas antiquadas de que se lembrava. Uma enorme variedade de coisas havia acontecido enquanto Lyra estivera fora - na Faculdade Jordan, na Inglaterra e no mundo inteiro. Parecia que o poder da Igreja havia aumentado enormemente e que muitas leis brutais tinham sido aprovadas, mas que esse poder havia desaparecido tão rapidamente quanto tinha crescido: rebeliões no *Magisterium* tinham derrubado os fanáticos e trazido ao poder facções mais liberais. O Conselho Geral de Oblação havia sido dissolvido, o Tribunal Consistorial de Disciplina estava confuso e sem liderança.

E as faculdades de Oxford, depois de um breve e turbulento interlúdio, estavam voltando a se acomodar na calma dos estudos e de seus rituais. Algumas coisas haviam desaparecido, a valiosa coleção de prataria do Reitor tinha sido saqueada, alguns criados da faculdade tinham sumido. O criado do Reitor, Cousins, contudo, ainda estava em seu posto e Lyra estivera pronta para enfrentar sua hostilidade com desafio, pois tinham sido inimigos desde que conseguia se lembrar. Ficou um bocado surpreendida quando ele a recebeu tão calorosamente e apertou a mão dela com as duas mãos: será que aquilo era afeição na voz dele? Bem, ele tinha mudado.

Durante o jantar, o Reitor e a Dama Hannah conversaram sobre o que havia acontecido no período em que Lyra estivera ausente e ela ouviu ora com aflição, ora com tristeza, ora com encantamento. Quando se retiraram para a sala de visitas do Reitor para o café, ele disse:

- Bem, Lyra, mal ouvimos você falar. Mas eu sei que viu muitas coisas. Será que poderia nos contar um pouco das aventuras que viveu?

- Posso - respondeu ela. - Mas não tudo de uma vez. Ainda não compreendo parte delas e outras ainda me fazem tremer e chorar, mas contarei aos senhores, prometo, tudo o que puder. Só que os senhores também têm que me prometer uma coisa.

O Reitor olhou para a senhora de cabelos grisalhos, com o *daemon* sagüi no colo, e trocaram um olhar iluminado por uma centelha de divertimento.

- E o que temos que prometer? - perguntou a Dama Hannah.

- Têm que me prometer acreditar em mim - disse Lyra, muito seriamente.

- Eu sei que nem sempre contava a verdade e que só conseguia sobreviver em alguns lugares contando mentiras e inventando histórias. De modo que sei que era assim que eu era, e sei que sabem disso, mas minha história verdadeira é

importante demais para mim se só forem acreditar em metade dela. De modo que prometo contar a verdade, se prometerem acreditar nela.

- Está bem, eu prometo - declarou a Dama Hannah.

E o Reitor disse em seguida:

- E eu também.

- Mas sabem qual é a coisa que desejo - disse Lyra - quase... quase mais que qualquer outra? Gostaria tanto de não ter perdido a capacidade de ler o aletômetro. Ah, foi tão estranho, Reitor, como surgiu logo de início e como simplesmente se foi! Um dia eu o conhecia tão bem... conseguia percorrer de alto a baixo os significados dos símbolos, passar de um nível para outro e fazer todas as conexões... era como... - Ela sorriu e continuou: - Bem, eu era como um macaco pulando de galho em galho nas árvores, eu era tão rápida. Então, de repente... nada. Nada daquilo fazia

sentido, não conseguia nem me lembrar de nada, exceto os significados básicos, como, por exemplo, que a âncora significa esperança e que a caveira significa morte. Todos aqueles milhares de significados... Perdidos.

- Porém, não estão perdidos, Lyra - disse a Dama Hannah.

- Os livros ainda estão na Biblioteca Bodley. A cátedra que se dedica a estudá-los continua existindo e vai muito bem obrigado.

A Dama Hannah estava sentada defronte ao Reitor, numa das duas poltronas ladeando a lareira, e Lyra estava no sofá entre eles. A lamparina ao lado da poltrona do Reitor era a única luz que havia, mas mostrava claramente as expressões dos dois velhos mestres. E foi o rosto da Dama Hannah que Lyra se descobriu estudando. Gentil, pensou Lyra, e de uma inteligência aguçada, sábia, mas era tão incapaz de ler o que significava quanto era incapaz de ler o aletômetro.

- Pois então, muito bem - prosseguiu o Reitor. - Temos que pensar a respeito de seu futuro, Lyra.

As palavras dele fizeram Lyra tremer. Ela se preparou e sentou-se bem ereta.

- Todo o tempo em que estive fora - disse Lyra - nunca pensei a respeito disso. Tudo em que eu pensava era o momento que estava vivendo, só o presente. Houve muitas ocasiões em que pensei que não teria nenhum futuro. E agora... Bem, de repente descobrir que tenho uma vida inteira para viver, mas nenhuma... mas sem nenhuma idéia do que fazer com ela, bem, é como ter o aletômetro e não ter idéia de como lê-lo. Imagino que terei que trabalhar, mas não sei em quê. Meu pais provavelmente eram ricos, mas aposto que nunca pensaram em deixar algum dinheiro para mim e, de qualquer maneira, acho que a esta altura devem ter gasto todo o dinheiro que tinham de alguma forma, de modo que mesmo se eu tivesse algum direito sobre a fortuna deles, não haveria mais nada. Não sei, Reitor. Eu voltei para a Jordan porque isso aqui costumava

ser minha casa e não tenho nenhum outro lugar para ir. Acho que o Rei Iorek Byrnison me deixaria viver em Svalbard e creio que Serafina Pekkala me deixaria viver com seu clã de bruxas, mas não sou urso e não sou bruxa, de modo que não me adaptaria muito bem lá, por mais que os ame. Talvez os gípcios me aceitem... Mas realmente não sei mais o que fazer, estou perdida, realmente perdida, agora.

Os dois olharam para ela: seus olhos estavam brilhando mais do que habitualmente, o queixo levantado, com uma expressão que havia aprendido com Will, sem se dar conta. Parecia tão desafiadora quanto perdida, pensou a Dama Hannah, e admirou-a por isso, e o Reitor viu algo - ele viu como a graça inconsciente da criança havia desaparecido e como estava desajeitada em seu corpo mais crescido. Mas ele amava imensamente aquela menina e se sentia metade orgulhoso, metade maravilhado com a bela mulher adulta que ela seria, tão brevemente.

- Você nunca estará perdida enquanto esta faculdade existir, Lyra - disse ele. - Esta é sua casa enquanto precisar dela. E, quanto à questão do dinheiro, seu pai deixou um legado para cuidar de tudo que você possa vir a precisar e me nomeou testamenteiro, de modo que não precisa se preocupar com isso. Na verdade, Lorde Asriel não tinha feito nada disso, mas a Faculdade Jordan era rica e o Reitor tinha fortuna pessoal, mesmo depois das revoltas recentes.

- Não - prosseguiu ele - eu estava pensando em estudos. Você ainda é

muito jovem e sua educação até agora dependeu de... Bem, falando muito francamente, dependia de qual de nossos catedráticos se sentia menos intimidado por você - afirmou, mas estava sorrindo. - Tem sido casual, desordenada. Agora, pode ser que com o passar do tempo seus talentos a levem numa direção que não possamos absolutamente prever. Mas se quisesse fazer do aletômetro o tema de estudos de sua vida, e se dedicasse a aprender conscientemente o que antes fazia por intuição...

- Sim - disse Lyra, com determinação e confiança.

- ... então seria difícil fazer melhor escolha que se entregar aos cuidados de minha boa amiga, a Dama Hannah. Os conhecimentos que ela tem nesse campo não têm rival.

- Permita-me fazer uma sugestão - disse a senhora - e não precisa responder agora. Pense no assunto durante algum tempo. Muito bem: minha faculdade não é tão antiga quanto a Jordan e de qualquer maneira você ainda é muito moça para se tornar uma estudante universitária, mas, alguns anos atrás, compramos uma casa bastante grande na zona norte de Oxford e decidimos criar ali um internato. Eu gostaria que você fosse até lá comigo, conhecesse a diretora e visse se gostaria de se tornar uma de nossas alunas. Sabe, Lyra, uma coisa de que vai precisar brevemente é ter a amizade de outras meninas de sua idade. Existem coisas que aprendemos umas com as outras quando somos jovens e não creio que a Jordan possa lhe oferecer todas elas. A diretora é uma mulher jovem, inteligente, enérgica, uma pessoa criativa e gentil. Temos muita sorte de tê-la conosco. Você poderá conversar com ela e, se gostar da idéia, ir para lá e fazer da St. Sophia a sua escola, como a Jordan é a sua casa. E se quiser começar a estudar o aletômetro de maneira sistemática, você e eu poderíamos nos encontrar para algumas aulas particulares. Mas você tem tempo, minha querida, temos tempo de sobra. Não responda agora. Deixe para responder quando estiver pronta.

- Muito obrigada - disse Lyra - muito obrigada, vou fazer isso. O Reitor tinha dado a Lyra uma chave só para ela da porta do jardim, de modo que pudesse entrar e sair quando quisesse. Mais tarde, naquela noite, justo quando o porteiro estava trancando a casa de guarda, ela e Pantalaimon saíram às escondidas e seguiram pelas ruas escuras, ouvindo todos os sinos de Oxford repicando o toque de meia-noite.

Depois que entraram no Jardim Botânico, Pan saiu correndo pelo gramado, caçando um camundongo, na direção onde ficava o muro, depois o deixou escapar e saltou para o grande pinheiro que ficava

ali perto. Era uma delícia vê-lo saltando pelos galhos tão longe dela, mas tinham que ter cuidado para não fazer aquilo quando alguém estivesse olhando, a capacidade mágica que haviam adquirido, como as bruxas, às custas de tanto sofrimento, de se separarem tinha que ser mantida em segredo. Em outros tempos, ela teria adorado exibi-la cheia de orgulho para todos os outros moleques seus amigos e deixá-los de olhos esbugalhados de medo, mas Will tinha lhe ensinado o valor do silêncio e da discrição.

Lyra sentou no banco e esperou que Pan viesse para junto dela. Ele gostava de surpreendê-la, mas geralmente ela conseguia vê-lo antes que a alcançasse, e lá estava sua forma indistinta, movendo-se fluidamente junto da margem do rio. Ela olhou para o outro lado e fingiu que não o tinha visto, então o agarrou de repente, quando saltou para o banco.

- Quase consegui - disse ele.

- Vai ter que ficar muito melhor do que isso. Ouvi você se aproximando ao longo de todo o caminho, desde o portão.

Ele sentou no encosto do banco com as patas da frente descansando sobre o ombro de Lyra.

- O que vamos dizer a ela? - perguntou.

- Bem, vamos dizer que sim - respondeu. - De qualquer maneira, só

vamos conhecer essa diretora. Isso não quer dizer ir para a escola.

- Mas nós vamos acabar indo, não é?

- Vamos - concordou - provavelmente.

- Poderia ser bom.

Lyra se perguntou como seriam as outras alunas. Poderiam ser mais inteligentes que ela, ou mais sofisticadas, e certamente saberiam muito mais do que ela sobre todas as coisas que eram importantes

para garotas de sua idade. E ela não poderia contar-lhes nem um centésimo das coisas que sabia. Sem dúvida pensariam que era ingênua e ignorante.

- Você acha que a Dama Hannah realmente sabe ler o aletômetro? perguntou Pantalaimon.

- Com os livros, tenho certeza que sim. Quantos livros será que existem?

Eu gostaria de saber. Aposto que podemos estudar e aprender todos eles, depois não precisar mais usá-los. Imagine ter que carregar uma pilha de livros para tudo quanto é canto... Pan?

- O quê?

- Você algum dia vai me contar o que você e o *daemon* de Will fizeram, quando estávamos separados?

- Um dia - disse ele. - E ela vai contar a Will, um dia. Concordamos que saberíamos quando chegasse a hora, mas fizemos um acordo de que não contaríamos a nenhum dos dois até esse momento chegar.

- Está bem - respondeu ela tranqüilamente.

Lyra tinha contado tudo a Pantalaimon, mas ele tinha o direito de não revelar seus segredos a ela, depois da maneira como o havia abandonado. E era confortador pensar que ela e Will tinham mais uma coisa em comum. Ela se perguntou se algum dia jamais chegaria uma hora em sua vida em que não pensasse nele, em que não conversasse com ele em sua imaginação, em que não revivesse cada momento que tinham passado juntos, em que não desejaria ouvir sua voz, sentir suas mãos e seu amor. Ela jamais havia sonhado como seria amar tanto alguém, de todas as coisas que lhe haviam causado espanto em suas aventuras, essa era a que mais a espantava. Pensou na terna sensibilidade que deixava em seu coração que era como um machucado, uma dor que nunca

iria embora, mas que ela manteria viva na memória com carinho para sempre.

Pan desceu rápido para o banco e se aninhou em seu colo. Estavam seguros ali no escuro, ela, seu *daemon* e seus segredos. Em algum lugar naquela cidade adormecida estavam os livros que lhe diriam como ler o aletômetro de novo e a mulher de grande conhecimento que iria lhe ensinar a fazer isso, e as garotas na escola, que sabiam tão mais do que ela. Lyra pensou: elas não sabem ainda, mas vão ser minhas amigas.

- Aquele negócio que Will disse...

- murmurou Pantalaimon.

- Quando?

- Na praia, pouco antes de você tentar usar o aletômetro. Ele disse que não havia nenhum outro lugar. Foi o que o pai dele disse a você. Mas havia mais alguma coisa.

- Eu me lembro. Ele queria dizer que o reino estava acabado, o reino do céu, que estava tudo acabado. Que não deveríamos viver como se o céu fosse mais importante do que esta vida, aqui neste mundo, porque o lugar onde estamos é sempre o lugar mais importante.

- Ele disse que tínhamos que construir alguma coisa...

- Era por isso que precisávamos viver todo o tempo de vida que nos foi destinado, Pan. Nós teríamos ido com Will e Kirjava, não teríamos?

- Teríamos. É claro! E eles teriam vindo conosco. Mas...

- Mas então não poderíamos construí-lo. Ninguém poderia se permitisse a si mesmo vir em primeiro lugar. Temos que ser todas essas coisas difíceis como ser alegres, e gentis, e curiosos, e

corajosos, e pacientes, e temos que estudar e pensar, e trabalhar com afinco, todos nós, em todos os nossos mundos diferentes, e então construiremos...

As mãos dela estavam descansando sobre o pêlo lustroso de Pan. Em algum lugar no jardim um rouxinol estava cantando e uma brisa ligeira tocou os cabelos dela e agitou as folhas acima. Todos os diferentes sinos da cidade repicaram, uma vez cada um, esse alto, aquele baixo, alguns perto, outros mais distantes, um estridente e mal-humorado, outro grave e melodioso, mas concordando em todas as suas vozes diferentes sobre que horas eram, mesmo se alguns deles fizeram isso um pouco mais devagar do que outros. Naquela outra Oxford onde ela e Will tinham se beijado, se despedido, os sinos também estariam tocando, e um rouxinol estaria cantando, e uma brisa ligeira estaria agitando as folhas no Jardim Botânico.

- E então o quê? - perguntou o *daemon*, sonolento. - Construir o quê?

- A república do céu - respondeu Lyra.

Agradecimentos

A trilogia Fronteiras do Universo não poderia ter sido criada sem a ajuda e o estímulo de amigos, família, livros e desconhecidos. Devo às seguintes pessoas agradecimentos especiais: Liz Cross, por seu trabalho meticuloso e incansavelmente feliz de edição em todos os estágios do trabalho, e por um certo tato brilhante com relação às ilustrações de A Faca Sutil, Anne Wallace Hadrill, por ter-me deixado visitá-la em sua barcaça e casa flutuante, Richard Osgood, do Instituto Arqueológico da Universidade de Oxford, por ter-me contado como são organizadas expedições arqueológicas, Michael Malleson, da Trem Studio Forge, em Dorset, por me mostrar como se forja ferro, e Mike Froggatt e Tanaqui Weaver, por terem me trazido mais papel do tipo certo (aquele com dois buracos) quando meu estoque estava acabando. Também devo elogiar o café do Museu de Arte Moderna de Oxford. Sempre que eu estava

enfrentando dificuldades na narrativa, uma xícara do café que eles servem e uma hora de trabalho naquele ambiente amistoso resolvia o problema, aparentemente sem nenhum esforço de minha parte. Nunca falhou. Eu roubei idéias de todos os livros que li em minha vida. Minha regra geral quando estou na fase de pesquisa para escrever um livro é: "Leia como uma borboleta, escreva como uma abelha", e se esta história contiver algum mel, é

inteiramente por causa da qualidade do néctar que encontrei na obra de escritores melhores que eu. Mas há três obras com relação às quais - mais do que todas as outras - devo reconhecer, tenho uma dívida de gratidão. Uma é o ensaio Sobre o Teatro de Marionetes (On the Marionette Theatre), de autoria de Heinrich von Kleist, que li pela primeira vez numa tradução de Idris Parry, no Suplemento Literário do Times, em 1978. A segunda é Paraíso Perdido de John Milton. A terceira são as obras de William Blake. Finalmente, meus agradecimentos às pessoas a quem mais devo. A David Fickling e sua fé

inesgotável e encorajamento, bem como a seu instinto certeiro e vivido de como se pode fazer com que histórias funcionem melhor, devo muito de qualquer sucesso que esta obra tenha alcançado, a Caradoc King devo todos esses anos, mais de metade de minha vida, de uma amizade e apoio inabaláveis, a Enid Jones, a professora que, já faz tanto tempo, me apresentou ao Paraíso Perdido, devo aquilo que de melhor uma educação pode dar: a noção de que responsabilidade e prazer podem coexistir, à minha mulher, Jude, e a meus filhos, Jamie e Tom, devo tudo o mais que existe na Terra. Philip Pullman